UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana

JEAN PIRES DE AZEVEDO GONÇALVES

“Ocupar, Resistir, Construir, Morar”

VERSÃO CORRIGIDA

O exemplar original encontra-se disponível no CAPH da FFLCH

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Geografia

Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana

JEAN PIRES DE AZEVEDO GONÇALVES

“Ocupar, Resistir, Construir, Morar”

VERSÃO CORRIGIDA

O exemplar original encontra-se disponível no CAPH da FFLCH

Tese de Doutorado apresentada à
Comissão Julgadora pela Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas –
Departamento de Geografia- Universidade
de São Paulo – como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de Doutor em
Geografia Humana, sob orientação da
Profª. Dra. Amélia Luisa Damiani.

São Paulo

2012

“Ocupar, Resistir, Construir, Morar”

- Considerações sobre o conceito de trabalho

- Consideração sobre o conceito de produção do espaço

- Estudo de caso: o “Prestes Maia” e o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo estudar o edifício “Prestes Maia”, ocupado pelo movimento sem-teto, denominado Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), e localizado na avenida de mesmo nome, no centro da cidade de São Paulo. Neste contexto, partiu-se de um único pressuposto para explicar a intensificação, nas últimas décadas, dos movimentos de moradia, notadamente, do sem-teto. Este pressuposto apareceu como crise do trabalho. Logo surgiu a necessidade de um estudo pormenorizado do conceito de trabalho; que foi desenvolvido no Capítulo 1, da presente tese. Feitas as considerações teóricas necessárias, suas consequências conduziram ao estudo do conceito de produção do espaço, plenamente realizado no Capítulo 2. A partir daí, procurou-se dar ênfase ao estudo do meio propriamente dito (Capítulo 3). Tendo em vista o desenvolvimento da urbanização capitalista, enquanto urbanização crítica, foi elaborado, com base no material empírico, o conceito central desta pesquisa, denominado *urbanização trágica*.

ABSTRACT

This research aimed to study the building "Prestes Maia" occupied by homeless movement named Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) and located on the Avenue of the same name, in the Centre of the city of São Paulo. In this context, we started with a single presupposed to explain the intensification in recent decades the housing movements, notably the homeless. This presupposed appeared as labour crisis. Then came the need for a detailed study of the concept of work which was developed in Chapter 1 of this thesis. Made the necessary theoretical considerations, its consequences led to study the concept of production of space, fully realized in Chapter 2. From there, we tried to give emphasis to the study of the environment itself (Chapter 3). In view of the development of capitalist urbanization while urbanization criticism, we were developed based on empirical material the central concept of this research called *urbanization tragic*.

Dedico este trabalho à
minha mãe, Nilza, que
formou os três filhos.

AGRADECIMENTOS:

Amélia, pelo apoio, pela orientação e pela compreensão das minhas “viagens”, Odete Seabra, pelo incentivo, Francisca Carolina do Val (MZ), Flavia Martins, Ariovaldo, Ana Fani e Sergio Martins.

Família: Nilza, Paula Vanessa, Diego, Annina Ramona, Victor, Sabrina Paloma, Sérgio, Cristina, Arlete, Maria e Silas.

MSTC: Neti, Maria, Lizete, Israel e todos os entrevistados.

Bichos: Fernando (cão), Pec, Princesa, Solano, Aventureira, Fernandina, Mafalda, Jabulane (gatos).

Coisas: minha Máquina de Lavar roupas, que sempre me ajudou muito, e meu Computador, que aguentou até o término do curso e ainda tá firme e forte!

Banda: Fecaloma

Amigos/conhecidos: Maria Creuza; Verônica; Wagner Zoltan; Stefane Goldman; Toni, Robson e João; Paulo Marques; Mirian; Juliana Magalhães; Thauany (Tatá) e Clarinha; Sandro Giuliano, Felipe (Paçoca) e Henrique (Marcha), Tiagão, Bruno (Necas), Bruno (Xavito), Bruno Peres e Pedro Serrer; Gilberto e João; Marcelo (Azul); Márcio, Rodson; Clébio, Celina e Luciano Marini; Ricardo, Flavinha e Evânio; Neno; Amir El Hakin; Zé (Capellari), Ronaldo e Rugai; Marcelo (Levante Anarquista); Felipe Catalani, Artur e Pedro, o Grande (Escola da Vida); David (Requeijão); Zé Raimundo (Junior), Renata, Daniel e Karen; Luciano (Rio) e James; Artur, Beatriz, Rafael (Aragi), Olívia, Rafael (Zé Droguinha), Crispim, Roberta, Lia, Mari, Chico, Marina, Allan, Fernando (Loko), Bruno, Olga, Renato, Marília (Mamá) e Fábio; Eliza, Guará, Marcela e Marciano; Adriano (Terra Livre); Fabíola; Terezinha; Carlos e Daniele; Rita de Cássia e Guilherme; Raíssa e Adriana; Andréia; Cosme e Cleide; Nilza e Fernando; Luciano de Lima; Célia; Paulo César; Jandira; Zelaide; Ivanir; Iranilda; Reginaldo de Sousa; João Batista; Lena dos Santos e Vitor; Fernanda e Edílson da Silva; Geraldo; Isaias; Luciana; Cleuza da Silva; Ellen; Davi; Raimunda e Geane; Rafael, Danilo, Fabiana e Sávio (alunos da Fani); Daniela.

Bandejão: Márcia, Vilma, Gil, Maurício, João e demais funcionários.

Em especial: Annina Monti Pires, Manuel Pires, Paulo de Azevedo; Alexandre Rocha.

Peço desculpas se esqueci do nome de alguém.

Prefácio¹

1. Introdução:

Esta pesquisa teve seus pressupostos teóricos radicalmente alterados no curso de seu desenvolvimento. Isto porque seus resultados não coincidiram necessariamente com os objetivos delineados no projeto inicial. De fato, a análise deveria considerar o movimento sem-teto a partir do esquema clássico da *luta de classes*, em conformidade a uma concepção sociológica de inspiração marxista, tendo-se em vista, portanto, a contradição fundamental *capital-trabalho*, mas conduziu a caminhos e conclusões substancialmente diferentes. Porém, tais caminhos e conclusões não significam a supressão total do esquema da luta de classes. Ao contrário, *a luta de classes é preservada em sua negação*. Trata-se na verdade de interpretá-la à luz da sociedade atual. Por isto, em virtude desse impasse, que desandou os ingredientes da receita, não havia como se apoiar em certezas preconcebidas. As hipóteses iniciais capitulavam diante de uma realidade indecisa e fecunda a todo tipo de suspeitas. Noutras palavras, o próprio exame das hipóteses constituiu-se na formulação de uma *hipótese*. Somente assim a questão podia ser devidamente colocada, pois o “objeto” tratado não é *posto* ou, se se quiser, *dado*, mas um *objeto virtual*. Em suma, esta guinada metodológica, embora represente um sacrilégio ao cientificismo e a cartilha positivista, mostrou-se muito mais potente, porque induziu a indagações que não precisam ser comprovadas de imediato nem sequer respondidas, haja vista as dimensões incomensuráveis das escalas temporais, às quais não podem ser simplesmente isoladas e manipuladas, num plano visível e plenamente demarcado.

Sendo assim, se de fato o capitalismo chegou a um limite de seus pressupostos lógicos, o que é ainda bastante questionável, deve-se forçosamente pressupor, aceitando-se esta suposição, a formação de um modo de produção novo, em gestação e imiscuído às categorias decadentes. Não há qualquer prova desse *fato novo*, e sim pistas, como um canto na madrugada de um passarinho, arauto da manhã, saudando um novo tempo. Neste sentido, a produção do espaço sob o julgo da economia capitalista parece apontar para esta direção. A cidade enquanto mercadoria é, ao mesmo tempo, potencializada pelo valor de troca, como também é sua negação. Henri Lefebvre, já nos anos 60, argumentava que novas

¹ Este resumo foi escrito para a ocasião da defesa de tese, no dia 27 de setembro de 2012.

raridades surgiam no contexto da dita *sociedade de abundância*. Segundo essa interpretação, esta nova escassez se mostrava como *escassez de espaço*². A nova escassez teve seu marco na previsão do esgotamento dos recursos naturais, notadamente o petróleo, e a crise dos anos de 1973. Entretanto, a escassez tradicional, de alimentos e outras necessidades, não foi tampouco suprimida pela superprodução (no capitalismo, sinônimo de crise). Por isso, soma-se às antigas raridades a escassez de espaço (água, luz, ar, energia, teto etc.). Os problemas sociais assim agravados, principalmente nos grandes centros urbanos, indicam que as tradicionais *categorias históricas* (contradição capital-trabalho) não são mais suficientes para a compreensão plena da sociedade atual. Portanto, a questão não se restringe apenas à precariedade do trabalho, que no capitalismo, em toda a sua história, sempre foi estrutural. Ocorre, de fato, uma *proletarização* ainda mais radical do que a precedente. Assim, a luta de classes configura-se ainda de forma mais cruel, mais dilacerante, num cenário de inaudita desigualdade social: *luta-se também por espaço*.

O que não mudou, porém, foram nossas convicções políticas libertárias (anarquistas), mesmo diante da constelação teórica que se digladiava na arena pela posse da verdade, sem revelar seu verdadeiro objetivo: o de reproduzir velhas estruturas de poder sob o manto do *novo*. Disputas políticas – sejam em quais âmbitos ocorram – são permeadas de eloquência que mal pode ter a pretensão de se chegar à “verdade”; e o domínio da retórica é fonte de poder, diante da renúncia à autonomia (esta tão bem descrita por Etienne de La Boétie em seu célebre “Discurso da servidão voluntária”). Portanto, é de se imaginar as consequências funestas de se conceber as hierarquias como um *fato* natural, mesmo quando estas apareçam como uma necessidade da tarefa intelectual, ao qual, partindo-se de uma demagoga neutralidade científica, não é, entretanto, isenta de interesses afinados com a divisão do trabalho. Em tempos pós-modernos, em meio à balbúrdia, da indistinção entre direita e esquerda, ainda são atuais palavras indomáveis: Ai daquele que

² Segundo os princípios da oferta e da demanda, nenhuma renda seria paga por essa terra, pela razão, já conhecida, de que nada se dá em troca do uso do ar e da água, ou de quaisquer outros bens naturais existente em quantidades ilimitadas. Com uma dada quantidade de materiais e com a ajuda de pressão atmosférica e da elasticidade do vapor, máquinas podem realizar trabalho e poupar esforço humano em grande proporção: o uso desses auxílios nada custa, no entanto, pois são inesgotáveis e estão à disposição de todos. Da mesma forma, o cervejeiro, o destilador e o tintureiro utilizam incessantemente o ar e a água para produzir suas mercadorias, mas, como a oferta daqueles bens é ilimitada, eles não têm preço. *Princípios de economia política e tributação*, David Ricardo, p. 280, in Os pensadores, Abril Cultural: São Paulo, 1974.

ousar pôr as mãos sobre mim, para me dominar, para me manipular; é um tirano, um usurpador, eu o declaro meu inimigo!

Parte 1:

Em virtude desta formulação hipotética, tornou-se necessário estudar mais detidamente o *conceito chave* no capitalismo que é o *trabalho*. Diante desta questão, tomou-se como ponto de partida as concepções teóricas do sociólogo alemão Robert Kurz. Segundo Kurz, o movimento socialista jamais pôde compreender que a contradição fundamental do capitalismo não era, como se pensava, trabalho versus capital e sim *sujeito-objeto*. Tal afirmação, já demonstra uma importância relativa da teoria do conhecimento para se pensar a realidade social e da subjetividade moderna. O sociólogo alemão alega que o problema todo está na *consciência* dos sujeitos sociais que constituem seu *objeto* (que não é a realidade *em si*) através das categorias econômicas da forma mercadoria. Sendo assim, o fetiche da mercadoria responderia melhor ao desenvolvimento de valorização do capital, já que, independente das classes sociais, os sujeitos impregnados por categorias modernas “encaram” o mundo a partir destas representações que são tidas por naturais. Deste modo, relegando a contradição capital-trabalho para um segundo plano, o conceito de *mais-valia*, como processo de valorização – e, por conseguinte, a exploração do trabalhador –, é extirpado com pinças de cirurgião do cerne do capitalismo. De fato, Kurz substitui até a denominação de “modo de produção” pelo “moderno sistema produtor de mercadorias”. O que significa: a questão toda está na mercadoria, na moeda, no dinheiro, no crédito; numa palavra, na *circulação*. Sem ir muito longe da esfera da circulação, o conceito de igualdade ou liberdade, identificado sempre com a livre escolha das partes iguais no contrato social (!!!), é compreendido enquanto manifestação do princípio da lógica da equivalência. Suprimido assim todo o conteúdo social e político, subordinado sempre *às vontades* do mercado, retoma-se com força total a ideologia liberal, desta vez conciliada ao velho marxismo vulgar, onde as superestruturas são meros reflexos da estrutura – porém, com um agravante: anula-se por completo toda a possibilidade dos agentes sociais em transformar a sociedade. Daí as interpretações que se seguem sempre assumirem um tom economicista repleto de jargões e dados econômicos. Por isso, esta concepção teórica tendenciosa e retórica é inimiga do socialismo, do anarquismo, das lutas sociais, e merece ser rechaçada.

A despeito da questionável interpretação teórica de Kurz sobre o fetiche, que interdita a exposição de Marx no *Capital*, vale a pena refletir uma ou duas palavras sobre o fetiche da mercadoria. Marx escreve: “O mistério da forma mercadoria consiste simplesmente no seguinte: ela devolve aos homens, como um espelho, os caracteres sociais do seu próprio trabalho como caracteres dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais e sociais dessas coisas; em consequência, a forma mercadoria reflete também a relação social dos produtores com o trabalho global como uma relação social de objetos existente fora deles”. Não se pode negligenciar o sentido de *forma* empregado aqui, que não é aleatório. A *forma da mercadoria* é, ao mesmo tempo: *valor-de-troca* e *valor-de-uso*. Uma *coisa* não é mercadoria até que ela possa ser trocada por outra *coisa*. Mas a forma genérica que subsume todas as coisas a um valor de troca e de uso determina-se como mercadoria. Neste sentido, o *caractere* do produto do trabalho, *enquanto mercadoria*, reflete (espelho) o *caractere* do trabalho social [*enquanto mercadoria*]; relação que aparece “como se fosse natural e social”. Portanto, “a forma mercadoria reflete também a relação social dos produtores”, isto é, os produtores vendem e compram trabalho como qualquer outra mercadoria, e compram produtos do trabalho (mercadorias). E, por isso, a organização social é mediada como numa “relação social de objetos existente fora deles [produtores]”; isto é, os produtores vendem e compram trabalho como uma coisa externa, fora deles. Noutras palavras, dada a complexidade da reflexão: no mundo da forma mercadoria as pessoas se relacionam através de mercadorias, na produção social, sendo elas próprias convertidas em mercadorias e, por conseguinte, estranhas a si mesmas [*objetos existente fora delas*] e subordinadas às leis “naturais” do mercado, onde as coisas se relacionam socialmente (*reificação*). Mas a exposição não pode parar aqui. Ela avança. Já o sabemos: o trabalho é *posto* no nível da circulação como uma mercadoria. O valor de troca é o salário; o valor de uso, seu emprego na produção. Assim, o trabalhador vende trabalho e o capitalista compra trabalho; relação aparentemente igualitária, pois ambos aparecem como possuidores de mercadoria. Todavia, *negando-se* (de modo dialético) a circulação (transparência e coerência da forma), descobre-se o obscuro e verdadeiro fundamento da valorização – pois esta se dá fora da circulação – através do *trabalho não-pago* (mais-valia absoluta e relativa). Ou seja, descobre-se sob o véu do processo produtivo uma relação desigual, de *exploração-expropriação* – tempo de *mais-trabalho* não computado no salário.

Então as pretensas liberdade e igualdade formal do contrato se convertem em seu contrário: grilhões e injustiça (não-liberdade e não-igualdade). De fato, a exposição do Capital é *dialética* e não para no seu ponto de partida. Marx tinha por objetivo denunciar a exploração concreta do trabalho produtivo que não aparece nos *fenômenos* da circulação, da troca de mercadoria, da justiça, da propriedade, tidas como naturais e trans-históricas. Claro! Marx era um socialista e não um economista! Seu objetivo era o de criticar esta ideologia, a economia política, invertendo-a, e não ratificar seus pressupostos, fato que seria demasiadamente fetichista. Por outro lado, a consciência fetichista, nos termos de Kurz, pressupõe uma apropriação generalizada e consciente do *conceito* do *tempo de trabalho como fonte de valor*, o que, empiricamente é um absurdo, pois a constituição do valor sequer é percebida em sua totalidade pelas classes sociais, aparecendo antes de modo fragmentada, desconexa e inacessível à consciência.

Retomando o conceito de trabalho (kurziano), enquanto *representação da consciência*, emerge um novo problema daí: *o fetichismo da linguagem*. A linguagem aparece como transparência, isto é, pretende-se que a palavra corresponda exatamente ao seu objeto, que é constituído pelos sujeitos. Um verdadeiro delírio idealista! Ora, Kurz parte da tese absurda que na modernidade as relações subjetivas ocorrem por meio da representação de trabalho como fonte de valor – algo que só se dá na “cabeça dos sujeitos” (Kurz) – criando assim um abismo entre eles e a realidade *em si*. Deste modo, Kurz comete dois equívocos: de um lado, o nominalismo é levado tão a sério que constitui as relações objetivas e sociais (estruturalismo); e, de outro, o nominalismo é uma ficção que pouco tem a ver com a realidade efetiva. Tudo se passa no plano da consciência, que constrói um mundo à parte e o vive integralmente sem desconfiar que engendrou esse mesmo mundo fantástico. [Nota-se que esta tese, que, embora aparentemente guarde um paralelo com a *vontade de poder* e a *teoria das formas* de Nietzsche, pouco tem a ver com filosofia deste último, que era materialista e supunha uma intervenção efetiva no real, *o pensamento mais pesado*]. É fácil perceber o formalismo destas proposições; a dialética aqui é totalmente descartada do pensamento de Marx e seu conceito de trabalho. De fato, um signo (palavra) é algo arbitrário e não tem a menor identidade com as coisas reais³. As formas da

³ “Julietta: Romeu! Romeu! Romeu! Onde é que estás, Romeu? Renega o sangue, esquece o orgulho de teu nome, eu deixarei de usar o nome Capuleto, mas jura que tu tens amor igual ao meu. (...) Só teu nome é inimigo, e um nome não importa. Se nasceste Montecchio, és apenas tu mesmo. Um nome, de que vale? É pé,

linguagem existem para criar sentido e, de certa forma, objetividade mas apenas no âmbito da enunciação e do discurso. Todavia, o que é mais surpreendente na lógica dialética é que é por meio da obscuridade da não-identidade que se chega à transparência (o conhecimento). Portanto, a palavra não pode ser engessada num sentido único e estreito, formalista; mas, ao contrário, ela é sempre provisória, dinâmica, tem significados múltiplos e alcance ilimitado, como, por exemplo, no caso das extrapolações poéticas e literárias.

De outro modo, a concepção de *produção do ser humano* ou *produção em sentido amplo*, esboçada por Marx nos *Manuscritos de Paris*, à qual Lefebvre atenta, é muito mais interessante, pois *não se restringe ao sentido estritamente econômico de produção*. A produção em sentido amplo não parte de uma essência humana acabada. Ao contrário, a *essência* (permanência) é uma construção histórica, por conseguinte, contingente. Neste sentido, uma essência humana é produzida continuamente, tendo por base seu pressuposto biológico, *o corpo*. *Trabalho* então é um conceito não apenas útil para o entendimento da realidade social na modernidade como também para definir referências comparativas que não têm necessariamente a pretensão à translucidez, exigência vã do positivismo. Qualquer atividade humana pode ser nomeada, com licença ou sem licença poética, de “trabalho”, desde que possa ser bem entendida, assim como o voo das abelhas de flor em flor, na sua busca perene pelo néctar, em seu diário e exaustivo trabalho de elaborar o doce mel; ou mesmo as propriedades mecânicas ou dinâmicas da física etc. Por isso não é anacronismo dizer que na Antiguidade os escravos trabalhavam, porque era isso mesmo que eles faziam. Evidentemente, *não se tratava do trabalho assalariado*. Mas o conhecimento permite e necessita de tais concessões ou extrapolações. Pois a palavra não tem a propriedade de colar nos objetos e sim de representá-los com num espelho. Dialeticamente: trabalho é não-trabalho e vice-versa. Assim, *no capitalismo a dominação econômica substitui a pessoal* (tradicional) e a produção em sentido restrito torna-se lugar comum: trabalho reduzido à categoria econômica. Noutras palavras, se antes o trabalho é *pressuposto* (virtualidade), agora é *posto*, na forma do *trabalho alienado* (ou seja, a mercadoria trabalho). Mas o

é mão, é braço, é rosto, é parte enfim que constitua um homem? Adota um outro nome. O perfume da rosa, não muda se mudar o nome dessa flor. Romeu seria o mesmo, um outro nome usado a mesma perfeição teria se trocasse o nome que lhe dão. Romeu, deixa o teu nome que não te faz melhor, e recebe de volta a oferta de mim mesma”. Se Romeu fosse só João; se Julieta fosse só Maria, que outro desfecho teriam suas vidas? Todavia, eram Montecchio e Capuleto...

procedimento calcado numa lógica grosseira da identidade é incapaz de entender esta flexibilidade provisória do conhecimento em seu incessante devir.

Vejamos exemplos do absurdo a que se chegam tais considerações. Na física moderna, um dos conceitos fundamentais é o de *trabalho*, que é a força que atua sobre um corpo ou a medida de qualquer forma de energia. É possível a partir de um repertório conceitual amplo medir a força nuclear, eletromagnética, fraca e gravitacional e estudar a história do universo com precisão, conforme pesquisas têm sido realizadas no campo da cosmologia. Mas, *protestarão*: “Não, isto é ontologia do trabalho; é a consciência do fetiche moderno engendrando o universo; é a fantasmagoria da matéria escura, da energia escura, do fluxo escuro ou de qualquer outra coisa escura que imaginarem; o sujeito ontológico não é o ‘big bang’ ou as moléculas, os átomos e seja lá quais mistérios há por dentro dessas malditas bolinhas!” *Réplica*: diríamos nós que, ao contrário, *trabalho* não é só natural, como também é cósmico! Isto porque, em sua *leitura* do mundo, o ser humano *humaniza* o mundo. O que não significa obstar o intercâmbio entre a consciência e as coisas (sujeito-objeto). *Trabalho* aqui pode ter o sentido do *autômato*. Aliás, como é um fato bastante conhecido, animais foram – e ainda são – escravizados, como força motriz, para o cumprimento de tarefas humanas. Mas James Watt inventou uma máquina de içar carvão que substituiu a força animal de modo mais eficaz e em menor tempo (o conceito de “horsepower”). *Tréplica*: “Protesto, o valor dissociação põe a relação masculino-feminino; antes da modernidade não existia homem nem mulher, nem cavalo, nem égua, nem boi, nem vaca ou pôneis... Quer saber? sequer existiam ovelhas!” Sim, sim, perfeitamente... Bom, mas como dizíamos... (*Réplica da tréplica*): Apesar das críticas ao fetiche da mercadoria, os epígonos de Kurz não recusam, sem a menor cerimônia e dor de consciência, um bom churrasquinho de picanha ensanguentada, exatamente como fazia há milhões de anos o menos refinado Homem de Cro-Magnon, a única diferença é que eles, ao invés de caçarem, compram, sem culpa ou dor de consciência, a carne no supermercado, além da cervejinha de tal marca e outros belisquetes mais, etc. (Atitude que lembra a dos filósofos cínicos da Antiguidade). Mas o mais absurdo é a intriga e as picuinhas que isto tudo pode provocar.

Parte 2:

“Quando reflito sobre a breve duração de minha vida, absorvida na eternidade anterior e na eternidade posterior, no pequeno espaço que ocupo, e mesmo no que vejo, fundido na imensidão dos espaços que ignoro e que me ignoram, aterro-me e assombro-me de ver-me aqui e não em outra parte, uma vez que não existe motivo algum para que eu esteja aqui e não alhures, neste momento e não em outro momento qualquer. Quem me colocou em tais condições? Por ordem e obra de quem me foram designados este lugar e este momento? O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora” (Blaise Pascal, *Pensamentos*). Dentre trilhões e trilhões de galáxias incontáveis, e estrelas, e nebulosas, que se condensam e explodem em cores fascinantes, neste átomo de espaço perdido na eternidade, planetas irmãos se lançam aos céus em harmonia, produzindo sons e acordes, passada a intensa tempestade, a era do caos, onde asteróides bombardeavam astros e planetas colidiam entre si. Neste cenário improvável, só verdadeiramente possível em sonhos (o universo), algumas moléculas se uniram freneticamente em cadeia formando uma geleia de carbono viva, na silenciosa Terra. O ser humano não é melhor que esta geleia. Nasceu do barro, do pó estelar, vestígios de um pequeno capítulo do livro de páginas sem-fim do universo, que conta a história da dificuldade em discernir os limites da vida. Neste instante, em que se chocam *a eternidade anterior e a eternidade posterior*, tudo volta, tudo retorna. E é neste instante, do sol do meio-dia, que surge o projeto dos projetos: enfim, a rejeição total do “último homem” (este que somos nós mesmos). Agora ou nunca. Eis a essência da *produção do ser humano*: mudar a vida!

Voltemos a estas questões menores que são as das sociedades humanas e sua morada, que diante das escalas temporais e da dimensão do universo, não são nada, mas que para nós, demasiadamente humanos, são tudo. “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia; Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia; Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia” (Fernando Pessoa).

Sem dúvida, houve um momento na história humana, cujos episódios sempre foram marcados por guerras e dominação, em que se ousou acreditar até então no impossível: alterar e dominar o destino da humanidade, até aqui determinado por contingências e acasos naturais. A Era da Luzes, como ficou conhecida, pretendia reconduzir, assim como Copérnico o fez com a órbita dos planetas, o ser humano ao centro do universo e libertá-lo,

por meio da razão, de tempos de trevas, do mito e da barbárie. O êxito da Revolução Francesa deu as bases práticas e reais ao projeto iluminista. Assim surgia a ciência das ciências: *a História*. Porém, logo malogrou as aspirações humanistas incutidas neste projeto, e a burguesia, classe revolucionária, de vítima se fez algoz, submetendo a classes trabalhadoras a seu jugo e a uma exploração tão degradante quanto aquela que fora a da servidão ou escravidão. Porém, o paradigma da revolução permaneceu. Doravante, duas classes apareciam como antagônicas e em conflito: a classe burguesa e classe trabalhadora. Agora, cabia à classe trabalhadora, incorporada ao sujeito revolucionário, controlar a produção e distribuição, já que, obviamente, estava inserida no cerne do processo produtivo e alienada dos produtos de seu trabalho. Finalmente, a classe trabalhadora cumpriu sua missão histórica na Revolução de 1917: “Ajuntai os sons uns aos outros e prossegui cantando e assobiando; Há entretanto lindas letras: URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas!” (Vladimir Maiakovski). A esperança, o sonho, a utopia pareciam estar ao alcance da humanidade, enfim. No horizonte, a verdadeira face da igualdade e liberdade, num “reino dos fins”: o fim do dinheiro, o fim do trabalho, o fim da propriedade privada, o fim das classes sociais, o fim do Estado,... o fim da história. Acontece que o projeto da ditadura do proletariado encarnou o stalinismo e a prática efetiva do marxismo originou um hegelianismo no qual o Estado não suprimiu as diferenças concretas das classes sociais, mas, inversamente, deu subsídios às ambições desmedidas de uma aristocracia operária afinada à lógica da empresa capitalista. O fim da história, muito antes da queda do muro, teve seu marco histórico em *Mai de 68*, e revelou um mundo diametralmente inverso do otimismo anunciado pela teoria. O fragoroso fracasso do projeto que prometia dar cabo ao mundo da escassez pela socialização da produção foi preenchido por nova realidade que assolaria a humanidade: a destruição da natureza.

A cidade representa, para a humanidade, o divórcio das sociedades com a natureza. Ela se generaliza no mundo contemporâneo: *o mundo se torna urbano*. Seus efeitos são imprevisíveis. Já mencionamos acima as novas raridades no seio da sociedade da abundância. Elas dizem respeito a uma forma inédita de relação entre a natureza e a sociedade. Hipoteticamente, nas condições objetivas atuais, é possível produzir potencialmente toda a natureza. Virtualmente a produção poderia suprimir todas as carências e necessidades humanas, libertando igualmente os seres humanos do trabalho,

graças à evolução da robótica. Inversamente, o desenvolvimento econômico acentuou a desigualdade social e a concentração de renda em todo mundo e a automação engendrou uma opressão ainda pior à classe trabalhadora. Além disso, a produção e consumo calcados na exploração predatória dos recursos naturais desembocaram na atual crise ambiental. Pela primeira vez, *a natureza torna-se uma categoria histórica*. Ela entra no nível da produção. Ocorre que a produção social é apropriada segundo interesses privados, nos termos do capitalismo vigente. Da mesma forma, a produção do espaço é apropriada segundo estes interesses. Neste contexto, o proletariado é expropriado também do espaço. Surgem novas contradições: *luta-se por espaço*.

Assim, de acordo com a nossa hipótese, o *sem-teto* é uma categoria urbana por excelência. Ele é espoliado de tudo: da produção e do consumo e também do espaço. Talvez, a tarefa de mudar o mundo, para melhor, encontra-se em suas mãos.

Parte 3:

No início da Revolução Industrial, a estratégia de moradia das classes trabalhadoras, acudadas, sempre foi a habitação denominada *cortiço*. É bastante conhecida a descrição destas moradias pela literatura da época: superlotação, violência, péssimas condições higiênicas, epidemias etc. A habitação miserável destinada aos trabalhadores não foi, entretanto, um aspecto isolado do capitalismo nascente, mas parte de um complexo degradante que incluía uma exaustiva jornada diária de trabalho que chegava a mais de 16 horas. Neste contexto, mulheres, homens e crianças sofriam o tormento de uma exploração que objetivava a acumulação infinita de capital. Nas cidades industriais inglesas do século XIX, por exemplo, a expectativa de vida não passava dos 30 anos⁴. No Brasil, não foi diferente, a cidade de São Paulo também conheceu esta situação de perto logo nos primórdios da industrialização, já em fins do século XIX. Evidentemente, o corpo *reificado* é passível de biopolíticas que se operam através da racionalidade encarnada em estratégias do poder. Por isso, foram e são comuns as intervenções urbanas nas cidades industriais, em

⁴ A água de Londres, na metade do século XIX, provinha principalmente de poços e rios poluídos. A cidade era regularmente assolada pelo cólera. Estatísticas de 1841 mostram uma expectativa de vida de cerca de 36 anos para Londres e 26 anos para Liverpool e Manchester, ao passo que para a Inglaterra e País de Gales, em sua totalidade, a expectativa era de 41 anos. *Cidade: a urbanização da humanidade*, Kingsley Davis, p. 20, Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1972.

vista da otimização da divisão do trabalho. Neste processo, a cidade torna-se necessariamente uma cidade de coisas; sua humanidade é uma ideologia.

Nos anos 1970, a cidade de São Paulo testemunhou a desconcentração do parque industrial. O esvaziamento demográfico do centro, porém, não foi acompanhado por um movimento similar da população encortçada da região central. Ao contrário, esta aumentou. Sem dúvida, o inchaço do terceiro setor explica grande parte desta dinâmica. Mas outras variáveis também estão relacionadas. O novo paradigma de acumulação gerado pela *revolução tecnocientífica* ocasionou a crise dos anos 1980. Nos países subdesenvolvidos, o Estado elaborou políticas econômicas que oneravam a classe trabalhadora, desencadeando um longo período marcado pelo desemprego em massa e o aumento da informalidade do trabalho. Nos anos 90, as políticas neoliberais acirraram ainda mais este processo. Ainda sob este contexto, o centro da cidade de São Paulo tornou-se alvo da especulação imobiliária, tornando incompatível a presença do comércio informal e dos cortiços no seu espaço. De certa forma, os movimentos de sem-teto representam uma resistência a processos sistemáticos de expulsão de população da região central. Portanto: luta-se por espaço; luta-se pela cidade; luta-se pela centralidade.

Conclusão:

Segundo Walter Benjamin, na *Origem do drama barroco alemão*, o conceito de tragédia é definido pelo *silêncio trágico*. Diante disso e do horizonte incomensurável do espetáculo da urbanização trágica, o pesquisador renunciou na conclusão da pesquisa à retórica científica e da estilística acadêmica pautada na primeira pessoa do plural (“Nós”) ou na terceira pessoa, cuja justificação deveria induzir a um efeito de objetividade do discurso. Voltou a ser “Eu” mesmo. Homem do povo, cidadão comum, misturado à multidão, calado, em seu *perplexismo dinâmico*, ante o caos do mundo, e a procura de um sentido entre incontáveis enigmas. Que ninguém diga que um dia desistiu de mudar o mundo. Pela estrada, ao som de sua guitarra, vai cantando: “Allá en el ‘Rancho Grande’; Allá donde vivía; Había una rancherita Que alegre me decía; Que alegre me decía...”

Doutor Punk

São Paulo, 27 de setembro de 2012.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO.....	1
--------------------------	----------

CAPÍTULO 1.....	15
------------------------	-----------

Introdução (pág. 15); O arrependimento de Fausto (pág.24); Outras perspectivas: a produção do ser humano (pág. 68); O trabalho alienado (pág. 71); Proudhon, Marx e a propriedade privada: o sentido negativo do trabalho (pág. 88); Trabalho abstrato e fetiche (pág. 98).

CAPÍTULO 2.....	107
------------------------	------------

Introdução (pág. 107); Henri Lefebvre: pensando a *praxis* (pág. 111); DO ESPAÇO À SOCIEDADE URBANA (pág. 118): Nota 1 (*Porque só amor destrói*) (pág. 118); Nota 2: *O pressuposto biológico* (pág. 119); Nota 3: *Os enigmas da natureza* (pág. 121); O espaço (pág. 125); *A dupla determinação* (pág. 143); *O espelho* (pág. 148); *Da alienação ao cotidiano* (pág. 153); *Representações* (pág. 171); A sociedade urbana (pág. 183); *Sobre a sustentabilidade (ou o que quer que venha ser isso)* (pág. 196); *Sobre um pesadelo* (pág. 199); *Revolução urbana* (pág. 201).

CAPÍTULO 3.....	233
------------------------	------------

Introdução: *Da teoria à prática* (pág. 233); Geografia do movimento sem-teto no Centro da cidade (pág. 243); Morar (pág. 260); Anverso: notas sobre a urbanização crítica (pág. 274); Reverso: urbanização trágica (pág. 279).

CONCLUSÃO.....	355
-----------------------	------------

Referências Bibliográficas.....	358
--	------------

ANEXOS (1):

Cartografia do cotidiano.....	370
--------------------------------------	------------

ANEXOS (2):

Entrevistas.....	406
-------------------------	------------

Fotos.....	I
-------------------	----------

APRESENTAÇÃO (ou PRELÚDIO)

No *Primeiro de Maio*, do ano de 2007, um fato bastante inusitado, para mais um feriado tranquilo, parece ter trazido à luz – talvez – o sentido original do verdadeiro conteúdo simbólico das comemorações incutidas por esta data. Este conteúdo diz respeito às lutas encarniçadas travadas entre patrões e empregados, num passado ainda não muito distante, contra as condições de extrema exploração do trabalho, pelas quais suscitaram conquistas traduzidas hoje em garantias legais de amparo e proteção ao trabalhador. O *sentido original* – homenagem aos mártires que tombaram nessa luta – se diluiu totalmente nos mega-espetáculos patrocinados pelas duas grandes centrais sindicais no Brasil: a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Força Sindical. Sem dúvida, durante as festividades do *Dia do Trabalho*, estas duas entidades promovem shows, para uma plateia ávida por artistas e celebridades, e sorteios, nos quais são rifados automóveis, casas-próprias, eletrodomésticos, etc., que pouco recordam que as conquistas trabalhistas representam um marco, para o bem ou para o mal, na história da classe trabalhadora. (Nota-se que, apesar das celebrações, a legislação do trabalho tem sido constantemente alvo das políticas neoliberais e as condições de trabalho estão cada vez mais comprometidas). Entretanto, *o fato* ao qual nos referíamos transcorreu paralelamente a estes grandes eventos, que chegam a reunir mais de um milhão de pessoas, num lugar bem mais distante e pacato, onde a rotina banal e imperturbável do cotidiano impera. Por trás de sua aparente insignificância, como se verá, pode se esconder a verdadeira face inimiga de duas facções rivais num baile de máscaras. E, sob o manto da silenciosa noite, como a voz alvissareira de um pássaro antecipando a aurora, indicar um significado social novo, ainda mal conhecido para nós, imersos na avalanche do tempo presente e nas ruínas do passado. Sendo assim, sem mais cerimônias, tratemos logo de mencionar esse episódio encoberto pelo nevoeiro do desconhecido:

Num bairro da periferia da cidade de São Paulo, moradores de um condomínio de *classe média* perderam toda a compostura – isto é... perderam toda a “classe” – e partiram para o confronto *direto* com um grupo de sem-teto que acabara de ocupar um terreno baldio nos arredores do dito condomínio. Se aqui nos for permitido utilizarmos de linguagem coloquial (popular) ou mesmo de termos chulos, diríamos então que estes distintos senhores

e madames armaram o maior barraco contra um bando de pobres coitados que buscavam um canto para se entregar ao sono dos justos. Segundo matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, lê-se o seguinte:

Moradores de condomínio enfrentam sem-teto na zona sul

Vizinhos de prédios de classe média fecharam rua e queimaram madeira de barracos para impedir ampliação de favela em terreno no Sacomã.

SÃO PAULO - Quarta-feira, 1º, feriado do Dia do Trabalho, a luta de classes esteve viva no Sacomã, na zona sul de São Paulo. Do lado esquerdo da Avenida Ourives, dez pessoas construíam barracos num terreno baldio próximo da Favela do Parque Bristol quando, por volta de meia-noite, mais de cem moradores de três condomínios de classe média, construídos do lado direito da avenida, se reuniram para protestar contra a expansão da favela.

A Polícia Militar formou um cordão para proteger os sem-teto da fúria dos condôminos, moradores do conjunto Villagio di Firenze. Algum tempo depois, o cordão foi desfeito. Os manifestantes invadiram o terreno, desmontaram os barracos e queimaram a madeira. O protesto acabou às 4 horas. Foi só o primeiro capítulo de um dia caótico.

“De manhã, vimos que eles tinham voltado e estavam construindo de novo”, contou uma moradora do condomínio, que não quis se identificar. Os vizinhos se uniram e fecharam a avenida por uma hora, até a polícia liberar a via. Em entrevista à TV Globo, eles disseram que há tráfico de drogas na favela.

Às 14 horas, foram os sem-teto que reagiram, queimando parte do matagal para limpar a área dos futuros barracos.

“Entendemos a posição dos condôminos, mas só queremos um lugar para morar”, explicou a representante do grupo, Gisele Ponciano de Souza.

A polícia retornou ao local acompanhada do Corpo de Bombeiros, para apagar o incêndio e acalmar os ânimos. Os invasores firmaram um acordo com as autoridades: parar com incêndios e não fazer ocupações no trecho do terreno que dá para os condomínios.

A última ação dos moradores do Villagio aconteceu às 17 horas. Com muito fôlego e cartazes exigindo providências do governo, eles interditaram o trânsito na Avenida do Cursino. Quando o sol e os sem-teto foram embora, a madeira que usaram nos barracos foi queimada novamente. Dessa vez, pela PM.

O terreno ocupado é objeto de uma disputa judicial. A subprefeitura do Ipiranga, que não enviou funcionários ao local por causa do feriado, divulgou nota sobre o episódio. Assinada pelo subprefeito Cássio Loschiavo, ela diz que a Prefeitura enfrenta um desafio imposto por “décadas de agravamento da questão habitacional”.

Para o urbanista Anderson Nakano, do Instituto Pólis, as duas partes têm reivindicações legítimas, e o governo deve mediar o conflito. “O poder público em geral atende aos interesses da classe média. Mas não pode fazer isso em detrimento de outro grupo que também quer moradia” (O ESTADO DE SÃO PAULO – Cidades – por Ana Carolina Moreno e Carina Flosi - 2 de maio de 2007).

Para nós, *o fato* foi tão relevante, considerando-se as devidas proporções, e, ao mesmo tempo, grotesco, pela baixeza dos condôminos, que optamos por transcrever a matéria na íntegra, tamanha sua carga emblemática. Com excepcional nuance estilístico e metafórico, fugindo aos critérios editoriais da grande imprensa, que normalmente privilegia a imparcialidade por meio de um estilo seco e informativo, talvez para fanfarrar de situação bastante insólita – ou, quem sabe, atenuar o real conteúdo dos acontecimentos –, o jornal *O Estado de São Paulo* não conseguiu esconder, na reportagem, um sentido literal de *luta de classe*, embora, evidentemente, tratado em tom burlesco, enquanto conceito anacrônico ou esdrúxulo, dada a própria *bizarrice* do episódio. Realçemos dois fragmentos para tornar isto ainda mais ilustrativo: “A luta de classes esteve viva no Sacomã (...). Do lado *esquerdo* (...) dez pessoas construíam barracos num terreno baldio (...), do lado *direito* (...), mais de cem moradores de três condomínios de classe média”. E, ao fim da matéria, a reportagem sentencia melancólica: “quando o sol e os sem-teto foram embora, a madeira com que usaram nos barracos foi queimada novamente. Desta vez, pela PM”. Essas frases que poderiam ter saído de um triste enredo que retrataria, de um lado, o sofrimento de trabalhadores miseráveis e, de outro, a vida luxuosa de alguns capitalistas, como nos incidentes envolvendo operários das minas de carvão em greve, residentes em casebres vizinhas a suntuosas mansões de acionistas da própria mineradora, tão mais magistralmente narrado pelo romance *Germinal* de Émile Zola, podem ser aqui interpretadas de outra maneira. O conceito de luta de classes, contudo, *permanece; sem mudar uma vírgula*. Mas algo *novo* parece pairar no ar. Mudam os personagens, apenas. De um lado, um novo *proletário expropriado* e excluído até mesmo da condição de aparente igualdade interposta pelo contrato social em que figura na condição de *trabalhador* (algo que então o

aproximaria do lumpen-proletário). De outro, uma classe média remediada, ou *pequena burguesia fictícia*, endividada até às últimas gerações vindouras, que se identifica em sonhos desvairados com a representação da burguesia e que não é senão o proletariado trabalhador que se engalfinha desesperadamente por sua moradia, seu emprego (num supermercado, banco, shopping center...), seu carro etc. Por último, o *Estado*, instrumento de opressão, e a *propriedade privada*, vazia, reservada à especulação imobiliária e produção do espaço.

Embora esta paródia (?) tenha passado despercebida ao grande público, chamando atenção apenas pela extravagância das circunstâncias, seus desdobramentos num fórum de debates da rede mundial de computadores, ou melhor, da “internet” – (www.ponteareasp.nominimo.com.br) – se mostraram ainda mais desconcertantes e reveladores das mazelas da sociedade brasileira. No referido fórum, uma nota no alto da “página” intitulada “Com licença, a classe média foi à luta”⁵ e, abaixo, trinta e oito comentários registrados no espaço reservado à discussão. Grosso modo, as opiniões, repletas de frases feitas, denotam na maior parte das vezes o senso comum e, amiúde, são extremamente preconceituosas. Outras vezes, os comentários apresentam uma articulação mais bem elaborada, mantendo sempre, porém, a informalidade peculiar a este tipo de discussão. No geral, contudo, o debate transcorre de modo bastante acalorado, sem estar isento, evidentemente, de matizes ideológicos. Portanto, expressa antes, inconscientemente ou não, convicções e valores, encobertos pelo véu do anonimato, que compõem o repertório de mensagens declaradas nas conversas do dia a dia pelo vulgo sem-nome, disperso na massa. (Estas mesmas pessoas que, como nós, saem para trabalhar ou vão à escola, à

⁵ Um grupo de 15 sem-teto aproveitou a madrugada de feriadão -de segunda para terça-feira- e começou a levantar, tábua por tábua, num terreno baldio da zona sul paulistana, um conjunto de barracos. Ao ouvir as primeiras marteladas, 150 moradores de três condomínios vizinhos, linha classe média-média, decidiram enfrentar os “invasores”, destruíram o que havia sido construído e fizeram uma fogueira gigante com a madeira dos favelados.

Os moradores de um dos condomínios, o Village di Firenze, chegaram a interditar a avenida do Cursino, ali nas proximidades, em protesto contra os sem-teto e a prefeitura -o terreno baldio era particular, foi desapropriado e voltou, depois de disputa jurídica, para as mãos do dono, que nunca utilizou a propriedade para nada. Os condôminos dizem que a favelização resultaria em assaltos e desvalorização dos apartamentos. A queda-de-braço com os sem-teto não é de hoje, mas foi a primeira vez que resolveram enfrentar eles mesmos os desabrigados -a PM chegou bem depois.

Com um déficit de moradias que beira a casa do milhão, a nova favela não vingou por ali, mas certamente a essa hora está sendo levantada, a pau e pedra, pertinho de outro “village” da vida. E cá entre nós, como são terríveis os nomes que dão a estes condomínios, não acham?” (Ponte Aérea/SP, No Mínimo, por Xico Sá, 02/05/07).

faculdade, ao supermercado, a um parque e se perdem na multidão). A riqueza ou pobreza destas mensagens constituem para nós um amostra significativa do imaginário da vida cotidiana, e daí o seu interesse. Por isso, justifica-se sua exposição aqui. Obviamente, não vamos transcrever todos os comentários, que, aliás, são extremamente diversos, com direito a citação de Brecht imediatamente seguida por um lacônico “bala neles!”. Seleccionaremos aqueles que nos pareceram mais exemplificativos:

“Está na cara que esta foi uma ocupação com fins políticos. Os moradores da região pagam impostos e não são obrigados a conviver com desocupados. Cabe ao governo federal implementar políticas públicas de moradia a estes pobres coitados que são massa de manobra de políticos inescrupulosos e ONGs picaretas”.

“Parabéns à população que retirou os “sem-teto” do local. Pergunta fácil: quem organiza esses “sem-teto” seriam o quê? (sic) Os com teto? porque não enfiam na própria casa? Aliás, já se mostraram pesquisas que provam que a maioria dos sem-teto não são sem-teto, mas apenas buscam “novos terrenos”, alugando seus antigos barracos como forma de renda. O déficit existe por um cálculo errado: se baseia na idéia de que todos deveriam ter casa, como se não existisse o aluguel e locais com sobra de casa. Se a população agisse assim sempre, não haveria contaminação na Billings, nem ocupação desenfreada da Serra da Cantareira, que está se destruindo nossas reservas vegetais e a água de milhões de pessoas. Bem mais importante que meia dúzia de baderneiros petistas”.

“Terreno vazio, sem uso, tem mais é que ser desapropriado. Mas agora descobri que, segundo Ricardo, não existe déficit habitacional. É erro de cálculo. Que aprendam então todas as pessoas que não tem acesso a uma moradia digna por subversão” (sic).

“Pelo amor de deus... eles acham que vem pra “Sum Paulu”, e podem ocupar qualquer lugar, que não vai pegar e nem pagar nada... eles acham que aqui é terra de ninguém né? Eles vão continuar achando... vai toda essa gente que invade essa cidade diariamente pra PQP!!!” (sic)

“A realidade é q os coitados são minoria nessas ações (sic). Não são poucos os safados que vendem o q não é deles e o pior, depois a Prefeitura vem e anistia ou paga pro cabra da peste sair de um lugar q nunca foi dele... (sic) Na cidade tá cheio de pilantra vivendo de alugar quarto, casa de fundo e puxadinho construído em terreno ou imóvel invadido... (sic) A cada dia veremos ver (sic) mais choques entre pessoas q tem interesses opostos na sociedade e isso é sinal de q as autoridades (!?) estão cada vez mais longe de conseguirem ordenar alguma coisa (sic). BrasilsilsilsilsilIIIIIIIIII..... (sic)”.

“Enquanto a gente não conseguir instrumentalizar essa pessoal, eles vão ter que enfrentar a justiça pelas próprias mãos mesmo, já que não tem grana para comprar uma sentença do judiciário (sic). Deveria invadir o Village Mensallon, onde mora Zé Dirceu”.

“O Xico (...) fica no ar algumas perguntas pra vc que está defendendo a causa dos frascos e comprimidos (sic). (...) É ilegal ou não invadir propriedade pública ou privada? (...) Acho sim que as pessoas tem o direito a moradia digna mas saiba você que conheço muitos (conheço mesmo) favelados que ganharam direito de moradia em casas e edificios construidos pelo governo, apenas para vender ilegalmente e voltar pra favela, já que é tido e havido que favelado não gosta de pagar conta e aproveitam a oportunidade para ganhar algum dinheiro! (sic) Vê se para de defender os fracos sem nem ver onde está a fraqueza falou (sic) ”.

“A Constituição federal diz que a propriedade - seja pública ou privada - deve cumprir sua “função social”. Isto significa que o proprietário, apesar de dispor de um direito (de possuir um imóvel), deve revestir tal poder em atenção ao convívio social. Daí o porquê das desapropriações das terras devolutas, usadas para o plantio de tóxicos, dos terrenos baldios, prédios abandonados e etc, pois não basta ter, tem que dar ao bem uma finalidade socialmente relevante para o bem da comunidade”.

“Xico, (...) Queria ver vc pagando a tua casa em suadas prestações, tendo uma filha adolescente que vai a pé pra escola, tendo que passar em frente a uma favela que por mais que tenha moradores trabalhadores e honestos, a gente sabe que também tem uns vagabundos que gostam de crescer o olho pra cima do que é dos outros (sic). Pensa nisso, luta de classes só é bom quando não pega pro seu lado”.

“O terrível é que os moradores do tal Villagio di Firenze, vistos na TV, pareciam tão miseráveis quanto os sem-teto. Quando os pobres começam a perseguir os outros pobres, aí o país se ferrou de vez. Ironia é pouco para os comentários acima que reclamam da favelização de São Paulo. São Paulo é, desde sempre, uma imensa favela. Mesmo os lugares pretensamente mais elegantes têm sempre o seu mau-gosto gritante, que torna tudo uma favelão sem fim. A estética do puxadinho, tão favelada, está presente mesmo nos edificios “alto padrão”, neoclássicos e o escambau (sic).”

“É ilegal invadir propriedade privada, mas é ilegítimo? Se não se tem onde morar, e até que se prove, como parece ser a opinião de vários, que os invasores seriam espécie desmonetizada de especuladores imobiliários que visam lucrar com o rendoso negócio de alugar quatinhos em favelas, não parece ser ilegítima a forma da invasão, cujo maior equívoco parece ser estar próxima a um Village Provinciano- Pós- Paulistano-E-Ainda-Por-Cima-Classe-Média-Média, cuja faixa de renda está mais próxima dos invasores do que admitiriam...” (sic)

“Os moradores do “Village” têm a minha simpatia e apoio. Entendo o miserê dos sem-tetos, mas são na maioria massa de manobra de gente safada (sic). Quero ver o Geverno Lulla, tão social, tão cheio de afeto, dar

um jeito na situação! Não adianta é dar um ‘liberou geral’ e passar por cima da lei, da propriedade, etc. Fora Sem-Teto, Fora Sem-Terra! Bala neles!”

“A verdadeira luta de classes, assim, sem teoria, na prática...ou uma luta sem classe?”

“Enfim, algo de novo do front. Parece que estamos começando a reagir”.

“Eu moro do lado desse condomínio, e posso dizer com todas as letras que esse pessoal não tem nada de classe média-média; são classe média-baixa mesmo, bem baixa (em todos os sentidos, intelectual principalmente), do tipo que vive de aparência (o que tá cheio por aí). Sabem aqueles camaradas que não pagam condomínio para comprar carro novo (popular, em 600 parcelas, evidentemente) ou para ter TV a cabo em casa? Pois é, é desse tipo que estamos falando. Têm um pouquinho a mais que os invasores, e se acham os donos da “cocada preta”. Típico. (...) Para encerrar, a PM paulista perdeu de vez a vergonha. Assistir aos “crasse média” (sic) derrubar as “casas” dos invasores sem fazer nada, para depois sentar o pau nos que se metiam a reagir, foi de uma sem-vergonhice que nem os militares tiveram coragem de escancarar. 12 anos nas mãos dos tucanos, e SP perdeu até a vergonha! A PM paulista hoje parece um organismo próprio, sem comando e sem limites, que faz o que bem entende, sem prestar contas a ninguém. E escolhe, sem qualquer tipo de pudor, de que lado está da sociedade: do lado dos que podem mais. Um descalabro, um horror!”

Quase uma conversa, onde as opiniões são confrontadas direta e espontaneamente, os comentários carecem do *bom tom* diplomático e do arcabouço conceitual do discurso filosófico, além de, muitas vezes, não obedecerem a regras gramaticais da norma culta praticada nas esferas sociais ligadas ao saber e ao Poder. O debate despretenso no balcão de botequim, entre um rabo-de-galo e outro, de fato, não segue os mesmos procedimentos da linguagem literária marcada pela ordenação coerente do pensamento com vista à clareza e composta por um rico vocabulário, ou mesmo da linguagem informal, mas padronizada, de programas de televisão ou noticiários que tratam de assuntos *sérios*, como política, economia etc. A propósito, é bem ilustrativo o fato de a Constituição Brasileira promulgada em 1988 proibir o anonimato. O que pressupõe dois âmbitos de interferência: um, autorizado e legalizado; outro, marginal e obscuro, de *persona non grata*. Todavia, o filósofo, o sociólogo, ou juiz de direito, em seu foro íntimo, familiar ou num ambiente particular, vai se exprimir de modo prosaico, desembaraçado de moderações normatizadas e profissionais, revelando explicitamente seus valores ocultos e interesses de classe. Por isso, a importância dos comentários; eles revelam um mundo de significações que não está

capturado (ou deformado) pelas convenções impostas pelos canais legítimos de interlocução.

Longe de ter resolvido os problemas das carências humanas, através da idealizada sociedade da abundância – que se restringiu por alguns momentos aos EUA e a alguns países europeus – ou da revolução verde, o capitalismo, estruturalmente desigual, transforma a luta de classes em aberração, porque, apesar do desenvolvimento ímpar das forças produtivas, vive-se abaixo das necessidades mais banais. Ora, neste sentido, a verdadeira verdade poderia ser evocada a partir destes comentários, a fim de esclarecimento sobre *quem* são os atores desta tragédia do subúrbio; ou seja, quem são estas pessoas que ocuparam um terreno baldio e quem são estas que compraram penosamente um apartamento – e façamos coro à ironia – num condomínio denominado “Villaggio di Firenze” em plena avenida do Cursino, no bairro do Sacomã?!!! (*Os condôminos dizem que a favelização resultaria em assaltos e desvalorização dos apartamentos*). Aliás, que tipo de gente sai de sua casa durante a madrugada para enfrentar corpo-a-corpo um grupo de gatos-pingados sem eira nem beira? (*Sabem aqueles camaradas que não pagam o condomínio para comprar o carro novo popular, em 600 parcelas, ou para ter TV a cabo em casa... Quando os pobres começam a perseguir os outros pobres, aí o país se ferrou de vez*). Ou como diz também o lúcido comentário acima: *São Paulo é, desde sempre, uma imensa favela...* Portanto, antecipemos já que a expansão e a massificação da linha de crédito, nos anos 90, provocaram ao mesmo tempo uma inserção e uma exclusão social definida difusamente por uma luta de classes de todos-contra-todos.

Assim, a notícia que passaria por um curioso incidente, uma briga de “vizinhos indesejáveis” e que se perderia nas pilhas de papel dos boletins de ocorrência policiais, poderia não parecer grande coisa se comparado à “importância” política dos megaeventos mencionados acima. Mas se nos colocarmos num outro ângulo e focarmos toda atenção nisto que é trivial, ordinário, obscuro, então, teríamos elementos de sobra para inaugurarmos um *ponto de partida*. Portanto, defendemos aqui que, do ponto de vista científico, este quiproquó de vizinhos é mais revelador da realidade que a parte iluminada da caverna por teorias abstratas, pretensiosamente profundas e que circulam por aí com ares de sedutora verdade absoluta. “Na maioria dos domínios da ciência, descobertas importantes foram realizadas pelo estudo de objetos singelos, cotidianos, insignificantes

(em aparência)” (LEFEBVRE, 1958, p. 145)⁶. Se deslocarmos o eixo da análise para este lugar sob a sombra dos conceitos, desviando o olhar para o residual, compreendendo-o como formas embrionárias, podemos então formular nossa hipótese. E esta hipótese pode ser expressa do seguinte modo: *o sem-teto é um proletário de um novo tipo; ele é um expropriado do espaço*. O que muda tudo. Portanto, não foi o conteúdo simbólico em memória das lutas entre capital-trabalho que motivou a ocupação do referido terreno baldio, por parte daqueles que não estão incluídos nas relações do trabalho e sequer sonham em um dia sê-lo, mas a *reivindicação de espaço*. Para o sem-teto ou sem-terra, não sobrou nada; somente errar pelo mundo. Por isso, o número crescente de movimentos e organizações por moradia demonstra a existência virtual de um fenômeno sociológico novo. Por conseguinte, o que talvez tenha inspirado a ação do grupo de sem-teto no Sacomã pode ter sido outra referência, ainda que longínqua de tão próxima, a mesma que estimulava a onda das ações compreendidas pelo *Abril Vermelho*.

Recapitulemos a história. Na tarde de 17 de abril de 1996, cerca de mil e duzentas pessoas ligadas ao movimento sem-terra bloquearam a rodovia PA-150, em Eldorado dos Carajás, no Pará, exigindo a desapropriação da fazenda Macaxeira. A polícia interveio, obrigando os sem-terra⁷ a desobstruírem a estrada. A operação policial transcorreu, no entanto, de forma extremamente violenta e dezenove trabalhadores sem-terra foram mortos a sangue-frio e mais de sessenta foram feridos. Posteriormente, em decorrência dos ferimentos, mais três trabalhadores sem-terra faleceram. Nenhum dos policiais envolvidos ou qualquer responsável pela operação (o governo do Pará) recebeu qualquer punição exemplar. O *massacre de Eldorado do Carajás*, como ficou conhecido, virou manchete nos noticiários de todo o país e do mundo, tornando-se um marco das lutas pela terra do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). Desde então, no mês de abril, o MST intensifica suas ações como forma de chamar a atenção sobre a situação do

⁶ Perdoa-nos a tradução. No original: “Dans plusieurs de la science, des découvertes importantes ont été accomplis par l’étude d’objets humbles, quotidiens, insignifiants (en apparence)”.

⁷ Os neologismos “sem-terra” e “sem-teto” têm sido comumente grafados sempre no singular, não flexionando em número com o determinado (substantivo ou sujeito). Embora consideramos isto equivocado, do ponto de vista gramatical, adotamos esta grafia pois parece consagrada pelo uso.

trabalhador rural sem-terra e a violência no campo. Estas ações foram batizadas pelo MST de *Abril Vermelho*. Passados mais de dez anos, coincidentemente ou não, em abril do ano de 2007, vários grupos do movimento sem-teto reunidos pela União Nacional por Moradia Popular (UNPM) também intensificaram as ocupações em imóveis abandonados e realizaram protestos em importantes capitais em todo território nacional. Neste caso, pergunta-se: as lideranças dos movimentos tentaram articular pautas reivindicatórias e coordenar ações em comum em torno do Abril Vermelho?

Movimentos de moradia de todo o País prometeram uma onda de mobilizações e invasões, hoje e amanhã, em protesto contra políticas de habitação popular estaduais e federais, numa ação já chamada ‘abril vermelho’. Ocupações de terras e prédios foram planejadas em dez Estados. Só na capital paulista, um dos grupos promete invadir seis prédios, públicos e particulares, a partir das 22h de hoje. (“A ameaça: onda de invasões: abril vermelho contra a política habitacional”, por Sérgio Duran e Alexssander Soares, *Jornal da Tarde – Cidade* – 10 de abril de 2007).

Apesar da aparente similaridade das reivindicações e simultaneidade dos protestos, os dirigentes dos movimentos descartaram uma ação conjunta. A Folha de São Paulo noticiou que “líderes do MST e intelectuais ligados a movimentos sociais negaram ontem que as ações dos sem-terra e dos sem-teto pelo país tenham articulação direcional ou logística” (“MST e sem-teto negam agir em conjunto pelo país” – Folha de São Paulo – Cotidiano – por Eduardo Scolese – 13 de abril de 2007). Algo que foi enfatizado por um militante do movimento sem-teto: “‘A UNPM faz luta pela reforma urbana e o sem-terra pela reforma agrária. Nós não discutimos essas pautas juntos’, disse José de Abraão, da coordenação da UNPM. ‘Não temos nada a ver com o abril vermelho. Foi uma coincidência’” (idem). O jornal Brasil de Fato também corroborou essa versão:

Os camponeses se mobilizaram por conta do “abril vermelho”, um período de reivindicações e celebração da luta daqueles que morreram em defesa da reforma agrária e da justiça social, em Eldorado dos Carajás. Já a União Nacional por Moradia Popular (UNPM) diz que tradicionalmente realiza ações em abril e maio, e o fato de as ocupações terem ocorrido no mesmo tempo é uma coincidência. A organização, no entanto, enfatiza que é solidária às reivindicações dos movimentos

que lutam pela reforma agrária, assim como também conta com o apoio dos sem-terra na luta pela moradia. (“Em todo o país, sem-terra e sem-teto reivindicam políticas em defesa do direito à terra e à habitação”, BRASIL DE FATO, por Pereira, 17 de abril de 2007).

Se de fato não houve uma articulação entre os movimentos, algo pelo menos parece dissociá-los. Enquanto o sem-terra reivindica *meios de produção*; o sem-teto luta por *espaço*. Por isso, talvez, o Partido da Causa Operária (PCO) sugere uma radicalização ainda maior dos movimentos de moradia, já que o MST teria ligações estreitas com o governo do Partido dos Trabalhadores:

A ocupação como forma de exigir a moradia é o caminho que devem seguir os trabalhadores pela moradia. Esta luta dos sem-teto através da ocupação de prédios públicos e manifestações parando ruas é a verdadeira forma pela qual deve se desenvolver a luta de forma independente do governo e da burocracia por conquistas concretas. A farsa do ‘Abril Vermelho’, organizado pela direção do MST, do PT e da ala mais próxima de Lula, e também defendida pela Frente de Esquerda, do Psol-PSTU, não dá qualquer resposta à crescente luta dos sem-terra, levando bandeiras moderadas e em defesa do governo. O governo de frente popular de Lula, que dirige para latifundiários e seus capangas, está aí para frear a radicalização do movimento que se vê em todo País (“Mais de 22 ocupações de prédios públicos e locais abandonados em 10 estados mostram uma importante reorganização dos trabalhadores na luta por moradia”, site PCO: www.pco.org.br, 14 de abril de 2007).

Se há uma tendência para uma radicalização do movimento sem-teto por causa de sua relativa independência partidária e governista, a julgar pela matéria veiculada pelo Jornal do Brasil e publicada no ano de 2004, esta hipótese pode ser plausível:

Enquanto o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra ocupa o centro do debate a respeito da quebra de autoridade e excessos cometidos em nome de reivindicações, o governo federal está mais preocupado com as ações dos sem-teto na cidade. (...) Mesmo com seu funcionamento precário, a área de informações já detectou um crescimento da organização desses grupos, considerado bastante perigoso. (...) Por enquanto não existem planos de repressão aos sem-teto, pois o governo nesse

momento prefere agir preventivamente. (...) Os sem-terra bloqueiam estradas; existe o temor de que os sem-teto venham a interditar grandes vias de trânsito. (...) A avaliação do governo é que uma ação dessa natureza poderia sem dificuldade estabelecer o caos numa grande capital. Nesse caso, raciocinando do ponto de vista de desgaste político do Palácio do Planalto, a consequência seria infinitamente maior do que qualquer ‘abril vermelho’ patrocinado pelo MST. O assunto é considerado grave e, ao mesmo tempo, delicado. Por isso, não é um tema a respeito do qual se discuta livre e abertamente. (“Sem-teto preocupa mais que MST”, por Dora Kramer, *Jornal do Brasil*, 2 de maio de 2004).

Seja como for, os movimentos de sem-teto promoveram ações por todo o país. Em Recife e Olinda, manifestantes fecharam avenidas, ruas e rodovias. Em Salvador, uma área da prefeitura foi ocupada por sem-teto. Em Minas Gerais, movimentos de sem-teto se reuniram em manifestação exigindo audiência pública com o governador. Em Maceió, famílias ocuparam prédio do antigo INSS, no centro da cidade. No Maranhão e Ceará, houve atos públicos, e em Sergipe uma passeata. No Paraná e em Santa Catarina também ocorreram atos públicos e plenárias em defesa da moradia popular. No Rio de Janeiro, mais um ato público na Avenida Rio Branco. Em São Paulo, seis prédios foram ocupados, inclusive o do Banco Nacional da Habitação (BNH), e três rodovias também foram interditadas, por quase 900 pessoas, organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Este movimento protestava contra o despejo de 800 famílias do *João Cândido*, um assentamento localizado em um terreno baldio de cerca de 1,3 milhões de metros quadrados de propriedade da empresa Golf Urbanização Ltda (Volkswagen), situado no bairro do Valo Velho, no município de Itapecerica da Serra.

Por conseguinte, o caso anedótico mencionado no início tem alguma sintonia a esses acontecimentos. O que o une a todos estes eventos é um fio de um emaranhado confuso que liga o centro à saída de um intrincado labirinto. Portanto, a hipótese formulada nesta pesquisa é de que este fenômeno é um sintoma da *sociedade urbana*; compreendendo-a situada na extremidade posterior de uma fase de transição do modo de produção capitalista. Tomando a sociedade urbana enquanto pressuposto, do ponto de vista teórico, partiu-se de uma teleológica historiográfica possível com o advento da razão iluminista, que, entretanto, fracassou redundamente com a prevalência do lado sombrio das categorias históricas.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é o de se aprofundar no conceito de *produção do espaço* e pensar novas categorias sociais, em formação.

As reivindicações de caráter urbano, notadamente, a *questão da moradia* expressa nos altos índices do déficit habitacional, desvela pistas de um universo sociológico de dimensões ainda incertas e de força ignorada, mas que mobilizam movimentos sociais em torno de táticas que preconizam fundar *espaços de resistência*. Todavia, a produção ideológica nos moldes clássicos não é mais suficiente para explicar esta realidade nova, tampouco propor práticas efetivas de luta. Ou seja, há um descompasso imenso entre categorias históricas cristalizadas por teorias relativas ao capitalismo e *categorias virtualmente urbanas*, não formalizadas totalmente no plano teórico. A princípio, é possível discernir, a partir de ações de *ocupação* de imóveis e terrenos baldios, numa atualização urbana do lema “Ocupar, Resistir, Produzir”, do MST, indícios que vale a pena apostar.

No Brasil, a *produção do espaço* sob a égide do capital, mobilizada por políticas públicas de habitação e de infra-estrutura associadas sempre à lógica de acumulação capitalista, tem gerado novas contradições que longe de serem resolvidas têm sido agravadas. De certo modo, as categorias históricas do capitalismo estão presentes, mas, doravante, inseridas na produção do espaço. Disto se conclui que a *cidade é alienada* de seus produtores, tornando-se-lhes uma realidade hostil e, portanto, inumana. A cotidianidade, pressuposta aí, também define novos papéis e atores na tragédia social, e por isso é extremamente relevante a condição de protagonista apresentada pelas mulheres nos movimentos sociais que reivindicam moradia.

Na fase atual do capitalismo, a crise estrutural do trabalho, decorrente da queda da taxa de lucro, pela redução global de mais-valia, fato sobejamente conhecido pela literatura marxista, torna grande parte da massa trabalhadora supérflua, como se verifica na realidade presente pelas altas taxas de informalidade do trabalho ou de exploração intensiva. Contudo, no capitalismo, a imanência econômica dá sentido ao conteúdo das relações sociais. Neste caso, uma identidade dos agentes sociais só se constitui enquanto reconhecida dentro dos parâmetros referenciais da economia capitalista. Sugerimos que o

sem-teto não se insere *diretamente* nesta imanência, mas, ao contrário, é *indiretamente* integrado por ela na sua exclusão, como numa imagem distorcida de um espelho. Neste sentido, a contradição radical aparece num plano transcendente-imanente, sob uma névoa opaca que cobre as relações sociais, localizadas numa zona indefinida de ambiguidades.

A presente pesquisa está dividida em três eixos temáticos ou capítulos que podiam ser distintos ou autônomos, porém, entrelaçados por um tênue fio de Ariadne, ganham um sentido. O primeiro capítulo visa estudar o *conceito de trabalho*⁸; o segundo, a *produção do espaço*; e o terceiro, um *estudo de caso*: o “Prestes Maia”.

⁸ O estudo pormenorizado do trabalho alienado é fruto de um debate realizado no grupo de estudos que se reúne semanalmente no Laboratório de Geografia Urbana da USP-FFLCH. Durante o período da redação desta pesquisa, foi realizado um estudo (inacabado) de três obras de Karl Marx: *Manuscritos econômicos-filosóficos*; *A ideologia alemã* (Engels); e *Miséria da Filosofia*.

CAPÍTULO 1 (ou Fundamental)

Introdução

Posteriormente ao êxito da revolução de 1917, o *Komintern* impôs um modelo programático de orientação bolchevique, elaborado pelo Partido Comunista da então nascente União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), para ser adotado como “cartilha” pelos partidos comunistas no mundo inteiro, que, a partir daí, floresciam em virtude do exemplo histórico das lições de Outubro. É preciso dizer que, antes, as idéias revolucionárias de Karl Marx desembocaram na social-democracia (repelida por ele quando da correção do *Programa de Gotha*); sobretudo, na Alemanha. Nos países europeus latinos e nas Américas foram, contudo, as idéias anarquistas da corrente anarco-sindicalista que dominaram o cenário político dos trabalhadores. Já na Inglaterra, o berço da Revolução Industrial, e de onde se presumia, no interior da teoria marxista, um movimento amadurecido e revolucionário, ideias fabianas (Bernard Shaw, H. G. Wells, Bertrand Russell etc.) ou mesmo cartistas influenciaram decisivamente as organizações da classe operária por um reformismo liberal; e, beneficiada pelos frutos do imperialismo inglês, acabou originando o surgimento de uma *aristocracia operária* parasita (nas palavras de Lênin). Em virtude das circunstâncias desfavoráveis à ditadura do proletariado na Europa Ocidental, Marx, talvez amargurado, buscou um alento ainda em vida no conturbado e confuso movimento revolucionário russo, por meio de um intenso debate (epistolar) com exaltados *narodniki*, a despeito das objeções do “eurocêntrico” Engels⁹. Uma revolução na Rússia, conforme a *historiografia* defendida pelo marxismo, seria bastante improvável; haja vista o

⁹ São bastante conhecidos os textos em que Marx apesar de denunciar os crimes cometidos pelo colonialismo inglês conclui pela necessidade histórica deste processo modernizador como veículo de progresso das sociedades arcaicas. Não deixa de ser surpreendente, apesar de flutuar nas ondulações momentâneas dos acontecimentos, a aproximação de Marx com os revolucionários russos. Vejamos: “Com base nesta diferença histórica, Marx restringiu o âmbito de validade da análise de *O capital* ao caso da Europa Ocidental, mas afirmou positivamente que a comuna rural poderia vir a ser a base social para uma revolução na Rússia, demonstrando assim sua solidariedade política com os *narodniki*. (...) Na primeira metade da década de 1890, Engels deixou sua relutância de lado e aderiu plenamente ao trabalho dos marxistas russos de promover uma ruptura frontal com a tradição *narodnik*. (...) Negou que a comuna rural pudesse ser a base social para a revolução socialista, insistindo inclusive que o golpe inicial para a revolução deveria partir do Ocidente” (FERNANDES, 1982, pp. 45-47).

precário desenvolvimento industrial e a insípida classe operária naquelas plagas, vigorando antes uma economia predominantemente agrária no país.

Ironicamente, foi nessa mesma Rússia *improvável* que o marxismo revolucionário saiu-se vitorioso. A *ditadura do proletariado*¹⁰ encarnou então um Estado totalitário tão obscuro e burocrático quanto o poder czarista. Até a década de 1950, porém, quando Khrushov tornou público os expurgos e as atrocidades do regime stalinista, o movimento comunista se desenvolvia quase como num bloco homogêneo e pipocavam partidos comunistas em todos os cantos do mundo, embora alguns deles motivados por um oportunismo de ocasião. A partir de então, as críticas levadas a cabo por movimentos de esquerda na década de 1960, contribuíram para dissipar, sobretudo nos países capitalistas desenvolvidos, as ilusões sobre o socialismo na URSS. Da mesma forma, os episódios da Primavera de Praga e de Maio de 68 colocaram definitivamente em questão o regime soviético. A antiga crítica dos anarquistas ao comunismo da foice e do martelo, concebido enquanto “capitalismo de Estado”¹¹; ou mesmo a apreciação da corrente trotskista de que a URSS acabara com o capitalismo mas não com o capital, foram reconsideradas, em maior ou menor dose, pela esquerda, que, todavia, em partes, adotou novas bandeiras, notadamente “a questão ambiental”, em decorrência da temática inédita até então do esgotamento dos recursos naturais. Todavia, no geral, à esquerda partidária mais ortodoxa, ainda assim, a poderosa União Soviética aparecia no cenário geopolítico como um contrapeso às ações prepotentes das nações imperialistas de economia capitalista, lideradas pelos EUA e sua OTAN. (O próprio Trotsky assim o reconhecia). Independente de seus desvios, do stalinismo representar a contra-revolução em todos os cenários revolucionários desde a Guerra Civil Espanhola (ou Revolução Espanhola), a importância de fato da URSS resumia-se muito mais ao seu poder simbólico. Entretanto, tais acontecimentos já sinalizavam um declínio do socialismo em geral.

O assombro causado ao mundo com a queda do muro de Berlim, o desmoronamento de um dia para outro da própria União Soviética e do colapso do socialismo no leste-europeu, motivou teóricos do capitalismo a cantar, ainda engasgados, a vitória do capital. Segundo eles, a *missão histórica do proletariado* não se cumprira conforme os vaticínios

¹⁰ Marx e Engels tinham como modelo da ditadura do proletariado a Comuna de Paris.

¹¹ Aliás, a expressão *capitalismo de Estado* é do próprio Lênin para designar a NEP.

dos comunistas e, ironicamente, a própria *História* (eterno trunfo da soberba comunista) conduziu o capitalismo ao seu lugar honroso no *fim da história*. O pior de tudo: interpretações de inspiração hegeliana depressinha atribuíram uma propriedade teleológica ao capital e defenderam um regime democrático tutelado por um único Estado mundial policialesco. Livre de quaisquer obstáculos, políticas neoliberais foram engolidas em todos os rincões do planeta. Nas Américas, em particular, o famigerado “consenso de Washington” ditou as regras da política econômica compulsoriamente, orientadas em políticas de austeridade fiscal e do Estado mínimo. A partir daí, uma grande onda conservadora invadiu todos os setores da sociedade. Na grande imprensa, concepções sobre a origem do capitalismo baseada na ética religiosa ganharam novo impulso; e Marx não era apenas banido, mas, aniquilado. Quando este era citado, tratava-se de esvaziar o conteúdo da luta de classes, por doutrinas que rapidamente tornavam-se moda. Fim das utopias? Na verdade, uma verdadeira guinada para a direita, resultando num refluxo de todos os movimentos sociais e culminando num pacto entre trabalhadores e patrões, que passam a falar fluentemente a mesma língua, o “economês”, na elaboração conjunta de um projeto nacional unitário. Assim, políticas assistencialistas e a expansão da linha de crédito, cada vez mais acessível às massas, gerou uma “pequena burguesia fictícia”, como assinalamos a pouco, cronicamente endividada, mas “realizada” materialmente e completamente seduzida pelo canto da sereia-mercadoria.

Na esteira destes acontecimentos, o sociólogo alemão Robert Kurz lança seu livro “O colapso da modernização”, traduzido para o português e editado no Brasil. Kurz é tido como um teórico de esquerda, e seu livro ganha repercussão no Brasil. No livro, entre outras, citações de Tocqueville e Fichte, sob um pano de fundo conceitual deliberadamente marxista. Curiosamente, Kurz torna-se colunista do jornal Folha de São Paulo. Grosso modo, o sociólogo argumenta que o socialismo na URSS consolidou as categorias essenciais do capitalismo, notadamente *o trabalho*. Sem ousar dizer explicitamente, insinua que a *revolução de outubro* se alinhava no rol das *revoluções burguesas*. O Estado socialista soviético é equiparado ao Estado absolutista e mercantilista, imbuído da tarefa de *modernizar*, em termos capitalistas, a economia atrasada da Rússia. Segundo o autor, o colapso do socialismo é parte de um contexto mais amplo de crise irreversível da própria

economia capitalista, que remonta aos anos 70, gerada pela redução de capital variável, no contexto da *Terceira Revolução Industrial* (eletrônica).

Se de um lado, a discussão proposta por Kurz é bastante atraente, por outro, é extremamente questionável. Como vimos, ela não é inovadora ao tratar o “socialismo real” como forma distorcida do capitalismo clássico. Aliás, no livro, o sociólogo parte de um episódio conjuntural (a crise dos anos 80) e o toma por estrutural. Erro crasso. Não houve *colapso* (no sentido estrito da palavra). Se colapso é um lento esgotamento das categorias capitalistas, como afirma no livro mencionado, então não há razão para uso do termo no título, a não ser se se quer provocar sensacionalismo. Mas o que é particularmente grave é o fato de Kurz reputar o papel da luta de classes a mais a um dos elementos, senão o principal, na constituição do capital. Para o sociólogo, é somente pela prática social condicionada por uma consciência fetichista de sujeitos que se creem livres que as classes sociais são compreendidas enquanto capazes de transformar o destino histórico da humanidade. Na verdade, de acordo com o autor, a luta de classes só fomentaria a dignidade do capital pela reivindicação do trabalho. E isto é um problema. A quem serve tal formulação? Quem se beneficia com esta teoria?

Em nota, o pensador francês Henri Lefebvre, a quem não passou despercebido a determinação formal do capital, escreveu:

Voltamos a insistir sobre um fato: a maior parte dos leitores e dos intérpretes do *Capital* desconheceu a *forma* na teoria fundamental do valor de troca da mercadoria. (...) A própria noção de *forma*, de onde vem? O fundamento do conhecimento científico foi elaborado pela filosofia, mais especificamente pela lógica e pelos lógicos. A ciência o toma emprestado da filosofia, destacando o conceito de seu contexto especulativo e das arquiteturas sistematizadas da filosofia clássica. (...) O que nós afirmamos aqui resulta de longo esforço, que visa restituir o pensamento dialético às considerações formais (lógica formal etc.) (LEFEBVRE, 1968b, pp. 67 e 68).

Lefebvre insiste na importância da forma – ou da lógica formal – enquanto ponto de partida da razão dialética. Na sociedade capitalista, a determinação formal é a da mercadoria. Ou seja...

(...) a mercadoria, nós sabemos, é a *forma*. Para apreender esta forma em estado puro, Marx no início do *Capital*, afasta deliberadamente o conteúdo caótico, psicológico e sociológico dos atos de troca: as necessidades, as discussões e palavras. Ele procede por redução, e esta redução permite uma análise de estrutura. (Ibidem, p. 68).

Ao comparar a forma da mercadoria à linguagem ou à matemática, o autor logo se detém no caráter metodológico da exposição de “O capital”, que isola a forma abstrata mais pura das relações capitalistas para depois buscar o conteúdo caótico e social que é por ela definido. “A mercadoria aparece, pois, como uma coisa de *duas faces*” (Ibidem, p. 68). Noutras palavras: “O objeto se desdobra em qualidade e quantidade, em matéria e forma, em valor de uso (em correspondência com uma necessidade, utilidade, desejo) e valor de troca” (ibidem, p. 68). Descobre-se então que a dupla face da mercadoria se desdobra em *valor de uso* e *valor de troca*.

A polarização da sociedade em classes que mantêm relação essencialmente conflitiva só se dá juntamente com um fato dito econômico: a generalização da mercadoria. Quando ‘tudo’ é vendido, podemos dizer que a sociedade se separa em dois grupos inimigos: aqueles que vendem e aqueles que caem entre os objetos vendidos, entre as coisas. (Ibidem, p. 67).

Ora, a forma lógica da mercadoria situa “dois grupos inimigos” em campos sociológicos opostos. Estes dois grupos inimigos se *defrontam* através e pela circulação de mercadorias. Ou seja, existem aqueles *que compram* e *que vendem* e *aqueles que caem entre os objetos vendidos*. Portanto, é pela forma transparente da mercadoria – valor de uso-valor de troca – que faz do capitalista *comprador* de *força de trabalho* – e de usá-la na produção – e do trabalhador *vendedor* de *força de trabalho*. “Para que o trabalho seja uma mercadoria como as outras, figurando no círculo de mercadorias sem rompê-lo, é preciso e basta que o trabalhador se venda, corpo e alma, àquele que queira comprá-lo” (Ibidem, p.

70). A forma mercadoria, a princípio tão neutra como pura, desdobrou-se numa relação difusa, opaca, em que *o conteúdo social fundamental é a exploração do trabalhador*. O que Marx vai demonstrar é que por de trás da aparência cristalina da forma mercadoria não há uma equivalência entre as partes contratantes, mas se esconde antes uma relação de desigualdade escamoteada, pelo trabalho não-pago na constituição do valor: a mais-valia. Em suma, forma social que é contraditória por excelência, que separa duas classes em partidos antagônicos e inconciliáveis¹². Não é difícil comprovar a existência de classes sociais por meio de uma estratificação quantitativa; porém, o que Marx quer provar é que há uma *relação* entre “estratos sociais” onde uma classe é explorada por outra. Assim sendo, embora as classes e frações de classes estejam sob a determinação da forma da mercadoria, seus elementos variados *incorporam* categorias econômicas *contraditórias* postas pela própria forma¹³, o que impossibilita uma associação harmônica entre eles. Logo, a forma mercadoria põe a contradição e a luta social e não o contrário. Portanto, a luta de classes não pode redundar numa “conciliação” entre classes antagônicas, em torno da afirmação do trabalho, mas numa luta incansável.

Conforme nossa interpretação, rotular todo o socialismo ao fracasso da experiência soviética é deveras simplista e próprio do pensamento reacionário. É omitir deliberadamente toda complexidade do conjunto social e do papel dos diferentes *atores* sociais, que, no caso daqueles “10 dias que abalaram o mundo”, estavam em conflito. O revolucionário Nestor Makhno, por exemplo, cedo percebeu que os rumos dos acontecimentos dirigiam-se para outras paragens que a dos primeiros soviets e lutou contra isso. Passada a tempestade, os bolcheviques esqueceram-se da contribuição decisiva do ucraniano e os anarquistas quando do triunfo esmagador dos revolucionários sobre os Brancos. Trotsky e o Exército Vermelho perseguiram-nos implacavelmente. Por outro lado, se Stálin não tivesse trabalhado incansavelmente (pela “via pacífica”) no intuito de, na política externa, constituir alianças estratégicas com as potências capitalistas e, internamente, eliminar seus adversários, talvez a história seguiria um caminho insondável,

¹² Numa compreensão ainda mais detalhada, descobrem-se ainda frações de classes que orbitam entre as duas principais.

¹³ O capitalista só funciona enquanto capital *personificado*, (o capitalista) é o capital enquanto pessoa; do mesmo modo, o operário funciona unicamente como *trabalho* personificado, (trabalho) que pertence como suplício, como esforço, mas pertence ao capitalista como substância criadora e incrementadora de riqueza. (MARX, 2004a, p. 55).

objeto apenas do pensamento especulativo. Reduzir tudo a uma lógica é insistir numa razão transcendental onde não haveria espaço para o acaso, o azar, a sorte. Retoma-se secretamente o antigo dilema historiográfico: alguns indivíduos poderiam mudar o curso da história ou a marcha da história solapa a individualidade. Neste caso, supõe-se que a Revolução Francesa estaria fadada a produzir inexoravelmente seu Napoleão. Nada menos dialético!

A forma mercadoria implica o fetiche da mercadoria, seu feitiço¹⁴. De onde vem esse poder da mercadoria? De uma relação social, mediada pelo dinheiro que encobre o fato do valor, aparentemente inerente à mercadoria, ser gerado pela exploração do trabalho. O fetiche não atenua a luta de classes, na verdade ela é acirrada. Indo além do imediatamente dado (naturalizado), como vimos, descobre-se, pelo véu do fetiche, o fundamento do capital no *trabalho não-pago* (mais-valia), inacessível à consciência que se atém apenas à aparência da circulação. Tal concepção não pode ser dissociada do *trabalho alienado*: o trabalhador é separado não apenas do produto e de seu trabalho, mas de si próprio, tornando-se estranho a si mesmo, num mundo de coisas que parecem ter um poder sobre ele. Por isso, o trabalho alienado produz riqueza não para quem o vende, mas para quem o compra. O trabalho degrada o ser humano e aumenta o poder das coisas-mercadorias.

Não é o operário que emprega os meios de produção, são os meios de produção que empregam o operário. (...) A dominação do capitalista sobre o operário é, a dominação da coisa sobre o homem, a do trabalho morto sobre o trabalho vivo, a do produto sobre o produtor, já que, na realidade, as mercadorias, que se convertem em meios de dominação sobre os operários (porém apenas como meios de dominação do *capital*), não são mais do que simples resultado do processo de produção, do que produtos do mesmo. Na produção material, no verdadeiro

¹⁴ Num livro da “juventude de Marx” já se esboçava o conceito de fetiche, quase literalmente. Vejamos: “No princípio não há troca de produtos, mas sim troca de trabalhos que concorrem para a produção. É do modo de troca das forças produtivas que depende o modo de troca dos produtos. Em geral a forma da troca dos produtos corresponde à forma da produção. Modifiquemos esta última e a primeira se modificará em consequência. Assim vemos na história da sociedade o modo de trocar os produtos regular-se sobre o modo de produzi-los. A troca individual corresponde também a um modo de produção determinado que, ele mesmo, responde ao antagonismo de classes. Assim, não há troca individual sem antagonismo de classes” (MARX, 2004b, p. 74).

processo da vida social – pois é isso o processo de produção – dá-se exatamente a *mesma* relação que se apresenta na *religião*, no terreno ideológico: a conversão do sujeito em objeto e vice-versa. (MARX, 2004a, pp 55-56).

Marx é enfático: “Trata-se do *processo de alienação* do seu próprio trabalho” (Ibidem, p.56).

A análise, assim, que partiu da forma, permitiu-nos encontrar a realidade concreta (que, é preciso lembrar, não se realiza sem a forma). E, portanto, ainda que no plano lógico da forma os termos – capital-trabalho – se reconcilhassem, no plano sociológico esta conciliação é impossível. Evidentemente, no mundo da mercadoria, a corda quebra sempre para o lado mais fraco. Segundo Lefebvre, “não há classes sem lutas de classes, sem lutas políticas. Enquanto não entra na arena política, ao nível superior da *práxis* revolucionária, uma classe só existe virtualmente (é uma “classe em si” e não “para si”) (LEFEBVRE, 1968, p. 87).

De fato, as últimas duas décadas foram marcadas por um esvaziamento da luta de classe e pela generalização total da mercadoria em todos os domínios da vida. Os desdobramentos formais da mercadoria até suas formas mais abstratas de riqueza, acompanhados da crise estrutural do trabalho, manifestos em crises cíclicas cada vez mais agudas, não levou a um acirramento da luta de classes como parecia indicar a própria teoria. Isto significa que a teoria da luta de classe estava errada? Como vimos, *o conflito entre burguesia e proletariado tem fundamento na própria forma social*. Tal fundamento é objetivo e subjetivo, as relações tendem a se tornar conscientes ou não. Como se afirmou logo acima, enquanto não entram *na arena política*, as classes têm existência virtual, ou potencialmente. “Muito objetivo e subjetivo ao mesmo tempo, o conflito de classes é perpétuo, às vezes latente, às vezes manifesto, aqui escondido e surdo, ali explosivo. Ele só cessa de existir na aparência” (LEFEBVRE, 1968, p. 73). Neste sentido, a luta de classes é latente. Logo, compreender as tendências da sociedade de hoje, que é, olhando-se para trás, muito mais complexa e confusa que a do século XIX e do início do XX, é extremamente necessário para discriminar novos agentes no contexto sócio-político. Ocorre que o desenvolvimento das forças produtivas expulsa diariamente trabalhadores da atividade produtiva, jogando milhares de pessoas na rua da amargura. Afirmaremos aqui que novas categorias chocam-se com as antigas, tudo junto e misturado, num período de transição que

já se faz presente. São categorias da produção do espaço, anunciando que a sociedade urbana é ao mesmo tempo um fato e uma virtualidade. Quais seriam então os agentes revolucionários da tragédia contemporânea que descortina o século XXI? Recordemos que, em pouco mais de dois séculos, a classe burguesa monopolizou todas as funções do Estado, o aparato militar e policial, a burocracia, os principais veículos de comunicação, a produção de conhecimento, transporte, etc. A elaboração de uma estratégia, às vezes, grosseira, outras, refinadas, não pode ser desconsiderada na relação de dominação de uma classe que açambarcou e se beneficia de todos os recursos vitais da sociedade. Por outro lado, os órfãos do “socialismo real” herdaram apenas a antiga retórica, mas, capitulando seus princípios mais radicais, amarram todo tipo de acordo e negociação com as classes dominantes na distribuição do poder (*vontade de poder*). Fim do socialismo? Mas se colocássemos esta pergunta noutros termos? Transformar a sociedade essa era a missão histórica do operariado. Não se cumpriu. Por quê? Porque existiam inúmeras variáveis que não foram iluminadas pelas teorias, pois eram as sombras dos conceitos. Estas variáveis não se limitavam apenas aos limites da economia; mas também e principalmente à própria condição humana, desprezada pela razão teórica. Estas variáveis foram decisivas. Procuremos novos revolucionários? Sim. Encontraremos? Talvez.

O arrependimento de Fausto: *Que me importam as árvores verdejantes!*

Advertência: logo no início desta pesquisa, nosso trabalho foi interrompido por um “obstáculo teórico” que paralisava todo o seu desenvolvimento e questionava os nossos objetivos preliminares. Este *obstáculo teórico* apareceu com a “crítica categorial” (ou “teoria radical”), formulada pelo pensador alemão Robert Kurz. Seus adeptos, em geral colegas estudantes do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, interpelavam-nos com questões que colocavam em xeque conceitos já bastante consolidados para nós. Tais questões, às vezes, bastante elaboradas, outras vezes, afirmadas de modo dogmático e arrogante, obrigou-nos a estudar as concepções fundamentais da “crítica categorial”, às quais pareciam enveredar pelas mesmas searas por nós trilhadas. (Quem com ferro fere; com ferro será ferido). De modo geral, não ficamos convencidos de toda sua extensão, tanto nos seus fundamentos teóricos como nas suas consequências práticas. Porém, em contrapartida, o estudo da “crítica categorial” abriu outras perspectivas para o desenvolvimento da pesquisa. Contudo, grande parte dos textos utilizados não foi editada em livros, sendo antes publicada na internet ou ainda se encontrando em fase de tradução e publicação. Os textos são estes: “A substância do capital: o trabalho abstrato como metafísica social e o limite absoluto da valorização”, “Ontologia negativa: as eminências do Iluminismo e a metafísica histórica da Modernidade” e “Cinzenta é a árvore dourada da vida e verde é a teoria” de Robert Kurz; “Atualidade da filosofia”, “Sobre o sujeito e objeto”, “Para a doutrina da História da Liberdade”¹⁵ de Theodor W. Adorno; e “A produção do espaço”¹⁶, de Henri Lefebvre. O critério de referência para as citações destes textos foi a enumeração, muitas vezes arbitrária, dos parágrafos.

Na seção “O conceito negativo de substância do trabalho abstrato na crítica da economia política de Marx”¹⁷ do artigo “A substância do capital: o trabalho abstrato como metafísica social e o limite absoluto da valorização” (2004), de Robert Kurz, o autor disserta sobre o

¹⁵ Este texto é uma compilação de aulas ministradas por Adorno no ano de 1964, e que estão em fase de tradução pelo professor Jorge Grespan, do Departamento de História da FFLCH-USP. Foram utilizados aqui “Antagonismo e sobrevivência” (6ª. aula), “História universal ‘negativa’” (10ª. aula) e “Sobre a interpretação; conceito de progresso” (15ª. aula).

¹⁶ Utilizamos a tradução realizada em 2006, ainda em fase de revisão e estudo de publicação, por Ana Maria Simões, Doralice Barros Pereira, Pedro Henrique Denski e Sérgio Martins do Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana da Universidade Federal de Minas Gerais. Apesar de provisória, consideramos a tradução excelente, algo que parece ser uma constante nos trabalhos de Sérgio Martins, e por isso decidimos utilizá-la. Isto vem de encontro ao nosso propósito de transcrever as citações sempre na língua portuguesa. Portanto, as citações serão grafadas conforme os manuscritos: capítulo, parágrafo e página, que se iniciará sempre de acordo com a abertura de um novo capítulo, independentemente do conjunto da obra. Devemos lembrar também, que a “Produção do espaço” em língua original foi tema de estudo rigoroso, com duração de um semestre inteiro, realizado no curso de pós-graduação “A cidade e o urbano”, e ministrado pela professora Odette Seabra, da qual participamos como alunos.

¹⁷ Para fins metodológicos, os parágrafos mais fundamentais deste texto serão enumerados com algarismos romanos, enquanto os demais em algarismos arábicos. Esta distinção é necessária, pois visa dar conta do movimento de leitura que nos propomos a realizar.

conceito de *trabalho como categoria social*. Kurz defende a ideia acerca de uma aporia fundamental supostamente existente nas obras de Karl Marx e dos marxistas: *um princípio ontológico do “trabalho” e da abstração real especificamente capitalista trabalho (abstrato)*. Tal aporia repercutiria em vários aspectos teóricos e é, a seu ver, um impasse nunca resolvido. Enumeremos o teor de sua argumentação:

a) O *trabalho*, para Marx, tanto é *positivo*, “atividade criadora de riqueza”, como *negativo*, “indiferente” a um conteúdo, fonte do valor.

“Esta reflexão sobre o conceito de trabalho como categoria social é aporética sob vários aspectos. Assim, tanto a abstração como seu conteúdo social aparece, por um lado, como positiva, como ‘progresso’, como uma geral ‘atividade criadora’, como desenvolvimento de uma diversidade; e por outro, como negativa, como indiferença relativamente ao conteúdo” (KURZ, 2004, parágrafo XLVI).

b) O *trabalho* também, na obra de Marx, é tanto uma nomeação geral da atividade concreta como, ao mesmo tempo, uma abstração real (social) específica do capitalismo. Assim descreve Kurz:

“o ‘trabalho’ aparece, por um lado, como uma abstração ‘racional’, como mera designação genérica de ‘um rico desenvolvimento concreto’ de atividades; por outro lado, Marx não tarda a corrigir-se, chamando a atenção para que essa abstração não é ‘apenas resultado mental de uma atividade concreta’, mas a correspondência a uma ‘forma de sociedade’ em que essa abstração se torna real e assim definidora da ação” (ibidem, par. XLVI).

c) E finalmente, nesta mesma linha, o autor discorre sobre um sentido transistórico (ou ontológico) do trabalho e o trabalho enquanto categoria exclusiva do capitalismo:

“Marx por um lado mantém-se fiel à concepção de que a abstração ‘trabalho’ é uma ideia “antiquíssima” e ‘válida para todas as épocas’, por outro lado, porém, esclarece em simultâneo que se trata de ‘uma categoria tão moderna’ como ‘as condições que produzem essa simples abstração’ de modo que essa categoria acaba por ser o ‘produto de determinadas condições históricas’, nomeadamente das

modernas, possuindo ‘validade plena apenas para e no interior dessas condições’” (Ibidem, par. XLVI).

Após anotar estas *contradições*, Kurz conclui: “Esta argumentação aporética apenas pode ser resolvida se a categoria ‘trabalho’ for definida como uma abstração real e assim como histórica, moderna, capitalista e, por isso mesmo, *a ontologia do trabalho for de todo abandonada*” (Ibidem, parágrafo XLVII, os grifos são nossos). Tentaremos demonstrar o formalismo de tais afirmações e a supressão da dialética no desenvolvimento deste artigo.

Quanto ao primeiro aspecto (item “a”), é fácil responder. O trabalho enquanto positivo e negativo, não é uma aporia mas a dialética no seu sentido mais trivial. Ao mesmo tempo em que a produção capitalista significou historicamente um salto quantitativo-qualitativo nas condições materiais da vida social, gerando riqueza, sem precedentes; também, *superprodução é sinônimo de crise no capitalismo*. Aliás, num sentido ainda mais profundo, o trabalho, base da produção de toda riqueza, tem por fundo a expropriação e exploração do trabalhador (extração de mais-valia). Neste sentido, se pelo *trabalho* o capitalismo alcançou um estágio de produção suficiente para suprir quase todas as carências humanas mais elementares (por exemplo, a produção de alimentos); produziu também inaudita desigualdade entre classes sociais que separa abissalmente a sociedade entre ricos e pobres, jogando mais da metade da população mundial – pelo menos três bilhões de pessoas – na mais completa e absoluta miséria. Em nenhum outro momento histórico, uma “superclasse” acumulou tanta riqueza, *nem um pouco abstrata*, como na sociedade capitalista¹⁸. Nos seus primeiros escritos, Marx acrescenta:

“O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte

¹⁸ Os bilionários do mundo, aqueles cerca de mil indivíduos, têm, somados, uma riqueza maior do que a dos 2,5 bilhões mais pobres. (ROTHKOPOF, 2008, p. 92).

máquina. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador” (MARX, 2008, p. 82).

O segundo aspecto (b) é mais complicado de rebater, por ser mais sutil e confuso, mas igualmente formalista. Kurz aponta para dois sentidos de *trabalho* na obra de Marx: de um lado, a palavra da classe gramatical dos substantivos “trabalho”, válida para designar qualquer atividade produtiva ou, em suas palavras, “abstração meramente linguística, que exprime *coisas existentes no pensamento, sem com isso imediatamente atingir na prática o mundo físico e social*” (!!!) (ibidem, parágrafo XLIII, grifos nossos); e, por outro, o conceito da forma social específica historicamente determinada pelo capitalismo: a categoria social *trabalho abstrato*. “Se aqui na interpretação moderna se fala sempre de ‘trabalho’, tal é enganador, um anacronismo e no fundo um *erro de tradução* (o que de resto se aplica também a outras categorias especificamente modernas e associadas à relação de fetiche da valorização do valor, tais como a política, o estado, etc.)” (Ibidem, parágrafo XLVI, grifos nossos). Ou melhor, para Kurz, a nomeação da atividade produtiva por “trabalho”, coisa existente apenas no pensamento, na melhor das hipóteses, é um “erro de tradução”; ou, na pior, um anacronismo, pois o *conceito de trabalho*, enquanto categoria própria do fetiche moderno, projeta categorias atuais a um tempo futuro ou passado remoto. A querela dos universais, motivo de contendas calorosas entre os filósofos medievais, parece aqui ganhar novo fôlego: haveria um ideal das coisas ou do ser humano, de onde coisas, homens e mulheres seriam cópias imperfeitas (idealismo, platonismo); ou o conceito de coisas ou do humano seria inferido do conjunto de coisas, homens e mulheres reais (nominalismo, aristotélico)? Aqui há pelo menos dois problemas: primeiro, a confusão entre conceito, representação, ideia e realidade; e, segundo, o fetiche moderno, por ser inerente à consciência, impõe limites formais ao conhecimento.

Portanto, Kurz introduz uma questão de ordem linguística que vale a pena aprofundar um pouco, pois é central em toda argumentação. Kurz afirma que: “Na medida em que a abstração ‘trabalho’ foi adotada como conceito pela sociedade moderna a partir da área linguística indo-europeia, ela teve de ser sujeita a uma redefinição completa; é que nessas línguas o ‘trabalho’ designa sempre a atividade específica dos escravos, dependentes, menores, etc. (...)” (Ibidem, parágrafo VIII). A “abstração ‘trabalho’” não foi *adotada* pela sociedade moderna como *conceito* (liberalismo) e tampouco designava nas

línguas indo-europeias *sempre* tarefa específica de *escravos, dependentes, menores, etc.* As raízes da palavra “trabalho” se perdem na história das tribos e povos de origem indo-europeia. Mas a referência em latim moderno da palavra *trabalho* aparecerá somente num tratado de direito do ano de 1124: *Qui miserit litem aut **trabalio** inter nos uel cum seniore* (em *Leges et Consuetudines*). A origem mais admitida de trabalho é, no entanto, uma analogia a um instrumento de tortura usado pelos romanos e denominado *tripalium* (o suposto erro de tradução). Porém, é muito difícil precisar exatamente a evolução de uma palavra; e é sempre aberta e especulativa a metodologia empregada pela etimologia, de onde se obtém resultados por analogia, sinonímia e metáfora. Por isso, consideramos importante apontar uma outra versão etimológica da palavra *trabalho*, também bastante admitida, cujo radical permanece quase inalterado: *trabs*, de viga, trava, trave, través (a-traves-sar, des-trav-ar etc); de onde *trabare*¹⁹. Se no primeiro caso a ideia principal é a do *sofrimento*; no segundo, é de *objeto*, por hipótese, instrumento. Feitas estas observações pontuais, não existia, portanto, a palavra “trabalho” entre os latinos, que usavam outros termos, como, por exemplo, *labor* e *opera*²⁰. E assim como hoje, uma palavra pode conter uma gama variada de significados, os termos antigos também eram muito mais ricos do que supõe Kurz. No caso dos termos correspondentes a “trabalho”, estes não designavam especificamente ao *trabalho escravo* (menores ou dependentes), pois a própria noção de trabalho era muito mais complexa. Vejamos alguns exemplos ilustrativos disso. Recordemo-nos primeiro do célebre nome do ditador Cincinato, que atravessou gerações como sinônimo de *virtude romana*. Patrício avesso aos direitos da plebe, depois de rechaçar

¹⁹ “La etimologia generalmente admitida es la del 1. *Trabs, trabis*, viga, de donde salió em primer término um tipo de *trabare*, (...) Como orígenes 1. se han propuesto el verbo *transversare* (mover de una a otra), una c. de *terra* (tierra) y *laborare* (labrar), y también los verbos *tribulare* (trilhar, sribular) y *terere* (quebrantar, romper), así como el c. *trans-vigilia*, insomnio, falta de sueño. (...) Algunos se han fijado en el cimbrio *trafod*, trabajo, outros em gaélico *treabh*, labrar; y hasta se há pensado en el italiano *vaglio*, tamiz, que viene del 1. vallus, cribo o arnero, admitiendo como idea primordial de trabajar la de movimiento de vaivén” (MONLAU, 1941, p. 1092). É de se notar também que em diversas línguas indo-europeias o latim *trabs* é *treb* também significa *morada, vivenda, taberna*. (ROBERT E PASTOR, 1996).

²⁰ Os romanos usavam também a palavra “opera” para designar trabalho; por exemplo, a dívida de um recém-liberto para com o seu patrono podia ser paga em trabalho, denominada *operae libertorum*. *Op* é produzir em abundância, e por extensão “poder” e “riqueza”; daí as palavras *ótimo, copioso* etc. Hesíodo, poeta grego que viveu entre os séculos VIII e VII a.C., autor da célebre *Teogonia*, em seu não menos célebre *Trabalhos e dias* (Ἔργα καὶ Ἡμέραι), uma espécie de calendário agricultor repleto de admoestações morais ao seu irmão Perses, inclui, dentre os significados de trabalho, o *vestuário*, a *astronomia*, a *navegação* e o *comércio*. Deste modo, a palavra grega *erga* dá conta de uma produção no sentido amplo, e é, no fundo, o canto das Musas, como salienta a tradutora Mary Lafer: “Há alguma discussão entre os estudiosos sobre o fato de *érgon* ser aplicado aqui somente como trabalho agrícola, porém, se observamos o resto do poema, veremos que ele carrega um sentido mais amplo de ‘trabalho’” (LAFER, in: “Os trabalhos e os dias”, 1996, p. 63).

a ameaça de invasão de povos inimigos de Roma, Cincinato retoma sua vida simples de homem do campo e, como habitualmente fazia, torna a arar suas terras com suas próprias mãos. Escutemos agora o grande poeta Ovídio, nas suas “*As quatro idades*”. Na *Idade do Ouro*: “A terra mesma também, livre e intacta do ancinho, e não ferida por qualquer arado, dava tudo por si; e (os homens) contentes com os alimentos, produzidos sem ninguém forçar, colhiam os frutos do mendronheiro, e morangos da montanha [...] a terra não lavrada produzia searas, e o campo não renovado ficava branco de espigas cheias”. Na *Idade da Prata*, porém, sob a égide de Júpiter, “pela primeira vez as sementes de Cêres foram lançadas em longos sulcos, e os novilhos gereram oprimidos pelo jugo”. Passemos agora para a “Eneida”, do não menos grandioso Virgílio, e de onde se lê os seguintes versos: *Aeolus (dixit) haec contra: O Regina explorare quid optes (est) tuus labor...* (Éolo (disse) estas coisas em resposta: Ó rainha decidir sobre o que te desejas (é) teu trabalho...). Nota-se aqui que no contexto reportado por Ovídio há um uso especificamente relativo ao trato da terra (lavrada), mas em Virgílio, *labor*, ao contrário, é usado em sentido genérico, figurado, designando as prerrogativas de uma rainha, a poderosa Juno. Se a palavra fosse restrita à atividade de “menores”, ou melhor, de *escravos*, não seria demasiadamente arriscado para o deus do vento dirigir termos depreciativos à dignidade soberana, sem temer castigo, de tão caprichosa divindade do Olimpo? Todo o equívoco dessa argumentação nasce em considerar as sociedades antigas por esquemas simplistas e didáticos. Basta se aprofundar um pouco na história antiga para descobrir que estes preconceitos caem por terra. Sem dúvida, o “*panem et circenses*” é uma quimera renascentista.

Assim, Kurz gostaria de nos fazer crer que a palavra moderna “trabalho” é tão genérica que se aplica a todas as classes sociais indiscriminadamente. Porém, é bastante claro o sentido pejorativo em “trabalhadores”. Ademais, voltando às palavras – seja qual for a origem delas – e as coisas, é sempre um mistério insondável as analogias, que se perdem em sedimentos temporais sem fim, e que nomeiam as coisas arbitrariamente por sinais sem relação imediata à coisa representada, senão pela associação de imagens e idéias constituídas historicamente. A raiz da palavra “desejo” (*desiderium*), por exemplo, guarda um pouco do brilho das *estrelas* do espaço *sideral*: radicais *sed* (“sentar-se”) ou *es* (“ser, estar”). Isto parece intrigante e sem nexos. Todavia, talvez, *desejo* foi associado à libertinagem, ao ócio, e conservava por analogia uma qualidade semelhante a das estrelas:

sempre imóveis no céu em comparação aos planetas (*errantes*). Tais construções semânticas que ganham vigor e uma autonomia imperscrutável no léxico gramatical de uma língua viva pressupõem anteriormente um *estado vivido*; supõem a repetição e abstração de sensações fixadas em símbolos e signos cristalizados por força do hábito²¹. Ou seja, a linguagem não é natural mas uma construção histórica e abstrata, e não se realiza senão por tácita imposição social; como podem provar os exaustivos e torturantes exercícios de decoração e soletração na língua inglesa; ou porque *casa* se escreve com “s” e não com “z”, etc. Enfim, não há nada de errado na seguinte frase: *na Antiguidade, os escravos trabalhavam à exaustão*. Obviamente, não se trata do *trabalho assalariado* do capitalismo. Mas, de fato, a palavra “trabalho” possui muitas acepções e dentre elas destaca-se a: **“aplicação das forças e faculdades do ser humano à produção”** (Dicionário Laudelino Freire).

Embora esta discussão seja estritamente formal, e ao nosso ver infrutífera, Kurz a leva às últimas consequências, enquanto a exposição de Marx é, por outro lado, dialética. Deste modo, a razão dialética *põe* historicamente a existência do conceito²²: o imediato que, pela prática, se torna mediato (abstrato) e, este, novamente imediato, num plano superior: a linguagem como *segunda natureza*. Por outro lado, em que medida a palavra ou conceito pode se arrogar à pretensão de tamanha *transparência*? O que autoriza esse despotismo do conceito? Esse monstinho não tem esse direito! A não ser que se coloque a lógica da identidade no plano central de toda a discussão e o conceito corresponda exatamente ao objeto, de modo *absoluto*²³.

²¹ Se pensarmos em termos de uma nomeação adamítica, recordemo-nos que Adão foi amaldiçoado a “tirar da terra o alimento com muito trabalho” e Eva, depois do pecado original, foi condenada a sentir as dores do parto (uma das acepções da palavra trabalho). Parece que entre os italianos, *travaglio*, é usado somente neste sentido. A julgar pelos textos de Kurz, uma mulher, na Itália, em trabalho de parto não vai parir um bebê mas, sim, o fetiche da mercadoria!

²² Acerca da refutação da prova ontológica por Kant, Ruy Fausto escreve em seu livro de 1983: “Vê se que em Kant é preciso separar as determinações de um conceito e a sua existência ou sua posição, sendo a posição exterior às suas determinações. Para Hegel e Marx, pelo contrário, o conjunto das determinações não esgota o conceito. Mesmo plenamente determinado, o conceito não é ele próprio se não for posto” (FAUSTO, 1987, p. 106).

²³ A visão pessimista do signo remonta de longe. Ela se encontra em Hegel, negatividade em seguida compensada pela positividade do saber. Ela se reencontra, mais aguda em Nietzsche, poeta filólogo, filósofo ou sobretudo, metafilósofo. Para Nietzsche, a linguagem como tal tem um caráter *anafórico* ainda maior que metafórico. Ele sempre vai da presença, para alhures, e sobretudo para uma hipervisualização que, por sua vez, o mata. Aquém do saber e além, existe o corpo e os atos do corpo, sofrimento, desejo, gozo. Para Nietzsche poeta, em que consiste a poesia? Em uma metamorfose dos signos. No decorrer de uma luta que supera a oposição do trabalho e do jogo, o poeta arranca as palavras da morte. No encadeamento de signos,

O terceiro aspecto (c), relacionado ao conceito propriamente dito, o trabalho em Marx aparece em sentido ontológico, isto é, “válido para todas as épocas” e ao mesmo tempo como categoria específica do capitalismo. Ora, Kurz afirma que Marx se “mantém refém da ontologia do trabalho protestante e iluminista”. Neste sentido, como afirma Weber em seu clássico “Ética protestante, espírito capitalista”, o trabalho, conforme a tradição protestante, é um fim em si mesmo, uma *vocação*²⁴. Ora, ao nosso ver, Kurz está mais preso dessa concepção do que Marx²⁵. No fragmento dos *Grundrisse*, transcrito por Kurz no artigo, Marx escreve: “Foi um progresso enorme quando Adam Smith deitou fora cada uma das definições da atividade produtora de riqueza – trabalho puro e simples, nem de manufatura, nem comercial, nem agrícola, mas tanto um como outro” (Citado no texto, parágrafo XLV). E, o mesmo Marx, nos “Manuscritos econômico-filosóficos”, afirma que Engels *tem* razão quando diz que Adam Smith é o Lutero da economia política, pois este mostrou que a *riqueza* não tem um valor em si, objetivo, como pensavam os mercantilistas e fisiocratas; mas que, inversamente, é fruto da atividade humana (“essência subjetiva da propriedade”), que é *o trabalho*. Porém, a confusão toda está em não apreender o movimento dialético que Marx se atém. “*A economia nacional oculta o estranhamento na essência do trabalho porque não considera a relação imediata entre trabalhador (o trabalho) e a produção*” (Manuscritos, p. 82). Aqui Marx não poderia ser mais claro: o liberalismo abstrai o trabalho de suas implicações materiais e o converte em mercadoria pura e simples. Deste modo, Kurz não leva na devida conta a dialética, tomando o conceito de “trabalho” como um fim em si mesmo, exatamente como faz Weber

ele substitui a vida à morte. Nesse sentido, ele a decifra. Luta terrível quanto a armadilha que move o terreno sobre o qual se orienta. O poeta, por felicidade, encontra ajuda e recurso: o músico, o dançarino, o ator perseguem a mesma tentava, marcada de angústia, recompensada por incomparáveis gozos. (LEFEBVRE, Cap. II, par. 185, p. 96).

²⁴ O trabalho deve, ao contrário, ser executado como um fim absoluto por si mesmo – como uma vocação (Weber, M. “Ética protestante, espírito capitalista”, 1987, p. 39). Isto fornece uma base das mais favoráveis para a concepção do trabalho como um fim em si, como valor um valor que é condizente com o capitalismo; as oportunidades de superar o tradicionalismo são aqui muito grandes devido à educação religiosa. (Ibidem, p. 40).

²⁵ Sabe-se que Max Weber quis, deliberadamente, contrapor à tese materialista de Marx sobre a origem do capitalismo por um viés idealista. O sociólogo alemão tentou demonstrar que o capitalismo se originou pelo *ethos* protestante, ou seja, pelas idéias. Vejamos esta passagem de *O Colapso da Modernização* de Kurz: “As concepções ideológicas são sempre por si mesmas mais lógicas e consequentes do que a realidade social que as desfigura e reproduz em formas adulteradas. No curso histórico das formações sociais elas podem, por consequência, surgir como reais ou realizáveis somente na realidade de um período posterior, já antecipada por estas concepções – supondo-se que estas constelação (da qual seriam apenas uma ficção prévia) de fato venha a ser reconhecida e decifrada” (KURZ, 2004, p. 36).

e os liberais. Como já foi dito, um certo fetichismo da linguagem acompanha toda a argumentação de Kurz; em última análise, é o mundo supra-sensível em detrimento do sensível, do corpo²⁶.

Mais adiante, Kurz escreve que

em muitas sociedades da história, entre outras também nas chamadas culturas superiores como o Egito antigo, nem sequer existia uma categoria de atividade geral abstrata. Mesmo nas sociedades onde parece existir um tal conceito genérico nominal (mesmo aí *não há nenhuma abstração real*), trata-se de áreas de atividade muito limitadas, e *nunca de uma generalidade social* de “*atividade em geral*”. (Ibidem, sétimo parágrafo, os grifos são nossos) E ...não se trata (a atividade específica dos escravos, dependentes, menores, etc.), portanto, de um conceito genérico mental para diversas áreas de atividade, mas sim de uma *abstração social* (e nesta mesma medida também de uma *abstração real*, neste sentido especificamente pré-moderno), porém, precisamente por isso não de uma generalidade social, não de uma categoria de síntese social como na modernidade. (Ibidem, par. XLVIII, os grifos são nossos).

Ora, como veremos, “generalidade social” ou “categoria de síntese social” não é senão a substituição do *Estado* hegeliano pelo trabalho abstrato ou fetiche da mercadoria. Na verdade, em sociedades complexas como a do Egito antigo a produção era, de fato, limitada; mas, mobilizava quase toda a sociedade, como atesta qualquer manual de história e mesmo o bom senso (afinal, as pessoas precisam produzir, trabalhar para sobreviverem). Verifica-se, segundo relatos históricos, antediluvianos, como a Bíblia, que nestas sociedades, como conta a história de José, havia grande estocagem de alimentos, confecção de instrumentos diversos, conhecimento da natureza (a terra, os céus e as estrelas, estações do ano), etc.

²⁶ O poeta que fala pela boca de Zaratustra quer pôr fim à separação do mental, do social e do natural, e, por conseguinte, à dissociação entre Verbo e Carne. Quer mudar pela base a relação do corpo pela linguagem, cessando de valorizar a própria linguagem como abstração. Para Nietzsche, ao contrário do que para Hegel e Marx, não existe *abstração concreta*. Rejeita este quase-conceito que permite conferir a todos os momentos um estatuto análogo inflectindo-se quer para o lado abstrato quer para o lado concreto. O “concreto” é o corpo. O abstrato, portanto a linguagem (a lógica? Esta, incorrigível, não pode renunciar à sua abstração formal sem se destruir) deve converter-se ao concreto, converter-se ao corpo. O que nada tem de comum com a “corporeidade” dos filósofos. (LEFEBVRE, 1976, p. 236).

Desde a lança de osso à pedra lascada, do bronze ao ferro, do arado à invenção da roda, da máquina a vapor ao computador, etc. (estes sentidos da *praxis*), há atividade produtiva em épocas imemoriais que ao mesmo tempo transforma os seres humanos e a natureza. (Sem esses utensílios, por exemplo, os instrumentos de caça, os seres humanos sequer sairiam da base da pirâmide alimentar e provavelmente estariam hoje extintos). Por outro lado, curiosamente, Kurz afirma que a atividade menor de escravos e dependentes também fora, em outros tempos, uma *abstração social* (*abstração negativa real* especificamente pré-moderna), embora não constituíssem uma *atividade de síntese* ou “atividade em geral”. Mas, *generalidade* não é *redução* em sentido dialético²⁷. O que muda tudo. Se nossa leitura de Ruy Fausto for correta, Marx compreende a constituição da *substância* do capital por meio de uma *redução* (dialética) de todos os *trabalhos particulares*, de natureza qualitativa, na divisão social do trabalho, a um *único trabalho social*, de natureza quantitativa, homogênea. Tal redução, que subentende uma inversão, na medida em que o trabalho útil é subjugado com vistas à produção de valor, só se efetiva mesmo no capitalismo. O trabalho único – *abstrato*, porque lhe é indiferente à qualidade do trabalho desempenhado no processo produtivo – como *substância* do capital, não é uma generalização, tampouco uma média. Neste sentido, no modo de produção capitalista é bastante concernente em termos conceituais o desdobramento dos termos (contraditórios) *trabalho concreto* e *trabalho abstrato*. Sem um não se compreende o outro.

Entretanto, no parágrafo XLIX do artigo, Kurz afirma que Marx mantém uma aporia nas definições de “trabalho abstrato” e “trabalho concreto” em sua obra *O capital*²⁸ e, por incrível que pareça, argumenta por meio do mais puro formalismo lógico! Segundo Kurz, “em rigor, a designação ‘trabalho abstrato’ representa um pleonasmo lógico (como por exemplo ‘cavalo-branco branco’), uma vez que o atributo já está contido no próprio conceito; é que, de fato, o ‘trabalho’ já é uma abstração” (Ibidem, XLIX). *O trabalho já é uma abstração?* Isto é um absurdo. O que Kurz quer dizer aqui é que *trabalho* é e somente é uma *palavra*, uma representação mental e semiológica vazia. Ora, “o atributo já está

²⁷ “Esse movimento que conduz ao valor como fundamento da troca e ao trabalho como substância do valor não é uma generalização, mas uma *redução*. Razão pela qual o valor de uso em geral não poderia servir como denominado comum. Só se teria isto como uma generalização que de resto nos conduziria a uma teoria subjetiva do valor” (FAUSTO, p. 150).

²⁸ “Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é... uma condição existencial do Homem, independente de todas as formas de sociedade, uma necessidade natural eterna para mediar o metabolismo entre Homem e natureza, ou seja, a vida humana” (Das Kapital, vol. I, MEW, p. 57). Citação de Kurz.

contido no próprio conceito”? Aqui trabalho é tido por um axioma, o que nos lembra a célebre discussão kantiana sobre juízos analíticos e sintéticos. Todavia, desde quando “trabalho” é um juízo analítico, evidente por si mesmo, independente dos sentidos e de toda a experiência? (“...o predicado B pertence ao sujeito A como algo contido (ocultamente) nesse conceito A, ou B jaz completamente fora do conceito A, embora esteja em conexão com o mesmo. No primeiro chamo juízo *analítico*, no outro *sintético*”; Kant, em “Crítica da razão pura”, quer provar que a grande maioria dos juízos são sintéticos, inclusive os juízos matemáticos). Mesmo se admitirmos “trabalho” como um axioma (o que seria improvável), mesmo na lógica formal, sua proposição implicaria num conteúdo concreto, contraditório à forma lógica e, num nível superior, correspondente a ela (lógica dialética) (Ver o brilhante estudo “Lógica formal/lógica dialética”, em que Lefebvre demonstra que mesmo as proposições tautológicas abrem-se um campo, pela repetição, a um conteúdo). Mas Kurz prossegue em seus deslizes lógicos:

Inversamente, o conceito ‘trabalho concreto’ representa uma *contradictio in adjecto* (como por exemplo ‘cavalo-branco preto’), já que está em contradição com o conceito; uma abstração (mesmo conceitualmente, apenas nascendo no terreno de uma abstração real social) o ‘trabalho’ não pode ser per se ‘concreto’ no sentido de uma determinada atividade. (Ibidem, parágrafo IX).

Esta frase é incompreensível, evidenciando um mal-exemplo do princípio aristotélico do terceiro excluído: cavalo-branco preto²⁹ (Alguns cavalos são brancos, outros são pretos, outros malhados!). Neste sentido, o trabalho é trabalho e não pode ser não-trabalho. E ainda, por tabela, Kurz consegue a proeza de colocar o trabalho ao lado dos conceitos tradicionais da metafísica! O que Kurz quer provar, diga-se de passagem, arbitrariamente, só pode ser admitido dogmaticamente, através da revelação de um guru. O

²⁹ A lógica de Aristóteles, ou lógica *formal*, opera de maneira similar. Aristóteles buscou as condições de uma língua universal, as regras para um emprego necessário de termos criados pela prática social, pela linguagem corrente. Tal como o gramático, que distingue os termos, as proposições, as frases, a lógica formal distingue e define : os termos lógicos (idéias ou *conceitos*, isto é, sobretudo os substantivos ou adjetivos substantivados, como “branco” ou “brancura”); os julgamentos (implicando um sujeito, um verbo, um atributo); os raciocínios. Finalmente, a lógica formal – deixando de lado qualquer conteúdo, qualquer sentido que possam ter esses termos lógicos, qualquer objeto por eles designados – determina através do puro pensamento as regras do seu emprego correto, ou seja, as regras da *coerência*, do *acordo do pensamento consigo mesmo*. (Por exemplo: é uma Regra de todo pensamento corrente que ele não deve ser destruído por uma *contradição*.) (LEFEBVRE, 1995, p. 81).

fetichismo da mercadoria torna-se fetichismo da linguagem³⁰. De todas as refutações da prova ontológica, esta é com certeza a mais desastrosa!

Toda palavra é abstração (separação, determinação, negação), seja ela trabalho, cadeira, cavalo etc. O conjunto de fonemas, isto é, dos sons, não tem relação alguma com os signos representados por letras e ambos são distintos do objeto representado, que, no entanto, em outro nível, circunscrito a um determinado contexto sócio-cultural etc., coincidem-se. Por exemplo, a palavra “cavalo” não *contém* em si o animal que representa nem tampouco a forma sonora com que é pronunciada: na língua dos bosquímanos a palavra “cavalo” nada significa, sonora e graficamente. A representação *cavalo* não é inerente ao animal denominado por esse nome. Entretanto, em sentido histórico e dialético, o *conceito cavalo* contém o animal e *vice-versa*. O que é mais chocante na dialética é que o conceito, que se constitui no devir, se torna objetivamente real³¹. Ora, mas isso não significa que a palavra “cavalo” corresponda exatamente ao animal representado e deste modo seja possível prescindir completamente do *animal cavalo* e cavalgar por aí apenas com o conceito. Isto seria levar longe demais o idealismo³². Mas não há um abismo

³⁰ O erro, portanto, é definido pela *unilateralidade*. Essa pode ser mais ou menos grave; ou seja, a parcela de verdade (de realidade) que o pensamento isola, na qual ele fixa a fim de levá-la ao absoluto e à qual ele acrescenta interpretações fantasistas para completá-la, pode ser mais ou menos estreita. Quais são os efeitos da unilateralidade? Ela nega o resto do mundo, esquece-o ou finge esquecê-lo. Fixando-se no pouco que atinge, o pensamento nega o movimento. Assim elimina (aparentemente) a contradição dialética. (...) A contradição tornada exterior e insolúvel, deixa de ser dialética para tornar-se *destrutiva*: o pensamento unilateral saltará em pedaços; o pensamento, a história, o conhecimento levarão consigo, malgrado ele, o pensamento unilateral; mas o destruirão em sua forma, em vez de enriquecê-lo progressivamente. O seu conteúdo lhe escapa.... (LEFEBRE, 1995, p. 266).

³¹ A contradição impele o pensamento de estacionar, “impele-o para frente”, *ao mesmo tempo* porque o pensamento só é verdadeiro em movimento e porque o real é móvel. A unidade é, *ao mesmo tempo*, a unidade do pensamento consigo mesmo e aquela do pensamento com o real; e finalmente, aquela do próprio real (que é alcançada através das contradições) (LEFEBRE, 1995, p. 260).

³² A pergunta se a linguagem é a expressão adequada das realidades, Nietzsche responde sem rodeios: Não. Prova-o a existência de numerosas línguas muito diferentes. Numa dada língua, determinado “objeto” é masculino, noutra, feminino (o Sol: *die Sonne*; a Lua: *der Mond*). Por quê a árvore no feminino, o arbusto no masculino? Quanta arbitrariedade na transposição! O que é uma palavra? Saussure dirá que a palavra “cão” faz corresponder um *som* (significante) a um conceito (significado). Nietzsche denuncia antecipadamente a falsidade desta análise que pressupõe o conceito (cão). *A palavra consiste tão-somente na representação de uma excitação nervosa*. Que é o “objeto” cão? Apenas uma série de impressões, assim como “a pedra” ou “a serpente”. As palavras e a linguagem designam unicamente *relações* (entre as coisas e os seres humanos); exprimem *metaforicamente* estas relações. Daí resulta que a metáfora e a metonímia estejam longe de possuir o caráter de “figuras” do discurso, do segundo grau ou código segundo, implicando já a uma codificação-descodificação ao primeiro grau (denotação, conotação). Nada têm de retórico, antes presidindo, como fadas boas ou más, ao nascimento da linguagem. Existe já metaforização no fato de transpor uma excitação nervosa (táctil, auditiva, visual) numa linguagem e depois num som. Deverá entender-se *metáfora* num sentido “forte”: salto de uma esfera para outra, capacidade de transformar um ser noutro – *metamorfose*. (LEFEBVRE, 1976, p. 200).

intransponível entre a Ideia e o mundo real. O conhecimento se dá pelas contradições – ou melhor, na não-correspondência – e são por elas que surgem *momentos* passíveis de analogias ou diferenças no tempo vivido, que implicam num duplo-reconhecimento, isto é, na repetição que se reencontra de novo³³. Mas, novamente recaímos na crítica da linguagem!

Na realidade, como já foi dito, o *trabalho concreto* é o trabalho independente (privado, qualitativo) – atividade sensível – que transforma a materialidade caótica do mundo: o trabalho de um ferreiro, por exemplo, na Idade Média. Num determinado momento histórico, porém, este ferreiro foi desligado de seus meios de produção, isto é, de seus instrumentos, passando a deter apenas de sua capacidade de trabalho. Esta capacidade de trabalho foi oferecida, em troca de dinheiro (jornaleiro) – ou meios de subsistência –, a quem possuía os meios de produção: no caso o martelo, a matéria-prima ferro etc. O trabalho aqui *é posto*, isto é, isolado enquanto mercadoria. Para o empregador, pouco importa como o ferreiro é, se é alto, baixo, loiro, moreno etc., seu interesse incide apenas na capacidade deste de exercer a atividade para qual foi designado (trabalho). Ou seja, importa que ele seja um trabalhador. A célebre metonímia existencialista, “a essência precede a existência”, aqui passa a fazer um enorme sentido: o indivíduo vale apenas enquanto um atributo, neste caso, possuidor de força de trabalho e *ser trabalhador*. Assim sendo, o *trabalho alienado* torna-se um *universal*³⁴.

Mas, depois de desqualificar o precioso conceito de “trabalho concreto”, numa tacada só, num único parágrafo de apenas sete linhas, e com argumentos calcados na lógica formal, Kurz escreve de maneira arrogante: “sem dúvida Marx não tem plena consciência do que verdadeiramente está a refletir, visto que quer ater-se a um momento ontológico e

³³ Para melhor entendimento do que foi dito, ler o capítulo “Théorie des moments”, do livro “Critique de l vie quotidienne” Vol II, de Henri Lefebvre.

³⁴ Marx diz do trabalho que é contrário (*Gegenteil*) ou o contrário imediato (*unmittelbares Gegenteil*) ou o oposto (*Gegensatz*) do trabalho concreto; e do valor ele diz que este é contraditório do valor de uso. Os críticos põe em dúvida o rigor dessa determinação. Ela seria efetivamente rigorosa? Percebe-se imediatamente que dizer que o trabalho abstrato é o contrário (ou o contrário imediato) do trabalho concreto (e que o valor é o contrário do valor de uso) não tem muito sentido *se não se pensar o trabalho e o valor como universais concretos*. Se não introduzir a universalidade concreta, como legitimar a idéia de oposição? Em primeiro lugar, no que se refere às leituras vulgares, se o trabalho abstrato só é o gênero dos trabalhos concretos, não se poderia falar em oposição nem de contrariedade. O gênero não é o contrário de espécie: ele apenas subsume a espécie, e não se poderia afirmar que esta subsunção constitui uma relação de contrariedade. (...) Tudo muda se se pensar o trabalho abstrato (e também o valor) como universal concreto, isto é, como um objeto que contém ao mesmo tempo a universalidade e a singularidade. (FAUSTO, 1987, pp. 97 e 98).

trans-histórico da abstração ‘trabalho’” (Ibidem, par. L). O que Kurz quer dizer é que o fundamento do trabalho útil (concreto), presente em sociedades pré-modernas, é mais um erro metodológico que “ontologiza” o trabalho abstrato (mas por que não dizer só “trabalho”, afinal de contas, trabalho já não é em si mesmo uma abstração; por que ser redundante?). Seu alvo agora é o valor de uso. Segue o autor:

“O conceito de ‘utilidade para determinadas necessidades’, no entanto, não é nenhuma *categoria de síntese social* e por isso não pode ser simplesmente equiparado ao ‘valor de uso’, como Marx faz sempre. A categoria valor de uso apenas se reflete a uma utilidade abstrata (mais uma definição realmente paradoxal) e nessa medida ela própria é parte integrante da abstração real moderna; não é um conceito do ponto de vista das necessidades, mas sim um conceito de representação da mediação da forma do valor (o valor de uso de uma mercadoria como forma equivalente apenas exprime o valor de troca da outra mercadoria)” (Ibidem, par. L, grifos nossos).

E mais adiante escreve Kurz: “O valor de uso como designação apenas faz sentido na mediação com o valor de troca, como a polaridade da relação valor, e por isso está longe de ser ‘uma condição existencial do Homem, independente de todas as formas de sociedade’” (Ibidem, parágrafo LI). Acima, já esbarramos nesse problema: “categoria de síntese social”. Ora, todas as formas de sociedade têm necessidades, as mais elementares são alimentação, abrigo, vestuário, etc. Uma casa é útil, ou seja, tem um uso, pois protege, dentre outras coisas, das intempéries da natureza, como a chuva, o frio, o vento etc. Kurz, habitando no éter celeste (a rica Alemanha), joga por terra a dupla forma da mercadoria: valor de uso e valor de troca. De acordo com seu argumento, valor de uso já é valor. Se de um lado ele tem razão, “o valor de uso de uma mercadoria como forma equivalente apenas exprime o valor de troca da outra mercadoria”; por outro não, pois as mercadorias suprimem necessidades reais. De fato, para o capitalista pouco importa o valor de uso das mercadorias, seu objetivo é o valor; mas para quem as consomem, as necessidades ou utilidades das mercadorias não são ilusões. Curiosamente, Kurz só olha pela óptica do capital, do capitalista. Jamais se põe no lugar de quem precisa se alimentar para conter a fome, por exemplo. Sem dúvida, o objetivo de todo capitalista que se preze é *vender* (algo que Kurz sabe muito bem), porém, seu produto deve ter alguma *utilidade* (significação,

finalidade) para quem *compra*, ainda que esta necessidade historicamente seja inventada ou totalmente supérflua³⁵. Se uma mercadoria não atendesse a certos fins ou necessidades sociais, o capitalismo não poderia vingar. Por exemplo, numa sociedade primitiva um computador não é de modo algum uma necessidade, mas no mundo moderno, é um objeto imprescindível. Se assim não o fosse, como os epígonos de Kurz escreveriam suas teses? A questão é: o valor de uso não é acessível àqueles que não podem pagar. As necessidades são satisfeitas de acordo com o maior ou menor grau de poder aquisitivo de um grupo social.

Mas, depois de “corrigir” Marx, Kurz conclui com um certo desdém: “Uma vez que isto esteja clarificado, *talvez* possamos continuar a usar os conceitos de Marx, consagrados como estão, no entanto com uma compreensão alterada” (Ibidem, par. LI, grifos nosso). Kurz não se faz de rogado, pois, afinal, os conceitos de Marx já estão mesmos consagrados! Mas, Kurz do alto do seu pedestal de marfim (Alemanha), sorrateiramente, se apropria de todos os conceitos elaborados pelos estudos de Marx, embora se sinta um pouco hesitante por isso, desgostoso, mediatundo. Esse desdenhoso *talvez* não é, entretanto, mera opção ou uma contingência, pois essa “compreensão alterada” é justamente a parte que lhe convém da teoria de Marx. E é aqui que se dá uma reviravolta na definição de trabalho abstrato.

Diz respeito ao caráter material da substância do trabalho abstrato (sic), que como se sabe foi formulada por Marx como ‘dispêndio de nervo, músculo e cérebro’ independente do modo concreto desse dispêndio, seja sob a forma de trabalho de marceneiro ou de tecelão, etc. (ibidem, parágrafo LIV)

Ainda assim, a substância abstrata do trabalho não deixa de comportar algum conteúdo material ou ‘físico’ (pois um dispêndio de nervo, músculo e cérebro sem conteúdo simplesmente não é possível), mesmo que não se trate de uma substância natural imediata, mas de uma substância social enquanto abstração. (Ibidem, parágrafo LVII).

³⁵ Ainda assim, o capital não pode se tornar totalmente indiferente ao *conteúdo concreto das demandas sociais*. Para uma mercadoria emplacar é preciso grande investimento em pesquisa de mercado, sobre o perfil do consumidor alvo etc. Não basta ter capital e simplesmente querer vender qualquer coisa, como demonstram os manuais mais elementares e cursos de estratégia empresarial.

Primeiro Kurz formaliza o discurso, agora busca um conteúdo material do trabalho abstrato através de *processos metabólicos e fisiológicos humanos*. Num certo sentido, o autor substitui “trabalho concreto” por “dispêndio de nervo, músculo e cérebro” isolados em si mesmos: materialidade do trabalho abstrato. Ao resgatar essa definição do próprio texto de Marx, Kurz salienta, sem dúvida, um certo aspecto do trabalho abstrato, como por exemplo o fato de um operário apertar incessantemente um parafuso na linha de montagem, e nesse movimento gastar energia física. Mas não é justamente este o sentido histórico e lógico da *substância* do capital, algo que já havia sido criticado por teóricos do início do século XX, como Lukács e Adorno³⁶. O que suscita problemas³⁷.

Vejamos (a citação é longa, mas indispensável):

(...) E este abstrair da forma concreta do dispêndio de energia não é racional nem trans-histórico. Se, por exemplo, disséssemos a um egípcio antigo que estivesse a pescar que não estava simplesmente a apanhar peixe, mas que estava a despendar ‘nervo, músculo e cérebro’ em sentido abstrato, ele teria todos os motivos para duvidar da nossa saúde mental. Tal afirmação apenas faz ‘sentido’ no contexto da abstração real moderna. (Ibidem, par. LVI).

Trata-se de um dos lados da materialização da idealidade da forma fetichista (o outro seria a própria matéria natural moldada de modo reducionista), na medida em que sob o ditado desta idealidade da forma negativa, numa determinada referência social, se abstrai, não só conceitual, mas também praticamente, da forma concreta do dispêndio (que naturalmente não deixa de acontecer), estabelecendo como

³⁶ Na realidade, o trabalho abstrato não é nem uma construção do espírito, embora o espírito a reproduza, nem uma generalidade fisiológica: é o movimento da abstração que se opera no próprio real. A produção de mercadorias opera, ela própria, a abstração: e não nós, que nos limitamos a reproduzi-la – opera a *redução* (e o termo “redução” ao qual Marx volta não é sintomático) do concreto ao abstrato. A esse respeito, ver em geral os marxistas (ou dialéticos) de língua alemã, começando pelos clássicos: Lukács, Adorno. (FAUSTO, 1987, p. 123).

³⁷ Não é a realidade biológica da universalidade do trabalho que constitui o trabalho abstrato, mas a posição dessa realidade, e a posição não é mais biológica. A generalidade em sentido fisiológico (não mais do que a generalidade abstrata e subjetiva) – retomamos o problema num outro nível mais elevado – não constitui o trabalho abstrato: ela é apenas a realidade natural *pressuposta* à (posição) deste. A realidade social *faz com que valha* o que era apenas uma realidade natural. E que a abstração do trabalho em sentido fisiológico não pode constituir o trabalho é visível pelo fato de que lhe falta o momento da *singularidade*. A identidade do trabalho no nível fisiológico é a unidade dos trabalhos (fisiologicamente) idênticos. Com efeito, seria impossível dizer que só existe, lá, um trabalho, a menos que se os tome no nível da representação. Ora, essa unidade pode (e deve) ser atribuída ao trabalho abstrato. Ele é essa unidade (mesmo se, como diz Marx, esta unidade está “constituída por inúmeras forças de trabalho individuais”. Aqui a pluralidade é segunda). E é precisamente esta *unidade* que retira aos agentes a condição de sujeitos (...). (ibidem, p. 92).

essencial apenas esse mesmo dispêndio enquanto tal, independentemente da sua determinação concreta. (Ibidem, par. LVII).

Na abstração como abstração real permanece então como resíduo um conteúdo bem material, nomeadamente o dispêndio de ‘energia humana em geral’. Para o ‘sujeito automático’ do processo de valorização não é nada importante se são produzidos calças ou granadas de mão; só é essencial que no ato ocorram processos de combustão físicos humanos (dispêndio de energia) que possam ser representados como um quantum de valor; um procedimento em si absurdo. No entanto, esses processos de combustão acontecem realmente; o que é absurdo é apenas o fato de serem tratados e ‘representados’ independente da sua forma concreta, e por conseguinte do seu objetivo material e de conteúdo, o que acontece porque o objetivo social é precisamente essa representação fetichista. A redução ao processo de combustão físico é uma abstração social, mas lá por isso não é uma coisa do pensamento (como por exemplo um conceito genérico nominal), mas se refere a um momento bem real, e também por isso uma abstração real. (Ibidem, par. LVIII).

Eis novamente os egípcios vivendo a sua Idade do Ouro, no seu paraíso do Nilo, com sua varinha de pescar a apanhar peixinhos! (E, cá entre nós, as pirâmides do Egito ainda continuam um grande mistério!) Na verdade, *tal afirmação* não faz sentido nem para nós. O que nos deixa muito preocupados com algumas excentrici-da-de-zinhas do autor. Mas, de fato, o sentido de *abstração* é aqui colocado quase que literalmente: o de *separação*. Pois, em qualquer atividade humana, seja ela a simples contemplação ou o sono profundo, ocorre *dispêndio de energia humana*. É por isso que Kurz se refere a uma *abstração real pré-moderna* (abstração social negativa), pois, afinal, escravos, servos, dependentes ou menores também despendiam energia do “nervo, músculo e cérebro” na produção, independente de um conteúdo, pois o produto ou excedente – gerado por seu *dispêndio de energia* – também lhes eram expropriados. A diferença está em que esta “atividade” – *abstração real pré-moderna* – não era uma *atividade geral* ou *de síntese*. Aliás, que importa a *categoria de síntese*? Quer saber? Aos diabos com ela! Kurz, além disso, vai muito longe em seu formalismo dualista e diz abertamente que *combustão humana* não é um “conceito genérico nominal”, não é coisa do pensamento (???), “pois acontece realmente”! Fato que ninguém duvida. O problema é: quem define o que

“acontece realmente”? Na verdade, combustão humana ou de qualquer outro tipo também é um conceito genérico nominal sim-senhor. Ou ainda, seguindo o mesmo raciocínio: existem coisas do pensamento – “o trabalho” – que não acontecem realmente? A Ilha Perdida do monge Gaunilo, revisitada! E, outra vez, quem afirma isso e com base no quê? Sempre ele, Kurz, e com base na autoridade advinda de seu ego. Não seria melhor dizer que “trabalho” nomeia uma *atividade social* e “combustão” um fenômeno físico? O que há de errado com isto? Novamente, Kurz oscila entre o idealismo radical e um positivismo vulgar. À maneira dos neopositivistas, o sociólogo alemão reclama uma linguagem capaz de capturar plenamente seu objeto. (Se há um materialismo em Kurz, ele o é à maneira de Feuerbach).

Nota-se, entretanto, e de modo surpreendente, que nestes parágrafos fundamentais ressaltados acima *não* aparecem a palavra *trabalho*, e isto é sintomático, por se tratar de um momento central do texto.

Portanto, *trabalho* (ou atividade), em Kurz, *é e somente é o dispêndio de energia humana separado de seu conteúdo material e representado por um quantum de valor*. Cabem aqui algumas questões: 1 – Como se justifica o termo *trabalho*, no contexto da *crítica categorial*, apenas pelo do uso corrente da palavra “trabalho”, por um erro de tradução, ou porque foi adotada como conceito? Ou será que “trabalho” é uma nomeação arbitrária apenas porque os conceitos de Marx já estão mesmo consagrados? e 2 - Como se dá esta *representação* do dispêndio por um quantum de valor? Através da *compra e venda* de trabalho, isto é, de dispêndio de energia humana? Eis o problema, a segunda pergunta é desconcertante, porque implica o trabalho alienado e a existência de um dispêndio de energia (trabalho) não *assalariado* nas sociedades pré-capitalistas. A primeira é simplesmente arbitrária.

Sem dúvida, não é tão fácil escapar do conceito de trabalho. Se há processos de *combustão humana*, abstraídos de seu conteúdo, representados como um quantum de valor na idealidade da forma fetichista, então, num sentido inverso, qual atividade humana em que o dispêndio de energia não se separa de seu conteúdo nem tampouco é representada pelo fetiche moderno? Podem ser todas! Por exemplo, trabalhar, dormir, caminhar de manhã, dançar, ir a uma festa. Estas atividades, de acordo com a perspectiva kurziana, não são *trabalho* se não forem representadas pela forma do fetiche. Mas, se dormir, caminhar,

dançar, fazer um estilingue, etc. forem *representados* por um quantum de valor, então tudo muda: *tudo é trabalho*! Então não cabe rigorosamente aqui a palavra *trabalho* (tampouco *trabalho abstrato*), a não ser que o trabalho concreto esteja omitido (pressuposto) em toda argumentação, como um coelho na cartola. Mesmo que a *versatilidade* do trabalho desloque um trabalhador de um ramo da produção para outro, o trabalho concreto está sempre pressuposto, porque é a base material diferenciada.

Por outro lado, Kurz, em outro momento do mesmo artigo, afirma inversamente que a definição de trabalho útil ou concreto como uma atividade que transforma a matéria ou a natureza não é precisa, sendo mesmo desprovida de qualquer sentido, por ser uma definição extremamente genérica. Segundo ele, existem muitas outras formas de *alienações humanas*, e não apenas o trabalho concreto – que modifica a matéria. Kurz argumenta que, por exemplo, o setor terciário do capitalismo, isto é, prestação de serviços, não transforma a matéria (o que é altamente questionável) e mesmo que há muitos outros tipos de “alienações”, que não podem ser identificadas por trabalho, “como o jogo, o sonho, a contemplação, a sexualidade, o passeio, o prazer, etc.” (ibidem, par. C). (Aqui seria necessário precisar o conceito de *alienação*, que não é rigorosamente somente o de “externalização” mas, principalmente, o de “estranhamento”, como será discutido mais adiante). A *qualidade geral das alienações*, segundo Kurz, não é uma abstração social. O que torna *comum* diversas atividades humanas serem subsumida sob o conceito de *trabalho* é o fato, como vimos, dessa generalidade *representar* um quantum de valor (enquanto categoria de síntese). Neste sentido, se o fato do sono ou de ir a uma festa aumenta a produtividade do indivíduo no trabalho, pode-se inferir então que dormir e festejar *é trabalho*. Nesta perspectiva, o conceito de trabalho abstrato torna-se tão geral como difícil de definir: *é um Absoluto*. Pois tudo ou nada é trabalho! (Ao contrário, pensamos o inverso: que a festa, o sonho, o amor, a sexualidade, o passeio etc. são precisamente *momentos* irredutíveis à forma fetichista).

Porém, ainda falta concluir a crítica sobre o complicado conceito do fetiche moderno proposto por Kurz:

Esses processos de combustão (trabalho), quantificado em quantum de valor, de fato não é “*separado*” de seu conteúdo material, pois, “o que é *absurdo* é apenas o fato de serem tratados e ‘*representados*’ independente da sua forma concreta, e por conseguinte do seu

objetivo material e de conteúdo” (**parágrafo acima citado, os grifos são nosso**). Ora, a *separação é absurda*, porque de fato ela *não separa*, a não ser de modo ilusório (*tratados e “representados”*). Porém, como se dá essa *representação*? Quem a *representa*? Através da *consciência fetichista dos sujeitos*. Entretanto, não são apenas os processos de combustão que são ilusoriamente separados de seu conteúdo, mas “logo que os produtos se encontram produzidos, ele (o quantum de energia) também *pertence ao passado* e já não é tangível, e por isso não está contido nos produtos em *sentido natural ou físico*” (ibidem, par. LVIII). Logo, o quantum de energia também não existe nos produtos acabados mas continua representado como se o fosse (algo “em si”). É aqui que emerge o momento de um certo *kantismo* subjacente em toda argumentação da *crítica categorial*. E isto não é estranho, porque em Kurz há uma relação íntima entre teoria do conhecimento e crítica da sociedade. É preciso ler atentamente:

A ‘representação’ como processo físico nesta medida *ocorre apenas nas cabeças dos sujeitos* sociais assim constituídos... Ainda assim, tal ‘representação’ refere-se a algo que de fato não ocorre apenas nas cabeças dos *sujeitos*, como forma de percepção e de ação, mas que é uma realidade física, a saber, processos de combustão passados ocorridos em corpos humanos, dispêndio de unidades energéticas. (ibidem, par. LVIII, os grifos são nossos).

O *sujeito* aqui não é por acaso. O sujeito moderno, tanto o racionalista quanto o da experiência, diferentemente do sujeito lógico-gramatical dos escolásticos, é *ativo*. A revolução copernicana de Kant buscou pôr um termo na dicotomia do sujeito, mas com o prejuízo da “coisa-em-si”. Já o filósofo Hegel, retomou o conceito de trabalho dos liberais na *experiência da consciência*, pois o sujeito (consciência-de-si), por meio do trabalho do conceito, alcança a idéia, subordinando a realidade à razão. (E Marx reabilita o trabalho como um “direito natural” – trabalho-propriedade – dos empiristas pela ontologia do trabalho)³⁸. Deste modo, Kurz supõe *sujeitos* (racionais) que constituem um mundo

³⁸ O principal defeito de todo o materialismo existente até aqui (o de Feuerbach incluído) é que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do *objeto* [*Objekt*] ou da *contemplação*; mas não como *atividade humana sensível*, como *prática*, não subjetivamente. Daí decorreu que o lado *ativo*, em oposição ao materialismo, foi desenvolvido pelo idealismo – mas apenas de modo abstrato, pois naturalmente o idealismo não conhece a atividade real, sensível, como tal (...). (*Marx sobre Feuerbach* (1845), Tese 1, de Karl Marx).

objetivo, que, no entanto, se volta contra eles. “Trabalho” é uma categoria da consciência, que nomeia processos de combustão humana representados como de fato constituíssem objetivamente o *valor*. Tudo se passa como se nada de fato ocorresse e tudo ocorresse de fato na consciência: isto é, o quantum de energia, representado como valor, *não* foi realmente abstraído de seu conteúdo material mas também *não* está contido no produto final – tudo se passou *somente na cabeça dos sujeitos sociais* que realizam esta “representação”. Somente se tudo se passar na “cabeça” dos *sujeitos constituintes da realidade*, enquanto consciência fetichista, e for levado tão a sério por eles, em suas *representações*, que os processos de energia humana são “separados” do conteúdo material. Mas, na verdade, por serem *passados* já evaporaram e há muito tempo não estão contidos no conteúdo material. Noutras palavras, “representação fetichista” é o modo como os sujeitos percebem e reagem a processos de combustão pretéritos – denominados por eles de “trabalho” – e que são conscientemente “separados” de seu conteúdo concreto e supostamente agregados nos produtos atuais (o valor).

A forma da representação desta substância real, porém, nada tem em si de físico, sendo antes uma substância real, um modo de percepção e de ação socialmente constituído, em que as substâncias naturais e os bens produzidos são realmente tratados como se fossem objetos físicos de pura representação de processos de combustão passados em corpos humanos. (ibidem, par. LIX).

Esta representação de substância real, nada tem de físico, constituindo antes um modo de percepção e ação (social) que a compreendem como realidades físicas. Seguindo a tradição kantiana, as “categorias a priori” constituem ou moldam a realidade. Basta agora substituir estas categorias por “categorias” do fetiche da mercadoria. Logo, o sujeito-automático, “potência *exterior*”, não é senão um produto do *interior* da consciência dos sujeitos que é projetado para fora, como se tivesse autonomia. Também é uma representação compreender os produtos mercadorias como se contivessem “valor” em-si, e daí o fetiche. O dispêndio de energia humana passada, que aconteceu realmente como um processo físico, não só é ilusoriamente uma substância isolada socialmente e aparentemente agregada aos produtos finais como também é uma “representação” da *objetividade do valor distinta dos sujeitos sociais nos objetos*. Daí conclui:

Este conteúdo – quantum energético de força de trabalho realmente despendida – no entanto, como abstração é ‘fantasmático’, não só enquanto resultado da objetividade do valor, mas já no próprio processo do dispêndio, ou seja, em termos práticos, como definição de uma massa de dispêndio de nervo, músculo e cérebro separada da sua forma material. Proceder-se a determinadas transformações de matérias naturais com base na determinação essencial apriorística de que aqui são despendidos quanta de energia humana abstrata sem olhar à forma concreta do seu dispêndio – tal determinação é substancial num sentido material, que não é um sentido natural, mas sim social, e que não é transhistórico, mas sim historicamente específico da constituição do fetiche moderno” (ibidem, par. LX)³⁹.

Todavia, por questão de esclarecimento, já que os termos são bastante confusos, vale a pena refletir um pouco mais sobre (o quantum de energia) *que pertence ao passado e já não é tangível, e por isso evidentemente não está contido nos produtos em sentido natural ou físico* e “(...) tratando-se de um dispêndio definitivamente passado, não pode literalmente estar “contidos” nos objetos” (ibidem, par. XII) etc. etc. Ora, Kurz aqui põe por terra toda a teoria do capital no que se refere à transformação de trabalho vivo em trabalho objetivado (passado): *o trabalho morto ou capital constante*. Novamente, Kurz sacrifica todo o pensamento dialético do *tempo e espaço*⁴⁰. Do ponto de vista dialético, o trabalho morto é *não-trabalho*, mas tal negação é uma *negação determinada*, implica uma passagem de um termo ao outro, conservando o termo negado no interior de uma relação de identidade. Uma lata de tomate numa prateleira de supermercado, por exemplo, guarda em si trabalho humano (atual, presente), bem “palpável”, afinal, latas de tomate não nascem em árvores! O sentido mais literal do fetiche (feitiço) da mercadoria em Marx refere-se a um poder misterioso (metafísico) da mercadoria, tal como totens e objetos sagrados em comunidades primitivas. Tudo se passa como se a mercadoria fosse dotada de um poder intrínseco. Ou melhor, de um *valor intrínseco* que parece natural, pois este valor é resultado

³⁹ Nesta seção que analisamos mais demoradamente e que trata dos fundamentos propostos por Kurz, não aparece nenhuma vez sequer uma única menção à mercadoria.

⁴⁰ Cuando pensamos en una cosa que cambia, percibimos que no nos basta afirmar que el estado A desaparece simple y sencillamente y que aparece un estado B. Algo de A queda en B; la anulación de A no es brutal; pensamos todavía en A cuando pensamos en B. La conciencia ordinaria (el entendimiento, *Verstand*) se contenta con decir: “B es distinto de A”. La conciencia dialéctica percibe que esta palabra “distinto” oculta relaciones. La negación es una relación. Nuestro pasado permanece em nosotros y, sin embargo, ya no es. (LEFEBVRE, 1959, p. 29).

de relações sociais entendidas enquanto naturais. A lata de tomate parece ter realmente um preço, subentendo-se daí uma relação justa e igual entre produtores e capitalistas. O fetiche da mercadoria oculta um processo desigual que não é perceptível aparentemente, nos produtos finais: a exploração do trabalho, enquanto trabalho não pago (mais-valia).

Para nós, o mais grave de toda a argumentação de Kurz é que sua retórica extirpar discretamente, com pinças de cirurgião, a contradição entre classes sociais, como fundamento do sistema capitalista. Pois, o *quantum de energia* representa tanto o trabalho de um catador de lixo quanto o de um alto funcionário executivo de uma multinacional, ou o de um acionista majoritário de uma grande empresa⁴¹. O fato de os agentes sociais *personificarem e incorporarem* categorias econômicas não desabona o sentido de superação da luta de classes. *Insistimos nesse ponto*. A classe burguesa busca acumular riqueza “infinita” em detrimento da classe proletária, relegada a mais triste penúria. Este ponto é fundamental, porque coloca em suspeita toda a argumentação de Kurz. Pois, em princípio, para Kurz, todos são “vítimas” do fetiche da mercadoria e o problema todo parece se focar num certo *encantamento do mundo* moderno, avassalador e negativo. Tudo é posto num mesmo plano, independentemente das diferenças drásticas que existem na sociedade. Um magnata do petróleo é tão “vítima” do sistema quanto uma criança que morre de subnutrição na Somália, ou no agreste brasileiro. A luta de classes para Kurz é irrelevante porque reafirma as categorias do fetiche: trabalho. Nada há por fazer, apenas espera o colapso do sistema, por tempo indeterminado, e esperar que o próximo sistema seja melhor (ou pior). Evidentemente, que, para aqueles que moram nos países historicamente imperialistas, onde relativamente foram resolvidas as questões da escassez material, deve ser entediante o mundo como ele é. Deve ser mesmo muito mais agradável passar o tempo criticando teoricamente o valor, a consciência fetichista, o trabalho etc., pois a miséria é deveras feia, quando se não faz parte da legião dos miseráveis, que se contam aos bilhões. Enquanto isso, afinal de contas, alguém aqui tem de trabalhar... (para eles!) Neste sentido, a crítica categorial deve cair como uma luva aos anseios da classe média, enfadada com sua vidinha medíocre e vociferando insultos contra os grandes vilões do planeta: maçãs e tomates! Desta perspectiva deve ser mesmo irritante quando...

⁴¹ Tanto os capitalistas quanto os assalariados, assim como os agentes estatais, não passam de funcionários desse fim em si mesmo, solto e incontrolável, que Marx chamou de “sujeito automático” (Kurz, 2009).

“são criados tomates sem olhar ao sabor e em função de normas de acondicionamento para redes de distribuição à escala continental, ou maçãs são tratadas com radioatividades para prolongar a sua duração, ou se de um modo geral alimentos são desnaturados exclusivamente no interesse do objetivo da valorização, e toda a riqueza acumulada de uma multiplicidade de plantas e animais úteis se perde a favor de uma ‘pobreza de variedades’ reduzidas em nome da simplificação econômico-empresarial, se na construção de casas sob o ditado da redução de custos imposto pela economia empresarial são utilizados materiais prejudiciais para a saúde, ou surge uma divisão disfuncional do espaço e desaforos estéticos: é o conteúdo material que se orienta pela determinação da valorização, e não o contrário; e, com o crescente desenvolvimento capitalista, numa medida historicamente crescente” (ibidem, par. 212).

Ora, pouco importa como são conservadas estas benditas maçãs! Se elas conseguirem mitigar um pouco que seja a fome nos países periféricos, já é um começo.

Não foi Isaac Newton que inventou a gravidade, desde que o mundo é mundo, maçãs caem e as coisas sempre foram atraídas para o chão!

Certa vez, um bravo homem imaginou que, se os homens se afogassem, era unicamente porque estavam possuídos pela *ideia da gravidade*. Se retirassem da cabeça tal representação, declarando, por exemplo, que se tratava de uma representação religiosa, supersticiosa, ficariam livres de todo perigo de afogamento. Durante toda a sua vida, lutou contra essa ilusão da gravidade, cujas consequências perniciosas todas as estatísticas lhe mostravam, através de provas numerosas e repetidas. Esse bravo homem era o protótipo dos novos filósofos revolucionários alemães. (MARX, 1977 p. 18).

A teoria radical, “tal como ela foi sendo desenvolvida desde os finais dos anos oitenta pelos princípios da crítica do valor em língua alemã” (ibidem, par. 116), bem mereceria estas passagens escritas pelo mouro, na *Ideologia Alemã*. Ou mesmo ridicularizada; assim como fazia Nietzsche, alemão por acidente, zombando da *profundidade* dos filósofos de “cultura” alemã⁴².

⁴² Perante o Príncipe Fora da Lei, que canta até perder o fôlego, que figura faz o velho Hegel? Pedante

Todavia, o cerne da crítica radical de Kurz não é, sobretudo, novo. Ruy Fausto já apontava, nas décadas de 1970 e 80, que as leituras críticas das obras de Marx por Castoriadis e Althusser, ao depararem com as contradições, rejeitavam-nas como erro metodológico da própria exposição marxista; enquanto, de fato, era necessário mostrar a *irreducibilidade do discurso de Marx a toda a lógica da identidade*:

Vemos assim que, para os dois níveis em que se coloca o problema do espaço histórico do valor, não é recuando diante dos argumentos críticos da lógica da identidade mas, pelo contrário, radicalizando (objetivando) esses argumentos até que eles se voltem contra a lógica da identidade que se encontra uma saída. (...) Ou, o que vem a dar no mesmo, como esse ponto é a contradição: diante da alternativa entre conservar a identidade como “critério” fazendo com que as contradições apareçam como má “antinômica”, e objetivar a “antinomia dialética” pondo em cheque o ponto de vista fixo da identidade (...) E para que não haja engano sobre o sentido da nossa crítica, precisemos que não se trata absolutamente de dizer que a dialética é a última palavra ou que está acima de toda a crítica. O que queremos dizer é simplesmente que toda crítica de *O Capital* que não tome a sério a dialética como discurso da contradição só pode conduzir a uma regressão. É esta regressão, esta *volta a quem de Marx* que está em questão, não o projeto de ir além, o qual, pelo contrário, é tarefa de todos nós. (Caso contrário, essa “defesa” de Marx, como seria o caso a propósito de qualquer pensador, só pode ser um demarche reacionária) (FAUSTO, 1987 pp 120-122).

Salientemos, agora, que no artigo, Kurz trata de um tema que nos chamou a atenção, isto é, “de um espaço totalmente ‘desvinculado’ [*heräusgelöst*] de todo o processo da vida, mais ou menos no sentido em que Karl Polanyi falou⁴³, com um termo bem escolhido de

pedagogo, bata com a régua nos dedos dos alunos. Funcionário importante, prova a importância dos funcionários. Diante do poeta errante, diante do metafísico, o velho filósofo não tem cara boa: é um burguês (alemão ainda por cima; e no entanto, “Nós outros, alemães, somos hegelianos, mesmo que Hegel não tivesse existido, na medida em que, ao contrário de todos os latinos, atribuímos indistintamente ao devir, à evolução, um significado mais profundo, um valor mais rico do que ao que é...” (Gaia Ciência). (LEFEBVRE, *Fim da história*, 1971, p. 108).

⁴³ O econômico foi desvinculado do resto da sociedade para vir a ser o reino da fome e do ganho. A nossa dependência animal da alimentação foi posta a nu e o medo de morrermos de fome autoriza a impor-se livremente. A nossa escravidão humilhante perante o ‘material’, que toda a cultura humana foi criada para mitigar, foi tornada, deliberadamente, mais rigorosa. (POLANYI, 1968).

uma ‘economia desvinculada’(...)” (KURZ, 2004, par. 175)⁴⁴. Esta “desvinculação”, segundo Kurz, estrutural da modernidade desde seu princípio, tem uma origem na concorrência dos quadros militares e da inovação de armamentos de guerra em regimes despóticos ávidos por poder e dinheiro. “Tal corresponde igualmente à raiz histórica do trabalho abstrato, nomeadamente ao cruzamento da ‘economia desvinculada’ com a ‘desvinculada’ máquina militar apoiada nas armas de fogo, no processo de constituição primordial da modernidade” (Ibidem, par. 176). Ora, historicamente isto é improcedente, pois muitos povos constituíram exércitos, como os romanos, que tinham uma verdadeira avidez pelo lucro, e nem por isso se constituíram em sociedades capitalistas. Porém Kurz afirma que o trabalho abstrato tem uma denotação fortemente masculina e a dissociação de gênero é mais constitutiva da modernidade que as classes sociais. Portanto, (...)

“(...) ao ter-se constituído como espaço funcional abstrato, desvinculado, o trabalho abstrato também apresenta uma conotação sexual. (...) O trabalho abstrato é *per se* definido como estruturalmente masculino, mesmo que desde o início tenha existido uma inegável participação das mulheres no processo de produção. O fato de as mulheres receberem sistematicamente salários piores, chegarem à posição de chefia apenas em casos extremamente raros, terem de dar muito mais ‘rendimento’ que os homens para serem reconhecidas, etc., todos estes fatos, que em média ainda hoje se verificam, *não podem ser remetidos para o plano das manifestações históricas e empíricas, nem porventura declarados com meros resquícios de relações pré-modernas, ou como o seu regresso meramente subjetivo e regressivo*, mas são expressão da relação de dissociação, como marca essencial do próprio trabalho abstrato e do seu espaço funcional da economia empresarial” (ibidem, pars. 176 e 177, grifos nossos).

Estas proposições realmente só são válidas por força da persuasão. Em primeiro lugar, o dado estatístico não é suficiente se não for levado em conta as inúmeras variáveis, podendo servir antes mais para justificar ou manipular do que explicar. Em segundo lugar, em países como o Brasil, homens negros ganham menos que mulheres brancas e ocupam geralmente posições subalternas em relação a elas. Além disso, a argumentação de Kurz

⁴⁴ Porém, como *o espaço* é tratado no texto e não há nenhuma referência aos textos de Henri Lefebvre ou de um geógrafo na bibliografia, deliberadamente não faremos comentários pormenorizados, embora qualquer consideração seguiria na mesma toada acima desenvolvida até aqui.

rebaixa as conquistas do importante movimento feminista do século XIX e XX (e do atual também) – do mesmo modo como ele faz com movimento operário e faria com o movimento negro⁴⁵. Na verdade, estas conquistas são parciais e ainda há um longo caminho a percorrer (o final deste só se dará numa sociedade socialista, sem classes e Estado). Mas, se hoje as mulheres frequentam escolas, universidades, ocupam importantes posições no trabalho e na política (muitas mulheres são hoje presidentas e, por favor, não nos venham com argumento machista que põe em dúvida a sexualidade delas ou de que elas assumem um papel masculino!); se hoje as mulheres têm (relativa) autonomia sexual, isto se deve há um contexto de muitas lutas, que não poderiam ser desqualificadas pura e simplesmente pela teoria do valor, pois tais conquistas não foram “dadas de mão beijada”! Sabemos do pesado fardo que o capitalismo colocou nas costas de mulheres e crianças no início da Revolução Industrial; da dupla jornada de trabalho, que também deve ser superada com um questionamento do papel masculino e de sua participação nas atividades domésticas, etc. Simplesmente, tal concepção da crítica categorial não faz o menor sentido. Além disso, desmerecer o papel da sociedade patriarcal, como resquício de sociedades arcaicas, é totalmente fora de propósito, um modo perverso de depreciar e rebaixar as lutas sociais. Novamente o idealismo, onde a forma lógica toma o lugar da história. Talvez, secretamente, Kurz deseje que as mulheres voltem para a cozinha, lavem a roupa no tanque, a louça e ainda recebam uma surra de seus maridos mal-humorados. Como se percebe, a crítica categorial percorre caminhos perigosos!

Kurz agora deve resolver a referida “coisa em si” da materialidade das relações sociais e dos sedimentos históricos, e o faz pela lógica (“tanto pior para os fatos”, de Hegel). Se Marx pôs Hegel sobre os pés, agora é a vez de Kurz segurar nas canelas do barbudo. Se, em Hegel, o Estado resolveria todas as diferenças, as contradições; em Kurz, por sua vez, substitui-se o Estado hegeliano pela forma mercadoria, conciliando as contradições anunciadas pelo materialismo dialético. “O Absoluto transcendente do todo-uno ideal desceu à terra como o Absoluto imanente do princípio essencial ‘valor’” (ibidem, par. 32). E mais adiante:

⁴⁵ Por outro lado, esta teoria da dissociação-valor implica também um alargamento análogo da crítica para além do feminismo praticado até hoje que, à semelhança do movimento operário, se limita ao campo de ação da relação fetichista moderna (KURZ, 2007, par.).

“o ‘idealismo objetivo’ de Hegel sob determinado aspecto até anda mais próximo da coisa do que o ‘materialismo objetivo’ do pensamento marxista; mas Hegel pensa o idealismo real capitalista apologeticamente, como movimento de automediação positiva da essência da abstração real, assim lhe escapando por princípio a sua qualidade negativa, destrutiva e aniquiladora da vida” (ibidem, par. 39).

Talvez, isto que Kurz chama de “substancialidade negativa” seja o ponto mais importante de suas concepções, mas ainda assim acarreta problemas, como veremos a seguir.

Se Marx substitui o *Espírito* de Hegel pelo “trabalho ontológico”, nos termos de Kurz, “ontologia do trabalho”; Kurz por seu lado substitui *trabalho* pelo *fetichismo*:

Ao mesmo tempo que as formas do fetichismo pré-moderno são denunciadas na ideologia iluminista ideologicamente agudizada, a priori e sem qualquer investigação concreta, como o horror puro e duro de um ‘apego à natureza’ supostamente total, elas evidenciam-se sob a forma da estrutura da sociedade similar à uma torpe manada de gado que não teria admitido qualquer laivo de individualidade. Esta idéia caricata serve exclusivamente para desviar as atenções do fato de a própria máquina produtora de mercadorias ainda ser uma sociedade fetichista e, mais concretamente, a primeira de cariz totalitário, cuja pretensão justamente imprime aos indivíduos, com uma violência nunca antes vistas, uma forma única: o ‘uniforme’ do sujeito do trabalho, do dinheiro e da concorrência. (KURZ, 2003, par. 6).

Este é o sentido do ensaio “Ontologia negativa: as eminências perdidas do Iluminismo e a metafísica histórica da Modernidade” (2003). Aqui, porém, Kurz define a noção de fetichismo como uma “ontologia negativa”, supondo a ontologia do trabalho como positiva⁴⁶, isto é, imbuída nesta última de uma ideia de *progresso*. O fetichismo é definido assim:

⁴⁶ Nada mais equivocado. A concepção de trabalho em Marx desde o início é totalmente *negativa* (como veremos quando tratarmos do trabalho alienado). É pelo trabalho e pela divisão do trabalho que se exerce o

Através de múltiplas formações volta sempre a transpirar o que esta contradição tem de tormentoso, de doloroso, de impertinente, enquanto a sociedade for denominada por cegas formas de fetiche, em que os indivíduos não se põem de acordo enquanto tais para formarem uma sociabilidade consciente de si própria mas, por assim dizer, como que numa espécie de transe da objetivação por eles próprios produzida, atuam de uma forma irracional e destrutiva no sentido das suas próprias necessidades e possibilidades. (ibidem, par. 15).

Se, conforme o nosso exame do texto anterior constatamos e apontamos o formalismo e a ausência da dialética no fundamento do valor (a positividade “nervos, músculos e cérebro”), o mesmo não se pode dizer sobre a “Ontologia negativa”. Nota-se aqui, entretanto, uma *dialética negativa*, descendente, de forte inspiração adorniana⁴⁷, presente em todo o texto. Vejamos,

...o conceito da constituição do fetiche contém, enquanto parte integrante da crítica do valor e da dissociação, um momento ontológico no sentido do conceito marxiano da ‘pré-história’ mas, lá está, trata-se de um momento puramente negativo. Toda a história pré-existente, não a história humana em geral (porque ‘o Homem’, devido à sua essência, não seria capaz de outra coisa), é uma história de relações de fetiche, com cujo conceito, no entanto, também já se encontra a sua crítica radical – e, assim, a possibilidade da sua superação. (...) Esta *ontologia negativa* de uma pré-história de relações de fetiche já não é capaz de retratar um sistema histórico que traz a marca da lógica identitária como o processo inevitável de um desenvolvimento ascendente positivo. (ibidem, par. 79)⁴⁸.

domínio, a escravidão, a sujeição. Sobre o trabalho alienado, Marx escreve textualmente na *Ideologia Alemã*: “O trabalho, único laço que os liga ainda às forças produtoras e à própria existência, perdeu entre eles toda a aparência de manifestação de si, e só lhes mantém a vida estiolando-as. Nos períodos precedentes, a manifestação de si e a produção da vida material só estavam separadas pelo fato de que cabiam as pessoas diferentes, e que a produção da vida material era ainda considerada manifestação de ordem inferior, devido ao caráter limitado dos próprios homens. Hoje, essa manifestação individual e essa produção da vida material estão de tal modo separados que a segunda surge como uma finalidade, e a sua produção, ou seja, o trabalho, como sendo meio (sendo esse trabalho, agora, a única forma possível – mas como podemos ver, *negativa* – da manifestação individual). (MARX, 1965, p. 71, grifado por nós).

⁴⁷ Na teoria do “predomínio do objeto” convergem alguns dos temas centrais do pensamento de Adorno. Dito de forma sintética, o “primado do objeto” resulta de um trabalho de “crítica da identidade”, que também aponta, por sua vez, para uma relação entre sujeito e objeto, denominada “dialética negativa” (MUSSE, 2005, p. 4).

⁴⁸ As posições neste artigo de Kurz são fortemente tributárias de uma certa corrente da *teoria crítica* ou Escola de Frankfurt: “Se vocês quiserem, aqui se apresenta um motivo histórico-universal, na medida em que

Embora bem pertinente estas colocações, elas o são somente parcialmente.

O texto, como o próprio subtítulo diz, é uma crítica dos pressupostos do Iluminismo: liberdade, igualdade [e fraternidade]: numa palavra, *as ditas liberdades individuais do liberalismo burguês*. Mas da mesma forma que no artigo anterior, Kurz considera a individualidade preconizada pela ideologia iluministas como um “Eu” abstrato, que coincide exatamente com a “forma social negativa”. Ou seja, os indivíduos reais “são pensados” como “imediatamente idênticos”, “atomizados” em relação à mediação do trabalho abstrato, da mercadoria, do dinheiro, do fetiche moderno⁴⁹. Assim, só há liberdade e autonomia sob a forma social do fetiche, que, evidentemente, não passa de uma forma de sujeição:

A autonomia e liberdade referem-se única e exclusivamente ao espaço interno da relação de valor e dissociação, em que o indivíduo já se encontra abrangido pela forma do fetiche, não lhe sendo lícito qualquer desvio que seja. No molde da individualidade abstrata, o absolutismo social da forma e a existência real e sensível do indivíduo humano parecem coincidir de forma imediata. (ibidem, par. 9).

Aqui há pelo menos um problema que vai determinar, no nosso modo de entender, todo o desenvolvimento do texto. Pressupõe que os valores do Iluminismo são universais e se realizam de direito e de fato. O que não é verdade. Embora “os Direitos Humanos” sejam apregoados em todos os cantos do planeta, é sabido que tais “direitos elementares” nem sequer contemplam de leve mais da metade da população do planeta (como já foi aludido

nas teses do próprio (Walter) Benjamin vislumbra a história como história ininterrupta da opressão – pelo qual, por outro lado, ele reconhece o momento de unidade apenas como o *negativo* que ele tão persistentemente discute” (ADORNO, *Para a doutrina da história e da liberdade*, tradução por Jorge Grespan, par. 3). E “é semelhante a uma concepção de Hegel, aproximando-se não só formalmente a ela, provavelmente desconhecida em detalhe a Benjamin: a saber, a doutrina de que a identidade da identidade e da não identidade; isto é, do conceito de coisa, pois o conceito é a própria identidade para Hegel. Contudo – (...) – em Benjamin parece justo o contrário; e sem falsa modéstia, na minha própria teoria, também. Ou seja, não é que a identidade domine, tendo em si a própria não-identidade, mas que a não-identidade é uma não-identidade do idêntico e do não-idêntico” (Ibidem, par. 4).

⁴⁹ Sempre na esteira de Adorno: “O cativo do seu espírito é extremamente real. (...) O ‘a priori’ e a sociedade estão entrelaçados. A universalidade e a necessidade dessas formas, sua glória kantiana, não é outra coisa do que aquela que constitui como unidade os homens. Estes necessitam dela para sua ‘survival’. Seu cativo foi interiorizado: o indivíduo não está menos cativo dentro de si que dentro da universalidade, da sociedade” (ADORNO, *Sobre sujeito e objeto*, 1969, item 6, par. 7).

acima). Além do mais, tanto o movimento socialista (comunista) como anarquista, sempre tiveram por objetivo a liberdade e igualdade *de fato, concreta*, e não a “de direito”, engendrada pelas Revoluções Burguesas. Em um texto de juventude (“A questão judaica”), Marx discorre de maneira brilhante sobre a liberdade e igualdade formal, inerente ao Estado Moderno. Segundo Marx, estes princípios formais reafirmam diferenças e contradições sociais. O direito à propriedade, é o direito do trabalhador possuir sua força de trabalho; à liberdade, a liberdade do trabalhador vender sua força de trabalho; à igualdade, a relação entre partes iguais acordadas no contrato de trabalho, no pacto social etc. A crítica dialética descortina estes princípios liberais, invertendo-os: a propriedade é a não-propriedade; a liberdade, a não-liberdade; a igualdade, a não-igualdade etc. Portanto, Kurz escreve de outras maneiras o que já foi dito muito tempo antes (só que é muito sintomático, nos seus textos, que a *igualdade de condições* não seja um ideal a ser conquistado). Portanto, ao contrário do que Kurz sugere, os movimentos socialistas do século XIX tinham, enfim, por objetivo a superação (no sentido dialético de negação) dos princípios formais e jurídicos da Revolução Francesa e não a sua ratificação formal, *ipsis litteris*.

Mais adiante, talvez a parte mais polêmica do texto, por causa de suas implicações ulteriores, Kurz, sempre no rastro adorniano, vai associar diretamente o indivíduo ao sujeito⁵⁰. Porém, ao contrário do filósofo da Escola de Frankfurt, que reivindica uma “volta do sujeito”, de sua autonomia e individualidade perante a alteridade; Kurz perverte completamente o sentido do sujeito, apesar da positividade que este ocuparia na ordem das coisas.

Desde o Iluminismo, as teorias modernas da sociedade definem os conceitos do indivíduo e do sujeito como sendo em grande parte medida *sinônimos*. Este modo de encarar as coisas corresponde exatamente a essa ilusão óptica em que a forma do fetiche e a individualidade parecem quase idênticas, de modo que a

⁵⁰ Novamente, Kurz se apropria, de modo bastante peculiar, das teorias de Theodor W. Adorno, na medida em que para este filósofo, a crítica da sociedade é também crítica do conhecimento; sendo que, as antinomias kantianas refletem as contradições do capitalismo e o sujeito transcendental degrada os indivíduos reais, reificados numa sociedade calcada na lógica da equivalência. Vejamos, os dizeres de Adorno: “Em certo sentido, como o reconheceria por fim o idealismo, o sujeito transcendental é mais real, a saber, mais determinante para a conduta real dos homens e para a sociedade formada a partir disso, que esses indivíduos psicológicos dos quais foi abstraído o transcendental e que pouco tem a dizer no mundo; que, por sua vez, se tornam apêndice da maquinaria social e, por fim, ideológica” (Ibidem, item 3, par. 5). Porém, Adorno alerta para o perigo de hipostasiar tanto o sujeito como o objeto.

individualidade, de forma geral, apenas passe a ser considerada existente no âmbito da Modernidade produtora de mercadorias. (ibidem, par. 12).

Precisemos o que foi dito, pois este argumento é central na crítica categorial: quem “encara” o conceito de individualidade correspondendo ao de sujeito? *As teorias modernas*. O “sujeito” de fato não é senão, guardadas as devidas considerações, a abstração dos indivíduos reais na esfera da teoria do conhecimento, que tem por fundo a reviravolta cartesiana em que o sujeito assume um papel *ativo* diante do mundo. Entretanto, Kurz afirma que “foi somente a moderna socialização do valor que produziu, de todo, a ‘forma sujeito’” (ibidem, par. 13)⁵¹. Daí se pode aduzir que quando Descartes “descobre” o *sujeito*, na verdade ele está descobrindo a forma consciente dos indivíduos atrelados à forma social do fetiche moderno, em última instância, do capital: *o sujeito automático*.

Na realidade, o sujeito não é outra coisa senão a forma que a relação de valor impõe aos indivíduos autênticos (reconhecendo esta forma do sujeito às mulheres, devido à relação de dissociação, apenas parcial e condicionalmente). O sujeito não é mais que o portador consciente (tanto individual como institucional) do movimento de valorização sem sujeito. (ibidem, par. 12).

Novamente Kurz hipostasia o conceito, recaindo em duras formas fixas, derivadas da identificação direta ente *sujeito e sujeito automático* (capital). Grosso modo, o indivíduo enquanto sujeito consciente, ativo, reproduz a “consciência” do capital; ou só é consciente pela bitola das categorias do fetiche moderno. No entanto, se através do conceito de *sujeito* foi possível questionar toda a ordem do mundo medieval, através da racionalidade emprestada das ciências naturais, é porque o desenvolvimento do conhecimento e do discurso científico reflete a *história da prática social*⁵². Independentemente da validade real

⁵¹ Kurz parece repetir aqui as aporias do estruturalismo. Já em 1976, o sociólogo Jean Lojkin escrevia nos seguintes termos: “Na realidade, toda a argumentação de Balibar visa desqualificar teoricamente os conceitos de *alienação* e de *indivíduos*, reduzindo-os à sua aparência idealista de ‘sujeitos livres’ abstratos; para realizar esse ‘esforço’ ele precisa portanto: 1) assimilar os ‘sujeitos’ do humanismo metafísico ou do direito burguês aos *indivíduos concretos determinados* pelas *próprias relações sociais*; 2) supor essas relações sociais ausentes, ‘abstratas’, na análise feita por Marx do ‘fetichismo’ da mercadoria. Na medida em que os pressupostos são falsos, a argumentação cai por si” (LOJKINE, 1997, p. 112).

⁵² A *lógica concreta* coroa e remata a história do conhecimento, ou seja, a *própria teoria do conhecimento como história da prática social*. É sua parte mais elaborada, o resultado “vivo”, e, portanto, a *suma – em breves fórmulas – de toda a experiência humana*. Deve dar as *formas verdadeiras*, ou seja, objetivas,

do conceito de sujeito, este organizou a sociedade em outros pressupostos, possibilitando um salto qualitativo nas relações sociais, pois punha ideal do humanismo no centro das coisas.

Mas as consequências das proposições de Kurz são particularmente funestas, e têm por fundo um idealismo sutil. Vejamos seu desenvolvimento: “A subjetividade não é o modo da libertação mas, pelo contrário, a forma do agrilhoamento do indivíduo. Ao encararem-se como sujeitos os seres humanos já se encontram apanhados na dialética sujeito-objeto da constituição moderna do fetiche” (ibidem, par. 17). “Ao encararem-se” não é uma proposição no sentido forte, pois já pressupõe aí uma possibilidade de liberdade de escolha, isto é, haveria a possibilidade de “não se encarar como sujeito”. Sem dúvida, gramaticalmente o sujeito está lá, oculto: quem se encara como sujeito? O sujeito! Além disso, nada prova que o indivíduo é *plasmado* à lógica do fetiche moderno ao *se encarar*, psicologicamente, como sujeito (tal argumento é sofismático e vazio). Todavia, os seres humanos, no nível da vida cotidiana, *não se encaram* como sujeitos, isto é, sujeitos ativos, transcendentais, empíricos, cognoscentes etc. Ninguém acorda pela manhã e medita: “penso, logo existo, sou um *sujeito* e vou tomar o *objeto-ônibus* para chegar ao trabalho”. Muito pelo contrário, a própria estrutura da lógica do capital reduz o ser humano à condição de coisa, mercadoria, *objeto* (não-consciente, alienado) e não de *sujeitos* (veremos uma outra crítica do sujeito num outro capítulo). Mas o alvo de Kurz aqui é outro, a clássica orientação marxista do *proletariado enquanto sujeito revolucionário, da missão histórica*. Ora, o proletário nunca foi sujeito, se o foi, foi no sentido literal da palavra (escravo), isto é, sujeito aos predicados, que lhe declaram algo, definindo-o. O tempo todo Kurz sabota

universais, do conhecimento; as regras mais gerais do conhecimento devem ser, ao mesmo tempo, as leis mais gerais de toda a realidade. Os instrumentos do pensamento não podem ser separados dos objetos aos quais se aplicam. A lógica concreta, portanto, descreverá tais instrumentos mais aperfeiçoados, tais ‘formas racionais’, e resumirá assim milhões e milhões de experiências. A lógica se funda sobre a história, na medida mesmo em que a história aparece como inteligível. Se a história geral fosse apenas um caso de anedotas e de violências; se a história do conhecimento não passasse de uma sequência caótica de tentativas e de doutrinas, seria inútil buscar uma lógica concreta. Mas, se a história implica uma estrutura; se, na sociedade como no pensamento, as interações de elementos opostos constituem a estrutura *dialética* da história; se o desenvolvimento do homem, de seu poder sobre a natureza e de sua consciência de si, fornece-nos o movimento de conjunto e o sentido concreto dessa história, então e simultaneamente a *razão torna-se história e a história torna-se racional*. A lógica concreta, portanto, encontra-se ligada a uma concepção científica (racional) da história. A razão, a lógica, a história, tornam-se simultaneamente concretas e verdadeiras, ao se tornarem dialéticas. (LEFEBVRE, 1995, p. 88).

qualquer tentativa de organização “consciente” – produção material de consciência – da classe trabalhadora –; como vimos fazê-lo com o movimento feminista.

Mais adiante ele afirma:

Também aqui estamos novamente perante uma ilusão óptica: O sujeito apresenta-se como contrário do objeto e, com isso, supostamente da objetividade pelos poderes anônimos da forma social, de modo que a subjetividade é invocada contra a coação por eles exercida. Esta perspectiva superficial não se compenetra de que a relação de fetiche moderna pode mover-se unicamente em *opostos polares* que, ainda assim, designaram uma identidade negativa. Assim sendo, o sujeito apenas entra em contradição com a objetividade na medida em que aquele representa a voz ativa própria desta, meio consciente e meio inconsciente, que é necessária justamente porque *esta objetividade nem sequer existe enquanto uma existência material ‘fora’ da consciência dos indivíduos* (pensamento e ação estão coisificados, não sendo, no entanto, ‘coisas’ independentes dos indivíduos) (...) Só por isso é que a sua própria forma de percepção, conhecimento e atuação pode vir ao encontro nos seus resultados como um poder alheio, aparentemente exterior. Esta forma é precisamente a forma do sujeito (a ‘forma sujeito’) em que elas executam a coação do fetiche. A dialética sujeito-objeto não é outra coisa senão o circuito da agregação em que os indivíduos se alienam de si próprios pela sua própria atuação, constituindo, em degraus cada vez mais altos da escada do desenvolvimento, um resultado que os domina, acabando por aniquilá-los a eles próprios, sob a forma de uma objetividade aparentemente exterior’. (ibidem, par. 18, os grifos são nossos).

Tudo se passa na esfera da consciência e da teoria do conhecimento. Por isso, “Kant (e Cia.)” (os termos são de Kurz) é um mal-intencionado agente do capital⁵³. E, imerso na cinzenta teoria, Kurz, indignado, protesta contra os pensadores iluministas, chamando-os de “criminosos de colarinho branco”⁵⁴. A concepção de fetiche moderno proposta neste ensaio não é senão uma reformulação crítica do sujeito, onde fulguram as estrelas dos pensadores Kant, Hegel e Marx. Porém, chega a conclusões delirantes: “*esta objetividade nem sequer*

⁵³ E Kant, por sua vez, não afirmou que nosso conhecimento não se refere às coisas em si mesmas, já que conhecemos apenas o que colocamos de nós em tais coisas? (LEFEBVRE, 1995, p.51).

⁵⁴ Neste sentido, os filósofos do Iluminismo não podem deixar de ser encarados, também, como ideólogos da imposição, para não dizer como criminosos da imposição da sociedade do valor e da dissociação. Todos eles são criminosos de colarinho branco de uma história de sofrimento da Humanidade insuportavelmente agudizada pelo sujeito do valor. (KURZ, 2003, par. 91).

existe enquanto uma existência material 'fora' da consciência dos indivíduos". Neste sentido, para Kurz, "Kant e Cia" (Hegel, Marx⁵⁵ e tanto outros) não conseguiram enxergar um palmo adiante da ilusão de óptica provocada pela representação fetichista de sujeito-objeto⁵⁶, esse grande "barato" que todos os seres humanos criaram e se submeteram voluntariamente. De nossa parte, incluiríamos o próprio senhor Robert Kurz nesta apologia do valor! Também ele, um "criminoso de colarinho branco" da elaboração teórica da representação onipotente do fetiche moderno.

Salientemos melhor então o cerne da "crítica categorial", algo que já pode ser vislumbrado claramente. Segundo Kurz, a lógica do fetiche moderno é uma oscilação opositiva que desemboca numa *identidade negativa* conciliadora. Algo que se assemelha ao princípio oriental do Yin e Yang: "os opostos são iguais". Porém, a novidade é que eles se deterioram⁵⁷. "Por isso, a teoria das classes faz parte, antes de muitos outros, dos componentes da reflexão marxista que se encontram estreitamente associados ao fetiche do valor e à correspondente teoria iluminista" (ibidem, par. 20). De modo que a contradição capital-trabalho (ou classe burguesa e proletária) é rebaixada a uma oposição menor, sequer tida como constitutiva ou essencial do capitalismo. Para ele, as principais oposições são – nessa ordem: "sujeito-objeto", "masculino-feminino" e "publicidade-privacidade" etc.

Já vimos qual o sentido profundo de toda argumentação de Kurz, nivelar no mesmo patamar as diferenças e contradições sociais. Neste sentido, um magnata de uma multinacional, que vai negociar o destino de milhares de pessoas no Fórum Econômico Mundial, é, dentro dessa lógica de análise, igual a um trabalhador miserável, humilhado e explorado. Por isso Kurz prefere o termo "individualidade organizada" para pensar uma possível ruptura social. Porém, sintomaticamente, jamais suja as mãos com a prática,

⁵⁵ Recordemo-nos que Marx é herdeiro da tradição iluminista. Nas Teses contra Feuerbach, Marx reivindica uma subjetividade ativa, e não contemplativa, que seria o erro dos filósofos idealistas.

⁵⁶ Acontece que o pensamento de Kant, com o enorme alcance de sua reflexão, aparece como que um precursor da crítica do valor que, passando pelos escalões intermediários Hegel e Marx, julga poder prolongar esta cadeia de reflexões. O que é omitido ou, de algum modo, posto de parte por não parecer ter importância, é o fato de Kant pura e simplesmente não ter sido apenas um pensador reflexivo, mas igualmente um militante *ideólogo da imposição* do valor. (KURZ, 2003, par. 20).

⁵⁷ De Parmênides a Leibniz, que realizou en su Monadología un esfuerzo heroico, por lo demás frustrado, para deducir lo múltiple a lo uno y la contradicción a la identidad. Para Platão a dialética, es decir, la conciencia de la contradicción en las ideas y en las cosas, no era un método para encontrar deferencias, sino identidades, resolviendo las contradicciones en ideas puras hasta el acuerdo final. Para los sofistas y los escépticos, por el contrario, la dialética era una manera de disputar, descubriendo que cada posición del pensamiento no se define más que por la posición opuesta y se destruye a si misma. (LEFEBVRE, 1959, p 28).

preferindo a contemplação do mundo das ideias, dos números, dos dados econômicos e estatísticos.

O desmoronamento da subjetividade moderna em todas as suas variantes sociais, face ao peso esmagador da objetividade destruidora do mundo que ela própria produziu, mostra quão insustentável se tornou a coisa chamada sujeito-objeto, que constitui a destrutiva forma de movimento do moderno sistema produtor de mercadorias. Mas é precisamente devido ao fato de a libertação do mesmo não poder ser, por seu lado, de cariz ‘objetivo’ que ela não pode tão-pouco ser levada a cabo na forma do sujeito. Enquanto os indivíduos continuarem a deixar-se amarrar à forma do sujeito, eles não poderão alcançar senão a própria perdição” (ibidem, par. 23).

Realmente, no plano da teoria é muito simples; basta se livrar da forma do sujeito! Pronto, a partir de agora não sou mais sujeito! (Se é que algum dia eu fui). Só falta convencer a galera. “Cambada, vamos acabar com esse treco de fetiche!” Mas não é disso que se trata. Na verdade, segundo a teoria de Marx, o ser humano jamais foi sujeito, consciente de si e da transformação histórica. Ao contrário, estaria ainda na pré-história (entendendo a histórica como ciência da história: *historicidade*). Por isso, jamais a classe operária foi sujeito ou podia ser. Jamais houve um primado de uma racionalidade humana, como, por exemplo, o amor e a compaixão, definido de modo racional e consciente. No capitalismo, o sujeito é o capital⁵⁸. O ser humano só será sujeito quando se autodeterminar em-si mesmo e para-si. Mas o ser humano é demasiadamente complexo, não é plenamente consciente de suas ações; age por impulso, amiúde, de modo irracional. E por isso o ser humano enredado em contingências, acasos, azares e em toda sua dimensão corporal – psicológica, biológica, educativa, etc. – não pode ser reduzido a números da bolsa de valores, do crédito etc. Tudo isso seria muito bonito num plano teórico, ou mesmo numa ênfase economicista de interpretar as coisas, e que, ao contrário do que imagina Kurz, as imperfeições do sistema poderiam ser facilmente corrigidas pelos sujeitos racionais. O

⁵⁸ Não há portanto nenhuma razão de *isolar*, como faz Balibar, a análise do fetichismo, no Capítulo I, do conjunto das formas sociais mais desenvolvidas do que a forma valor – expostas nos capítulos seguintes. Longe de pressupor a dupla abstração de que nos fala Balibar – dupla abstração que dá base efetivamente à utilização *metafísica*, idealista, do fetichismo – fetichismo remete, para além das aparências que produz, às diferentes relações sociais históricas que o produzem (...). (LOJKINE, 1997, p. 112).

economicismo de Kurz sabota sua própria teoria. Como já se afirmou com propriedade antes, o ser humano está a meio caminho do *sobre-humano*. Esta é melhor crítica do sujeito.

Poderíamos continuar a nossa refutação dos textos de Kurz em vários outros pontos, porém, isto seria como tocar um samba de uma nota só. Além disso e por isso, convenhamos também, ela já está deveras exaustivas. Pedimos desculpas a todos que leram o nosso texto até aqui e acreditam ser desnecessária esta longa crítica. É que, da nossa parte, de um lado, estamos bem nervosos e, de outro, firmamos um compromisso inabalável em mudar o mundo.

Outras perspectivas: a produção do ser humano

A *prática*, e não o sujeito, é a base das relações sociais. Porém, ela não se confunde com o sujeito, mas, pelo contrário, *o sujeito emerge historicamente da praxis social*; tanto na sua forma teórica (sujeito cognoscente, ativo), como na sua forma social (contratual). Portanto, não há um movimento paralelo no desenvolvimento econômico em relação à prática social. Ambos coexistem, implicam-se, um no outro. A *praxis* engendra as relações sociais, políticas e econômicas. Sobretudo, a prática engendra contradições sociais. Entretanto, estas contradições podem engendrar novas práticas.

Deixemos agora as idiossincrasias de Kurz de lado. Todavia, o estudo de seus textos foi necessário, porque, como vimos, trata-se de uma interpretação atual da teoria do fetiche da mercadoria, levando a extremo todas as suas consequências. Grosso modo, parte-se do pressuposto da invasão da mercadoria em todos os aspectos da vida, nada escapando de seus efeitos degradantes, numa *socialização negativa*. De algum modo, ela reflete um contexto sócio-histórico, atendendo expectativas práticas e teóricas de setores políticos. Ao impossibilitar qualquer emancipação possível no cerne do “novo sistema produtor de mercadorias”; esta só poderia advir de um plano transcendente, isto é, fora da sociedade constituída por suas categorias. Entretanto, há pelo menos duas lacunas que esboroam qualquer tentativa nesse sentido: primeiro, porque supõe um binômio metafísico interior-exterior; sendo que o “exterior” é concebido apenas dedutivamente sem, no entanto,

apresentar qualquer indício ou pista para alcançá-lo. Segundo, porque não compreende um sentido de superação pela tensão das contradições. A sensação de *inadequação* de alguns indivíduos não é suficiente para se constituir um projeto de mudança efetiva; é extremamente vago⁵⁹. Esta claro que tal perspectiva teórica se encontra a oeste na rosa dos ventos do mapa-mundi político. Porém, como absorve concepções tradicionais da esquerda enfatizando apenas sua relevância científica e, ao mesmo tempo, tripudiando seu sentido militante e engajado, permanece numa noite em que todos os gatos são pardos.

Deste modo, outras interpretações são cabíveis partindo-se dos mesmos referenciais. É por estas veredas que nossa reflexão seguirá agora: repensar o conceito de trabalho.

Não só o marxismo vulgar associou intimamente *produção e economia*, mas, no interior da divisão das ciências, esta concepção revelou-se promissora. Isto porque de fato no capitalismo a base econômica é central, e por isso seu fundamento é o trabalho.

No capitalismo, a economia política é essencial. (...) As sociedades históricas tiveram sua base econômica, certamente; não há sociedade sem ‘produção’, no sentido do termo; no entanto, nas sociedades passadas, as relações sociais mais importantes não eram econômicas. Tomemos as sociedades medievais. As relações hierarquizadas se construíram sobre uma base econômica, sem se reduzir a ela; as relações de violência entre senhores e vassalos foram ‘extra-econômicas’ pois elas permitiam extrair do trabalho agrícola e artesanal um sobreproduto, por meio de uma pressão direta, o que os mecanismos (que deviam surgir pouco a pouco, mas não existia, de início: o mercado, o dinheiro) não permitiam. Em resumo: em seu caráter elementar e violento ainda natural, as relações sociais características da sociedade medievais se definem para Marx como relações *pessoais*, imediatas, portanto, *transparentes*. (...) No capitalismo, a base econômica comanda. O econômico comanda. As estruturas e superestruturas organizam as relações de produção (o que em nada exclui os atrasos, os distanciamentos e as disparidades) (LELEBVRE, 1999, pp. 111 e 112).

Neste sentido, *o trabalho não foi sempre uma categoria econômica*. “A formação do capital e do capitalismo passa por uma fase de submissão formal do trabalho social ao

⁵⁹ (...) a crítica radical não significaria porventura querer mobilizar o sujeito (...) contra a escravizante objetivação mas antes, mobilizar, através da ‘brecha’ existente nos indivíduos reais, a ‘individualidade organizada’, que vai ganhando consciência do fato de não se encaixar nas nem reduzir às formas do fetiche, contra a compulsiva relação sujeito-objeto da constituição moderna da forma. (KURZ, 2003, par. 22).

capital” (ibidem, p. 108). Portanto, fora do sistema capitalista, a economia não ocupava uma *centralidade*. Nas formações pré-capitalistas, como a sociedade medieval, as determinações políticas regulavam diretamente o regime da vida social, inclusive os estatutos da servidão. Logo, nestas sociedades não havia trabalho? Não é isso. Em toda a história da civilização, a maior parte da sociedade foi mobilizada em atividades com vistas à reprodução material. A diferença é que a produção não isolava o *trabalho* numa esfera autônoma, separada da totalidade da vida. Isto é, o trabalho está lá, mas não *isolado*, enquanto forma ou categoria econômica. Mesmo nas sociedades onde o comércio era intenso, como na Antiguidade, o trabalho assalariado era residual, não entrava na circulação de mercadorias. Somente no capitalismo *trabalho* é exclusivamente dirigido para um único fim: a produção de mercadorias. A exploração se dá agora não diretamente, mas por coações econômicas. Assim sendo, as sociedades modernas – isto é, *o liberalismo clássico* – não adotaram o conceito de *trabalho* mas constataram que pelo trabalho gerava-se riqueza. O grande mérito de Marx, e o que faz com que este não seja um herdeiro da tradição liberal, foi ter demonstrado um fundamento *negativo no trabalho*, a saber: *é inerente ao trabalho gerar a pobreza humana, em todos os sentidos*. Descortinando historicamente as categorias da economia política, tidas por naturais, Marx trouxe à luz a exploração do trabalhador (*mais-valia*). Noutras palavras, a riqueza se realiza no domínio das coisas numa relação inversa ao domínio das relações propriamente humanas.

Feitas estas considerações, ainda fica em aberto a definição de *produção*. Se observarmos bem a citação acima, Lefebvre é categórico: *não há sociedade sem “produção”*. Mas, então, qual o seu sentido? Pode-se, eventualmente, produzir mercadoria; pode-se produzir para a subsistência; pode-se produzir artesanato; pode-se produzir obra de arte; etc. Notam-se *objetos* de diferentes qualidades que modificam o verbo produzir. O que é produção?

Aqui vem a fórmula decisiva. O que é *produção*? Num sentido amplo, herdado de Hegel, mas transformado pela crítica da filosofia em geral e do hegelianismo em particular, pela contribuição da antropologia, a produção não se limita à atividade que fabrica coisas para trocá-las. Existem as obras e os produtos. A produção em sentido amplo (produção do ser humano por ele mesmo) implica e compreende a produção de idéias, das representações, da linguagem. (...) Assim, a produção não

deixa nada fora dela, nada do que é humano. O mental, o intelectual, o que passa pelo ‘espiritual’ e o que a filosofia toma como seu domínio próprio, são ‘produtos’ como o resto. Há produção das representações, das idéias, das verdades, assim como das ilusões e erros. Há produção da própria consciência. (...) No sentido estrito, há produção de bens, de alimentação, de vestuário, de habitação, de coisas. Este último sentido apóia o primeiro e designa sua base material. (ibidem, p. 46)⁶⁰.

Assim, Lefebvre questiona: “Por que as observações críticas economizariam o pensamento crítico?” (ibidem, p. 47). Interpretamos nesta frase que o “economizariam” pode ter duas acepções recíprocas, o da redução a apenas um único aspecto e, por conseguinte, o próprio sentido *economicista* dos conceitos da teoria. Aqui, eis uma pista da teoria do fetiche.

Toda sociedade humana produz. *Produção é criação*. A produção engendra relações; num sentido ainda mais profundo, constitui *o próprio ser humano* e, por conseguinte, *produz a consciência*. Ou seja, linguagem, pensamento, instrumentos, arte, ciência etc. A prática – atividade – é seu fundamento, o que há de mais concreto. O mínimo gesto já define uma prática. Neste caso, é interessante a seguinte formulação fundamental em Lefebvre:

O ato do pensamento destaca da totalidade do real, mediante um recorte real ou ‘ideal’, aquilo que é correntemente chamado de um ‘objeto de pensamento’. Um tal produto abstrato do pensamento não apresenta nada mais de misterioso que um produto da ação prática. Esse martelo é um objeto que isolo provisoriamente por meio de contornos definidos; ele vai me permitir separar da totalidade natureza outros objetos (essas pedras que quero cortar), vai me permitir impor a tais objetos, por seu turno, contornos bem definidos. (LEFEBVRE, 1995, p. 112).

A produção das coisas materiais alcança o nível abstrato que molda, forma e conforma as relações sociais e materiais. O espaço é produzido, assim como o tempo.

⁶⁰ A acepção ampla, herdada da filosofia. *Produção* significa *criação* e se aplica à arte, à ciência, às instituições, ao próprio Estado, assim como às atividades geralmente designadas ‘práticas’. A divisão do trabalho que fragmenta a produção e faz com que o processo escape à consciência e a linguagem. A natureza, ela própria transformada, é produzida; o mundo sensível, que parece dado, é criado. (...) A acepção estrita, precisa, embora reduzida e redutora, herdada dos economistas (Adam Smith, Ricardo) mas modificada pela contribuição de uma concepção global, a história. (LEFEBVRE, 1999, p. 46).

Um operário trajado com roupas sujas e amarrotadas finca no chão a enxada para limpar o terreno, que será escavado por tratores e máquinas movidas por outros operários, onde triunfalmente serão lançados os alicerces de uma grande edificação. Ali ele inicia um movimento, mínimo. Em poucos meses, porém, esses trabalhadores erguem um esqueleto monumental que se atira em direção ao zênite. Logo em seguida, as paredes isolam a construção do vento e da chuva. Agora, só resta o acabamento. O prédio, enfim, edificado, poderá servir para muitos propósitos. Mas supomos que neste caso se estabeleça ali um fórum de justiça. Provavelmente este espaço será grandioso; vigorosas colunas potencializam seu esplendor, uma portaria imensa abre-se para um vestíbulo descomunal com um teto altíssimo e ornado com lustres de cristal de se perder a vista. Diante dele nos sentimos formiguinhas insignificantes. Socialmente, este prédio representa o poder; onde serão tomadas decisões sobre as demandas sociais em litígio. Este é o seu reconhecido sentido simbólico, sua representação. Edificado, o operário da enxada jamais poderá atravessar seu portal com suas velhas roupas desbotadas e puídas. Os ritos da justiça exigem decoro às insígnias do direito, da Lei. Os trajes, exóticos, são neste lugar deveras importantes. Agora o imponderável: Poderá acontecer um dia, eventualmente, deste mesmo operário ser condenado neste mesmo prédio. Uma simples canetada de um magistrado põe abaixo seu casebre e sua família na rua. Uma decisão de alguém, que nem sequer conhece o operário ou conviveu com ele para saber se é uma boa pessoa ou não; uma decisão que aciona tratores (dirigido por outros operários) e policiais que esmagam impiedosamente sua singela residência. Outros interesses são mais importantes. Contudo, se por acaso o operário um dia se revoltar, será preso e taxado de “vagabundo”, ainda que tenha passado toda vida trabalhando. O operário não percebia que no ato em que fincava a enxada apunhalava seu próprio coração. O operário não podia compreender que, ao embrutecer-se no trabalho pesado, com todas as suas forças criava seu algoz e também o letrado, que um dia se voltaria contra ele. Não percebia que a enxada que sulcava a terra ao mesmo tempo criava leis abstratas que o subjugariam. Surpresa. Espanto. O operário não percebeu que o juiz que o condenava não era senão *sua própria imagem* refletida num espelho côncavo. O seu sacrifício e o dos camaradas de sua classe que arriscaram a vida no alto dos andaimes engendraram aquele Edifício que é muito mais que um edifício. Edifício que de agora em diante olha-o concretamente, de semblante grave e severo. Vigia-o, questiona-o, reprova-o.

Franze as enormes sobancelhas, inquire. Impõe-se arrogantemente arrogante. O operário abaixa a cabeça, encolhe os ombros. O Edifício colossais intempestiva e subitamente ergue seu pé gigantesco e sem mais nem menos esmaga o operário, como uma barata. Esmaga-o e esmaga-o infinitas vezes, esmaga-o.

“Aquele que não tem capital nem dinheiro, ninguém se preocupa com ele. Se não encontra trabalho, pode roubar ou morrer de fome” (LEFEBVRE, 1999, p. 16). A classe burguesa não dá a mínima para o fetiche moderno, o que não impede de desfrutar de uma qualidade de vida incomparavelmente melhor que a dos trabalhadores ou daqueles que não encontram trabalho. “A vida dos ricos é um tédio, tão deprimente, coitadinhos!” Ora, não é nada disso! Mansões, iates, viagens a qualquer parte do mundo, a qualquer hora, melhores hotéis, restaurantes, hospitais, sem fila nem espera (...) enfim, fetiche da mercadoria! Ora, a classe burguesa (a superclasse) não dá a mínima para as fantasmagorias do fetiche e fará de tudo para manter seus privilégios - mesmo que o capitalismo esteja nos seus estertores. A classe média se sacrifica, se debate, se esperneia, grita, xinga, perde a compostura para assegurar suas pequenas posses. Os pobres se engalfinham, brigam, lutam pelo pão nosso de cada dia. Neste sentido, seríamos surpreendentemente ingênuos em pensar uma emancipação da humanidade ao largo das contradições do capitalismo e, conseqüentemente, imaginar uma maravilhosa aliança entre “indivíduos organizados”, isto é, patrões, trabalhadores e sem-tetos, todos de braços dados, unidos, marchando pelas ruas com faixas, cartazes e cantando palavras de ordem: “Fora fetiche! Fora fetiche! Abaixo o mundo da mercadoria! Hipe, hipe, hurra!”. Citando *A Ideologia Alemã*, de Marx, Lefebvre escreve:

Não é a consciência que determina a vida (social), mas a vida que determina a consciência. A libertação ‘é um fato histórico e não um fato intelectual. Impossível libertar os homens enquanto eles não forem capazes de adquirir o que lhes é necessário para viver: alimentação, bebida, habitação, vestuário em qualidade e quantidade perfeitas’ (*vollständig*). (ibidem, pp. 45 e 46).

A certa altura do livro “A produção do espaço” (2003), Lefebvre compreende metodologicamente que se anuncia um tempo onde deixa de se produzir coisas para se

produzir relações. Da mesma forma, Marx também anunciava a tendência de um mundo totalmente dominado pela mercadoria (fetiche).

Com um modo de pensar análogo, Marx vislumbrou (no capítulo inédito e recentemente publicado d'*O Capital*) a extensão do “mundo da mercadoria” e do mercado mundial, com suas implicações e consequências. Isto que não era em seu tempo senão uma virtualidade anunciada pela história (da acumulação). (...) Pode-se formular hipóteses extremas. A mercadoria (o mercado mundial) ocupará o espaço inteiro. O valor de troca imporá a lei do valor ao planeta inteiro. Num sentido, a história não será senão aquela da mercadoria? A hipótese levada ao extremo permite descobrir os obstáculos e formular as objeções. (LEFEBVRE, 2003, Capítulo III, par. 134 e par. 135).

Ora, Kurz leva ao extremo o fetiche moderno, algo que já havia sido anunciado por Marx, no capítulo inédito de *O capital*. Neste sentido, pergunta-se, “*a mercadoria (o mercado mundial) ocupará o espaço inteiro. O valor de troca imporá a lei do valor ao planeta inteiro. Num sentido, a história não será senão aquela da mercadoria?*” (vale a pena repetir esta frase da citação acima). Se é verdade que, e parece que sim, a mercadoria vem absorvendo todos os momentos da vida, não restaria nada na vida que lhe escapasse? Resíduos, apenas? A festa, o amor, a amizade, a música, etc. No mundo da mercadoria: *quais são então os seus obstáculos?* A reprodução das relações sociais de produção reproduz também suas contradições, a exploração (mais-valia): sujeição, sofrimento, humilhação, desespero; que se repetem indefinidamente. O que suscita um *dilema*: sofrer eternamente ou *mudar a vida!* Noutras palavras: suportar o fardo da escravidão e viver de joelhos, humilhado para sempre, porque, de qualquer forma, assim será, ou dizer *sim* à vida e mudá-la radicalmente! A reprodução da submissão, sua repetição, engendra a diferença, a todo instante, aqui-agora, sempre se abrem dois caminhos, o novo e o mesmo. Em todas as circunstâncias, em todo momento, sempre a possibilidade de mudar. O capitalista é reproduzido; o trabalhador, o sem-teto, o desempregado também. Repete-se o dilema: aceitar as premissas do fetiche, adorar a mercadoria e renunciar à vida ou dizer um basta. Seja qual for a escolha, assim serão repetidas infinitas vezes. Diariamente. Dia-após-dia. O cotidiano, assim, é o berço das revoluções.

Recapitulemos: por de trás da homogeneidade e transparência da lógica da identidade, quando reproduzida, descobrem-se diferenças incontáveis, contradições inconciliáveis. Em termos mais precisos, *a reprodução das relações sociais de produção* engendra também a reprodução das lutas sociais. As possibilidades infinitas contidas no ser humano não podem ser formatadas totalmente sem resistência. O residual é o sofrimento, a tristeza, a alegria, a felicidade, a criatividade; é no residual que se vai extrair *o novo*.

Estas concepções inspiradas na nossa leitura da obra de Lefebvre merecem mais algumas considerações. Para Lefebvre, a obra de Marx tende a um “reino dos fins”.

Quando Marx leva ao limite seu raciocínio teórico, para onde ele vai e o que encontra? O reino dos fins. Entre esses fins e os envolvendo, ou os supondo, para além dos fins parciais, se assim se pode dizer (o do capitalismo do Estado, da raridade, da filosofia, da história, da família etc.) tem-se precedentemente sublinhado o do *trabalho*. (LEFEBVRE, 1999, p. 128). .

O que está em jogo no desenvolvimento das forças produtivas é a possibilidade da maquinaria ou do robô substituírem totalmente o ser humano na linha de montagem da fábrica, *stricto sensu*, e do trabalho em geral: *o fim do trabalho*. Lefebvre sublinha: “*O trabalho só tem por sentido e por objetivo o não-trabalho*” (Ibidem, p 129). Ou melhor: “O fim do trabalho, que paradoxo naquele que descobriu a importância do trabalho e passa, antes de tudo, pelo teórico da classe operária? E, entretanto, sabemos-lo já, a automatização da produção permite vislumbrar o fim do trabalho produtor” (Ibidem, p. 128). Marx é profundamente otimista neste aspecto. “Nada mais positivo que esta concepção de automatismo” (Ibidem p. 73). Mesmo se pensarmos num cenário tenebroso da automação, de desemprego, miséria, fome etc., haverá sempre a possibilidade de uma reviravolta e de submeter as máquinas à vontade humana. Marx supõe um desenvolvimento tão fabuloso da produção, por meio da automatização do capital constante, que deriva daí a coexistência de pelo menos duas perspectivas: primeiro, *o reino da necessidade* é substituído totalmente pelo *reino da abundância e liberdade*; e, segundo, o processo produtivo é totalmente automatizado a ponto de liberar as pessoas para atividades criativas, ligadas à arte, pedagogia, poesia etc. Todavia, o que se assiste hoje é o incremento do capital constante redundando em desemprego estrutural (já é até admitido cientificamente, para os

economistas liberais, uma média de índice “x” de desempregados permanentes, que nunca assinarão a carteira: são qualificados de “desencorajados”). Esse paradoxo é latente: produção crescente e miséria, idem. A automação atual é altamente negativa. Portanto, novamente, há duas alternativas; somente duas; de duas, uma: 1. a contradição inerente ao capital o levaria automaticamente a um esgotamento de seus pressupostos, resultando num vácuo político aberto a aventureiros pouco recomendados; ou, 2. movimentos politicamente organizados assumiriam o controle e colocariam as máquinas para “trabalhar”, distribuindo igualmente os frutos da produção. Dessas duas alternativas, é possível extrapolar digressões através da identificação de virtualidades possíveis e formular questões: Se a robótica substituir completamente o trabalho humano, num futuro talvez não tão longínquo, será o fim do capitalismo, entretanto, as classes dominantes tentarão ainda exercer seu poder? E os “desencorajados”, que serão a imensa maioria, como poderão garantir sua sobrevivência? O mundo tornar-se-á mais violento? Escravos, de joelhos, vão implorar pelo beijo do chicote? Será necessário exterminar sistemática e aleatoriamente grandes contingentes populacionais em campos de concentração? As bombas atômicas serão jogadas sobre cidades novamente? Ou, num cenário um pouco mais otimista: A miséria humana será erradicada através da distribuição de recursos por políticas assistencialistas? Paremos por aqui, a lista de hipóteses é demasiadamente grande, basta imaginar. Mas, como resolver este dilema? Voltemos a repetir, sem uma *praxis* transformadora, o destino da humanidade permanecerá ao sabor dos acontecimentos caóticos do mundo, onde tudo será em vão! A auto-gestão parece surgir no horizonte como alternativa à barbárie⁶¹.

⁶¹ Vejamos o que Bakunin tem a dizer sobre a auto-gestão: “É necessário a abolição do Estado, que nunca teve outra missão a não ser a de regularizar, sancionar e proteger, com a bênção da Igreja, a dominação das classes privilegiadas e a exploração do trabalho popular em proveito dos ricos. Logo, é preciso: a reorganização da sociedade, de baixo para cima, pela formação livre e pela livre federação das associações operárias, tanto industriais e agrícolas como científicas e artísticas, o operário tornando-se, ao mesmo tempo, homem de arte e de ciência, e os artistas e os sábios tornando-se também operários manuais, associações e federações livres, baseadas na propriedade coletiva da terra, dos capitais, das matérias-primas e dos instrumentos de trabalho (...)” (BAKUNIN, 1999, p. 190). E Marx: “É que assim que o trabalho começa a ser distribuído, cada homem tem um círculo de atividade determinado e exclusivo que lhe é imposto e do qual não pode sair; será caçador, pescador ou pastor, ou crítico, e terá de continuar a sê-lo se não quiser perder os meios de produção – ao passo que na sociedade comunista, na qual cada homem não tem um círculo exclusivo de atividade, mas se pode adestrar em todos os ramos que preferir, a sociedade regula a produção geral e, principalmente desse modo, torna possível que eu faça hoje uma coisa e amanhã outra, que cace de manhã, pesque de tarde, crie gado à tardinha, critique depois da ceia, tal como me aprover, sem ter de me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico” (MARX, 1977, p. 47)

Portanto onde se encontra a utopia? No coração do real que ele habita. Onde se encontra a “realidade”? No possível? Certamente. Mas o que é possível e impossível? (Ibidem, p. 73).

Utopia? Sim e não. Impossível? Sim e não. Virtualidades, apenas.

Possibilidade teórica e prática? Incontestavelmente. O encadeamento posterior das descobertas técnicas confirmou plenamente as visões de Marx. Impossibilidade? Certamente, nos quadros do capitalismo e mesmo da famosa ‘transição’ para uma sociedade socialista ou comunista. Utopia portanto, mas *utopia concreta*, possibilidade que ilumina o atual e que distancia o atual do possível” (Ibidem, p. 128).

Para encerrar, detenhamo-nos mais sobre um ponto, que ficamos devendo. Diz respeito à metodologia dos *Grundrisse*. Segundo Lefebvre, na introdução desta obra, Marx discorre sobre “categorias (conceitos)” de relações sociais mais desenvolvidas da sociedade burguesa que, todavia, permitem apreender as estruturas e relações de produção de sociedades passadas, pois subsistem vestígios e virtualidades que alcançam sentido pleno no capitalismo⁶². Tal método é aquilo que Lefebvre denominará *regressivo-progressivo*, isto é, compreender a gênese de um fenômeno, partindo do atual para o passado e inversamente. Vejamos:

A dialetização do próprio método se persegue, assim, sem que a lógica e a coerência tenham que sofrer. Não obstante, há riscos de obscuridade e de repetições. Marx nem sempre as evitou. Ele as conhecia. A tal ponto que a exposição d’*O capital* não segue exatamente o método promulgado nos *Grundrisse*. A grande exposição doutrinal parte de uma *forma*, a do valor de troca, e não de conceitos postos no primeiro plano na obra anterior: a produção e o trabalho. A *démarche* anunciada nos *Grundrisse* se reencontra a propósito da acumulação de capital: Marx mantinha suas proposições metodológicas desde quando estudava na Inglaterra o capitalismo o mais avançado, para compreender os outros países e o próprio processo de formação do capitalismo. (LEFEBVRE, 2003, Capítulo I, par. 169).

⁶² “A produção do espaço”, Capítulo I, par. 165.

Neste sentido, “certos traços pré-capitalistas penetram no capitalismo. Eles se acentuam não somente na sua periferia agrícola, mas no próprio seio da realidade urbana” (LEFEBVRE, 1999, p. 163).

O capitalismo supera e conserva estes *traços*, dá-lhes um sentido novo, mas guarda os restos de sua história. O camponês expropriado está no operário, assim como o operário está no desempregado permanente, o “desencorajado”, etc. Ou, numa outra possibilidade, o capital, em momentos de crise, reinstitui a escravidão. Assim, as categorias (ou conceitos) do capitalismo quando projetadas ao passado, longe de representarem um *anacronismo* metodológico, muito pelo contrário, desvendam tais relações. Somente através da realidade atual se pode conceber e compreender o passado e, ainda, extrapolá-la virtualmente no futuro. Logo, o trabalho abstrato permite compreender o trabalho privado – independente – das sociedades pré-capitalistas, enquanto pressuposto, mas, por outro lado, permite vislumbrar também a superação do próprio trabalho social, o seu fim.

Há em Lefebvre uma *positividade* dialética – não a suprime – no desenrolar da história. A história da humanidade é a história da superação e dominação da natureza, inclusive, da natureza humana. O que faz pensar: a tão propalada hecatombe da natureza é simultaneamente a destruição da humanidade. O objetivo da produção em sentido amplo, da produção humana, é um paradoxo: o retorno à natureza, inclusive, à natureza humana. O desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, por exemplo, permitiu criar virtualmente o reino da abundância e da liberdade em relação à carestia e necessidade. Assim, o Estado moderno resgatou o ideal humanista, da igualdade e da liberdade, constituindo-se numa virtualidade presente mas ausente de fato. Os pressupostos do ideal humanista devem ser atualizados, urgentemente. O que provavelmente implica na ausência do Estado. Ao seguir a estrada, caminhando, acima somente o céu e os astros luminosos, testemunhas antigas de erros e acertos; ao redor, a natureza, preciosa; embaixo, a terra; atrás, lembranças, arrependimentos; à frente, uma bifurcação.

O trabalho alienado

Vimos mais acima, no exame dos textos de Kurz: se somente as categorias da modernidade são perfeitamente discerníveis, pois são inerentes à consciência fetichista, então a sociedade do fetiche moderno é a mais transparente de todas as outras que a precederam até agora [primeira aporia]; e se toda atividade como abstração real subordinada ao capital (ou à representação do fetiche moderno) é *trabalho abstrato*, então não cabe rigorosamente o termo *trabalho* (tanto no sentido da palavra como do conceito). E se, da mesma forma, *trabalho* é hipostasiado enquanto categoria da consciência fetichista desconectada da prática real (abstração de dispêndio de energia), então não cabe tampouco o conceito de trabalho, porque é apenas uma figura de linguagem. Esta é a segunda *aporia* que se encontra na *crítica categorial*, à qual faz do conceito de trabalho estranho ao próprio conceito.

Como se desembaraçar desta aporia?

(...) Marx mostra como o conceito de *trabalho* (social) só poderia nascer e ser formulado em certas condições históricas. Seria preciso que a divisão do trabalho houvesse atingido alto grau e que os trabalhos parcelares constituíssem, praticamente, um vasto conjunto, a saber o próprio trabalho social. Anteriormente, os homens (escravos, camponeses, artesões) trabalhavam. Mas, não se sabia disso, não se levava isso em conta na filosofia e nos discursos sobre o homem. As primeiras invenções de máquinas (e não apenas de utensílios) deixam entrever, ao mesmo tempo, a longínqua possibilidade de uma emancipação do homem em relação ao trabalho, do qual a máquina se incumbiria. O conceito de trabalho acompanhou as premissas do não-trabalho (LEFEBVRE, 1967, p. 104).

O caráter histórico e dialético do trabalho supõe e pressupõe seu contrário. O trabalho enquanto atividade humana pode se manifestar num sentido extremamente genérico: o trabalho de um escultor, de um artista, por exemplo. O trabalho exclusivamente em sentido econômico fragmenta sua totalidade. É neste sentido que um *modo* toma o lugar do “*ser*”; uma parte, do todo (metonímia). Neste sentido, o que se quer demonstrar nesta seção é como o trabalho se defronta contraditoriamente em relação ao capital (trabalho morto).

Não é incomum em diversas situações do cotidiano ouvirmos alguém dizer: “fulano de tal é alienado”. Embora não seja uma expressão usual, a palavra *alienação* tampouco está restrita a um círculo de eruditos ou especialistas. O significado literal da palavra é simplesmente *alheio*, e num sentido lato, *ceder*, *transferir*, *alucinar*. No repertório jurídico, alienação é *venda* ou *cessão de um direito ou bem*. A partir do século XVI, o termo designava *loucura*; pressupunha-se um estado patológico: “desordem ou perturbação mental”. Identificava-se no comportamento individual manifestações *excêntricas* ou um *alheamento* não só da realidade objetiva exterior ao indivíduo, mas de seu próprio “ego”: o lunático fora de si. O conto “O alienista”, do grande literato brasileiro Machado de Assis, dá uma idéia bem humorada desse sentido. No conto, Simão Bacamarte é um alienista (hoje psicólogo, psiquiatra, assistente social etc.) que ao chegar na cidadezinha de Itaguaí, carregando consigo as mais altas aspirações libertadoras do “homem da ciência moderna”, passa a examinar compulsivamente todos os habitantes da cidade. Após constatar desvios de conduta em todos eles, toma a drástica decisão de interná-los um a um no manicômio municipal. Mas é no desfecho da trama que se dá uma surpreendente reviravolta. Sendo o protagonista da história o único “normal” da cidade, sua *normalidade* não podia ser *normal* (pois estava fora da média). Assim, Bacamarte deduz sensatamente que, num mundo de alienados, sua própria lucidez era loucura e, por isso, depois de libertar todos os seus pacientes, toma a sábia decisão de internar ele mesmo no hospício, encerrando assim o conto. (Machado de Assis já fazia crítica dialética do iluminismo!).

Num outro sentido, mais atual e corriqueiro, o termo alienação também é sinônimo de *inconsciência política*. O que a princípio deve ser uma forma de *falsa consciência* ou indiferença a assuntos políticos inerentes ao *ser social* (como no poema de Bertold Brecht, “O analfabeto político”). O termo se difundiu principalmente pelas correntes políticas de esquerda, que vulgarizaram o sentido de alienação em Marx, e, com base nela, se auto-intitularam libertadores do povo inconsciente das trevas do capitalismo. Para tanto, imbuídos das mais altas aspirações do *socialismo científico*, fundaram um partido de

vanguarda que submetia seus epígonos a uma rígida disciplina e uma hierarquia que devia ser obedecida cegamente. O desfecho desta história? É por demais conhecido...

Feita esta pequena introdução ilustrativa, sobre alguns aspetos distintos da palavra alienação, avisamos que evidentemente não faremos aqui uma discussão do conceito de alienação na história da filosofia, onde o tema é recorrente, desde Rousseau, Hegel, Feuerbach e tantos outros. O que nos interessa é o sentido de alienação em Marx e, principalmente, nos seus *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844); pois diz respeito à *negatividade do trabalho no capitalismo*. Logo de início, de nossa leitura de os *Manuscritos*, encontramos, porém, um problema suscitado pela tradução da palavra alemã *alienação*, que, dentre outros vocábulos menos usuais, oscila entre os termos *Entfremdung* e *Entäusserung*. O problema surgiu, para nós, recentemente com a tradução quase textual dos *Manuscritos econômico-filosóficos* por Jesus Ranieri (2004). Ranieri deteve-se cuidadosamente nestes termos distintos que até então eram traduzidos para a língua portuguesa somente por *alienação*. O tradutor e comentador expõe o problema assim:

Tentei ser o mais fiel possível ao texto original, procurando garantir a permanência de expressões coloquiais, assim como (bem mais difícil) daqueles termos que denotam o vínculo intelectual de Marx com o idealismo alemão, principalmente com a filosofia de Hegel. (...) Em primeiro lugar, é preciso destacar a distinção sugerida, nesta tradução, entre alienação (*Entäusserung*) e estranhamento (*Entfremdung*), pois *são termos que ocupam lugares distintos no sistema de Marx* (MARX, 2008, p. 15, os grifos são nossos).

Não ficamos muito satisfeitos com a interpretação dos termos de alienação em Ranieri, e resolvemos nós mesmos debruçar sobre o problema.

Segundo a nossa leitura dos “Manuscritos de 1844”, da edição traduzida pelo mesmo Ranieri, realizada em grupo, como já foi explicitado em nota na apresentação desta pesquisa, para nós a distinção dos termos *Entäusserung* e *Entfremdung* não é tão marcante a ponto de “ocuparem lugares distintos” mas dignas de observação e atenção. Ambos os termos se tocam reciprocamente, o que, porventura, não é, ao nosso ver, incorreto do ponto de vista da língua vernácula designar a palavra por *alienação* somente, como comumente se fez até então, desde que a referida distinção seja levada em conta o tempo todo em sua

relação dialética. Deste modo, a análise dos termos é indispensável, ou seja, do que se quer tratar e se mencionar, para, em seguida, reabilitar o termo vulgar. Por isso, o exame do sentido da palavra obrigou-nos a tarefa de consultar colegas que estudam a língua alemã⁶³ e mesmo dicionários (algo que gostamos muito de fazer)⁶⁴, antes de abordar diretamente o assunto.

Evidentemente, os *Manuscritos*, considerados um livro filosófico de Marx, são tributários do debate em torno da obra de Hegel, e daí a relevância da *alienação*, haja vista que o conceito ocupa lugar central na obra deste filósofo. Michael Inwood, em seu “Dicionário Hegel”, inicia o verbete “alienação”, sobre o *dilaceramento da consciência*, do seguinte modo: *Hegel usa duas palavras para “alienação”...*

1. *Entfremdung* corresponde a *entfremden* (“alhear”), de *fremd* (“alheio”). No Alto-Alemão médio (isto é, dos séculos XII a XV), referia-se a tomar ou roubar os bens de uma pessoa e também à alienação mental, especialmente o coma ou estupor. Mas passou mais tarde a indicar, primordialmente, o estranhamento ou a desavença entre pessoas. 2. *Entäusserung* corresponde a *entäussern*, “tornar exterior ou externo (*ausser*)”⁶⁵, e significa “renúncia” ou “despojamento”. (Hegel usa *Entäusserung*, mas não *Entfremdung*, para se referir à alienação, isto é, ao ato de despojamento voluntário dos próprios bens). Outras palavras na mesma área são: *Entzweiung* (de *zwei*, “dois”), “bifurcação”, “desunião”; *Zerrissenheit* (de *zerreißen*, “rasgar, dilacerar, desmembrar, desligar”), “desmembramento”, “desconjuntura”; *Zwiespalt* (também de *zwei*), “discórdia”, “conflito”,

⁶³ Perguntamos a nossa colega e amiga de tanto tempo, Verônica, estudante de alemão da Faculdade de Letras da FFLCH-USP, que, em programa de intercâmbio na Alemanha, escreveu-nos gentilmente: “Oi Jean... Tudo bem? Tanta coisa acontecendo pelo Brasil e no mundo! (...) Quanto a sua pergunta: *Entäusserung* é quando eu digo a minha opinião, tem a ver com o que eu penso e o que eu sinto sobre o meu ponto de vista. *Entfremdung* quer dizer, em linhas gerais, “estranhamento”. Se tornar estranho ao outro. Ou também quando algo é esquecido ou também quando alguém é esquecido. Se faz esquecer. Espero que te ajude. Pedi ajuda ao um alemão, meu namorado, ele disse “nossa, seu amigo deve estudar coisas interessante”, eu disse “Ele é uma pessoa interessante e humana”. Quando você precisar de algo mais me fale e não só quando precisar. Pode escrever. Você ainda almoça no bandeirão, né?! E como vão os seus estudos? Como vai a sua vida? Sua família? Tudo de bom a você Jean! Saudades. Abraços e beijos. Verônica Kienen Dias”. Obrigado!

⁶⁴ A palavra *alienação*, de origem latina (*alienare*, *alienus* mesmo radical de “alheio”), é traduzida no alemão por *Veräußerung*; *Entfremdung*; *Geisteskrankheit* (mental), entre outras. O sentido explícito de alienação em *sessão* (de direitos ou bens) ou *transferência* (“sair para fora”), ou melhor, a palavra “externação” é, em alemão, *Äußerung* ou ainda “externo”, *äusserlich*. O termo alemão *Entäusserung* é traduzido em português por *desapropriação*, *renúncia*, *abandonar*, *despojamento*, *expressar*. “Estranho” é em alemão *fremd* (“estranhamento”, *Befremden*, entre outras). Nota-se que “estranho” em português pode significar: *desconhecido*; *estrangeiro*; *alheio ao meio*; *forasteiro*, etc.

⁶⁵ *Ausser*, prep., fora de, fora; exposto, além de... etc.

“discrepância”; *Diremtion*; e *Trennung*, “separação” (de *trennen*, “separar”). (...) Hegel não usa a palavra *Entfremdung* antes da “Fenomenologia do Espírito”, mas vários de seus escritos anteriores prenunciam seus pontos de vista posteriores. (...) A alienação é descrita e de forma sumamente vigorosa na “Fenomenologia do Espírito” mas tanto as palavras quanto as idéias são importantes em obras posteriores de Hegel. Entretanto, a sua importância e até a sua presença foram virtualmente ignoradas pelos estudiosos de Hegel antes do aparecimento das análises de Marx de *Entfremdung* e *Entäusserung* em seus “Manuscritos filosóficos” de 1844, mas publicado primeiro em alemão em 1932, e inglês em 1959. (INWOOD, 1997, pp. 45-47).

Feita esta consideração, dá para se ter uma idéia da relação estreita dos termos colocados e da dimensão do problema em se verter palavras de uma língua estrangeira (germânica) para uma outra (latina). Entretanto, a tarefa não é impossível.

A palavra *portuguesa alienação* parece conter os dois sentidos, o de *Entäusserung* como o de *Entfremdung*, isto é, tanto de “sessão de”, “despojamento”, como também “arroubamento de espírito”, “alheamento”, “indiferença”, “estranheza”, etc. Mas a distinção é, em se tratando de um estudo conceitual, necessária sim, pois, descreve momentos dialéticos ou a passagem de um termo no outro e vice-versa. A partir disso, estabeleceremos aqui a seguinte definição: *Entäusserung*, isto é, *expressão (sair, pressão para fora)*; produção significativa que tende a deformar ou exagerar a realidade (*transformação*). E *Entfremdung*: estranhamento (esquecimento), ou melhor, aquilo que é diferente, que foi *tirado* (arrancado, roubado), esquecido como seu e, portanto, tornou-se estranhamente hostil. Neste sentido, tudo que se *expressa* em um meio externo é de certa forma *estranho*; diferente daquele interior que saiu num e por um *outro*, que *impressiona*. Partindo-se disso, é possível refletir, sociologicamente, sobre uma determinada *manifestação humana* que se expressa ou *produz* algo, que lhe é estranho – o interior que ao se tornar interior num objeto externo torna-se *outro*, portanto, *diferente*. Mas que, num momento posterior, impressiona e é reconhecido como próprio – interior-exterior –, isto é, *re-apropriado*, interiormente. Já o estranhamento, ou melhor, *o esquecimento*, é quando algo que *sai* de si não retorna, ou não é re-apropriado novamente, mas aparece (e parece) totalmente desconhecido e hostil. Consideremos um exemplo: uma cadeira é um objeto produzido por mãos humanas; ela tem uma *forma* – forma humana –, pois, ela é feita para

sentar, mitigar o cansaço; ela tem uma *estrutura*, pode ser feita de madeira, plástico etc. (material estranho ao corpo humano); e ela tem uma *função*, quando cumpre a finalidade de aliviar o cansaço: ela é *re-apropriada*. Todavia, se a cadeira, por ventura, não cumpre os fins de sua forma, quaisquer que sejam eles, ela se torna totalmente estranha, desconhecida e mesmo hostil, ainda que intimamente possua a *forma humana*. O que a torna algo estranho (seu Eu objetivado), ameaçador: um inimigo de si mesmo. Esta é uma questão que nos propomos tentar responder através dos *Manuscritos*:

O homem só não se perde em seu objeto se este vem a ser como objeto *humano* ou homem objetivo. Isto só é possível na medida em que ele vem a ser objeto *social* para ele, em que ele próprio se torna ser social (*gesellschaftliches Wesen*), assim como a sociedade se torna ser (*Wesen*) para ele nesse objeto (MARX, 2008, p. 108).

Distinguindo-se o *ser social* do ser natural, lemos: *o homem só não se perde em seu objeto se este vem a ser objeto humano (...)*. O que significa *perder-se em seu objeto*? *Perder* este objeto que não é senão *aquele que perdeu*: perder-se a si mesmo e em si mesmo. Contudo, o objeto é *reencontrado* se vem a ser *objeto humano* ou *homem objetivado*. Se retomarmos o exemplo da cadeira, diríamos que ela é *objeto humano* ou *homem objetivado* re-encontrado. Neste sentido, os termos hegelianos de alienação são retomados por Marx nos *Manuscritos* num sentido antropológico, porém, sem abandonar a dialética. O pensamento dialético é fundamental aqui. Nos *Manuscritos*, Marx indaga diante do problema lançado pelo *idealismo objetivo*: “o que fazer diante da dialética hegeliana?”.

A grandeza da fenomenologia hegeliana e de seu resultado final – a dialética, a negatividade enquanto princípio motor e garador – é que Hegel toma, por um lado, a autoprodução do homem como processo, a objetivação (*Vergegenständlichung*) como desobjetivação (*Entgegenständlichung*), como exteriorização (*Entäußerung*) e supra-sunção (*Aufhebung*) dessa exteriorização; é que compreende a essência do trabalho e concebe o homem objetivo, verdadeiro, porque homem efetivo, como resultado de seu *próprio trabalho* (ibidem, p. 123).

Marx reconhece a grandeza da obra de Hegel (*Fenomenologia do espírito*) e de sua ideia da *constituição do humano pela própria atividade humana*, isto é, o sentido já tantas vezes referido aqui de *produção ampla*. É por sua própria atividade (“essência do trabalho”) em relação à natureza (o mundo) que o ser humano se constitui objetivamente. Todavia, a “essência do trabalho” em Hegel é a do trabalho da consciência que se exterioriza num mundo estranho a si e o reencontra como consciência-de-si. Portanto, a *atividade*, em Hegel, se dá apenas no plano do pensamento, nas palavras de Marx, ao “homem enquanto *egoísta abstrato*” (Ibidem, p.125); isto é, somente *subjetivamente*. Todavia, Hegel abstrai de tal atividade que ela é realizada por um *ser objetivo* em relação a uma *realidade objetiva*, o que vale dizer que “um ser não-objetivo é um *não-ser*” (Ibidem, p. 127).

Quando ele [Hegel] apreendeu, por exemplo, a riqueza, o poder de Estado etc. como a essência estranha da essência humana, isto acontece somente na sua forma de pensamento.... O trabalho que Hegel unicamente conhece e reconhece é o *abstratamente espiritual* (ibidem, pp. 121-124).

Neste sentido, para Marx, o reconhecimento humano pela consciência, em Hegel, é, na verdade, uma alienação absurda (estranhamento hostil), pois concilia de modo absoluto toda a contradição objetiva (social, natural, do mundo) no e pelo pensamento racional.

A objetividade enquanto tal vale por uma relação *estranha* do homem, [relação] não correspondente à essência *humana*, à consciência-de-si. A *reapropriação* da essência objetiva do homem, produzida enquanto [algo] estranho sob a determinação do estranhamento, tem assim não somente o significado de supra-sunir (*aufheben*) o *estranhamento*, mas [também] a *objetividade*, ou seja, dessa maneira o homem vale como uma essência *não-objetiva*, *espiritualista* (pp. 124 e 125). (...) Já vimos: a apropriação do ser objetivo ou a supra-sunção⁶⁶ da

⁶⁶ Ranieri traduz a palavra alemã *Aufhebung* pelo neologismo “supra-sunção”. Assim explica os critérios da tradução: “Outro obstáculo foi encontrar uma tradução adequada para o verbo *aufheben* que, em alemão, significa, a um só tempo, o ato de erguer (algo do chão), o de guardar (um objeto, para que se conserve) e o de suspender (por exemplo, a vigência de um ato jurídico). Em geral, traduz-se *aufheben* por suprimir, abolir ou ainda superar, assim como se traduz o substantivo *Aufhebung* por supressão, abolição ou superação. O problema é que o significado em *aufheben* e desdobramentos é muito maior, mais rico e variado, o que dificulta sobremaneira a versão para um termo adequado, que contenha ao mesmo tempo a unidade e a diversidade do original. Minha opção foi de vertê-los, de maneira geral, para supra-sunir e supra-sunção,

objetividade sob a determinação do *estranhamento* – que tem de ir da estranheza (*Fremdheit*) desinteressada até o efetivo estranhamento hostil – tem para Hegel, ao mesmo tempo e até principalmente, a significação de supra-sumir a *objetividade*, pois não é o caráter *determinado* do objeto, mas sim seu caráter *objetivo* que constitui, para a consciência-de-si, o escandaloso (*Anstössige*) e o estranhamento (ibidem, p. 129).

Tal *conciliação* de toda exteriorização de suas forças objetivas pela consciência, para os indivíduos sociais (ou para Hegel, consciência-de-si), se efetiva na sociedade civil na e pela forma do Estado⁶⁷. “O homem que conheceu levar no direito, na política etc., uma vida exteriorizada, leva nesta vida exteriorizada, enquanto tal, sua verdadeira [vida] humana” (ibidem, p. 130). Marx, por outro lado, vai demonstrar que não há conciliação pelo pensamento nem pelo Estado, mas, ao contrário, que tanto um como outro dissimulam as diferenças e contradições reais, objetivas, que não se resolvem na esfera abstrata e ideal da autoconsciência⁶⁸. Porém, tal desenvolvimento da lógica dialética guiará o método

posto que o que se deve reter é a dinâmica do movimento dialético que carrega consigo, no momento qualitativamente novo, elementos da etapa que está sendo ou foi superada ou suprimida, ou seja, a um só tempo, a eliminação, a conservação e a sustentação qualitativa do ser que supra-sume” (MARX, 2008, p. 16). Embora bem concernente este argumentos para a compreensão da amplitude de *Aufhebung*, nós optaremos apenas por *negação determinada* ou simplesmente *negação dialética*, para evitar uma leitura hermética e por demais erudita.

⁶⁷ Hegel esboçou uma teoria da *praxis*. A bem dizer, o conceito de *praxis* já está presente, na *Filosofia do Direito*, elaborado em sua amplitude, complexidade e contradições. Nenhum aspecto, nenhum nível é desprezado: trabalho, organização do trabalho, produção no sentido amplo (objetos e obras), necessidades individuais e sociais, educação, família e familiaridade, *praxis* estreita e *praxis* ampliada, política e histórica. A *práxis* é superação, abertura para a realização e a presença efetiva da liberdade. A teoria da *praxis* aí está. E, todavia, não está: toda a *praxis* está presa à especulação e é finalmente absorvida no Estado. (LEFEBVRE, 1967, p. 91).

⁶⁸ Tal é o sentido da famosa proposição de Marx sobre a “inversão” da dialética hegeliana, que é verdadeira se posta do avesso: a contradição, que é forma exterior de manifestação da unidade real para Hegel, é o interno e essencial para Marx, enquanto que a identidade, que é para Hegel esta essência interna e verdadeira realidade, embora se manifeste exteriormente em coisas diferentes e opostas, torna-se para Marx a aparência exterior de que reveste a realidade essencialmente contraditória. (Nota: este é o ponto em que se apóia o artigo de Theunissen, M. “Krise der Macht. These zur Theorie des dialektischen Widerspruchs”. In: Köhn, Pahl-Rugenstein. *Hegel jahrbuch*. Berlim, Verlag, 1974, p. 325). A igualdade jurídica entre o trabalhador e o capitalista, assim, é real e básica para que a relação de capital exista, mas é apenas uma dimensão externa determinada pela contradição mais profunda que de fato constitui esta relação; é preciso que o trabalhador seja vendedor de mercadorias para que venda sua força de trabalho ao capitalista, mas isto porque o capital tem de comprar e possuir a propriedade da fonte de sua própria existência, do valor que se valoriza, para poder ser capital. Desta forma, toda a harmonia é somente o aspecto exterior de que se reveste a contradição do capitalista, não podendo caracterizar por si só este sistema e servindo inclusive para mascarar a contradição essencial dele; daí a crise represente seu desmascaramento, determinando sua crítica. (GRESPLAN, 1996, p. 300).

materialista de Marx, na sua famosa (des)inversão do “mundo invertido” de Hegel. Marx não poderia ser mais claro em seu projeto como mostra esta passagem abaixo:

O *supra-sumir* como movimento objetivo *retomando de volta* em si a exteriorização (*Entäusserung*), expresso no interior do estranhamento, da *apropriação* do ser (*Wesen*) objetivo mediante a supra-sunção de seu estranhamento, o juízo estranhado na *objetivação efetiva* do homem, na apropriação efetiva de seu ser objetivo mediante a eliminação da determinação *estranhada* do mundo objetivo, mediante sua supra-sunção na sua existência (*Dasein*) estranhada, (...). (ibidem, p. 132).

O centro do processo sai da *consciência* e recai no *corpo*. E daí Marx pode realizar a sua crítica do *sujeito*. Ora, a atividade no mundo não se procede por meio de uma *atividade pura* da consciência racional, mas, ao contrário, pelo manifestar (*Entäusserung* e *Entfremdung*) dos sentidos humanos, *enquanto atividade de um ser natural objetivo*, em sua prática social que produz sua própria realidade objetiva:

Quando o *homem* efetivo, corpóreo, com os pés bem firmes sobre a terra, aspirando e expirando suas forças naturais, assente suas *forças essenciais* objetivas e efetivas como objetos estranhos mediante sua exteriorização (*Entäusserung*), este [ato de] *assentar* não é sujeito; é a subjetividade das forças essenciais *objetivas*, cuja ação, por isso, tem também que ser *objetiva*. O ser objetivo atua objetivamente e não atuaria objetivamente se o objetivo (*Gegenständliche*) não estivesse posto em sua determinação essencial. Ele cria, assenta apenas objetos, porque ele é assentado mediante esses objetos, porque é, desde a origem, *natureza* (*weil es Von Haus aus Natur ist*). No ato de assentar não baixa, pois, de sua “pura atividade” a um *criar* do *objeto*, sua atividade enquanto atividade de um ser natural objetivo. (ibidem, p. 127).

Proposta de debate: tomando o que foi dito acima, alienação não pode ser entendida como necessária, num sentido psicológico, à consciência (dilacerada); dilaceramento este que também estaria presente em todas as sociedades humanas. Pois, a alienação não se dá primeiro no plano da consciência; mas, da *vida* (concreta). Portanto, a alienação é *objetiva*, e pode e deve ser suprimida; pois o que se visa suprimir é o *estranhamento* da

exteriorização, ou seja, o caráter peregrino da *essência* humana, que não retorna de sua jornada, porque nunca saiu daqui, mas que, forasteiro de um país inimigo, escraviza-se na sua própria *essência*. Dito de outro modo, quando *ela* (*essência*), por não ser *reconhecida essencialmente*, torna-se *inumana*. Contudo, como escapar de uma interpretação *ontológica* da alienação, do “ser” ou da “essência”? Da seguinte maneira, destronando *o ser* da posição central que ocupa na ordem do pensamento filosófico, e instituir o *corpo*, em seu *vir-a-ser*⁶⁹, neste lugar privilegiado, cuja implicação disto é a própria superação dos pressupostos da filosofia (mente e corpo) e mesmo das ciências parcelares: divisão do trabalho (intelectual e manual). Ou seja, não há uma *essência humana* pré-fabricada, perdida e esquecida num passado distante, mas o “esquecimento” das virtualidades humanas, de seu ser genérico, multilateral. O caráter errante da *essência humana* perdida é, na verdade, a privação de todas as potencialidades do corpo. Esta *essência*, entretanto, não é imanente, genética. Mas, ao contrário, ela se constitui na prática e se realiza exteriormente, no mundo das coisas, seu *espelho*. Neste sentido, alienação é sempre alienação do possível.

Antes de prosseguirmos, esclarecemos também que seguiremos a orientação teórica de István Mészáros (2007). Segundo Mészáros, o conceito de *trabalho alienado* foi a “grande descoberta histórica” do Marx dos *Manuscritos* e que vai atravessar toda a sua obra, como conceito fundamental, enquanto denominador comum de desdobradas outras formas de alienação *no* capitalismo⁷⁰.

Vejamos então o desenrolar dos conceitos de *exteriorização* (*Etäusserung*) e *estranhamento* (*Enfremdung*) nos *Manuscritos*. Se, antes, os pressupostos defendidos aqui forem aceitos, a acepção pejorativa de *alienação* tem mais a ver com o sentido de *estranhamento* (hostil), em si, do que com *exteriorização*, propriamente dita, ainda que os termos não se excluam mutuamente. A relação *exteriorização-estranhamento* é, portanto, um processo (natural) de *objetivação e constituição do ser humano*, por meio de suas *obras*

⁶⁹ Que o homem é um ser *corpóreo*, dotado de forças naturais, vivo, efetivo, objetivo, sensível significa que ele tem *objetos efetivos, sensíveis* como objeto do seu ser, de sua manifestação de vida (*Lebensäusserung*), ou que ele pode somente *manifestar* (*äussern*) sua vida em objetivos sensíveis efetivos (*wirkliche sinnliche Gegenstände*). (MARX, 2008, p. 127).

⁷⁰ Deve estar claro, a esta altura, que *nenhum* dos significados de alienação usados por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* desapareceu de seus escritos posteriores. E não é surpresa. Pois o conceito de alienação, tal como é compreendido por Marx em 1844, com todas as suas complexas ramificações, não é um conceito que pudesse ser abandonado, ou unilateralmente “traduzido”. (MÉSZÁROS, 2007, p. 207).

ou *produtos*⁷¹. Há aí um certo estranhamento na *produção de uma “essência” humana* através de um *outro exterior* que é esta essência – “a *humanidade* da natureza e da natureza criada pela história” (p. 122). Assim sendo, esse *outro-de-si-mesmo* constitui historicamente as *sociedades humanas* (segunda natureza), em suas várias formas. O estranhamento causado por este *outro-de-si-mesmo* é re-apropriado na *vida produtiva* (em sentido amplo) e reconhecido na produção da *consciência que afirma e preserva a vida*. Por isso, dominar, controlar ou conhecer a natureza em seu estado caótico, contingente, é pressuposto da *liberdade*, próprio do ser humano, que Marx denomina de *ser genérico*⁷². “A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendradora de vida. No modo da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma species, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem” (MARX, 2008, p. 84). A *objetivação da atividade vital* (prático-sensível), através da expressão do ser genérico num outro, pode ser designada por *trabalho*, enquanto pressuposto, no sentido de uma atividade que suprime *carências naturais* (carência de estética, de beleza, por exemplo)⁷³. Por isso, esta supressão converte *necessidade* em *liberdade*⁷⁴; natureza em humanidade. Este “exprimir-se num e por um outro”, que, como num espelho, é seu reflexo, pode ser denominado de *trabalho*; lembrando-se que a linguagem não é uma transparência – uma coisa pode ter muitos nomes e um nome pode designar muitas coisas – o que não quer dizer que não tenha uma eficácia real. É por meio deste *opaco* que se constitui o conhecimento (transparência). De fato, como já se assinalou, *trabalho* não tem unicamente um sentido

⁷¹ Não há realidade humana sem obras, mas não há obras sem uma atividade humana produtora. As obras não deixam de ser “o ser-outro” do homem, que mantém com ele dupla relação: *alteridade*, alienação. A investigação marxista, sobre as relações entre o homem (social: o da *praxis*) e as obras, não pode ser considerada nem econômica, nem psicológica, nem sociológica, nem filosófica. (LEFEBVRE, 1967, p. 96).

⁷² O comportamento *efetivo, ativo* do homem para consigo mesmo na condição de ser genérico, ou o acionamento de seu [ser genérico] enquanto um ser genérico efetivo, isto é, na condição de ser humano, somente é possível porque ele efetivamente expõe (*herauschafft*) todas as suas forças genéricas – o que é possível apenas mediante a ação conjunta dos homens, somente enquanto resultado da história –, comportando-se diante delas como frente a objetos, o que, por sua vez, só em princípio é possível na forma do estranhamento. (MARX, 2008, p. 123).

⁷³ (...) apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade *humana* subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém cultivadas, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do *seu* objeto, pela natureza *humanizada*. (Ibidem, p. 110).

⁷⁴ O homem rico é simultaneamente o homem *carente* de uma totalidade da manifestação humana de vida. (ibidem, p. 112).

econômico, *stricto sensu*. *Trabalho* aqui não é ainda *trabalho alienado*; posto enquanto *categoria econômica* (na forma de mercadoria), ou seja, separado (*estranho* e hostil) do produtor, na figura do *trabalho abstrato* (social) e do *trabalhador*, mas apenas uma das inúmeras manifestações humanas; um modo de *expressar sua força vital* objetivamente. O ser humano se constitui, *se autoproduz* – ou melhor, *cria sua própria essência* – transformando, socialmente, a natureza e radicalmente sua própria natureza. Neste sentido, a humanidade emerge e se reconhece em si através da atividade expressa na sua objetivação (alteridade).

A natureza é o *corpo inorgânico* do homem, a saber, a natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem *vive* da natureza significa: a natureza é seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza. (ibidem, p. 84).

Um ser que não tenha sua natureza fora de si não é nenhum ser *natural*, não toma parte na essência da natureza. Um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum seu objetivo. Um ser que não seja ele mesmo objeto para um terceiro ser não tem nenhum ser para ser seu *objeto*, isto é, não se comporta objetivamente, seu ser não é nenhum [ser] objetivo. Um ser não-objetivo é um *não-ser*. (ibidem, p. 127).

A natureza é por assim dizer um *pressuposto*, definida enquanto corpo inorgânico, ela não pode ser separada de modo metafísico do corpo humano e, por extensão, da sociedade. Uma implica a outra, fisiologicamente. O corpo inorgânico é uma *extensão* – descontínua/contínua – do corpo (orgânico) humano, e vice e versa (metabolismo). Retomando o exemplo da cadeira, pode se dizer peremptoriamente que a cadeira é mais humana que o próprio ser humano. Portanto, “um ser que não tenha nenhum objeto fora de si não é nenhum ser objetivo”.

O estranhamento em relação ao trabalho é um conceito que aparece numa sociedade, determinada pelo econômico, no capitalismo somente, como “trabalho alienado”. Isso porque o trabalhador *não se reconhece* no produto de seu trabalho (isto é, nele mesmo), porque seu *próprio trabalho se tornou estranho a si*, alheio de si, e porque ele próprio, enquanto *trabalhador*, tornou-se-lhe estranho também. Deste modo o trabalhador se realiza apenas como e tão somente enquanto *trabalhador*, abstração de si mesmo, de sua humanidade. O trabalho alienado é “(...) primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como *meio* para a satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física. (...) A vida mesma aparece só como *meio de vida*” (ibidem, p. 84). Ou seja, o trabalhador é reduzido apenas aos meios de subsistência individual (ou familiar), frequentemente inferiores às condições mínimas que garantem sua existência plena como trabalhador. A condição de *trabalhador* já é uma redução das possibilidades e virtualidades infinitas do ser genérico, reduzido a uma categoria econômica (coisa-mercadoria). O *trabalhador* somente é na abstração do trabalho e pelo trabalho. Segundo Marx, “a existência *abstrata* do homem como puro homem que trabalha e que, por isso, pode precipitar-se diariamente de seu pleno nada absoluto e, portanto, na sua efetiva (*wirkliche*) não-existência” (ibidem, p. 93). O ser humano plasmado numa categoria econômica, *o trabalho*, reflete esta categoria econômica pura e simplesmente em sua relação social e também na produção, esta também reduzida.

Chega-se por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente livre como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só [sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano se torna animal. (ibidem, p. 83).

Entende-se o “animal” aqui também no sentido de *força motriz*, autômato e coisa, quando os animais desempenham tarefas humanas: assim como cavalos eram usados para puxar charretes, bondes, engenhos etc. Ou seja, “(...) tal como todo cavalo, [o trabalhador] tem que receber o suficiente para poder trabalhar” (ibidem, p. 30). E por isso a *anima* (alma), orbitando ao redor das coisas econômicas, é violentamente convertida em *máquina-vida*. No capitalismo: “O trabalho humano é simples movimento mecânico; (...) A um

indivíduo tem de ser atribuído o mínimo possível de operações” (ibidem, p. 156). Ou seja, é a destituição da *vida plena*, a *negação mesma da vida*. O trabalhador é condenado a repetir incessantemente *o mínimo possível de operações*, e com isso rebaixado à condição de *máquina*. (Seu trabalho se objetiva em trabalho morto!). “Posto que o trabalhador baixou à [condição de] máquina, a máquina pode enfrentá-lo como concorrente” (ibidem, p. 27). De fato, este é um dos sentidos do *fetice moderno*: o trabalhador aparece na produção como mais uma peça da engrenagem da maquinaria (capital constante, trabalho morto). A maquinaria da linha de produção se apresenta a ele com um poder próprio, estranho – ele não se reconhece nela –, e que o domina (*Entfremdung*). O capital gera a discórdia entre as pessoas, a guerra entre os trabalhadores por emprego, a diluição do *caráter social*, onde o dinheiro (trabalho objetivado) se torna o *alcoviteiro* das relações sociais (como se verá mais abaixo). O ser humano transformado em máquina priva-se de sua humanidade natural e da natureza mesma. Neste sentido, no capitalismo *o trabalho não produz o ser humano*, mas, ao contrário, deteriora-o (*sentido negativo do trabalho*), na produção de coisas-mercadorias.

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha o homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]. Faz-lhe da *vida genérica* apenas um meio da vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranha. (ibidem, p. 84).

O trabalho alienado é a objetividade que se volta contra o trabalhador, isto é, pela mercadoria. Sem dúvida, já vimos anteriormente que é pela *forma* da mercadoria que o trabalhador é explorado; porém, esta exploração não é entendida como tal.

A exteriorização (*Entäusserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que fora dele (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (ibidem, p. 81).

Neste sentido, o trabalho é alienado na forma de *trabalho assalariado*; vendido (alienado) para outro. “O que antes era ser-externo-a-si (*sich Äusserlichsein*), exteriorização (*Etäusserung*) real do homem, tornou-se apenas ato de exteriorização, de venda (*Veräusserung*)” (MARX, 2008, p. 100). Vender sua força vital, eis o que é estranho! Logo, o trabalho é transformado em *propriedade de outro* – cedido a outro – por meio da forma mercadoria. “Se o trabalho é, portanto, uma mercadoria, é então uma mercadoria com a mais infelizes propriedade” (ibidem, p. 37). A *infeliz propriedade* do trabalho-mercadoria, Marx demonstrará em obras posteriores, é ser *valor de uso* e, sendo assim, gerar mais-valor, através da exploração intensiva do *trabalho não-pago*. Ou seja, por meio da forma transparente e aparentemente equivalente da forma social, desvenda-se a mais obscura expropriação e degradação do ser humano.

Dentro desta perspectiva, a exploração do trabalhador vai num sentido de “que seu próprio trabalho cada vez mais se lhe defronte como propriedade alheia, e cada vez mais os meios de existência de sua atividade se concentrem nas mãos do capitalista” (ibidem, p. 26). Deste modo, para a realização do trabalho-mercadoria (alienado) é indispensável *o trabalho aparecer como a única propriedade* dos trabalhadores. “É evidente por si mesmo que a economia nacional considere apenas como *trabalhador* o *proletário*, isto é, aquele que, sem capital e renda da terra, vive puramente do trabalho, e de um trabalho unilateral, abstrato” (ibidem, p. 30).

Marx vai descrever, num momento posterior, o processo histórico de expropriação camponesa, denominado de “cercamentos”. Neste processo, milhares de camponeses, expropriados da terra, migram para as cidades engrossando a mão-de-obra ociosa indispensável ao mercado de trabalho relativo à indústria nascente. Analisando mais detidamente este processo, constata-se que os camponeses foram expropriados (*separados*) de seus instrumentos e meios de produção (terra). Estes camponeses, agora proletários, passam a ser “proprietários” apenas de sua *força de trabalho* enquanto “direito natural”, de acordo com os preceitos liberais (Locke). Formam assim potencialmente a massa de trabalhadores assalariados, onde a premissa do *trabalho livre*, sem amarras (livres da terra) e independente do poder político (feudalismo), é essencial ao desenvolvimento do capitalismo. No mercado, a força de trabalho é mais uma mercadoria, consumida pela

classe dos industriais. Convertido o próprio *corpo* na mercadoria-trabalho, os *trabalhadores* podem doravante negociar “livremente”, supostamente em pé de igualdade, nos termos do *contrato social*, a compra e venda de trabalho, na medida em que, tanto eles como a classe capitalista, aparecem na figura de “proprietários”. O trabalho alienado, trocado por salário (preço), passa a compor, de modo legítimo, os bens do capitalista, que vai dispor de seu direito de proprietário para usá-lo como bem entender.

Assim, o trabalho aparece como uma mercadoria, logo subsumido ao capital:

O trabalhador [produz], portanto, a si mesmo, e o homem enquanto *trabalhador*, enquanto *mercadoria*, é o produto do movimento total. O homem nada mais é do que *trabalhador* e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é *estranho*. (...) O trabalhador só é, enquanto trabalhador, assim que é *para si* como capital, e só é, como capital, assim que um *capital é para ele*. A existência (*Dasein*) do capital é *sua* existência, sua *vida*, tal como determina o conteúdo de sua vida de um modo indiferente a ele. (ibidem, p. 91).

Nesta passagem, é preciso ter bastante cuidado, pois poderia suscitar a interpretação de que o ser humano se realiza enquanto trabalhador, sendo o trabalho sua *essência*. Ora, é justamente o contrário. Aqui se trata de um processo violento de *incorporação* de categorias econômicas – capital-trabalho – que, como vimos, “deforma” o corpo e põe a contradição fundamental da economia. Portanto, o trabalho converte-se em capital! Além disso, a sociedade cinde-se de modo inconciliável: duas classes principais aparecem em relação conflituosa.

Através do trabalho *estranhado*, *exteriorizado*, o trabalho engendra, portanto, a relação de alguém estranho ao trabalho – do homem situado fora dele – com este trabalho. A relação do trabalhador com o trabalho engendra a relação do capitalista (ou como se queira nomear o senhor do trabalho) com o trabalho. (ibidem, p. 87).

Portanto, o que está em jogo é a *abstração* do trabalhador dos meios de produção (há muitas referências disto nos *Manuscritos*). O estranhamento do trabalhador não está apenas, como vimos, no seu não reconhecimento do seu produto (que é, exatamente, o

trabalhador), mas também no próprio fato do trabalho se tornar estranho ao trabalhador e, conseqüentemente, o trabalhador se tornar estranho a si mesmo, seu espelho convexo: a *identidade* reconhecida no e pelo trabalho. Pois, o próprio trabalhador se reconhece intimamente na figura alienada de si mesmo, *do trabalhador*. Primeiro, *corporifica* o trabalho; depois *personifica* o trabalho. Na personificação, a consciência é dilacerada. Vejamos:

Até aqui examinamos o estranhamento, a exteriorização do trabalhador sob apenas um dos seus aspectos, qual seja, a sua *relação com produtos do seu trabalho*. Mas o estranhamento não se mostra somente no resultado, mas também, e principalmente, no *ato de produção*, dentro da própria *atividade produtiva*. Como poderia o trabalhador defrontar-se alheio (*fremd*) ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se estranhasse a si mesmo? O produto é, sim, somente resumo (*Resumé*) da atividade, da produção. Se, portanto, o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção mesma tem de ser a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo (Ibidem, p. 82).

Nota-se que tais concepções referem-se exclusivamente ao capitalismo. Por exemplo, na escravidão o escravo tem consciência de que seu corpo é transformado num instrumento de trabalho e, por isso, quer se libertar. O que não ocorre no modo de produção capitalista. O próprio Marx, nos *Manuscritos*, não faz um recuo a um passado longínquo em busca de uma “essência humana”, remontada a uma sociedade primitiva idealizada. Inversamente, o método de Marx consiste em examinar criticamente a realidade presente a partir da economia política (nos *Manuscritos* designadas por “economia nacional”), para depois “desviar” – ou negar, no sentido dialético – tais pressupostos e desvelar seu conteúdo específico e, conseqüentemente, seu caráter ideológico.

Partimos dos pressupostos da economia nacional. Aceitamos sua linguagem e suas leis. Supusemos a propriedade privada, a separação de trabalho, capital e terra, igualmente do salário, lucro e capital e renda da terra, da mesma forma que a divisão do trabalho, a concorrência, o conceito de valor etc. A partir da própria economia nacional, com suas próprias palavras, constatamos que o trabalhador

baixa à condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência (*Macht*) e à grandeza (*Grösse*) da sua produção, que o resultado necessário da concorrência é a acumulação de capital em poucas mãos, portanto a mais tremenda restauração do monopólio, que no fim a diferença entre capitalista e o rentista fundiário (*Grundrentner*) desaparece, assim como entre o agricultor e trabalhador em manufatura, e que, no final das contas, toda a sociedade tem de decompor-se nas duas classes dos proprietários e dos trabalhadores sem propriedade. (Ibidem, p. 79).

É evidente, assim, que Marx quer desnaturalizar os conceitos e categorias da economia política e não “ontologizá-los”. Está claro nos *Manuscritos* um período histórico bem demarcado: o capitalismo. O que exclui toda possibilidade de uma ontologia do *trabalho abstrato*. Há poucas passagens nos *Manuscritos* que se referem a outros modos de produção, pré-capitalistas (essa análise será realizada em obras posteriores). Ora, como já se afirmou, somente no capitalismo há um predomínio do econômico, organizando as relações sociais de produção. Entretanto, há muitas passagens nos *Manuscritos* ilustrando um processo contraditório, em que a riqueza do capital é a miséria do trabalhador etc.

Proudhon, Marx e a propriedade privada: o sentido negativo de trabalho

Quando Marx escreveu os *Manuscritos* ainda não havia rompido definitivamente com Proudhon. Prova disso é que em um texto posterior escrito em parceria com Engels, *A sagrada família*, de 1845, Marx defende Proudhon dos ataques dos jovens hegelianos, os irmãos Bauer, reconhecendo o socialista francês como “o primeiro socialista científico”⁷⁵.

⁷⁵ “Para terminar as origens do pensamento de Marx, diremos que o jovem Marx deve a Proudhon mais do que se admite geralmente, devido à ruptura dos dois e aos ataques virulentos que se lhe seguiram. Como Marx, Proudhon foi fortemente influenciado por Saint-Simon, e, como Marx, dialetizou o pensamento de Saint-Simon por um lado, e por outro tornou-o revolucionário. O que não pode deixar de chamar a atenção do jovem Marx, mais moço que Proudhon nove anos – um nasceu em 1809, o outro em 1818. As primeiras obras de Proudhon “La célébration du dimanche”, 1838, “O que é a propriedade?” 1840 (que o celebrou) e o volume “Mémoire sur la propriété”, 1841, saíram num momento em que Marx não tinha escrito ainda nada; “La création de l’ordre dans l’Humanité” saiu do prelo em 1843, alguns meses antes da chegada de Marx em França. (...) Ninguém se surpreenderá pois que as primeiras apreciações de Marx sobre Proudhon tenham sido entusiastas. Desde 16 de outubro de 1842 falava ele, no “Journal Rhénan”, dos ‘trabalhos tão penetrantes de Proudhon’ e, numa carta da mesma época, celebrou ‘Proudhon como o pensador francês mais ousado’. Após ter mencionado Proudhon várias vezes numa obra inédita, ‘Economie Politique’, 1843-1844, Marx dedica-lhe

Nos Manuscritos, há algumas referências a Pierre-Joseph Proudhon. Para entendermos a diferença fundamental entre Marx e Proudhon é necessário compará-los. Vejamos, portanto, alguns extratos selecionados do mais célebre *memorial da propriedade* escrito pelo, como evocava Bakunin, “pai de todos”: *O que é a propriedade?* Tal desenvolvimento vai nos ajudar a compreender o próprio conceito de propriedade privada e do trabalho nos *Manuscritos econômico-filosóficos*.

Na formulação do livro de Proudhon, de 1840, que relançou o “*slogan*” socialista de 1793, mais emblemático do XIX – “a propriedade é um roubo” –, o autor analisa criticamente obras de economistas, juristas e dos utópicos, como Say, C. Comte, Destutt de Tracy, Saint-Simon e outros, para depois refutá-los quase à maneira de um casuísta que quer provar suas teses.

Tomaremos a liberdade de organizar os extratos subscritos em “Tese” e “Antítese”, assim como faz Kant (antinomias), apenas para tornar didático o sentido da dialética prouthoniana.

1. Tese.

Que o trabalho, por si mesmo, não tem sobre as coisas nenhum poder de apropriação:

““O problema está solucionado”, exclama Hennequin. ‘A propriedade, filha do trabalho, apenas sob a égide das leis pode gozar do presente e do futuro. Sua origem vem do direito natural; seu poder, do direito civil; a combinação dessas duas idéias, *trabalho* e *proteção*, surgiram as legislações positivas...”’
(PROUDHON, 1988, p. 81).

quase sessenta páginas em “A sagrada família” publicado em 1845; defendendo-o contra a incompreensão e as críticas de Edgar Bauer, irmão de Bruno. E Marx escreve: ‘Proudhon submete a base da economia nacional, a propriedade privada... ao primeiro exame sério e científico. Eis o grande progresso científico que realizou, um progresso que revoluciona a economia nacional e propõe pela primeira vez a possibilidade de uma verdadeira ciência econômica. A obra de Proudhon “O que é a propriedade?” tem para a economia social moderna a mesma importância que a obra de Sieyès “O que é a teoria do Estado” para a política moderna’. ‘Proudhon levou a sério o aspecto humano (isto é, social) das relações econômicas, e o opôs nitidamente à sua realidade não humana’. ‘Opôs igualmente às tendências hierárquicas de Saint-Simon um igualitarismo operário’. Demonstrou que o ‘proletariado não pode suprimir as suas próprias condições de existência sem suprimir todas as contradições de existência inumanas da sociedade atual’. E Marx conclui: ‘Proudhon não escreve somente nos interesses dos proletários; ele próprio é proletário, operário. A sua obra é um manifesta científico do proletário francês, e apresenta pois uma importância histórica muito diferente da elucubração literária de uma crítica ‘qualquer’”(GURVITCH, 1960. pp. 39-41).

“Say dá a entender que, caso o ar e a água não apresentasse natureza fugidia, seriam também apropriados. Adiantarei que isso é mais que uma hipótese, é uma realidade. O ar e a água foram apropriados não direi tantas vezes quantas se pode, mas quantas foram permitidas” (Ibidem, p. 82).

“No texto de Say, transcrito acima, não se percebe com clareza se o autor faz depender o direito de propriedade da qualidade não-fugidia do solo ou do consentimento que a seu ver foi dado por todos os homens a essa apropriação” (Ibidem, p. 84).

“O direito de propriedade foi o início do mal na terra, o primeiro elo da longa cadeia de crimes e misérias que o gênero humano arrasta desde o nascimento; a mentira das prescrições é o encanto funesto atirado sobre os espíritos, a palavra de morte bafejada às consciências para estancar o progresso do homem rumo à verdade e manter a idolatria do erro” (Ibidem, p. 85).

“Mas toda propriedade necessariamente começou pela prescrição, ou como diziam os latinos, pelo *usucapião*, isto é, pela posse contínua: pergunto então, em primeiro lugar, como a posse pode tornar-se pela passagem do tempo propriedade?” (Ibidem, p. 90).

“Vamos demonstrar, pelos próprios aforismos da economia política e do direito, isto é, por tudo o que a propriedade pode objetar de mais especioso:

“1º. – Que o trabalho, por si mesmo, não tem sobre as coisas da natureza nenhum poder de apropriação;

“2º. – Que ao reconhecer entretanto esse poder no trabalho seremos conduzidos à igualdade das propriedades, quaisquer que sejam a espécie de trabalho, a raridade do produto e a desigualdade das faculdades produtivas;

“3º. – Que na ordem da justiça o trabalho destrói a propriedade” (Ibidem, p. 93).

“Dizer que a propriedade é filha do trabalho e depois atribuir ao trabalho uma concessão por meio do exercício cria, se eu não me engano, um círculo vicioso. As contradições vão aparecer” (Ibidem, p. 96).

“Para transformar a posse em propriedade, é preciso algo mais que o trabalho, sem o que o homem cessaria de ser proprietário quando deixasse de trabalhar; ora, segundo a lei, o que faz a propriedade é a posse imemorial, incontestada, numa palavra, a prescrição; o trabalho é apenas o sinal sensível, ato material pelo qual a ocupação se manifesta” (Ibidem, p. 97).

2. *Antítese.*

Que o trabalho conduz à igualdade das propriedades:

“Concordemos, porém, que o trabalho confira um direito de propriedade sobre a matéria: por que esse princípio não é universal? Por que o benefício dessa pretensa lei, restrito à minoria, é negado à massa dos trabalhadores?” (Ibidem, p. 98).

“Quem trabalha torna-se proprietário: fato inegável dentro dos atuais princípios de economia política e direito. E quando digo proprietário não entendo apenas, como os economistas hipócritas, o proprietário de seu soldo, salário, estipêndio; refiro-me ao proprietário do valor que ele cria e do qual o dono é o único a beneficiar-se” (Ibidem, p. 100).

“Minha posição é esta: *O trabalhador conserva, mesmo após receber seu salário, um direito natural de propriedade sobre a coisa que produziu*” (Ibidem, p. 100).

“Essa quantia paga não basta [o salário]: o trabalho dos operários criou um valor; ora, tal valor é propriedade deles. Mas não o venderam, nem o trocaram; e vós, capitalistas, de modo algum adquiristes. (...) O dinheiro com que pagais as diárias dos trabalhadores mal cobriria a posse perpétua que eles vos abandonam. O salário é a despesa que a manutenção e a restauração diária dos que trabalham exige; estais errado vendo nisso o preço da venda. O operário não vendeu nada: não conhece nem seu direito nem o alcance da cessão que vos fez, nem o sentido do contrato que pretendeis ter lavrado com ele. De sua parte, ignorância completa; da vossa, erro e surpresa, para não dizer dolo e fraude” (Ibidem, pp. 100 e 101).

“O trabalhador precisa de um salário que lhe permita viver enquanto trabalha, pois só produz consumindo. Quem emprega um homem deve-lhe alimentação e manutenção, ou salário equivalente. É o primeiro passo da produção” (Ibidem, p. 103 e 104).

“O salário do trabalhador não ultrapassa suas necessidades diárias e não lhe assegura o salário do amanhã, ao passo que o capitalista encontra no instrumento produzido pelo trabalhador uma garantia de independência e segurança para o futuro” (Ibidem, p. 104).

“Ora, esse fermento reprodutor, esse eterno de vida, essa preparação de um fundo e instrumentos de produção é o que o capitalista deve ao produtor e *não paga nunca*: e essa denegação fraudulenta é que provoca a indignação do trabalhador, o luxo ao ocioso e a desigualdade de condições. Nisso sobretudo é que consiste aquilo que tão bem se denominou a exploração do homem pelo homem” (Ibidem, p. 104, grifos nossos).

“De fato, se o trabalhador é o proprietário do valor que cria, conforme se pretende e nós concordamos, segue-se:

“1º. – Que o trabalhador adquire a expensas do proprietário ocioso;

“2º. – Que, sendo toda a produção necessariamente coletiva, o trabalhador tem direito, na proporção de seu trabalho, à participação dos lucros;

“3º. – Que, sendo todo o capital acumulado propriedade social, ninguém pode ter sua propriedade exclusiva.

“Tais consequências são irrefragáveis; só elas bastariam para subverter toda nossa economia, mudar nossas instituições e leis” (Ibidem, p. 105).

“Toda criação industrial possui um valor venal, absoluto, imutável, portanto legítimo e verdadeiro? – Sim.

“Todo produto do homem pode ser trocado por produto do homem? – Ainda uma vez, sim.

Quantos pregos valem um par de tamancos?

“Se pudéssemos resolver esse terrível problema, teríamos a chave do sistema social que a humanidade vem buscando há seis mil anos. Diante desse problema, o economista confunde-se e recua; o camponês não sabe ler nem escrever, responde sem hesitar: Tantos quantos se possa fabricar em *tempo igual* e com a mesma despesa.

“O valor absoluto de uma coisa é, então, o que ela custa em termos de *tempo e despesa*: quanto vale um diamante que só custou o trabalho de ser apanhado na areia? – Nada; não é um produto humano. – Quanto valerá depois de lapidado e engastado? – O tempo e as despesas que terá custado ao operário. (Ibidem, pp. 121 e 121, grifos nossos).

Contrapondo tese e antítese, Proudhon conclui em sua *dialética negativa*:

Que na ordem da justiça o trabalho destrói a propriedade". Para em seguida afirmar: "A razão última dos proprietários, o argumento fulminante cujo poder invencível os tranqüiliza é que, segundo eles, a igualdade das condições é impossível. (...) Se eu demonstrar que a propriedade é que é impossível, que a propriedade é que é contradição, quimera, utopia; e se o fizer, não por considerações de metafísica ou direito, mas pela razão dos números, equações e cálculos qual não será o espanto do proprietário embasbacado? (...) **Axioma – A propriedade é o direito de ganho que o proprietário se atribui sobre uma coisa marcada com seu selo.** (Ibidem, pp. 133 – 135).

Proudhon parte de duas teses contraditórias, uma jurídica e outra liberal (econômica):

- a) que a origem da propriedade não está fundada no trabalho, mas no *direito de prescrição*;
- b) que a propriedade não está fundada na prescrição, mas, sim, no *trabalho*.

Ao contrapor estas teses opostas, Proudhon chega a conceitos muito próximos da mais-valia, trabalho alienado, etc., para em seguida suspender a contradição e, por fim, resolver a questão pela *impossibilidade da propriedade*, através de um "axioma". A propriedade só se fundamenta no plano jurídico, por força da lei; no plano econômico, a propriedade restitui o produto aos produtores (trabalhadores). Se isto não ocorre é porque o Estado, pelo direito da prescrição, justifica um roubo (rigorosamente, *não-propriedade*). "O proprietário, o ladrão, o herói, o soberano, pois esses nomes são sinônimos, impõe sua vontade pela lei e não se sujeita nem a contradições nem a controles, isto é, pretende ser poder legislativo poder executivo ao mesmo tempo" (Ibidem, p. 239). Para Proudhon, o projeto socialista, através do conhecimento trazido à luz pela ciência, inevitavelmente corrigirá esta injustiça, demonstrando o absurdo do axioma da propriedade. Pois, no fundo, como se percebe, para Proudhon, há "duas propriedade": 1. a "*propriedade injusta*", pressupondo a desigualdade, tendo por princípio as determinações do direito (econômico), fundada pelo "consenso universal"; e 2. a "*propriedade justa*", baseada no trabalho

(economia liberal), que conduziria necessariamente à igualdade. Por que a economia política mascara essa verdade?

Nesse sentido, para nós, a grande contribuição de Proudhon se deu no plano político, pois insistiu que as contradições da economia capitalista têm por instância reguladora o Estado. Justamente ele, “uma contradição em pessoa”, nos dizeres de Marx. De origem camponesa, na cidade, tornou-se operário (tipógrafo) e talvez contador: “o camponês não sabe ler nem escrever, responde sem hesitar” (citação acima). Autodidata, recebeu bolsa de estudo, mas, acabou expulso da Academia por suas ideias subversivas⁷⁶. Portanto, o socialista francês sentiu na pele a exploração sofrida pelo proletariado. Sendo assim, acabou por pressentir a mais-valia como trabalho não-pago, legitimado pela coerção do Estado, e atribuiu a diferença entre salário e meios de subsistência a um “erro de cálculo”, passível de ser corrigido.

Evidentemente, não entraremos aqui nos episódios que levaram o rompimento das relações travadas entre Marx e Proudhon, que só ocorrerá definitivamente em 1850⁷⁷.

Vejamos então qual o teor da crítica de Marx a Proudhon, ainda nos *Manuscritos*, e tentemos daí descobrir a própria noção de propriedade privada no texto de 44:

Que erro cometem os reformadores em détail, que ou desejam *eleva*r o salário e por este melhorar a situação da classe trabalhadora, ou consideram (como Proudhon) a *igualdade* do salário como objetivo da revolução social? (Marx, 2008, p. 30)

⁷⁶ Proudhon recebeu bolsa de estudo instituída por Madame Suard da *Academia de Besançon*, à qual recebeu dedicatória no “O que é a propriedade?”. A Academia diante da publicação do livro escreveu o seguinte: “Um membro chama a atenção da Academia para uma brochura no mês de junho último pelo titular da bolsa Suard, sob o título “O que é a propriedade?” e dedicada pelo autor à Academia. Pensa que esta sociedade deve à justiça, ao exemplo e à sua própria dignidade rejeitar por uma desaprovação pública a responsabilidade pelas doutrinas anti-sociais que tal reprodução encerra. Pede em consequência: 1º. Que a Academia desaprove e condene da maneira mais formal a obra do bolsista Suard, como tendo sido publicada sem sua autorização, atribuindo-lhe opiniões inteiramente opostas aos princípios de todos os seus membros; 2º. Que seja exigida do bolsista, no caso de segunda edição, a anulação da dedicatória; 3º. Que este julgamento da Academia seja consignado em suas publicações. As três propostas, postas em votação, foram adotadas” (Proudhon, p. 6).

⁷⁷ Estas oposições doutrinárias devem provocar a ruptura em 1846 e suscitar a redação da *Miséria da Filosofia* em resposta a “Os sistemas das contradições econômicas”. Como inicialmente Marx havia negligenciado as oposições que o separavam de Proudhon, negligenciará desta vez os pontos que o aproximam dele. (...) É interessante confrontar “Os sistemas das contradições econômicas” não com a obra que lhe responde, “*Miséria da filosofia*” mas “*O capital*”. O livro de Proudhon aparece desde então como um momento importante na evolução do pensamento de Marx, ocasião de uma formulação metodológica, descoberta de uma tentativa que fornecerá um modelo à redação de “*O Capital*” (VILAIN, 2001, p.145).

Vimos que para Proudhon, na medida que o trabalho conduz à igualdade de propriedade (ou destruição da mesma), o trabalhador também tem direito “à participação dos lucros”. Para Proudhon, o “operário não vendeu nada” – preço de venda de trabalho na forma de salário mal cobrem as despesas mínimas do trabalhador – pois ao alugar (vender) sua força de trabalho foi enganado pelo proprietário ocioso, que o roubou. Marx, ao contrário, parte do *trabalho alienado*, como fundamento de sua argumentação. E, como vimos, o trabalho aparece como a única propriedade do trabalhador, que o vende como qualquer mercadoria:

Que significado tem, no desenvolvimento da humanidade, esta redução da maior parte dela ao trabalho abstrato? (ibidem, p. 30)

A economia nacional considera o trabalho abstratamente como uma coisa; o trabalho é uma mercadoria: se o preço é alto, a mercadoria é muito procurada; se é baixo, [a mercadoria] é muito oferecida; como mercadoria, o trabalho deve baixar cada vez mais de preço: o que força a isso é em parte a concorrência entre capitalista e trabalhador, em parte a concorrência entre trabalhadores... (ibidem, p. 35 e 36)

Em relação a Proudhon:

A economia nacional parte do trabalho como [sendo] propriamente a alma da produção, e, apesar disso, nada concede ao trabalho e tudo à propriedade privada. Proudhon, a partir dessa contradição, conclui em favor do trabalho [e] contra a propriedade privada. Nós reconhecemos, porém, que esta aparente contradição é a contradição do trabalho estranhado consigo mesmo, e que a economia nacional apenas enunciou as leis do trabalho estranhado. (ibidem, p. 88).

Mesmo a igualdade de salários, como quer Proudhon, transforma somente a relação do trabalhador contemporâneo com seu trabalho na relação de todos os homens com o trabalho. A sociedade é, nesse caso, compreendida como um capitalista abstrato. (ibidem, p. 88).

E ao denunciar a negatividade do trabalho alienado, Marx demonstra simultaneamente a positividade da propriedade privada, que legitima o trabalho como propriedade (dos não-proprietários):

Através do trabalho *estranhado*, *exteriorizado*, o trabalhador engendra, portanto, a relação de alguém estranho ao trabalho – do homem situado fora dele – com este trabalho. A relação do trabalhador com o trabalho engendra a relação (ou como se queira nomear o senhor do trabalho) com o trabalho.

A *propriedade privada* é, portanto, o resultado, a consequência necessária do *trabalho exteriorizado*, da relação externa (*äusserlichen*) do trabalhador com a natureza e consigo mesmo.

A *propriedade privada* resulta portanto, por análise, do conceito de *trabalho exteriorizado*, isto é, de *homem exteriorizado*, de trabalho estranhado, de *vida estranhada*, de *homem estranhado*. (p. 87).

De fato, da contradição Marx descobre uma relação:

A relação (Verhältnis) da propriedade privada contém latente em si a relação da propriedade privada como *trabalho*, assim como a relação dela mesma como *capital* e a *conexão* (Beziehung) destas duas expressões uma com a outra. (ibidem, p. 93).

A *essência subjetiva* da propriedade privada, a *propriedade privada* enquanto atividade sendo para si, enquanto *sujeito*, enquanto *pessoa*, é o *trabalho*. (ibidem, p. 99).

Neste sentido, a propriedade privada não tem valor intrínseco, objetivo, mas é resultado de uma relação social *subjetiva*, isto é, resultado da atividade que constitui seu próprio mundo. “Quanto vale um diamante que só custou o trabalho de ser apanhado na areia? – Nada; não é um produto humano. – Quanto valerá depois de lapidado e engastado?” (Proudhon, citado acima). Encontrar um diamante, lapidá-lo, aí reside o seu valor. Não é a beleza em si do diamante, ou a sua raridade (oferta e demanda), que lhe torna

valioso, mas o processo que demandou um tempo necessário para produzi-lo enquanto produto humano. O direito de propriedade aufere valor ao diamante não para aqueles que trabalharam para fazer torná-lo um produto humano. A propriedade privada é a forma legal do *estranhamento*.

Trabalho decompõe-se em si e no salário. O trabalhador mesmo [como sendo] um capital, uma mercadoria. (ibidem, p. 99).

Portanto, em Proudhon o trabalho é *negativo*, “destrói a propriedade” (formal, jurídica), de um lado, e, por outro, *positivo*, afirma a *igualdade*, do trabalhador. Em Marx, o inverso: o *trabalho* (positivo) constitui a *propriedade privada* e *nega* o *trabalhador* (negativo). Proudhon não compreendeu o sentido *negativo* do trabalho; percebe, no entanto, a negatividade, mas não de modo intrínseco, o que o impediu de fazer *a crítica do trabalho*, e por isso, sem o saber, reafirma a categoria do capital que espolia o trabalhador⁷⁸. Isto porque Proudhon interpretou com boa fé a premissa do liberalismo clássico, isto é, o trabalho enquanto direito natural gerador de riqueza. Notou que, se de um lado, a classe capitalista enriquecia, de outro, o proletário amargava a mais triste miséria. Tentou descobrir então o que estava errado na economia política e apontou suas contradições. Encontrou no direito à propriedade o “x” da questão. Por sua vez, Marx, ao contrário, descobre o *negativo no próprio trabalho* – como fonte de riqueza privada apropriada pelo capital. Marx assim o explicita numa fórmula: “o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão” (ibidem, p. 80). A exploração se dá pelo trabalho, enquanto mercadoria. Este é o sentido da propriedade privada nos *Manuscritos*, isto é, a legitimidade de uma relação de acúmulo de riqueza ou de valor em si e para si.

Mas o *trabalhador* tem a infelicidade de ser um capital *vivo* e, portanto, *carente*, que, a cada momento em que não trabalha, perde seus juros e, com isso sua existência. Como capital, o *valor* do trabalhador aumenta no sentido da procura e da oferta e, também fisicamente, a sua *existência* (*Dasein*), a sua vida, se torna e é

⁷⁸ Este já era o sentido da crítica de Marx à economia política e a Hegel: “Hegel se coloca no ponto de vista dos modernos economistas nacionais. Ele apreende o *trabalho* como a *essência*, como a essência do homem que se confirma; ele vê somente o lado positivo do trabalho, não seu [lado] negativo” (MARX, 2008, p. 124).

sabida como oferta de *mercadoria*, tal como qualquer outra mercadoria. O trabalhador [produz] o capital; o capital produz o trabalhador. (ibidem, p. 91).

Tal compreensão do *trabalho alienado* é fundamental e vai atravessar toda obra de Marx. Em última análise: “o *trabalho* enquanto a única *essência da riqueza*” (Idem, p. 100). Ora, por ser o ser humano um *ser carente*, isto é, um ser com *necessidades* (físicas, fisiológicas etc.), ele é obrigado por força das coisas a converter-se em trabalhador e oferecer-se no mercado de trabalho; e neste ato, que não é por livre e espontânea vontade nem é plenamente consciente, seu trabalho se volta contra ele, trabalhador.

Trabalho abstrato e fetiche

Há muitas referências do *trabalho abstrato* em todo os *Manuscritos*. Por exemplo: “que significado tem, no desenvolvimento da humanidade, esta redução da maior parte dela ao trabalho abstrato?” p. 30; “...*trabalho único* princípio da economia nacional” p. 93; “... o *trabalho*, em sua completa absolutidade (*Absolutheit*), isto é, abstração, seja elevado como a *princípio*” p. 101 [Marx se refere aqui aos fisiocratas]; entre outras. Neste sentido, o conceito de trabalho abstrato já aparece nos *Manuscritos*, antecipando obras ulteriores, notadamente *O capital*, em que Marx, ao analisar a dupla forma da mercadoria, desdobra a relação contraditória do *trabalho abstrato* e do *trabalho concreto*. Se nos *Manuscritos* não há, entretanto, nenhuma menção literal ao “fetichismo da mercadoria”, identificamos o conceito presente em quase todo o texto, em forma embrionária ou virtual. Aliás, no próprio conceito de *alienação*, já se encontra implicitamente a estrutura do fetiche. Portanto, para nós, não há diferença fundamental entre o “Marx da *alienação*” (filósofo) e o “Marx do *fetiche*” (economista).

Como foi dito acima, o trabalhador, enquanto mercadoria, não entra no processo produtivo para suprir suas carências humanas mas a das coisas: “O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório. O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer uma necessidade fora dele” (ibidem, p. 83). Portanto, o fetichismo está intimamente ligado ao *trabalho alienado*, pois o fetiche é o próprio *estranhamento* da coisa, que adquire vida própria. Quando o

trabalhador *perde* ou *esquece* o produto que é ele mesmo e passa a viver em função dele, dominado por ele, isto é o auge da alienação, do estranhamento. Alienado, passa acreditar que a coisa que aparece diante dele (trabalho morto) tem vida própria. Isto é o fetiche.

A energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da *coisa*” (ibidem, p. 83). E ainda: “Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desefetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como alienação (*Entässerung*). (ibidem, p.80).

O conceito mais trivial de *fetichismo* usado por Marx é do *poder que emana do objeto*. Curiosamente, o termo “fetiche” já aparece nos *Manuscritos*. Inicialmente, Marx designa os ideólogos do mercantilismo de fetichistas, por estes acreditarem numa riqueza objetiva inerente à propriedade (metais, moedas). Não é à toa que Marx vai chamar, com Engels, Adam Smith de “o Lutero da economia política”, porque este reconheceu no *trabalho* a essência *subjética da propriedade privada*⁷⁹. A ironia aqui é que, para Marx, Smith inaugurou um novo fetichismo.

Mas enquanto o fetichismo da velha riqueza externa, existente apenas como objeto, se reduz a um elemento natural muito simples, e sua essência já é reconhecida dentro de sua existência subjetiva, mesmo que parcialmente de uma forma particular, o necessário passo a frente é a *essência universal* da riqueza seja reconhecida e, portanto, o *trabalho* em sua completa absolutidade (*Absolutheit*), isto é, abstração, seja elevado como a *princípio*. É provado à fisiocracia que a *agricultura*, do ponto de vista econômico, portanto o único e legítimo, não difere de nenhuma outra indústria; portanto, não o trabalho *determinado*, um [trabalho] ligado a um elemento particular, uma externalização particular de trabalho, mas o *trabalho em geral* é a *essência* da riqueza. (ibidem, p. 101).

⁷⁹ MARX, 2008, p. 99.

A essência do trabalho abstrato, como fundamento da riqueza e da propriedade privada, é o novo fetichismo. O trabalho na sua figura encarnada de trabalhador cria riqueza, em sentido positivo. Esse trabalho abstrato, enquanto valor em si das coisas, é estranho e hostil ao trabalhador. A riqueza gerada, por meio das coisas, se volta contra o trabalhador, pois não lhe pertence. A riqueza (dinheiro) do capitalista para o trabalhador, que não se reconhece nela, é legítima porque aparentemente ambos estão em pé de igualdade: são proprietários de mercadorias. Assim, Marx volta os fundamentos do liberalismo contra o próprio liberalismo.

A riqueza, nas sociedades pré-modernas, sedimentada na propriedade privada da terra, isto é, propriedade *imóvel*, com o desenvolvimento do comércio, converte-se no dinheiro (“propriedade móvel”); pois, no capitalismo, “o dinheiro tem de triunfar sobre a outra forma de propriedade privada” (ibidem, p. 97). O dinheiro, em última instância, é trabalho objetivado, ou seja, exteriorizado e estranho, que, pela metamorfose da mercadoria, torna-se equivalente universal, meio de circulação e valor. O dinheiro passa a intermediar as relações sociais humanas, no sentido mais elementar do fetiche da mercadoria. “Se o *dinheiro* é o vínculo que me liga à vida *humana*, que liga a sociedade a mim, que me liga à natureza e ao homem, não é o dinheiro o vínculo de todos os *vínculos*?” (ibidem, p. 159). Nota-se nesta citação que os seres humanos só se relacionam por *meio de* um produto, o dinheiro, elaborado por eles mesmos, mas que adquire autonomia no interior das relações, determinando-as. Noutras palavras, o dinheiro determina as relações humanas.

Através do trabalho estranhado o homem engendra, portanto, não apenas sua relação com o objeto e o ato de produção enquanto homens que lhe são estranhos e inimigos; ele engendra também a relação na qual outros homens estão para a produção e o seu produto, e a relação na qual ele está para com outros homens. Assim como ele [engendra] a sua própria produção para a sua desefetivação (*Entwirklichung*), para o seu castigo, assim como [engendra] o seu próprio produto para a perda, um produto não pertencente a ele, ele engendra também o domínio de quem não produz sobre a produção e sobre o produto. Tal como estranha de si a sua própria atividade, ele apropria para o estranho (*Fremde*) e atividade não própria deste. (Ibidem, p. 87).

Neste sentido, de fato, o “mundo” produzido pelo trabalho alienado é cada vez mais avassalador e independente do trabalhador, a ponto de se constituir na monstruosidade do valor que se auto-valoriza; a acumulação como finalidade da produção. Estas citações nos *Manuscritos* são bastante claras, e denotam toda a estrutura do fetiche da mercadoria. Vejamos:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o *produto de seu* trabalho como [com] um objeto *estranho* estão todas as consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio... (ibidem, p. 81).

Ora, esse processo, descrito nos *Manuscritos*, acerca do trabalho que se torna uma mercadoria, num sentido, e, num outro, o ser humano que só *é* enquanto trabalhador (existência e subsistência), nada mais é do que a *reificação* das relações sociais e humanas. Portanto, não há ruptura entre um Marx da alienação e do fetiche da mercadoria: a mercadoria define funções sociais subordinando e submetendo o ser humano à condição de coisa-mercadoria. Neste sentido, já está posto o valor de troca como objetivo da produção social “A riqueza, a produção é explicada pela divisão do trabalho e pela troca” (ibidem, p. 156).

Vejamos a citação a seguir:

A universalidade de seu *atributo* é a onipotência de ser; ele vale, por isso, como ser onipotente. O dinheiro é o *alcoviteiro* entre a necessidade e o objeto, entre a vida e o meio de vida do homem. Mas o que medeia a *minha* vida para mim, *medeia-me* também a existência de outro homem para mim. (Ibdem, p. 157).

A universalização do dinheiro, intermediando as relações sociais, lhe confere um poder universal onipotente. E a segunda frase, da citação acima, que associa o dinheiro a um alcoviteiro, não poderia ser mais fetichista. O alcoviteiro era um personagem bastante comum quando o amor era proibido, antes do casamento. O alcoviteiro fazia a vez do leva-e-traz, do mexeriqueiro. Quem não se lembra da Ama e de Frei Lourenço na história de

Romeu e Julieta⁸⁰? O dinheiro como alcoviteiro, encarnando uma figura humana, logo com vontade, caprichos, enfim, não é senão uma metáfora quase poética do fetiche da mercadoria. O dinheiro ganha vida, passa a intermediar todas as relações humanas e, talvez, numa ironia sutil, inclusive as relações de amor!

Neste sentido, o capital como o sujeito automático já está anunciado nos *Manuscritos*, inclusive não só submetendo o trabalhador às suas determinações, mas também o próprio capitalista, que, num sentido inverso ao trabalhador, não é senão a redução do ser humano à categoria do capital, personificado na lógica megalomaniaca de *acumular por acumular*. É o que nos revela esta passagem dos *Manuscritos*:

Sem dúvida, o capitalista industrial também frui. De modo nenhum ele regressa à simplicidade não natural da carência, mas a sua fruição é apenas coisa sem importância, descanso subordinada à produção, por isso fruição *calculada*, portanto propriamente *econômica*, pois ele junta sua fruição aos custos do capital, e sua fruição deve, por isso, custar a ele apenas tanto quanto aquilo por ele esbanjado for novamente substituído pela produção do capital com lucro. A fruição está, portanto, subsumida ao capital, o indivíduo que frui subsume sob o [indivíduo] que capitaliza, enquanto anteriormente acontecia o contrário. (Ibidem, p. 148).

Conclusão, se a economia política destituiu o fetiche das concepções anteriores – dos fisiocratas e mercantilistas – e estabeleceu um novo fetiche no trabalho, como *fonte de riqueza*; Marx nos *Manuscritos* vai demonstrar, por outro lado, o *caráter negativo do trabalho*, voltado para a necessidade da produção do valor de coisas como um fim em si mesmo e, paralelamente, a deterioração de todas as virtualidades humanas, reduzidas a categorias econômicas. O problema da consciência ou da falsa consciência tem, por isso, seus alicerces fundados no dilaceramento real da sociedade capitalista. Cabe, todavia,

⁸⁰ “AMA – Ó santo frade, disse-me santo frade. Onde está o esposo de minha ama, onde está Romeu? FREI LOURENÇO – Ali está estendido no chão, embebedado pelas próprias lágrimas. AMA – Ele está no mesmo estado, tal e qual, da minha senhora. FREI LOURENÇO – Consolo doloroso! lamentável igualdade de situação! AMA – desse forma ela está estendida, soluçando e chorando, chorando e soluçando. Coragem, coragem, coragem, sois um homem. Em nome de Julieta, em nome dela, erguei-vos, ponde-vos de pé! Por que cair assim em tão profundos ais?” Esta citação de Shakespeare não é por acaso, pois é exatamente isto que fará Marx no *Manuscritos*.

ênfatizar o que resta de humanidade, já que estas categorias tendem a uma homogeneização total da vida.

Agora, a título de demonstração, tracemos um paralelo entre o *trabalho alienado* dos *Manuscritos* tal como se tentou descrever até aqui e o “Capítulo VI, inédito de o Capital”. Vejamos: no subtítulo “Mistificação do capital etc.”, Marx não poderia ser mais claro:

O trabalho, precisamente, como *exteriorização da capacidade de trabalho*, com esforço, pertence ao *operário individual* – é com ele que o operário realmente (*realiter*. Lat.) paga ao capitalista o que este lhe dá –, embora, objetivado no produto, pertença ao capitalista; *a combinação social, pelo contrário*, combinação na qual as diversas capacidades de trabalho funcionam apenas como órgãos particulares de capacidade de trabalho que constitui o atelier coletivo, não pertence a estas: opõe-se-lhe como ordenamento capitalista (*arrangement*. Ing.) *capitalista*, é-lhes *imposta*. (MARX, 2004a, p. 124).

E o fetiche propriamente dito:

O capital *emprega* o trabalho (*Capital employs labour*. Ing.). Já esta relação é, na sua simplicidade, personificação das coisas e coisificação das pessoas. De fato, a unidade *coletiva* na cooperação, a combinação na divisão do trabalho, a utilização das forças naturais e das ciências, dos produtos do trabalho como *maquinaria*, tudo isto se contrapõe aos operários individuais, de forma autônoma, como um *ser alheio, objetivo, que lhes pré-existe*, que está ali sem o seu concurso e amiúde contra o seu concurso, como meras formas de existência dos *meios de trabalho* que *os dominam* e são independentes deles, na medida em que essas formas (são) *objetivas*. (ibidem, pp. 126-127).

Seria exaustivo transcrever todas as passagens em que Marx menciona a relação estreita entre *trabalho alienado* e *fetiche*. Mas há uma passagem particularmente explícita que vale a pena transcrever:

Compreende-se assim que se o operário for despojado dos meios de produção, também ficará privado dos meios de subsistência e, inversamente, que um homem privado de meios de subsistência não pode criar nenhum meio de produção. Por

consequente, o que no primeiro *processo*, antes de o dinheiro e a mercadoria se terem transformado realmente em *capital*, lhes imprime desde início o *caráter de capital* não é nem a sua condição de dinheiro nem a sua condição de mercadoria, nem o valor de uso material destas mercadorias, que consiste em servirem como meios de subsistência e de produção, mas sim o fato de que este dinheiro e esta mercadoria, estes meios de produção e meios de subsistência, se defrontam com a *capacidade de trabalho* – despojada de toda riqueza objetiva – como *poderes autônomos* personificados nos seus possuidores; o fato de que, portanto, as condições materiais necessárias para a realização do trabalho estão *alienadas* (*entfremdet. Al.*) do próprio operário, ou, mais precisamente, se apresentam como *fetiches* dotados de vontade e uma alma próprias; o fato de as *mercadorias* figurarem como *compradores de pessoas*. (ibidem, p. 70, item: “A produção capitalista como produção de mais-valia”).

Antes de encerrar, gostaríamos de fazer algumas justificativas em relação às citações longas demais e de certa forma exaustivas. Há pelo menos dois motivos para isso. Primeiro, houve a intenção, por parte nossa, de preservar o máximo possível o conteúdo dos textos dos *Manuscritos econômico-filosóficos* e, por um lado, pagar nossa dívida moral com Proudhon. Proudhon, apesar dos equívocos e de algumas posições bastante questionáveis, foi um importante expoente do socialismo no contexto do XIX. Se Proudhon positivou o trabalho; Marx assim o fez com o Estado, ainda que preconizou o seu fim. Segundo, o exame demorado dos textos de Kurz e dos *Manuscrito* tem a sua razão de ser porque o conceito de trabalho é fundamental nesta pesquisa. Outrora, o sem-teto poderia ser enquadrado facilmente entre os proletários que somavam o exército de reserva ou o lumpen-proletariado. Contudo, diante da perspectiva de nunca ser absorvido pelo mercado de trabalho, qual é o grau de relação que o liga ao processo produtivo? Esta lacuna sugere outras questões: O sem-teto, então, ocuparia uma posição privilegiada diante da alienação? Poderia o sem-teto, a partir disso, elaborar um projeto de transformação social, impelido pelas condições miseráveis que o afligem? A seguir, pretendemos debater essas e outras questões.

Diante do estudo que desenvolvemos acerca do *conceito de trabalho*, permitimo-nos aqui a liberdade de pautarmos algumas reflexões a respeito do tema: 1) O conceito de *produção ampla* não deve ser entendido como uma determinação abstrata e monolítica, de validade geral ou transcendental, mas como uma *indicação* referente à atividade empírica humana, entendida esta em toda a sua complexidade infinita, considerando-se assim uma ampla gama de virtualidades, inerentes ao próprio conceito, também infinitas e que podem ser ou não realizadas. Diante disto, fica claro que o conceito de *produção* aqui não se restringe à economia, mas também se aplica à produção de cultura, política, civilização, música, arte etc. 2) Deste modo, o conceito de trabalho comporta uma contradição intrínseca: *não-trabalho–trabalho*. Ele tanto pode ser um conceito genérico, aplicado a diversas acepções da realidade, ou, ao contrário, um conceito particular, específico. Aqui seria muito oportuno lembrar, com algumas ressalvas, das contribuições metodológicas de Max Weber para a sociologia, com suas construções de *tipos ideais*, que o permitiu salientar significações individuais históricas e estabelecer critérios comparativos no âmbito da história universal. 3) De outra forma, supor que um conceito corresponda exatamente ao seu objeto é hipostasiá-lo, elevando-o a uma dignidade ontológica da qual ele não tem direito, seja ela positiva ou negativa. 4) Aspectos produtivos da atividade humana, fisiológica (metabólica), ligada à subsistência/sobrevivência, podem, portanto, ser *também* denominados de “trabalho”, em sentido geral (referencial, contextual, linguístico), tanto quanto à atividade das abelhas, por exemplo; pois a linguagem permite extensões deste tipo, através de figuras de linguagem, como a metáfora, ou de construções literárias, como a poesia. É possível traçar um paralelo, por exemplo, apesar das diferenças de conteúdo e relação, entre trabalho humano mecanizado e adequado às necessidades fixadas pelo capital ao, nos termos de Maurice Maeterlinck, *espírito da colmeia*: a dedicação das operárias aladas, “trabalhando” até a exaustão, guiadas por uma força irresistível e invisível. Neste caso, a colmeia é *espelho* dos seres humanos. Com efeito, a linguagem põe um problema no conhecimento e nos limites de uma razão dialética. Uma dialética materialista deve desconstruir as ideologias e interditar as pretensões da ideia absoluta e de um mundo falso. 5) Neste sentido, partiu-se de um pressuposto biológico humano (o corpo e sua extensão inorgânica,

a natureza) e de suas manifestações naturais, que identificamos nos *Manuscritos de Paris* (Marx) sob o termo filosófico e hegeliano de *exteriorização*. Cabendo aqui duas considerações, que de certa forma desfaz a polêmica central dos *Manuscritos*: “exteriorização” define um conceito *antropológico* (de ordem geral); e alienação (“estranhamento”), um conceito *histórico*. O ser humano, enquanto ser genérico, distingue-se dos demais seres vivos. 6) O conceito específico de trabalho, como categoria independente, é caracterizado então enquanto *trabalho alienado* (mercadoria); tornando pressuposto um sentido geral e nominal de trabalho aplicado a todas as épocas, que, todavia, só é compreensível e diferenciado a partir do trabalho alienado, mas não como trabalho alienado *naturalizado*. 7) Portanto, faz todo o sentido a distinção teórica de uma certa escola de sociologia alemã entre *comunidade* [*Gemeinschaft*] e *sociedade* [*Gesellschaft*]. A primeira diz respeito à associação natural, ligada aos laços de sangue e parentesco da família, tribo, coletividade, da qual não é possível libertar-se. A segunda refere-se à associação mediada pelo contrato, onde, se presume, a liberdade individual das partes. [Embora na língua portuguesa a palavra *sociedade* admite os dois sentidos]. 8) Nota-se que na comunidade, tradicional, de tipo pré-capitalista, o *trabalho é particular*; e na segunda, capitalista propriamente dita, o *trabalho social* (abstrato) fundamenta as relações. 9) É pela forma mercadoria que as partes se acordam, por meio da relação contraditória entre compradores e vendedores de trabalho. 10) Aqui começa a História, propriamente dita, e a luta de classes, que tende para a superação e o *fim da história*.

Capítulo 2 (ou Terça)

Introdução

Qual é o objetivo? O fim da alienação. Descer, ir, chegar à vida, avançar nela. Ou melhor: *Mudar a vida!* Andar por aí; a procura de um substituto ao posto áureo deixado vago pelos trabalhadores. Para quê? Para *reinventar a humanidade*. Como num reflexo de um espelho, o ser humano se encontra-perdido num deserto, sedento e, diante da miragem de um oásis, procura um regato de águas puras e cristalinas, no qual mata sua sede de si mesmo, vendo sua imagem refletida, na *superfície* de um espelho-d'água. Ainda que aceitássemos a tese da consciência fetichista, da representação de um poder absoluto – invisível ou supra-sensível – que se efetiva pelas relações sociais e anula todas as diferenças, numa identidade negativa e dissociativa, auferida por sujeitos sociais (masculinos); ainda que aceitássemos esse sistema neo-hegeliano (“sistema produtor de mercadoria”), seríamos nós forçosamente obrigados a aceitar a tese oposta, da implosão desse sistema, por meio de suas rachaduras, fendas, fissuras, frestas e contradições inconciliáveis: seus *resíduos* (feminino). Se questionados se suas relações pessoais, como a amizade e o amor, são determinadas pelo fetiche ou o dinheiro, estes novos niilistas negariam veementemente com uma ponta de orgulho em suas respostas: “não, meu casamento, não”; “não, minha amizade é sincera”, etc. Singela experiência que derruba num só golpe todo esse edifício dogmático. “Não, o que importa são as relações!” Protestarão. Boa, companheiro, saiu-se bem pela tangente, e nada respondeu! Com que gesto, ou varinha de condão, separa as relações das relações? Tais relações, que, de fato organizam e ordenam, não podem dar conta da volúpia caótica do mundo que não pode ser submetida totalmente a um sistema (as tais “brechas”, que eles próprios reconhecem). Quanta coisa escapa! A vida. A vida toda! O fundamental! Todas as múltiplas e arrebatadoras pulsões e paixões, utopias, sonhos e desejos que não se deixam aprisionar facilmente. Portanto, desconfiemos do homem sério (teórico) que bate no peito e diz com empáfia: *senhores, tudo isso é em vão!*

No capítulo anterior, vimos a questão da alienação. Do que foi dito pode se concluir.... não há consciência plena e translúcida correspondente ou constituindo sua objetividade, produto de suas próprias representações. Há, no entanto, um pressuposto

humano (biológico, social, físico, histórico...) e suas virtualidades múltiplas. Até aqui o que prevaleceu foi a redução a nada das múltiplas possibilidades humanas ainda inexploradas e a serem produzidas. Todas as consequências da alienação, isto é, da perda da possibilidade do pleno desenvolvimento humano, subordinam a “essência humana” às relações de produção que se lhe defrontam hostis e avassaladoras. A produção submetida às categorias do capitalismo é um espelho convexo que reflete os seres humanos à sua não-imagem e dessemelhança. Coisa curiosa, a tão reclamada preservação da natureza, no entanto, só pode se concretizar sobre os alicerces da produção ampla, do ser humano integralmente. Se no passado a natureza era inimiga, que se devia dominar; hoje ocorre o contrário, a natureza humana, sobre os pressupostos do capitalismo, é a inimiga. Ironia: somente o projeto do desenvolvimento do ser humano total pode salvar o planeta, a vida, a natureza. Este projeto indica que nenhuma guerra, nenhum assunto econômico, nenhum interesse de Estado pode ser colocado à frente de uma única vida sequer. Pois, este projeto também supõe *o fim* do Estado, *o fim* das guerras, *o fim* da economia etc. É a “essência” peregrina humana, perdida, errante, inventada que retorna de sua jornada longínqua, porque nunca saiu daqui, ao mesmo tempo, tão presente e tão ausente, tão perto e tão longe.

E aqui é necessário fazer uma observação crucial. Este idílio totalitário, como dizia brilhantemente Carlos Fuentes, ao citar Milan Kundera e a *Primavera de Praga*, este idílio prometido e jamais cumprido e que tomou forma no totalitarismo estatal soviético tem pelo menos dois aspectos importantes para se pensar o projeto do fim das alienações. O primeiro é o exemplo histórico que foi altamente negativo para a realização de um projeto *socialista real*. Como já se disse também, a queda do muro de Berlim ou a abertura da “cortina de ferro” serviu de ardil ideológico para a direita que, desobstruída de qualquer obstáculo, usa e abusa do fracasso do “socialismo real” para se legitimar como poder único e se firmar não apenas como historicamente vencedora, mas também como detentora do “bem” e da “verdade”. O segundo, é que a *ditadura do proletariado* confirmou as previsões mais sombrias, “sem fundamento científico”, de um Proudhon, um Bakunin ou dos anarquistas de um modo geral. O bolchevismo, que ao forjar artificialmente uma representação arbitrária e artificial dos soviets, não só *usurpou todo o poder desses conselhos* como também não foi um desvio do socialismo científico – na figura mais sinistra de Josif Stálin – mas o seu desenvolvimento desastroso. O Estado, que paulatinamente devia desaparecer,

no projeto marxista, ao contrário, se perpetuou e assumiu uma função orgânica imprescindível na dinâmica do sistema, esmagando com mãos de ferro os conflitos, as contradições, *a dialética*! É verdade que não se pode desprezar o papel do imperialismo capitalista do outro lado, mas a “política stalinista” encarnada nos partidos comunistas do mundo afora, foi constantemente pragmática e conciliadora onde brotou o germe da revolução, sempre favorecendo, implícita e inversamente, os interesses da burguesia.

Embora Karl Marx (e outros, como Lênin, Trotsky e, talvez, o próprio Stálin) tenha sido bastante sincero em suas aspirações políticas, Marx sem querer acabou criando uma *divisão social do trabalho no seio do movimento socialista*⁸¹. Sem dúvida, as contribuições de Marx para a análise do capitalismo, suas descobertas e conclusões são, enfim, das mais importantes sobre o tema, senão a mais completa. Sua obra não se restringe a um único campo do conhecimento, mas aponta para caminhos diversos. Todavia, na elaboração deste projeto ambicioso, algo que Marx tomou para si⁸², e que o condenava passar horas e horas enclausurado em alguma biblioteca, talvez, tenha criado uma cisão de consequências inimagináveis, à época, ao movimento revolucionário dos trabalhadores. Os bolcheviques, auto proclamando-se seus discípulos mais ortodoxos, deram continuidade, através do Partido Comunista, à divisão social do trabalho, talvez de forma ainda mais acentuada, notadamente entre *trabalhadores* e *intelectuais*, deslocando, no fim das contas, o eixo revolucionário *daqueles* para *estes* (pressupondo uma vanguarda revolucionária que guiaria as massas trabalhadoras). Estes, os intelectuais, cedo aceitaram as premissas do jogo eleitoral, ingressando nas mais diversas instituições, muitas delas ligadas ao *saber* e ao *poder*, e acabando por preencherem os quadros da tecnocracia estatal. Aqueles, os trabalhadores, por seu lado, realizaram uma política conciliadora, pragmática e entremeada

⁸¹ No primeiro Congresso Geral da Internacional, realizado em Genebra, em 1866, houve um debate sobre se os *trabalhadores do pensamento* poderiam ser admitidos na Associação dos trabalhadores. Os delegados franceses se opunham enquanto os ingleses, influenciados por Marx, e alemães eram a favor. Depois de intensa discussão, os franceses declinaram.

⁸² Quanto a Marx, a esta luz, eis a sua face: um homem honrado, um barbudo de quarenta e oito anos, cheio de boa vontade e de grandes idéias, que tem já o tom ríspido dos portadores de verdade histórica. Julga-se um sábio, e não passa de um moralista inveterado. Sem medo e sem mancha, diz às pessoas as suas quatro verdades. Arranca as máscaras, ignorando que sob cada máscara há outra e outra ainda. Possui com firmeza uma crença: a razão. (...) Põe-se no lugar do honesto trabalhador e promete-lhe o que pretende: o mundo. Mas que mundo? O do trabalho. Mundo triste e taciturno. Esta visão do “homem” deixa de parte, racionalmente, a violência, o trágico, a alegria, o mal, a crueldade, a voluptuosidade, a dança e o transe, o êxtase, a juventude exasperada, numa palavra: a vida. Marx falava em nome da história; julgava-se o seu porta-voz, o seu executor testamentário. As coisas passaram-se assim? Não. (LEFEBVRE, *Fim da história*, pp. 108 e 109).

por reivindicações trabalhistas – pela atuação de sindicatos amarelos –; questões pequenas foram colocadas, quase sempre em correspondência às expectativas do patronato. Ora, o marxismo *hoje* está longe de realizar o projeto do fim das alienações e de se lançar na elaboração da produção da humanidade em toda sua plenitude, teorizada pelo próprio Marx. Pois, ou se reduziu ao *niilismo*, ou a um *pessimismo*, ultra-especialista e reacionário, ou é verniz ideológico, quando muito, de governos assistencialistas que adotam deliberadamente a ortodoxia econômica do liberalismo.

Ditadura do proletariado? A despeito das brilhantes concepções de Marx, hoje mais do que nunca ninguém pode aceitar esta tese, nem mesmo o proletariado marxista (se ainda existe algum), ele mesmo vítima da ditadura de seus supostos protetores, ávidos pelo Poder. A ditadura só pode atenuar as contradições, por eliminação (expurgo). Portanto, a transição não se poderia realizar de modo harmônico (com o perecimento do Estado), senão através da luta, em último caso, entre opressores e a resistência oprimida.

Ironia da história, talvez cabe aos anarquistas salvar Marx dos marxistas. Tarefa inglória para muitos; os ressentimentos ainda estão presentes. Mas, talvez necessária, única possível, se ainda importa e faz sentido o projeto da transformação social e da auto-gestão. Recordemos também que Marx sempre se desvencilhou da alcunha de “marxista”. Conciliar outra vez, a despeito dos pesares mútuos, a prática revolucionária e viva de Mikail Bakunin e as análises teóricas de Marx; eis a grande tarefa! Afinal, como reparar os estragos provocados pelo partidos comunistas⁸³ que hoje dão subsídios históricos aos vilões que posam de mocinhos do faroeste?

⁸³ A história do Partido Comunista Brasileiro (PCB) é particularmente interessante. Fundado por anarquistas, em 1922, entusiasmados com a Revolução de Outubro, foi constantemente reprovado nos congressos do Komintern por suas ideias excessivamente anarquistas, a ponto de militantes argentinos, mais experientes no *socialismo científico*, serem encarregados de ministrar aulas de marxismo aos seus camaradas brasileiros. Porém, não demorou muito para começarem as contendas entre anarquistas, majoritários no movimento operário paulista até a década de 30, e comunistas, culminando no assassinato de um sindicalista anarquista. Não demorou também para que os próprios fundadores se detrassem e um a um caírem vítimas dos expurgos do partido. Sua figura histórica mais importante foi Luís Carlos Prestes, *o cavaleiro da esperança*, que liderou, à revelia da direção do partido, a Intentona Comunista em 1935, um movimento quase tenentista, fato que o levou à prisão no governo Vargas. Depois de nove anos preso, Prestes exaltou, sob os imperativos de Moscou, os feitos deste estadista, mesmo tendo sua esposa, Olga Benário, extraditada pelo Estado Novo, caindo presa nas garras nazistas, falecendo em seguida num campo de concentração. Um dos fatos mais

Como náufragos desesperados, agarrados aos vestígios do que um dia foi a temível Associação Internacional dos Trabalhadores (I Internacional), os socialistas devem realizar uma autocrítica devastadora de sua *praxis* até aqui. Caso contrário, perambularão pelos confins do mundo, como cavaleiros errantes de triste figura, à semelhança de Dom Quixote e de seu patético ajudante Sancho Pança, na aventura solitária e fantástica de se lançar contra moinhos de vento.

Henri Lefebvre: pensando a *praxis*

Como já se afirmou, o cenário atual é bastante conservador. Diante desta perspectiva, e de nossa recusa em tomar uma posição pessimista ou niilista diante das coisas, encontramos um alento na obra de Henri Lefebvre.

O pensador francês, diante das tendências política-sociais que se esboçavam em meados do século XX e que tendiam a um sistema fechado em torno do Estado, propôs-se a compreender a sociedade de seu tempo e a apontar novas contradições, além das existentes, e, com isso, formular um projeto de emancipação sobre novos pressupostos. Sua biografia, no entanto, foi um tanto obscurecida por alguns preconceitos. Filiado ao Partido Comunista Francês (PCF), em 1930, Lefebvre foi tido como um expoente do stalinismo⁸⁴, embora tenha sempre manifestado em seus trabalhos um certo “revisionismo” das teses de Marx⁸⁵, diametralmente oposto à ortodoxia do partido comunista. Revisionismo este que o levou à

bizarros envolvendo PCB foi o *justiçamento* de Elza (Elvira Cupello Calônio). Elza era uma menina de apenas 16 anos que foi injustamente julgada e condenada à morte por uma suposta traição (na verdade, traição de seu companheiro, ligado ao Conselho Geral do partido). Na década de 60, uma dissidência do partido formou o PC do B e partiu para luta armada, no Araguaia, contra o regime militar. Desde o começo de sua história, o partidão caiu na clandestinidade muitas vezes e retornou à legalidade em definitivo na redemocratização dos anos 80. Com o colapso da URSS, o partidão mudou de nome para Partido Popular Socialista (PPS), aliando-se aos setores mais conservadores da política brasileira (PFL/DEM e PSDB), sob a liderança de Roberto Freire, que, por sinal, patenteou a sigla “Partido Comunista Brasileiro” como sua propriedade e proibiu o seu uso. Militantes divergentes – a minoria – recorreram à justiça e finalmente conquistaram nos tribunais o direito do uso da sigla histórica.

⁸⁴ Na década de 30, a “alienação” teve um papel insignificante ou até mesmo esteve ausente da argumentação, tanto marxista ortodoxa quanto dissidente, e o afastamento em relação a Hegel, conservado como relíquia na *Pequena História do PCU*, mereceu poucos comentários. Além disso, os poucos marxistas ou quase-marxista estavam fora da vida política e da luta partidária, como Ernst Bloch e o grupo de Frankfurt, ou eram comunistas stalinistas leais, como Lukács e Lefebvre. (HOBSBAWM, 2003, p. 136).

⁸⁵ Logo no capítulo 1, de *Sociologia de Marx*, Lefebvre escreve o seguinte: “Este curto estudo insere-se naquilo que já denominamos: uma *nova leitura de Marx*. Trata-se de uma interpretação? Não. Trata-se de maisnada de uma revisão que se tornou necessária, graças ao desenvolvimento contraditório do pensamento marxista e o mundo moderno” (LEFEBVRE, 1968b p.).

expulsão do PCF, em 1958. Foi tido, inversamente, nos anos decorrentes, por libertário e se tornou uma figura importante nos acontecimentos de maio de 68, em Paris. Este itinerário, aliás, pouco ortodoxo, talvez, contribuiu para jogá-lo num ostracismo político e intelectual. Fato bastante injusto, pois, nesse contexto histórico, um riquíssimo debate se desdobrava em torno de temas como *autenticidade da vida, indústria cultural, Eros e civilização, sociedade da abundância e de consumo, espaço, densidade demográfica, urbanismo moderno, cotidiano* etc., da qual Lefebvre deu valiosa contribuição. Acreditamos, por isso, que o estudo de sua obra abra outras possibilidades ainda inexploradas na interpretação da sociedade de hoje. Assim, feita estas pequenas considerações, pergunta-se: qual é a “matriz” do pensamento lefebvriano?

Para Lefebvre, três pensadores definem a modernidade: Hegel, Marx e Nietzsche. Vejamos como Lefebvre anota seu encontro permeado de acasos com a obra destes três pensadores:

O autor (Ego) leu Nietzsche, pelo mais fortuito dos acasos, no decurso de uma educação cristã, por volta dos quinze anos de idade – tudo o que se achava então traduzido, mas alguns textos em alemão. (...) “Ego”, então, aos vinte e cinco anos de idade, apesar da fascinação nietzschiana: uma sombra das sombras, mais, a própria sombra encarnada; daí o encontro (a descoberta) de Hegel (pelo maior dos acasos: sobre a mesa de trabalho de André Breton), em primeiro lugar, e depois de Marx. Daí, também, o mal-entendido: a adesão ao marxismo, em razão de uma teoria capital – a do fim do Estado. Daí a filiação no PCB, movimento que se iria anquilosar no stalinismo e no fetichismo do Estado. Daí algumas peripécias. (LEFEBVRE, 1976, p. 258).

Através dessas três colunas do pensamento ocidental, Lefebvre define a modernidade de modo *negativo*. Como assim? Segundo o autor, a *historicidade*, isto é, a razão na História definida por uma teleologia lógica, elemento central nas obras de Hegel e Marx, não se cumpriu como efetivamente indicava a teoria. O Estado Moderno hegeliano não fez senão suscitar contradições concretas insolúveis, no sentido da crítica de Marx; e, por outro lado, o Estado marxista (ditadura do proletariado, fadada a desaparecer) não se realizou senão como hegelianismo, na figura perene do totalitarismo stalinista (ou do lassalismo). Por isso, para Lefebvre, o “muro” caíra já em meados do século XX. Daí a

percepção de que a missão histórica do operariado não se cumprira, colocando em questão os próprios trabalhadores como sujeitos do processo da transformação social. Ora, por isso, a concepção de história em Nietzsche aparecia mais fecunda, pois, para este filósofo, não há um *fim da história* porque a própria história carece de *sentido*. Ou melhor, a história não tem um *escopo ou objetivo secreto supostamente racional*; algo que não passaria de uma ficção. Para Nietzsche, a historiografia é uma representação forjada para que os seres humanos possam suportar a ausência de sentido da vida, o caos universal. Assim, a perspectiva de um fim da história é uma auto-destruição (o suicídio da história). Por outro lado, pelos mesmos motivos da criação de representações com vista a um sentido, a era da *razão* (*Logos socrático*) inaugurou uma desconfiança em torno do mundo sensível real (*trágico*) em favor do supra-sensível (metafísico). Sua expressão mais bem acabada teria sido o ideal ascético do cristianismo, em sua renúncia da vida por meio de um ideal além-mundo. Resultando daí uma ética maniqueísta, onde a vontade de criar foi substituída por uma moral de escravos, movida por um instinto de rebanho. O projeto de Nietzsche propunha, ao contrário, a transmutação de todos os valores, além do bem e do mal, na realização prática de uma “civilização superior”, calcada nos valores de *afirmação da vida*. O que está em jogo é, novamente, a *produção do (novo) ser humano*: do super-homem (sobre-humano ou além-homem; como queiram). Entretanto, o projeto nietzschiano de uma nova civilização também foi fadado ao fracasso, não ultrapassando o niilismo (amoral) do mundo moderno. O resultado não poderia ser mais sombrio: o *fim da história* se caracteriza por *reino das sombras*, isto é, por um lado de penumbra na própria teoria destes três pensadores: Hegel, Marx e Nietzsche. A modernidade emerge sobre aquilo que havia de negativo nestes três projetos: Estado unilateral, exploração do ser humano e decadência moral (niilismo). É a partir deles que Lefebvre elabora o seu projeto de superação: *a sociedade urbana*. A *produção do espaço*? Terá sido fadada também a um reino das sombras?

Em nossa pesquisa, faremos uma leitura inusitada da obra lefebvriana, dando um enfoque especial a Nietzsche; “esta sombra da sombra, mais, a própria sombra encarnada” na obra lefebvriana. Esta leitura bastante improvável tem por objetivo testar hipóteses; perscrutar outras perspectivas que, longe de sobreporem-se às outras, busca compor um debate teórico em torno das contribuições importantes de outros estudos. Deixamos assim

Marx e a crítica da economia política, para encontrar Nietzsche, sem abandonar totalmente este ou aquele (a dialética de Hegel). Para nós, somente assim poderemos vislumbrar um projeto libertário – de autogestão –, sugerido acima. Pois, o bigode desferia uma crítica ainda mais feroz ao Estado que Marx, talvez, por um elo que o identificava inconscientemente ao “instinto rebelde” de Bakunin; reflexo oblíquo de seus laços pessoais com compositor Richard Wagner, amigo do revolucionário russo, e, também, é verdade, da leitura que fez da obra de Max Stirner. Mas, para nós, é possível imaginar um cenário, talvez um jardim, em que Nietzsche e o compositor conversavam, e que este narrava suas peripécias ao lado do anarquista, nas barricadas de Dresden, em 1849.

Nesta perspectiva nietzschiana, Lefebvre esboça uma defesa veemente do filósofo alemão contra seus detratores, que o acusavam de colaborar na construção do ideal nazista (ideia difundida pelo celebre episódio envolvendo a irmã de Nietzsche e o nacional-socialismo), que transcrevemos abaixo:

Nietzsche nem por isso deixa de conservar a reputação dum “crítico de direita” da metafísica, da sociedade existente, do Estado, e por consequência da história. Será justo? Não, porque poder-se-ia nele mostrar um extremismo anarquizante, um “esquerdismo”. O seus ataques contra o Estado, “o mais frio dos monstros frios”, não se assemelham aos ataques das pessoas que queriam voltar aquém do Estado, para a comunidade, a tribalidade, a sociabilidade da pequena paróquia; ele transporta-se pelo pensamento, como Bakunin, para além da história, para além do Estado. (...) Será preciso acrescentar que Dionísio era o amigo e o deus dos escravos e das mulheres, não só dos rurais ou dos provinciais semibárbaros da Trácia? Que a dança e o transe de que a tragédia não foi senão um episódio – repetível, é certo, isto é, suscetível de ser apresentado e re-presentado –, que, numa palavra, a festa teve durante muito tempo e talvez guarde ainda um caráter subversivo? Que Apolo era o deus dos senhores, possuidores do saber tanto como da riqueza? Que o Ocidente, e a cultura dos Senhores, foram apolíneos, rejeitando Dionísio, até aos derrubamentos: as vinganças dos escravizados, as suas revoltas, os seus apelos a Dionísio, ao canto, à dança, ao transe, ao êxtase, à violência, ao arcaico, ao “primitivismo”, ao selvagem... (LEFEBVRE, *Fim da história*, pp. 120 e 121).

Feita estas observações, faremos um breve estudo de alguns temas propostos por Lefebvre (reunindo a bibliografia que nos foi possível e tendo em vista sempre os prazos e o cronograma do programa de pesquisa de pós-graduação do departamento desta faculdade). Sem dúvida, dadas tais circunstâncias, reivindicamos aqui a liberdade do ensaio, assumindo plenamente o risco de errar. Todavia, acreditamos que podemos colaborar, ainda que minimamente, aos estudos dos referidos temas, notadamente, *o espaço* e *o urbano*, somando aos estudos de outras pesquisas.

Portanto, para nós, dois eixos centrais que se implicam e situam a obra de Henri Lefebvre: *a produção em sentido amplo* (já mencionada e que será tema recorrente nesta pesquisa) e, conseqüentemente, o sentido da *praxis*⁸⁶.

Neste sentido, Lefebvre põe em primeiro plano, no contexto da produção em sentido amplo, a relação *fundamental* entre *ser humano* (social) e as *coisas* através da *praxis*⁸⁷. O que restitui a dignidade do prático-sensível (Marx e Nietzsche). Tal relação é deteriorada pela técnica e a indústria. Vejamos:

A coisa é módica e mínima, igualmente em número, medida pela pululação de objetos indiferentes. A *coisa* é o cântaro, o anel, o espelho, o vaso, obras artesanais, mais do que obras de arte, mais ainda obras e não *produtos* (da indústria ou da operação técnica no sentido moderno). O saber da ciência e a técnica destruíram as *coisas* enquanto coisas, muito antes da explosão da bomba atômica; reduzem a coisa à função e à operação objetivas. Quase não há mais coisas, e sua “coisidade” permanece retirada, esquecida. (LEFEBVRE, 1976, p. 191).

Num debate que busca uma descrição mais complexa e refinada da *praxis*, o autor retoma o sentido das palavras gregas *praxis*, *poiësis* e *mimësis*. Elas se articulam na

⁸⁶ Continuará esse filósofo moderno a ser um filósofo? (...) Porque Nietzsche condena e recusa a filosofia inteira. Tal como Marx. Este a recusa e refuta-a, pelo fato de à filosofia faltar uma ligação com a prática, o que impossibilita de *realizar* a sua ideia do homem. (LEFEBVRE, 1976, p. 171).

⁸⁷ Heidegger não esclarece a questão da coisa. Acrescenta às questões já formuladas uma nova pergunta. O objeto mais ou menos técnico, produto do modo de representação científica, é vazio de poesia. A *coisa*, obra artesanal, foi rica em poesia. O objeto se consome. A coisa cria em torno dela um microcosmo humano. Que concluir? Heidegger confirma uma visão essencial: a relação do homem com a *coisa* é um aspecto do problema mais geral, o da relação entre o homem e suas obras múltiplas. Sem dúvida, a teoria da alienação (da dupla relação com o objeto e a coisa: presença e alienação, realidade e reificação) falta em Heidegger para que responda à sua pergunta. Além disso, o culto da coisa artesanal, um pouco arcaica, traduz-se em Heidegger por um sentimento tocante, patriarcal e germânico, da Casa. (LEFEBVRE, 1967, p. 192).

produção ampla, que, como já foi dito, envolve a produção do ser humano. A *praxis* engloba tanto a *poièsis* como a *mimèsis*; elas se relacionam de modo estreito. *Mimèsis* não tem o sentido platônico vulgarizado, da “arte como imitação”, mas envolve reprodução e criação. Pode, no entanto, se resumir a simples reprodução, a um movimento automático (técnico). *Poièsis* também não se separa da *téckne*⁸⁸, isto é, do *fazer*, tampouco se resume à sua forma verbal e literária (poesia), mas se define no âmbito do *vivido pela criação*, na produção de *estilo* ou *obra*. No capitalismo, estes níveis da *praxis* estão separados, em prejuízo da *poièsis* e da *mimèsis*, em suas acepções criadoras. A técnica estende seus tentáculos a todos os domínios da sociedade (veremos mais adiante o surpreendente significado deste fenômeno). Dito isto, vejamos pormenorizadamente as definições destes termos, nos próprios dizeres de Henri Lefebvre:

Praxis: O termo “praxis” se usa atualmente em várias acepções. Ora designa toda atividade, social logo humana (inclusive a técnica, a *poièsis* e também o conhecimento teórico). Ora se opõe à teoria e ao conhecimento puros ou pretensamente tais, o que aproxima a *praxis* da prática, no sentido corrente. Ora, enfim, designa a atividade propriamente social, isto é, as relações entre os seres humanos, distinguidas por legítima abstração das relações com a natureza e a matéria (técnica e *poièsis*). É este o sentido que tentaremos circunscrever e determinar. (LEFEBVRE, 1967, p. 63).

Poièsis: Chamaremos, assim, a atividade humana enquanto se *apropria* da natureza (*physis*) em torno do ser humano e *nele* (sua própria natureza: sentido, sensibilidade e sensorialidade, necessidades e desejos, etc.). A *poièsis* é, portanto, criadora de obras. Compreende fundações, decisões de consequências ilimitadas, embora às vezes despercebidas durante longos períodos. Nem toda criação é, portanto, *poièsis*, mas toda *poièsis* é criação. A “poesia” restringe o sentido do termo. Outra observação: a técnica e a invenção técnica ficarão para nós fora do

⁸⁸ O professor Marco Aurélio Werle ensina que Heidegger mostra como a técnica moderna reduz toda a essência do produzir para si, enquanto entre os gregos estava intimamente associada com a arte. “Tudo se decide na questão de pensar o produzir em toda a sua amplitude, e isso significa ao mesmo tempo no sentido dos gregos. (...) Em vista disso, o que é produzido manual e artisticamente, por exemplo, a taça de prata, tem a irrupção do produzir não em si mesmo, mas no outro, no artesão e no artista. (...) A técnica não é, portanto, meramente um meio. É um modo de desabrigar. (...) Tal perspectiva é, para nós, estranha. Mas ela exatamente deve estranhar, e se possível por um bom tempo e de modo opressor, para que finalmente também tomemos a sério a simples questão do que diz, pois, o nome: ‘técnica’. (...) Por um lado, *téckne* não é somente o nome para o fazer e poder manual, mas também para as artes superiores e belas artes. A *téckne* pertence ao produzir, à *poièsis*; é algo poético [*Poietisches*]” (HEIDEGGER, 2007, pp. 379 e 378).

campo da *poièsis*. Se é verdade que as técnicas dominam a “natureza” (o mundo exterior), se são, portanto, necessárias, não bastam à apropriação, pelos seres humanos, de sua própria natureza. Distinção essencial para determinar os limites da técnica na modernidade e para definir corretamente a alienação tecnológica. (Ibidem, pp. 64 e 65).

Mimèsis: O conceito de *mimèsis* não coincide com o de *imitação*. A *mimèsis* não é um fato psíquico mas um fato sociológico (envolvendo o psíquico mas transbordando dele). Nesse sentido, a *mimèsis* pode ser definida como um aspecto ou um nível da *praxis*. Precisa, no entanto, ser fundada, criada. Situando-se entre a repetição e a invenção transformadora (revolucionária), tem uma relação com a *poièsis*. É a noção mista por excelência, ou a noção do misto, meio (médio), intermediário, mediador, meio (centro). Com a linguagem como tal, ou melhor, o discurso. Ligamos à *mimèsis* toda atividade que se desenrola segundo uma forma e que, aliás, acrescenta à sua forma. Depois, portanto, de uma apreensão, percepção, ou intuição, inicial da forma. Em seguida, é mais ou menos conforme. Propicia, eventualmente, um formalismo que pode transviar o uso e a função da forma. Pode, também, dar lugar a um conformismo, apogeu e paroxismo da *mimèsis*. Contrariamente às ilusões correntes, o individualismo em nada exclui o mimetismo e a mímica, aspecto da *mimèsis*. Ao contrário. Na “areia humana”, cada grão imita os outros grãos, acreditando-se só, estando separado. A forma que segue a *mimèsis* pode ser lógica, jurídica, cerimonial, gestual, ritual. (Ibidem, pp. 66 e 67).

DO ESPAÇO À SOCIEDADE URBANA

Nota 1: *Porque só o amor destrói*

Há muito tempo tentamos renegar o amor. Dizemos para nós mesmos: o amor não nos atinge, somos invulneráveis, nossos corações, petrificados! Somente os piegas, hipócritas ou sentimentalóides se deslumbram com o amor (o amor próprio, deles mesmos, que, generosamente, cedem algumas migalhas para outra pessoa, supostamente amada). Num sentido ainda mais crítico, o amor é vã ilusão (representação), uma promessa fatalmente descumprida; e, o que é pior, mais do que nunca, na sociedade atual, o amor tem um preço, vale como qualquer vil mercadoria. Aparentemente, num mundo reificado pelo capital, não há lugar para mais nada de humano. Tudo pode ser vendido e comprado no mercado, principalmente o amor.

Todavia, na sociedade, marcada pela alienação, é possível pensar um momento, evidentemente *residual*, em que os seres humanos são seres humanos. Este instante soberanamente humano é um momento que pode ser, sobretudo, do amor, que se rebela, que se revolta contra as coações impessoais de fora (heteronomia). Este amor não pode ser negociado no mercado. É irreduzível a um preço. Este amor é como as palavras de Bakunin: “A volúpia de destruir é, ao mesmo tempo, uma volúpia criadora”. Não é meramente um prazer condicionado pelas imposições determinadas pela sociedade capitalista; estas de fato degradam o amor. Este amor que destrói, vê-se bem que não é vulgar de tão vulgar que é.

Que é o amor, por exemplo, fora e além dos múltiplos eventos, aparentemente insignificantes, da vida cotidiana? Um amor que se quer ‘essencial’ e que se manifesta apenas em ‘grandes circunstâncias’ é um amor inumano, ressecado, que nada traz para o ser amado; e, tanto mais ele é assim ‘essencial’, tanto mais é interior e secreto, tanto mais é exterior à vida. (LEFEBVRE, 1995, p.211).

E apesar do massacre promovido pelo cotidiano, as pessoas ainda assim conseguem sorrir, inesperadamente. Seria o começo singelo de uma revolução? O amor profano, versão mundana do *amai-vos uns aos outros*? Momentos de descontração, de festa, de amizade, de paixão, que nasce na esperança. Ou ainda: *Sendo a si tão contrário, é o mesmo amor*

(Camões). O ódio? Não há guerra que não seja um crime contra a humanidade! O ódio revolucionário é, inversamente, uma prova de amor. Sendo assim, o amor, tão presente, tão vulgar, tão piegas, tão humano, só é possível no socialismo (sem classes sem Estado; sem pátria nem patrão); numa sociedade onde a alienação for de toda debelada: “Para o júbilo, o planeta está imaturo; É preciso arrancar alegria lá do futuro!” (Maikovski).

Nota 2: *O pressuposto biológico*

A modernidade definiu o ser humano enquanto “ser racional” – o único existente na natureza – inspirada por pressupostos aristotélicos e do sujeito cartesiano⁸⁹. Sem dúvida, não há nenhum ser vivo conhecido que possua a capacidade extraordinária do intelecto humano. Todavia, recentemente, de acordo com as novas experiências realizadas com animais complexos, como os mamíferos, não se pode ignorar que estes também apresentam alguma capacidade de pensamento, inclusive, a faculdade de resolver problemas por meio de operações dedutivas. Além disso, máquinas e supercomputadores, produtos humanos, diga-se de passagem, hoje podem resolver com mais rapidez e eficiência problemas lógicos e matemáticos que o cérebro humano. Hoje, os supercomputadores superam os seres humanos em “inteligência” (lógico-dedutiva). Um exemplo notável: a derrota de Garry Kasparov – o lendário enxadrista russo que se notabilizou pelas disputas épicas com seu arqui-rival, não menos lendário, Anatoly Karpov (campeão mundial por mais de uma década) – a derrota de Garry Kasparov para o supercomputador Deep Blue, nos anos 90. Neste duelo entre o homem, Kasparov, e a máquina, aquele ainda imprimiu inúmeras vitórias ao seu adversário mecânico. Mas, depois de sofrer consecutivas derrotas, o computador foi se aprimorando, memorizando e incorporando as jogadas geniais de seu oponente humano. E na virada do milênio: xeque mate!⁹⁰ A humanidade perdia para a

⁸⁹ Rousseau defendeu um primado do sentimento no ser humano, seu romantismo já não representava uma crítica do iluminismo no seio do iluminismo?

⁹⁰ O supercomputador Deep Blue possuía 256 processadores capazes de analisar 200 milhões de lances por segundo e uma memória onde se registravam mais de 700 mil partidas de *Mestres* e *Grandes Mestres* do xadrez. Na época de sua derrota, Kasparov acusou os programadores do computador de trapacearem durante as partidas, por meio de auxílio de jogadores humanos. Foi a primeira vez que um computador venceu um grande campeão, na história do xadrez, em torneio realizado em maio de 1997. Kasparov declarou então que era “o último humano campeão” e que, num torneio realizado no ano de 2003, entre ele e Deep Junior, um

máquina e desta vez para sempre. Deep Blue perversamente copiava todos lances de Kasparov; armazenava tudo em sua memória de lata; aprendia com os seus erros e de seu adversário, computava cada detalhe, calculava infinitas possibilidades... Mas este não foi o segredo de seu triunfo. O mais surpreendente, fato que passou despercebido para o próprio Garry Kasparov, é que Deep Blue era, na verdade, seu *espelho*. Que ele, Kasparov, sentava-se diante de seu reflexo, que jogava contra si mesmo, e que, por fim, seria derrotado implacavelmente por seu outro-ele-mesmo. O século XXI é então um marco, pois denota o fim de fato do *sujeito moderno*, não em detrimento da técnica, mas do *autômato* (o ser humano exteriorizado na máquina).

A máquina automática é uma máquina, pois constrói, se desmonta em peças destacadas, se recompõe, de acordo com uma regra (duplamente determinada: funcional, estrutural). Ao mesmo tempo, *simula* o pensamento. Até onde vai, até onde irá essa simulação? Até alcançá-lo? Até ultrapassá-lo em certos pontos (a capacidade de cálculo, o intelecto ou a inteligência)? ficando atrás em certos pontos (a sensação, a emotividade)? (LEFEBVRE, 1967, p. 229).

Portanto, tal definição cartesiana merece uma revisão.... é preciso voltar atrás, resgatar *a sensação, a emotividade*, o que há de biológico no ser humano, o que há nele de bicho (ser vivo): *o corpo*. Mas não é cair no erro da biologia, ciência especializada, que “biologiza” campos do conhecimento em que não está autorizada, sem reservas, a tomar parte, como na sociologia. A biologia – aliás, mais preocupada em produzir tecnologia (máquina) e ideologia – nega toda e qualquer *finalidade* na teoria da evolução, enfatizando sempre processos casuais e acasos no desenvolvimento orgânico das espécies. Quando, porém, trata do fator social ou psíquico (principalmente no que se refere às questões das classes sociais), remonta-os sempre a origens pré-históricas, a finalidades bem determinadas e “essenciais”, inerentes ao “ser” primeiro (“o homem das cavernas”). Tal procedimento chega a formulações delirantes. Ultimamente, anunciou-se que um *traço* especificamente *humano*, que *o define* (ontologia), foi finalmente descoberto: o “gene da generosidade”! Tal gene foi matéria de capa na mídia em geral, mas principalmente da mídia conservadora. Curiosamente, só não se explica qual é o papel desse gene numa

outro computador, que este possuía “qualidades humanas, por isso, era menos previsível”.

sociedade marcada pela concorrência selvagem, pelo individualismo imoral, pela violência e pela drástica desigualdade social. Aliás, como se manifesta essa “generosidade” do ponto de vista comportamental quando uma pessoa faminta implora por esmolas e recebe em troca a indiferença das janelas blindadas e escuras em carros importados?

Portanto, ao invés da ciência procurar uma essência ontológica exclusivamente humana, melhor seria se buscasse o que há de complexo, de negativo, de não identidade: o ser humano como *ser genérico* (projeto a ser constituído), produzido historicamente, sem desconsiderar, evidentemente, seu pressuposto biológico, isto é, *o corpo*.

“Para a teoria da praxis, o homem se ele mesmo nessa praxis; suas determinações são múltiplas, nenhuma o esgota. Aliás, trata-se menos de descrever, de analisar, de expor ou de explicar, em suma, de conhecer o humano, que de criá-lo. E não apenas de conduzi-lo ou educá-lo em nome de um conhecimento e de uma definição prévios. Toda definição ou determinação é limitativa. O homem ‘total’ não é isto ou aquilo: *homo faber, sapiens, ludens, ridens*, etc. É tudo isso e ainda ‘outra coisa’ que ainda não foi dita porque não foi criada” (LEFEBVRE, 1967, p. 366).

Nota 3: Os enigmas da natureza

Antes de prosseguirmos, para reforçar a argumentação que será exposta, vale a pena citar alguns fragmentos escritos pelo renomado geólogo e biólogo Stephen Jay Gould, publicados em forma de ensaio na *Natural History Magazine* entre os anos de 1974 e 77, e posteriormente compilados no livro de divulgação científica *Darwin e os enigmas da vida*.

a) No ensaio intitulado *Tamanho e Forma*, Gould escreve:

A própria geometria do espaço é a principal razão para as correlações entre tamanho e forma. Simplesmente crescendo, mantendo-se inalterada sua forma, qualquer objeto sofre decréscimo contínuo em superfície relativa. Esse decréscimo ocorre porque o volume aumenta ao cubo em relação a comprimento (comprimento x comprimento x comprimento) enquanto que a superfície aumenta

ao quadrado: em outras palavras, o volume cresce mais rapidamente que a superfície. (GOULD, 1987, p. 167).

Gould argumenta que muitas funções do corpo dos animais dependem de seu volume inteiro. Neste sentido, algumas variáveis do ambiente desempenham um papel central no organismo, como a gravidade. Segundo o biólogo, Galileu reconheceu este princípio na sua obra *Discorsi* (1638), ao afirmar que ossos de animais grandes, assim como cilindros, devem ser relativamente mais grossos, exercendo, porém, a mesma força relativa que os finos ossos de animais menores.

Uma solução para o decréscimo de superfície tem sido particularmente importante na evolução dos organismos grandes e complexos: o desenvolvimento de órgãos internos. (...) Alguns animais simples nunca desenvolvem órgãos internos; se eles crescessem precisariam alterar sua forma de maneira tão drásticas que a plasticidade para futuras mudanças evolutivas seria sacrificada por essa especialização excessiva. Assim, uma solitária pode ter até 20 pés de comprimento, mas sua largura não pode exceder uma fração de polegada, já que tanto alimentos quanto oxigênio penetram diretamente pela superfície externa, atingindo todas as partes do corpo. Alguns animais são forçados a ficar pequenos. (Ibidem, 1987, p. 168 e 169).

Segundo o autor, o mesmo princípio também vale para todas as coisas, notadamente a arquitetura. E daí, surpreendentemente, Gould passa a analisar igrejas medievais. E o primeiro critério inferido é o tamanho. De acordo com o biólogo, estas igrejas foram construídas numa gama enorme de tamanhos, em conformidade com o conhecimento técnico e dos materiais utilizados na época, onde pode se constatar que o número de janelas, a estrutura e a forma variavam em razão da maior ou menor dimensão destas construções.

As igrejas medievais, assim como as solitárias, não possuem sistemas internos e precisam alterar sua forma para produzir mais superfície externa à medida que aumentam de tamanho. (...) Os arquitetos medievais tinham suas normas práticas, mas, pelo que sabemos, não tinham conhecimento explícito das leis do tamanho. (Ibidem, p. 171).

E é categórico ao afirmar que nenhuma igreja gótica é mais larga do que comprida. Gould encerra o ensaio relatando o diálogo de duas meninas que discutiam sobre o tamanho dos cachorros: “Uma delas perguntou: ‘Será que o cachorro podia ser do tamanho de um elefante?’ A amiguinha retrucou: ‘Não, se ele fosse grande como um elefante, ele iria se parecer com um elefante’. Sábias palavras” (Ibidem, p. 171).

b) No interessante artigo intitulado *Sabedoria orgânica, ou por que a mosca deve comer a mãe por dentro*, Gould descreve a reprodução dos *cecidomiídeos*, um tipo de mosquitinho. Estes mosquitos podem se reproduzir de duas maneiras, por meio de reprodução sexuada, caso a alimentação for escassa, ou, quando a alimentação é abundante, por partenogênese (reprodução assexuada), isto é, quando não há fecundação. Neste caso, somente a fêmea procria, mas nunca chega à idade adulta e, como não põe ovos, como na reprodução sexuada, a prole se desenvolve dentro do corpo da mãe. Pelo fato de não receber nutrientes nem estar protegida por um útero, o “feto” acaba devorando o corpo materno, de *dentro para fora*. Mas não cabe aqui nenhum juízo de moral, do tipo, “filho desnaturado, ingrato”, pois o filhote desgraçadamente, depois de dois dias, terá o mesmo destino da mãe. Consolo para as mulheres-humanas: as dores de parto devem soar como música se comparada às dos *cecidomiídeos*.

Segundo Gould:

Os evolucionistas apreenderam que os organismos se adaptam não só através de alterações de energia e forma, mas também do ajustamento no *timing* de suas vidas e na energia despendida em diferentes atividades (alimentação, crescimento e reprodução, por exemplo). Esses ajustamentos são chamados de ‘estratégias na história de vida’. Os organismos desenvolvem diferentes estratégias de vida, que se ajustam a tipos de diferentes de meio ambiente. (...) os animais são delicadamente postos em ‘sintonia fina’ com o meio ambiente. (GOULD, 1987 p. 87).

c) Já vimos a importância que o *design* (figura, forma, desenho, dimensão) exerce no organismo segundo Stephen J. Gould. Num outro ensaio, *A postura faz o homem*, escreve o autor:

O cérebro não pode começar a crescer no vácuo. É preciso que um modo alterado de vida, que coloque uma acentuada e seletiva recompensa sobre a inteligência, forneça o ímpeto inicial. A postura ereta libera as mãos da locomoção para a manipulação (literalmente, de *manus*, ‘mão’). Pela primeira vez, as ferramentas e armas podem ser elaboradas e usadas com facilidade. A inteligência aumentada é, em grande parte, uma resposta ao enorme potencial inerente a mãos livres para a manufatura – de novo, literalmente. (GOULD, p. 207).

Transcreveremos a seguir citação pouco comum em pesquisadores das ciências naturais. Vejamos:

E, de fato, o século 19 forneceu-nos um pormenorizado relato que sem dúvida surpreenderá a maioria dos leitores – Friedrich Engels (...) escreveu um ensaio intitulado *O papel desempenhado pelo trabalho na transição do macaco ao homem*. Foi publicado postumamente em 1896 e, infelizmente, não parece ter impacto visível sobre a ciência ocidental. (Ibidem, p. 208).

Neste ensaio, Engels defende a hipótese de que a postura ereta fez da mão humana não somente *o órgão do trabalho* mas também *o produto do trabalho*. Gould, depois de afirmar que Engels não viveu suficiente para concluir sua “dialética da natureza”, lembra que o naturalista alemão e darwinista Ernst Haeckel deve ter exercido grande influência nos escritos antropológicos do socialista. Feita esta consideração, descreve como Engels propõe uma história natural da humanidade demonstrando como, depois de dominar o ambiente, as sociedades humanas com o tempo depreciaram o trabalho manual reservando-o às populações subjugadas pelas castas dominantes e guerreiras. Estas, desligadas da produção material, detiveram-se na administração da sociedade, donde o pensamento era uma qualidade mais apropriada para a função gestora. Gould, então, constata que preconceitos (ideologias) – para ele, calcados na separação *mão-cérebro* – regem as ciências e seu ideal de pesquisa “pura”, concluindo taxativo:

A importância do ensaio de Engels não está no fato de que o *Australopithecus* tenha vindo confirmar uma teoria específica por ele proposta – via Haeckel – e sim na arguta análise que faz do papel político da ciência e de como os preconceitos

sociais afetam todo o pensamento. (...) Se levássemos a sério a mensagem de Engels e reconhecêssemos nossa crença na superioridade da pesquisa pura pelo que ela é – ou seja, preconceito social – talvez conseguíssemos promover entre os cientistas a união entre a teoria e a prática de que um mundo perigosamente à beira do abismo como o nosso necessita com tanto desespero. (Ibidem, p. 210).

O espaço

Mais de uma vez, Lefebvre, ao se identificar como francês, exortou a racionalidade, digamos nós, cartesiana, da tradição francesa. Sendo assim, teria sido então Henri Lefebvre um pensador racionalista, ou idealista? Certamente, não. Mas se nos fosse dada uma licença [pelo autor] – nós que estudamos sua obra, neste caso um capítulo em especial de *A produção do espaço – Arquitetônica Espacial* – para eleger, metodologicamente, uma “unidade mínima” do espaço – ou, mais precisamente, fixar seu *ponto de partida*, este seria sem dúvida alguma *o corpo*. Neste caso, Lefebvre inverte o *res cogitans* cartesiano, concebendo um primado teórico à *res extensa* (para usar os termos do filósofo francês do século XVII); isto é: *o corpo*⁹¹. Para René Descartes, o corpo é espaço pleno, uma vez que não existe vazio, é uma *coisa* dotada de extensão pela simultaneidade de suas partes. Sendo assim, de acordo com a concepção idealista cartesiana, não se trata do corpo material, que é percebido pelos sentidos, mas, na matéria evanescente, o que somente é verdadeiro é aquilo que é claramente *pensável*: extensão e movimento. Paradoxalmente, por outro lado, notáveis são os estudos de Descartes sobre a circulação sanguínea, associando o coração a uma bomba hidráulica, e as afirmações de que o corpo humano seria do mesmo tipo do dos animais, funcionando como uma *máquina*⁹². Feitas estas considerações – que devem ser

⁹¹ Tomemos um exemplo concreto. *Descartes* aperfeiçoou a álgebra e inventou a geometria analítica; descobriu a lei da refração, os refluxos fisiológicos e uma parte do mecanismo da circulação sanguínea. Enquanto fisiólogo e físico, acreditava na existência objetiva da *res extensa*, do espaço geométrico sobre o qual incidiam os novos instrumentos matemáticos que inventara. Ao mesmo tempo, é o metafísico idealista que define a existência do puro pensamento e da consciência de si: “*cogito, ergo sum*”. (...) Seu sistema metafísico, portanto, conduz a conclusões idealistas; ele justapõe seu idealismo metafísico e seu materialismo científico num “dualismo” discutível: o corpo e o pensamento, a natureza e o espírito, existem cada um de seu lado, distintos, cada um com suas leis próprias. (LEFEBVRE, 1995, p. 61).

⁹² “O que não parecerá de modo algum estranho aos que, sabendo quantos *autômatos*, ou máquinas moventes, a indústria dos homens pode criar, utilizando poucas peças em comparação com a grande quantidade de ossos,

cuidadosamente registradas –, a referencia aqui é outra: a crítica de Friedrich Nietzsche ao sujeito cartesiano:

Descartes, no século XVII, com uma concepção racionalista do mundo, tinha na lógica o paradigma para o pensamento; Nietzsche, na segunda metade do século XIX, com uma concepção orgânica do mundo, tinha a biologia seu grande modelo. Por isso o filósofo alemão concebia a razão como uma faculdade surgida tardiamente na história dos seres orgânicos, sob a qual ainda repousa uma multiplicidade de impulsos. O mundo, que para Nietzsche é puro caos de forças interagindo entre si, é fundamentalmente enganador, por só termos acesso perspectivo a ele e por só podermos expressá-lo utilizando uma linguagem que não o apreende. Conceitos como *cogito*, *ego*, substância, são palavras que só têm validade no mundo da lógica, que pressupõe a unidade e a estabilidade. Em um mundo compreendido como vir-a-ser, eles são aplicáveis apenas para fins utilitários, e portanto são meros instrumentos. (ITAPARICA, 2000, pp. 75-76).

Para Nietzsche, a subjetividade, como faculdade doadora do critério de verdade, através da noção de representação como correspondência exata do objeto, por meio do pensar puramente lógico e que teria na linguagem, em Hegel, sua forma mais legítima (sujeito, predicado e objeto)⁹³, não é senão uma *superficialidade* que omite o que há por

músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo como uma máquina, a qual, tendo sido feitas pelas mãos de Deus, é incomparavelmente melhor ordenada e possui em si movimentos mais admiráveis do que nenhuma das que podem ser inventadas pelos homens” (DESCARTES, 2009, p. 95). “O homem se conhece, se reconhece, se realiza em sua obra, seu ser-outro: a máquina. O ser-outro, sua imagem, seria ele-mesmo” (LEFEBVRE, 1967, p. 236).

⁹³ Assim, quando afirma que o ato é uma ficção, Nietzsche está revelando a limitação da linguagem gregária – e da moral que a sustenta – em compreender o que ele chama de efetividade (*Wirklichkeit*), ou seja, o vir-a-ser, o mundo caótico das sensações, mundo esse desprovido de ordem, fim ou sentido. Para Nietzsche, essa efetividade não poderia ser compreendida como algo em si, pois, segundo ele, o surgimento da noção de em si teve como origem um impulso moral de negar o vir-a-ser através do estável, o que na linguagem resulta no conceito como unidade. Os homens, à efetividade, mas, quando se expressam, utilizam uma linguagem que procura estabilizar esse mundo do vir-a-ser. Eles não podem, portanto, conhecer a essência do ser, simplesmente porque ela não existe, em um mundo compreendido como vir-a-ser. (...) Assim, ao admitir que a linguagem não alcança esse mundo do vir-a-ser, Nietzsche assume que sua explicação do mundo também é uma interpretação, uma falsificação, e que, como toda interpretação, expressa determinados valores. Nesse sentido, a linguagem de Nietzsche é fundamentalmente performativa, pois, se não há uma estrutura essencial do mundo, não apenas por só termos um acesso consciente a ele através da linguagem, mas também por ele se apresentar como um vir-a-ser caótico, sua filosofia aspira a expressar valores com que se possa viver de forma mais afirmativa perante esse mundo da efetividade. (ITAPARICA, 1998, pp. 70 e 71).

debaixo da *pele*: uma realidade muito mais complexa e obscura, a do *corpo* mesmo, compreendido este como uma *estrutura social de impulsos e afetos* (ITAPARICA, 2000)⁹⁴.

Nietzsche tem por pressuposto a filosofia schopenhaueriana do corpo como representação (*espelho espaço-temporal*) da vontade, isto é, do *querer-viver*, já que para Schopenhauer não existe a *coisa-em-si*⁹⁵. Assim sendo, para Nietzsche, o corpo é o *ponto de partida* e o fio condutor de uma relação que envolve uma dupla determinação: forças *apolíneas e dionisiacas*; aparência e dissolução.

Por outro lado, numa exposição dialética⁹⁶, o ponto de partida é aquilo que aparece e é imediatamente sensível e, ao mesmo tempo, o que é mais obscuro, e que só vem à tona – só se torna conhecido – através da *negação determinada*, que tem por pressuposto a relação dos contraditórios: positivo e negativo⁹⁷. Já o projeto lefebvriano parece inserir a

⁹⁴ O pensamento “profundo” (entre aspas irônicas, pois Nietzsche ironiza e desconfia desde que ser consciente abandona a superfície, o espelho cintilante, e também porque só o poeta pode aspirar a tanto), o pensamento de Nietzsche parece ser o seguinte, pelo menos até à *Gaia Ciência*. Inicialmente, a “profundidade” do corpo, da energia acumulada explosivamente, dos fenômenos fisiológicos, é informe; os acasos têm um papel preponderante. Dois processos permitem introduzir neste caos inicial e fundamental uma certa ordem: com a linguagem, a lógica que simplifica, e com o juízo e a apreciação, o valor ético e estético que permite a escolha. Pode então “funcionar” uma vida social; a necessidade, determinada ou livre, reina. (LEFEBVRE, 1976, p. 209).

⁹⁵ Contra Hegel e seu racionalismo unitário, Schopenhauer quis mostrar uma cisão fundamental do “ser” (e do “ser humano”). Se há cisão há consequentemente “alienação”, mas esta alienação é constitutiva. O “ser” é, por um lado, impulso, querer, profundidade cega, elementar e vital, e, por outro lado, consciência, clareza, reflexão. Qual é a relação entre estes dois termos? O ser no mundo desdobra-se em vontade e representação. A historicidade? Nem sequer se pode definir. A temporalidade resulta do conflito insolúvel entre o querer-viver (tão espontâneo e inconsciente como obscuro) e a re-presentação desse querer no plano daquilo que realiza para logo destruir. (...) Dessa dissociação, Nietzsche retém o conflito entre Dioniso (a violência, a sombria crueldade, a embriaguez, o êxtase) e Apolo (a serenidade, o sonho, a luz). (LEFEBVRE, 1971, p. 93).

⁹⁶ As pressuposições implícitas e o *ponto de partida* são sem dúvida algo ‘dado’ (*un donné*), como é de resto o caso em qualquer apresentação dialética, a qual não deve começar nem por princípios ou fundamentos dedutivos, nem por verdades empíricas. Mas tais dados serão desenvolvidos, mais do que isto, serão ‘negados’ (*Aufhebung*), o que não quer dizer que eles sejam pontos de partida provisórios. A apresentação dialética é passagem da aparência à essência, a aparência permanece como aparência (FAUSTO, 1987, p. 145, os grifos são nosso).

⁹⁷ O conceito (ou melhor, a imagem conceito) de *vontade de poder* mantém uma certa relação com a luta de morte das consciências segundo Hegel. Nietzsche disse-o repetidas vezes: todo o Alemão tem qualquer coisa de hegeliano e, por conseguinte, entra em linha de conta com a violência. Na *Fenomenologia*, a consciência-de-si nasce da ação recíproca entre as consciências no estado embrionário; este nascimento doloroso não se processa sem luta. A emergência acima do imediato, da natureza – do ‘inconsciente’ –, na abstração e na reflexão (consciência-de-si), implica uma luta de morte no decurso da qual (mais exatamente, no fim da qual) cada ‘agente’ se faz conhecer e reconhecer pelo outro, em resultado do que se *reflete* (se reconhece) a si próprio. Jogo de espelhos? Jogos de palavras? Jogos de mãos? De forma alguma. Por outro lado, não existe nada erótico no pensamento de Hegel. É preciso lutar para emergir. O Senhor e o Escravo defrontam-se de armas na mão (Ibidem, p. 210).

dupla determinação (a unidade dos opostos, Dioniso e Apolo, face-a-face, na tragédia), numa perspectiva dialética, de contradições reais e vividas⁹⁸.

É neste ponto que, tendo o corpo como ponto de partida, Lefebvre introduz um conceito central, o da *apropriação* do/e pelo corpo: espaço.

A prática poética, segundo Nietzsche, celebra a *apropriação* como possibilidade ao mesmo tempo próxima e longínqua. Este conceito de apropriação, especulativamente concebido por Hegel (restituição da Ideia do Estado), não foi suficientemente determinado por Marx. O poeta Nietzsche abre o horizonte do desejo e do corpo apropriados. Antes de tudo, impõe-se ao indivíduo, à espécie humana, a apropriação do corpo próprio, a apropriação do corpo total, natureza e conquistas da atividade multiforme – logo, *espaço*. (LEFEBVRE, 1976, p.241).

Não é o pensamento ou a consciência (superfície), ou a categoria filosófica e abstrata “espaço” (representação de espaço); não é aqui o *sujeito* que constitui o *objeto*, por meio de representações de objetividade, conforme determina o idealismo filosófico; mas o *corpo* (a vida) que se desdobra através de suas energias violentas e sutis e que produz espaço. Portanto, é na *praxis* que a consciência é produzida, como num reflexo do corpo projetado numa superfície de espelho. Lá pelas tantas, Lefebvre elabora uma desconcertante pergunta: “O sono. Que enigma para filosofia! como pode o cogito adormecer?”(LEFEBVRE, 2003, Cap. 2, par. 105, p.25)⁹⁹. Se não é o sujeito cartesiano, por outro lado, também não é o inverso, no sentido empirista, do materialismo vulgar, a saber, o *sujeito como pura passividade*, subordinado ao objeto imediato, determinado e evanescente, que impregna de impressões externas o quadro negro da consciência e de que, em última estância, nada se poderia falar, senão pelo hábito. Enfim, não é o *sujeito*, alienado do corpo, mas o sujeito que se desconhece, se inventa e se descobre no *objeto*, se

⁹⁸ No prefácio do livro *Lógica forma/lógica dialética*, Lefebvre salienta o papel da dupla-determinação na lógica concreta e dialética, das relações da ordem próxima e distante no espaço etc. No livro sobre *Nietzsche*, Lefebvre, ao comentar algumas interpretações sobre o filósofo alemão, escreve em nota: “Aplicando a Nietzsche um método histórico y dialéctico hasta en lo que tuvo de anti-histórico, y antidialéctico se evitan estas interpretaciones excesivas y erróneas” (LEFEBVRE, 1993, p. 106).

⁹⁹ Proposição que lembra que o caminho da dúvida cartesiano é para Hegel o próprio *desespero* ou a *angustia*: como o cogito pode estar certo de não estar louco?

ainda nos é permitido usar esses termos da filosofia (diria Lefebvre). Dito de outro modo, o *sujeito* emerge do corpo pela *praxis* e exerce uma *atividade* que é também, em última análise, consciente, por meio da linguagem organizadora.

Nietzsche incita à subversão, à revolta, à revolução do corpo. Um estatuto? Não. Quanto muito, poderia dizer-se que o corpo, nos textos de Nietzsche, se descreve ou se inscreve a vários níveis, como a linguagem. Em primeiro lugar, o empírico, o corpo-objeto. A este nível, o corpo é estudado, analisado, cientificamente, mas também cotidianamente. Este nível engloba o funcional, o relacional, o situacional. Depois, o nível sócio-político – o corpo-sujeito como suporte de juízos, de “valores”, muitas vezes negativos (a censura, a humilhação), e de metaforizações (pela linguagem, com primazia do lisível-visível). O corpo não dirige a produção, e, no entanto, produz-se com o corpo e para os corpos. A este nível, o corpo desempenha um papel não de transgressão mas de transmissão do saber e de reprodução das relações sociais, se bem que estas pesem sobre ele. Seguidamente e por fim, o nível *poético*, o da unidade reencontrada através do transe da dissociação. A *palavra poética* (...) visa a unidade do corpo e a revelação das suas riquezas. A palavra poética exorcisa a morte (a “pulsão de morte”) pelo trágico, em vez de se submeter àquela. Consegue vencer os perigos do discurso e da escrita, renovando o poema, assim como a música, pelos ritmos do corpo, pelo repetitivo e o diferencial, à semelhança do corpo. (LEFEBVRE, 1976, pp. 240 e 241).

Aqui, antes de prosseguir, devemos realizar uma inflexão. Marx escreve em seus Manuscritos: “Tão logo eu tenha um objeto, este objeto tem a mim como objeto” (MARX, p. 128). E mais: “O sol é o *objeto* da planta, um objeto para ela imprescindível, confirmador de sua vida, assim como a planta é objeto do sol, enquanto *externação* da força evocadora de vida do sol, da essência objetiva do sol” (Ibidem, p.127). Talvez, neste ponto, seja o momento de enfatizar e expor em linhas gerais o projeto lefebvriano que, entre outros, salienta o terreno comum, apesar das divergências, da perspectiva revolucionária de Marx e da metafilosofia de Nietzsche, em oposição ao sistema de Hegel: “(...) a ideia dos sentidos e do corpo tornando-se teóricos (cf. os *Manuscritos de 1844* e *Zaratustra*, sem esquecer *A Gaia Ciência*), o que implica a rejeição de qualquer sistema” (LEFEBVRE, 1976, p. 245). E ainda:

- o projeto e a perspectiva da produção (criação) de uma “realidade” inteiramente nova, ainda que conservando “momentos” do passado-ultrapassado. O que comporta a destruição (mas extensa em Nietzsche, menos violenta em Marx) do atual;
- a ideia que o essencial, o “criativo”, se não encontra nem no econômico como tal nem no político como tal; o que implica a rejeição tanto do Estado como do político em proveito das *relações* que Marx qualifica de “social”, e a que Nietzsche chama “humanas”, e depois “sobre-humanas”. (Ibidem, p. 245).

Ora, se é verdade, como diz Kant, que é impossível pensar os objetos sem a representação “espaço” (continente, *a priori*), é também impossível pensar a representação espaço sem os *objetos*. Sempre haverá qualquer coisa de qualificativo, ainda que a abstração do espaço seja levada ao absoluto, isto é, ao nada. Pois, o espaço em Kant (ou o espaço abstrato, o vazio, o nada) é, em última análise, a abstração do corpo elevada à enésima potência, concebido apenas pelo pensamento. Mas o totalmente indefinido não pode ser pensado, senão especulativamente. Em todo caso, a folha de papel onde estas palavras são escritas é *continente* destas palavras, que são continentes da tinta; e a mesa é continente da folha, que por sua vez está contida neste cômodo, que tem por continente a casa, e assim por diante até o desconhecido infinito¹⁰⁰. Ou seja, o *continente* é também o *contido*: proposição dialética que determina o espaço nesta tensão entre o nada e a coisa. Por exemplo: o espaço não é uma mesa, mas a mesa não é sem um espaço. Por isso, o espaço (assim como o tempo) não é um atributo contingente e exterior ao “ser”, como a cor de um objeto, que pode variar em diferentes matizes: o Taj Mahal é branco, mas podia ser verde, azul etc.,

¹⁰⁰ O problema foi colocado por Kant na *Antinomia da Razão Pura*. A regressão empírica temporal levaria a problemas insolúveis como: o universo é finito ou infinito, tem começo e fim ou não; o espaço tem limites ou é ilimitado etc. Para Kant o espaço é *forma intuitiva sem objeto* e os problemas de ordem cosmológica só podem ser resolvidos pela *experiência possível* atrelada às categorias a priori da consciência (espaço, tempo, causa e efeito, etc.). Fora da experiência possível está a *coisa em si*. Para Nietzsche a *coisa em si*, isto é, o desconhecido, é um dos maiores méritos da filosofia de Kant, apesar de seu idealismo. É o desconhecido ou mal-conhecido, o caos, o sem-sentido. É o espaço efetivo que as representações tentam ansiosamente dar forma e organizar.

Não obstante, além disso, Kant tinha como paradigma o espaço e tempo absolutos newtonianos; a teoria da relatividade formulada por Albert Einstein ensina que tempo e espaço são relativos e indissolúveis à matéria. Ou seja, sem matéria não há tempo nem espaço. Hoje em dia, a Teoria M propõe não apenas três, mas dez dimensões.

todavia, não poderia deixar de ocupar, de ter uma dimensão, um volume, uma figura, isto é, um *espaço* (forma-estrutura-função). Uma coisa sem espaço, não seria uma coisa. Por isso, o corpo é espaço.

Como corpo, o espaço é um conjunto, orgânico e dinâmico, uma infinidade de fluídos confusos. Neste sentido, o espaço, não se define unilateralmente, como, por exemplo, o espaço homogêneo e *abstrato* dos matemáticos e filósofos. Mas, pelo contrário, o espaço é uma complexidade de elementos variados, físicos e sociais, que se relacionam e se implicam; o que subentende também, em outros níveis, uma prática espacial (social) e o espaço mental (abstrato). Lefebvre quer uma *teoria unitária* e abrangente do espaço, que parta do mais simples ao mais complexo e retorne ao mais simples. Acerca do espaço, Kant escreveu: “no espaço tomado em si mesmo não há nenhuma diferença entre progresso e regresso, porque, na medida em que suas partes são todas em conjunto simultâneas, ele constitui um *agregado*, mas *nenhuma série*” (KANT). Se as partes no espaço acontecem de modo simultâneo ou sincrônico, isto é, *tudo ao mesmo tempo*, é impossível abstrair o espaço do tempo e vice-versa, como faz Kant, a não de modo analítico. Mas o que a análise separou, deve unir novamente, em um sentido dialético. Para Lefebvre, “o espaço gerado pelo tempo é sempre atual, sincrônico e dado como um todo; ligações internas, conexões religam seus elementos, elas também produzidas pelo tempo” (LEFEBVRE, 2003, Cap. 2, par. 118, p. 27). Neste sentido, Lefebvre ao reconsiderar a simultaneidade inerente ao espaço, propõe uma analogia à “dinâmica dos fluídos” (teoria da física). O espaço comporta incontáveis tempos; ele próprio possui múltiplas idades e dinâmicas.

Vejamos algumas considerações:

Eis uma casa, uma rua. Esta casa de seis andares tem aparência estável, nela poderíamos ver o símbolo da fixidez: concreto, linhas exatas, frias, rígidas. (...) Porém esta fixidez não resiste a análise. Que o pensamento desnude este imóvel de suas placas de concreto, de suas estreitas muralhas, quase muros-cortinas. Como ele aparece nesta análise imaginária? Ele se cerca de todas as partes nos fluxos de energia que o percorrem, o atravessam de um lado e de outro: a água, o gás, a eletricidade, o telefone, as ondas de rádios e televisão. A fixidez se converte em nó de mobilidades, de condutos que alimentam e evacuam. Uma imagem do imóvel, mais exata que um desenho ou uma foto, mostraria a convergência destas ondas e fluxos, mostrando ao mesmo tempo neste “imóvel”, coisa aparente imóvel, uma

dupla máquina análoga ao corpo ativo: máquina de energias maciças, máquina de informações. (Ibidem, Cap. 2, par. 62, p. 16).

À noite, a casa é desligada, a casa “dorme”. Seus habitantes relacionam-se e interagem com ela; ela os reflete, eles a refletem¹⁰¹. Todavia, outros seres despertam: baratas comem os restos do jantar que caem pelos cantos sob o olhar gélido da lagartixa à espreita; camundongos entram e saem das xícaras de café, do açucareiro etc.; uma minúscula aranha tece sua teia dentro de um computador; e um peixinho prateado, fóssil vivo habitando as metrópoles, devora as páginas da história da civilização de uma enciclopédia empoeirada. Troca de energias, finas e maciças, tudo acontecendo ao mesmo tempo. “Do mesmo modo a rua inteira, rede de canalizações constituindo uma estrutura, tendo uma forma global, executando funções. Assim como a cidade, que consome e consoma energias colossais, físicas e humanas, que cintila e arde como um braseiro” (Ibidem, Cap. 2, par. 62, p. 16).

Uma árvore pressupõe a semente, diria Hegel. Da árvore se extrai a madeira, com o machado, o serrote ou a serra elétrica. Com a madeira, uma cadeira é fabricada, por exemplo. A “essência” da cadeira é *ser* um objeto feito para *sentar*. Uma cadeira não surge espontaneamente da natureza. A cadeira tem uma (“essência”) forma, estrutura e função humana. O ser humano ocupa a cadeira: ele senta nela. Assim, a cadeira também é, além de um objeto independente, um prolongamento de seu corpo (inorgânico). Ela está na sala, na cozinha, simplesmente. Mas ela pode vir carregada de significado, de simbolismo: hierarquia e institucionalidade: a cátedra (cadeira) universitária. Neste sentido, a cadeira, a casa, a rua, a cidade é natureza transformada, sem prescindir da natureza. O ser humano ordena, organiza, hierarquiza, molda, forma, transforma a natureza, constrói, pensa, isto é, produz espaço. Mas não vamos tão longe, há muitas entradas no tocante ao conceito de produção do espaço que não podemos abordar agora. Por enquanto fiquemos ainda com o corpo.

¹⁰¹ O homem vê-se intimado a criar sua moradia. Não como diz Heidegger, a morada do Ser pela linguagem, mas a morada do homem como “ser humano”, construída pela praxis. Sobre a terra. (LEFEBVRE, 1967, p. 391).

No citado capítulo, *Arquitetônica espacial*, Lefebvre formula sua concepção de espaço. Antes de prosseguirmos, no entanto, é preciso observar, na esteira dos argumentos defendidos até agora, que as ciências humanas (e as ciências em geral) lançam seus alicerces sobre uma premissa metafísica: a separação total da “sociedade-natureza”. Separadas, natureza e sociedade tornam-se abstrações, amiúde, elevadas a esferas independentes, e isoladas de modo absoluto. Ou tudo é natureza, ou tudo é sociedade, sem mediações. Tudo se passa como se a sociedade fosse regida por leis próprias e imanentes sem nenhuma relação com a natureza e vice-versa¹⁰². A relação espaço-tempo, tendo o corpo por fundamento, supera esta dicotomia. Ironia (para nós, geógrafos): a geografia clama pelo espaço e o espaço não é senão a própria implosão da geografia, pois visa uma *totalidade*, que não se fecha numa área de conhecimento específico!

Mais acima, para fins didáticos, asseveramos a respeito de uma plausível “unidade mínima” do espaço, de influencia nietzschiana na obra lefebvriana. Seu *ponto de partida*, como referimos, em termos dialéticos é *o imediatamente dado: o corpo*. “O espaço: (...) é, de início, *meu corpo* (...)” (Ibidem, Cap. 2, par. 29, p. 10). Mas que corpo? O meu? Não, somente. Todos. “E isto quer se trate de corpúsculos ou de planetas, de cristais, de campos eletromagnéticos, de divisões celulares, de mariscos ou de formas arquiteturais (...)” (Ibidem, Cap. 2, par. 3, p. 2). Uma pedra, uma xícara, uma cadeira, uma casa, uma rua, uma cidade, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens, o universo, mas também seres vivos (orgânicos). Neste sentido, “cada corpo vivo é um espaço e *tem* seu espaço: (...)” (Ibidem, Cap. 2, par. 3, p. 2). O que pode scandalizar? *O espaço também é vivo!*

Ora, Lefebvre define o espaço, inicialmente, de biomórfico e antropológico¹⁰³, até se constituir no espaço social e mental. Mas a princípio, tudo se passa como se houvesse

¹⁰² A contribuição da filosofia em geral e das filosofias a uma antropologia não autoriza a definir o homem fora da natureza (por exemplo, pela cultura e apenas pela cultura). Tal determinação acentua a abstração e a extrapolação (a unilateralidade) das filosofias especulativas. A antropologia, pesquisa sobre o homem como tal, remete a uma elucidação da relação humana na praxis, na história, com a “natureza” e o “ser”. Não se trata pois de definir o homem e o humano, mas de afastar as representações que pretendem defini-lo, deixando-o definir-se livremente a si mesmo na praxis. (LEFEBVRE, 1967, p. 368).

¹⁰³ [Parágrafo 1] Para resumir o que precede; o espaço social, inicialmente biomórfico e antropológico, tende a extrapolar essa imediatidade. Contudo, nada desaparece completamente; o que perdura não se poderia definir somente pelo traço [vestígio] ou pela recordação ou sobrevivência. O anterior, no espaço, permanece o suporte do que segue. As condições de tal espaço social guardam uma duração própria e uma atualidade no sei desse espaço. Desse modo, a natureza primeira na “natureza segunda”, num sentido completamente adquirido [conquistado] e artificial: a realidade urbana. A *arquitetônica* descreve, analisa, expõe essa persistência que

uma “inteligência” intrínseca na natureza. Segundo o autor, esta inteligência são *leis do espaço*, ou melhor, *modalidades de ocupação do espaço*.

Em que e como a natureza como tal pode ‘ser’ matemática, os filósofos têm tornado incompreensível, com os recortes científico-ideológicos. O observador fica perplexo diante da beleza de um marisco, de um vilarejo, de uma catedral. Ao passo que se trata (talvez) apenas de modalidades materiais de uma ‘ocupação’ ativa, a do espaço. (Ibidem, Cap. 2, par. 5, p. 3).

É preciso voltar a Nietzsche, pois aqui Lefebvre é profundamente nietzscheniano. Faremos então breves anotações sobre o *corpo* em Nietzsche¹⁰⁴. Como vimos, a princípio, tudo se passa como se houvesse uma “inteligência” na natureza (ou como *a natureza pode ser matemática?*) Para Nietzsche, a natureza é *Vontade de Potência*, isto é, faculdade de se conservar, dominar, exercer e prolongar seu poder – criar, avaliar. “Todo corpo, todo átomo estende sua força, sua ação tão longe quanto pode” (HAAR, 1998, p. 17). Neste sentido, todo corpo natural, inorgânico ou orgânico, “pensa”, ou seja, *realiza formas*; havendo, no entanto, maior clareza para os primeiros do que para os últimos, pois a vida é sujeita a erros e ilusões. “Quando passamos do inorgânico ao orgânico, passamos do claro e do certo ao obscuro e ao indefinido. (...) É a incerteza da vida, sua necessidade de tatear, de errar, que faz a sua potência” (Ibidem, p. 17). Neste ponto, pode se encontrar um elo, como faz Lefebvre, entre o sentido da *incerteza da vida*, de tatear, manusear, etc. – *tentativa e erro*, de onde surge o raciocínio – e o sentido mais elementar da *práxis*, como nos *Manuscritos* de Marx, na afirmação de como *os sentidos podem se tornar teóricos*¹⁰⁵. Em Nietzsche, “viver é aceitar ou recusar, e, para isto, abstrair” (Ibidem, p. 18). Ora, se a vida natural é esta terrível e constante luta, isto é, ferir, dominar, destruir, portanto, isenta de qualquer postulado moral, há aqui uma certa positividade com relação à incerteza do “erro”, como

certas metáforas, tais como “camadas”, reinos, sedimentos etc., dizem em resumo. Este estudo compreende, pois, e tenta reagrupar o que dispersa nas ciências parcelares e especializadas: etnologia, etnografia, geografia humana, antropologia, pré-história e história, sociologia etc. [Parágrafo 2] O espaço assim concebido poder-se-ia nomear “orgânico”. (LEFEBVRE, Cap. IV, pars. 1 e 2, p.1).

¹⁰⁴ Considerações estas que se baseiam no artigo *Vida e totalidade natural* de Michel Haar, da Universidade de Paris I, traduzido por Alberto Marcos Onate.

¹⁰⁵ Por isso, imediatamente em sua *práxis*, os *sentidos* se tornam *teóricos*. (MARX, 2008, p. 109).

sentido mais paradoxal da verdade. Ou seja, a verdade é esta *potência criadora vital* oriunda de pulsões e instintos de *dar formas*. Ora, partindo-se desta lógica, em Nietzsche, o sentido primordial da vida orgânica é a nutrição que, diante do caos da natureza (ausência total de sentido e objetivo, e, portanto, valores éticos), é condição fundamental de sua sobrevivência – ou conservação. A nutrição já indica uma capacidade sensível, de avaliação, de escolha, enfim, de *pensamento*. “A intuição genial de Nietzsche consiste em tomar a vida como faculdade de incorporação: *Einverleibung* (Ibidem, p. 21). O organismo de certa forma organiza, separa, incorpora, ordena o caos do mundo. A consciência aparece apenas como um sintoma da manifestação da vida. O pensamento como aquilo que há de mais superficial, incapaz de apreender as energias finas que emanam do corpo. A linguagem é, portanto, metafórica, capaz, como vimos, de associar o cair de uma estrela ao desejo¹⁰⁶, dando sentido ao caos. Em contraposição a essa “inteligência” imanente e inerente ao organismo, Nietzsche desenvolve, como se percebe, a concepção de “Caos universal”. O caos é necessariamente o mundo: um turbilhão *monstruoso de força sem começo e sem fim*. Ou seja, totalidade aberta sem contorno, sem unidade, sem finalidade, desordenada, disforme, sem beleza, sem moral, sem identidade, sem razão. E é precisamente essa eternidade do mundo que garante a experiência do tempo cíclico, do *Eterno Retorno*.

A natureza é então esse monstruoso e colossal turbilhão de forças confusas e caóticas de que não se pode servir de exemplo a ser copiado por esta inteligência do corpo, a não ser pelo *vir-a-ser* dos ciclos e dos seres cíclicos capaz de ultrapassar circunstâncias

¹⁰⁶ As distinções, as nuances, o sentido de rapidez, da simultaneidade e da consecução de que é capaz o corpo são bem mais refinados, bem superiores às categorias simples, como aquela da causalidade, de que dispõe o intelecto. A extraordinária sutileza do pensamento orgânico é capaz de apreender as flutuações infinitas do vir-a-ser sem fixá-lo sob formas rígidas, em identidade arbitrárias. Seria necessário aqui citar como exemplo todas as descrições que Nietzsche faz das relações da consciência e do corpo. A consciência é um simples órgão, um instrumento muito parcial mantido à parte dos processos de conjunto que se desenvolvem no corpo. A consciência tem a ilusão de reinar, de decidir, mas ela não governa. Ela é o instrumento que executa as escolhas e decisões já adquiridas em profundidade. Tudo que emerge à consciência é o reflexo de um equilíbrio momentâneo no jogo das pulsões. Quem decide este equilíbrio? A ‘grande razão’ que é o corpo, isto é, o pensamento orgânico que não cessa de fazer o cálculo sutil e espontâneo das relações entre os *quanta* de força. A vida é uma lógica encarnada que combina segundo o melhor – segundo a mais grande vantagem de sua conservação e de seu crescimento – o conjunto de suas forças. Isto é muito leibniziano. *Dum vita calculat, fit mundus*, poderia ter dito Nietzsche. O que justifica a idéia de que ele é o precursor da Técnica como universal instrumentalização (cada pulsão torna-se órgão) e calculabilidade integral (HAAR, 1998, p. 22).

contrárias ou contraditórias. A imoralidade do mundo se converte então em moralidade, o que reabilita, em Nietzsche, um *fisiologismo* – um retorno à natureza.

Assim, a amizade, o amor, a criação artística dependem da disposição do corpo. Durante séculos, o homem conheceu mal seu corpo, ou o desprezou, o maltratou. Trata-se de admirar, de imitar sua sabedoria, de aprender dele a viver, isto é, de aprender isto que convém à saúde. De considerar a preocupação com o clima, o lugar, o momento, o regime alimentar, a escolha dos lazeres, como indignos de um filósofo. (Ibidem, p. 28).

Daí a necessidade de se conhecer os *ritmos do corpo*, da vida. “Escutar música, caminhar. Não ler demasiado. (...) Conhecer é saber praticar seu próprio regime. Seguir seu próprio ritmo de vida” (Ibidem, p. 28)¹⁰⁷. Neste sentido, é a necessidade da afirmação, um *dizer-sim* – dionisiaco – à vida – pelo corpo vivente – de que tudo retorna, que restabelece a unidade da totalidade do caos. “A unidade do mundo não é orgânica, mas depende de um *sim*. Este sim pode ser dito; ou não... Em todo caso, ele *deve* ser *dito*” (Ibidem, p. 31).

Feita estas breves considerações, vejamos em Lefebvre, o corpo novamente. O corpo: fonte, distribuição e receptáculo de energias; o corpo ocupa, tem e produz espaço. O pensamento analítico *descobre* uma “coerência”, não sem violência.

Relação notável: o corpo, com suas energias disponíveis, o corpo vivo cria ou produz seu espaço: inversamente, as leis do espaço, isto é, da discernibilidade no espaço, são aquelas do corpo vivo e do desenvolvimento de suas energias. (...) O corpo, os desenvolvimentos de energia, produzem o espaço e se produzem, com movimentos segundo as leis do espaço. (LEFEBVRE, Cap. 2, par. 3, p. 2).

¹⁰⁷ Sobre os *ritmos do corpo* e as atividades alienantes ou os vícios que nos fazem abdicar de um dia maravilhoso de sol – que nos convida insistentemente para se deitar na grama e cochilar – em prol do trabalho, dos compromissos, da ambição etc., aqui Nietzsche parece revisitar o dilema de Fausto: “Nós morremos muito jovens, pela sequência de uma prática manchada de erros e de ignorância sem número” (Nietzsche). O que não significa, evidentemente, um apelo à ignorância e à falta de instrução, mas, ao contrário, um respeito muito grande ao que ele chama de ritmos do corpo e ao *vivido*. (Ora, será preciso provar que um passeio numa bela tarde ensolarada não custa nada!).

Ora, Lefebvre parece substituir ou reabilitar a *Vontade de Potência* pelo conceito de *produção do espaço* (talvez, esta frase seja mais uma interrogação do que afirmação). A relação conflituosa do corpo com o mundo – *apropriação, produção de formas* – caracterizaria assim *o espaço*¹⁰⁸. O corpo exerce, com suas pulsões, energias finas e maciças, numa atividade criativa ou reprodutiva, através de uma relação objetiva no mundo (caótico)¹⁰⁹. Haveria, assim, nessas leis do espaço um rígido *determinismo espacial*? Longe de determinismo, em relação ao espaço, Lefebvre considera-o um lugar de iniciativas e possibilidades; do possível-impossível (o impossível descobre-se possível quando a vida descobre a saída); da plasticidade do vir-a-ser (ou devir). Portanto, ilimitado a um continente fechado.

O organismo vivo, considerado dinamicamente, pode se definir como um dispositivo que capta (por meios diversos) energias em sua vizinhança. Ele absorve calor, respira, se alimenta. Ele detém e retém “normalmente” um excesso de energia disponível: mais do que lhe é necessário para responder às solicitações e agressões imediatas. O que lhe deixa uma margem de iniciativas (não submetidas aos determinismos e, todavia, não deixadas ao acaso). (Ibidem, par. 14, p. 5). E mais: O organismo vivo, o corpo total, contém a possibilidade (o que não quer

¹⁰⁸ E sabeis sequer o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo em meu espelho? Este mundo: um monstrosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuta, inalteravelmente grande em seu todo, uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimentos, cercada de “nada” como de seu limite, nada evanescente, de desperdiçado, nada de infinitamente extenso, mas como força determinada posta em um determinado *espaço*, e não em um *espaço* que alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força por toda parte, como jogo de forças e ondas de força ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali mingando, um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes, com descomunais anos de retorno, com uma vazante e enchente de suas configurações, partindo do mais simples às mais múltiplas, do mais quieto, mais rígido, mais frio ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez voltando da plenitude ao simples, do jogo de contradições de volta ao prazer da consonância, afirmando ainda ainda a si próprio, nessa igualdade de suas trilhas e anos, abençoando a si próprio Aquilo que eternamente tem de retornar, como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço (...). (Nietzsche, *A vontade de potência*, par. 1067, grifado por nós).

¹⁰⁹ É possível traçar um paralelo a Hegel, embora, partindo-se de Nietzsche, não sem restrições: “Consiste a missão da arquitetura em conferir à natureza inorgânica transformações que, devido à magia da arte, a aproximam do espírito. Os materiais com que trabalha representam, pelo aspecto exterior e direto que têm, uma pesada massa mecânica, e as formas deles continuam a ser da natureza inorgânica ordenadas de acordo com as relações abstratas da simetria. (...) Arranca o lugar para reuniões íntimas, constrói um abrigo para os membros destas reuniões, uma proteção contra a tempestade que ameaça, contra a chuva e as intempéries, contra as feras. Exterioriza, dando-lhe uma forma concreta e visível, o comum querer-ser. Este é seu destino, esse é o seu conteúdo que lhe cumpre realiza. Os materiais são-lhe fornecidos pela grosseira matéria exterior, na forma de massas mecânicas e pesadas. O trabalho desses materiais é um trabalho exterior, executado de acordo com regras abstrata da simetria” (Hegel, *Estética – a idéia e o ideal*).

dizer nem realização, nem as motivações) do jogo, da violência, da festa, do amor. (Ibidem, Cap. 2, par. 17, p. 6).

Vejamos: a aranha tece sua teia, “estabelece uma trama e uma cadeia, com simetrias e dissimetrias” (...) “Ela produz, ela secreta, ela ocupa um espaço e engendra à sua maneira, aquele de sua teia, aquele de suas *estratégias* e suas necessidades” (Ibidem, Cap. 2, par. 6, p. 3, grifos nossos). Ou seja, o corpo se relaciona com *seu* espaço de modo “*estratégico*” e em relação às energias disponíveis, o que pressupõe uma ação (iniciativa), uma prática, espaço-tempo.

Em torno do ser vivo, as energias que ele capta e as que o ameaçam são moventes. São “correntes” (“fluxos”). Em contrapartida, para captar estas energias disponíveis, o organismo deve deter dispositivos estáveis. Ele deve responder às agressões por defesas, determinando fronteiras que ele guarda e protege: em torno de seu corpo. (Ibidem, Cap. 2, par. 21, p. 7).

Pergunta-se: uma aranha *produz espaço* ou apenas ocupa ativamente um espaço?

Aqui (talvez) seja necessário fazer uma outra reflexão: “Uma aranha trabalha? Perguntar-se-ia Marx. Ela segue impulsos cegos? Ela tem, ou melhor, ela é uma inteligência? Ela sabe o que faz? Ela produz, ela secreta, ela ocupa um espaço e engendra à sua maneira, aquele de sua teia, aquele de suas estratégias e suas necessidades” (Ibidem, Cap. 2, par. 6, p. 3)¹¹⁰. Marx distingue o *trabalho humano* do de um castor, uma abelha, uma aranha etc. Como? Através de um projeto, de um *planejamento*? Que planejamento? Isto não colocaria antes a consciência e depois o corpo? Evidentemente, não é o planejamento. Mas a distinção se dá na dialética *necessidade-liberdade*, do seu *ser genérico*, isto é, social e multilateral, que ao produzir além de suas necessidades imediatas produz também a consciência, tendo por pressuposto o corpo humano. Vejamos isto nos *Manuscritos*:

¹¹⁰ O *gênio arquitetural* do homem constrói edifícios prodigiosos: as sociedades, os Estados. Este poderoso gênio construtivo produz cúpulas colossais com uma matéria tão frágil, tão sutil como o fio da aranha: o conceito. (LEFEBVRE, 1976, 202).

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto de sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (*Bestimmtheit*) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre. (...) O engendrar prático de um *mundo objetivo*, a *elaboração* da natureza inorgânica é a prova do homem enquanto sua própria essência ou [se relaciona] consigo enquanto ser genérico. É verdade que também o animal produz. Constrói para si seu ninho, habitações como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas de que necessita imediatamente para si ou para sua cria; produz unilateral[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; o [animal,] o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da species à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer species, e sabe considerar, por toda a parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza. (MARX, 2008, p. 85).

O ser genérico não produz para si e suas necessidades imediatas, mas, socialmente e de modo mediato. O sapateiro produz um sapato, uma coisa que é um prolongamento de seu pé. A necessidade individual e imediata de proteger o pé pode ser também social e mediata, independentemente das contingências naturais. “Pode-se dizer que a aranha tece sua teia como um prolongamento de seu corpo?” (LEFEBVRE, Cap. 2, par. 6, p. 3). O ser humano ultrapassa a realidade imediata da aranha, ainda que a teia da aranha esmere a perfeição. A aranha não se liberta das formas geométricas que produz em sua teia. A fiandeira ou o tecelão, entretanto, produzem o agasalho não apenas no inverno e para suprir carências individuais imediatas, mas *produzem socialmente*, para outro, e para fins que excedem as determinações naturais. Produzem não apenas o vestuário ou a alimentação e o abrigo. O ser genérico ultrapassa suas limitações físicas e pode metamorfosear-se na forma de peixe, produzindo o “peixe de metal” que cruza os oceanos; ou de passaro, produzindo o “pássaro de aço” que corta de horizonte a horizonte o céu tempestuoso. Por exemplo, a

geometria, inicialmente rabiscos e desenhos sobre a terra, possibilitou Arquimedes descobrir o princípio que leva seu nome. Mas muito antes os seres humanos já se aventuravam sobre as águas, em pequenas e grandes embarcações. Ou seja, a urgência da vida no ser genérico não podia esperar o gênio de Arquimedes para lançar Ulisses nas ondas do mar em seu épico desafio ao furioso Poseidon. Neste sentido, a certa altura, Marx denomina o ser humano de *omnilateral*¹¹¹. Isto é, o ser humano produz universalmente, dominando e se apropriando da natureza. Tal concepção sugere uma complexidade infindável das necessidades sociais a serem sempre produzidas e inventadas. Novamente, o sentido amplo de produção, de que nos fala Lefebvre, no “jovem Marx”.

A fiandeira tece, borda, costura a renda perfeita, com mãos ágeis e precisas, sabe o ponto, o nó, e confecciona o brocado entretecido com fios de ouro e bonitos desenhos em relevo; tece o vestido feito de linho ou o tecido macio de seda da China; e transforma o fio de lã ou algodão – ou petróleo – em roupas que agasalham, aquecem o corpo, no mais rigoroso inverno. Como a aranha, as mãos da tecelã produzem fios e tecidos diversos, finos ou espessos, costurando o seu hábito. Se, todavia, a fiandeira tecer automaticamente e, subjugada, curvar-se a uma determinação que a nega enquanto ser genérico, suas mãos transformam-se imediatamente em aranhas, e ela própria num aracnídeo ou num bicho da seda. Porque de certo modo ela já é um bicho da seda.

Nota-se que não há uma ontologia essencial do ser humano, mas há um pressuposto: o corpo humano, biológico, sua forma natural, sua anatomia, resultado de um processo e uma história natural. Há também sua realidade histórica e social que supera o dado biológico. Mas, podemos nos perguntar: se a produção em sentido amplo produz o ser humano, haveria então seres humanos mais humanos que outros? Há civilizações e estilo (Nietzsche). Neste sentido, é inegável que, independente das diversas “culturas” e civilizações (estilos), há um biótipo comum ao gênero e espécie humana, que, como demonstram as ciências, mantém-se relativamente estável por pelo menos uns cem ou

¹¹¹ O homem se apropria da sua essência omnilateral de uma maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, desgustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, [VII] são no seu comportamento *objetivo* ou no seu comportamento *para com o objeto* a apropriação do mesmo, apropriação da efetividade *humana*; seu comportamento para com o objeto é o *acionamento da efetividade humana* (por isso ela é precisamente tão múltiplice (*vielfach*) quanto múltiplos são as *determinações essenciais* e *atividades humanas*), *eficiência humana* e *sofrimento humano*, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2008, p. 108).

cinquenta mil anos. Todavia, é complicado afirmar que um determinado grupo social produziu uma humanidade “superior” às demais, com base no desenvolvimento da civilização.

Neste sentido, uma “essência humana” é uma *representação* produzida historicamente. Aquilo que pode ser definido como a “essência humana” pode ser altamente ideológico (no sentido mais perverso deste conceito). Todavia, a produção de uma representação de uma “essência humana” é, no fundo, uma recaída em seu contrário, da mesma forma que enfatizar somente o pressuposto biológico. A razão iluminista, pressupondo a emancipação do ser humano pelos benefícios da razão instrumental, justificou uma verdadeira barbárie através da *missão civilizatória*. Tal abstração reduziu, ironicamente, o ser genérico ao “estado de natureza” do *lobo hobbesiano* do liberalismo (“o homem é o lobo do homem”, não é nada mais que a concorrência capitalista) e transformou o Estado moderno – eurocêntrico – no absoluto universalizante. Arauto da razão e de seu poder de tirar, através das luzes, “povos selvagens” de seu obscurantismo mítico, o cientificismo do século XIX autorizou ideologicamente nações imperialistas europeias a rapinarem recursos naturais no mundo inteiro, bem como explorar o trabalho daqueles ditos povos selvagens a quem devia ter libertado das trevas. O conteúdo da missão civilizatória transfigurou-se em barbárie, selvageria.

O nazismo, também, elaborou sua ideologia na representação de apenas uma “essência” humana, pretensamente superior e homogênea, que teoricamente remetia genealogicamente a antiga e mítica raça ariana, cujo *povo germânico* descendia diretamente e livre de miscigenação. Contudo, tal concepção se inverteu em seu contrário, a raça dita superior dos nazistas, na prática, provou ser a mais *inferior*, a exemplo do sadismo e do genocídio dos campos de concentração, das câmaras de gás, do extermínio sistemático dos “não-arianos” etc. A teoria da raça superior ao ser colocada em prática provou ser a negação do ser humano. Sobre outros pressupostos, moral puritana, liberdade e democracia, bombas atômicas dizimaram cidades inteiras e tantos outros crimes foram praticados contra a humanidade, na luta do “bem” contra o “mal”. Como vimos, estas manifestações históricas são diametralmente opostas ao conceito de ser genérico. Todas são um anti-humanismo, representações hipócritas que “humanizam” a violência. O ser genérico se

caracteriza por sua heterogeneidade, e não o inverso. Reafirmamos o que já dissemos acima: *não há guerra que não seja um crime contra a humanidade!*

Por outro lado, enfatizar apenas o pressuposto biológico, como faz atualmente a biossociologia e a psicologia social é também um anti-humanismo, pois reduz o ser humano apenas aos instintos, às pulsões, a comportamentos ancestrais. Neste sentido, o ser humano é reduzido a glicídeos, lipídeos, protídeos, hidrogênio, oxigênio, e enxofre; sais minerais, vitaminas, ácidos graxos, gorduras – gorduras! O amor é explicado pela ação de dois ou três elementos químicos etc. As teses que defendem que, por exemplo, a divisão das classes sociais é determinada pela constituição congênita e natural própria da espécie humana, tendo por modelo alguns macaquinhos rabugentos, é também a justificação da barbárie. Mas tais teorias vão contra os fundamentos da própria biologia, toda fundamentada na possibilidade de um organismo se adaptar a condições desfavoráveis, ou mesmo de um organismo unicelular se desenvolver em pluricelular etc. Tais concepções redutoras passam ao largo do pressuposto do ser genérico, ao qual, como vimos, supera a natureza imediata. Historicamente, o ser humano já é *segunda natureza*. Ademais, o amor nada tem a ver com química; e sem amor o ser humano sequer existiria, como não existe hoje.

Evidentemente, Lefebvre conhecia muito bem as pesquisas científicas realizadas nas mais diversas áreas do conhecimento. Porém, jamais pôde aceitar a divisão das ciências em conhecimentos estanques. Tudo acontece no *mundo* (caos) e no *cosmo* (harmonia) ao mesmo tempo: o natural, o social, o psicológico, o histórico, o econômico, o físico, o geográfico, etc. Na realidade, tudo está acontecendo, entre Dioniso e Apolo; tudo está conectado, tudo relacionado, no *devenir*.

*A dupla determinação*¹¹²

Outro aspecto importante, em Nietzsche, e também para Lefebvre, é, como já dissemos, a dupla determinação (não a hegeliana)¹¹³. O que significa: Não há dicotomias metafísicas do tipo *dentro-fora*, mas passagens e relações ilimitadas com os limites, fronteiras, contornos, marcas ou simetria (ou não) do corpo e sua interação com o mundo “A flor que não sabe que é flor, que é bela, possui uma simetria de ordem *n*” (LEFEBVRE). Vejamos:

Na natureza, inorgânica ou orgânica, as simetrias (segundo um plano ou eixo), isto é, a existência da bilateralidade ou dualidade, de uma esquerda e de uma direita, de uma reflexão ou ‘refecção’, ou ainda de uma simetria de rotação (no espaço) não são propriedades exteriores ao corpo. (LEFEBVRE, Cap. 2, par. 3, p. 2).

O corpo vivente, ao desenvolver-se – *modalidades de ocupação do espaço* –, depara-se com *alteridade* do mundo. Neste sentido, desde sua forma embrionária, ocorre pela primeira vez uma relação de oposição interno-externo, “a primeira, a mais decisiva diferença na história do ser biológico. (Ibidem, par. 11, p. 5). O que não quer dizer essência e aparência, *coisa em si e fenômeno*, mas *diferença de momentos*. Seja qual for uma dada atividade, esta sempre pressupõe uma relação de dupla determinação opositiva e

¹¹² Ultrapassagem de todas as formas, jogo de aparências, confusão entre o ilusório e o real, a alteridade de Dioniso depende também do fato, através da epifania, todas as categorias ressaltadas, todas as oposições nítidas, que dão coerência à nossa visão do mundo, em vez de permanecer distintas e exclusivas, se chamarem, se fundirem, passarem umas às outras. (...) O longínquo e o próximo, o além e o aqui: com sua presença Dioniso transfigura este mundo, em vez de arrancar as pessoas dele. (...) Assim como o vinho, Dioniso é duplo: terrível ao extremo, infinitamente doce. Sua presença, intrusão estupefaciente do Outro no mundo humano, pode assumir duas formas, manifestar-se segundo duas vias: ou a união bem-aventurada com ele, em plena natureza, em que todo constrangimento foi ultrapassado, a evasão fora dos limites do cotidiano e de si próprio. (VERNANT e VIDAL-NAQUET, 2008, pp. 349 e 350).

¹¹³ O conflito dos contrários vivifica a criação enquanto conflito *vivido*, não enquanto meramente *pensado*, de sorte que este conflito criador difere das contradições dialéticas hegelianas. Embora se trate ainda e sempre de contradições e de antagonismos (...), a essência e o sentido destas contradições alterou-se radicalmente; são contradições que não se pensam, mas se vivem; ocorrem entre “momentos” do “vivido”, e o *pensado*, ou antes, a representação, só depois sobrevém. Situa-se na luta de dois mundos: o sonho e a embriaguez. Ao reino de Apolo compete a bela aparência, surpreendente mas apaziguadora, do sonho em que os sofrimentos se tornam jogos de sombras e de luzes. Ao reino de Dionísio cabe a embriaguez em que o indivíduo perde os seus limites e que destrói o frágil *principium individuationis*, de modo que a subjetividade se eclipsa na dança, na orgia, na crueldade e na volúpia. O sonho e a embriaguez (Apolo e Dionísio) opõem-se como os sexos – conflito e desejo. (LEFEBVRE, 1976).

contraditória que é vivida antes de ser concebida¹¹⁴. O próprio sentido de abstração (separação, geral) já se opõe ao concreto (agregado, síntese). Por exemplo, é no andar – como Diógenes, que *provava aos sofistas o movimento andando* –, sempre numa única direção e sem alterar o sentido, que se descobre a linha reta, inventando-a.

Segue-se que para um ser vivo (à maneira da aranha, do marisco etc.) os lugares fundamentais, os indicativos do espaço, são, portanto, de início *qualificados* pelo corpo. O “outro” está lá, diante do Eu (corpo diante de um outro corpo). Impenetrável, salvo pela violência – ou pelo amor. (...) Mas o *externo* é também *interno*, enquanto que ‘o outro’ é também corpo, carne vulnerável, simetria acessível. Tardamente, na espécie humana, os indicativos se quantificam. A direita e a esquerda, o alto e o baixo, o central e o periférico (nomeados ou não) provêm do corpo em alto. O que qualifica, parece, não é somente um gesto, mas o corpo inteiro. (Ibidem, par 7, p. 4).

Neste sentido: (...)

No começo foi o Topos. Antes, bem antes do Logos, no claro-escuro do vivo, o *vivido* tem, desde já, sua racionalidade interior; ele produz, bem antes do espaço pensado e do pensamento do espaço representando a projeção, a explosão, a imagem e a orientação do corpo. (...) Antes do intelecto analítico que separa, bem antes do saber, existe inteligência do corpo. (Ibidem, par. 7, p. 4).

Ou seja, através da atividade corporal inventa-se, pela abstração, a *identidade*, numa inter-relação com o *mundo* – caótico, temporal, desordenado, obscuro – em direção ao *cosmo* – ordenado, espacial, hierarquizado, transparente. Em meio ao caos, há arestas, fronteiras, ritmos que são pontuados, pautados e organizados pela abstração. Obscuridades são descriptadas pelo vir-a-ser da consciência, e daí o infinito é circunscrito no conjunto finito e quantificado numa *praxis*. “Nesse reino das sombras se desenvolve tardiamente o reino dos símbolos e signos portadores de uma clareza fausta e nefasta” (ibidem, Cap. III,

¹¹⁴ (...) Nietzsche critica as dicotomias metafísicas como interior/exterior, anterior/posterior, causa/efeito, mostrando que somente depois de se ter a consciência de uma sensação é procurado uma causa exterior responsável por tal sensação, o que equivale a dizer que aquilo que concebemos como anterior é, na verdade, posterior na consciência. Isso se deve ao fato de que a consciência é guiada por convenções linguísticas, que a conduzem a essa inversão de polaridades binárias. (ITAPARICA, 1998, p. 63).

par. 41, p. 12). Neste sentido, esta passagem extraída do livro “Lógica formal/lógica dialética” e transcrita a seguir é particularmente interessante:

O pensamento tem um *poder* efetivo: o poder de destacar, de separar do imenso devir do mundo, da totalidade do devir certos fragmentos, certos ‘objetos’. Tem o poder de discriminar, de separar: *de abstrair*. Esse poder nada acrescenta de substancial ou de misterioso ao universo; ao contrário. Existem *menos* objetos separados que nos objetos da natureza.

Esse poder nada tem de enigmático. Um poder não é um ‘algo’; e tampouco é ‘nada’. É um ato inseparável do que ele produz. Nossa *mão* procede assim: destaca, separa fragmentos do mundo; arranca a concha do rochedo ou a fruta de sua árvore. Se o pensamento traça linhas fictícias, demarcações teóricas e abstratas em torno de objetos que ele não separa praticamente, mas sim teoricamente, essa operação não é ‘substancialmente’ diferente das operações de nossa mão ou de nossos sentidos (por exemplo: quando nossos olhos ou nosso ouvido destacam ficticiamente, e somente para nós, uma sensação que se dá num conjunto).

É essa a significação profunda da prática. (LEFEBVRE, 1995, p. 102).

O sentido de *abstração* é tomado quase literalmente – em conformidade com seu radical e sentido original – o de *arrancar, retirar algo de alguma coisa*. O abstrato é inicialmente o manusear, o trato com a terra (matéria), o pegar etc.¹¹⁵ As marcas, provocadas pela articulação ou inteligência do corpo, definindo atributos simétricos (e assimétricos) do espaço, suas fronteiras¹¹⁶, do eu-outro, interno-externo, dentro-fora, espaço-tempo, constituem, enfim, uma fonte de reconhecimento da diversidade infinita e objetiva que já está dada na abertura do mundo. Como já se disse, as leis da natureza são as leis do espaço. Assim, um ato que gesticula, risca ou demarca, como o formidável lince quando arranha o tronco das árvores definindo seu território ou o bivalve que se desloca por

¹¹⁵ Por isso, imediatamente em sua práxis, os *sentidos* se tornaram *teóricos*. (...) Vê-se como subjetivismo e objetivismo, espiritualismo e materialismo, atividade e sofrimento perdem a sua oposição apenas quando no estado social e, por causa disso, a sua existência enquanto tais oposições; vê-se como a própria resolução das oposições *teóricas* só é possível de um modo *prático*, só pela energia prática do homem e, por isso, a sua solução de maneira alguma é apenas uma tarefa do conhecimento, mas uma tarefa vital que a filosofia não pode resolver, precisamente porque a tomou *apenas* como tarefa teórica. (MARX, 2008, pp. 109-111).

¹¹⁶ Para Nietzsche, a *simetria* é dada pelo ser humano, em sua faculdade de regular, legislar, reger a natureza.

propulsão no fundo do mar, já demonstra uma atividade inerentemente espacial, ou melhor, indica modalidades espaciais da presença num ambiente. “O intencional vem tarde, com o cérebro e as mãos” (Ibidem, par. 7, p. 4). Por isso, o ser humano, na qualidade de ser genérico, *apropria-se* da natureza humanizando-a (negando a natureza). Muito antes, porém, quando as mãos se libertam, elas seguram com força ou acariciam, apanham pedras, galhos, coisas, enfim, aprendem a pegar, soltar, jogar; manipular objetos etc. Talvez, antes ou depois, apontam.

A mão? Ela não parece menos complexa, menos rica que o olho ou que a linguagem. Ela apalpa, acaricia, apreende, brutaliza, fere, mata. O tocar descobre as matérias. Para a ferramenta, separada da natureza e separado dela o que ela alcança, mas que prolonga à sua maneira o corpo e seus ritmos (o martelo, repetitivo linear – o torno do oleiro, circular), a mão modifica materiais. O esforço muscular coloca em ação energias maciças, freqüentemente enormes, em gestos repetitivos, aqueles do trabalho, mas também aqueles dos jogos. Quanto à pesquisa de uma informação sobre as coisas, pelo contato, a palpação, a carícia, ela utiliza energias finas. (ibidem, Cap. III, par. 117, p. 72).

Ora, a produção em sentido amplo, a produção do ser humano, da consciência, transforma primeiro a matéria – recorta, molda, *abstrai* –; processo às vezes violento. É *preciso* medir, com as mãos, com os passos; separar, comparar, contar, montar, construir; na caverna, na casa, durante a tempestade, na passagem de dentro para fora e vice-versa; na constituição da comunidade, das fronteiras; nas cidades antigas quadriculadas, na geometria etc., a relação com a natureza é uma prática espacial.

Eis um primeiro aspecto, o mais simples, dessa história do espaço que vai da natureza à abstração. Imaginemos o tempo no qual cada povo chegou a medir o espaço tendo suas unidades de medida emprestadas das partes do corpo: polegada, pé, palmo etc. Os espaços de um povo como as durações deviam permanecer incompreensíveis aos outros. As particularidades naturais do espaço e as naturezas particulares aos povos interferem. Mas qual inserção do corpo no espaço assim medida segundo particularidades! A relação do corpo, relação social de uma importância mal conhecida em seguida, conservou então a imediatidade que devia se alterar e se perder: o espaço, a maneira de medi-la e de falar, apresentam aos

membros da sociedade uma imagem e um espelho vivo de seu corpo. (Ibidem, capítulo 2, par. 19, p. 27).

Concluindo, o espaço quantificado ou tornado categoria *a priori* tem por fundamento um qualitativo inerente ao próprio corpo. Assim como a teia da aranha *é o seu outro da aranha*. “Segue-se que para um corpo vivo (à maneira da aranha, do marisco etc.) os lugares fundamentais, os indicativos do espaço, são, portanto, de início *qualificados* pelo corpo” (Ibidem, par 7, p.4). Modalidades concretas de ocupação do espaço, dupla determinação, energias maciças e finas, “apolíneas e dionisiacas”, nos dizeres de Nietzsche¹¹⁷. “Na verdade, em sua relação consigo e seu espaço, o ser vivo emprega os dois tipos (a não separar, aliás) de energia, as finas e as maciças” (Ibidem, par 20, p. 7). Tal relação implica um ritmo próprio do corpo e da natureza acessível e assimilado em pontuações ou pautas abstratas. A música, a mais sublime manifestação humana, é espacial.

Aqui é possível fazer uma analogia. O som é o efeito produzido pelas vibrações dos corpos materiais e, conseqüentemente, das ondas sonoras no órgão da audição. Buzinas, motores, britadeiras, conversas, etc. são ruídos caóticos e irregulares aqui e ali. Assim como o canto dos pássaros e da natureza. Já a apropriação desses ruídos, bem como sua combinação, organização regular (harmonia) ou irregular (atonalidade), por instrumentos musicais ou pela imitação da voz, *é música*. A música é constituída por três elementos: melodia, harmonia e ritmo. São pelas diferenças rítmicas que se caracterizam várias danças (como a valsa, a catira, o samba etc.), definindo-as num ou mais gêneros musicais, como as músicas regionais: brasileira, espanhola, africana, árabe, oriental, etc. Há, portanto, uma sintonia íntima da música e da dança, do vinho e da festa. No culto dionisiaco, quando da chegada da primavera, na colheita, comemorava-se, cantava, tocava e dançava. Criava-se um estilo. A música organiza não só os sons, mas também a sociedade; talvez a primeira apropriação do abstrato, através da demarcação do ritmo e do arranjo sonoro. A produção do espaço é uma composição musical.

¹¹⁷ Somente Nietzsche manteve o primado do espaço e a problematização da espacialidade: repetição, circularidade, simultaneidade do que aparece diverso no tempo e nasce de tempos diversos. No devir, mas contra o fluxo do tempo, toda forma definida luta para se estabelecer, para se manter, quer ela dependa do físico, do mental, do social. (Ibidem, cap. I, par 49, p. 24).

O Espelho

Haveria a *coisa-em-si* por trás do espelho? Ou como o gato cinza que ao espiar-se no espelho procura atrás do espelho o *outro gato cinza* que o espia à sua frente refletido, mas descobre perplexo que não há nenhum outro gato atrás do espelho? O espelho é uma superfície doadora de “profundidade”. Na parede, é uma janela ao contrário. Reflete o interior. O espelho é uma superfície, “mágica”. Através do espelho, por exemplo, posso ver a minha imagem como se fosse a minha imagem outra pessoa à minha frente, como se fosse *você*. Não posso saber como sou fisicamente – *imagem* – senão no espelho. Nesse outro (objeto), descobrimo-nos, conhecemo-nos, reconhecemo-nos, esclarecemo-nos. Para saber como sou devo me transformar em um outro (*você*). Errar, sair de mim através do espelho, e ser-outro de mim mesmo e como outro de mim mesmo voltar a ser-eu mesmo, reconhecendo-me a minha presença nesta ausência subjetiva. A minha duplicação no espelho engendra a diferença: eu sou o outro no espelho e no espelho o outro sou eu. Um espelho colocado na frente de outro espelho multiplica a imagem ao infinito. A multiplicação, repetida incontáveis vezes, multiplica a menor diferença à maior diferença, também indefinidamente. Meu lado direito torna-se esquerdo, no espelho; e, no espelho, o esquerdo, direito: uma diferença, uma contradição! Talvez descubro como o gato perplexo que não há ninguém atrás do espelho, e que a multidão, que se repete no jogo de espelho, não passa de uma ilusão de óptica e que na verdade eu estou sozinho multiplicado ao infinito. O espelho é um prolongamento de meu corpo, pois me vejo nele; uma abstração, minha imagem separada de mim mesmo; minha consciência de si (consciência). Então, a multidão de mim mesmo, ora de frente, ora de costas, que se desdobra no jogo de espelho é um encontrar-se se perdendo em seu vertiginoso cair na profundidade da superfície da consciência dobrada. Ao passo que a multiplicação de mim mesmo, que sou-eu e não-sou-eu, na multidão de pessoas reais não é uma representação formal de contradições, mas contradições vividas. Pois a imagem do espelho pode enganar e levar ao erro. (Assim como os ameríndios foram iludidos por sua própria imagem refletida no fascinante mundo dos espelhos, mais valiosa do que o ouro). O espelho também pode ser côncavo e ampliar a minha imagem, de modo hiperbólico, como nos sonhos. Ou pode ser convexo e deixar tudo de cabeça para baixo. E eu, num estado de alienação profunda, posso acreditar que nesta

imagem – nesse outro – eu sou exatamente eu. Talvez, apenas, a projeção dos nossos *Eus*. Na verdade, a clareza da superfície do espelho esconde um mundo obscuro: Eu mesmo-multidão.

O espelho?

Esta superfície pura e impura, quase material, quase irreal, fez aparecer diante do ego sua presença material; ela suscita seu inverso, sua ausência e sua inerência nesse “outro”. Sua simetria aí se projetando, ele aí descobre e pode acreditar que “ego” coincide com esse ‘outro’, ao passo que ele o representa, imagem inversa, onde a esquerda torna-se direita, reflexão que produz uma diferença extrema, repetição que transforma o corpo do eu num fantasma obcecante. De modo que o idêntico, e a transparência equivale à opacidade. (ibidem, Cap. III, par. 30, p. 63).

O espelho é forma. Dupla forma: o real-obsuro; o reflexo-claro. *O espelho forma*; ilumina, organiza, ordena o caos (*mundus*): *re-presenta*. Mas o que era idêntico, reproduzido no espelho, no entanto, engendra a diferença¹¹⁸. O erro me leva a verdade. A verdade do corpo. O espelho: *mentalmente*: a repetição; *socialmente*: a reprodução. Neste sentido, a forma abstrata demarca um sinal, indicando um conteúdo, contraditório.

Recapitulemos: O ser humano se realiza numa forma (representação, essência) alienando-se de seu corpo, através de suas marcas, símbolos, sinais, na coisa, e conhece de modo operacional e teórico – abstrato. Constitui uma *essência*. Apropria-se do mundo, de forças devastadoras, um turbilhão desordenado, caótico; transformando-o. Logo, *essência* que é *estranha* pois se realiza como um *outro*: o idêntico que é na verdade o diferente. “O espelho é então um objeto entre os objetos, mas diferente de todo outro objeto: evanescente e fascinante” (Ibidem, par. 33, p. 11). Ora, o *espelho é a consciência* (consciência-de-si): duplicação da coisa, do objeto, do “*ser*”, do “*Eu*”, pura separação (abstração): imagem. Representação que pode esconder a verdade: as sensações do corpo, do tato, do ouvido, do gosto. Erro que, entretanto, conduz a estas mesmas verdades. Metáfora que poderíamos interpretar e descrevê-la como *exteriorização* e *estranhamento*. Alteridade e alienação. A

¹¹⁸ En el libro tercero de las *Enéadas*, leemos que la materia es irreal: es mera y hueca pasividad que recibe las formas universales como recibiría un espejo; éstas la agitan y la pueblan sin alterarla. Su plenitud es precisamente la de un espejo, que simula estar lleno y está vacío; es un fantasma que ni siquiera desaparece, porque no tiene ni la capacidad de César. Lo fundamental son las formas. (BORGES, 1969, p. 17).

atividade humana repete o ser humano não em si mesmo, mas no seu corpo inorgânico; na natureza que se humaniza e humaniza a natureza.

Desenvolvimento notável. O corpo, *ponto de partida*, ao se produzir (alteridade, a simetria: repetição) no espaço (cosmos-mundo), através de energias duais, finas e maciças (vida, prática), *nega* a si próprio através da passagem em um *outro* (o espelho, diluição do corpo, o *cogito*: espaço abstrato) e se reconhece numa representação, e se realiza nela como tal. Todavia, esse outro deve ser *negado novamente* pela *praxis*, pois esse outro não é senão uma superfície, seu prolongamento, seu reflexo: re-apropriação do corpo, do espaço – do corpo inorgânico (natureza). Tal concepção materialista e dialética leva às últimas consequências uma teoria heurística (em sentido forte) do conhecimento, do *mundus* (obscuridade e nebulosidade) e do *cosmos* (ordem e transparência), da natureza, da vida, da sociedade. A cidade talvez aparece como a primeira obra humana, extensão do corpo, que desafia e (em partes) domina a natureza¹¹⁹. Embora, Lefebvre não tenha uma concepção continuísta ou evolucionista da história (hegelianismo e marxismo), não seria exagero evocar aqui, a título de ilustração, o período grego que os arqueólogos denominam de Geométrico e que caracterizou uma etapa formadora importantíssima da cultura na Grécia Antiga, ainda Idade do Ferro¹²⁰. Curiosamente, foi neste período histórico, no qual os gregos ainda não conheciam a escrita, que surgiram obras-primas, de Homero, que segundo se diz era cego, e Hesíodo; obras estas que foram transmitidas oralmente por sucessivas

¹¹⁹ Como é sabido, bem mais de vinte séculos antes do esplendor grego já floresciam civilizações extremamente complexas na região da Ásia Menor, que possuíam escrita, conhecimento matemático e cidades fantásticas que chegavam mesmo à dimensão de metrópoles: “No centro do distrito de templos erguia-se o marco característico de todas as grandes cidades da Mesopotâmia: a pirâmide escalonada ou *zikkurat*. Das montanhas-templo da Antiguidade, amontoadas artificialmente, desenvolveram-se aquelas possantes construções de terraços, a mais íngreme e mais famosa se tornou a Torre de Babel. A *zikkurat* era a única construção que se projetava acima das muralhas da cidade. Visíveis a grande distância, anunciava por toda a parte entre o Eufrates e o Tigre: Aqui seres humanos superavam a natureza, aqui criam com seus tijolos e seu orgulho, algo que nunca existiu antes: a cidade” (SCHNEIDER, p. 32).

¹²⁰ Cerca do ano de 900 a.C. surge o estilo geométrico. A anatomia das formas torna-se mais afilada e melhor definida; o delineamento das áreas decorativas revela-se mais exato e o repertório original é revisto. Os semicírculos desaparecem; os círculos passam a ser mais raros e o meandro, contínuo, traçado com finos e paralelos (tipo que parece ter-se desenvolvido em Atenas). Este ideal, austero e quase matemático, resistiu por todo o século IX. No século VIII os pintores manifestam tendência para multiplicar os campos de ornamento até quase cobrirem a maior parte do vaso, quebrando as cintas contínuas em estreitas barras e enriquecendo os antigos ornamentos ou inventando novos, abstratos. A novidade mais importante foi a introdução de figuras, convertidas em silhuetas meio abstratas. (COOK, 1966, p. 46).

gerações e eternizadas. E o que dizer da matemática grega, que não era abstrata, mas concreta?¹²¹

Em termos práticos (*praxis*), talvez, o novo projeto de emancipação tem por objetivo, primeiro, sair da história, isto é, abolir o nexos coerente e transcendental forjado internamente na história (fetiche da história), e, segundo, produzir um espaço voltado para as diferenças, do corpo e dos ritmos regidos pelo tempo cíclico e natural, já que o fim da história (daquela História acumulativa e linear), ou melhor, *a pós-história*, se revelou num fragoroso fracasso, suscitando novas contradições e não superando ainda as antigas.

As representações (espelho) tentam apreender o vir-a-ser, que escapa sempre. As representações só podem capturar um momento, daí seu sentido metafórico, o que não resulta em inverdade. A prática social se realiza através das representações. E aqui a *praxis* engendra a criação. Todavia, o conhecimento intui e descobre um ritmo do próprio corpo, da natureza; descobre uma coerência por meio da *abstração racional*, congelando-a em meio a ritmos desordenados ou regulares (como a aurora e o poente, as fases da lua, as estações do ano, a órbita dos planetas etc.). Mas fracassa ao tentar determinar uma totalidade imediata, singular, vivida, de modo informal, senão por meio do seu contrário—universal que o obriga imediata e posteriormente a voltar para o singular, no particular. Neste sentido, o corpo é negado à enésima potência até chegar à abstração pura: tempo e espaço (mental). O espaço geométrico, o espaço como categoria do pensamento (continente), axioma ou definição sem demonstração, intuídas pelo “pensamento puro”, é um desdobramento de uma prática espacial concreta, no início, muito simples, como, por exemplo, a construção de uma cerca. Mas adquire um poder próprio, um sentido organizador das relações sociais. O espaço abstrato, que aparece como pura objetividade, fetichizado, vazio, como, por exemplo, o território nacional, é no fundo produto social da atividade humana, que se constitui historicamente por meio de representações.

Se de fato nossa compreensão e interpretação forem corretas, a saber, a de problematizar a dupla determinação nietzschiana, que, nesta perspectiva, não excluiria um

¹²¹ Aliás, os números (em grego, *arithmós*, “número”) não têm nada de abstrato. O 1 representava o ponto, a menor referência no espaço; o 2, a linha, isto é, a ligação mínima entre dois pontos; o 3, o triângulo, ou a primeira figura geométrica fechada, a primeira área ou superfície, que resulta da união de 2 + 1, isto é, de uma linha mais um ponto fora dela; finalmente, o 4 é o sólido, reunião da figura de um triângulo com um ponto repetido fora dele, uma pirâmide (ou, como dizemos hoje, um prisma). Do 1 ao 4 temos a constituição dos pontos, das superfícies, das áreas e dos sólidos, todas as dimensões da nossa geometria. (WATANABE, 1995, p. 109).

viés dialético, então o conceito de *abstração-concreta* não é tão estranho ao pensamento nietzschiano. Pois a abstração ou representação, de fato, tem um caráter objetivo. Daí a importância da análise do dinheiro e da mercadoria para se compreender uma sociologia do capitalismo. O mesmo pode ser dito em relação ao conceito de alienação que, por conseguinte, tem por ponto de partida o corpo, em sentido nietzschiano. Deste modo, podemos levar às últimas consequências o estranhamento do próprio corpo identificado por meio de representações redutoras. Na sociedade atual (mas do que nunca), a imagem refletida no espelho aparece na figura estranha do autômato. O *autômato* – máquina, o Estado, o planejamento social, o cotidiano, o capital, a cidade, o andróide, o replicante – é a reprodução mais fantástica da imagem objetiva do ser humano no espelho: ele mesmo. É isso que permite Lefebvre escrever esta passagem surpreendente:

Se o robô se aproxima do homem e se o homem se reconhece nessa imagem mimética, a espontaneidade do autômato, é porque o homem já era robô. Não o sabia. Aprende-o. O sistema nervoso e os outros “sistemas” biológicos, fisiológicos? Sistemas auto-reguladores. O corpo vivo? Uma rede de tais sistemas, complexo sistema homeostático do qual o quadripolo de Ashby oferece simplificado modelo. O cérebro? Máquina complexa e imperfeita de registrar, combinar, desconjuntar e ordenar. O pensamento? Uma série de “sim” e “não”, de dicotomias. A ação? Uma série de decisões estratégicas, em complexo jogo com a “natureza” e os outros grupos sociais. Se a sociedade pode subsistir, é porque contém sistemas auto-reguladores. É porque já é um sistema homeostático. Nas novas ciências da informação e das comunicações, a essência combinatória do real, sua estrutura fundamental, se descobre e se reconhece. A natureza? Nem mesmo existe. Não era, ela também, senão ilusão e mito. Mais: um resíduo. A *mimêsis* desvela-se como essência da *praxis*; as aparências da aparência ou do parecer caem, as da *poiêsis*, as da transcendência, da subjetividade e da liberdade subjetiva, da temporalidade e da história, da natureza enfim. O robô não ameaça o homem pela excelente razão que o homem individual e social já é robô e que a imagem ameaçadora do robô faz parte das ilusões. A figura do Golem monstruoso, indomável, revoltado contra o aprendiz de feiticeiro, não passaria de um mito da máquina o mito do inumano robótico um mito do homem. As duas entidades, o autômato e o humano, se encontrariam na mesma categoria: o Cibernântropo! (LEFEBVRE, 1967, p. 247).

Da alienação ao cotidiano

A citação acima pode ser chocante, mas é bastante reveladora: um sentido visceral de alienação. Portanto, voltemos às nossas metáforas: Inúmeros insetos passam por metamorfose antes de atingir a idade adulta. Os insetos conhecidos por *holometábolos*, passam por uma mudança completa e tão radical que não apenas sua aparência se transforma, como também seus hábitos, meio de vida, alimentação etc. Alguns, depois de passar anos em estado larval, aprisionados num casulo, ao tornarem-se um inseto adulto, vivem apenas o tempo necessário para reproduzirem-se, às vezes, por poucos minutos ou horas, pois muitos deles nem sequer possuem aparelho digestivo. Cumprida a função de reprodução, morrem logo em seguida e assim o *ciclo vicioso* se completa: um eterno retorno. Sem querer entrar no mérito das interpretações literárias, é possível fazer algumas digressões aventureiras a respeito de Gregório Samsa, personagem protagonista de *A metamorfose* de Fanz Kafka, que ao acordar pela manhã sente um terrível mal-estar, porque havia se transformado numa barata. Talvez mesmo, a parábola de Kafka diz do horror da imagem humana refletida no seu espelho. O problema, novo por sinal, é que Gregório Samsa não se descobriu transformado de repente num inseto, mas, talvez, descobriu antes que insetos sonhavam em ser seres humanos. Os insetos, assim como crustáceos e aracnídeos, são artrópodes, possuem exoesqueleto, membros articulados; de perto, alguns são seres monstruosos, parecem ter vindo de outro mundo; outros, entretanto, são de uma beleza sublime, como as borboletas; ou ainda, como certos coleópteros, têm aparência de tanques blindados e parecem metálicos; ou têm o aspecto frio de um robô, como o devastador gafanhoto: *máquinas-vivas*. A partir disso, tomemos a liberdade de alterarmos a primeira frase da citação acima sem mudar em nada o seu sentido: “Se o *inseto* se aproxima do ser humano e se o ser humano se reconhece nessa imagem mimética, a espontaneidade do autômato, é porque o ser humano já era *inseto*”. Terrível constatação! O mal-estar de Gregório Samsa, ao tentar se levantar, as dores que sentiu, a voz gutural incompreensível e incomunicável é na verdade o mal-estar já compartilhado por todos nós. O mais espantoso é

que não é a tese idealista do primado do *pensamento* (a consciência ou planejamento), distinguindo, pelo trabalho, o ser humano das abelhas ou formigas. Mas, justamente o oposto: a comparação da sociedade humana a um formigueiro procede, porque o trabalho destitui o ser humano de suas virtualidades, rebaixando-o a uma existência predeterminada e subordinada ao *espírito da colmeia*. Se o Homem-de-Lata ambicionava um coração humano, na história do Mágico de Oz; na modernidade, é a humanidade que não tem coração. Mas a redução a um único aspecto da existência, automático e unilateral, sem dúvida, não nega totalmente o humano e a possibilidade de sua humanidade plena, do projeto de realização de suas virtualidades inumeráveis a serem ainda produzidas. E este é o “x” do problema: o ser humano não é uma abelha, mas está a meio caminho de sua plenitude. Por isso a resistência, o mal-estar, a revolta. Por isso, as representações cinematográficas do temor de uma rebelião de andróides num futuro impreciso, mas próximo. Por isso o pavor de uma invasão de insetos gigantesco extraterrestres. Este temor, na verdade, é o medo de si mesmo, de uma humanidade segregada pelo *apartheid* social.

Neste ponto, é possível traçar uma conexão entre o conceito de *incorporação*, ou melhor, de ritmos do corpo (Nietzsche)¹²², e o de alienação (Marx). Ora, a alienação, a do trabalho, impõe um ritmo, abstrato (tempo do relógio), cumulativo, linear, compatível à lógica do capital. Já a temporalidade rítmica do corpo é circular, não cumulativa, concreta, orgânica. Neste sentido, a incorporação, ou, num plano psicológico, a personificação, das categorias econômicas do capitalismo é uma negação (um reconhecimento diante do espelho côncavo) do próprio corpo (ego). Uma renúncia da vida; ou melhor, uma vida de renúncias. Pois, a realização e o reconhecimento nestas figuras estranhas e reduzidas é o que vai caracterizar a alienação.

Há múltiplos sentidos da alienação, em certo sentido ela deve ser reatualizada em diversos níveis. No nível mais profundo, o trabalho deve ser convertido constantemente em valor, isto é, trabalho não-pago, e depois novamente em trabalho. Para tanto, a forma mercadoria deve se generalizar, ou seja, a produção social deve aparecer enquanto

¹²² Meu ensinamento diz: viver de tal modo que tenhas de *desejar* viver outra vez, é a tarefa –, pois assim será *em todo caso!* Quem encontra no esforço o mais alto sentimento, que se esforce; quem encontra no repouso o mais alto sentimento, que repouse; quem encontra em subordinar-se, seguir, obedecer, o mais alto sentimento, que obedeça. *Mas que tome consciência do que é que lhe dá o mais alto sentimento, e não receie nenhum meio!* Isso vale a eternidade! (Nietzsche, *O eterno retorno*, textos de 1881).

produção de mercadorias. Neste sentido, todos os membros sociais figuram formalmente como possuidores de mercadorias, corporificados ora em trabalhadores, ora em capitalistas. (Evidentemente, não é uma questão de escolha consciente, mas uma imposição determinada por contingências históricas e sociais). Assim, de um lado, o dinheiro é convertido em meios de trabalho, condições objetivas de produção, e, de outro, o trabalho vivo deve se tornar mercadoria, na figura central do *trabalho assalariado*. Graças a isso, é possível descer da esfera da circulação à da produção, por meio da metamorfose da mercadoria, expressa na fórmula capitalista D-M-D'. O trabalho vivo aparece como a única mercadoria que, através de seu valor de uso, produz mais riqueza, na forma também de mercadorias (o dinheiro). Então, o ciclo tautológico se cumpriu (rotação). Em seguida, repete-se novamente o processo, infinitamente. É de se lembrar que o conteúdo social desta relação é determinado pela forma mercadoria, que se manifesta concretamente entre classes sociais distintas e opostas e em frações ou classes intermediárias. Porém, este esquema, segundo Lefebvre, explicava de modo suficiente apenas o capitalismo concorrencial, do século XIX. Numa fase mais complexa do capitalismo – o neocapitalismo ou capitalismo de organização – não é mais suficiente se deter na reprodução das categorias econômicas apenas. É preciso reproduzir a sociedade inteira, o cotidiano. A *reprodução das relações sociais de produção* é então o conceito chave para compreensão não só da reprodução das categorias econômicas como também da cotidianidade, etc.¹²³. Em termos estritamente econômicos há *reprodução da força de trabalho* (do trabalho vivo) e *reprodução do capital* (do trabalho morto). Em termos mais amplos, há reprodução das relações, da *cotidianidade*. Neste sentido, em todas as esferas da vida há reatualização das relações sociais que se *repetem* indefinidamente, de modo automático – tendo em vista o capital enquanto valor em processo (sujeito automático). Citemos um exemplo de reprodução das relações, bastante significativo, no nível do cotidiano, para retomar a metáfora acima: Pode se dizer hoje que vivemos numa época bastante diversa daquela da era vitoriana ou puritana da Viena de Sigmund Freud. Atualmente, setores sociais das mais diversas esferas, notadamente os meios de comunicação, de revistas a programas de televisão, estimulam deliberadamente

¹²³ A reprodução das relações sociais se confunde, assim, brutalmente com a reprodução biológica, ela mesma concebida de uma maneira tão simples quanto grosseira. Na prática espacial, a reprodução das relações sociais predomina. A representação do espaço, ligada ao saber como ao poder, reserva apenas um lugar mínimo aos espaços de representação, reduzidos às obras, às imagens, às lembranças, onde o conteúdo afastado (sensorial, sensual, sexual) aflora apenas o simbolismo. (LEFEBVRE, Cap. 2, par. 127, p. 42).

questões que envolvem a sexualidade¹²⁴. Tal ênfase ou estímulo bastante permissivo do comportamento sexual em geral, em nada tem a ver com a revolução sexual proposta nos anos de 1960, nem tampouco é um fato novo historicamente.

Sem dúvida, se é possível alguma generalização simplista sobre a relação entre domínio de classe e liberdade sexual, é a de que os dominadores consideram conveniente estimular a permissividade ou lassidão sexuais entre seus súditos apenas para conservar seu pensamento afastado do estado de sujeição que se encontram. Ninguém jamais impôs o puritanismo sexual aos escravos – ao contrário. As sociedades em que a pobreza é estritamente mantida em seu lugar estão acostumadas a certas explosões de massa regulares e institucionalizadas de sexo livre, como os carnavais. De fato, como o sexo é a forma mais barata de divertimento, bem como a mais intensa (como dizem os napolitanos, a cama é a ópera do pobre), é politicamente muito vantajoso, sendo iguais os demais fatores, levar o povo a praticá-lo tanto quanto possível. (HOBBSAWN, 2003, p. 217).

A colocação de Eric Hobsbawn é de fato muito procedente, mas o problema é talvez ainda mais drástico, pois se trata no fundo de virar às avessas aquilo que se afirma. A questão central não se resume apenas na contenção das classes laboriosas. Não é apenas a reprodução da força de trabalho pura e simplesmente. Vai mais além. Pois, jamais foi tão moralista, tão repressora. Num certo sentido, a ética protestante do trabalho é enaltecida aí. Evidentemente, as classes dominantes se beneficiam desses instrumentos ideológicos, embora também elas se enveredam pelos caminhos dessa mesma lógica. Tal espetacularização do tema reflete bastante bem o problema da alienação do qual, na verdade, diz sobre a passividade dos “espectadores-consumidores” e do esvaziamento brutal do conteúdo de todos os aspectos da vida, de modo generalizado; ou seja, a

¹²⁴ Várias revistas, normalmente voltadas ao público feminino, inundam sem nenhuma censura a questão da sexualidade. Por exemplo, só para ter uma idéia, apenas no site do programa de televisão *Fantástico* - “revista eletrônica da família brasileira”, como afirma seu *slogan* – exibido pela *Rede Globo* em horário nobre, aos domingos – “<http://fatastico.globo.com>” – pode-se constatar inúmeras reportagens sobre o tema que foram exibidas pela TV, num período de seis anos (14/09/08 – 29/09/02), algo que seria impensável há 50 anos atrás. Vejamos, a título de curiosidade, alguns temas dessas reportagens: “Sexo ecologicamente responsável” (14/09/08); “Fidelidade pode ter fundo genético” (07/09/08); “Jovens católicos e o sexo” (06/05/07); “Viagra para mulheres” (15/10/06); “Sexo para depressão?” (13/08/06); “Sexo ainda um tabu?” (21/03/04); “Teste da dependência de sexo” (16/11/03); “Sexo compulsivo” (02/11/03); “Sexo X stress: quem ganha esta batalha?” (31/08/03); “Sexo padrão” (04/05/03); “Supermercado do sexo” (29/09/02); “Quociente Sexual – versão masculina e feminina – QS-M e QS-F” (07/11/08), etc.

impossibilidade da realização criativa inseparável da condição humana. A forma pura se impõe completamente para recair em seu contrário, ditando comportamentos que são repetidos ou reproduzidos automaticamente. O espetáculo engendra um ideal (supra-sensível) que vai muito além da vida real. O resultando é a frustração e a conversão das pessoas em objetos descartados, que devem satisfazer apenas o desejo metafísico inspirado por representações inatingíveis. A vida se realiza completa num outro plano imaginado, enquanto no cotidiano, no fundo, não é senão a miséria da vida esvaziada que subsiste.

Segundo Lefebvre, a *vida cotidiana* sempre foi desprezada pela filosofia, enquanto esfera inapropriada por conceitos filosóficos. Isto é, na cotidianidade, as pessoas comuns são expatriadas a uma vida imersa em trivialidades, do dia a dia, da rotina do trabalho, das pequenas coisas, da vulgaridade monótona de uma existência mesquinha, nos afazeres do lar, na educação, nos lazeres etc. Aos filósofos, inversamente, cabe-lhes uma existência mais nobre – e mais digna? –, voltada para a contemplação, a especulação filosófica, a especialização, as dúvidas existenciais, da teoria, propriamente dita. Mas, para Lefebvre, justamente por ser um conceito não-filosófico – irreduzível a um sistema – que o cotidiano, enquanto esfera *residual*, ganha importância filosófica¹²⁵. Pois, a princípio, a vida cotidiana estabelece, enquanto negação (da filosofia), uma relação de identidade com seu contrário. A negação determinada de um termo passa necessariamente no seu oposto, no caso o não-cotidiano (filosófico) ao cotidiano, pelo menos virtualmente. Portanto, como poderia o filósofo escapar das banalidades da vida, de uma vida igual a todo mundo, escapar da rotina? Ou, inversamente, como o “simplório”, diante das injustiças, ou da aspereza da vida, não poderia refletir conceitualmente sobre o mundo e até contestar o estado vigente das coisas? Segundo Lefebvre, o projeto filosófico de uma razão dialética, tanto hegeliana como marxista, abarcaria também o cotidiano. Como já comentamos acima, a *historicidade* ou a *razão* na História, ciência privilegiada, culminaria, para Hegel, no Estado Moderno – *encarnação da razão* – e, para Marx, no comunismo (para Lefebvre, há ainda, na obra de Marx, uma *pós-história*, um mundo habitado por “poetas”). Desnecessário dizer, como já dissemos, que nenhum desses *fins* se realizou, senão como *reino das sombras*, isto é, a face

¹²⁵ Nosso projeto aqui não é o de organizar um diálogo ao sabor e ao modo dos diálogos entre os filósofos e os não filósofos. Não se trata de dar razão ao vulgo contra a filosofia. Trata-se de *superar* essa contradição, mostrando que o que escapa ao filósofo e assume o aspecto do homem ordinário, (cotidiano) não é por isso menos precioso. O *resíduo* irreduzível a partir da atitude filosofante (suspensão do cotidiano) merece que a meditação dele se ocupe. (LEFEBVRE, 1967, p. 116).

escura da teoria. Todavia, tal pretensão racional permitiria chegar ao cotidiano, na medida que, em Hegel, os filósofos tornar-se-iam tecnocratas a serviço do Estado, ou melhor, o cidadão-filósofo se identificaria exatamente com a racionalidade do Estado e nele se realizaria – pressupondo um mundo habitado por filósofos. Em Marx, o operariado, a classe trabalhadora, através da *praxis*, que se dá no cotidiano, assumiria a condição única de sujeito histórico da transformação social em direção ao comunismo. O fracasso real de ambos os projetos, desvelando de um certo modo à *ausência de sentido histórico*, deu margens às objeções de Nietzsche e o seu projeto de ultrapassar o niilismo, através do seu empreendimento de *mudar a vida*. Ora, também esse projeto nietzschiano visava alcançar o cotidiano, contrapondo a clareza das aparências apolíneas (platônicas) à sua dissolução, pelo obscuro e explosivo mundo dionisíaco (a dimensão plena do corpo, portanto, do “irracional”). Em todos os projetos, buscava-se a superação entre *doxa* (opinião, vulgar) e *epistème* (discurso lógico, científico). Mas, como vimos também, o projeto nietzschiano, com sua crítica devastadora do Logos socrático e os valores judaico-cristãos, também malogrou. Vejamos:

Para Hegel é claro: a racionalidade vem da Razão, da Idéia, do Espírito. Para Marx e o marxismo também é bastante claro: a razão nasce da prática, do trabalho e de sua organização, da produção e da reflexão inerente à atividade criadora considerada em toda a sua amplitude. Mas atribuir um sentido (este sentido) à “história” e à “sociedade” não é também torná-las responsáveis pelas ausências de sentido, pelas violências sem nome, pelas absurdidades, pelos impasses?

Descobrimos que a inocência do vir-a-ser pressupõe sua falta de sentido. A hipótese nietzschiana, isto é, niilismo como etapa e momento, como situação a superar, não é então eliminada por antecipação. Se aceitarmos a orientação hegeliana e marxista – a realização do racional pela filosofia –, a análise crítica do cotidiano decorre daí. Se aceitássemos a hipótese nietzschiana de uma avaliação, de uma visão em perspectiva de um sentido decretado sobre a falta de sentido dos fatos, a análise e a transformação do cotidiano aderem a essa hipótese: é um ato inaugural. (LEFEBVRE, 1991, p. 21)¹²⁶.

¹²⁶ Aqui a citação é de “A vida cotidiana no mundo moderno”, em português, edição de 1991. Nas referências bibliográficas registrei a edição do espanhol, quando li no mestrado. Corrigirei em breve.

Todavia, ainda hoje, a crítica do cotidiano, marcado pela barbárie, não só é possível como urgente e atual. Tal crítica deve oscilar entre as duas tendências mencionadas e unir aquilo que as toca: desvelar uma racionalidade (um sentido) inerente ao cotidiano (Hegel e Marx); ou inventar uma representação racional de um sentido que de alguma forma organiza e preserva a vida (Nietzsche). Das duas, uma: *mudar o mundo*. Neste ponto, ganha importância o *residual*: aquilo que passava despercebido às grandes narrativas e aos sistemas; logo, o banal, o amor piegas e vulgar, o não-filosófico, o senso comum ganham um novo sentido para o *pensamento-ação*.

Seria possível estabelecer um diálogo entre a trajetória Heráclito-Hegel-Marx e a trajetória que parte do Oriente e termina em Nietzsche, linha de pensamento da qual Heráclito também faz parte? O cotidiano seria o lugar desse confronto? Ele conteria o critério que permitisse descobrir ou o segredo do enigma ou a indicação de uma verdade mais elevada? (Ibidem, p. 25).

Ora, mudar a vida! Revolucionar a rotina avassaladora, da reprodução diária. Mudar o cotidiano! Os dias se passam, como o rio heraclítico, e, no entanto, se repetem as mesmas coisas, a água sempre tem o mesmo gosto. O despertador que toca irritante sempre no mesmo horário, de manhã; os mesmos caminhos, a mesma calçada pisada apressada; as mesmas paisagens e lugares; pontualmente bater o ponto; as horas enfadonhas que se arrastam longamente vazias no serviço, mas encurtam a vida; o restaurante self-service, a comida fria, a mosca na sopa, o troco, o dinheiro; as horas que se arrastam pesadas – distantes de nós – e sem beleza –, perdidas, de que somos servos. A perplexidade: a multidão indiferente vagando obcecada e apressadamente em linha reta em direção a pontos incógnitos; sempre correndo, sempre apressada, na tentativa desesperada de aproveitar o que restou do dia (talvez na frente da TV: novela, futebol); e de repente o choque, *o encontro...*

Confrontando estas duas tendências (sentido e não-sentido). Sociologicamente, é possível discernir uma racionalidade imposta e definidora do cotidiano, determinada por abstrações sociais (representações), passíveis de serem descobertas e descritas; do emprego racional e coerente do tempo no espaço ao emprego do poder do espaço sobre o tempo. Neste sentido, no cotidiano, “aí tudo conta, porque tudo é contado: desde o dinheiro até os

minutos. Aí tudo se enumera em metros, quilos, calorias” (Ibidem, p. 27). Esta racionalidade, em grande parte, respaldada pelas ciências parcelares¹²⁷, ganha consistência real. Por outro lado, é possível também discernir a completa falta de sentido no cotidiano (irracionalidade): o fluxo caótico, sem objetivo, sem direção; a paixão. O cotidiano é por excelência o lócus da vida real, de sua efervescência. “É no cotidiano que se tem prazer ou sofre. Aqui e agora” (Ibidem, p. 27). As categorias sociais, daquilo que poderia se denominar de *ordem distante*, a saber, instituições regidas por normas corretivas e códigos jurídicos, organizam pela força, no espaço, aquilo que se denominaria de *ordem próxima*, isto é, as relações entre indivíduos, grupo, classes etc.¹²⁸ Mas quanta coisa escapa! Assim sendo, a representação jurídica que visa a equivalência e permeia todos os contatos e contratos, da carteira de identidade, de eleitor, ao casamento civil etc., não podem determinar toda a dimensão da vida cotidiana, pois tudo isso não passa de mais uma superfície. Vejamos: Num princípio de uma noite quente de primavera, milhares de efêmeras sobrevoam ao redor de uma luminária pendurada no alto de um poste. Um homem sentado na calçada observa fascinado a revoada, talvez embriagado, sem dúvida fatigado; não é sujeito (jurídico) nem objeto (mercadoria), apesar das relações sociais que o impelem ora como sujeito, ora como objeto. – Vozes de criança ao longe: “Olha, aleluias! esperanças?” “Cuidado, não deixem elas entrar, elas viram cupins”, alertam as mulheres – Em meio ao seu cansaço, o homem descobre um instante para sonhar. Descobre um momento real de *apropriação* do seu tempo e do seu espaço: o aqui-agora. E talvez: *Mudar a vida*. Da mesma forma, no entardecer, em algum lugar da cidade, no parapeito de uma ponte em forma de arco, um mendigo olha – com brilho nos olhos – as folhas do outono que deslizam sobre as águas de um riacho e os peixes que parecem olhar para ele e falar, com o seu abrir-e-fechar incessante de bocas. O que estão tentando dizer? Parecem avisar, alertar alguma coisa. Mas o quê? Indiferente a tudo, absorto e em comunhão consigo mesmo, que enigma! O que vai pelos seus pensamentos? Já no centro da cidade, algumas

¹²⁷ Os cientistas e as ciências parcelares: “(...) desdenham os fatos cotidianos como se não fossem dignos de conhecimento: os móveis, os objetos e o mundo dos objetos, os empregos do tempo, as banalidades, os anúncios nos jornais. eles se juntam aos filósofos, cheios de desprezo pela *Alltäglicheit*” (LEFEBVRE, 1991, p. 33).

¹²⁸ A ordem distante se institui neste nível “superior”, isto é, nesse nível dotado de poderes. Ela se impõe. Abstrata, formal, supra-sensível e transcendente na aparência, não é concebida fora das ideologias (religiosas, políticas). Comporta princípios morais e jurídicos. Esta ordem distante se projeta na realidade prático-sensível. Torna-se visível ao se inscrever nela. Na ordem próxima, e através dessa ordem, ela persuade, o que completa seu poder coator. Ela se torna evidente através e na imediatez. (LEFEBVRE, 2009, p. 52).

peças dormem na rua, ao relento da fria noite, mas uma delas está acordada: ela olha para o misterioso céu. Ou ainda, um andarilho que caminha sob uma madrugada linda, de luar, estrelada, silenciosa, calma e doce; nem ele ao certo sabe para onde vai o seu caminho, mas se detém para ouvir um passarinho que na noite canta, com sua flauta serena. O passarinho: “Que importa a ti? Deves ainda seguir, andar, e nunca, nunca, nunca parar! Ficas ainda? (...) pobre homem da andança!” (Nietzsche). Para sair dessa “letargia”, é preciso alçar as instâncias abstratas da sociedade, os fóruns de representação, seguir os trâmites legais e absorver mentalmente a forma social por excelência: a da lógica da mercadoria. Não sem dor e sofrimento; não sem revolta.

Assim, a cotidianidade se define por um emprego racional e homogêneo do tempo e do espaço, solapando a confusão indomável e heterogênea da vida. Tempo linear que repete; espaço vazio, e que arrasta o mundo com ele. Mas para compreender o cotidiano é preciso ainda atentar para uma distinção crucial. Segundo Lefebvre, quando a historiografia ou antropologia busca descrever, às vezes, minuciosamente o cotidiano de sociedades pré-capitalista, na verdade elas descobrem um *estilo*¹²⁹. Deste modo,

Entre os incas ou os astecas, na Grécia ou em Roma, um *estilo* caracterizava os mínimos detalhes: gestos, palavras, instrumentos, objetos familiares, vestimentas etc. Os objetos usuais, familiares (cotidianos), ainda não tinham caído na prosa do mundo. E a prosa não se separava da poesia. Nossa vida cotidiana se caracteriza pela nostalgia do estilo, por sua ausência e pela procura obstinada que dele empreendemos. (Ibidem, p. 36).

A coleção consagrada à vida cotidiana embaralha e confunde os conceitos por não se separar a especificidade do cotidiano após a generalização da economia. Então e assim cresceu a prosa do mundo, invadiu tudo, os textos, o que se escreve, os objetos como os escritos, chegando a expulsar a poesia para longe. (Ibidem, p. 36).

¹²⁹ Nas sociedades antigas, comia-se, bebia-se, trabalhava-se; havia casas, ruas, praças, móveis, objetos úteis, instrumentos e outras coisas. No entanto, não havia cotidianidade. Na unidade da ética e da estética, da prática e do conhecimento, num *estilo*, a sobreposição atual do cotidiano e da “cultura” (alta, média, baixa) não tinha nem razão nem sentido. Hoje, a importância da cotidianidade, a sua gestação e a sua consolidação, a sua monotonia na satisfação, tudo isto significa que ela escapa à história. A historicidade afasta-se. (...) Submetido, consolidado por um materlamente incessante, nivelado, o cotidiano torna-se o solo que suporta o edifício das instituições e a instituição suprema: o Estado. As instituições ordenam o cotidiano e recontam-no: estruturam-no. Já nada há de comum entre este edifício e as obras da história. (LEFEBVRE, Fim da história, 1971, p. 206).

Neste ponto cabem várias considerações. Em primeiro lugar, Lefebvre rejeita a noção de “cultura”, por se tratar de um fenômeno da modernidade implicado num sistema, sendo impreciso estendê-la sem reservas a sociedades pré-modernas ou não-capitalistas¹³⁰. O *estilo* definiria melhor estas sociedades (*civilizações*)¹³¹. Também não haveria sub-estilos na sociedade contemporânea, como atestam certos estudos sociológicos e antropológicos, mas “nostalgia do estilo, por sua ausência e pela procura obstinada que dele empreendemos”. Neste sentido, a noção sociológica de *estilo de vida*, *ethos* ou *habitus*, do gosto e da sensibilidade, que determinam escolhas cotidianas, valores particulares e identitários, da alimentação, habitação, modo de vida etc.; ou *folclorista* etnográfica, no que diz respeito às maneiras de pensar e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação etc.; ou ainda o conceito geográfico, de vertente la blachiana, de *gênero de vida*, do uso das técnicas, de um determinado hábito e da apropriação por grupos humanos das possibilidades oferecidas pela natureza etc., de certo modo, não seriam senão perspectivas enviesadas das diversas manifestações humanas que ultrapassam o conceito de *cultura*, notadamente, no que diz respeito ao da *indústria cultural* (Escola Frankfurt). Evidentemente, estas noções não são de todo descartadas no *estilo*. Porém, uma coleção de compêndios culturais não é senão um sintoma da decadência, uma recaída na barbárie (Nietzsche). De certo modo, o conceito de estilo diz respeito a sociedades ainda não estruturadas pelo cotidiano, das instituições, do Estado e da economia; mais precisamente está associado a sociedades rurais. Grosso modo, o tempo cíclico, do natural, das estações do ano, do cultivo e da colheita (vindima), define um tempo concreto e uma ralação vivida integralmente: a incessante oscilação entre a embriaguez dionisíaca e as formas perfeitas da

¹³⁰ As “culturas”, como se diz na sociologia e na etnografia contemporâneas (aplicando a outras sociedades um termo que assumiu na modernidade sentido preciso, o que não ocorre sem mal-entendidos e sem anacronismos), as “culturas” transfiguram a vida; seus “sistemas” concretos estendiam-se até o cotidiano. Mais exatamente, não eram sistemas, culturas no sentido atual (em que a “cultura” se torna uma informação e, aliás, se dispersa ao disseminar-se). Foram *estilos* de vida, de obras, de civilizações. (LEFEBVRE, 1967, p. 170).

¹³¹ Tal concepção novamente é de lavra nietzschiana. “Nietzsche desconhece a palavra ‘ideologia’ e não emprega o conceito. Quando escreve ‘cultura’ podemos interpretar como ‘ideologia’. Distingue todavia a grande e verdadeira cultura das dos filistinos. A grande cultura consiste num *estilo*” (LEFEBVRE, Fim da história, p. 95). Nas *Intempestivas* ou, como também é traduzida, *Considerações extemporâneas*, de Nietzsche, Lefebvre transcreve: “La primera *Inactual* (Esp.) da una definición de la cultura: ‘Es ante todo la unidad de estilo artístico en todas las manifestaciones vitales de un pueblo’. La cultura no es, pues, una colección de ideas abstractas, de suma de conocimientos, sino una manera de vivir: un sentimiento y un estilo de vida” (LEFEBVRE, 1993, p. 82).

métrica poética. Um modo de vida *cria* um *estilo de vida*; vestuário característico, músicas e danças típicas, festas, um estilo arquitetônico, as cidades, os espaços de representação – o sol, as estrelas, as fases da lua, as estações do ano, a poesia, a arte etc. –, a religiosidade, o casamento, enfim, uma prática espacial. A arte não separada da vida. A vida como arte. A grande cultura é a unidade de estilo de expressões da vida, uma obra de arte orgânica e coletiva¹³². Noutras palavras, *estilo* – um conjunto de qualidades de expressão, na história das belas artes, da música, da literatura, no contexto vivido de um povo etc. Já a racionalidade meticulosa constitutiva do cotidiano esvazia todo o estilo. Neste sentido, reiteramos, o estilo refere-se à produção no sentido amplo; em particular, a produção de *obras*. No cotidiano, o estilo é estilizado em “cultura” (fragmentada, ideológica), ocupando momentos e espaços definidos, reservados a um público alvo (de filisteus da cultura); assim, a *produção da arte é voltada à fabricação de produtos culturais*, em sentido restrito, econômico! Daí porque a prosa do mundo – o Logos, a palavra enquanto posição de objetividade no conceito – expulsa a poesia, que antes não se separava da prosa nem do vivido¹³³. O prosaico, o vulgar, a falta do sublime; o dinheiro é a voz do mundo.

A historicidade do cotidiano devia estabelecer voltando para trás, a fim de mostrar sua formação. Evidentemente sempre foi preciso alimentar-se, vestir-se, habitar, produzir objetos, reproduzir o que o consumo devora. No entanto, até o século XIX, até o capitalismo de concorrência, até o desdobramento desse “mundo da mercadoria”, não tinha chegado reino da cotidianidade, insistimos sobre este ponto decisivo. Está aí um dos paradoxos da história. Houve *estilo* no seio da miséria e da opressão (direta). Durante os períodos passados houve *obras* mais que produtos. A obra quase desapareceu, substituída pelo produto (comercializado), enquanto a exploração substituída a opressão violenta. O estilo conferia um sentido aos mínimos objetos, aos atos e atividades, aos gestos, um sentido sensível e não abstrato (cultural) tirado diretamente de um simbolismo. Entre os estilos seria

¹³² Ele passa da embriaguez como a tonalidade afetiva estética fundamental para a beleza como o elemento determinante; a partir da beleza como o elemento normativo, ele retorna para o que retira dela a medida, para a criação e recepção da obra; a partir desse ponto, ele avança uma vez mais até o ponto no qual e com o qual o que é determinante se apresenta, até a forma. Por fim, tentamos conceber a unidade da relação recíproca entre embriaguez, entre criação, recepção e forma como sendo o grande estilo. Nele, a essência da arte torna-se real. (HAIDEGGER, 2007, p. 126).

¹³³ “Ora, ao compor a *República*, Platão produz uma obra que, ao contrário, pretende convidar-nos a inventar, a criar uma cidade-estado inteira, como diríamos hoje, a partir do nada. Sócrates diz, no próprio diálogo, que ela será inventada em palavras, a partir do discurso, *én lógois*” (WATANABE, 1996, p. 34). Nesta *República*, Sócrates vai propor a expulsão dos poetas da cidade.

possível distinguir o da crueldade, o do poder, o da sabedoria. Crueldade e poder (os astecas, Roma) deram grandes estilos e grandes civilizações, assim como a sabedoria aristocrática do Egito e da Índia. A ascensão das massas (que não impede em nada sua exploração), a democracia (mesma observação) acompanham o fim dos grandes estilos, dos símbolos e dos mitos, das obras coletivas: monumentos e festas. Já o homem moderno não passa de um homem de transição, a meio caminho entre o fim do estilo e sua re-criação. Isso obriga opor estilo e cultura, a sublinhar a dissociação da cultura e sua composição. Isso legitima a formulação do projeto revolucionário: recriar um estilo, reanimar a festa, reunir os fragmentos dispersos da cultura numa metamorfose do cotidiano. (Ibidem, p. 45).

Ora, um projeto revolucionário inclui a transformação do cotidiano. Recriar um novo estilo. A produção ampla: *produzir um novo ser humano!* Claro, não se trata de um retorno a sociedades passadas, à *opressão violenta no seio da miséria*. Naquelas sociedades, imperava o reino das necessidades, da escassez. As forças descomunais da natureza submetiam as sociedades humanas a um regime econômico de penúria e, às vezes, destruição. Grupos humanos também se digladiavam até dizimarem-se por completo. Claro, também havia momentos de bonança, de festa, do sublime: da colheita e do vinho! Todavia, as condições de produção eram limitadas, determinadas por contingências exteriores. Períodos de fome devastadores, guerras, pestes assolavam o mundo antigo. Na modernidade, o desenvolvimento das forças produtivas, das técnicas e das ciências possibilitou, sem precedentes históricos, um domínio racional da natureza, possibilitando pela primeira vez o mundo da liberdade. Esse extraordinário desenvolvimento material criou as condições para a superação da miséria humana e da dominação da natureza. As bases, enfim, foram lançadas. A sociedade está a um passo do fim das alienações, da possibilidade real da criação do ser humano integral, de uma civilização que tem por fim o ser humano¹³⁴. Por isso a frase: “o homem moderno não passa de um homem de transição, a meio caminho entre o fim do estilo e sua re-criação”. Desta forma, o que estará em jogo é a

¹³⁴ Pensamos que num futuro não muito distante poderão ser sintetizados em laboratórios todos os tipos de nutrientes encontrados nos alimentos ou ainda com emprego da tecnologia associada a células-troncos poderão ser gerados, também em laboratório, provisões de proteína semelhante à carne, com o mesmo sabor ou até melhor. Neste resgate da Idade de Ouro, as fazendas de gado e os frigoríficos seriam abolidos da face da Terra para sempre.

ênfase da produção em sentido amplo, que na modernidade é reduzida. Vejamos algumas considerações mais detalhadas desse conceito:

A produção não se reduz à fabricação de produtos. O termo designa, de uma parte, a criação de obras (incluindo o tempo e o espaço sociais), em resumo, a produção “espiritual”, e, de outra parte, a produção material, a fabricação de coisas. Ele designa também a produção do “ser humano” por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico. Implica a produção das relações sociais. Enfim, tomado em toda a sua amplitude, o termo envolve a *reprodução*. (Ibidem, p. 37). (...) Na noção de produção se reintroduz o sentido vigoroso do termo produção de sua própria vida pelo ser humano. (Ibidem, p. 39).

Transcreveremos seus aspectos principais: existência social dos seres humanos, o ser genérico; transição da escassez para abundância; crítica das opressões e o domínio dos determinismos pela razão (dialética). Criação de obras: produção espiritual (tempo e espaço social); produção material, fabricação de coisas; produção do ser humano e das relações sociais. Obra: “bem” e liberdade. Reprodução: reprodução biológica; reprodução material dos utensílios necessários à produção, instrumentos técnicos e, ainda, reprodução das relações sociais.

Enumeremos resumidamente também algumas características do cotidiano: a vigência do neocapitalismo ou capitalismo de organização; deterioração total da atividade criadora (*poièsis*), que, em última análise, teria capacidade revolucionária; extirpação da consciência da produção em sentido amplo; liquidação do passado; predomínio do niilismo e da barbárie; “o terror substitui o medo: terror diante dos perigos de guerra atômica, diante das ameaças de crise econômica. Não mais o terror da natureza, mas o terror da sociedade, apesar da passagem à racionalidade ideológica e prática” (Ibidem, p. 51). Hoje, o terror do Estado democrático e a resistência fundamentalista; o terror do clima – aquecimento global – e da destruição do meio ambiente provocado pelo desenvolvimento industrial, o esgotamento dos recursos naturais; o terror provocado pela miséria de mais da metade da população no planeta.

Na cotidianidade, as relações sociais são reproduzidas. O operário reproduz o operário. O capitalista, o capitalista. O escravo, o escravo. O senhor, o senhor etc. O sentido (vazio): tautologia: o lucro reproduz o lucro. Reprodução da base econômica – trabalho e divisão do trabalho –, da estrutura – relações sociais e de propriedade – e da superestrutura – instituições, códigos jurídicos e ideologias. Reprodução das representações no espaço. A vida toda, fragmentada: trabalho, escola, lazeres, férias etc. O repetitivo é privação, reduz à sucessão quantitativa, numérica. A força de trabalho, energia vital, é convertida brutalmente em algum tipo de movimento automático; por exemplo, o apertar um parafuso atrás do outro ou sempre o mesmo botão, na linha de montagem. A linha de montagem extrapola a fábrica, dita o ritmo da divisão do trabalho, da cidade: centro-periferia. Milhares de homens e mulheres uniformizados se amontoam num movimento conturbado, caótico, como num formigueiro; todos exatamente idênticos: o macacão-sujo ou o terno-e-gravata. Assim, a reprodução diária, do cotidiano, apresenta um movimento automático, o do autômato – que se estende à sociedade inteira. A representação da vida no lugar da vida. E a vida cede lugar à representação. O espetáculo. Uma sociedade de robôs, de insetos sem alma: *máquinas-vivas*.

Nesse contexto, um equilíbrio (feedback) provisório entre a produção e o consumo, estrutura e superestrutura, conhecimento e ideologia se mantêm, talvez, muito frágil, muito tênue. Eis que o repetitivo engendra a diferença! O homogêneo se esfacela em contradições explosivas. O Estado intervém. A polícia.

Até que uma destruturação as quebre, as relações sociais inerentes a uma sociedade se mantêm; mas não é por inércia, passivamente. Elas são re-produzidas num movimento complexo. Onde se passa esse movimento, essa *produção* cujo conceito se desdobra, ou antes se divide, de modo a compreender a ação sobre as coisas e a ação sobre seres humanos, a dominação da natureza e a apropriação da natureza ao e pelo “ser” humano, a práxis a poíesis? Esse movimento não se desenvolve nas altas esferas da sociedade: o Estado, a ciência, a “cultura”. É na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis. (Ibidem, p. 37).

Pois bem, simultaneamente à reprodução das relações sociais, reproduzem-se também os antagonismos. A exploração. Contradições. Ironicamente, no seio da sociedade

da abundância pelo menos dois terços da humanidade vivem abaixo da linha da pobreza. Ironicamente, apesar do desenvolvimento exponencial da produção material capaz de virtualmente erradicar a fome no planeta, pelo menos metade da população mundial não possui uma alimentação adequada ou passa fome. No cotidiano, reproduz-se a miséria. A miséria do cotidiano. Por traz desse tênue equilíbrio da cotidianidade, há o desequilíbrio estrutural da sociedade capitalista.

Quando as pessoas, numa sociedade assim analisada, não podem mais continuar a viver sua cotidianidade, então começa uma revolução. Enquanto puderem viver o cotidiano, as antigas relações se reconstituem. (Ibidem, p. 34).

As relações de classes, evidentemente, partindo-se dessa lógica, também são reproduzidas. A contradição capital-trabalho é *reproduzida*. *Reproduz-se* a contradição entre as forças produtivas e as relações sociais de produção (propriedade). *Reproduz-se* a contradição entre produção social e apropriação privada. *Reproduz-se a luta de classe*, em algum nível, ainda que invertida em barbárie. A exploração é *reproduzida* mas atenuada pelas ideologias, pelas representações, pelos “lazer” do cotidiano. Enfim, as relações sociais, suas instituições, seus agentes e estratégias, o Estado, que transfigura num plano abstrato e homogêneo a desigualdade, são reproduzidas cotidianamente (diariamente). Paralelamente, o pulsar incontido da vida. O conflito entre o *não-apropriado* e o *apropriado*, que, em última análise, se opera no cotidiano, se mantém sob uma tensão insustentável. “A classe operária mergulha no cotidiano e com isso pode (ou poderia) negá-lo e transformá-lo. A burguesia, esta, faz arrumação do cotidiano e crê que pode escapar dele vivendo graças ao dinheiro perpétuo um ‘domingo da vida’. Mas é uma aspiração vã”. (Ibidem, p. 47). E aqui, o ponto central: o cotidiano *é e não é* o berço da revolução social. Enquanto *reprodução da miséria*, o cotidiano fomenta o aparecimento de virtualidades que apontam perspectivas, aberturas e saídas do próprio cotidiano. Todavia, enquanto *reprodução da miséria*, o cotidiano põe e repõe as categorias que giram a roda social de constrangimentos sistemáticos. É neste sentido que Lefebvre pôde fazer uma crítica dos projetos revolucionários que viam apenas um sentido positivo do cotidiano. A classe operária apenas caiu no equívoco de reafirmar as categorias, como a do *trabalho*, ao invés

de superá-las¹³⁵. O trabalho significa a anulação das potencialidades plenas humanas. É a colossal energia que transforma seres humanos em insetos sem alma: robôs.

A ruptura do cotidiano fazia parte da atividade revolucionária e sobretudo do romantismo revolucionário. Em seguida a revolução traiu a esperança, tornando-se igualmente cotidiana, instituição, burocracia, organização da economia, racionalidade produtivista (no sentido estreito do termo produção). (...) Onde exatamente situava-se a ingenuidade? Essa teoria do cotidiano associava-se talvez a um populismo, a um trabalhismo; ela exaltou a vida do povo, a vida da rua, das pessoas que sabem se divertir, se apaixonar, arriscar, dizer o que sente e o que fazem. Ela implicava ao mesmo tempo a obsessão do proletariado (a riqueza da profissão, do trabalho, dos liames de solidariedade no trabalho) e a obsessão filosófica, dissimulada sob a ambiguidade do “vivido”, sob o artificial e o inautêntico. (Ibidem, p. 44).

É neste sentido, que o fracasso do projeto revolucionário, de suas várias tendências, inclusive a do movimento operário, pode ser compreendido. A revolução socialista, em 1917, não rompeu o cotidiano. Ao contrário, o ratificou pelo Estado. Uma oligarquia (aristocrática) surgiu no seio do socialismo. No socialismo real, a formação de uma casta de tecnocratas e burocratas não escondia, tanto na propaganda política e ideológica, como também na política efetiva, a pretensão de transformar a sociedade numa *máquina* através de um planejamento cuidadoso. Transformar a alma da sociedade humana no *espírito da colmeia*. Na divisão do trabalho, cada peça exerce uma função. No entanto, são as classes médias que fornecem os quadros da burocracia estatal, e não o proletariado.

O papel e a contribuição histórica da classe operária se obscurecem com a sua ideologia. Surge uma nova mistificação: as classes médias não terão mais que uma sombra de poder, mais que uma migalha de riqueza, mas é em torno delas que o cenário se organiza. Seus “valores”, sua “cultura” levam vantagem ou parecem levar porque são “superiores” aos da classe operária. (Ibidem, p. 48).

A classe média suporta melhor o cotidiano, porque se beneficia de alguns dotes provenientes da dinâmica social. A miséria da classe média, entretanto, não é sua inerente

¹³⁵ Essa crítica é feita a pelo menos 30 anos antes de Kurz, como se lê na citação que se seguirá.

mediocridade (de estar sempre no meio termo), mas seu conformismo, seu conservadorismo. Por isso, seus valores moralistas e mesquinhos, geralmente ligados ao consumo; e sua questionável liberdade no plano do comportamento (liberalismo), que se tornam universais através do *modelo* a ser imitado. Seu ideal razoável de “sermos adultos” não é senão hipocrisia que esconde a banalização da violência. Esta mesma classe média que se alia à classe burguesa, aos poderosos. Mas a miséria da classe média e também da burguesia é a ilusão de que o dinheiro pode resolver tudo, inclusive, comprar “momentos” do *vir-a-ser*. Na ausência de um projeto de transformação social, novo ou revisto, fica difícil imaginar uma possibilidade de emancipação do cotidiano sob tais pressupostos.

Talvez aqui seja o momento para *definir* o *ser humano total*. E a resposta é de fato surpreendente. O ser humano total são estas mulheres e homens dos quais topamos todos os dias, ao sair na rua, ao entrar numa padaria, numa escola, num parque etc. É esta gente comum que conversa, brinca, joga dominó; e, às vezes, enche a cara de cachaça ou cerveja e, cambaleando, desaba nas sarjetas. É esta gente do povo, que como nós, passa por situações ridículas ou constrangedoras no dia a dia; e que, apesar de todas as coações, encontram momentos (recônditos) de felicidade (...). Enfim, são estes, o povão, mulheres e homens de todas as idades, o tal do ser humano total (o ser genérico) que tanto enfatizamos aqui. Surpresa? Espanto? Sem dúvida. Mas então qual é o projeto? Libertar-nos. Um projeto que estimule o desenvolvimento e a concretização das potencialidades criadoras (*poièsis*) de cada um de nós. Este projeto não é tarefa de um único conhecimento especializado, atribuído à educação ou pedagogia, por exemplo; mas da produção total, interdisciplinar e prática. Somente assim, a humanidade poderá escapar da auto-extinção, da catástrofe, e salvar a natureza e o planeta. E se nos for permitido imaginar (sonhar), uma possibilidade, dentre muitas, num futuro distante, daqui a bilhões e bilhões de anos quando o sol se tornar mais brilhante e mais brilhante, e nos obrigue a saltar de planeta em planeta, ou quando esta estrela se transformar numa gigante vermelha devastadora; imaginar uma viagem épica pelas as galáxias, por onde a humanidade, como na arca de Noé, se lançaria à procura de um novo sol! Podemos ainda especular: a construção de ultra-foguetes atômicos acoplados à Terra, capazes de viajar a velocidades inimagináveis, levando nosso planeta e a lua à reboque pelos quatro cantos do multiverso atravessado por buracos de minhoca, que são verdadeiros atalhos e labirintos das múltiplas dimensões que se chocam; ou mesmo,

numa outra hipótese, a desintegração instantânea do planeta Terra e sua reintegração na órbita de uma outra estrela, escolhida por acaso por crianças, reunidas numa noite estrelada (...). Enfim, não esperemos que a natureza se encarregue de criar o sobre-humano às custas da nova extinção em massa que se avizinha e marcará o fim da era geológica humana.

Hoje, somente os proletários, isto é, aqueles que nada têm (os ditos “sem”), são livres o bastante para empenhar esta formidável transformação social; mas o fardo é muitíssimo pesado, exige grandes sacrifícios. Não será demais?

Como se apresenta o niilismo (enfermidade) hoje? Como fetiche da mercadoria. Ao contrário do que se afirma, o fetiche da mercadoria não tem as mesmas características da religião. Ele não é formador, não estabelece valores ou condutas morais. O fetiche da mercadoria assemelha-se ao niilismo, pois tem como motor a concorrência caótica e sem finalidade da produção, o lucro pelo lucro. Neste contexto, as tais leis da concorrência são consideradas saudáveis, ainda que se constituam socialmente em um imoral darwinismo social. O ser humano é, como vimos, rebaixado à condição de força de trabalho, da mercadoria, da reprodução pura e simples, e submetido às leis da concorrência selvagem, em todos os níveis da vida. Perde-se todas as medidas por causa de dinheiro. Por exemplo, não foram os filósofos, mas as igrejas que mataram Deus e passaram a cultuar sem o menor cerimônia o *deus-dinheiro*, mesmo que isto a todo custo implique seguir cegamente seu cânone monetário: *odiar o próximo*. Pois o objetivo é tirar tudo, espoliar o outro. O dinheiro aproxima as pessoas e também as excluem. Os niilistas hoje afirmam a totalidade – absoluta – do fetiche moderno e da dissociação, ao qual anularia o caráter transformador de toda e qualquer diferença, declarando que uma reação ou resistência nada mais faz do que afirmar as categorias fetichistas, portanto, tudo é *em vão*! Como ascetas, renunciam à vida e entregam-se à prática teórica (economicista, abstrata, idealista), para glorificar o todo poderoso *sujeito-automático* (o capital). Arrogantes, senão resignados, são como escravos

que renunciam o mundo e abstêm-se de qualquer iniciativa de mudança (desde que seus interesses não estejam em jogo). Estes fatalistas, indiferentes aos conflitos reais do vivido, insensíveis à dor humana, porque se retiram do mundo, habitando cavernas, esperam um dia o céu desabar em mil pedaços. Estes niilistas nada têm a acrescentar. Não merecem mais consideração, e talvez mesmo, nem a nossa amizade. Ao contrário, os revolucionários ousam lutar, ousam vencer, ousam mudar, porque, caso contrário, amargarão eternamente a mais vil e indigna servidão!

Representações

Lefebvre é desses pensadores que, desde Hegel e Marx, Schopenhauer e Nietzsche, Georg Simmel e Émile Durkheim, compreendem *o conceito de representação* enquanto conceito fundamental na dinâmica social. O mundo *representado* é um espelho, o Véu de Maya, isto é, um nevoeiro de ilusões.

Se introduzimos na exposição de uma noção termos como “opacidade” ou “transparência” (de uma sociedade), podemos se acusados de substituir definições científicas por imagens. Contudo, essas “imagens” se encontram em Marx e possuem para ele e em seu pensamento um alcance científico. São elementos de conhecimento. Transparência quer dizer *presença* e se distingue da *representação*, até se opor a ela. (LEFEBVRE, 1968, p. 43).

Segundo Lefebvre,

Em estruturas sociais e modos de produções determinados, as *praxis* sociais produzem *representações*. Essas representações aumentam ou diminuem a falta de transparência de uma sociedade. Elas esclarecem com uma falsa transparência, ora mergulham-na na penumbra e nas trevas em nome doutrina ainda mais obscura que a realidade da qual surgiu. A realidade social, isto é, os homens e os grupos humanos em suas interações, produz *aparências*, que são algo além e diverso de ilusões sem consistência. Elas têm, pois, mais consistência ou, pelo menos, mais coerência que as simples ilusões ou vulgares mentiras. (ibidem, p. 44).

Ora, como vimos no espelho, isto é, na re-presentação, a superfície do *cogito* cartesiano ou consciência-de-si suprime o corpo e só se realiza nesta supressão. Este processo metonímico possui efeitos práticos. As representações têm um “poder” de organizar de modo coerente ou coeso as práticas sociais. Representações que, na verdade, podem trazer ainda mais mistificações do que transparência, mas nem por isso são vazias de sentido social. Neste sentido, a forma coerente desligada plenamente de seu conteúdo suscita ilusões, que não são meras ficções, haja vista que podem organizar toda uma realidade concreta e social sob uma determinação lógica (formal). Mas não são categorias da consciência. São, aliás, construções históricas. Por exemplo – para retomarmos a discussão sobre *sujeito* – o sujeito, reflexo num *espelho côncavo* dos indivíduos viventes – o sujeito é apenas uma superfície, uma redução dos indivíduos a uma forma: o pensamento racional. O sujeito pode ser uma re-presentação necessária para uma atuação efetiva, no âmbito de instâncias restritas, de ordem pública, jurídica ou política, que dilui praticamente, pela representação, o indivíduo real. Ora, mas, como vimos acima, o corpo, unidade material, carnal, dos indivíduos, não pode ser diminuído plenamente a esta superfície. *O sujeito é uma máscara*; ilusão oriunda da forma contratual que atenua as diferenças pela equivalência. Por isso, a realização formal das liberdades e direitos individuais implicarem numa inversão concreta manifesta no dever e na ausência total de liberdade. Neste sentido, o direito parte da premissa absurda – hipérbole do sujeito, espelho convexo – de que “a ninguém é dado o direito de desconhecer as leis”. Os códigos legais, entretanto, são um sistema de normas sujeitas à interpretação de um grupo seleto de expertos, e são inacessíveis a grande maioria (muitas vezes composta de analfabetos ou analfabetos funcionais). Esta premissa supõe um mundo habitado por advogados. Ou melhor, um mundo *representado* por advogados. Até que uma dada situação seja avaliada por alguns peritos das leis, ela não existe, senão como ilegalidade, ou possibilidade de delito. *O que está fora dos autos não está no mundo*. O que pressupõe e mesmo autoriza que o mundo fora dos autos seja um mundo onde tudo é permitido. À justiça, é incumbido o papel de corrigir os seus excessos. Mas ela não é imparcial. Recordemo-nos da parábola do camponês que procura a justiça mas jamais é atendido porque a justiça foi feita tão somente para ele. É em nome da clareza do sujeito que um mundo obscuro, a penumbra da lei,

determina o veredicto das sentenças. E depois de passar pelo exame racional e o aval da “sociedade”, o emprego da violência se justifica plenamente.

Neste sentido, a forma mercadoria é um exemplo notável de forma coerente e hegemônica na sociedade moderna. Não é difícil compreender o conceito de mercadoria. Como já se disse muitas vezes, a mercadoria é valor de troca e valor de uso. Valor de troca quando ela é trocada por outra mercadoria (o dinheiro). Valor de uso quando ela é consumida. A partir disso, a mercadoria vai mediar todas as relações sociais. Os capitalistas *compram* força de trabalho para ser empregada na produção e *vendem* produtos do trabalho. Os trabalhadores vendem sua força de trabalho (mercadoria) e compram meios de subsistência para se reproduzirem enquanto trabalhadores. Insistimos nesse ponto. Porém, graças a essa forma cristalina, efetiva-se socialmente uma obscura relação, a exploração do trabalhador, a mais-valia.

A mercadoria, frente à reflexão analítica, é uma forma pura, logo uma transparência. Na realidade prática e vivida ela é, ao contrário, opacidade e causa de opacidade. A própria existência da mercadoria é algo de estranho, tanto mais estranho e singular quanto homens não percebem essa singularidade. (...) Ela possui um caráter místico: somente existe devido aos seres humanos, pesa sobre suas relações e ainda os conduz ao caminho da coisa (abstrata). (ibidem, pp. 44 e 45).

Pois bem, tomemos o que foi dito até agora. Uma capacidade potencial do corpo, o trabalho, engendra um “mundo”. Este “mundo” é uma exteriorização do próprio corpo. É também uma re-representação: uma instância entre a presença (cidade) e ausência (natureza). A representação é mais potente que a de ideologia, pois não é superestrutura, mas a própria realidade, repleta de significados nem sempre visíveis nem sempre conhecidos. Estas representações *projetam-se* no solo, no terreno, isto é, no *espaço*. A representação não é uma ideia, um conceito, uma categoria, ela é real: por exemplo, uma pintura em um quadro; os *Girassóis* de Van Gogh. O quadro é uma presença; e os girassóis, uma ausência. A obra: talvez, os tormentos de um gênio; quem sabe, por causa do amor não correspondido, de sua Rachel. Não é dispêndio de energia humana que sai e se esvai. É a realidade que é moldada. É o gênio que é não ele-indivíduo, mas a sua obra.

A forma mercadoria também se realiza socialmente no *chão* da fábrica, na esteira da linha de montagem; nos trabalhadores trabalhando, nos gestores fiscalizando. Outras representações ordenam e estabelecem lugares onde se efetivam mediações sociais: no balcão de atendimento, nas salas de reunião, nas escolas, etc. Podendo assim o espaço ser encoberto por uma névoa ou o próprio espaço tornar-se uma névoa, que encobre, organiza e estrutura a realidade social e natural. Assim, Lefebvre define a produção do espaço: “O espaço social é múltiplo: abstrato e prático, imediato e mediato” (LEFEBVRE, 2003, Cap. IV, par. 104, p. 26).

Dito isso, é possível discernir três níveis da prática espacial: o *vivido*, o *percebido* e o *concebido*. A prática espacial é então permeada por representações que funcionam como um espelho. Se levarmos em conta o que foi dito até agora, o mundo como uma soma descomunal de forças caóticas, e a prática social enquanto “organizadora” dessas forças – num sentido de *apropriação, produção e dominação da natureza* – então *a cidade* aparece, como já foi dito antes, como a primeira grande *obra* das sociedades humanas em relação à natureza, seu espelho no mundo, *segunda natureza*. (O campo ainda seria determinado ainda pelas intempéries e contingências da natureza). É neste sentido que Lefebvre pôde formular três grandes etapas históricas: a *sociedade agrária* (ante-histórica), *industrial* (histórica) e *urbana* (pós-histórica)¹³⁶. Ou ainda um desenvolvimento espacial, no Ocidente, que pode ser caracterizado e distinguido em *espaço absoluto*; *espaço histórico-espaço abstrato*; e *produção do espaço*. Grosso modo, interpretamos tais etapas, salvo engano, como mega-estruturas, que se interpenetram, sem se negarem completamente e sem demarcações rígidas, em termos de datas ou evento histórico, e que tentaremos definir da seguinte maneira:

Do espaço absoluto – religioso e político –, só diremos que a ênfase recai sobre o corpo e o vivido, o tempo cíclico, sem distinção entre o público e o privado¹³⁷. A Cidade

¹³⁶ a) *Período agrário*: vitalidade densa, dura e espontânea; o desejo, mal definido e não diferenciado, mas forte; b) *Período industrial*: mutação do desejo em necessidades classificadas e catalogadas, manipuladas, submetidas a uma prática homogeneizada em contradição a diversidade, donde um profundo mal-estar; c) *Período urbano*: restituição do desejo, reposição da realidade e da separação das necessidades (esquema naturalista), não aquém do individualismo (esquema naturalista), mas para além, ou seja, reconhecimento da diversidade (da diferença) dos desejos na unidade do desejo. A “corporeidade” suplanta simultaneamente a ontologia e a história! (LEFEBVRE, *Fim da história*, 1971, pp. 286 e 287).

¹³⁷ As sociedades *ante-históricas* (o que não coincide nem com as sociedades ditas arcaicas, ou pré-históricas, ou sem escrita). Nestas sociedades, um conjunto de símbolos traduzem particularidades originais e designações, que os distinguem. Assim, o sol, a fonte, o poço, a noite, a flor, o caminho, etc. Estes símbolos

Antiga e o *mundus* romano. Tudo é, ao mesmo tempo, simbólico e prático, imediato e abstrato. Seguindo a influência nietzschiana, interpretamos este espaço por excelência – “no início era o Topos” –, ao da Grécia pré-socrática, e ao culto de Dioniso.

Um pouco por toda parte, em todas as sociedades, o espaço absoluto se carrega de sentidos que pelas ameaças, pelas sanções, pelas emoções sempre postas à prova, não se dirigem ao intelecto, mas aos corpos. Esse espaço “vivido” e não concebido, espaço de representação mais que representa do espaço; desde que ele se concebe, seu prestígio se atenua e desaparece. (Ibidem, Cap. IV, par. 21, p. 5).

O espaço histórico tem por fundo o desenvolvimento do comércio, da mercadoria, ou melhor, da generalização das trocas, a invenção de códigos, da lógica e do direito¹³⁸:

O caráter nefasto da mercadoria e a abjeção do dinheiro se manifestam apenas mais tarde. (...). No momento em que nós falamos, a “coisa” trocável, o objeto produzido para a venda, ainda raro, tem uma função libertadora. Ele dessacraliza. (Ibidem, Cap. IV, par. 100, pp. 24 e 25).

O dinheiro e a mercadoria, ainda “in statu nascendi” não forneciam somente uma “cultura”, mas um espaço. (Ibidem, Cap. IV, par. 101, pp. 24 e 25).

não formam um sistema, ou seja um grupo ou conjunto coerente de termos estritamente dependentes uns dos outros. Contudo não estão isolados. Compõem uma espécie de grelha inicial, de topologia fundamental, ligada ao período agrário, à vida camponesa, aos ciclos da natureza. Esta grelha exprime simultaneamente a “natureza” e a vida humana, a ordem cósmica e a ordem social, as paixões e ações, os sentimentos e os pensamentos. A este título, ela fornece uma primeira decifração do “ser” (natural, originário e original); alguns fariam até dum “código do ser” (e duma decodificação). A este último, portanto, os símbolos têm uma longa duração, e não perderam o seu sentido no decurso do período histórico. Ao lado do conjunto simbólico inicial existem subcódigos, o da magia e o da religião, da família, da honra, etc. A continuidade domina e o tempo cai fora da consciência, fora do pensamento nascente. (Ibidem, pp. 268 e 269).

¹³⁸ As sociedades *históricas* desembaraçam-se dos símbolos e rupturas. Por meio, portanto, da descontinuidade. A filosofia e a sua associada, a história, atribuem a si próprias um papel considerável, que rivaliza com as grandes ações guerreiras e as lutas revolucionárias. O tempo vem ao centro da consciência, torna-se referencial a todos os níveis (econômico, estético, moral, etc.). É um tempo homogêneo. Há tendência para a constituição dum código geral (o da troca contratual: de bens, de mercadorias, de pessoas). Tendência portanto para a identificação. Todavia constituem-se e instituem-se (contribuem para modelar e consolidar instituições) subsistemas de decisões, de condutas, de “valores”. Este período e a prática correspondente (industrial) devastam a natureza e as particularidades naturais, e isto do mesmo em toda a parte, tendendo assim para a homogeneidade, resultado duma história unitária. A natureza, destruída, desaparece até exigir ser re-produzida (incluindo o ar, a água, a luz). Esta destruição da natureza, assim como a contradição entre a homogeneização e as diversidades, atinge o seu paroxismo aquando da saída da história, período de transição. (Ibidem, p. 269).

No século XIV, esse espaço enfim conhecido e reconhecido, portanto representado como tal, dará lugar a cidades simbólicas: fundadas para o comércio, nas regiões ainda exclusivamente agropastoris, portanto sem comércio. (Ibidem, Cap. IV, par. 102, p. 25).

O espaço que se instaura por diversos meios, violentos ou não, ao longo da Idade Média, se define como um espaço de trocas e de comunicações, portanto de redes. Esta rede é apenas o duplo físico e o espelho da natureza abstrata e contratual que religa os “trocadores” de produtos e de dinheiro. (Ibidem, Cap. IV, par. 103, p. 25).

A passagem do capitalismo comercial ao industrial e a formação do Estado moderno constituem o *espaço abstrato*. O econômico fará implodir a cidade, que, no entanto, conserva-se como centro. Espaço que tende ao homogêneo sem, contudo, suprimir as contradições.

Do século XII ao XIX, as guerras girarão em torno da acumulação. (Ibidem, Cap. IV, par. 129, p. 31).

A indústria estabelecer-se-á no espaço onde as tradições dos campos terão sido varridas, onde as instituições urbanas terão sido arruinadas pelas guerras (...). Neste espaço se amontoam as riquezas das rapinas e pilhagens. Tal é o espaço industrial estatista. (Ibidem, Cap. IV, par. 130, p. 31).

Resumamos: antes do capitalismo, a violência tem um papel extra-econômico. Com o capitalismo e o mercado mundial, a violência assume um papel econômico na acumulação. (Ibidem, Cap. IV, par. 102, p. 32).

Inspirando-se em Marx, muitos historiadores procuram uma explicação econômica dessas violências; eles projetaram sobre o passado um esquema posterior, aceitável para o período imperialista. (...) Eles não compreenderam bem o pensamento de Marx, a saber, que o histórico domina com suas categorias durante um certo período, depois se subordina ao econômico no século XIX. (Ibidem, Cap. IV, par. 102, p. 32).

Papel da violência na acumulação capitalista, a guerra e os exércitos como forças produtivas. (...) O que a guerra produz? A Europa ocidental, espaço da história, da

acumulação, do investimento, base do imperialismo no qual o econômico triunfa. .
(Ibidem, Cap. IV, par. 133, p. 32).

Evidentemente, que a ideologia nestes termos ganha muito mais potência, pois, diz respeito a uma prática concreta, aparentemente inócua, mas que qualifica os espaços dando sentidos e significados diversos, além de ordenamento, hierarquia e organizando a prática social, através dos gestos, de símbolos, signos, sinais e abstrações, códigos, instituições, nos monumentos, nas edificações, na fachada, nas construções, nos projetos, na cidade, que têm por fim a segregação.

Portanto, em relação a esta periodização do espaço social, é possível distinguir três níveis articulados que se entrecruzam dialeticamente, descritos abaixo:

“a) A prática espacial, que engloba produção e reprodução, lugares especificados e conjuntos espaciais próprios a cada formação social, que assegura a continuidade numa reativa coesão. Essa coesão implica, no que concerne ao espaço social e à relação de cada membro de determinada sociedade com o seu espaço, ao mesmo tempo uma competência certa e uma certa performance.

“b) As representações do espaço, ligadas às relações de produção, à ‘ordem’ que elas impõem e, desse modo, ligadas aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, às relações ‘frontais’

“c) Os espaços de representação, apresentando (com ou sem código) simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que eventualmente se poderia definir não como código do espaço, mas código dos espaços de representações” (LEFEBVRE, 2000, cap. I, pars. 82-84, p. 31).

A prática espacial ou *espaço percebido* diz respeito a modos de apropriação pela sociedade da natureza, o que implica produção e reprodução. É o sentido da *praxis* social, que transforma, ordena e constitui um certo espaço. Determinada *organização social*, não dissociada de um modo de produção, reflete-se no *terreno* transcrevendo sentidos e significados percebidos sensivelmente. “a) *A prática espacial* de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade é descoberta decifrando seu espaço” (ibidem, cap. 1, par. 98, p. 34). A prática espacial articula os dois outros níveis: espaços de representação e representação de espaços. Na

prática espacial, espaços são *representados* de diversas formas, reflexos de determinada atividade humana em relação a natureza (caos). Nas sociedades agrárias, há predomínio dos espaços de representação. *O sol, a fonte, o poço, a noite, a flor, o caminho*, mas também a pintura, escultura, poesia, a prosa. É o lado obscuro, oculto, do corpo propriamente dito. O espaço de representação pertence à esfera do *vivido*, do imediatamente sensível. O espaço tem um significado social, afetivo, que determina práticas sociais:

Os espaços de representação, ou seja, o espaço *vivido* através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto espaço dos ‘habitantes’, dos ‘usadores’, mas também de certos artistas e talvez dos que *descrevem* e acreditam somente descrever: os escritores, os filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, submetido, que a imaginação tenta modificar e apropriar. De modo que esses espaços de representação tenderiam (feitas as mesmas reservas precedentes) para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais. (ibidem, cap. I, pars. 98, 99, 100 e 101, pp. 34 e 35).

As representações de espaços ou o espaço concebido, de modo abstrato e aparentemente vazio, caracteriza de modo geral o espaço histórico e pode sair da prancheta de um arquiteto ou de um urbanista ou de um programa de computador etc. O que não caracteriza uma prática isenta (ingênua) ou imparcial mas, ao contrário, pode significar a segregação das classes sociais. Verdadeira *ideologia concreta*. Por exemplo, as políticas de reurbanização dos centros das cidades ou projetos arquitetônicos do mesmo teor, que se viabilizam pela execução de projetos, que saem da cabeça de um especialista, imerso num contexto específico do qual nem mesmo ele tem consciência (ou tem), implicam em remanejamentos habitacionais e despejos, às vezes, de comunidades inteiras. Assim, o trator, a ordem judicial, o aparato policial, o sofrimento de famílias jogadas ao relento, estão implícitos num inocente desenho arquitetônico de beleza magnífica, etc.

As representações do espaço, ou seja, o espaço concebido, aquele dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas ‘retalhadores’ e ‘agenciadores’, de certos artistas próximos da cientificidade, identificando o vivido e o percebido ao concebido (o que perpetua as sábias especulações sobre os Números: o número de ouro, os módulos e ‘canons’). É o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas reservas sobre as

quais será preciso retornar) para um sistema de signos verbais, portanto elaborados intelectualmente. (ibidem, cap. 1, par. 100, p. 34).

Aqui é necessário fazer uma observação. Para Nietzsche, não existe *verdade*, ou melhor, a verdade, isto é, o caos sem sentido e objetivo, o niilismo, é tão insuportável que num dado momento o filósofo alemão acreditou que a arte – de certa forma, *o erro* – poderia tornar a vida mais tolerável e num outro momento defendeu um *niilismo ativo*, isto é, um dionisíaco dizer *sim* à vida (o *niilismo passivo* diria *não*). E para Lefebvre, o que é a verdade? Segundo nossa interpretação, a *verdade* é o obscuro, o corpo e suas pulsões, que se opõem à transparência (erro). Ora, seguindo o método dialético, de Hegel a Marx, do erro como um momento da verdade, e mesmo das concepções de Nietzsche, sobre o erro como verdade, Lefebvre desenvolveu sua perspectiva metodológica e dialética¹³⁹. Neste sentido, quanto mais transparente um determinado fenômeno – a forma: o mundo da mercadoria –, mais falso é, e, por outro lado, mais obscuro o mundo por detrás. Todavia, essa falsidade é um momento da verdade. Diz respeito a um conteúdo concreto. Momento necessário para se chegar a uma verdade mais completa. Noutras palavras, a forma pura clama por um conteúdo; ela mesma uma abstração do corpo. Deste modo, o conhecimento deve apreender o movimento que vai do erro à verdade e vice-versa. Como vimos, através da prática a análise destaca/separa da realidade uma forma, coerente: *a identidade*. A identidade é uma redução ao *nada* (A é A): o “ser” – “é” – termo genérico que diz respeito a tudo e por isso é vazio de determinações. Este *nada*, enquanto forma, é o poder do *negativo* (análise), do abstrato: organiza, estrutura, isola. Todavia, esse *nada* conhecido não informa mais do que *nada*, ou seja, exige um *conteúdo* (contradição) que a análise inicialmente isolou. Este conteúdo concreto *nega a negação* da identidade; ao retorna-se ao concreto. Ou seja, a identidade implica a diferença por ela mesma gerada, indicada. Através da diferença, a contradição é reabilitada no seio da própria lógica formal, todavia, já é dialética, pois a diferença se descobre no conteúdo. A verdade é sempre provisória e está sujeita ao devir.

¹³⁹ À oposição formal e estéril de verdadeiro e falso, convém substituir uma concepção mais flexível. Verdade e erro estão em interação *dialética*. Convertem-se um no outro. Transformam-se. É por isso que podemos conquistar novas verdades e tender para a verdade objetiva, através de verdades parciais e aproximativas, através dos erros momentâneos. (LEFEBVRE, 1995, p. 97).

Neste sentido, o conceito de representação não é simplesmente negativo, diz sobre um conteúdo e uma prática social, passível de serem descobertos e conhecidos através de e pelas representações, a partir de um movimento dialético. Neste sentido, a representação pode ser um referencial a ser superado pela *praxis revolucionária* e a razão dialética na produção de um novo espaço.

É a partir da *praxis* revolucionária consciente que o pensamento e a ação se articulam dialeticamente, e que o conhecimento “reflete” a *praxis*, isto é, se constitui como reflexão sobre a *praxis*. Até essa data, o conhecimento tinha por princípio não “refletir” o real, isto é, a *práxis*, porém transpô-lo, mutilá-lo, misturá-lo às ilusões; tinha por princípio ser uma ideologia. (LEFEBRE, 1968, pp. 62 e 63).

Retomando o que foi dito até agora, o fracasso de uma ciência da História, que criava um abismo entre a razão na história e a *praxis* revolucionária, sugere uma saída da história (o que não quer dizer que não haverá história, devir, dialética) pela sociedade urbana. É possível, a partir daí, sondar novas possibilidades categoriais. A coerência formal, por exemplo, de um projeto urbanístico impecável, elaborado por uma equipe de especialistas, arquitetos, urbanistas, geógrafos, engenheiros, advogados etc., implica numa ação efetiva sobre um conteúdo social (por exemplo, a reurbanização do centro ou de algum bairro de uma cidade). A coerência formal do projeto urbano, uma representação de espaço, tenta plasmar uma homogeneidade do pensamento racional (formal) numa realidade dada. Resulta que esta representação posta em prática arrasa as diferenças reais, seus conteúdos. O espaço abstrato, elaborado, planejado, não pode se implantar sem engendrar diferenças novas e resistências¹⁴⁰; pois o espaço homogêneo visa refletir artificialmente (como num espelho) o espaço diferencial, que, paradoxalmente, é ocultado, omitido e suprimido. Desde Platão, a alienação do corpo dá lugar ao mundo das ideias. No

¹⁴⁰ Na nossa dissertação de mestrado *Ocupar e resistir: problemas da habitação no centro pós-moderno (SP)* (2006), cogitamos a hipótese do m2 (espaço concebido), como a medida mínima espacial correspondendo a um valor em relação à paisagem (espaço percebido), enquanto mercadoria – valor de uso e valor de troca. Faltava um *terceiro termo*, que pudemos identificar pelo lugar: o *habitar*, os espaços de representação (o espaço vivido): resistência!

capitalismo, o espaço abstrato se realiza, de modo fetichista, como *produção de coisas no espaço*. Porém, na sociedade urbana, há uma possibilidade da produção de um novo espaço, tendo por referencial os ritmos do corpo e o tempo cíclico. Neste sentido, as representações ganham um novo sentido; por exemplo, a poesia deixa de ser um ofício de alguns seletos escritores e se generaliza na rua, através da criação pelo vivido, *poièsis* (nada a ver com o *grafite*, instituição da pichação; esta sim, mais próxima da verdadeira arte). Portanto, a prática espacial torna-se revolucionária quando: desloca a produção do espaço para seu *ponto de partida*: o corpo.

O espaço inteiro (social) procede do corpo, mesmo se ele o metamorfosea até o esquecer, mesmo se dele se separa até o matar. A origem da ordem distante só pode se expor a partir da ordem próxima, esta do corpo. No próprio corpo, considerado espacialmente, as camadas sucessivas dos sentidos (do olfato à visão, considerados como diferenças em um campo diferencial) prefiguram, anunciam as camadas do espaço social e suas conexões. O corpo passivo (os sentidos) e o corpo ativo (o trabalho) se conjugam no espaço. A análise dos ritmos deve servir. É necessário e inevitável. Restituição do corpo total. (LEFEBVRE, 2008, Cap. VII, par.12, p. 3). (...) A filosofia ocidental traiu o corpo; ela contribuiu ativamente à grande metaforização que abandona o corpo; ela o rejeitou. O corpo vivo estando às vezes “sujeito” e “objeto” não suporta a separação dos conceitos, e os conceitos filosóficos fazem parte dos signos do não-corpo. Sempre existiu algum projeto visando reduzir o exterior ao interior, o social ao mental, por uma engenhosa topologia. Em vão! Em contrapartida, na razão do Estado, promovida pela filosofia hegeliana no patamar supremo, o saber e o poder contraem uma aliança sólida, legitimada. (Ibidem, Cap. VII, par. P. 4).

Assim, a produção do espaço como saída da história, na sociedade urbana, envolve um projeto revolucionário similar ao que nos séculos XIX e XX se concebia pelo termo *socialismo*. Tendo em vista sempre a produção num sentido amplo, e todas as implicações que já foram mencionadas, como o fim do trabalho e das alienações etc. O retorno ao corpo e a apropriação sintonizada aos ritmos da natureza põem fim a representações surgidas de práticas limitadas à produção em sentido restrito: a propriedade privada e o Estado. Na sociedade urbana ou no “urbano”, já se encontram latentes todas estas virtualidades.

Portanto, é no *urbano* e no cotidiano que foi lançado a semente da transformação. É neste sentido que podemos compreender este parágrafo:

Pode-se falar ainda de um período transitório entre o modo de produção de coisas no espaço e do modo de produção do espaço. A produção de coisas foi promovida pelo capitalismo, dominada pela burguesia e por sua obra política: o Estado. A produção do espaço conduz a outras condições, dentre as quais a decadência da propriedade privada do espaço e simultaneamente do Estado político, dominador do espaço. É o que implica a passagem da dominação à apropriação e o primado do uso sobre a troca (a decadência do valor de troca). Se isto não ocorre o pior acontecerá. É o que mostra alguns “cenários do inaceitável” estabelecidos pelos prospectivistas. Somente a noção da passagem conflituosa de uma produção (das coisas) a um outro (do espaço) permite manter a tese marxista que atribui uma importância fundamental às forças produtivistas, liberando-a do produtivismo, aliviando-a do dogmatismo do crescimento (quantitativo). (Ibidem, Cap. VII, par. 28. p. 6).

A sociedade urbana

Aqui é o momento de recapitularmos em linhas gerais os argumentos defendidos até agora e todo percurso trilhado por nós, pois, a cada passo, chegamos mais e mais próximos do *abismo*; aliás, cada vez mais perto. Em nosso ponto de partida, partiu-se do pressuposto já vislumbrado por Marx de um mundo tomado plenamente pela forma social da mercadoria, ou do fetiche da mercadoria. Assim, a antiga *historicidade* é substituída por uma *razão econômica*. Tentamos demonstrar que essa *racionalidade* não passava de uma peneira, e que tal racionalidade, a *forma coerente* da mercadoria, implicava um conteúdo antagônico e dialético, engendrando contradições irreduzíveis ao sistema, no processo de reprodução das relações sociais de produção, no espaço da cotidianidade.

No centro, designado aqui e alhures, encontra-se a *re-produção das relações de produção*, processo que se desenrola sob os olhos de cada um, que se realiza em cada atividade social, inclusive naquelas aparentemente mais indiferentes (os lazeres, a vida cotidiana, o habitar e o habitat, a utilização do espaço), e que ainda não foi objeto de um estudo global. Inerente à prática social, esse processo não era percebido como tal. (LEFEBVRE, 2008, pp. 20 e 21).

De fato, seria bastante simplista reduzir toda a sociedade a uma *razão econômica*, pois, não só o papel das ideologias é extremamente relevante para se entender a dinâmica social, como o das representações, de uma psicologia de classes e dos indivíduos, e também do papel decisivo da moral (de senhores e escravos)¹⁴¹ etc. Ora, a reprodução das relações de produção remete a uma organização do espaço de acordo com os pressupostos econômicos do capitalismo via ação burocrática do Estado. Sem dúvida, o espaço, a natureza, subsumida à lógica da mercadoria, da compra e venda, fragmenta-se sob a égide abstrata do valor (os loteamentos, a propriedade, o metro quadrado, o dinheiro etc.), o que suscita diferenças imprevisíveis. Em contrapartida, o desenvolvimento inaudito do processo

¹⁴¹ É um grande erro supor uma inerência das categorias econômicas à complexidade das relações sociais e individuais. Esse foi o erro do marxismo vulgar, o desprezo pelas contradições de todas as esferas humanas quando se visava o socialismo e o comunismo. De repente, as categorias econômicas ganharam mais relevância que os seres humanos, o que na verdade só ratificava teoricamente o fetiche. Como explicar, entretanto, o conservadorismo moral em sociedades muito pobres e arcaísmos (clientelismo) em sociedades modernas. Pela alienação, sem dúvida. Mas não a alienação enquanto falsa consciência apenas. Alienação, no sentido discutido até aqui, como não realização das possibilidades humanas.

produtivo e da produção em escala jamais vista, superando de longe as limitações naturais e sociais de períodos históricos precedentes, repõe a contradição fundamental entre produção social e apropriação privada, ao invés de diluí-la. Neste sentido, o da produção do espaço inteiro (cidade-campo) e do cotidiano, o capitalismo paradoxalmente restabelece e atualiza categorias pré-modernas, como a *propriedade privada do solo* e a *cidade*, que lhe se tornam imprescindíveis e essenciais na dinâmica e manutenção do sistema econômico. O que não ocorre sem engendrar novas contradições.

Houve crescimento das forças produtivas às custas da destruição de uma parte delas (da “natureza” e pelas guerras). O capitalismo se estendeu subordinando a si o que lhe preexistia: agricultura, solo e subsolo, domínio edificado e realidades urbanas de origem histórica. Do mesmo modo, ele se estendeu constituindo setores novos, comercializados, industrializados: os lazers, a cultura e a arte dita “moderna”, a urbanização. Entre essas extensões existem, ao mesmo tempo, concordâncias e divergências, unidade com contradições (novas, a esclarecer). Portanto, *o capitalismo só se manteve estendendo-se ao espaço inteiro* (transbordando dos lugares de seu nascimento, de seu crescimento, de sua potência: as unidades de produção, as empresas, as formas nacionais e supranacionais). (Ibidem, p. 117).

Deste modo, se antes a ênfase recaía na produção de coisas *no* espaço (capitalismo concorrencial), hoje se *produz o próprio espaço* (fato que não suprime a produção de coisas; *o espaço enquanto coisa*). A *produção do espaço*, tendo como marco as escolas utópicas de arquitetura e urbanismo do início do século XX, não significa outra coisa que a possibilidade concreta de se *produzir a própria natureza*¹⁴². O que, como já se assinalou,

¹⁴² Uma região da terra, em contrapartida, é desafiada por causa da demanda de carvão e minérios. A riqueza da terra desabriga-se agora como reserva mineral de carvão, o solo como espaço de depósitos minerais. Do outro modo se mostrava o campo que o camponês antigamente preparava, onde preparar significava: cuidar e guardar. O fazer do camponês não desafia o solo do campo. Ao semear a semente, ele entrega a semeadura às forças do crescimento e protege seu desenvolvimento. Entretanto, também a preparação do campo entrou na esteira de um tipo de preparação diferente, um tipo que *põe <stelt>* a natureza. Esta preparação põe a natureza no sentido do desafio. O campo é agora uma indústria de alimentação motorizada. O ar é post para o fornecimento de nitrogênio, para o fornecimento de urânio, este para a produção de energia atômica, que pode ser associada ao emprego pacífico ou à destruição. (...) A central hidroelétrica está posta no rio Reno. Ela coloca *<sellt>* o Reno em função da pressão de suas águas fazendo com que, desse modo, girem as turbinas, cujo girar faz funcionar aquelas máquinas que gerem a energia elétrica, para a qual estão preparadas as centrais interurbanas e sua rede de energia destinada à transmissão de energia. No âmbito dessas consequências engrenadas de encomenda de energia elétrica aparece também o rio Reno como algo

subentende o desenvolvimento ímpar das forças produtivas e das técnicas, das ciências, tecnologias, materiais etc. Portanto, não é mais simplesmente a ocupação do espaço – *modalidades de ocupação do espaço* – o que está em jogo aqui, mas, em última análise, a criação da possibilidade de controle do destino e sentido das forças caóticas da natureza.

Efetivamente, um salto das forças produtivas permite produzir espaço. Essa produção pode recorrer a todas as técnicas e todas as ciências, as que captam e utilizam energias massivas e as que estudam ou utilizam energias finas (informática, cibernética). Esse é o reverso e a contrapartida da destruição da natureza: a produção do espaço. (Ibidem, p. 141).

Sendo assim, dadas estas condições presentes e reais, é possível discernir virtualidades que podem ou não se concretizar (pontos de bifurcação), em direção a um cenário que realiza plenamente a liberdade ilimitada do ser genérico, nos termos já discutidos nesta pesquisa, ou, inversamente, numa realidade de novos constrangimentos e coações. O que sugere a contradição do possível-impossível, da utopia e da realidade, da *transição* para um *novo modo de produção* – o do espaço. Portanto, a questão é: por que estas virtualidades não se realizaram até agora no sentido da liberdade, mas, ao contrário, reafirmam as contradições já existentes ou novas e a própria destruição total e irreversível da natureza? Retomemos o que foi dito logo acima. A resposta: porque permanecem intactas as relações de produção, notadamente, catalisadas pela propriedade privada e pelo Estado. Neste sentido, a produção do espaço, assim como a da mercadoria, seguindo a mesma lógica desta, contém e dissimula relações sociais (*produção*, e é preciso lembrar, no seu sentido restrito, econômico), a saber, da exploração e do lucro. Tais relações emperram a produção do espaço em seu sentido pleno. Daí que categorias arcaicas, como a propriedade privada do solo, tornarem-se centrais numa economia em permanente crise – o imobiliário tornado *mobilizado* (na forma do dinheiro): a produção do espaço respondendo e “resolvendo” as contradições inerentes do capitalismo, como a baixa tendencial da taxa de lucro etc. A propriedade e a indústria da construção – anteriormente ramo secundário da

encomendado. A central hidroelétrica não está construída no rio Reno como a antiga ponte de madeira, que há séculos une uma margem à outra. Pelo contrário, é o rio que está construído na central elétrica. Ele é o que ele agora é como rio; a saber, a partir da essência da central elétrica, o rio que tem a pressão da água. (HEIDEGGER, 2007, pp. 380 e 381).

produção capitalista – tornam-se vitais para o funcionamento dessa economia. Por isso, nos termos daquilo que Lefebvre chamou de *economia política do espaço*, o mercado da habitação se generaliza; pois, como é demais conhecido, o setor da construção ainda agrega muito capital variável, sob forma de mão-de-obra barata e desqualificada. O mesmo princípio se aplica também para os aparelhos urbanísticos em geral, onde há baixa composição orgânica de capital, como se podem observar, por exemplo, no transporte, na elaboração e manutenção das vias, na energia etc., tornando os investimentos viáveis do ponto de vista do capital. Ainda que a obsolescência dos produtos imobiliários seja bastante lenta, sua rentabilidade, todavia, estimula o inchaço das cidades¹⁴³. Assim, partindo-se de uma perspectiva da produção do espaço da cidade, a importância da propriedade privada do solo não deixa de gerar novas contradições como, notadamente, a de uma certa “ruralização” da cidade:

A propriedade do solo tem esse efeito sobejamente conhecido, sobre o qual não se pode deixar de insistir: as rendas. (...) O efeito mais potente da propriedade do solo, o mais perigoso, não seria a *ruralização da cidade* no curso de sua extensão e da urbanização generalizada? Nos subúrbios, no “tecido urbano” mais ou menos afastado, as capacidades produtivas são evidentemente reduzidas a pouca coisa. (Ibidem, p. 142).

Além disso, o “consumo do espaço” também não é nada desprezível, como, por exemplo, se verifica na indústria dos lazeres e do turismo, tornando-se uma das principais fontes de lucro do capital. Portanto: “Há nos tecidos urbanos, através do seu caos, um consumo produtivo, o do espaço, das vias de comunicação, das edificações” (Ibidem, p. 175). Em tais setores, ainda se emprega grande força de trabalho, geralmente, mal remunerada e desqualificada.

Por isso, o espaço é produzido muito aquém de suas totais possibilidades, porque submetido à ordem social vigente e às categorias históricas do capitalismo. O que, de acordo com as determinações desta economia, resulta em estratégias de classe (dominação)

¹⁴³ Se ainda houver dúvidas sobre esse ponto, basta lembrar que a crise de 2008, tida como a pior desde o *crash* de 29, foi uma crise provocada pela especulação no setor imobiliário dos EUA. Neste contexto, o governo Lula, além de lançar o programa “Minha casa, minha vida”, que prevê a construção de um milhão de moradia, suspendeu os tributos incididos em materiais de construção, como incentivo para conter a crise, provocando maior demanda e produtividade no setor. O governo Dilma deu continuidade a essa política.

e numa planificação minuciosa do espaço com vistas a dar conta dos “fluxos” e dos “fixos”, flutuações do mercado etc. A produção do espaço busca empreender uma ordenação do contexto social e, sobre os alicerces do espaço homogêneo, tem por princípio o postulado do *espaço neutro* (continente), elaborado como uma superfície [um *espelho*]. O projeto visa iluminar, clarificar, como um sol do meio dia, a realidade social. No entanto, este *espaço neutro* dissimula e mascara a complexidade do real que não se reduz ao sistema racional dos planos e planejamentos. Portanto, este espaço é instrumental, porque se torna objeto de interesse político, e, por isso, nada tem de “neutro”.

O arquiteto, produtor de espaço (mas nunca sozinho), opera num espaço específico. E, de início, ele tem diante de si, sob seus olhos, sua prancheta, sua folha em branco. O quadro negro, decerto, não tem um efeito muito diferente. Quem não considera essa folha em branco como um simples espelho, e como um espelho fiel? Entretanto, todo espelho é enganoso. Além disso, essa folha em branco é mais e outra coisa que um espelho. O arquiteto a utiliza para seus *planos*, palavra a ser tomada em toda a sua força: superfície plana, sobre a qual um lápis mais ou menos ágil e habilidoso traça o que o autor considera a re-produção das coisas, do mundo sensível, quando, de fato, essa superfície impõe uma decodificação-recodificação do “real”. (...) A folha sob a mão, diante dos olhos do desenhista, é tão branca, tão branca quanto plana. Ele a considera neutra. Ele considera que esse espaço neutro, que recebe passivamente os traços de seu lápis, corresponde ao espaço neutro de fora, que recebe as coisas, ponto por ponto, lugar por lugar. Quanto ao “plano”, ele não permanece inocentemente no papel. No terreno, o trator realiza “planos”. (Ibidem, pp. 25 e 26).

É possível aqui, na discussão da produção do espaço, retomar facilmente ao conceito de dupla determinação; ou, em termos nietzschianos, retornar a interpretação sobre aspectos apolíneos (legibilidade) e dionisíacos (obscuridade). Neste sentido, a dinâmica da produção do espaço sob a tutela da economia manifesta-se na dualidade entre representações coerentes e racionais (por exemplo, da linguagem, da ideologia, dos códigos, das formas), que buscam suprimir o turbilhão de variáveis indomáveis e incontáveis, próprias e inerentes ao corpo (e não podem ser calculado)¹⁴⁴. Vejamos:

¹⁴⁴ Para Nietzsche, o olhar é uma redução (superfície) de todos os demais sentidos do corpo. Foi pela música que o filósofo descobriu o sentido da tragédia.

Entretanto, o desenho comporta evidentemente um risco, o de uma substituição, por grafismos, dos objetos e, sobretudo, das pessoas, dos corpos, dos seus gestos e atos. Ele é *reductor*, mesmo se não o é para o desenhista no curso de sua ação. (...) A legibilidade é considerada como uma grande qualidade. O que não é falso. Mas não se pode esquecer que toda qualidade tem sua contrapartida e seus defeitos. Qualquer que seja a codificação, a legibilidade se paga por um preço muito elevado: a perda de uma parte da mensagem, da informação ou do conteúdo. Essa perda é inerente ao movimento que, do caos dos fatos sensíveis, extrai um sentido. A emergência desse sentido quebra a rede, frequentemente muito fina e ricamente desordenada, da qual a elaboração é parte. *Constituindo outra coisa*, ela acaba apagando-a. (Ibidem, pp. 27 e 28).

É esse o sentido do espaço abstrato cuja função é a de absorver num plano asséptico da forma pura, não sem inúmeras resistências, a realidade obscura e caótica das pulsões humanas. Assim, o Estado – e sua equipe de especialistas – incumbe-se de organizar o espaço, através de sua abstração, de modo a constituir uma infra-estrutura necessária, que, no fundo, dá suporte a empresa capitalista. Para isso, são mobilizados grandes recursos materiais e do saber, no sentido de implantação de um programa racional de otimização das demandas econômicas.

A natureza nesse processo também é sistematicamente ordenada, pela lógica da mercadoria, submetendo-se, da mesma forma, aos princípios de obsolescência programada. Neste sentido, no desenvolvimento do capitalismo, a natureza ascende ao nível dos conceitos econômicos (reificada) enquanto matéria-prima, subordinada ao ritmo tautológico da produção. Evidentemente, ela entra em colapso, já que a lógica da acumulação não tem fim e os recursos naturais são finitos. A natureza passa então a se constituir em novas raridades: água, luz, ar, natureza, espaço. Por outro lado, a sociedade regida pela desigualdade inerente ao capital não consegue resolver a antiga escassez, e em meio à sociedade da abundância, mais da metade da população mundial ainda passa fome¹⁴⁵. Neste

¹⁴⁵ Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura (FAO), publicado em 14 de setembro de 2010, o número de pessoas que sofrem com a fome diminuiu pela primeira vez em 15 anos, passando de um total de 1,02 bilhões de subnutridos, em 2009, para 925 milhões. Tais cifras são inaceitáveis, pois representam 1/5 da população mundial e provavelmente os números oficiais não correspondam com a realidade, que deve elevar esses números a um patamar ainda maior. O que explica esse absurdo na dita “sociedade da abundância” é a escandalosa concentração de renda em níveis mundiais. A

contexto, agravam-se os problemas; a produção do espaço e o desenvolvimento ímpar da produção, ao invés de significarem a possibilidade única da realização da liberdade, tornam-se cenários sombrios de miséria e degradação.

A problemática do espaço envolve a sociedade urbana. Porém, antes de prosseguirmos, vejamos agora a seguinte notícia que foi registrada pelos mais diversos meios de comunicação como um *marco* histórico, neste início de século¹⁴⁶:

“Terça-feira, 19 de abril de 2007. Pela primeira vez em toda a história da humanidade a população urbana ultrapassou a rural em níveis mundiais. Segundo Anna Tibaijuka, diretora executiva do Programa das Nações Unidas para Assentamentos Urbanos UN-Habitat, em reunião do Conselho Administrativo da entidade, realizado em Nairobi, no Quênia, hoje a maior parte da população do planeta reside nas cidades e há perspectivas para que em 2030 dois terços da população mundial viverem em centros urbanos. “O mundo já passou nesse momento a marca de 50% de pessoas que moram na cidade. Na América Latina, 75% das pessoas moram em cidades. Os problemas gerados são a falta de planejamento dessas cidades, que se refletem em uma demanda não satisfeita por serviços básicos: água, esgotos e lixo. No caso da América Latina, agora o problema central é a regularização das propriedades e o serviço de estrutura das nossas cidades”, explicou Jorge Gavidia, diretor regional do UN-Habitat para América Latina e Caribe.”

Feita esta constatação, atentamo-nos para o seguinte: para Lefebvre, a cidade, mesmo emergindo da divisão do trabalho, é mais *obra* do que produto e, por isso, sua

realidade europeia não serve de modelo para explicar o restante do mundo. Se há raridade do espaço, tampouco há distribuição equânime dos gêneros de primeira necessidade, como a alimentação. Portanto, no atual momento da história da humanidade, as contradições são ainda maiores e mais graves, o que nos faz pensar que se aproxima uma situação limite e que só há um caminho de fato para o dilema que se apresenta diante do ponto de bifurcação.

¹⁴⁶ Se, em meados do século XIX, a população urbana representava apenas 1,7% da população mundial, em 1950 tal porcentagem era de 21% e, em 1960, de 25%. Assim, a urbanização é um fenômeno não apenas recente como também crescente, e em escala planetária. O fato de que, entre 1800 e 1950, a população mundial multiplicou-se por 2,5 e a população urbana por vinte, mostra a importância que a urbanização vem tendo no mundo desde mais de um século. (SANTOS, 2008, p. 13).

ênfase recai no *uso*, propriamente dito. Isto é, *obra* no sentido do *estilo*, como já observamos. Portanto, “a cidade é uma obra no seu sentido de uma obra de arte. O espaço não é apenas organizado e instituído. Ele também é modelado, apropriado por este ou aquele grupo, segundo exigências éticas e sua estética, ou seja, sua ideologia” (Ibidem, p. 82). No capitalismo, entretanto, a cidade converte-se em produto, mercadoria (valor de uso e valor de troca). Haveria nessa proposição uma certa nostalgia da cidade enquanto obra em relação à cidade-mercadoria? Não. Mas um projeto de resgate da cidade, sob novas condições históricas, de seu sentido de obra. Todavia, a cidade, nas sociedades pré-capitalistas, apesar de expressar um *estilo*, foi produzida sobre formas de coações fundadas na dependência pessoal ou política. Na cidade antiga (política) ou na cidade medieval, histórica (comercial), predominavam formas cruéis de subjugação de grande parte da população, mobilizada em função do interesse soberano das oligarquias de então. Todavia, isto não impedia – na verdade, até mesmo estimulava – um certo sentido estético, de grande estilo, que se concretizava em obras monumentais e arquitetônicas destinadas a celebrar adventos memoráveis do passado ou façanhas épicas de heróis e deuses que engrandeciam a história de um povo. Basta lembrarmos, para isso, da Atenas de Péricles.

No contexto urbano, as lutas de facções, de grupos, de classes, reforçam o sentimento de pertencer. Os confrontos políticos entre o “minuto popolo”, o “popolo grasso”, a aristocracia ou a oligarquia, têm a Cidade por local, por arena. Esses grupos rivalizavam no amor pela cidade. Quanto aos detentores da riqueza e do poder, sentem-se eles sempre ameaçados. Justificam seu privilégio diante da comunidade gastando suntuosamente suas fortunas: edifícios, fundações, palácios, embelezamento, festas. Convém ressaltar este paradoxo, este fato mal elucidado: sociedades muito opressivas foram muito criadoras e muito ricas em obras. (Ibidem, p. 13).

Tendo em vista esta distinção, entre *obra* e *produto-mercadoria* – “uso” e “valor de uso e valor de troca” –; a *cidade produto-mercadoria* provoca um fenômeno interessante: a sociedade se urbaniza (*socialização da sociedade*) em detrimento da cidade. Esta contradição merece uma atenção especial. O que ela quer dizer? Vejamos: “A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos *produtos*”

(LEFEBVRE, 2009, p. 12). Portanto, a socialização da sociedade, pela troca, subordina a cidade à lógica da mercadoria, deteriorando seu sentido fundamental de obra. Fato que se inicia no contexto da Revolução Industrial, capitaneado pela burguesia, que assume a condição política de classe dominante.

A burguesia ‘progressista’ que toma a seu cargo o crescimento econômico, dotada de instrumentos ideológicos adequados a esse crescimento racional, que caminha na direção da democracia e que substitui a opressão pela exploração, esta classe enquanto tal não mais cria; substitui a obra pelo produto. (ibidem, p. 23).

Assim, a cidade industrial, isto é, a cidade tomada de assalto pela indústria, apresenta, no entanto, um paradoxo insolúvel: ao mesmo tempo, de um lado, superdimensiona a cidade ao “infinito” (cidade enquanto sujeito: *a cidade pela cidade*), isto é, sob a lógica do valor de troca; por outro, destitui a cidade de seu sentido urbano. Tal expansão exponencial da cidade significa também sua implosão: quando o espaço é produzido sob as determinações do capital e a propriedade do solo¹⁴⁷. Fato que, contraditoriamente, num outro momento, também expulsa a indústria para fora da cidade, engendrando uma divisão do trabalho no interior do tecido urbano.

E aqui é preciso se deter neste aspecto. O valor de troca deteriora a obra no produto. O *grande estilo* converte-se numa reunião de objetos, coleções culturais, produtos de consumo etc., ou seja, um sintoma da decadência social (niilismo). Sendo assim, a cidade é produzida tendo por objetivo o lucro e não a sociedade é também sintoma da decadência. Num certo sentido, a cidade é alienada, ou melhor, expropriada das mãos daqueles que a produziram. No interior desta dinâmica, o centro é esvaziado e a cidade fragmentada, pulverizada, formando grandes guetos na periferia. Ironicamente, a consolidação material da cidade implica em sua negação, isto é, a *urbanização da sociedade* não significa outra coisa que a própria *crise da cidade* (deterioração do campo e da cidade).

¹⁴⁷ Com a indústria, tem-se a generalização da troca e do mundo da mercadoria, que são seus produtos. O uso e o valor de uso quase desapareceram inteiramente, não persistindo senão como exigência do consumo de mercadorias, desaparecendo quase inteiramente o lado qualitativo do uso. Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constituiu a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização do produto. (LEFEBVRE, 2008, p. 83).

Paradoxalmente, neste período em que a cidade se estende desmesuradamente, a forma (morfologia prático-sensível ou material, forma de vida urbana) da cidade tradicional explode em pedaços. O processo duplo (industrialização-urbanização) produz o duplo movimento: explosão-implosão, condensação-dispersão (estouro) já mencionado. (Ibidem, pp. 77 e 78).

Para compreender bem esta contradição e processo é preciso entender aquilo que Lefebvre concebe por *teoria das formas*. Metodologicamente, do ponto de vista de uma exposição dialética, como vimos, é necessário recorrer à análise e reduzir o conteúdo da realidade concreta ao abstrato e o mais geral, ou ao mínimo e quase nada (a forma). Como vimos, o ponto de partida pode ser o imediatamente sensível, por exemplo, o “isto” que implica o “ser” ou, em outro contexto, a “forma mercadoria”. O “ser”, por exemplo, é o atributo mais geral (isso “é” ou “existe”) e que pode ser aplicado a todas as coisas; mas, é também a designação mais vazia e indeterminada, por se aplicar justamente a todas as coisas. A forma mercadoria é a propriedade comum que torna igual coisas tão diferentes como uma caneta e um óculos: ambos possuem valor de troca e valor de uso. Assim, a forma, quase num sentido aristotélico de “essência”, é uma exigência do pensamento analítico que abstrai um princípio geral e coerente de uma dada realidade. A forma reafirma a identidade pela não-contradição, o que subentende uma repetição do mesmo, vazio. O conhecimento não pode se contentar na posição afirmativa que paralisa o pensamento e ratifica sempre o já conhecido. Deve sair de si mesmo e partir em busca do desconhecido. A forma é então levada a um outro nível, superior, quando reclama um conteúdo concreto (sintético). Este conteúdo concreto foi negado pela forma. Mas a forma da identidade só é reabilitada quando, num outro nível, encontra este conteúdo desconhecido e conserva-o em si no conceito. Dito isto, a análise isola uma *forma urbana* pela realidade urbana: “A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos padrões que coexistem na Cidade” (Ibidem, p. 22). O que pode ser sintetizado na citação abaixo:

Forma urbana. Mentalmente: a simultaneidade (dos acontecimentos, das percepções, dos elementos de um conjunto no “real”). *Socialmente:* o encontro e a reunião daquilo que existe nos arredores, na “vizinhança” (bens e produtos, atos e atividades, riquezas) e por conseguinte a sociedade urbana como lugar socialmente

privilegiado, como sentido das atividades (produtivas e consumidoras), como encontro da obra e do produto. (Ibidem, p. 94).

Sendo assim, o conteúdo concreto da cidade pressupõe a forma urbana. Não obstante, a forma urbana não se realiza como tal na metrópole capitalista, senão como simulacro. Ressaltemos a contradição: *a urbanização da sociedade não constitui a sociedade urbana*. Por quê? Porque, ao mesmo tempo, que, morfologicamente, hoje se reúnem todas as condições materiais para realização da sociedade urbana ou simplesmente do *urbano*, por outro lado, uma já mencionada “ruralização” da cidade, pela concentração da propriedade privada, equipamentos urbanos e controle dos recursos naturais, suspende a consolidação virtual plena da sociedade urbana. Não é a forma urbana, mas a forma mercadoria que fomenta o crescimento das cidades.

O mundo da mercadoria tem a sua lógica imanente, a do dinheiro e do valor de troca generalizado sem limites. Uma tal forma, a da troca e da equivalência, só exprime indiferença diante da forma urbana; ela reduz a simultaneidade e os encontros à forma dos trocadores, e o lugar de encontro ao lugar onde se conclui o contrato ou quase contrato de troca equivalente: o reduz ao mercado. (Ibidem, p. 87).

Neste sentido, o Estado capitalista desempenha um papel importante na organização cidade. Tem por pressuposto o planejamento da sociedade fragmentada em setores, “nichos”, zonas etc., em sintonia com as determinações econômicas. Logo, o que está implícito no *espaço neutro* são políticas de segregação social e guetos urbanos, encarnados em conjuntos habitacionais (*habitat*), condomínios etc. O planejamento estratégico busca dirigir o consumo a partir do postulado da legibilidade racional e coerente desenvolvida pelo urbanismo (zoneamento) e demais ciências reprodutoras. Supõe então a identidade do real ao racional e do racional ao real, no Estado. Porém, a forma urbana reclama um conteúdo, contraditório.

Portanto, “o urbano” se apresenta não como um *dado*, atual, mas, ao contrário, como *virtualidade* (potencial). Pois são as condições que já estão dadas convivendo com as categorias que estão em gestação. A paixão é o *momento* sensível do amor; na paixão, o amor (uma ideia: amizade) é uma virtualidade que só se concretiza efetivamente num

momento posterior, negando-a, porém, sem suprimir a paixão (conciliando o *sensível* e a *ideia*) etc. O *vir-a-ser* é fundamental para a compreensão deste processo dialético. Portanto, para resumir o que foi dito: não é que o sistema capitalista está em colapso, mas a crise é antes um sintoma do esgotamento das suas categorias econômicas. Por isso, suas instituições e organização do poder, sob a égide da classe capitalista, ainda se mantêm sólidas. Mas um novo mundo, no seio do capitalismo, se anuncia: *a sociedade urbana*. Será que ela vai se realizar conforme a teoria ou estará fadada também a um reino das sombras? Vejamos:

Assim se forma esse conceito novo: o urbano. É preciso distingui-lo bem da cidade. O urbano se distingue da cidade precisamente porque ele aparece e se manifesta no curso da explosão da cidade, mas ele permite reconsiderar e mesmo compreender certos aspectos dela que passaram despercebidos durante tempo: a centralidade, o espaço como lugar de encontro, a monumentalidade etc. O urbano, isto é, a sociedade urbana, ainda não existe e, contudo, existe virtualmente; através das contradições entre o habitat, as segregações e a centralidade que é essencial à prática social, manifesta-se uma contradição plena de sentido. (LEFEBVRE, 2008, p. 84).

Se há de fato, uma nova realidade em gestação, então é preciso repensar as contradições sociais. No capitalismo concorrencial, os produtores eram expropriados, em última análise, das *coisas* que produziam. No *neocapitalismo* ou capitalismo de organização (fase, bem entendido, de transição), os produtores são expropriados do *espaço* que produzem. Como vimos, as categorias do capitalismo não deixaram de vigorar, mas, ao contrário, permanecem intactas, como fósseis vivos. À alienação do trabalho, soma-se a alienação do espaço. O que significa dizer: a cidade é alienada dos cidadãos; a natureza, dos “seres” naturais; o ar, dos pulmões; a água, da sede etc. Daí a importância da figura deste novo tipo de proletário, o *sem-teto* (antigos *lúpen-proletariados*); pois ele é a encarnação das novas contradições.

Vejamos então o sentido de uma dialética do espaço face aos elementos teóricos que acumulamos. A explosão-implosão da cidade não representa senão a generalização do

aporte material da sociedade urbana (*sociação da sociedade*), sem realizá-la. Novos conflitos se apresentam, entre centro e periferia (segregação).

Pode-se dizer então que a realidade urbana desapareceu? Não, ao contrário. Ela se generaliza. A sociedade inteira torna-se urbana. O processo dialético é o seguinte: a cidade – sua negação pela indústria – sua restituição a uma escala muito mais ampla que outrora, a da sociedade inteira. Este processo não transcorre sem conflitos, cada vez mais profundos. As relações de produção existentes se estenderam, se ampliaram; elas conquistaram uma base mais ampla integrando simultaneamente a agricultura e a realidade urbana, mas nessa ampliação introduzem novos conflitos. De um lado, instituíram-se centros de decisão dotados de poderes ainda desconhecidos, pois eles concentram a riqueza, a potência repressiva, a informação. De outro lado, o estilhaçamento das cidades antigas permitiu segregações multiformes; os elementos da sociedade são implacavelmente separados uns dos outros no espaço, acarretando uma dissolução das relações sociais, no sentido o mais amplo, que acompanha a concentração das relações imediatamente ligadas às relações de propriedade. (Ibidem, p. 84).

Ora, a forma urbana pressuposta, como vimos, reclama um conteúdo: o encontro, a reunião, a simultaneidade, logo, *centralidade*.

A centralidade tem seu movimento dialético específico. Ela se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), do centro de informação e de decisão etc. Mas todo centro destrói-se a si próprio. Ele se destrói por saturação; ele se destrói porque remete a uma outra centralidade; ele se destrói na medida em que suscita a ação daqueles que ele exclui e expulsa para as periferias. (Ibidem, p. 85).

De acordo com nossas interpretações, a luta por moradia no centro da cidade, diante de processos de especulação imobiliária generalizados, por parte daqueles que poderíamos designar provisoriamente por “guerrilheiros urbanos”, é uma das primeiras manifestações da luta pelo *urbano*, ainda que suas categorias não estejam plenamente refinadas e conscientes. Num sentido muito mais profundo, a luta do movimento sem-teto é muito mais que a reivindicação por moradia. Sua luta é por *habitar*.

Antes de avançarmos, vejamos algumas questões pontuais, que não são descabidas de todo interesse: *Sobre a sustentabilidade (ou o que quer que seja isso)* e *Sobre um pesadelo*.

Sobre a sustentabilidade (ou o que quer que seja isso)

O desenvolvimento sustentável supõe, evidentemente, desenvolvimento, não qualquer desenvolvimento, mas o econômico. Pois, já há algum tempo, algumas mentes brilhantes constataram que a melhoria na qualidade de vida nas sociedades estava relacionada diretamente ao desenvolvimento econômico destas. Por outro lado, notou-se também que, contraditoriamente, o desenvolvimento econômico resultava na destruição do meio ambiente, com a poluição do ar, dos rios e mares, os desmatamentos das florestas, o derretimento das calotas polares etc. Logo, para equacionar essa fórmula perversa, inventaram o *desenvolvimento com sustentabilidade*. Assim sendo, temas como efeito estufa, esgotamento dos recursos naturais e aquecimento global inundam todos os dias os noticiários de TV e até os assuntos da chamada filosofia de botequim. É a *onda verde*. Entretanto, omite-se, nas entrelinhas, que o desequilíbrio natural causado pela ação antrópica, algo que não questionamos, tem sido motivado por uma economia predatória, desde a Revolução Industrial, que subordina a produção e o consumo à lógica incessante do lucro pelo lucro. Ironicamente, os movimentos ambientalistas jamais põem o dedo nessa ferida. Isto porque seus expoentes são ironicamente os mesmos que se beneficiam dos lucros. Não é de se estranhar, portanto, que alguns dos presidentes e reis das mais importantes ONGs ambientalistas tenham por “hobby” a caça esportiva de animais em extinção¹⁴⁸. Ou seja, o discurso ambientalista serve de ideário para justificar, pasmem, a destruição da própria natureza! Daí surgiu a mais nova falácia: o *desenvolvimento sustentável*. Não perderemos nosso precioso tempo nem espaço discutindo seriamente as bases do desenvolvimento sustentável. Basta apenas rebater um folheto publicitário

¹⁴⁸ Segundo notícias veiculadas amplamente pela mídia, o rei da Espanha Juan Carlos I, presidente da WWF, tem como singelo passa-tempo caçar elefantes, apesar da organização condenar esta atividade (17/04/02).

apanhado fortuitamente num balcão de supermercado. Como faremos agora. (Só para constar):

“Pecuária Orgânica: um negócio de Respeito. Sabor com sustentabilidade

“Foi-se o tempo em que viver do campo era sinônimo de uma vida dura e sem respeito ao trabalhador, a terra e aos animais. (...) A linha Bife Orgânico é o resultado de um sistema de pecuária orgânica baseada no respeito ao tripé da produção sustentável: economicamente viável, socialmente responsável e ecologicamente correta”.

Réplica: Logo de início, algo nos parece insólito e mesmo intrigante, pois, é possível alguma pecuária e algum bife que não sejam orgânicos? Bom, em todo caso, o texto tem o mérito de reconhecer que houve um tempo em que não havia respeito nem com o trabalhador, a terra e os animais. Da nossa parte, temos dúvidas de que esse tempo tenha passado. Todavia, se, de boa-fé, acreditarmos nos que diz o folheto, ao que tudo indica um novo conceito está surgindo. Nesse novo conceito que transforma aquilo que já era naquilo que ainda é – o bife em orgânico –, verifica-se que a *produção sustentável* se apóia num tripé: economicamente viável – isto é fácil entender, quer dizer *lucrativa*... –, socialmente responsável e ecologicamente correta. O que vem a ser “socialmente responsável” e “ecologicamente correta”? É o que vamos tentar descobrir:

“O Ser

“A qualidade da linha Bife Orgânico começa com o respeito ao trabalhador do campo. Com todos os seus direitos garantidos, sua família conta com auxílio médico e educação na própria fazenda. Assim, o trabalhador exerce a sua função em condições dignas, desempenhando um papel fundamental na produção orgânica, respeitando o campo e os animais”.

Réplica: O “Ser”. O “Ser” é o trabalhador. Assim, mais uma proeza do Bife Orgânico: o trabalhador é promovido à dignidade dos conceitos metafísicos: o Ser! Poderíamos

especular, na melhor tradição filosófica, se ele existe ou não existe. A princípio, ele existe, mas não é uma existência como a nossa. Existe como uma criaturazinha sem-vergonha, distante de nós, mas que merece algum *respeito*. Seu atributo é exercer sua *função*: o papel que é fundamental tanto na produção orgânica como na inorgânica, respeitando ou não o campo ou os animais, a saber: trabalhar. Matamos a segunda charada, das mais difíceis, a questão ontológica da essência do trabalhador! Agora falta...

“O Meio

“Produzir e Preservar. Esse é o lema de quem lida com produção orgânica. Com a natureza como grande aliada da produção orgânica, cuidados e ações para a sua preservação são fundamentais. Além da conservação das matas ciliares e dos rios, as árvores exercem um papel vital. Com o seu plantio planejado, há o sequestro de carbono, proporcionando um ar mais puro e também sombra para o descanso e conforto do gado”.

Réplica: Com um aliado do porte da Natureza, o lema não poderia ser mais edificante: “produzir e preservar”. Vê-se bem que, na pauta de reivindicações do movimento militante Bife Orgânico, as árvores são bastante esforçadas já no seu exercício diário e bastante natural de desempenhar seu *papel vital*. Lembremo-nos também do *papel fundamental* do Ser trabalhador na produção orgânica. Eis agora a *divisão natural do trabalho*! Mais um conceito novo em economia, orgânica! O Bife Orgânico também realiza operações espantosas de um plantio totalmente planejado, talvez por alguma organização de inteligência secreta, capaz do extraordinário fenômeno do sequestro de carbono. (Algo que nos faz sentirmos realmente mais seguros). Fato que ao que tudo indica deve proporcionar indubitavelmente um ar mais puro, sombra e água fresca para o gado. Pobre gado!

“A Vida

“Para um gado saudável e com grande valor agregado são necessários cuidados especiais no tratamento, que vão desde a não utilização de agrotóxicos ou antibióticos, até o respeito total ao animal, do seu nascimento até o abate. Isso proporciona um ciclo de vida

sem stress, resultando em uma carne mais macia e saborosa. Com a produção orgânica, também é possível realizar o rastreamento genético do boi, traçando todo o seu ciclo de vida e também de sua linhagem. Dessa maneira, pode se ter um perfeito entendimento da cadeia genética do gado, o que se traduz em maior qualidade e segurança alimentar. Respeito a vida (sic) e principalmente a você”.

Segue-se uma receita de Goulash de miolo de alcatra (...)

Réplica: A “Vida” significa *respeito total ao animal do seu nascimento até o abate!* Mas, respeito principalmente ao estômago do Ser vivo, identificado no folheto por “você”, que eventualmente fará um bom churrasquinho de bife orgânico. Mas, cá entre nós, abstraindo esse inconveniente detalhe, o boi é bem tratado, recebe uma dieta saudável, equilibrada e livre de conservantes, e sua estadia na fazenda – do seu nascimento ao abate – deve se parecer com uma maravilhosa temporada de férias num SPA. No fim das contas, as neuroses do “Ser” boi e da vaquinha são facilmente resolvidas dentro da panela!

E aqui descalçamos todos os pés do tripé da produção orgânica. A despeito da boa vontade do gênio que escreveu este folheto publicitário e da carne da linha Bife Orgânico ser pelo menos três vezes mais cara do que as demais (“inorgânicas”), o desenvolvimento sustentável em suas linhas gerais e teóricas não poderia ser melhor representado, senão por meio deste folheto. Portanto, a economia sustentável não merece nem mais uma palavra. É um rótulo de uma mercadoria como outra qualquer.

Sobre um pesadelo

No ano de 2008, um homem negro, Barak Hussein Obama, foi eleito presidente dos EUA; fato inédito na história daquele país, que até bem pouco tempo atrás possuía um dos mais cruéis sistemas de discriminação racial, institucionalizado pelo ideal W.A.S.P. Sua vitória, no entanto, foi marcante principalmente nos grandes centros urbanos, de população mais heterogênea, com forte presença de imigrantes, em contraste com interior do país, ainda bastante conservador, denominado de “América profunda”. Pode se dizer que a chegada de

Obama ao poder é fruto (ou traição das), dentre outras coisas, das lutas pelos *direitos civis* que foram iniciadas por Frederick Douglass e tiveram seu auge nos anos de 1960, sob a liderança do pastor luterano Martin Luther King. Seria a virada do século as portas abertas de uma Nova Era, calcada na diferença, a realização da sociedade urbana? Todavia, descumprindo promessas de campanha, Obama manteve de pé políticas imperialistas do seu predecessor, enviando contingentes sucessivos de soldados para o Afeganistão, ocupado por tropas estadunidenses. Apesar desta política beligerante declarada, foi, não obstante, laureado com o prêmio Nobel da “paz” (homenagem que traz o nome do inventor da dinamite). Sociedade urbana?

Encontramo-nos então num *ponto crítico*. Vivemos um simulacro do *urbano*, das diferenças. As diferenças são apenas aparentes, enquanto nichos de mercado. Sim, eis a falsidade, também o *urbano* (que, diga-se, é uma virtualidade) foi transformado em mercadoria. Pelo menos por enquanto.

Haveria aqui, então, um espaço para narrar um pesadelo que tivemos ainda acordados em meio à vertiginosa multidão de sonâmbulos? Ora, alguém poderia contestar o rigor científico de um pesadelo como outrora o fizeram com os sonhos. Mas responderíamos que os pesadelos também fazem parte da realidade humana quando esta se parece com um pesadelo. Permitam-nos contar este pesadelo então:

“Chegará um tempo em que os seres humanos serão imortais; talvez num futuro muito próximo. Algumas tartarugas, como é bem sabido, são imortais (não nos cabe aqui especular os motivos pelos quais elas morrem). Com o avanço da genética, bastará aos seres humanos copiarem estas tartarugas. Não é difícil imaginar. Se a manipulação genética chegar a tal ponto de desenvolvimento e for capaz de realizar em termos proporcionais os mesmos feitos que a ciência da informática tem hoje realizado, então, não haverá mais limites para a apropriação e domínio total da natureza humana. Nessa terra, que já se avista, as pessoas poderão finalmente escolher como elas vão querer ser. Tudo: altura, cor da pele, dos olhos, cabelos etc. É bastante provável que nos países ricos (europeus e os EUA) sejam os primeiros a deterem desta tecnologia. É bastante provável também que o biotipo atlético e padrão racial do “homem nórdico” sejam o mais escolhidos (basta ver quem são os astros do cinema). (E se você pudesse escolher, como você gostaria de ser?). Algo que poderá tornar as ruas das cidades semelhantes a um desfile de moda. É provável então que nos

países centrais do capitalismo surja uma nova raça de “semi-deuses”. Bem alimentados e instruídos, eles poderão superar em tudo – em inteligência, força, beleza, felicidade – os demais seres humanos, marginalizados dos benefícios da ciência. Sim, pois, assim como no mundo de hoje, no do amanhã também nem todos terão acesso aos benefícios materiais e avanços tecnológicos que revolucionam a humanidade. A grande maioria da população formará, ao contrário, um grande exército de maltrapilhos e de constituição física falhada. O que fazer com eles? A raça de semi-deuses descobrirá saídas racionais de controle sobre essa massa caótica de infelizes, que será contida em campos de concentração de dimensões impensáveis, às vezes do tamanho de um continente! Mas, o que nos deixa mais estarecido é que a aberração do nazismo só foi uma aberração, porque nasceu prematura, fora de seu tempo. Ora, este tempo se aproxima. Aparece no presente como virtualidade sombria. Constatação chocante! Pesadelo do qual lutamos para dissipar. Reafirmamos, o que nos deixa perplexos: o nazismo está *dentro de nós (e se você pudesse escolher...)*, e o nazifascismo dos anos de 1930-45 não foi senão uma caricatura grotesca, uma paródia que assombra o futuro. Dois caminhos, somente dois caminhos; a humanidade mais uma vez se encontra-perdida num ponto de bifurcação, um ponto crítico. Precisamos acordar!”

Revolução urbana

As condições materiais, ou, como se dizia antes, as condições objetivas, abriram o terreno para a sociedade urbana. Todavia, por si só, as condições objetivas não conduzem a um caminho determinado; cumpre-se antes agarrar as rédeas dos múltiplos sentidos do tempo e conduzi-lo ao bom termo. Há atualmente uma perspectiva: *a revolução urbana*. Mas, como também se disse antes, *não há sujeito* individual ou coletivo; isto é, uma sociedade formada por indivíduos plenamente conscientes e livres, preparados intelectualmente etc. Ou seja, não há uma cidade habitada por uma multidão de filósofos – homogêneos e iguais – discutindo as questões do ser ou da existência, nem aqui, nem na Conchinchina, nem em qualquer outro lugar. Também o sujeito não tem uma varinha de condão que, como num passe de mágica, “encarna seu cavalo” e passa a controlar conscientemente todas as suas

ações, pulsões, emoções e pensamentos. Como uma planta num vaso de solo árido, sob a penumbra constante, não germina plenamente, o mesmo se dá com os seres humanos ou qualquer tipo de vida no planeta. A alienação é, como enfatizamos, alienação das possibilidades. Vejamos:

Podemos conceber uma história da alienação que atravesse a história geral, a das ideias e das ideologias, a do conhecimentos e do Estado, que tenha a sua periodização própria e traga uma nova dimensão e um novo sentido às outras histórias? Sim. Com a condição de definir bem a alienação, não pela perda duma essência extraviada, duma “humanidade” e inicial, mas pela perda do *possível*, pela sua blocagem (pela dialética do possível-impossível). (LEFEBVRE, 1971, pp. 247 e 248).

O possível é a sociedade urbana, tal como foi definida anteriormente: fim das alienações. Neste sentido, duas fases convivem juntas¹⁴⁹, mas em conflito. Fase I: histórica e vigente (atual). Fase II: trans-histórica, virtual (pressuposta).

Fase I: Forças que convergem “inconscientemente” (industrialização, técnica, conhecimento, neocapitalismo, revoluções por vezes) empurram para a *homogeneização*. Destas forças, homogeneizantes, destruidoras das particularidades naturais e de toda a natureza, fazem parte a acumulação (dos conhecimentos, das técnicas, das riquezas) como a preocupação cada vez mais exclusiva do crescimento (o economismo), o primado da técnica e a afirmação de tal modelo, proclamadas a filosofia e a historicidade (sistemáticas).

Fase II: Há resistência ao processo, dos resíduos, das originalidades irreduzíveis. Um conhecimento mais alto, formas de consciência afinadas nascem no decurso da fase I; lutam a seu modo – revolucionário – para se manifestarem, seguem em direção às divergências e às *diferenças*. Ao mesmo tempo que a homogeneização, surgem diferenças e simultaneamente consciência das diferenças. O conhecimento

¹⁴⁹ Temos à nossa frente um *duplo processo* ou, preferencialmente, um processo com dois aspectos: industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social. Os dois “aspectos” desse processo, inseparáveis, têm uma unidade, e no entanto o processo é conflitante. Existe, historicamente, um choque violento entre a realidade urbana e a realidade industrial. Quanto à complexidade do processo, ela se revela cada vez mais difícil de ser aprendida, tanto mais que a indústria não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim *estabelecimentos* diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos. (LEFEBVRE, 2008, p. 16).

acompanha este processo duplo e uno. Ele baliza a via da espontaneidade, confirma-a. (Ibidem, p. 265).

Há um projeto revolucionário na obra de Lefebvre¹⁵⁰, que não exclui a luta de classes, mas, ao contrário, a amplia. A luta de classes transcende o público e o privado, está em toda a parte. Mas as classes dominantes não apenas asseguram seus privilégios pelo uso da força, aparato militar e policial, mas principalmente por meio das estratégias, o que envolve, além do uso da força, também o monopólio de todos os setores de controle social, desde instituições ligadas ao saber e a produção de ideologia até a produção do espaço, do cotidiano e da cidade. Estas estratégias não são inconscientes, muito pelo contrário, um número incontável de especialistas altamente qualificados trabalha incansavelmente para manter a ordem vigente. O que é inconsciente é uma patologia ou megalomania das classes capitalistas ao incorporarem e personificarem a lógica (tautológica) do capital. Também aqui não há um sujeito, mas, pulsões, forças obscuras, irracionais, mesquinhas e inconscientes, de vontade de poder; e instintos de conservação, que se traduzem em acumular, acumular, acumular... Seja como for, tais estratégias racionais buscam, diante das condições que se apresentam, ainda que inconscientemente, diluir ou esvaziar totalmente o urbano, o encontro, etc. (fase II), numa vã tentativa de salvaguardar as categorias históricas do neocapitalismo (fase I). Nenhum recurso para esse fim irracional será poupado, desde

¹⁵⁰ Ao longo destas peripécias, e embora lentamente esclarecida, nunca desapareceu a ideia da *dupla brecha*: através da política e da crítica da política, para ultrapassar como tal; através da poesia, do Eros, do símbolo e do imaginário, através da recusa e da mudança (bem como a da alienação e compreensão do presente). – No espaço, confluem a brecha objetiva (sócio-econômica) e a brecha subjetiva (poética). No espaço inscrevem-se e, mais ainda, “realizam-se” as diferenças, da menor à extrema. Desigualmente explorado, desigualmente acessível, erizado de obstáculos, ele próprio obstáculo face às iniciativas, modelado por elas, o espaço torna-se o lugar e o meio das diferenças. A experiência dos conflitos e a do espaço tendem a coincidir, no caso de tudo o que se afirma e tenta uma “abertura” (brecha), objetiva ou subjetiva. Este projeto do espaço, obra à escala planetária de uma dupla atividade produtora e criadora (estética e material), acaso seria o substituto empírico do sobre-humano, um produto de substituição? Não. Implica antes a superação (*Ueberwinden*) à escala do mundo, capaz de precipitar no abolido os resultados mortos do tempo histórico. E comporta uma provação concreta, ligada à prática e à totalidade do possível, segundo o pensamento mais radical de Marx; ligada igualmente à restituição inteira do sensível e do corpo, em conformidade com a poesia nietzschiana. Este projeto rejeita para o nada dos resultados mortos o espaço hegeliano, produção do Estado em que este se intala e desdobra. Obra-produto da espécie humana, o espaço sai da sombra, como o planeta de um eclipse. (LEFEBVRE, 1976, pp. 258 e 259).

pequenas ações para expulsar grupos sociais indesejáveis até a destruição total de cidades ou de países inteiros.

Para o poder, há mais de um século, qual é a essência da cidade? Cheia de atividades suspeitas, ela fermenta delinquências; é um centro de agitação. O poder estatal e os grandes interesses econômicos só podem então conceber apenas uma estratégia: desvalorizar, degradar, destruir a sociedade urbana. (LEFEBVRE, 2008, p. 84).

As políticas segregacionistas, nesse sentido, e a cotidianidade visam transformar a cidade numa máquina, habitada por autômatos, que apesar de se trombarem e se chocarem todos os dias, nas grandes multidões, *nunca se encontram*. O centro torna-se lugar de passagem, de troca; fato que, ironicamente “socializa a sociedade”, possibilitando todas as condições *do encontro*. Quem espera, todavia, encontrar um grande amor à primeira vista no metrô, no ônibus, na avenida Paulista, no local de trabalho, na cidade, vai se frustrar redondamente. Mas está tudo aí! Paradoxo maldito...

Se esta hipótese se confirma: isto é, a saída da história (que como vimos permanece, não desaparece – fase I); então, para Lefebvre, a *Comuna de Paris de 1871* foi a primeira grande *revolução urbana*. Como é bastante conhecido, logo após a *Primavera dos Povos*, Paris foi submetida a uma reforma urbana de grandes proporções – entre 1853 a 1870 –, realizada então pelo prefeito da cidade, o barão Haussmann¹⁵¹. Sua orientação estratégica era óbvia; visava, dentre outras coisas, a possibilidade de intervenção do Estado na cidade,

¹⁵¹ Depois de 1948, solidamente assentada sobre a cidade (Paris), a burguesia francesa possui aí os meios de ação, bancos do Estado, e não apenas residência. Ora, ela se vê cercada pela classe operária. Os camponeses afluem, entalam-se ao redor das “barreiras”, das portas, na periferia imediata. Antigos operários (nas profissões artesanais) e novos proletários penetram até o próprio âmago da cidade; moram em pardieiros mas também em casas alugadas onde pessoas abastadas ocupam os andares inferiores e operários, os andares superiores. Nessa “desordem”, os operários ameaçam os novos ricos, perigo que se torna evidente nas jornadas de junho de 1848 e que a Comuna confirmará. Elabora-se então uma *estratégia de classe* que visa ao remanejamento da cidade, sem relação com sua realidade, com sua vida própria. É entre 1948 e Haussmann que a vida de Paris atinge sua maior intensidade: não a “vida parisiense”, mas a vida urbana da capital. Ela entra então para a literatura, para a poesia, com uma potência e dimensões gigantescas. Mais tarde isso acabará. (LEFEBVRE, 2008, p. 22)

palco de sucessivos levantes ao longo do XIX, com o intuito de conter as classes populares revoltosas. O que implicava, para isso, uma remodelação espacial completa que preconizava a destruição de vielas estreitas e escuras para dar lugar a grandes avenidas, facilitando, caso necessário, o acesso da cavalaria como também obstar barricadas, fugas e resistência dos movimentos populares etc. Com a reforma, os cortiços do centro da cidade foram demolidos e as classes trabalhadoras, potencialmente perigosas, foram expulsas para a periferia.

A Comuna de Paris pode ser interpretada a partir das contradições do espaço, e não somente partindo das contradições do tempo histórico (patriotismo das massas e antipatriotismo das classes dirigentes). Tratou-se de uma réplica popular à estratégia de Haussmann. Os operários, enxotados para os bairros e comunas periféricas, reapropriaram-se do espaço do qual o bonapartismo e a estratégia dos dirigentes os tinham excluído. Numa atmosfera de festa (guerreira, mas radiante), eles tentaram reapossar-se do espaço. (LEFEBVRE, 2008b, p. 171).

Não foi, no entanto, a reurbanização da cidade de Paris o fator que deflagrou a Comuna, embora o projeto bonapartista de modernização incluía a transformação radical da cidade. A guerra franco-prussiana, o cerco de Paris e a situação miserável do proletariado agravada pelo estado de guerra foram o rastilho de pólvora da rebelião. Porém, o arranjo urbano recém-criado na cidade havia gerado uma exclusão espacial que devia inspirar um sentimento popular de cidadania roubada, ainda mais com o fato de as elites terem desertado totalmente, aliando-se e abandonando a cidade à sanha inimiga. Paris pertencia ao proletariado, seu legítimo dono. Mas é interessante notar que a Comuna não foi um movimento majoritariamente socialista, liderado pelo operariado. Acima de tudo, foi um movimento popular que acabou por assumir, na prática, um programa de caráter verdadeiramente socialista. Sem dúvida, havia algo maior em jogo do que as reivindicações tradicionais do operariado, pois, sem as excluir, lutava-se também pela cidade. O próprio Bakunin reconheceu que: “Os socialistas, à frente dos quais se situa naturalmente nosso amigo Varlin¹⁵², formavam na Comuna apenas uma ínfima minoria. Eles eram no máximo

¹⁵² Eugène Varlin, operário encadernador, participou da conferência de Londres da AIT em 1865 e, na Internacional, foi membro dos mais atuantes e respeitáveis. Na Comuna foi responsável pela comissão ministerial de finanças e subsistência e lutou até o fim nas barricadas. Na repressão que se seguiu à *Semana*

14 ou 15 membros. O resto era composto por jacobinos” (BAKUNIN, 2008, p. 120). É certo que há algum equívoco nestes números citados; Bakunin talvez tivesse em mente a ausência da Internacional nos acontecimentos. Mas, de fato, a Comuna foi liderada principalmente por blanquistas e secundada por mutualistas proudhonianos¹⁵³. É neste sentido que Bakunin fala de um *instinto socialista*, portanto, inconsciente, dos *communards*; que se tornou *consciente* pelas próprias necessidades prementes e práticas às quais o proletariado se deparava ao tomar a cidade de Paris.

Eles são ainda mais escusáveis porque o povo de Paris, sob a influência do qual eles pensaram e agiram, era socialista muito mais de instinto do que de ideia ou convicção pensada. Todas as suas aspirações são ao mais elevado grau e exclusivamente socialistas, mas suas ideias, ou melhor, suas representações tradicionais ainda estão longe de ter alcançado essa altura. (Ibidem, pp. 121 e 122).

Lefebvre também atenta para a falsa ideia, posteriormente construída, de inspiração nas reflexões de Marx, sobre a guerra civil na França, para explicar a derrocada da Comuna pela ausência de um partido político – nos moldes bolcheviques? – capaz de dirigir o movimento revolucionário. “Sobre esta imagem ideológica, quantas reservas a formular! O movimento popular, no fim do assédio de Paris, não reunia apenas operário, então pouco numerosos e difíceis de definir como tais. Os seus objetivos? Tão vastos como confusos” (LEFEBVRE, 1971, p. 287). Na verdade, foi o inverso, a Comuna foi caracterizada antes pela espontaneidade das massas e daí o seu vigor. O operariado estava presente, realmente, mas de modo insignificante, pelas próprias características da indústria na França daquele final do século XIX, fortemente marcada pela presença de pequenas oficinas artesanais¹⁵⁴.

sangrenta, Varlin foi preso, torturado, teve seu corpo arrastado pelas ruas de Paris, e finalmente fuzilado.

¹⁵³ Bakunin escreveria no seu texto sobre a Comuna de Paris, “há jacobinos e jacobinos”, “jacobinos magnânimos”, “herdeiros da fé democrática de 1793” etc., em referência à luta heróica que os “jacobinos” blanquistas empenharam-se em defesa da Comuna. Os blanquistas, seguidores de Auguste Blanqui, tinham como referência a *Revolução Francesa* e o ano de 1793 (a figura de Babeuf e sua Conspiração dos Iguais), porém, em meados do século XIX, muitos se autodenominavam comunistas. “Nas grandes reuniões públicas no final do Segundo Império, os blanquistas eram muito ativos, principalmente nos salões dos bairros operários do norte e do leste de Paris. Falando para um público que, não raro, ultrapassava 3 mil pessoas, os blanquistas se autodenominavam comunistas, criticavam os socialistas pela sua posição reformista e pregavam a necessidade da tomada do poder político para implantar a ‘Comuna revolucionária’” (BOITO, 2001, p. 57).

¹⁵⁴ “Dos 37 milhões de habitantes, mais de 25 milhões eram rurais. As pequenas empresas eram maioria na indústria. Paris tinha uma população de 2 milhões de habitantes: a nova divisão administrativa de 1859, os

Portanto, a Comuna não foi *essencialmente* um movimento operário e, portanto, definida pela contradição histórica capital-trabalho. Mas, além das mazelas suscitadas pelo capitalismo, a Comuna revelou, na ordem do dia, talvez, especificidades da sociedade urbana: *contradições do espaço*.

A espontaneidade desempenhou aí o papel maior, uma espontaneidade alegre. Guerra civil, luta de morte, festa, só se separam no decurso dos acontecimentos. Além disso, e sobretudo, foi a primeira revolução urbana. Os operários e o povo parisiense não se bateram apenas na cidade mas pela cidade. Paris não era apenas o teatro da história, o lugar passivo da ação. Na luta estava em jogo a Cidade e o seu Centro, a Câmara. A Comuna de Paris não era apenas um meio político, um instrumento, mas o melhor sentido da luta. Desapossados da sua cidade, expulso do centro por Haussmann, os operários e o povo voltaram num tempo para lá de si próprios: uma temporalidade política em avanço em relação à economia, ao psiquismo e à ética, aos interesses particulares dos grupos e classes em presença. Eles foram afoitamente até ao ponto de porem, a partir do centro por eles retomado, as questões de descentramento e descentralização. Este tempo, ainda que tendo suas raízes na história, ia para além do movimento histórico, em direção ao possível através do impossível. A Comuna propôs as primeiras formas de autogestão, simultaneamente unidades de produção e unidades territoriais (comunas urbanas). (LEFEBVRE, 1971, pp. 288 e 289).

grupava em 20 bairros (*arrondissements*), com 442 mil operários em 1866 e 550 mil em 1872. Seu número crescia, e também sua concentração: o número de patrões diminuiu de 65 mil em 1847 para 39 mil em 1872; a relação patrão/operário passou de 1:5 em 1847 para 1:14 para 1872: havia empresas com mais de 5 mil operários. Cail, na metalúrgica, por exemplo, empregava mais de 2 mil operários. Gouin (construção de locomotivas), mais de 1.500, assim como a Gevelot. A maior parte das empresas da metalurgia, contudo, ocupava de 15 a 50 operários. Nas profissões tradicionais de Paris (têxtil, calçados, artesanato) predominava a pequena indústria artesanal: havia na cidade três grandes casas de produção de calçados. Na insurreição de março de 1871 as categorias mais presentes foram a metalurgia, a construção e os jornalistas” (COGGIOLA, 2003, p. 13). Com relação a certa historiografia, de tendência liberal, que quer apagar a participação operária e socialista da Comuna, Armando Boito Jr. escreve: “O órgão que comandou a insurreição de 18 de março de 1871, dando origem a Comuna de Paris, foi o Comitê Central da Guarda Nacional. Esse comitê era composto por 38 delegados eleitos nos bairros de Paris, sendo que 21 desses delegados eram operários; cerca de 20 deles eram filiados à seção francesa da Associação Internacional de Trabalhadores (AIT) e às Câmaras Sindicais de Paris. Além de a maioria de operários havia dez escritores, artistas e profissionais liberais, três empregados, três pequenos fabricantes e um rentista. Do ponto de vista de sua composição social, compreende-se que o Comitê Central da Guarda Nacional tenha proclamado que assumia o poder em nome do proletariado de Paris” (BOITO, 2001, p. 55).

Assim, a primeira *revolução urbana* foi, imersa em novas contradições mal-conhecidas, fortemente anti-estatal e revelou um *anarquismo vivo*¹⁵⁵, que longe de representar seus estertores antecipava sua força virtual atemporal. Por isso Bakunin pôde dizer:

Sou um partidário da Comuna de Paris, que, por ter sido massacrada, sufocada no sangue pelos carrascos da reação monárquica e clerical, tornou-se ainda mais viva, mais poderosa na imaginação e no coração do proletariado da Europa; sou seu partidário sobretudo porque ela foi uma negação audaciosa, bem pronunciada, do Estado. (BAKUNIN, p. 118).

Gostaríamos então de expor e transcrever alguns artigos proclamados no programa que devia reger a vida da Comuna de Paris. Para nós, estes artigos são de clara influência urbana, e, por isso, extremamente importantes, não só do ponto de vista histórico como também das estratégias. Nota-se que algumas questões como a dos idosos, das crianças e das mulheres¹⁵⁶, tão em voga hoje em dia, mas tão longe de serem ainda resolvidas, já eram colocadas pela Comuna (a citação é longa mas vale a pena):

Artigo I. As velhas autoridades de tutela, criadas para oprimir o povo de Paris, são abolidas, tais como: comando da polícia, governo civil, câmaras e conselho

¹⁵⁵ A organização político-administrativa baseia-se em certo tipo de federalismo, exercido por intermédio de ampla democracia direta. Cada localidade – vila e cidade – tem seu autogoverno e está unida por um contrato. A unidade política é a *Comuna* autogovernada, e a nacional assegurada por uma Convenção nacional. O órgão supremo do Estado é o conselho da *Comuna*, eleito por voto universal e, em caso de não corresponder à confiança neles depositada, seus membros podem ser destituídos a qualquer momento, por vontade soberana de seus eleitores. A Nação é a união das *Comunas*, representadas por delegados com mandato imperativo, assegurando limites ao exercício da autoridade do governo central. (COSTA, 1998, p. 72).

¹⁵⁶ O historiador do movimento operário Claude Willard e associado ao grupo *Les Amis de la Commune* destaca três obras da Comuna: a democracia anti-burocrática baseada no sufrágio universal para todas as funções, no mandato imperativo, isto é, os representantes devem obedecer decisões tomadas pelos trabalhadores, e no princípio da revogabilidade (MARTORANO, 2001); na participação expressiva das mulheres; e o desenvolvimento da cultura e da educação popular. “(...) O segundo aspecto da obra da Comuna, que possui até hoje grande atualidade, era o lugar ocupado pelas mulheres. Vimos que elas se colocaram à frente da cena, desde o dia 18 de março. Não somente as mulheres eram muito ativas nos clubes, mas criaram o primeiro movimento feminino de massas. A União das Mulheres, dirigida por uma jovem aristocrata russa de 20 anos, Elizabeth Dmitrieff – que aliás era uma das poucas comunardas a ter contatos com Marx – agiu aliás pela emancipação das mulheres. (...) Imaginem bem, os próprios eleitos da Comuna eram impregnados pelo machismo, como muitos proudhonianos. Mas é o movimento das mulheres, a ação das mulheres, a democracia direta que levará a Comuna a constituir uma etapa importante na direção de emancipação das mulheres” (WILLARD, 2001, pp. 19 e 20).

municipal. E as suas múltiplas ramificações: comissariados, esquadras, juízes de paz, tribunais etc. são igualmente dissolvidas.

Artigo II. A Comuna proclama que dois princípios governarão os assuntos municipais: a gestão popular de todos os meios da vida coletiva; a gratuidade de tudo o que é necessário e de todos os serviços públicos.

Artigo III. O poder será exercido pelos conselhos de bairro eleitos. (...)

Artigo IV. Sobre o problema da habitação, tomam-se as seguintes medidas: expropriação geral dos solos e sua colocação à disposição comum; requisição das residências secundárias e dos apartamentos ocupados parcialmente; são proibidas as profissões de promotores, agentes de imóveis e outros exploradores da miséria geral; os serviços populares de habitação trabalharão com a finalidade de restituir verdadeiramente à população parisiense o seu caráter trabalhador e popular.

Artigo V. Sobre os transportes, tomam-se as seguintes medidas: o ônibus, os trens suburbanos e outros meios de transporte são gratuitos e de livre utilização; o uso de veículos particulares é proibido em toda zona parisiense, com exceção dos veículos de bombeiros, ambulâncias e de serviço a domicílio; a Comuna põe à disposição dos habitantes de Paris um milhão de bicicletas cuja utilização é livre, mas não poderão sair da zona parisiense e seus arredores.

Artigo VI. Sobre os serviços sociais, tomam-se as seguintes medidas: todos os serviços ficam sob o controle das juntas populares de bairro e serão geridos em condições paritárias pelos habitantes de bairro e os trabalhadores destes serviços; as visitas médicas, consultas, assistência médica e medicamentos serão gratuitos.

Artigo VII. A Comuna proclama a anistia geral e a abolição da pena de morte e declara que sua ação se baseia nos seguintes princípios: dissolução da polícia municipal, dita polícia parisiense; dissolução dos tribunais e tribunais superiores; transformação do Palácio da Justiça, situado no centro da cidade, num vasto recinto de atração e de divertimento para crianças de todas as idades; em cada bairro de Paris é criada uma milícia popular composta por todos os cidadãos, homens e mulheres, de idade superior a 15 anos e inferior a 60 anos, que habitem o bairro (...). Paris é proclamada terra de asilo e aberta a todos os revolucionários estrangeiros, expulsos [de sua terra] pelas suas ideias e ações.

Artigo VIII. Sobre o urbanismo de Paris e arredores, consideravelmente simplificado pelas medidas precedentes, tomam-se as seguintes decisões: proibição de todas as operações de destruição de Paris: vias rápidas, parques subterrâneos etc.; criação de serviços populares encarregados de embelezar a cidade, fazendo e mantendo canteiros de flores em todos os locais onde a estupidez levou à solidão, à desolação e ao inabitável; o uso doméstico (não industrial nem comercial) da água, de eletricidade e do telefone é assegurado gratuitamente em cada domicílio; os contadores são suprimidos e os empregados são colocadas em atividades mais úteis.

Artigo IX. Sobre a produção, a Comuna proclama que: todas as empresas privadas (fábricas, grandes armazéns) são expropriadas e seus bens entregues à coletividade; os trabalhadores que exercem tarefas predominantemente intelectuais (direção, gestão, planificação, investigação etc.) periodicamente serão obrigados a desempenhar tarefas manuais; (...) fica abolida a organização hierárquica da produção; as diferentes categorias de trabalhadores devem desaparecer e desenvolver-se a rotatividade dos cargos de trabalho; a nova organização da produção tenderá a assegurar a gratuidade máxima de tudo o que é necessário e diminuir o tempo de trabalho. (...)

Artigo X. Os trabalhadores com mais de 55 anos que desejem reduzir ou suspender a sua atividade profissional têm o direito a receber integralmente os seus meios de existência. (...)

Artigo XI. É abolida a escola “velha”. As crianças devem sentir-se como em casa, aberta para a cidade e para a vida. A sua única função é a de torná-las felizes e criadoras. As crianças decidem a sua arquitetura, o seu horário de trabalho e o que desejam aprender. O professor antigo deixa de existir: ninguém fica com o monopólio da educação, pois ela já não é concebida como transmissão do saber livresco, mas como transmissão das capacidades profissionais de cada um.

Artigo XII. A submissão das crianças e da mulher à autoridade do pai, que prepara a submissão de cada um à autoridade do chefe, é declarada morta. O casal constitui-se livremente como o único fim de buscar o prazer comum. A Comuna proclama a liberdade de nascimento: o direito à anticoncepção. As crianças deixam de ser propriedade de seus pais. Passam a viver em conjunto na sua casa (a Escola) e dirigem a sua própria vida.

Artigo XIII. A Comuna decreta: todos os bens de consumo, cuja produção em massa possa ser realizada imediatamente, são distribuídos gratuitamente; são postos à disposição de todos nos mercados da Comuna. (COGGIOLA, 2003, pp. 14-16).

Embora a *Guerra Civil Espanhola* ou *Revolução Espanhola* não tenha sido propriamente uma revolução urbana nos moldes da Comuna, isto é, não foram contradições do espaço as causas dos eventos revolucionários da década de 30, mas, sim, contradições históricas, é possível discernir, entretanto, aspectos da sociedade urbana plenamente latentes. Pois, durante o conflito, não houve apenas *coletivizações* ou socialização no campo, mas também nas cidades. Além disso, as comunas na Espanha duraram muito mais tempo do que a curta temporada da Comuna de Paris, e por isso os problemas concretos revelaram-se mais difíceis e as soluções mais complexas. Faremos algumas considerações breves a respeito.

Para começar, é preciso antes traçar em linhas gerais como o anarquismo se tornou um movimento de massa na Espanha. Grosso modo, o anarquismo enquanto *movimento histórico* surge com o cisma do socialismo na Associação Internacional dos Trabalhados (AIT), fundada em 1864. A cisão tornar-se-ia irremediável quando as posições de Bakunin suplantam definitivamente as concepções proudhonianas e rivalizam com as de Marx em torno do projeto socialista. A literatura anarquista descreveu os oponentes do seguinte modo: de um lado, Bakunin e os *socialistas libertários*; e de outro, Marx e os *autoritários*¹⁵⁷. Vale lembrar também que o socialismo proposto por Bakunin, em nossa opinião, foi uma síntese do *princípio federalista* proudhoniano – e do pressuposto, “a cada um conforme o seu trabalho” – e de algumas teses do *materialismo*, inclusive de viés marxista¹⁵⁸, como, por exemplo, a questão da luta de classes. Enfraquecida pela repressão

¹⁵⁷ Os termos são de época: “Esse é o ponto que divide principalmente os socialistas ou coletivistas revolucionários dos comunistas autoritários, partidários da iniciativa absoluta do Estado. Seu objetivo é o mesmo: ambos os partidos querem a igualmente a criação de uma nova ordem social, fundada unicamente na organização do trabalho coletivo, inevitavelmente imposto a cada um e todos pela própria força das coisas, sob condições econômicas iguais para todos, e na apropriação coletiva dos instrumentos de trabalho” (BAKUNIN, 2008, p. 116).

¹⁵⁸ “Meu velho amigo, Serno, comunicou-me essa parte de tua carta que me concernia. Perguntas-lhe se eu

que se seguiu à Comuna (1871), a Internacional não conseguiu sobreviver às dissensões internas, que culminaram, sobretudo, na expulsão de Bakunin. Muito mais relevante foi, no entanto, a onda contra-revolucionária que grassaria na Europa, nos anos subsequentes, criando um refluxo dos movimentos dos trabalhadores por pelo menos uma década. Mas, ainda anos de 1868, em pleno vigor da AIT, Bakunin enviava para a Espanha um de seus colaboradores, o italiano Giuseppe Fanelli. À época, a Espanha era um país basicamente agrário, apresentando uma concentração industrial pontual, somente na região da Catalunha e dos Países Bascos, e, por conseguinte, a organização da classe operária era frágil e difusa. Por isso, foi incumbido a Fanelli o papel de organizar os trabalhadores espanhóis sob o estatuto da Internacional, bem como fundar uma seção desta organização no país. Passados alguns anos desse episódio crucial, já nos anos de 1900, floresciam muitas associações e sindicatos de trabalhadores por toda a Espanha. Entre os anarquistas, as formulações do anarco-comunismo, de cariz kropotkiniano, sob o lema comunista de “a cada um conforme a sua necessidade”, e do anarco-sindicalismo francês, ganharam terreno na organização dos trabalhadores. Além disso, o descentralismo propugnado pelas ideias anarquistas caía como uma luva nos anseios do proletariado espanhol, que já tinham uma certa tradição nesse sentido com o Partido Federalista, ainda na primeira metade do XIX, e mesmo uma familiaridade com as obras de Proudhon, traduzidas por Pi y Margall, no ano de 1968 (NETTLAU, 2008). É preciso também ressaltar que a constituição de uma *identidade* da Nação espanhola, desde os Reis Católicos, passou por cima de diferentes grupos étnicos e de províncias que tradicionalmente reivindicavam autonomia.

Durante o interregno que se seguiu desde a chegada de Fanelli e o início da guerra civil, a Espanha viveu um período de intensa agitação política e social que, evidentemente, não vamos nos aprofundar aqui. Basta dizer apenas que em março de 1936, em meio à insatisfação geral, uma frente partidária de esquerda vence as eleições e galga ao cume do

continuo a ser teu amigo. Sim, mais do que nunca, caro Marx, porque melhor do que nunca consegui compreender o quanto tinhas razão seguindo e convidando-nos a todos a trilhar a grande via da revolução econômica, e criticando (?) aqueles dentre nós que se perderiam nas sendas das iniciativas nacionais ou exclusivamente políticas. Faço agora o que começaste a fazer, há mais de vinte anos. Desde o adeus solene e público que dirigi aos burgueses do Congresso de Berna, não conheço mais outra sociedade, outro meio senão o mundo dos trabalhadores. Minha pátria, agora, é a Internacional, da qual és um dos principais fundadores. Vê, pois, caro amigo, que sou teu discípulo, e orgulho-me de sê-lo. Eis tudo o que era necessário para explicar-te minhas relações e meus sentimentos pessoais. (...) Teu devotado, M. Bakunin. Lembranças minhas, rogo-te, à sra. Marx”. Carta de Bakunin endereçada ao Conselho Geral da Internacional, em Londres, em 22 de dezembro de 1968; citada por James Guillaume em *A Internacional* (vol. 1).

poder. Todavia, seu governo foi incapaz de atender as demandas populares mais elementares. Mesmo com um governo pusilânime, as oligarquias espanholas mostraram-se descontentes em perder o controle político e, em junho do mesmo ano, ocorre uma tentativa de golpe militar (os “velhos” e tão corriqueiros *pronunciamientos* espanhóis), há muito planejada no Marrocos, por Franco e outros pulhas da Falange. Nesse momento, inicia-se a guerra civil. A partir daí, começa um intrincado “jogo de xadrez”, dentro e fora da Espanha, que caracterizará o cenário mundial dos anos decorrentes. Não foi à toa a referência, por muitos historiadores, à guerra civil na Espanha, de “pequena guerra mundial”. De fato, a Revolução Espanhola iria inaugurar o formato das guerras modernas, inovando nas técnicas e nos métodos de batalha (por exemplo, bombardeios aéreos, uso de blindados etc.). Assim, em apenas três anos, o conflito foi um dos mais sangrentos do século XX, e acabou servindo-se de laboratório dos projetos nazistas, antecipando os adventos sangrentos da Segunda Guerra Mundial.

No cenário interno, a resistência ao assédio fascista foi marcada por uma aliança frágil entre as esquerdas. Também não entraremos em detalhes neste trágico capítulo, repleto de ressentimentos e mesquinhez. Mas alguns fatos valem a pena serem mencionados, para uma maior compreensão da natureza da divisão entre os socialistas. Em Barcelona, por exemplo, os fascistas foram esmagados logo no primeiro dia do golpe pelos anarquistas, que solicitam desesperadamente a liberação de armas ao governo; este sempre recalcitrante. Neste dia caíram os primeiros mártires da revolução, quase todos anônimos; dentre eles, o incansável ativista Francisco Ascaso. Também, durante a marcha para salvar Madri, a Coluna Durruti, comandada pelo militante de irretocável caráter, Buenaventura Durruti, por onde passava instituía o fim da propriedade privada, através de medidas socialistas por meio da coletivização das terras e da democratização da educação¹⁵⁹. Aliás, o processo de coletivizações toma toda a Espanha (menos, é claro, os territórios ocupados pela falange), chocando-se com diversos interesses, mesmo entre as fileiras revolucionárias. A posição moderada do Partido Comunista Espanhol, afinado às prerrogativas do stalinismo, condizia com os interesses de uma burguesia oportunista, que integrava os quadros do partido, e que se posicionou francamente no sentido de salvaguardar a

¹⁵⁹ O ensino progrediu com uma rapidez até então desconhecida. A imensa maioria das coletividades e das municipalidades mais ou menos socializadas construiu uma ou várias escolas. Cada uma das coletividades da Federação do Levante tinha sua escola no início de 1938. (LEVAL, 2002, p. 92).

propriedade privada. Não demorou muito para as diversas tendências socialistas entrarem em choque, muitas vezes de forma extremamente violenta, como veio a ocorrer em 37¹⁶⁰. O boicote de armas e o não pagamento do soldo, por determinação do governo, também enfraqueciam as linhas no *front*. Com a morte de Durruti, ainda no ano de 36, em circunstâncias misteriosas, o *Pravda* de Moscou publica a seguinte manchete: “Começa o expurgo aos elementos trotskistas e anarco-sindicalistas na Espanha”. Diante da ofensiva dos franquistas, destacados membros anarquistas, como Juan Garcia Oliver e Federica Montseny, também acabam por integrar ministérios do governo, causando ainda mais confusão entre os combatentes. Por outro lado, à medida que a contra-revolução stalinista ganhava força, a propriedade fundiária e o comércio foram pouco a pouco restituídos. (Os fascistas sequer tiveram o trabalho de arrumar a casa!) As tropas também passaram a ser rigidamente disciplinadas, hierarquizadas e submetidas a um Estado-Maior, obediente às determinações do PCUS.

No plano internacional, desde o início do conflito, Alemanha e Itália enviaram prontamente armas e tropas em auxílio das falanges. Os nazistas alemães ainda dispuseram sua poderosa esquadra aérea, a Condor. Já as potências democráticas mantiveram-se maquiavelicamente “neutras”. A URSS, para agradar tanto gregos como troianos, enviou armas de segunda mão, todas usadas na Primeira Guerra Mundial, e grande parte delas estragadas ou com defeito, e alguns técnicos militares, mas nenhum efetivo militar que pudesse fazer frente à aliança internacional que se formava em torno da extrema-direita na Espanha. Isolados, os revolucionários espanhóis, contaram com a solidariedade de voluntários do mundo todo, que se alistaram, em grande parte, nas Brigadas Internacionais.

Neste sentido, dois fatores foram cruciais para a subida de Franco ao poder. Além das picuinhas internas, promovidas pelo PCE, que minaram por dentro a coesão da resistência, a política externa foi também determinante para o desfecho do conflito. Ora, a URSS, única potência militar e econômica capaz de colaborar decisivamente com os revolucionários, jamais se envolveu de modo contundente no conflito. Stalin havia muito que esboçava firmar um pacto com a Inglaterra e França, em virtude do crescimento do nazismo e dos anseios expansionistas de Hitler, que tinha por alvo de seu ódio o socialismo.

¹⁶⁰ Declaração de Gil Robles, presidente da Confederação Espanhola das Direitas Autônomas (CEDA): “Não nos enganemos, o país pode viver sob a monarquia ou sob a república, sob o presidencialismo ou parlamentarista, sob o comunismo ou o fascismo, mas não pode viver na anarquia”.

O ditador sabia dos inconvenientes de um país de regime socialista no seio da Europa ocidental, algo intolerável entre os países capitalistas, e como prova de boa-vontade, não se interferiu efetivamente no conflito. Todavia, malograda suas aspirações, Stalin acabou firmando um acordo de não-agressão justamente com os nazistas! Não é estranho, portanto, que no ano de 1939, ao término da guerra civil na Espanha, iniciaram-se, quase ao mesmo tempo, os confrontos da Segunda Guerra Mundial. Curiosamente, os “negócios” que o PCUS mantiveram com o governo espanhol, como o mencionado comércio de armas danificadas, acabaram por transferir cerca de 510 toneladas do ouro espanhol (diga-se de passagem, das Américas) para os cofres soviéticos! Por outro lado, Franco sentia-se obrigado moralmente aos países do Eixo, e mesmo com a Espanha em frangalhos ainda pôde, em sinal de gratidão, enviar tropas em auxílio dos nazistas. Porém, o mal-estar das potências democráticas com o fascismo na península ibérica durou muito pouco. Em 1955, Franco recebeu ajuda financeira dos EUA e a Espanha, admitida na ONU.

Seria interessante mencionar aqui, a título de observação e evitar maus-entendidos, que, em maio de 36, foi aprovado, num congresso da CNT, a absoluta igualdade entre mulheres e homens, num país, diga-se de passagem, de forte tradição católica e patriarcal. Neste contexto, o grupo libertário *Mujeres Libres* contou com 20 mil mulheres que não se contentavam em auxiliar os milicianos na retaguarda, mas, inversamente, alistavam-se na linha de frente e combatiam em pé de igualdade com seus camaradas de sexo masculino.

As coletividades, assim como as *Mujeres Libres*, mereceriam um capítulo à parte. Mas o que queremos enfatizar aqui é uma certa apropriação do espaço urbano e uma transformação do cotidiano que se pretendia de baixo para cima, autogestionário. Portanto, as coletivizações buscavam alterar as relações sociais e de produção no interior da divisão do trabalho, tanto no campo, como na cidade.

Malgrado sua determinação, as coletividades eram praticamente organizações libertárias comunistas, que aplicavam a regra *de cada um segundo suas forças, a cada um segundo suas necessidades*, seja pela quantidade de recursos materiais assegurados a cada um ali onde o dinheiro tinha sido abolido, seja por meio do salário familiar lá onde o dinheiro foi mantido. O método técnico divergia, mas o princípio moral e os resultados práticos eram os mesmos. Essa prática existia, com efeito, sem exceção, nas coletividades agrárias; pouco frequente, ao contrário, nas

coletivizações e socializações industriais, por ser a vida da cidade mais complexa e o sentimento de sociabilidade menos profundo. (LEVAL, 2002, p. 86).

As coletivizações na cidade foram muito mais difíceis do que no campo, que, apesar da concentração fundiária, tinha já uma tradição nesse sentido. A vida cotidiana nas cidades estava, ao contrário, bastante cristalizada e não seria do dia para a noite que essa situação se alteraria bruscamente. Houve muitas tentativas de socialização, mas o que se viu numa primeira etapa foram relações capitalistas privadas tornarem-se coletivas¹⁶¹. Ora, esse fato é justificável. Como mudar a rotina de pessoas que acordam pela manhã preocupadas com as despesas e as contas a pagar e encontram uma cidade totalmente mudada por um novo regime político-econômico estendido a quase todo território nacional de uma hora para outra? O que devia se passar na cabeça desses trabalhadores, quantas incertezas e inseguranças sobre o futuro, apesar do otimismo e da esperança? Portanto, a produção não devia parar; todavia, as boas novas da primeira hora foram que o odioso sistema do patronato havia sido enfim abolido.

Nenhum dos patrões se encontrava lá. Os trabalhadores não deviam apenas retornar a seus postos de trabalho, no trem, no bonde ou nos escritórios. Eles deviam também se encarregar da direção geral das fábricas, das oficinas, das empresas etc. em outras palavras, aos operários e empregados, ocupados em todos os setores da economia do país, incumbia, doravante, a direção da indústria e de toda a vida econômica. (SOUCHY, 2002, p. 30).

Neste sentido, o de organizar a vida econômica nos moldes da autogestão, coube a cada sindicato, única estrutura com capacidade administrativa naquele momento, capaz de substituir o Estado, o controle da produção e articular a distribuição. Nota-se que tal gestão era extremamente descentralizada e pouco burocrática, pois a organização sindical fundava-se no trabalho voluntário dos filiados, o que dispensava a contratação de funcionários permanentes. Até mesmo os socialistas que viam na experiência soviética um modelo a ser

¹⁶¹ Essa mudança constituiu uma legítima melhoria em relação à situação anterior, pois desta vez os operários colhiam, de fato, os frutos de seu trabalho. Mas essa melhoria, esse estatuto econômico não era socialista nem comunista. Um capitalista era substituído por um tipo de capitalismo coletivo. Lá onde havia um único proprietário de fábrica ou de um bar, houve, em seguida, um proprietário coletivo constituído pelos operários da fábrica, o pessoal do bar. (SOUCHY, 2002, p. 34).

copiado renderam-se as coletividades e mesmo eles chegaram a promover coletivizações. Além disso, essencialmente, os sindicatos revolucionários estavam acima de qualquer suspeita; eram entidades de integridade ideológica inquestionável; de fato, apresentavam-se como a única organização que os trabalhadores podiam realmente confiar. Além disso, seus filiados, além de viverem modestamente e dividir as atividades sindicais com o trabalho na indústria, também se dedicavam obstinadamente no *front*, como o exemplo dos já mencionados Ascaso e Durruti.

Após o 19 de julho de 1936, os sindicatos da CNT encarregaram da produção e do abastecimento. Os sindicatos, de início, esforçaram-se para resolver a questão mais urgente: a de assegurar o provimento da população. Em cada bairro, cozinhas foram instaladas nos locais dos sindicatos. Comitês de abastecimento ocupavam-se de buscar víveres nos armazéns centrais da cidade ou no campo. Esses víveres eram pagos com bônus cujo valor era garantido pelo sindicato. Cada membro dos sindicatos, as mulheres e os filhos dos milicianos, e também a população em geral, foram alimentados gratuitamente. (...) Os sindicatos de empresa transformaram-se em empresas industriais. O sindicato da construção civil de Barcelona encarregou-se da execução dos trabalhos das diferentes empresas de construção da cidade. Os salões de beleza foram coletivizados. (ibidem, pp. 31-35).

É preciso ressaltar também que os revolucionários viviam numa economia de guerra e que muitos produtos tinham de ser importados, notadamente, os manufaturados. A demanda por armas e combustível também era grande. Logo, não era tão fácil assim se livrar de certas categorias econômicas, como a circulação em dinheiro (ou bônus), principalmente quando o intercambio com o exterior e regiões onde careciam produtos e outras eram produtoras exigia que as trocas fossem contabilizadas. Vejamos estes exemplos:

A companhia de ônibus de Barcelona, apresentava excedentes de receita. Uma parte desses excedentes é destinada a um fundo de reserva para compra de material no estrangeiro. (...) Quando o combustível se tornava raro, 4000 motoristas de táxi ficaram desempregados. Seus salários tiveram de ser pagos, ainda pelo sindicato. Foi um pesado ônus para o sindicato dos transportes. Ele teve de pedir ajuda aos outros sindicatos e à comuna de Barcelona. (...) O transporte do leite das zonas

rurais para as cidades também é assegurado pelos sindicatos, que se ocupam, além do mais, do funcionamento da maioria das leiterias. O sindicato da alimentação controla as empresas agrícolas e trabalha em colaboração com as fazendas coletivizadas. A diminuição da entrada na Espanha do leite condensado teve por consequência uma penúria de leite. O sindicato da alimentação comprou leite condensado no estrangeiro e, assim, acabou a penúria do leite em Barcelona. (Ibidem, pp. 35-40).

Seria precipitado ou maledicente condenar as coletividades urbanas por não terem conseguido eliminar imediatamente todas as categorias do capitalismo. Foram, na verdade, realidades incomparáveis. Todavia, a experiência de apropriação da *coisa urbana*, com seus acertos e equívocos, é prenhe de lições, que já indicavam a necessidade de se conceber a vida social na cidade sobre pressupostos verdadeiramente democráticos. Com certeza, experiências desse tipo não foram exclusivas da Revolução Espanhola, mas, ao nosso ver, a guerra civil na Espanha parece ser emblemática porque anuncia, pela primeira vez, o esgotamento das categorias históricas.

Antes de concluir o assunto, ainda há espaço para mais algumas considerações. Num contexto histórico, como o descrito, houve a oportunidade para um líder nacionalista (falangista) declarar a seguinte frase aos berros: “Abaixo a inteligência, viva a morte!” Feita esta observação, gostaríamos de lembrar que o poeta andaluz Federico Garcia Lorca foi uma das primeiras vítimas dos franquistas. Portanto, nada mais justo do que transcrever esses versos do poeta em homenagem aos revolucionários:

(...)

Verde que te quero verde,
verde vento, verdes ramos.
Os dois companheiros subiram.
O forte vento deixava
na boca um raro gosto
de fel, menta e alfavaca.
Compadre! Onde está,

dize-me, tua menina amarga?
Quantas vezes te esperou!
Quantas vezes esperara
rosto corado, negro cabelo,
nesta verde varanda! (...)

(Romance Sonâmbulo)

Outro momento que queremos destacar é *Maio de 68*, mas não vamos, deveras, nos estender muito sobre o assunto. Em primeiro lugar, é importante lembrar a simultaneidade de eventos que marcaram este ano. O que torna inútil uma interpretação unitária. Por isso, nos deteremos brevemente apenas naquilo que pode ser relacionado à questão da *forma urbana*.

Apesar das manifestações reunirem milhares de pessoas no mundo todo, frequentemente envolvendo conflitos entre manifestantes e polícia, às vezes, resultando em consequências gravíssimas por causa da extrema violência repressiva dos aparelhos estatais, a cidade de Paris parece ter se tornado um símbolo destas irrupções. Um fato, porém, marca todos estes acontecimentos, a saber, de não terem sido iniciados pela classe trabalhadora. Assim sendo, foram os estudantes os precursores das manifestações que agitaram o mundo na década de 60, do século XX.

Neste contexto, Henri Lefebvre ao analisar a sociedade francesa, demonstra como o Estado, longe de diminuir seu papel na sociedade, inflacionou o seu Poder para além dos limites de sua própria definição (liberal). O Estado tornou-se, então, uma potência econômica controladora da produção ideológica e organização social. Neste sentido, o Estado aparece como a única “entidade” capaz de organizar e estabelecer uma unidade, através de estratégias globais. Unidade esta conciliadora de interesses divergentes de todos os setores sociais, incluindo, evidentemente, o dos monopólios capitalistas. Neste sentido, os limites da ação estatal não se resumiam a um mero reflexo passivo do capital

monopolista, mas cabia a ele a função de coordenar o capital, sendo o próprio Estado o maior dos monopólios.

Os monopólios ou “oligopólios”, conforme o vocabulário que passa por científico, são certamente poderosos, mas cada um deles ocupa um setor. Organizações verticais, apesar de uma tendência para as extensões horizontais não constituem um sistema. Não são mais os bancos com cada organização monopolística tendo o seu banco ou seus bancos. A quem incumbe a coesão? O Poder encarrega-se dela. Na França, grandes “sociedades” praticam o auto-financiamento, o que facilita as operações a prazo curto e médio (exploração do mercado interno e externo, pesquisa de novas produções) mas que incomoda a coesão do conjunto. Esta coesão não é assegurada por um pensamento racional (a planificação) mas por uma vontade, o Poder. (LEFEBVRE, 1968c, pp. 97 e 98).

A máquina estatal não apenas garantiria assim a coesão e a unidade, mas garantiria também o lucro das empresas capitalista, porque lucra e também se beneficia do lucro privado.

Por certo, ele encoraja o lucro, sabendo que uma parte bem grande vai para os investimentos. Além do mais, ele gera: realiza, sobre a renda nacional, adiantamentos maciços, para operações próprias (ouro, *force de frappe*, etc.). Enfim, ocupa-se ativamente com as construções imobiliárias, com as novas cidades, com a urbanização. O que se chama de “urbanismo” faz parte simultaneamente da ideologia e da prática do Estado que se deseja racional. (ibidem, p. 98).

Este Estado não é senão o Poder detido nas mãos da burguesia ou da classe capitalista (ou super-classe). Portanto, tal *unidade é ilusória*. Porém, o Estado, que se quer absoluto, total, super-racional, criou um vazio social em torno de si, pois, aboliu todas as mediações possíveis entre ele e a sociedade. Somente grupos constituídos, em que pese o poder econômico, conseguem fazer valer seus interesses mediante ao Estado. As liberdades individuais ou os direitos civis não passam aqui de mera ficção, assim como entidades representativas de classes ou frações de classes. Labirinto kafkiano, o Estado, esfera abstrata e ao mesmo tempo concreta, dispersa os elementos sociais, completamente

perdidos e caóticos, ou expulsa a sociedade civil para uma região de trevas, através, contraditoriamente, de sua luminosidade ofuscante. “Entre o nível político e o da sociedade civil, está o vazio. Um vazio político, um vazio social e ideológico. Esses grupos sociais reduzido ao papel de membros passivos da sociedade não política há já algum tempo não têm mais projetos” (ibidem, p. 100).

Para Lefebvre, este vazio, caracterizado por uma crise institucional, em maio de 68, foi preenchido pela contestação e pela espontaneidade na *rua*, esfera política por excelência. “A mais surpreendente característica da situação francesa, nestas horas ditas ‘histórica’, foi e ainda é a existência de uma terceira força: a da contestação e espontaneidade, a força da rua” (ibidem, p. 120). A autogestão aparecia então como a forma política desta terceira força que buscava superar as dissociações engendradas pelo vazio circundante do Poder. “Espontaneamente, a prática social se liberta daquilo que *institui* as separações, a saber, uma soma de instituições” (ibidem, p. 124). É neste sentido que a revolução nasce do cotidiano e põe em cheque a cotidianidade, pela autogestão. “A autogestão mostra o caminho para uma transformação da vida cotidiana. ‘Mudar a vida’, assim se define o sentido do processo revolucionário” (ibidem, p. 125).

Portanto, na produção do espaço, nas classes sociais projetadas no solo, nas representações e ideologias que se materializam no chão, no hiato e nas dissociações promovidas pelo Estado, a cidade aparece como cenário, onde a forma urbana é reivindicada. “Efetuadas no terreno, é no terreno que podem ser superadas: na rua. Aqui é o estudante encontra o trabalhador e a razão reduzida a suas funções reencontra a palavra” (ibidem, p. 130). *Maio de 68* foi marcado pela solidariedade e o diálogo direto entre estudantes e trabalhadores à revelia das instituições já bastante carcomidas que os forjavam uma representação postiça. Esta foi sua principal característica urbana.

Permita-nos agora transcrever aqui algumas das belas passagens do livro de *Em 68: Paris, Praga e México*, de Carlos Fuentes, sobre as revolta nas ruas de Paris e que parecem traduzir bem o espírito do conteúdo vivo da forma urbana realizada: *o encontro* (A citação é longa mais vale a pena):

“De onde vem, camarada” é a primeira saudação dos jovens que saíram para fazer poesia e política nas ruas de uma cidade que não me atrevo a reconhecer e que,

entretanto, só agora é idêntica a si mesma. Uma Paris de mãos abertas, onde chegar *de* significa unir-se *a*.

- *D'où viens-tu, camarade?*

- México.

- *C'est loin, ça.*

- *Pas tellement.*

Unir-se ao diálogo, à fraternidade e ao amor de uma revolução que, em primeiro lugar, aconteceu nas consciências e nos corações.

Cafés, bistrôs, oficinas, aulas, fábricas, lares, esquinas dos bulevares: Paris se transformou em um grande seminário público. Os franceses descobriram há anos que não dirigiam a palavra uns aos outros, e que tinham muito a se dizer. Sem televisão e sem gasolina, sem rádio e sem revistas ilustradas, deram-se conta de que as “diversões” os tinham, realmente distraído de todo contato humano real. Durante um mês, ninguém tomou conhecimento das gestações da princesa Grace ou dos amores de Johnny Halliday, ninguém se sentiu impelido pelos apelos publicitários para trocar de carro, relógio ou marca de cigarros. Em lugar das “diversões” da sociedade de consumo, nasceu de maneira maravilhosa a liberdade de interrogar e duvidar.

PARLEZ À VOS VOISINS!

Os contatos se multiplicaram, iniciaram-se, restabeleceram-se. Houve uma revolta – tão importante quanto as barricadas estudantis ou greves operárias – contra a calma, o silêncio, a satisfação, a tristeza. Pais e filhos encontraram uma possibilidade de comunicação (ou se certificaram de que havia perdido). Maridos e mulheres se separaram por incompatibilidade política, moral e erótica (pois se trata de sinônimos). Outros pares se conheceram nas barricadas, no debate permanente do Odéon, nas passeatas: o amor nasceu com a mesma velocidade dos acontecimentos. (...) Jean-Jacques, um amigo psicanalista, queixa-se amargamente: “Os consultórios se esvaziaram, e muito. A revolução substituiu o psiquiatra. Nós nos sentimos inúteis. Ontem uma paciente minha esteve no consultório e me disse: ‘Os senhores querem nos adaptar a essa sociedade idiota. Eu me nego a ser adaptada. Quero ser rejeitada e rejeitar o mundo atual.’ E me deixou, como lembrança, um paralelepípedo em cima da mesa”. (...)

Os desconhecidos deixaram de sê-lo. A revolução, mais uma vez, foi um encontro e um abraço: para a revolução não há *desconhecidos*.

“Quanto mais faço a revolução, mais vontade tenho de fazer amor; Quanto mais faço amor, mais vontade tenho de fazer a revolução”.

Houve o *irrepetível* e há o irreversível.

Irrepetível, e não poderia ser de outra maneira (poesia, revolução, consagração do momento, Octávio Paz, alta incandescência da maré temporal), a explosão libertária, o júbilo, a imaginação, o humor, o excesso, a loucura, no pátio da Surbonne, nos debates do Odéon, nas manifestações gigantescas, nas passeatas as portas das fábricas a fim de selar aliança (impedida pela Confederação Geral dos Trabalhadores e pelo Partido Comunista Francês) dos estudantes com os operários, no incêndio da Bolsa de Paris ao grito de “Templo do bezerro, arde!”, nas terríveis lutas noturnas das barricadas da rue Gay-Lussac, o Boul’Mich, Saint-Germain-des-Prés, a Place Edmond e a rue d’Assas com as brutais CRS (Companhias Republicanas de Segurança, tropa de elite da polícia francesa) que avançam contra a fumaça e as chamas e as árvores caídas, lançando gases letais, batendo indiscriminadamente em pedestres, jornalistas e paroquianos de cinemas e cafês, insinuando-se para as mulheres, a quem matracam o grito de “putas, putas!”, lançando granadas plásticas em direção às janelas abertas, perseguindo os estudantes pelas escadas dos edifícios e até dentro dos apartamentos onde se refugiaram. (FUENTES, 2005, pp. 21-25).

Para concluir gostaríamos de fazer algumas considerações sobre o *Minimanual do guerrilheiro urbano* de Carlos Marighella.

Antes disso, ainda faremos uma observação, para introduzir o assunto, sobre o fim do período histórico, como já nos referimos, caracterizado pela dominação da natureza, através do conhecimento e da técnica, em sintonia de processos acumulativos. Nossa hipótese é a de que poderá vir à luz de repente um novo período: a sociedade urbana. Ou ser esta abortada. Este novo período terá a marca indelével da *apropriação*: apropriação do corpo, do desejo, do tempo e do espaço. Como já reiteramos tantas vezes, as condições materiais já estão aí. A sociedade urbana é uma possibilidade, e apresenta agora seus sintomas: as diferenças.

Tese: O período de apropriação, período pós-histórico, só pode ser pensado em função da sociedade urbana. Entramos já nesta sociedade e neste período. Sintomas e indícios: tanto a *guerrilha urbana* como as vastas reuniões de jovens “não-violentos”, ávidos de contatos, de encontros, de amor, de erotismo, de

fruição, de alegria e de esquecimento. (Se se confirmar que Heidegger entreviu a importância da diferença e da apropriação, poderemos dizer, retomando o seu esquema, que o urbano vem após a técnica na via do ser e do seu desenvolvimento. Mas podemos objetar que estas proposições ainda filosóficas não têm grande importância para esclarecer a *praxis*...). (LEFEBVRE, 1971, p. 281, “guerrilha urbana”, sublinhado por nós).

Neste sentido, *a guerrilha urbana* é um sinal. Sendo assim, conforme nossa perspectiva analítica relativa à questão do Estado, é preciso lembrar que o golpe de 64 (o golpe dentro do golpe: o quinto *Ato Institucional* de 1968) não apenas criou um vácuo em torno do Poder, como também dissipou qualquer representação de mediação supostamente garantida pela democracia moderna, entre a sociedade civil e a sociedade política. A política linha dura que se seguiu ao golpe, não podia ser preenchida pela contestação e espontaneidade pacífica das massas, senão pelo confronto direto e armado realizado por pequenos grupos que conseguiam se organizar clandestinamente, nas trevas. As condições históricas, implementadas pelo governo militar, obstariam qualquer trabalho massivo contundente nas bases. Por isso, pequenos grupos revolucionários, como ALN, VPR, VAR-Palmares, PCBR, Polop, Ação Popular, PC do B (Ala Vermelha), MR-8, entre outros, decidiram enfrentar o governo diretamente e de forma violenta. Para isso, os modelos idealizados de atuação foram praticamente importados: a guerrilha rural maoísta ou guevarista-castrita (o *foquismo*). Porém, as necessidades pragmáticas e reais surgidas no embate, tomaram uma direção inusitada até então: a *guerrilha urbana*. Esta acabou tornando-se uma regra, no período de 64 a 72; exceção feita ao trágico episódio do Araguaia (de 72 a 74). É neste sentido que podemos também inserir dentro desta interpretação da sociedade urbana o *Mini-manual do guerrilheiro urbano*.

Carlos Marighella, nascido em 1911, diplomado em engenharia, era filho de um operário italiano com uma mulher negra natural da Bahia. Ainda quando estudante, Marighella entrou no PCB, fato que o levou sucessivamente à prisão. Não obstante, chegou a se eleger deputado nos tempos de legalidade (anistia de 1945) até ser cassado durante o governo de Eurico Gaspar Dutra. No contexto das denúncias dos crimes de Stalin por Kruchov, em 1956, a ala stalinista pecebista se recrudesceu ainda mais, sem contudo encontrar apoio na base do partido e do próprio PCUS; o que a levou a se aproximar do

PCCh (Partido Comunista Chinês) e, posteriormente, à formação PC do B, em 1962. Adotando então a linha maoísta, pregava a luta armada via revolução camponesa, em contraposição à *via pacífica* do PCB. Apesar da dissensão partidária, Marighella permaneceu no PCB, mas por pouco tempo. Seu temperamento aguerrido colocava-o frontalmente em desacordo com a insistência do PCB em atuar ainda no âmbito da política parlamentar e, por conseguinte, formar alianças com a burguesia nacional. Fato que culminou com sua expulsão. No ano de 1968, Marighella fundaria a Ação Libertadora Nacional (ALN), dando início à guerrilha urbana. No ano de 1969, foi assassinado pelo *Esquadrão da Morte* no famoso episódio envolvendo frades franciscanos, numa emboscada na alameda Casa Branca.

Portanto, a *dureza* que pode ser lida nas páginas do *Manual* se explica pela própria dureza do sistema político, como o próprio Marighella justificou. Na dedicatória do mesmo *Manual*, escreve aos “heróicos combatentes e guerrilheiros urbanos que caíram nas mãos dos assassinos da polícia militar, da marinha, da aeronáutica, e também do DOPS, instrumentos odiados da repressora ditadura militar” e “aos bravos camaradas – homens e mulheres – aprisionados em calabouços mediáveis do governo brasileiro e sujeitos a torturas que se igualam ou superam os horrendos crimes cometidos pelos nazistas”. Não há exagero nenhum nas palavras de Marighella, o governo militar eliminou sistematicamente toda forma de oposição interna ao regime, sob o terrorismo institucionalizado do Estado¹⁶². Os métodos empregados pelos opressores são bastante conhecidos e seria redundância descrevê-los aqui¹⁶³.

¹⁶² Vê-se, por conseguinte, que, já no primeiro semestre de 1968, a extrema direita militar estava decidida a recorrer a um “*plano diabólico e hediondo*” – nas palavras insuspeitas do brigadeiro Eduardo Gomes – a fim de suprimir os resquícios liberais remanescentes. (...) Consumado o fechamento ditatorial, não era mais necessário a atuação provocadora das organizações paramilitares. O terrorismo de direita se oficializou. Tornou-se terrorismo de Estado, diretamente praticado pelas organizações militares institucionais. (GORENDER, 1990, p. 152).

¹⁶³ Vejamos o quadro com as informações hoje disponíveis e aproximações calculadas por baixo: cerca de 50 mil pessoas com passagem pelas prisões por motivos políticos; cerca de 20 mil pessoas submetidas a torturas físicas também por motivos políticos; 320 militantes de esquerda mortos pelos órgãos repressivos, incluindo 144 dados como “desaparecidos”; centenas de baleados em manifestações públicas, com uma parte incalculável de mortos; 8 mil acusados mais 11 mil indiciados em 800 processos judiciais por crimes contra a segurança nacional; centenas de condenações a penas de prisão; 4 condenações a pena de morte; 130 banidos do território nacional; milhares de exilados; 780 cassações de direitos políticos por dez anos com base em ato institucional; incontáveis reformas, aposentadorias e demissões do serviço público por atos discricionários. (Ibidem, p. 235).

Neste sentido, levando-se em conta a mudança de conjuntura política, torna-se necessário repensar as novas estratégias dos “guerrilheiros urbanos” de hoje. Estes – talvez, incorporados na figura do sem-teto – que reivindicam a centralidade, a urbanidade, de modo pacífico e não violento, resumido no lema *ocupar e resistir*.

Tomemos algumas *lições* do *Manual do guerrilheiro urbano* que podem ser úteis para a concepção teórica e prática categorial da sociedade urbana:

Na *definição do guerrilheiro urbano* podemos extrair algumas qualidades ainda válidas na atuação nas ruas. *A versatilidade*:

O guerrilheiro urbano tem que ter a iniciativa, mobilidade, e flexibilidade, como também versatilidade e um comando para qualquer situação. A iniciativa é uma qualidade espacialmente indispensável. Nem sempre é possível se antecipar a tudo, e o guerrilheiro não pode deixar se confundir, ou esperar por ordens. Seu dever é o de atuar, de encontrar soluções adequadas para cada problema que encontrar, e não se retirar. É melhor cometer erros atuando a não fazer nada por medo de cometer erros. Sem a iniciativa não pode haver guerrilha urbana.

Outras qualidades importantes no guerrilheiro urbano são as seguintes: que possa caminhar bastante; que seja resistente à fadiga, fome, chuva e calor; conhecer como se esconder e vigiar, conquistar a arte de ter paciência ilimitada; manter-se calmo e tranquilo nas piores condições e circunstâncias; nunca deixar pistas ou traços.

O guerrilheiro urbano tem que ter uma grande capacidade de observação, tem que estar bem informado a respeito de tudo, em particular dos movimentos de seu inimigo, tem que estar constantemente alerta, procurando, e ter grande conhecimento sobre a área em que vive, opera, ou através da qual se movimenta.

Lá onde o guerrilheiro urbano caminha por semanas, meses, anos, pelos meandros escuros da cidade, construída pela multidão de fantasias operárias... é para lá que anda o guerrilheiro urbano. E caminhando, tranquilo e calmo, guerrilheiro-poeta, a tempestade não pode pará-lo, nem a fome, nem os tiros da arma covarde podem apagar seu nome.

Da *preparação técnica do guerrilheiro urbano*, este deve buscar possuir uma formação integral, buscando um conhecimento que supere as competências fragmentárias e

a separação da divisão entre trabalho manual e intelectual. O guerrilheiro urbano deve ter um especial zelo pelo conhecimento do espaço:

Esta preparação técnica do guerrilheiro urbano baseia-se na sua preocupação pela preparação física, seu conhecimento e no aprendizado de profissões e habilidades de todas as classes, particularmente as habilidades manuais.

Também é importante ter conhecimento de informação topográfica, poder localizar a posição através de instrumentos ou outros recursos disponíveis, calcular distancias fazer mapas e planos, desenhar escalas, calcular tempos, trabalhar com escalonamentos, compasso, etc.

Grupo de fogo era a denominação dada à linha de frente das organizações clandestinas e guerrilheiras dos anos 60. Os novos guerrilheiros urbanos devem se organizar em “*grupos de fogo*”, tomando um novo sentido, mas com a mesma determinação e horizontalidade que caracterizam esta organização descentralizada, como concebia Marighella:

Quando existem tarefas planejadas pelo comando estratégico, estas tarefas tomam preferência. Mas não há tal coisa com um grupo de fogo sem sua própria iniciativa. Por esta razão é essencial evitar qualquer rigidez na organização para permitir uma maior quantidade de iniciativa possível por parte do grupo de fogo. O velho tipo de hierarquia, o estilo do esquerdista tradicional não existe em nossa organização.

Portanto, o novo “guerrilheiro urbano” deve conhecer o *terreno*, isto é o *espaço urbano*. Por isso, as categorias do espaço devem constituir o repertório de conhecimento e estratégias urbanas. Sua prática fundamental, do ponto de vista da resistência, é transformar a cidade num *espaço labirinto*:

O melhor aliado do guerrilheiro é o terreno porque o conhece como a palma de sua mão.

Ter o terreno por aliado significa saber como utilizar suas irregularidades com inteligência, seus pontos mais altos e baixos, suas curvas, suas passagens regulares

e secretas, áreas abandonadas, terrenos baldios, etc. (...) Os lugares impenetráveis e os lugares estreitos, as ruas sob construção, pontos de controle de polícia, zonas militares e ruas fechadas, entradas e saídas de túneis e aqueles que o inimigo possa bloquear, viadutos que devem ser cruzados, esquinas controladas pela polícia ou vigiadas, suas luzes e sinais, tudo isto tem que ser completamente estudado para poder evitar erros fatais.

Nosso problema é o de passar de saber onde e como esconder-nos, deixando o inimigo confuso em áreas que ele não conhece.

O guerrilheiro urbano familiarizado com o terreno difícil e irregular, avenidas, ruas, estradas e saídas, esquinas dos centros urbanos, suas passagens e atalhos, os lotes vazios, suas passagens subterrâneas, seus tubos e sistemas de esgoto pode cruzar com segurança pelo terreno não familiar para a polícia, onde podem ser surpreendidos...

Para conhecer o terreno o guerrilheiro pode passar a pé, em bicicleta, em automóvel, 4X4, ou caminhão e nunca ser apanhado. Atuando em grupos pequenos com umas quantas pessoas, os guerrilheiros podem se reunir em uma hora em lugares determinados, prosseguindo o ataque, com novas operações de guerrilha, ou evadindo o círculo da polícia e desorientando o inimigo com audácia sem precedente.

É um problema sem solução para a polícia, num terreno tipo labirinto do guerrilheiro urbano, prender alguém que não pode ver, ou tratar de fazer contato com alguém que não pode encontrar.

Nossa experiência é que o guerrilheiro urbano ideal é alguém que opera em sua própria cidade e que conhece completamente a cidade e suas ruas, suas vizinhanças, seus problemas de trânsito, e outras particularidades.

O guerrilho urbano tem que saber o caminho em detalhe e, neste sentido, tem que praticar o itinerário antes do tempo de treinamento para evitar caminhos que não tenham saída, ou acabando em engarrafamentos, ou terminar paralisado por construções do Departamento de Trânsito.

Da informação. Todo guerrilheiro urbano deve se misturar à multidão, passando-se assim despercebido diante dos holofotes do sistema, que busca iluminar intensamente, classificar, taxar, numerar etc. Deve estar atento a tudo e a todos e ter os sentidos à flor da pele, não apenas a visão (“racionalizadora”). Portanto, a visão deve estar aguçada mas todos os sentidos também! Deve ter “ouvido absoluto”, para ouvir a música infinita da multidão, da melodia de suas conversas, do tom de suas vozes. Compreender o significado e mesmo a poesia das narrativas dos sonhos e o ritmo dos desejos nas mensagens imersas e que, ao mesmo tempo, transcendem o cotidiano. Deve computar todo tipo de informação, desde as mais banais às mais suspeitas. Sua curiosidade deve ser instigada e até treinada. Deve vivenciar intensamente o dia a dia, as cores, as luzes, os sons, toques e cheiros, etc.

O guerrilheiro urbano, vivendo em meio da população e movendo-se entre eles, tem que prestar atenção a todo tipo de conversação e reações humanas, aprendendo a esconder seus interesses com grande juízo e destreza.

Em lugares onde as pessoas trabalham, estudam e vivem, é fácil obter todo tipo de informação de pagamentos, negócios, pontos de vista, opiniões, estado de mente das pessoas, viagens, interiores de edifícios, oficinas e habitações, centros de operações etc. A observação, investigação, reconhecimento e exploração do terreno também são fontes excelentes de informação. O guerrilheiro urbano nunca vai a nenhum lugar sem prestar atenção e sem precaução revolucionária, sempre alerta se acontece algo. Olhos e ouvidos abertos, sentidos alertas, a memória gravada com todo o necessário para agora ou para o futuro, e para a continuação da atividade do soldado guerrilheiro.

Diante do repertório conceitual espacial, o guerrilheiro urbano deve saber que *a rua é a esfera política por excelência*, e fundamental para a revolução urbana. E, portanto, é na rua que se efetua a verdadeira política e se efetiva a verdadeira democracia, *direta*.

As táticas de rua são usadas para lutar com o inimigo nas ruas, utilizando a participação das massas contra ele.

Em 1968, os estudantes brasileiros utilizam táticas de rua excelentes contra as tropas da polícia, tais como marchar pelas ruas contra o trânsito, e utilizar estilingues e bolas de gude contra a polícia.

Outras táticas de rua consistem na construção de barricadas, atirando garrafas, tijolos, e outros projéteis desde o telhado de apartamentos e edifícios de negócios contra a polícia; utilizando edifícios sob construção para a sua fuga, para esconder-se e para apoiar os ataques de surpresa.

As táticas de rua têm revelado um novo tipo de guerrilheiro urbano, o guerrilheiro urbano que participa dos protestos em massa. Este é o tipo que designaremos como guerrilheiro manifestante, que se une à multidão e participa das marchas populares com fins específicos e definitivos.

A ação direta, como a greve e sabotagem, não está descartada, ao contrário, é um meio eficaz para alterar a cotidianidade de forma caótica.

As interrupções de trabalho e estudo, apesar de serem de breve duração, causam dano severo ao inimigo. É suficiente para eles surgir em pontos diferentes e em diferentes setores nas mesmas áreas, interrompendo a vida diária, ocorrendo, sem fim, um dia depois do outro, de forma autenticamente guerrilheira.

A guerrilha urbana deve pôr em perigo a economia do país, particularmente seus aspectos financeiros, assim como as redes comerciais domésticas e estrangeiras, suas mudanças nos sistemas bancários, seu sistema de coleta de impostos, e outros.

Escritórios públicos, centros de serviços do governo, armazéns do governo são alvos fáceis para sabotagem.

A respeito dos sistemas de comunicações e de transportes do inimigo, começando com o tráfego ferroviário, é necessário atacá-los sistematicamente com armas de sabotagem. (...) A única precaução é a de não causar morte ou ferimento aos passageiros, especialmente aos que viajam com regularidade nestes trens suburbanos ou de longa distância.

As rodovias podem ser obstruídas por árvores, veículos estacionados, valas, deslocação de barreiras por dinamite e pontes destruídas por explosão.

As linhas telefônicas e telegráficas podem ser sistematicamente destruídas, suas torres serem destruídas, e suas linhas ficarem sem uso algum.

O sigilo e a memória devem ser norma da ação do guerrilheiro urbano.

Endereços e livros de telefones devem ser destruídos e não se deve escrever ou guardar papéis; é necessário evitar manter arquivos de nomes legais ou ilegais, informação biográfica, mapas e planos. Os pontos de contato não se devem escrever, mas simplesmente memorizá-los.

O guerrilheiro urbano deve fazer sua as demandas populares, que é a da *sociedade urbana*, pois ele não se distingue do povo ou dos *Urbanos*.

Um dos problemas principais do guerrilheiro é sua identificação com as causas populares para ganhar o apoio popular.

A rebelião do guerrilheiro urbano e sua persistência na intervenção de questões políticas é a melhor forma de assegurar o apoio popular na causa que defendemos. Repetimos e insistimos em repetir: é a melhor forma de assegurar o apoio popular. Tão pronto uma porção razoável da população começa a levar a sério a ação do guerrilheiro urbano, seu êxito é garantido.

As pessoas se recusam a colaborar com as autoridades, e o sentimento geral é o de que o governo é injusto, incapaz de resolver problemas, e recorre somente a liquidação de seus oponentes.

Ora, do ponto de vista da *práxis*, hoje estas lições devem ter um sentido mais metafórico do que real. Elas devem inspirar a construção por parte da sociedade de um mundo mais justo e melhor, de sociabilidade plena e de vazão de todas as possibilidades humanas contidas na frase: *mudar a vida*! Elas dizem respeito à *poièsis* e ao vivido e tem em conta a reivindicação pela sociedade urbana (o *urbano*), isto é, a realização prática da *forma urbana*. Como vimos, o espaço tornou-se instrumental, lugar das estratégias de segregação. “Desde então, a estratégia haussmanniana foi estendida e aprofundada (...). A

classe operária foi submetida a manipulações no espaço, pois há uma política do espaço, cada vez mais atuante, cada vez mais consciente e deliberada” (LEFEBVRE, 2008b, p. 172).

Daqui se podem fazer algumas inferências: a sociedade urbana pressupõe o fim do Estado e das categorias do capitalismo. Nas cidades, as mulheres desempenham um papel cada vez mais relevante. Cada vez mais mulheres assumem uma posição na sociedade outrora destinada exclusivamente aos homens. Aliás, as mulheres deixam de exercer um papel coadjuvante para, na sociedade urbana, serem protagonistas. Nos anos 60, os guerrilheiros urbanos eram de ambos os sexos, de todas as cores, de todas as raças e etnias, de todas as origens: árabes, judeus, africanos, ameríndios, orientais, europeus, etc. As diferenças os uniam em torno da humanidade comum a todos e da luta pela liberdade e igualdade irrestrita. A próxima revolução, *a grande revolução urbana*, vai abalar os pilares da ordem cósmica, e terá à frente Amazonas invencíveis, como no tempo das hordas que atemorizavam a Ásia Menor; ou ainda as heróicas Valquirias, desobedientes às prerrogativas do implacável Odín. O arauto, mensageiro do tempo, já anuncia esse novo mundo; as ciências sociais, novas categorias. Não restará pedra sobre pedra!

CAPÍTULO 3 (ou Quinta Justa)

Introdução

Da teoria à prática

A teoria nos deu asas de mosquito para saltar no *abismo*; contudo, por incrível que pareça, indispensáveis para alçar voo. Ainda que este “voar” seja desengonçado, desajeitado, canhestro e o pouso (...) – o pouso? – ainda mais desastrado do que o do gigante albatroz. Fechar o livro, deixar a multidão das letras e abandonar a tranquila solidão das abstrações, para ir de encontro ao mundo real. Acordar e sentir a brisa da manhã, o orvalho das folhas.... sair do conforto teórico e, na rua, se deparar, face-a-face, com esta noite terrível nos olhos das pessoas que vivem intensamente o mundo e se perdem nas multidões. E, talvez, munido de uma lanterna, desesperados perguntar: onde está a teoria aqui? Misturar-se à confusão, ser apenas mais um e escutar a algazarra das feiras, e envolver-se na multidão de conversas alegres; debater, emitir opinião, enfim, polemizar, tomar um cafezinho ou um rabo-de-galo num bar, sob os raios quentes do sol à tarde. Deixar o mar da tranquilidade, de águas fria e prateada, e se aventurar no Oceano tempestuoso de matiz azul-esverdeado e de vida multicolorida; ou abandonar a paz glacial e se embrenhar nos campos de batalha empoeirados. De modo semelhante ao capitão que deixa de comandar marinheiros disciplinados para conduzir as indomáveis criaturas bizarras das profundezas dos oceanos abissais. “Camaradas, em toda a minha vida não fui capitão senão nesse momento; enquanto o último tripulante não estiver num lugar seguro, não deixarei o *meu* navio. Por um capricho de Poseidon, as profundezas do meu mar querido querem-me junto delas. Sem tristezas obedeço a sua vontade: amigos, dever cumprido!” Sim, agora somos nós este capitão, submersos na tragédia da vida. Perante a escuridão desta noite, destes olhos, dessas indomáveis criaturas, o pulsar caótico nas artérias da cidade à sombra de um gigante invisível se apresenta diante de nós devastadora...

Metodologicamente, o primeiro passo consiste em, indubitavelmente, acordar. Tomar um café da manhã é deveras indispensável! Depois, na janela, escutar o barulho da cidade; tentar compreender o que ela diz.... Ao sair, fato que não é senão um fato banal pode se tornar, entretanto, um ato carregado de interrogações: as mais diversas, desde questões existenciais até a escolha da roupa que se vai vestir. Portanto, um simples ato pode causar náuseas. Mas, na verdade, na rua, ninguém está entretido em conjeturações de ordem filosófica. Com relação a um problema – de foro íntimo, isto é, as mangas de uma camisa que o autor desta pesquisa cortou errado: uma ficou mais comprida que a outra – um alfaiate pôde resolver facilmente: “mantenha-se longe de tesouras”, adverte. Obviamente, o alfaiate não está preocupado nem com a *existência*, ainda menos com sua *essência*, nem por isso vive uma *vida inautêntica*. Na verdade, este alfaiate precisa sobreviver e prover o sustento de si e dos seus. Ou seja, da sua *existência de fato*. Por isso, não poderia viver uma vida mais *autêntica*! Voltemos, porém, à rua. Andando pelas ruas, a fauna da cidade é bastante intrigante. Pode se perceber diferenças qualitativas facilmente. Pode-se também mensurá-las, através da estatística. O dinheiro ocupa uma posição central, e determina grande parte das relações sociais. Outras se eximem desta determinação, como um encontro entre amigos, uma conversa no parque etc. Porém, estas não se eximem de representações, formas sociais. Segundo Lefebvre, *como compreender e viver uma situação sem representá-la?*¹⁶⁴ A representação é o momento entre a *presença* e a *ausência*. Vejamos um ou dois exemplos. Um relógio. O relógio é um objeto mecânico, dotado de roldanas dentadas, polias, pêndulos, molas, eletricidade, pilhas, mostrador, ponteiros, etc. e números! Esse objeto, o relógio, serve para medir e quantificar intervalos de tempo (engendrados historicamente; estipulados arbitrariamente: horas, minutos, segundos etc.). O tempo do relógio, linear, abstrato e quantitativo, desloca e substitui os incontáveis ritmos da vida, cíclicos, qualitativos e concretos. O tempo do relógio absorve e suprime, desloca e substitui os tempos da natureza (o campo). O relógio, que dá o compasso de seu ritmo seguindo normas estipuladas por convenção, é uma *presença* (tempo abstrato) de uma *ausência* (o tempo concreto). Determina um compasso social, do cotidiano. Numa aldeia, encravada no Alto do Xingu, quem daria importância a um relógio? Hoje, talvez sim, mas antes, muito antes, quem daria? No entanto, na sociedade moderna a vida inteira é regida

¹⁶⁴ ?Como comprender e vivir una situación sin representársela? (LEFEBVRE, 2006, p. 78).

pelo tempo medido pelo *relógio* (o tempo abstrato e social do qual o relógio é um suporte material), essa abstração concreta! Logo, uma representação tem um conteúdo prático e um suporte material; tornada realidade efetivamente pela forma social, pelo discurso, pela relação de indivíduos (intersubjetividade), grupos e classes sociais, por normas jurídicas, enfim, por situações que têm por finalidade estipular uma coerência e uma coesão social (organização espacial). Outro exemplo: *o tempo socialmente necessário do trabalho social*. Essa representação regula a sociedade de modo totalitário impondo uma *presença econômica* e uma *ausência humana*, o trabalho alienado. E, no entanto, ela determina as relações humanas. Outras representações: a linguagem, a lógica, o direito, a propaganda e a publicidade, o Poder etc. Quando Marshall McLuhan expôs nos anos 60 a sua tese: *os meios são mensagens* (“massagens”), embora pertinente, talvez não tivesse alcance de todo o problema: *as mensagens também são meios*! As representações não são boas nem más, verdadeiras ou falsas, simplesmente constituem um dado da realidade social. De fato, a ideologia, no sentido marxista, é composta por representações, mas as representações, em si mesmas, não tem nada de ideológico. Logo, retornemos de novo ao cotidiano. Como entender *o cotidiano* sem a televisão (os *meios* de McLuhan)? A televisão substituiu o pôr do sol. Qual é o prejuízo de um programa de televisão substituir um magnífico pôr de sol num dia de domingo? Certamente, prejuízos irreparáveis. Mas a televisão, essa “janela do mundo” (seu status metafórico e metonímico), invade todos os recantos da terra, do universo, ultrapassando e invadindo a esfera da vida privada e pública. Permitam-nos outra questão: de que valia, outrora, uma televisão no Alto do Xingu ou numa tribo africana da Etiópia, por exemplo? Eles tinham as estrelas, as flores, as montanhas, as florestas, os animais.... Os gregos antigos nomeavam as estrelas, eram divindades, assim com o vento, os rios, o Oceano, etc.: em outras palavras, *demoravam-se junto à natureza (imediata)*.

A televisão por si só nada representa. Investigar o conteúdo de sua programação, o que é representado, quem e como representa, seus representantes, enfim, é bem mais instigador que somente o fato técnico determinando a organização social. Na sociedade brasileira, por exemplo, um gênero de narração em forma de folhetim televisivo, denominado vulgarmente “novela”, ganhou ares de instituição “nacional”. Transmitida em cadeia nacional e horários estratégicos – depois do expediente de trabalho –, as novelas contam com uma audiência significativa em todas as classes sociais, em todas as regiões do

país. Os atores-celebridades, que representam as personagens das novelas, entronizados por uma “autoridade mítica” – enquanto formadores de opinião e de comportamento moral –, exercem uma influência social muito maior que caberia a função de um ator. Em semanários de televisão, como o *Fantástico* da emissora *Rede Globo*, são comuns personagens e fatos de tramas de novelas tornarem-se motes de reportagens sérias. Como se vida social só pudesse ser compreendida e fazer sentido por meio destes enredos: da ficção propriamente dita. Revistas especializadas no tema também inundam as bancas e supermercados a preços módicos, sempre com o mesmo teor. A representação nas telenovelas visa dar conta de aspectos morais e de conduta no cotidiano, estabelecer normas, bem como incitar a coexistência pacífica das classes sociais e frações de classes¹⁶⁵. Vejamos dois casos notáveis:

1º. Caso: *Caminho das Índias*

Escrita por Glória Perez, interpretada por um grande elenco e contando com uma cenografia primorosa, figurinos impecáveis e uma excelente trilha sonora (músicas indianas), *Caminho das Índias* foi levada ao ar durante todo o ano de 2009, em horário nobre, às 21 horas (“novela das 9”), atingindo média de 55 pontos de audiência, com picos, no último capítulo, de até 81% dos televisores ligados!

A trama principal se desenvolve na Índia e, paralelamente, no Brasil. O personagem Bahuan é um *dalit*, isto é, um pária que teve seus pais assassinados por terem cometido um ato considerado gravíssimo pelas leis tradicionais indianas: tocar num elemento de casta superior. Órfão, Bahuan é adotado por um brâmane, Shankar, recebendo boa formação. Conhece então Maya, mulher de casta elevada do Rajastão, e, apesar da impossibilidade social, ambos se apaixonam. O amor proibido logo é descoberto e os obstáculos tornam-se intransponíveis. A propósito, Maya já estava formalmente comprometida, através de um casamento arranjado por seus pais. No final da novela, a trama foge do óbvio, e Maya acaba “construindo” um amor verdadeiro ao lado de seu marido de casta, Raj. Nesse

¹⁶⁵ Durante o período que transcorreu o trabalho de campo desta pesquisa, o autor, para tentar entender os efeitos sociais desses programas de televisão, assistiu quatro novelas: “Cordel encantado”, “Cobras e lagartos” e “Insensato coração” (Globo); e “Amor e revolução” (SBT). Porém, não obteve resultados conclusivos. Passado o período do estudo do meio, o autor deixou de assistir novelas.

interim, Bahuan se revela egoísta e extremamente ambicioso, tornando-se vingativo e amargurado. Todavia, demonstrando frieza, enriquece e rompe o sistema de casta casando-se com uma princesa, Shivani.

2º. Caso: *Passione*

Escrita por Silvio de Abreu, *Passione* também contou com grande elenco e foi transmitida em horário nobre (“novela das nove”), no período de maio de 2010 a janeiro de 2011, atingindo a média de 34,2 pontos de audiência, com picos de 73,3% no último capítulo.

A trama é sobre uma família de herdeiros de uma metalúrgica que disputam a presidência desta empresa. A matriarca da família, Bete Gouveia, considerando seus filhos incompetentes e depravados, indica o filho de seu chofer, o almofadinha Mauro, tido por ela como o mais preparado, para assumir o cargo máximo da empresa. No entanto, seu filho mais velho, Mauro Gouveia, sentindo-se preterido pela mãe, alia-se ao aventureiro Fred Lobato e ambos sabotam a gestão de Mauro. Fred é o vilão da história e procura incansavelmente destruir a metalúrgica. Filho de um operário, Fred é movido por um sentimento de vingança: seu pai sofrera um acidente na metalúrgica, tendo uma das mãos decepadas, mas jamais recebeu indenização pelo acidente, fato que o levou ao suicídio. Sua mãe Candê, mulher simples e bondosa, tenta dissuadir Fred da vingança e convencê-lo a não guardar ressentimentos, mas seus apelos são em vão e o filho acaba na cadeia.

Esses dois casos são suficientes para discutir algumas das representações que diariamente invadem a residência de milhões de brasileiros. *Caminhos das Índias* apresenta um conteúdo ideológico bastante sutil, mas não é isenta de mensagens ideológicas. Vejamos: A sociedade de casta na Índia é intolerável, algo deplorável mesmo. Shankar, o brâmane, é um subversivo ao induzir os *dalits* a se rebelarem contra o sistema de casta e se organizarem politicamente, algo que é coroado com a eleição vitoriosa de uma mulher “intocável” ao parlamento hindu. Todavia, a segregação econômica e a luta de classes são transfiguradas em luta de costumes e deslocada para um exótico mundo oriental. Mas não é a Índia de verdade, mas um Oriente mágico, das “mil e uma noites”. Por outro lado, as cenas que se passam no Brasil mostram, pelo contrário, empregadas domésticas petulantes

e intrometidas, tratadas, porém, com excessiva intimidade e afetividade pelos patrões. Há evidentemente uma depreciação da cultura oriental, tida por atrasada e engessada, onde constantemente os personagens “ocidentalizados” transgridem normas culturais, insinuando-se assim uma naturalização da moderna civilização ocidental. De modo implícito e explícito, ressuscita ideologias ultrapassadas, como a *missão civilizatória* do europeu, que desembocaram no nazismo e no maniqueísmo puritano imperialista, ou numa apologia dos valores liberais do Ocidente. O que é tacitamente omitido, entretanto, é a realidade dos *intocáveis* no Brasil: sem-tetos, favelados, mendigos, pobres...

Em relação à *Passione*, seu conteúdo ideológico chega às raias do grosseiro. Além disso, a novela é pessimamente escrita, verdadeira sublitteratura, com personagens mal-construídos e diálogos pobres e artificiais. Mas o pior não é a total falta de qualidade da trama, mas sim a sua mensagem. Ela é descaradamente mentirosa; passa a idéia de que um filho de chofer pode ascender socialmente e chegar à presidência de uma empresa por seus próprios méritos e por ser mais competente que os donos da empresa, que passam a ocupar posições subalternas. Mas, o mais grave é o fato da novela atentar contra os direitos trabalhistas mais elementares. Afinal de contas, trata-se de um caso de trabalhador mutilado na linha de montagem que não recebeu indenização! Por isso, do ponto de vista ético, Fred teria todo direito em desforrar a violência e humilhação sofrida por seu pai, algo que é até muito digno. Todavia, a novela, até num caso grave como seria este, de mutilação no ambiente de trabalho, quer passar a impressão de que o trabalhador não deve ter qualquer direito, de onde se deduz uma defesa descarada, de caráter oligárquico (de mentalidade escravocrata), do *status quo*. O personagem Fred, no final da novela, é preso e condenado por ter brio e querer reparar uma injustiça do passado.

É difícil saber o alcance destas representações claramente ideológicas na vida cotidiana. Tais representações invadem o imaginário e reforçam valores morais. O problema da luta de classes é quando muito deslocado para um lugar fantástico, onde diferenças reais são conciliadas no plano imaginário. A estratégia é clara: a manutenção da ordem vigente e o fomento de uma *moral de escravos*. Não é de hoje que as telenovelas constroem representações de um maravilhoso mundo idílico habitado por pobres bondosos e felizes e ricos deprimidos e degenerados. Este espelho convexo da sociedade talvez tenha

seu lugar essencial na engrenagem do sistema, estimulando a renúncia de si e a passividade dos indivíduos diante das injustiças.

Mas o que dizer da “linguagem”, representação por excelência (Nietzsche diria *por excrescência*?) A “palavra” é apropriada no uso cotidiano. Seu significante se desdobra em múltiplos sentidos e significados. O uso de palavras, frases, sua repetição, construção (sintaxe) organizam os sujeitos sociais que se comunicam e se interagem. As regras gramaticais clarificam, numa ordem lógica, o entendimento comum, subjetivamente. Seu conteúdo, entretanto, pode ser incompreensível, obscurecido, sobretudo, por um discurso rigoroso, transparente e coerente (o discurso científico), que engendra “verdades”. O discurso nas esferas do Poder também se utiliza da *norma culta* (apolínea), apropriando-se inclusive do saber científico. Neste sentido, a linguagem adquire um caráter fetichista, possuindo um poder imanente capaz de constituir uma realidade. Por exemplo, *a liberdade de expressão*, permitida apenas às classes dominantes e cultas, inverte-se no seu contrário, já que a maioria está amordaçada por ela: é a liberdade que emudece. Mas nada mais perigoso do que o hegelianismo ou o neo-hegelianismo (tão atual): *tudo é Espírito, nada está fora do Espírito*. Esta tendência supõe que nada escapa à *consciência* (ou consciência-de-si). Por exemplo, compreender a natureza fora da consciência é atribuir à natureza um poder independente que lhe é interdito pela razão¹⁶⁶. (O realismo de Kant teve o mérito de considerar a *coisa em si*, o desconhecido). Por isso, conceber coisas independentes da consciência seria, nesta perspectiva, um tipo de fetiche. Um hegelianismo “materialista” absorve o marxismo, afirmando que não existe nada fora da consciência fetichista, organizadora das relações sociais. Logo, torna-se impossível supor algo independente da consciência fetichista da mercadoria, mesmo as representações do espaço e do tempo: passado, presente e futuro. O mundo – a realidade, tudo! – deve pedir licença ao conceito (à forma) e pedir humildemente desculpas para existir. Até mesmo as andorinhas que deslizam suave e rapidamente pela atmosfera são aprisionadas pelo visgo do conceito formal da mercadoria. Porém, as andorinhas mergulham, fazem piruetas, driblam e escapam do temível falcão peregrino, perseguindo-no. Mas o que Karl Marx diria dessa

¹⁶⁶ Este privilégio da consciência, não é uma presunção, onipotência ou mesmo narcisismo da razão? Não seria melhor fazer como Schopenhauer ou Nietzsche e aceitar que as representações buscam dar sentido ao desconhecido, àquilo que foge as pretensões megalomaniacas da consciência? Também Marx não deixou claro que a consciência é também produto histórico?

interpretação de sua obra? Hegel ou Marx, ou Hegel travestido de Marx? A mercadoria-trabalho substitui o Espírito, tornando-se absoluta e, por isso, qualquer tentativa de emancipação imanente é *em vão*. Ora, o que diria Marx, ele que nunca se absteve das lutas sociais de seu tempo, sempre ao lado dos trabalhadores? O que diria Marx sobre a hipérbole de sua teoria do fetiche da mercadoria? Diria, com feição grave e séria, não sem uma ponta de ironia: *senhores, ó proletários de todo mundo, nada nos resta a fazer, tudo é em vão?!!!* Então, era Hegel, não Marx, verdadeiro *gênio maligno*, que se fazia passar pelo barbudo? Eis o duplo Marx: *filósofo profissional*, o *filósofo oficial*, o *filósofo do Estado*, universitário, reitor, que, arditamente sempre dá a última palavra. Ao mesmo tempo, o “outsider” fracassado, banido da universidade, exilado da Alemanha, perseguido político. O economista, ponderável, razoável, ou incendiário, filósofo delirante? Não seria então a conciliação, num plano superior, no Absoluto negativo, do ego e do alter-ego: o fetiche? Duplo Marx. Dupla moral. O que está em jogo aí é legitimação da competição e da divisão do trabalho.

Todavia, o mais correto é, do ponto de vista de método, compreender a força e os limites das representações. Uma obra literária, por exemplo, pode ser interpretada de muitas maneiras. Não há uma única verdade descoberta por algum iluminado que julga um texto por um processo literalista. Se assim o fosse, uma obra literária não seria uma obra, que é sempre aberta à liberdade da imaginação. O rigor da linguagem, o seu “poder” de inteligibilidade (plena) e transparência, seu rigor científico, tem seus limites. Se, de fato, é certo que a linguagem, enquanto representação, organiza práticas sociais; é equivocado supor uma eficácia desmedida da comunicação. O que quer dizer: os níveis de interlocução são muitos diversos para se constituírem numa unidade homogênea de entendimento. Basta lembrar dos diferentes graus de escolaridade (ou de sua ausência), instrução e cultura que poderiam ser facilmente constatados numa pequena amostra aleatória de uma população definida. Como num telefone-sem-fio, a mensagem chega completamente distorcida ao término da corrente. Mas, ainda que considerássemos hipoteticamente uma equivalência universal entre os diferentes níveis de interlocução, já os graus de interpretações seriam extremamente variáveis. Supondo que até mesmo estes fossem idênticos, teríamos de reconhecer forçosamente que tal proposição só poderia existir num plano teórico e não no mundo real dos fatos empíricos. Pois, não há um “Eu transcendental” capaz de tragar todas

as singularidades num vórtice onipresente e arrasador. Muita coisa escapa, na Torre de Babel, da vida social.

Vejamos outra representação: a *revolução*. O conteúdo desta representação, originado pelo êxito da Revolução Francesa, significou a possibilidade de transformação radical da sociedade pelas massas revoltosas. Representação que influenciou todas as aspirações políticas do século XIX, inclusive e principalmente, o socialismo moderno, que surgiu nesse contexto. A representação da *revolução* dizia que pela primeira vez na história a humanidade podia mudar completamente o seu destino e conduzi-lo a um fim premeditado. O marxismo levou a sério o modelo da Revolução Francesa e elaborou sua *teoria histórica*. A burguesia foi tomada enquanto classe revolucionária por excelência num processo de luta de classes que pôs abaixo o feudalismo. Tornada classe dominante, a burguesia vitoriosa seria derrubada doravante pela classe trabalhadora, explorada por ela. Os trabalhadores emergiam logicamente como a nova classe revolucionária, rumo a uma sociedade sem classes, o comunismo (o fim da história). O êxito da Revolução Russa (1917), a princípio, confirmou o esquema das revoluções das massas. Sua representação inspirou revolucionários no mundo inteiro. Também, estimulou grupos políticos a intitularam-se representantes das classes proletárias através do partido. Com o desmoronamento do “socialismo real” e sua emblemática representação, a queda do muro de Berlim (1989), o “muro da vergonha”, como ficou conhecido, porém, a representação da revolução entrou em crise. Dos escombros do muro de Berlim, a direita contra-atacou, muitas vezes, monopolizando categorias da própria esquerda. Paralelamente, à implementação de políticas neoliberais dos governos Reagan e Thatcher, nos anos de 1980, as esquerdas rejeitaram a tomada de poder por meios violentos e aceitaram o jogo eleitoral costurando alianças com setores tradicionalmente inimigos e contribuindo ainda mais para o esfacelamento das representações de uma transformação radical da sociedade. A representação da revolução, por meio da luta de classes, foi substituída pela “guerra de civilizações”. Os atentados de 11 de setembro de 2001 e a “guerra ao terror” corroboraram esta nova representação: a luta do Ocidente (“o bem”) contra o Oriente (“o mal”). Assim sendo, no campo da superestrutura, o despertar do novo século significou um esvaziamento do pensamento reflexivo e crítico. Novas representações invadem o cotidiano, como no caso das apologias à boçalidade, como os desenhos detestáveis d’“Os Simpsons”. Essas

representações não contêm nenhum conteúdo crítico ou ingênuo, mas um elogio ao conformismo, ao individualismo, à concorrência, ao consumo, numa palavra, ao modo de vida estadunidense.

Algumas representações, entretanto, não têm um efeito tão geral e podem atuar na esfera da vida privada, embora tais efeitos sejam incomensuráveis, mas talvez ainda mais poderosos. Como se disse, acerca das representações, estas não são boas nem más, verdadeiras ou falsas, mas cumprem uma função de coerência e sentido social. Assim, por exemplo, pergunta-se: Como a história do Papillon, representada em livro ou no cinema, pôde comover tanto uma família de imigrantes recém chegados ao Brasil na primeira metade do século XX, a ponto de tê-lo por um parente próximo? (O poderia ser verdade também). Vejamos: Papillon estava condenado a ser livre, uma liberdade *a priori*, incondicionada. Nada, nem grilhões de aço podiam detê-lo. Acusado (em 1932) injustamente por um crime que não cometera, Henri Charrière, o Papillon, ouvira, do alto de seus 25 anos de idade, a voz cavernosa da acusação ecoando no palco do tribunal: “Prendam o Papillon!” O juiz lê a sentença e, apesar da total falta de provas, Papillon é condenado à prisão perpétua e ao degredo! O circo cumpriu bem sua tarefa. Afinal, o que interessa é o exemplo, a ordem, e que *a justiça foi feita!* Pouco importa se para isso seja necessário destruir a vida de um jovem inocente. (Da nossa parte, acreditamos totalmente no depoimento de Papillon). Digo melhor: as pessoas, os sistemas, as engrenagens dessa máquina horrível que esmaga quem quer que seja em nome da representação da ordem prestam o serviço de mostrar que a liberdade é o seu avesso. Vai Papillon, voa, a liberdade, quem pode lhe agarrar? Por isso, todos os que sofrem injustiças, humilhações, o desterro de sua casa, de sua terra, de seu país, a clausura de um dos seus pelo jugo dos poderosos e arrogantes podem despertar do sono, tirar a máscara e chamar de Papillon “meu irmão”.

Geografia do movimento sem-teto no Centro da cidade

Em primeiro lugar, a crise, isto é, a decadência ou degradação, dos centros das grandes cidades em todo o mundo, que data mais ou menos os meados do século XX, é explicada em termos gerais, o que não exclui suas particularidades (inumeráveis), muito mais pelo processo de implosão-explosão da cidade, nos termos de que fala Henri Lefebvre, do que por falta de planejamento, má vontade política ou abandono das elites (veremos isso mais adiante quando nos detivermos mais detalhadamente no conceito de *urbanização crítica*). Como vimos anteriormente, tal crise remonta à redução dos espaços da cidade ao valor de troca. Nada mais. O paradoxo é evidente: como pode a forma urbana se realizar na implosão-explosão da cidade? Ou seja, a Cidade – cidade-obra – se torna seu outro, sua negação: mercadoria – cidade-produto-valor. Pergunta que fica no ar, sem resposta, ainda. Todavia, contradição que não exclui uma saída: a *revolução urbana*.

A cidade no Brasil, fruto da divisão do trabalho, tem sua formação embrionária explicada pelo capitalismo comercial, e, portanto, a própria *contradição* campo-cidade foi bastante atenuada (pelo menos até fins do século XIX), pois, a maior parte das “cidades” brasileiras não passava de pequenos vilarejos “rurais”. Seu aparecimento – em Pindorama – é uma consequência da expansão comercial colonialista e serviu-se, no que se referem as principais cidades, de entreposto administrativo entre os negócios da colônia e da metrópole. É bem conhecido que a economia brasileira se constituía de ciclos em torno de uma atividade agrícola ou extrativista voltada para o comércio exterior. Nesse contexto, latifúndio e trabalho escravo foram pilares da política sócio-econômica no Brasil colonial e Império¹⁶⁷. A cidade brasileira está, portanto, vinculada a estes fatores econômicos dependentes do centro colonizador, o que explica em partes o grande número de *cidades marítimas*, ou em torno das minas, ou, na grande maioria dos casos, originou-se de aldeamentos missionários¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Trata-se aqui da noção de “Estado-Nação” e “território”, conceitos europocêntricos e alienígenas às populações e civilizações pré-colombianas que habitavam o “novo” continente.

¹⁶⁸ Não se leva em conta aqui o caráter administrativo e hierárquico que define uma cidade do ponto de vista legal, mas sim o sentido concreto da formação dos núcleos de povoamento. Estes podem ter variadas origens no Brasil, desde antigas *feitorias*, *postos militares*, *sesmarias* a fazendas, loteamentos rurais, estradas etc.

O desenvolvimento da cidade de São Paulo em fins do século XIX, entretanto, está intimamente relacionado com a formação do capital industrial, o que pressupõe um mercado de trabalho composto por proletários. Por isso, a questão da *submoradia*, ou melhor, das vilas operárias, dos cortiços ou da habitação precária (falta de saneamento, superlotação, epidemias, etc.), é condição *sine qua non* da urbanização capitalista. A mobilização de *trabalhadores livres* por um *mercado de trabalho urbano*, fato que envolve grandes levadas migratórias relativas ao processo de *acumulação primitiva*; e, conseqüentemente, o empobrecimento destes trabalhadores submetidos a relações de exploração/expropriação é algo que já tratamos em outro lugar¹⁶⁹. Para acompanhar a intensidade deste processo de urbanização, a cidade de São Paulo, até então um modesto aldeamento, passou por, pelo menos, três grandes transformações urbanas, de 1870 a 1970, nas quais a cidade foi inteiramente destruída e reconstruída: casas de taipa, do período colonial; arquitetura européia do início do século XX; e a *verticalização* da cidade, através de grandes edificações construídas em concreto armado e metal, como o edifício Martinelli, em 1934 (TOLEDO, 1981). Cabe ressaltar que uma assim definida “fase ferroviária” cumpriu um importante papel na urbanização de São Paulo, principalmente na região central. Todavia, entre 1930 e 1950, os esquemas urbanísticos do século XIX se encontravam obsoletos diante das novas demandas do capitalismo monopolista. É desta época, década de 40, a implantação – parcial – do sistema rodoviário concêntrico denominado Plano de Avenidas. Assim, esta “fase rodoviária” determinou em certa medida o zoneamento da cidade, através das radiais e de anéis viários, tendo o centro por foco irradiador, possibilitando maior mobilização no perímetro urbano.

Nos anos de 1970, inicia-se a desconcentração do parque industrial no município, ao qual, paulatinamente, é substituído pelo terceiro setor, notadamente na região central da cidade. Obviamente, o centro da cidade perde sua importância econômica e, conseqüentemente, política. Novas *centralidades* surgem espalhadas em outras regiões da cidade: Avenida Paulista, também chamada de *Centro Novo*; e, mais tarde, Avenida Faria Lima, Marginal Pinheiros e Avenida Berrini, designadas de *Novíssimo Centro*.

¹⁶⁹ Em nossa já citada dissertação de mestrado quando analisamos o texto de Engels sobre a habitação fizemos algumas observações. O proletário deve ser espoliado de todos os seus bens e ser proprietário apenas da mercadoria *força de trabalho*.

Diante desta perspectiva de descentralização (dispersão espacial) da região central – também chamada *Centro Velho* – da cidade de São Paulo, não cabe aqui discutir em detalhes os processos ininterruptos de reformas ou renovações urbanas na cidade, nem dos atuais projetos de “gentrificação”, *revitalização* ou ainda *requalificação do centro* (a partir de 1990) – aliás, conceitos que não passam de ideologia pura e simplesmente –; basta dizer apenas que todas estas alterações estavam em consonância com as determinações da reprodução e acumulação do capital e quase sempre tomaram a forma de políticas sanitárias, atendendo aos anseios moralizantes das classes médias e altas. Interessa-nos aqui enfocar o tipo de *moradia* destinada às classes trabalhadoras, pois, durante muito tempo, elas foram constituídas pela realidade dos *cortiços*. Resumidamente, as cidades brasileiras, em vias de industrialização, não fugiram à regra das circunstâncias lastimáveis das aglomerações operárias da Revolução Industrial dos séculos XVIII e XIX. A triste miséria da vida proletária foi bem retratada pela literatura, por Dickens, Zola, entre outros. No Brasil, um certo realismo ou naturalismo, do qual o romance “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, é uma referência, também descreveu o tumultuado ambiente dessas habitações. Neste contexto, na metrópole industrial, a fábrica e o cortiço caminham lado a lado.

Este ambiente, de fato, é mais cruel na realidade do que na ficção e, se a moda literária passou, não passou, porém, o problema da falta ou da moradia inadequada da classe trabalhadora.

As principais características dos primeiros cortiços predominam até os dias de hoje. Cômodos pequenos, superlotação, uso coletivo de banheiro, cozinha e tanque, precariedade das instalações hidráulicas e elétricas, falta de privacidade, exploração de alugueis, várias funções exercidas em um mesmo cômodo, tais como o quarto servindo de cozinha e a sala de quintal para secar roupa. (BIANCHINI & SCHICCHI, 2009, p. 14).

De acordo com a metodologia empregada por uma pesquisa, a caracterização de um cortiço pode ser bastante variada e suas tipologias podem ser descritas e classificadas. Não é isso, contudo, que nos interessa, mas sua forma geral. A residência proletária deve ser suficiente para o trabalhador repor suas energias gastas no trabalho e para o trabalho. Além disso, a permanência em um cortiço, mesmo em instalações de habitação deploráveis, não

isenta o locatário do vínculo econômico obrigado ao locador na forma do aluguel. Assim, a moradia do trabalhador deve ser restrita apenas às necessidades mais básicas, como, por exemplo, *dormir*, também vinculadas a um estipêndio monetário.

Para endossar o que se pretende demonstrar ainda, vale a pena acompanhar os dados que serão apresentados referentes à população residente em cortiços. É importante antes frisar a dificuldade relativa às pesquisas quanto ao rigor no recenseamento das populações encortiçadas (ou faveladas) devido à metodologia e a natureza de cada instituto de pesquisa. Por isso, os resultados devem ser interpretados sempre em caráter aproximativo, o que não exclui, no entanto, seu valor interpretativo de análise do real. Vejamos então os dados:

Tabela 1 –Crescimento dos cortiços entre 1960 e 1990 na cidade de São Paulo

Ano	Pop.encortiçada (%)	Pop.cidade (total) (mil)	pop.encortiçada (total) (mil)
1961	18,0	3.890	701
1968	8,1	5.430	505
1970	9,0	5.930	534
1980	17,7	8.500	1.505
1990	28,0	11.090	3.105

Fonte: Crise e Mudança, 1990: (in PICCINI).

Os números mostram uma oscilação na dinâmica da população encortiçada e um acentuado aumento tanto em termos absolutos quanto relativos nas décadas de 1980 e 1990. Logo, contavam-se 3 milhões de pessoas morando em cortiços nos anos 90.

Através da análise dos dados da SEMPLA (1990), elaborados na ocasião do Plano de Ação Imediata, para subsidiar o estudo do Novo Plano Diretor da Cidade de 1990, observamos um crescimento dos moradores residentes em cortiços e favelas entre 1975 e 1990 como resumido no quadro a seguir. (PICCINI, 2004, p.52).

Tabela 2 -Crescimento da população moradores residentes em cortiços e favelas na cidade de São Paulo entre 1975 e 1990

Ano	% população em cortiços	% população em favelas
1975	9,3	0,7
1980	17,7	4,2
1990	28,0-30,0	11,3*

Fonte: SEMPLA, 1990 (* dados disponíveis de 1991)¹⁷⁰: (in PICCINI).

Outros resultados da pesquisa são também relevantes e valem a pena expô-los aqui, pois, compõe de elementos relacionados intimamente à moradia popular, como a origem da população e sua ocupação profissional na década de 80. Vejamos:

Tabela 3-Origem dos moradores residentes em cortiços na cidade de São Paulo em 1986

Origem	%
norte e nordeste	38,5
Paulistanos	35,8
paulistas (não paulistanos)	10,5
Mineiros	9,7

Fonte: SEMPLA, 1986: (in PICCINI).

¹⁷⁰ Esses dados que apontavam um forte aumento do encortiçamento nas áreas centrais da cidade, estimando 1.700.000 pessoas encortiçadas em 1980 e 2.700.000 pessoas em 1986, estavam baseados em estudos da SEMPLA, Frente e Verso de 1986 e São Paulo: Crise e Mudança de 1990. São atualmente considerados superestimados pelos profissionais e técnicos do assunto. (PICCINI).

Tabela 4 -Situação da inserção no mercado de trabalho da população encortiçada na cidade de São Paulo em 1990

setor de Ocupação	% chefe de família
Serviços	36
Industrial	30
autônomos e diaristas	12
Comércio	6
Diferenciados	11
Desempregados	5

Fonte: Simões, 1991: (in PICCINI).

Os dados apontavam também um elemento importante no quadro geral da ocupação dos moradores de cortiços: que só 5 % dos chefes de família era desempregado. Isto mostra que morar em cortiços não significa obrigatoriamente “desemprego” mas que existe no mercado de trabalho uma grande maioria de empregados com baixos salários que é obrigada a morar em cortiços não por escolha própria voluntária mas por obrigação da situação econômica. (PICCINI, 2004, p. 58).

Os números apresentados são bastante significativos, pois é justamente a partir dos anos de 1970 que parece ocorrer uma inflexão nos números referentes a cortiços e favelas. As favelas passam a crescer num ritmo muito mais acelerado, embora o numero de encortiçados seja sempre maior (Tabela 2). Suzana Pasternak aponta para o seguinte fenômeno:

Embora presente, o fenômeno favela em São Paulo só vai se desenvolver em larga escala nos anos 70. A montagem de um Cadastro de Favelas na Secretaria do Bem Estar Social, em 1973, permitiu uma mensuração bastante exata do número de favelas e domicílios: em 1973/74 a população favelada paulistana não alcançava 72 mil pessoas, cerca de 1,1% da população municipal. (...) Em 1980, registros da Eletropaulo e dados de pesquisa de campo do ITP (Instituto de Pesquisas

Tecnológicas) mostraram que a população favelada municipal já alcançara 439.721 pessoas, 5,2% da população municipal. Em 1980, também, pela primeira vez dados do Censo Demográfico computam os favelados como categoria específica. Novo Censo de Favelas, realizado pela Prefeitura Municipal em 1987, com metodologia semelhante ao de 1973/74, encontrou o total de 812.764 moradores em favela no município, 8,9% da população municipal, em mais de 150 mil domicílios. (...) Em 1993, nova pesquisa abrangente é feita pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Como resultado computaram-se 1,9 milhões de favelados, 19,8% da população municipal em 378.683 domicílios. (PASTERNAK, 2002, pp. 4-6).

Dados que indicam um aumento demográfico nas periferias em detrimento da população da região central.

As taxas de crescimento da população favelada entre 1991-96 (dados censitários) atestam seu crescimento periférico, tal como o crescimento populacional municipal; para o município como um todo, as taxas foram negativas para os anéis centrais, interior, intermediário e exterior. A única taxa positiva foi a do anel periférico, de 2,48% ao ano. (ibidem, p. 8).

Números que podem ser ainda confirmados pelo deslocamento dos cortiços para fora do centro da cidade:

Ao longo da história da cidade de São Paulo, o cortiço enquanto estratégia de moradia da população de baixa renda passou por diversas fases. Do final do século passado até meados da década de 30, este tipo de habitação constituiu a alternativa predominante da classe trabalhadora concentrada na região central da cidade. Nas décadas seguintes, até aproximadamente os anos 70, a casa própria autoconstruída na periferia surge como outra opção habitacional, em resposta à diminuição da oferta de moradias de aluguel e acompanhando o ritmo de crescimento da cidade e das atividades especulativas com o solo urbano. Nos anos subseqüentes, a cidade passa a conviver com a expansão das favelas, completando o quadro de alternativas que os trabalhadores de menor renda encontraram para solucionar o problema da moradia. Ao longo desta trajetória, o cortiço se mantém presente, crescendo em algumas áreas, diminuindo em outras e, sobretudo, espalhando-se por toda a cidade (Borin & Schor. 1997, p. 175).

Ainda assim, no ano de 94, o Centro ocupava a terceira posição na distribuição dos cortiços, segundo critérios administrativos de região no Município de São Paulo, concentrando 20,82% dos cortiços, ficando atrás somente das regiões Sudeste 26,12% e Sul 21,01%, de um total de 23.688 cortiços em números absolutos, de acordo com pesquisa Sehab/Habi-Fipe (1994). Se pensarmos estes dados em termos de extensão territorial, isto é, em termos da densidade demográfica, o Centro subiria para o primeiro lugar: só na Região da Sé computavam-se 4.441 cortiços, ou seja, 18,74%.

Interessante também apontar alguns dados sobre a população de rua (ou, como se diz tecnicamente, *em situação de rua*). Segundo dados recentes (2009) da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), este grupo também vem aumentando nos últimos dez anos. O instituto define esta população em duas categorias: “moradores de rua”, isto é, pessoas que pernoitam nas ruas, calçadas, marquises, jardins, baixos de viadutos, mocós, terrenos baldios e áreas externas de imóveis; e “acolhidos”, as que pernoitam em albergues ou abrigos. O número total pode ser visto na tabelas que se seguem (Tabela 5 e 6):

Tabela 5 - Número de pessoas em situação de rua, 2009

População	2009	2000
Moradores de Rua	6.587	48,2
Acolhidos	7.079	51,8
Total	13.666	100,0

Fonte: FIPE, 2009

Tabela 6 - Pessoas em situação de rua, 2000/2009

População	2009 (Número- %)	2000 (Número - %)
Moradores de Rua	6.587 ou 48,2%	5.013 ou 54,3%
Acolhidos	7.079 ou 51,8%	3.693 ou 45,7%
Total	13.666 ou 100,0%	8.706 ou 100,0%

Fonte: FIPE, 2009

A tabela a seguir mostra que a população não acolhida – isto é, moradores de rua – concentra-se principalmente também nos distritos da Sé e República (Tabela 7):

Tabela 7 - Distritos Municipais com maior presença de moradores de rua, 2009

Distrito Moradores de rua %*

Distritos	Moradores de rua	%*
República	1.570	23,8
Sé	1.195	18,1
Santa Cecília	309	4,7
Brás	249	3,8
Santana	194	2,9
Consolação	175	2,7
Bom Retiro	165	2,5
Vila Leopoldina	149	2,3
Bela Vista	138	2,1
Mooca	135	2,0
Total	4279	64,9

***Em relação ao total da população**

Fonte: FIPE, 2009

Outros aspectos relevantes da pesquisa que convém salientar é que 63,5% da população *de moradores de rua* é formada por “não-brancos” contra 28,2% de “brancos” e 8,3% “sem identificação”; 79,7% é composta por indivíduos do sexo masculino; e 77,9% são adultos (7,7% idosos, 6,7% crianças e adolescente e 7,7% sem identificação).

Curiosamente, apesar dos dados apresentados acima, são justamente nestes distritos que, segundo dados do IBGE (2000), houve grande perda de moradores nos últimos anos: na Sé, o percentual foi de 17,5% 1980/1991 e 26% no período 1991/2000; na República, 5,2% e 17,9%, respectivamente. Aliás, a região central apresenta taxas negativas em média de -3 e -5% ao ano, conforme índices do mesmo instituto. Na década de 1940, 33,4% da

população de São Paulo residiam no centro. Em 2000, o índice é de apenas 3,96%. Portanto, os números indicam uma proletarização da população no centro da cidade.

O esvaziamento no centro deixa para trás uma enorme quantidade de prédios abandonados. “Tal dinâmica populacional foi acompanhada pelo aumento da proporção de imóveis vagos existentes na região central de São Paulo (18,3%), em relação aos da cidade (11,9%). Destaca-se a expressiva presença destes nos distritos da Sé (26,8%), da República (22,7%), do Pari (21%) e de Santa Cecília (17,5%)” (CASTRO, 2010, p. 4)¹⁷¹.

Recordemo-nos também, a fim de ter uma idéia geral da complexidade do fenômeno, que durante o regime militar foi implantada uma ampla política habitacional em favor da população de baixa renda, que, estrategicamente, desmobilizava politicamente a classe trabalhadora. Estas foram dispersas para fora da cidade e conduzidas para os subúrbios e as periferias. Porém, esta política habitacional longe de resolver o problema da moradia agravava a situação, pois os mais pobres não eram contemplados de fato pelo projeto.

O governo Castelo Branco buscava dosar o esvaziamento e a repressão aos movimentos da sociedade com a legitimidade política, depois da ruptura política. Para o campo oferecia o Estatuto da Terra, e para as cidades uma política habitacional, com a instituição do Plano Nacional de Habitação e a criação do Banco Nacional da Habitação (BNH). (...) A política não era perfeita; fazia água logo de início. Dirigida à população de 1 a 3 salários mínimos, sofre-se a inadimplência generalizada. Corrige-se a fórmula, o mercado popular é redefinido, em meados dos anos 70, para as classes de 3 a 5 s.m. localiza-se o grande boom da habitação popular entre 1975 e 1982. (DAMIANI, 1994, p. 99).

Esta dinâmica de pauperização do centro de está relacionada também a questões de ordem econômica. O arrocho salarial e o desemprego que grassaram nas últimas décadas (80 e 90) evidentemente influenciaram a dispersão da população para outras áreas da cidade. Porém, os altos índices de encorticiamento na região central não acompanharam essa tendência. Ao contrário, sua ocorrência aumentou significativamente. Assim, *se o cortiço*

¹⁷¹ O Censo do IBGE, do ano 2000, registrou 420 mil imóveis residenciais identificados como vagos na cidade de São Paulo. Na região da Sé, por exemplo, há cerca de 40 mil domicílios vazios.

foi tradicionalmente uma estratégia de moradia da classe operária, o que explica o aumento de cortiços na região central, mesmo depois da dispersão espacial e do esvaziamento demográfico no centro da cidade de São Paulo? Tudo parece levar a crer num surgimento de um processo de lumpenização da classe trabalhadora que ainda dependia do centro para sobreviver. Para acentuar esta problemática, soma-se isso à grande quantidade de imóveis abandonados ou vagos na região central. Diante deste cenário, o que explica os movimentos populares de moradia na região central da cidade? É o que tentaremos descobrir.

Em fins dos anos 70, nos países centrais, foi implementado, em resposta à crise desencadeada pela revolução tecnocientífica e, por conseguinte, o fim do *Welfare State*, um novo modelo econômico baseado na ortodoxia das teorias monetárias, o *neoliberalismo*. A doutrina neoliberal pregava, dentre outras coisas, o livre mercado e políticas para minimizar o papel do Estado. Segundo seus cânones, o Estado deixaria de exercer, em teoria, seu papel de interventor e regulador da economia para assumir simplesmente uma função de “gerente” dos investimentos privados. De acordo com os ideólogos neoliberais, a dívida pública acarretava uma estagnação econômica e o excesso de burocracia estatal emperrava a livre iniciativa do setor privado. Neste sentido, prescreviam cortes profundos nos gastos públicos, com o desmonte da saúde, da educação e da previdência social; a desoneração do Estado, enquanto empreendedor capitalista, através das chamadas “privatizações” das estatais e das “terceirizações”; além de um rigoroso controle da moeda circulante no sentido de conter a inflação. Grosso modo, o receituário do neoliberalismo também incluía a liberação das barreiras alfandegárias, da taxa de juros, do câmbio e punha em prática a chamada “flexibilização” do trabalho, que se traduz em revogação de leis trabalhistas. Nos países periféricos, onde o Estado de bem-estar social nunca funcionou muito bem ou nunca existiu, podemos imaginar os estragos sociais dessa política econômica se implantada.

No Brasil, desde os anos 80 (a famigerada “década perdida”), para combater a desvalorização da moeda ante a crônica tempestade inflacionária e o baixo índice de

crescimento econômico, na ordem de 3% ao ano, governos sucessivos implementaram pacotes econômicos que buscavam manter a estabilidade às custas do arrocho salarial¹⁷², o que veio a provocar um aumento sem precedente do trabalho informal e autônomo e da extensão do subemprego. Mas foi somente nos anos 90, com a era Collor e FHC, que as políticas neoliberais correram a todo vapor. Além do crescimento econômico pífio (em média 1,5% ano), registrado nesse período, e da alta taxa de juros, que chegaram a picos de 38%, os índices de desemprego e de informalidade no trabalho atingiram níveis recordes, principalmente nas regiões metropolitanas do sul e sudeste¹⁷³. A concentração de renda e, sobretudo, a desigualdade entre ricos e pobres aumentaram ainda mais. Sendo assim, a política econômica nacional amarrou laços de dependência ainda maior à chamada “globalização”, acrescida a altas taxas de “investimento direto externo” (IDE)¹⁷⁴, resumindo-se praticamente ao pagamento dos altos juros do serviço da dívida pública. Normalmente, o crescimento do subemprego e da informalidade, diga-se de passagem, crônicos em nosso país, foi sempre associado à desaceleração econômica. Por isso, no período entre 1992 e 2002, o trabalho informal subiu de 38,3% para a ordem de 45% nas regiões metropolitanas, segundo informações de pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

De um ponto de vista mais geral e fundamental, o desemprego estrutural e o aumento do trabalho informal em todo o mundo, fenômeno que alguns estudiosos batizaram de “brasilinização do mundo”, pode ser explicado pelo aumento do *capital constante* (CV) no interior da composição orgânica do capital. O capital variável – ou seja, *trabalho vivo* – fonte do valor – é expulso do processo produtivo, reduzindo as taxas de mais-valia global. A economia então busca saídas lucrativas especulando no mercado

¹⁷² Durante a crise dos anos 80 começa a surgir um fenômeno diferente. Surge o fenômeno que é o assalariamento sem carteira, em virtude do ajuste recessivo, e um crescimento do trabalho por conta própria e dos pequenos negócios. Além do mais, o início dos anos 80 caracteriza-se também por uma elevação da taxa de desemprego. Foi a primeira grande crise capitalista no país, a crise de 1981 a 1983. (CACCIAMALI, p. 62).

¹⁷³ Entendemos que a gestão do PT é uma reação da aliança capital-trabalho ao capital financeiro pura e simplesmente. Todavia, não representou uma ruptura com a ortodoxia econômica, embora tenha nuances desenvolvimentistas. Grosso modo, as gestões dos Partido dos Trabalhadores no alto escalão do governo têm reafirmado as políticas neoliberais dos governos anteriores.

¹⁷⁴ Numa reunião realizada no Laboratório de Geografia Urbana (LABUR), da USP, por conta de um diálogo com um representante da *King's College London*, a professora Odette Seabra lembrou muito apropriadamente que atualmente ninguém mais menciona a *remessa da taxa de lucro*, algo que era bastante comum há alguns anos atrás. Tal observação é bastante relevante, haja vista que nunca se desnacionalizou tanto a indústria brasileira como nestes anos do neoliberalismo.

financeiro; não obstante, o trabalho (capital produtivo), base material do valor, não acompanha o ritmo e o volume destes investimentos – aposta na geração de um valor futuro, que não vai e não pode se realizar pela própria diminuição do *capital variável* na produção – ocasionando um descompasso entre o valor real e o fictício, como demonstram as sucessivas bolhas financeiras dos últimos anos¹⁷⁵.

Apesar da crise, no Brasil, a abertura política dos anos 80 possibilitou, por outro lado, uma participação ímpar da sociedade civil na vida pública. Com o fim do sindicalismo pelego, atrelado à ditadura, e o renascimento, bem como efervescência, dos movimentos operários, principalmente nos episódios que marcariam as greves do ABC, houve neste período a criação, em 1980, do Partido dos Trabalhadores (PT) e da Central Única dos Trabalhadores (1983), que atendiam as demandas dos trabalhadores urbanos. No campo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), criado em 1984, catalisou as antigas demandas camponesas por reforma agrária. No final da década, entretanto, ocorrem simultaneamente os estertores do “socialismo real” e a globalização da “solução” neoliberal. A partir daí, as reivindicações da classe trabalhadora se perverteram no valeduto da política “democrática”, com o aparecimento de uma *aristocracia operária* (contando com pouquíssimos operários de fato) totalmente desvencilhada do compromisso de ruptura através da luta de classes. Ao contrário, foi estabelecido um pacto nacional entre capital e trabalho capitaneado por interesses atrelados às velhas oligarquias.

Nas vésperas da apoteose do neoliberalismo, no centro da cidade de São Paulo, surgem os primeiros projetos de parceria público-privada:

Durante a década de 80, os limites entre as esferas de competências do setor público e as do privado tornaram-se mais permeáveis. Com relação à reestruturação urbana no geral, tanto um setor quanto o outro foi assumindo

¹⁷⁵ Este processo geral foi descrito em nosso livreto através da leitura dos Grundrisse de Karl Marx. Robert Kurz tem uma teoria particularmente interessante sobre este processo. Segundo ele, a Terceira Revolução Industrial nos anos de 1970, com base na informática, foi incapaz de criar uma mais-valia global suficiente para garantir a acumulação capitalista, graças à automatização que se generalizou numa crescente desde então.

funções que tradicionalmente eram de competência, e por lei, privativas, de apenas um deles. (PICCINNI, 2004, p. 70).

E, nesse mesmo contexto, movimentos sociais ligados à reivindicação de moradia, que já se mobilizavam desde os anos 70 contra os despejos, passam a se articular de modo mais contundente e a atuar efetivamente até ganharem visibilidade:

Nos anos 80 os movimentos de encortiçados estruturam-se, ampliam-se e organizaram-se de forma articulada dentro dos movimentos de moradia da cidade de São Paulo. É a partir de 1985, que legalmente e politicamente o cortiço aparece como grave problema habitacional, sendo redescoberto por parte do Poder Público como um fenômeno, tanto do centro urbano deteriorado, quanto na amplitude de como se difundiu na periferia. (...) Em 1988 os diferentes movimentos de moradia de cortiços se reunindo no Movimento dos Encortiçados e Unificação de Lutas de Cortiços (U.L.C.) ligado ao União dos Movimento de Moradia (U.M.M) e fazem suas as idéias e as propostas do Movimento de Sem Terra promovendo algumas invasões de áreas em terrenos desocupados e imóveis vazios como na Fazenda de Juta, Jardim Colorado e Jardim Sapopemba por exemplo, obtendo a declaração de “Área de Interesse Social” por parte do Estado em 22 terrenos. (Ibdem, p. 74).

Nos anos 90, já em meio às políticas neoliberais, entidades civis e empresariais fundam a Associação Viva o Centro, amplamente amparadas pelo poder público. Paralelamente, movimentos por moradia, tendo em vista o fato de uma grande quantidade de imóveis desocupados ou abandonados no centro da cidade, radicalizam suas ações tendo por base legal a *função social da propriedade*, prevista pela Constituição Federal promulgada em 1988 e viabilizada pelo Estatuto da Cidade.

Na segunda metade da década de 1990, os movimentos de moradia começaram a ocupar imóveis vazios, especialmente edifícios públicos, no centro de São Paulo como estratégia de luta e de organização urbana de trabalhadores empregados e desempregados. Reivindicava-se o direito à moradia nas áreas centrais, com todos os atributos que esta localização territorial oferece, como oferta de empregos, acessibilidade urbana, serviços de educação e saúde, entre outros. Em 1997, realizou-se a primeira ocupação no centro de São Paulo: mil e quinhentas famílias

organizadas pela ULC ocuparam durante cinquenta e um dias um casarão na Rua do Carmo. (BLOCH, 2007, p. 370).

O movimento denominado Fórum dos Cortiços reivindicaria as primeiras ações de ocupação de imóveis vazios no centro, em 8 de março de 1997, no casarão Santos Dumont em Campos Elíseos (Ver site do movimento na internet). Segundo a própria entidade, “os cortiços que se organizaram, lutaram, não foram despejados e tiveram atendimento do Governo”. Isto porque este movimento optou por uma estratégia que pressionava o poder público, através das ocupações, no sentido de que se levasse em conta o problema da falta de moradia e fossem tomadas medidas de atendimento desta demanda através de programas de financiamento da casa própria, como o PAR da Caixa Econômica (Programa de Arrendamento Residencial). Nesta perspectiva, a ocupação de um imóvel abandonado deixa de ter um caráter de moradia para assumir um papel de denúncia. Ocorre que esta tomada de posição não contempla a grande maioria da população sem-teto. Tivemos a oportunidade de relatar, em nossa já referida pesquisa de mestrado, que muitos militantes do movimento sem-teto, como a ex-coordedora do MSTC Lizete, romperam com o Fórum dos Cortiços por entenderem que este deixou de representar os trabalhadores sem-teto mais carentes.

Essa mudança no caráter das ocupações foi um dos principais aspectos que geraram novos “rachas” no interior dos movimentos de moradia. Assim, surgiram duas dissidências que ainda hoje são favoráveis a ocupar imóveis para utilizá-los como moradia, ao mesmo tempo em que lutam por políticas públicas habitacionais: o Movimento dos Sem-Teto do Centro (MSTC) e o Movimento de Moradia da Região Centro (MMRC). O MSTC, fundado em novembro de 2000, é um “racha” do Fórum de Cortiços. O MMRC, que tem como liderança principal Nelson Souza, surgiu em 2003 de divergências no interior do MMC. (...) No panorama sobre os movimentos de moradia que atuam no centro de São Paulo, encontramos cinco movimentos – Fórum de Cortiços, Movimento de Moradia do Centro, Movimento de Moradia da Região Centro, Movimento dos Sem-Teto do Centro e União para as Lutas de Cortiços – e duas entidades que formam eixos estruturadores – União dos Movimentos de Moradia (UMM), ligada à Central dos Movimentos Populares (CMP), e Frente de Luta por Moradia (FLM). (Ibidem, pp. 370 e 371).

Apesar de todos os movimentos de sem-teto reiterarem que toda a ocupação tem um caráter de denúncia, os grupos associados à Frente de Luta por Moradia (FLM) apresentam uma proposta bem mais condizente com a situação real do trabalhador sem-teto. A ocupação, além de ser uma denúncia sobre o problema da falta de habitação, é também um lugar de moradia, que pode ser provisório ou se estender por tempo indeterminado. Tal perspectiva, responde melhor às necessidades imediatas do trabalhador sem-teto, que, não raro, é também um morador de rua. Em nossa pesquisa de mestrado, tivemos também a oportunidade de constatar uma das práticas de arregimentação de militantes, realizada por grupos organizados em núcleos de base que saíam às ruas e tentavam convencer moradores de rua, muitas vezes viciados em craque, a participarem do MSCT. Em todo caso, o grande número de movimentos de sem-teto, de diferentes tendências e objetivos, é explicado pela intensa demanda de pessoas por moradia que buscam nesses movimentos uma solução.

Enfim, o sem-teto, desenraizado de *espaço* (do mundo social), diante das transformações urbanas orientadas pelo capital e que o expulsa da cidade, sente a necessidade vital de lutar por *centralidade*. No centro (que não se trata do centro geográfico ou material), é que se dá o *encontro-desencontro*, o envolvimento autêntico e desembaraçado entre pessoas, o verdadeiro processo de humanização. A crise do trabalho implica, como vimos, numa crise da identidade humana transfigurada no autômato. O sem-teto, sobrevivendo à flexibilização e à crise estrutural do trabalho, sem se enquadrar nas categorias econômicas, é, neste contexto, supérfluo ou nem existe socialmente. Paradoxo: na medida em que o sem-teto, de um lado, não se reconhece nos referenciais doadores de identidade da economia capitalista, por outro, encontra-se numa posição privilegiada de poder constituir sua própria identidade através de referências verdadeiramente humanas. De fato, um fio de Ariadne tênue guia o sem-teto por caminhos insondáveis. Esta ambiguidade será provisoriamente resolvida num baile de máscaras, na despedida do “último homem”; pois, virtualmente, o sem-teto é a sexta e sétima raça: as mulheres e os homens de lata e de papel! Nesta encenação, de papéis e atores dissumulados, a cidade é palco da *urbanização trágica*. É o ponto crítico. Germe da *sociedade urbana*?

Morar¹⁷⁶

Raça de Ferro

Antes não tivesse eu entre os homens da quinta raça,
mais cedo tivesse morrido ou nascido depois.
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia
cessarão de labutar e penar e nem à noite de se
destruir; e árduas angústias os deuses lhe darão.
Entretanto a esses males bens estarão misturados.
Também esta raça de homens mortais Zeus destruirá,
no momento em que nascerem com têmperas encanecidas. (...)

(Hesíodo, *Trabalhos e dias*; trad.: Mary C. N. Lafer)

Talvez, a questão do *habitar* na filosofia foi tratada mais pontualmente pelo pensador alemão Martin Heidegger em sua confrontação com Nietzsche, no que toca a “abertura no mundo”. Henri Lefebvre também utiliza o conceito. Logo, comecemos por Heidegger¹⁷⁷. Porém, deixemos de lado, em Heidegger, a *questão do ser*; ou da *verdade*, enquanto ocultamento do ser que se desvela em seu sentido mesmo (*alétheia*); ou do *esquecimento do ser* etc. Deixamos de lado também, se isto for possível, a curta passagem do filósofo da Floresta Negra pelo NSDAP (partido nazista), algo que, diante de nossas posições políticas, repudiamos veementemente¹⁷⁸. Deixamos de lado também a hipocrisia de certos oportunistas. O que nos interessa aqui é uma compreensão no âmbito teórico do conceito de *habitar*. Portanto, o ensaio intitulado *Construir, habitar, pensar* de Heidegger parece cair como uma luva aos nossos propósitos. Feita estas considerações, como o próprio título do artigo indica, há no texto mencionado uma estreita relação entre os termos “construir”, “habitar” e “pensar”.

¹⁷⁶ A redação desta seção foi sugestão do próprio professor Alexandre Rocha em nosso exame de qualificação desta presente pesquisa.

¹⁷⁷ Aqui também devemos especial agradecimento a Felipe Catalani pelas indicações dos textos de Heidegger.

¹⁷⁸ É importante recordar que Heidegger influenciou pensadores que jamais poderiam ser associados ao nazismo, como Sartre e Foucault, entre outros.

Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar. Ambos são, no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se mantiver isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro. Essa escuta só acontece se ambos, construir e pensar, pertencem ao habitar, permanecem em seus limites e sabem que tanto um como outro provém da obra de uma longa experiência e de um exercício incessante. (HEIDEGGER, 2002, p. 140).

Se há um pertencimento, que não pode ser isolado em contornos separados, de construir e pensar no habitar, logo, *habitar*, em Heidegger, não se restringe ao sentido vulgar da palavra. Por isso sua afirmação de que “construir não é, em sentido próprio, apenas uma habitação. Construir já é em si mesmo habitar” (ibidem, p. 126). De fato, para o autor, o *habitar* não significa apenas a habitação, isto é, a casa, pronta e edificada, mas a toda e qualquer *construção*. Construir envolve *relação*, com a coisa construída e o que está à sua volta. Esta relação é associada ao *cultivo*; isto é, ao cultivar: *o deixar desabrochar das coisas*. De fato, aqui a referência é o campo, à cultura de certos gêneros de vegetais na agricultura; do cultivar subordinado ao tempo cíclico das estações do ano, do clima e dos ritmos inerentes à atividade agrícola. Da presença do agricultor no plantio e na colheita à sua ausência na espera ansiosa e demorada do germinar, do crescer, do frutificar etc. Daí porque Heidegger afirma: *habitar é permanecer* ou “de-morar-se”. Este “permanecer” é estar junto na espera daquilo que cresce independente e, por isso, é livre. E nesta presença e esperança (espera), Heidegger introduz uma unidade originária (*centro da relação*) do “ser” na terra, no céu, com os deuses e os mortais, que o filósofo alemão denomina de *quadratura*¹⁷⁹. Portanto, *habitar é definido por uma centralidade relativa às*

¹⁷⁹ Quando evocamos terra, céu, deuses e mortais, Heidegger nos alerta que eles constituem uma unidade originária que traduz o habitar que não nos permite pensar um sem o outro. Eles constituem juntos, em resguardo, e crescem entregues ao seu vigor. Com essa visão começamos a compreender como o construir pertence ao habitar, já que só é possível construir quando deixamos as coisas ganharem a sua essência, que se revela em uma demora junto às coisas. Demorar juntos às coisas é permitir que elas aconteçam em seu vigor, demorar está relacionado a uma paragem - lugar para se realizar este encontro. O encontro só pode acontecer mediante o respeito às quatro faces: terra, céu, deuses, mortais. Respeito que se traduz na obediência ao ritmo próprio das coisas e isto acontece quando se resguarda a quadratura, ou seja, as coisas quando entregues ao seu vigor de essência se encontrando na sua unidade originária. A quadratura revela o momento e a hora em que as coisas ficam livres ao seu próprio vigor. Vigor este, que revela aridez da terra que resguarda as estações do ano a espera da chuva que só o céu pode oferecer. Deste modo o homem pode arar, plantar, esperar nascer e agradecer o divino pela colheita. (JESUS, 2007, pp. 5 e 6).

*potencialidades do ser (humano) que ocupa o mundo (natureza)*¹⁸⁰. O que, em última análise, faz do *de-morar-se* sobre a terra um *de-morar nas coisas*.

A coisa (*thing*) ou a *coisidade* tem lugar privilegiado na obra heideggeriana¹⁸¹. Daí seus ensaios sobre um cântaro, ou um par de sapatos de um camponês, uma choupana no campo, um templo grego etc. As coisas ou utensílios possuem relações múltiplas e passíveis de serem apropriadas e compreendidas em seu significado mesmo, de forma que a existência se descobre neste pertencimento afetivo e pessoal. Por isso, não se trata da *coisa mercadoria*, que o filósofo abomina (principalmente quando esta subsume a *obra de arte*), mas, da relação viva, originária e *autêntica*, na realização das possibilidades do “ser” pela coisa (artesanato), a partir do mundo que se ocupa, que é o habitar.

Assim, Heidegger, no texto examinado, serve-se do exemplo de uma *ponte*. A ponte é uma coisa, ela integra: as margens do rio, a travessia, a terra, o céu, “o brilho peregrino das estrelas”, etc¹⁸². Da ponte surge um lugar. Dos lugares, espaço. “Coisas, que desse modo são lugares, são coisas que propiciam a cada vez espaços” (ibidem, p. 134). Neste sentido, é particularmente interessante salientar o que acreditamos ser a concepção de *espaço*, em Heidegger, ao qual, como se pode notar, está estreitamente vinculada ao habitar. Vejamos no próprio Heidegger:

O espaço que percorremos diariamente são ‘arrumados’ pelos lugares, cuja essência se fundamenta nesse tipo de coisa que chamamos de coisas construídas. (...) Sempre atravessamos espaços de maneira que já o temos sobre nós ao longo de toda travessia, uma vez que sempre nos de-moramos junto a lugares próximos e

¹⁸⁰ É bastante interessante notar a semelhança deste conceito de quadratura com a meta da *união em si* do céu (pai), da terra (mãe), do ser humano (irmãos) e das coisas (companheiros) proferida pelo confucionismo na busca da perfeição.

¹⁸¹ É interessante notar que um filósofo tão diferente como Theodor W. Adorno, avesso a qualquer ontologia, também conceda uma grande importância à relação humana e as coisas. No texto aqui já mencionado, *Sobre sujeito e objeto*, Adorno escreve: “O atual é tão vergonhoso porque trai o melhor, o potencial de um entendimento entre homens e coisas, para entregá-lo à comunicação entre sujeitos, conforme os requerimentos da razão subjetiva”.

¹⁸² A ponte permite o seu curso ao mesmo tempo em que preserva, para os mortais, um caminho para sua trajetória e caminhada de terra em terra. A ponte da cidade conduz dos domínios do castelo para a praça da catedral. A ponte sobre o rio, surgindo da paisagem, dá passagem aos carros e aos meios de transporte para as aldeias dos arredores. Sobre o curso quase inaparente do rio, a antiga ponte de pedra leva, dos campos para a aldeia, o carro com a colheita, transporta o carregamento de madeira da estrada de terra para a rodovia. (...) Enquanto passagem transbordante para o divino, a ponte cumpre uma *reunião integradora*. O divino está sempre vigorando, quer considerado como propriedade e pensado como visível *gratidão* na figura de um santo padroeiro, quer desconsiderado ou mesmo renegado. (HEIDEGGER, 2002, p. 132).

distantes, junto às coisas. (...) A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensado de maneira essencial. (ibidem, pp. 135-137).

As coisas construídas (lugares) que *arrumam* o espaço do qual, na travessia, demoramo-nos, constituem uma relação fundamental do habitar. Isto é, as referências de forma, perspectiva, distância, nomes (toponímia), atribuídas às coisas em sua disposição espacial, assentam-se nesta centralidade da existência em sentido essencial (refletir, pensar a existência). A travessia, não é passagem simplesmente, mas viver profundamente um lugar (qualquer lugar). *Morar* é definido por um constante ausentar e presenciar. *Demorar* é não ter pressa de viver, é eternizar cada momento, cada minuto, cada segundo; é descobrir que cada instante é precioso e é tudo, e é só o que importa. Esta relação concreta que põe o espaço e o ser humano no habitar (isto é, *habitar pensado de maneira essencial*), não de maneira estanque, separando-os, numa exterioridade-interioridade, mas por uma vivência, já implica, como se percebe, a noção de *produção do espaço*.

Produzir tais coisas é construir. Sua essência consiste em corresponder à espécie das coisas. As coisas são lugares que propiciam espaços. Construir é edificar lugares. Por isso, construir é um fundar e articular espaços. Construir é produzir espaço. (...) Assim é que, por produzir coisas como lugares, o construir está mais próximo da essência dos espaços e da proveniência essencial “do” espaço do que toda geometria e matemática. (ibidem, pp. 137 e 138).

Enfim, habitar é construir relações. Para nós, a importância da questão do habitar se mostrou concernente na produção do espaço, que não é entendida como produção de coisas enquanto objeto (impessoal), mas sim de coisas carregadas de sentidos que dão significados à existência. Por isso, a produção do espaço induz a reflexão do pensamento, de um espaço de representações. Neste caso, se tomássemos o “habitar” nos termos aqui expostos, vinculados a um construir e um pensar, e tentássemos transportá-lo ao nosso caso específico, isto é, ao problema da falta de moradia do sem-teto e da especulação imobiliária no centro, esta tentativa fecundaria em indagações sobre o sentido do próprio habitar (sobre nós mesmos). Assim, questionar o problema da falta de moradia já é questionar o habitar, o que o torna digno de pensá-la. Heidegger conclui assim suas meditações neste artigo:

O passo seguinte, nesse sentido, seria perguntar: o que acontece com o habitar nesse nosso tempo que tanto dá a pensar? Fala-se por toda parte e com razão de crise habitacional. E não se fala, mas se põe a mão na massa. Tenta-se suplantar a crise através da criação de conjuntos habitacionais, incentivando-se a construção habitacional mediante um planejamento de toda a questão habitacional. Por mais difícil e angustiante, por mais avassaladora e ameaçadora que seja a falta de habitação, a crise propriamente dita do habitar não se encontra, primordialmente, na falta de habitação. (ibidem, p. 140).

Para Heidegger, portanto, o habitar, inerente ao próprio *ser*, é um problema ontológico e que, por isso, ultrapassa a Modernidade, que o perverte. A problemática da crise do habitar se coloca e sugere uma busca pela essência do habitar, em *aprender habitar*. Por isso, em Heidegger, a crise da habitação (o nomadismo, o desenraizamento – da existência) longe de ser um problema, é justamente uma pista, que pode indicar uma solução, pois coloca um questionamento dessa essência (centralidade) perdida e originária, que, ao longo dos séculos, foi esquecida. Solução esta que só advém através da *construção a partir do habitar e pensando em sua direção*, o que envolve um engajamento e comprometimento ético¹⁸³. Ou seja, pela crise, o habitar é novamente posto em questão pelo pensamento.

E se o desenraizamento do homem fosse precisamente o fato de o homem não pensar de modo algum a crise habitacional *propriamente dita como* a crise? Tão logo, porém, o homem *pensa* o desenraizamento, este deixa de ser uma miséria. Rigorosamente pensado e bem resguardado, o desenraizamento é o único apelo que *convoca* os mortais para um habitar. (ibidem, p. 141).

¹⁸³ Entre as partes que, num processo normal, continuarão sempre a exercer, num nível pré-reflexivo, estas funções protetivas, sustentadoras, acolhedoras, que oferecem renovadamente a “quietude do centro”, ressaltamos as moradas, sejam as casas materiais, de madeira, pedra, tijolos ou mesmo papelão, sejam moradas simbólicas proporcionadas pelo *ethos*. Uma ética, na verdade, institui uma troca regulada de afetos e obrigações recíprocas entre indivíduos. É esta reciprocidade que permite que cada um possa, dentro de certos limites, *confiar* com a presença de alguns outros em maior ou menor número, como *self-objetos* em circunstâncias. Mais que isso, a reflexividade implicada nas éticas, ou seja, as relações de si para consigo, fazem com que as partes de um indivíduo possam assumir com alguma autonomia e diante dele mesmo certas funções antes exercidas pelos outros. Poderíamos dizer, então, que o sujeito ético pode desenvolver a capacidade de manter e, numa certa medida, edificar sua própria morada com relativa independência. (FIGUEIREDO, 1995, pp. 143 e 144).

Embora bastante pertinente a maneira de como é tratado o tema do habitar, implicando engajamento e compromisso prático e ético, não podemos aceitá-lo totalmente aqui. Não podemos aceitá-lo porque uma ontologia, como vimos, está diametralmente oposta ao conceito do ser genérico, que não tem uma “essência original”. Neste caso, a produção do ser humano inventa historicamente uma *essência*, sempre móvel e virtual. Mas o conceito de “de-morar” é extremamente importante, para nós. E é neste sentido que reconsideramos o texto de Heidegger. Ressaltamos, todavia, algo que nos parece ter sido um pouco negligenciado, mas não omitido, pelo texto do filósofo alemão. O *habitar* junto às coisas pode ser interpretado equivocadamente, aos desavisados, como *reificação*. De fato, não é isso; a reificação é justamente a impessoalidade junto à *coisa*. Porém, gostaríamos de enfatizar mais aqui o sentido de “de-morar-se” entre as pessoas, e até mesmo entre os animais. Isto é, viver eternamente cada instante esta presença. Esse *demorar é a amizade e o amor*¹⁸⁴. E é, como diz o filósofo, um cultivar também. E, neste sentido, a amizade e o amor é um deixar crescer, desenvolver, florescer, e é deixar livre. O tempo aqui não é apenas concreto, é precioso. Desta perspectiva, a reivindicação da “casa”, que sempre foi uma demanda conservadora, passa a ser revolucionária, porque coloca o ser humano no centro da questão.

De certa forma, a cidade transcende a natureza, tem um ritmo próprio (*segunda natureza*). Claro que às vezes a cidade é acometida por catástrofes naturais geralmente associadas a razões climáticas. Ao mesmo tempo, o impacto ambiental provocado por edificações de concreto, retificações de rios, aterros etc. arruinam o delicado equilíbrio da natureza (eco-

¹⁸⁴ Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual ao igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é. (...) Digo ao senhor: nem em Diadorim mesmo eu não firmava o pensar. Naqueles dias, então, eu não gostava dele? Em pardo. Gostava e não gostava. Sei, sei, no meu, eu gostava, permanente. Mas a natureza da gente é muito segundas-e-sábados. Tem dia e tem noite, versáteis, em amizade de amor. (João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*).

sistema de *oikos* [greg.]: casa, relação; *oikia*: edificação)¹⁸⁵. A cidade, talvez, seja a mais antiga conquista da luta da superação humana aos determinismos naturais¹⁸⁶. O ser humano *domina* a natureza. Dominar vem de *domus*, “casa” (casa aristocrática, mais precisamente), entre os latinos (os gregos também denominavam *domaton* – casa). Os *dominus* eram caçadores romanos ligados à aristocracia imperial. Metaforicamente, o caçador subjuga a natureza. Construir, edificar, já significa uma superação, dominação (um domínio), uma apropriação das contingências da natureza. Construir já é humanizar; construir a si mesmo. *A nossa casa é a terra*: é nestes termos que se deve pensar a questão ambiental. A casa deve ser conservada, cuidada.

É possível traçar um paralelo entre *habitar* e *exteriorização*, já discutida extensamente em outro lugar. Alguns aspectos devem ser retomados, por exemplo, o *corpo*; o pressuposto biológico. Quando, por exemplo, um camponês constrói uma cabana, ele exterioriza suas necessidades, seus desejos, suas expectativas (esperanças) e perspectivas nos lugares, no espaço (representações). Deste modo, ele mede, mensura, projeta-se no e pelo corpo sua casa (o seu espelho). A casa é sua representação: *presença-ausência*. O mesmo vale para um andarilho que faz de seu caminho sem destino sua casa, e o mundo, seu habitar. “Onde quer que eu encoste a minha cabeça, eu vou chamar de meu lar” (Tom Waits).

¹⁸⁵ É interessante tomar nota que Aristóteles, em sua *Política*, distingue a riqueza doméstica (economia), natural e que se aplica à administração das necessidades cotidianas e do acúmulo limitado de bens e materiais destinados a manutenção da família e, por conseguinte, da Cidade, da crematística (troca de dinheiro), ou seja, do acúmulo ilimitado de riqueza pelo comércio e usura, o que, entre nós, vulgarmente passou a ser denominado de economia. Em razão desta distinção, Aristóteles pôde escrever: “Iniciemos o exame da questão com a seguinte consideração: cada coisa que possuímos tem dois usos. Ambos estes usos pertencem à coisa, mas não da mesma maneira, pois um é próprio, conforme a sua destinação, e o outro é impróprio ou desviado para algum outro fim. Por exemplo, o sapato pode ser usado para ser calçado ou pode ser usado para ser vendido; no segundo caso, não é o seu uso próprio, pois ele não foi feito para servir ao comércio. O mesmo se dá com as outras coisas que se tem: não foram feitas pela natureza para o comércio, entretanto, foram levadas a isso circunstancialmente, em razão de alguns homens possuírem mais e outros menos as coisas que são necessárias à vida” (ARISTÓTELES, 2006, p. 68).

¹⁸⁶ Apenas para situar o tema na geografia, vale a pena mencionar dois geógrafos contemporâneos tão dispares como Friedrich Ratzel e Piotr Kropotkin. “A necessidade de habitação é de natureza tão simples que em qualquer época estabeleceu entre o homem e o solo as mesmas relações. (...) Quanto mais sólido se torna o vínculo através do qual a alimentação e a moradia prendem a sociedade ao solo, tanto mais se impõe à sociedade de manter a propriedade e seu território. Diante desse último a tarefa do Estado continua sendo em última análise apenas uma: a da *proteção*. O Estado protege o território contra as violações vindas de fora, que poderiam reduzi-lo” (RATZEL, 1990, pp. 74-76). E Kropotkin: “A casa não foi edificada pelo proprietário. Quem a construiu, quem decorou e atapetou não foi o proprietário: foram centenas de trabalhadores que a fome impeliu para as oficinas e que a necessidade de viver obrigou a aceitar um salário limitado” (KROPOTKIN, 1975, p.102).

Segundo Lefebvre, o *habitat* reduz às necessidades mais básicas (*comer, dormir, reproduzir*) o *habitar*¹⁸⁷, por isso, “foi preciso a reflexão metafilosófica, de Nietzsche e de Heidegger, para tentar a restituição desse sentido: o *habitar*” (LEFEBVRE, 2004, p. 80). Portanto, transcrevemos esta citação que se segue extraída do livro *Revolução urbana* para reconstituir o sentido do habitar no urbano, e servindo-se dela para a orientação de nossas reflexões. (A citação é longa mais vale a pena):

Para reencontrar o habitar e seu sentido, para exprimi-los, é preciso utilizar conceitos e categorias capazes de ir além do “vivido” do habitante, em direção ao não-conhecido e ao desconhecido da cotidianidade – e além, em direção à teoria geral, à filosofia e à metafilosofia. Heidegger assinalou o caminho dessa restituição ao comentar as palavras esquecidas ou incompreendidas de Hölderlin: “O homem habita como poeta”. Isso quer dizer que a relação do “ser humano” com a natureza e com sua própria natureza, com o “ser” e seu próprio ser, reside no habitar, nele se realiza e nele se lê. Em que pese a crítica “poética” do “habitat” e do espaço industrial pode ser considerada como uma crítica de direita, nostálgica, “passadista”, ela não deixou de inaugurar a problemática do espaço. O ser humano não pode deixar de edificar e morar, ou seja, ter uma morada onde vive sem algo a mais (ou a menos) que ele próprio: sua relação com o possível como com o imaginário. A filosofia ia buscar essa relação além ou além do “real”, do visível e legível. Ela acreditava encontrá-la numa transcendência ou numa imanência, uma ou outra velada. Basta olhar para que o véu caia. Essa relação reside na morada e no habitar, do templo e dos palácios à choupana do lenhador, à cabana do pastor. A casa e a linguagem são dois aspectos complementares do “ser humano”. Acrescentamos: o discurso e as realidades urbanas, com diferenças e relações, secretas e/ou evidentes. O “ser humano” (não dizemos “o homem”) só pode habitar como poeta. Se não lhe é dado, como oferenda e dom, uma possibilidade de habitar poeticamente ou de inventar uma poesia, ele a fabricará à sua maneira. Mesmo o cotidiano mais irrisório retém um vestígio de grandeza e de poesia espontânea, exceto, talvez, quando não passa de aplicação da publicidade e encarnação do

¹⁸⁷ Il y a d’autres aspects de ce processus et d’autres points critiques. *L’habiter*, acte social et cependant poétique, générateur de poésie et oeuvres, disparaît devant l’habitat, fonction économique. (LEFEBVRE, 1981, p. 94).

mundo da mercadoria, a troca abolindo o uso, ou o sobredeterminando. (...) Não é menos verdadeiro que essa relação do “ser humano” com o mundo, com a “natureza” e sua própria natureza (com o desejo, com o seu próprio corpo) jamais foi imensa numa miséria tão profunda como sob o reino do habitat e da racionalidade pretensamente “urbanística.” (Ibidem, pp. 81 e 82).

À casa e à linguagem¹⁸⁸, Lefebvre acrescenta a *realidade urbana* na esfera do habitar. (O ser humano só pode habitar a cidade como poeta). Mas, como vimos, o *habitat* é a degradação do habitar. O habitat é uma analogia a uma apropriação técnica da natureza feita pela ecologia. Aqui, o ambiente é tido por um frágil equilíbrio dos nexos insubstituíveis de um sistema regido por uma hierarquia expressa na cadeia alimentar. Sem dúvida, a cidade, a partir de um certo período histórico, será produzida sobre este pressuposto: *o sistema*. Por isso, o habitat nada tem a ver somente com a realidade dos conjuntos habitacionais, mas antes se refere a uma realidade maior, um conceito, isto é, um modo de como *toda* a cidade é pensada, compreendida e ordenada. Neste sentido, uma racionalidade, *pretensamente urbanística*, pretende dar conta da dinâmica do conjunto *orgânico* da cidade, em que, em última instância, é entendida como *máquina de morar*, ou melhor, *cidade do trabalho* (*Trabantenstadt*).

Este último designa um “conceito”, ou melhor, um pseudoconceito caricatural. No final do século XIX, um pensamento (se é possível dizer) urbanístico, tão forte quanto inconscientemente *reductor*, pôs de lado e literalmente entre parênteses o *habitar*. Ele concebeu o *habitat*, função simplificada, restringindo o “ser humano” a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se. Nem ao menos se pode dizer os atos funcionais elementares sejam animais. A animalidade tem uma espontaneidade mais complexa. (Ibidem, p. 80).

Para que o funcionamento metabólico da cidade transcorra sem desequilíbrios é necessário estabelecer três níveis de articulação e dimensões hierárquicas interagidas

¹⁸⁸ Qual a relação essencial que se estabelece entre o construir e o habitar? Para pensar tal relação, temos que investigar onde ela se manifesta que para Heidegger é na linguagem. (...) Segundo Heidegger a palavra construir (*bauen*), se pensada a partir da linguagem, significa habitar. O habitar a partir do construir não se restringe a somente possuir uma residência, mas é a própria condição em que o homem se encontra no mundo. Esta condição do homem é compreendida por ele como um cultivo, resguardo. (JESUS, 2007, pp. 1-4).

formalmente: o nível *global* (G), o do poder, representado pelo Estado (“ordem distante”); um nível *misto* (M), a mediação desempenhada pela cidade; e o nível *privado* (P), o do habitar. O nível global incumbe-se de organizar o *meio*, a cidade, através de representações (de espaço) e *estratégias* de intervenção, por meio da planificação e políticas públicas. O nível misto é a cidade, substrato dos arranjos e rearranjos das lógicas de intervenção do nível global. Já o nível privado é o que restou do habitar, mas que, sem articulação com o público, converte-se em habitat, ou melhor, *dormitório*. Assim, o conjunto de relações destes três níveis – habitat – caracteriza o *espaço institucional* do capitalismo.

Esse nível global é o das relações mais gerais, portanto, as mais abstratas e, no entanto, essenciais: mercado de capitais, política do espaço. Ele não deixa de reagir mais e melhor no prático-sensível e no imediato. Esse nível global, ao mesmo tempo social (política) e mental (lógica e estratégia) projeta-se numa parte do domínio edificado: edifícios, monumentos, projetos urbanísticos de grande envergadura, cidades novas. Projeta-se também no domínio não edificado: estrada e auto-estradas, organização geral do trânsito e dos transportes, do tecido urbano e dos espaços neutros, preservação da “natureza”, sítios etc. (Ibidem, p. 78).

Portanto, a cidade é projetada tendo por fundo a *divisão social de trabalho*. Cabe ao Estado dar fluidez, estruturar as trocas e garantir o cumprimento dos contratos. O caos harmônico da vida é deslocado e substituído pela ordem espacial da forma mercadoria. “A grande cidade consagra a desigualdade. Entre a ordem dificilmente suportável do caos sempre ameaçador, o poder, qualquer que seja – o poder de Estado – sempre escolherá a ordem” (Ibidem, p. 89).

Obviamente, as grandes operações urbanas, ou qualquer outro termo que se aplica às políticas implementadas pelo nível G., têm por objetivo dinamizar a fluidez dos capitais. Assim sendo, a elaboração de leis de ocupação do solo, plano diretor, estatuto da cidade, política habitacional etc. devem ser compreendidos dentro destas estratégias do poder sempre comungando aos interesses de mercado. Como vimos anteriormente, o grande paradigma é o *autômato*. Por isso, a meta do urbanismo é dar respaldo coerente ao substrato material da cidade que se manifesta sem sentido e objetivo. Esta racionalização determinada funciona como uma camisa-de-força.

Como exprimir arquitetural e urbanisticamente essa situação do “ser humano” inacabado e pleno de virtualidades contraditórias? No nível dito o mais elevado, os “objetos” constituem um sistema. Trata-se do nível sócio-lógico. Cada um comunica a cada ação seu sistema de significações, que lhe provém do mundo da mercadoria, do qual ele é o veículo. Cada objeto contamina cada ação, o que é muito exato. Entretanto, esses sistemas não têm o caráter pleno e acabado indicado pela tese de uma lógica do espaço ou da coisa. Em toda parte existem falhas, vazios, lacunas. E conflitos, inclusive os existentes entre as lógicas e as estratégias. (Ibidem, p. 84).

Retomemos agora o conceito de *sociedade urbana* (esta hipótese: virtual e possível). Se esta hipótese se confirmar, novas categorias estão em formação ou são residuais (potencialmente). Estas contradições latentes vão aparecer cada vez mais como *luta pelo espaço*. Sem dúvida, luta de classes, mas sob novos referenciais. Todavia, assim como, na história do Ocidente, o feudalismo e o capitalismo não surgiram de um dia para o outro, a sociedade urbana está em fase de gestação. Por isso, as categorias históricas ainda estão presentes e resistirão ao desaparecimento, isto é, como urbanização crítica.

A cidade explode; o urbano se anuncia; a urbanização completa se prepara; e, no entanto, os antigos quadros (instituições e ideologias vinculadas às antigas formas, funções, estruturas) se defendem, adaptam-se às novas situações. O segundo nível (M) pode parecer essencial. Considerá-lo como tal não seria agir no plano teórico como defensor da realidade urbana? E, porém, ele é simplesmente o intermediário (misto) entre a sociedade, o Estado, os poderes e saberes à escala global, as instituições e as ideologias, de um lado, e, de outro, o *habitar*. Se o global quer reger o local, se a generalidade pretende absorver as particularidades, o nível médio (misto: M), terreno de defesa e ataque, de luta, pode servir. (...) Se a *reforma urbana* pode assim proceder, um pensamento mais profundo, mais radical, ou seja, que alcance a raiz das coisas, portanto, mais revolucionário, afirma o primado durável do *habitar*. (Ibidem, p. 87).

De tudo que foi dito, é neste sentido que *morar* pode ser questionado enquanto *obra*. E é exatamente esta a questão que se coloca Alexandre Rocha em sua dissertação de

mestrado quando formula uma pergunta, título do capítulo: “O morar pode ser obra?”. Feitas as devidas considerações sobre uma sobrecarga de trabalho usada no tempo livre do trabalhador na construção de sua própria casa (autoconstrução), Rocha discerne e considera “uma atividade diferenciada”, empregada à autoconstrução, que não estaria subsumida no *trabalho abstrato*. Esta *atividade diferenciada* não é, sobretudo, alienada no sentido estrito do termo, isto é, a casa autoconstruída, a princípio, não entra diretamente no mercado; ela não é expropriada ao trabalhador por meio da coação do dinheiro ou do contrato de trabalho. O ato de *construir* de cuja prática remete ao habitar ganha significados de apropriação plena nestes momentos, e por isso, quando do término da edificação da casa, sobra tempo para a celebração e a festa. Vejamos:

Mesmo sendo uma coação a exigência do trabalhador usar seus momentos de folga do trabalho alienado para construir sua casa, existe concretamente a possibilidade de uma relação diferenciada nesta atividade. Nos bairros com predomínio de autoconstrução o ato de encher a laje ganhou uma característica de festa, o convite é para uma feijoada (figurativo da massa de concreto). Aliás quando terminada a laje, tem-se a feijoada ou churrasco regado a cerveja, cachaça, samba, truco. O potencial integrador existe, aprimoram-se as relações de vizinhança. São momentos que imperam a solidariedade, que mesmo em um trabalho fisicamente exaustivo o ambiente é de festa. O semblante não é de sofrimento. (...)

Nos ambientes de autoconstrução temos um nível da reprodução que não está totalmente em concordância com a reprodução das relações sociais de produção. Quando o próprio trabalhador assume as tarefas da construção de sua casa, o faz por necessidade. Mas as relações que se estabelecem nas atividades desenvolvidas para suprir esta necessidade, que está no nível da sobrevivência, ultrapassam o nível do trabalho abstrato. Não somente produção. (ROCHA, pp. 85 e 86).

De fato, um artista quando conclui uma obra pode se sentir “realizado”. É bastante comum esta expressão, entre nós, que denota um modo de alcançar um objetivo ou ideal. Isto é, tornar *real* uma vontade ou uma ideia, um projeto, através de uma *realização prática* ou de uma coisa (uma pintura, um livro, uma música, uma casa etc.). Diferentemente de um operário na linha de montagem, onde mal participa uma das etapas do processo produtivo, pois sua tarefa consiste a um mínimo de gestos possíveis e o produto final aparece-lhe

impessoal (não apropriado e expropriado). Por isso, apesar da sobrecarga de trabalho, o trabalhador vive integralmente a construção de sua habitação, que de alguma forma se realiza e o *realiza*. Aqui ele não é mais um trabalhador, mas um ser humano comum. Por isso, este *construir* é um instante, um momento da *produção* no sentido amplo. Os amigos, a família, os vizinhos, o cachorro, o gato se reúnem em torno da construção. Quando a laje fica pronta, esta vira o salão da festa onde todos vão participar. E na festa, novamente, estão todos lá comemorando: os amigos, a família, os vizinhos, o cachorro, o gato. A presença de todos aqui é imprescindível, insubstituível, importantíssima. Um dia bonito, azul, ensolarado, todos reunidos, sorrindo, cantando, dançando, música de fundo, conversas paralelas, risadas, até o entardecer: sem dúvida, um dia memorável; inesquecível! Aqui a “obra” (como é comum no Brasil se referir a uma reforma ou a uma construção) é arte da vida, seu sentido estético e sublime. Nota-se aqui que a casa (coisa) reuniu as pessoas, integrou a paisagem, constitui os lugares, produziu espaço. Sem dúvida, um momento, de *de-morar-se* entre as pessoas, os animais e as coisas¹⁸⁹.

Uma constatação está nas relações de vizinhança, percebe-se uma intensidade bem alta de convivência entre os vizinhos: as brincadeiras da criançada, as fofocas e mexericos, a infinidade de relações de solidariedade que se confrontam com as explicações baseadas no isolamento dos indivíduos moradores das grandes cidades. É importante ter clareza que são apenas momentos e que no universo das múltiplas alienações, ao qual o morador da periferia está submetido, estes momentos parecem ínfimos. (Idem, p. 87).

Em nossa pesquisa de mestrado, constatamos que o ato de *ocupar* um imóvel vago no centro da cidade é também denominado de *festa* pelos movimentos de moradia. (Os movimentos que ocupam terrenos na periferia também assim o denominam). Frequentemente, estes imóveis não foram destinados ao uso residencial. Por isso, depois de ocupados, os militantes sem-teto constroem seus “barracos” dentro do imóvel. O imóvel ocupado geralmente é batizado de acordo com o logradouro mais representativo e de fácil memorização espacial. Por exemplo, o “Prestes Maia” não é evidentemente uma homenagem ao antigo prefeito da cidade de São Paulo, mas o nome se justifica antes pelo

¹⁸⁹ Aliás, “casar”, aliança, união, é constituir *casa*.

fato do edifício estar situado na avenida Prestes Maia. Os exemplos toponímicos são inúmeros: a ocupação da Mauá, da Nove de Julho, do casarão Santos-Dumont, da Rego Freitas etc. No caso do “Prestes Maia”, “objeto” do presente estudo e de nossa dissertação de mestrado, o prédio foi uma fábrica têxtil, há muito desativada, e adquirido, pelos atuais proprietários, num leilão realizado anos 80. O imóvel ficou ocioso durante todo esse período e os proprietários acumularam dívidas com os órgãos públicos que ultrapassam o valor do próprio imóvel. O movimento sem-teto, ao ocupar, dá um significado novo ao imóvel. Imediatamente, os militantes se organizam quase espontaneamente em mutirões e passam a construir suas moradias com tapumes, tábuas e todo tipo de materiais apanhados na rua (*shopping-rua*). A manutenção, como limpeza e reparo de instalações, é toda feita coletivamente. Não é dado um passo sem que uma questão não seja deliberada em assembleia. O individualismo e a indiferença tão comum no dito *fenômeno urbano*, aqui não é possível. Por isso um dos lemas destes movimentos é “Ocupar, Resistir, Construir, Morar”¹⁹⁰. Além do mais emblemático: “Quem não luta morre!”; que pode ser interpretado em sua positividade, como um dizer sim à vida. Sem dúvida, poder-se-ia dizer até que os sem-teto intuíram na prática, no *vivido*, o conceito de *habitar*, conforme vimos acima.

Portanto, se a propriedade privada (coisa abstrata, reificada) é diametralmente oposta ao *habitar* (construir, integrando, vivenciando) e se, como ensina Heidegger (2007), para Nietzsche a *arte é a figura mais transparente e conhecida da vontade de poder*, então, o *morar*, que inverte a representação vazia da propriedade privada num dizer sim à vida, que confere e cria formas, então o *morar pode ser obra*.

¹⁹⁰ Análogo ao lema do MST é “Ocupar, Resistir, Produzir”.

Anverso: notas sobre urbanização crítica

Se cada instrumento pudesse cumprir por si mesmo, obedecendo ou antecipando o desejo do agente, como dizem que faziam as estátuas de Dédalo ou as trípodas de Efesto, as quais diz o poeta, “vinham por si mesmas à assembleia dos deuses”, se a lançadeira tecesse por si mesma a tela, ou o arco tirasse por si mesmo o som das cordas da lira, então nem os arquitetos necessitariam mais de trabalhadores braçais, nem os mestres precisariam mais de escravos. (Aristóteles, *Política*, tradução: Pedro C. Tolens)

A urbanização, isto é, a constituição e formação da cidade, de São Paulo, normalmente, atribuída, por uma certa literatura especializada, a fenômenos resultantes de processos caóticos, de crescimento desorganizado ou desordenado, pela ausência de planejamento estratégico e espacial, pelo descaso do Poder Público, pelo desinteresse das elites, etc., não chega a roçar nem de leve o fundamento mesmo desta urbanização, que é *exploração e expropriação social*. Portanto, a urbanização ocorre num contexto de *crise* – ou seja, *urbanização crítica* – inseparável da alienação do trabalho, do qual já tratamos amplamente em outro lugar.

O conceito de *urbanização crítica* foi desenvolvido nas pesquisas de Amélia Luisa Damiani, professora do Departamento de Geografia, da Universidade de São Paulo, em colaboração de seus alunos, dentre os quais nós também fazemos parte, que realizam pesquisas em torno do conceito. Para nós, o conceito é relevante porque permite uma interpretação fundamental da expansão da cidade, com suas implicações sociais. Neste sentido, a constatação empírica, do fenômeno urbano, é tomada como ponto de partida. Se, a princípio, a urbanização aparece como resultado de má administração no âmbito das políticas públicas, o desenvolvimento de seus conteúdos demonstra, por de trás deste véu de Maya, exatamente o contrário: uma desigualdade inerentemente estrutural (sócio-econômica) impulsionando os processos de urbanização. O que, evidentemente, marginaliza grandes setores sociais, que não se apropriam da cidade. Posteriormente, entretanto, a análise se desdobra numa radicalidade ainda maior dos conteúdos: *a produção do espaço da cidade* enquanto expressão da *negatividade do trabalho* associado à queda tendencial da taxa de lucro. Chegou-se, enfim, na crise estrutural do capital, e suas implicações relativas ao capital fictício, enquanto motor do desenvolvimento econômico e da cidade, e a busca de resoluções concretas aos problemas atinentes à acumulação.

Sendo assim, a urbanização crítica vai além de uma interpretação econômica da cidade pelo viés da industrialização. Ela busca os conteúdos urbanísticos compreendidos pelo dilaceramento social provocado pela negatividade própria do trabalho e, por conseguinte, explicar os fenômenos não de modo tecnicista, apresentando propostas, instrumentos, soluções e paliativos, mas, no tocante da própria crise. Pois, a miséria das *periferias* ou de toda cidade tem por consequência o agravamento da *contradição capital-trabalho* refletido na produção urbana, da qual as políticas públicas estão situadas na ponta do “iceberg”:

Uma intervenção, ao nível mais abstrato de elucidação: se, de um lado, o processo do capital se realiza através de uma massa cada vez maior de população trabalhadora, posta a trabalhar; de outro lado, relativamente ao montante de valor produzido, há uma redução de trabalhadores absorvidos na produção social do capital. (...) Poderíamos sintetizar o argumento dizendo que o processo do capital implica num aumento da composição orgânica do capital: à população trabalhadora potencial e excedente, cada vez menos, é assegurada uma inserção produtiva, apesar da ampliação extensiva do processo do capital. (...) O trabalho apresenta-se como puramente negativo; pura negatividade: o trabalho como miséria absoluta. (DAMIANI, p. 633).

Portanto, reiteramos: o conceito de urbanização crítica inverte as explicações convencionalmente aceitas e demonstra o contrário; a saber, que a expansão desordenada da cidade, bem como a destruição da natureza ao redor, é necessariamente o motor no interior desse processo mesmo e não mera contingência. O fato mais notável é que aqui a proletarianização generalizada da sociedade não significa exclusão total, mas, de algum modo, associação por meio da forma mercadoria. Este ponto é fundamental e exprime a reificação de todas as relações na cidade. Neste sentido, a condição urbana do trabalhador, de modo precário ou não, consolida um mercado interno, por meio do crédito, bem como da produção do espaço da cidade sob a determinação do capital financeiro.

Se, como vimos, a questão da submoradia, notadamente a dos cortiços, não era extrínseca à industrialização, agora vemos que a expansão desordenada do espaço urbano, e todos os problemas sociais daí acarretados, é intrínseco às formas de acumulação desta economia em crise. A miséria aparece então como seu corolário. Neste segundo momento,

definido pela crise estrutural do trabalho, a cidade se realiza efetivamente sem anular a forma mercadoria, doadora de sentido e significado.

A produção social do espaço urbano constitui um território, que concentra momentos importantes da circulação do capital. O urbano não é um território neutro para os negócios capitalistas. É suporte - condição geral do capital -, com a infraestrutura econômica e social ativa e relativa às suas necessidades; concentra parte significativa da produção industrial e dos demais momentos de sua realização; no limite, sintetiza forças produtivas do capital compatíveis e alimentadoras do processo e se faz força produtiva, inclusive, economiza-se enquanto tal: produz-se a urbanização como negócio, travestida, muitas vezes, de supressão estratégica de espaços socialmente degradados. (Ibidem, p. 657).

Consequentemente, quanto mais o espaço é produzido como um negócio, maior é a expropriação e degradação do trabalhador, relegado a espaços cada vez mais longínquos da cidade e, não obstante, imerso nos domínios do valor-de-troca que o obriga a depender dos imperativos econômicos que não exclui a cidade. Ao contrário, coloca-a no centro. A cidade capitalista, produto humano, do trabalho, torna-se *estranha* e hostil aos seres humanos. Acuado e miserável, o trabalhador não participa da vida da cidade. Mas não só ele; toda a sociedade, irremediavelmente cindida, está fora de sua participação efetiva. Uma eventual participação só ocorre de modo reificado. Por exemplo, a classe dominante e a classe média simulam *sociabilidade* em simulacros de cidade, verdadeiros *bunkers*, também localizados, frequentemente, nos arrabaldes da metrópole: castelos fortificados pelo medo.

Há uma mobilidade espacial dessa massa proletarizada, dentro e fora das cidades – que inclui a mobilidade do trabalho – sempre tentando reproduzir seu território de sobrevivência. Cabe aqui falar de cidade explodida, ou de metrópole como negação da cidade. Uma tática de sobrevivência dessa massa proletária, para se manter em determinados espaços periféricos da metrópole, é construir em cima da laje, mais e mais pavimentos. A partir daí já existe um movimento pelo direito de laje, já que qualquer regularização fundiária e/ou urbanística acaba por expropriar, necessariamente, parte dos moradores, laje acima. (Ibidem, p. 664).

Segundo Damiani, é possível discernir, pelo conceito de urbanização crítica, três elementos complexos que se entrelaçam. O primeiro é a crise do trabalho, já mencionada. O segundo, a cidade enquanto *sujeito*. E o terceiro, a pseudo-questão ambiental (pois, colocada sob pressupostos falsos – simulação da natureza –, a natureza é destruída). Gostaríamos aqui de dar maior ênfase ao segundo elemento de complexidade, isto é, o da *cidade-sujeito*. Damiani coloca do seguinte modo o problema:

Deslocar o sujeito na direção do processo de urbanização significa que todos os espaços e tempos sociais são absorvidos, tendencialmente, pelo processo do capital. O espaço como um todo move-se, economicamente, segundo as necessidades da economia urbana, voraz, inteiramente baseada na urbanização como negócio. Sob esse fundamento, não há como identificar um sujeito, senão aquele imanente à própria economia *desumanizadora*. Não há um sujeito e seu habitat, como moradia degradada; há o *habitat*, negando o habitante, no interior de uma *economia*, que nega, contraditoriamente, o trabalho. Dialeticamente, *aparecem* como necessidade de moradia e necessidade de trabalho. Dizer que o habitar se transforma em habitat, significa dizer que o habitante não é o sujeito, mas o negócio imobiliário o é, e todas as suas extensões econômico-políticas. Dizer que há negação do trabalho é dizer que existe uma economia que se move, contraditoriamente, por destituição do trabalho e tornando todo tempo humano um tempo de todo e qualquer trabalho. Ela sujeita e é o sujeito. No fundo, são alienações por destituição de apropriações sociais e individuais possíveis. O desenvolvimento das forças produtivas sociais, absorvidas pelo capital, cada vez mais financeirizado, se resolve socialmente, inclusive, comportando restos de técnicas, inseridos na vida cotidiana urbana. Nas imensas periferias, a dos centros histórico e expandido das cidades, ou a do seu entorno, cada vez mais amplo e distanciado, metropolitano, prevalece a baixa composição orgânica do espaço, que *aparece* como falta de infra-estrutura urbana. Designamos por *urbanização crítica*. O movimento é ir distanciando os espaços periféricos e ir constituindo novas centralidades econômicas metropolitanas. (Ibidem, p. 669).

Façamos também algumas elucubrações. Ora, do ponto de vista lógico, a *cidade-sujeito* se reflete em si própria e nos objetos. Neste sentido, a cidade não é apenas *totalidade* de mercadorias e negócios, mas, uma mercadoria total. A cidade torna-se capital e vice-versa – ou a *cidade é capital* e o *capital é cidade* (tautologia). Este capital é, em

última instância, capital fictício ou financeiro. De onde nós concluímos: existem duas cidades. A primeira, fictícia e erguida sob o pano de fundo das especulações na bolsa de valores e no mercado futuro. A segunda, real, a cidade de fato, dos habitantes. Entre elas, um descompasso. O desenvolvimento da cidade sob a égide do capital financeiro objetiva somente o lucro, produzindo *a cidade pela cidade*. Esta cidade “fictícia” é produzida incessantemente, independente da cidade real, que não tem mais lugar na cidade. Por outro lado, a impossibilidade de valorização do valor, pela inconsistência do substrato material do *trabalho*, inviabiliza a própria cidade. Eis a contradição: a cidade é cidade e a cidade é capital (não-cidade). Neste sentido, a cidade que é cidade pela cidade, isto é, manifestação da especulação imobiliária desenfreada, é sujeito porque torna supérfluo o ser humano, de quem devia ser predicado. Cortam-se assim todos os vínculos humanos da cidade. A casa e a cidade transformam-se em *habitat*. Os habitantes da cidade vivem em função da cidade, e não mais o contrário. De certo modo e sobre este contexto, o sonho liberta, porque a vigília é sono profundo ou pesadelo dos cidadãos-sonâmbulos. Insistimos nisso, não é o ritmo da natureza ou das pulsões do corpo que se impõe, mas o ritmo tautológico da cidade pela cidade, destinado à geração de valor. (Estas pessoas que são vistas sempre correndo nas ruas, no metrô, no ônibus etc., vivem o pulsar da cidade; elas abdicam de si-mesmas para encarnar o *espírito da cidade*).

Por outro lado, a cidade-sujeito pode, paradoxalmente, realizar a *forma urbana*¹⁹¹; pois fornece o palco do teatro, ou seja, o substrato material. Eis a nossa esperança. A crise do trabalho põe outra contradição, não menos aguda: só se *é* pelo *trabalho*. Quem confere identidade é a economia, e a não inserção econômica dos indivíduos significa-lhes não-identidade. Esta não-identidade é dolorosa e angustiante. Pois, a ausência dos referenciais externos traz consigo um sentimento de solidão e inutilidade. O desemprego estrutural cria este vazio e desolamento, mas obriga um reencontro de si mesmo, como num olhar-se diante de um espelho. Ocasão única de reconhecimento de referenciais internos. A não-identidade dá margens à constituição de uma outra identidade, sobre pressupostos novos. Hipótese: o sem-teto será uma nova classe social na sociedade urbana.

¹⁹¹ Estranho e admirável movimento que renova o pensamento dialético: a não-cidade e a anticidade vão conquistar a cidade, penetrá-la, fazê-la explodir, e com isto estendê-la desmesuradamente levando à urbanização da sociedade, ao tecido urbano recobrando as remanescências da cidade anterior à indústria. (LEFEBVRE, 2004, p. 25).

Reverso: urbanização trágica

Como a tragédia é imitação daqueles que são melhores do que nós, convém agir como os bons pintores de retratos, que reproduzem os traços distintivos de um indivíduo e, concomitantemente, sem perder de vista a semelhança, aumentam a beleza dele. (ARISTÓTELES, *Poética*, tradução: Edson Bini).

O conceito de *urbanização trágica*, ao qual procuraremos desenvolver aqui, não nasce do mero arbítrio ou de um simples capricho pessoal do autor, mas da elaboração e formalização dos elementos que apareceram durante o transcurso desta pesquisa. Para nós, o que melhor define o conceito de *tragédia*, em Nietzsche, é o dizer *sim* à vida, encarando-a, frente-a-frente, nos seus momentos contraditórios, apolíneos e dionisíacos; ou, dito de outro modo, reiterar afirmativamente a vida mesmo em meio da tragédia. O filósofo Aristóteles distinguiu a tragédia da comédia nos seguintes termos: “Esta última tende a representar as pessoas como inferiores aos seres humanos reais, enquanto a tragédia as representa como superiores” (ARISTÓTELES, 2001, p. 43). De fato, as pessoas, tematizadas nessa pesquisa, recusaram-se a aceitar passivamente o espetáculo da vida cotidiana e decidiram atuar (*drama*) como protagonistas perante um processo que as submetem a uma condição de simples espectadores. Todavia, o conceito de urbanização trágica será melhor definido ao término da análise que se seguirá.

Durante o período que transcorreu o trabalho de campo, compreendido entre o dia 24 de maio ao dia 5 de outubro de 2011, foram realizadas entrevistas com 35 (trinta e cinco) moradores do edifício “Prestes Maia”, ocupado pelo movimento sem-teto MSTC desde outubro de 2010, e que aceitaram contribuir com a pesquisa através de um depoimento registrado por um gravador eletrônico de voz. Ao nosso ver, de um modo geral, o conteúdo das entrevistas foi surpreendente, de riqueza inestimável, donde as personagens relataram as peripécias de suas vidas, seus dramas, suas expectativas, seus sonhos, seus medos. Da nossa parte, não foi fácil *invadir* a vida dessas pessoas. Mas em nenhum momento fomos mal-recebidos. Muito pelo contrário, em todos os casos, até mesmo naqueles em que houve recusa em registrar uma entrevista, a afabilidade conduziu o tratamento do qual nos foi dispensado. Numa cidade em que ninguém tem tempo para nada, estas pessoas abriram a porta de suas casas e aceitaram generosamente colaborar com o

nosso trabalho – às vezes, durante horas – que nem mesmo a mesquinhez de toda gratidão poderia retribuir. No mais, os depoimentos sempre foram marcados pela franqueza e assumiram por vezes o tom de uma conversa amistosa; de uma amizade possível, e que nós, em meio à solidão da cidade, gostaríamos de um dia ter travado. As entrevistas, como um rio desconhecido, levaram-nos por meandros, corredeiras, quedas e muitas surpresas; como no caso, por exemplo, de um dos moradores, muito arguto por sinal, que aventou inclusive a hipótese de que o autor desta pesquisa talvez fosse, na verdade, um bruxo. Por isso, o conteúdo das entrevistas vale por si mesmo. Entendemos que o recorte da análise direcionada pode, por ventura, suprimir ou mutilar aspectos significativos destas narrativas sem uma contrapartida à altura na síntese final – portanto, tomamos a decisão de incluir as transcrições das entrevistas na íntegra nos anexos da versão eletrônica disponibilizada na Biblioteca Digital de Dissertações e Teses da USP, até mesmo para a consulta posterior de possíveis interessados no tema. Enfim, o nosso objetivo foi o de tentar entender o cotidiano dos moradores do edifício “Prestes Maia”. De modo que, para atingir o alvo, o foco da pesquisa visou os militantes da base, excetuando a coordenação do movimento, sem, contudo, estipular de antemão um perfil determinado que orientasse a seleção destes entrevistados. Por isso as entrevistas foram direcionadas por um procedimento aleatório na escolha de seus entrevistados, mas circunscrita sempre ao interior do “Prestes Maia”. Assim, foram entrevistadas pessoas das mais diversas faixas etárias – os limites de idade ficaram entre os 13 e os 71 anos –, de ambos os sexos e de diferentes profissões, escolaridade e estados civis. Também não foi formulado um questionário ou um roteiro prévio de indagações que pautassem as falas; optou-se, ao contrário, por estimular declarações espontâneas à semelhança da livre-associação da psicanálise. Ou seja, ao entrevistado foi concedido a total liberdade de expressão, sem restrição e por tempo indeterminado – o depoimento mais curto foi de 5m55s e o mais longo de 4h30m. Somente duas questões pontuaram as entrevistas – num certo sentido a prioriísticas e de interesse exclusivo do pesquisador – a saber: *Onde residiu o entrevistado antes de morar no Prestes Maia?* e *Como conheceu o movimento MSTC?* Todo o material sonoro foi colhido, transcrito¹⁹² e analisado por nós; evitando assim um *pre-juízo* dos recortes que, de certa

¹⁹² Na transcrição das gravações, buscou-se uma maior fidelidade possível ao modo e jeito de expressão dos entrevistados.

forma, distorceriam os resultados através da escolha da relevância das entrevistas e da óptica do pesquisador. O relatório do trabalho de campo está registrado na forma de um diário, intitulado de *Cartografia do cotidiano* (em anexo).

Muito embora o interesse da pesquisa fosse puramente qualitativo, alguns aspectos quantitativos valem a pena serem destacados a fim de extraímos uma forma do material empírico. Observamos então que os nossos entrevistados fazem parte de um universo de aproximadamente 1500 pessoas que residem no prédio.

Destes trinta e cinco entrevistados, quase todos se declaram brasileiros, com exceção de um estrangeiro (**Bolívia**). Dos brasileiros, dezenove (19) disseram-se oriundos do **Nordeste** (sete da Bahia; cinco de Pernambuco; dois da Paraíba; dois do Ceará; dois do Maranhão; e um de Alagoas); quatorze (14), do **Sudeste** (doze de São Paulo; um do Rio de Janeiro; e um de Minas Gerais); e um (1) do **Norte** (Pará). Portanto, destes entrevistados, a maior parte é mesmo natural do estado de São Paulo (12). Em seguida, a Bahia conta com sete representantes (7), Pernambuco (5), Ceará (2), Maranhão (2), Paraíba (2), e, por fim, Pará (1), Alagoas (1), Minas Gerais (1) e Rio de Janeiro (1). Todavia, é importante observar que daqueles que se declaram paulistas, sete (7) deles disseram que seus pais ou parte de sua família são migrantes ou imigrantes. Neste sentido, quatro (4) dos entrevistados se reconheceram de origem nordestina: R. (34 anos) disse que sua mãe é de Pernambuco e seu pai de Alagoas; C. (47 anos) que toda a sua família é de Pernambuco; F. (29 anos) que o pai é de Alagoas e a mãe de Pernambuco; e D. (38 anos) que a mãe é de Alagoas e o pai da Bahia. Dois (2) dos entrevistados afirmaram que pelo menos um de seus pais não é de São Paulo: G. (18 anos) disse que sua mãe é do Paraná; e P. (24 anos), que sua mãe é do Paraná, e o pai paulistano de origem italiana. Além de duas moradoras que disserem ter algum grau de parentesco com estrangeiros: R. (16 anos) relatou que seu pai é peruano, e L. (30 anos), que é casada com um boliviano. Pode-se inferir disso, e é mesmo bastante provável, que o número de descendentes de famílias originárias de outros estados seja maior; porém, a procedência da família é irrelevante ou mesmo esquecida pelas novas gerações. Destas informações é possível elaborar uma tabela ilustrativa sobre as origens destes moradores.

Nota-se, antes, que as informações obtidas são semelhantes à tabela similar da seção “Geografia do movimento sem-teto no centro da cidade”. Entretanto, um dado novo aparece nos relatos colhidos por nós: a presença de estrangeiros, sobretudo, de andino-americanos e africanos (estes não foram entrevistados mas apareceram nas narrativas dos moradores).

Tabela 8 – Origem dos moradores entrevistados (2011)

Origem	No.	%
Norte e Nordeste	20	57
Sudeste	14	40
Paulistas	12	35
Estrangeiro	1	2

Um outro dado bastante importante é o fato de que dez (10) dos moradores entrevistados disseram ter vindo do *campo*. Desses, oito (8) relataram ter em algum momento da vida trabalhado na “roça”. Dos outros dois, um deles, J. (27 anos), trabalhava como tratorista, portanto, na lavoura mecanizada; e o outro, D. (38 anos), afirmou que o pai foi fazendeiro na Bahia. Este fato parece indicar que o êxodo rural ainda é bem presente na sociedade brasileira atual.

Sobre as relações de trabalho foram arroladas as seguintes atividades exercidas no presente momento ou em algum outro do passado: camelô ou ambulante; auxiliar de limpeza; catador de material reciclável; babá; mecânico; serviços gerais; supervisor de segurança; digitadora; entregador de panfletos; ajudante geral; marceneiro; artesão; operário (em fábrica de “tofu”); doméstica; confeitiro; balconista de padaria; faxineiro; ajudante de cozinha; vigia; cabeleireira; caseiro; atendente de lanchonete; bico; escravo. Destes, apenas cinco (5) moradores se declararam registrados (mais o número pode ser levemente maior). Outros cinco (5) moradores afirmaram se encontrar momentaneamente desempregados; quatro (4) deles disseram receber aposentadoria ou pensão por problemas de saúde. Além disso, três adolescentes, que não estão em idade de trabalhar, não

declararam, evidentemente, uma atividade profissional, apesar de um deles afirmar que está desempregado. A tabela abaixo vai ilustrar melhor a situação ocupacional destes moradores. Chama a atenção, porém, a baixa qualificação ou a total desqualificação das atividades citadas. Nota-se também a diferença contrastante com a Tabela Ocupacional (Simões) de 1990, na seção “Geografia do movimento sem-teto no centro da cidade”, principalmente no que se refere ao setor produtivo:

Tabela 9 - Situação da inserção no mercado de trabalho dos moradores entrevistados

Setor de ocupação	No.	%
Comércio informal (camelô/ambulante)	11	39,2
Faxineiro	3	10,7
Auxiliar de limpeza	2	7,1
Doméstica	2	7,1
Do lar	2	7,1
Ajudante geral	1	3,5
Vigia	1	3,5
Cabeleireira	1	3,5
Atendente de lanchonete	1	3,5
Operário	1	3,5
Desempregados	5	17,8
Registrados	5	17,8

Estes números indicam uma característica tipicamente relacionada à pobreza. Devido à baixa qualificação, a média salarial dos entrevistados é mesmo de um salário mínimo (mais ou menos R\$ 650,00); sendo que o salário mais alto registrado por nós foi de

R\$ 1.200,00, declarado por C. (37 anos), que é empregada doméstica na casa de um casal de juízes de direito. Já o camelô não tem renda fixa. Todavia, P. (24 anos) revelou-nos algo esclarecedor sobre uma média mensal da renda de um ambulante. Diz ele: “todo mundo ganha mais do que dois salários mínimos, todo mundo, todo camelô; é difícil camelô que não vende água para ganhar dois salários mínimos” [Entrevista 11]. “Água” é o produto menos “nobre” do comércio informal.

Segundo os relatos, muitos entrevistados pararam de estudar para ajudar “no sustento da família”. Portanto, é bastante comum a seguinte afirmação: “Estudei até a 8ª série. Eu parei [de estudar] porque tinha que ajudar meus pais. Tinha que trabalhar pra ajudar eles” [Entrevista 3]. Ou quando o lar é desestruturado por alguma razão específica: “Eu fui até a quinta série. É porque na época lá, na minha cidade, eu comecei a estudar e quando eu tinha 11 anos de idade, meu pai pegou e deixou a minha mãe, né, aí eu fui obrigado a assumir a obrigação da casa” [Entrevista 17]. Sendo assim, é fácil entender porque somente dois dos entrevistados afirmaram ter feito curso superior; interrompido, no entanto, por falta de recursos para pagar a faculdade ou porque o estudo se tornou inconciliável com a atividade profissional exercida na ocasião. Daqueles que declararam a escolaridade, o quadro é mais ou menos o seguinte¹⁹³:

¹⁹³ É compreensível, devido ao constrangimento causado, que nem todos os entrevistados declararam a escolaridade, mas é bastante presumível que a tabela contenha distorções e o número de moradores que chegaram até ou não concluíram o ensino médio seja muito grande. Nota-se um dos entrevistados declarou ter iniciado no ensino superior mas se contradisse no fim de seu depoimento. Além da escolaridade, muitos entrevistados se mostraram esquivos a muitas outras questões.

Tabela 10 – Grau de escolaridade dos moradores entrevistados

Ensino Fundamental	No.
1ª. Série	1
2ª. Série	1
5ª. Serie	3
6ª. Séria	1
8ª. Série	4
Total	10
Ensino Médio	
2º. Colegial	1
3º. Colegial	4
Total	5

Outro ponto importantíssimo que queremos quantificar diz respeito à moradia dos entrevistados antes de residirem no “Prestes Maia”. Aqui há um fator muito dinâmico, dado a própria instabilidade da permanência numa moradia pelas classes mais pobres da população e, notadamente, do sem-teto. São comuns declarações do tipo: “Então é assim, olha, a gente já morou na rua, já morou em albergue, debaixo de viaduto” [*Entrevista 7*]. Assim, os entrevistados declararam que já residiram em pensões/cortiços, favelas, rua, periferia, ocupações, invasões e compulsoriamente no local de trabalho. Um dos entrevistados, R. (16 anos) afirmou ter morado na Espanha, também num imóvel ocupado (os espanhóis chamam “ocupa” enquanto os ingleses “squat”, que são ocupadas por diversos grupos que podem ter até um caráter ideológico e político)¹⁹⁴. Um fato chama a atenção: pelo menos trinta e um (31) moradores afirmaram já ter residido em

¹⁹⁴ Segundo um relato de um colega nosso que atualmente mora em uma “ocupa” na Espanha, este país é o único na Europa que ainda possui este tipo de habitação. As “ocupas” ou “squats” geralmente eram compostas por grupos de punks ou anarquistas e eram muito bem estruturadas, com bibliotecas, espaços para apresentações musicais, festas etc.

pensões/cortiços. O valor da locação neste tipo de habitação varia de 200 reais mensais, numa *vaga* (cama num beliche), a 900 reais em um *quarto grande com janelas*; sendo que a média do aluguel num quarto de cortiço gira em torno de 500 a 600 reais ao mês. É de salientar também que nove (9) dos entrevistados afirmaram ter residido na rua.

Tabela 11 – Local de residência anteriores ao Prestes Maia

Tipo de habitação	No.
Pensão/cortiço	31
Periferia	11
Situação de rua	9
Ocupação	8
Favela	4
Albergue	4
Local de trabalho	2
1ª. Ocupação Prestes Maia	2

O fato de que apenas dois dos entrevistados terem morado na primeira ocupação bem sucedida do Prestes Maia (2003-2006) e um deles afirmar ter anteriormente residido na ocupação da Nove de Julho, também ligada ao MSTC, demonstra que grande parte dos atuais moradores entrou recentemente no movimento sem-teto.

Embora, como dissemos, a quantificação de nosso material tenha uma justificava do ponto de vista formal, sendo inadequado, a partir dele, extrapolar considerações gerais, os dados apresentados devem servir para introduzir e dar forma à nossa argumentação. Sendo assim, para encerrar esta discriminação quantitativa, vamos expor mais dois dados importantes: a filiação política e religiosa dos entrevistados.

Quanto à filiação política, somente quatro entrevistados declararam pertencer a um partido. O mais corriqueiro mesmo, por parte dos moradores, é um sentimento de desconfiança em relação à política e de solidariedade mútua entre eles em virtude da situação a que todos se encontram: “O Lula não tá precisando de eu lavar a louça pra ele, e a Dilma também” [Entrevista 13]. Normalmente, a grande maioria vota num determinado candidato específico, independentemente de um partido, sendo este um dos critérios de avaliação mais importante na escolha de um representante político – algo que parece caracterizar profundamente o modo político personalista do brasileiro, talvez condicionado à miséria (o par de sapatos). Alguns exemplos são J. (53 anos), C. (47 anos) e E. (39 anos):

Olha, eu voto quando eu estudo assim ó pelo jeito do político, mais ou menos como ele é, a infância, como tá o Lula, né. Eu votei no Lula. Eu vi a vida toda dele, a luta. Outra coisa também, eu votei no Serra, uma época. Vai assim, não tem partido! Eu sempre voto mais nesse PT. Quase todas as vezes eu voto no PT. Nessa última eleição agora eu votei na Dilma. E votei até no Tiririca, eu votei! [Entrevista 12].

O socialismo luta pelo direito das pessoas, que manda a constituinte, mas só que entre aspas o povo não bota esse povo. Vai sair um pobre candidato? O povo não dá valor aquele candidato. Vamos supor: o Manoel Del Rio saiu pra candidato para deputado federal. Quantos votos ele teve? Onze mil votos. Qual que era o dele? O povo elegeu ele, que é uma pessoa boa, que tá sempre lutando pelos pobres. Tá sempre ali lutando; reivindicando moradia pro pobre. Mas o povo achou que ele não tinha capacidade. Isso daí eu não concordo. Tiririca tá fazendo o quê? [Entrevista 6].

Ah, meu partido, colega, eu sempre votei no PT. [Por que o PT?] Por que eu votava; trabalhador! [Filiado?] Não, não, não. Mas eu já votei no Serra; votei no Geraldo. [Entrevista 19].

Já no âmbito de uma participação partidária, o caso de J. (acima) é no mínimo curioso, segundo ela:

Eu sou filiada no PMDB, mas eu nem me lembro... Era assim, eu vim saber que eu era filiada quando eu fui tirar meu título, algo assim. Ai, eu vivia lá no meio, eu

vivia lá no meio. Não sei se você se lembra, ô meu Deus, o político lá da Paraíba. Vivia lá com a família dele, a mulher dele, os filhos deles. Eu acho que a mulher dele botou eu no partido. Aí eu aqui em São Paulo sou filiada ao PMDB sem saber. [Entrevista 12].

Contudo, entre aqueles que se declararam filiados a um partido, este é um caso excepcional. A grande parte dos que são filiados, porém, demonstrou ter uma clareza política e coerência de princípios. Dentre os que mostraram uma posição mais consciente e convicta em relação a um partido, podemos mencionar A. (25 anos), R. (34 anos), J. (27 anos) e L. (40 anos) (aliás, diga-se de passagem, L. afirmou ter sido um dia “moleque de rua”):

Não porque eu me afiliei a pouco tempo, mas eu sempre votei no PT. Votei na Dilma e espero que ela faça alguma coisa, né. Se bem que eu acho que ela já tá deixando a desejar. Antes de ela ser eleita, ela falou que ia dar muita força ao movimento, a pessoas que não tinham moradia e tal, e ainda não vi nada ela fazendo. [Entrevista 6].

Minha família toda é petista. O Kassab só olha pro lado dos ricos, o PT não. Na época da eleição, o partido do Kassab oferece Deus e o mundo pros pobres, depois que ganha ele esquece o lado dos pobres e só olha pro lado dos ricos. Desde que eu tinha 16 anos, meu primeiro voto foi no PT e até hoje eu só voto no PT. [Entrevista 3].

Sempre no PT. Não, não sou filiado. Me convidaram pra eu filiar mas eu tava trabalhando e não pude me filiar mas sempre eu votei pro PT. [Entrevista 17].

Sou filiado ao PT de Santana desde 88. Eu sou petista de carteirinha, porque eu me identifico com o partido. Apesar do partido ter dado uma inchada feia, como que deu agora aí, mas tudo é política, né. [Sobre denúncias de corrupção a políticos do PT, que teriam empresas] Engraçado se fosse o PFL, se fosse outro partido, o PMDB, mas é o PT, então o pessoal cai de pau em cima. Por estar no poder todo esse tempo, já duas gestões do Lula, e agora uma da Dilma, eles vão cair de pau em cima mesmo. Porque todo o político que tá lá em cima, seja da esquerda ou da direita, vai querer puxar o tapete dele. Eles tão de conchavo, tão de lua-de-mel agora, porque alguns ministérios foram dados. Sabe, fazem a panelinha, mas todos

eles fazem. Infelizmente, isso no Brasil é desde 500 anos atrás. Todos eles fazem isso direto. Então eu confio no meu partido, entendeu, porque se eu não confiasse eu não votava neles e acredito que tudo isso mais cedo ou mais tarde será mostrado. [Entrevista 8].

Outros mudaram a opinião sobre política na prática cotidiana junto ao MSTC, que tem uma ligação forte ao PT (Ver nossa dissertação de mestrado). Recentemente, o MSTC lançou um candidato a deputado nas eleições de 2010, o advogado do movimento Manoel Del Rio. Reiterando o que se afirmou, portanto, é particularmente interessante a fala de C. (37 anos), Z. (71 anos) e de D. (38 anos):

Então o nosso partido... eu não sou PTista mas pra favorecer o pobre o PT é o melhor. [Entrevista 23].

Agora que eu tô crescendo mais o meu entendimento na política. E olha, eu não vou assim exatamente pelo... eu não tenho aquela fidelidade ao partido, mas um político. Tem pessoa que se filia àquele partido. Eu não vou pelo partido, eu vou pelo político. Ah, eu votei no Alckimin, na desse ano. [E quando o Lula concorreu?] Ah, eu votei no Lula! Naquela época eu votei no Lula. [E nas últimas, Dilma ou Serra] Eu votei no Serra; porque a Dilma... É aquilo que eu te falei, eu vou pelo político. Devido assim a história do Serra, aquela coisa toda, eu votei no Serra. Agora é aquilo que eu te falei, eu vou pelo político, mas conforme eu tô conhecendo o PT, eu tô achando bom. Quer dizer, os políticos do PT. Eu tô conhecendo a política deles. [O PT tem mais atenção pela questão social?] Tem sim! Agora que eu tô assim conhecendo mais. O PT, o MSTC. Eu tendo simpatizando bastante com o PT. Antigamente assim eu tinha meia... é preconceito. [Entrevista 13].

Eu sou filiado ao PT. É, eu sou filiado ao PT. Olha, filiado mesmo, eu sou filiado a pouco tempo, mas depois que o Lula... porque antes eu era PSDBista. Eu era. Era simpatizante, mas sempre votava no PSDB. Por conta de meus pais, entendeu. Outro nível de vida, não é. Então, se dedicava mais, com as ideias e pá pá pá. Aí depois que o Lula entrou – eu não votei no Lula, eu achava que ele ia fazer um péssimo governo – só que aí, eu me surpreendi. Mas eu me surpreendi não foi porque o Lula fez um ótimo governo também, foi porque eu descobri que os outros não fizeram *nada*! [Entrevista 25].

De modo análogo à sociedade atual, excepcionalmente alguns moradores podem apresentar politicamente uma *visão de mundo* mais concisa em termos ideológicos ou de pressupostos teóricos. Por exemplo, no caso de I. (50 anos), apesar de sua independência partidária e de um certo ceticismo em relação à política, não seria equivocado localizá-lo dentre as tendências de *esquerda*. Demonstrando conhecer Marx e Trotsky, revelou uma simpatia pelos partidos ditos socialistas, apesar de sérias ressalvas:

Bem, Jean, o capitalismo, como as religiões, está falido. Os partidos políticos – ontem, hoje, à tarde eu estava fazendo a barba, eu estava pensando nisso – os partidos políticos, como as religiões, estão falidos; o capitalismo tá falido; faliu, o capitalismo faliu. Agora é socialismo. Socialismo. (...) Tá tudo falido. Tá falido, o sistema político brasileiro tá falido; as instituições estão falidas; tem que haver uma mudança geral. A mudança em socialismo. É o próximo. Esse capitalismo aí, capitalismo maldito! É uma maldição, rapaz. É uma maldição. Se você tem, tem; se não tem, tá excluído de tudo, né. Aí você tá vendo a miséria aí. Só miséria; isso é o resultado do capitalismo desenfreado. Posso falar do egoísmo. Egoísmo. Você vê as corrupções pelo Brasil afora. Hoje eu tava pensando, pensando agora mesmo, pensando nisso: tá errado! (...) Não, eu voto. Eu voto porque quem não vota... Olha, eu votei no grande Manel, do PT. [Acho que se refere ao Manoel Del Rio] (...) Aquela do norte. [Psol?] É PSOL. Heloísa, né; Heloísa? Aquela mulher. E também votei nesses caras da USP aí. Votei no pessoal da USP. Não, não me lembro não, mas tá o papel guardado e não está aqui. [Tudo do Psol?] Tudo cabeça feita! Tudo cabeça de Carlos Marx, entendeu. [Entrevista 21].

Outros inversamente demonstraram verdadeira ojeriza à política, e confiar apenas naquelas relações pessoais mais diretas e concretas. É o caso de G. (38 anos):

Nunca gostei disto. Eu voto porque sou obrigado a votar. Eu votava quando eu morava em Rios Claros nessa alma que tá no plano espiritual. Quando ele tava na política dava gosto, porque ele era um homem bom. Ele era dos pobres. Ele não esperava ninguém passar mal pra correr no hospital; ele saía de noite lá pra casa pra atender meu pai, minha mãe, meu... e já vinha com os remédios e tudo que precisasse. Então eu passei a votar e naquela época eu gostava de política. Então,

depois, isso perdeu o sentido. Porque naquele dia, muita gente fala pra você ir lá, você vota e tal. Aí eu vou e voto. Não tenho prazer em votar. [Entrevista 20].

Alguns ainda manifestaram completa indiferença e apatia em relação à política. É o caso de I. (34 anos): “Não, nenhum. Aí que tá, eu não voto em ninguém. Não, é porque... o título, eu não tenho. Tenho que tirar o título ainda. Mas vou tirar. Na próxima eleição eu voto” [Entrevista 14].

Vale a pena também citar a posição de C. (47 anos) que, mesmo sendo um experiente militante sem-teto, durante as eleições presidenciais fez campanha tanto para o candidato da oposição quanto da situação. C. se justificou esta atitude do seguinte modo (a citação é longa, mas interessante):

Cada partido vê o seu lado. Cada cabra briga pelo poder. O poder. Cada cabra quer mostrar quem que é mais e quem não é. Como no caso da Dilma... Eu mesmo vou ser sincero, eu mesmo trabalhei pra oposição, pro PSDB, mas só que eu pedia voto para o PT. Eu trabalhava pro PSDB, pedindo voto, mas eu pedia voto no PT. Não tenho partido. Como eu não sou filiado, nós apóia quem nós quiser. Nós não temos bandeiras com partido nenhum; somos livres e desimpedidos. Nós somos do *Lutar e Vencer*. Eu tive vários políticos do PT que foram no PSDB; eu nunca fechei com ninguém! Falei: olha, eu sou eu e sou eu; eu peço voto pra quem eu quiser e faço a campanha pra quem eu quiser; mas não quero nada de dinheiro de ninguém. E dito e feito. Trabalhamos, sim. Eu montei uma equipe, pro governo do Serra. Os movimentos se vê você trabalhando pra outro partido te esculacha. Eu sou eu, vocês é vocês. Fiz a campanha do Serra. Não ganhou. Mas eu pedi voto pros eleitor que votasse na Dilma, e ela foi eleita. Isso aí não tem partido. Agora você vai entender. Você vai entender agora! Eles me procuraram através de associação que eu conheço, que ela tem assim... vamos supor: a Neti tem o PT que ela apóia; o Nelson, que é do PT, apóia cicrano... eu fui convidado pra trabalhar, só que eu não quis. Eu não quero porque política dá dor de cabeça; eu faço... eu peço voto pra um, eu peço voto pra outro; tá bom pra vocês? Tá bom! Não me envolve em política que eu não quero. Fiz isso. Não ganhei um centavo, que eu não cobro! Não ligo pra ganhar dinheiro. [Vestia a camiseta?] Diuuuuuu... nãnnãnnã de ninguém, meu amigo! Eu distribuía santinho: distribuía do Serra, distribuía da Dilma. Mas é assim, meu amigo, pensa nessa companheira e pensa nesse aqui... Deixa eu te falar: nós pobres, nós briga por partido, não briga? Partido é tipo uma religião política; tipo Igreja Católica. Eles briga e na mesma hora tão beijinho-vai-

e-beijinho-vai. A Dilma criticou o Serra; o Serra criticava a... Aí no final, no dia do resultado, qual foi eles? Um beijava o outro é lá pedia desculpas. Política, meu amigo, é assim. Militância é a mesma coisa. Eu não brigo nem por um nem por outro. Cada cabra faz a sua parte. O político só enxerga o pobre em dia de eleição. Cê vai no gabinete numa hora dessas, falam que não tão. Você pra passar num político, você tem que passar em quinze assessor. Que eu acho errado isso. Absurdo! Errado. O político quando vai na sua porta, ele vai o quê? Pedir voto. Vai conversar com você, ele senta com você. Quando você vai atrás dele tem que passar pelo assessor. Não concordo isso, com política. E outra coisa que eu não concordo: é um político ganhar um auxílio moradia de 3000 reais, enquanto o pobre ganha um salário de 540 reais. (...) O PSDB já governa São Paulo trinta anos; desde de o tempo do Mario Covas que São Paulo é governado pelos tucanos. E o que que esse povo fez? Nada, até agora. [Entrevista 6].

Vejamos, então, o quadro abaixo:

Tabela 12 – Filiação partidária dos moradores entrevistados

Partido político	No.
PT (simpatizante)	9
Malufista	4
PT (filiado)	3
PMDB	1
Mudou para o PT	2

De certa forma, o abismo que separa a política e a população, principalmente, a de baixa renda, que mal é atendida pelos serviços e benefícios oferecidos pelos Estado, excessivamente burocráticos e falhos, inspira esta indiferença, e por isso algumas entidades ausentes de intermediários parecem-lhes ser mais confiáveis. Um exemplo de ineficiência de uma instituição pública é relatado por Z., de 71 anos de idade, que luta pelo benefício da aposentadoria:

É, é assim, eu trabalhei, como eu fiz 60 anos, eu tinha que ter 15 na carteira. Então, o meu patrão não recolheu cinco anos. Aí deu essa política toda aí, enfim. Tô tentando; mas não tenho muita esperança não, porque a lei no Brasil só fica no papel, não é. O duro é tirar ela do papel. (...) [O MSTC] Acaba enaltecendo a gente, nos apoiando, e mostrando assim um pouco da verdade do Ministério Público. Foi isso que eu aprendi bastante do MSTC. (...) E eu passei essa experiência, porque eu tive, como eu te falei, né, eu precisava destes anos pra aposentar e trabalhei nessa empresa que não assinou minha carteira. E o juiz me deu ganho de causa. Tinha que recolher aqueles dias. Aqueles dias que eu trabalhei, colocar em minha carteira, pra poder eu me aposentar. Quer dizer, ficou tudo no papel. Aí quando eu sentei perante os advogados, ela falou: “Ah, a senhora ganhou mas não vai levar!” Nossa, eu fiquei espantada quando eu ouvi aquilo. Porque a lei só existe no papel. Porque ela justifica assim, *não tem poder de pegar a pessoa e fazer ela pagar*. Ele tá lá trabalhando numa boa. Ele tá lá com a empresa aberta, trabalhando. Eu falei, “ô, doutor, mas o cara tá lá trabalhando, por que a lei não tem força de ir lá pegar ele e me dar meus direitos?...” Então, quem tem dinheiro, né; você vê? A gente fica mal servido perante à lei. Porque, eu ganhei, mas não vai levar os meus direitos como de fato estou sendo prejudicada! [Entrevista 13].

Este abismo é preenchido por algumas entidades independentes, como o próprio MSTC, e muitas igrejas.

A grande maioria que tá aqui, vai ali na igreja buscar as cestas básicas. Eu mesma vou também. Aqui tem várias igrejas que tão colaborando, graças a Deus! Muitas igrejas: é tem a Internacional da Graça; tem a Igreja Católica também que tá ajudando o pessoal; e tem uma outra igreja que, se eu não me engano, é a Mundial. Mas tem que tá participando dos cultos, tudo pra poder tá ganhando. Mas é uma coisa que é uma ajuda. E o CAS é em dois meses, o prazo, né, como é que fala; cê vai lá faz a inscrição, que é demorada, e depois de dois meses... é o negócio da prefeitura. É onde faz o atendimento pra bolsa-família, bolsa-aluguel, esses negócios, é tudo lá no CAS, é aqui pertinho; perto do INSS. Aí, eles vão lhe dar em dois meses; ou seja, eu tô passando fome, vou ter que esperar dois meses pra ganhar uma cesta básica. Então a valência é a igreja mesmo. Porque você chega lá e fala, “olha, a minha condição, eu não tenho um dinheiro pra um bujão de gás”. Eles vão lá, pega um dinheiro e te dá; eles não querem nem saber se você tá

mentindo – porque hoje em dia você tem que desacreditar em tudo – eles vão lá e compram seu bujão, ajudam; vai lá na igreja, tudo, entendeu. Aí você vai lá na igreja, conta sua situação, “olha, eu vivo sozinha, com meus filhos”, aí eles vão e ajudam. Emergencial. Essa emergencial é 7 horas da manhã. Como eu falei, você tem que participar dos cultos, mas se de repente eu olho na minha casa e não tem nada, não tenho um leite pro meu filho: aí eu vou, se não me engano, nas terças-feiras, sete da manhã. Aí você vai lá e eles dão a cesta básica emergencial. [Entrevista 5].

Quanto à religião, algo nos pareceu também surpreendente, pois parece indicar uma tendência irreversível nas camadas mais pobres da população, foi o fato de apenas um dos moradores se declarar católico. O que verificamos normalmente foi uma certa *subjetividade* predominando na fé religiosa desses entrevistados. A religião aparece-lhes como um meio de se obter um “bem-estar” imediato e não metafísico. Neste sentido, o culto de forte caráter emocional das igrejas metodistas e pentecostais, com seu voto secular de prosperidade, parece corresponder muito mais às expectativas reais destas pessoas tão carentes. A resignação e o sofrimento da vida presente, na esperança de uma compensação num além-mundo, que tanto motivou a crítica de Nietzsche ao cristianismo, é completamente invertida e não atende mais às necessidades espirituais destes fiéis, que buscam melhorar e usufruir materialmente da vida terrena no aqui-agora. Também o baixo-protestantismo e o sincretismo inerente a ele, condiz muito mais com a diversidade étnica de uma população miscigenada do que os modelos tradicionalmente europeus, e tem atraído um número significativo de religiosos. Tais características refletem evidentemente nos moradores do Prestes Maia. Neste sentido, é bastante revelador o depoimento de D. (38 anos):

É o seguinte então, eu vou falar para você: as religiões, Igreja Universal, Igreja Mundial... não, eu não gostaria de falar de Assembleia... mas todas essas religiões, que surgiu agora, eles metem o pau no espiritismo. Só que eles usam todas as técnicas do espiritismo lá. (...) Por exemplo; vou dar um exemplo pra você: se você tem um problema amoroso, você vai no espiritismo, e, por exemplo, a pessoa quer fazer um trabalho, ela fala assim: pega uma peça da sua esposa, ou de seu namorado, de roupa. Se você liga o canal lá na igreja evangélica, eles falam a mesma coisa. Não é o mesmo processo? Se você for estudar o espiritismo, você

percebe que o pai de santo-ele põe a entidade em você, ele tira a entidade. (...) O pai de santo representa tipo o quê, um pastor? Representa um pastor. Um pastor é tipo um pai de santo. (...) Então quando ele fala assim, ó: você traz a roupa... às vezes, eu vejo canal evangélico; eu falo assim: Nossa, como é parecido! Tudo parecido. Só que quem não conhece, acha que aquilo lá é uma trapaça, usando os mesmos recursos do espiritismo, eles usam lá dentro, pra pegar os fiéis... ali eu não vou não porque ali é macumba. (...) Um dia eu vou gravar isso. Eles usam todos os coisos. Eu tenho como gravar sabe como? Levando você num centro de espiritismo e depois te levando a uma igreja da Universal. Você vai ver como os procedimentos são o mesmo. Tem fundamento. Sexta-feira, eles usam o vermelho. (...) Inclusive, quem usa vermelho na sexta-feira é quimbanda; que a quimbanda é um grau só de esquerda. Só de esquerda. Porque é assim, ó: o candomblé, ele é dividido em várias partes, tem a parte de direita, tem a parte de esquerda. (...) Os espíritos estão em evolução; a quimbanda só trabalha com esses espíritos, que são os exus, entendeu; só com esses espíritos. A umbanda não, a umbanda só trabalha com os espíritos evoluídos, mais evoluídos. O candomblé trabalha com os dois. E lá não, você pode pegar um caractere da umbanda, e pegar também um só de caráter de quimbanda, e aplicar na sua vida. Você entendeu? Eu sou de magia negra, (...) eu frequentei várias religiões, até na bruxaria eu fui. Mas eu já fui do protestantismo ao neopentecostal e voltei para o espiritismo que onde eu acho que vou ficar até o resto da vida. [Entrevista 25].

Assim, os nossos entrevistados declararam praticantes dos seguintes segmentos religiosos: evangélico, espírita, candomblé, católico e judaísmo. Dezoito entrevistados declaram espontaneamente ter uma religião:

Tabela 13 – Filiação religiosa dos moradores entrevistados

Religião/igreja	No.
Evangélico	7
Assembléia de Deus	3
Espírita	3
Igreja Mundial	2
Igreja Universal	1
Internacional da Graça	1
Candomblé	1
Católico	1
Judaísmo	

A referência ao “judaísmo” pode causar surpresa. Esta declaração foi-nos dada por um dos entrevistados nos seguintes termos:

De chefe de segurança e inspetor geral de carga. Eu tenho segundo grau, prestei exame para engenharia civil. Passei mas não podia cursar, porque eu era desenhista de uma empresa de engenharia. Passei pra engenharia civil; queria fazer o curso de engenharia; não consegui. Ou, trabalhava e estudava; ou eu corria o Brasil inteiro pra atender as filiais... Filiais? Tem no Brasil inteiro essa empresa. Ou percorria isso daí, era desenhista, depois passei pro departamento de pessoal. Demitia; demitia as pessoas. Qualquer pessoa, do engenheiro ao funcionário de obra. O operariado passava na minha mão. Demitia e demitia. Ia pra tal lugar; ia pra tal lugar. Ia pra Manaus. Manaus: vai ter uma grande obra lá, você vai lá, procurar hotel, com esse dinheiro, tudo. Agenciar pessoas, gerar emprego no local, e alguns funcionários profissionais levava daqui. Então foi realmente uma vida de bonança em São Paulo. Mas de dois anos pra cá.... 2010, 2011. Fui demitido, de surpresa, isso me causou um dano moral até agora. Até agora eu tava me lembrando disso daí; se eu recorria, entrava com um processo contra o meu patrão. Trinta e três meses que não me pagou ainda. Mas o pior é o dano moral que eu tô tendo até

agora. (...) Sabe aquele dano moral, que é pior que você perder todos os direitos trabalhistas? Isso gera uma cicatriz; isso que me gerou uma cicatriz dentro de mim até agora: o dano moral. [Não recorreu à justiça?] Não, não recorri porque eu não posso entrar com uma ação trabalhista. [Por quê?] Não posso. Não posso. Porque eu sou filho de judeu. [O quê?] Porque eu sou filho de judeu. Eu não posso pôr um outro... tem isso, entendeu. [Entrevista 21].

Conta a piada que um astronauta pousou em Marte e, ao travar contato com um marciano, este teria perguntado ao estranho visitante se falava iídiche. Mas, nas circunstancias extremas em que vivem os moradores do Prestes Mais, na verdade, quando estivemos na presença de I. (50 anos) chegamos a imaginar que estávamos diante do “judeu errante”¹⁹⁵. Sem dúvida, I. poderia encarnar o próprio estereótipo do mito cristão, mas não. Seu depoimento, permeado de mistérios, foi um dos mais marcantes de todos os entrevistados. Ao que parece, I., filho de comerciante português, teve uma ligação estreita com a comunidade judaica de origem marroquina estabelecida no estado do Amazonas, embora seja ele mesmo natural de Recife: “Meu pai era judeu português. É, vieram morar aqui no Brasil, né; Manaus tem os sefaraditas, são os primeiros que chegaram lá. Tem esse regulamento, entre eles, né? E eu sofro muito por isso. E eu sofro muito por isso, de ser filho de judeu” [Entrevista 21]. O casamento de seu pai com uma mulher não-judia (gentio) foi definido por ele como uma contradição: “Porque meu pai era um judeu e minha mãe não era judia, e isso daí é uma contradição danada. Então a contradição é muito grande. Meu pai tem um modo de ser judaico, minha mãe... [cristã] ...entendeu... não é judia. É uma contradição. Então o que pode comer, o que que não pode comer” [Idem]. Sem dúvida, embora I. tenha afirmado que não é um religioso praticante (“Eu sou da minha. Eu leio a bíblia, só o antigo. Só o Velho Testamento”), talvez seja ele o mais ortodoxo dos

¹⁹⁵ Sabes quem foi Ahasverus?... – o precito,/O mísero Judeu, que tinha escrito/Na fonte o selo atroz!/Eterno viajador de eterna senda.../ Espantado a fugir de tenda em tenda,/Fugindo embalde à vingadora voz!/Misérrimo! Correu o mundo inteiro,/E no mundo tão grande... o forasteiro/Não teve onde... pousar./O deserto negou-lha – o grão de areia,/A gota d’água – rejeitou-lhe o mar./ D’Ásia as florestas – lhe negaram sombra./A savana sem fim – negou-lhe alfombra./O chãonegou-lhe o pó!.../Tabas, serralhos, tendas e solares.../Ninguém lhe abriu a porta de seus lares/E triste seguiu só./(...) O Gênio é como Ahasverus... solitário/A marchar, a marchar no itinerário/Sem termo de existir./Invejado! A invejar os invejosos./Vendo a sombra dos álamos frondosos.../E sempre a caminhar... sempre a seguir... (...) (CASTROS ALVES, “Ahasverus e o gênio”).

entrevistados, isso fica muito claro no seu hábito de se alimentar de apenas comida “kosher”:

Aí eu cozinho, não tem nada de sangue. (...) Não como porco, nenhum derivado de carne de porco... é, peixe sem escama, pescado: esses... tem peixe que tem verme; eu não como. Esses molhos, tipo músculo, não como. Quando eu como uma verdura, tem que ser bem lavado. Alface, não gosto de comer alface, aquele alface americano, muito enrolado; não como. [Por quê?] Por causa de bicho. De bicho. Entendeu? Não como milho, nozes... A única nozes que eu tenho aí é aquela amêndoa, é amendoim, né? Tenho quirela ali; tá n’água pra limpar tudinho pra poder comer. [*Idem*].

Aliás, esta “ortodoxia”, que de certo modo define seu “drama”, pode ser também expressa nesta citação...

Preceitos da Torah. Sim, sim. Não, não. E acabou. (...) Você sofre; você tem que andar na justiça: a espada da lei! Tem que andar debaixo dos preceitos de Moisés, nosso pai Abraão. É difícil isso; as pessoas não aceitam. Você tem que engolir seco. Sofre! Tem muito judeu sofrendo aí. Tem judeu de todo jeito, tem rico, tem pobre... têm os rebeldes! Têm os rebeldes também. Mesmo sendo pobres, os judeus seguem a justiça. Sim, sim; não, não; acabou. E esse é protegido por Deus. Deus tem me protegido muito, muito, do mal. Deus tem me protegido muito do mal. Claro! Segue, o caminho é esse daqui, a lei de Moisés é essa, os mandamentos do Profeta não morreu ainda, e acabou. E você sofre por isso. Você é rejeitado por isso. [Como é morar aqui no Prestes Maia, no Bom Retiro, um bairro tradicional...] Não é mais hoje. Tem que engolir seco. Eu não aceito, não aceito isso até agora. É inaceitável um filho de Deus numa situação dessa, morar num lugar que *não é seu*! Isso daqui não é meu. Estou aqui por uma necessidade pra não cair na rua. [*Idem*].

Aliás, I. foi um dos poucos que se declarou ter vindo de uma família relativamente abastada [o outro foi D., 38 anos, *entrevista 25*], e por isso teve uma boa formação cultural. Por exemplo, foi ele quem falou de Marx e Trotsky e fez conjecturas sobre o fim do capitalismo. Sua história de vida foi marcada por altos e baixos. Segundo ele: “a vida é logaritmo, a vida é uma matemática, é um logaritmo. Você vai, vai, vai, vai e de repente cai. Foi o que aconteceu comigo, há alguns anos” [*Idem*]. O dano trabalhista de que diz ter

sofrido acabou por levá-lo a uma situação de miséria extrema, em suas palavras: “Caí numa depressão maior do mundo. De repente caí... Fiquei por aqui. Fiquei voando... Fiquei mesmo à deriva da margem da vida” [*Idem*]. Para sobreviver, sujeitou-se a uma situação análoga ao trabalho escravo e chegou mesmo a passar uma temporada na rua. (“Eu fiquei na rodoviária. Fiquei. Fiquei e a mulher {namorada} não sabe disso. Quem sabe é aqui, ó: Dona Maria {coordenadora} lá embaixo. Sabei disso porque eu botei. Fui expulso da rodoviária”). Ao conhecer o MSTC e passar a residir no edifício “Prestes Maia”, sua vida melhorou muito; segundo ele: “aqui pra mim, no momento, na situação que eu estava, à margem da vida, foi 100%. Arrumei um serviço aí, informal, melhorou mais, melhorou bastante”. Mas, I. parece estar vivendo mais uma outra contradição em sua vida:

Olha que contradição: Eu tô ocupando um espaço aqui e tô tomando conta de um prédio, que não mora ninguém. Eu trabalho num prédio, que teve invasão, ao lado. Um prédio vazio, que tem 22 andares. Esse prédio aqui ainda é pequeno. 22 andares, 22 andares, muito grande, muito grande. [Aonde que é?] Aqui no centro. Aqui pertinho. Sabe aqui... Eu saio daqui 15 pras sete; eu chego 10 pras sete. Mas ele tá pagando os impostos dele. Acabou de pintar. Em dezembro ele vai vender. Não sabe que eu estou aqui. E eu estou ocupando esse espaço ocupado. Que ironia, que contradição, porra! Que ironia, heim rapaz! Teve um jogo aí lá em Santos, não sei se foi Argentina, foi Paraguai, Venezuela. Venezuela! Três ônibus passaram por lá, com venezuelanos. Pensei que era invasão, cara; porque você sabe que é de repente! Pensei que era invasão. Mas nada! É que teve um jogo, em Santos. Agora, agora. Parou na frente, pensei que era invasão! Que ironia. E eu tô ocupando esse espaço [*Idem*]

Nas dependências do edifício “Prestes Maia” é sempre possível observar muitas crianças [ver: *Cartografia do cotidiano*]. Pelo fato dos andares do “bloco B” serem muito amplos, elas jogam bola e até andam de bicicleta nos salões, onde são construídos os “barracos” (termo usado pelos próprios moradores). Dos nossos entrevistados, daqueles que afirmaram ter filhos, calculamos uma média de 4 crianças para cada família. Mas há também moradores que não têm filhos e outros que chegam a ter até nove crianças. As

famílias também possuem uma constituição muito heterogênea, não sendo raro avós cuidarem de netos, casais com enteados, etc. Por exemplo, T. (55 anos) afirmou ter oito filhos, mas apenas um deles e um neto residem na casa dela, embora eventualmente, conforme declarou, hospede outros familiares [*Entrevista 1*]; já R. (16 anos) garantiu que mora com mais sete irmãos no Prestes Maia. Alguns entrevistados declararam ter família muito numerosa, principalmente aqueles que vieram do campo. Neste caso, o morador C. (47 anos) afirmou ter 21 irmãos e E. (39 anos), 22 irmãos. Este último explicou do seguinte modo o fato de ter muitos irmãos: “Total é vinte e dois. É que naquele tempo não tinha televisão no sertão” [*Entrevista 19*]. Estes índices, de alta taxa de natalidade, são, de fato, característicos de países pobres, o que mostra o grau de heterogeneidade da população brasileira.

Portanto, chegamos a um ponto importante. A expropriação camponesa (definida aqui como o desembarçamento do trabalhador aos meios de produção) é uma condição primordial para que ocorra a formação do trabalho livre assalariado, que é central na dinâmica do capital. Pela lógica desse processo, o trabalhador egresso do campo deveria ser absorvido no sistema produtivo capitalista. Não é o que ocorre absolutamente com esses trabalhadores que saíram do campo e residem no Prestes Maia.

Segundo os entrevistados, a saída do campo foi motivada por questões de sucessão patrimonial, destas famílias muito numerosas, num contexto de pequenas ou médias propriedades e onde vigorava uma agricultura familiar de subsistência. As citações que se seguem, de T. (55 anos), C. (47 anos), N. (43 anos), C. (44 anos), H. (28 anos), E. (39 anos), D. (38 anos) e R. (63 anos), são longas, mas vale a pena lê-las:

Já sofri muito. Eu era pra tá mais acabada. (...) Eu trabalhava na roça. Minhas mãos, por muitos anos, eram cheias de calos, bem... todo mundo tocava nas minhas mãos e falava: “Você trabalhava na roça?” Eu falava, “sim”. Aí com o tempo, né, a minha mão foi ficando mais macia, até porque eu passei a fazer outros tipos de trabalho. Meus pais tinham uma terra, eram agricultores. Meu pai faleceu e eu era ainda criança, e minha mãe ficou com meus irmão, né, e duas filhas mulher, que sou eu e mais uma outra, e quando o meu pai faleceu, aí ela falou: “vai todo mundo pra roça”. Aí os meninos e as meninas também. Éramos em cinco, três homens e duas mulheres. Aí eu aprendi do plantar até o colher; eu aprendi e sei fazer isso muito bem. Mas aí muito tempo minha mãe também faleceu... Aquela terra é o

seguinte, minha mãe foi envelhecendo, e os meus irmãos vieram tentar a vida aqui em São Paulo, pra tentar uma vida melhor. Então ela ficou sem os filhos homens, ficou só com as duas mulheres. Com as duas mulheres, ela não podia tocar a vida de agricultura, do plantar, do colher; que que aconteceu, ela acabou vendendo aqueles terras, comprando uma casinha na cidade – eu tinha meus 16 anos, na ocasião da venda; sou a caçula dos meus irmãos –, e ali ela ficou até morrer. E hoje eu estou aqui. Da cidade, eu vim pra cá, São Paulo, pra acompanhar meu irmão, e aqui fiquei, aqui me casei – com Fernando: ele é baiano, eu sou pernambucana –, tive seis filhos – os filhos são paulistas. [Entrevistas 7].

Sim. Na roça. Meu pai. Inclusive ele tem hoje um sítiozinho que eu não conheço. É um sítiozinho pequeno. Eu não conheço, eu nunca fui, depois que minha mãe faleceu... Eu sei porque os meus irmãos, né? a minha cunhada escreve. Cheguei a trabalhar na roça. Eu fazia muito pouco, porque tinha aquele negócio de você ir no rio buscar água, né. Como eu desmaio, minha mãe não permitia que eu fosse pro rio. Então, às vezes, eu ajudava meu irmão buscando lenha pra cozinhar. Tá vendo aqui uma marca preta? Então o meu irmão quando foi busca água falava assim pra mim, “você assopra o fogo”. Eu desmaiei em cima do fogo quando ele chegou eu tava me queimando. Então minha mãe proibiu eu de ficar muito na roça, de mexer com fogo e água. Então eu era muito seguido pela minha mãe, mas eu ajudava a capinar a roça, ajudava meu pai, os meus irmãos. [Entrevista 20].

Tinha, lá tinha, no interior. Tinha canavial, cana de fazer cachaça, garapa; tinha de fazer, rapadura; tudo: feijão, milho, mandioca, de fazer farinha. [É difícil sair do campo e ir para a cidade?] A gente sofre muito, sabe, porque tudo lá é mais farto. É, você quer comer um quiabo, você vai no pé e apanha; você quer comer um feijão verde, e você vai lá pegar quantos quilos... é os animais, plantas de remédio, tudo; você pega à vontade; você quer uma galinha, você pega; faz um macaxu, uma pamonha [Terezinha fala termos que eu não compreendo], farinha... Depois que meus avós morreu, foi tudo perdendo as terras... Muita terra, muita terra! Era muita terra. Eu até me lembro, foi mil cruzeiros pra cada um. Meu pai não queria vender não. Meu pai não queria vender de jeito nenhum... só minha mãe... não queria assinar... pra não ter problema com eles... Uma fome por dinheiro! Agora tem a casa do meu pai, meu pai tá lá... O filho mais velho queria vender a casa, e eu disse: “Nunca! Nem pensar!” O irmão mais velho queria que eu assinasse... eu sou filha única, ele vendeu tudinho e eu não ganhei um centavo... Ele não é meu pai, é meu padrasto. Não me deu nada. [Entrevista 1].

Minha vida de pequeno, meu amigo, eu sempre trabalhei... que naquele tempo dizia, “criança não pode trabalhar em roça”... mas minha vida era trabalhar em roça, junto com meu pai, senão, a gente não fosse trabalhar... em Pernambuco. Nós tínhamos que trabalhar para nós próprios sustentar aprender a sustentar a nós mesmos. Tinha. Era roça arrendada pelos fazendeiros. O fazendeiro dá o terreno, você planta e dá uma parte pra eles. Nós continuamos assim. Hoje graças a Deus... Eu saí delá porque lá não tinha emprego. A roça na dá lucro. Eu disse: vamos tentar ir pra São Paulo. Aí, vim, embora. Nós éramos... nós somos em vinte e um irmão. Vinte e um irmãos. Aqui mora cinco. Mora no Jardim Ângela, São Bernardo do Campo, Grajaú; espalhado. São Miguel Paulista, Itaim Paulista. Ta tudo por aí. [Entrevista 6].

Minha mãe paga o INCRA, né, como é que eles fala, todo o ano. Só que ele gosta [o cachorro late] já que ele mora na cidade, as filhas são tudo casada, e vinheram pra cá, tá vindo um por um, tudo morando na cidade, só ficou ele lá. Mas quem nasce, que tem vontade com a terra, e a gente nasceu já tinha aquilo; então você gosta daquilo, desfazer o que foi do avô. Eu e minha irmã, nós plantava sim. Porque meu pai deixou a gente com cinco; 10 anos eu tinha, minha irmã, 12, meu irmão... mas novo é meu irmão. Aí o que que acontecia, eu realmente gostava. Também a gente ficava semana na cidade. A gente ia pra lá, então a gente plantava os mamão, essas frutas, né; a gente que fazia muda, tudo... Por parte de mãe também fazia isso, né. Eles plantavam. Então no final de semana a gente ia pra lá... Todo mundo que tinha aqueles sitinhos ali vai pra cidade estudar. Os que não voltam no final de semana volta todo dia. Pra escola, ou se tem loja, vai pro serviço. E a gente fazia isso. Depois parte da família foi para Fortaleza, outros, os filhos foram casando, foram pra mais distante. Mas quase toda mora em Fortaleza. Mora aqui, outros moram em São Paulo, mora no Japão, mora em tudo que é lugar! Até no Japão. Mas aí eles moram em tudo que é lugar. A família do meu pai era muito grande, a da minha mãe também, tem uns primos da família da minha mãe em Ferraz, uma irmã da minha mãe que mora em Campinas. [Entrevista 10].

É, é interior. Marimbondo é a cidade de lá, onde eu morava. Sítiozinho lá. [Era da sua família?] Era. [Você trabalhava...] Na roça. [São Paulo] Eu vim em 2004, pra trabalhar, né. Só que aí quando eu vim, eu tava grávida dela e não sabia. Aí acabou todos os planos. Aí casei de novo... tive ele. Separei. Aí acabou meus planos que eu tinha. [Idade] 28. Bom eu trabalhei cinco anos numa empresa, de cozinheira. Cozinhas e limpava. Aí trabalhei como doméstica. É, diarista. Aí depois que eu tive ele, aí não trabalhei mais. Tô parada. (...) Nós somos em doze. Mas tá tudo

espalhado também por aí. [E o terreno de vocês?] É uma casa lá, num terreno de, mais ou menos... você conhece tarefas assim... dá uns 10 metros quadrados, por aí. Um terreno assim. [Mais difícil lá do que aqui?] É porque lá você tem que trabalhar muito na roça pra ter as coisas, não ganha bem. Aqui é melhor; eu acho. (...) É, as pessoas aqui no mundo são muito gananciosas; tem muita terra, Deus deu terra pra todo mundo morar, e outras pessoas pega só pra eles. É, e os outros ficam sem nada. Não é verdade? [Entrevista 18].

Plantava. Plantava feijão, feijão de milho-roça. [?] Vendia nada, só dava pra comer. [Entrevista 19].

Era eu e cinco irmãos. Meu pai faleceu eu tinha 5 anos. Aí os meus irmãos – você sabe muito bem que você não pode vender uma propriedade sem fazer inventário – aí os meus irmãos fizeram um “jeitinho”, né, muito bem feito, e me passaram pra trás. Vieram aqui pra São Paulo... é, tinha a fazenda... não era só uma fazenda, tinha uma em Ilhéus e tinha no Mato Grosso também, e tinha uma casa na cidade, e tinha outra casa aqui. Aí eles venderam, eu tinha 11 anos na época, venderam tudo, não sei como, entendeu. Vendeu pro juiz, lá na... inclusive ele é da Bahia, vendeu pro juiz. Eu descobri que eles venderam pr’um juiz. E aí, eles vieram aqui pra São Paulo, todos vieram aqui pra São Paulo, né, chegando aqui compraram boas casas, compraram casa no Ipiranga – até hoje essas casas são boas. [Entrevista 25].

Era uma fazenda. [Era arrendado?] Não, era contrato. Era assim: meu pai era contratista. [Era tipo um meeiro?] Eu acho que sim. Eu não entendo; eu não sei porque eu era muito pequena, aí eu não sei como era. Eu sei que ele era contratista, ele tinha direito de criar gado, animal, tudo que ele quisesse; entendeu? Aí ele tava se programando até para comprar uma fazenda do filho do proprietário. Uma fazenda. Mas quando ele tava se programando para comprar a fazenda... aí ele vendia na feira, farinha arroz, (***), milho, milho verde, milho seco... e ele caiu do cavalo e o facão entrou aqui nele; ele tava com o facão amarrado na cintura; sabe, o facão entrou aqui nele e ele morreu. Eu tinha 10 anos. Não, não, porque eu era pequena e o meu cunhado... – Você gosta de bem passado ou mal? – e o meu cunhado, que era marido da minha irmã, que ficou no controle das coisas, ele vendeu tudo; que meu pai tinha animal, meu tinha um chiqueiro, que ele matava gado, matava porco, pra vender... Então ele vendeu tudo; meu cunhado vendeu tudo; até o dinheiro que meu pai tinha pra comprar a fazenda naquele tempo, a fazenda era 450 réis, aí meu cunhado também gastou o dinheiro da fazenda, não se preocupou de comprar; porque se ele comprasse era bom até pra ele mesmo, né.

Mas ele vendeu tudo, e aí acabou com tudo. Vendeu gado, vendeu cavalo... [Tinha muito gado?] Tinha. Eu acho que tinha 11 cabeças. Eram dez vacas produtivas e um reprodutor. [A senhora gostou de São Paulo?] É, gostei. Eu sinto falta da Bahia, mas foi bom vir pra cá. [Entrevista 26].

Sem dúvida, o setor produtivo não absorve mais uma parcela considerável dos trabalhadores do centro da cidade. Já listamos alguns dos fatores: a desconcentração do parque industrial do município, os efeitos das políticas neoliberais e, fundamentalmente, a crise estrutural do trabalho. Não é preciso discutir pormenorizadamente os impactos sociais que tal conjuntura provoca, pois eles são evidentes. Se a economia capitalista se reinventa, ela rumo para um tipo de capitalismo assistencialista ou filantrópico. Este capitalismo filantrópico não é senão o sintoma mais nítido da crise do trabalho. Porém, a exploração do trabalho longe de ser atenuada é agravada. A exploração é intensificada.

Neste aspecto, é interessante examinar o caso de uma boliviana de 28 anos, mãe de três filhos, que não quis se identificar. Mas nem precisava, sua história é idêntica a todos os bolivianos que já fazem parte da paisagem paulistana. Aliás, os bolivianos (e outros imigrantes andino-americanos) e africanos são, como já afirmamos, uma presença constante no Prestes Maia. Vejamos alguns fragmentos da vida desta mulher:

Eu nasci lá na Bolívia, né; La Paz. Eu vim porque eu era menina e no tinha trabalho lá pra mí, né. Na época, eu vim com 17 años aqui. Sozinha. Só com uma menina; com ela. Já tinha uma filha. Eu tenho 28 años. No tinha emprego e sofria ameaças da parte do pai dela. Vim aqui tentar trabalhar, sustentar minha filha. E daí que eu fui explorada... é eu fui trazida com outros bolivianos, eu fui explorada; enfim, eles só falavam pra eu trabalhar o tempo inteiro, né. O tempo inteiro, eu só dormia quase duas horas, três horas só. Só, durante 24 horas eu dormia eso só. Eu acordava 6 horas da manhã, pra fazer o café da manhã, e dormia duas horas, três horas da madrugada. Ayudante de costura eu trabalhava, e fazia comida también; como cocinera e ayudante de costura. Escravo mismo. Não, não dava, porque eles falavam si eu ia sair, que a polícia ia pegar eu, ia levar de volta pro meu país, né; eu tinha medo de voltar lá, porque eu não tinha condições de sustentar minha filha lá. Então eu fiquei lá trabalhando durante 8 meses. 8 meses, eles no davam nem

“sabón” pra tomar banho; ni pra minha filha. Minha filha, davam muito poco... a comida era muito poca. Eles falavam que os brasileiros comiam assim, muito pouquinho. Então, eu cheguei a pesar 42 quilos, no. Eram bolivianos, que me traziam de lá. Eu vim com 63 quilos de lá e eu cheguei a 42 quilos aqui. Eu sofri muito, muito, muito. Não tinha pra minha filha bolacha; não tinha nada, nada. Morava aí mesmo. Un dia, né, eu falei pra dona ya faz tempo que eu estoy aqui eu quero sair, ela falou, “se a polícia te pegar, não é meu problema”. Daí eu saí; saí junto com minha filha, porque minha filha tava doente, precisava de un hospital. Daí eu vi bolivianos passando na rua, aí e eles falaram pra mí, “tem lá”, na época era plaza Pari, “lá no Pari tiene un encontro de bolivianos, vamos lá”. Aí foi que eu achei otro boliviano, né, otro, pra eu trabalhar lá. Ele falou pra mí, “vem trabalhar aqui que eu vou te pagar bem; vai ser tudo direitinho aqui”. Fugi de lá. Falei, vou pensar. Daí caminhando que eu me perdi pela rua, né. Me perdi com minha filha doente. Aí a polícia me achou. Falou, “que que tá acontecendo com a bebezinha?” E aí eles me levaram para o Tatuapé, pra ter a pensão pra ela. Foi muito bom porque eles; eu contei pra eles, porque na época eu no sabia, no conseguia falar o português, né, muita dificuldade; e aí que eles conseguiram me atender, eu, né; e aí eles falaram, “tá bom, não vamos a dar problema nem a você, nem a os teus patrões, então você sai de lá, faz isso que te mandou o otro boliviano e vai trabalhar allá”. E eu fui trabalhar allá, no otro boliviano. Tirei minhas coisas. O dono dellá não me deu ni un real quando eu saí do trabalho. Eu saí así com mías coisas só, com uma mala só. Não tinha nem um real... Fui morar com esse otro boliviano; aí eu trabalhei com ele: misma cosa! No pagou, né. No pagou. Era um pouquinho melhor porque “elle” dava “sabón” pelo menos, para eu tomar banho; água, “sabón”; uns cinco reais pelo fim da semana; dava as cositas. Mas era o mismo trabalho escravo. O mesmo trabalho... [Quantos anos tinha a filha?] Dois años. [Quanto tempo ficou nesse outro trabalho, sendo explorada por esse outro boliviano?] Un año. Fiquei un año. (...) Muitos colchões, né; era tudo cheio de bicho, de bicho, de bicho; a mía filha tava toda comida, até agora as cicatrizes... [A filha mostra as cicatrizes] Monte de bichos; muito cupim; mucha cosa, tinha de tudo lá. [Entrevista 9].

E depois ter trabalhar como escrava para outros bolivianos, acabou sendo, posteriormente, também escravizada por coreanos:

Fui trabalhar com coreano. Aí o trabalho com coreano también era escravo. Mas o bom dele é que ele pagava. Ele pagava pontualmente. Pagava. Na época era 150

reais. Era muito bom com os coreanos trabalhar. [Ela esta com 28 anos e chegou ao Brasil contando 17 anos, isto é, há 11 anos atrás, no ano de 2000; trabalhou como escrava aproximadamente um ano e oito meses com os referidos bolivianos, provavelmente ela foi trabalhar, también como escrava, com esse coreano em 2002]. O trabalho era escravo también. Muito trabalho. Mas pelo menos ya dava mí comprar roupa, pra mía filha; comprar leche... [Com o outro boliviano...] Costura, sempre na cosina, porque ninguém me dava oportunidade pra eu aprender a costurar; ninguém quis me dar. Cosina, e ayudando ellos na costura: cortando, rematando as peças, olhando se ta boa, se tem defeito, não tem defeito... [Com o coreano a mesma coisa?] Com o coreano a misma cosa, a misma coisa. Só que ele paga. Essa é a diferença, o boliviano que não paga e o coreano que paga. [Quanto tempo você trabalhou com o coreano?] Eu não gostava do coreano, né, do jeito de trabalhar... Otro me ofereceu mais pocas horas para trabalhar, né. Eu trabalhei um ano com ese; fui lá na (...) eu fiquei dois años com outro coreano... Sempre trabalho escravo com coreano. Daí... o bom deles era que pagava; que pagava. Os coreanos también davam um lugar mais grande, mais maiorzinho pra eu e minha filha; sempre davam um quartinho pra eu e ela. [Idem].

Porém, as condições de um trabalhador assalariado não diferem muito das condições relatadas por esta boliviana. A total desqualificação destes trabalhadores empurra-lhes para todo tipo de subemprego. Os serviços mais bem remunerados, geralmente de auxiliar de limpeza, são pagos por instituições ou empresas mais sólidas, mas não variam muito mais que o salário mínimo. Segundo D. (38 anos), que atualmente é faxineiro no SESC: “O nosso salário gira em torno de uns 900 reais” [Entrevista 26].

Há também aqueles que vivem dos restos da sociedade. No caso dos coletores de material reciclável, a renda é bastante variável. Não obstante, é sempre baixa. Ouçamos o que C. (41 anos) tem a nos contar sobre seu cotidiano de catadora. Antes disso, é curioso notar que uma de suas filhas foi escolhida para atuar num filme sobre catadores de lixo, intitulado “Bilu e João”, um projeto da ONU. Segundo C: “É ‘Criança Invisível’, porque minha filha é assim catava papel, nós pegava uma carroça e pegava papelão na rua. Ela tava com 10 anos. A pequena, tava com 10 anos. E o menino que era o Anawake, 11 anos já. A vida dela de catar papelão, explicar como esse povo vive aqui em São Paulo. Eu sei que tem uma locadora que tem esse negócio, é aqui...” [Entrevista 6]. Feita esta menção (quem

quiser assistir o filme, este se encontra integralmente disponível na internet), vejamos o que C tem a nos contar:

[Como era a vida de catar papelão, quanto era o quilo do papel?] Nessa época, era cinco centavos, o quilo. [Para ganhar 5 reais tinha que pegar quantos quilos?] 100 quilos. Aí tinha dia que a gente pegava, porque tinha uma loja que a gente passava, numa loja, e a gente falava assim ó: “moça, quando tiver caixa assim, guada pra gente, por favor, pel’amor de Deus, é pra sustentar meus filhos”. Aí eles pegava, guardava pr’a gente e a gente juntava um monte. E quando chovia então, o papel ficava mais pesado. [Sabe qual era a renda no final do mês?] Ah, eu sei que minha filha uma vez, ela conseguiu bastante, ela conseguiu, aí eu dei o dinheiro pra ela, ela falou assim: “Nooooooossaa, meu Jesus, obrigado Jesus, vai dar pra mim comprar o pão e o leite pra dentro de casa, e ainda fazer comida pra dentro de casa”. Eu sei que ela gritou, ela ficou contente. [Ela parou de estudar nessa época?] Não, ela tava indo pra escola. Que a gente ia pra 25 seis horas da noite, que a gente ia, quando ela saía da escola. Ela ficou contente. [No dia-a-dia não dava pra comprar isso?] Não dava, porque tinha muita gente que humilhava a gente também; tinha esse pessoal, os grandes assim pegava da minha filha. [*Idem*].

É bem razoável pensar que sob tais circunstancias o comércio informal apareça como uma possibilidade do trabalhador adquirir uma renda maior. Recordemo-nos, mais detalhadamente, da citação assinalada acima:

É difícil um camelô que não vende água pra ganhar menos que dois salários mínimos. Todo camelô. É difícil camelô que não vende água pra ganhar dois salários mínimos. Por mais que ele não junte esse dinheiro. Mas, pô, você paga uma garrafinha d’água por 30 centavos e vende a um real; vendendo um dia, se você vender cinquenta garrafinha, você já tá ganhando 35 reais. Tem muito empresa aí que se você for somar no final das contas não paga esse valor pra pessoa. Vai dar uns 1.500 reais por mês. Eu tô botando os dias mais fracos. Tem dias mais fortes. Pro camelô essa é a variável. Hoje foi ruim, ganhei trinta conto, ganhei... Mas tem dia que, “pô, hoje eu ganhei setenta reais”. Assim vai indo. Daí se você for analisar... [*Entrevista 11*].

A propósito, P. (24 anos), o autor desta fala, é um tipo de “gerente” que organiza excursões pelo Brasil inteiro, tudo em torno do comércio informal. Segundo nos contou,

toda a sua família – mãe e irmãos – trabalha no “ramo de camelô”. Relatou com naturalidade que até seu sobrinho recém nascido o acompanha nestas viagens: “é que o nenê é pequeno, mas ela vai trabalhar comigo, já vai nessa viagem que eu vou agora; porque ele é bebezinho ainda, mas vai junto, vai trabalhar também. Vai! Vai ter que ir, não tem ninguém pra olhar ele, vai trabalhar também!” [Idem]. P. também fabrica expositores de produtos, um tipo de maleta muito bem elaborada, por sinal, toda revestida de veludo e de fácil manuseio e locomoção. Novamente, este entrevistado nos fez revelações surpreendentes sobre a “informalidade”:

O trabalho informal, ele tem vários setores. Necessariamente o ambulante; o ambulante não é discriminado em todo lugar; ele tem lugar que ele é bem aceito. E tem muitas prefeituras – que nem a gente, a quente anda em muitas cidades pequenas do Brasil, em romarias, em porta de igrejas – que depende da renda que o camelô traz, anual; quando você pagar um metro de chão, porque lá é pago, o imposto, pra você trabalhar na cidade, como o morador que tem sua casa que cobra mais um metro, entendeu. Tem lugar que o camelô se não for, talvez a renda da cidade. [A prefeitura é conivente?] Conivente, desde que seja remunerado, que seja pago; tem a taxa, arrecadação, né. Arrecadação que gera em cima de tudo aquilo ali. Se você vê que um metro de chão em algumas cidades, como Congonhas do Campo, é uma grande cidade conhecida no mundo, Minas Gerais, terra do Aleijadinho, e tal. Eu falei com o vereador de lá, um colega meu, ele falou que é uma das maiores arrecadações de imposto do Brasil, a cidade que mais gera renda. Tanto que a (mulher do meu lado) ganha muito mais do que qualquer outro lugar do Brasil. Por quê? Turismo; a barraca é 500 reais; ó pra você ver um metro de chão, que a gente trabalha, porque monta a barraca; um metro: 500 reais. Você vê uma ladeira de mais de um quilometro, a quinze reais de um lado, do outro, no meio. Então você vai ver a redá que gera. Não, não é que um é camelódromo. Você vê agora, Sete de Setembro, começa dia 14; tem um jubileu lá. É conhecido no mundo também. E a gente trabalha lá, entendeu. Então você vê que camelô não é sempre discriminado. Mesmo nessas cidades que precisam do camelô... O camelô já é discriminado pelo nome já. Mas aceita bem melhor, né, como pagamento. [Tem muitas cidades que precisam do camelô no Brasil?] Muitas, muitas. A gente já rodou por todo canto aí. Que nem, eu cheguei hoje. Eu tava dando uma descansadinha ali. Eu cheguei hoje de Poço Fundo, Minas Gerais. Agora quinta-feira eu já to indo pro Paraná. Tô indo pra Siqueira Campos, que também é outra romaria, conhecida no mundo também. A maioria das vezes sim, tanto como sendo

evangélico, como sendo católico. Porque romarias são evangélicas. Agora que nem abril tem um encontro internacional de evangélicos em Camburiú, em Santa Catarina. Lá também trabalha o camelô; trabalha do mesmo jeito. E ele também é bem aceito, porque é bem pago. O que a prefeitura gera, a equipe que ela gera pra recolher do camelô, gera muita renda pra cidade. [E a sua renda é boa?] Com certeza, eu dependo muito do meu trabalho. Se eu trabalhar mais eu ganho mais; se eu trabalhar menos, eu menos. Mas sempre ganho. [*Idem*].

Mas por que uma agenda tão cheia no interior do Brasil se em São Paulo há uma possibilidade muito maior de se obter uma renda melhor?

Eu também, eu sou guia num ônibus que a gente viaja. É eu sou guia. A gente reúne vários camelô, pega o ônibus e vai pra esses lugares, entendeu. Com camelô também. O guia é o seguinte: eu carrego as coisas deles, recebo passagem no ônibus. Não é meu, a renda que sai do ônibus não é minha. Só que eu tenho o meu salário do ônibus também. [Como assim carrega?] A mercadoria, por exemplo, ah, você vende roupa, você é quatro sacos e eu cinco sacos, daí mais uma barraquinha, mais uma lona, pá, eu jogo pra dentro do ônibus, arrumo tudo bonitinho, pra caber todos. Tem tudo data arrumada. Eu tenho, nós têm, no cronograma pro ano todo. Se o camelô não quisesse... por isso que não depende tanto, se o camelô não quisesse trabalhar aqui, não precisa trabalhar aqui. Porque aqui em São Paulo ele é mais discriminado do que em qualquer outro lugar. Porque aqui parece que é vício; até o tratamento... [*Idem*].

Vejamos o que J. (53 anos), que foi camelô em Porto Alegre, uma das cidades que será sede na Copa do Mundo, tem a nos dizer sobre esse ponto:

Eu até ganhei um dinheirinho lá que eu vendia na porta das boates, né; à noite, muita boate. Aí de manhã tem uma tal de Quinbau, abria de manhã, aí nós montava uma banca de churrasco, salgadinho, bolo, refrigerante, suco... meu, eu ganhei muito dinheiro! Tinha muito tráfico de droga, mas também tinha muito movimento de dia, e eu circulava; eu ganhava 1600 por semana, só de... de... é, por semana! Aí depois – eu ganhei isso no começo, quando eu cheguei lá – aí depois foi caindo, caindo... porque a polícia começou a bater em cima, e os tiros, botava tudo pra correr, os traficantes. Aí foi diminuindo, diminuindo, diminuindo as vendas; aí

tinha semana que não fazia nem 100 nem 200. Semana todinha não fazia nem 200. [Entrevista 12].

E aqui encontramos a ponta do fio em meio ao emaranhado confuso do qual estávamos embaraçados desde o início. Quase todos os entrevistados manifestaram uma profunda revolta contra a repressão policial que se intensificou a partir do começo da década:

Eu nem comecei a votar, nem sei se votar ainda. Pra mim, eu quando começar a votar, vou votar tudo em branco. Tudo nulo! Pra mim, não vejo nenhum que faz nada, o pior que colocaram, pra acabar com o camelô de vez foi o Kassab, foi o que mais acabou com a vida do camelô mesmo; porque o camelô antigamente, os prefeito colocava um polícia pra correr atrás do camelô só que ele, o polícia, respeitava o camelô como um trabalhador; agora o Kassab colocou a PM que trata o camelô como ladrão, porque corre [o polícia] com revólver na mão, apontando o revólver nas suas costas. E se uma bala dispara ni você? Eu tenho 18 anos mas eu tenho o meu filho; eu tenho o meu filho de 2 anos de idade. Eu não tô lá pra brincar; eu com 18 anos poderia tá saindo lá pra roubar; eu graças a Deus nunca tive esse pensamento. [Quer dizer que você está trabalhando...] ...e sendo tirado como ladrão. Camelô agora tá sendo tirado como ladrão, porque, antigamente, nós reclamava da GCM porque corria atrás mas... também se deixar que Deus dará também, vai acontecer muita morte, porque vai ter um que vai querer mandar naquela esquina, o outro vai querer... tava certo quando tinha GCM porque eles não tirava a gente como ladrão, eles corria atrás, tomava nossa mercadoria. Quando a Marta era prefeita era muito melhor, porque ela botou a GCM, ela corria atrás, só que ela via que o camelô tava ali pra trabalhar. Então, a PM é seguinte, ela corre com o revólver atrás de você, entendeu, às vezes, você consegue fugir mas aquele revólver ali parece que trava o cara. [Aconteceu já algum acidente?] Não ainda não vi isso não, mas tá prestes a acontecer, eles tão correndo com o revólver muito em cima da pessoa. Não precisa disso, ali ninguém, o camelô tá ali pra ganhar dinheiro... não precisa dessa brutalidade que eles faz, botar revólver em cima de uma pessoa que tá trabalhando. [Sobre uma candidatura da Marta] Votaria nela sim, se fosse pra tirar ele, o Kassab, eu votaria nela. Pobre, você pode perguntar pra qualquer pobre, o pobre não quer mais o Kassab; porque o Kassab... vai em qualquer favela pra você vê o que tá acontecendo... o Kassab tá derrubando

as favelas todas. Aí fala que vai dar moradia, que vai dar CDHU, vai dar isso, vai dar aquilo, só que pra pobre, ele ta botando pobre em albergue. [Entrevista 3].

Até em questão de serviço o Kassab tirou; porque a gente trabalhava de camelô também, minha família mesmo, minha irmã ela ganhava a vida trabalhando de camelô, né, e depois que ele entrou, até isso nos foi tirado. Porque ele coloca até policial pra pegar uma pessoa que ta trabalhando. Eu não digo assim vender DVD, porque DVD, lógico, é um tráfico. Você ta colaborando prum tráfico. Mas, uma camiseta, água, chocolate; que a pessoa ta comprando, porque ela não roubou a camiseta, ela comprou na loja. Porque digamos assim, a 25 de março, a galeria vende um monte de camiseta que é falsificada, né; eles não prende, raramente eles vão lá e prende. Agora uma pessoa que compra, vende na rua, eles vai lá e prende. Então é complicado. Tem muita gente aí que não ta trabalhando mais. E eles tratam como bandido mesmo; prendem, chamam de vagabundo... Jogaram “spray” de pimenta na cara da minha irmã. [Ela mora aqui?] Ela vem direto aqui. Hoje ela ta na rua. Daqui a pouco ela ta aí. Só que ela corre mais do que trabalha. Eu tava ganhando a vida vendendo água. Mas eu tenho uma sorte que eu nunca fui pega. Isso, no Bom Retiro, eu tava vendendo. Água de garrafinha, e vendia *bem*. Mas, graças a Deus, eu nunca fui pega; mas minha amiga vivia sendo pega... Mas é muito humilhante assim do jeito que eles tratam as pessoas, porque ali não é vagabundo. Aí minha irmã vem muito cansada, né, porque ela corre o dia todo. Mas é o que ela gosta de fazer. Mas ele tinha que colocar policial na rua, mas, hoje em dia, policial ta pior do que bandido, é assim que eu acho. Policial não quer saber se você trabalha, se é trabalhador, mete a mão na sua cara. Eu mesmo já apanhei de polícia sem fazer nada! Eles me pararam, e falaram assim, “vai pra parede”; eu falei eu não sou bandido pra ir pra parede. Aí ele falou assim: “Vagabunda eu to falando com você...”, – é, é tudo do cavalo, aqueles que ficam no cavalo – ele falou, “vai pra parede que eu to mandando!” Eu falei: “Eu não vou pra parede!” Aí ele falou assim pra mim: “Se eu tivesse com a viatura e aparecer nas manchetes do jornal: “Menina estuprada...” E me afrontou; e aí eu fiquei desaforada mandei ele ir praquela lugar; aí ele foi lá e me deu um tapa na minha cara. Aí eu mandei ele de novo, e ele me de outro, e assim foi. Eu sei que foi assim, humilhante, porque tinha um monte de gente. Mas eu, diante daquela situação, não podia deixar um homem, que era pra ta me defendendo, me tratar como uma vagabunda, como uma pessoa sem mãe, sem família sem nada. Então eu correspondi à altura, mesmo apanhando, do que ele tava me falando. E até isso

acontecer, eu tinha os policial como herói, e hoje eu tenho como um bando... [Entrevista 5].

Com certeza, eu ganhava mais dinheiro; só que a, como a gente tá falando, sobre o que é certo e o que é errado, eu pra mim ele foi certo, pra eles... e como todo mundo que tiver um pouco de consciência sabe que foi o certo. Pra mim foi péssimo. Eu queria, se tivesse daquele jeito, pra mim tava ótimo. Com certeza, tava ganhando bem mais. Só que, falando sobre o que eu acho, nesse ponto aí é certo, numa visão geral, é certo. Que eu continuei muito tempo depois que “sujou”, né, que é a linguagem da gente, camelô diz “sujou”, quando sujou, a gente ficou lá um bom tempo, até onde deu. Agora não dá mais. Por quê? Porque eles acharam meios de combater o comércio ambulante de uma forma mais eficaz, entendeu. Eu não tenho nada contra polícia nenhum, acho certo. Agora aqui o que a prefeitura fez com o centro de São Paulo se torna irrisório, se não fosse trágico seria cômico. SE não fosse trágico. Porque você uma Cracolândia dessa na situação que tá, entendeu, a situação que tá e você andar num Largo da Concórdia por causa de camelô, mais de vinte policial, três aqui, três ali, três ali, porque é desse jeito; se você passar de noite, no Largo da Concórdia, por cauda dos camelôs mesmo. (...) Porque é melhor ele ficar desse jeito, ganhando o que ele acha que é satisfatório; porque por mais que você corra, tudo, todo mundo ganha mais do que dois salários mínimos, todo mundo, todo camelô! (...) Se você é camelô, se você foi criado camelô, quer terminar camelô. Porque você é autônomo, você é o dono de sua empresa. Você faz a sua hora, se quiser ganhar mais, trabalha mais; quer ganhar menos, trabalha menos. [Submeter-se ao patrão, a humilhações] Você é humilhado de outra forma. Você é humilhado por cima. Você é humilhado pela polícia, que ta correndo atrás de você... Não tem que abaixar a cabeça. Você corre quando eles virou as costa, você volta de novo e monta a sua loja. É assim que é, sempre foi assim, e vai acabar assim. [Entrevista 11].

Houve um momento em que o comércio informal se tornou inviável e por isso, como se percebe nas falas acima, até mesmo os camelôs aceitavam uma certa regulação. Mas também, de certa forma, depois que “sujou”, ficou praticamente impossível trabalhar, porque o camelô tem que *correr* o tempo todo. Isto explica também porque há, entre os moradores, alguns que se declararam malufistas. Recordemo-nos dos episódios que ficaram conhecidos como “A máfia da propina”, envolvendo o alto escalão do governo Pitta. Nesta época havia uma condescendência ao comercio informal, que mediante ao pagamento de

propina, podia se desenvolver sem muitos embaraços. Evidentemente, o comércio informal desafogava a demanda por emprego sempre crescente.

[O que vocês acham do Maluf] R. (63 anos): Eu acho assim: Eu votei nele, porque ele deixa a gente trabalhar, né. Ele deixa a gente trabalhar. [E a Marta?] G. (36 anos): Foi a Marta que começou tudo isso... R.: A Marta é a mesma coisa do Kassab. Na gestão dela, na Luz, carregaram a minha barraca. E queriam que eu pagasse 200 reais, naquela época, pra poder pegar de volta. [A senhora não tinha dinheiro?] Não, não. [Deixou?] Deixei. G.: Aquela moça, do perueiro, que vendia capa de celular, levaram tudo dela... R.: Levaram tudo, o pessoal trabalhando, foi uma época... Ela mal acabava de chegar, estava desmontando as caixas, e levaram tudo... levaram tudo! [Então depois da Marta piorou?] R.: Piorou! A gente só trabalhou tranquilo no governo do Maluf e depois do Pitta. [Entrevista 26].

Mas eu gosto do Maluf. O Maluf é um cara bom. Se tivesse dez Maluf eu acho que esse Brasil seria diferente. [Marta] Não, a Marta não. A Marta ela que desencadeou toda essa visão em cima do camelô, ela que desencadeou. Ela abriu a vista pra 25. Ela que deu a visão pro governo do Brasil em cima do camelô. Por que você pensa que é só aqui, em São Paulo, não é! Em capitais, acontece, só que lá é em menor escala, entendeu. Lá eles conseguiram arrebanhar. “Arrebanhar”, que eu digo, não foi destituído de trabalhar: foi realocado. “Ó, você vai sair daqui, mas a gente vai construir um prédio; ó, ta vendo esse prédio, ta desocupado, mas nós vamos reformar pra fazer “box”, você vai ser o negociante, tem que ta legalizado”. Não é justo? Agora tem a feirinha lá embaixo, que é na avenida do Estado, a feirinha, foi dito que era pra camelô, mas camelô não é ali. Ali não é pra camelô. Ali é pra gente rica, que tem fábrica, que tem... Não vai pensando que os pobres, que são camelô, tão do lado de fora, no mercado informal do mesmo jeito. (...) Ela mexeu nisso daí. No camelô por exemplo, começou a fuçar, começou a querer, colocou o GCM, na época, despreparado, e começou a ter confronto, começou a ter essas coisas. [Entrevista 11].

E aqui, chegamos ao ponto central, já antecipando o “x” da equação:

Aí eu era camelô, aí eu pagava 900 reais de aluguel, que era 30 por dia. Aí eu falei assim... Aí, entrou a polícia na rua. [O que você fazia?] Eu sou doceiro. Vendia

doce. Eu sou, como é que é, confeitiro. Eu fazia, e era um doce de primeira linha, viu. Era tão de primeira linha que os comerciantes compravam, só que eu não falava que era eu que fazia. Eu falava assim: olha, esse aqui vende lá, numa panificadora. Aí, o que aconteceu é o seguinte: eu pagava aluguel, 900 reais, e vivia muito bem! [Quanto você ganhava, tem uma média?] Eu ganhava... não, não tem média não... era assim: eu vendia por dia, livre, livre, todos os dias, 100 reais livres. Livre. Quando eu falo livre é livre mesmo. Livre, livre. Cem reais livres, por dia. Só que tinha sábado e domingo que era estorno, na feirinha da madrugada ganhava 300 reais livres; final de ano nem se fala! Eu pagava para uma pessoa só para lavar as coisas – era muita coisa, muita bandeja, muita forma – eu pagava o equivalente a 700 reais, pro`um ajudante meu. E o aluguel. E eu curtia também, no final de semana ia para uma balada... Aí você fala assim, pô, mas o que foi que aconteceu? Aconteceu o seguinte, que a polícia militar entrou na rua. Isso foi o ano-passado-agora. Foi o ano passado. A polícia militar entrou na rua e quebrou todo mundo que era camelô. Tem muitos camelôs aqui dentro que pagava aluguel, que morava em apartamento bom e que tá aqui. Quebrou muito camelô, quebrou, quebrou, quebrou muito camelô. Aí o que foi que aconteceu? Sabe de uma coisa, vou pro sem-teto. E tô aqui. E aí o que que eu faço hoje? Não dá pra trabalhar na rua; aí eu tenho aquele outro quesito que eu já passei pra você: hoje eu fui trabalhar na faxina. Aí eu tô trabalhando nessa empresa aqui, ela me abriu as portas, entendeu. É, uma empresa: eu trabalho no SESC. [Entrevista 25].

Um dos motes dos movimentos de sem-teto é o dilema: “se pagar o aluguel, não come; se comer, não paga aluguel”. De fato, já vimos que a média do aluguel num cortiço é de 500 a 600 reais por mês e a renda mensal de um sem-teto não vai muito além de um salário mínimo. Ou seja, o salário mal cobre as despesas do aluguel. De certo modo, o comércio informal gerava uma renda ao camelô que o possibilitava pagar a locação de um quarto nas pensões e cortiços do centro da cidade e ainda sobrava dinheiro para outras necessidades. As políticas de austeridade fiscal implementadas a partir da gestão Marta Suplicy e consequentemente os meios empregados para coibir o comércio informal, ocasionou um refluxo drástico na renda gerada por ele. Sem este rendimento, tornou-se oneroso demais, para o camelô, pagar o aluguel nos cortiços e pensões. Vejamos, os casos exemplares:

Eu ganho 500 e uns quebradinhos, aí se eu for pagar aluguel eu não dá, um aluguel é 500, 600, e num cortiço! [Entrevista 12].

Eu morava no Glicério, na rua dos Estudantes; era uma pensão. Tinha um cômodo só; só um cômodo. Pagava 530 (reais) de aluguel; e pagava água e luz por cabeça, por isso que tava esse valor. A minha renda é assim de mil e cem, porque o camelô não tem renda fixa, né; depende da venda. Eu vendia bijuterias, na rua. Aí vem o GCM e tira; e [camelô] sai do lugar. Graças a Deus quando eu vim pra cá eu montei uma coisinha pra vender doce; então eu estou sustentando a minha família, aqui através da ocupação. (...) A pensão era um estacionamento; ele fez um monte de quarto. Aí ele colocou os quartos de três por três. Pagava água e luz por cabeça lá. [Entrevista 3].

Porque quando eu saí da Magalhães, que eu só tinha uma menina, eu fui pra Santa Cecília, perto da Folha, era numa pensãozinha. Eu morei dois anos [num quarto de pensão]. Mas como eu tava grávida dos gêmeos, como ia caber berço e mais alguma coisa lá dentro. Ah, era pequeno! Lá ele cobrava 300 reais. O de 400, vamos dizer que era daquela pilastra pra essa daqui, fechado aqui. Ali tinha que ser cozinha, quarto e tudo, né. [Entrevista 10].

É nós morava lá, também, no Glicério, no mesmo cortiço, a gente morava tudo. Se tornou uma coisa muito cara pra gente, porque, lá é considerado um cortiço, só que pra gente foi mais do que um cortiço. Por quê? Todos os quartos a gente alugou. Toda a casa. Daí ficou eu nem um, minha mãe n'outro, um colega da gente, que é muito da família, que também mora aqui, no sétimo, ficou em outro. Então virou uma família isso dali. Só que nesse negócio de querer ficar só na família ficou em 1200 reais o aluguel. Fora água, luz. [Entrevista 11].

Nessa época, da vaga, olha era o equivalente ao preço de hoje. Uma vaga custa em torno de 200 reais, 250; uma vaga. Então, um quarto com cinco pessoas, seis. [Entrevista 13].

É, eu morei em pensão, quando cheguei aqui eu pagava quase 400 reais de aluguel. Numa pensão que esse quarto aqui é maior três, quatro vezes o quarto que eu morava. 400 reais e esse daqui dá quase três, quatro vezes o quarto que eu morava. É aqui no centro, na rua Polígono com a Lourdes, aqui no Parque Dom Pedro,

Brás. (...) Eu pagava 400 reais de aluguel, pra sustentar três filhos e a mulher aí... minha mulher não pode trabalhar, tá fazendo uns exames aí... só eu, só eu. Aí quando eu morava na pensão o dono falou, “vou aumentar, vou aumentar em dezembro”. Me sobrava 300 reais. (...) Aqui no centro não dá pra sobreviver com um salário mínimo; com aluguel, com família, não dá não! 400 reais e ia aumentar pra 450. Ia sobrar 300 reais, porque eu ganhava 650 mas ganhava o vale-condução mas eu ia a pé pro serviço pra economizar o vale-condução. [Entrevista 17].

Quando eu cheguei aqui eu morei em vários quartos de pensão. Pagava 500 reais, pagava 600 reais, a minha última eu cheguei a pagar 500 reais numa quitinete. Aqui no Largo do Arouche. Aí eu fui para uma quitinete, mas o aluguel da quitinete começou a subir. Aí o dono me pediu 700 reais, aí eu peguei e fui pr'um quarto de pensão. Aí fui pagar 500 paus num quarto de pensão. [Entrevista 23].

No Brás, era uma pensãozinha pequena, só um quartinho mais ou menos. Nós somos em quatro: meu pai, minha mãe, eu e meu irmão [que é mais novo]. [Aluguel] Ah, uns 500 reais. [Vocês dormiam em beliche?] Não, a gente dormia no chão. Quando a gente se mudou pra São Paulo, meus pais moravam na casa da irmã de minha mãe. Aí a gente foi e se mudou pro Brás. [Entrevista 24].

Há ainda casos no mínimo escandalosos. Segundo informação dos entrevistados C. (47 anos) e C. (41 anos), a bolsa-aluguel destina-se, na prática, à locação de um quarto de cortiço! No entanto, é corriqueiro o proprietário do imóvel obstar a cessão de um quarto para famílias com criança pequena. O benefício do governo então é nulo, haja vista que a verba só é liberada mediante contrato assinado e o valor do aluguel é depositado diretamente na conta do locador. Um outro morador narrou ainda um estranho tipo de arrendamento, em um hotel:

C. (47 anos): Aí correram, ela conseguiu um bolsa-aluguel, só que no bolsa-aluguel ninguém aceita com criança. Ela tem a pasta dela, tá tudo guardado, que é o valor de 300 reais durante dois anos e meio. Mas só que não consegue. Tá até hoje a pasta dela. Ela tem um bolsa-aluguel, a prefeitura deu quando ela foi despejada lá da Casa Verde, o Nelson, do MMRC, correu atrás de um bolsa-aluguel pra ela, encaixou ela numa demanda do bolsa-aluguel, conseguiu, mas só que o bolsa-aluguel, dela, o proprietário lá não aceita porque ela tem criança. É uma dificuldade que existe. A prefeitura deu essa pasta, mas só que não aceita com

criança. É tipo uma burocracia: você vai numa imobiliária: “a senhora é quem?”. A sou eu e três filhos. “Não, nós não aceitamos com criança! Tem muita gente que tá aqui, tá com bolsa-aluguel mas só que os proprietários dos imóveis não aceitam com criança. Aí qual é do povo? Correr pra ocupação. Eu até brigo nas pensões. “Tem criança? Ah, eu não quero um capeta de menino, menino só dá trabalho, Deus me livre! O que a prefeitura devia fazer nesses cortiços... É cortiço!” C. (41 anos): É cortiço! [Você ganha um dinheiro pra morar num cortiço?] É morar num cortiço. C. (47 anos) Você vai numa pensãozinha que nem um quarto desses daqui tem, nem banheiro tem, paga 300, 400, 500, como eu vejo aí, porque eu faço visita dos bolsa-aluguel; quando eu vou lá, chego lá, o povo reclama, não tem banheiro, não tem nada! E você mora numa ocupação, meu filho, você se sinte à vontade, você se sente mais abrangido, mais espaço, protegido, tem mais privacidade do que num coiso alugada”. Porque você vai alugar um quarto é 500 reais e fora água e luz que paga por cabeça. É um absurdo, eles tão massacrando o povo, de cobrar 500, 600 reais, num quarto que nem banheiro não tem. Um cortiço. [Entrevista 6].

Não era uma pensão, era um hotelzinho. Aí virou quarto. Era só um quarto e um banheiro. Eu chamo até de pensão, que era um hotel e aí virou aluguel. Mas o aluguel virou 700 reais. Lá a gente não tem direito nenhum. A gente não tem direito nenhum. Lá é assim: não pagou é rua. O dono abre a porta e joga você na rua, porque não tem contrato, não tem nada. Que na hora que ela aluga ele fala que é apartamento mas na hora que você reclama seus direitos ele fala que é hotel. “Isso é hotel, você não tem direito”. [Contrato] Nada, nada, nada. Nada disso. Você dá o dinheiro na mão e assina lá um caderno e pronto. O dono tem, tem conhecimento com a polícia. Aí vem lá; eles dizem que é polícia, né. É, paisano; e bota a gente pra fora. Eu vi muita gente lá ser botada pra fora, ele arrombar a porta e botar o pé igual cachorro. [Entrevista 22].

É muito comum em artigos sobre cortiços a exposição de tipologias, ou seja, uma descrição física destes ambientes. Mas estas descrições jamais teriam a vivacidade e as cores da classificação de alguém que morou em quase todos os tipos de submoradia. Para nós é muito mais relevante a descrição de um destes moradores do que as frias tipologias científicas, pois transmite a realidade das habitações e a situação real de seus locatários. Neste sentido, D. (38 anos) nos oferece uma descrição incomparável (a citação é longa mas vale a pena):

Então você paga 500 reais num lugar pior do que aqui. Em vários lugares: em casa de pensão, em cortiço aqui no centro... Em todas as modalidades de moradia que você imaginar, eu já morei. Já morei em pensão; pensão quando eu falo é pensão que mora oito pessoas num quarto onde você tem direito a só uma vaga. A sua vaga é um colchãozinho. Que se chama: pensão-vaga. Já morei em pensão... Quanto eu pagava? Lembro, lembro! Porque não faz muito tempo isso! Faz pouco tempo, antes de morar aqui. Eu morava num pensão, uma vaga, eu pagava 300 reais. Tinha direito só a um banho... E tem mais! Tinha que ter cuidado, porque se chegasse uma cara “doido”, deitasse, e urinasse, caía em cima de você. Isso é fato verídico, viu, não é uma coisa que pra dramatizar não. Isso é o que acontece. [Com você aconteceu isso?] Aconteceu também. Não aconteceu porque eu vi que o rapaz tava “doido” e levantei antes. Trezentos reais; se você “chiar” muito, o dono manda você desocupar, porque tem uma fila, um monte de gente querendo. Não tem problema. Beleza, essa daí se chama pensão-vaga. Tem a pensão, que é a pensão que é a seguinte: já é um pouco mais evoluído. É assim: é um corredor como esse; você vai alugar um cômodo e não tem nada. Não tem ventilação, não tem janela, não tem nada. Entendeu? Só tem a copa. Às vezes eles abrem um buraquinho aqui em cima, pra entrar ar. Isso também é pensão. Essa daí já é 500 reais um quarto. Morei também. Em todas as modalidades eu morei. Aí, morei também nesse tipo de pensão que é assim, quer ver? É assim, ó: ela é só a área, é um espaço, é que nem aqui; só que num espaço deste tamanho aqui, ele chega custar até 700 reais [ele se refere ao quarto], sem banheiro sem nada dentro, é banheiro coletivo, chama-se... só que por ser grande e com janela chega a custar até 700 reais. Não é porque tem janela, é pelo tamanho; e a janela também. Então geralmente é por metro quadrado que eles cobram. Então, por exemplo, 100 metros quadrados... eu descobri isso fazendo uma pesquisa... 100 metros quadrados 100 reais, 200 metros quadrados 200 reais, é isso daqui, metade desse quarto aqui [Ele quer dizer, na verdade, 10 metros quadrados e 20 metros quadrados]; dava 300 metros quadrados, então dá isso daqui, né, acho que é assim, então aí, pagava 300 reais. Mas eu não morava num lugar que nem esse daqui, eu morava num lugarzinho pequeno, que não cabia nem a geladeira... Não isso não é quarto. É o seguinte: tem a pensão-vaga, tem essa pensão que é sem-janela, que é a modalidade; tem a pensão com-janela. E tem a outra pensão, que é aquela pensão que é assim, ó – que eu deveria ter contado primeiro essa – que é assim, você pega, aluga um espacinho, você é casado, tem a sua esposa, o cara vem e dá uma ordem de despejo pra você, você não sabe; essa eu devia ter falado primeiro, você é casado e tem um apartamento ali, tá bom, cê tá empregado, bonitinho, você alugou um apartamento com sala e cozinha, tem lavanderia, tem tudo; aí ficou ruim pra

você – que é uma coisa inteligente isso, é uma coisa inteligente – ficou ruim pra você e você recebe uma carta de despejo. “Ó, se você não pagar o mês que vem nós vamos te despejar”. Aí sabe que o cara faz – tem muita gente fazendo isso daqui, em São Paulo, viu; na sua pesquisa, se você pesquisar é bom, porque tem muita gente fazendo isso daí – aí sabe o que a pessoa faz, ela faz o seguinte, inclusive essas pensões surgiu disso, dessa ideia, que dá dinheiro, entendeu, a pessoa tá num aperto, recebeu uma carta, que vai ser despejada, aí sabe o que ela faz? Ela vai na rua embaixo e põe assim, ó: “Ambiente familiar, aluga-se vaga”. Entendeu? “Casa de estudante, de fino trato”. Só que quando você chega lá, é a casa da pessoa que tá devendo, só que ela não conta pra você. “Olha, eu tô alugando”. Mas por que você tá alugando? Aí sabe o que é que ele faz? Ele pega uma arinha lá da lavanderia dele, como ele não pode fazer às vezes mudanças, né, que tá no contrato que não pode, ele pega e põe um tapume desse aqui, ó, na varanda, põe ali, passa aqui; aí você chega e pergunta, quanto você tá alugando? Aí sem brincadeira nenhuma, sem drama – sabia? – ele abre a porta, quando você pensa que vai abrir a porta pra entrar num espaço, pra entrar num cômodo, quando você abre a porta e você entra tem só a cama e um lugar só pra você já sentar. [Você chegou a morar num lugar assim?] Cheguei a morar. É o seguinte, eles cobram, às vezes, por dia; que às vezes a pessoa pode ir e não voltar mais. E tem mais, nessa aí você não pode deixar nada. Ele já fala assim, ó: aqui é um ambiente familiar, mora a minha patroa, você tem que respeitar muito. Entendeu? Aí depois você descobre – que eu na realidade nem queria fazer aquilo... Agora uns continua fazendo porque viu que é lucrativo. Aí quando ele vê que é lucrativo, ele começa alugar sabe o quê, o quarto dele! Aí ele aluga o quarto dele e vai morar na cozinha. E você descobre que ele tá morando na cozinha. Aí ele aluga mais um quarto e de repente a casa tá toda alugada. Mas é porque ele tá com dificuldade de pagar o aluguel. Entendeu? Existe essa modalidade. (...) É assim, ó: é o que mais tem aqui em São Paulo. Antes de eu vim morar aqui aconteceu isto. Inclusive eu vim morar aqui por isto. Eu tava morando num lugar que era invadido – e é uma história engraçada – o lugar era invadido – porque aqui é ocupado, aqui é legalmente – lá é assim: o proprietário tava devendo não sei quantos mil de IPTU; aí, ele chegou e fez um acordo com um rapaz: “Você vai lá e invada, aluga tudo, me passa X e o restante fica tudo seu”. Aí eu fui morar lá. Cheguei lá: “Aluga-se, ambiente familiar”. Eles gostam de colocar “ambiente familiar”. [...e de “fino trato”...] Não, “fino trato” é só pensão. Esses lugares aí põe: “ambiente familiar”. [Entrevista 25].

Perguntamos a D. o que geralmente acontece nestes “ambientes de família”. A resposta foi a que se segue:

[Nesse “ambiente familiar”, o que acontece?] De tudo que você imagina. [Drogas?] Tudo o que você imagina! [Briga?] Briga. [Morte?] Morte. [Chegou a presenciar isto?] Já! Várias vezes. Lá onde eu morei mesmo, num período de quatro meses, aconteceram cinco mortes. Aqui no centro de São Paulo; no centro da cidade. [Onde, Glicério, Brás...?] ...É, eu prefiro não mencionar, entendeu. [Você pode contar como foi?] Não, aí já é entrar em detalhes. Mas geralmente é brigas, entendeu... *não sei*. (...) Mas aí aconteceu o seguinte, aí eu fui morar lá, pagando *caro*, viu; era trinta por dia. Lá era por dia. [Por mês...] Dá 900 reais, entendeu. E se chiasse, vai procurar outro lugar porque lá era lotado. E era um lugar péssimo pra morar, sabia. [*Idem*].

Embora não podemos generalizar, pois nem todas as pensões apresentam problemas relacionados à violência (“Nas pensões que eu morava não; não tinha. Era bem cuidadinha a pensão que eu morava. (...) Agora tá nessa faixa: entre 500 e 600 reais. Uma pensãozinha boa, com quarto grande, porque é pelo tamanho do quarto” [*Entrevista 22*]). Mas, grande parte delas apresenta problemas sociais sérios, como quando há intenso uso de drogas e outros ilícitos típicos descritos pela criminologia. Os exemplos abaixo são bem ilustrativos:

[Vocês estão felizes de morar aqui na ocupação?] R. (16 anos): Sim, tá melhor, que onde a gente morava. [Melhor que na pensão, por quê?] Porque muito inferno. Ah, muito futriqueiro, buchicho... muita briga – “Muito calor” (intervenção do irmão de 12 anos) –, muita polícia... por causa que lá é uma “boca” – “É, é uma ‘boca’” (intervenção da irmã de 14 anos) – ... lá passa muita polícia... Lá onde eu morava, nós não sabia que era “ponto”... mas só tinha ali, a gente queria um lugar pra morar; tava com criança, né, minha mãe tem um monte. Minha mãe tem sete; eu tenho seis irmãos, comigo é sete. Porque eu sou filha de criação. [*Entrevista 4*].

E nessas pensões, não tem seleção. Então, drogado – você chega – ele tá na sua porta usando a droga. Você tem que esperar a hora que ele quer deixar você entrar. Às vezes um banheiro só pra todo mundo. Se tem uma consulta marcada, você fica horas e horas e nada. [*Entrevista 20*].

Aí antes de ir pra ocupação de seu Nelson eu fui pra um cortiço. Ficava ali perto do Bom Retiro. O nosso era assim: era invadido, só que daí era assim, tinha cada quarto, entendeu. [Quem invadia, era alguém...] que alugava pra querer que a gente desse o dinheiro. Pagava 150 [por um quarto]. Ah, eu não fiquei muito tempo não. Vi que eles tavam passando dos limites, tavam querendo aumentar... Tinha confusão, porque tinha gente que não queria pagar. Aí disse que ia mandar embora, que ia chamar uma pessoa do Comando pra tirar na marra, essas coisas. [O que é o Comando?] O pessoal do PCC. [Tráfico de drogas?] Não, ali não. [A polícia invadia constantemente lá] Não, só de vez em quando. Batia assim na porta e perguntava: “tem algum homem assim?” Se não tivesse eles mandavam fechar a porta e iam embora. Não, não chegou a entrar [no quarto]. Aí eu fui pro movimento do seu Nelson, lá na Plínio Ramos. [Entrevista 6].

É importante registrar que casos semelhantes também aconteciam numa ocupação de origem espontânea, isto é, sem a coordenação de um movimento por trás, no bairro da Armênia¹⁹⁶. Segundo I. (34 anos):

Eu tinha muito medo porque a polícia invadia lá, e eu como tenho um filho grande, de 17 anos, pra eles é um alvo, né. E meu filho sempre levava “britz”. Eu tinha medo, sabe. Mas graças a Deus... Sempre; tirava o meu filho dentro de casa. Toda a vez que entrava. Invadia, mesmo quando eu não tava, eles abriam a cortina eu tiravam o meu filho pra fora. Aí revistava. Meu filho tinha muito medo. Eu nem dormia direito. Sabe, eu saía pra trabalhar lá, onde eu morava, deixava ele em casa mas não mão de Deus. Vai saber, porque lá, por causa desse negócio de drogas, tinha muito jovem. E pra eles, todo jovem traficava. E eles falava que a gente passava pano pros traficantes. Mas não era nada disso. Então eu tinha muito medo. Quatro anos; nesse medo, nessa tensão; esse negócio de droga, sabe. Lá? Ah, a gente vê, mas tem que ser assim – como é que se fala? – cega, surda e muda. Vê e mesma coisa não vê. Vê: as pessoas que fazia coisa errada eles pegava, batia, sabe. Se soubesse que tinha homem que estuprava mulher, alguma coisa, sempre... A gente via da nossa casa. Pedia pra Deus guardar. [Entrevista 15].

Sob estas condições tão precárias e do aluguel ser compatível à média do da cidade de São Paulo em um imóvel em local bem melhor situado, poder-se-ia objetar por que então

¹⁹⁶ Uso o termo “espontâneo” para designar uma ocupação que não foi organizada por um movimento de moradia. Muitos moradores distinguem *ocupação* de *invasão*. Para outros é indiferente os termos empregados. Porém, todos parecem compreender a legitimidade da causa dos movimentos por moradia.

um morador de cortiço ou camelô não firma um contrato de aluguel observando-se as leis do inquilinato? D. (38 anos) e P. (24 anos) têm as respostas:

Um apartamento desse aqui, quer ver, olha só, você vê como existe um grande... vem cá ver, olha aqui... Esse apartamento aqui, ele tem banheiro, tem quarto e sala, aí é 300 reais. Trezentos reais, aí. Só que tem condomínio, né. Não passa de... de... de 500 reais. Com condomínio, não passa de 600. Esse outro que tem aqui também, não passa de 500 reais. No máximo 700, com condomínio, negócio de porteiro e tudo mais. Aí eu pergunto para você: por que muita gente paga caro para morar num lugar muito ruim? Porque eles não têm os requisitos que eles exigem: carteira assinada... Ah, você não tem carteira assinada, mas você é o quê, você é comerciante; você tem fiador? Estão pedindo três fiador; e quem é que quer ser fiador hoje em dia? Ninguém! Se ele aceita ser fiador seu, é que ele sabe que ele pode tomar muita coisa de você. E aí é o seguinte, quem tem muita coisa não vai querer fiador, já tem as coisas... né! [Entrevista 25].

Aí a gente tinha condições de alugar um apartamento bom. Mas até pra isso o pobre já é meio... ou você tem que adiantar dois, três meses, ou você tem que ter um fiador, ou você tem que... entendeu. Tem várias coisas que propiciam o pobre a morar em invasões, cortiços ou... Invadir mesmo ou você tá do jeito que a gente tava, pagando aluguel caro ou num bairro, né. [Entrevista 11].

Feitas estas considerações, já é possível sintetizar uma possível explicação para o aumento de militantes nos movimentos de moradia. Como se viu, grande parte deles trabalhava no comércio informal e lotava os quartos de cortiços da região central. A partir da gestão municipal de Marta Suplicy, políticas no sentido de coibir o comércio informal foram aplicadas com uso da força policial (GCM). Na gestão Serra-Kassab, entra em cena a Polícia Militar, intensificando o cerco ao comércio informal. Evidentemente, a renda desses trabalhadores cai drasticamente, obrigando-os a trabalhar num serviço com menor remuneração, equivalente ao aluguel num quarto de cortiço. Só lhes restam então duas alternativas: morar na rua ou entrar para um movimento de moradia.

Outro aspecto importante já foi anunciado nas falas dos moradores: a questão da sublocação ou da invasão de imóveis que acabam se tornando cortiços. Nestes casos, não demora muito para que o verdadeiro proprietário do imóvel obtenha pela justiça uma ordem de despejo que surpreende a todos. É impressionante como esses casos são recorrentes. Muitas famílias são jogadas na rua, sem maiores cerimônias, como no caso de uma mãe e de seus oito filhos que registramos, dos quais R. (16) e A. (14) são irmãs:

Por causa que o dono – era o filho dele – aí depois veio o pai dele que queria pensão de volta. Aí, ele não gosta da minha mãe; daí ele não queria receber o aluguel. Minha mãe guardava o dinheiro no banco. Aí ele foi fez não sei o que lá no (...); e pegou e falou assim que a minha mãe não queria pagar o aluguel e ficou três meses sem paga o aluguel; daí falaram que minha mãe tinha que sair. [Entrevista 4].

Outros casos ainda mais exemplares podem ser mencionados:

Em São Paulo, eu morava de aluguel, no Cambuci. Sabe, pensão, cortiço. Foi aí que eu conheci minha ex-mulher. Nós tivemos seis filhos. A mais velha tem 17 anos e mora em Franco da Rocha, é casada, vive por lá. Minha ex-esposa está aqui, mora no outro prédio aqui atrás. Mas deixa eu contar, pra você entender como eu vim parar aqui. A minha vida é um livro aberto. Se eu for contar, minha vida dá muitos livros abertos. Eu trabalhava no açougue. Entregava carne. Eu tenho a segunda série. Eu alugava um quarto, dá menos da metade disso daqui. Foi lá que eu comecei a me desentender com a família da minha esposa. Eu levei ela para morar lá. Mas um dia eu abri a porta do meu quarto e tinham roubado tudo. Morava ladrão pé-de-chinelo. Drogas... Direto a ROTA invadia lá para prender. Sabe, eu sou evangélico, Igreja Mundial do Reino de Deus, conhece o bispo Clodomiro Santiago? É. Eu disse, eu vou sair daqui. Fomos para outra pensão, minha esposa estava grávida. Sabe a Pires da Moto? Isso, Pires da Moto. Então, eu sou assim, pago adiantado. Távamos vivendo lá, e um dia chega o oficial de justiça. A pensão era invadida, o “dono” fugiu. Sabe a Tamandaré, então, lá tinha outra pensão, sabe como é, eu pago adiantado. O quarto ficava debaixo de uma escada, tinha cama, um fogão, pra minha opinião tava bom. Um dia eu estou voltando do trabalho, e eu vejo um homem de terno e gravata e umas viaturas da polícia atrás dele. Pensei, boa coisa não é. Tem ladrão aí? Não. Mas um despejo. A casa invadida. Fui para o Glicério, numa pensão do mesmo dono. De

repentinamente, novamente nós fomos despejados. Minhas coisas todas na rua. Baiano, pernambucano... tudo nordestino, tudo na rua! Tudo invadido. E eu pagava em dia, porque eu sou assim. Mas isso aconteceu quatro vezes comigo! [Entrevista 2].

Já acontece sim. Mas a pessoa se dizia dono. Aconteceu isso comigo também. Num casarão grande eu aluguei a vaga, e achei que ele era dono, né. Mas eu não tinha experiência de nada. E aí nós tivemos que mudar porque ia ser demolido ali. Ia ser demolido. E aí nós saímos, pr'um outro. Ah, é muito frequente acontecer, porque o nosso salário não alcança o aluguel de um lugar, que é muito alto. Não, 600 real dá um quarto, sujo, aqui na Barão de Tamandaré, aqui. Um absurdo! Eu falei, isso é um roubo! Eu falei, não tenho condições. [Entrevista 13].

Aí e peguei, é... olha só, fui morar lá e quando foi um dia, né, ordem de despejo. Eu falei: ué, por quê ordem de despejo? Mas é pra quem? “Não, você tá sendo despejado porque o proprietário aqui...” Entendeu? Não! Tava sendo a terceira ordem de despejo. Eu falei: como terceira ordem de despejo se eu entrei aqui e não tô nem há um mês... Aí foram pesquisar... E o cara fugiu. O cara fugiu. Quando fomos procurar: cadê o cara? Ah, mas não era dele? Ele falou que era dele; e ele veio com o advogado e o advogado falou que era dele. Tava até com um papel judicial. Eles pega o advogado lá, às vezes o cara nem é advogado, às vezes até é. É advogado dele. É advogado dele! “Não, ele é dono, tal; ele é o dono, tal”. Ele vinha de carro, mostrava os documentos e você via os documentos. Só que documento, meu filho, é muito fácil você fazer. Se você não tiver uma perícia, para você investigar, é muito fácil. E aí é o seguinte: como é que fica agora? Então, o lugar é invadido e a gente pagava aluguel. Então, eu acho que eu falei tudo em modalidades de pensões. [Entrevista 25].

Aqui é possível discernir um outro complicador: a impossibilidade para quitar o aluguel e, em consequência, a rua torna-se local de moradia. Novamente podemos citar o caso de R. (16) e A. (14), entre outros:

Aí a gente teve que sair do prédio. Ali no Anhangabaú. Eu morava ali, aí pegou fogo. Nós ficamos um mês e pouco na rua. Minha mãe teve que tirar a gente da escola, e agora não consegue vaga em lugar nenhum. [Como foi morar na rua?] Foram muita gente, bastante famílias. [Vocês tinham medo, sentiam frio?] Não

porque minha mãe fez um barraco na rua. Ela colocou lona; colocou geladeira, fogão, televisão... e puxamos... fizeram um gato lá... daí puxaram um cabo de TV. Não sentia frio. Aí tinha um lugar, que lá era aberto, aí lá nós tomava banho. Aí minha mãe... às vezes, quando tava chovendo, aí a gente dormia tudo lá. Minha mãe ficava no barraco, ela e meu padrasto. [Entrevista 4].

Eu vou te contar. Vou contar como eu vim parar aqui. Morei um ano na rua. Não tenho que reclamar, fui muito bem recebido na rua. Morei como minha atual esposa, D. (30 anos). Nós morávamos numa barraca. Não sofremos nenhuma violência na rua. Eu montei minha barraca perto de uma igreja evangélica. O segurança não deixava acontecer nada com a gente. Eu comia na igreja. [Entrevista 2].

N. (43 anos): Nós moramos, nós moramos – o MSTC tem 10 anos de luta – há muitos anos atrás, antes do MSTC, tinha no Glicério, em frente a igreja Deus é Amor, um viaduto onde morava ... F. (57 anos): Quarenta e oito famílias'... N.: ...onde morava quarenta e oito famílias, quer dizer, nós era uma delas. Nós morávamos debaixo do viaduto, era tanto rato, que um dia eu tava deitada assim, o rato pegou assim no meu dedo, me puxou, entendeu... Só que na época, não tinha movimento tipo MSTC. [Entrevista 7].

Eu morava na rua, com a minha família. Na rua. Cheguei de Pernambuco com a família, fiquei na rua. Morei uns oito mês na rua; dentro de uma rodoviária; eu e meus cinco filhos. Dentro da rodoviária Bresser Pereira, que hoje é uma rodoviária que tá lá fechada. Morar na rua? É igual... forrava lá os colchão, que os cobertor dormia, cozinava na rua. Vinha um povo, via a minha situação, e trazia um quilo de arroz, um quilo de feijão, e fui batalhando, batalhando... Não. A polícia queria me tirar; eu falei: daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. E fiquei lá, aí me pegaram, o capitão veio – que eu não sei o nome dele, que eu não me lembro – o capitão veio com o Conselho Tutelar, pra tirar as minhas crianças. Eu falei ó: pra tirar as minhas crianças, tem que passar por cima de mim. Debati a questão do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, e fiquei lá. Me levaram prum albergue, que hoje em dia é uma FEBEM. Hoje se tornou uma FEBEM. Os adolescentes saem mais pior do que quando entrou lá dentro. [Entrevista 6].

Meu nome é L. tenho 40 anos, sou morador aqui da Zona Norte de São Paulo, aos 10 anos fui pra rua; fiquei na rua até os 12; nos 12, fui pra FEBEM; lá me arrumaram emprego, fui pra SABESP; fiquei na SABESP até 89, de 87 até 89;

nunca tive moradia. Nasci na Capital, minha família toda é da Capital. Fui [pra rua] porque eu apanhava, né. Mas tem contato com minha família, hoje em dia, mas é eles pra lá e eu pra cá. [Morou dois anos na rua, como foi essa experiência?] Experiência de moleque de rua, de tomar banho na praça da Sé, de roubar cordão, relógio; eu vivia disso daí, de cheirar cola, de fumar maconha... Não foi por furto que eu fui preso, [fui] por droga. Fui condenado. Fiquei [na FEBEM] até os 12. (...) Eu tenho, deixa eu ver, eu, a minha finada Luciana, Jeinefer, Sineli e Juliana, somos em cinco [irmãos]. Não. A minha irmã tem moradia, uma é finada, a outra mora numa favela, e meus irmãos moram com minha mãe, lá em Taipas, Parada de Taipas. [Entrevista 8].

Vida de rua é um aprendizado e um sofrimento muito grande. [Quanto tempo você morou na rua?] Uns dez anos. Se eu não me engano foi mais. [Violência] Agressões, de todos os tipos. Porque é assim, você tá na rua igual eu que nunca usei drogas, igual eu que nunca usei drogas, né, eu nunca tive problemas assim, tomavam meus remédios, me batia, ameaça... Pessoas. Pessoas da rua; pessoas das lojas onde você vai dormir. Isso você chega, você tá dopado, eu tomava o remédio, então quer dizer que aquele dia você tem que levantar cedinho antes da loja abrir. Só que eles chegavam e a gente tava dormindo, porque eu tinha tomado muitos remédios, e meu sono muito pesado; e eles jogavam balde de água, chutes, empurrões. Comerciantes!... e também do GCM. Isso sai na rua e taca água na gente com a mangueira, você passa por isso... Também na Praça da Sé, aquela guarita na Praça da Sé, se alguém tiver me batendo, alguém fala assim, “ó corre lá e mostra a sua medicação, que você é deficiente”; aí o policial saía lá de dentro e me cortava com couro. Apanhei muito do GCM, batia muito, muito, muito: *um lixo humano*. Caí no fundo do poço, eu não tinha mais pra onde ir. Eu tinha duas opções: tomar todos esses remédios, eu pensava em me matar, ou pular (***). [Entrevista 20].

Aliás, G. (38 anos) é um caso a parte, talvez, o depoimento mais impressionante. De fato, G. incorpora todos os estigmas do morador de rua. Por isso, vamos nos deter um pouco mais sobre sua vida. Diagnosticado com esquizofrenia, epilepsia, depressão, síndrome do pânico e outras doenças mentais (“sou uma farmácia ambulante” [Idem]), G. morou por mais de dez anos na rua, sofreu violências de todos os tipos, foi internado em instituições filantrópicas e religiosas, onde foi submetido a constantes seções de tortura (“tudo que se faz em cima de pessoas de rua, todas essas ONGs, é tudo horror, é tudo

fachada, sabe, se aproveitam do nosso sofrimento” [*Idem*]), fugiu e percorreu todos os circuitos possíveis da submoradia até cair na rua: “acabei de albergue em albergue me tornando um morador de rua” [*Idem*]. Dos albergues, G. guarda todas as “carteirinhas”, mas não boas lembranças:

Eu tenho que tá pelo menos de dois em dois meses passando num psiquiatra, e tomando remédio controlado. Então a situação é muito difícil, porque os albergues ficava pouco tempo com a gente e mandava embora. Não quer saber se você... Inclusive eu morei muito tempo num albergue que é ali na... que hoje é em frente à câmara municipal. E era muito sofrido. Às vezes, eu preciso dormir de dia porque era jogado pra rua às seis horas da manhã; às vezes, a gente era até agredido, naquela época. Então era muito sofrido, muito sofrido. E muitas vezes eu fui ficando sem remédios, e acabei ficando muito doente. (...) No Albergue é ultra-terrorista, porque eles fala muito sobre drogas, discutem muito, obrigam, (***), brigam, se batem pra comer. Então tudo pra mim é terroroso. Teve uma época que eu entrei em pânico, tudo me assustava. Um pânico assim, eu tive. E às vezes na rua até ficava melhor, porque no albergue era tão difícil a vida ali dentro. Porque quando fechava aquela... aquela... aquela coisa, tinha que dormir com os remédios amarrados; às vezes as pessoas tomavam o remédio de mim pra se drogar e eu era obrigado a dar sob ameaça de te bater. Você já imaginou a pessoa viciada e eu com essas caixas de remédio tendo que tomar. Às vezes eu errava todos os horários; eu esqueço; tudo, tudo, tudo muito confuso. (...) O albergue é um chiqueiro! (...) Esse lugar aqui chama Rede Rua, uma casa de convivência para nós cadastrar porque nós nunca fomos, nós andava daqui até na 14 Bis pra comer, se eu não tivesse essa carteirinha aí, eu não comia. Pra comer uma coisinha melhor, nós ia nesse lugar aí, que, aliás, eu agradeço a Deus por esse lugar existir. Eu guardo com muito carinho a carteira. Essas coisas pra eu me lembrar porque às vezes você fala e a turma não acredita. Gente, aí tá as provas, a carteira de albergue que eu guardo até hoje. Esse daqui é de um albergue, Arsenal, que eu fui mandado pra lá (***) desespero, agora o mundo acabou (***) E lá eu apanhei, sofri pra caramba, sabe, e por aí você pode ver a data corretinho. Então, eu tenho tudo. Eu guardo essa carteirinha [Arsenal Esperança: G., leito 473] Isso. [Quanto leitos?] Tinha bastante. [Chegava a umas 500 camas?] Ah, eu acho que sim, minha cabeça é bem ruim, mas tinha bastante. Bastantes leitos. [“Associação Internacional para o Desenvolvimento... rua Almeida Lima, Brás”] Mas eu tenho a carteirinha do Glicério, eu tenho desse outro aqui em frente à câmara que eu esqueço o nome. Caso eu desmaiava, eu era encaminhado pra esses lugares. [*Idem*].

Na rua, G. viveu todos os sofrimentos imagináveis e inimagináveis de um morador de rua:

Agora, você imagine que uma vez na rua, um moço do restaurante chamou eu e a Bete pra comer e nós tava dois dias sem comer, nem pão seco, não tinha nada, e o homem deu comida pra gente dentro de um saco, tava cheio de vidros quebrados, pra gente comer. Vidros! Vidro quebrado. [*Idem*].

Da nossa parte, uma das imagens mais fortes que já presenciamos no centro foi durante uma noite de inverno, na praça do Patriarca. Lá, dezenas de moradores de rua estavam deitados, todos muito juntos e enrolados em cobertores, formando uma fileira de vários metros, talvez, uma centena. Desprotegidos, é fácil imaginar todo o tipo de violência que são vulneráveis e estão submetidos. E, por isso, um dos episódios mais marcantes narrados por G. foi o assassinato de seus amigos no ano de 2005. Na época, este fato foi bastante noticiado pela imprensa no Brasil inteiro.

Imagina nesse frio, eu com um monte de remédios desses pela rua. Porque a qualquer momento você tá sendo agredido. Uma vez, na Praça da Sé, tentaram matar a gente, na época que tava matando as pessoas... Eu mesmo... Eu mesmo fui vítima, fui vítima de um atentado. E como eu tomava remédio, os outros me defenderam. E eu tava praticamente dopado. Durante a noite (***) juntaram todo mundo pra me tirar, naquela época que teve o massacre, massacre, tudo... Isso! Tinham umas pessoas tentando matar a gente na época. E as pessoas comentaram, gritaram que eu tinha problema, e conseguiram me arrastar. (...) [Você chegou a conhecer alguns deles?] Tudo. Conheci todos. Todos! Todos são meus amigos; todos estão acostumados a dormir junto comigo, porque o frio era tanto que nós um esquentava o outro. Todos! Eu só não fui assassinado mesmo, porque uma senhora do Capão Redondo... uma senhora chamada Tereza, mas nós chama ela de Eta, ela veio na cidade, porque ela me conheceu bem nessa fase que eu era maltratado; então ela veio na cidade bem nessa época que tavam matando as pessoas; ela me levou pra passar um tempo na casa dela, com medo de alguém me matar. [*Idem*].

Por isso que quando a gente tá dormindo lá, tem gente que toca fogo, esse massacre. [Você já viu algo parecido?] Já! Vi incendiando. Sim! Sim! Sim! Sim! Deitado lá assim quando você viu eles chegam e cercam. Aí já joga enquanto o outro risca... ele só não foi queimado porque ele conseguiu na ânsia fugir depressa, pegou só nas cobertas, mas por pouco... Presenciei tudo isso. [Você fugiu também?] Todo mundo foge nessa hora. Presenciei, eu tava lá... Hã? ... de carro, de carro, desce. (...) [*Idem*].

G. também reclama da intensificação da repressão aos moradores de rua na região central da cidade, intuindo uma estratégia higienista praticada pelos poderes públicos:

Ele [o prefeito] deixar essas caras tomar o cobertor da gente, e jogar água na gente, e tratar a gente como um lixo. (...) E taca água na gente! Sim. Tem o *slogan* da prefeitura. De amarelinho, segurando... e nós deitados, e aí liga o esguicho e taca em nós. Aí molha tudo. Quantas vezes eu fiquei batendo queixo... É igual; até jogou água num rapaz aqui, eu lembrei, eu até chorei. Agora! Jogando água. [“Sequinho ali o cara. Só o do choque (***) num colchão, ele pegou, acordou o cara, pegou o colchão, tirou a roupa do cara e jogou no caminhão e levou embora”, intervenção de um outro morador] Bate na gente. Porque eu não podia levantar correndo. Muitas vezes eu apanhei, porque eu não conseguia levantar por conta de tomar remédio errado, porque não tinha quem me dar na hora certa. Então isso me chutavam, me batiam; tirou sangue da minha boca, um GCM. Até que quando viram os remédios falaram – um dia um deles falou –: “Ah, você pode procurar a corregedoria; se você for lá, nós mata você”. É, eu não sei como ele falou, é, como é que é? “Seu cachorro. Coisa que a cidade não quer”. (...) Quando o soldado da GCM... quando eu tive uma crise epilética, eu fui pedir socorro, eu levei um tapão na orelha, igual nós levamos várias vezes. (...) Ele [o prefeito] falou uma vez que queria a cidade limpa. A cidade limpa que ele fala é limpar todas as pessoas que estão na rua. Como se nós fosse sujo. (...) Morador de rua também vota. Eu voto; sabe que eu voto? Eu tenho o meu título de eleitor. Eu sou uma pessoa; eu nasci; eu não pedi pra crescer nesta terra, mas eu tô em cima dela. E eu mereço o meu espaço nela, o carinho das pessoas; eu não sou bandido. Eu sou um ser humano. Não sou bandido. [*Idem*].

Apesar de tanto sofrimento, G. demonstrou humanidade, ensinando que na rua há solidariedade que frequentemente falta no cotidiano da cidade. G. fala coisas comoventes:

Eu falo isso em condição de pessoa que já viveu na rua; porque você pode ver que na rua tem muitas pessoas, que são, vamos dizer assim, dependentes químicos, mas tem tanta gente honesta, tanta gente boa, que simplesmente não teve aquela oportunidade de viver dignamente; tem gente que trabalha, cata papelão. (...) [Num albergue] Eles descobriram que era o meu aniversário, o moço que me atendeu, eu ganhei de presente 50 reais. E eu falei: “vou comer!” Tinha dias que eu não comia. Eu comia os lixo nas ruas. Aí eu entrei num lugar, e comprei comida, comprei bastante; comprei comida pras outras pessoas (...). Eu considero essa ditadura – eu vou colocar aqui que me marca muito –; eu olho a foto da minha mãe aqui, sabe assim, às vezes eu me arrependo de uma resposta que eu dei, muitas vezes eu chorei na rua: quantas vezes minha mãe veio me dar um prato de comida e eu falava assim. “ah, mãe, não quero isso não!” E hoje eu tava com fome e tive que comer uma casaca de banana no lixo. Eu hoje me arrependo tanto. [*Idem*].

Com relação ainda à violência de rua, F. (57 anos) nota que em muitos desses casos envolvem algum tipo de preconceito, seja ele em relação ao próprio morador de rua, seja racial, ou de qualquer outra ordem:

Você vê, os ratos... Os ratos não... Quer dizer, ontem foi preso... “skinheads”. Ontem foi preso quatro caras, e um deles, em 2009, jogou uma bomba na “Parada Gay”, e feriu várias pessoas. Ele foi condenado 10 anos. Ontem eles foram presos de novo, fazendo o mesmo trabalho, e continuam na rua. [Espancando moradores de rua] Então quer dizer, é igual a sociedade? Só porque os caras é filho de juiz, disso ou daquilo. Os caras pegaram lá em Brasília, há uns anos atrás, e tocaram fogo em três índios¹⁹⁷. E um dos caras era filho de um parlamentar; e os caras foram preso? [*Entrevista 7*].

Não poderíamos deixar de mencionar aqui também a violência que o mesmo F. sofreu na infância, envolvendo questão racial e também de classe social:

Uma vez eu tava na beira da praia, e quatro “playboy”, branco, com quatro moças brancas: “Esse neguinho já andou de lancha?” Eu nunca tinha subido numa lancha,

¹⁹⁷ Na verdade, trata-se do caso do índio pataxó Galdino, morto por jovens oriundos da classe alta de Brasília, que alegaram ter confundido a vítima com um mendigo.

eu nunca tinha posto o meu pé em cima de uma lancha. Aí eu falei: “Não, não, nunca andei”. “Então vamos passear de lancha com nós!” Eu subi na lancha, com eles; quando chegou a uma distancia que você via as pessoas do tamanho de um buraco, eles pararam a lancha... [Fernando reproduz o barulho do motor desligando com a boca] Aí um me pegou pelas pernas, outro pelos braços. Advinha? Me jogaram na água. Sabia, eu nadava muito! Aí foram com a lancha lá na frente. [Barulho do motor] Aí chegou lá na frente, fizeram a volta com a lancha... [Barulho do motor] Aí ficou de frente pra mim, e eu no meio da água, com a cabeça fora d’água. [Motor desligando] Eles ficaram de frente pra mim... [Barulho de motor, como se fosse de uma moto] Aí sabe o que fizeram depois? Em velocidade [Intensifica o barulho do motor, num volume bem alto] pra me atropelar dentro da água. Tá ligado, meu irmãozinho? Cabelo branco aqui conta pra você a real, meu filho. Tá, é experiência mesmo. Aí eu pensei, se eu nadar, a lancha me alcança, rapidão, eu era moleque esperto, com 15 anos de idade: se eu sair a nado os caras me pegam. Eu falei, já sei, vou deixar ela chegar perto, mergulho pra baixo. Foi assim que eu fiz, fiquei tomando fôlego [Fernando reproduz ruído de respiração ofegante], com a cabeça fora d’água e olhando pra lancha, e a lancha [Barulho de motor] quando ele chegou a uma distância aí eu... só virei o corpo e vou, vou, vou, vou, pra baixo, aí eu virei assim, quando eu virei ficou tudo preto, que a lancha é pintada de piche por baixo, aí escurece a água, e aquele monte espuma da hélice. Você já pensou se aquela hélice me pega, cara. Só pedaço, não puxa, não, só pedaço ia ficar... Você vê, a maldade do branco. Então, cara, e foram embora, e me largaram lá. Aí eu vim a nado, devagar, parava, braçada, sabia nadar, e fiquei com medo de praia. Tanto é que hoje em dia quando eu vou pra praia nem banho de mar eu tomo. De tão enjoado que hoje eu sou de praia. [Idem].

Enfim, eis o último ato! Pois ainda há espaço para algumas considerações a respeito da complexidade dos fatores que enchem de moradores as ocupações. Vejamos: Há um vazio entre o Estado e a sociedade. Isto é, a sociedade organizada capitulou diante das prerrogativas da economia e abriu mão de um projeto de formação mais elementar dos indivíduos que compõem a sociedade civil. Por exemplo, sequer há um investimento substancial em serviços essenciais, bem como apoio em termos pedagógico, educacional, psicológico etc. que vão além da maquiagem estatística, na formação dos jovens,

principalmente daqueles que procedem das classes pobres. Este vazio resulta em falta de perspectiva de trabalho e até frustrações de expectativas sempre colocadas em patamares inatingíveis pela sociedade de consumo. A completa ausência de um projeto de transformação social, que daria um significado coletivo às demandas da sociedade, aumenta ainda mais o abismo social, num país de forte concentração de renda.

Dentro deste raciocínio, gostaríamos de nos deter primeiro nos casos de R. (16 anos) e de A. (14 anos). A história de vida dessas duas irmãs poderia ser contada em qualquer outro lugar do Brasil sem causar qualquer surpresa. Pois, como num jogo de espelho, se repete indefinidamente. Apesar da pouca idade, R. já é mãe solteira, e A. está grávida. A falta de informação e o descaso do governo, com relação à gravidez na adolescência ao não adotar políticas de saúde pública capazes de conter o problema, são mais um dos agravantes que vêm se somar ao mencionado vazio. Sem um projeto real de futuro acessível a todos, o imediatismo tende a se tornar uma saída, diante da falta de sentido do mundo.

R.: Não estudei, por causa da gravidez. (...) Ah, a gente acorda, limpa a casa, faz comida, lava a louça... troco fralda, dou de mama, levo meu irmão na escola, entendeu. (...) Não. Creche já entrei com um pedido na justiça, pela defensoria pública, mas faz três meses e não chamaram ela ainda. Eu entrei faz três meses justamente, eu tenho o papel. Eu já levei na creche em São Lucas, não, sei lá, na São Judas, na coordenadoria, e não pegaram ela. Falaram que tinha que esperar; eu fiz o cadastro dela no dia 19 de abril. (...) Fiquei com ele dois anos. A gente não dava certo mesmo; eu separei dele grávida. Aí eu separei dele grávida e com nove meses de gestação a gente voltou. Só que não deu certo do mesmo jeito; porque ele me trancava na casa dele pra fumar craque, junto com minha filha. (...) Eu separei dele porque ele me agredia, entendeu, e tinha muito ciúme. Mas até hoje ele não dá nada pra filha dele. Não, não estou com ninguém; essa aliança era dele, eu não tirei por costume. (...) Não com ela. Mas eu ficava curiosa: porque esse homem fica tão louco por causa de droga. Aí eu comecei a experimentar, me viciiei; fiquei, o quê, mais ou menos seis meses viciada e drogas. Seis meses ou mais. Usava cocaína, lança perfume e maconha. Mas mais era cocaína. Aí eu fiquei sabendo que tava grávida e parei. [Entrevista 4].

A.: É fazer o quê, né. O mundo tá tudo assim: gente com 12, 13 anos com filho. (...) Atrapalha. (...) Fazer o quê, vai matar? Fez tem que criar... [Idem].

R.: Atrapalha bastante. Ela não atrapalha ainda porque o dela tá na barriga. Eu quero trabalhar e não tem quem fique com ela, então... porque ela – A. – que olhava ela. (...) Aí eu fiquei sabendo que eu tava grávida. Fiquei sabendo não; eu tava fugida de casa, e eu já tava grávida do pai da minha filha. Aí eu fiquei vinte dias fora de casa. Eu fiquei na favela da Dez, é aqui na Armênia. É uma favela, é uma invasão também. Aí eu peguei e usava bastante, cocaína; aí eu comecei a usar e começava a vomitar. Aí os outros falavam, nossa, tá usando demais, não era isso... Não, eu tinha fugido dele, do meu pai, da minha mãe. Eu tava sozinha; fugi com minhas coisas... Só que eu conheço todo mundo lá... Aí eu comecei a vomitar muito; o que será que tá acontecendo? porque eu nunca vomitei. Aí depois de um belo dia, meu pai foi me buscar, aí eu vim embora pra casa; aí eu almocei e vomitei; aí eu fiz o teste, deu positivo. Aí foi no dia do aniversário do pai dela, que eu fiz o teste, deu positivo. (...) Meu pai também é assim; meu pai perdeu os neurônios, por causa da maconha. (...) Não só maconha. [Seu pai usava maconha?] Ele usa. Desde os 15 anos ele usa maconha; ele vai fazer 50. [Como é a refeição de vocês?] Salsicha (risos). Arroz, feijão, a maioria de nossa mistura é salsicha, né; porque é mais barato. [Carne?] Carne de vez em quando. Mas agora que minha mãe tá trabalhando a nossa situação vai melhorar. [Igreja?] Eu ia, na evangélica. Sou batizada; *Assembleia de Deus*. A última que eu fui foi a *Renacer*; eu cantava lá. Não, eu cantava solo. [*Idem*].

O que foi dito acima, pode ser dito também com relação ao problema das drogas. Longe de um questionamento moral, sobre o uso de drogas, algumas substâncias, como o “craque”, degradam mental e fisicamente o usuário. Isto é patente em uma simples constatação nas ruas do centro da cidade. Frequentemente, os viciados são identificados, no imaginário das pessoas, com autômatos ou criaturas de filmes de terror. Os efeitos das drogas são como um *esquecer*. Talvez, seja a forma mais visceral de dizer não à vida e permanecer vivo. Como é bastante conhecido, o centro da cidade também abrigou a antiga Cracolândia, para alguns, verdadeira calamidade social. Os moradores do Prestes Maia conheciam essa realidade bem de perto:

Mas Ave Maria, Deus! E a loira lá, linda a loira: a menina andando na rua, de pé de no chão, não se arrumava mais; é, a amiga, corpo jogado no chão, era bem loirinha, jogada dormindo na rua. Milha linda! E vi vários morrer, de droga, craque. Craque, menino, craque é triste! Eu fico muito triste de ver tanta destruição

por essa droga. Tem uma hora que eu penso assim, meu Deus, o governo devia acabar com isso. Eu acho que se ele quiser ele acaba, se ele for diretamente nos grandes, nos traficantes grandes, acaba. É muita família sofrendo! Eu passo ali, eu tenho dó de ver eles tudo sujo, fedendo. [Entrevista 12].

É claro que o problema das drogas repercute mais negativamente nas classes de baixa renda, não se resumindo apenas à dependência química do viciado e aos danos à saúde causados por ela. Segundo o depoimento de uma mãe, J. (53 anos), esta conseguiu *salvar* a tempo seu filho, envolvido com drogas e ameaçado por traficantes na Paraíba:

E ele tá por aí, quase jogado, que ele não é muito certo da cabeça. (...) Foi preso lá na Paraíba. Eu achava que ele ia melhorar. Só que ele passou quatro anos preso e aprendeu muita coisa ruim; droga também. Só que ele diz que não está *usando*. Mas eu não acredito, porque eu vejo ele muito magro. Meu Deus! Mas eu tô seguindo ele, perseguindo, pra mim ver. Ele disse que não tava: eu juro, eu juro, eu juro. Mas eu tô achando ele muito estranho, sabe. Aí eu tô achando que ele tá usando droga. Ele fez um crime. Mas ele já pagou mais do que devia. (...) Mas o que aconteceu? Aprendeu o que não presta. Eu tive que trabalhar três meses numa colônia de férias pra ganhar um dinheiro pra poder ir pra lá tirar ele. Porque eu disse, ele vai morrer, lá dentro. Peguei o dinheiro todinho e paguei pra eles não matarem ele. E até, iam querer matar eu. Peguei meu dinheiro todinho, ganhei mais de 5000 reais lá, paguei a dívida de droga, pra ele não morrer. Aí ele diz que não tá usando. Mas eu acho... Morando aqui na Luz... Precisa de ter uma cabeça muito boa, e ele não *tem*! Ele não tem. Tem uma hora que eu digo, meu Deus, que que eu faço, porque lá na Paraíba é pior ainda que São Paulo! Tá pior! E lá, quem vai pro semi-aberto, por isso que eu digo que – eu vim até pr’aqui, eu tenho que resolver os papéis dele – porque lá no semi-aberto é morte, sai no semi-aberto é morte. Não sei se você já viu na televisão? Então eu cheguei, paguei o traficante e tirei... Porque ele já tava continuando a vender! Ah então eu vou tirar ele daqui, porque senão eu vou ter que trabalhar a vida toda pra ficar pagando dívida de droga. Aí até falei pra ele. Então vamos embora. Se você quiser ficar aqui pode até ficar, mas não conte comigo mais pra nada. Eu lavei minhas mãos. Ele tem 29 e é o mais novo. [Entrevista 12].

Entretanto, T. (55 anos) e N. (43 anos) não tiveram a mesma sorte. A primeira teve o filho de 19 anos assassinado no Maranhão; e a última, o filho de 18 anos, também morto, em Santos. Dos rapazes, elas guardam lembranças e fotos em álbuns de fotografias.

Mataram meu filho, mais novo, vai fazer um ano agora em agosto, dia 12 de agosto. (...) Eu não tenho palavra quanto a isso. (...) Esse que morreu. [Dona Terezinha pega um álbum de retrato] Olha, esse aqui é ele. Aqui é no meu aniversário. Esse aqui que tá do lado dele também foi morto. Lá, como tem esse negócio de matar os outros! [É pior do que aqui?] Eu acho que é igual. É por causa de droga. Ele tava com 19. [*Entrevista I*].

Mas depois que ele faleceu, né, antes eu não tinha religião, era uma pessoa sem religião. Depois que ele faleceu eu comecei a buscar algo que me tirasse essa tristeza, né. E foi no espírita kardecista que eu consegui uma esperança; porque é o crer na reencarnação. Porque, segundo eles, ele pode ainda vir para minha família, pra mim, como um neto. Tá entendendo; então, só esse fato dessa religião me dar essa esperança de eu tê-lo comigo ainda, como um neto... sei lá, isso já me alimenta muito, entendeu, já me fortalece bastante. As outras são também boa; a católica, a evangélica, sem dúvida, são religiões ótimas, todas falam de Deus, são maravilhosas, eu participei um pouco de todas elas, mas não crê na reencarnação, acham que morreu, ali acabou, e ali encerra. Então aí me dava uma tristeza, porque eu sabia que eu nunca mais ia tê-lo comigo. E o fato do kardecista crer na reencarnação me deu um fortalecimento, de saber que meu filho ainda pode vir a conviver comigo como um neto. Eu vou ter vários netos. Então, as únicas coisas que eu guardo dele são fotografias e um moletom; – que ele morreu em julho, agora vai fazer cinco anos dia 10 –, na época de frio, ele tinha comprado um moletom, um mês antes, e ele vestiu umas três vezes, e eu nem cheguei a lavar; ele vestiu umas três vezes e depois aconteceu esse fato dele morrer. Então esse moletom dele, eu guardo como lembrança. Eu não uso esse moletom dele, está guardado comigo, porque tem o cheiro dele. Ele usou três vezes, não foi lavado, e eu não uso, ninguém aqui em casa usa ele. Tá guardadinho. Na época de sol eu deixo ele no sol pra tirar cheiro de mofo. Já vai fazer cinco anos, eu guardo... Já tive mensagens, como eu falei eu frequento um centro espírita, Allan Kardec, kardecista, onde eu recebi mensagem do meu filho; onde meu filho falava pra mim doar o moletom dele. Meu filho falava pro médium e o médium falava pra mim. Falava: o seu filho lhe mandou uma mensagem; a mensagem é pra você doar o moletom que ele deixou. O moletom era um segredo meu. Ele é guardado, eu não

tenho guarda-roupa, eu tenho uma mala, ele é guardado no fundo da minha mala. E eu guardo, porque foi a roupa que ele usou por três vezes, não chegou a ser lavada, tá aí ainda com o cheirinho dele. E ele deixou tênis, deixou bermudões, que ele usou varias vezes e eu guardei por um tempo e, sem mensagem sem nada, eu resolvi doar. Eu doei lá em Santos mesmo. Eu peguei os bermudões, tudo “Adidas”, “Billabong”, marcas assim, né, peguei os bermudões, camisetas, tênis, e falei, eu vou doar, né. Coloquei numa sacola, comecei a andar pela rua, aí aquela pessoa que eu sentia de doar, eu falava assim, ó tou te dando; eu não falava nem a origem, porque tem gente que fica sabendo que é de uma pessoa que faleceu fica com medo, né. Eu falava, ó to com esses tênis aqui, com esses bermudões, vai cair muito bem em você, é seu corpo, então, você quer pra você? “Ô, tia, eu quero sim, tia, obrigada, Nossa, eu tava precisando”. Então, ó, usa, usa bastante e te cuide bem. Então eu cheguei e doei tudo. A única coisa que eu deixei foi esse moletom pelo fato de ele não ter sido lavado. Estava com o cheirinho dele. “Mãe, eu quero que a senhora faça uma doação do meu moletom”. Não tem muito tempo isso não, sabe, essa mensagem que eu recebi. Tem um mês e pouco. Eu tô ainda pensando, né. Eu pego no moletom e sinto o cheiro dele, e sinto vontade de guardar. Mas lembro, da mensagem que ele mandou pra mim. E apesar de religião ser igual política, tem muita polêmica, também o espiritismo tem polêmicas de mentiras, né; mas foi verdadeira essa mensagem. Ninguém tinha a informação que eu teria nada do meu filho, muito menos um moletom, e a mensagem foi bem clara: mãe doe o meu moletom. Não. Mas eu já recebi psicografada, já recebi. Mas, logo no início, que ele morreu, eu recebi psicografada. Mas essa mensagem foi um mês e pouco atrás, por sinal eu tô ainda... né, eu vou doar, eu vou doar. Eu vou doar porque a mensagem foi verdadeira, esse médium, ele não me conhece, ele não sabe que eu moro aqui; aliás, poucas pessoas do centro sabem onde eu moro, eu chego lá como uma pessoa normal, pra aprender o evangelho. [Idem].

Coisa curiosa, o esposo de N., F. (53 anos), durante toda a entrevista, que durou mais de três horas, em nenhum momento mencionou o filho; em compensação, o depoimento de N. quase se resumiu à fatalidade ocorrida no litoral. N. definiu o casal nos seguintes termos: “nossas histórias são opostas. Sabe o que é *opostas*? Eu sou do interior e trabalhei na roça e ele é do centro de Salvador. Eu tenho uma mentalidade, ele tem outra” [Idem]. No entanto, na avaliação que fizemos do casal, constatamos duas pessoas dilaceradas pela tristeza. Por incrível que pareça, a omissão de F. talvez tenha sido inconscientemente deliberada. Neste caso, palavras dizem menos que o silêncio:

Ultimamente, você sabe que você tem uns problemas. Aparentemente você não demonstra, mas intimamente você sabe que você tem uns problemas. Se você mata alguém, mas ninguém viu, ninguém soube, mas você sabe que você matou alguém. Mas, tá com você, aqui. Então. Eu estou com muitos problemas, ultimamente, de um tempo pra cá. Tiraram assim a... a... aquela vontade de eu fazer um negócio, tentar fazer outro; sentar assim nas horas vagas e olhar a minha agenda; completar aquilo que eu deixei pela metade. [*Idem*].

Daqui, já avançamos muito e tomamos distância suficiente para se ter uma noção da realidade à nossa volta. Assim como do alto de uma serra é possível avistar toda a cidade, lá embaixo; daqui, também assistimos a trama de um enredo intrincado, à nossa frente, como se nos localizássemos num anfiteatro. Ou como o besouro, que escapa da armadilha mortal de um aracnídeo, consegue de longe enxergar a teia geométrica, também nós podemos compreender alguns dos segredos deste mundo encoberto pelas sombras. Enfim, é possível enumerar todas as consequências derivadas destas descobertas. Vejamos: a crise estrutural do trabalho causa um curto circuito no esquema clássico do capital, resumido da seguinte maneira: acumulação primitiva, expropriação camponesa e formação de um mercado de trabalho, absorvido pela indústria ou pelo terceiro setor. Assim, a “flexibilização” do trabalho aparece como sintoma de uma exploração cada vez mais intensiva, com o aumento de capital constante. No caso examinado, o salário mal cobre as despesas da moradia num quarto de cortiço! Um contingente considerável é jogado à informalidade. Políticas higienistas entram em ação sob os auspícios da chamada “gentrificação” e de ideologias afins. Um fosso se abre na sociedade.

Os movimentos de moradia vêm preencher esse vazio.

O Prestes Maia

Há um momento em que a vida se transforma em ficção e não sabemos o limite entre o real e a fantasia, porque verdadeiramente não existe limite algum. Descobrir em

nossas memórias o que foi real ou imaginado é um desafio que diz muito sobre a certeza de quem fomos e ainda somos. Na arqueologia de nossas lembranças, tudo é computado: livros, filmes, histórias, fatos, mas principalmente os sonhos. Principalmente os sonhos! Não abandonemos tão logo F., que, na sua infância, também foi, como seu filho, internado num reformatório e outras instituições correedoras.

Aí o que aconteceu, dava muito trabalho, eu era um garoto que gostava de viver em rua; ficava três dias sem ir pra casa, cinco dias, quinze dias... Então, eu frequentava uma área, lavava carro do pessoal daqueles prédios; ganhava um trocadinho de cada um porque não podia dizer que era dinheiro, né. Lavava o carro de um, lavava o carro de outro; ia comprar um jornal pra um, ia comprar o jornal pra outro... Fora da escola: essa vidinha que a criançada gosta, dava vontade e tal. Aí falava, “venha cá, neguinho”; aí eu fala, “vou, vou”; “ó, compra isso, e o que sobrar é seu”. Sobrava o quê, 50 centavos, 80, como se fosse hoje; na época era o cruzeiro. Aí chegava nos prédios: “Cadê a latinha?”; aí eu pegava minha lata de leite ninho, botava arroz, feijão, bife, sentava na escada do prédio; e aí, pá, pá, pá, pá, enchia a minha pancinha, também sou gente, né; aí, e ficava nessa! E aí depois, a vida foi, foi, foi, foi; e umas situações... passei dificuldades: ...juizado de menores, interno; colégio interno... É assim, naquela época não existia FEBEM, que é pra moleques marginalizados, né, que dizem, marginalizados; que na verdade não é marginalizado, quem marginaliza é o Estado, o governo: que marginaliza as pessoas: essa é a minha experiência hoje. Mas na época eles falavam, que eles tinham instituições, não era FEBEM, eram instituições, (...) ensinamento rígido igual um quartel, você tá entendendo, ensinamento rígido, fazia uma coisa errada era seis bolhas de palmatória; outra coisa errada tinha que cavar um buraco de 1 metro quadrado e tampar de novo; é, num sol de quarenta grau, as formigas saúvas, desse tamanho, subindo nas canelas, você tendo que bater as formigas em torno de picareta. E eu passei também, tive minha passagem, fiquei um período de uns dois anos, a primeira vez; depois consegui fugir de lá, o que era muito raro, muito difícil você conseguir fugir e conseguir escapar. Não sei se você já leu uns livros bons igual eu já li; e li muitos livros bons. Então eu li o *Papillon*. Você leu o *Papillon*, já ouviu falar desse homem, o *Papillon*? Eu li o *Papillon*. (...) Para você escapar você teria que ter muita sabedoria, e eu consegui, depois fui recapturado dentro de Salvador, me mandaram de volta; e eu consegui a segunda vez, e não voltei mais nunca. [Sobre a sua fuga] Meio complicada, sabe. Eles iam atrás de jipe, se me pegasse, me amarrava com uma corda assim ó, e o jipe andando, e você

caindo, se ralando todo, porque lá não era asfalto, era estrada de terra, arrastava... Era muito perverso, sabe, muito perverso mesmo. (...) Lá cada um tinha um tipo de função. Se eu soubesse lidar com roça, os caras me mandariam pra roça. Se eu sabia lidar com porcos, na pocilga, eles me mandariam, como tinha o pessoal que trabalhava só na pocilga, alimentando, cuidando de porcos... Quem trabalhava com boi, ia trabalhar com boi. Quem não entendia nada dessas funções, né, igual eu, criado em Salvador, nascido na Capital, tal, então eu não entendia nada disso; então eles me botava pra fazer curso. Aí meu primeiro curso foi arte gráfica. Que eu aprendia a fazer arte gráfica; fazia cama de boneca, na maquina, conjunto de mesa com cadeira, armário de cozinha, guarda roupa; móveis de boneca, de criança, de menina, né. Montava móveis de menina; fazia outras coisas: estilingue. Então, essas coisas todas. E aprender uma profissão dentro daquilo que eles tinham. Aí tinha uns que escolhia barbearia, outros que escolhia ajudante de cozinha, outros escolhia ajudante de padaria, outros ia pra lavanderia, mecânica e tarará-tará. Eu escolhi a banda de música porque eu já tinha uma vontade, gostava e tal, queria aprender a musicalidade, pra aprender o que é partitura, divisão de tempo, e música e tal e essa coisa toda. Só que também não me profissionalizei, só fiquei ali; tipo, tô aprendendo mas na verdade eu estou enrolando, né, até o tempo de eu poder fugir e ir embora. (...) Eu li muito, e eu li vários temas. Na minha época de garotão eu adorava leitura; adorava porque através da leitura, você se desenvolve. Você sabe disso. A leitura dá uma sabedoria. Então quando eu aprendi a ler, a minha mente voava, quando eu era moleque, sabe; eu me colocava dentro da história. Tipo, eu lia, é, O Sítio do Pica-pau Amarelo, vamos dizer assim, o Monteiro Lobato, que foi o *Monteiro Lobato criou*, segundo um samba do Rio de Janeiro; então eu lia Monteiro Lobato e eu me colocava dentro da história do Monteiro Lobato, era como se eu estivesse participando da história, entendeu. Então, através daquilo, eu dava asas à imaginação. (...) Eu tenho passagens na vida, cara, que se eu conto para uma pessoa nos dias atuais, nego não acredita, acha que eu to fantasiando. Mas foi real. Eu sei que foi real porque eu vivi essa realidade. [*Idem*].

Todavia, alguém poderia nos perguntar: qual é a importância deste longo depoimento? Quem melhor poderia responder esta pergunta que o próprio F.? E a resposta é que o ser humano necessita mais do que alimentação e moradia: precisa de sonhos.

Sonho pessoal, cara; sonho pessoal! Isso tem que ter uma forma de se desenvolver. Você não vai viver a vida inteira comendo arroz-feijão, e achar que está bom. Se

um dia você puder comer um contra-filé, melhor pra você. Se um dia você puder, ao invés de um copo d'água, você puder tomar um refrigerante, melhor pra você. Então é isso. É tudo como uma necessidade fisiológica que a gente tem. O crescimento, também é uma necessidade, do ser humano. Se você fica querendo que eu fique parado onde eu estou; você tá querendo discriminar a minha inteligência. Todo mundo quer crescer. (...) Então não vai querer pegar um cara como eu, de 58 anos, muito vivido, e dizer, “tá bom pro senhor assim”. Mas sabe porque eu tô falando claramente pra você? Porque tem pessoas que agem assim. Se você falar que você pensa em crescer, que você sonha em se melhorar. A pessoa fala: “Não, pô, você não tem moradia, alimentação? Tá bom. Tem gente que nem isso tem”. A pessoa vai falar isso pra você... [*Idem*].

Eis a resposta! De certa forma, o Prestes Maia é o lugar onde os sonhos são possíveis. Possíveis para aquelas pessoas que nunca foram permitidas viver um sonho. Através da máscara da habitação, da casa própria, do consumo, estas pessoas subvertem seu significado real e descobrem um sentido profundo do que é o verdadeiramente humano. Ao redor, na cidade, a multidão vive processos heteronômicos ditados por uma lógica das coisas impessoais. A multidão é metamorfoseada em autômatos e escravos, que incorporam o *espírito da colmeia*. Já no Prestes Maia...

Já no Prestes Maia, até a matemática é subvertida. Vejamos este estranho cálculo, onde o menor vale mais que o maior:

Trabalho no SESC e uma pessoa de lá, que ganha 1500 veio falar pra mim: “Ah, você”... Não, ganha... não, é 1500, o cara é formado... “não, porque você...” Eu falei, não: depende! O nosso salário gira em torno de uns 900 reais. O nosso, né. Eu falei: é, se você ganha 900 reais, mas você ganha 2000, e você gastar 2100, e aquele 900 reais gastar apenas 300; quem ganha 900 reais tá ganhando mais que você. Então é isso. Então é isso que aconteceu, entendeu. Então graças a... a moradia aqui, eu posso dizer, entendeu, não é ainda o ideal, o ideal é moradia digna. Mas eu posso garantir pra você que aqui é um passo para qualidade de vida. Qualidade de vida digna; qualidade de vida que todos gostariam de ter. Por quê? Porque, querendo ou não, através desse movimento aqui a pessoa vai ter condições de guardar um dinheiro, vai ter condições até mesmo de procurar um emprego, viu; porque às vezes a pessoa mora numa situação tão difícil que não tem condições

nem de procurar um emprego. Então é isso, e eu acho que eu fui bem claro. [Entrevista 25].

Neste sentido, para D. (38 anos), morar no Prestes Maia é sinônimo de *qualidade de vida*. Ele próprio revelou ter tido um dia preconceito das pessoas que moram em ocupações. Todavia, relatou-nos, ao despertar numa manhã, que...

Só que um belo dia eu acordei, passando por aqui, eu falei assim: mas que diferença faz desse lugar pro lugar que eu tô morando? A diferença é que as pessoas que tão morando aí – aí volta no princípio: a diferença é que eles pegam o dinheiro que era pra pagar aquele lugar horrível, eles pegam e investem e alimentação, investe em saúde, investe sabe no quê? num tênis, numa roupa. A única diferença é essa, e chegando nessa conclusão, eu cheguei e falei sabe de uma coisa, eu acho que eu tô sendo esperto, eu acho que eu tô sendo inteligente, morando lá, e eu acho que eu tô tendo qualidade de vida morando lá, e eles é que tão tendo qualidade de vida. [Idem].

E novamente a referência aos sonhos:

Nossa, eu passei por várias etapas, que se a pessoa olhar, dependendo da óptica que a pessoa olha, é um aprendizado riquíssimo. Entendeu? Dependendo, dependendo! Dependendo da óptica que ela olhar ela pode ficar doida. A minha vida é uma decadência. Não! Eu não vejo assim. Eu vejo que eu vou sair dessa situação; eu vejo que eu vou, entendeu, dar uma guinada, uma reviravolta na minha vida, entendeu. Não pense você que todas as pessoas daqui não têm sonhos? Têm sim! Porque moradia é uma coisa muito básica, é uma coisa mínima. Entendeu? Eu tava comentando exatamente ontem assim, ó: uma moradia, a pessoa vai sonhar? Vai, mas ela não vai sonhar só com uma moradia; isso é uma coisa básica. E é até uma vergonha pros nossos políticos: ah, você tá lutando por quê? Por uma moradia?! É uma coisa básica, uma coisa mínima, que você tem que ter. Isso é uma coisa tão antiga. (...) É uma coisa mínima. É uma coisa banal. De primeira... É como alimentação. E a gente tá nessa luta como se fosse... entendeu; tem gente lutando pra ter um empresa, lutando pra ter um título... então pra você ver como nós estamos atrasados. Como nós estamos... é uma coisa assim, bem desumana. [Idem].

E aqui talvez seja oportuno mencionar como V. (44 anos) descreveu seu cotidiano antes de residir no Prestes Maia:

Todos nós que vive numa metrópole do tamanho de São Paulo precisa fazer um tratamento, meu amigo, senão a gente fica doente; e vai se alastrando e quando a gente vai ver já tá crônico. Eu faço terapia semanal com a doutora. Por quê? Porque eu não sou louco. Eu tive um desacerto com a mulher e tive uma depressão profunda. (***) Ela me deu uma facada. (***) Se ele for num médico psiquiatra, ele fica bom, meu amigo. Não é doido! O cara que vai num psiquiatra fazer terapia não é doido. É um cara que quer viver; que quer tratar de sua doença. (***) Não porque rico não pega nada [ir para um psiquiatra], porque tem dinheiro. Mas se for pobre, eles diz que é doido. Não é doido, que nem por exemplo, se você machucar se braço você vai tratar seu braço, não é verdade? É uma doença; é uma praga de cidade grande. Entendeu? E você pega. Eu tô no metrô cheio, uma depressão de duas horas no ponto de ônibus, veio mais eu não cabia, carregando marmita, porque eu carreguei marmita durante 10 anos; trabalhei durante 10 anos de balconista de padaria; trabalhei mais dois anos de faxineiro de prédio, carregando a marmitinha; trabalhei 10 anos e acumulando, acumulando, acumulando. E você vai deixando, vai deixando. Aí daqui (***) você tá piradão, meu velho. (...) E o trem pra ir pra Suzano! Cinco horas da manha de Suzano pra São Paulo pra tu ver como é que tá. Ói, eu morei já em Suzano, pegava todo dia uma lotação até o centro, do centro eu vinha pra São Paulo, imagina se eu fosse pra fila como eu ia chegar na empresa?! (***) Se você faz uma pequena falha, tu perde o emprego. Hoje em dia tem muita gente desempregada aí, porque infelizmente (***) tem muita gente desempregado, você pode ver! Você que tá na rua você tá vendo. (***) Então, tô com oito anos que eu trabalho pra ninguém. Dez anos, dez anos que eu trabalhei registrado. Trabalho oito anos por minha conta, por minha conta. [Entrevista 25].

Talvez para escapar da alienação do cotidiano, V. tornara-se artesão. Quem sabe para buscar um tempo em que suas memórias trouxessem um sentido “originário de seu ser”, ainda possível no seu mundo pré-capitalista?

Era tudo feito a mão. Eu li na Bíblia também que artesanato é dom de Deus. (...) E eu achei outra [revista], de um metalúrgico que se tornou um artesão e ele disse que a vida dele de metalúrgico era fazer as peças, e pra fazer as peças, não deixa a pessoa pensar. (...) Artesão é um sujeito que cria. E eu sou um artesão, eu sou um

sujeito que cria; que cria as coisas. Dessa arte aí, eu posso fazer outra. Com a minha imaginação eu posso fazer outra. (***) Desenvolve a mente. [*Idem*].

A conquista da centralidade

Se o salário era todo vertido no aluguel, a partir do momento que se rompe esse vínculo econômico, evidentemente, sobra mais dinheiro para outras necessidades, como a alimentação, o vestuário, o lazer etc.:

Eu morava com a Rita no Glicério, era bem mais difícil, porque você tirava 500 reais por mês e isso ir direto pro aluguel, agora dá pra juntar, 500 reais, 500 reais dá pra comprar mais coisa, uma roupa, um tênis, compra mais coisa pras crianças, pra nós, anda mais bem vestido. Porque antigamente o que ganhava era pra pagar aluguel, pra comer. (...) Bem melhor, o aluguel de 500 real por mês é muito pesado. Pra duas pessoas só trabalhar, com quatro crianças pra você criar, pra você botar pra comer. É pouco! Onde come um come todos. Mas você coloca quatro crianças pra vestir, quatro crianças pra comer, quatro crianças pra comer um doce, pra isso, pra'quilo, né. Tudo você coloca na ponta do lápis, pra ver quanto que dá. Tem gente que fala, “é mas o arroz que você coloca dá pra um dá pra todos”; dá pra todos, mas, só que rende mais, agora dá pra comprar roupa pra eles tudinho. Antigamente comprava uma por mês: comprava um sapato pra um, depois comprava um sapato pro outro. Tentava fazer assim, entendeu. Agora dá, dependendo do mês, comprar roupa pra todo mundo, não só pra um ou pra outro. [*Entrevista 3*].

Você paga aluguel; você tem que comer; você tem as despesas do seu filho. E fora isso, eu aqui, graças a Deus, eu já consegui muita coisa; tô arrumando meus dentes, meu tratamento ficou caríssimo. [*Entrevista 23*].

Outro aspecto interessante é que grande parte dos móveis são doações – os televisores, por exemplo, são todos muito antigos – ou são achados na rua, em mutirões realizados e por eles denominados de “shopping-rua”:

E aqui também, quando a gente ocupa, a gente faz, nós falamos, “quem quer fazer shopping-rua”. Shopping-rua é assim, quando a gente faz assim, que nem, esse

daqui eu não achei, mas balde assim eu já achei. Eu já achei balde, enxada... madeirite; acha móvel e traz pra usar aqui. Acha muita coisa. Faz shopping-rua. Traz bastante coisa. Se eu pego pra mim, aí a outra coisa fica pra outra pessoa. Televisão é doação. E também tem dia que a gente marca um dia pra ir no mercadão. Mercadão no parque Dom Pedro, catar fruta, legumes, pro movimento fazer comida pra todo mundo; quando a gente ocupa aqui a gente vai no mercadão pra fazer comida, não é? Sem ser ocupação também vai. Um chama shopping-rua, o outro “mercadão”. Também tem assim, como é que chama aquele negócio que vai pedindo de casa em casa? Nós pede arroz-feijão, alimento, essas coisas. Ou então roupa, pra dar pras pessoas que não tem. Entendeu. Essas coisas. [Entrevista 6].

A mesa, a maioria das coisas nós costuma ganhar, né. É, o pessoal sai pra pegar, shopping da noite, sei lá. Eles jogam muita coisa fora. Aquele fogão mesmo que nós estamos usando, ele tá bonzinho. Aquele é coletivo, pra gente. [Zelaide mostra um fogão em ótimo estado] Eu tenho uma televisão que eu ganhei, que eu gosto, de acompanhar as coisas. (...) O pessoal que trabalha com madeira, eles jogam, à noite, muita madeira fora. Pega a madeira. Pega lá e faz. E assim, a limpeza das escadas, né, todos os dias, que o pessoal faz. Tudo coletivo. É a gente mesmo, que faz. [Entrevista 13].

Lançamos o seguinte desafio: o de encontrar algum morador do Prestes Maia que afirme que sua vida não melhorou na ocupação. E esse desafio seria, para nós, fácil de ganhar. “E estou aqui neste espaço, na Prestes Maia, eu posso dizer que melhorou 100% minha situação. (...) Melhorou 100%, por que eu estava à margem da vida” [Entrevista 21].

Ora, as políticas habitacionais empurram todo o proletariado para as periferias da cidade como se isto fosse um benefício. Mas, são inúmeros os argumentos, por parte do sem-teto, em favor da habitação no centro da cidade; e o mais mencionado foi a distância dos bairros e do local de trabalho, geralmente no centro. Não vamos perder muito tempo com essa constatação óbvia, apenas duas declarações são necessárias:

Itaquera mesmo, você não pega só o trem, se fosse só o trem era fácil. Você pega o trem e uma perua. E a perua é de quinze em quinze minutos, fora quando ela

atrasa: vem de meia em meia hora; ou seja, aí você fica lá no ponto esperando, vem cansada. Eu quando tava pra lá, quando eu vinha trabalhar aqui no centro, Nossa, eu vinha muito cansada. Eu tinha que acordar muito cedo, né; e do trem eu tirava do meu bolso. Depois eu comecei a pagar do meu bolso o trem, mas eu vinha de ônibus; de lá até aqui. E eu acordava cinco horas da manhã, eu e minha mãe, e era muito sofrido. Aí depois a gente começou a tirar do bolso pra poder pagar o trem, pra gente poder vim, ta chegando mais cedo, em casa e tudo. [Entrevista 25].

Meu objetivo é a casa própria no centro. Por quê? Tem um porquê. Como tudo na vida é regido pelo *porquê*. E esse porquê é um porquê bem assim, como eu poderia dizer, um motivo em todos os sentidos. No sentido científico, no sentido financeiro. Em todos os sentidos é um porquê muito importante. Ah, não é só eu quero por querer, no centro. Não. Por quê? É assim, ó: quando você mora no centro – se você vive no centro – eu vivo aqui no centro, eu trabalho no centro. Por que que eu vou pra periferia? Você já imaginou, eu com uma casa na periferia trabalhando no centro? Eu vou perder duas horas pra chegar aqui, três ou quatro horas... tem a ver com a qualidade de vida. Beleza, além de perder as horas, eu vou me submeter à condições de transportes sub-humanas também! Se você pega o metrô hoje, você vai perceber que aquilo, que nem animal suportaria; anti-higiênica, desumana. Perigoso, entendeu. Se você analisar em todos os quesitos... aí você vai pr'um bairro, você perde hora, que você podia tar se divertindo com sua família, conversando. Você perde o tempo que poderia ser usado em hora de lazer. E tem mais: você vai ficar longe de tudo! [Entrevista 25].

Mas outros motivos também foram alegados:

Dizer que você vai ficar longe dos equipamentos de lazer, dos equipamentos de cultura; você vai ficar excluído: é como se pegasse você e colocasse num saco: ó, você é um cachorro, um gato, não te quero! Muitas pessoas fazem isto: não quero mais, pronto! Mas se você pega e joga, ele volta; se você joga no lixo, ele volta; se você pega um cachorro e joga no luxo, ele não volta?! É como se você fizesse o seguinte, botasse ele dentro de um saco, desse uma volta bem grande lá no fim da cidade e jogasse você lá pra você nunca mais voltar. É isso, quando eles pegam uma casa e dão pra você lá na periferia, eles estão fazendo isto. É como se fosse um cachorro: ó, se eu jogar ele lá na esquina, ele volta. Então vou fazer o seguinte, como eu não quero ele de maneira nenhuma participando da casa, eu vou amarrar ele num saco – tem gente que faz isso – aí põe no bagageiro do carro e dá uma

volta lá no fim da cidade e joga ele lá. Não sai desse lugar porque nunca mais quero ver você. Não, o cidadão não tem que ser tratado assim; o cidadão tem que tá no centro! No centro de tudo! Não só no centro da cidade, ele tem que tá participando da cultura, do lazer, tem que ter acesso à saúde, tem que ter acesso à cultura, educação... e é aqui no centro, que você tem mais acesso a esses equipamentos de qualidade de vida. Porque lá tem-tem, só que às vezes falta saúde. Tem bairro aí que o médico só vai uma vez por semana. Tem periferia que escola fecha, porque não tem policiamento. Tem periferia que escola fecha, por tá tão distante, entendeu, tá no abandono. Então sim! Uma moradia aqui! Aqui no centro; de preferência nesse prédio aqui, viu. [*Idem*].

Sem dúvida, os ditos *equipamentos urbanos*, em grande parte ligados à cultura, como bibliotecas, museus, parques etc., estão localizados na região central da cidade:

Moradia. Ese é o meu sonho, né, deixar alguma cosa para os meus filhos. Eu acho que a melhor situación é aqui no centro: pras crianças estudar, también tem mais hospitales; é bom pra estudar, pra pesquisar; tem a Luz, né, o Teatro Municipal, tem muitas cosas boas pra distração das crianças aqui. Muitas cosas. Eu levo no parque da Luz, no Museu, né – “Museu da língua portuguesa, na Pinacoteca, Museu da Eletricidade...” (filha) – Eu acho que tem muita cosa boa aqui no centro. [*Entrevista 9*].

Aqui perto, no Bom Retiro, tem um lugar, não sei se você conhece, chama telecentro; eu vou te explicar: aqui no Bom Retiro, atravessando o parque da luz, tem o telecentro, que é um local que tem computadores gratuitamente, sem pagar, para crianças que não tem condição de ir numa “lan house” e pagar, né. Lá não tem professor. Mas você chega lá e vai se virando. Lá também não tem hora pra sair: funciona o dia inteiro. Então é assim: a criança vai lá de manhã e pa pa pa pa pa pa pa, e mexe daqui, e mexe dali, de cá, de lá. Enquanto ela não enjoar, não tem essa de ficar uma hora só. Então é assim: a tarde, elas estuda; de manhã, elas vão pro telecentro. Atravessam o parque da Luz e vão pro telecentro aprender computação lá, entendeu. [*Entrevista 7*].

No próprio prédio há atividades como aula de capoeira e grupos de teatro ensinam malabarismo, arte circense e literatura para as crianças do prédio:

É mais é o seguinte, aqui no prédio tem o um trabalho bacana, sabe. Tem uns trabalhos aqui que eu gosto. Aqui tem um pessoal de teatro, que também, se formaram em teatro, mas não conseguiram o espaço. Então o que que eles tão fazendo, eles tão vindo aqui duas vezes por semana, as crianças assim, né, e levando pra ensinar aquilo que eles aprenderam; e ela é, por sinal, coordenadora das crianças. Ela é que acorda as crianças de manhã cedo: “Olha, hoje a gente tem que ir pro teatro”. É lá no bexigão, vão a pé e voltam a pé, na canela! Então, na semana passada teve a apresentação final, que eles vão entrar de férias e vão retornar em agosto. [*Idem*].

O Prestes Maia também favorece o encontro entre as pessoas mais diferentes. Tanto nas assembleias semanais organizadas pelo MSTC, como nos mutirões de limpeza e *construção* dos “barracos”, o militante sem-teto é levado a tomar conhecimento do outro e daí travar relações mais amistosas e sinceras, como na descrição do enchimento da laje e da festa feita por Rocha. Vejamos o que Z. (71 anos) tem a dizer sobre isto:

Meu cotidiano é assim, eu sempre dou minha participação, eu faço comida aqui, pras pessoas aqui; esse pessoal atribulado que não quer fazer nada. É isso que eu gosto de fazer. Então eu faço comida aqui. Às vezes, vou comprar, vou buscar; e ajudo financeiramente; lavo a louça; varro tudo; ajudo no banheiro. Eu gosto muito de ficar aqui, eu fiz muitos amigos, do pessoal daqui do meu andar. Ah, eu gosto de dizer assim, pra mim foi muito bom conhecer o MSTC; me fez crescer bastante, e que me ensinou que a vida não é só lidar com pessoas boas, com aquelas que é fácil você lidar; mas com pessoas também difíceis, que tem outra linha de visão da vida; porque no fim você descobre que elas também são pessoas bacanas. Então o MSTC, me fez também crescer nessa parte. Eu gosto muito de ficar aqui. Se puder sair pr’uma melhor, claro que eu vou, né. [Às vezes, você mora num desses prédios, aqui em São Paulo, e nem sabe quem são os seus vizinhos.] Aqui a gente se comunica bastante. É exatamente, aqui embaixo mora uma velhinha, ela tem 80 anos, aí um dia nós precisamos de socorrer ela... Então os meninos aqui, nós socorremos ela, todo mundo, internamos; todo mundo se mobilizou. Já, ela já voltou; aí nós continuamos a dar assistência pra ela. Então, quem socorre ela é a gente. Qualquer pessoa. Geralmente sou que fico lá quando ela vai internada. É bom, né! Bom a gente se útil. A gente vai aprendendo. (...) Tem gente que caiu numa situação muito difícil. (...) As pessoas ficam abandonadas. [O MSTC] Abre a cabeça. (...) Precisa de uma pessoa mais experiente, que nem eu; aí depois que eu

vim melhorou tudo. Mas de vez em quando a gente se encrenca aí e fica tudo bem. Mas, graças a Deus, eles estão trabalhando e passam o dia inteiro fora. Tem encrenca, mas depois fica tudo bem. (...) E aqui a pessoa não se sente sozinha. [Entrevista 7].

Quanto ao “construir”, D. (38 anos) sintetiza seu significado deste modo:

Sim, com certeza, isso aproxima, sabe por quê? Porque é o seguinte, né, é assim, ó: existe duas formas de você se aproximar de alguém: quando há felicidade e quando há infelicidade, você vê que tem muitas pessoas que se unem na guerra, é no momento de guerra, de dor e é por causa disto que elas se unem. E às vezes elas se unem mais nestes momentos, de dificuldade, que um olha pro outro e fala: opá, nós estamos no mesmo barco, vamos remar juntos. É assim que eu me sinto. E aqueles que não se unem, é, eles não ficam, porque eles mesmos se sentem traidores. A partir do momento que você vê que tá todo mundo remando junto e você não tá remando junto, você se sente um peixe fora do aquário. Você se sente mal, você se sente indigno. Na hora de construir é todo mundo junto, faz mutirão. Tem mutirão na hora de limpar... Olha, não é sempre que é uma coisa *assim*, mas no final acaba todo mundo entendendo a missão. (...) Eu espero que eu tenha contribuído com seu trabalho de uma forma positiva. [Entrevista 25].

A organização do prédio é dividida entre um coordenador geral [no caso a Maria] e *coordenadores de andares*, que são eleitos pelos moradores de cada andar e que têm plena autonomia nas decisões do uso coletivo do espaço relativo a cada andar, mas também podem ser revogados a qualquer tempo se assim deliberar a assembleia dos moradores.

Aí tinha muitas coisas pra mim levar pra comissão geral, que é lá embaixo, que eu não levava; eu conversava com a pessoa, tal, é assim tal, vamos resolver aqui mesmo, se eu levar lá pra baixo vai ser pior; aí fui conversando, conversando... Conversar pra não ter nada mais sério, e vamos resolver aqui mesmo. Eu não tô ganhando nada; a gente é coordenador aqui e não ganha nada; às vezes, as pessoas pensam que a gente ganha, mas, a gente vai pra reunião de quinta-feira, sábado, reunião na câmara, não sei que lá, o pessoal pensa que a gente ganha mas ninguém tá ganhado nada. [Entrevista 17].

Aí hoje também se eu quiser sair a pessoa que entrar tem que ser por votação. No andar mesmo, a pessoa vota. Se eu fizer alguma coisa de errado também, os moradores podem me retirar. Aí eu saio, tem punição se eu fizer algo de errado, assim, tudo. [Entrevista 22].

O MSTC também estipula um regulamento bem rigoroso, proibindo em qualquer circunstância o uso de drogas ou bebidas alcoólicas e também qualquer tipo de violência, principalmente contra a mulher, sob pena de expulsão do infrator:

Então, voltando ao assunto, como eu falei pro senhor, muitas pessoas precisam mesmo; não tem marido; o marido é drogado, sabe, drogas, né. Aqui não usam porque não deixam. [Entrevista 1].

Depois que eu vim pra cá também, graças a Deus; aqui é muito organizado, viu. A Neti, o que ela pode fazer pela população, ela faz, viu. E se tiver coisa errada também, ela põe pra fora, fíu. Ela não aceita. Ela não aceita marido bater em mulher. Não tem esse negócio aqui, sabe. Não tem esse negócio de ela saber que tá tendo droga, ela vai investigando, investigando até saber onde é que tá o alvo pra poder por pra fora, pra não deixar, porque tem muito adolescente, muita criança tem aqui, sabe; é muita gente. E muito pai de família, né. [Entrevista 15].

Além de tudo que foi dito, é preciso também salientar que o edifício estava completamente abandonado. Desde o despejo de 2007, os proprietários sequer passaram uma vassoura no imóvel. Nós tivemos a oportunidade de visitar o prédio pouco depois da ocupação de outubro de 2008, e pudemos verificar que todos os antigos “barracos” continuavam de pé, intactos, porém, apodrecidos pela água da chuva. O prédio, como bem lembram os atuais moradores, servia-se de moradia de rato, pomba e abundavam poças d’águas, propícias para a proliferação do mosquito da dengue. O prédio também era uma extensão da Cracolândia.

E na época que eu cheguei aqui foi desmanchado tudo, porque as madeiras estavam tudo podre; tava tudo podre. Nós fizemos vários mutirões; a gente filmagem de vários mutirões que a gente fez aí. Aí quando eu cheguei aqui mesmo tinha só lixo; tinha madeira tudo podre. (...) Todo mundo tem o direito de ter uma moradia. Um imóvel desse aqui, no centro da cidade, vinte e dois andares, no

centro da capital, passou quatro anos acumulando rato aí, lixo, dengue, tudo. Se a pessoa não ocupa, não caminha, não faz nada e fica passando de um ano pro outro, dum ano pro outro e assim vai. [Entrevista 17].

Neste sentido, o movimento sem-teto representa uma reabilitação de edifícios abandonados como o “Prestes Maia”, muito mais condizente com a *função social* da propriedade prevista em lei. De fato, em nossas andanças pelo prédio foi bastante comum observar a presença de agentes de saúde que visitam os moradores:

Mas a gente tem médico que vem aqui ver a gente; tem os meninos do SUS que vêm aqui, agente de saúde. Então, dá remedinho pra gente pôr n'água, tudo. Vem os médicos examinar. Eles vêm aqui, passam em cada família, perguntam como a gente tá, se tá passando no médico... então, pra gente ir lá marcar consulta. Eles fazem um cartão pra gente aqui, né, com endereço... porque se a gente for no posto a gente não conseguiria fazer uma ficha lá porque tem que morar na região, entendeu. Então eles vêm até aqui faz, no caso, a relação, e traz o “cartão da família” pra gente. Então a gente pode ir lá, marcar consulta, receber os remédios, tudo. Então é bom. [Entrevista 22].

Você não tá gravando não?! [O que vocês fazem aqui?] É acompanhamento só do pessoal, das famílias, pra acompanhar as gestantes e as crianças. [Não é a primeira vez que eu vejo pessoas vestidas com esse colete] É a gente faz aqui, trabalha aqui pra acompanhar só. [Fragmento de conversa com funcionário do SUS; *Entrevista 17*].

Por uma questão de honestidade, de ética do pesquisador, é preciso dizer que o MSTC em nenhuma hipótese cobra aluguel dos moradores ou qualquer tipo de vantagem financeira. A única contribuição a que os moradores são obrigados é compatível à realidade material deles, a saber, R\$ 50,00 mensais. Esse valor não é exorbitante, pois é todo vertido na manutenção do edifício, sendo gasto em produtos de limpeza, segurança, fios elétricos etc..

A gente não paga nada; a única coisa que a gente paga é uma contribuição de 50 reais. Que é para pagar os porteiros, para instalar as câmeras. Porque é assim ó: o fio daqui quem colocou é as famílias, mas quem pagou foi a coordenação; foi com

dinheiro da coordenação. Por isso que é importante; a gente tem uma lista de material de limpeza, aí todo dia tem uma... [Entrevista 22].

O que eu queria falar é que todo mundo fala que a gente que mora aqui, a gente que mora aqui há muito tempo, e o pessoal comenta que a gente paga um aluguel e o pessoal tá enrolando a gente; e o que a gente tem que falar é que todo mundo aqui paga só 50 reais; é a contribuição, que essa contribuição não é pra comissão; essa contribuição é pra manter a manutenção do prédio, porque precisa fio, precisa cano, precisa tudo, precisa bomba; e quando uma bomba quebra, precisa de dinheiro... é essa bomba puxa água; nós temos uma caixa aqui de 60 mil litros d'água aqui em cima. A gente precisa de uma bomba caro que é pra mandar essa água pra cima, pra sustentar todo o prédio. E aí a gente precisa de advogado. Precisa de... várias coisas, e dinheiro tem que tirar do que é da gente e isso daqui é uma contribuição. O movimento aqui é legal, aqui não tem segredo. O que é consumido aqui, por exemplo um fio, é anotado, marcado lá embaixo lá na coordenação geral; tanto com isto, tanto com isto, a gente vai lá e presta conta, e nós têm tanto no caixa. Esse caixa pra quem é? é pra pagar advogado, pagar alguma coisa que quando quebrar precisar. [Entrevista 17].

Para encerrar: o Prestes Maia representa uma *luta por espaço*, por uma centralidade, pelo habitar. Realmente, não é raro alguns moradores identificarem a militarização do cotidiano, através da repressão policial, com um período de opressão tal qual foi o da ditadura militar. De fato, há uma luta tácita e silenciosa no centro cidade. Vejamos:

Porque os movimentos hoje em dia; é tipo uma ditadura militar, sendo perseguido pelos governos que estão aí; do governo que é uma ditadura militar. No meu tempo quando nós ocupávamos um prédio não tinha violência entre sem-teto e a polícia militar. Hoje mesmo eu vim de um ato, que eu fiquei bobo de ver, nós em vez de ser recebidos pelo governo, o governo não nos recebeu, fechou as portas e não deixou ninguém conversar com ele. Fomos lá, recebidos a quê? A gás de pimenta. A GCM chegou dizendo que era dono do pedaço da Secretaria da Habitação e nós não conseguimos nem negociar e nem conversar com o secretário de habitação, que ele fechou as portas, falando que não tá mais atendendo os movimentos. (...) Ó, um dia, eu garanto, vai mudar isso, que vai acabar esse coiso de coronel. Coronel! Os que manda, os que manda! Porque hoje em dia você vai na subprefeitura não é eu, não é você, que tá lá no gabinete. Quem tá lá é coronel da

ditadura militar, no gabinete as subprefeitura. É os coronel que hoje em dia está lá, na subprefeitura. É o capitão de polícia que ta lá dentro; não é um de nós, um sem-teto que ta lá dentro, pra atender o povo. [Entrevista 6].

Caso tivesse desocupação do prédio, nós tirávamos as crianças, logicamente, e ia ficar pra ganhar o nosso também, né, porque aqui tem que lutar pra ganhar. Participamos da passeata, eu, ela, até as crianças foi também. Tinham umas 500 a 600 pessoas, só do Prestes Maia. Aqui tá todo mundo num objetivo só, o objetivo é todo mundo lutar junto. Se tá todo mundo aqui é porque tá todo mundo precisando, tá todo mundo igual. Não tem ninguém melhor do que ninguém aqui. [Entrevista 3].

Enfim, devemos pedir desculpas pelas citações muito longas referentes às entrevistas. Nas coisas das quais não nos dizem respeito, melhor seria nos calar. Também não é recomendável delegar a terceiros assuntos que cabem somente a nós. Sobre a vida desses moradores, somente eles têm o direito de falar. Nós, ao contrário, devemos ouvir, porque aprendemos mais com eles do que poderíamos ensinar. “De fato, o poeta deve dizer o mínimo possível em sua própria voz, porquanto não é um artista da imitação ao agir assim” (ARISTÓTELES, 2011, p. 87).

O palco da tragédia

Aonde queremos chegar com essa longa exposição? O que gostaríamos de propor é uma hipótese, não de toda descabida. Se levarmos longe demais a tese sobre a crise estrutural do capitalismo (da queda tendencial da taxa de lucro pela diminuição global de mais-valia) e a falência do movimento histórico, somos obrigados a nos perguntar *o que vem depois?* É impossível prever o futuro; porém, dentro da complexidade caótica da sociedade, é-nos permitido procurar e descobrir tendências. Metodologicamente, não é equivocado superestimar estas tendências e projetá-las no porvir porquanto um elemento constitutivo da sociedade vindoura. Não é testar hipóteses. O desenvolvimento histórico, entretanto, não pode ser manipulado em laboratório, o que deixa margens para muitas dúvidas. Algo pelo menos parece ser inquestionável e irreversível: *a sociedade se urbaniza*. É nesta

perspectiva que devemos estabelecer nossos referenciais teóricos. Algumas implicações disso são fáceis de perceber, como as novas raridades: *do espaço*. Portanto, a cidade é *segunda natureza*, na sua versão econômica, é *capital constante* (infra-estrutura): a cidade destrói a natureza. Já suas implicações sociais são mais difíceis de perceber. Diante deste cenário incerto, o que estamos propondo aqui é uma interpretação de conflitos sociais entendidos sob a óptica desses novos referenciais, urbanos. A partir disso, solicitamos a permissão e a liberdade – poética? – de tomar emprestado dos gregos a noção helenística da *tragédia*. É por meio dela que gostaríamos de pensar a urbanização da sociedade.

Na Grécia Antiga, “pode-se dizer que a tragédia é a cidade que se faz teatro, que se coloca ela própria em cena, diante do conjunto dos cidadãos” (VERNANT & VIDAL-NAQUET, 2008, p. 161). No período de transição das categorias históricas para a sociedade urbana, assistimos de camarote a atuação de novos personagens e a gestação de novas categorias: *a tragédia é o teatro que se faz cidade; o conjunto de cidadãos, seu eleito, seus atores*. Neste cenário, alguns grupos sociais acessam o mundo da mercadoria, mas o acessam mal, sem sair de uma zona indefinida. Há algo de trágico, no sentido grego, na prática do sem-teto: uma purificação das paixões; a vida em primeiro plano. No caso do Prestes Maia, a ocupação é quase cenográfica, uma instalação artística. Nas construções feitas com materiais encontrados no lixo, busca-se produzir o *belo*, por meio de pinturas, desenhos, poesias, mensagens. Assim, o sem-teto imita uma *presença* por meio do uso de máscaras – o sonho da casa-própria, a propriedade-privada, a mercadoria, etc., – quando ocupa coletivamente um imóvel e constrói um lugar dos seus sonhos e de esperança. Estes sonhos encobrem na realidade uma *ausência* (o da não-casa-própria, não-propriedade-privada, não-mercadoria etc.); mas, a partir desta ausência descobre-se um novo conteúdo por de trás da máscara: uma *prática* e uma *presença verdadeiramente humana*. Este é o paradoxo da qual a cidade é um espelho, e seus os habitantes, atores representando papéis.

A “presença” encarnada pelo ator no teatro é, portanto, sempre signo ou máscara de uma “ausência” da realidade cotidiana do público. Arrastado pela ação, perturbado pelo que vê, o espectador não deixa de reconhecer que se trata de fingimentos, de simulações ilusórias – numa palavra, do “mimético”. (...) Ficção, fingimento, imaginário; mas, se acreditarmos em Aristóteles, há nesse jogo de sombras que a arte ilusionista do poeta faz reviver no palco mais seriedade e

verdade para o filósofo do que comportam as narrativas da história autêntica, quando ela se dedica a lembrar como os eventos efetivamente se passaram na realidade. Se um dos traços maiores de Dioniso consiste, como pensamos, em misturar incessantemente as fronteiras do ilusório e do real, em fazer surgir bruscamente o Além aqui embaixo, em nos despendar e em nos desterrar de nós mesmos, é o rosto do deus que nos sorri, enigmático, nesse jogo de ilusão teatral que a tragédia, pela primeira vez, instaura sobre o palco grego (Idem, p. 162).

Se ainda faz algum sentido pensar um mundo melhor, diante das contingências, dos erros, da outra face da lua escondida sob a claridade das categorias históricas, é preciso abandonar os paradigmas de uma razão na história e das coisas impessoais e escutar o que o Prestes Maia representa e tem a nos dizer.

Conclusão

Apreendi na retórica acadêmica ou científica que é de *bom tom* o uso do discurso preferencialmente na primeira pessoa do plural (“Nós”), denominado por “grau de modéstia” (não seria falsa modéstia?). O “Nós” também indica um trabalho coletivo, portanto, pautado pela *objetividade*. De fato, uma pesquisa é, muitas vezes, um estudo de muitas obras e uma compilação de citações, de autores diversos. O que nada ou pouco sobraría do autor da pesquisa; embora o “Nós” possa dissimular – como costuma acontecer – as reais intenções do autor, encobertas pelos ares turvos da “objetividade”. Por isso, na conclusão desta pesquisa, resolvi voltar a ser *pessoa do singular*, isto é, *eu-mesmo*. Portanto, sou forçado a admitir que a conclusão será inundada de *subjetividade*. Faço isso para sublinhar algumas incertezas e uma esperança. Quando terminei de escrever este longo estudo, relendo-o, tive a impressão de que, se voltasse atrás, no tempo, faria tudo diferente. Mas o que está feito está feito. Ainda assim, durante a revisão do texto, eu me pus a reformá-lo, compulsivamente, não sei quantas vezes. Retocando, corrigindo e modificando, como um escultor. A aproximação do término do prazo estabelecido pelo curso de pós-graduação, além de ter provocado uma série de noites de insônia, de certa forma interrompeu este cansativo e interminável trabalho de Sísifo. Creio, então, que sobrarão muitas pendências. (O próprio título da tese foi decidido de última hora). Mas este retorno à minha subjetividade responderia também uma questão, que me foi colocada numa das avaliações do curso de pós-graduação: “Onde está o autor, o Jean, nesta pesquisa?” Talvez, nas passagens mais exageradas e descabidas ou mesmo num certo uso de termos chulos. De fato, apoiado em grandes concepções teóricas, onde está a contribuição do autor nesta pesquisa? Respondo e digo que está na formulação da *urbanização trágica*. Mas, aqui, descubro que o destino me pregou mais uma peça (?) Pois o fundamento teórico da tragédia é o *silêncio trágico*. Ou seja, no único momento em que eu, o autor, poderia me expressar (ou falar pelos cotovelos), fui obrigado a me calar. Assim, subjetividade evocada acima se torna silêncio; refugio em mim-mesmo, dentro dos meus limites. Reconheço também que fiquei muito aquém do “meu” “objeto” de pesquisa. Talvez isto não seja um demérito. Porém, há espaço para uma constatação: longe de supor uma forma transistórica da tragédia grega (o mito) ou do drama (o espírito da história), penso que a “tragédia” contemporânea

guarda traços peculiares, tipicamente urbanos. O mais importante é que os personagens principais não são mais reis ou elementos da nobreza e sim o povo, no caso, o sem-teto. É a tragédia protagonizada e representada pelo sem-teto, o espelho da sociedade atual, a expiação de suas culpas.

Neste trabalho, também jamais houve a intenção de fazer futurologia, e todas as questões colocadas, desde a possibilidade de um colapso ou do esgotamento das categorias econômicas e históricas ou da emancipação na sociedade urbana, são hipóteses. Jamais houve arrogância da minha parte de me colocar acima da verdade. Portanto, aconteça o que acontecer vai acontecer acontecendo. Houve, no entanto, a objeção pertinente de que se o limite da sobrevivência a que está submetido o sem-teto não lhe resultaria em novas alienações. Embora esta crítica seja mesmo procedente, a ressalva que faço é a de que, como se viu lá atrás, o sem-teto vive abaixo dos limites da sobrevivência. Sem dúvida, o sem-teto sequer foi *espoliado na abundância consumível* (Raoul Vaneigem) proporcionada às classes trabalhadoras pelos países ricos e imperialistas. A luta diária para vencer os obstáculos às necessidades mais fundamentais coloca a vida em primeiro plano, acima do consumo pelo consumo, que, sob este aspecto, torna-se supérfluo, aparecendo como uma máscara. O sentido da afirmação da vida que eu tentei expor neste estudo não é o de uma autenticidade transcendente, mas o de *demorar-se* aqui-agora nas coisas simples, nos seus momentos contraditórios: tanto num dia ensolarado quanto numa tarde chuvosa. Tentar descobrir ou criar alguma beleza nisso tudo, como, por exemplo, nos “barracos” do Prestes Maia, é o que se visava aqui. Não um conformismo, tampouco apologia à pobreza. Mas a esperança de que a partir daí surja o novo, a transformação, ao se escolher, pela primeira vez, a direção do caminho sempre preterido até agora. Mas que fique registrado: a objeção pode ser uma sombra daquilo que se deseja. Todavia, o meu objetivo foi o de formular uma hipótese que não estava prevista no início deste estudo, a saber, de que na *sociedade urbana*, longe de ter suprimido as necessidades humanas mais elementares, criou uma nova escassez: *luta-se por espaço*. Por isso, nem eu, nem ninguém do MSTC, acredita que tudo vai se resolver no Prestes Maia. Os próprios moradores consideram-no como um tempo e lugar de transição. Porém, é uma oportunidade, como eles nunca tiveram antes, de ter os filhos na escola, uma alimentação melhor, roupas dignas, um dia de visita um museu etc. Ou do morador de rua ter, enfim, um lugar seguro para passar uma noite, livre do frio, da

chuva, da agressão etc. Por isso, na minha opinião, de mero observador [e espectador], é extremamente louvável o trabalho que o MSTC e pessoas como a Neti, o Manoel Del Rio, a Maria, a Lizete, o Israel e tantos outros que vêm realizando, para ajudar a melhorar um pouquinho que seja a vida destas famílias tão desamparadas por tudo e todos. Elas mesmas, com exceção talvez do Manoel Del Rio, aliás, também, tão carentes. Faltando duas semanas para entregar a tese, acho que é tudo. Obrigado.

Referência Bibliografia

ADORNO, T., “Sobre o sujeito e objeto”, texto extraído da internet.

ARISTÓTELES, “Poética”, São Paulo: Edipro, 2011.

ARISTOTELES, “Política”, São Paulo: Martin Claret, 2006.

BAKHTIN, M. “Marxismo e filosofia da linguagem”, São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BAKUNIN, M., “O princípio do Estado e outros ensaios”, São Paulo: Hedra, 2008.

BAKUNIN, M., “Texto”, Porto Alegre, RS: L&PM, 1999.

BORGES, J. L., “Historia de la eternidad”, Buenos Aires: Emecé, 1969.

CERTEAU, M., “A invenção do cotidiano”, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

COOK, R. M., “Os gregos até Alexandre”, Lisboa: Editora Verbo, 1966.

COSTA, S., “Comuna de Paris: o proletário toma o céu de assalto”, São Paulo: Divo Guison; Editora UCG, 1998.

DAMIANI, A. (coord.), ALFREDO, A., BAITZ, R., BRANQUINHO, E., DAMIANI, A., GONÇALVES, J., MARINI, L., ROCHA, A., SILVA, F., RUFINO, M., “O futuro do trabalho: elementos para a discussão das taxas de mais-valia e de lucro”, São Paulo: AGB/SP, LABUR/Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 2006.

DAMIANI, A., “Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo”, in: “Geografias de São Paulo” Vol. 1, (org.: Carlos, A. F. A., Oliveira, A. U.), São Paulo: Contexto, 2004.

DAMIANI, A., “Cidade (des)ordenada e cotidiano do conjunto habitacional de Itaquera I”, Tese de Doutorado (orientação Seabra, M. F. G.), São Paulo: Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 1993.

DESCARTES, R., “Discurso sobre o método”, Porto Alegre: L&PM, 2009.

FAUSTO, R., “Marx: Lógica & Política”, Tomo I, Ed. Brasiliense, 1987.

FERNANDES, R., C., in: “Dilemas do socialismo: a controvérsia entre Marx, Engels e os Populistas Russos”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FUENTES, C., “Em 68: Paris, Praga e México”, Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

GONÇALVES, J., “Ocupar e resistir: problemas da habitação no centro pós-moderno (SP)”; (dissertação de mestrado): Universidade de São Paulo, Geografia Humana-FFLCH, 2006.

GORENDER, J., “Combate nas trevas, a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada”, São Paulo: Editora Ática, 1990.

GOULD, S. J., “Darwin e os enigmas da vida”, São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GRESPLAN, J., “A teoria das crises de Marx”, in: “Marx e Engels na História”, São Paulo: Xamã, 1996.

GUILLAUME, J., “A internacional: documentos e recordações” Vol. 1, São Paulo: Imaginário, 2009.

HESÍODO, “Teogonia e Trabalhos e Dias”, São Paulo: Martin Claret, 2010.

HESÍODO, “Os trabalho e os dias” (1ª. Parte), São Paulo: Iluminuras, 1996.

KURZ, R., “Cinzenta é a árvore dourada da vida e verde é a teoria”, 2007 (extraído da Internet: <http://obeco.planetaclix.pt/kurz>).

KURZ, R., “Ontologia Negativa”, 2003 (extraído da Internet: <http://obeco.planetaclix.pt/kurz>).

KURZ, R., “O colapso da modernização”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

KURZ, R., “A substância do capital”, 2004 (extraído da Internet: <http://obeco.planetaclix.pt/kurz>).

HEIDEGGER, “Nietzsche” (Vol. 1), São Paulo: Forense Universitária, 2007.

HELLER, A., “Sociología de la vida cotidiana”, Barcelona: Ediciones Península, 1977.

HOBBSAWM, E. J., “Revolucionários”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

KROPOTKIN, P., “A conquista do pão”, Lisboa: Guimarães & C.a. Editores, 1973.

LEFEBVRE, H., “A cidade do capital” (título original: *La pensée marxiste et la ville*), Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, H., “A irrupção: a revolta dos jovens na sociedade industrial: causas e efeitos”, São Paulo: L’homme et la société, 1968.

LEFEBVRE, H., “A produção do espaço”, tradução: Ana Maria S. Coelho, Doralice, B. Pereira, Pedro H. Denski, Sérgio Martins: grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: *La production de l'espace*, 4ª. Ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: 2006.

LEFEBVRE, H., “A revolução urbana”, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

LEFEBVRE, H., “A vida cotidiana no mundo moderno”, São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, H., “Critique de la vie quotidienne, Vol. I, *Introduction*”, Paris: L’Arche Éditeur Paris, 1958.

LEFEBVRE, H., “Critique de la vie quotidienne, Vol. I, *Fondements d’une sociologie de la quotidienneté*”, Paris: L’Arche Éditeur Paris, 1961.

LEFEBVRE, H., “Critique de la vie quotidienne, Vol. III, *De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien)*”, Paris: L’Arche Éditeur Paris, 1981.

LEFEBVRE, H., “De lo rural a lo urbano”, Barcelona: Ediciones Península, 1971b.

LEFEBVRE, H., “Direito à cidade”, São Paulo: Moraes, 1969.

LEFEBVRE, H., “Espaço e política”, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEFEBVRE, H., “Fim da história”, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.

LEFEBVRE, H., “Hegel, Marx, Nietzsche ou o reino das sombras”, Lisboa/Cacem: Editora Ulisseia, 1976.

LEFEBVRE, H., “La presencia y la ausencia: Contribución a la teoría de las representaciones”, México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

- LEFEBVRE, H., “Metafilosofia”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- LEFEBVRE, H., “Marxismo”, Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.
- LEFEBVRE, H., “Nietzsche”, México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- LEFEBVRE, H., “Lógica formal/lógica dialética”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LEFEBVRE, H., “Sociologia de Marx”, Rio de Janeiro: Forense, 1968b.
- LEFEBVRE, H. e GUTERMAN, N., “Que es la dialectica”, Buenos Aires: Dédalo, 1959
- LOJKINE, J., “O Estado capitalista e a questão urbana”, São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAGÓN, F., “A Revolução Mexicana”, São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- MAKHNO, N., “Anarquia & organização”, São Paulo: Luta Libertária, 2002.
- MAKHNO, N., SKIRDA, A. e BERKMAN, “Nestor Makhno e a revolução social na Ucrânia”, São Paulo: Editora Imaginário, 2001.
- MARX, K. E ENGELS, F., “A Ideologia alemã”, São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MARX, K., “Capítulo VI: inédito de O Capital”, São Paulo: Centauro Editora, 2004a.
- MARX, K., “Manuscritos econômicos-filosóficos”, São Paulo: Boitempo Editorial, 2008a.
- MARX, K., “Miséria da filosofia”, São Paulo: Ícone, 2004b.

MENEZES, D. “Proudhon, Hegel e a Dialética”, Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

MÉSZÁROS, I., “A teoria da alienação em Marx”, São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

NETTLAU, M., “História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo”, São Paulo: Hedra, 2008.

PAZ, A., “O povo em armas: Buenaventura e o anarquismo espanhol”, Vol. 1, Lisboa: Assírio & Alvim (não conta ano).

PAZ, A., “O povo em armas: Buenaventura e o anarquismo espanhol”, Vol. 2, Lisboa: Assírio & Alvim (não consta ano).

PEREIRA, P., “São Paulo, a construção da cidade: 1872-1914”, São Carlos, RiMa (Fapesp), 2004.

PICCINI, A., “Cortiços e reestruturação do centro urbano de São Paulo, Habitação e Instrumentos urbanísticos”, São Paulo: Annablume, 2004.

PIRENNE, H., “Cidades da idade média: ensaio de história econômica e social”, Lisboa: Publicações Europa-América, 1964.

PROUDHON, “O que é a propriedade?”, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

REBUL, O., “A doutrinação”, São Paulo: Editora Nacional e USP, 1980.

ROTHKOPF, D., “Super classe: a elite que influencia a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo”, Rio de Janeiro: Agir, 2008.

RIBEIRO, B., “Helena Resende e a guerrilha do Araguaia”, São Paulo: Expressão Popular, 2007.

- SANTOS, M., “Manual de geografia urbana”, São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, M., “Pensando o espaço”, São Paulo: Edusp: 2009.
- SCHNEIDER, W., “De Babilônia a Brasília”, São Paulo: Boa Leitura Editora.
- SIRKIS, A. “Os carbonários”, Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- SMITH, N., “Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano” (Trad. Daniel Sanfelice), in: “Geosp, espaço e tempo: revista de Pós-graduação/Departamento de Geografia, FFLCH/USP – no. 21 – São Paulo, 2007.
- SOLIDARITY, “Paris: Maio de 68”, São Paulo: Conrad, 2008.
- TRAGTENBERG, M., “A revolução russa”, São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2007.
- TOLEDO, B., “São Paulo, três cidades em um século”, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1981.
- VERNAT, J-P. & VIDAL-NAQUET, “Mito e tragédia na Grécia Antiga”, São Paulo: Perspectiva, 2008.
- VANEIGEM, R., “Banalidades de base”, Lisboa: Frenesi, 1998.
- VÁRIOS, (org. Armando Boito Jr.), “Comuna de Paris na história”, São Paulo: Xamã, 2001.
- VÁRIOS, (org. Osvaldo Coggiola), “Escritos sobre a Comuna de Paris”, São Paulo: Xamã, 2002.

VÁRIOS, (Manfrédonia, Gaétano) “Espanha libertária: a revolução social contra o fascismo”, São Paulo: Editora Imaginário, 2002.

VÁRIOS (organização de José de Souza Martins), “Henri Lefebvre e o retorno à dialética”, São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

VÁRIOS (org. Otávio Guilherme Velho), “O fenômeno urbano”, Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

VÁRIOS, “Os anarquistas julgam Marx”, São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

VÁRIOS, (Org. Osvaldo Coggiola) “Marx e Engels na história”, São Paulo: Xamã, 1996.

VÁRIOS (org. A. F. A. Carlos e C. Carreras), “Urbanização e mundilização”, São Paulo: Editora Contexto, 2005.

WATANABE, L., “Platão: por mitos e hipóteses”, São Paulo: Moderna, 1995.

WEBER, M., “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, São Paulo, Pioneira Editora, 1987.

WOODKOCK, G. e AVAKOUMOVITCH, I., “Pierre Kropotkine le Prince anarchiste”, Paris: Calmann-Lévy, Éditeurs, 1953.

Revistas e publicações:

ALVES, G., “Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da ‘década neoliberal’ (1990-2000)”, Revista de sociologia e política, no.19, Curitiba, nov. 2002.

BIANCHINI, L. & SCHICCHI, M., “Cortiços no centro de São Paulo: um convite à permanência”. Cuadernos de vivienda y urbanismo, Vol. 2, no. 3, 2009.

BORIN & SCHOR, “Cortiços Adaptados e concebidos na cidade de São Paulo”, São Paulo em Perspectiva, 11(1) 1997.

BLOCH, J., “Movimento de Moradia no Centro (MMC)”, Anais do II Seminário Nacional: Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil – Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS.

CACCIAMALI, M., “Transformações nas relações de trabalho e na política pública”, Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 1999, 2 (1).

CASTRO, C., “‘O centro velho’ e a moradia: requalificação urbana em São Paulo”, São Paulo: Pluris, 2010.

DAMIANI, A., “A cidade (des)ordenada”, Boletim paulista de geografia, AGB, São Paulo, 1994.

FIGUEIREDO, “Foucault e Heidegger: a ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar)”, Tempo Social; Ver. Sociol. USP, São Paulo, 7 (1-2): 136-149, outubro de 1995.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS (FIPE): SCHOR, S., & COSTA VIEIRA, M., “Principais resultados do censo da população em situação de rua da cidade de São Paulo”, São Paulo: FEA-USP, 2009.

GARCIA, L., RODARTE, M. & BRAGA, T., “Desemprego de longa duração como corolário da ‘Década Neoliberal’: A evolução do desemprego metropolitano entre as décadas de 1990 e 2000”. Trabalho desenvolvido no âmbito da pesquisa “Mercado de Trabalho e Modernização do Setor Terciário Brasileiro”, que foi coordenada pelo DIEESE e CESIT/Unicamp, com o apoio do CNPq.

HAAR, M., “Vida e totalidade natural”, in: *Cadernos Nietzsche*, no. 5, São Paulo, 1998.

HEIDEGGER, M., “A questão da técnica”, in: *Scietiae studia*, Revista latino-americana de filosofia e história da ciência, Departamento de Filosofia, FFLCH –USP, São Paulo, v. 5, n3, set. 2007.

ITAPARICA, A. L. M., “Filosofia, literatura, desconstrução”, in: *Cadernos Nietzsche*, no. 5, São Paulo, 1998.

ITAPARICA, A. L. M., “Nietzsche e a ‘superficialidade’ de Descartes”, in: *Cadernos Nietzsche*, no. 9, São Paulo, 2000.

JESUS, P. A., “Considerações sobre o habitar cotidiano no pensamento de Martin Heidegger”, “*Existência e Arte*”- *Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano III - Número III* – janeiro a dezembro de 2007.

PASTERNAK, S., “Espaço e População nas Favelas de São Paulo”. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

SOMEKH, N. & SILVA, L., “A reconstrução coletiva do centro de São Paulo”, Simpósio: "A cidade nas Américas. Perspectivas da forma urbanística no século XXI". 51º Congresso Internacional de Americanistas, "Repensando las Américas en los Umbrals del Siglo XXI". Julho de 2003.

Jornais:

BRASIL DE FATO, 17 de abril de 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO, 13 de abril de 2007.

JORNAL DO BRASIL, 2 de maio de 2004.

JORNAL DA TARDE, 10 de abril de 2007.

O ESTADO DE SÃO PAULO, 2 de maio de 2007.

Dicionários:

Aurélio Buarque de Holanda, “Novo dicionário da língua portuguesa”, São Paulo: Folha de São Paulo, 1988.

Edward A. Roberts y Bárbara Pastor, “Diccionario etimológico indoeuropeu de la lengua española”, Madrid: Alianza Editorial, 1996.

Laudelino Freira, “Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa”, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1957.

Michael Inwood, “Dicionário Hegel”, São Paulo: Jorge Zahar, 1997.

Dr. Pedro Felipe Monlau, “Diccionario etimológico de la lengua castellana”, Buenos Aires: Librería “El Ateneo”, 1941.

Leonardo Tochtrop, “Dicionário alemão-português”, Rio de Janeiro: Globo, 1984.

Entrevistados:

- Entrevista 1: T. (01h50m24s)
- Entrevista 2: C., C. e D. (04h30)
- Entrevista 3: R. e G. (00:36:58)
- Entrevista 4: R. e A. (00:44:35)
- Entrevista 5: A. (01h47m57s)
- Entrevista 6: C. e C. (01h30m11s)
- Entrevista 7: N. e F. (03h40m48s)
- Entrevista 8: L. (00:21:14)
- Entrevista 9: boliviana que não quis se identificar. (00:21:10)
- Entrevista 10: C. (01h08m11s)
- Entrevista 11: P. (00:46:47)
- Entrevista 12: J. (00:42:17)
- Entrevista 13: Z. (01h09m22s)
- Entrevista 14: I. (00:10:28)
- Entrevista 15: I. (00:17:10)
- Entrevista 16: R. (00:05:55)
- Entrevista 17: J. (00:33:15)
- Entrevista 18: L. e V. (trocar o nome) (01h34m25s)
- Entrevista 19: F. e E. (00:20:59)
- Entrevista 20: G. (01h18m58s)
- Entrevista 21: I. (01h05m39s)
- Entrevista 22: L. (00:45:32)
- Entrevista 23: C. (00:21:25)
- Entrevista 24: E. (00:06:28)
- Entrevista 25: D. (01h59m36s)
- Entrevista 26: R. e G. (00:48:22)

ANEXOS (1):

Cartografia do cotidiano¹⁹⁸

Eis nos aqui novamente em nossa tarefa de refletir sobre a formulação de uma “cartografia do cotidiano”. Deveríamos voltar atrás? Não. Isto seria ir contra os nossos planos iniciais. Quais? O de se infiltrar e minar por dentro o “stablishment” científico. Como os antigos operários que, com um simples sapato, colocado nas engrenagens da linha de montagem, paralisavam toda a fábrica. Daí sabotagem (*sabot*). Um simples sapato: ação direta! Isto envolve risco. Mas em troca do quê? De nossas convicções. “Sê inteiro”, diria Fernando Pessoa. Escrever alguns apontamentos sobre uma possível “cartografia do cotidiano” é a questão que se coloca aqui. Cartografia é a ciência dos mapas, das cartas. Os portugueses foram grandes mestres nesta arte, com sua Escola de Sagres. Ainda na Idade Média, porém, os mapas tinham algo de qualitativo. Dragões, monstros e sereias povoavam os oceanos que terminavam num abismo. Eram metáforas do desconhecido? É possível imaginar o encantamento e os sonhos que tais figuras despertavam naqueles que as olhavam, provavelmente os destemidos aventureiros (quem sabe o próprio Luiz Vaz de Camões). E, talvez, ainda fascinem... Hoje, os mapas são essencialmente técnicos. Pura redução abstrata. Uma casa, uma rua arborizada, um monumento é representado por um sinal, uma reta, um ponto, um número. Representação de espaço. O objetivo de uma possível formulação da “cartografia do cotidiano” é o de capturar e descrever o irreduzível (qualitativo). Mas tal ambição já não implica na impossibilidade de uma *cartografia* do cotidiano? Talvez, uma “cartografia do cotidiano” deveria ter um sentido muito mais figurado do que literal. A poesia no lugar da prosa; a memória no lugar da lógica. Pois a abstração é a redução burocrática do vivido, do desconhecido, no plano e planificação. Por isso, uma verdadeira “cartografia do cotidiano” deve ainda ser povoada por dragões, monstros e sereias. Sendo assim, apesar de não sermos poetas, comecemos por arriscar a traçar algumas linhas desse projeto improvável, e iniciar nossa cartografia do cotidiano:

¹⁹⁸ A cartografia do cotidiano são apenas apontamentos do trabalho de campo, servindo-se apenas de referencial na organização do percurso da pesquisa, sendo facultativa a leitura. Todavia, decidi incluí-la com o objetivo de tentar demonstrar de onde se queria partir, isto é, do concreto e do vivido.

A cartografia do cotidiano começa numa sexta-feira de manhã, quando na faculdade de geografia da USP, Toni, João e Robson estavam eufóricos com os últimos acontecimentos do domingo passado; a saber, durante o primeiro turno das eleições presidenciais, quatro prédios foram ocupados por movimentos de moradia. A ideia era visitá-los. Então fomos todos nós ao ponto e tomamos um ônibus rumo ao centro da cidade. É preciso antes lembrar que era um dia de primavera, de cor azul-azulada e as poucas nuvens, como ovelhinhas brancas, passeavam pelo céu. Ou seja, estava um dia perfeito. Ao passar pela avenida Prestes Maia, observei as bandeiras e faixas, e pensei: “ocuparam o ‘Prestes Maia’”. Quando entramos no edifício, as mulheres preparavam o almoço coletivo. Fomos convidados para almoçar, mas recusamos. Ao circular pelo prédio, percebi que todos os “barracos” da ocupação anterior estavam lá, intactos, do mesmo jeito que estavam antes do despejo de 2007. Durante esses três anos, o imóvel ficou inabitado: sequer se passou uma vassoura no chão. No terraço, via-se toda a cidade e sentia-se vento forte, incessante e frio. Depois fomos visitar as outras ocupações. Conhecemos a Maria do Planalto numa delas e conversamos com muitos militantes dos movimentos. Ao anoitecer, decidimos ir embora e tivemos a sorte de chegar alguns segundos antes de fechar o bandejão.

(...)

São Paulo, 24 de maio de 2011.

Aqui eu amarro o fio de Ariadne.

Metrô de São Paulo. (Estação: Paraíso-Luz). De repente, um ruído agudo, fino, bem fino, ressoa nos trilhos, seguido logo depois pelo estrondoso barulho de uma das cabeças de Tifão, metálica, que surge de seu esconderijo nas profundezas da terra. O trem sai do túnel, depois de atravessar galerias escuras a incríveis velocidades, e chega, e para na plataforma de embarque e desembarque. Segundos depois parte em sua frenética corrida. Dentro do vagão, as pessoas ocupam seus lugares. O horário (13h30) colabora: o vagão está relativamente vazio. Em pé, um rapaz e uma moça conversam. O assunto é a faculdade. Conversa empolada e chata: mercado de trabalho, especialização, empresa tal e tal etc. O

rapaz segura um livro. Eu, ao lado, tento ler o título. O rapaz percebe, mas não se incomoda, talvez, até sinta um certo lisonjeio. “Anam...” o quê? “Anamnese e o estudo do corpo físico”? Anamnese? Que raios é isso, anamnese?!!!¹⁹⁹

Da *estação da Luz*, avisto o Prestes Maia ocupado. Na fachada, bandeiras e escritos: MSTC, FLM. Apresento-me na portaria e sou orientado a solicitar uma autorização por escrito aos coordenadores do movimento que se encontram na ocupação da *rua Mauá*. Dirijo-me para lá e converso com a Coordenadora Neti, explicando brevemente meus propósitos. A coordenadora pede para que eu compareça a uma reunião realizada toda quinta-feira, às 17h00, na avenida São João, no. 1495. Lá estarão reunidos todos os coordenadores e eu poderei detalhar mais o objeto de minha pesquisa, o público alvo, o perfil das famílias etc. Tudo bem, então na quinta-feira!

Deriva: Sigo pela *avenida Brigadeiro Tobias*. Chega um momento que o cenário é bastante inóspito apesar da luz do dia. Aqui, evidentemente, as pessoas majoritariamente pertencem às classes *desfavorecidas* da sociedade. Trabalhadores e mesmo “marginais” circulam por estas bandas. A roupa barata, puída, desbotada ou suja, o castigo da vida marcado na face e no corpo revelam esta triste condição. Muito distante do ideal “beautiful people” (europeizado) das classes médias e altas que definem seus “nichos” em lugares exclusivos da cidade (*apartheid social*).

Viaduto Santa Ifigênia. É impressionante a quantidade de ambulantes no viaduto. A maioria encontra-se segurando mercadorias em suas próprias mãos ou braços; alguns estendem um pano como um balcão ou simplesmente colocam produtos diretamente no chão. Um ambulante me oferece discretamente um relógio. Todavia, a maior parte segura telefones celulares que oferecem aos transeuntes.

São Bento e arredores. Eis o lugar nobre do Centro da cidade. “Gentrificado”! (Ironia à parte). Muitas agências bancárias, hotéis e outras empresas no local. Executivos de terno e gravata e secretárias bem vestidas se misturam ao *povão* (“nós”).

¹⁹⁹ Anamnese: reminiscência, recordação.

Catedral da Sé. O carrilhão de sinos toca magistralmente no fim de tarde.

São Paulo, 26 de maio de 2011.

17h00. *Avenida São João.* Reunião da executiva do FLM-MSTC. Não pude participar da reunião. Na verdade não houve a reunião da executiva. Esta foi adiada para a quinta-feira da semana seguinte. Mas ainda sim era realizada uma reunião numa sala. A sede do movimento é bem organizada, com recepcionista ou secretária, dois andares com salas e computadores. Na parede um mural com fotos de coordenadores e militantes do movimento. Tento falar com alguém da coordenação e sou orientado a subir as escadas e falar com a coordenadora Solange ou Osmar. Solange, muito solícita e simpática, informou-me que cada ocupação tem uma coordenação independente e no caso eu deveria conversar com a coordenadora do Prestes Maia. “Só que há um problema. Muitos estudantes vêm aqui estudar o movimento e depois que terminam a tese desaparecem, nem mesmo entregam um exemplar da tese para nós. Nós recebemos de braços abertos, porque divulga as nossas reivindicações. Mas tem que ter um respaldo. Nós temos um acervo de referência aqui, muita gente nos procura”. Eu disse que havia cedido minha dissertação de mestrado para a biblioteca que ficava no Prestes Maia antes do despejo. Mas me comprometi a entregar outra cópia para a sede. Acho justo.

Deriva: Sigo a esmo pela São João. Vou em direção ao *Largo do Arouche*. Alguns casais homossexuais namoram tranquilamente na praça. Sigo pela *rua Aurora*. Pela rua alguns estabelecimentos de “striptease” e sexo explícito. Na *avenida Vieira de Carvalho*, eu tomo a decisão inesperada de entrar numa escola de inglês. A atendente de nome Evelyn expõe todos os planos dos cursos da escola, sendo o mais barato no valor de quinze parcelas de R\$ 164,45: um curso intensivo com duração de um mês! Ao me despedir, ela diz: “É, o inglês é importante para tudo hoje em dia, ainda mais agora com a Copa e as Olimpíadas”. No folheto publicitário da escola, que ela me entregou, em letras garrafais, “O que a gente quer é o seu sucesso” e, no centro de um coração desenhado: “Apaixonados pelo sucesso”.

Rua Rego Freitas. Caminhando, lembro-me da ocupação do FLM nuns dos prédios dessa rua, na qual tive pequena participação. Na minha frente, distante, a *Paróquia Nossa Senhora da Consolação*. Sigo, e escuto o dobrar de sinos irresistíveis que vem da Igreja. Entro e vejo a nave desta bonita *Igreja*. Estou cansado. Sento-me. Observo que a pintura da abóbada encontra-se em mau estado, com manchas brancas, e algumas colunas apresentam rachaduras e restaurações em cimento cru mesmo. O carrilhão de sinos preenche o céu do lado de fora. São 6 horas. As pessoas vão chegando. O padre se posiciona no púlpito do altar. Canta: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós estamos aqui (...) Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, nós estamos aqui...” Começa a missa...

Depois de subir a *rua Augusta*, sigo pela *avenida Paulista*. Uma multidão caminha para ambos os lados. No geral, estão bem vestidas, com roupas de escritório. Amanhã, eles estarão aqui novamente.

São Paulo, 31 de maio de 2011.

Ocupação Prestes Maia (avenida Prestes Maia, no. 911). Desta vez entrei na ocupação sem problemas, depois de me identificar e relatar o que se passou na sede da FLM. Subi ao primeiro andar e fui ao encontro da coordenadora Maria. A Maria me recebeu com um certo gelo mas logo se mostrou muito simpática e disposta a colaborar com a pesquisa. Conteí da minha experiência anterior com o movimento e a recordação mais viva que eu tinha do local: crianças com suas mochilas voltando da escola e entrando na ocupação. Ela me falou que finalmente o Prestes Maia ia ser desapropriado, além das ocupações da Mauá e Nove de Julho, que se tornarão moradia popular. Segundo ela, o projeto conta também com a criação de uma creche e um *shopping* popular. Agendei com ela uma entrevista e depois ela me apresentou a uma senhora, interpelando-a se tinha disponibilidade para uma entrevista comigo. “É pra conversar? Se é pra conversar eu tenho”. Esta senhora, de nome Terezinha, natural do estado do Maranhão, 55 anos, vende doces no seu “apartamento”, “gelinho”, que é um tubinho de plástico com suco congelado, e salgadinhos industrializados. Terezinha me concedeu uma entrevista de quase duas horas [*entrevista 1*].

A todo instante, a entrevista era interrompida por crianças que iam comprar “gelinho” e outros quitutes. No seu “apartamento”, moravam ela mais um filho e um neto. O apartamento é quadrado, pouco maior que um quarto médio, com paredes de tapumes, ou *madeirite*, madeira fina compensada, e não tem forro no teto. Dentro há uma cortina que separa uma cama de casal, onde Terezinha dorme com o neto, do resto do aposento, onde uma cama de solteiro fica atrás de um sofá. Há ainda uma geladeira, um fogão, uma mesa com dois bancos pequenos, prateleiras e panelas presas na parede. No final da entrevista, dona Terezinha pulou a janela, onde ela instalou um tanque de lavar roupa, que fica em cima do toldo do edifício. Neste local, ela também colocou um varal, onde muitas roupas estavam estendidas. Ela reclamou da poluição. Da minha parte eu achei um pouco perigoso o local bastante inusitado da lavanderia improvisada, mas é de se compreender, haja vista o problema da falta de espaço. Dona Terezinha também me preparou um café, pois o café da garrafa térmica estava frio. “Cafê frio e mulher fria não dá!”, disse ela. Logo depois chegou sua comadre Jussileide, sua parenta, também do Maranhão. Aliás, durante a entrevista, seu filho apareceu duas vezes. Está trabalhando de faxineiro, carteira assinada e tudo, numa padaria, mas antes, no Maranhão, era camelô. Dona Terezinha logo ia buscar o neto na escola, então me despedi e fui embora. No térreo, o rapaz encarregado da portaria ao se despedir me disse: “Seja bem vindo!”

São Paulo, 7 de junho de 2011.

Ônibus. O ônibus não está cheio; porém, parado no trânsito. Estou de pé, porque não há um assento vazio. Um casal adolescente conversa alto ignorando totalmente a presença de outros passageiros. Visivelmente pertencem à classe média. Estou perto deles. Então decido pôr em prática um dos procedimentos mais elementares da cartografia do cotidiano: escutar conversa alheia e tomar nota, enquanto material de coleta. A conversa é toda afetada, com um “jeito” adolescente de falar, bastante acentuado nas sílabas, nas vogais: “tá ligaaado?” (...) “móóóó legal!” Alguns fragmentos merecem ser transcritos aqui. “Meu pai tem um jipe, um jipe russo. Já ouviu falar? “Lada”. Era um carro da União Soviética. Todo mundo diz que é ruim, que não presta, não tem peça, mas o carro nunca deixou meu pai na mão.

Ao contrário. Certa vez meu pai bateu na lateral de um carro. (...) O carro ficou todo torto, ficou parecendo um *croissant*! Mas no Lada, não aconteceu absolutamente nada, ficou intacto, nem um arranhão. Ele tem um para-choque grande e de ferro” (...) “Quando eu estive na Alemanha, teve uma garota que convidou pelo orkut para uma festa na casa dela. Quando chegou o dia da festa, apareceram mais de 1600 pessoas. Era muita gente. Então a garota chamou a polícia, que cercou a casa, e só colocou 100 pessoas para dentro. O pessoal que ficou de fora, ou seja, os 1500 restantes, se revoltou. Resultado, adivinha o que aconteceu? Eles começaram depredar a rua, invadiam as casas, destruíram tudo. Isso só pode acontecer na Alemanha! Era engraçado ver dez policiais tentando conter o pessoal. Veja as fotos da rua e da multidão no meu perfil...”

Ao chegar no Prestes Maia, sou logo avisado que a coordenadora Maria passou mal e foi ao médico. Eu havia marcado uma entrevista com ela. Para não perder viagem, eu fui entrevistar algum morador. Subi para o primeiro andar e passei pelo buraco que dá acesso ao outro prédio. Alguns garotos jogavam bola na laje de acesso. Entrei no outro prédio e encontrei as portas fechadas. Resolvi voltar para o primeiro prédio e tentar alguma entrevista. Numa das portas, havia um anúncio de DVD. Bati na porta e me apresentei. O morador, C., aceitou colaborar com a minha pesquisa [Entrevista 2]. O apartamento é pequeno, do tamanho de um quarto médio. Há espaço para uma cama, um sofá, uma televisão, um aparelho de som, um fogãozinho com duas bocas, uma mesa e algumas bugigangas. Aliás, o banheiro é de uso coletivo, um único vaso sanitário. Talvez um ou dois banheiros por andar: feminino e masculino. Fiquei pelo menos 5 horas conversando com C. Nesse meio tempo, houve muitas interferências, de crianças, principalmente. Uma tempestade desabou na cidade, apesar de ser outono e a despeito do céu azul que fazia na parte da manhã. Quando cheguei na minha casa para transferir a entrevista para o computador, o gravador da marca GPx-Dvr701, de procedência desconhecida – provavelmente deve ser da China – e que me custou 100 reais, apresentou uma falha e perdeu todos os dados de sua memória. Fiquei muito desolado, para não dizer derrotado, porque a entrevista foi bastante significativa. Pensei em voltar lá e refazê-la, de posse de um novo gravador, melhor e com garantia – que eu prometo comprar ainda esta semana! Mas achei que poderia ser uma atitude negligente e desrespeitosa para com quem se dispôs a passar a tarde inteira e contar sua vida para um estranho. Assim, o que fiz foi tentar

reconstituir a entrevista com base nas milhas lembranças e nas suas passagens que mais me marcaram, o que durou toda a madrugada. Evidentemente, muita coisa se perdeu, o sotaque, o timbre da voz, o nome das ruas, os detalhes aparentemente não tão importantes, a personalidade impar do entrevistado, etc. Lembro-me que, como já foi dito, a entrevista foi várias vezes interrompida por crianças, das quais nem todas eram filhos do entrevistado, mas que entravam e saíam livremente no apartamento. Numa dessas interrupções, um dos filhos do entrevistado, aparentando ter 3 ou 4 anos, entrou por duas vezes dizendo, quase resmungando: “papai, tenho fome”. Carlos respondeu: “agora não filho, tem visita em casa”. Numa outra circunstância, o filho de 15 anos entrou e passou a vasculhar o armário. C. disse, “esquenta a comida, tem comida aí”. Ao que o garoto respondeu, “não, eu quero pão mesmo”. Retirou um pão francês de um saco e saiu. Na verdade, em cima do fogãozinho havia apenas duas panelas, uma estava fechada e a outra continha a água da qual C. esquentou para o café. Num dado momento, C. abriu uma gaveta e tirou uma folha de recibo comum. “Olha como que é o recibo de compra e venda que eu fazia quando comprava e vendia terreno”, disse.

São Paulo, 7 de junho de 2011.

Metrô: (Lá fora, lá em cima, céu nublado, vento de chuva). Trem eloquente: “Atenção: por favor, não pare no acesso às portas, isso atrapalha a circulação dentro do trem; não impeça o fechamento das portas” (...) “Atenção: devido a uma falha em um trem na estação Paraíso, os trens estão circulando com velocidade reduzida e maior tempo de parada. Devido a uma falha em um trem na estação Paraíso, os trens estão circulando com velocidade reduzida e maior tempo de parada” (...) “O metrô informa: Devido a uma falha em um trem na estação Paraíso, os trens estão circulando com velocidade reduzida e maior tempo de parada” (...) “Próxima estação: Liberdade” (...) “Próxima estação: Sé. Acesso a linha três, “vermelha”. Desembarque pelo lado direito do trem” (...) “Não atrapalhe o acesso de entrada do trem. Evite atrasos” (...) “Próxima estação: São Bento” (...) “Os assentos de cor azul são reservados, respeite o uso preferencial” (...) “Próxima estação: Luz. Acesso gratuito a CPTM. Desembarque pelo lado direito do trem” (...). Na estação da Luz,

foi possível ouvir um comunicado interno dirigido aos funcionários: “o trem número (...) será evacuado”. No corre-corre da confusão de pessoas indo e vindo, a multidão é avara da mínima gentileza. Como num formigueiro, atropelam-se.

O tempo mudou: o sol aparece; as nuvens se dissiparam totalmente. Na passarela que atravessa a avenida Prestes Maia, é possível ver o prédio ocupado e as roupas da dona Terezinha estendidas no varal da laje localizada no primeiro andar da fachada do edifício. Os vizinhos também utilizam desse mesmo procedimento. (A coordenadora Maria me confessou que também estende suas roupas no local: “Mas as roupas não ficam sujas, por causa da poluição da avenida?” “Não, as roupas secam rápido, o sol bate direto desse lado”). Um grupo de homens engratados, todos da “raça” branca, reuniam-se numa praça recém construída, na esquina da rua Mauá e da avenida Brigadeiro Tobias, onde foi reformada uma antiga saída da estação de metrô, ainda não inaugurada. O que fazem lá? Boa coisa não é....!

No Prestes Maia, no primeiro andar, acima três grandes lances de escada em forma de espiral do térreo, na sala da coordenação, fechada no momento, aguardo a coordenadora Maria, que resolve problemas no encanamento do edifício. Muitos cartazes cobrem uma das paredes. São cartazes de prevenção médica: AIDS, tuberculose, dengue, hepatite B. Para passar o tempo, vou para o terceiro andar. Os apartamentos estão fechados, o local é escuro e iluminado apenas pelos raios solares que invadem o ambiente por uma grande janela na parede oposta à escada. Ninguém, somente uma menina de cabelos longos, aparentando quatro ou cinco anos de idade, sentada junto a um dos apartamentos. “Moço, o que você deseja? (...) A Maria mora no primeiro andar, em frente ao banheiro”. Depois dessa informação, tão prestativa, sinto-me na obrigação de descer e esperar. Encontro Maria. Ela diz que está ocupada e não pode conceder um depoimento no momento. Mas me encaminhou para um apartamento residido por um casal, R. e G., e mais cinco crianças [entrevista 3]. O apartamento é maior que os dois primeiros visitados antes por mim, a ponto do casal construir dois quartos ladeados por paredes de madeirite. Porém é mais vazio. Numa mesa, foi estendida uma bandeira do PT. Há um pequeno fogão de três bocas. Não há sofá, apenas dois bancos pequenos. Guilherme fuma um narguilé, cachimbo árabe, de metal dourado, acoplado por um sistema de sucção feito com uma mangueira, e, no caso específico, improvisado, na parte de baixo, com uma garrafa *pet* de plástico. Diz que o

fumo pode ter vários sabores. “Este é de uva”. De fato, um aroma de fruta tinha efeito de um incenso aceso e se espalhava pelo cômodo. Depois da entrevista entreguei para a coordenadora Maria um exemplar de minha dissertação de mestrado. Falei que queria conversar, se possível, com alguns estrangeiros, bolivianos ou peruanos. Ela me disse que alguns deles moravam no décimo quinto andar. “Mas eu mesmo não tenho muito contato. Sabe como é esse povo, né, trabalha demais”.

Na volta, na televisão do metrô leio a seguinte notícia: “15% das empregadas domésticas do mundo moram no Brasil. No país, 7 milhões de trabalhadores são empregados domésticos, apenas 15% são registrados”.

Na avenida Paulista, as pessoas vestem-escritório, conversam-escritório, pensam-escritório, sonham-escritório, *são*-escritório, tem moral-escritório: gente-escritório!

São Paulo, 21 de junho de 2010.

Ônibus: Duas mulheres conversam nos bancos de trás. O que será que elas estão falando? Tento escutar mas uma das moças fala muito depressa e puxando muito o “r”: “(...) elas brigam à toa... ...eu falei com a Doutora... Oxente! (...)” De repente, silêncio. Na minha frente uma senhora dorme com a cabeça baixa, sentada; ela tem uma marca de um beijo-de-batom, no pescoço, à mostra. As marcas dos lábios em vermelho são tão perfeitas que chegam a parecer uma tatuagem. As duas mulheres de trás agora falam ao telefone celular: “Alô... hã? (...) Hã?!” Elas se levantam e descem. Um menino senta no lugar delas. Toca o celular. O menino atende: “Alô... lô... lô... Eu tou indo aqui... Frio? (...) Não tou entendendo... Agora sim (...)”. Eu conseguia ouvir a outra pessoa do outro lado da linha a uma distancia de dois metros do telefone celular, de tão alto que ela falava, como o garoto não estava entendendo?!!! (...) Depois, eu seguro no ferro do corrimão do ônibus para ver se é doce. Deixa-me explicar. Ontem dei início a uma seção da minha tese intitulada “Morar”. Para isso li alguns ensaios do filósofo alemão Heidegger, dentre eles um denominado “A coisa”, em que o autor realiza reflexões bastante poéticas sobre um cântaro. Talvez aqui seja o momento de narrar um fato de minhas lembranças da infância, que muito me impressionou. Estudei na escola pública Caetano de Campos, e tomava um

ônibus que fazia ponto final na rua do colégio. Certo dia, um aluno cego, que também tomava o mesmo ônibus, estava à entrada do veículo, que mantinha a porta aberta, e segurava a alça de metal mas não subia. Sem tomar conhecimento das pessoas que esperavam o sinal do motorista para entrar, o estudante dizia em voz alta: “Este ferro é doce. Este ferro é doce”. Repetia sempre em voz alta a mesma frase. Depois passou a cantar: “Esse ferro é o ‘Pinheiros’, que vai pela Topázio, passa na Paulista e me leva à minha casa”. Fiquei pensando, como aquele ferro (o ônibus) podia ser doce? Ora, o rapaz era deficiente visual, o tato era, portanto, sua visão. Mas não só; também sua audição, seu olfato e também seu paladar. O ônibus é de metal, é gelado e, com o toque, produz um ruído metálico. O ônibus era aquela máquina fantástica de ferro que o conduzia para a casa. O ônibus-ferro eram seus olhos. Logo, era doce. Provavelmente, para ele, as cores eram gostos. Compreendi então que ele podia sentir o gosto das coisas ou dos lugares com as mãos e fazer poesia. Assim, a terra era doce, o céu, as estrelas e as flores também. Uma tempestade podia ser amarga, azeda, salgada, ou muito doce também. Penso: que sabor tem o calor do sol?

Prestes Maia. Fui ao quarto andar. Uma das portas dos apartamentos está aberta. Há três adolescentes e um bebê, no apartamento. São jovens bonitos: Raísa, Adriana, Rafael e o bebê [entrevista 4]. Depois descí para terceiro andar. Duas mulheres conversavam. “Boa tarde”. Uma delas me interpelou, ela se mostrava bastante desconfiada e irritada. “Nós não estamos dando entrevista pra ninguém, pra depois vocês falarem aquilo que vocês falaram no Diário Popular”. Não entendi. Mas expliquei que eu não era jornalista e estava desenvolvendo uma pesquisa para a universidade. Disse também que já havia me comunicado com a Maria e já até realizara algumas entrevistas no Prestes Maia. Ela quis checar a informação com a Maria, que mora no primeiro andar. Nós descemos. Na escada um rapaz – que era cunhado da moça – interrompeu-nos e disse: “Fulano morreu, eu acabei de receber um telefonema avisando. Sabe, ele caiu do vigésimo segundo andar, tava dependurado, trabalhando sem proteção, aquelas cordas que prende. Ele foi batendo no patamar das janelas. Sabe o que é patamar? Quando tava chegando no chão ele ainda tentou segurar numa folha de coqueiro. Folha de coqueiro é cortante. Fez um corte daqui a aqui”. Mostrou o antebraço e traçou um risco da mão até o braço. Perguntei se o rapaz estava

pintando um prédio. “Não sei no que ele estava trabalhando... Vixi, ele tinha só 22 anos!” (...) Deixamos o rapaz, que estava chocado; e na casa da Maria foi esclarecida a situação embaraçosa de ter sido confundido com um jornalista. Tomei conhecimento da matéria do jornal. Evidentemente mentirosa, do mais baixo nível, feita para denegrir o movimento. A moça, já mais tranquila, então, revelou-se muito simpática e identificou-se (A.), e muito gentilmente concedeu uma entrevista [entrevista 5].

Avenida Paulista. Estou com fome, já escureceu. Há um prato-feito barato – um filé de frango grelhado, arroz, feijão, batata-frita e salada, por R\$ 9,90 – dentro do Top Center, num restaurante chamado “Le Marmiton”, onde vou almoçar. Na praça de alimentação, um funcionário estrábico vai-e-vem com um esfregão. Não usa óculos. Também este funcionário recolhe as bandejas com restos de comida dos restaurantes, deixadas, por clientes, em cima das mesas. Outros funcionários atendem outros clientes, alguns destes, aliás, muitos bem vestidos. Uns servem, outros são servidos. Será sempre assim? [Só para constar, cinco dias depois, estava eu na rua e vi uma mulher morena no alto do sétimo andar de um prédio andando com uma pá de limpeza e uma mangueira amarela sobre uma espécie de sacada estreita sem qualquer proteção; na varanda, com um parapeito de vidro e madeira, ao lado, uma mulher loira parada, bem vestida, braços cruzados, observava de maneira ativa e imperativa a tarefa arriscada que a outra executava].

São Paulo, 28 de junho de 2011.

Esta foi a noite mais fria do ano. No bairro de Santo Amaro uma fina camada de gelo cobriu a vegetação e os carros. Segundo o noticiário local, provavelmente dois moradores de rua morreram por causa do frio.

Acordei pela manhã com dor de cabeça, que se prolongou pelo resto do dia, e por isso não consegui prestar atenção em quatro mulheres que conversavam no metrô. “Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma. Evite acidentes”; voz pausada e mecânica anunciava a estação da Luz. Já no Prestes Maia, Maria, que, apesar do frio, lavava a roupa num tanque de uso comum e, portanto, encontrava-se ocupada, me disse que a Neti,

coordenadora geral do MSTC, pedira para que eu fizesse uma dedicatória no exemplar da minha dissertação de mestrado que cedi para o movimento.

Depois, fui para o quinto andar, que estava todo enfeitado com bandeirinhas de São João, onde mora C., que, no momento, recebia visita de seu amigo C. [entrevista 6]. A casa de C. é como as demais, só que segmentada por uma parede de madeira que separa a cozinha do quarto. No quarto há duas camas (um nenê dorme numa delas), há uma televisão pequena, doada. A propósito, até agora, nos apartamentos que eu visitei, não encontrei um único computador. Segundo C. e C., a maioria dos eletrodomésticos é fruto de doações. Terminada a entrevista fui embora.

Apesar da sinusite, ainda passei numas revistarias, bastante comuns na região da estação da Luz. Achei uma revista sobre Foucault e Deleuze, na qual, na sua contra capa, anunciava-se uma revista da mesma coleção sobre Nietzsche e Shopenhauer. Perguntei para o homem no balcão se ele tinha um exemplar da revista que tinha Nietzsche na capa. “O bigode? Péra aí; vou ver se tem...” Entrou numa sala e voltou com uma pilha de revistas nas mãos. “Deixa eu ver... o careca você tem, né?” “Sim, o careca eu já peguei”. “E o do cachimbo?” (“O do cachimbo” era Sartre e, obviamente, o careca era o Foucault, que na capa sorria canastrão). “Puxa, o bigode não tem, vou ficar te devendo”. Sai um pouco desapontado, sem a revista do bigode...

Na estação Brigadeiro do metrô, exatamente às 18 horas, pessoas enfileiradas, esperando sua vez de passar pelas catracas, preenchendo todo o local como sinuosos tentáculos de um polvo gigante, que agarrado ao espaço, não dá a menor chance de fuga a sua presa. Foi difícil sair da estação. “Com licença, obrigado; com licença, por favor... dá uma licencinha, obrigado...” Impressionante!

São Paulo, 5 de julho de 2011.

Prestes Maia. Vou para o segundo andar do prédio. É mais um meio andar, como um mezanino. Lá procuro Fernando, porque na semana anterior ele tinha se proposto a dar uma entrevista, mas naquele dia não podia ser, pois estava ocupado. Hoje, não o encontro; contudo, sua esposa, Nilza, de 43 anos, sobe comigo até o terceiro andar a procura dele. Em

vão. Então ela se dispõe a falar [entrevista 7]. Começa narrando o assassinato de seu filho, ocorrido em Santos, também de nome Fernando, aos 18 anos, o único rapaz dentre cinco irmãs e, praticamente, falou sobre isso o tempo todo. Nesse momento, chega Fernando. Vale a pena descrever a figura: Ele é um homem negro, estatura média – “sou soteropolitano, sabe onde é?”, como se referiu quando o conheci – cabelos grisalhos. Ele vestia uma camisa do Corinthians por baixo de uma jaqueta preta de couro; usava também uma calça preta e uma chuteira toda prateada, tão reluzente que chegava ofuscar a vista. Nilza, então, se retira e volta com um álbum de fotos, interrompendo a conversa várias vezes. É um álbum com fotos de Fernando, o filho. Este foi morto por um policial. “Essa é uma história muito triste”, lamenta-se o pai. Quando termino de ver as fotos, Fernando, surpreendentemente se mostra reticente em dar a entrevista. Faz várias ressalvas e se recusa a contar sua história no MSTC, apesar de ser um coordenador de andar. Lá pelas tantas, depois de mais de duas horas de conversa, já era por volta de quase 18 horas, Fernando diz: “Eu não almocei, você também não”. Novamente me surpreendo, então o casal me convida para almoçar. Aceito o convite, e Nilza vai esquentar a comida. Entro no apartamento, há um parapeito que dá para o primeiro andar. De lá é possível ver todo o salão do andar debaixo onde são feitas as assembléias. “Quando estou cansado, participo daqui mesmo das reuniões”. Neste ambiente fica a cozinha. Há uma parede feita com tapume ou medeirite que separa a cozinha do quarto, que é um cômodo muito estreito e comprido que se alonga lateralmente para dentro. Aqui, há uma cama de casal onde cinco crianças enroladas em cobertores assistem televisão. Segundo Fernando, suas filhas dormem na cama de casal enquanto ele e sua esposa dormem no chão. De fato, tinha um colchão quase embaixo da cama. Ele me conta que tem um aparelho de karaokê. A comida está na mesa, que fica numa área à entrada do apartamento, local onde foi realizada a entrevista e é um lugar público, isto é, de acesso dos moradores. No prato há arroz, feijão e uma “mistura” de linguiça, com batata e uma carne bastante gordurosa, talvez um tipo de toucinho. O tempero é bastante forte, apimentado. Mas a comida é muito gostosa. Foram três horas e quarenta minutos de entrevista, gravei o que pude. Fui embora com o Fernando, que ia comprar um maço de cigarro no bar. Nesta hora, por volta de 18 ou 19 horas, muita gente circula na escadaria, provavelmente voltam do trabalho. Na portaria, um grupo de teatro se reunia. Tive vontade de conversar com eles mas já estava cansado. Lá fora, perto da

passarela que atravessa a avenida, Fernando cumprimentou um rapaz de chapéu, barba e cabelos compridos que ia em direção ao Prestes Maia, e ao qual fui apresentado. Este rapaz de nome Rafael também é estudante da USP e realiza um trabalho ligado às artes cênicas com os sem-teto. Vou embora.

Parei diante das catracas do metrô para pegar meu bilhete na mochila, neste momento, um homem se aproxima de mim e pergunta: “é unitário?” Diante da minha resposta afirmativa, ele diz: “passa aqui”. Assim, ele pega meu bilhete e passa um outro provavelmente de desempregado ou de deficiente no lugar do meu. Ele procede da mesma forma com outros usuários do metrô. Ele venderá esses bilhetes mais baratos na entrada de alguma estação. Já no vagão do trem, duas garotas sentadas conversam, uma é negra e a outra, branca, esta com forte sotaque nordestino. Uma delas tira um livro da bolsa; de longe, tento ler o título. Forço a vista e consigo: “Por uma outra globalização”, de Milton Santos. Olha só, Milton Santos! Elas abrem numa determinada página e leem entusiasmadas um trecho. Por pouco não fui falar com elas. Mas estava bastante cansado mesmo.

São Paulo, 12 de julho de 2011.

Centro: Prestes Maia. Fui ao prédio para tirar algumas fotos [fotos]. Na minha pesquisa de mestrado, a professora Odette apontou um problema na dissertação que foi a ausência de imagens da ocupação. Por isso, ao continuar a pesquisa com o movimento sem-teto, desta vez senti a necessidade de preencher esta lacuna. As fotos não captaram a beleza e a dimensão de alguns lugares, infelizmente. Ainda deu tempo de realizar uma entrevista com um morador, L. [entrevista 8]. Inúmeras crianças brincavam em todo o prédio. Circulo pelo prédio, e tento entrevistar um rapaz que segura uma criança no colo. Uma moça curiosa se aproxima; ela também segura uma criança. Porém o rapaz não quis ser entrevistado. A moça, talvez influenciada, também se recusa. Vou embora.

Na *passarela*, os carros parados no trânsito congestionado formam imensas filas, uma ao lado da outra, na avenida. Dezenas de ambulantes passam pelos carros vendendo todo tipo de coisa, até um avião enorme de plástico.

Em algumas estações do metrô há máquinas que vendem de tudo: salgadinho, chocolates e livros! Os livros custam muito barato, nunca acima de cinco reais. Compro um livro de *contos* de Machado de Assis por apenas dois reais! (A passagem do metrô é R\$ 2,90 e a de ônibus é R\$ 3,00). Era tarde, mas fui almoçar. Enquanto esperava o prato-feito ficar pronto, passei a ler um conto, com um título bem apropriado para os dias de hoje: *O empréstimo*. Nestes nossos tempos de hegemonia do capital fictício e da juventude seduzida pela utopia-do-mercado, as linhas amargas saídas da tinta de um dos grandes literatos da língua portuguesa parecem tão atuais que vale a pena transcrevê-las aqui um fragmento:

“E, para começar, emendemos Sêneca. Cada dia, ao parecer daquele moralista, é, em si mesmo, uma vida singular; por outros termos, uma vida dentro da vida. Não digo que não; mas por que não acrescentou ele que muitas vezes uma só hora é a representação de uma vida inteira? Vede este rapaz: entra no mundo com grande ambição, um banco, uma coroa de visconde, um báculo pastoral. Aos 50 anos, vamos achá-lo simples apontador de alfândega, ou sacristão da roça. Tudo isso que se passou em 30 anos, pode algum Balzac metê-lo em 300 páginas; por que não há de a vida, que foi mestra de Balzac, apertá-lo em 30 ou 60 minutos” (Machado de Assis).

São Paulo, 19 de julho de 2011.

Metrô: “Ao ouvir o sinal, tire bolsas e mochilas das portas; evite acidentes”, para logo em seguida numa voz melodicamente robótica anunciar: “Pró-xima es-tação: Li-ber-dade”. Numa cidade em que a multidão se cala, o trem repete vozes impessoais e orienta a *boa* conduta dos que já não podem mais falar.

Luz: na passarela que atravessa a avenida Prestes Maia, pode-se ler numa placa: “Passarela Rua das Noivas; inaugurada em 1/08/96”.

Edifício “Prestes Maia”: eu consigo uma entrevista com uma boliviana, que não quis se identificar [*entrevista 9*], e outra com uma mulher chamada C. [*entrevista 10*]. Durante a entrevista de C., seus filhos pequenos andavam o tempo todo de bicicleta pelo salão do andar, e seu cachorro não parava de me cheirar. Ao descer a escada, próximo ao térreo, uma senhora passa mal e é acudida por outra. Eu paro e pergunto se ela precisa de ajuda. Ela me

responde: “Não precisa, não. Se eu piorar eu volto pro médico”. As duas me agradecem e eu vou embora.

Deriva: no depoimento concedido pela boliviana, esta me relatou que seus filhos frequentavam a Pinacoteca do Estado e do Museu da Língua Portuguesa. Assim, motivado pela entrevista, fui à Pinacoteca, pois não conhecia este museu. Na exposição, quadros de Anita Malfati, Di Cavalcanti, Volpi e outros modernistas e também artistas do século XIX. Algumas pessoas também visitavam o local, muitas vestidas com trajes bem característicos, estilizados, com lenços no pescoço, coletes, boinas; vestidas, digamos nós, *vestidas de pinacoteca*. (Esta foi a melhor definição que eu achei). Todavia, não pude visitar o Museu da Língua Portuguesa, pois a exposição já se encontrava fechada devido ao horário.

Metrô: Uma garota envia mensagens pelo celular: “Posso chegar antes das 19h (...). Qndo vc terminar a reunião, eu posso t encontrar (...). Q tal no cafe da manhã...” Fico impressionado com a velocidade com que ela escreve essas mensagens, que são muito extensas. Outra lê um livro, ao perceber minha indiscrição, ao tentar ler alguma coisa, ela traz o livro para perto do colo, de modo que eu não possa ver. Ainda assim consigo ler no alto de uma página: “Capítulo II – o princípio administrativo”. Sem dúvida nenhuma, minha conduta é altamente reprovável, mas é parte do método para a elaboração de uma cartografia do cotidiano, conforme já foi dito, onde sou obrigado a me portar como uma antena. Certa vez, um amigo de meu pai, que escrevia poesia, como ele, lhe disse: “o poeta é a antena do mundo”. Ainda assim, quanta coisa escapa...

26 de julho de 2011.

Avenida Paulista: Hoje o trabalho de campo começou com uma poesia de Mario de Sá Carneiro. Na verdade antes, quando eu andava pela avenida Paulista. Lá um rapaz moreno de cabelo tingido de loiro me parou e perguntou onde ficava o parque do Ibirapuera. Dada a informação, ele mostrou interesse em conversar e passou a me acompanhar em direção ao metrô: “Vou trazer a mulher, o problema que não dá pra vim de carro, porque no parque tem muito ladrão e o estacionamento é caro”. E assim foi. Na avenida Paulista, comentou que a região era muito valorizada e que ia tomar o metrô também. “Com essa nova linha [a

verde], eu chego aqui em 35 minutos. Aí a mulher gosta de andar, a gente vai caminhando. (...) Eu moro em Mauá, bem perto do Rodanel, valorizou muito lá, eu tenho um sobrado que deve tá valendo uns 350 mil reais agora. Eu também tenho um terreno, que comprei por 17 mil reais, e agora tá valendo 50 mil reais. (...) Eu trabalho na área de segurança, vim pra cá hoje pra fazer um tratamento dentário”. Na estação Paraíso eu me despedi e fui para a plataforma “sentido Tucuruvi”. Agora sim, o melancólico poeta português, Mario de Sá Carneiro. “Eu não sou eu nem sou outro; Sou qualquer coisa de intermédio; Pilar da ponte de tédio; Que vai de mim para o Outro. (Mário de Sá Carneiro, poeta português)”. Estes versos foram gravados, pelo próprio Metrô, numa parede diante de uma das escadas, que liga uma plataforma à outra. Perguntei a mim mesmo se alguém lia aqueles versos, descrente. Na plataforma, o trem não vinha, demorava mais do que o normal. Descobri então que em São Paulo *tempo é engarrafamento*: de carro, de pessoas... Mal consegui segurar num corrimão de tão cheio que estava o vagão. Perto da Luz, vi no vídeo informativo do Metrô um monumento que me pareceu familiar, a estátua que está em frente da Politécnica da USP. “Monumento Ramos de Azevedo, do italiano Galileo Emendabili. Antes de ir para a Cidade Universitária, o monumento passou pela avenida Tiradentes e Luz”. [Minha mãe, que viveu no Bom Retiro, sempre que vê o monumento na USP, bem que fala que o monumento ficava perto da casa dela].

Prestes Maia: Na portaria do edifício, um homem que se disse eletricista do MSTC foi extremamente descortês e ríspido quando me apresentei. “Eu conheço a Neti há oito anos! Outro dia, vieram 20 alunos da PUC aqui. Não tem problema vir aqui, tem que falar com a coordenação primeiro”. Quando disse que eu já falara com a Maria, ele simplesmente virou as costas e saiu dizendo alguma coisa enfezado. Tudo bem, na verdade ele nem estava trabalhando na portaria, estava lá, apenas. Subi e entrevistei P. [entrevista 11], do sétimo andar, e a J. [entrevista 12], moradora do primeiro andar do “Bloco A”. Aliás, a grande maioria dos moradores sempre tem muito bem me recebido. No primeiro andar, vi a senhora da semana passada que passava mal andar pelo salão. Estava melhor já.

Deriva: segui pela rua Mauá e perto da estação Julio Prestes (Sorocabana) li Pinacoteca. É um anexo da Pinacoteca do Estado de São Paulo: o “Memorial da Resistência de São Paulo”, o antigo Deops. No folheto informativo, entre outras coisas, está escrito: “Saído das pranchetas do escritório de Ramos de Azevedo, o prédio foi inaugurado em

1914 para o funcionamento da administração e depósito da Estrada de Ferro Sorocabana. Reformado para abrigar o Deops/SP em 1939, acabou totalmente ocupado pelo órgão a partir de 1940”. Entrei e visitei a exposição, muito boa por sinal, onde é possível entrar nas celas e ter acesso há muitas informações áudio-visuais e escritas. As portas ficam rangendo o tempo todo com o entrar e sair dos visitantes.

Avenida Rio Branco. Há muita gente circulando, pois o horário é de pico, 18:00; e o dia, apesar de um dia de inverno, está muito quente. Entre os transeuntes apressados, algumas pessoas completamente degradadas, capengavam enroladas em seus cobertores cinzas; são provavelmente “zumbis do craque”. Na rua dos Gusmões, alguns “zumbis do craque” fumam a droga encostados numa parede. Mas a rua não estava cheia de viciados, talvez por causa do horário. Na “Virada Cultural”, passei por esta rua e ela estava intransitável de tantos usuários da droga.. Depois, fui para avenida Ipiranga, e entrei na avenida São João.

São Paulo, 2 de agosto de 2011.

Metrô: Hoje a poesia ficou por conta do dia bonito. Mas dentro do metrô é sempre “nublado e frio”. No vão dos trens há muitas telas de televisores. As telas transmitem uma programação de uma emissora interna ao metrô chamada “TVMinuto”. Geralmente são exibidos programas culturais, como endereços de museus, noticiários de economia, esporte, política etc., e propagandas diversas. Informes do metrô também intercalam a programação. Não há áudio, mas mensagens por escrito. Entre uma e outra esta: “SMS-Denúncia: Envie uma mensagem por celular denunciando o comércio irregular, delitos ou vandalismo dentro do trem. Denuncie, colabore.” Placas espalhadas pelo trem com o mesmo teor, “você denuncia e o metrô entra em ação”, solicitando “a característica do infrator; número do carro; a linha; sentido de deslocamento; a próxima estação, etc.”; e, no final, “O metrô garante seu anonimato”, etc.

Prestes Maia: Realizei mais duas entrevistas com Zelaide [*entrevista 13*] e Ivanir [*entrevista 14*], esta residente do “Bloco A”. No segundo andar deste bloco, algumas crianças que estavam brincando no corredor pegavam a minha mão e me conduzindo para

uma das casas, diziam: “entrevista a minha mãe; entrevista a minha mãe”. Desta vez, fui embora mais cedo.

Metrô: No trem um casal de idosos estava sentado em um dos bancos reservados. Ao entrar um homem com muletas e uma perna enfaixada, o idoso imediatamente se levantou para oferecer a vaga. O homem se recusou e logo pediu dinheiro para uma moça que estava sentada mais à frente. Então o senhor de idade disse bem alto: “Que situação é a do brasileiro!” O homem então se sentou ao lado do casal. “Quando entra um paraplégico, não precisa nem pedir, a pessoa tem que dar lugar. (...) Eu tenho 88 anos, e quando alguém entra nessas condições eu logo cedo o lugar, não precisa nem ser preferencial. Não faço mais do que a minha obrigação!” Parece que sua esposa nesse momento o repreendeu sutilmente, pois ele falava alto. “Falo mesmo. A verdade tem que ser dita!” Nesse momento, o homem de muletas perguntou se a estação era a Sé; obtendo uma resposta afirmativa, levantou-se e desceu”. Ao passar por mim, examinei bem a perna enfaixada, e cheguei mesmo a desconfiar se não passava de um artil. Mas foi apenas uma dúvida.

São Paulo, 9 de agosto de 2011.

Deriva no metrô, em horário de “pico”: Pode ser que os técnicos e administradores do metrô ignorem as leis mais elementares da física moderna, especialmente aquela que diz que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, ou parecem ludibriá-las completamente; feito que até aqui tem sido obtido com grande êxito. Hora de pico: uma multidão se aglomera na plataforma do metrô; imagem que se assemelha a um grande comício. E, na multidão, quem fala é o corpo; e ele diz: “Ô abre alas, que eu quero passar!” (Só que sem a alegria do carnaval). Em tamanho tumulto é preciso ter cuidado. “Não arrisque a sua vida, nunca ultrapasse a faixa amarela”. O alto-falante repetia incessantemente esta frase. Os trens chegavam abarrotados. Mesmo assim as pessoas conseguiam a façanha de entrar nos vagões, apesar da desproporcionalidade dos que saíam e dos que entravam, em muito maior número. À medida que os trens paravam para o embarque/desembarque (ao todo uns cinco desde que eu cheguei), fui sendo empurrado para perto da tal faixa amarela. Notei que as pessoas ultrapassavam a faixa e esperavam

destemidas o trem chegar. “Ao não conseguir embarcar, volte para trás da faixa amarela, evite acidentes”. (Evite uma catástrofe, pensei!). A voz robótica alertava quase separando sílabas. Talvez ninguém ouviu ou tenha prestado muita atenção. Imaginei: “de lá eu não passo”. Porém, desgraçadamente, não consegui embarcar no último trem e com sua partida fiquei na beirada da plataforma. “Ao não conseguir embarcar, volte para trás da faixa amarela. A faixa amarela é a sua segurança”. Falou tá falado! Quem sou eu para discutir? Voltar para trás da faixa amarela, pessoal! Sem dúvida alguma, é a atitude mais razoável a fazer nestas circunstâncias, venhamos e convenhamos. Diante de mim, o vão com os trilhos carregados de alta-tensão elétrica e o trem que poderia chegar a qualquer instante em alta velocidade! Logicamente, tentei voltar. Mas atrás de mim uma muralha feita de gente me impedia. Diante da situação imprevista, e imaginando muitas possibilidades caso as coisas não funcionassem como deveriam, estudei um local em que eu devia pular e como proceder se por um infortúnio do destino as pessoas, como num efeito dominó, comesçassem a cair no vão: no meio dos trilhos e abaixar depressa, calculei! Contudo, tentei ir para trás novamente. Impossível o menor movimento. E silêncio. O próximo trem não chega e os segundos se transformam em uma eternidade. Mas uma tentativa, na esperança de sair daquela terrível situação desconfortável. Nada! Outras pessoas, ao meu lado, olhavam para o fim do túnel. De repente, um estrondo como o de um trovão, e a serpente metálica de olhos luminosos pôs a cabeça no fundo do abismo de Hades e seguiu velozmente em nossa direção. Como um estouro de boiada, o trem passa a um triz do meu nariz! Ato contínuo, eu vou para trás bruscamente, com o coração na mão. Olhei em volta, para as pessoas, e elas sequer piscavam os olhos. Zumbis? Zumbis do craque? Zumbis do dinheiro? Que diferença faz. Não sei. Não havia tempo para grandes reflexões, fui jogado para dentro do trem à minha revelia, pois naquela altura dos acontecimentos eu já tinha muitas dúvidas sobre uma possível alternativa de transporte, menos emocionante. Dentro daquela lata de sardinha, fiquei pensando se tudo aquilo não passava de um ardil de um gênio maligno e tudo não era fruto de uma ilusão. Certamente amanhã de manhã eu vou acordar e descobrir que tudo não passava de um sonho. E então vou constatar perplexo que acordei dentro do meu sonho. Talvez, a nossa existência subjetiva se confirme todos os dias na impossibilidade de alterar as coisas no mundo. Na confusão de pessoas desesperadas para chegar no horário, logo, sempre atrasadas, e, por isso, sempre correndo, fiquei meditando e conclui que um dos

desdobramentos do pensamento de Foucault é que hoje as pessoas interiorizaram o panóptico. Por exemplo, se você para na rua para olhar um passarinho, os transeuntes vão te olhar de modo inquisitor. “Por que você parou para olhar esse passarinho, que tipo de maluco você é?” Paranóia? Não seria esta a estratégia mais sofisticada do poder? O *cogito*. A dúvida. Como posso ter certeza de que tudo não é um delírio psicótico. E se for? Devo procurar um psiquiatra, ser medicado e comportar-me como um sonâmbulo anestesiado ou um escravo mecânico? O gênio maligno outra vez.... Talvez, o mais estarecedor de tudo isso é que na verdade verdadeira ninguém liga se você parou para olhar um passarinho ou o que quer que seja. Você vai passar despercebido em todas as hipóteses. Não há delírio, não há paranóia – que é um desejo inconsciente de fato que outros tomem conhecimento de nossa existência, de nossa pessoa, de nossa vida – mas há somente indiferença. Quem sabe, por detrás daqueles zumbis, sejam quais forem, há seres humanos, que despertam todos os dias num sonho coletivo e têm, no seu íntimo, desejos, momentos humanos. Nada a fazer? Próxima estação: Liberdade!

São Paulo, 16 de agosto de 2011.

Esquina da rua Florêncio de Abreu e rua Mauá. Muitas lojas especializadas em artigos para noivas e enxoval. Anotei o nome de algumas delas: “Demetrius Noiva”; “Center Noivas” “Feira das Noivas: tudo para seu casamento”; “Brilho das Noivas”; “Nova Noiva”; “Shopping Noivas”; “Cristal Noivas”. Aqui, vestido de noiva não vai faltar... só falta achar a noiva!

Avenida Prestes Maia. Ironia do destino ou não, ao lado do Prestes Maia há um Centro de Apoio do Trabalho, órgão ligado a Prefeitura de São Paulo.

Prestes Maia: Ultimamente, quem tem intermediado meus contatos com os moradores são crianças, geralmente menores de 6 anos. Não poderia haver melhor anfitrião. Elas vêm até mim e perguntam quem eu estou procurando. Depois de me apresentar e explicar o meu trabalho, elas logo compreendem e fazem a mediação com os pais. Num dos andares, um menino me disse: “Vai aqui em cima, tem muita gente, tem até japonês!” Eu retruquei: “japonês ou boliviano?”. “Num sei”. Em outro andar uma menininha e seu

irmãozinho me disseram: “Meu pai nem minha mãe estão, mas o tio tá”. O tio era o João, rapaz do Ceará muito simpático e cordial, que, ao me ver, vestiu uma camisa e se identificou como coordenador de andar, aceitando prontamente em conceder uma entrevista gravada. Aliás, foram entrevistados, além do João: Iranilda, Reginaldo, Lena, Vitor, Fernanda e Edílson (mãe e pai das crianças, sobrinhas do João).

Metrô: “Não segure as portas dos vagões, evite atraso em todo o sistema”; “Funcionário Fulano de Tal, entrar em contato com a S.S.O.”; “‘Jovem cidadão’ Ciclano, dirija-se ao posto ‘S’, segundo trem”. “Jovens cidadãos” são voluntários (assim penso), trajados com um colete azul e que auxiliam pessoas com algum tipo de necessidade, como deficientes visuais ou mesmo quem busca alguma informação. No vagão lotado, muita gente segura telefones celulares. Uma moça escreve uma mensagem (SMS): “Te amo, oro por Deus por você todos os dias” (...) “Oro por seu amor e para ficar perto de você”. Ela apertou um botão e na tela apareceu um morceguinho batendo asas e abaixo a seguinte mensagem: “enviando para Amor”. Instantes depois: “mensagem enviada”.

São Paulo, 23 de agosto de 2011.

Metrô: ATAQUE DA CAVALARIA!!!! “Por que correm tanto, não é possível que todos estejam atrasados?” *Meditações-metroviárias*. Com licença, desculpa, por favor? Nada. Lá em cima, o ronco dos motores, buzinas nervosas, carros, ônibus, *motoboy*s. Música? Ruídos, somente, ruídos; barulho, barulho.

Fora, na rua: Chovia; dia cinzento. À porta do metrô, ambulantes vendiam guarda-chuvas. O preço: R\$ 7,00. Na passarela das noivas, dois homens fumavam, talvez, maconha.

Prestes Maia: foram colhidos três depoimentos: G. [entrevista 20], I. [entrevista 21] e L. [entrevista 22]. Dependendo do horário, as portas dos apartamentos (ou barracos como alguns moradores preferem chamar) ficam fechadas por uma corrente com um cadeado pelo lado exterior. Por volta de umas 19:00, desci para o primeiro andar. No saguão, uma montanha de roupas no chão e muitas mulheres aglomeradas em volta, examinando cada

peça. Um menino se aproximou e disse: “Boa noite moço”. E depois acrescentou: “tem roupa de homem!”

Estação Paraíso. Dentro de uma estrutura semelhante a uma coluna vertebral de um dinossauro feita de madeira, uma banda tocava. O gênero musical era uma mistura de bossa nova e jazz e as letras eram cantadas em inglês. Não gostei e fui embora. Muito mais tarde fiquei bastante pensativo e talvez mesmo entristecido: o depoimento de G. foi impressionante, muito triste mesmo. Veio-me a imagem do Prestes Maia com as luzes acesas à noite. Quantos segredos...

São Paulo, 30 de agosto de 2011.

Prestes Maia: Fui visitar A., uma das moradoras que entrevistei, no dia 21 de junho. Na ocasião, ela estava grávida. No dia 25 de julho ela deu a luz a uma menina de nome Letícia; passou uns dias na casa da mãe na zona leste da cidade e agora já estava de volta ao Prestes Maia. Levei um pacote de fraldas para recém-nascidos e um balde de lençinhos umedecidos para a criança, que estava num berço dormindo. “Perdi uma prima ontem”, A. me contou. “Os médicos dizem que foi anemia profunda; mas a Fulana que mora aqui em cima disse que quando eles falam que é anemia, é porque na verdade é leucemia”. Segundo A., sua prima tinha apenas 17 anos e morava no interior da Bahia, numa cidade chamada Camacam. “Tentaram trazer ela para São Paulo, mas já era tarde”. Contou também que uma das moradoras do Prestes Maia, que estava com câncer, foi a uma igreja, denominada Mundial do Reino de Deus, e vomitou o tumor. “Tem até a foto no jornal da igreja”. Depois me perguntou o que eu achava das igrejas evangélicas. Eu disse que muitas delas não passavam de um comércio pura e simplesmente; que em certas igrejas até boleto bancário de pagamento era colocado estrategicamente nos assentos da igreja; e em outras, o dízimo era descontado diretamente no holerite dos fieis. Ela citou uma nova modalidade, que eu não conhecia: “Na Internacional, se você não tem dinheiro, eles vêm com aquela maquininha e pedem para você passar o cartão”. Não brinca, até o dízimo virou crédito! “É, e isso não passa na televisão, eles cortam nessa hora”. Então ela citou a célebre passagem bíblica em que Jesus expulsa os mercadores do templo: “Não fazeis da Igreja um balcão de

negócio”. Embora A. frequente uma igreja evangélica, ela diz que a salvação vem dos fiéis e não dos pastores e bispos. Depois me despedi e realizei mais três entrevistas: C. [entrevista 23], E. [entrevista 24] e D. [entrevista 25].

Metrô: Dei prosseguimento às minhas meditações-metrovianas. A questão que foi colocada novamente foi a pressa dos usuários. Na verdade, ela não é restrita ao metrô, sendo generalizada a toda cidade. Concluí que não há um motivo razoável para explicar tal fenômeno, mas sim o simples fato tautológico de que todos agirem assim porque todos agem assim. Obviamente, deve ser bastante natural deslocar-se em alta velocidade quando a multidão assim o faz. Será que alguém parou para pensar, para ler a poesia de Sá Carneiro? Hoje, na vértebra do dinossauro, alguns escritores, reunidos por uma editora, conversavam com alguns curiosos sobre temas talvez ligados à literatura. Encostei para ouvir. Uma moça com um microfone fez algumas considerações sobre os tais “tabletes” e um dos escritores especulou profundamente sobre tecnologias e literatura. Tive vontade de pegar o microfone e falar: que *ler* o quê, ninguém aqui tem mais o que fazer? vão viajar, passear, ir ao zoológico, ouvir música, dançar, sei lá; bando de panacas! Mas me faltou coragem, e não consegui vencer a timidez. Continuei a meditar: hoje, pode se dizer, que uma população que ultrapassa seguramente o número de habitantes de uma cidade pequena ou média circula no metrô todos os dias. (“Memória do subsolo”?). O que me fez pensar numa nova modalidade de gente no III milênio: a pessoa-minhoca. Mas estas reflexões são demasiadamente excêntricas para serem desenvolvidas aqui. Então, conforme o método de Husserl, coloquemos entre parênteses este fenômeno.

São Paulo, 7 de setembro de 2011.

Deixei para o feriado de Sete de Setembro para ir a campo. Ontem, na televisão, a presidenta Dilma falou por 10 minutos na televisão em cadeia nacional, em horário nobre. Palestrou a presidenta acerca da crise mundial que, em suas palavras, se mostrava pior do que a de 2008, mas que o Brasil estava tal como anteriormente preparado para enfrentá-la. Lembrou dos índices de desemprego, que antes batiam recordes históricos sucessivamente, e do atual momento de pleno-emprego. E assim foi. Etc., etc., etc. Por isso, quis sentir o

clima da data comemorativa da independência nacional nas ruas. Vi uma multidão, sendo que algumas pessoas portavam guarda-chuvas para se protegerem do sol, e se amontoava numa das calçadas da avenida Paulista, que ia da avenida Brigadeiro Luiz Antonio até a rua Joaquim Eugenio de Lima, com um ponto de intersecção na porta do Club Homs. Notei que a maioria era formada por adolescentes. Um ônibus de viagem aproximou-se e foi recebido por gritos histéricos. Perguntei para três mulheres o que estava acontecendo e elas me responderam que um grupo musical coreano ia se apresentar ali. Fui então para o metrô e me surpreendi com a enorme quantidade de pessoas circulando no local.

Prestes Maia: por ser um feriado, os moradores recebiam muitas visitas e se distraíam. Senti o cheiro de comida na panela em quase todos os andares. Desta vez, quem me liberou a entrada no prédio, diante do impedimento de um morador que não me conhecia, foi o eletricitista, que da outra vez questionou minha presença no local. “Ele é estudante!” Ao que tudo indica, a bomba que abastece o prédio com água deve ter quebrado, causando grande transtorno, pois somente os andares de baixo estavam abastecidos. Por isso, alguns moradores, principalmente crianças, desciam com toalhas, e outros, subiam com baldes cheios de água. Tentei realizar algumas entrevistas, porém, não tive êxito. Conversei com Índio ou Pache, que se disse muito tímido para falar. Ainda assim me contou ser um migrante, de Santa Inês, no Maranhão, e que estava em São Paulo a pouco tempo, mas não via a hora de voltar. “Minha mãe e meu irmão estão no Maranhão. Meus dois filhos e minha ex-esposa também; quer dizer, nós éramos amigos. Lá nós temos casa, não precisa pagar aluguel, luz”. Notei que se emocionou muito ao falar do falecimento de seu pai há oito anos atrás, a ponto de seus olhos ficarem vermelhos e umedecidos. Disse também que roubaram seus documentos na passarela das noivas. Depois dessa conversa amistosa, fui procurar outro morador disposto a ser entrevistado. Num dos andares, uma menina me levou até seu pai; este se apresentou com o nome de Marcelo. “Eu quero saber como vocês vieram parar aqui, como é a vida de vocês; ou seja, eu gostaria que você contasse um pouco de sua vida”. Surpreendentemente, Marcelo ao ouvir “sua vida” também se emocionou e limpou alternadamente cada um de seus olhos com as mãos a pequena fonte de lágrimas que teimava em brotar. Gentilmente, disse que não queria falar. Desejei bom feriado e descí. Já estava tarde e eu precisava almoçar, vi num dos apartamentos uma placa oferecendo lanches e refeições. Pedi uma refeição, e aproveitei o

enjo para entrevistar a moradora que concordou em ser entrevistada [entrevista 26]: Dona R. e sua filha G. Como não havia local apropriado para almoçar, pedi para entrar e me sentar à mesa, no próprio barraco de dona R. Muitos gatos desciam pelos armários e cadeiras, fato que trouxe uma leve preocupação. Percebi então que eu cometera uma gafe; pois os moradores solicitam marmitas “para viagem” e não comiam no local. 16:20: eu tinha combinado com Nina, uma estudante de artes cênicas da USP, que ia assistir o ensaio de seu grupo de teatro com suas atividades envolvendo moradores do Prestes Maia. Este grupo ensaia no último andar do “bloco A”, cedido pela coordenação para abrigar um espaço cultural. A companhia é formada por umas dez pessoas, que dançam e se atiram bruscamente no chão ao som de uma guitarra tocada por um deles (não lembro o nome agora). Na verdade, a peça está ainda em fase de “processo”, e, quando ficar pronta, será representada para os moradores. Até isto ocorrer, serão realizadas atividades intermediárias com os moradores, das quais eu também fui convidado.

Fui embora às 20:00. Ao sair do metrô, pensei: nada de desfiles patrióticos, comemorações ufanistas, soldados, tanques etc. Engano meu. Uma garota com uma bandeirinha do Brasil de papel passou por mim. Depois, subindo a escada rolante, avistei mais outra, e depois muitas outras; todas com a tal bandeirinha. Observando melhor, já então na avenida Paulista, descobri no verso das bandeirinhas as insígnias nacionais da bandeira da Coreia do Sul.

São Paulo, 13 de setembro de 2011.

Prestes Maia: No vestíbulo do edifício um cartaz convida para o culto evangélico que é realizado toda sexta-feira às 20:00, assinado pela coordenação. Subindo um lance de escada, um outro cartaz com os seguintes escritos: “Associação Cultural Ginga Brasil: instrutor Giliard Hellas e supervisor Mestre Caroço. Venha participar capoeira, maculelê, lambaeróbica, defesa pessoal e condicionamento físico: segunda, quarta e sexta das 19:00 às 21:00, aos sábados às 16 horas. Local: Avenida Prestes Maia no. 911, Bloco A, 9º. Andar”. No sexto andar, Procuro Marli, pois havíamos combinados uma entrevista. Porém, ela está ocupada em desentupir o banheiro. Ela me pede para voltar mais tarde, dentro de

meia hora. Subo alguns andares, já até sou conhecido de algumas crianças. Na semana passada, dona R. me disse: “eu tenho visto você andar por aqui”. Num dos andares um homem, que faz a faxina de sua casa, recusa em dar um depoimento. Noutros andares, um rapaz diz que vai fazer o almoço e depois trabalhar à noite, por isso não tem tempo. Outra mulher, com dois sapatos engraxados nas mãos, também diz não ser possível no momento interromper seu trabalho. Sinto que está cada vez mais difícil falar com alguém. Vou para uma janela e fico observando a circulação de pessoas na Passarela das Noivas e nas ruas, como glóbulos brancos e vermelhos nas artérias de um organismo, lá embaixo. Todas as janelas têm redes de proteção, de arame ou plástico resistente. Volto a procurar Marli; mas ela ainda não terminou o serviço. Volto a subir as escadas do prédio. Num dos andares, um menino com um outro adolescente, que segura uma caixa enorme nos ombros, exclama: “olha aí, tá chegando um! Veio comprar pão?” Não, vocês estão vendendo pão? “Sim”. Depois os garotos somem no prédio, provavelmente para oferecer a outros moradores. Vou para uma outra janela, estou no 18º andar. Venta muito forte e o dia está muito ensolarado. Pela janela, dá para ver todo o horizonte da cidade. Espero o tempo passar. Volto a procurar Marli. Desta vez vou até o banheiro e a encontro com uma marreta quebrando o chão. “Isso é serviço de homem, mas como só tô eu aqui...” “Se eu soubesse consertar isso eu até ajudava”, retruquei. Como ela não terminaria o serviço tão cedo, ficou combinado que a entrevista seria remarcada para a semana seguinte. Circulei pelo edifício e notei que as pessoas estavam ocupadas, lavando roupa, assistindo televisão. Um menino tocava uma guitarra que, na verdade, era um tipo de *video-game*. Dois rapazes desciam os andares com caixas de som. Percebi que minha presença atrapalhava a rotina daquelas pessoas, então resolvi ir embora. Lá fora, reconheci uma das moradoras colocando muitas bagagens num táxi. Resolvi perguntar para ela se ela estava indo embora. “Eu vou para o interior, meu ex-marido vai continuar aí”. E por que você está indo embora? Apressada, mostrou rapidamente o braço para mim e disse: “meu marido me bateu”. Perto do metrô, um homem com um carrinho me dirigiu a palavra: “Doutor, sorvete?” Hoje não, obrigado. “Sorvete de jaca!” Sorvete de jaca? Não, não, obrigado!

São Paulo, 20 de setembro de 2011.

Metrô – linha amarela: Hoje mudei o itinerário que habitualmente eu faço para chegar à ocupação Prestes Maia. No dia 15 de setembro foram inauguradas mais duas novas estações, República e Luz, da também nova linha de metrô: a linha amarela. “Alô São Paulo, alô, alô, alô, quem não tem tempo a perder só anda de metrô”, este “jingle” publicitário não para de tocar na televisão. Para realizar a baldeação entre as linhas verde e amarela, na estação Consolação, é necessário passar por uma articulação onde três conjuntos de rampas rolantes paralelas se estendem por uns 100 metros de comprimento. Ao invés das cores frias que enfeitam as outras linhas, a linha amarela é toda decorada em cores vermelho e laranja, onde grandes tubulações externas cruzam o ambiente para todos os lados. Mas o mais notável nesta nova linha é que o sistema é totalmente informatizado e os trens, teleguiados por computadores, dispensando assim o maquinista. Dentro do trem, um rapaz vestido todo de preto e com fones no ouvido lê um livro: “ – Foi um acidente padre Dellavecchio? Mourão perguntou. – Senhores, permitam-me especular, podem rir, mas acho que foram seres extra-terrestres, respondeu o coronel Bitre (...)”. Na nova estação da Luz, “revitalizada”, a saída pela rua Brigadeiro Tobias dá bem diante da fachada do Prestes Maia.

Prestes Maia: Fui procurar Marli para a entrevista, mas ela não se encontrava e diante das sucessivas recusas, por parte dos moradores, entendi que havia se esgotado o trabalho de campo. Sendo assim, passei a anotar alguns escritos nas paredes do prédio. É preciso observar também que, desde o dia que eu entrei no prédio, os moradores têm-se mobilizando no intuito de embelezar o ambiente. Por isso, na parte interna do prédio, cores vivas vão ganhando espaço e deixando para trás o cinza escuro das paredes deterioradas. Os andares são pintados de rosa, amarelo, verde etc. Mas vamos aos cartazes e escritos:

Andar 14º. andar:

Escala da limpeza

Segunda → Keli-e-Glória-

Terça → José-e-Vilson-

Kuarta → Ceará-e-Adriano-

Kuinta → Bahia-e-7-

Sexta → Jonatan-e-Angélica

Sábado → Bloco 8-e-1

Domingo – todos juntos

(Um morador passa por mim e pergunta: “Ainda tá fazendo aquele trampo?”)

19°. Andar:

“Sejam bem vindos!” “Todos tem direito a moradia digna” “MSTCentro quem não luta tá morto”

16°. Andar:

[imagem religiosa] “No apartamento 2 vende os melhores gelinho por apenas 50 centavos. Vários sabores naturais. Jesus Abençoe”

[imagem de mulher em posição sensual] “Ai! Está quente. Que tal um gelinho gostoso natural por apenas 50 centavos”

[imagem de mulher em posição sensual] Quer ficar sexy com pele de porcelana e cheirosa como uma flor? Então não perca tempo, procura há Simone no 16°. Andar, apartamento 3. Ela vende os melhores produtos do Avon, e da Natura com pressinho que cabe no seu bolso. Você ficará com a pele maravilhosa. Obrigado!”

[imagem religiosa] Fassa sua parte, e o céus te ajudará. Sua caminhada com Cristo por moradia deve ser passífica e disciplinada. Então respeite a direção do MSTs. Respeite seu coordenador. Respeite principalmente seus vizinhos. Pois é respeitando o espaço dos outros que você será respeitado. É auxiliando que você será auxiliado. Obrigado”.

(Morador se aproxima de mim e pergunta, “eu escrevi muita coisa errada aí?” Alguns erros, principalmente com as sílabas que têm som de “s” e “c”, mas o importante é passar a mensagem e você conseguiu isso).

Cópia de um informativo: “Alcoolismo – prevenção e orientação – curso gratuito 113^a. Turma com professores, médicos, psicólogos e assistentes sociais (...)”

14°. Andar:

“Vendo DVD, andar 18, 5 por 19 reais”

13º. Andar:

“Ao entrar nesse andar, Deus te abençoe; ao sair, Deus te acompanhe”

12º. Andar:

“O conhecimento transforma o homem”, “MSTC: quem não luta tá morto!”

11º. Andar:

“Proibido casal tomar banho juntos e andar sem camisa”

Cartaz com versículos bíblicos de Isaías, intitulados “O renascer da águia”.

(Menina sobe as escadas repetindo a seguinte frase: “Pizza de palito, quem quer; pizza de palito, quem quer”).

10º. Andar:

“Mergulhamos em todos os breus

E nunca nos faltou visão

Sondamos universos inesgotáveis

Em cada uma destas tocas

Nesta concentração de corpos

Apreciamos bravuras e cintilâncias de toda espécie

Nos varais abrigam e recolhem mais do que roupas”

(Pergunto a uma moradora quem escreveu este poema e ela não sabe responder. “Quando eu cheguei já estava aí, até que é bonito”. Deve ter sido escrito na primeira ocupação.

“Acho que sim. Minha mãe morou cinco anos na primeira...”).

“Maranhão, Arlete, Conceição, Vulcilena, Valsor, Gata; 2007 produções”, “(Paraisópolis)

Maranhão agradece todos vocês: Santo Amaro – Carapicuíba”, “Concentração da Doidinha.

Apoio: Cabosé, Maranhão, Quinzinho, Léo, Fofoca, Cachorra, Uzias, Chacau.”

9º. Andar:

“Vende-se cigarro”, “Jogue o lixo na lixeira, respeite este local”

8º. Andar:

“Sejam bem vindos”, “Proibido jogar pontas de cigarro e lixo no pátio, por favor”

Cartazes sobre a eleição para o Conselho Tutelar que será realizado no dia 16 de outubro, das 8:00 às 17:00.

7º. Andar:

“Seja bem vindo”, “Conserta-se máquinas de lavar, geladeiras, fogões e tanquinhos. Interessados procurar no sétimo andar, apartamento 206”

3º. Andar:

“Vende-se ovos e verduras, batatinhas, cebolas, laranjas, cheiro-verde, abacaxi, frutas em geral, apartamento 12”

Ao descer as escadas, dois meninos chupando gelinho subiam, e, ao passarem por mim, um deles me cumprimentou, “oi!”. “Oi, e aí, tá bom esse gelinho?” O mais novinho deles respondeu que sim e depois virou para mim, oferecendo: “Quer provar?”

São Paulo, 5 de outubro de 2011.

Catraca da estação Luz do metrô, linha amarela: Alguns colegas da faculdade de geografia, Xavito, Bruno e Pedro, além de um velho amigo, também da faculdade, Gilberto e seu filho adolescente, João, manifestaram o desejo de conhecer o Prestes Maia. Marcamos um encontro na catraca do metrô, às 17h30, e depois de alguns desencontros nos reunimos e entramos no Prestes Maia. Achei esta data mais apropriada porque, a partir das 20h00, a trupe de teatro “Piratas de Galocha” ia apresentar parte da peça. Entre outras pessoas, convidei também um amigo, Rafael, antigo militante anarquista, de inteligência brilhante e um dos colegas que mais admiro na universidade. Mas por motivos de compromissos, Rafael só podia chegar mais tarde.

Prestes Maia: Circulamos pelos andares do Prédio, e na medida do possível respondi algumas das muitas perguntas do grupo. Depois disso, dirigimo-nos ao local destinado à encenação da peça. Muitas pessoas se encontravam lá, mas poucos moradores; desses, a maioria era formada por crianças. Rafael, o diretor, fez questão de observar: “Da primeira vez que nos apresentamos, havia setenta moradores e poucas pessoas de fora, hoje tá o contrário”. Na verdade, a apresentação não seria completa, pois ainda, como eles disseram, a peça estava em fase de “processo”. Paulo chega bem na hora do início da apresentação. Desta vez há uma banda de rock inteira, com um guitarrista, um baixista e um baterista, que também são atores e o diretor. Quando eles tocam um rock’n’roll, a molecada dança freneticamente e ao mesmo tempo joga capoeira. Nina, às vezes, aparece tocando um acordeão e músicas, que, para mim, lembram as Czardas de Vittorio Monti ou, talvez, músicas folclóricas. Não sei. Fico, entretanto, surpreso e a montagem da peça supera as minhas expectativas, apesar de alguns problemas com acústica do lugar, principalmente no que se refere à fala dos atores. Os colegas da geografia se retiram. Alguns moradores, contudo, vão chegando. Terminada a apresentação, os expectadores são reunidos para um debate sobre a peça. Neste momento, Rafael tira um grande colar vermelho da bolsa semelhante a um terço e, afastando-se do grupo, começa a recitar alguma coisa em voz baixa. Depois disso tudo, todos se despedem. Vou mostrar o prédio para Rafael e explicar como funciona a organização do lugar. Digo que os coordenadores de andar têm autonomia sobre os andares de maneira que administração é bastante descentralizada, obedecendo apenas regras gerais. “Como que os coordenadores são eleitos?”. Não sabendo responder esta pergunta [na verdade, a grande maioria é eleita], obtenho resposta com duas coordenadoras de andar, dona Neide e Carla. “Olha, quem me indicou foi a coordenadora do andar debaixo, aí, como eu gosto de limpeza, eu aceitei e o pessoal também”. Então quer dizer que é por consenso? “Sim”. Dona Neide aproxima-se de Rafael e pergunta no quê ele trabalha. “Eu trabalho como segurança”. Isto porque Rafael é faixa preta de karatê.

Na rua, Rafael me diz com sua habitual clareza no jeito de falar: “Eu me converti ao islamismo, particularmente à vertente mística sufi”. É mesmo? “Ninguém mais na minha família pratica o judaísmo há anos, são todos laicos”. Há algum tempo ele realiza um trabalho humanitário com refugiados palestinos. No convívio com os refugiados, Rafael acabou se apaixonando por uma garota palestina, Aisha, que, segundo suas palavras, “é

uma garota linda e doce que usa hijab cor de rosa”. Porém, desde o início houve restrições sérias por parte da família, muito patriarcal e conservadora. Depois de muitas confusões, as coisas se resolveram. “Estava todo mundo a meu favor, a comunidade e até os demais muçulmanos estavam do meu lado”.

São Paulo, 29 de outubro de 2011.

Prestes Maia: Muitas pessoas formavam uma fila no saguão do primeiro andar para assistir a estréia da peça. Poucos moradores. Encontrei a Clarinha e a Tatá, estudantes de geografia, que também foram convidadas, pois chegaram a desenvolver atividades educacionais com crianças do prédio. Um grande palco foi montado para comemorar o primeiro ano da ocupação; festa que aconteceria no sábado seguinte. A peça, entretanto, seria representada no último andar do “bloco A”, no espaço cultural. Foi reservado um lugar muito pequeno para os espectadores, enquanto o “palco” estendia-se por muitos metros quadrados. Como fui um dos últimos a chegar no local, restou-me um lugar no fundo. Quase não consegui escutar os atores e ver a peça. Todavia, os atores se deslocam muito pelo espaço, que, cenograficamente, é muito bem aproveitado com jogo de luzes e outros recursos especiais. Por isso, o referencial é o cinema. Talvez esta seja a grande inovação na dramaturgia da peça, a plateia fica em função dos atores e por isso é obrigada a mover-se constantemente de lugar, conforme as cenas vão se desenrolando. O último ato foi na cobertura do prédio, onde foi armada uma estrutura em que os atores, no fim, aparecem pendurados como se estivessem enforcados.

Na rua: Vou caminhando, mas não encontro uma saída, o caminho exato. Errando, procurando, tateando. Entro numa avenida e sigo em frente. Esta avenida dá para uma outra avenida, grande, ampla e iluminada, porém não é a direção correta. Esta avenida é uma grande rotatória, e deixar-se levar por ela é andar em círculos. Volto para trás. Entro numa rua, à esquerda. Rua escura, porém, eu sigo adiante. Descubro que a rua é um beco. Tenho que retornar. Agora, olho ao meu redor. Tento reconhecer o lugar. Está tudo muito diferente. Sinto-me um estrangeiro. Pessoas passam por mim. Olham-me, talvez,

desconfiadas. Sigo, novamente. Uma cerração densa me deixa ainda mais confuso. Dobro uma esquina. As ruas estão vazias agora. Desconheço os nomes dos logradouros nas placas. Vou por uma outra rua. Escuto meus passos. Sigo o som dos meus passos. Vou em frente. Atravesso uma ponte. Entretanto, a via de acesso está interditada. Sou obrigado a voltar. Onde estou? Há uma rua, por onde ando, por quilômetros. Mas também nela as portas estão trancadas. Retorno outra vez, exausto. Avisto um atalho. Entro, em vão. Um aviso: “Rua sem saída”. Outra vez, encontro-me-perdido. Agora, estou num vale na montanha, talvez uma praça, um anfiteatro ou um tribunal, onde nuvens iluminadas atravessam edifícios estilizados por colunas gregas. No alto da montanha, um estranho frenesi, talvez, uma festa. “Funcionário Jean entre em contato com a S.S.O. Funcionário Jean entre em contato com a S.S.O.” “Próxima estação (...), acesso às linhas Safira, Diamante, Turquesa, Rubi e Esmeralda”. “Funcionário Jean entre em contato com a S.S.O. Funcionário Jean entre em contato com a S.S.O.” “Acesso às linhas Safira, Diamante, Turquesa, Rubi e Esmeralda”. “Funcionário Jean não segure nas portas dos trens, isso atrasa todo o sistema do metrô”. Cuidado, o dinheiro tá caindo do bolso! Na praia, só existe um caminho, e atrás do mar casado, uma ilha; mas aqui...

Terça-feira, 1 de maio de 2012.

Depois de passar o fim de semana enclausurado em voltas da revisão do texto da presente tese, resolvi sair no feriado do Primeiro de Maio. Aliás, foi aqui que tudo começou. Nada mais justo que terminar também por aqui. O dia estava azul-violeta de outono; sim porque não havia quase uma única nuvem no céu, somente flocos de algodão-doce, que navegavam sobre a brisa suave, e que são como máquinas do tempo, onde tudo se passa numa fronteira entre memórias-sonhos. Caminhando sob os raios de sol, imagino que a perfeição está nesta plenitude fugidia que em vão tenta-se agarrar, reter, deter, guardar. Não tenho para onde ir, simplesmente vou. E todos os referenciais geográficos e espaciais são abstraídos, desaparecem, desmancham, derretem diante de mim. Nada importa; nome de ruas, avenidas, praças... Estou a procura manifestações, passeatas, protestos, gritos, punhos cerrados, levantados para o alto, bandeiras! Nada, não encontro nada, apenas um dia de

feriado tranquilo e ensolarado. As pessoas passeiam; satisfeitas. Mas algo me chama atenção; uma música com arranjos de flautas, semelhante àquela música que um dia eu escutei numa silenciosa madrugada: “de onde vem essa música? Será que estou imaginando ou compondo no exato instante entre o sono e a vigília?” Desta vez foi fácil descobrir. Um grupo de bolivianos vestidos de índio apache tocando músicas tipicamente andinas com um arranjo “new age”. Não pode resistir e comprei um cd: “Dance nativo” (10 reais). Isso foi a melhor coisa que eu vi neste Primeiro de Maio. O dia escurece. Está frio. Tenho de retornar; descobrir o caminho de volta, mas...

Cortaram o fio de Ariadne...

ANEXOS (2):

ENTREVISTAS²⁰⁰

[Entrevista 1]

T., 55 anos (“...fiz agora, 9 de maio”); nascida no Maranhão; oito filhos.

Não, eu nunca casei não, só convivi junto. Já faleceu há muito tempo. Dezoito anos, falecido. Êh, matado lá! Se envolveu com coisa que não presta. Terminou com esse engano na vida de dele. Mas a gente já tava separado quando ele morreu. [Os oito filhos são dele?] São. São... e agora eu perdi um agora, vai fazer um ano agora em agosto. Eu vim pra cá... Mataram meu filho, mais novo, vai fazer um ano agora em agosto, dia 12 de agosto. (...) Eu não tenho palavra quanto a isso. Tenho uma filha que mora aqui há 14 anos. Aí eu vim embora pra ver ela. Não tenho mais nada pra falar não, porque meus filhos que tão lá tão tudo casado, constituíram família. Inclusive eu mandei buscar um agora que também tava com um problema, com a família. Tá até trabalhando já, graças a Deus. Tá tá chegando, 4 hora ele chega. (...) Então, o senhor quer saber sobre a minha vida em São Paulo... Eu vivia ali na Aclimação, é centro de São Paulo, ali, Ana Rosa... Então lá eu pagava aluguel de 380 reais por um quarto lá (...) uma quitinete, bem pequenininha mesmo, só cabia uma cama de solteiro, esse sofã, essa raque encantadinho, fugão encantadinho (...) e assim eu vivia lá, encantadinho, até que eu consegui aqui [Dona Terezinha interrompe a entrevista para atender crianças em sua “banquinha” de doces que é sua própria moradia] ...aí eu consegui aqui, né. E tô aqui, três mês, tô gostando muito. As pessoas que lutam, com o tempo ajuda a gente, são gente-bona. Eu entrei no movimento foi no final de fevereiro, desse ano. Eu conheci [o movimento] através de uma vó de uma neta minha que vivia aqui no movimento, inclusive ela já saiu, já tá... não sei se ela tá num apartamento mas tá esperando, mas tá na bolsa-aluguel, ela mora na Cidade Tiradentes. Os filhos já tão num apartamento, por causa do movimento. Então ela me indicou, eu não queria vir muito não

²⁰⁰ Infelizmente, não foi possível revisar o texto das entrevistas em virtude do término do prazo estabelecido pelo curso de pós-graduação. Todavia, a transcrição das entrevistas procurou ser o mais fiel possível ao modo de se expressar dos entrevistados.

porque eu sou meia medrosa, né, aí não porque não, porque sim, aí eu disse bóia lá, deixa eu ver como é esse negócio. Aí cheguei aqui olhei, tal, seja o que Deus quiser, né. E entregar na mão de Deus fica seguro, não cai, né. É, vamo ver, aí falei com o rapaz que é o Geraldo e no dia que eu vim à noite eu falei com ele, e no outro dia ele mandou vim às 3 horas da tarde, eu vim, quando eu cheguei, ele me deu uma cartinha e foi mandando eu vim aqui. Esse ponto aqui tava livre, tinham tirado uma pessoa daqui. Perguntou minha idade, que tipo de problema que eu tinha; eu disse que eu tinha problema de coluna, que não podia subir escada (...) Então, era pra mudar logo. Tudo bem, (...) consegui um dinheiro emprestado, paguei o carro que trouxe as minhas coisas... Aí tô aqui, vou fazer já três meses, vou entrar pros quatro. E tô gostando. Não gosto mais só de uma coisa, da zoada dos meninos que eu não gosto muito de zoada na minha cabeça... mas isso aí a gente releva, criança é criança. Ah, o pessoal do movimento são gente muito boa, quando a gente precisa chega junto que faz o melhor possível pra ajudar a gente. Então, nós tivemos um problema aqui que eles iam despejar a gente, então a gente fez uma, a Dona Neti fez uma passeata, a gente foi lá... Foi dia 20 de fevereiro, que nós fomos. Fevereiro? Foi fevereiro. Fevereiro. [Sabe, eu tava falando com a Maria e ela me disse que este prédio vai ser desapropriado e vai ser transformado em moradia popular. Não vai ter mais despejo]. Exatamente. Então. A juíza assinou o despejo, tal. A gente foi lá. O advogado da parte do dono disse que não tinha criança aqui. É o que mais tem é criança, é família carente, aqui dentro que tem mais de oito filho. Viu? Têm mais de oito filhos. Eu acho que é mais de oito filho. Até contei ainda agorinha, todos eles todinhos. Então, todo mundo tem filho, eu não tenho mais filho pequeno mais tenho neto, que eu crio. Mora! Eu levo pra escola. Eu tô indo buscar uma netinha até porque... Aqui eu só tô com um, por enquanto. Mas eu vou esse mês que vem buscar uma netinha que tá precisando fazer uma cirurgia. Ela já é uma mocinha, me ajuda muito, sabe, eu tô indo buscar ela pra fazer uma cirurgia aqui. Tem um negócio no peitinho dela, sujeira, tipo assim uma berruga, sabe, só que essa berruga foi crescendo, crescendo, que criou (...) a mãe dela não tá nem aí; não sabe o que é e não procura, porque no Maranhão tem muito hospital, público; a pessoa não procura só quer saber de vaidade; a mãe é nova, o pai separou dela, tá aqui comigo; esse ele é o mais velho que mora lá, esse também que mora lá. O pai dele é que tá comigo aqui, o Felipe, esse daí do meu o netinho. (...) Tem só que não tem foto dele. Mora comigo aqui. Só que eu ainda não tive meio de ele

puxar um cômodo aí, porque ele não sabe se ele realmente vai ficar aqui, porque ele vai-e-não-vai, não sei o que ele tá pensando, porque por mim ele já tinha feito uma inscriçãozinha pra pegar, porque ele tem os filho aqui, é separado da mulher, eu faço questão de ele tirar as meninas dela, porque, o senhor sabe, não cuida bem. Hoje, tem que ficar de olho nos filhos, que-tá-acontecendo-que-tá-acontecendo, imagine quando a mãe não... porque pai é totalmente diferente. Olha, eu no meu ponto de vista de mãe, a mãe sempre tem que tá presente em tudo. O pai trabalha, vai pro trabalho, chega de noite, cansado. A mãe não tá nem aí. Então, fazer o quê, dê amor pro seus filhos; cuide dos seus filhos, principalmente se seu filho é mulé, porque amanhã você tá velho, não tem quem olhe você. Se você é um bom pai, você tem um bom filho. Se você não é um bom pai você não tem um bom filho. Né? Você educa ele, não é espancando não, porque eu nunca bati neles, nenhum. Trabalhei pra cá, morei em São Paulo muitos anos. Não vivia pra cá, por esses lados; vivia pros lados de Americana. Trabalhava pra lá, nos hotéis de lá. Graças a Deus ganhava bem. Criava meus tiquizinhos, separei do pai deles, fiquei com eles tudo pequeno. Mandeí ele registrar os filhos ele nunca ligou. Você sabe o que é pai, você não quer dar. Não tinha justiça pra ficar correndo atrás. Se tivesse nessa época não teria deixado assim, né. Cheguei, fui daqui, fui no Maranhão, fui no interior onde minha mãe morava. Cheguei falei com o prefeito, “Quero tirar o registro de meus filhos”. “Mas cadê o pai deles?” “Não tem pai não. Pai e mãe é eu”. Tirei o registro; trouxe pra cá (...) Interior do Maranhão, Timbira, minha mãe morava. Aí tudo criado, graças a Deus. (...) Não porta do emprego, não tem. Então eu pego minhas coisinhas, vendo. [Dá pra tirar um dinheirinho?] Dá, dá. A Bíblia fala, com Jesus é um bom caminho, sem Deus é nada. Sou mais evangélica. Então, eu estudo muito a Bíblia; eu vou à Igreja. Fora meu dinheirinho que eu ganho, fizeram pra mim uma aposentadoria. Fizeram porque eu tava com um problema de coluna. Então, eu vou pagar minha contribuição; todo mês eu pago. Internacional da Graça, do bispo Soares. Lá no Maranhão eu vivia quase me arrastando. Antes de eu viajar ele teve lá no Maranhão, e eu fui, eu tava quase não andando, o problema da coluna, eu não podia andar. E eu trabalhei, só que não durou muito não. Eu tinha meus problema de doença e ele não queria entender. Não falto no serviço, chego antes da hora, termino, deixo tudo prontinho. [Toma remédio?] Tomo, tomo. Qualquer problema que eu tenho já vai pra minha cabeça. Eu tenho pressão alta, me dá derrame. Então, eu disse, neste restaurante aí eu fico desempregada, como tou até agora.

Deve fazer quatro meses, faz. Não, vão fazer cinco. O mês de fevereiro. Dia cinco. Aí vim pra cá. Aí cheguei, comecei a fazer gelinho. Ainda tô pagando essa geladeira. Aí comecei a vender salgadinho. Foi o que eu gastei, esses 19 reais. Tô fazendo geladinho há dois meses já e vendo bem, porque eu vendo bem baratinho. Eu vendo a 25 centavos. Por isso que todo querendo, todo mundo aparece aqui. Eu não posso esperar uma coisa que eu sei que não vem; eu sou mãe. Tem muita gente que passa dificuldade; tem gente batendo aqui na minha porta. (...) mãe. Eu arrumo. Dou, com o maior gosto; porque eu sei que é difícil. Eu nunca passei por isso, graças a Deus, e nem espero passar; minha geladeira é cheia. Tem muita gente aqui carente, do outro lado então [refere-se ao outro prédio, o “Bloco A”]. Tem mãe que tem dia que não tem um caroço de azeitona pro filho. E eu até me comovo com isso, porque, sabe, muito... [Meu telefone celular toca e eu atendo, interrompendo a entrevista]. Então, eu me comovo, porque, graças a Deus, eu nunca passei por isto. Minha mãe tomou conta de meus filhos pra mim trabalhar. Eu ganhava um salário que dava pra mandar coisas pros meus filhos pra eles não passar necessidade. [Crianças perguntam alguma coisa] Oi? Não, coco não. Só tem chocolate, manga e graviola. (...) Aqui quando eu cheguei, só comprei esta geladeira e este fogão, não foi caro, só; o resto tudo eu ganhei; porque eu trabalhava (...) e naquele prédio eles gostavam muito de mim, né, e me davam... [Terezinha atende crianças] ...um ventilador, uma batedeira e um liquidificador que eu comprei, só. O resto tudo eu ganhei. Só não tem um guarda-roupa porque lá no quarto não cabia... Então, voltando ao assunto, como eu falei pro senhor, muitas pessoas precisam mesmo; não tem marido; o marido é drogado, sabe, drogas, né. Aqui não usam porque não deixam. [Novamente, dona Terezinha atende crianças]. Eu ajudo as pessoas da maneira que eu posso, sabe. Eu só não gosto da pessoa me tratar como otária, então quando, eu pesquiso, eu sou muito observadora. Aí quando eu percebe que esse cara tá querendo me fazer de otária, eu ó! Eu gosto de ajudar quem realmente precisa, porque eu tenho pena de pegar um pacote de pão e jogar lá no lixo; eu tenho pena de pegar uma panela de mingau, que é canjica que é como eles chama aqui, que lá nós chama mingau; sobrou eu garrar, jogar fora... venha cá meu filho, senta aqui, vamos comer, sabe, porque graças a Deus meus filhos nunca passaram fome, porque eu sempre fui uma mãe dedicada, nem de angu, nem de cálcio, nem de fósforo... eu tava trabalhando em São Paulo, mas eu mandava dinheiro todinho pra minha mãe. Eu me vestia, porque eu tinha um namorado que era caminhoneiro

e me dava um pouco pra calçar... Eu não gasto meu salário pra nada. Ele me admira demais, porque eu era uma mãe invejável. Várias mães que eu vejo por aí que não tá nem aí pro seus filhos. Eu jamais faço uma coisa dessa. [Crianças interrompem mais uma vez a entrevista querendo comprar doces]. Péra aí, seus sem-vergonha. Vão procurar dormir! (...) Quando eles vem fazer, tem aula de dança, tem pastor, vem fazer oração, vem uns da igreja católica, fazer oração, tudo aí. [Novamente, crianças querendo comprar “gelinho”]. Não para. Então é assim como eu te falando, eu gosto muito porque é como eu lhe falei; são realmente, a Neti então é uma pessoa que ela se preocupa muito com as pessoas. Eu quero que Deus sempre ilumine o caminho dela, que ela seja bem sucedida em tudo que ela pretender na vida dela, né. Como ela tava dizendo que tinha dito que tinha feito uns exames, que tinha dado câncer. Não, o médico, inhoma, não sei quê, não é nada de inhoma, é gravidez, ela tá grávida. Ela tem só um filho. É uma gravidez graças a Deus. Ela disse que foi à, porque ela também vai, não sei que igreja ela frequenta, foi obra de Deus. Porque quando a gente tem fê em Deus tudo de bom acontece com a gente. Quando você é fiel naquilo que você pede pra Ele, Ele retribui. Tanto faz ser católico, pois Deus só é um, é um só. Se você frequenta a igreja católica, lá você tem a sua missão de pedir pra Deus o que você quer, e Deus direcionar aquilo que você quer dar pra Ele; você não tá dando pra Ele, você tá dando pra obra d’Ele. Pra, os padres fazer a obra d’Ele, arrumar a Igreja, fazer isso, fazer aquilo. Como as vezes, eu não sou muito chegada à Assembléia de Deus, sabe por quê, porque eles acham que Deus só existe lá na Assembléia; Deus não existe lá, Deus é um só. Ele tá na católica; Ele tá na Evangélica; Ele tá no terreiro de macumba; Ele tá em qualquer uma coisa. E cada qual com sua missão. Essa missão que tem no mundo, foi aqueles anjos que caíram do céu, junto com o demônio quando Ele expulsou ele do reino de Deus, porque Deus... e eles não entendem, achavam que é o demônio, porque o demônio, porque... é realmente, mas nem toda vez o demônio pratica... O que faz o pessoal fazer o que não presta hoje é só essa droga. [Eu dou risada e digo: *É pior que o demônio, a droga!*] É pior que o demônio. O jovem se envolve. Ó, é tipo assim, você não quer beber, você bebe, mas aí, você tá num bolo de amigo, qual que é seu nome? Vamo tomar uma cervejinha. Aí se fala: não; vamo! não; vamo! Aí se você não, não, não aceitar; aí então você não bebe. Mas se você aceitar, logo, logo... por isso você nunca deve aceitar a primeira. Depois que você aceitou a primeira! [Menciono a Cracolândia] Eu já vi, eu tenho

um dó, meu Deus. Eu não gosto nem de passar, sabe por quê, porque eu tenho meus netos, tenho meus filhos, eu tenho 31 (trinta e um) neto. Eu faço muita oração, Deus transforma a nossa vida. E esse que morreu ele era o Eduardo, era muito rebelde; ele usava maconha. Bebia muito e fumava. Aí quando eu ia recramar alguma coisa pra ele, ele vinha em cima de mim. Então um dia eu pedi pra Deus, (...) eu guardava meu dinheiro escondido, ele arrombava o guarda-roupa, tirava. Então um dia eu fui falar com ele e ele me empurrou, pra me bater, e eu fui pra cima dele, que ele era, ele tinha 21 anos, mas ele era da altura dessa porta. E era um tipão de homem. Depois eu mostro uma foto dele, tá bem ali. Aí eu peguei e dei nele, viu, e ele me respondeu, me xingou de tudo quanto é nome: a senhora não me obrigue, não me obrigue... E daquela hora... [“Tia?”, uma criança chama dona Terezinha] Fala? (...) Então, é como eu falo... aqui é realmente precisa, pra quem quer moradia, vai voltar pra rua, vem fazer baderna, não; bebedeira não, ela [Neti] não aceita aqui, não. Ninguém trabalha com bebida aqui, ela não suporta. [Dona T. se refere ao rapaz que a procurou, para pedir dinheiro emprestado]. É diz que vão fazer, né [shopping popular na garagem do prédio]; que bom, né, eu acho até bom, porque tendo um shoppizinho aí a gente não sai para pegar dinheiro lá fora; a gente vende a mercadoria da gente aqui. É uma coisa, que a Neti puxa muita coisa boa; agora ela tá fazendo curso pra... alguma coisa com adolescente, do conselho tutelar, não sei que lá do conselho tutelar. Só que...ela foi trabalhar no conselho tutelar, só que não gostou muito de umas coisas que ela colocou pra gente lá na reunião, que eles sabem que a criança tá sozinha numa casa, olha lá, ele ainda precisou, e hoje mesmo eu precisei sair cedo pra fazer compra e meu neto tava dormindo, eu não ia acordar ele pra levar ele ali rapidinho no frio, ele tava todo enroladinho, deixei ele dormindo. Fui até lá comprei, pedi pro moço subir, porque eu não posso carregar peso. Cheguei, ele tinha acordado; abri a porta e ele tava assistindo televisão. E aí, ele chega e vê que a criança tá sozinha, o conselho tutelar, eles pegam e levam a criança pro abrigo, quer dizer, as criança fica pior do que era. Então ela tava discordando disso daí. [Como que é morar aqui?] O meu dia a dia é este, isso que o senhor tá vendo aqui; eu vendo aqui; eu varro o salão; eu limpo a casa; dá meio dia e eu vou levar o menino pro colégio; e eu saio de novo, vou buscar ele. Às vezes, eu brigo com esses meninos, porque a gente termina de limpar e eles tão jogando coisa não chão; não é assim, põe no cesto. Sabe, a gente é muito visitado. Quando as pessoas vêm visitar a gente, pra dar uma força. Não é assim. Quer jogar

bola, joga ali. Quando a gente tá em reunião; joga ali. Aí tem muita criança que não estuda. É falta de interesse do pai. Enquanto isso, eu não tinha arrumado vaga aqui pro meu neto, eu fui bem ali embaixo, na rua Itália, e não arrumei, porque me pediu a guarda dele, não seu sou vó dele, que guarda nenhuma! mas eu já tava com ele lá na vila Mariana estudando no outro colégio. Aí me mandou levar lá no Faria Lima, aí eu passei a levar ele. Não tenho perua pra trazer ele aqui, não tem condição de pagar, daqui-pra-lá, porque se tivesse eu tava pagando. Seria melhor pra mim? porque ela pegava ele na portaria, trazia ele da portaria, e ele subia, e eu ficava mais com tempo pra fazer minhas coisas. E o dia passa rápido. A gente levanta, quando vai ver é dez horas, depois é onze, meio-dia, e é assim, então é uma correria, São Paulo. [Pergunto o que ela gosta de assistir na televisão]. Eu gosto mais das novelas e eu tenho os horários da noite, quando eu não vou à igreja, eu passo pro canal de oração, que eu assim, a partir das nove, eu assisto a Record. Das novelas, eu não assisto a das seis, porque eu vou buscar o bebê na escola, eu assisto a das sete e a das nove. Na Record eu assistia aquela que passava à tarde, que era... [*Ribeirão do tempo?*] Ah, era *Ribeirão do tempo?* Mas eu não gosto de novela no começo, eu espero passar uns vinte capítulos, pra depois acompanhar. Eu não gosto do começo porque é muito embaraçada, aí quando ela começa organizar eu assisto. [Pergunto se ela assiste a novela *Amor e revolução* do SBT]. A do SBT tem muita rebeldade e eu não gosto, não gosto não, eu não gosto de programa de violência, eu me sinto muito mal, quando começa de manhã, eu passo pro outro canal, eu gosto mesmo de assistir o *Patati Patatá*. Eu gosto de desenho também. Quando passa acidente, violência, eu me sinto mal. Eu fico muito comovida e eu ainda tenho problema de pressão, fica apertando a garganta. Não gosto não. Eu não gosto de ver um mendigo na rua quando eu passo e ele tá pedindo as coisas e eu não tenho pra dar. (...) Um rapaz novo, “ô, tia, me dá um trocadinho pra inteirar na comida pra mim jantar”. “Ô, meu Deus, onde eu vou arrumar dinheiro pra dar um trocadinho pra esse menino!” Se a senhora não morasse aqui dava pra pagar o aluguel e sobrar um dinheirinho? Lá dava pra pagar o aluguel, eu ficava com cento e pouco mas eu pagava 380 e ficava com duzentos e pouco, dava pra pagar a geladeira. Eu tava até pensando em comprar uma churrasqueira pra vender espetinho na rua. Aí eu vim pra cá. Aqui, com o dinheiro que eu ganho dá pra pagar as minhas dívidas. [Melhorou a vida aqui?] Melhorou, Nossa, melhorou muito. [Bolsa-família?] A mãe desse meu filho aqui [o neto] ganhava, mas ela me falou que precisava de

certidão de nascimento dela porque cortaram o dinheiro dela, porque descobriram que ela foi casada. E o que importa se ela é casada, o marido não era empregado, vivia de bico. Trabalhar por conta própria o dinheiro não dava, então! Não, isso não tá certo, não pode cortar, alguma coisa você fez por aí. Eu na minha intuição... Eu disse pra ela tomar muito cuidado. Ela comprando móvel pra dentro de casa; ela comprando... Tá errado! O dinheiro é pouco, mas o dinheiro é pra *cri-an-ça*! Você não procure gastar um centavo a não ser com alimento! [Quantos anos ela tem?] Eu acho que ela deve tá na base de uns 30. Meu filho tem 33, mais velho que ela. Ela era casada com ele, ela era evangélica casada na igreja, então... tá praticamente prostituta. Não, não... Xô!!!! Que meu filho tá com ela?! Muitos anos, já têm uns quatro a cinco anos que ele largou ela. Quero nem saber! Já passou um dia com ela, um dia com outra... Não dá certo! Fica andando com homem de outras... isso aí é uma provação que ela tá passando. Eu que sou macaca velha! Eu só disse pra ele: abre o olho, esses dois aí. [Tem caroco nesse angu!] “Que que você quer dizer com isso?” Nada. Você não é criança, não vou falar nada. Chegou, chegou até que o peixe caiu na rede. “Ah, então era isso que a senhora queria me dizer?” Era. Justamente. O dia que ela falou um palavrão pra ele... Eu nunca falei pro pai de meus filhos, pegue suas trouxas, vai-te embora! O dia que eu te largar, é decisivo. Você não é bom pros seus filhos. Deixar passa fome tu não deixa – isso ele não deixava mesmo – não é porque morreu que eu vou falar mal – ele era muito caprichoso quanto a isso. Era mesmo! Mas não podia ver um rabo de saia que era parar o carro – ele era taxista – e correr atrás. Tudo isso vai magoando, magoando a gente, vai passando uma venda nos olhos da gente e a gente não vai enxergando, quando ele mal esperou, eu larguei ele, não quis nem papo. Foi morar com uma mulher... e hoje tá debaixo do chão. Não teve nem sequer um enterro digno, porque quando mataram ele, jogaram dentro de um poço. Foi achado... o delegado que descobriu onde ele tava, morreu também, mataram o delegado. Delegado com delegado. Foi o que falaram: delegado com delegado. Era uma família... Cuidado com aquela família... ir atrás? Não. E eu não queria que acontecesse isso com ele. De qualquer maneira, ele era pai de meus filhos. (...) Esse do retrato, é igualzinho ao pai, namorador; agora não, porque... [Esse é o mais velho?] Sim, tem 39 anos, vai fazer 40. [E o mais novo?] Esse que morreu. [Dona Terezinha pega um álbum de retrato] Olha, esse aqui é ele. Aqui é no meu aniversário. Esse aqui que tá do lado dele também foi morto. Lá, como tem esse negócio de matar os outros! [É pior do que

aqui?] Eu acho que é igual. É por causa de droga. Ele tava com 19. [E aqui é onde você morava?] É, minha *casinha*! [Tem muito mato, é na zona rural?] É, é na zona rural... Tá aqui ele de boné, de boné na cabeça. (...) Eu fiquei muito abalada, porque era um dia de domingo, e eu tava esperando ele pra jantar. (...) Essa mulher era pior que os traficantes porque tudo só falava em matar, que o marido dela era sargento do exército; que o filhos dela ficavam ameaçando os outros; que o pai era delegado; que ela trabalhava na secretaria da educação; que envolvido com esse pessoa ruim... Um dia desses, ela ameaçou de matar meu filho; na semana que ela falou de matar meu filho, eu não pude registrar uma queixa, né, tava lotado... Foi ela. [A senhora tem certeza?] Não, certeza eu não tenho, porque nós morávamos no mesmo bairro... (***) deram três tiros neles... Esse aqui, esse gordinho aí [refere-se a outro filho], esse gordinho-ele é de fazer, ele já foi evangélico, mas ele era muito dado com o irmão... [Queria se vingar?] Queria, e já tava indo na casa do cara. “Não, não faz isso não, porque isso não vai acabar mais...” esse aqui é evangélico, tem um punhado de filho... “não quero não, deixe na mão de Deus”. [A justiça?] A justiça é so apresentar o advogado, solta! A justiça é Deus, a justiça é a divina. [Nesse momento a gravação está muito baixa e ruim, mas dona T. pagou a dívida de 300 reais] Viu, esse é Rogério. “Não, não, deixa na mão de Deus”. Esse era doidinho por ele, vestia a roupa dele... Chamei ele pra cá. Graças a Deus, que já ta trabalhando. [Sonho da casa própria] Eles não conversam com a gente, sabe, fica reunião aqui, o advogado vem... a gente fica ganha não-ganha. Mas tem que espera, né. No primeiro movimento [ocupação], todos ganharam apartamento. Uns tão morando, outros venderam: justamente tem uma senhora aqui na minha frente que ela era do primeiro movimento, mas o marido dela vendeu o apartamento e agora ela tá na rua; voltou para o movimento. Então, são essas pessoas... entendeu? Muitos pegaram e venderam o apartamento, baratinho. Você acha? Ganhar um apartamento aqui pra vender por mixaria! Um apartamento aqui é valioso, meu amigo. Muitos apartamentos é lá pra Itaquera, Cidade Tiradentes, muito movimentado, muito bonito! Ta tendo muito pra Guaianases, Itaim Paulista, pra Sacomã, tem uns que são lá para Piraporinha. Há sete anos atrás quando eu tive aqui, minha filha tava morando em Piraporinha, eu visitei esse bairro, tá cheio de apartamentos, CDHU, entendeu... lá é muito bonito, muito movimentado... [A senhora gostaria de morar lá?] Na cidade Tiradentes? Nossa, se sair um apartamento pra mim, ou uma casa, eu vou correndo... eu preferia uma

casa em baixo. [Melhor do que o centro?] Melhor. Sabe por quê, por causa da zuada, porque eu gosto de mexer com terra, gosto de plantar... Se saísse uma casa pra mim assim, digamos, num lugar que fosse uma chácara, eu ia adorar demais! [Centro] Aqui tem muita zoadá, muita poluição. O ar puro lá é diferente, eu gosto de mexer com terra, eu gosto de plantar... [A senhora fazia isso lá no Maranhão?] Lá, meu, era quase uma chácara, meu terreno... [Seus pais também] Tinha, lá tinha, no interior. Tinha canavial, cana de fazer cachaça, garapa; tinha de fazer, rapadura; tudo: feijão, milho, mandioca, de fazer farinha. [É difícil sair do campo e ir para a cidade?] A gente sofre muito, sabe, porque tudo lá é mais farto. É, você quer comer um quiabo, você vai no pé e apanha; você quer comer um feijão verde, e você vai lá pegar quantos quilos... é os animais, plantas de remédio, tudo; você pega à vontade; você quer uma galinha, você pega; faz um macaxu, uma pamonha [Terezinha fala termos que eu não compreendo], farinha... Depois que meus avós morreu, foi tudo perdendo as terras... Muita terra, muita terra! Era muita terra. Eu até me lembro, foi mil cruzeiros pra cada um. Meu pai não queria vender não. Meu pai não queria vender de jeito nenhum... só minha mãe... não queria assinar... pra não ter problema com eles... Uma fome por dinheiro! Agora tem a casa do meu pai, meu pai tá lá... O filho mais velho queria vender a casa, e eu disse: “Nunca! Nem pensar!” O irmão mais velho queria que eu assinasse... eu sou filha única, ele vendeu tudinho e eu não ganhei um centavo... Ele não é meu pai, é meu padrasto. Não me deu nada. Então a minha parte tá ó. Tinha não, eu tenho direito. Ele acha que só porque ele é funcionário público, ele acha que eu não tenho direito. Então, eu vou agora pro Maranhão e vou falar para ele, olha: você não vai vender essa casa. “Ó, eu não quero entrar em contradição com você, até por que e não me esqueço o que você fez por mim, você me criou desde a idade de 5 anos, você me ajudou a criar meus filhos; agora, põe o pingô no i pense no que você tem: a sua parte e a parte da minha mãe é minha, minha! Só minha. Não vai vender essa casa. Porque eu vou logo pela lei.” Porque o que eu quero é que: quando eu arrumar a minha casa aqui, eu vou pra lá, mando murar todinha, tenho família lá, eu boto pra morar. Tem muita plantação. Lá tem uma fruta que vai muita gente procurar, muito estrangeiro, italiano, ela é tipo uma jaca mas só que ela não é. Eu já vi aqui mas não sei como eles chamam aqui; lá nós chamamos ela de (**), muito boa! Vender no Maranhão. As plantas que minha mãe plantou quase tudo morreu. Mas tem pé de manga, pé de uva, pitomba, as laranjeiras lá de trás, pé de carambola, muita carambola.

Tem muita ata, muita ata... não sei como chama aqui. Então, é assim, tem muita fruta; eu quero arrumar o mato... eu estou guardando um dinheirinho pra quando eu for para o Maranhão, eu vou arrumar a casa, vou reformar a casa todinha, mobiliar, deixar ela mobiliadinha, quarto de hóspede, passear... Então, eu quero fazer isso. Eu entrei num consórcio, se eu for sorteada... Ele é muito namorador e só gosta de menininha nova, eu disse a ele: cuidado pra você não entrar nesse pedófilo. Ele vai pra cadeia e não tem o que fazer. Ele é muito chegado numa menina nova. Muito chegado. Minha mãe trabalhava e ele na patifaria. Eu não gostava do que ele fazia com minha mãe. Ele até botou minha mãe contra mim. Dentro de casa ele não queria fazer nada, queria ficar gastando com as mulher de fora. Tudo, tudo, as terras, era da minha mãe, ele não tinha nada, nem uma roupa pra dormir. Cê acredita nisso? Vivia mais desempregado do que empregado. Minha mãe bataiando todo tempo. (...) É um dinheiro, que a pessoa não sabe multiplicar o dinheiro, só sabe jogar fora. Consumindo, viu. Então a gente tem que saber gastar. Faça uma continha; porque eu jamais digo não. Já mandou o dinheiro do menino? Eu não deixo meus netos passar necessidade não! Eu levo eles no médico, vou, volto. As filhas dele são todas bonitas. Essa é a mais velha: inteligente! [Assembleias] Tem uma que é só deles, é só deles, e tem uma nossa que eles participam também. Tem aqui, tem na Mauá, tem na São João... [Partido político] Olha, eu não posso nem me envolver agora que eu tô com um baita de um problema... Parece que eles mexem mais com o PT. Então, eu tô com um baita de um problema que eu perdi meus documentos... Eu tirei uma certidão negativa no Maranhão aí deis os documentos pra minha filha. Aí tocaram fogo no lugar em que minha filha trabalhava e queimou todos os documentos. (...) Mais de dois anos correndo atrás disso daí, e com esse problema do meu filho, eu me esqueci. Então, agora eu tô sem documento... Esse meu filho trabalha numa padaria, numa panificadora, é o faxineiro de lá. Ele era camelô, então ele entrou como faxineiro, e ele tá gostando. É que a polícia tá tomando as mercadorias. Eu tenho medo de passar o cartão e a polícia tomar as mercadorias. Mas é bom ele trabalhar com carteira assinada, sabe por quê? Porque ele tá com 33 anos; então ele nunca trabalhou com carteira assinada, então... Láááá no Maranhão ele pagava, o sindicato dos camelôs. [É regulado lá?] É regulado lá. É, era tudo camelô. Esse trabalha mais com celular. Aqui em São Paulo, os chineses, japoneses põem mercadoria baratinho, não dá pra concorrer. (...) Eu disse, minha filha, eu tenho certeza que quem come pimenta malagueta

não morre do coração, esse daí almoça, lancha, merenda pimenta malagueta; eu acho que é outra coisa. Dói, e como dói! Uma vez eu senti uma dor no corpo quando tava na casa da minha mãe. Mamãe me levou pro hospital... Então, eu digo pra ele: tem que trabalhar meu filho. Faça por você. (...) Lá no Maranhão, o menino andava, o problema era na cabeça, de repente caía babando, deram um remédio e ele nunca mais teve isso. (...) Churrasco? Tem de camarão, tem de queijo... [Dirige-se a um menino que quer comprar salgadinho] Ô, meu Deus, falei tanto que nem um cafezinho eu fiz pra você... [Não precisa, não] Não! Mas cafezinho é... O quê? [Cafeteira italiana!] É... [Café tem que ser na hora, né] (...) [É Jean!] Tem um cantor sertanejo com o se nome. [É o Gian e o Giovanni? A senhora gosta de que tipo de música?] Sertanejo, forró... Gian e Giovani, Xitãozinho e Xorrró... Agora, você põe o açúcar do teu gosto, tá? Essa daí foi que me conseguiu aqui... [Entra uma mulher] [As duas começam a conversar] Ela tá é se empanturrando de chocolate! Ela mora em Tiradentes. [Ah, ta!] (...) [Muito obrigado pelo café! (...)] A senhora sai pela janela mesmo? Não é perigoso não, ficar em cima dessa laje? (...) Quando reformarem vai ficar bonito aqui, vão contratar um arquiteto. (...) Uma caneta, eu tenho uma caneta]. (Desligo o gravador)

[Entrevista 2] C. D. e C.:

C. mostrou-se reticente em conceder entrevista. Mas depois de concordar falou por mais de 4 horas. Ofereceu café por várias vezes, talvez cinco vezes ou mais. Aceitei sempre. Num dado momento, o café da garrafa térmica acabou e o entrevistado preparou mais café. Que figura, esse Carlos! Fala com uma voz forte, metálica, franca.

Péra aí. Eu vou te contar. Vou contar como eu vim parar aqui. Morei um ano na rua. Não tenho que reclamar, fui muito bem recebido na rua. Morei como minha atual esposa, Daniele. Nós morávamos numa barraca. Não sofremos nenhuma violência na rua. Eu montei minha barraca perto de uma igreja evangélica. O segurança não deixava acontecer nada com a gente. Eu comia na igreja. Sabe, sou evangélico. Um amigo me falou do movimento, da ocupação. Então eu entrei. Por que o centro? Eu não gosto do centro, sabe, é

muito agitado, eu não gosto dessa agitação; muito barulho, confusão. Eu prefiro a periferia. Me escurte, eu chego lá, é muita coisa. Mas vou te contar minha história. Tem muita coisa. Eu nasci no interior da Bahia, Itanhaém da Bahia, meus pais eram da roça. Eu cheguei em São Paulo em 1985. Nasci em 1970. É o pessoal diz que eu não pareço. Viajei por esse Brasil todo, eu sou do ramo do transporte. Mas em 1989, eu estava no Rio de Janeiro e conheci um rapaz chamado Cláudio. E nós decidimos ir a pé para São Paulo. Eu já tinha morado na Febem lá na Bahia, no Rio também. Sabe, eu vou te contar... Eu já conhecia São Paulo, estive em Brasília também. Nós estávamos na estrada, então passou por nós um Alfa Romeo, da marca Ford. Ele passou por nós, parou e voltou. Parou, novamente, onde nós estávamos. Compreendeu? Sabe, é a história mais feliz e ao mesmo tempo mais triste, mas eu vou chegar lá. Espera aí. No carro tinha um homem engravatado, Dr. Modesto. Ele fez uma proposta para gente. “Deus tocou o meu coração e eu vou ajudar vocês”. Ele abriu o porta mala e tinha mil sapato. Disse, pode escolher, pode pegar qualquer um. Ele era todo de uma loja no aeroporto. Damisdto [*incompreensível*] Limitada. Essa loja tem em tudo quanto é lugar, no Rio, São Paulo, Paris, Itália.... Ele morava na Ilha do Governador. Nós éramos o tempo todo o tempo vigiados. Ele deu as melhores roupas para gente, pode escolher. Péra aí, eu vou chegar lá. Vocês vão ser meus filhos adotivos de agora em diante. Você precisava ver o quarto, tinha tudo, aparelho de som, TV de plasma, é porque TV de plasma já tinha naquela época. Nós fomos trabalhar na firma dele, tinha o nosso nome no nosso crachá. Certa vez, um segurança não me deixou entrar, então eu disse, você sabe quem eu sou? Liguei para o Doutor. Eu vi aquele mocinho chorar naquele dia. Mas o doutor disse e vou regularizar vocês, tudo pela lei, eu vou falar com o Doutor juiz, que era amigo dele, pra acerta a situação de vocês. Nós ficamos com medo na hora mas ele disse pra confiar nele. Ele fez tudo pra gente, documento, cic, RG, eu não tinha nada disso. Ele deu estudo pra gente. Nós estávamos estudando. Só que aí vem a parte triste. Meu amigo decidiu ir embora e decidi ir com ele. O doutor ficou decepcionado. Chamou os dois pra conversar, um por um, os dois separados. Aí o doutor me disse, se vocês saírem por aquela porta, não precisa nem mais voltar, porque o que eu fiz por vocês eu nunca fiz por ninguém e nem vou mais fazer. Vocês vão perder a maior oportunidade da vida de vocês. “Deus tocou o meu coração”. Bom, mas aí nós saímos e depois nos desentendemos e cada um foi

para o seu lado. E aí a parte triste, entendeu? Eu tentei voltar para a casa do doutor. Doutor Modesto. Mas era verdade, as portas estavam fechadas.

Em São Paulo, eu morava de aluguel, no Cambuci. Sabe, pensão, cortiço. Foi aí que eu conheci minha ex-mulher. Nós tivemos seis filhos. A mais velha tem 17 anos e mora em Franco da Rocha, é casada, vive por lá. Minha ex-esposa está aqui, mora no outro prédio aqui atrás. Mas deixa eu contar, pra você entender como eu vim parar aqui. A minha vida é um livro aberto. Se eu for contar, minha vida dá muitos livros abertos. Eu trabalhava no açougue. Entregava carne. Eu tenho a segunda série. Eu alugava um quarto, dá menos da metade disso daqui. Foi lá que eu comecei a me desentender com a família da minha esposa. Eu levei ela para morar lá. Mas um dia eu abri a porta do meu quarto e tinham roubado tudo. Morava ladrão pé-de-chinelo. Drogas... Direto a ROTA invadia lá para prender. Sabe, eu sou evangélico, Igreja Mundial do Reino de Deus, conhece o bispo Clodomiro Santiago? É. Eu disse, eu vou sair daqui. Fomos para outra pensão, minha esposa estava grávida. Sabe a Pires da Moto? Então, eu sou assim, pago adiantado. Távamos vivendo lá, e um dia chega o oficial de justiça. A pensão era invadida, o “dono” fugiu. Sabe a Tamandaré, então, lá tinha outra pensão, sabe como é, eu pago adiantado. O quarto ficava debaixo de uma escada, tinha cama, um fogão, pra minha opinião tava bom. Um dia eu estou voltando do trabalho, e eu vejo um homem de terno e gravata e umas viaturas da polícia atrás dele. Pensei, boa coisa não é. Tem ladrão aí? Não. Mas um despejo. A casa invadida. Fui para o Glicério, numa pensão do mesmo dono. De repente, novamente nós fomos despejados. Minhas coisas todas na rua. Baiano, pernambucano... tudo nordestino, tudo na rua! Tudo invadido. E eu pagava em dia, porque eu sou assim. O meu patrão confiava tanto em mim que me deixou levar a bicicleta. Você pode cuidar dela, fica com você, é mais fácil pra você. Só que um amigo me disse que tinha um terreno em Franco da Rocha, 100 cruzados novos. Ele disse, 50 eu e 50 você. Terreno da prefeitura. Mas eu disse, eu só compro se tiver recibo de compra e venda. Porque eu também não sou tão bobo assim. Minha vida é cheia de altos e baixos. Mas nós compramos o terreno. Eu fui numa loja de construção e deixei o meu RG, e falei, aqui tá a minha garantia, se eu não pagar vocês podem ficar com meu RG. Até hoje eu tenho um crediário lá. Você pode construir com madeirite ou com broco. No dia seguinte tinha mil brocos lá, dezesseis telhas de brasilite. Um moço disse que construía a casa. Eu paguei ele. Em duas

semanas a casa estava de pé. Dois quarto. Uma beleza. Eu, milha mulher e mais minha filha. Eu saí do açougue, não dava pra pegar quatro conduções, assim eu não ia nem conseguir dormir. Só que um dia, a filha de um casal que morava embaixo do morro, porque minha casa ficava no alto do morro, disse que queria trocar por uma casa que ficava no morro. Eu aceitei, porque a casa ficava numa avenida, passava ônibus, microônibus, supermercado, padaria. A casa era boa, grande. Só que foi a minha desgraça. A casa alagava. Se eu dormia de madrugada? Magina! Eu não dormia nada. Moramos cinco anos ali, não é não? Esse é meu filho, ele tem quinze anos. Eu tenho cinco filhos morando aqui, com a minha mulher, ela mora aqui atrás, no prédio ao lado. Mostra pra ele! Não, mostra pra ele, levanta a camisa. Ta vendo. Não. É leitimaniosi. Pegou com as inundações. Fez três cirurgias. Olha as cicatrizes. Três. É doença que dá em cachorro, mas ele pegou nas enchentes. Enchia água até aqui. Perdi tudo. Não é não? E vendi a casa, quer dizer, eu dei a casa por 800 reais. Aí voltei pra São Paulo. Péra aí, vou te contar como eu vim para aqui. Essa menina é minha nova esposa, eu vou te contar como eu conheci ela. Mau eu vou chegar lá. Me ofereceram para o serviço de caseiro, lá em Franco da Rocha...

[Nesse momento, a entrevista é interrompida por um dos filhos de C., e ambos conversam sobre uma bicicleta; o menino sentencia: “ele diz que vai matar...!”]

Tá bom, eu to conversando. Depois eu resolvo isso. Não tá vendo que tem visita em casa. Depois eu resolvo. Então, voltando. Eu morava numa chácara. Dava de tudo lá, manga, banana, verdura, feijão. Fatura. Por que, como eu já te disse eu sou dá roça. Não é não? Eu prosperei. Eu sou técnico em antena parabólica. Todo mundo me chamava para instalar. Você conhece antena parabólica? Então, o técnico cobra 100 e cobro 30. Todo mundo me chamava. Eu fiquei bastante conhecido. Tinha terreno da prefeitura lá, eu passei a vender os terrenos. Mas a pessoa dizia, como eu posso confiar. Eu dizia, eu faço recibo de compra e venda. Eu tinha quatro terrenos. Era uma maravilha. Eu não te contei nem a metade da minha vida. Nós tínhamos oito geladeiras, cinco televisões... Mas foi aí que me aconteceu outra desgraça. Essa minha ex-mulher botou tudo a perder! Ela se amigou com um outro. Foi um homem que eu botei na minha casa, que eu quis ajudar, tinha um quarto vazio e eu botei ele lá. Foi então que minha ex-mulher se amasiou com ele. Mas agora ela tá vendo

que perdeu um homem de verdade. Eu trouxe ela pra cá. Fui eu que chamei ela pra cá. Ela tá com ele agora, sim os dois moram aqui atrás. Esse homem trouxe a minha desgraça, mas agora ela tá vendo que eu sou homem de verdade.

[Nesse momento uma vizinha entra e passa a escutar a conversa. C. serve um café para ela e novamente para mim].

Aí eu fiquei desorientado. Sabe quando você separa, você perde a cabeça. Então eu vi o Sul pela televisão e resolvi viajar para lá. Conheci tudo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina. Depois eu voltei pra cá e foi aí que eu conheci essa minha nova esposa...

[Outra vez a entrevista é interrompida, dessa vez por um homem negro de baixa estatura, com uma bengala articulada de metal, porque o homem era cego, que pede severamente para C. desmontar uma bicicleta pequena de criança. C. guarda num canto a bicicleta e diz que não vai deixar ninguém pegar mais].

[A mulher toma parte da conversa, conta-me que é da Paraíba, de uma cidade perto de Campina Grande (não consigo me lembrar do nome), diz que tem duas filhas, é ambulante a vinte anos, vendendo café numa barraquinha. “Agora tá difícil, com o Kassab, a guarda toma mesmo, eu já perdi muita coisa”. “Eu vendo café da manhã; isso tem bolo, chocolate quente...” Ela me conta que morava no São Vitto e agora que encontra muitos moradores do São Vitto pelo Prestes Maia].

Péra aí. Eu não te contei nem a metade da minha vida. Minha vida é um livro aberto, quer dizer, muitos livros abertos. Mas aí eu conheci essa moça na igreja....

[Novamente a conversa é interrompida, só que desta vez C. sai furioso do apartamento. Então a mulher diz pra mim confidencialmente: “A mulé dele vévi com esse cego... É! a mulé dele vévi com esse cego que falou bravo... Isso... Essas mulé, vai entender!”].

Desculpa. Sabe, política? Eu apoio o PT, eles estão com o movimento. Eles nos ajudam. Meu amigo, em quem que eu vou votar, senão eles que tão ajudando a gente? Você viu o que tá acontecendo com os nossos companheiros no Rio. Você não viu o que tá acontecendo com os nossos companheiros no Rio? Tá parecendo essa novela Amor e Revolução. É os bombeiros! Tá que nem essa novela, *Amor e revolução*, acontecendo tudo igual. Eles filmam aqui, na Pinacoteca. Eu não gosto dessa novela, e assinaria para tirar ela do ar. Outro dia na rádio tavam perguntando se a novela devia sair do ar. Eu assinaria pra tirar. Muita violência. De vez em quando eu assisto. Outro dia eu vi aquelas duas meninas ficarem sem comer. Eu fiquei emocionado. Imagina duas crianças ficar sem comer. Eu penso nos meus filhos. Quase chorei. Acho que não devia passar essa novela, sei que baseada em fatos reais, mas faz com que aumente a violência. Veja os bombeiros. Cidadão! sabe quando isso vai mudar? Nuuunca! Tá na Bíblia, o coração do homem é ganancioso. A justiça dá mais valor às coisas que às pessoas. A moradia é um direito nosso. Nós fizemos uma passeata; a doutora juíza errou. Ela deu uma ação de despejo à Neti. Imagina? Foi no dia 18 de março, mais de 500 famílias. Quando a passeata chegou lá, ela não sabia o que fazer. Tomou um puxão de orelha do Kassab, das autoridades. Nosso advogado derrubou a liminar. O dono daqui deve mais de 7 milhões de IPTU. Ele recomprou o prédio no leilão. Quando nós ocupamos aqui, no dia que nós entramos aqui, isso tava imundo. Só morava rato aqui. Nós fizemos uma faxina. Eu contei quantos caminhões saíram daqui. Sabe quantos caminhões saíram daqui? Vinte dois caminhões meu amigo. Eu contei. Nós entramos às zero horas aqui. Tudo escuro. Só rato morava aqui. Mas se esse prédio for desapropriado mesmo, como estão dizendo, nós nunca vamos conseguir uma moradia aqui. Meu amigo pensa bem, você tem estudo, sabe como é essas coisas, eu trabalho na zona cerealista, eu trabalho com transporte. Minha renda é de 650 reais por mês. Eu tenho cinco filhos. Quando chegar a carta, eu não vou ser aprovado. Se eu tiver que pagar um financiamento, quanto vai me sobrar? Então, se virar moradia eu vou ter que sair. Tá vendo esse cartão? Esse cartão é a prova da minha renda. Como assim? Olha, tá aqui o nome do meu patrão e do filho dele, aqui tá o telefone dele e do filho. A Caixa ou o CDHU liga pra eles, e eles falam minha renda. Mas quando for os papéis para avaliação, a Caixa não vai aprovar. Vão deixar esperando. Eu durmo nessa cama com minha esposa, e meu filho dorme no sofá. Eu não tenho bolsa família porque eles só dão para a mãe. Não tem

problema, é uma tempestade, mas eu preendi bem o madeirite, não vai cair, está preso por fora também...

Conta pra ele como nós se conhecemos, conta pra ele...

[D. declarou ter 30 anos, mas aparenta muito menos, seu pai é desconhecido e sua mãe faleceu há seis anos. É bastante tímida, tem um olhar perturbado, não tem um dente na frente da arcária superior, apesar disto, é uma moça bonita. Sua família toda é da Bahia. Aparentemente viveu de favor, morou na rua, e é provável que tenha pedido esmolas. “Como eu comia? Sabe quando o prato é um real”. C. acrescenta: “bom prato”. Disse que não sabe fazer nada, que o C. cozinha, faz tudo, mas ela está aprendendo. Diz que sua vida melhorou na ocupação. Você tem alguma coisa que você gostaria de dizer: “Eu peço a Deus que abençoe a vida de todo mundo, de todas as pessoas, que dê muita graça pra todo mundo. Que de muita benção para todos. Eu peço muito a Deus”. Ela chega a se emocionar algumas vezes, durante nossa conversa. Você tem algum sonho: “Eu desejo ter uma família um dia, ter filhos, ter minha casa, como todo mudo...”]

Sabe quando o navio afunda. Você se agarra. Eu e a D. nos ajudamos. Eu disse para ela, se você quiser ser minha mulher eu vou te tirar daqui. Sabe como é o dia de amanhã. Minha vida teve altos e baixos. Quem sabe. Eu tirei ela da rua. Sabe, ela é meio desmiolada. Mas eu fiz os documentos dela. Ela não tinha nada. Nós fizemos os documentos. Mas ela tem um problema de memória. Perdeu tudo logo no terceiro dia. Nós fizemos a segunda via e ela, não de quinze dias, perdeu de novo. Você sabe, estelionato, falsidade. Quando foi tirar de novo os documentos, eu ouvi o delegado dizer para ela: “Se você perder de novo os documentos, você vai presa”. Eu tava do outro lado, mas pude ouvir o delegado dizer para ela. O delegado é um homem que estudou para ser delegado. Mas quando eu conheci ela, ela tomava remédio, pra memória. Ela era muito nervosa. Agora ela melhorou, de vez em quando tem uns xiliquis, mas melhorou. Eu estou ensinando ela fazer tudo, ela não sabe fazer nada. Agora, eu tirei um xerox e guardei o original na gaveta. Agora, ela só anda com a cópia (...)

[Aqui encerro a entrevista, e me despeço do casal. D. se aproxima de mim e diz: “moço se você souber de alguém que tá precisando, de dar serviço, por favor me avise, qualquer coisa pra mim trabalhar tá bom”].

Entrevista 3

R., idade 34, profissão camelô, amiga (solteira), natural de São Paulo, Ipiranga.

Eu conheci o movimento através de uma amiga minha que mora no Glicério, ela trouxe a minha sogra pro campo de base, apoio, né, pras reunião, aí a minha sogra comentou pra gente, dizendo que tinha ocupação no dia 3 de outubro, e como a gente mora de aluguel e na rua não ta dando pra trabalhar, aí eu falei pra ela que viria, aí a gente veio pro dia da ocupação [...] Isso no ano passado. Eu não conhecia o movimento, conheci através de minha sogra e de uma amiga. Eu morava no Glicério, na rua dos Estudantes; era uma pensão. Tinha um cômodo só; só um cômodo. Pagava 530 (reais) de aluguel; e pagava água e luz por cabeça, por isso que tava esse valor. A minha renda é assim de mil e cem, porque o camelô não tem renda fixa, né; depende da venda. Eu vendia bijuterias, na rua. Aí vem o GCM e tira; e [camelô] sai do lugar. Graças a Deus quando eu vim pra cá eu montei uma coisinha pra vender doce; então eu estou sustentando a minha família, aqui através da ocupação.

[Como é seu dia a dia aqui na ocupação?] Ah, é maravilhoso, melhor de quando eu morava de aluguel. Porque é assim, quando você mora de aluguel, você paga um e quando vai dormir já ta pensando em pagar o outro [o próximo], água, luz... Aqui pra mim foi uma dádiva do Céu. [E você participa das assembléias?] Participo. Antes de vim pra cá eu tinha que trabalhar na Feirinha de Madrugada, porque eu pagava aluguel e eu tinha que sair de madrugada porque de dia não deixa, porque a GCM e a Militar não deixa a gente trabalhar... E depois do momento que eu passei a vir morar aqui, Graças a Deus, eu durmo em paz, não tenho a preocupação de pagar aluguel. [Você tem filhos?] Tenho seis. Eu tenho cinco do meu primeiro casamento e com ele (Guilherme) eu tenho um. [Você estudou...]

Estudei até a 8ª. série. Eu parei [de estudar] porque tinha que ajudar meus pais. Tinha que trabalhar pra ajudar eles. Meu pai é de Alagoas e minha mãe é de Recife. Eles vieram pra cá, eu não era nem nascida quando eles vieram pra cá; faz quarenta e dois anos que eles moram em São Paulo. Eles trabalham com vendas também, com bijuterias, mas eles trabalham viajando, pelo Brasil inteiro. [Você leva seus filhos pra escola?] Todas estudam. Agora eu tenho mais tempo pra elas. Porque antigamente eu tinha que trabalhar mais, todo dia, juntar o dinheiro do aluguel, porque tinha que pagar quinhentos e pouco de aluguel, comida, roupa, calçado, mas agora Deus me abençoou. [Se transformassem o Prestes Maia em moradia popular, você acha que aprovariam uma carta de crédito pra você e sua família?] Eu acho que sim. Se fosse tudo organizadinho, tipo uma kitinete, com banheiro dentro, tudo arrumadinho, seria bem melhor, né. [Você cozinha aqui dentro mesmo?] Aqui dentro. [E qual é rendimento de sua família agora?] Aqui do doce dá 300, 400 [reais] por mês, de doce.

Se os imóveis tão vazios, tem que ocupar. Porque tem muita gente que mora de aluguel que quando o dono da casa dá ordem de despejo tem que ir pra rua. A minha sogra participou da ocupação. Depois de sete dias a gente veio, porque eu tinha ganhado neném. Eu morava no Ipiranga, depois que eu conheci meu marido fui morar no Glicério, em 2007. Eu morei três anos e meio no Glicério. [Como é seu dia a dia?] Acordo, limpo a minha casa, faço o almoço pra minhas crianças, levo minha filha cedinho na creche, volto...

[E televisão?] Tenho televisão sim. Ah eu assisto novela, jornal, adoro jornal. Eu assisto da Globo, e a última que eu assisto é aquela do SBT, “Amor e Revolução”. Eu adoro essa novela, eu acho que não devia acontecer o que aconteceu no século passado, mas se for o caso a gente tá aqui pra lutar, exigir os nossos direitos. Meu marido também assisti. Eu gosto porque mostra um fato real do passado; porque tem muita gente que não sabe, ele mesmo [refere-se ao marido] nem imaginou, não sabia que tinha acontecido isso no Brasil. Ele falou, você participou disso aí, eu falei “não”, eu era pequena mas meu pai me conta. Meu pai me contou. Ele não, quando ele começou a assistir essa novela ele falou assim, “como, você participou disso daí?” Eu falei “não”, mas me pai... que foi em 67, 66, né? A tarde eu não ligo pra assistir televisão não; eu quase não vejo.

[Você quer contar alguma coisa que você acha importante] Não, na minha vida a única coisa importante que ta acontecendo é essa ocupação. Tirou um peso, né. [Você tem irmão?] Tenho, somos em oito. Todos estão em São Paulo, só um que ta em Minas. [Qual é a profissão deles?] Um trabalha numa concessionária de carros, e os outros são tudo camelôs também. Só eu moro aqui, todos moram de aluguel. Eu chamei a minha irmã, aí ela ficou de pensar e não veio. [Aqui faz muito frio à noite?] Não, porque a gente fecha tudo direitinho. [Aqui tem quantos quartos?] Dois, o meu e das minhas crianças. [E o que você geralmente prepara para as refeições?] Ah, eu faço arroz, feijão, bife, macarrão, salada, eu vareio, né. Porque agora o dinheiro dá pra comprar. Antes não dava, porque seiscentos reais ia para o aluguel, e o remédios essas coisas, mercadoria tinha que repor. Agora Graças a Deus dá pra comprar. Um quart bem pequenininho, do tamanho desse quarto aqui [Rita aponta a divisória que segmenta os dois cômodos do apartamento], três por três. E são todos do mesmo padrão, né Guilherme, deve ter uns vinte quarto. A pensão era um estacionamento; ele fez um monte de quarto. Aí ele colocou os quartos de três por três. Pagava água e luz por cabeça lá.

[Por que o centro?] Ah, o centro é bem melhor de morar do que na vila. No centro você vai, se você quiser trabalhar de camelô, corre ali na 25, na General Carneiro, entendeu? Eu morei em São Miguel e o centro é bem melhor.

[Sobre o movimento MSTC] Eu vou falar pra você essa coordenação daqui é fora de série. Eles são muito prestativos, se você precisar de qualquer coisa eles sempre tão aqui pra ajudar.

[Sobre uma candidatura da Marta] Votaria na Marta, logicamente. Minha família toda é petista. O Kassab só olha pro lado dos ricos, o PT não. Na época da eleição, o partido do Kassab oferece Deus e o mundo pros pobres, depois que ganha ele esquece o lado dos pobres e só olha pro lado dos ricos. Desde que eu tinha 16 anos, meu primeiro voto foi no PT e até hoje eu só voto no PT.

G., 18 anos, marido de Rita, Natural de São Paulo, a mãe é do Paraná e o Pai de São Paulo, ambulante.

G.: pagava por cabeça lá, 40 reais por cabeça, por mês e água e luz. [Por que o centro?] Esse pessoal é registrado, entendeu, e no registrado você ganha passagem pra ir, pra vir. Nós que trabalha de camelô, nós não ganha, a gente tem que sair pra rua pra trabalhar.

Eu trabalho ambulante, na 25, Feirinha da Madrugada no Brás. Eu trabalho com bijuteria, monte de coisa. Eu morava com a Rita no Glicério, era bem mais difícil, porque você tirava 500 reais por mês e isso ir direto pro aluguel, agora dá pra ajuntar, 500 reais, 500 reais da pra comprar mais coisa, uma roupa, um tênis, compra mais coisa pras crianças, pra nós, anda mais bem vestido. Porque antigamente o que ganhava era pra pagar aluguel, pra comer. Tem rua que é assim, tem o mês que você ganha, tem o mês que você perde; tem o mês que não tá no auge a venda; tem dia que você vende muito, cem, duzentos por dia, mas tem dia que você vai e não descola, mano. Você tira 10 reais, você tem que tirar do bolso e comer, entendeu, depende do mês. Carnaval, o pessoal gasta tudo com carnaval, não vai lembrar de comprar no camelô. Eu conheci a ocupação junto com ela. Com minha mãe, né; minha mãe chamou nós, e nós veio. Bem melhor, o aluguel de 500 real por mês é muito pesado. Pra duas pessoas só trabalhar, com quatro crianças pra você criar, pra você botar pra comer. É pouco! Onde come um come todos. Mas você coloca quatro crianças pra vestir, quatro crianças pra comer, quatro crianças pra comer um doce, pra isso, pra'quilo, né. Tudo você coloca na ponta do lápis, pra ver quanto que dá. Tem gente que fala, “é mas o arroz que você coloca dá pra um dá pra todos”; dá pra todos, mas, só que rende mais, agora dá pra comprar roupa pra eles tudinho. Antigamente comprava uma por mês: comprava um sapato pra um, depois comprava um sapato pro outro. Tentava fazer assim, entendeu. Agora dá, dependendo do mês, comprar roupa pra todo mundo, não só pra um ou pra outro.

Eu estudei até a sexta série. Parei, porque eu casei com catorze anos, tenho quatro anos com a Rita. Eu parei com doze anos de estudar por causa que eu já comecei a trabalhar na rua,

antes de eu conhecer a Rita, eu já trabaia na rua. Aí eu sempre trabaia na rua e quando eu conheci ela eu tinha catorze, casei com ela, aí de lá pra cá nunca mais estudei. Só trabalhando, tive meu filho aí, agora tem que trabaia mais ainda, agora tem que trabalhar o dobro. Minha vida sempre foi boa, graças a Deus, sempre trabaia e tentando sempre melhorar, mas de lá, de quatro anos pra cá, o melhor que aconteceu mesmo foi essa ocupação, sim, não pode negar não! Porque tirar um peso tão grande de pagar aluguel, de repente cê não arruma o do aluguel do mês, aí vai o dono da casa vai bater lá, fazer voe passar vergonha. Isso foi muito bom pra mim. De repente, você com criança, tinha casa que não queria aceitar porque nós tinha quatro crianças. Tem isso também. Você chegava numa casa pra lugar, o cara falava, “dois cômodos aí eu te alugo por 500”, mas quando eu falava de trazer crianças; “mas quantas crianças? é uma criança, duas crianças, três crianças?” não é quatro, moço. Não, quatro não aceito. Já falava assim, entendeu. Aqui eles nem perguntaram. Tem quantas crianças? Tem seis. Ah, nós tava lá no 18, os coordenador falou não, nós vai abaixar vocês, vocês tem muitas crianças. Abaixaram, nós fomos pro terceiro, entendeu. Nem nós pediu pra abaixar. Eles tavam fazendo assim né, preferência pra quem é mais idoso, mais criança, tudo pra baixo, porque que mora sozinho, se quiser ganhar, tem que subir. Agora, já pensou subir todo dia com quatro crianças. É pesado, né. [Seus pais moram aqui em São Paulo?] Meus pais moram. Minha mãe mora no oitavo. Mora minha mãe e mais três irmãos. Eu tenho quatro irmãos, moram três aqui. Eu sou o mais novo de todos, sou o caçula. Meu irmão de 22 mora aqui. Minha irmã de 21 mora aqui, com minha mãe. E minha irmã de 19 mora aqui também, e ganhou um filho agora; ganhou aqui, na ocupação, faz três meses; já morava aqui já.

Eu sempre morei no centro. Morei dois anos com a R. na zona leste. Mas eu sempre morei no centro.

[Já pegaram a mercadoria?] Já, muitas vezes. Eles vêm, aprendem a mercadoria, perguntam se você quer ir lá, assinar lá, fazer alguma coisa, com sua mercadoria. Não, muito obrigado. Cê perde. Se você não tiver nota você perde. Eles fala, se você tiver nota da mercadoria você vai acompanhar nós até a prefeitura. Na prefeitura você vai paga uma taxa de 540 reais sendo que a mercadoria não vale isso. A taxa é do espaço público que eles dizem que

é pra usar. Você tem que pagar essa taxa porque você tá ambulante. Ai você pega uma mercadoria de 200 reais, e eu vou lá pagar 500, parceiro? Melhor deixar ir embora. Dali eles botam num saco e levam embora. Já cheguei a perder quatro vezes por mês; aí eu tinha prejuízo. Mas se eu perder uma vez só por mês, durante o mês inteiro eu posso recuperar a minha mercadoria, tipo em vendas, né, e ganhar um dinheiro muito a mais em cima, entendeu; porque a mercadoria dá lucro. Você compra um brinco de um real, você pode vender ele a cinco, são quatro reais de lucro. Você vende bem. Mas se você perde um brinco de um real e duzentas peças; você tem que trabalhar e vender 200 peças e tirar esse que você perdeu e mais o da mercadoria, então sai dois reais o brinco, né. [E tinha muita violência na rua, muita briga?] Tinha, pior que tinha! Camelô com GCM. Quando eles vinha apreender, os camelô não queria. Camelo quando é um é todos. Tinha dois rapazes que faziam a organização lá no movimento, pros camelôs andar na 25; que era o rapaz que é da 25, é o Barba, ele que quando vai fazer uma manifestação de camelô ele reúne todos os camelôs, é o Barba. E do Brás era o Alfonso, que era governador lá, não sei. Era os dois que juntavam o pessoal lá pra fazer manifestação.

[Sobre a novela “Amor e Revolução”] Nem sabia que tinha tido ditadura. Que não falam muito do assunto, né. Aí a novela trouxe bastante do assunto. A R. assiste todo dia; ela assiste essa novela aí e eu assisto essa novela. Eu assisto o Jornal da Globo, de noite, depois do jornal eu sai pra feirinha, que eu saio uma hora da manhã pra feirinha. Eu saio uma hora da manhã, porque na 25 não dá mais pra trabalhar, porque tá apreendendo muito. Na feirinha é liberado pra você trabalhar. Eu saio uma hora e volto 7h. Então meu tempo é esse mais ou menos. Eu acordo, durmo umas sete horas da manhã; chego da feirinha durmo, né. Acordo três, quatro horas da tarde, aí assisto uns filmes e quando é de noite eu vou pra feirinha, é tempo de passar duas, três novelas, filme, e aí é ir pra feirinha de novo. Assisto futebol que passa de noite, de dia não assisto não. Eu trabalho de segunda pra terça, na feirinha. Aí terça eu descanso o dia inteiro. Quando é quarta, eu não vou pra feirinha porque eu vou fazer outro trabalho, eu tento manguiar na 25. “Manguiar” é sai vendendo na mão, com painel de mercadoria, aí nós sai pra vender. Porque na feirinha de quarta-feira não tem muita gente. Então não tem condições de vender lá, só os dias de sacoleiro. Então, na feirinha, de segunda pra terça, de quinta pra sexta e sábado eu pego também. Na feirinha

é mais atacado, entendeu. Você compra muita peça, vamos supor assim, a 60 centavos, você vai ter que vender barato pra você poder vender. Eu vendo a um real, eu ganho 50 centavos por peça mas eu ganho mais pela quantidade. Se a pessoa chega e fala eu quero cem peças dessa daqui então eu ganho 50 reais no atacado. No atacado sai mais rápido, entendeu, em vez de ta vendendo na 25: você pode vender um brinco a cinco reais, mas demora. Você vender um brinco, depois de uma hora você vender outro brinco, é melhor vender no atacado, que vende mais rápido. A gente chega a comprar muito mais peça, entendeu; porque é pra revenda, né; preço de atacado.

Minha mãe já fazia umas reuniões com o MSTC há muito tempo, há uns três anos atrás. Ela não ia pra ocupar, entendeu. Ela acompanhava as reuniões até sair lá pra ela, aí ela veio pra essa e nós também veio junto. Eu nunca tinha ouvido falar muito do movimento; quando minha mãe chegou e falou tem um pessoal que vai invadir um prédio aí, ocupar um prédio, e é o movimento MSTC, aí a Branca [refere-se à Rita] falou, “como que é isso mãe?” Aí ela falou, “ó, tem que participar de umas reunião que eles vão ocupar um monte de prédios juntos, aí eu te levo lá e te apresento pros coordenador”. Aí no dia que ela veio, já tinha ocupado, já, aqui. Aí ela veio e começou a conversar com os coordenador e os coordenador falou, “cê tá precisando?”; “tô precisando”; “então, vou te arrumar um espaço pra você”. Aí ela arrumou o espaço dela. Aí quando nós mudou, nós tava lá no 18. “Mas quantos filhos vocês têm?” Nós temos quatro. “Pera aí” aí ligou lá pra Neti e pro Manoelzinho, que é nosso coordenador: “Não, tem quatro crianças, pode descer eles, viu. Vê um barraco mais embaixo e pode abrir pra eles, um vazio”. Aí tinha um vazio no terceiro e nós tamos no terceiro até agora. Caso tivesse desocupação do prédio, nós tirávamos as crianças, logicamente, e ia ficar pra ganhar o nosso também, né, porque aqui tem que lutar pra ganhar. Participamos da passeata, eu, ela, até as crianças foi também. Tinham umas 500 a 600 pessoas, só do Prestes Maia. Aqui ta todo mundo num objetivo só, o objetivo é todo mundo lutar junto. Se ta todo mundo aqui é porque ta todo mundo precisando, ta todo mundo igual. Não tem ninguém melhor do que ninguém aqui. [Sua fala trata de alguns desentendimentos de alguns moradores do prédio que não teriam participado da passeata]. Então todos os coordenadores falam, até a Maria fala, “eu não sou melhor do que ninguém porque sou coordenadora; eu não xingo ninguém, não escracho ninguém, vocês que não são

ficam um contra o outro”. Quando tem assembleia geral, no primeiro andar, todo mundo tem que descer, nós participa; quando tem assembleia de coordenador vai quem quer. A minha esposa vai em todas. Ela vai com a Maria. A Maria chama a Branca pra ir com ela [na sede do movimento, na avenida São João]. A Branca vai em todas. Quando tem aqui no prédio, aí eu vou; quando é fora eu não vou não.

[Sobre partido] Eu nem comecei a votar, nem sei se votar ainda. Pra mim, eu quando começar a votar, vou votar tudo em branco. Tudo nulo! Pra mim, não vejo nenhum que faz nada, o pior que colocaram, pra acabar com o camelô de vez foi o Kassab, foi o que mais acabou com a vida do camelô mesmo; porque o camelô antigamente, os prefeito colocava um polícia pra correr atrás do camelô só que ele, o polícia, respeitava o camelô como um trabalhador; agora o Kassab colocou a PM que trata o camelô como ladrão, porque corre [o polícia] com revólver na mão, apontando o revolver nas suas costas. E se uma bala dispara ni você? Eu tenho 18 anos mas eu tenho o meu filho; eu tenho o meu filho de 2 anos de idade. Eu não tô lá pra brincar; eu com 18 anos poderia tá saindo lá pra roubar; eu graças a Deus nunca tive esse pensamento. [Quer dizer que você está trabalhando...] ...e sendo tirado como ladrão. Camelô agora tá sendo tirado como ladrão, porque, antigamente, nós reclamava da GCM porque corria atrás mas... também se deixar que Deus dará também, vai acontecer muita morte, porque vai ter um que vai querer mandar naquela esquina, o outro vai querer... tava certo quando tinha GCM porque eles não tirava a gente como ladrão, eles corria atrás, tomava nossa mercadoria. Quando a Marta era prefeita era muito melhor, porque ela botou a GCM, ela corria atrás, só que ela via que o camelô tava ali pra trabaiá. Então, a PM é seguinte, ela corre com o revolver atrás de você, entendeu, às vezes, você consegue fugir mas aquele revolver ali parece que trava o cara. [Aconteceu já algum acidente?] Não ainda não vi isso não, mas tá prestes a acontecer, eles tão correndo com o revolver muito em cima da pessoa. Não precisa disso, ali ninguém, o camelô ta ali pra ganhar dinheiro... não precisa dessa brutalidade que eles faz, botar revolver em cima de uma pessoa que ta trabalhando. [Sobre uma candidatura da Marta] Votaria nela sim, se fosse pra tirar ele, o Kassab, eu votaria nela. Pobre, você pode perguntar pra qualquer pobre, o pobre não quer mais o Kassab; porque o Kassab... vai em qualquer favela pra você vê o que ta acontecendo... o Kassab tá derrubando as favelas todas. Aí fala que vai dar

moradia, que vai dar CDHU, vai dar isso, vai dar aquilo, só que pra pobre, ele ta botando pobre em albergue.

Os caminhão, foi tudo ela [Marta] que mandou tirar os entulhos, que aqui tinha muito lixo. (...) A prefeitura não queria mandar os caminhão pra tirar os entulhos, nós queria jogar lá na rua, aí eles era obrigado a mandar, aí a Marta conversou com a Neti e falou que ia mandar os caminhões e mandou, prometeu e mandou; os entulhos, tinha que ensacar; mandou o dinheiro pra comprar o material, que era os sacos.

Aqui lava roupa cada um num dia, por causa que é muita gente, é coletivo, no tanque. Algumas pessoas máquina.

[Rita] Aqui no começo da ocupação, que não tinha água, não tinha luz, só tinha a cozinha comunitária lá embaixo, era café da manhã, almoço e janta: a perua aí do PT que encostava com as cestas básicas, marmitex, lanche, roupa...

[Entrevista 4]

R., 16 anos, não estuda porque cuida de sua filha de sete meses, nascida em São Paulo.

Minha mãe trabalha numa loja, ela é vendedora de móveis usados, e meu pai ta viajando. Minha mãe tem 42 anos. Tenho seis irmãos. [Como que é a sua vida aqui no Prestes Maia] Ah, é bom.

A., 14 anos, - “Tá grávida já”, Raíssa indaga – [Está grávida?] Tô. [Você mora aqui, com sua mãe] Não, no quarto 2, com meu namorado. A minha mãe é a mesma dela, meu pai eu não sei onde ta, ele mora no Jabaquara.

R., 12 anos:

Meu pai morreu. “Mentira, o pai dele é o mesmo que o meu. Larga de ser tonto” (Adriana).

A.: Não estudo, por causa da gravidez. Porque onde nós morávamos pegou fogo. Aí a gente teve que sair do prédio. Ali no Anhangabaú. Eu morava ali, aí pegou fogo. Nós ficamos um mês e pouco na rua. Minha mãe teve que tirar a gente da escola, e agora não consegue vaga em lugar nenhum. [Como foi morar na rua?] Foram muita gente, bastante famílias. [Vocês tinham medo, sentiam frio?] Não porque minha mãe fez um barraco na rua. Ela colocou lona; colocou geladeira, fogão, televisão... e puxamos... fizeram um gato lá... daí puxaram um cabo de TV. Não sentia frio. Aí tinha um lugar, que lá era aberto, aí lá nós tomava banho. Aí minha mãe... às vezes, quando tava chovendo, aí a gente dormia tudo lá. Minha mãe ficava no barraco, ela e meu padrasto. [Como sua mãe conheceu o movimento MSTC] Aí nós tava lá no Siribu... [O que que é o Siribu?] Lá na estação Liberdade. Era uma casa. Era um quarto. [Uma pensão?] Uma pensão. Daí nós alugamos lá e ficamos uns três anos. E depois nós tava procurando um quarto porque lá ia ter despejo, aí minha mãe passou aqui, porque meu padrasto conhece bastante aqui; ele veio aqui no prédio, daí conversou com os coordenadores, foi lá na Mauá, falou com o Manuel, com a Neti, conversou; daí nós ia se mudar pro outro bloco, mas depois nós viemos pra cá. {Por que vocês foram despejados do quarto da pensão?] Por causa que o dono – era o filho dele – aí depois veio o pai dele que queria pensão de volta. Aí, ele não gosta da minha mãe; daí ele não queria receber o aluguel. Minha mãe guardava o dinheiro no banco. Aí ele foi fez não sei o que lá no (...); e pegou e falou assim que a minha mãe não queria pagar o aluguel e ficou três meses sem paga o aluguel; daí falaram que minha mãe tinha que sair. Aí minha mãe arrumou aqui; depois ela arrumou uma outra casa com meu irmão mais velho; ele mora sozinho lá na Armênia, Ponte Pequena (...) [E você lembra quanto era o aluguel?] 300, o primeiro era 300 – “Não, aumentou”, observa Raíssa – é 400. [E todo mundo morava no quarto?] É. [Era grande o quarto?] Não tanto, porque era muita gente. Era do tamanho desse aqui, né, mas lá tinha mais coisa: tinha banheiro dentro. [E aqui mora quantas pessoas, nesse daqui?] Umas nove, né; eu – não, tira eu – “... eu, o Rafael, o Miguel, a Ju” (Raíssa) – não, tira a Julia – “... a minha mãe e o Danilo: seis pessoas. Às vezes, minha irmã vem pra cá também: são sete” (Raíssa) – É, a Natália – “... tira a Júlia” (Rafael).

R.: [Como é ser mãe assim tão nova e numa situação bastante instável?] Difícil.

A.: É fazer o quê, né. O mundo tá tudo assim: gente com 12, 13 anos com filho.

R.: 14.

R.: (risos)

A.: Cala boca! Não quer levar ele, não? – Rafael dá risada – [Não, não é motivo de graça] Ele é palhaço mesmo. Você não quer levar ele pro circo?

[Como é que é o cotidiano de vocês aqui, o dia-a-dia?]

R. (entre risos de todos): Ah, a gente acorda, limpa a casa, faz comida, lava a louça... – “Eu a mesma coisa. Não, não lavo não, que lava é eles” (Adriana) – (...) troco fralda, dou de mama, levo meu irmão na escola, entendeu... [E vocês assistem televisão à tarde?] – “Eu assisto às vezes” (Adriana) – Eu assisto novela, quando dá. – “Eu fico escutando música, depois assisto novela e depois durmo” (Adriana). [Que novela vocês assistem?] “Ah, Cristal” (Adriana) – “Amigas e Rivals”, “Insensato Coração”, “Morde e Assopra”... – “Malhação”! (...) “Esse daqui (o Rafael) assiste desenho de mongol” (Adriana) – (...)

[Vocês estão felizes de morar aqui na ocupação?] Sim, tá melhor onde a gente morava. [Melhor que na pensão, por quê?] Porque muito inferno. Ah, muito futriqueiro, buchicho... muita briga – “Muito calor” (R.) –, muita polícia... por causa que lá é uma “boca” – “É, é uma ‘boca’” (A.) – ... lá passa muita polícia... Lá onde eu morava, nós não sabia que era “ponto”... mas só tinha ali, a gente queria um lugar pra morar; tava com criança, né, minha mãe tem um monte. Minha mãe tem sete; eu tenho seis irmãos, comigo é sete. Porque eu sou filha de criação.

[Então era uma “boca” ali; vendia o quê, craque?]

A.: Não, só maconha e farinha. [A polícia ia lá direto?] É. Pegaram gente lá na pensão, depois que... [Eles entravam lá no quarto de vocês?] É mas tentaram fazer denúncia; entraram lá pra tentar colocar maconha. [A polícia fazia isso?] Não, o pessoal em volta da minha mãe.

R.: A polícia mesmo forjava.

[A polícia entrava lá sem pedir?]

A.: Não, eu não deixo. Eu fechava a porta na cara dele. Ele não pode me bater. Ele vai puxar a arma? ele não vai. Aqui não tem isso. Só vem polícia aqui quando as criancinhas ficam jogando coisa da janela. Aí o pessoal da rua chama a polícia; daí tem que chamar a coordenação. Aí tem que chamar o coordenador. Minha mãe é coordenadora de andar; o meu sogro coordenador geral. Cada andar tem um coordenador; aqui tem um coordenador, no quarto tem um coordenador... no vinte também tem. A Maria é coordenadora geral... e a Andréia, que é do terceiro. [Você participa das assembleias?] Não. Às vezes, eu vou. Quando tinha lá na Mauá, eu tinha que ir. Era pra conversar só com os adolescentes, só. “Tem um coordenador só de adolescentes. No nosso bloco tem um coordenador só de adolescentes, no outro bloco eu não sei” (R.). Aqui no prédio mesmo faz capoeira, faz dança...

[Creche ainda não tem aqui?]

R.: Não. Creche já entrei com um pedido na justiça, pela defensoria pública, mas faz três meses e não chamaram ela ainda. Eu entrei faz três meses justamente, eu tenho o papel. Eu já levei na creche em São Lucas, não, sei lá, na São Judas, na coordenadoria, e não pegaram ela. Falaram que tinha que esperar; eu fiz o cadastro dela no dia 19 de abril. [E o pai dela?] O pai dela é um lixo. (Risos). Tá no lixão. Ele é drogado, viciado. “E porque não casou com ela” (Rafael). [E você está com ele ainda?] Não. Ele mora lá no Lausane Paulista, zona norte, perto do Peri Alto. Eu conheci ele dia 9 de abril de... 2009. Fiquei com ele dois anos. A gente não dava certo mesmo; eu separei dele grávida. [Meu telefone celular toca, é a coordenadora Maria] Aí eu separei dele grávida e com nove meses de gestação a gente

voltou. Só que não deu certo do mesmo jeito; porque ele me trancava na casa dele pra fumar craque, junto com minha filha. Aí minha mãe foi embora, meu pai foi viajar; e eu voltei pra cá, porque eu conheço a mãe deles faz muito tempo. Aí encontrei ela num belo dia e vim morar com ela. Eu morava com minha mãe e com meu pai. Meu pai é peruano e minha mãe é brasileira mesmo. Eu separei dele porque ele me agredia, entendeu, e tinha muito ciúme. Mas até hoje ele não dá nada pra filha dele. [Você está com outro, essa aliança no seu dede...] Não, não estou com ninguém; essa aliança era dele, eu não tirei por costume. – “Ela ta procurando um pai pra menina” (A.) – Não, não, a gente “fica”. [Você vai em festas?] Não, não tem como. Minha mãe trabalha, ela chega cansada. “Festa aqui só de aniversário, ou alguém faz um churrasco” (A.). [Não tem festa com música...] “É sempre tem mais aqui no quinto, no sexto, e lá no vinte, que é a coordenadora” (A.).

[Você teve um filho muito cedo e você está esperando; vocês não acham que isso vai atrapalhar a vida de vocês?]

A.: Atrapalha. (...) Fazer o quê, vai matar? Fez tem que criar...

R.: Atrapalha bastante. Ela não atrapalha ainda porque o dela ta na barriga. Eu quero trabalhar e não tem quem fique com ela, então... porque ela – a Adriana – que olhava ela.

[E não fica muito pesado pra sua mãe sustentar sete pessoas?] Oito. Quem gasta mais é ela. Eu mais é fralda, leite, “mussilon”, danone, lenço, tudo.

A.: Não mais as coisas da neném quem gasta é ela – Raíssa – ela pega dinheiro com a avó dela. Esses coisas que ela come, danone, banana, essas coisas que ela usa; ela mesma compra, não é a minha mãe que compra. Só que quando ela não tem mesmo que minha mãe, se ela tiver o dinheiro, ela compra. Que aqui todo mundo também fuma cigarro; minha mãe também compra...

[Vocês sabem quanto é a renda da sua mãe?] Adriana: Não tenho a mínima ideia. Raíssa: Deve ser um salário mínimo. Ela sai 9 horas e chega umas 10 horas da noite, sete, oito...

depende. “É porque ela trabalhava lá muito tempo, com móveis usados; ele [acredito que talvez ela se refira ao padrasto ou ao patrão mesmo] trabalhava também onde minha morava, lá no Cinimbu; ele trabalhava lá, era móveis usados; ele tem uma loja lá. Daí minha mãe começou a trabalhar com ele, mas ela não é registrada nada não” (Adriana). Tipo um bico. “É, é um bico. Ela não ganha *bem*; mas ela ganha o suficiente pra sustentar aqui: 50 a taxa e comprar as coisas aqui” (A.).

A.: Eu puxei o meu pai, que é moreno; ele – o R. – puxou minha mãe, que é branca. E tem meu outro irmão, o Danilo, ele tá perdido por aí; ele tem 16 anos, não faz nada dentro de casa, dorme aqui, e fala que não mora com minha mãe ainda! De vez em quando ele aparece por aí. Eu tenho um irmão de 21 anos, ele trabalha na Eletropaulo. Às vezes ele ajuda minha mãe; ele que fazia as compras aqui. “Dava o vale alimentação” (R.). Ele comprava as coisa, e minha mãe lavava a roupa dele, passava, fazia comida e levava pra ele... “Eles brigaram e agora não tá acontecendo mais nada!” (R.) ...é agora minha mãe, por isso que ela começou a trabalhar também, senão como é que vai pagar aqui e comprar as coisas. “Ela não tava trabalhando, por causa do povo aqui, porque tava muito terrível; tirando eu e ela e a Eliane, eles tavam aprontando muito aqui” (R.). [Como assim aprontando?] Fumando maconha, cheirando farinha, usando lança... [Quem que eram?] Meus irmãos mesmos. “Ela tava com medo de eles aprontar aqui no prédio, porque ele recebem punição e, às vezes, até despejam a gente” (R.).

R.: Aí ela tava com medo de deixar a gente aqui sozinho. Aí um dos deles foi embora...

A.: É porque eu ficava aqui de olho, ela não morava aqui, eu ficava aqui sozinha. Eu limpava a casa, lavava a roupa, fazia comida. Aí quando minha mãe chegava a casa tava limpa. Aí depois que o meu irmão começou a vim a minha irmã, Natália e o Danilo, aí eles começaram a bagunças, e eu não agüentava mais, então eu não comecei a fazer mais nada. A minha mãe brigou comigo. Ela teve que sair do serviço pra começar a fazer as coisas em casa. Mas ela voltou depois de novo, no mesmo serviço. Tá vendo essa louça aí? É do vagabundo. [O “vagabundo” é o seu irmão...] Isso, é o vagabundo, ainda tem 16 anos e não põe nada dentro de casa. A única coisa que ele compra é a maconha dele pra fumar.

[Quem faz o almoço?]

R.: Eu.

A.: Quem fazia era eu, mas agora quem faz é ela. Eu só venho aqui pra ficar de olho nele (R.). Eu cuido dele, entendeu. Ah, esse menino é muito chato, por isso que ninguém agüenta ele. Minha mãe pede pra mim, porque eu tenho um pouquinho de paciência. E ele não cansa de apanhar... [Refere-se as briguinhas e aos tapinhas que ela dá constantemente nele]. A minha irmã mais velha, ela fuma a maconha dela, na rua, aí ela vem loucona e o namorado dela... “Ela chega e ataca as panela” (R.). É, ela ataca a panela... [Essa não tem filho, não?] “Não. Ela perdeu (...) Perdeu quantos? Três. Um casal de gêmeos e...” (R.). Era um casal de gêmeos e um... um... “...um único” (R.) (risos) ...e um filho único... [Como assim ela perdeu, abortou?] “Não. Aborto espontâneo. Um ela tava deitada na cama e começou a sangrar” (R.). É ela sangrou; a minha tomou um susto; ela não morava com minha mãe; ela tinha casado. [Houve algum acompanhamento médico?] “Teve. Ela começou o pré-natal. Só que foi do nada, ela foi pro hospital e aí ficou comprovado que foi um aborto espontâneo” (R.). Ela tava deitada e começou a sangrar. Aí o marido dela chegou uns dez minutos antes. Ainda bem que ele tava lá. Aí ele avisou a minha mãe. A minha mãe atravessou a rua, porque ela morava do outro lado da rua. Ele gritou a minha mãe falando que elas tava passando mal, que ela tava sangrando e minha mãe foi correndo, foi lá ver. Aí chamou um táxi, porque até chegar o SAMU ela fica lá, sangrando; melhor chamar um táxi mesmo. Aí chamou um táxi e levou ela.

[E vocês não usam preservativos?]

R.: Eu nunca usei. Eu fui experimentar preservativo depois que eu ganhei ela. Aliás, depois que eu ganhei ela não, quando eu tava grávida dela. Aí eu fiquei curiosa e quis experimentar. Só que eu não gostei. [E a pílula?] Agora eu tomo injeção. Só que tá vencido (risos). {Não tem medo de contrair uma doença sexualmente transmissível?} Não, só que é assim: eu quis engravidar. Ela também quis; e eu também quis. Eu quis pra segurar meu

macho. Porque ele não ficava em casa, ele vivia na “nóia”. Então, ele usava muita droga, então eu pensei que um filho ia amolecer o coração dele. Mas piorou, endureceu mais.

[Filho não segura marido, tanto que... não filho não segura] A.: Não segura, não.

[É preciso tomar muito cuidado, porque existem doenças mortais...] R.: HIV....

[A questão é não só se você gosta ou não gosta, mas evitar uma gravidez indesejada, na juventude e perder a adolescência, ou mesmo se prevenir contra doenças venéreas, algumas fatais... R. você já usou drogas com o seu namorado?]

R.: Não com ela. Mas eu ficava curiosa: porque esse homem fica tão louco por causa de droga. Aí eu comecei a experimentar, me viciiei; fiquei, o quê, mais ou menos seis meses viciada e drogas. Seis meses ou mais. Usava cocaína, lança perfume e maconha. Mas mais era cocaína. Aí eu fiquei sabendo que tava grávida e parei. – “Mesma coisa eu, usava maconha e lança, usava os dois, depois parei” (A.). No começo da gestação... – “Eu usava cigarro e depois parei” (A.).

[A sua irmã mais velha usava drogas durante a gestação...]

A.: Ela não usava, mas depois ela brigou com o marido; aí depois ele foi prum canto, deixou ela no barraco. Ela não quis ficar no barraco... [Que barraco?] A casa lá, lá no Cinimbu mesmo. Daí ela foi pra casa da minha mãe, aí ela arrumou um quarto pra ela, saiu lá daquele quarto onde ela morava. Aí ela morou sozinha. Aí eu ia pra casa dela, a gente saía junto, à noite; esperava minha mãe dormir. A gente saía junto, saía pra fumar maconha, saía pra ir numa festa... [Mas durante a gravidez ela usou drogas?] Não. Depois que ela se separou ela começou a fumar cigarro... – “Cigarro, farinha, maconha” (R.) - ...depois que ela se separou ela usou tudo. [E você A., usou também?] Só maconha e lança.

R.: Aí eu fiquei sabendo que eu tava grávida. Fiquei sabendo não; eu tava fugida de casa, e eu já tava grávida do pai da minha filha. Aí eu fiquei vinte dias fora de casa. [Onde você

ficou?]) Eu fiquei na favela da Dez, é aqui na Armênia. É uma favela, é uma invasão também. Aí eu peguei e usava bastante, cocaína; aí eu comecei a usar e começava a vomitar. Aí os outros falavam, nossa, tá usando demais, não era isso... [Você estava com seu namorado, quer dizer, ex-namorado?] Não, eu tinha fugido dele, do meu pai, da minha mãe. Eu tava sozinha; fugi com minhas coisas... Só que eu conheço todo mundo lá... – “Nós somos consideradas em todo lugar, eu, ela...” (A.) – Aí eu comecei a vomitar muito; o que será que tá acontecendo? porque eu nunca vomitei. Aí depois de um belo dia, meu pai foi me buscar, aí eu vim embora pra casa; aí eu almocei e vomitei; aí eu fiz o teste, deu positivo. Aí foi no dia do aniversário do pai dela, que eu fiz o teste, deu positivo. – “O presente que você deu foi um filho!” (A.). Aí ele disse, “nós cria”, porque ele tava na “nóia”, “nós cria”... até hoje eu tô esperando ele criar. [Quantos anos ele tem?] Ele tem 23 anos, eu tenho 16. [Então você parou de usar drogas...] Não uso mais droga, graças a Deus, só cigarro. [Você fuma cigarro?] – “Sabia que cigarro é mais forte que maconha? Falam que não mas é” (A.). Não dá brisa. [É os dois são ruim pra saúde. Eu também já usei drogas, tudo isso que vocês já usaram eu também usei. Mas eu tenho observado que as drogas deterioram mental e fisicamente os usuários. Por isso eu não recomendo, não é por uma questão moral, mas sim de integridade física. Conheço pessoas que se destruíram...] “Esquece das coisa, né; esquece das coisa, tipo você me fala uma coisa hoje, amanhã eu já tô esquecendo. Eu tava assim quando eu tava fumando maconha” (A.) – Meu pai também é assim; meu pai perdeu os neurônios, por causa da maconha. [Seu pai usa drogas também] Não só maconha. [Seu pai usava maconha?] Ele usa. Desde os 15 anos ele usa maconha; ele vai fazer 50. E agora é uma falta... [E ele veio do Peru pra cá quando?] Ela tava 17 anos com minha mãe, então ele já mora aqui uns vinte e poucos anos. Ele não fala direito o português. Ele fala horrível. [Você não fala espanhol?] Falo. Eu morei sete anos na Espanha, dos quatro aos 11. Meu pai já estava lá, eu fui com minha mãe. Aí minha mãe fez outro filho, e veio pra cá com quatro anos. Da Espanha eu não lembro muito, mas a escola era *bem* melhor do que aqui, A escola lá pública, é a particular daqui. O ensino é bem mais avançado. Eu já morei em ocupação lá também. [Também já morou em ocupação lá, *squat* ou *ocupa*...] É *ocupa*. [Mais uma pergunta, o que você faz de comida?] Salsicha (risos). Arroz, feijão, a maioria de nossa mistura é salsicha, né; porque é mais barato. [Carne?] “Só na minha casa...” (A.) – Carne de vez em quando. – “...é hamburger, linguiça, carne moída,

miolo de acém...” (A.) – Ela tá cuspingo no prato que comeu, porque ela só comia salsicha. – “Eu saí daqui com tanto ódio de salsicha, quando lá tem salsicha eu até saio de lá” (A.). Mas agora que minha mãe tá trabalhando a nossa situação vai melhorar. [Um dia vocês pretendem fazer faculdade?] A tia dela trabalha na UNIP. (...) [Vocês já leram um livro?] Não. – “Só na escola” (A.) – Eu leio até a metade, e a outra metade eu desisto. – “É eu também. Até pra ler livrinho eu distraio a cabeça e não consigo” (A.) – O único livro que eu li mesmo foi um livro de espírita. [Vocês tem religião, freqüentam alguma igreja?] Eu ia, na evangélica. – “Eu também” (A.) – Sou batizada. *Assembleia de Deus*. A última que eu fui foi a *Renascença*; eu cantava lá. [Você cantava no coro]. Não eu cantava solo. [Você gostaria de ser cantora] Não. – “Ela tem uma voz bonita pra cantar” (A.). Eu já fui um dia já. [Mas você ainda pode ser] – “Ah, eu sou péssima pra cantar” (A.).

[Entrevista 5]

A., 25 anos, natural da Bahia.

To aqui em São Paulo, eu e minha família. Minha família já foi atendida pela luta, tá morando em Itaquera, meus pais. E eu voltei pra luta porque estou constituindo uma família. Aí eu falei, “não, agora é a minha hora de correr também atrás de um objetivo. Aquele rapaz que tava na escada é meu cunhado, irmão do meu marido. Olha eu era vendedora, né, mas conforme eu engravidei do meu primeiro filho, aí larguei o serviço, aí agora eu tô na segunda gestação também; e no momento tô parada. Aí eu vivo de vez em quando... eu faço água, um salgadinho aqui, um salgadinho ali, e consigo me virar; aí Deus tem me ajudado, porque falta nada aqui em casa; graças ao meu bom Deus. Eu trabalhava em loja e numa fábrica; mas na verdade eu fazia as duas funções: eu fazia bijuteria. Aí eu ficava três dias na fábrica e os outros dias, na loja; aí era dividido. Aí saí. Meu marido, ele é pintor, né. Mas ele está atualmente preso. Foi preso por causa de um bilhete único, um mal entendido... Tem um ano e sete meses que ele tá preso, né. E eu acredito que Deus tá segurando ele lá um pouquinho pra ver se ele amadureça mais; porque ele não é lá essa flor que se cheira. Mas Deus vai ajudar, e ele logo, logo vai tá aí. Ele é o pai de meus dois

filhos; ele tem um ano e três meses e eu estou grávida de 8 meses. Tenho visitado [o marido]; to sempre indo lá. O problema dele é que ele é muito nervoso, ele é estressado; por conta disso é que ele tá preso; porque desacatou autoridade. Né, o policial foi e colocou um B.O. como ele tivesse roubado um rapaz. [E ele não fez isso...] Não. Mas ele já tinha sido preso e ele já fez isso. Ele já tinha feito, só que dessa vez ele não tinha feito. Dessa vez ele foi de bestão, né; por se ignorante. O problema dele é que ele é muito ignorante: uma pessoa desaforada, ele já quer pegar pau, já quer pegar o que tiver na frente, pra brigar... ele precisa se acalmar mais. Então eu acho que ele lá ele vai botar a cabeça no lugar: vai ver que agora ele tem uma família. [Quanto tempo ele foi condenado?] Três anos, seis meses e oito dias de reclusão. Já era pra ele ter saído; só que a nossa justiça é lenta, né. Então ele vai ter que pagar uns dois anos – ele tem um ano e sete meses – então ele vai pra rua. Vai pra colônia, agora ele vai pra colônia. Isso, liberdade condicional e saidinha. Já era pra ele ter sido transferido; mas ele tá lá... E não tem advogado, né; não tem condições, então ele tem que pastar um pouquinho pra aprender. Quem sabe seja uma lição de vida. Pra ele vai ser bom, porque se ele tivesse aqui na rua ele já seria morto; já taria morto. Se você falar assim um “a” pra ele, ele já fica nervoso; não é de pegar revólver, mas o que tiver na frente... Então eu falei pra ele, né, que isso aí na vida dele só ia acrescentar o caixão na vida dele. Eu tava orando a Deus, né, que Deus tomasse uma providencia; ele tá precisando se acalmar. Então lá, ele tá um anjo, tá uma florzinha (...). Eu vim morar aqui [no Prestes Maia] em 2004; eu e minha família. A gente morava de aluguel, aí tava muito difícil... morava na zona sul de São Paulo, Campo Limpo, morava numa casa. Pensão é mais aqui pro lado do centro, periferia não tem muito disso, não. Aí minha mãe pagava 400 reais de aluguel. Pra uma mulher que vive de uma renda de 600 reais, pra pagar um aluguel de 400 reais e 200 reais pra pagar água, luz e comida. Somos em cinco [irmãos], comigo; contando comigo. Aí eu fui e falei pra ela, mãinha, vamo tentar uma ocupação, porque tinha uns prédios lá que tinham sido ocupado. Aí a gente foi. Aí ficamos oitos meses, nove meses, minto, e aí teve a reintegração de posse; porque um infeliz foi lá e assinou... [Era um movimento?] Não, não era movimento organizado. Esse pessoal foi lá, se reuniu: não era movimento organizado. Aí depois que teve a reintegração de posse, o Movimento MSTC descobriu que tava tendo um despejo e foi lá dar um apoio pra quem não tinha lugar pra onde ir. Inclusive, eu e a minha família não tinha onde ir naquele momento; a gente tinha

largado uma casa e tudo. Aí, eles chamou a gente pra morar aqui no centro, tudo, conhecer a luta. Nós viemos; fomos morar na Plínio Ramos e depois no Prestes Maia. Em setembro de 2004, que minha família veio morar aqui. Aí a gente veio, aí... aconteceu uma tragédia aqui na frente, né, que meu primo faleceu, mataram ele aqui na frente; mas isso não tem nada a ver com o movimento. Ele era visitante; ele vinha, passava uns dias aqui com a gente... foi conhecendo umas pessoas, né, aí um vagabundo tirou a vida dele por inveja, que era lá do trabalho dele; encontrou ele aqui na frente e deu um tiro nele. Aí a gente sai, mas o movimento, mesmo a gente não estando na luta, acolheu a gente. Aí a gente conseguiu ser beneficiado, com um apartamento. Porque a gente não tinha onde morar; a gente saiu e voltou pro aluguel. Aí ficamos um tempo e aí a gente voltou de novo. Aonde a gente foi beneficiado é em Itaquera. Aí é um apartamento de CDHU; foi tudo bem bonitinho; a emoção de quando você pega a chavinha; e tá minha família toda lá, meus irmãos, minha mãe, meu pai. [Mas tem um financiamento...] Tem, você paga 70 de condomínio, e água e luz – “chega a uns 90, contando com água e luz” (cunhado) – sim, e mais 25, 30 anos de prestação pro CDHU – “o valor das prestações é conforme o salário” (cunhado) –, minha família paga mais água e luz... [... e as prestações...] as prestações é 70 reais, né – “não, acho que é mais, porque causa que botou uma renda alta e ainda com o dela, ajuntou os dois, eles soma; ela deve tá pagando, eu acho, agora não, é menos, que ela deve tá se separando, mas era uns duzentos contos, duzentos e vinte, por aí; 200 ou 220, porque eu lembro que uma vez eu fui paga pra ela lá no Poupa Tempo. Como ela se separou agora no papel, vai precisar de um novo contrato pra diminuir as prestações” (Cunhado). (...) Pelo que eu entendi, vai funcionar aqui [Prestes Maia] três salários mínimos, se tiver projeto de moradia, e as pessoas que não tem essa renda vai ter que fazer uma carta e tudo pra conseguir tá incluído. Mas lógico, morar no centro de São Paulo, em plena Avenida Prestes Maia, não vai ser uma coisa barata. Mas também vai ter um projeto pra pessoas que tem uma renda baixa, no caso. Mas o movimento tá lutando mesmo, porque isso aí é só tese, né, pra que seja menos que isso. Três salários mínimos é pra quem tem condição, não é; então o movimento tá lutando pra que essas parcelas sejam diminuídas, não seja esse valor. Aí o movimento tá lutando para que essas pessoas sejam incluídas; porque aqui todo mundo tem uma renda baixa. Aqui é pior do que a primeira [ocupação], porque a primeira ainda tinha gente que ganhava um pouquinho mais. Mas essa ocupação de agora, as pessoas que

vieram, a grande maioria: pessoas que moravam na rua, pessoas que moravam de pensão mas, assim, naquelas piores mesmo. Então são pessoas realmente de muita necessidade. Se não tivesse essa ocupação aqui, a grande maioria taria na rua. A outra não; as pessoas se aventurara: “Ah, vamos morar no centro, é um lugar que fica perto de tudo”. Agora não. Não que naquela época as pessoas não tivessem necessidade, mas essa aqui... [...] Tem, inclusive sou eu que faço o cadastra, eu sei quem vem, de onde vem, se é de aluguel, se é de albergue, tem até alguma coisa de “não sei que de posse”, a mulher que tava me explicando, tipo uma ocupação... Então você aprende um montão de coisas. [...] Na verdade, eu não sou coordenadora de andar, eu já vinha de uma coordenação, que éramos em três, aí teve reintegração de posse, aí a Neti me colocou aqui, na Prestes Maia. A coordenadora do andar aqui é a Nalva, eu faço parte da comissão e tal, ajudo no que eu posso. Agora eu to meio fragilizada por causa da gravidez, então eu fico mais em casa fazendo o cadastro. Mas faço parte da comissão. [Como é seu cotidiano aqui?] Ah, é um “Big Brother” (risos). Você lida com um monte de gente; com pessoas que, às vezes, não tem muita educação; também tem pessoas muito boas, que divide o que tem dentro da sua casa, cê bate lá e fala assim, “ô fulano, eu não tenho açúcar”... sai dando o que tem, pra te ajudar e também aquelas que: “esse povo aqui não tem nada, eu vou fechar a minha porta”. Deixa claro, “eu não empresto nada e não dou nada”. Então você lida com um monte de pessoas; é um “big brother”; é uma novela. Todo dia você vê marido, brigando com marido e aquela função toda... mas também você vê aqueles famílias que realmente ta ali... Então é interessante. Eu faço o cadastro, eu arrumo, desço, vou pras reuniões. Dia de quinta-feira tem reunião, aí é por quinzena, antes as reuniões de coordenação era toda quinta-feira, aí agora, pra descansar o coordenador, é por quinzena. Mas toda quinta-feira, às sete e meia, tem reunião *para todos*, na São João. Aí todo mundo vai, se a pessoas quiser ficar sabendo do que ta acontecendo, a pessoa vai se informa. [...] Eu to lutando pra por ele na creche, aí fui no conselho tutelar, agora vou na promotoria pública. Se eu não me engano, foi onde me encaminharam agora. Pra poder colocar ele, né, porque vai ficar difícil depois que o nenê nascer. [Sobre o despejo do Prestes Maia, em 2007, vocês estavam aqui?] Tavamos. Ah foi tranquilo, porque nós ficamos sabendo antecipado, o movimento tinha um organização... Isso, porque saiu o projeto, né; aí a gente assinou; aquele que queria ir pra o apartamento, já tinha data previsto pra isso. Tinha que participar das reuniões, e eles só entregariam a chave

lá com *a sua mudança*. Foi uma coisa muito organizada. Então aquele que tivesse a sua mudança, eles davam a chave. Foi uma coisa assim: saiu daqui, você já tinha um lugar apropriado pra você ta indo. Ninguém ficou desamparado. Agora teve uns cabeção, né, que pegou um dinheiro que eles tavam dando pra quem preferisse ou um apartamento ou um dinheiro... preferiu o dinheiro, gastou o dinheiro, e agora voltaram pra luta de novo. E pessoas que venderam lá. Teve gente que vendeu por cinco mil o apartamento. Muita gente, lá em Itaquera. O movimento luta muito por moradia no centro, mas aí eles vêm e oferecem isto, então a gente tem que pegar, não tem outra opção. Mas o movimento visa o centro. Itaquera mesmo, você não pega só o trem, se fosse só o trem era fácil. Você pega o trem e uma perua. E a perua é de quinze em quinze minutos, fora quando ela atrasa: vem de meia em meia hora; ou seja, aí você fica lá no ponto esperando, vem cansada. Eu quando tava pra lá, quando eu vinha trabalhar aqui no centro, Nossa, eu vinha muito cansada. Eu tinha que acordar muito cedo, né; e do trem eu tirava do meu bolso. Depois eu comecei a bagar do meu bolso o trem, mas eu vinha de ônibus; de lá até aqui. E eu acordava cinco horas da manhã, eu e minha mãe, e era muito sofrido. Aí depois a gente começou a tirar do bolso pra poder pagar o trem, pra gente poder vim, ta chegando mais cedo, em casa e tudo. Aí facilitou um pouco... [Bolsa família] To indo atrás disso aí, é baixinho mais ajuda, na hora de necessidade, tudo é de grande valência. Então eu to lutando sim. Eu to indo lá, mas você tem que fazer... é marcar uma reunião com o fulano, depois tem que vim... então é um pouco complicado. [E creche aqui no prédio?] Na Mauá, tão fazendo uma creche, né; é um projeto, não sei se já saiu do papel. Mas o pessoal lá ta pensando em fazer uma creche lá, pras mães sofridas, e aqui seria uma ideia bom colocar em pauta também. Se bem onde eu vi a vaga pra ele, é aqui no Bom Retiro. [Sobre a enorme quantidade de imóveis vazios no centro] Eu vejo isso como uma afronta, porque é muito triste... aqui, direto batem na porta, “ô gente, não tem uma moradia aí?”. Então é muito triste. Esse lugar aqui [Prestes Maia] quando a gente veio morar aqui, tava um terror. Sabe, era lixo pra tudo quanto era canto; era entulhos e entulhos; se você ver lá embaixo, ainda ta escorrendo água... Aí você vê esses prédios todos desocupados, cheios de lixo, né, moradia de rato, e ta lá. Quando a pessoa vai, pra ter um lugar digno – não digno assim digno... – mas pelo menos um teto pra você dormir... Aí, aparece o dono. Aí aparece o dono, leva pra juiz; a juíza não vê o nosso lado e vai e manda uma reintegração de posse. Como aqui, aconteceu. Mas estamos

lutando. E o único comprovante pra provar que isso aqui é dele [o proprietário], é uma carta de leilão. Então, ou seja, as famílias que, graças a Deus... ainda não houve, né, e nem vai haver [a reintegração de posse], em nome de Jesus, um despejo... a gente vai ter que ir pra rua por causa de uma carta de leilão, que nem se sabe a origem verdadeira, porque hoje em dia, a gente falsifica tudo; hoje em dia tem um monte de gente que falsifica tudo. [Partido político] Sou filiada ao PT. Eu acho assim, né, que hoje em dia ninguém tá preocupado com ninguém, nem o PT; alguns ainda querem fazer alguma coisa mas é, tipo assim, o sistema é podre. Tipo assim, eu tô no sistema, eu quero ajudar, mas nem todos que tã no sistema querem colaborar. Então, tipo assim, uma andorinha só não faz verão. Então, eu acredito que eles estão muito mais preocupados com o seu dinheiro, né, que cai na sua conta, do que com uma pessoa que tá dependendo de uma cesta básica, de uma igreja; porque é o que acontece aqui. A grande maioria que tá aqui, vai ali na igreja buscar as cestas básicas. Eu mesma vou também. Aqui tem várias igrejas que tã colaborando, graças a Deus; muitas igrejas: é tem a Internacional da Graça; tem a Igreja Católica também que tá ajudando o pessoal; e tem uma outra igreja que, se eu não me engano, é a Mundial. Mas tem que tá participando dos cultos, tudo pra poder tá ganhando. Mas é uma coisa que é uma ajuda. E o CAS é em dois meses, o prazo, né, como é que fala; cê vai lá faz a inscrição, que é demorada, e depois de dois meses... é o negócio da prefeitura. É onde faz o atendimento pra bolsa-família, bolsa-aluguel, esses negócios, é tudo lá no CAS, é aqui pertinho; perto do INSS. Aí, eles vão lhe dar em dois meses; ou seja, eu tô passando fome, vou ter que esperar dois meses pra ganhar uma cesta básica. Então a valência é a igreja mesmo. Porque você chega lá e fala, “olha, a minha condição, eu não tenho um dinheiro pra um bujão de gás”; eles vão lá, pega um dinheiro e te dá; eles não querem nem saber se você tá mentindo – porque hoje em dia você tem que desacreditar em tudo – ele vão lá e compra seu bujão, ajudam; vai lá na igreja, tudo, entendeu. Aí você vai lá na igreja, conta sua situação, “olha, eu vivo sozinha, com meus filhos”, aí eles vão e ajudam. Emergencial. Essa emergencial é sete horas da manhã. Come eu falei, você tem que participar dos cultos, mas se de repente eu olho na minha casa e não tem nada, não tenho um leite pro meu filho: aí eu vou, se não me engano, nas terças-feiras, sete da manhã. Aí você vai lá e eles dão a cesta básica emergencial. [Digo que, quando a Marta era prefeita, quem distribuía cesta básica era a prefeitura] Não, hoje não tem mais isso não, não suporto esse homem [o Kassab]. Até em

questão de serviço o Kassab tirou; porque a gente trabalhava de camelô também, minha família mesmo, minha irmã ela ganhava a vida trabalhando de camelô, né, e depois que ele entrou, até isso nos foi tirado. Porque ele coloca até policial pra pegar uma pessoa que ta trabalhando. Eu não digo assim vender DVD, porque DVD, lógico, é um tráfico. Você tá colaborando pr'um tráfico. Mas, uma camiseta, água, chocolate; que a pessoa ta comprando, porque ela não roubou a camiseta, ela comprou na loja. Porque digamos assim, a 25 de março, a galeria vende um monte de camiseta que é falsificada, né; eles não prende, raramente eles vão lá e prende. Agora uma pessoa que compra, vende na rua, eles vai lá e prende. Então é complicado. Tem muita gente aí que não ta trabalhando mais. E eles tratam como bandido mesmo; prendem, chamam de vagabundo... Jogaram “spray” de pimenta na cara da minha irmã. [Ela mora aqui?] Ela vem direto aqui. Hoje ela ta na rua. Daqui a pouco ela ta aí. Só que ela corre mais do que trabalha. Eu tava ganhando a vida vendendo água. Mas eu tenho uma sorte que eu nunca fui pega. Isso, no Bom Retiro, eu tava vendendo. Água de garrafinha, e vendia *bem*. Mas, graças a Deus, eu nunca fui pega; mas minha amiga vivia sendo pega... Mas é muito humilhante assim do jeito que eles tratam as pessoas, porque ali não é vagabundo. Aí minha irmã vem muito cansada, né, porque ela corre o dia todo. Mas é o que ela gosta de fazer. Mas ele tinha que colocar policial na rua, mas, hoje em dia, policial ta pior do que bandido, é assim que eu acho. Policial não quer saber se você trabalha, se é trabalhador, mete a mão na sua cara. Eu mesmo já apanhei de polícia sem fazer nada! Eles me pararam, e falaram assim, “vai pra parede”; eu falei eu não sou bandido pra ir pra parede. Aí ele falou assim: “Vagabunda eu to falando com você...”, – é, é tudo do cavalo, aqueles que ficam no cavalo – ele falou, “vai pra parede que eu to mandando!” Eu falei: “Eu não vou pra parede!” Aí ele falou assim pra mim: “Se eu tivesse com a viatura e aparecer nas manchetes do jornal: “Menina estuprada...” E me afrontou; e aí eu fiquei desaforada mandei ele ir praquela lugar; aí ele foi lá e me deu um tapa na minha cara. Aí eu mandei ele de novo, e ele me de outro, e assim foi. Eu sei que foi assim, humilhante, porque tinha um monte de gente. Mas eu, diante daquela situação, não podia deixar um homem, que era pra ta me defendendo, me tratar como uma vagabunda, como uma pessoa sem mãe, sem família sem nada. Então eu correspondi à altura, mesmo apanhando, do que ele tava me falando. E até isso acontecer, eu tinha os policial como herói, e hoje eu tenho como um bando... Eu achava que era herói, eu queria ser... Mas aí

você vai vendo, é uma máfia, eles são piores do que bandido, porque se você tá ali na periferia, você sabe quem é o bandido; policial não; não tá escrito, ele tá lá com aquela farda e tá escrito: “Eu sou bandido”. Você só descobre quando você lida com uma situação dessa. Depois disso, teve uma amiga grávida que foi defender o marido dela que tava sendo abordado... Aí eu falei pro policial: “Policial, não precisa ser ignorante com a moça; ela está grávida...” O policial se revoltou, ele tava cheirado, o nariz dele tava escorrendo, tava com cheiro de álcool. Então é complicado... Nesse dia, ele agrediu eu! Eu tenho sorte pra policial me agredir. Nesse dia foi ali na Princesa Isabel, perto da Estação; eles me agrediram, eles me deram um tapa; nesse dia, ele chegou a me dar um murro no meu ombro, entendeu. Aí eu sou desafortada mesmo... aí ele falou, que ele queria muito tirar a minha vida, eu queria te encher de bala, a sua sorte é que tem um monte olhando... Aí eu tava conversando com o meu marido, quando ele tava solto, ele falou assim pra mim: “Você tem que evitar, porque qualquer dia destes, eles vão te matar; só vai saber porque passou no jornal alguma coisa; ninguém vai saber quem foi que tirou a sua vida... Então quando vierem te falar alguma coisa, abaixa a cabeça... você mantenha a calma”. Aí foi aí que agora eu mantenho a calma, eles podem me chamar de vagabunda, que eu dou um sorriso... Então eu tenho bronca de polícia, porque eu já vivenciei. Eu só conheci até hoje, um amor de pessoa, sabe, o pessoal tudo ignorante, e ele calmo. Era um só, porque o resto, são tudo farinha do mesmo saco. E os que querem ser honestos, eles obrigam a não ser. Porque eu tinha um amigo que era da polícia, inclusive o meu cunhado também, o irmão desse daí, meu cunhado, ele disse que ou você entra no ritmo ou é obrigado a sair da corporação. [Sobre o PT, se ela milita] Não porque eu me afiliei a pouco tempo, mas eu sempre votei no PT. Votei na Dilma e espero que ela faça alguma coisa, né. Se bem que eu acho que ela já tá deixando a desejar. Antes de ela ser eleita, ela falou que ia dar muita força ao movimento, a pessoas que não tinham moradia e tal, e ainda não vi nada ela fazendo. Tipo assim, já teve reintegração de posse aqui na Protestante, da Igreja Católica, da São João, né. Então, e já saiu, e ela não deu uma força. Pelo menos é essa minha opinião. Eu não ouvi ninguém dizer, olha a Dilma mandou alguém lá, não sei quê, não sei quê. E ela disse que ia ajudar; ela deixou claro isso. Inclusive aquele outro que tava se elegendo com ela, esqueci o nome, que foi pro debate com ela, o infeliz do Serra; então, ele falou que ia fazer uns negócios de moradia, colocar as pessoas numa moradia; que ele não

ia aceitar *ocupação*, ia fazer pra essas pessoas uma lojinha pra cada uma delas. Não, ela falou assim: “Não, vamos fazer o contrário; vamos aceitar o movimento; vamos ajudar o movimento sem-teto, o movimento não-sei-da-onde, e aí foi citando algumas coisas; e ajudar essas pessoas a ter sua moradia digna”. E eu ainda não vi ela fazendo nada. Não vi nenhum pronunciamento, quando de uma passeata. Não vejo nem ela tocar no assunto sobre moradia. Eu acho que o Lula foi o melhor presidente que já teve no Brasil. Acho que ele foi o melhor, até na questão de ele ter pagado a nossa dívida no exterior, e também de fazer vários projetos de moradia, “Minha casa, minha vida”, ele tirou muitas famílias de áreas de risco e colocou num lugar digno; pegou várias pessoas, não sei se foi em Manaus, que tavam morando naquelas casinhas em cima da água, e ele pegou essas pessoas e colocou numa moradia digna. Questão também do salário... E ele ajudou pra caramba, se ele tivesse ainda no poder eu acho que poderia ter dado um resultado melhor. E o Kassab também, quando o Kassab sair, eu acho que vai melhorar muito, muito, muito. Eu não sei porque o pessoal, o próprio... Agora ele não ganha mais. Ele ganhou porque a Marta foi burra; a Marta falou sobre a opção sexual dele, então isso daí... Na mídia ela já tava subindo, nos pontinhos lá, mas aí quando ela falou sobre a opção sexual, hoje no nosso Brasil ta cheio disso, né; então eu acho que ela caiu por isso. E outra, ela tava se excedendo muito nos debates; ela tinha que ter se mantido mais calma; então como ela tava ficando muito nervosa, batia na mesa, então as pessoas não querem uma pessoa agressiva pra comandar. Então eu acho que isso prejudicou um pouco ela. Mas as próprias pessoas que mais precisam; são as próprias pessoas que mais votaram nele. Olha, teve camelô que discutiu comigo, “eu vou votar no Kassab porque é a Marta que ta tirando das ruas o camelô; a Marta que ta fazendo isso; a Marta que ta fazendo aquilo; a Marta que aceitou o sexualismo, como se diz, o homem com homem, a mulher com mulher, fez a passeata gay...” Aí as pessoas votaram nele; eu votei nela, porque eu queria que ela ganhasse. Mas as próprias pessoas que precisam, são as pessoas que não abrem o olho, não prestam atenção, não leem um jornal, não ficam atualizados do que ta acontecendo... aí dá com pedras na cabeça, aí é complicado. [...] Eu terminei o ensino médio, completo. Quando eu queria fazer [faculdade], aí eu fiquei grávida do meu primeiro filho. Aí ia trabalhar no negócio do albergue, aí grávida; tudo isso me prejudicou. Eu pretendo não fazer uma faculdade, mas trabalhar numa coisa que me agrada, que não me ocupe meu tempo todo;

trabalhar um dia sim, outro dia não, um dia sim, outro não... [Você acha fundamental um tempo livre, pra você, o tempo que você não está no trabalho?] Sim eu acho; eu acho que eu não quero parar a minha vida toda só no serviço e depois eu sentar no meu sofá e falar assim, “o que que você fez hoje...” Eu acho que tem muita coisa, não que a faculdade não é importante, mas eu quero uma profissão que não me ocupe e que eu possa ficar com meus filhos, e que um dia, depois de 20, 30 anos, eu me encontre num sofá e pense, “o que que você fez da sua vida...? nada tive de recompensa”. Então eu não quero isso; eu quero uma coisa mais saudável pra mim. Aí tem vários serviços aí; serviço de pegar os mendigos, os moradores de rua... com a questão social. [Sonho da casa própria] Isso, claro. É um sonho de consumo. Quando eu tava na minha mãe; morar com mãe; minha mãe é um amor de pessoa; eu saí porque, eu falei pra mim, o dia que eu engravidasse, eu tivesse um filho, eu não ia ficar na saia da minha mãe; porque fui eu que fiz. E eu tenho muitas amigas que moram com a mãe até hoje e tem filhos de 8 ou 10 anos. Eu falei, não eu não, eu quero ser diferente. Então a partir do momento que eu engravidei, eu falei pra minha mãe: “Mãe, eu vou sair de casa”. Ela falou assim, “não, não é a hora, você é ainda precisa da mamãe” (risos). Aí eu falei assim, “eu quero”. Então ela falou, “espere então o bebê nascer”. Eu esperei meu filho nascer, vim pro movimento. E quando eu olhava as minhas amigas, porque eu tenho uma amiga que mora num terreno humildezinho, aí eu falava, “ah, Silvia, mesmo que fosse uma casinha de madeira, eu queria morar eu, o meu filho e o meu marido”. Aí eu ficava imaginado, né, quando isso ia acontecer... Então eu falei, “vou pro movimento, pra ver se eu arrumo uma moradia”. Então pra mim: isso aqui pra mim já é um grande começo, porque eu sou praticamente sozinha, e tenho tudo, né. Por que sozinha? Porque eu moro aqui, não tenho marido, ainda né, porque ele ta naquele lugar, e praticamente eu tenho tudo porque não me falta nada, um arroz, um feijão, leite pro meu filho, a fralda... Então eu me sinto rica. E minha irmã me ajuda muito; minha família em si, mas eu digo a minha irmã porque ela ta sempre aqui comigo. Eu me sinto rica em questão de família; de olhar a minha casa e falar assim, “olha vim pra cá, e não tem nem seis meses, e eu vim praticamente desempregada e eu já tenho a minha geladeira, a minha casa o meu fogão”. Eu falo, pra mim isso é importante, porque eu vim sem nada. Porque minhas amigas falavam, “como é que você vai se você não tem um móvel, um fogão...” Então eu já dei um passo enorme, então pra mim dar outro passo, o segundo, é só eu ter fé em Deus; eu

tendo fé em Deus, eu sei que eu vou sair daqui sim, com a minha moradia. E eu posso sair sem uma moradia, porque poder ter reintegração de posse, mas eu sei que lá na frente Deus vai me contemplar com a minha moradia. Então pra mim isso é muito importante; então eu sou rica de família, sou rica de casa, sou rica de tudo. Eu me sinto muito feliz. [Amigos no prédio] Eu sou rodeada de gente, mas tem sempre aquela que eu acho que é amiga e aquela que é só oi, oi e tchau. Mas aqui da ocupação mesmo, eu só tenho uma. Mas convivo com tudo mundo, falo com todo mundo, e todo mundo vem na minha casa. Mas só gosto de uma assim, em si. Um monte de gente, mas só se torna um. Eu convivo com todo mundo bem, graças a Deus. [Preconceito por morar numa ocupação] Na primeira ocupação tinha muito, mas agora as pessoas estão sabendo lidar; só trabalho que não, trabalho é complicado... você pode nem conseguir o trabalho, porque eles não aceitam, acham que aqui é um bando de vagabundo, como teve uma reintegração de posse lá na Ipiranga, e a gente tava todo mundo lá na calçada, né, aquele povo todo, na luta, pra ver se a gente ganhava alguma coisa, uma bolsa aluguel, a gente tava lá pra ajudar. Aí passou um homem no carro e gritou assim, “seu bando de vagabundo”, entendeu. Fica, fica muito triste com uma coisa dessas, porque eles não sabem o quanto tem gente aqui que sofre. Mas se ele parasse pra entender, eu acho que ele agiria de uma outra forma. [Sobre matéria do jornal Diário Popular] É uma matéria que prejudica nós, que estamos aqui, porque eles estão falando mentiras, que o movimento rouba, que extravia, que os nossos coordenadores estão ali pra mentir... Eu sou moradora e agora eu sou da coordenação, então eu participo de audiência, a gente senta com pessoas do CDHU; com relação de conflitos, que é pra amenizar ambas as partes... Então a gente senta naquela mesa, a gente sabe o que se discute... Então, dizer que o movimento tá pegando isso, tá roubando aquilo, é uma afronta, é triste. Porque tem pessoas aqui muito cabeça fraca também, que pode acreditar e desacreditar da luta, então é difícil. Então chega uma pessoa aqui, que diz que quer fazer uma entrevista; então você com toda boa fé vai ajudar e o infeliz vai e distorce tudo, entendeu, e põe as pessoas do movimento como... isso deixou a gente aqui muito triste. [Sobre os coordenadores] Admiro. A Neti em si é um exemplo. Que a Neti é a nossa coordenadora geral do movimento; ela sofre com o filho dela que praticamente agora está enfermo numa cama; era um menino amigo meu, se chama Diego, teve um acidente, agora está enfermo numa cama. Então a luta dela é uma luta verdadeira. Lá é aberto pra qualquer pessoas, na casa dela, e ver a luta dela, né. Ela

ganhou sim um apartamento mas com a luta daqui. Mas mesmo assim ela tá aonde, ta na Mauá, pra poder ajudar o pessoal. Então ela é sim um exemplo; então quando alguém fala alguma coisa dela, então tão falando de mim. Porque é uma pessoa que eu admiro, não pago-pau, eu aprendi admirá-la, então é uma mulher muito sofrida, ela tem um filho que ela pegou pra criar, que é o xodó da vida dela, então você olha e você admira. Ela tem tempo pra tudo: tem tempo pra cuidar do filho dela que está enfermo, em cima de uma cama, e praticamente está numa cadeira de rodas. Mas ele entende tudo que você fala, tudo-tudo-tudo-tudo... Um acidente de carro; e nesse carro ele foi o único que foi lançado pra fora da perua; então ele caiu algumas quadras... então a maioria se manteve dentro da perua, mas ele não; ele foi pra longe; então o que acontece, atingiu vários órgãos; o médico deu como um caso perdido, apenas 1% de vida. E ela orou a Deus, se manteve na fé, e mostrou a todos que a fé... [Ele ficou paraplégico, tetraplégico?] Ficou. É na verdade ele tinha ficado tetraplégico, mas agora, graças a Deus, ele consegue movimentar, entende tudo que você fala, ele vê, mas ele vê duas pessoas... e agora ele conseguiu a ACD. Ele ta na ACD, graças a Deus. Ele tem 22 anos, ou 23. Ela tem menos de 40. Tem esse menino também que a mãe dele era uma... Uma mulher que deixou, né. E ela cria o menino, né; e o menino ta, se eu não me engano, com 3 ou 4 anos; uma graça de menino, bem cuidado. Já tentaram até prejudicar ela, com relação do menino, dizer que maltrata, e já foi levado pra delegacia e tudo. Aí chegou lá, viu que ela fazia parte do movimento, e tinham pessoas que tavam com inveja. O delegado falou assim, “olha, nada que vier no nome dessa mulher, a Neti, a gente vai aceitar mais, porque tão querendo prejudicá-la; a gente já foi na casa dela, viu como que é a luta, como que é a casa, então vamos anular. Então agora pode vim um monte de gente lá que o menino ta sendo maltratado que não é levado em conta. O menino é muito bem cuidado. [No MSTC havia muitas mulheres na coordenação, ainda hoje é assim?] Hoje ta misturado. Tem uns cinco homem e o resto é mulher. É porque, realmente, as mulheres hoje, elas lutam muito né. Então, em si, a mulher é muito preocupada com tudo. Já o homem é meio covarde. Tanto que a grande maioria, desde a época de meu pai; meu pai quando foi pra a gente vir pra ocupação, ele: “Eu não vou morar nesse lugar!” Aí foi e largou a gente. Aí a gente foi com a mudança e tudo... E hoje a amiga minha, ela me comentou: “Quando eu vim pra cá, o meu marido me abandonou; mas depois ele veio...” Porque os homens, em si, não generalizando, são um pouco preconceituosos; eles chegam

aqui e não imaginam como vai tá isso daqui depois de arrumado. Eles chegam no dia da ocupação; aí eles falam, “eu morar aqui; aqui não amor, eu prefiro pagar aluguel. Não quero morar aqui”. Depois que ele vê já organizadinho, como funciona, como é a coordenação, como é o movimento; aí eles querem. Aí quando brigam com a mulher, eles vão lá na reunião e pedem um espaço. “Olha, eu queria um espacinho pra mim, tal”. Então é mais ou menos isso. E a mulher luta mais que o homem; a mulher luta muito mais que o homem. [A mulher tem mais noção...] ...da necessidade. [O seu marido está ausente agora, quando ele chegar...] Tá tudo pronto! [Televisão] Eu gostava da Record, mas aqui não pega a Record. Eu assisto o jornal da Globo; o jornal do SBT eu não gosto... Novela, eu assisto “quartel não se de quê e a das nove, que minha irmã gosta, das oito. [Se assiste a novela “Amor e revolução”, do SBT] Não, eu não assisto, eu assisti um dia e achei tão chata, porque os atores do SBT são muito bobinhos, não tem aquela coisa assim que interessa, a novela pode ser até interessante, o tema da novela... Agora o elenco da Globo é sem comparação, se fosse na Globo essa novela tava bombando; mas no SBT, falta muita informação. Eita, Maria, eu falo mais que a nega do leite. (...)

[Entrevista 6]

C.

Meu nome é C., sou do Movimento [de Moradia] da Região Central (MMRC). O que acontece muito dentro de movimento é muitas coisas próprias que a liderança não cobra dos moradores; porque quando uma pessoa vai fazer uma ocupação, essa organização tem que ser uma organização em que cada coordenador tem que liderar a sua base: tem que dizer o que é certo para o povo falar. Porque tem muita gente que entra no movimento para se fingir que é sem-teto. Uma coisa que eu não concordo com isso. Tem gente que tem casa, que entra através de outras pessoas que vai coisando. O que nós deveríamos fazer? Um respaldo bem feito, que vai eliminar essas pessoas. Que ao invés de ele dar um apoio ao movimento, ele vai destruir o movimento²⁰¹. Porque os movimentos hoje em dia; é tipo

²⁰¹ Cosme se refere à reportagem caluniosa do jornal Diário Popular elaborada em uma denúncia anônima de

uma ditadura militar, sendo perseguido pelos governos que estão aí; do governo que é uma ditadura militar. No meu tempo quando nós ocupávamos um prédio não tinha violência entre sem-teto e a polícia militar. Hoje mesmo eu vim de um ato, que eu fiquei bobo de ver, nós em vez de ser recebidos pelo governo, o governo não nos recebeu, fechou as portas e não deixou ninguém conversar com ele. Fomos lá, recebidos a quê? À gás de pimenta. A GCM chegou dizendo que era dono do pedaço da Secretaria da Habitação e nós não conseguimos nem negociar e nem conversar com o secretário de habitação, que ele fechou as portas, falando que não tá mais atendendo os movimentos. Tá sim investigando vários o que tá acontecendo dentro dos movimentos hoje em dia; que eles estão investigando o que saiu da companheira Neti para ver se essa questão é certa ou errada. Que eles já declararam: não vai dar mais atendimento, do despejo, não vão dar mais, falou mesmo, que tá suspenso, até quando tiver uma pauta sobre esta questão que saiu do... da... do MSTC... do movimento... da companheira Neti. E eles tão investigando agora os movimentos. Diz que vai pegar duro com o movimento. Igual, nós vamos fazer um ato na prefeitura, no dia 26, já que o secretário não nos quer atender nós vamos direto ao prefeito. Que quem colocou o prefeito lá foi o povo, e o povo tem direito. E já foi tirado na Frente de Luta [por Moradia], na união dos movimentos, que nós vamos acampar lá na porta da prefeitura, no dia 26 do 7. Quem quiser ir, levar esse apoio pra nós: vamos. E a questão da companheira Neti nós vamos tá reforçando também o que nós vimos aí muitas coisas que foram falado dela que ela não é o que tão dizendo. Conheço a Neti desde o tempo que ela era “dos Cortiços” [Fórum dos Cortiços] – eu conheço a Neti – eu acho que quem fez isto com ela, se tem alguma mágoa dela, que isso não é papel da pessoa fazer, prejudicar vários movimento. O que eu acho que devia fazer: puxar a ficha dos moradores e não botar qualquer pessoa pra depois tá ele mesmo, que o movimento acolhe ele, aí depois fazer um absurdo desses. Na defesa dela, eu debato a questão. Porque eu já fui sem-teto, hoje graças a Deus eu tenho minha moradia, não deixei de lutar por aqueles que querem lutar e sempre estou em frente dos atos que a Neti faz. Porque eu conheço a pessoa que é ela. Ela não é o que o povo tão falando no jornal. O povo tem que colocar na consciência que tá prejudicando não é ela, mas milhares de gente que tá querendo uma moradia digna. [Sobre

um suposto ex-integrante do MSTC que acusa os coordenadores de terem propriedades, inclusive casas no bairro nobre dos Jardins equipadas com cachoeiras, fazendas etc.

moradores que tem moradia] Não é aqui, mas são pessoas que vêm se infiltrar no movimento através de outras pessoas. Não é daqui do MSTC, do prédio; é gente que vem de fora: “Ah, fulana, nós vamos pegar um bolsa-aluguel, vai lá, tenta você pegar lá e você adepois...” que eu já vi, nego dizer que você vai e depois dá um dinheiro. Eu não to dizendo que é o movimento da Neti, que é o movimento da Neti. Eu to dizendo que existe movimento que cobra²⁰². A pessoa é atendida na Secretária da Habitação: me dá a metade x. Eu não to dizendo que é o movimento da companheira Neti. Mas aí existe movimento que faz essa cachorrada. O movimento pode controlar, me amigo. Vamos supor, a companheira C.: “C., quando você receber você me dá a metade”. Eu não concordo. Como eu acabei de falar: a Neti, eu conheço ela, jamais ela vai fazer isso com o povo. Ela não vai fazer isso com o povo. E no que depender de mim, eu defendo ela as unhas e os dentes. Eu não gostei dessa atitude que botaram no jornal que até fiquei passado... [A autoria anônima do denunciante é passível de muitas indagações; não teria sido pago para isso?] E você sabe que o governo pode fazer esse jogo: “bota eu na moradia, que eu te dou tanto”. O governo pode, porque ele quer acabar com os movimentos. Porque o governo só quer colocar na moradia definitiva o povo dele: eles não querem sem-teto no centro. [Quem é o povo deles?] O povo deles? Da liderança do movimento deles... – “Classe alta” (C.) – ...a classe alta! Eles não querem o pobre no centro meu amigo, morando. Eu se eu quis minha moradia como foi... dali na Plínio Ramos, que foi um massacre que o governo do Alkimin e do Serra fizeram, em 2005, que prometeram mundo-bufundo... não, até hoje, não deram nada pra nós... Deram o quê? Dezesete unidades lá pra Tiradentes; esqueceram do povo... São setenta e cinco famílias que foram despejadas desse prédio... Não cumpriram nada! Hoje teve manifestação: fomos recebidos na porta da prefeitura por gás de pimenta. Gás de pimenta em todo mundo: idosos... vereador do PT, que tava lá também, levou porrada, levou “spray” de pimenta na cara. Que eu acho isso um absurdo errado, porque se os movimentos tão lá... [Hoje é uma ditadura militar em relação aos movimentos, antes era melhor?] Eu comecei nos movimentos em 1999, que era no tempo do governador Mario Covas. A Neti já era do MSTC, mas quando eu conheci ela, era do Fórum dos Cortiços, a Verônica... Conheci todo mundo. Não, não tinha. Através de vários movimentos que eu

²⁰² Quando fiz minha pesquisa de mestrado, os militantes tinham muitas restrições ao movimento “Fórum dos Cortiços”, que adotou uma estratégia muito mais conciliadora com o governo do que a FLM. Porém, não é possível afirmar nada que comprove condutas que apontem esse tipo de irregularidade.

entrei no movimento. Entrei na luta também, em 1999; que ocuparam a rua do Ouvidor, que foi o MMRC que ocupou, o movimento do Gegê, e eu fui morar lá. Meus filhos, meus filhos era tudo bebezinho. Hoje meu filhos ta o quê... Do meu primeiro casamento são cinco... não, não sou casado, eu separei dela... Eu tenho 47 anos. Eu conheço os movimentos não é de hoje. É de 1900 e tarará, da época da ditadura... que ocupava e levava porrada. Hoje ninguém apanha mais, só da guarda da GCM, que quer ser polícia militar mas eles não são... E eu não deixei de lutar. E vou continuar até o resto da minha vida. Não é porque eu peguei um apartamento na Cidade Tiradentes que eu não vou parar. Eu vou lutar. Eu trabalho de auxiliar de limpeza. Eu trabalho numa firma que dá oportunidade pra pessoas carentes. Nasci aqui em São Paulo mas me criei em Pernambuco. Minha família mora lá, é tudo de lá. Não, em cortiço eu não cheguei a morar. Eu morei numa ocupação, na rua do Ouvidor, que foi um prédio que eu morei lá sete anos. Fomos despejados pela prefeitura, que era num prédio da secretaria de governo, que ta lá até hoje fechado: rato, barata e a dengue mora lá dentro. Porque aqui em São Paulo são quase 150 mil moradia que ta aí fechada... Por que o governo não reforma esses prédios pra moradia popular... Ninguém quer morar de graça, o cara quer pagar. Eu trabalho e pago. [Antes de morar na ocupação da rua do Ouvidor, onde você morava?] Eu morava na rua, com a minha família. Na rua. Cheguei de Pernambuco com a família, fiquei na rua. Morei uns oito mês na rua; dentro de uma rodoviária; eu e meus cinco filhos. Dentro da rodoviária Bresser Pereira, que hoje é uma rodoviária que ta lá fechada. Morar na rua? É igual... forrava lá os colchão, que os cobertor dormia, cozinava na rua. Vinha um povo, via a minha situação, e trazia um quilo de arroz, um quilo de feijão, e fui batalhando, batalhando... Não. A polícia queria me tirar; eu falei: daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. E fiquei lá, aí me pegaram, o capitão veio – que eu não sei o nome dele, que eu não me lembro – o capitão veio com o Conselho Tutelar, pra tirar as minhas crianças. Eu falei ó: pra tirar as minhas crianças, tem que passar por cima de mim. Debati a questão do ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, e fiquei lá. Me levaram prum albergue, que hoje em dia é uma FEBEM. Hoje se tornou uma FEBEM. Os adolescentes saem mais pior do que quando entrou lá dentro. Não concordo com isso. O governo quer... Tanto prédio aí! Tem a rua do Ouvidor, tem a Mauá, o Prestes Maia, que já foi ocupado várias vez. Porque não negocia com o dono? Deve imposto? Paga. O povo não quer morar de graça. O povo quer pagar! O povo quer

pagar! Pagar! O que é pagar? É todo mês chegar o recibo de sua prestação e você pagar. Igual o meu apartamento foi avaliado em 52 mil no governo do Lula... E to lá. Tenho a minha moradia digna. Não é meu, dei pros meus filhos. Peguei a chave falai ó: ta aqui... Peguei, lutei, no tempo da ditadura, apanhei muito!... [No tempo da ditadura você diz quando?] Foi em 1980, por aí, que apanhava... Nós apanhamos, nós levamos porrada, várias porradas dos polícia... Eu não era dos movimentos, eu só acompanhava. Existia o Fórum dos Cortiços... já... já existia há muito tempo o Fórum dos Cortiços... o Movimento MMC, que era do companheiro Gegê; que o companheiro Gegê foi preso através dessas lutas por moradia; que fizeram uma coisa dizendo que ele fez. Isso aí é perseguição, você sabe, política! Isso aqui, “Nova Luz”; sou contra ele. Ta derrubando vários empregos do povo, que mora aqui na região, que tem filho que estuda aqui... Eu sou contra esse desmanche de casa, que você vê, tão demolindo... tá mas... quem que ta morando lá dentro? Traficante, bandido, é usuário de droga que ta ali. O trabalhador, o pai de família, não pode ficar no centro, só quem pode ficar é o traficante, os que podem ficar. E nós que somos trabalhador, paga imposto, nós temos direito ao centro; e não morar onde eles querem mandar. Porque aqui no centro tem um trabalho, tem os filhos que vai no colégio, que é tudo aqui no centro, tem tudo o que você quer aqui no centro. [Periferia] Não tem. Tem que pegar ônibus, metrô, trem, tudo lotado! E aqui no centro você não vai pagar a passagem. Você vai lá pra Cidade Tiradentes, mas lá você não vai encontrar: vaga em creche, vaga em escola; que não tem! Eu pra conseguir vaga pros meus filhos, quando eu saí daqui da Plínio Ramos, nós fizemos um ato na Secretaria da Educação em Guaianases; pegamos uns pais, mãe que tava sem creche, que morava aqui no centro e fomos pra lá. Fomos e fizemos um auê lá na prefeitura, na Secretaria de Ensino. Quem que recebeu nós? Foi a GCM. Foi a Polícia Militar, quem recebeu nós. Não foi a secretaria de governo. Quem recebeu nós na porta foi a GCM com a Polícia Militar. E nós debatemos o pé e entremos. Entramos até conseguir. Conseguimos cento e vinte vagas; pras pessoas que saíram aqui do centro pra morar lá no cafundó-dos-Judas. Conseguimos cento e vinte vagas. Aí abriu vaga: Palagiado, Itaquera, Guaianases, Cidade Tiradentes; abrangio aquele meio ali que não tinha vaga. Nós fomos lá, e sai lá as vagas. No outro dia nossos filhos tavam tudo matriculado na escola. Lá na Cidade Tiradentes. Todos estudando lá. A minha mais nova tem 15 anos e o mais velho 17. Aí o outro vem com 20, o outro 21 e a outra com 23. Mas é como eu digo, meu amigo, se

nós não lutar contra esse governo que tá aí, o pobre não vai ter acesso a nada. Como hoje mesmo. Já falou que foi suspenso todos os atendimento da prefeitura – falou lá pra todo mundo ouvir – suspenso todos os coiso do movimento, que tão investigando a questão da companheira Neti. A Neti, que quando eu preciso ela me ajuda muito; eu estou aqui, de coração, pra dar o meu apoio e solidariedade. (...) Eu entrei no movimento, sabe, porque sempre o povo falava pra mim, “entra no movimento”, e eu dizia, – eu mesmo já era uma pessoa que já criticava o movimento – “eu vou lá pra movimento; movimento não sai moradia não”. Eu mesmo, eu fui um, que criticava. Caí no movimento, meu amigo. Que hoje eu consegui a minha moradia. Hoje eu dou meu sangue pelo movimento. Graças a Deus, minha vida melhorou muito! Eu era aquele que não tinha nada. Tava na rua, e hoje eu tenho um apartamento através da luta do movimento. Eu sempre fui dum que dizia: eu não vou pra movimento; movimento só pega dinheiro, não resolve nada. Hoje graças a Deus to com a minha cabeça erguida no movimento; tenho meu apartamento, graças a Deus, é dois dormitórios, sala, quarto, cozinha, bem bonito, que saiu pra mim em 2010, ano passado. E eu peço que o povo que tá na luta não desista... e que o governo não vai derrubar a liderança dos movimentos. Na prefeitura eles dizem: “lá vem o bando de baderneiros”. Que nós somos tratados como baderneiros. Que nem hoje, me viram no ato: “ah, você também tá nesse bando de baderneiro?!”. Não, eu não to no bando de baderneiro, porque nós tamos cobrando, que tem um projeto aí na gaveta da habitação, fazem *oito* anos que tá lá dentro e até agora não fomos atendidos. Nós tamos aqui cobrando. (...) Minha vida de pequeno, meu amigo, eu sempre trabalhei... que naquele tempo dizia, “criança não pode trabalhar em roça”... mas minha vida era trabalhar em roça, junto com meu pai, senão, a gente não fosse trabalhar... em Pernambuco. Nós tínhamos que trabalhar para nós próprios sustentar aprender a sustentar a nós mesmos. Tinha. Era roça arrendada pelos fazendeiros. O fazendeiro dá o terreno, você planta e dá uma parte pra eles. Nós continuamos assim. Hoje graças a Deus... Eu saí dela porque lá não tinha emprego. A roça não dá lucro. Eu digi: vamos tentar ir pra São Paulo. Aí, vim, embora. Nós éramos... nós somos em vinte e um irmão. Vinte e um irmãos. Aqui mora cinco. Mora no Jardim Ângela, São Bernardo do Campo, Grajaú; espalhado. São Miguel Paulista, Itaim Paulista. Tá tudo por aí. Falei, mas eu não vou na casa deles. Faz vinte e três anos que eu não vou, que eu não tenho contato – tenho contato com eles – mas eu não vou na casa deles. Porque quando eu vim pra cá, pra

São Paulo, eu fui muito discriminado... discriminado pela minha família. Porque eles têm com o que viver; eu não tinha. Cê sabe, hoje em dia quem vem pr'aqui tem seu bom emprego, naquele tempo eu não tinha emprego, não tinha dinheiro pra dar pra eles. Queriam que eu pagasse pra eles ficar lá na casa deles. Eu falei: Não. Eu prefiro a rua do que ficar na casa de vocês. Dito e feito eu fiz. Fui, fiquei na rua, e não me arrependi não. A rua me ensinou. Me ensinou muitas coisas: que nós não deve... é como minha mãe dizia, “meu filho, quando você tiver com fome, você peça a alguém que alguém te dá”. Nunca usei droga, nunca essas coisas. Sou contra essas patifarias que têm por aí. Eu não gosto. Também coisa que eu não gosto é de ver mãe usando seus filhos para pedir esmolas. Tenho pavor disso. Você tem que lutar pra ser uma pessoa na vida. [Você estudou até que ano] To fazendo ainda. Depois de 47 anos. Lá no nordeste eu fiz primeira série primário. Parei. Aí continuei trabalhar. Agora voltei a estudar. To fazendo a terceira, quarta, e a quinta, tudo junto. Supletivo. Meu objetivo é... (risos) saber mais alguma coisa pra erguer, à frente, pra seguir o meu futuro, e ir em frente. Não ver mais o meu futuro pra trás. Quero, meu filho, quero um dia, em dia, eu morro, mas esse meu sonho vai ficar, ser um grande político. É que eu gosto bater a questão social. Eu não sou filiado a partido nenhum. O que eu acho entre os partidos políticos? É uma grande... cada cá querendo ser mais do que o outro. Aquele que ta fazendo alguma coisa pros pobres, um outro quer derrubar. O governo que mais que eu amo, que eu adoro, e queria que tivesse lá de novo era o Lula. Que ali foi o pai da pobreza. Não. A Dilma ta meia perdida ainda. A grande coisa que eu vi no governo Lula foi ele acabar a fome e a pobreza no Brasil. Conseguiu. Eu fui no nordeste e sai de lá chorando de ver tanta fartura, tanta comida e tanta coisa que tem no nordeste que o governo federal levou pra lá, que não tinha. Porque no tempo que eu tive lá no nordeste era o governador Marco Maciel, entrou o Jarba, entrou... O único governo que eu gostava lá no nordeste era o Miguel Arrais, que era um velho positivo, gostava muito dos pobres. Foi ótimo governo. Agora ta lá o net dele, que é o Eduardo Campos, que em um bom governador, o povo agora trazendo muita renda pra Pernambuco, que o governo federal... não tinha. Não tinha religação com o do Rio São Francisco, agora ta tendo. É porque quem era acostumado com aqui São Paulo nunca ia sair daqui de São Paulo pra ir pro nordeste. Melhorando dez mil vezes depois que o PT entrou; melhorando muitas coisas. Não sou filiado, mas tenho simpatia pelo governo do PT. O PSTU, o PSOL, é cada cabra vê sua

posição, né, o seu lado. Cada cabra vê o seu lado. Cada partido vê o seu lado. Cada cabra briga pelo poder. O poder. Cada cabra quer mostrar quem que é mais e quem não é. Como no caso da Dilma... Eu mesmo vou ser sincero, eu mesmo trabalhei pra oposição, pro PSDB, mas só que eu pedia voto para o PT. Eu trabalhava pro PSDB, pedindo voto, mas eu pedia voto no PT. Não tenho partido. Como eu não sou filiado, nós apóia quem nós quiser. Nós não temos bandeiras com partido nenhum; somos livres e desimpedidos. Nós somos do Lutar e Vencer. Eu tive vários políticos do PT que foram no PSDB; eu nunca fechei com ninguém! Falei: olha, eu sou eu e sou eu; eu peço voto pra quem eu quiser e faço a campanha pra quem eu quiser; mas não quero nada de dinheiro de ninguém. E dito e feito. Trabalhamos, sim. Eu montei uma equipe, pro governo do Serra. Os movimentos se vê você trabalhando pra outro partido te esculacha. Eu sou eu, vocês é vocês. Fiz a campanha do Serra. Não ganhou. Mas eu pedi voto pros eleitor que votasse na Dilma, e ela foi eleita. Isso aí não tem partido. Agora você vai entender. Você vai entender agora! Eles me procuraram através de associação que eu conheço, que ela tem assim... vamos supor: a Neti tem o PT que ela apóia; o Nelson, que é do PT, apóia cicrano... eu fui convidado pra trabalhar, só que eu não quis. Eu não quero porque política dá dor de cabeça; eu faço... eu peço voto pra um, eu peço voto pra outro; ta bom pra vocês? Ta bom! Não me envolve em política que eu não quero. Fiz isso. Não ganhei um centavo, que eu não cobro! Não ligo pra ganhar dinheiro. [Vestia a camiseta?] Diuuuuuu... nãnnãnnã de ninguém, meu amigo! Eu distribuía santinho: distribuía do Serra, distribuía da Dilma. Mas é assim, meu amigo, pensa nessa companheira e pensa nesse aqui... Deixa eu te falar: nós pobres, nós briga por partido, não briga? Partido é tipo uma religião política; tipo Igreja Católica. Eles briga e na mesma hora tão beijinho-vai-e-beijinho-vai. A Dilma criticou o Serra; o Serra criticava a... Aí no final, no dia do resultado, qual foi eles? Um beijava o outro é lá pedia desculpas. Política, meu amigo, é assim. Militância é a mesma coisa. Eu não brigo nem por um nem por outro. Cada cabra faz a sua parte. O político só enxerga o pobre em dia de eleição. Cê vai no gabinete numa hora dessas, falam que não tão. Você pra passar num político, você tem que passar em quinze assessor. Que eu acho errado isso. Absurdo! Errado. O político quando vai na sua porta, ele vai o quê? Pedir voto. Vai conversar com você, ele senta com você. Quando você vai atrás dele tem que passar pelo assessor. Não concordo isso, com política. E outra coisa que eu não concordo: é um político ganhar um auxílio moradia de 3000 reais,

enquanto o pobre ganha um salário de 540 reais. [Sociedade desigual] O que manda mais é o dinheiro, e poder. Nós que somos sem-teto, nós luta pela moradia, né, pra ter aquele vale-coxinha que a prefeitura te oferece: 300 reais durante dois anos e meio. Tanto dinheiro que a prefeitura tem; prédio vazio, reforma e dá pro povo morar. O povo não quer de graça; o povo quer pagar. Esse prédio aqui? Quantos milhões ele não deve, esse prédio aqui, pra prefeitura? O governo federal manda dinheiro pra prefeitura e pó que eles não reformam esses prédios que tão abandonados? Aí o sem-teto ocupa, o sem-teto é baderneiro, o sem-teto é isso. Não! Quem próprio joga o povo a ocupar é a própria prefeitura. [Um dia a sociedade vai mudar?] Ó um dia, eu garanto, vai mudar isso, que vai acabar esse coiso de coronel. Coronel! Os que manda, os que manda! Porque hoje em dia você vai na subprefeitura não é eu, não é você, que ta lá no gabinete. Quem ta lá é coronel da ditadura militar, no gabinete as subprefeitura. É os coronel que hoje em dia está lá, na subprefeitura. É o capitão de polícia que ta lá dentro; não é um de nós, um sem-teto que ta lá dentro, pra atender o povo. O que que eles querem fazer? É massacrar o povo. Fazer o povo de lixo. No dia que existir o governo que olhe pro lado do povo, aí o Estado melhora. Mas enquanto tiver... O PSDB já governa São Paulo trinta anos; desde de o tempo do Mario Covas que São Paulo é governado pelos tucanos. E o que que esse povo fez? Nada, até agora. [Socialismo] O socialismo luta pelo direito das pessoas, que manda a constituinte, mas só que entre aspas o povo não bota esse povo. Vai sair um pobre candidato? O povo não dá valor aquele candidato. Vamos supor: o Manoel Del Rio saiu pra candidato para deputado federal. Quantos votos ele teve? Onze mil votos. Qual que era o dele? O povo eleger ele, que é uma pessoa boa, que ta sempre lutando pelos pobres. Ta sempre ali lutando; reivindicando moradia pro pobre. Mas o povo achou que ele não tinha capacidade. Isso daí eu não concordo. Tiririca ta fazendo o quê? Só passa ali na televisão com aquela palhaçada dele: “ai papai, ai mamãe; o senhor continue catando papelão e a senhora continue lavando roupa...” Qual o projeto do Tiririca? Ainda não vi. Não tive acesso à câmara dos deputados federais, ainda. Não tive tempo de ir lá. Porque no tempo de governo do Lula, sempre eu estava em Brasília. Sempre quando a Neti ia a Brasília negociar, ela me chamava. Eu já fiz várias coisas em Brasília com a companheira Neti. Teve coisa lá, que é resolvido, mas quando o governo federal manda pr’aqui; só que o governo de São Paulo não atende o que o governo federal manda. Sem-teto, amanhã tem um despejo, fica na calçada feito um saco-

de-lixo. Não concordo com isso. Isso deveria, o governo federal, a Dilma, ela vim-sentar ela, Kassab, Geraldo Alkimin: “eu mando verba pra São Paulo, vão fazer isso pro povo não tá na porta da prefeitura, pra vocês não ta batendo no povo; vamos negociar, vamos sentar”. Sentam os três níveis de governo e vamos discutir a questão social-do-povo. Vai: tenta. Resolver a questão do povo. Porque São Paulo é rico, tem dinheiro. Aonde que ta indo esse dinheiro? Pro meu bolso que não ta. (...) Você vai numa prefeitura se cadastrar pra pegar uma cesta, a mulher te olha você de ponta-cabeça, vê você bem boyzão assim, e diz, “ó, você não precisa meu amigo, aqui é pra quem mora na rua”. Eu nunca vi povo de rua ser atendido em lugar nenhum! [A Andréia me disse que é mais fácil ganhar uma cesta básica nas igrejas do que na prefeitura] Do que na prefeitura! – “É mais fácil, se eu sair daqui e for para uma igreja, no mesmo dia eu pego” (Cleide) – A prefeitura tem a verba mas eles não dão isso pro povo. A prefeitura tem os programas sociais, que é do governo federal, tem bolsa-família, tem renda-mínima, que é do governo federal, mas só você não tem acesso a essas coisas. Muita coisa, pede isso, pede aquilo... Eu acho errado. Dá uma cesta? Dá. Não carece essa burocracia. Como o mês passado, eu encaminhei uma família – ela tava numa ocupação e ela queria embora pro nordeste, láááááá pra Sobral –, eles não tinham condição de ir embora; que eu fiz? conversei com a assistente social, Jurema, dali da subprefeitura, da Álvaro Penteado; ela falou, “manda a família que eu já arrumei as passagens”. Eram cinco pessoas, era pai, mãe, filho, que vinheram tentar a vida aqui em São Paulo. Ficaram morando debaixo de um viaduto. O que eu fiz? Tirei, botei numa ocupação de um colega meu. O colega meu deu um cantinho pra eles ficar, até quando a gente achasse passagem pra eles ir embora. Aí quando foi o mês passado a passagem saiu. Saiu a passagem deles, eles foram embora pra Sobral. Ela me ligou delá agradecendo o que eu fiz. Ela falou: “ó Cosmo, não é todo mundo que é igual você, que quer trabalhar pro pobre, e não tem ajuda de custo pra fazer isso igual que você fez por nós”. E ela ficou tão feliz. E eu tão contente. Que lá a menina da subprefeitura num instante encaminhou pra... não teve essa burocracia, só teve lá pra entrar em contato com a família de lá no Ceará pra saber se era verdade por que eles tavam indo embora, porque na prefeitura existe essa verba; aí ligaram pra lá e confirmaram. Não. A passagem lá pro nordeste ta 380 reais, lá pra Fortaleza. Você faz a conta, pra você conseguir cinco passagens pra lá. Pra pessoa ir embora, quanto não é em dinheiro? [Religião] Ó rapaz, eu não vou em igreja, eu confio em Deus vivo, todo-

poderoso, que um dia eu sei que Ele vai vim aqui e nós vamos ter tudo na mão; aí não vai ter briga, briga de pobre pra moradia; aí vai ter tudo isso na vida um dia. Vai ter se Ele vim. É um Deus que vévi com todo mundo: é com sem-teto, é com... Vai ser tudo igual. Não vai ter pobre, não vai ter miséria, não vai ter mais nada; vai ter tudo de fartura pro povo. Só acredito naquele Deus; Aquele ali é verdadeiro. O poder dos homens na terra é o dinheiro, mas Aquele ali de cima tem mais poder. [Televisão] Assisto. O mais que eu gosto de assistir é o Jornal Nacional. Não, só tem uma que eu assisto que é aquela que é o Cordel Encantado, que é o do Lampião; aquela lá eu assisto. Aquela ali ta falando a realidade do sertanejo. Aquela da ditadura militar? Assisto. Aquela ali ta mostrando o que foi a ditadura militar e a ditadura, meu amigo, não acabou ainda não. O povo diz que a ditadura militar ser acabou; *não* se acabou! Ela tenta derrubar os movimentos de qualquer jeito. Mas eles não vão conseguir derrubar os movimentos. Eles podem chegar aqui, me oferecer um dinheiro pra gravar o que a Neti ta falando pro dia seguinte botar no jornal, sabia? Eles podem muito bem fazer isso. Que eles tem dinheiro pra fazer tudo. [Liberdade de expressão] Você sabe que muitas coisas que eles mostraram do PT eu fiquei chocado, porque eles tentaram derrubar gente que era do governo do Lula, que era de confiança, tentaram derrubar. Por quê? Por coisa de besteira de dinheiro. Quando aparece alguma coisa, aquilo ali tem dinheiro por trás, e não é dinheiro pequeno, meu amigo, é dinheiro mutcho. Muito, muito, muito. (...) Que horas são? [Quatro horas já]. Se você quiser eu te dou o endereço de outra ocupação. [Tudo bem. Deixa eu anotar. Esqueci a caneta... Você tem caneta aí?]

C.

Meu nome é C., eu tenho 41, agora eu to trabalhando de babá. [É seu filho?] Não esse aqui é o meu neto... não, é o menino que eu tomo conta. Trabalho pr'uma mulher aqui do prédio. Eu nasci aqui em São Paulo. A minha mãe é de Minas Gerais, mas ela táqui em São Paulo... [E seu pai?] Não conheço. [Estudo] Até quinta série. Porque depois que eu fiquei grávida da minha primeira filha eu saí da escola. [Quantos filhos] Eu, três. Duas meninas e um menino. Eu tenho a mãe do meu neto – que o meu neto mora aqui –; a mãe do meu neto tem 20, o meu filho 18 e a menina 17. (...) – “Anota aí é Alameda Barão de Piracicaba, em

frente ao corpo de bombeiros aqui na Campos Elísios, onde tão derrubando... E ali é uma área que eles vão tentar derrubar. Muita família que não tem pra onde ir”. (C.) – Parei na quinta série. Eu trabalhava numa firma, quer era na Quiropita, uma igreja, isso de auxiliar de limpeza. Eu casei só uma vez, mas ta tudo separado, ele tá pra lá e eu to pra cá. [Movimento] Eu conheci através das minhas amigas que já era do movimento; e o seu Nelson eu conheci ele quando a gente tava passando na rua, aí ele me cumprimentou e daí eu perguntei pra ele, “cê sabe de alguma coisa de movimento? Ele falou: “sei, eu sou chefe de um movimento”. Eu falei, “eu posso morar lá”. Ele falou pode, deu o endereço e daí no outro dia eu cheguei lá com a mudança. Quando eu vim pra cá com o seu Nelson, o seu Nelson tinha ocupação aqui na Plínio Ramos. Meu filhos, eu tinha o Ribamar, que hoje tem 18 anos, tinha 5 anos ainda, e minha filha Natália, que ta com 20, já tinha 15 anos, a minha pequena, hoje tem 17, tava com 10 anos. Não. Era o movimento do seu Nelson, MMRC. [Chegou a conhecer o Fórum dos Cortiços?] Cheguei. Não participei. Eu tava em outra ocupação que era da Verônica. Só que antes ela não era do Fórum dos Cortiços, ela era de outro movimento. [Onde morava antes da ocupação?] Eu tava morando lá na Francisco Morato, pagava aluguel. 400, depois aumentou pra 500, daí... eu falei, não dá não, tem que ir embora. Aí ante de ir pra ocupação de seu Nelson eu fui pra um cortiço. Ficava ali perto do Bom Retiro. O nosso era assim: era invadido, só que daí era assim, tinha cada quarto, entendeu. [Quem invadia, era alguém...] que alugava pra querer que a gente desse o dinheiro. Pagava 150 [por um quarto]. Ah, eu não fiquei muito tempo não. Vi que eles tavam passando dos limites, tavam querendo aumentar... Tinha confusão, porque tinha gente que não queria pagar. Aí disse que ia mandar embora, que ia chamar uma pessoa do Comando pra tirar na marra, essas coisas. [O que é o Comando?] O pessoal do PCC. [Tráfico de drogas?] Não, ali não. [A polícia invadia constantemente lá] Não, só de vez em quando. Batia assim na porta e perguntava: “tem algum homem assim?” Se não tivesse eles mandavam fechar a porta e iam embora. Não, não chegou a entrar [no quarto]. Aí eu fui pro movimento do seu Nelson, lá na Plínio Ramos. [E o Prestes Maia?] É porque na Plínio Ramos a gente sempre ia pra 25, nós ia catar papelão, eu e minha filha e meus filhos. [Catar papelão] É, lá na 25. Aí o pessoal das filmagem, porque minha filha fez um filme, “Criança invisível”. Aí o pessoal das filmagem ia escolher um menino e uma menina; que cada país tem duas pessoas. Aí, quando chegou na 25, conheceu a Maria, conversou com ela, tudo,

filmou ela, tudo; aí o pessoal da filmagem gostou dela, e escolheu ela e o Anauake. É “Criança Invisível”, porque minha filha é assim catava papel, nós pegava uma carroça e pegava papelão na rua. Ela tava com 10 anos. A pequena, tava com 10 anos. E o menino que era o Anauake, 11 anos já. A vida dela de catar papelão, explicar como esse povo vive aqui em São Paulo. Eu sei que tem uma locadora que tem esse negócio, é aqui... “Criança invisível”. É aqui em São Paulo, até a chefe da gente era a Kátia Ruiz. Aí, cada país tinha gente, criança lá da França, lá da Alemanha, da África, da Itália, de vários lugar. No Brasil era a minha filha e o Anauake. [Como era a vida de catar papelão, quanto era o quilo do papel?] Nessa época, era cinco centavos, o quilo. [Para ganhar 5 reais tinha que pegar quantos quilos?] 100 quilos. Aí tinha dia que a gente pegava, porque tinha uma loja que a gente passava, numa loja, e a gente falava assim ó: “moça, quando tiver caixa assim, guarda pra gente, por favor, pel’amor de Deus, é pra sustentar meus filhos”. Aí eles pegava, guardava pr’a gente e a gente juntava um monte. E quando chovia então, o papel ficava mais pesado. [Sabe qual era a renda no final do mês?] Ah, eu sei que minha filha uma vez, ela conseguiu bastante, ela conseguiu, aí eu dei o dinheiro pra ela, ela falou assim: “Nooooooooossaa, meu Jesus, obrigado Jesus, vai dar pra mim comprar o pão e o leite pra dentro de casa, e ainda fazer comida pra dentro de casa”. Eu sei que ela gritou, ela ficou contente. [Ela parou de estudar nessa época?] Não ela tava indo pra escola. Que a gente ia pra 25 seis horas da noite, que a gente ia, quando ela saía da escola. Ela ficou contente. [No dia-a-dia não dava pra comprar isso?] Não dava, porque tinha muita gente que humilhava a gente também; tinha esse pessoal, os grandes assim pegava da minha filha. Antes de eu vim pra cá, eu tava morando lá na Casa Verde porque o pessoal do filme pagou o aluguel lá na Casa Verde. Três anos [de aluguel]. Era um sobrado, em cima-em baixo. [Receberam alguma coisa além do aluguel?] Não, só deram o aluguel. Inclusive até um cara do SBT mandou dar um negócio pra ele ver, porque tem coisa errada. – “Nesse caso quando a Verinha fez o filme, os caras usaram a Milene – como a Milene era de menor – aí usaram a Milene e não deram nada pra ela. Porque tem em várias locadores esse vídeo”. (C.) – “Milu e João Invisível” [o nome do filme] – “Fez sucesso esse filme no Brasil, inclusive o lançamento dele foi no shopping...” (C.) – Shopping Iguatemi. Foi em 2005, esse filme. – “E agora do trono ela ficou sem-teto; não é assim, o povo usou a imagem dela, cuidou dela três anos, aí depois, fizeram e abandonaram, não deram nada, ganharam dinheiro às custas

dela” (C.) – Aí minha filha ficava numa escola que era – quer dizer, não é particular – é mas era tipo um colégio, só podia vim pra casa no fim de semana, sábado e domingo. Aí quando chegava domingo de noite, ela tinha que ir pra lá. Eu morava na Casa Verde, aí o dono pediu, eu vim pro Prestes Maia em 2008, porque teve despejo na Casa Verde. Eu fiquei na Mauá, no sexto andar. – “Aí correram, ela conseguiu um bolsa-aluguel, só que no bolsa-aluguel ninguém aceita com criança. Ela tem a pasta dela, ta tudo guardado, que é o valor de 300 reais durante dois anos e meio. Mas só que não consegue. Taí até hoje a pasta dela. Ela tem um bolsa-aluguel, a prefeitura deu quando ela foi despejada lá da Casa Verde, o Nelson, do MMRC, correu atrás de um bolsa-aluguel pra ela, encaixou ela numa demanda do bolsa-aluguel, conseguiu, mas só que o bolsa-aluguel, dela, o proprietário lá não aceita porque ela tem criança. É uma dificuldade que existe. A prefeitura deu essa pasta, mas só que não aceita com criança. É tipo uma burocracia: você vai numa imobiliária: “a senhora é quem?”. A sou eu e três filhos. “Não, nós não aceitamos com criança! Tem muita gente que ta aqui, ta com bolsa-aluguel mas só que os proprietários dos imóveis não aceitam com criança. Aí qual é do povo? Correr pra ocupação. Eu até brigo nas pensões. “Tem criança? Ah, eu não quero um capeta de menino, menino só dá trabalho, Deus me livre! O que a prefeitura devia fazer nesses cortiços... É cortiço!” (C.) – É cortiço! [Você ganha um dinheiro pra morar num cortiço?] É morar num cortiço. – “Você vai numa pensãozinha que nem um quarto desses daqui tem, nem banheiro tem, paga 300, 400, 500, como eu vejo aí, porque eu faço visita dos bolsa-aluguel; quando eu vou lá, chego lá, o povo reclama, não tem banheiro, não tem nada! E você mora numa ocupação, meu filho, você se sinte à vontade, você se sente mais abrangido, mais espaço, protegido, tem mais privacidade do que num coiso alugada”. (C.) – Aqui tem. Aqui é melhor. – “Pra você manter um prédio desse, com água, luz... Cada dia vai aumentar [o movimento sem-teto], vai superar [o MST], o que mais vai ter é ocupação. Nesse governo que taí, o que mais vai ter é ocupação, queira ou não-queira. Porque você vai alugar um quarto é 500 reais e fora água e luz que paga por cabeça. É um absurdo, eles tão massacrando o povo, de cobrar 500, 600 reais, num quarto que nem banheiro não tem. Um cortiço. Eu sou mais ta dentro de uma ocupação, porque você tem todos os limites dentro da ocupação, só que dentro da ocupação ela tem regra: não pode chegar bêbedo, não pode chegar drogado, porque dentro do movimento tem um estatuto interno, que você tem que obedecer. Se você não quiser? Vai

morar debaixo da ponte”. (C.) – {Bolsa-família?} Não, ainda não. [Perdeu os documentos] Não é que eu perdi, é porque no dia que eu tinha que sair dela pra vim pra cá – “Despejaram ela e não sabe onde tá” (C.) –, aí já procurei em tudo e não achei. [Computador e internet?] Não tem. Alguns pessoal que tem aí. Porque é assim, ganha de parente, ganha de patrão, entendeu. Porque eu tinha um mas é assim, meu filho ganhou do patrão e me deu; aí eu peguei e dei pra ele. [Televisão] Ah eu assisto SBT e essa novela aí, “Amor”, como é que é? [“Amor e revolução”?] Assistto. Tem as outras novelas, também eu assistto. Como chama? A “Cristal”. – “Aquele novela já tá claro, né, antigamente quem mandava era os coronel e hoje quem manda é os coronel. Porque na prefeitura, como eu te falei, quem tá lá é coronel, da polícia militar, disso e daquilo. [Alguma referencia aos coronéis do nordeste?] É. Isso! Lampião. Capataz. Porque lá existia o capataz, que era dos proprietários de fazenda. O cara que tinha o poder, o coronel, né. Aquele capitão, coronel, que era fazendeiro, rico. Hoje em dia existe isso, não acabou. Aquele novela tá mostrando o já que foi realidade. É o que acontece hoje também. Que hoje em dia você não trabalha de camelô na rua que a polícia vai e bota todo mundo pra correr. Polícia hoje em dia entra nas ocupações querendo ser os bam-bam-bam. Já entra dando chute na porta. Aonde eu tou, uma vez, na ocupação, eu tava acompanhando um despejo (...) Aquele capitão, a ordem que ele deu. Até debati com ele, eu falei assim, ‘capitão você está errado, o senhor está errado em entrar dessa forma numa ordem de despejo’. Eu falei assim: ‘Eu sou um cidadão; capitão, pago o seu salário, eu sou um cidadão e estou aqui reivindicando o direito de moradia do povo. Não é desse jeito, o senhor fazer uma ação, vim fazer uma ação, vim com uma arma, apontando revólver pra pobre; [calibre] doze na cabeça de criança. Isso aí é errado’. Aí ele mandou cala-boca, aí eu disse agora que vou ficar, e fiquei mesmo. Só saí de lá na hora que terminou o despejo. O despejo começou 6 horas da manhã; não tinha prefeitura; não tinha oficial de justiça; não tinha o conselho tutelar. Que eu acho errado, o conselho tutelar, que é eleito pelos pobres, que o povo põe... Porque eu debati com a conselheira, eu disse assim: ‘Eu quero que você faça um registro pra levar ao ministério público de polícia. Essa ação não pode acontecer’. Ela falou: ‘mas eu só sou conselheira!’ Mas você tem voz ativa; coloquemos você lá, você tem voz ativa. O conselho não é pegar filho dos outros. O conselho é pra representar, é pra fiscalizar. É um órgão fiscalizador. Fiscaliza tudo. Tudo! Creche, escola; tudo que é do poder público, ele vai lá e fiscaliza.

Não é empregado do governo; ele vai lá e fiscaliza. Ele tem autonomia de fiscalizar. Ela falou que não podia fazer isso. Pode sim! porque você não é vinculada à prefeitura, você é civil! E esse ano, como eu e a Neti tamos candidatando para conselheiro tutelar, nós vamos ter muita pressão desse povo, do governo, que eles não vão querer sem-teto sendo conselheiro tutelar. A pressão vai cair demais e nós vamos passar muita provação desse povo aí. Eles vão cair matando em cima de nós”. (C.) – [“Amor e revolução”?] Ah, eu acho importante, porque algumas coisas a gente aprende, entendeu; aí a pessoa aprende a soltar mais a voz quando a gente vai fazer um ato, como a gente vai fazer quinta-feira, aí a gente aprende o que vai falar com o governo, essas coisas. [Construir] – “Quando a gente vai fazer uma ocupação e entra na ocupação, móvel não tem nada. Não tem nada! Não tem madeira; não tem nada! O que nós faz? Vai na rua, cata todo tipo de madeira, que tem naquelas caçamba de lixo; aí tem, construção, reformação; e pega as madeiras e traz pra fazer os barracos. Esses olhos, foi o próprio morador que pintou. Quando nós ocupa nós faz assim, marca o espaço da família e faz o barraquinho como tá aqui ó: tem o quarto, alá a cozinha. E o quarto também é pra atender as visitas, porque é mais melhor você fazer um barraquinho de madeira, do que um... Cada barraco tem seu número; é numerado, pra depois não dizer, ah o barraco do fulano tem número e o meu não tem” (C.) – E aqui também, quando a gente ocupa, a gente faz, nós falamos, “quem quer fazer shopping-rua”. Shopping-rua é assim, quando a gente faz assim, que nem, esse daqui eu não achei, mas balde assim eu já achei. Eu já achei balde, enxada... madeirite; acha móvel e traz pra usar aqui. Acha muita coisa. Faz shopping-rua. Traz bastante coisa. Se eu pego pra mim, aí a outra coisa fica pra outra pessoa. Televisão é doação. [Cesta básica nas igrejas] Eu sou católica. E também tem dia que a gente marca um dia pra ir no mercadão. Mercadão no parque Dom Pedro, catar fruta, legumes, pro movimento fazer comida pra todo mundo; quando a gente ocupa aqui a gente vai no mercadão pra fazer comida, não é? Sem ser ocupação também vai. – “Eles dão. Feirante não discrimina quem mora em ocupação. Vocês tá lá porque vocês estão necessitados”. (C.) – Um shopping-rua, o outro “mercadão”. Também tem assim, como é que chama aquele negócio que vai pedindo de casa em casa? Nós pede arroz-feijão, alimento, essas coisas. Ou então roupa, pra dar pras pessoas que não tem. Entendeu. Essas coisas. – “Quando nós ocupemos lá no INSS, na Nove de Julho, cada liderança de movimento recadou na sua base comida pra fazer comida lá na ocupação. Cada

caso é um caso. Vai se organizando, vai coisando”. (C.) – No dia que nós viemos pra cá, nós tava se encontrando na Mauá. Nós fomos pro parque da estação da Luz, pegamos um ônibus, entramos dentro do ônibus. “Se perguntar pra onde vocês vão, fala que vão pra Aparecida do Norte” (risos). Aí a gente entrou. Só que ninguém podia aparecer na janela. Nós tem que colocar uma cortina pra ninguém aparecer. Aí quando viu que deram volta, parando aqui. Aí um, dois, três e já, tudo mundo vai e fica ali. Eu falei mas como se nem quebraram a parede? Fica aí! Aí começaram a quebrar a parede. Nossa, a polícia, a polícia, vai rápido. Rápido! Aí o Caíque, vem aqui meu filho, dá a mão, vamo entrar. Assim que quebrar, o Manuelzinho vai entrar, a gente vai ser o primeiro a entrar. Aí pronto. O Manuelzinho, “pode entrar!” Peraí, peraí. Vamo, vamo. Eu com mochila nas costas, maior peso... É parede de gesso. Aí chegaram com a marreta e pá, pá... e nem chegou a quebrar direito. Aí ficou assim até... Eu fui a primeira a entrar, eu e o meu neto. Aí uma mulher falou assim, “nossa, que mulher esperta, nem bem quebrou e tudo com a criança entrando”. Aí eu peguei e ajudei uma mulher, uma senhora de idade, eu botei o meu neto (...) dormiu lá. Desci, ajudei a senhora a subir. [Festa?] Essa é a festa. Mó da hora; mó da hora. Eu *vou pr’uma festa joia. Vou pr’uma festa joia*. Vamos lá! Não tem música. Só depois que entrou, não pode fazer barulho; a gente não faz gambiarra. Só depois das 24 horas que pode fazer gambiarra. Gambiarra de água e de luz. Mas por enquanto não. Nós fica tudo no escuro. Tem mulher que fica com medo de ficar lá e acendia vela no cantinho assim ó, pra não ficar no escuro. – “Muita gente quando vai numa ação dessa tem medo, fala, a polícia vai bater; não! hoje em dia nego não apanha. Eu já apanhei, quando ocupamos o quartel do exército ali; que meus meninos eram pequenos, tudo apanharam. Tudo! Tudo apanharam. Foi em 2005, 2006 por aí. Aquele quartel, aquela porcaria ta lá desativada. Nem o governo federal decide que vai fazer ali. O que dá pra fazer ali? Dava pra fazer um belo dum hospital, ou um CEU, muitas coisa boas naquela Baixada do Glicério, ta lá! O que ta lá? Um monte de carro da polícia, viatura, velho, se acabando, e eles não resolve nada daquilo. (...) Já vi vários, vários, vários despejos. Não deixei de acompanhar. Dia primeira agora vai ter um despejo lá na Presidente Roosevelt, vai ser o que, na base de umas oitocentas famílias que vai ser despejada. E eu vou ta lá. Lá era ligado ao MMRC. Como houve uma tragédia lá, o Gegê foi preso, foi inocentado, e o povo que não deu valor, agora vai dar, porque vai tudo pr’olho da rua no dia primeiro. Aí eles vão saber o que é doer na pele, o que é um

movimento, quando o movimento tava lá. Eles vão sentir na pele o que é levar um espia da polícia lá, sem ter movimento lá; pr'eles aprender". (C.). FIM DA ENTREVISTA.

[Entrevista 7]

N., 43 anos, Pernambucana de Petrolina, zona rural.

Já sofri muito. Eu era pra ta mais acabada. (...) Eu trabalhava na roça. Minhas mãos, por muitos anos, eram cheias de calos, bem... todo mundo tocava nas minhas mãos e falava: "Você trabalhava na roça?" Eu falava, "sim". Aí com o tempo, né, a minha mão foi ficando mais macia, até porque eu passei a fazer outros tipos de trabalho. Meus pais tinham uma terra, eram agricultores. Meu pai faleceu e eu era ainda criança, e minha mãe ficou com meus irmão, né, e duas filhas mulher, que sou eu e mais uma outra, e quando o meu pai faleceu, aí ela falou: "vai todo mundo pra roça". Aí os meninos e as meninas também. Éramos em cinco, três homens e duas mulé. Aí eu aprendi do plantar até o colher; eu aprendi e sei fazer isso muito bem. Mas aí muito tempo minha mãe também faleceu... Aquela terra é o seguinte, minha mãe foi envelhecendo, e os meus irmãos vieram tentar a vida aqui em São Paulo, pra tentar uma vida melhor. Então ela ficou sem os filhos homens, ficou só com as duas mulheres. Com as duas mulheres, ela não podia tocar a vida de agricultura, do plantar, do colher; que que aconteceu, ela acabou vendendo aqueles terras, comprando uma casinha na cidade – eu tinha meus 16 anos, na ocasião da venda; sou a caçula dos meus irmãos –, e ali ela ficou até morrer. E hoje eu estou aqui. Da cidade, eu vim pra cá, São Paulo, pra acompanhar meu irmão, e aqui fiquei, aqui me casei – com Fernando: ele é baiano, eu sou pernambucana –, tive seis filhos – os filhos são paulistas. E tive muitas dificuldades. Como eu não tive estudo – eu estudei até a quinta série – nem uma profissão, a minha única saída era trabalhar como auxiliar de limpeza; onde trabalhei muitos anos, numa escola, como auxiliar de limpeza, depois eu tive um problema de depressão... aí tive uma perda de um filho, meu único filho homem. Há cinco anos atrás, meu filho faleceu. Meu filho foi assassinado em Santos, agora dia 10 vai completar cinco anos. Meu filho... eu falo que meu filho morreu inocente, pelo um lado; pelo outro lado ele

não era inocente. Meu filho passou a ser usuário de drogas, há uns quinze anos. Esteve em FEBEM, aqui no Tatuapé. Ele era usuário de droga mas morava comigo, com a família. A gente procurou recursos de tratamento, mas foi tudo muito rápido. Assim, logo ele foi preso, tirou dois anos, um ano e dois meses de FEBEM. Ao sair, ele continuou; só que depois ele passou a roubar, furtar... Só que é o seguinte, ele falava pra mim: “Mãe, eu não roubo, não é só pra usar drogas, é que eu tenho amigos de nível melhor do que eu”. Os amigos dele, não era do nível dele, eram de nível melhor, eles usavam tênis de marca, roupas de marca e ele se me pedisse um tênis de marca, ele sabia que eu não tinha condições de dar. E pra ele não se sentir diminuído diante dos amigos que ele conseguiu fazer essa amizade, então ele roubava. Mas ele não roubava somente para droga, era também para seu bem-estar, se vestir melhor, ficar bonito; final de semana, ele ter dinheiro, como os amigos tinham; ele se vestir como os amigos se vestiam. Só que ele tinha um pensamento, ele falava: “Mãe, eu não quero matar ninguém. Eu quero só dar um susto; eu uso arma de brinquedo. Eu só quero dar um susto, eu não quero matar ninguém”. Um certo dia, – eu tinha como provar, mas não podia provar – um certo dia, ele estava com três amigos, e um deles estava com uma arma verdadeira sem balas, meu filho falou assim: “Olha, me empresta essa arma que eu vou tentar fazer um assalto; eu to precisando de um dinheiro”. O amigo dele falou: “Olha, espera cinco minutinhos, que eu vou pegar as balas”. Ele falou: “Não, eu não quero bala”. Então, ele pegou essa arma sem bala e, infelizmente, ele foi assaltar um policial à paisana. E esse policial, treinado – polícia tem treinamento –; então o polícia matou meu filho. Sacou a arma e matou meu filho, assim à queima-roupa. Meu filho tava com o revólver sem bala... no caso, como policial, ele devia prender meu filho, porque eu sou a favor disso: “Eu sou policial, você está preso! Você agora vai pra delegacia comigo e vai pra cadeia”. Ele não devia ter tirado a vida do meu filho. Ele matou me filho, chamou uma viatura de amigos dele e pediu para que trouxessem balas. Colocou na arma do meu filho, as balas, deixou intacto... E, quando meu filho estava morto, ele mesmo levou-o pro pronto-socorro; e se identificou: “Eu sou um policial do Primeiro DP de Santos, me chamo Fulano de Tal, sou japonês”. Isso japonês, veio criança; nascido no Japão. “Sou japonês, sou policial do Primeiro DP, este indivíduo, que aparenta ter 22 anos”, mas meu filho só tinha 18 anos e seis meses, mas aparentemente parecia 22, “esse indivíduo estava com uma arma apontada pra mim e eu o matei em legítima defesa; aqui está a arma

dele, com balas”. Foi feito o velório do meu filho. No velório do meu filho, o amigo dele me chamou, falou: “Tia, o seu filho estava com um revólver sem bala. Porque ele me pediu, porque ele queria dar um susto em alguém pra conseguir um dinheiro pra ele. Eu falei pra ele, mas ta sem bala, eu vou na minha casa e trago as balas. Mas ele falou: ‘Não, eu não quero porque eu não *quero matar ninguém*; eu só quero dar um susto e conseguir aquilo que eu quero, que é dinheiro’. Então, tia, o seu filho estava com um revólver sem bala”. Aí eu falei pra ele, “então é o seguinte, nós vamos até a delegacia agora e dar esse depoimento contra esse policial, que mostrou o revólver *dele* com bala. Ele falou assim: “Tia, você não pode fazer isso, porque assim como o seu filho, eu também tenho um problema na justiça e se a senhora me levar como dono da arma – é uma arma que não tinha registro, era raspada – então eu tenho problema na justiça”. Se tratava também de um outro menor, era um outro menor. Então eu não tinha como pegar aquele menor, levar pra delegacia, e falar, “esse aqui é dono da arma que meu filho estava com ela; o revólver estava sem bala; o meu filho não era para ser assassinado, era pra ter sido *preso*! Preso *sim*, como mãe, eu concordo, assassinado *não*. Meu filho estava com um revólver sem bala”. Mas eu não pude provar, porque eu estaria incriminando um colega dele, que por sinal, ele falou que se eu fosse lá depor, ele não ia comparecer. Então eu não tinha como provar; eu não tenho como provar até hoje. (...) Ele [o policial] botou quatro balas, duas vazias. No depoimento que ele deu, ele falou que meu filho não disparou nenhuma vez, mas que meu filho estava com a arma em direção a ele. Então no casa, ele ou morria, ou matava. Então ele matou meu filho por legítima defesa, mas meu filho não chegou a disparar nenhuma bala; não tinha bala. O dono da arma disse, ó tia, tava eu, tava ele, tinha uns quatro amigos que estavam junto com ele, que falou: “a gente é testemunha, a gente sabe que não tinha bala”. Eu falei, “meu filho, eu quero provar isso, porque esse policial, tudo bem, meu filho estava errado, mas ele, como policial, devia prender meu filho, colocá-lo na cadeia. Como mãe, eu aceito isso, mas matar meu filho sem bala no revólver, sem nada, sem meu filho ter disparado contra ele nada, eu não me conforme com isso”. Mas ele falou assim: “É tia, mas a senhora tem que se conformar, porque a gente não vai poder ir pra delegacia dar esse depoimento”. E ficou por isso mesmo. Ele ta lá em Santos, fazendo o trabalho dele, que Deus ajude ele. Eu sigo uma religião, espírita kardecista, onde se crê na reencarnação; onde crê nas causas e efeitos; então esse policial ta nas mãos de Deus, como o meu filho ta também, né. Mas depois que

ele faleceu, né, antes eu não tinha religião, era uma pessoa sem religião. Depois que ele faleceu eu comecei a buscar algo que me tirasse essa tristeza, né. E foi no espírita kardecista que eu consegui uma esperança; porque é o crer na reencarnação. Porque, segundo eles, ele pode ainda vir para minha família, pra mim, como um neto. Tá entendendo; então, só esse fato dessa religião me dar essa esperança de eu tê-lo comigo ainda, como um neto... sei lá, isso já me alimenta muito, entendeu, já me fortalece bastante. As outras são também boa, a católica, a evangélica, sem dúvida, são religiões ótimas, todas falam de Deus, são maravilhosas, eu participei um pouco de todas elas, mas não crê na reencarnação, acham que morreu, ali acabou, e ali encerra. Então aí me dava uma tristeza, porque eu sabia que eu nunca mais ia tê-lo comigo. E o fato do kardecista crer na reencarnação me deu um fortalecimento, de saber que meu filho ainda pode vir a conviver comigo como um neto. Eu vou ter vários netos... (...) O Fernando trabalhava pela prefeitura, mas numa firma contratada. A gente morava de aluguel, era três cômodos e banheiro. Era um beco, de um lado um muro e de outro casinhas individuais. A minha era quarto, sala e cozinha; três cômodos. Pagávamos 300 reais de aluguel, a cinco anos atrás. Depois que aconteceu isso com meu filho, eu fiquei chateada, porque esse policial, depois que meu filho tava morto, ele levou pro hospital, eu tenho aqui o óbito do meu filho... ele deu dois tiros, mas bem fatal. Dois tiros no tórax, mas como foi de muito perto, formou-se uma cratera muito grande. A arma dele, tá escrito aí no papel, eu tenho tudo comigo, a arma dele era uma pistola, pistola pequenininha... Um tiro só já mataria, mas ele deu dois e como foi assim bem próximo fez uma cratera bem grande. Depois ele levou meu filho já em óbito pro hospital e lá ele deu o depoimento. Meu filho estava sem documento, e ele se identificou, “Eu sou André Luiz não sei o quê – japonês – sou do 1º. DP do distrito de Santos, e eu o matei por legítima defesa, porque o indivíduo estava com uma arma apontada para mim, então não tinha outra alternativa então eu atirei”. Então eu fiquei sabendo onde ele trabalhava, o nome dele, que ele era um japonês; então, depois de um tempo, eu procurei me aproximar desse DP, lá em Santos, e tinha uma lanchonete lá em frente, onde os policiais costumavam tomar café e conversar. Aí eu tava lá, e de repente eu vi uns policiais brasileiros saindo com um policial japonês indo tomar café na padaria. Aí, eu não tinha certeza que era ele, mas eu senti que era ele, pela idade... então eu falei, é esse daí que matou meu filho, então isso me entristeceu muito de saber, de ver a pessoa que matou meu

filho. Saber que ele poderia *agir* diferente, *prender* meu filho, não matar... Então, eu não podia provar que meu filho não tinha bala na arma... Meu filho tava de bicicleta emprestada, de um outro amigo dele; e ele parou a bicicleta, desceu da bicicleta, e apontou a arma... um policial, treinado, ele sabe quando a arma tem bala... era um 38. Então ele viu que meu filho estava com uma arma sem bala, ele viu isso. Mas, têm policiais bons e ruins. Se ele fosse um policial correto, meu filho sacou a arma primeiro, né, ele deve ter observado, pelo tempo que meu filho ficou com a arma na mão, que *não tinha bala*, é tanto que ele teve tempo suficiente de pegar a pistola dele e matar meu filho. Atirar duas vezes, num local fatal, que é o tórax. Têm muitos policiais bons, mas também tem ruins. Então tá, por esse motivo de eu ter chegado a conhecê-lo, vê-lo, saber quem era, saber que ele estava *mentindo*. Eu só olhei de longe, aí senti, é aquele ali, pela idade, que tá no papel, como também é japonês, eu falei, é aquele ali. Mas eu olhei assim, já saí e não quis, nem... Eu não quis conversar até, porque meu filho, para o japonês, ele foi como indigente, porque meu filho não tinha documento; ele deixou meu filho no pronto socorro, deu o depoimento dele e deixou meu filho... Meu filho não estava com documento nenhum; então meu filho ficou, pra nós, pros pais dele, como sumido, porque ele não retornou pra casa e aí a gente começou a procurar em todas as delegacias: não estava. E aí a gente falou assim: vamos procurar onde ele ficava com os amigos dele; a gente foi. A gente não chegou a ver os amigos, como esse que tinha entregado a arma; a gente encontrou outros amigos: “Tia, a gente viu ele só segunda-feira de manhã. E foi segunda-feira de manhã que ele saiu de casa, e foi morto às três da tarde. Então todos os amigos dele: a gente só viu segunda de manhã; a gente só viu segunda de manhã... Então a gente passou a procurar em pronto-socorros. Aí meu marido pegou o foto, e começou a levar a foto nos pronto-socorros. Chegando num pronto-socorro, deu uma coincidência do médico que estava de plantão. Aí olhou assim a foto e falou: “Olha, o seu filho chegou aqui segunda-feira – isso já era sexta-feira – segunda-feira, três da tarde, em óbito. E ele está no necrotério da Santa Casa, ele não tinha documento, eu coloquei no boletim até que ele era um rapaz de 22 anos, que foi o que aparentou pra mim”. Porque ele cresceu muito, ele era muito alto; ele ficou mais alto do que o pai, mais alto do que eu; com 17 anos ele tava mais alto, com 18 então. Aí eu falei pro meu marido, “eu não tenho coragem de ir no necrotério”. Ele falou: “Eu vou”. Aí ele foi com a minha filha mais velha – ele é o segundo filho – e foi reconhecer, só havia

indigente, até que achou... Mas para o policial, acho que até hoje, para ele, meu filho continua como um indigente. Acho que pro policial, ele nem ficou sabendo se “ele” tinha mãe, se “ele” mãe... Então eu fiquei sabendo onde ele morava, a idade dele, a origem dele, tudo dele, eu até pensei em vingança, porque os amigos do meu filho falaram, “tia, se a senhora quiser a arma a gente arruma, a senhora sabe onde ele mora, onde ele trabalha, é um japonês, bem fácil de ser identificado”. Eu falei, olha meu filho, acho que eu vou fazer vingança com as minhas próprias mãos; mas aí eu pensei: vingança não se deve ser vingada com vingança. Eu não acho que seja por aí, como ele também agiu errado, eu estaria também agindo errado em querer matá-lo. Eu estaria agindo certo se euy pudesse levar aquele menino, dono da arma, até a delegacia e falar: esse menino é o dono da arma e a arma não tinha bala. Esse policial devia sair do cargo, ou me dar uma indenização, porque essa indenização ia me dar pra eu fazer algo, que, antes de morrer, se eu tiver dinheiro, eu ainda pretendo fazer um trabalho com crianças dependentes de droga, de 8 anos aos 18. Eu pretendo comprar uma fazenda – não seria aqui em São Paulo, porque aqui não tem terra, nem eu tenho dinheiro pra isso –; no caso, seria um sítio, uma fazenda, onde eu pudesse colocar ali uma sala de computador, enfim, aqueles meninos iam ter ali uma moradia, tratamento para drogados, estudo e cursos. Eles não iriam trabalhar até os 18 anos, eles iriam se formar até os 18 anos. Aos 18 anos eles deixariam aquele local para outros, de 8 anos, entrarem. Esse é um projeto que eu tenho em mente, para crianças dependentes químicos. Foi com amigos que ele se envolveu com drogas, inclusive, como eu disse, as suas amizades não eram com amigos do nível dele, meninos pobres; a amizade dele era com meninos de nível bem melhor, onde era tênis de marca, roupa de marca, relógio, corrente de marca e dinheiro, pra sair de final de semana pras baladas... Então que que aconteceu, no meio desses meninos, tinha um menino filho de um policial. Mas isso foi bem no início da história dele, porque ele começou como usuário aos 15 anos. E aos 15 anos, eles foram numa lan house e lá, coisa de criança mesmo, eles furtaram os “mouse”. Né, quem que... que dinheiro vai trazer isso. Eles furtaram os “mouse”, e pra minha surpresa eu tava em casa e chegou uma viatura: “Seu filho é o Fernando; Fenandinho...?” Sim. “Então a senhora nos acompanha até a delegacia porque seu filho foi pego com outros garotos furtaram uma lan house onde eles entraram pagando e saíram furtando”. Falei tudo bem, peguei meus documentos e fui. Quando eu cheguei no distrito, como mãe eu tinha que

assinar, que ele tinha 15 anos; aí tinha um policial, que eu achei que era do distrito, mas de repente ele me chamou e falou de quem eu era mãe, ele falou assim: “Olha, meu filho estava junto com o seu. Eu não dei essa criação pro meu filho”. Eu também falei assim: “Eu também não dei essa criação pro meu filho. Então o senhor é um policial, eu respeito, não conheço o seu filho, mas pelo que eu to observando aqui, seu filho, e o meu, foi pegado no mesmo delito: entraram numa lan house pagando e saíram roubando ‘mouse’. Então o seu filho e o meu estão no mesmo nível. Se o senhor é policial e deu uma educação boa pro seu filho, eu, sou uma pessoa comum, mas eu também dei uma boa educação pro meu filho. Agora os dois estão no mesmo nível, o senhor não pode me acusar: seu filho botou o meu filho no mal caminho. Como eu não posso acusar o senhor também”. Aí ele falou, “não, eu to de cabeça quente, deixa pra lá, mas eu vou proibir a amizade”. Eu falei: “Eu concordo, eu também vou proibir a amizade do meu filho com o seu”. Aí teve essa discussãozinha lá, né; teve essa coincidência no início da... Isso mostra até mesmo que os filhos de policiais não escapam... O pai não sabia, eu não sabia, mas os filhos eram de nível bom, superior a meu... e o menino dono da arma disse: “Tia, eu não posso ir na delegacia por dois motivos: um porque eu também tenho problema na justiça; o outro, porque se meu pai sabe, minha mãe sabe, que fui eu que dei a arma; seu filho hoje tá morto, e fui eu que dei a arma, vai ter problema na minha casa; pel’amor de Deus, tia, eu to contando isso pra senhora, mas isso fica entre nós, eu não posso depor na delegacia”. E ele também era filho de pessoas classe média, né. Mas meu filho se envolveu nas drogas com meninos de classe média. Começou com maconha, depois... pó, né. Ele não levava droga pra casa, a gente não admitia isso, de jeito nenhum, de maneira alguma, aliás, tudo que era dele era revistado dentro de casa. A gente revistava, então o que ele usava era na rua... O que ele roubava, a gente nunca teve nenhum benefício de dinheiro roubado dele, de maneira alguma, nunca, nunca, nunca! Nunca, nunca, nunca! Às vezes chegava o Dia das Mães, ele chegava e falava, “Mãe, Dia das Mães...” Ele era muito apegado a mim, porque eu tive cinco mulheres e só ele de homem; então desde que ele nasceu, ele foi paparicado por mim; o pai dele era mais bravão, de bater mesmo, ele batia mesmo, ele, ó, baixava o pau; eu nunca bati no meu filho, mas eu conversava com ele, nunca bati nele não, mas eu conversava: meu filho não faça isso: ele falava assim pra mim: “Mãe, a senhora não pode me dar um tênis de marca, eu tô cansado de a senhora ir na igreja e pegar tênis descolado, pegar camiseta de adulto e dá pra

mim vestir; calça folgada, que eu tenho que colocar um cinto pra apertar; eu to cansado disso mãe!” Tênis descolado onde ele tinha que ir no sapateiro colocar uma cola, calça folgada... Então ele falou que ele tava cansado daquela situação. Mas em nenhum desses furtos eu fui beneficiada não; a gente não queria que ele fizesse isso... Chegava o Dia das Mães e ele falava assim: “Mãe, que que a senhora quer?” Eu falava assim: ó meu filho sua presença já tá bom demais. “Mãe, eu vou te dar um relógio”. Chegou a me dar um relógio. Foi a única coisa que ele chegou a dar na vida dele. Não era tão bom não, mas era um relóginho de marca, né. Me deu um bom relógio, foi a única coisa que ele me deu... Eu não guardo porque – eu não sabia que isso ia acontecer com ele – então eu precisei do dinheiro, uma certa vez, sim, eu vendi aquele relógio pra comprar um negócio pra dentro de casa. Então, as únicas coisas que eu guardo dele são fotografias e um moletom; – que ele morreu em julho, agora vai fazer cinco anos dia 10 –, na época de frio, ele tinha comprado um moletom, um mês antes, e ele vestiu umas três vezes, e eu nem cheguei a lavar; ele vestiu umas três vezes e depois aconteceu esse fato dele morrer. Então esse moletom dele, eu guardo como lembrança. Eu não uso esse moletom dele, está guardado comigo, porque tem o cheiro dele. Ele usou três vezes, não foi lavado, e eu não uso, ninguém aqui em casa usa ele. Ta guardadinho. Na época de sol eu deixo ele no sol pra tirar cheiro de mofo. Já vai fazer cinco anos, eu guardo... Já tive mensagens, como eu falei eu frequento um centro espírita, Allan Kardec, kardecista, onde eu recebi mensagem do meu filho; onde meu filho falava pra mim doar o moletom dele. Meu filho falava pro médium e o médium falava pra mim. Falava: o seu filho lhe mandou uma mensagem; a mensagem é pra você doar o moletom que ele deixou. O moletom era um segredo meu. Ele é guardado, eu não tenho guarda-roupa, eu tenho uma mala, ele é guardado no fundo da minha mala. E eu guardo, porque foi a roupa que ele usou por três vezes, não chegou a ser lavada, ta aí ainda com o cheirinho dele. E ele deixou tênis, deixou bermudões, que ele usou varias vezes e eu guardei por um tempo e, sem mensagem sem nada, eu resolvi doar. Eu doei lá em Santos mesmo. Eu peguei os bermudões, tudo “Adidas”, “Billabong”, marcas assim, né, peguei os bermudões, camisetas, tênis, e falei, eu vou doar, né. Coloquei numa sacola, comecei a andar pela rua, aí aquela pessoa que eu sentia de doar, eu falava assim, ó tou te dando; eu não falava nem a origem, porque tem gente que fica sabendo que é de uma pessoa que faleceu fica com medo, né. Eu falava, ó to com esses tênis aqui, com esses bermudões, vai

cair muito bem em você, é seu corpo, então, você quer pra você? “Ô, tia, eu quero sim, tia, obrigada, Nossa, eu tava precisando”. Então, ó, usa, usa bastante e te cuide bem. Então eu cheguei e doei tudo. A única coisa que eu deixei foi esse moletom pelo fato de ele não ter sido lavado. Estava com o cheirinho dele. “Mãe, eu quero que a senhora faça uma doação do meu moletom”. Não tem muito tempo isso não, sabe, essa mensagem que eu recebi. Tem um mês e pouco. Eu to ainda pensando, né. Eu pego no moletom e sinto o cheiro dele, e sinto vontade de guardar. Mas lembro, da mensagem que ele mandou pra mim. E apesar de religião ser igual política, tem muita polêmica, também o espiritismo tem polêmicas de mentiras, né; mas foi verdadeira essa mensagem. Ninguém tinha a informação que eu teria nada do meu filho, muito menos um moletom, e a mensagem foi bem clara: mãe doe o mee moletom. Não. Mas eu já recebi psicografada, já recebi. Mas, logo no início, que ele morreu, eu recebi psicografada. Mas essa mensagem foi um mês e pouco atrás, por sinal eu to ainda... né, eu vou doar, eu vou doar. Eu vou doar porque a mensagem foi verdadeira, esse médium, ele não me conhece, ele não sabe que eu moro aqui; aliás, poucas pessoas do centro sabem onde eu moro, eu chego lá como uma pessoa normal, pra aprender o evangelho. Agora tem uma pessoa de lá que me conhece daqui e que até me ajuda com cesta básica, mas o entodo assim, não me conhece, não; porque eu chego lá como eles, que tão ali pra aprender o fundamento do nosso espírito após a morte. É um estudo; isso daí é um estudo que não ta finalizado. Todo mundo ali ta estudando, cada dia, cada momento, esperando ali a resposta.

[Chega F.:]

...A Karina me ligou, porque eu liguei pra ela, me falou que chegou o cartão, tava na escola, eu fui lá e peguei, ta aqui. Aí ela falou, pô, foi bom, legal; ela falou, “como é que ta?” Eu falei, “tudo bem”. “Como é que tá ela?” Eu falei, “a doida? Ta bem!” Aí ele falou, “pô, agora não dá porque eu to muito ocupada. Dá pra o senhor dá um pulo nove horas da manhã de amanhã? Que eu comprei uns negócios, fiz umas compras, e eu vou mandar tudo pra aí”. Aí eu falei que ia. Ela me falou que ia ligar de noite... E o dinheiro não saiu, ainda. A que que aconteceu, no seu comprovante tem 9,14 do saldo disponível do mês passado...

Eu tentei passar no tudo por um real pra comprar sabão, não consegui... – “Não, não pega esse nove...” (Nilza) – Não saiu, a mulher... – “Amanhã sai...” (Nilza).

N.: Eu tive problemas mentais. Então eu sou aposentada, né. Eu me aposentei em 2009. Eu já tinha depressão; na verdade, o psiquiatra, ele nunca chaga no paciente e fala, “olha, você é uma psicopata; você é isso...” Ele não fala isso; ele receita; ele faz perguntas; ele passa os remédios; e ele dá um laudo pruma perícia. Eu fui pra perícia em Santos; várias juntas médicas, né, vários médicos; até aonde eles me concederam... Dependente, eu tomo oito comprimidos pra dormir, e se eu não tomar, eu não durmo... Olha, a minha depressão, ela vem desde criança; ela vem de quando eu perdi o meu pai. Eu perdi meu pai muito criancinha, muito novinha, uns 7 anos [de idade]. Aí eu fiquei sem pai; e eu era muito apegada a ele, aí eu peguei uma depressão. Eu acho que deve ser por isso. Com o tempo, que eu construí família, fui mãe de seis filhos, praticamente um atrás do outro, diferença de um ano, tal; então isso acarretou mais um problema: o problema começou a redobrar. Então cada vez que eu ia no médico, ao invés de o médico diminuir os remédios, era o contrário, aumentava, aumentava, aumentava e aumentava. Então, com a perda do meu filho: o quadro piorou, de ficar internada, por vários tempos. Mas a perda do meu filho não é a causa da minha depressão; antes do meu filho, eu já me tratava com psiquiatra. Eu nem me lembro de quando eu comecei a me tratar com psiquiatra. Muitos anos atrás, muitos anos. Mas com a perda do meu filho. Nossa, eu cheguei a ficar, eu era magrinha, né; eu passei a engordar com os remédios; a própria doença às vezes faz engordar; mas eu era magrinha, a roupa de meu filho servia em mim. Quando meu filho morreu, eu quase entrei dentro do caixão junto com ele; quando eu vi meu filho de braços cruzados dentro do caixão cheio de flores, eu quis me jogar dentro do caixão; e o momento mais difícil da minha vida foi quando o funcionário do cemitério falou assim, “mãe, eu preciso fechar o caixão” [silêncio] “Eu preciso fechar o caixão”. Aí eu olhei, e sabia que eu tava olhando ali pela última vez... Isso foi a coisa mais triste da minha vida. Aí eu cheguei em casa, tirei a minha roupa, e coloquei uma roupa dele, coloquei um bermudão dele, uma camiseta dele, e um tênis dele, e com essa roupa eu fiquei um mês. Eu não tirei essa roupa, eu não tomei um banho, nem comia. Aí, eu tinha um médico em Santos, doutor Sérgio Priô; eu me trato aqui na Paulista, no Trianon-MASP, lá tem uma psiquiatria, eu me trato lá, mas o meu médico... – “Eu sentei

aqui pra escutar a conversa” (Fernando) – mas o meu médico ele era como se fosse um médico particular, como se fosse da família. Eu morava bem próximo ao Napes, e como eu era uma paciente de muitos anos, eu era muito conhecida por funcionários, por usuários, assim, pacientes como eu, era muito conhecida, né; então quando isso aconteceu, meu médico chegou a saber, e ele foi na minha casa. Então, eu nunca vou esquecer esse médico, ele é do SUS. Mas ele se preocupou comigo, ele chegou na minha casa, eu estava com a roupa do meu filho, sem comer e sem trabalhar...

F.: Deixa ele conversar comigo, eu vou ter que sair, depois você conta a história, deixa eu conversar o que interessa. O que que é meu jovem, fa aí pra mim? A minha cabeça assim, sabe, é muito rápida, viaja. Eu não gosto de ficar assim...

N.: Fernando, dá licença... Ele me procurou pra me entrevistar também. Ele está me entrevistando; ele tava me entrevistando sobre o prédio; só que entrou a fase do meu filho, a fase da minha doença. Mas ele pode interromper e entrevistar você... É que ele [F.] é enérgico, entendeu, enérgico.

[A entrevista pode ser com os dois, ao mesmo tempo...]

N.: Não, não, você pode falar ele, porque o meu caso é um e o caso dele outro, entendeu. Eu tenho um tipo de problema diferente dele. Eu tenho um problema que já foi diagnosticado pelos médicos sem cura, né. Quando aposenta é porque não tem cura. Eu tomo oito comprimidos pra dormir, eu tenho depressão dentro desse prédio. Às vezes, eu saio na rua, e lá eu to bem; ao entrar, eu adoço. Eu tenho depressão aqui dentro, ele é o contrário, ele é o reverso, o avesso. (...) Então, você pode me dar um cigarro; você deixou dois cigarros pra mim...

F.: Não, mas senta aí pra escutar o que a gente vai falar...

[Eu que conhecer a história dos moradores...]

N.: Se a pessoa é paulista, e tem poucos recursos, ou se a pessoa vem bem de longe, se já vem sem recurso. Então, ele quer saber isso...

F.: Mas eu quero saber o que que é. A partir do momento que ele me esclarecer, eu vou dar a minha opinião...

N.: Não ele é da USP, é uma entrevista que não vai sair em jornal, não vai sair em público. É só um trabalho...

F.: Ela quer ensinar uma coisa pra uma pessoa, cara, sabe, é como se eu quisesse ensinar o seu trabalho de jornalismo...

[Eu não sou jornalista!]

F.: Não, não. No caso, ta entendendo? Uma coisa que eu não preciso da explicação dela. (...) Geografia urbana? Não tem nada a ver com a tensão urbana, tem? Ah, eu já li sobre a questão urbana... [O problema da falta de moradia e a enorme quantidade de imóveis desocupados na cidade] Sim, é uma tensão urbana... Quer tomar café?

N.: Olha, tem café limpinho, viu.

F.: Ela não ofereceu até agora, né. [É que ela tava falando...]. (...) Sou. Sou soterapolitano. Capital, Salvador. Eu fiquei até os 18 anos só. Quando eu era garoto, fui sustentado pela minha mãe, meu pai; meu padrasto também. Fiz oitava série. Tive uma... tive umas oportunidades, né, porque fui criado por uma família branca por um bom tempo, de condições, né. Minha mãe trabalho, foi cozinheira, prum juiz, tal. E eu fui criado assim, né. E eles me puseram em escola, banda de música, banda... Tocava um pouquinho, mas a vida fez toda a modificação... [Tocava...] Timba, tambor, cantei muito em beira de praia, com 17 anos; gostava, gostava, adorava. Mas a vida dá outros caminhos. Então eu tive uma vivência assim: eu nunca trabalhei em roça. Na verdade, nunca trabalhei...

N.: Olha, você não me leva a mal, mas eu vou te falar, eu não tenho um copo de vidro; não tenho... [Ta ótimo esse copo...] mas quem sabe numa próxima. To pensando em comprar um copo de vidro, né. Até agora não deu.

F.: ...Então o que que acontece, na verdade, em Salvador, eu quase não desenvolvi a minha área laborterápica, trabalho, né, em Salvador... não, não fiz curso, não fiz nada. Aí o que aconteceu, dava muito trabalho, eu era um garoto que gostava de viver em rua; ficava três dias sem ir pra casa, cinco dias, quinze dias... Ficava em Salvador, nos bares de Salvador, quer dizer, eu frequentava uma área... Não, não era boêmio porque eu não bebia; eu fui beber com 40 anos de idade. Nem fumei novo, eu fui fumar com 35 anos. Quando eu era novo, não fumava nem bebia. Eu estou com 57; é, vou fazer 58. Então, eu frequentava uma área, lavava carro do pessoal daqueles prédios; ganhava um trocadinho de cada um porque não podia dizer que era dinheiro, né. Lavava o carro de um, lavava o carro de outro; ia comprar um jornal pra um, ia comprar o jornal pra outro... Fora da escola: essa vidinha que a criançada gosta, dava vontade e tal. Aí falava, “venha cá, neguinho”; aí eu fala, “vou, vou”; “ó, compra isso, e o que sobrar é seu”. Sobrava o quê, 50 centavos, 80, como se fosse hoje; na época era o cruzeiro. Aí chegava nos prédios: “Cadê a latinha?”; aí eu pegava minha lata de leite ninho, botava arroz, feijão, bife, sentava na escada do prédio; e aí, pá, pá, pá, pá, enchia a minha pancinha, também sou gente, né; aí, e ficava nessa! E aí depois, a vida foi, foi, foi, foi; e umas situações... passei dificuldades: ...juizado de menores, interno; colégio interno... É assim, naquela época não existia FEBEM, que é pra moleques marginalizados, né, que dizem, marginalizados; que na verdade não é marginalizado, quem marginaliza é o Estado, o governo: que marginaliza as pessoas: essa é a minha experiência hoje. Mas na época ele falavam, que eles tinham instituições, não era FEBEM, eram instituições. Pra quê? A mãe tinha lê três, quatro filhos, largava no marido, viúva, separada, não sei o quê, não tinha recurso, não tinha condições, não podia nem dar um café da manhã, laralará; aí essa instituição pegava aquelas crianças de um, dois anos pra frente, não sei mais ou menos a faixa de idade, mas naquela época, mais ou menos assim, dois anos, três anos, que já se movimentasse, falasse, e dava até os 18 anos, estudo, algum tipo de profissão, é ensinamento rígido igual um quartel, você ta entendendo, ensinamento rígido, fazia uma coisa errada era seis bolhas de palmatória; outra coisa errada tinha que cavar um

buraco de 1 metro quadrado e tampar de novo, é, num sol de quarenta grau; as formigas saúvas, desse tamanho, subindo nas canelas, você tendo que bater as formigas em torno de picareta. Então... – “Esse é da Bolívia, nesse prédio tem de tudo, é boliviano, esse é um bolivinha esse menino” (Nilza) – ...então, então, o que que acontece, tinha todo, essa instituição que dava um suporte, no caso, né; a gente olha, a pessoa inteligente olha como um suporte; o ignorante olha... marginalizado até... mas na verdade era um suporte; era um suporte para que aquelas crianças não se marginalizassem, né. E eu passei também, tive minha passagem, fiquei um período de uns dois anos, a primeira vez; depois consegui fugir de lá, o que era muito raro, muito difícil você conseguir fugir e conseguir escapar. Não sei se você já leu uns livros bons igual eu já li; e li muitos livros bons. Então eu li o *Papillon*. Você leu o Papillon, já ouviu falar desse homem, o Papillon?²⁰³ Eu li o *Papillon*. Então era como se fosse a ilha de Dreyffus, na França; pra você escapar você teria que ter muita sabedoria, e eu consegui, depois fui recapturado dentro de Salvador, me mandaram de volta; e eu consegui a segunda vez, e não voltei mais nunca. [Então o senhor se identifica muito com a história do Papillon?] É tem uma linhagem, com uma diferença, que ele já era adulto, formado e tal, e eu um menor sem formação... [Sobre a sua fuga] Meio complicada, sabe. Eles iam atrás de jipe, se me pegasse, me amarrava com uma corda assim ó, e o jipe andando, e você caindo, se ralando todo, porque lá não era asfalto, era estrada de terra, arrastava... Era muito perverso, sabe, muito perverso mesmo. – “Era no interiorzão da Bahia, sabe. Ele nasceu em Salvador, mas essa instituição era no mato...” (Nilza) – ...numa fazenda. Lá cada um tinha um tipo de função. Se eu soubesse lidar com roça, os caras me mandariam pra roça. Se eu sabia lidar com porcos na pocilga, eles me mandariam, como tinha o pessoal que trabalhava só na pocilga, alimentando, cuidando de porcos... Quem trabalhava com boi, ia trabalhar com boi. Quem não entendia nada dessas funções, né, igual eu, criado em Salvador, nascido na Capital, tal, então eu não entendia nada disso; então eles me botava pra fazer curso. Aí meu primeiro curso foi arte gráfica. Que eu aprendia a fazer arte gráfica; fazia cama de boneca, na maquina, conjunto de mesa com cadeira, armário de cozinha, guarda roupa; móveis de boneca, de criança, de menina, né. Montava móveis de

²⁰³ Outra coincidência notável é que o Papillon sempre foi tido como um parente do lado da minha família de minha mãe. Os tios da minha mãe chegavam a chorar ao ler o livro. Sempre houve muita controvérsia sobre o grau de parentesco; por isso alguns diziam que, na verdade, o membro da família era um intelectual, também prisioneiro e companheiro de Papillon, que, no entanto, não conseguiu fugir da Ilha do Diabo.

menina; fazia outras coisas: estilingue. Então, essas coisas todas. E aprender uma profissão dentro daquilo que eles tinham. Aí tinha uns que escolhia barbearia, outros que escolhia ajudante de cozinha, outros escolhia ajudante de padaria, outros ia pra lavanderia, mecânica e tarará-tará. Eu escolhi a banda de música porque eu já tinha uma vontade, gostava e tal, queria aprender a musicalidade, pra aprender o que é partitura, divisão de tempo, e música e tal e essa coisa toda. Só que também não me profissionalizei, só fiquei ali; tipo, to aprendendo mas na verdade eu estou enrolando, né, até o tempo de eu poder fugir e ir embora. Numa época passada da minha vida, eu pensei em procurar o Hector Babenco, que é um grande cineasta brasileiro... trabalhou com ele muitos anos, aquela atriz... [Betânia? Não. Alguma coisa Braga?] ...não... Zélia não sei quê, Zela Dunkan e outras aí... Marília Pêra... Marília Pêra! Ele trabalhou muito com ela, né. Teve uma época da minha vida, aqui em São Paulo, que eu vivi o “estilo noite”, na minha juventude. E eu tive um conhecimento do pessoal, que mexia com essa área, de cinema; na época, né. E eu pensei até em procurar o Hector Babenco, que era um grande cineasta da época, não sei se ainda trabalha hoje. Também tinha o Mojica Marins, que fazia o Conde Drácula, o Zé do Caixão, tal. Eu conheci esse pessoal, sabia onde se reunia esse pessoal; onde eles se concentravam na madrugada. Toda essa coisa, né. Você pega, você começa a conviver, tal. Passa a conhecer o mertier dos caras. E eu pensei mesmo, numa época da minha vida, passar essas histórias e ver o que poderia ser feito, em relação a um filme. Mas depois assim né: você pensa uma coisa, mas você não tem a convicção que você vai conseguir. Você também não tem a grana pra começar a fazer um investimento naquilo. Então você abandona, né. Quando você tem uma grana e tal, você fala, caramba, como eu venho a anos estudando, eu vou fazer um investimento em cima disso. Você tem como fazer aquilo. Então a partir do momento que você não tem, você termina abandonando. E o que que aconteceu foi isso. E aí eu vivi essa minha vida assim, vou pra lá, vou pra cá, trabalho aqui, trabalho ali. Eu fiquei nessa. Aí constitui família... [Hector Babenco] Conheci os caras. Nós jantávamos praticamente na madrugada no “Um, dois, feijão com arroz”, que era um restaurante muito bom que tinha na época, que era na Avenida Ipiranga. Eu cansava de ver eles lá, entendeu. Conversar, conversar, não. Mas eu cansei de ver todo esse pessoal, entendeu: a Rita Kadillac, todo esse pessoal eu via lá. Mas nunca assim me aproximei, porque eu pensava... aí abandonei, né. Então são tudo coisas que a gente... [Quando conheceu a esposa?] 2004, não 84, são 27

anos. E aí as coisas deram outra seqüência, de modo diferente. Aí constitui família; veio filhos; você sem nenhum recurso; sem um bom emprego; sem uma formação boa. Trabalhei em várias coisas; dentro de metalúrgica; trabalhei em fábrica de bola, fábrica de tênis; trabalhei em fábrica de plástico. E aí dá uma mudança na vida, né, porque você constitui família, você não tem uma posição na vida, você não tem um suporte. Quando a gente tem um suporte, vamos supor, um pai e uma mãe, que tem um recurso, né. “Olha meu filho, você precisa de quê pra você não ficar muito aqui no sufoco, pagando aluguel em quartinho, isso e aquilo. Toma aqui essa casa”. Aí você tem um suporte, mas se você não tem nada, sozinho e Deus num São Paulão desse, né, mãe mora na Bahia, pai já foi, já se foi. Então você fica meio que desacoçado; você fica... o que aparece você vai fazendo. Mas você não dá uma seqüência nos seus sonhos. Na sua qualidade, você não tem como dar uma seqüência. Então quer dizer, você não tendo isso, você fica sozinho, perdido. É muito raro uma pessoa assim conseguir seu objetivo. Alguns conseguem, mas é muito raro. A maioria tem suporte, né. Alguns pobres, porque tem suporte também, pessoas que ajudam; um tio, que o apresente, que fale por ele. O Lázaro Ramos, que é meu conterrâneo, gostaria até de reencontrar ele e conversar com ele. É um desses que foi pobre, mas ele teve, além da vontade, e um sonho, ele teve suporte, pessoas que apresentaram, que indicaram, amigos, né. Isso conta muito. E assim foi minha vida, meu jovem. Quando eu conheci a Nilza, engraçado, foi numa época que eu trabalhava na Folha de São Paulo, à noite, e eu conheci ela através de uma amiga dela. Uma amiga dela frequentava um tipo de uma lanchonete, que tinha música ao vivo...

N.: É, nossas histórias, desculpa atrapalhar, são opostas. Sabe o que é *opostas*? [Sim.] Eu sou do interior e trabalhei na roça e ele é do centro de Salvador. Eu tenho uma mentalidade, ele tem outra. Tivemos seis filhos. [Mas são 17 anos já.] Aos trancos e barrancos. Mas tá dando certo...

F.: Segundo... Segundo os... [Os opostos se atraem.] ...os opostos se atraem...

N.: Mas depois se agridem. Eu escutei na televisão um psicólogo falando que os opostos se atraem, só que no final, como eles são opostos, se agridem.

F.: Então aí, é...

[Nesse momento N. me traz um álbum de fotografias de família, inclusive com fotos de seu filho falecido.]

N.: Ele também chamava F., o meu filho. Olha ele aqui... Aqui é ele e aqui é ele. Ele tá aqui atrás, ele era bem pequeno. E aqui tá a família inteira. Aqui tá ele, eu; aqui tá a mais velha que chama Janaína; aqui tá a Marisol que é casada; essa mora comigo com nós aqui; essa mora com nós aqui; essa mora com nós aqui; e aqui é ele. Com nós mora três. Uma, que é essa aqui, mora fora, mas aqui na Vergueiro; ela estuda, trabalha, e divide uma casa com quatro moças. E aqui era ele, aqui tá toda a família, a única foto que estão todos. E essa casada está em Osasco... – “Ponta da Praia, mudaram pra lá” (F.) – ...ah tá, mudou... Olha, a Janaína tem faculdade de pedagogia, de educação física, mas ela trabalha como promotora de eventos... Aqui é ele de novo, meu filho. Aqui é ele aqui no meio. Ele era sempre assim, sabe, do jeito que você tá vendo ele aqui dando risada; é do jeito que ele era, pra ele não tinha tempo ruim. Deixa eu ver se eu localizo... Olha ele, é o primeirão da frente, ele tá com essa camiseta. Aqui é uns... um pessoal que a gente conhece em Santos que, é gente boa, trabalha na Receita Federal, e ele tem um padrinho, ele tinha um padrinho quando ele era vivo; ele tá aqui no meio. Aqui ele era bem pequeno fantasiado de carnaval; aqui é um segurança. [Um cavalo...] Um cavalo, festa caipira. É ele bem pequenininho quando dançava. Acho que nós estamos retornando tudo... [Essa casa era de vocês?²⁰⁴] Não, não, a gente tomava conta. Nessa época a gente era caseiros. – “Se tivesse uma casa dessas, eu não taria aqui. A mulher vendeu por 400 mil na época. Uma portuguesa riquíssima lá em Santos” (F.)” – Esse tempo aqui ele tinha 10 anos, tá vendo onde vinha a bermuda dele? Ele não se conformava com isso. Tá vendo onde vinha a camiseta dele? Ele não se conformava com isso. Mas nessa época, ele se conformava. [Hoje até tá na moda...] É, hoje tá na moda. Mas era o que eu podia dar pra ele, uma camiseta de adulto e uma bermuda que não pega... Aqui já não tem ele, aqui sou eu, o F., essa mora com nós é a Sasha, essa que mora com nós é a Mikaela, essa é a casada, essa, que mora com nós, é a Natali. Eu até queria entrar no

²⁰⁴ Comentário deveras impertinente.

“site” da Xuxa pra falar pra ela, que eu fui uma pessoa que acompanhei o trabalho dela, e eu gostava muito dela no tempo das paquitas, sabe, e eu tive uma oportunidade de quando eu estava grávida ela também estava grávida. Aí antes de ela ter a filha, ela falou: “Eu vou ter uma filha e vai se chamar Sasha”. Eu também estava grávida, mas não sabia o que que era. Eu falei, “se for uma menina também vai se chamar Sasha”. Foi uma menina e eu registrei como Sasha, igual a filha dela. Eu gostaria de entrar no “site” dela, mas as meninas vão pro telecentro e eu não consigo.

F.: Vamos retornar o nosso assunto. Você tem como, assim... é, entrar em contato com alguém que faz um livro, escreve um livro? [Não, esse trabalho que eu fiz é restrito à Universidade...] Não, porque eu ia tentar te ajudar dentro do seu trabalho, eu ia fazer um trabalho, pra você, de uma pessoa que saiu de uma rua, morou num quarto, invadiu uma casa, tal, e eu ia dar todo o seguimento. [Mas é a sua história?] Eu queria poder conhecer, sabe, eu to muito fechado no meu eu, eu queria poder conhecer pessoas... [Do mercado editorial, eu também não conheço.] ...porque a pessoa fala, eu tenho um conhecimento de uma editora, aí eu vou, e dou seguimento. Pra pelo menos deixar alguma coisa feita por mim. Mesmo que não fosse pra ganhar dinheiro, mas eu queria deixar escrito... Eu não tenho um diário, mas a partir do momento que eu me dispus a fazer um trabalho desse, eu vou me lembrar, mentalmente, parte por parte. Eu quero mesmo fazer um livro meu, que não seja nem pra vender, tipo, exclusivo, eu quero ter um exemplar meu pra elas verem mais tarde, entendeu, pros netos ler. Esse foi meu vô, tal, ele passou por isso e tal, pô, ele conheceu isso. Eu acho que é uma coisa muito importante. É uma pena, sabe, que eu não aproveitei minha juventude. É uma pena mesmo! Não aproveitei porque eu devia ter me formado, eu tinha capacidade pra isto! Condições financeiras não, mas capacidade eu tinha, competência, e então eu deixei tudo passar. Mas hoje, assim, eu fico vendo, cara, eu fico vendo que eu passei pela terra e não fiz nada. Não, não, não, não, não. Eu não fiz nada, cara. [Mas esse seu trabalho aqui no Prestes Maia?] Não, não. Eu não deixei nada pra minhas filhas, pra eles passar pros filhos deles. Eu não fiz nada! Cê tem que deixar alguma coisa. [Você acha que alguém deixa alguma coisa?] Deixa, deixa. É fácil, é simples você ver; uma pessoa que foi um Lula, ela ta deixando; um vereador, deixa alguma coisa. [Um vereador, será?] Deixa, deixa: a história dele. Ele tá deixando. Daqui uns quatro anos, que

ele foi um vereador... [Muitas vezes a história não é muito boa, né.] Não, não, não... [Mas voltando ao tempo que você conheceu a sua esposa...] É o que eu to falando, eu até coopero com o seu trabalho, mas eu queria ver o seu trabalho mais aberto pra mim. Eu quero um trabalho mais aberto, até mesmo porque eu tenho uma vontade de fazer alguma coisa pra mim, entendeu. Então... se não for pra mim, e eu ver que eu não vou aparecer em nada... e vai continua a mesma coisa, que até hoje eu continuo... Eu não tenho ânimo pra fazer esse trabalho. Eu quero assim, procurar alguém... é que agora eu to meio apertado, esperando as coisas acontecerem mas quando isso acontecer... [O senhor não quer contar como veio parar aqui?] É como eu estou dizendo, é tudo uma sequência de situações, e se tudo é sequência de situações e eu não estou envolvido nela, não tem sentido, eu estou envolvido mas não estou... Eu quero estar no topo. Ali...

N.: O que ele quer dizer é o seguinte, que o movimento é o MSTC, não é isso? Mas o nome dele não está na história do MSTC. Ele é apenas um morador, é isso que ele quer falar pra você. Ele está na história, por estar morando no prédio, por estar a espera de um benefício. Mas ele sonha alto. A Neti, ela tem uma história, ela é diferente de nós.

F.: A Neti não é só uma moradora. [Mas ela ta há muitos anos...] Mas se você quer saber, eu comecei primeiro. Só que eu não tinha ligação com *movimentos*! – “O MSTC não existia naquela época” (N.) – Não existia, porque começou em 2000. Eu em 91 já tava morando em casa velha arrombada. – “Nós moramos, nós moramos – o MSTC tem 10 anos de luta – há muitos anos atrás, antes do MSTC, tinha no Glicério, em frente a igreja Deus é Amor, um viaduto onde morava – ...‘quarenta e oito famílias’... (F.) – onde morava quarenta e oito famílias, quer dizer, nós era uma delas. Nós morávamos debaixo do viaduto, era tanto rato, que um dia eu tava deitada assim, o rato pegou assim no meu dedo, me puxou, entendeu... Só que na época, não tinha movimento tipo MSTC” (N.) – Não era só movimento; naquela época eu não fui orientado; eu não tive uma orientação, eu não tive pessoas do meu lado que falasse pra mim assim: “Olha, você é o líder dessas cinquenta famílias, a gente vai te encaminhar pra isso, pra você arrumar as coisas pá pá, pra as pessoas; eu não fui... Eu pegava sessenta cestas básicas do Nuno Leal Maia, eu que pegava. – “O Nuno Leal Maia deu muita coisa, muita cesta básica” (N.) – Eu que ia buscar, com a carrocinha. – “Morava

tudo debaixo de um viaduto no Glicério” (N.) – [O Nuno Leal Maia dava cesta básica?] Dava, ele dada! Ele dava pelo Panamericano do Silvio Santos. Eu ia buscar lá, na Brigadeiro. – “A gente não via ele, mas a gente sabia que era doação dele” (N.) – E outras coisas que eu fiz; “ticket-leite”, na época do Paulo Maluf, tudo era eu que conseguia. Mas eu não tinha ninguém que me orientasse. Eu não vou contar uma história pra você, que é até mesmo pra te ajudar no seu trabalho, mas que eu estou de fora.

N.: F., F., calma, calma. É assim, ele não pode lhe ajudar no sentido que você quer, ele quer um nome na história... [Isso é verdade.] Mas você pode cooperar...

F.: Eu não estou falando disso. Eu estou falando que eu gostaria de fazer um trabalho, mas fundamentado dentro daquilo que era a minha visão e não na visão de segundos e terceiros. Eu quero aquilo que é dentro da minha visão. Nem dentro da sua, nem dentro da dele, nem dentro da de ninguém. Mas dentro da minha visão. Se saí da minha visão, eu não faço o trabalho.

N.: Você sabe quem você tem que procurar? Procurar o Caio; procurar a Nazaré Brasil, ela que você tem que procurar...

F.: Não é isso, eu tou te falando. Eu tô falando que dentro de minha visão... Entendeu? Independente que seja ator, atriz; é *den-tro de mi-nha vi-são*.

[Na verdade, eu sou pesquisador; isto é uma pesquisa de caráter científico, dentro das ciências humanas, como o senhor falou da tensão social, o MSTC é um movimento importante no contexto atual de nossa sociedade. Por exemplo, quando o MST surgiu (...)].

F.: ...O trabalho deles [do MSTC], eu reconheço, é um trabalho muito importante; mas eu tenho até uma ressalva sobre isso, que na verdade eu sou até assim, bem quisto, bem quisto, com os líderes, eu tenho um relacionamento assim... como eu posso dizer? Não é muito confiante, porque não é a longo prazo, né. Eles não sabem das minhas lutas que eu já tive, do que eu já fiz, do que eu sou capaz; eles não sabem. Também nunca senti oportunidade

de passar, pra eles, detalhadamente. “Caramba, esse é cara, que pode estar junto com nós”, por estas questões. Eu já passei, em algumas situações, em bate-papo e conversas, eu deixei a demonstrar o meu conhecimento. Mas você sabe que hoje nós vivemos um mundo politicamente [de repente, aumentam o volume do som de uma TV e uma música ressoa por todo o ambiente] politizado... Certo? – “Tudo ta na política” (Nilza) – Tudo é política. Então se você apresenta uma ideia e você não tem condições, recursos, de dar asas nas suas ideias, e as ideias forem boas, ninguém aproveita elas. Então, assim, eu não tou falando exatamente, restritamente, do MSTC; eu tou falando de todo mundo... Se eu for convidado, é uma coisa que eu gosto de fazer, acredito que é uma coisa assim que eu tenho uma pequena vocação. Gosto, já iniciei há anos atrás, mas de uma maneira errônea, porque eu não tinha conhecidos... Olha, pra você ver como eu não tinha tanto conhecimento que, na época, o Paulo Maluf tirou todo mundo debaixo do viaduto, construiu umas casas em Diadema, e deu uma casa pra cada um lá em Diadema; só que foi numa área de risco, que eles fizeram essas casinhas. E com três meses deu uma chuva tão forte que encheu a pista até em cima, que derrubou três ou quatro casas; a chuva derrubou três ou quatro casas, e quando a chuva derrubou, ele retirou todo mundo dali e levou prum “shopping” abandonado em Santo Amaro, e botou todo mundo lá e largou lá ao Deus dará. Largou lá, ao Deus dará. A única coisa que eles fazia, é que eles nos entregavam a cesta básica e o “ticket-leite” pra distribuir pras famílias – “Isso há muitos anos atrás” (N.) – Isso em 89, pra 90. 91, mais ou menos. Daí o que aconteceu, quando foi um ano depois ele mandou me chamar na Secretaria de Habitação, o secretário de habitação, cheguei lá e ele falou, “Me dê a lista das famílias que moram ali”. Aí eu dei a lista, ele mandou eu chamar todo mundo, dez por vez, pra pegar dois mil, o valor de dois mil reais, e cada um tomar seu rumo. E assim eu fiz. Mas se eu tivesse aprendido como fazer a luta, se eu tivesse alguém pra me orientar, aí eu teria pego todo mundo e ó, cada um pega dois mil e cada um vai pra lá, vai pra cá, vai... – “Aí tava todo mundo na rua, de novo. Com dois mil você continua na rua de novo” (N.) – ...quando surgiu o real era um bom dinheiro, em 94. – “Mesmo assim, não dá, não dá pra comprar uma casa” (N.) – Nós ainda fizemos diferente da maioria, porque eu tinha um conhecimento com um pessoal em Peruíbe, no litoral. Aí lá tinha terrenos da prefeitura, que era barato, eu corri pra Peruíbe e comprei uma casinha lá com esse dinheiro. – “Um barraquinho” (N.) – Eu morei um tempo lá. Depois vendi e fui

embora. Mas é se eu tivesse conhecimento da luta, de como que eu agiria, com calçado, co suporte atrás de mim: de um advogado, de alguém da prefeitura, de um vereador... Teria sido diferente, ali a luta. Pra todo mundo, pra todo mundo. Não pra mim só, pras cinquenta famílias. E eu tomava conta, você tá entendendo. Então quer dizer... [Sobre o viaduto] Nós morava de aluguel, aí um pessoal me convidou: “Olha, tem um espaço enorme” que era dos bombeiros, antigamente era dos bombeiros, “e tá abandonado”, e era muito grande. Aí nós fomos lá, invadimos e ficamos morando. Só que aí o Paulo Maluf, queria a área de volta. Pra ele querer a área de volta, ele teria que tirar as famílias que ali estavam. Aí eles fizeram um tipo de um sobradinho, de praca pré-montada, lá em Diadema, num bairro de nome El Dorado, do lado do Bacuri; só que depois houve um problema, que caiu as casas; foi feito em área de risco. Aí ele pegou todo mundo, pôs lá num “shopping”, no Largo Treze, abandonado lá. Só que o que eu to te falando é que se eu tivesse conhecimento da luta, hoje; se fosse hoje... Se me tivesse alguém que me orientasse, eu começaria uma luta... Você tá entendendo meu ponto vista? Eu tinha a cabeça pra começar uma luta, borrachada, paulada, isso pra mim não é nada, eu toma corretilhador aos 13 anos no juizado, murro e palmatória. Então borrachada da polícia... Tem pessoas que se sentar e conversar comigo, vai entender onde eu quero chegar. Não é que eu sonho alto. Não é que eu quero ser ator, que eu quero ser cantor. Não é. Eu quero desenvolver um trabalho dentro daquilo que eu tenho capacidade e competência. Que é o que eu acho que eu tenho uma competência. Mas na questão aqui, veja, eu corro por fora. Eu sou só morador. [Mas você é coordenador de andar?] Mas leva tempo, leva tempo... – “Coordenador de andar, você quer saber, não ganha nada. Sabe o que é coordenador de andar? Tem é pepino. Por exemplo, ele é coordenador de andar, chuveiro queima, ele que tem que colocar; a pia entupiu, ele tem que desentupir; a privada entupiu, ele tem que desentupir... Tem a lavagem da escada, ele tem que... entendeu? Então não ganha nada e o nome dele não ta em lugar nenhum. – ‘Só como um dependente...’ (F.) – Uma responsabilidade; um dependente de responsabilidade” (N.) – Eu consto na prefeitura como só mais um morador. Não consta lá eu como coordenador de base, coordenador de andar; não consta. Quando saí os méritos, eu não levo nada dos méritos. [Será que não?] Ô meu, eu tenho 58 anos, né meu irmão, olha os cabelos brancos. Vamos respeitar, né. Ó os cabelos brancos; experiência demais. Aí você vai fazer eu falar o que eu não quero, porque ó os cabelos brancos. É muita experiência, na pele. Comigo tem

que escrever e ler, se escreveu não leu, o pau come. Porque ó a experiência. Se eu to falando que não sai nada... relacionado a mim é que não sai; agora pra quem ta na frente... aí o nome sai. Tem emprego com a prefeitura; candidato a isso, a vereador... Tá com o nome no topo, mas não é o meu. O meu só se for daqui a dez anos. Daqui a dez anos eu to querendo é me aposentar, com 66 anos de idade, 67. Tá bem tranquilo, no meu terreno, olhando pros pássaros; tá batendo a perna no interior; eu quero ta assim daqui a 10 anos. [O sonho da casa própria] Relacionado a esse lado, sim. – “Relacionado a esse lado... – ‘Relacionado a esse lado...’ (F.) – “...o nosso sonho é... – ‘...o mesmo de todos’ (Fernando) – ...o mesmo de todos aqui, uma moradia” (N.) – Uma moradia, uma carta de crédito, é um CDHU, o local onde for... É o sonho de todos que aqui estão. O meu não pode ser diferente. Agora pessoal: eu tenho os meus. [A sua esposa estava me contando sobre uma clínica, numa chácara, para crianças dependentes de drogas...] É a gente pensa nisso. E até pensei em começar do nada. Mas não tem como. Porque ninguém vai chegar em mim. e dizer, “eu vou te doar uma terra”. Ninguém vai fazer isto. – “... é, que nós compre a terra...” (N.) – Eu vou ter que ter o dinheiro, cara, e ninguém vai me doar essa terra. – “...É, porque uma casa de...” (N.) - Posso terminar, por favor? Ninguém vai me doar essa terra. Ninguém vai me doar um material pra eu construir um espaço, os utensílios que eu vou precisar para usar dentro desse espaço. Que é cama, panela, isso e aquilo, e fogão, pratos... De alguma maneira pra eu desenvolver esse trabalho que ela sonha eu fazer, de alguma maneira vamos ter que ter um começo. Um começo. Tendo esse começo, as parcerias vem, craro. É só ir buscar que aparece. Mas antes tem que ter esse começo. E pra ter o começo tem que vim o dinheiro. E sem o dinheiro você não começa. Se você tiver com fome e não tiver dinheiro você não vai comer. [E você está trabalhando em quê?] Não. No momento eu to parado. Eu não tenho renda. [A renda vem da aposentadoria da Nilza.] – “Um salário mínimo” (Nilza). – Esse questão [de não pagar o aluguel], essa questão está correta. Sonho pessoal, cara; sonho pessoal! Isso tem que ter uma forma de se desenvolver. Você não vai viver a vida inteira comendo arroz-feijão, e achar que está bom. Se um dia você puder comer um contra-filé, melhor pra você. Se um dia você puder, ao invés de um copo d’água, você puder tomar um refrigerante, melhor pra você. Então é isso. É tudo como uma necessidade fisiológica que a gente tem. O crescimento, também é uma necessidade, do ser humano. Se você fica querendo que eu fique parado onde eu estou; você ta querendo discriminar a minha

inteligência. Todo mundo quer crescer. Você está estudando pra quê? Pra crescer. Não só como pessoa, mas sua mente também. Então não vai querer pegar um cara como eu, de 58 anos, muito vivido, e dizer, “ta bom pro senhor assim”. Mas sabe porque eu to falando claramente pra você? Porque tem pessoas que agem assim. Se você falar que você pensa em crescer, que você sonha em se melhorar. A pessoa fala: “Não, pô, você não tem moradia, alimentação? Ta bom. Tem gente que nem isso tem”. A pessoa vai falar isso pra você... [Você me colocou um problema que até então eu não tinha pensado, eu tinha uma visão romântica...]

N.: O que acontece aqui, meu amigo, é o seguinte. O objetivo é um só, moradia; mas só que tem aqueles que se contentam com um benefício que ninguém sabe qual é, esse benefício está por vim. Ninguém sabe qual é, mas está por vim. Então tem aqueles que se contenta com aquele benefício que está por vim. E está ótimo, realizou o sonho. Tem aqueles, que é caso dele, que é sonhador, entendeu. Então ele... esse benefício que vai vim, que ninguém sabe qual é, ninguém sabe se é uma bolsa-aluguel, pode ser um apartamento também, uma carta de crédito; tá por vim algum benefício desses. Então, no caso dele, e creio que de mais alguns, são quatrocentas famílias, então tem muitas opiniões... Tem muitos que acham que aqui ta bom, mas ainda precisa mais. Crescer mais, né.

[Vocês acham que foram vítimas da sociedade, da desigualdade social]

F.: Se for falar por esse lado, desde de minha época, de 65, que eu conheço a rua, desde 1965. Você nem era nascido, tem menos de 40. Desde essa época que eu conheço a rua. Então, a sociedade é... é discriminadora, em todos os aspectos, não só de pobreza, ou cultura, mas de pele, religião e tudo mais. E é claro que se você vive numa sociedade, como dizia o meu contrerrâneo, falecido, Raul Seixas, se você vive numa sociedade machista, se você é fraco, você não vence. Fraco que eu digo, não fisicamente, mas culturalmente, financeiramente... Então, desde minha época, eu sei o que é preconceito, eu sei o que é racismo, eu sei o que é tudo isto. Eu tenho passagens na vida, cara, que se eu conto para uma pessoa nos dias atuais, nego não acredita, acha que eu to fantasiando. Mas foi real. Eu sei que foi real porque eu vivi essa realidade. Uma vez eu tava na beira da praia, e quatro

“playboy”, assim, no seu estilo, branco, com quatro moças brancas: “Esse neguinho já andou de lancha?” Eu nunca tinha subido numa lancha, eu nunca tinha posto o meu pé em cima de uma lancha. Aí eu falei: “Não, não, nunca andei”. “Então vamos passear de lancha com nós!” Eu subi na lancha, com eles; quando chegou a uma distancia que você via as pessoas do tamanho de um buraco, eles pararam a lancha... [Fernando reproduz o barulho do motor desligando com a boca] Aí um me pegou pelas pernas, outro pelos braços. Advinha? Me jogaram na água. Sabia, eu nadava muito! Aí foram com a lancha lá na frente. [Barulho do motor] Aí chegou lá na frente, fizeram a volta com a lancha... [Barulho do motor] Aí ficou de frente pra mim, e eu no meio da água, com a cabeça fora d’água. [Motor desligando] Eles ficaram de frente pra mim... [Barulho de motor, como se fosse de uma moto] Aí sabe o que fizeram depois? Em velocidade [Intensifica o barulho do motor, num volume bem alto] pra me atropelar dentro da água. Tá ligado, meu irmãozinho? Cabelo branco aqui conta pra você a real, meu filho. Tá, é experiência mesmo. Aí eu pensei, se eu nadar, a lancha me alcança, rapidão, eu era moleque esperto, com 15 anos de idade: se eu sair a nado os caras me pegam. Eu falei, já sei, vou deixar ela chegar perto, mergulho pra baixo. Foi assim que eu fiz, fiquei tomando fôlego [Fernando reproduz ruído de respiração ofegante], com a cabeça fora d’água e olhando pra lancha, e a lancha [Barulho de motor] quando ele chegou a uma distância aí eu... só virei o corpo e vau, vau, vau, vau, pra baixo, aí eu virei assim, quando eu virei ficou tudo preto, que a lancha é pintada de piche por baixo, aí escurece a água, e aquele monte espuma da hélice. Você já pensou se aquela hélice me pega, cara. Só pedaço, não puxa, não, só pedaço ia ficar... Você vê, a maldade do branco. Então, cara, e foram embora, e me largaram lá. Aí eu vim a nado, devagar, parava, braçada, sabia nadar, e fiquei com medo de praia. Tanto é que hoje em dia quando eu vou pra praia nem banho de mar eu tomo. De tão enjoado que hoje eu sou de praia. Eu morava em Praia Grande, raramente eu tomava banho de praia. Na verdade, eu ia na praia, sentava, fumava um cigarro e depois ia embora. Não gosto mais de praia. E eu fui criado na beira da praia. Com oito anos de idade eu já sabia nadar. Então, são tudo coisa que se eu conto hoje em dia o pessoal fala que eu to fantasiando, mas eu vivi isso daí. Sabe que é um cara botar a mão no bolso, e falar assim: “Neguinho, te dou 1 real”, hoje é como se fosse 1 real, na época era cruzeiro. “Neguinho, te dou 3 real, pra você ir no fundo do meu ônibus e ir até o ponto final”. Motorista do ônibus falar isso pra mim, pra você ir na

rabeira do ônibus. “Te dou 3 real, pra você ir até o ponto final”. Atrás no ônibus, agarrado. E ele sair numa carreira [Barulho de motor] e ele fazer curva. E eu garrado, ia pra lá, ia pra cá. De vez em quando, dava freiada. Eu batia a cabeça na lataria e garrado, até o ponto final pra ganhar três real. Era moleque, cara. Desafiava o perigo. “Eu to dou 2 reais pra você pular daqui da ponte”. Avenida do Contorno, lá em Salvador. A ponte bem alta e o mar, pedra de um lado, pedra de outro: e um buracão bem assim no meio. Três real. Me dá. E pulava lá de cima. Pááááááááááá dentro da água. Depois subia num paredão que tinha, de barro, pedra, de terra. Saia na rua, em cima. Então, cara, eu sou um cara que vivi as coisas na pele. Então, não adianta as pessoas falar as coisas pra mim... se eu to conversando com uma pessoa e eu perceber que aquela pessoa ta querendo *diminuir*, assim, um pouco da minha sabedoria, eu já... [Eu não estou diminuindo nada...] Por isso que eu te falo se eu tivesse condições eu teria me formado. Eu tinha capacidade. [Sociedade desigual] Extremamente desigual. Você vê, os ratos... Os ratos não... Quer dizer, ontem foi preso... “skinheads”. Ontem foi preso quatro caras, e um deles, em 2009, jogou uma bomba na “Parada Gay”, e feriu várias pessoas. Ele foi condenado 10 anos. Ontem eles foram presos de novo, fazendo o mesmo trabalho, e continuam na rua. [Espancando moradores de rua] Então quer dizer, é igual a sociedade? Só porque os caras é filho de juiz, disso ou daquilo. Os caras pegaram lá em Brasília, há uns anos atrás, e tocaram fogo em três índios. E um dos caras era filho de um parlamentar; e os caras foram preso? Não foi. Agora o cara vai ali, passa num supermercado, pega uma caixa de leite... os caras vão dar cinco anos de cadeia para esse cara. Entendeu. Então é desigual. Fernando Collor de Mello, travou o dinheiro de todo mundo nos anos 90, foi expulso da presidência. Agora ele é senador, está de volta. Então é um país desigual, cara. Se for contar todos esse casos, você vai ficar dias, anos, não termina. Então é um país desigual, mas se você tiver um recurso, financeiro, um suporte, pra melhorar, então você tem o que os caras quer; que é um recurso e um suporte. Então é o que eu falo, eu gostaria de apresentar um trabalho, voltando ao assunto, eu não sou diferente de ninguém que ta aqui, sou igual, só que com coisas pessoais minhas, que eu gostaria de apresentar um trabalho, de ter uma pessoa que pudesse me dá um suporte, de levar toda essa experiência minha, que eu tenho, de uma terra... ou de alguma coisa nesse sentido. Eu quero demonstrar o que eu tenho dentro de mim de conhecimento. Então, eu não tenho interesse de passar essa história simplesmente por passar, porque eu não vou

aparecer dentro de minha própria história. Entendeu. Claro que você é uma pessoa que ta fazendo um trabalho e o que eu puder colaborar...

N.: O trabalho dele é o seguinte, pelo pouquinho que eu pude entender, não sei se eu to certa ou to errada. Se eu tiver errada você me corrige. O trabalho dele é assim: nós estamos numa ocupação, então, de onde, aonde nós estava, pra vim pra ocupação; o que nós fazia... é mais ou menos isso? Ou to errada? Assim, aonde é que eu tava pra vim pra cá; mais ou menos isso? – “No contexto, é uma história de vida” (F.) – [É uma história de vida...] É uma história de vida mas que ela é... é simplesmente uma pesquisa... [Sim, porque esta história de vida coincidiu, em algum momento, com a história do Prestes Maia. É uma história que está ligada ao movimento. Nós recolhemos esses dados, depoimentos de diversos moradores, e tentamos generalizá-las ou descrevê-las numa linguagem que é adequada ao discurso científico, exigido pela universidade.]

F.: Sobre o movimento eu não posso falar porque eu não faço parte do alto escalão. A minha pessoal é como eu falei, eu gostaria de desenvolver de uma outra maneira. [Mas é importante porque vocês falaram que já moraram debaixo do viaduto...] Não, eu já morei em diversas situações, que dá uma linda história até. Mas eu não... Inclusive a minha filha mais velha, ela tinha uns 18 anos na época, há uns seis, sete anos atrás, ela tinha uns 18 anos e ela fazia faculdade na Unimonte, ela é formada...

N.: Ela tem várias formações; ela é professora de educação física... Vai fazer 25 anos... só que no momento ela quer trabalhar na aeronáutica. Ela já fez duas vezes o concurso e foi reprovada. Então como ela está estudando, ela não tem tempo pra trabalha no emprego fixo; que que ela faz? Ela é promotora de eventos. Então ela viaja muito: vai pra Barretos Campinas. Então quando ela faz um evento, ela ganha uma quantia. Só que aí ela pode ficar dois meses sem fazer um evento. Aí ela vai gastar aquele dinheiro que ela conseguiu, né. Mas ela falou pra mim, que ela não pode pegar um emprego fixo. Pelo fato de ela estar estudando, entendeu.

F.: Então deixa eu terminar, para eu poder concluir. Há uns seis, sete anos atrás, ela tinha uns 17 pra 18, mais ou menos isso, e a gente conversando sobre minhas coisas, inclusive, sobre minha vida pessoal. Conversamos muito. Inclusive, eu passei toda a minha experiência de vida, né. Disse pra ela: “É uma pena, né, que eu não consegui o meu lugar ao sol, pra hoje eu poder te ajudar mais. Mas, dentro daquilo que foi possível, pra mim, tal, dentro das minhas condições, tal, eu te criei até aqui, né, e assim tal...” E conversando, e ela falou assim: “Pai, você é uma pessoa que teve tudo pra ser alguém; e o senhor deixou tudo passar”. Eu falei, “é, as coisas acontecem na vida da gente, e a gente às vezes não percebe, que as coisas passam”. “É, mas vamos estudar, o senhor tá com quarenta e poucos anos; termina o terceiro ano, e faz uma faculdade de alguma coisa, eu lhe ajudo e tal”. Eu falei, “não, não quero mais”. Então, na época ela falou assim... “Quando o senhor puder comprar um computador, a gente vai sentar, e o senhor vai relembrando toda a sua história de vida, que eu vou fazer direitinho e depois eu vou procurar... a gente faz e tal”. Eu falei, beleza. Só que depois ela foi morar em São Paulo, ela tinha 20 anos; faz quatro anos que ela mora pra cá; e nós só ficamos pra lá. Ela ia só final de ano. Férias. Ficava só um dia, dois dias, depois ia embora. E o tempo passou e a gente não procuramos fazer esse trabalho, que a gente ia começar. Mas eu ainda penso quando as coisas derem uma alavancada, eu sair daqui. Tiver uma condição melhor, uma casa mais situada. Eu moro aqui. Até pra ela ou algumas pessoas eu estou à vontade, eu estou gostando. Não. Eu sou uma pessoa que nunca tive problema de saúde, mas ultimamente eu não consigo dormir; eu não consigo dormir direito. Eu fico a noite quase toda acordado. Então, eu estou esperando isso aqui se resolver, pra mim me centrar... acordar desse pesadelo, isso aqui não é um sonho é um pesadelo. Pra eu falar assim: bom, acordei, aqui é a realidade, a minha realidade. Aí eu vou começar a ver se eu faço esse trabalho. Eu até tenho, desde de novo, desde molecão, sempre uma tendência a escrever. Eu componho umas letras musicais, tal, tão aí bem guardado, minhas letras. Teve um tempo desse que ela me apresentou um cara, tenho até o cartão dele, me apresentou, tá aqui... [“Tatu Martins: produção musical & estúdio de gravação...” O senhor procurou?] Não. Não procurei. Porque eu tenho umas três letras pra terminar e de um tempo pra cá eu não to com inspiração. Muito problema, muita coisa. Ultimamente, você sabe que você tem uns problemas. Aparentemente você não demonstra, mas intimamente você sabe que você tem uns problemas. Se você mata alguém, mas ninguém

viu, ninguém soube, mas você sabe que você matou alguém. Mas, tá com você, aqui. Então. Eu estou com muitos problemas, ultimamente, de um tempo pra cá. Tiraram assim a... a... aquela vontade de eu fazer um negócio, tentar fazer outro; sentar assim nas horas vagas e olha minha agenda; completar aquilo que eu deixei pela metade. Mas eu penso nisso, sabe, não assim pra ganhar notoriedade, fama. Não é pra isso. É pra mim, assim, comigo, quando eu tiver, não sei, Deus é quem sabe, é 70, 80, porque eu acho que eu vou viver essa faixa, porque minha família bem, viu. Eu tenho um tio que tá com 110 anos. Então a genética de viver é muito boa na minha família. Só se me acontecer alguma doença, algum acidente grave. Mas pela genética da minha família, eu vou viver uns 75 anos, ou pra mais. Então eu gostaria de quando eu tivesse uma faixa de idade dessa, deitado na minha rede, ou em cima da minha esteira; que quando eu tiver com condição eu comprar uma esteira. Pra eu forrar a minha esteira assim, num lugar, numa lateral, botar um travesseiro, pra minha cabeça, né... Esteira, esteira mesmo, de palha! pra me lembrar como que eu nasci, assim, nasci em cima de uma esteira; e dormi até um período de minha idade, no chão, sem colchão, sem cama, né; sem essas coisas básicas. Então eu tenho que ter a minha esteira. Então eu gostaria de quando eu tivesse uma faixa assim, de idade, eu olhar assim e falar: “Caramba, eu não fiz muito nessa vida, não cheguei a ser um político de nome, eu não cheguei a ser um famoso advogado, eu não cheguei a ser um grande atleta, mas eu deixei alguma coisa, que o mundo pode nem lembrar de mim, mas a minha família vai lembrar de mim”. Você tá entendendo. [Mas a sua família vai lembrar do senhor sim.] Meu, tudo cai no esquecimento; se eu não deixar herança pra isso, tudo cai no esquecimento. Eu não lembro de meu pai, há mais de cinquenta anos. Eu só lembro se alguém falar pra mim, e seu pai? Senão, eu não lembro. Porque ele não deixou nada que desse segmento para eu hoje tá focado nisso. Então eu quero deixar algo pra elas lembrarem de mim. Não é lembrar a imagem do pai, mas ter uma coisa pra elas focarem. Quando elas abrirem esse armário, que eu só guardo coisa antiga, puxa, de trinta anos atrás, de quarenta anos atrás, deixa eu dar uma olhada. Aí elas vão olhar: Ah, o livro que meu pai deixou escrito. Pô, deixa eu dar uma relida nele. Aí ela vai dizer: ah, esse livro é aquele que meu pai fez em vida. Entendeu, meu jovem? Talvez nem riqueza, mas deixar algo palpável. Algo que ninguém tira. E sabe o que ninguém consegue tirar da gente? [Não] A educação. O princípio, a educação. Nego tira dinheiro, nego tira

casa, nego tira a sua vida; mas a educação jamais. [A escola da vida?] A educação, generalizando; tudo.

N.: O tudo. Mas ele quer dizer o seguinte. O seu pai e a sua mãe, eu não conheço, mas de alguma forma você era pequenininho. Então eles te colocaram na escola. – “Te deram educação. Então hoje você tá fazendo uma pesquisa pra faculdade” (F.) – Te deram educação. Você hoje tá aonde você está e querendo amanhã estar mais alto, não é isso? Então muito bem. Se o seu pai ou sua mãe não tivessem lhe colocado na escola, não tivesse lhe dado educação... – “Suporte pra você chegar aí” (F.) – ...Tivesse dado pra você, carro, casa e dinheiro, sem a educação, sem um princípio, você ia gastar o dinheiro, talvez o ladrão ia roubar o carro, – “Você vendesse a casa” (F.) – ...você vendesse a casa, ia chegar um determinado tempo que... – “...nada daquilo que eles te deu você ia ter” (F.) – ...nada daquilo. Não. Nada ia ter... – “mas a educação...” (F.) – ...mas a educação o ladrão não rouba e você não vende. É sua! Para sempre. Nós estamos aqui não estamos? Mas as meninas nossa estuda! Sim, só que esta que se formou na faculdade, essa ela é o seguinte... nós temos uma parceria nessa evolução dela, mas só que, depois, ela teve uns padrinhos... – “que ajudaram, são o suporte” (F.) – uns padrinhos que ajudaram a ela, a ir, aí, nós, digamos assim, ficamos do lado. Então, se ela hoje é o que ela é; se ela hoje quer o que ela quer, que é trilhar o caminho do bem... Nós tivemos uma parceria que é de quando ela era pequena. Porque se fosse só por nossa conta, ela não teria tido uma faculdade. – “Não tinha recurso, ela não tinha suporte” (F.) – Ela não tinha suporte; ela não teria uma faculdade. Mas ela teve padrinhos lá em Santos, onde que ela passou a morar com eles; ela saiu de casa... não saiu de casa assim, foi conversado, né. Ela tinha quinze anos, a Janaína, quando foi morar com o Rogério... – “É, são três advogados, Rogério Ramos Vidal, Ricardo Ramos Vidal e Cláudio Ramos Vidal. O Cláudio Ramos Vidal era o pai do Rogério e do Ricardo. Eles são família boa em Santos, rica, né” (F.) – Então, até os 15 anos nós fizemos nossa parte de colocá-la na escola; dos 15 anos pra lá ela foi morar com essa família. – “Nós freqüentávamos um centro espírita muito bom, aí ele me chamaram e falaram: ‘Pô, a gente quer ajudar, a Janaína. Como é que nós faz?’ Eu falei, não sei, como vocês querem ajudar, em quê e como; aí eles falaram, ‘dar uma força, uma faculdade, tarara’; aí eu falei, ‘beleza’; ‘mas tem que morar com nós’; e falei, ‘se ela quiser ir, eu deixo’. Aí eu conversei com ela,

ela tinha 15 anos, eu falei: ‘Olha, você não vai ser filha deles, você vai ser afilhada deles; mas toda a responsabilidade é minha; você tem que morar com eles, uma família de advogados...’ Aí ela foi morar com eles, e morou até os 20 anos. Aí eles pagaram a faculdade, tudo. Eu ia lá, era bem recebido num prédio de luxo, na avenida Washington Luis, em Santos, tal; na praia do Gonzaga. Um apartamento por andar. E ela morava com ele lá: foi muito bom. Mas...” – Foi muito bom só que afastou um pouco assim da gente, sabe... – “Ela passou a viver outro nível” – é enxergar diferente... – “é um pessoal que tem uma condição financeira que manda no país; não é igual a mim que fui ignorante e burro a vida inteira; igual ao pai, que foi um ignorante; eu posso ter constituído uma sabedoria de vida mas dentro do contexto estudantil eu sou um ignorante, eu sou um analfabeto...” (Fernando) – Ela teve um suporte, só que é assim, deixa eu te explicar, ela, calma péra aí, eu já mostrei a foto dela, ela não chegou aonde ela quer chegar. Por enquanto, ela continua lutando, porque ela quer trabalhar na aeronáutica. Um desejo dela. Eu até falo, de repente ela se afoga! Só que é o seguinte, ela não tem uma casa própria. Ela divide uma casa; o aluguel dessa casa é 900 reais. São quatro, ela e mais três. São quatro amigas. Então conclusão: ela tem uma boa formação? Tem! Mas ela não tem uma casa própria. Então ela não pode ainda chegar aqui e falar, “pai, mãe junte as coisas, saiam daqui que vocês vão pruma casa”. Ela ainda não pode fazer isso. Cétil? Ela nos ajuda. Mas nos ajuda como? Na medida que ela pode. Quando ela faz um evento, que ela tem dinheiro, me traz um presentinho. Tipo assim, eu vou no médico. O médico me passa um remédio. Não tem na farmácia pública, quer dizer, tem que ser comprado. Ela fala dá a receita, que eu compro. – “Se eu precisar de 50, 100 reais...” (F.) – mas, deixa eu falar! Isso quando ela tem pá, com dinheiro. Mas às vezes tem horas que me falta algo aqui em casa, que ela também não tem dinheiro. Eu vou lhe dar um exemplo bem claro: meu gás acabou ontem. Ela falou mãe, “olha to sem dinheiro hoje”. Eu falei, “não esquentar não que amanhã eu recebo”. Então quando ela tem, ela ajuda; quando ela não tem, infelizmente, ela não pode ajudar.

F.: É porque é assim, como é teu nome mesmo? Jean. Então, é que tudo é uma sequência, né. Ela tá fazendo uns estudos, tal. Ela tem diploma universitário? Tem. Mas ela está almejando alcançar um objetivo que ela se predispôs a alcançar. Ela só vai sossegar quando alcançar esse objetivo. Já foi reprovada duas vezes, mas ela não desistiu. Eu falo, centraliza

a cabeça que você vai conseguir... Eu sou meio assim, sabe, muito otimista na minha vida. É muito raro assim eu ter uma negatividade dentro de uma situação. Quando eu quero uma coisa, eu vou em busca daquela coisa, até que eu consigo, eu vou até a última gota. Mas se na última gota eu não conseguir... – “Olha ela aqui, ó” (N.) – Aí foi um trabalho que ela fez pra Portuguesa; foi um evento que ela fez. – “Aí foi um trabalho que... Ela fez um evento na Portuguesa e tirou uma foto com ele...” (N.) - ...que é jogador, né. – “Ela é muito bonita, sabe, não é porque é minha filha não. Ela é magrinha, manequim, linda! Olha, ele tava falando aí no começo da história, que, às vezes, a pessoa tem a experiência de vida vivida mas não tem o financeiro, isso é verdadeiramente. A Sasha, em Santos, há uns cinco anos atrás; a Sasha tinha uns 5 anos. Aí o prefeito de lá promoveu um cursozinho para crianças serem modelos, gratuito; modelo infantil... Então a gente sempre quis o melhor pros nossos filhos. Então a gente encaixou a Sasha lá, né. Só que o governo faz assim: ela dá um curso de graça e aí a gente que é pobre se encaixa. Só que depois aquele curso termina e pra você continuar, ele cobra uma taxa. Aí é onde o pobre fica para trás. Porque enquanto ta no gratuito, ele ta lá; aí quando acaba o gratuito que tem que entrar o financeiro, aquele que é rico e tem condições de pagar continua e chaga lá... Aqui é a Sasha, ela chegou a fazer esse “bookzinho”... Hoje ela ta com 13 anos. Ela tava indo muito bem. Fez alguns trabalhos mas não ficou nada na história, porque... Ô Sasha! Sasha! Sasha! Sasha, vem aqui, faça um favor! – “(..) Cara, eu vou ter que sair. Eu nem almocei ainda. Se precisar de mim, pra outras coisas, tal...” (F.) – Esse aqui é o Jean, tá? Essa é a Sasha, aquela da foto. Fala assim: eu não sou filha da Xuxa não; eu me chamo Sasha. Fala! É mais é o seguinte, aqui no prédio tem o um trabalho bacana, sabe. Tem uns trabalhos aqui que eu gosto. Aqui tem um pessoal de teatro, que também, se formaram em teatro, mas não conseguiram... – “O espaço” (F.) – ...o espaço. Então o que que eles tão fazendo, eles tão vindo aqui duas vezes por semana as crianças assim, né, e levando pra ensinar aquilo que eles aprenderam; e ela é, por sinal, coordenadora das crianças. Ela é que acorda as crianças de manhã cedo: “Olha, hoje a gente tem que ir pro teatro”. É lá no bexigão, vão a pé e voltam a pé, na canela! Então, na semana passada teve a apresentação final, que eles vão entrar de férias e vão retornar em agosto. Mas essa etapa que passou, ele finalizaram semana passada. Os pais e as mães das crianças foram. Teve bolo, refrigerante; foi muito legal, sabe. E ela aprendeu lá... tem um corpo mole, viu. Fez muitas coisas engraçadas, lá. – “Isso daqui foi aqui...”

(Sasha) – Não, vai mostrando o que tava lá na festa. Deixa que a Sasha mostra, vai. Essa máquina [digital] é da Janaína. É que a Janaína foi lá, mas tinha compromisso, e deixou com a gente... – “Aperta aqui” (Janaina) – Vai passando. Qual é você, Sasha? – “Aqui de azul; de rosa e azul. Passa... Não. Aí acabou... Eu aqui, abrindo espacate no trapézio. Aqui eu tô de cabeça para baixo” (Sasha) – É teatro-circo. Subiu no trapézio e ficou de cabeça-para-baixo... E fez um monte de coisa lá. – “Olha eu cantando aqui.” (F.) – Onde foi isso? – “Aqui, mãe.” (Sasha) – Ah, na televisão. [“Karaokê”]

Então é assim, olha, a gente já morou na rua, já morou em albergue, debaixo de viaduto. Mas é assim, ó, a Sasha estuda... sempre que tem uma oportunidade, de tudo, eu to colocando, entendeu. Aqui perto, no Bom Retiro, tem um lugar, não sei se você conhece, chama telecentro; eu vou te explicar: aqui no Bom Retiro, atravessando o parque da luz, tem o telecentro, que é um local que tem computadores gratuitamente, sem pagar, para crianças que não tem condição de ir numa “lan house” e pagar, né. Lá não tem professor. Mas você chega lá e vai se virando. Lá também não tem hora pra sair: funciona o dia inteiro. Então é assim: a criança vai lá de manhã e pa pa pa pa pa pa pa, e mexe daqui, e mexe dali, de cá, de lá. Enquanto ela não enjoar, não tem essa de ficar uma hora só. Então é assim: a tarde, elas estuda; de manhã, elas vão pro telecentro. Atravessam o parque da Luz e vão pro telecentro aprender computação lá, entendeu. – “Então, Jean, vamos fazer assim...” (F.) – *Fora isso*, tão participando dessa oficina de teatro. – “Deixa eu terminar aqui com ele, eu vou comer. É o seguinte... vamos fazer assim, pra você não ficar decepcionado...” (F.) – De repente até aprendeu alguma coisa, né.

F.: Então é o seguinte... você faz pra mim uma busca, dentro disso que eu tou te falando que eu gostaria, e eu faço uma entrevista completa, desde o início da minha história... Não. Não é que você vai garantir, mas eu quero que você faça. Pense! É praquele senhor lá e tal, que é pro desenvolvimento dele. E até posso conversar com pessoas e tal, pra passar essa história pra você. – “Mas o que é que você quer que ele ajude você? É sobre música, sobre um livro, é sobre o quê?” (N.) – [Se for música, eu tocava numa banda...] Já começou a falar a minha língua. [...é como você falou; é tão difícil achar alguém...] Bota no “Youtube”, cara; bota no “Youtube”! Na época não tinha, né? Agora tem! Aí o pessoal olha lá, pá, e de repente gosta; aí xiuuuu... – “Então você chegou até iniciar...” (N.) – Não é não

é frustração, não. Não é frustração, eu só acho que foi uma *perda* de tempo pra mim. Não é frustração. [Aqui eu não sei se ele se referiu à frustração que eu insinuei que porventura ele teria de não ter sido um músico ou se ele entendeu que se tratava da entrevista]. – “Mas esse sonho sempre vai ficar... às vezes, a gente tem que deixar pra trás” (N.).

N.: É a vida da gente, Jean, é assim, sabe, às vezes, a gente tem um sonho, batalha, como você acabou de falar; até conseguiu a compor música, a gravar CD, chegou a tocar em vários restaurantes, em vários eventos; chegou a ter público, né. Mas já tá de bom tamanho...

F.: Mas você fez uma compensação, né. Você não seguiu aquilo que você queria mas você teve opção. E quando a pessoa não tem opção? Aí fica difícil. Você teve opção; o estudo. Teve condições de ter um estudo. Eu posso até não querer ser músico, mas tem que ter opção, e eu não tenho. – “E o mais bonito que eu acho em você, sabe o que é? É que você aproveitou o que o seu pai e sua mãe lhe deu na infância, que foi o estudo: que a sua primeira série foi seus pais que levaram, né, e mostraram o caminho. E você cresceu e falou assim, ‘eu vou seguir esse caminho’. Você está seguindo esse caminho. E muitos, o pai fala, a mãe também, ‘ah, estudar, eu não vou ganhar nada estudando’. É muito importante, porque você tá seguindo ainda. (...) Essa aí é a Natali. Natali, esse é Jean. O Jean é umas pessoa que a gente tá conhecendo” (N.) – É um estudante de faculdade, mexe só com moradia. Daí um cigarro, não daí esse seu mesmo.

N.: Jean, é o seguinte, nós estamos aqui há quase três horas, tá todo mundo aqui sem almoço; todo mundo contando um pouco de cada situação, que na verdade ninguém contou a situação verdadeira, né. Que eu digo assim: um contou um pouco, o outro contou outro pouco, mas não se concretizou. Quando você quiser vim com calma, vim entrevistar a ele, ou a mim, porque nossas histórias são *opostas*, né. – “Quer almoçar comigo? (...) Aqui mesmo. Já tá pronto.” (F.) – Já tá pronto. Cê só espera ele esquentar, viu. Então quando você vier mais com calma, como é... – “Não sei se vai ser do seu agrado: é arroz-feijão, linguiça com batata, molho” (F.) – Mas é tudo limpinho, a gente... – “A gente somos pobres mais somos limpinhos” (F.) – Deixa eu só explicar, quando você quiser vim com tempo...

Só que eu acho a sua pesquisa o seguinte: a sua pesquisa é gravada, não é isso? Ma não vai ser escrita? Quando você quiser me entrevistar, apesar de sermos um casal e estarmos no mesmo ambiente, com o mesmo objetivo, ele tem uma vida diferente da minha. Ele vai ter uma história oposta da minha. Só que se cruzaram; se cruzaram em tombos. Mas são histórias opostas, bem diferentes mesmo... – “Quando liberar...” (F.). Tá, eu vou esquentar lá. (...)

F.: Amanhã eu vou gastar 72 reais; vou comprar uma pia de lavar louça, vou botar uma porta naquele banheiro; a porta quebrou... [O tanque ou pia de lavar e o banheiro são de uso coletivo para os moradores do andar]. Eu vou pintar o teto de branco e verde as paredes. Pintar tudo. Comprar mais lâmpada. Essa lâmpada é econômica, ela gasta quatro a cinco vezes menos que a outra. Comprar, 10 paus, tem garantia de um ano. Aqui eu vou dar rosa. Daqui pra cá, eu vou dar cor de rosa, até lá a escada. Cor de rosa, e aqui verde e o teto branco; pra ficar colorido, né; ficar bonitinho [Refere-se a todo o andar].
[Dentro da moradia do casal e dos filhos]

Faz bastante frio. Aqui neste espaço é onde é feita a reunião geral; e quando eu não to a fim de descer eu fico escutando daqui mesmo. Na verdade isso daqui eu vou fechar. Inclusive eu já arrumei uns caibros; esse vai aqui... eu vou cortar, com o cara da máquina, pra cortar isso daqui, pra encaixar nesse caibro e cortar lá. Aí ponho esse caibro aqui, lá em cima... vou encaixar. Aí depois outro aqui. Aqui. Cortar o outro. Aí o outro aqui, pra fazer uma janela, daqui até praqui. Uma janela pra gente abrir. [Essa janela daria no salão do primeiro andar]. Dali pra cá, um caibro lá pra fechar. Eu vou fechar, má só que por enquanto...

N.: Então, aí a cozinha... Aqui é o restante, aqui tem vários livros... As meninas tão vendo filme... Aqui tem a cama do casal... Aqui são amigos; minha é a Sasha e a Mikaela. Mikaela, esse é o Jean... aquela é amiga, essa é amiga, essa é amiga... – “A cama é boa, viu, fica apertado” (F.) – A gente tem um videozinho com “karaokê”... aí elas ficam vendo filme e tudo. Quando tão de férias, tá... Quando não tá de férias não fica ninguém aqui não: fica na escola... Aqui a gente tem uma cama de casal, por que o que a gente faz, as três dormem na cama de casal, eu, e ele, dorme no chão, né. É, no chão, né. A cama de casal a

gente deu pra elas porque a gente quer o melhor pra elas. Então elas dormem na cama de casal. Inclusive a minha filha tá com uma cama de solteira pra lá pra mim... Ela falou: “Mãe, a cama de solteiro tá aqui, é só a senhora vim buscar...” Mas amanhã vai entrar um dinheirinho e a gente vai buscar a cama de solteiro aqui pra nós. Aqui é meu armariozinho; inclusive ele é de parede mas como não tem, assim, é uma coisa que eu não sei até quando, fica assim um em cima do outro... Minha geladeirinha e assim vai indo... A gente se vira como pode... Melhor do que na rua.

F.: É melhor do que pagar 400 num quarto. Porque aqui, na verdade, dá uns dois quarto... de uns 300 reais, que os caras alugam. Tem lugar aí, tem cortiço aí ó, que um quarto é como daí até aqui, até menos. Nós já moramos. Já, já! Morei com quatro filhos – essas duas não eram nascidas – os quatro maiores. Nós moramos ali na Baixada do Glicério, ali. Eu trabalhava num estacionamento e era um quartinho pequenininho. A mulher na época ela foi no juiz do conselho tutelar e eu trabalhando... – “Hoje você vai nos dar a honra, né. Pra mim é uma honra você participar da minha comida. Não se preocupe, aqui a gente é o seguinte... Não, não, eu já peguei... Pode comer lá na área mesmo. A gente é muito limpinho, sabe, eu sou uma pessoa que eu gosto de limpeza, pra mim é prioridade” (N.) – Farofa, temperada? Arroz, feijão, a gente joga (...) pra não ficar muito caro... Pode se servir que isso aqui é de casa, apesar que dizem que de casa é rato... Ou quer colher? Ou quer colher? – “E tem suco de manga, da manga pura, viu!” (N.) – Tem, tem cadeira. A gente vai sentar aqui ó, dois a dois, a gente puxa a mesa... [E a N.?] A N. almoçou. – “É N.? Coincidência, não! (...) Pra falar a verdade – é manga pura, viu – a gente ganhou, umas verduras aí. Ganhou não. Minha filha me trouxe. Vira e mexe; que nem agora ela falou pra ele aí buscar... conhece? Então ela me trouxe umas verduras – semana passada –; aí veio manga, veio batata, cenoura, veio umas verduras, né. Aí hoje eu falei, vou fazer um suco de manga no liquidificador... Eu vou mandar a fulana lavar esse copo: passa bastante sabão nesse copo aqui...

F.: Eu vou te falar um negócio. Aqui em cima é mais gelado, se é que você quer saber. Eu tenho muito cobertor, inclusive, eu vou até falar com minha filha maior... que ela me mandou, logo que a gente veio pra cá, ela me deu um edredom. Aí o que que aconteceu,

quando a gente se mudou, nós ficamos mais de um mês sem trazer os móveis – “Natali, traz um copo pro seu pai” (N.) – ...não sabia se ia ficar, se não ia ficar, essa coisa; se ocupa, desocupa... aí nós botamos o edredom no chão; depois tivemos que jogar tudo fora, dois edredons... – “Ela tem uma cama de solteiro pra mim lá, e ela vai doar; ela falou, ‘mãe, você está precisando de uma cama de solteiro?’ eu falei *tô*; ela falou, ‘é só vim buscar’, uma cama de solteiro e uma mesinha de mármore, de cozinha, né. Aí até o final dessa semana a gente vai pegar. Ela é gente boa” (N.) – Ela almoça cedo. – “Cê vê... Eu almoço cedo, porque eu tomo remédio, tem que ser tudo no horarizinho, né. Essa filha minha, cê vê, todo mundo tem problema e dificuldade, ela estudou, ela é muito estudada e continua estudando, trabalha, dá dinheiro, mas ela falou, ‘mãe, eu pego muito metrô, e às vezes eu não tenho dinheiro pro metrô’ – aí tem a Mikaela e a Sasha que estuda –, ‘vai na escola, que estudante tem direito à carteirinha estudantil, que é paga só metade, não é isso?... Então aí ela pediu: “vai na escola, pega uma carterinha pra Mikaela – pra Mikaela só”. Só que vai ser passado pra Janaína. A escola da Mikaela N. é aqui bem próximo, entendeu. É, é Mikaela N. ‘Então, tira essa carteirinha da Mikaela pra mim usar, que aí eu vou pagar só metade, que eu pego muito metrô, muito metrô’; e aqui vai só 1,50, não é isso? Só que Mikaela não necessita disso daqui, porque a escola dela é ali. Então a gente vai dar pra Janaína. Ela pega muito metrô... muito metrô” (N.) – [F. fala muito baixo, quase incompreensível] (...) Eu fui criado por pessoas boas, Inclusive, quando eu fugi de casa lá da Bahia, eu fui criado por deputado estadual, federal, hoje tá aposentado... – “Pai, deixa eu mostrar a foto pra ele” (Sasha) – “Ô, aqui ela trabalhava numa escola como professora, a Janaína; aqui ela tá na praia...” (N.) – Tá, deixa eu terminar. Aí, depois, eles moravam num apartamento por andar, no mesmo prédio da Ivete Sangalo, então, mas... [Suporte] Eles me deram no período que eu vivi lá em Salvador. Depois eu fiquei anos sem ver eles, aqui em São Paulo. Eu cheguei aqui em 72, cara. Então eu fiquei anos sem ver eles... Eu fui lá em 2000, e achei eles... – “A Natali tá falando que a comida tá fria. Tá fria? Tá quente. A Natali disse que tá fria. Ela falou assim, ‘Nossa, mãe, a comida tá fria’” (N.) – eu fui lá em 2000, e achei eles, né. Na época eles tavam até com duas filhas na Alemanha, foram lá, Frankfurt, na Alemanha, aí eles queriam levar a minha filha, que hoje é a mais velha, só que ela tinha 9 anos. Aí não deixei. Eles iam dar esse apoio pra ela lá. Eu não deixei ela ir. Mas assim, eu entrar em contato com eles só pra pedir as coisas não tem como, entendeu.

(...) Trabalhar sem uma qualificação profissional, chega uma hora que você mais aquela garra, aquela vontade, de estudar, de se formar. Fica assim. – “Engraçado, F., que o Jean parece o Jaime na calma, né. O Jaime é um amigo da gente lá em Santos, ele tem uma calma assim, sabe. Ele tem uma paciência, pra escutar; uma calma (...). [Falo sobre a tragédia do assassinato do filho mais velho...] Jean, eu sei que você conhece a Cracolândia, né? Olha a escola da Mikaela fica do lado da Cracolândia. E às vezes, como ela sai às 6:00, já é um horário assim meio tarde, às vezes, eu vou buscar ela. Eu passo ali, e fico pensando, como é que o Governo, pessoas de condições, né, políticos, vê aquilo e é como se não visse nada. A rua tá tomada por eles. Cê vê que ali não passa carro, não passa nada. Cê vê crianças ali de 12, 15 anos, com cobertor nas costas, sujo, fedido, descalço, em situação de subdesumana, né. O governo tem terra, que não tem terra, somos nós. O governo tem terra suficiente pra fazer um centro de recuperação bem grande e colocar tudo aquelas pessoas, porque eles são tudo doentes, sabe, são todos doentes. Então, na verdade, eles precisam de ajuda que possa mostrar pra ele a realidade da vida, né. Mas a gente passa, a gente vê, a gente sente isso, só que a gente não pode fazer nada. Eles podem, eles vê, eles sabem... Quem é que não sabe da Cracolândia aqui na Luz, né. Eu tenho muita dó, sabe; eu não gosto de nem passar ali.” (N.) – [Falo sobre o ensino público, que é de péssima qualidade] – “Aí vai ser um futuro médico que não sabe de nada” (N.) – Já o filho do rico... por que o filho do rico fica cada vez mais rico? Por que no ensino médio, ele faz um ensino de qualidade... – “Vão pro exterior; vão se formar fora do Brasil; a maioria estuda fora” (N.) - ...faz um ensino de qualidade, quando ele termina o ensino médio, já ingressa na universidade, entendeu. – “Boa noite!” (Moradora) – “Boa noite. Já é noite? Gente!” (N.) “Já é 4 horas.” (F.) – “É 4. Não. É quase 7... Já é mais de 6. É sim! Então, eu preciso de mais um currículo da sua filha, pra trabalhar aqui no SESC, na... aí... – ‘Senta aí.’ (F.) – Não. Vou descer pra trabalhar. Então seu F., vocês entregam o currículo pra mim, pra eu entregar para a supervisora...” (Moradora) – “Currículo! Currículo! Emprego pra você! Emprego!” (Nilza) – “Acabou de vir do Cambuci, pra fazer um teste...” (F.) – “Pra trabalhar na José Paulino, num SESC que vai inaugurar dia 4 e até dia 12 os funcionários têm que tá lá tudo uniformizado...” – “Eu estou esperando me chamar e não me chamam” (F.) – “Mas o senhor desiste, seu F...” (Moradora) – “Não, não desisto. Menina, *eu não desisto*. Eu desisti porque o Manezinho, o Manuelzinho, que é o nosso líder, me levou até o

(...) e falou com a dona Elza, que é a diretora, aí ela me falou que a me chamar de volta, só que pra lavanderia, aí eu não quis entrar... eu não trabalho... Só que isto já tem mais de quantos dias? Tem um mês, eu acho... Ele me levou de perua, o Manuelzinho me levou de perua...”(F.) – “Deixa eu te falar: aí você tira ‘xerox’ do RG, CPF; ela tem todos os documentos? Tira tudo ‘xerox’ de seus documentos, pega aqui um comprovante de residência com a Maria; já me dá tudo direitinho pra eu levar e sua carteira de profissão...” (Moradora) – “Eu desisti não foi porque eu não quis trabalhar, foi porque o Manoelzinho me levou de perua lá no Boracéia [?] onde eu trabalhava – ‘...pra trabalhar no albergue’ (Nilza) – ...trabalhar no albergue...” (F.) – “Então gente, vocês me desculpem, só que eu já vou pro outro serviço agora, que eu já tô atrasada.” (Moradora) – “Aí, ele me levou de carro, só que lá falou com a dona Elza, que é a chefe; ela falou pro senhor trabalhar lá no banho... Ela falou, ‘vou te chamar porque tá faltando um na ‘tenda’, né’, sabe o que é tenda? É onde os cara vai tomar banho, só e tal. ‘Aí o senhor fica lá de monitor, amanhã toda, 900 reais’. Eu falei beleza. Só que até agora, vai fazer um mês, e não me chama” (F.) – “O senhor tem currículo aí?” (moradora) – “Eu tenho tudo!” (Fernando) – “Aí o senhor pode ir levar em casa amanhã, por favor, minha filha tá aí, meu filho também... Tá bom, nega? Não brigada. Vou tomar um café rapidinho. Não vai dar não... Tchau!” (Moradora).

F.: Aí que que acontece, é o ensino de má qualidade. Mas hoje, já tem umas aberturas. Tipo: na minha época não existia faculdade para negros e descendentes. Hoje existe, né. Só correr atrás que acha. Na minha época era raro os negros entrar numa faculdade. Hoje já entra. Na minha época só Gilberto Gil, que já tinha uma condição, não era milionário, mas tinha grana... Pobre, no estilo que eu era, não tinha como. Hoje, sendo eu assim, se tivesse 28 anos, hoje, 30, eu ia fazer uma faculdade; porque tem espaço. – “Ele não tem grau de estudo, mas ele gosta muito de ler, ler livros, livros assim, livros instrutivos.” (N.) – Eu li Papíllon; eu li Agatha Christie; eu li Sidney Sheldon; eu li Allan de Rhodes; eu li brasileiros, vamos falar dos brasileiros, porque eu tô falando dos grandes, dos famosos, que é “best-sellers”... Vamos falar dos brasileiros. Eu li Guimarães Rosas; li Jorge Amado... Eu li todos esses caras. Machado de Assis eu também li alguma coisa dele também. Mas têm muitos. Macha de Assis era catedrático, né, na Academia de Letras, tal. Eu li muito, e eu li vários temas. Na minha época de garotão eu adorava leitura; adorava porque através da

leitura, você se desenvolve. Você sabe disso. A leitura dá uma sabedoria. Então quando eu aprendi a ler, a minha mente voava, quando eu era moleque, sabe; eu me colocava dentro da história. Tipo, eu lia, é, O Sítio do Pica-pau Amarelo, vamos dizer assim, o Monteiro Lobato, que foi o *Monteiro Lobato criou*, segundo um samba do Rio de Janeiro; então eu lia Monteiro Lobato e eu me colocava dentro da história do Monteiro Lobato, era como se eu estivesse participando da história, entendeu. Então, através daquilo, eu dava asas à imaginação. E quando eu passei a ter um conhecimento, assim, razoável, a leitura que me dava mais impulsão. Aí eu comecei a ler livros policiais; li muito livros de enigmas, no caso né. Agatha Christie mesmo trabalha muito com enigmas, como se descobre um crime, insolúvel. Eu li os livros da Agatha Christie, e ela í viva, ela tem uns 90 anos na França. Esses dias passou uma reportagem dela com 90 anos numa cadeira de rodas. Uma das grandes escritoras famosas, Agatha Christie. Eu li muito livros dela; eu li Um Rosto na Sombra, Um Gato entre os Pombos, A Rosa do Cairo. Li tudo esses livros: aqueles crimes que você achava que ninguém ia descobrir. Você ficava lendo, lendo. Você falava, pô, não tem como descobrir, sabe, de tão bem-bolado, cara. Quando você descobria o crime... caramba, essa mulher... Aí, que cabeça dessa mulher, né, tal. Sidney Sheldon, eu li muito esses caras. Brasileiro, brasileiro eu não li muito, muito, muito. Mas eu li. Não, não assisto muito, a leitura você absorve... Ah, no SBT, é sobre a ditadura militar, mas eu não assisto ela [novela] não. Um dia eu assisti uns dois capítulos dela, que a menina bota uma flor no fuzil do soldado, tal. E tem música desse pessoal que foi famoso na ditadura, como Nara Leão, Geraldo Vandré... O Geraldo Vandré tinha uma música antigona, que, parece, o Zé Ramalho regravou. – “A gente não é muito de novela não. A gente gosta mais de filme.” (N.) – Geraldo Vandré não cantava aquela música, não... Ela é assim: “Tá vendo aquela igreja moço, ajudei a levantar” [Fernando canta], né. Zé Ramalho regravou. “Carreguei massa e cimento, ajudei a levantar... aí hoje eu não passo na porta... não me deixam entrar... e meu filho me pergunta... Jesus aqui eu posso ficar... Foi Deus quem fez a terra, o mar, e fez a serra, não deixou nada faltar... hoje o homem criou asas e na maioria das casas eu também não posso entrar”. Jesus e tal. Cantava na época da repressão, em 68. Eu me lembro da repressão. Eu tinha um 14 anos. Os caras pegava nós na rua; eles não mandava nós pra presídio, porque era menor de idade, mas batia, queimavam com cigarro. É! Guarda civil, né, naquele tempo se chamava guarda civil... – “Nós temos um DVD aí da Bete

Carvalho quando ela estréia pela primeira vez no samba no Teatro Municipal, Aí fala... – “Isso é em 71. Mas aí já é outra história.” (F.) – é, mas é uma história –, não podia tocar samba... – “O pobre não passava nem na porta”. (F.) – ...é, não passava nem na porta. Bete Carvalho foi a sambista que fez a estréia do samba no Teatro Municipal, aí ela chamou convidados, músicos como Nelson Sargento, 81 anos ele tem... A Bete Carvalho fala assim, “Nelson Sargento, como era na sua época o samba?”, aí ele responde: “Samba, se um polícia, delegado pegasse uma pessoa com um pandeiro debaixo do braço, já era motivo de apanhar’. Um pandeiro debaixo do braço! Nelson Pandeiro, 81 anos, tá vivo. Ele foi um grande compositor mas ele não pôde cantar nem desenvolver. Ele passou pros outros sambistas. Até achei engraçado, porque ela falou, ‘sua idade?’, ele falo, ‘18 ao contrário’. Aí no DVD ele conta um pouquinho, que na época que ele compunha ele não podia colocar as composições dele pra frente. (...) Desculpa aí o cardápio mas...” (Nilza) – ...o pagamento, o extrato do banco, sai dia 6... O que me falta mesmo, muita gente diz que é o tempo, mas não é o tempo, é eu conseguir pessoas; pra pegar uma amizade com pessoas que tenham essa saída, sabe. Praticamente... ah, e conheço, alguém que tem um estúdio, tal, aí eu vou lá uma vez ou duas vezes por semana, tipo, compor, criar, desenvolver, cantar... E se for escrever, sentar, escrever; sábado, domingo... – “Jean, no caso de ele querer deixar um livro escrito, para a família, pras filhas, o que que ele tem que fazer? Escreve...vai na gráfica...” (N.) – Tem que registrar? E o título? (...) No caso, vai ficar em branco... Minha filha tem um computador em casa... – “Quando você retornar, Jean, você pode passar aqui em casa; eu estou sempre aqui, ele também não tá trabalhando. E a gente está a sua disposição, a gente já entendeu o seu objetivo, o seu trabalho. E a gente tá aqui um pra ajudar o outro, né. Vai com Deus. Tá com a mão quentinha nesse frio, heim? Tá com a mão quentinha. Tchau!” (N.).

[Entrevista 8]

Meu nome é L., tenho 40 anos, sou morador aqui da Zona Norte de São Paulo, aos 10 anos fui pra rua; fiquei na rua até os 12; nos 12, fui pra FEBEM; lá me arrumaram emprego, fui pra SABESP; fiquei na SABESP até 89, de 87 até 89; nunca tive moradia. Nasci na Capital,

minha família toda é da Capital. Fui [pra rua] porque eu apanhava, né. Mas tem contato com minha família, hoje em dia, mas é eles pra lá e eu pra cá. [Morou dois anos na rua, como foi essa experiência?] Experiência de moleque de rua, de tomar banho na praça da Sé, de roubar cordão, relógio; eu vivia disso daí, de cheirar cola, de fumar maconha... Não foi por furto que eu fui preso, [fui] por droga. Fui condenado. Fiquei [na FEBEM] até os 12. Espera um momentinho. – “Dá tudo de chiclete...” (criança) – Eu tenho, deixa eu ver, eu, a minha finada Luciana, Jeinefer, Sineli e Juliana, somos em cinco [irmãos]. Não. A minha irmã tem moradia, uma é finada, a outra mora numa favela, e meus irmãos moram com minha mãe, lá em Taipas, Parada de Taipas. [Na Febem] Não fiz curso nenhum. De lá, eles... né, por causa do governador Quéricia e a Secretaria do Menor, tinha um programa pra tirar os menor da rua, e eles colocavam os menor nas estatal. Tinha que ter isso hoje em dia, mas não tem mais. Aí eu fui pra SABESP... Na SABESP entrei como aprendiz, né, depois eu passei pra “office boy” interno, “office boy” externo, auxiliar de escritório, depois eu pedi pra ir pra mecânica. Aí eles não queria que eu fosse pra mecânica porque lá mexia com graxa; eles queria que eu ficasse mexendo com papelada, né. Mas eu gosto de carro e eu quis ir para oficina. Aí eles me mandaram pra lá e eu aprendi o ofício de funileiro; de reformar carro amassado, carro batido. Lanternagem, que fala. Fui pra lá fazer isso. Eu saí de lá, porque eu achava que eu podia ter a minha própria oficina. E eu montei minha oficina no Tabuão da Serra. Depois que eu saí da SABESP, eu fui preso... Nessa época eu já tava com 23, quando eu montei minha oficina. Fui preso por porte de maconha. Eu fui condenado a cinco anos e seis meses. Três anos eu cumpri e dois anos... Não, três anos e seis meses foi de tirar bronca, tirar cadeia, e os outros dois anos foi de SURCI, de carimbar carteirinha. [Depois] Tentei montar a oficina. E aí a oficina tava indo bem. Quando chegou o Plano Collor, naquela época lá, aí o pessoal ficou sem dinheiro e eu também fui junto, né. Tinha comprado umas ferramentas, e eu não tinha condições de pagar... Então eu perdi tudo. Perdi tudo. Nessa época eu tava morando no Tabuão da Serra; era casa de aluguel... pagava aluguel. Aí eu fali com a oficina, logo depois meu casamento não deu mais certo, voltei pra rua de novo. Voltei pra rua. Aí na rua, não fiquei muito tempo, fiquei um mês na rua só. Fiquei na rua um mês, depois de lá fui para um albergue; fiquei uns seis dias só no albergue; arrumei emprego numa oficina na Lapa. O dono da oficina me pagava aluguel, de dois cômodos. Morava sozinho. Depois não fiquei mais na oficina, mas continuei morando

no espaço que eu tinha até eu alugar uma outra casa, numa outra região, e fui viver minha vida pagando aluguel. Só que pra mim ter vindo pra cá, pro movimento, eu não tinha mais condição de pagar o aluguel, não tinha mais... O último que eu tava pagando era 600 reais. O movimento eu conheci através do Tiquinho, Tiquinho do Brasil. É um cara que toca um som, que faz música, e ele que me apresentou pra coordenação, pro pessoal aqui. Um mês depois que eles tinham invadido o prédio eu vim pra cá. Não conhecia nada; conheci a partir de agora. [Sobre a lojinha de doce] Isso daqui é da minha namorada. O meu espaço não tá pronto. Então, até tirei uns documentos ali, umas “xerox”, pra mim voltar pra oficina de novo. Eu tenho três filhos, cada um com uma mulher. Tem a Jéssica, tem 22 anos; tem o Humberto que tem 15, vai fazer 16; tem o Rafael que tem 3. [A vida melhorou na ocupação] Depois que eu vim pra cá melhorou. Melhorou porque eu não tenho mais aquele peso na mente de pagar aluguel e me alimento melhor, porque antes nem isso eu podia fazer; porque se você tira da comida pra pagar o aluguel, você fica sem comer. [Sobre a vinda para a ocupação] Na hora eu pensei que era meio bagunçado, mas quando eu cheguei aqui eu vi que não tinha nada disso. Participo de assembleia; quando tem ato, alguma coisa, eu tô na rua. Eu tô unido com o pessoal do movimento. [Sonho da casa própria] Aqui mesmo. Nosso sonho é esse prédio mesmo. É esse prédio. Porque esse prédio é o seguinte... bom se o CDHU viesse até aqui e dissesse pras pessoas, “olha, esse prédio não tem condições de vocês ficarem aqui porque vai ficar muito caro a reforma... ó, a gente tem já um conjunto pronto”; da minha parte, eu não ia achar ruim de sair daqui e ir pro meu... pro meu teto, né, entendeu, não acho. Mas a luta nossa é esse prédio já pela revitalização do centro, entendeu. Então, eles querem que tenha mais pessoas no centro, aquela coisa toda... E tem um monte de prédio ocioso. Então eu acho que eles poderiam concertar os prédios que tá bagunçado aí, né, e dá moradia pro povo. Eu acho até que ia sair mais barato pro governo, do que construir outros imóveis por aí, restaurar os que já estão aqui no centro, entendeu. E revitalizar o centro da cidade. [Morar no centro] Eu gosto. Eu gosto, eu gosto. [Infra-estrutura?] Facilita. [Cotidiano?] Eu vendo doces pras crianças, por enquanto, né. Por enquanto eu to vendendo doce pras crianças. Pego meu enteado, levo pra passear aqui no parque... A vida mais em prol do movimento mesmo, porque a qualquer hora que o movimento precisa de nós, a gente tá a disposição. Então, efetivamente agora, eu to vivendo pro movimento. Porque a minha intenção mesmo é ter meu espaço, a minha casa.

Vou pagar por isso. Tanto que eu tô arrumando a minha documentação pra poder arrumar um emprego registrado. Eu quero um emprego registrado. Quero sair fora dos bico; porque bico hoje você tem, amanhã você não tem; então você fica jogando com a sorte. [Filiação política?] Tenho: eu sou petista. Sou filiado ao PT de Santana desde 88. Eu sou petista de carteirinha, porque eu me identifico com o partido. Apesar do partido ter dado uma inchada feia, como que deu agora aí, mas tudo é política, né. [Palocci] Então, isso daí é interessante, porque todo político, depois que eles chegam no poder, eles obtêm... não, não sei se é vira casaca... eu sei que os recursos vão pras mão deles: se eles tão lá dentro; se eles pegam dinheiro que não é pra pegar... eu mesmo não sei, o que aconteceu. O cara tem formação, ele tem curso superior, se ele tem algumas empresas, se essas empresas prestam serviços e obtêm recursos, então, acho que a justiça vai verificar lá, o ministério público, esses caras aí que vão atrás fazer um diagnóstico pra saber se ele efetivamente roubou ou não. [Sobre o Palocci ter empresas] Engraçado se fosse o PFL, se fosse outro partido, o PMDB, mas é o PT, então o pessoal cai de pau em cima. Por estar no poder todo esse tempo, já duas gestões do Lula, e agora uma da Dilma, eles vão cair de pau em cima mesmo. Porque todo o político que ta lá em cima, seja da esquerda ou da direita, vai querer puxar o tapete dele. Eles tão de conchavo, tão de lua-de-mel agora, porque alguns ministérios foram dados. Sabe, fazem a panelinha, mas todos eles fazem. Infelizmente, isso no Brasil é desde 500 anos atrás. Todos eles fazem isso direto. Então eu confio no meu partido, entendeu, porque se eu não confiasse eu não votava neles e acredito que tudo isso mais cedo ou mais tarde será mostrado. [Na gestão Marta havia um amparo aos movimentos de moradia através da “moradia social”, bolsa-trabalho, distribuição de cesta básica etc.] Hoje não tem nada. Acabou tudo. O Kassab é o seguinte; o Kassab, ele não tem interessa nenhum de ver pobre aqui no centro. Ele não tem interesse disso daí. Ele quer mais que o pobre vai lá pra Zona Leste; lá pros confins da Zona Sul, lá pro final do mundo. Esse antigo PFL, que é o partido dele, [o Dem] é o antigo PFL, é o Dem... – “Moço, me dá um chocolate” (criança) – Do preto? Do branco? (...) Eu sei que em 2006, eu trabalhava na prefeitura, em caráter de emergência (...) Então, eu tava trabalhando no Psiu, ali no Vale do Anhangabaú: fechamento de bar, boate, igreja. Só que, falaram pra nós que se a gente ficasse três anos, né, todo mundo ia ser efetivado. Então eu já tava com dois anos e pouco. Ele [Kassab] não deixou virar os três anos. Ele foi e mandou todo mundo embora. Então uma bronca a mais

que eu tenho desse prefeito. Porque eu tava bem engajado no emprego, tava até voltando a estudar, me esforçando, e ele... Eu era funcionário admitido, não era efetivo. Podia ser efetivado. Então, e ele cortou isso da gente, é um sonho que ele cortou. Então ele não ta nem aí pra pobre; ele quer mesmo que pobre se exploda. Se você faz o trampo que a prefeitura necessita; você é útil. Até você fazer aquilo que eles querem; que nem eles queriam fechar um monte de boate... aí depois ele meteu o pé no rabo de todo mundo. [Televisão] Assisti. Bom, eu não gosto muito da Globo, né. Mas não tem muita coisa... aqui só pega o canal cinco, não pega outro canal. A não ser que você comprar um conversor e pôr na televisão. E não é nem aqui de São Paulo; pega o canal cinco de Moji das Cruzes. [Algo acrescentar] O que eu queria dizer é que tudo isso que disseram naquele jornal... o cara que fez a reportagem, ele tinha que ir atrás das informações pra ver se era verídico... eu não sei se tem o dedo de política... Ta denegrindo a imagem do movimento. O movimento, ele é sólido, entendeu; quem ta aqui dentro ta precisando; ninguém ta aqui porque tem casa no Morumbi, no Alto de Santana... A gente ta aqui porque necessita mesmo do espaço, e a gente vai ficar na luta, pro que der e vier... se tiver que sair no despejo a gente vai fazer um “auê”. [Sobre a desapropriação do prédio] É o CDHU já veio aqui já. (...) Vai vestir seu chinelo....

[Entrevista 9]

Boliviana.

Eu nasci lá na Bolívia, né; La Paz. Eu vim porque eu era menina e no tinha trabalho lá pra mí, né. Na época, eu vim com 17 años aqui. Sozinha. Só com una menina; com ela. Já tinha uma filha. Eu tenho 28 años. No tinha emprego e sofria ameaças da parte do pai dela. Vim aqui tentar trabalhar, sustentar minha filha. E daí que eu fui explorada... é eu fui trazida com outros bolivianos, eu fui explorada; enfim, eles só falavam pra eu trabalhar o tempo inteiro, né. O tempo inteiro, eu só dormia quase duas horas, três horas só. Só, durante 24 horas eu dormia eso só. Eu acordava 6 horas da manhã, pra fazer o café da manhã, e dormia duas horas, três horas da madrugada. Ayudante de costura eu trabalhava, e

fazia comida también; como cocinera e ayudante de costura. Escravo mesmo. Não, não dava, porque eles falavam si eu ia sair, que a polícia ia pegar eu, ia levar de volta pro meu país, né; eu tinha medo de voltar lá, porque eu não tinha condições de sustentar minha filha lá. Então eu fiquei lá trabalhando durante 8 meses. 8 meses, eles no davam nem “sabón” pra tomar banho; ni pra minha filha. Minha filha, davam muito poco... a comida era muito poca. Eles falavam que os brasileiros comiam assim, muito pouquinho. Então, eu cheguei a pesar 42 quilos, no. Eram bolivianos, que me traziam de lá. Eu vim com 63 quilos de lá e eu cheguei a 42 quilos aqui. Eu sofri muito, muito, muito. Não tinha pra minha filha bolacha; não tinha nada, nada. Morava aí mesmo. Un dia, né, eu falei pra dona ya faz tempo que eu estoy aqui eu quero sair, ela falou, “se a polícia te pegar, não é meu problema”. Daí eu saí; saí junto com minha filha, porque minha filha tava doente, precisava de un hospital. Daí eu vi bolivianos passando na rua, aí e eles falaram pra mí, “tem lá”, na época era plaza Pari, “lá no Pari tiene un encontro de bolivianos, vamos lá”. Aí foi que eu achei otro boliviano, né, otro, pra eu trabalhar lá. Ele falou pra mí, “vem trabalhar aqui que eu vou te pagar bem; vai ser tudo direitinho aqui”. Fugi de lá. Falei, vou pensar. Daí caminhando que eu me perdi pela rua, né. Me perdi com minha filha doente. Aí a polícia me achou. Falou, “que que ta acontecendo com a bebezinha?” E aí eles me levaram para o Tatuapé, pra ter a pensão pra ela. Foi muito bom porque eles; eu contei pra eles, porque na época eu no sabia, no conseguia falar o português, né, muita dificuldade; e aí que eles conseguiram me atender, eu, né; e aí eles falaram, “tá bom, não vamos a dar problema nem a você, nem a os teus patrões, então você sai de lá, faz isso que te mandou o otro boliviano e vai trabalhar allá”. E eu fui trabalhar Allá, no otro boliviano. Tirei minhas coisas. O dono dellá não me deu ni un real quando eu sai do trabalho. Eu saí así com mías coisas só, com uma mala só. Não tinha nem um real... Fui morar com esse otro boliviano; aí eu trabalhei com ele: misma cosa! No pagou, né. No pagou. Era um pouquinho melhor porque “ele” dava “sabón” pelo menos, para eu tomar banho; água, “sabón”; uns cinco reais pelo fim da semana; dava as cositas. Mas era o mesmo trabalho escravo. O mesmo trabalho... [Quantos anos tinha a filha?] Dois años. [Quanto tempo ficou nesse outra trabalho, sendo explorada por esse outro boliviano?] Un año. Fiquei un año. Também daí, eu saí sem dinheiro también. Daí que eu fiquei brava porque eu precisava do dinero, e eu tinha um pouquinho mais de “conhecimiento”, né; porque aí eu ya conhecia otros colegas; aí eles me falavam você tem

que comprar, você tem tuya filha, você precisa. Eu precisava, fui pra delegacia, né, e aí o delegado foi lá, com o homem: falou pra mim: “aqui você no tem direito de nada; você no pode fazer nada”; falou pra mí, né, o dono do trabalho e o delegado falou com ele: “Ela no tem direito de nada então abra esa porta, abra esa porta”. Ele no queria abrir, mas ele abriu. Descobriu que era um trabalho... realmente, era muito podre lá. Muitos colchões, né; era tudo cheio de bicho, de bicho, de bicho; a mía filha tava toda comida, até agora as cicatrizes... [A filha mostra as cicatrizes] Monte de bichos; muito cupim; mucha cosa, tinha de tudo lá. Então daí, fui levando vida, fui... troquei de trabalho. Fui trabalhar com coreano. Aí o trabalho com coreano también era escravo. Mas o bom dele é que ele pagava. Ele pagava pontualmente. Pagava. Na época era 150 reais. Era muito bom com os coreanos trabalhar. [Ela esta com 28 anos e chegou ao Brasil contando 17 anos, isto é, há 11 anos atrás, no ano de 2000; trabalhou como escrava aproximadamente um ano e oito meses com os referidos bolivianos, provavelmente ela foi trabalhar, también como escrava, com esse coreano em 2002]. O trabalho era escravo también. Muito trabalho. Mas pelo menos ya dava mí comprar roupa, pra mía filha; comprar leite... [Com o outro boliviano...] Costura, sempre na cosina, porque ninguém me dava oportunidade pra eu aprender a costurar; ninguém quis me dar. Cosina, e ayudando elles na costura: cortando, rematando as peças, olhando se ta boa, se tem defeito, não tem defeito... [Com o coreano a mesma coisa?] Com o coreano a misma cosa, a misma coisa. Só que ele paga. Essa é a diferença, o boliviano que não paga e o coreano que paga. [Quanto tempo você trabalhou com o coreano?] Eu não gostava do coreano, né, do jeito de trabalhar... Otro me ofereceu mais pocas horas para trabalhar, né. Eu trabalhei um ano com ese; fui lá na (...) eu fiquei dois años com outro coreano... Sempre trabalho escravo com coreano. Daí... o bom deles era que pagava; que pagava. Os coreanos también davam um lugar mais grande, mais maiorzinho pra eu e minha filha; sempre davam um quartinho pra eu e ela. Aí foi na época que eu... me ligaram lá do meus país, que minha mãe faleceu. Então quando ela faleceu eu tinha economizado um poço o meu dinheiro e... não; primero me comunicaram que ela tava internada no hospital; aí falaram, precisa de dinero tu mãe. Então eu juntei mías economias e mandei tudo. Mandeí tudo. Uma quantia pra mía pra ela superar esa doença que ela tinha. Mas ela faleceu, né, lamentavelmente; ela faleceu... Meu pai, ele morreu también, mas eu nunca conoci... me abandonou quando eu era pequena. Deixei [na Bolívia] meu irmão; meu irmão

lá. Tá o meu irmão mais velho e meu otro irmão también ta lá; os dois estão. Dois homens. [Depois que saiu dos coreanos] Conheci o pai dos meus filhos... desses dois pequenos. Dois pequenos. Aí eu fui morar com ele e depois eu engravidei. Ele é boliviano también. E eu não tinha como sustentar... estava grávida, com barriga, então ele decidiu alugar um quartinho pra nós, né. Aí ele alugou um quarto. Era uma pensão. Porque ele sabia como que era o trabalho, era muito forte, né, e eu podia perder o bebê; ele tinha medo, me ajudou bastante enquanto eu estava grávida. Ele trabalha com costura, atualmente ele é costurero. Só ele que ta trabalhando; agora que tenho a bebezinha, no. [A idade dos filhos] 13, 7 e 1 año. A gente tava morando de aluguel, foi que nasceu o meu bebê, e aí foi mais complicado, né, mais leite, mais roupa, mais... aluguel. Era muito complicado pra ele pagar. Daí que, mais ou menos, ficamos um tempo pagando aluguel, uns quatro años pagando aluguel, né. E a gente conheceu, lá no aluguel, tinha uma colega, né, vão lá que vocês estão precisando; vão tentar lá; vamos dormir lá, na ocupação. Então, vimos. O meu marido vinha com colchón; enfrentou polícia civil lá embaixo, né. Daí a gente venho conheceu, aqui, né. Fez a carteirinha. Participamos das asambleas. Vamos na luta, né. Nas marchas pra lutar por moradia, né. (...) Dois filhos brasileiros. [A vida melhorou na ocupação?] Melhorou, melhorou. Melhorou a comida, né. Principalmente a alimentación e a roupa. As crianças precisam, né. Porque o dinero ia direto lá, direto no aluguel. Porque o aluguel – o último aluguel que eu paguei – tava 750 e quando, eu não tava grávida dela, né, não tava grávida dela na época. O último aluguel que eu paguei foi esse. Depois eu não consegui pagar porque minha barriga cresceu... Agora é bom, eu acho bom morar aqui; eu acho bom. Tem gente que trata bien; tem gente trata mal. Mas eu acho que em todo lugar do mundo tem esas pessoas que tratam bien, tratam mal. [Sobre os relatos de outros moradores de violência nos cortiços] Não, era mais sossegado. Não tinha. Mexiam com droga, mas, lá fora, lá fora. Dentro de casa não. Era um quarto de pensión; não podia fazer barulho, justamente por eso, todo mundo cria um bebê lá. Então falam pra no sair también; procurar otro lugar, ele deu tempo, né, pra não sair. [Quando a tratam mal, o que falam?] Falam que nós somos bolivianos; que nós não estamos no nosso país; cala boca bolívia... Eso eu sei. Ya sofri mucho. Estoy disposto a tudo. Agora pelos meus filhos ainda, né. Eu dou gracias a Dios que eu estoy aqui, né, com se diz a compañera Neti, né. Ela es encorajadora, ela é una boa pessoa, de todo mundo da coordenação ela es a melhor. Dá

força, né. A gente tem, a gente conseguir comprar, televisão, né, porque estraga a televisão, então a gente deixou pra comprar, trocar os móveis, os móveis quebram, também tem que trocar... em pouco tempo... mas se derem uma chance pra gente? a gente consegue chega lá, né. [As crianças vão pra escola] Vão. Ela está na oitava; meu filho está na segunda; só este aqui que não, ainda não tem vaga na creche. [Sobre a situação legal no Brasil] Eu ya tengo mía permanência aqui no Brasil. [Qual o objetivo] Moradia. Ese é o meu sonho, né, deixar alguma coisa para os meus filhos. Eu acho que a melhor situação é aqui no centro: pras crianças estudar, também tem mais hospitais; é bom pra estudar, pra pesquisar; tem a Luz, né, o Teatro Municipal, tem muitas coisas boas pra distração das crianças aqui. Muitas coisas. Eu levo no parque da Luz, no Museu, né – “Museu da língua portuguesa, na Pinacoteca, Museu da Eletricidade...” (filha) – Eu acho que tem muita coisa boa aqui no centro. Só uma coisa que prejudica é que tem muita droga, né, lá na Cracolândia. Eu acho só isso, né, que é ruim. Mas como diz companheira Neti, a gente aqui aceita gente de todo o mundo, de todo tipo, né; ele tem que melhorar aqui. Ela abre as porta para os jovens, pra eles poderem se encaminhar, né. Agora, ela não aceita droga aqui, ela diz, que tem que melhorar, si ele é drogado, tá bom, mas tem que melhorar. O que eu acho bom de Brasil é que es um pai junto, não tem muito racismo, como otros países. Eu gostei muito. Eu me sinto mais brasileira do que um brasileiro, às vezes, porque eu sou bem tratada; eu me sinto bien, porque eu gosto das pessoas alegres, gosto como elas són, em parte. Como te disse hace algún tiempo, tem gente bom, e tem gente ruim; tem de todo o jeito. A gente no pode conocer... Acho legal, acho lindo... E como às vezes as pessoas negras, né, también se siente así... Eles acham que a... a polícia acha, né, quando vê um pretinho de chinelo, ya acham que é malandro, mas quando vê um blanco de chinelo, acha que é gente fina, que esta perto da casa dele, né. Então, eu acho que tem racismo, preconceito, ainda tem. No só comigo, mas también tem racismo com nordestinos... Eu acho que tem racismo de tudo tipo. A gente tem que se saber cuidar, né. Fora isso e me sinto bien, me sinto mais brasileira... Eu sou às vezes maltratada pelos negros, maltratada pelos brancos. Eles también são maltratados, porque quando vien uma pessoa branca às vezes... um conjunto de jovens negros que vêm um branco, vai e maltratam ele también (risos).

[Entrevista 10]

C.

Eu vim pra cá... Segura esse cachorro lá dentro! Eu vim pra cá em 82, em junho, dia 23 eu cheguei aqui. [De que cidade?] Itó Ceará, no Município de Fortaleza. É uma pequena cidadezinha. Um sítio lá, pequeno, que era dos meus avós. Tinha, né... porque minha tia já morava aqui, já era casada, e tinha um tio que veio pra cá com 15 anos. Ele mora em Santo André. Ele é da Eletropaulo. Já ta aposentado. Não sei nem com quantos anos ele tem. Então eu vim pra cá, vim passear, e fiquei na casa da minha tia em Santana. (...) Em 85, eu namorei com um cara, e eu engravidei da menina. Aí não deu certo, porque ele engravidou outra, aí quiseram matar ele (risos). Mas ele era parente também. Mas ele namorou... Eu namorei com ele novinha, antes dos 20 anos. Ele trabalhava no Batista Brasileiro, né. Aliás ele é sobrinho do meu pai. Mas lá era um colégio de freira, você sabe, ele trabalhou lá uns dez anos, e nós ennoivamos, eu ia casar, tava com uns cinco, seis meses; mas eu acho que o negócio pegou lá dentro, porque essa turma tava lá dentro, o cozinheiro, o que fosse, a faxineira, mas é um lugar de freira. Ele pediu a conta e foi embora. Também não fui atrás. Meu tio falou “não”. Só que minha família já sabia que ele tinha engravidado a outra e eu não sabia. E ele foi embora. Eu tive a minha filha, que hoje ela é casada. Eu tinha 24 anos. Ela tem 26 anos, tem três filhos. Eu também não fui atrás do pai. O pai veio, depois de doze anos. Lá namorou com outra, casou no civil, mas não deu certo. É esse é o segundo casamento, tenho três filhos, a menina de 11 e os gêmeos, Caio e Caíque. Sete; fizeram em junho, 7 anos. Vai pra lá... Quietos! Você quer trazer uma cadeira pra ele? Então traz uma cadeira. Devagar! Deixa o rapaz sentar. Olha o cachorro, senão sai. (...) Aqui não é fácil, essas paredes de... Pode sentar aí. Pega uma cadeira pra mim também! Tá com ciúme de mim; sai! Põe ele pra dentro! (...) Então, quando eles nasceram, eu morava aqui na rua do Triunfo, 73. Eu trabalhei numa confecção em Santo André, numa travessa da Dom Pedro II, a dona tinha uma loja em São Caetano, a loja da Ivaní. Era uma loja muito falada. Eu trabalhei em São Caetano; a minha irmã também, a Fátima. Ela veio pra cá, e ficou morando comigo. A gente morava em Santo André, nos fundos da casa do meu tio, e ficamos morando lá um tempo, foi quando eu tive a minha filha. Meu tio falou, “não, você

não vai atrás dele não”. E meu pai já não se dava muito bem com ele, mesmo sendo irmão, porque o irmão era solteiro, não sei se era por causa de namorada... mas, as fazendas eram tudo emendada uma nas outras. Eles tinham sítio, porque meu avô tinha sítio; meu avô veio, de descendência portuguesa; meu avô ainda falava com aquele sotaque. Mas eles compraram esse sítio, perto da cidade... Ele tinha o Belomonte, que foi vendido quando ele morreu, e uma casa que hoje é da prefeitura porque os filhos foram estudar em Fortaleza; tem filho formado lá... E os netos, as netaida, sobrinhos, vieram tudo pra cá. Eu acho que eu tive dois tios, foi três que se formou aqui. Não meu pai ficou no sítio. Minha vó teve dezesseis filhos. Acho que é quinze; quatorze. Mas o meu vô ficou uns dez na anos viúvo. Eu tenho cinco irmãos, três mulheres e dois homens. É isso mesmo. Eu tenho um irmão que morava com a gente na cidade de Ito. E ele construiu casa lá. Foi o pai da minha mãe que criou ele, porque lá em casa era um atrás do outro, escadinha. Aí, o pai da minha mãe morava no sítio lá, mas perto da cidade, outro sitinho lá, que também já venderam. E ele morava lá. Depois que ele casou, venderam as terras tudo, e ele comprou um terreno bem na entrada da cidade. E tinha um rapaz que meu avô criou, fica pertinho da casa dele; ele falou: “Você compra um terreno aí e constrói”. Como ele foi criado pelo meu avô, ele se entrozava, né. Ficou lá. Só que ele casou, com uma moça. E essa moça, disse, viajar por aí, sei lá, já tinha três, quatro filhos. Aí eles foram embora pro Mato Grosso, porque disse que lá era melhor. E do Mato Grosso a gente não consegue entrar nem em contato com ele... O outro não, o outro construiu casa mesmo na cidade... O sitinho ainda ta lá; a gente foi que não vendeu um sitinho pequeno, né, porque que realmente – no final de semana tava lá – a gente acostuma, mesmo lá numa cidade desse tamaíinho mas é barulhenta. Aqui é barulhento. Se eu tivesse um aqui, todos iriam no final de semana, todos estão acostumados a mexer com terra, com planta, com essas coisas, né. Com terra, com planta... Outra coisa também, o *ar* mais puro. Então você vai pra lá. E as crianças também gostam. Eu também adoro. Só que o meu marido; os pais dele moram no interior de São Paulo; todo final de semana eles vão pra lá. Mas eu não saio daqui. Esse ano eles não foram pra escola... – Cala boca! – porque saí daqui da rua do Triunfo... Não faz barulho que eu tô conversando! [O marido] Ele trabalha aqui na Mauá, pertinho da antiga loja que ele trabalhava. Ele trabalha de vendedor. Ele é balconista. Ele trabalha há muitos anos na área de serviço. Ele trabalho na Folha, mas ele pediu a conta... E eu, tô sem trabalhar desde que eu saí dessa escola, que

era na Liberdade; tem um ano e... É na escola de computação, fazia serviços gerais. Mas antes eu trabalhei de costureira; trabalhei de balconista em São Caetano; trabalhava com... Aí de lá, eu vim aqui, como eu tava te falando. Trabalhei com esse seu Antônio, trabalhei lá uns cinco anos. Cinco anos de registro e um sem registro. E vim pra cá trabalhar aqui nessa loja que fechou. Aí que... Eu morava na rua do Triunfo. Meu marido trabalhava aqui na Mauá há muitos anos. Aí o que que aconteceu, eu pagava ali 400 reais, então chegou um cara lá, apertou a campainha, falou pra mim assim: “Eu sou o novo dono, que eu comprei o prédio”. Eu realmente sei que é de uma mulher, né; mas ele entrou não mostrou documento nem um fio. Aí perguntou, “onde é a casa do zelador?” Eu peguei e falei assim: “Ah, é número quatro”; porque a minha é era o cinco. E ele foi então. Eu saí pra rua. Quando eu cheguei... E ficava aquela pressão pra todo mundo sair. Nós fomos a segunda pessoa, porque lá era mais assim, roteirista de filme, era ele que era mecânico e tomava conta do prédio. E nós fomos parar na Liberdade, eu fui na Cachoeirinha. Eu fui num final do dia na casa da madrinha dela, ali perto do terminal, na Vila Souza, e tem uma moça que eu conhecia há muitos anos, que ela trabalhava com o meu marido, amiga do meu marido, aí pegou e falou assim: “Pereira é melhor vim pra cá já que os meninos tão doentes”. E falaram fica mais perto da Serra, ar puro. Como eles tavam com pneumonia, eu comecei a fazer um tratamento na Santa Casa, muito bom pra poder realmente eles sararem. E nós fomos pra lá. Passei o quê, uns cinco anos, em 96, né. Ela tinha 5 anos e meio, que ela não conseguiu escola. Ela ficou um ano sem estudar, e os dois meninos. Foi muito difícil porque eles eram gêmeos. Eu andava pelas calçadas, porque lá é bem assim, né, pra andar, e me dava um desespero, uma coisa. Nunca, nunca tinha entrado numa favela. Nunca tinha entrado porque nunca precisou. A Plínio Souza não é uma favela? E tem mansão. A Vila Rica não é? Que foi passado na televisão? Não, não. Pagava aluguel lá, pr’um senhor. Depois apareceu um outro dono mostrando um documento pra mim, né, e meu marido parou de pagar. Nós pagava água, pagava luz, e sempre eu quis vim pra cá. Quando eu cheguei lá, eu não tinha medo de morar, mas você sabe que que nunca foi nesses lugares tudo... Que nem assim, teve gente que falou, “ah, você vai justo pr’uma favela!” Você sabe que quem mora em favela ninguém paga nada. Não é bem assim! Lá tinha mansão. Aliás, encontrei pessoas que eu conhecia quando tinha 23, 24 anos, que nunca falou que morava lá pra mim, né, que eu pensei que a pessoa não tivesse nem vivo, de cara a pessoa aparece ali

pra mim, ó! É mesmo que dá um impacto! [Violência] Olha, se eu falar assim pra você, não sei, porque eu não bebo, eu não trago nada... Não, geralmente o povo que gosta de festinha, de bar, se briga, é entre eles. Não dá pra você saber. A pessoa que é viciada em todo lugar tem. Não dá. E a pessoa que realmente... Eu nunca tive problema assim, com irmão, pai, tio, essas coisas. Não, o primeiro marido da minha filha que casou, ele com 15 anos se viciou nisso, a mãe gastou tudo que tinha. É tanto que minha filha se separou dele, ficou três anos separada e casou com outro; porque ela não aguentava. (...) Eu realmente, a minha vida razoável. Ninguém acredita. É que nem a minha família fala, a minha família se revoltou e falou assim: “Você nunca precisou disso...” Eu realmente quando fui pra Cachoeirinha não sabia disso daqui, e eu falei pr’uma amiga minha: “Eu volto pro centro nem que eu vou morar num pombo”. Porque quando eu saí da Magalhães, que eu só tinha uma menina, eu fui pra Santa Cecília, perto da Folha, era numa pensãozinha. Eu morei dois anos [num quarto de pensão]. Mas como eu tava grávida dos gêmeos, como ia caber berço e mais alguma coisa lá dentro. Ah, era pequeno! Lá ele cobrava 300 reais. O de 400, vamos dizer que era daquela pilastra pra essa daqui, fechado aqui. Ali tinha que ser cozinha, quarto e tudo, né. E nós saímos de lá. Uma amiga falou pra mim: “Pereira melhor você ir pra lá, porque aqui o aluguel tá caro”. Eu saí do serviço. Realmente eu tava recebendo o seguro desemprego, fundo de garantia. E nós fomos. No início eu não gostava muito. Eu não saia muito de casa. Eu sempre saí só pro mercado. Eu tenho que levar dois no colo, eles tavam com 1 ano e meio! E ele vinha trabalhar aqui; trabalhava no mesmo patrão, que é nessa loja da esquina. Registrado ali, né. Não, ele não ta trabalhando no turco. O turco fechou a loja, faliu, a mulher dele trabalha com outras coisas... E ele trabalha aqui, roupa, confecção. Ele é registrado. Que nem eu te falo, eu realmente nunca tinha entrado lá. Se eu entrei, tava passando de carro. Eu ainda falei assim, a única favela que eu tinha entrado é a favela do Ipiranga, porque quando a gente vai pra São Caetano, Santo André, passava pelo meio antigamente: Heliópolis. Era a única, que a gente passava assim xiiiip, ou pra comprar uma coisa quando tinha pertinho. E de repente, eu sentia... Você é criada dum jeito, aí você vai prum canto assim, isso me deixou, até hoje... [deprimida?] Ah, fiquei! Fiquei porque eu já tinha ficado muito deprimida; tive assim uma depressão por causa dos gêmeos... Mas como eu fui pra longe de onde eu estava, tinha muitos amigos de dentro lá da escola, tinha um monte de gente... fiquei lá num cantinho. E tinha um monte de mulher que gostava de festa,

gostava de beber, gostava disso... E eu não gosto daquilo. Então aquilo me deixava mais deprimida ainda... Hoje eu to melhor. Tem gente boa lá, realmente. (...) Você não sabe quem é quem; você não conhece seu próprio vizinho nem seu próprio irmão, nem marido. Você pensa assim: essa pessoa é assim, assim, assim. Mas não dá pra saber. Não dá pra você dizer: não, eu vou confiar. Não dá pra confiar em ninguém. Eu vim pra cá porque meu marido chegou lá e falou, ó Célia, sabe o prédio, porque eu conhecia esse prédio da Mauá. “Você disse quer ir pra São Paulo, os meninos já sararam, vamos embora pra São Paulo, porque aqui não dá mais, tá difícil mesmo”. A viagem dele, ele já tava muito cansado. Todo dia tinha que levantar mais cedo – aqui ele levanta cedo, mas dá tempo de ele fazer hora, entrar no serviço 8 horas vai a pé, é aqui perto; horário de almoço, vem comer, tudo – mas era muito cansativo – e outra coisa, ela vai e estuda aqui; ela foi a única que eu fiz a transferência certa: quinta série; por quê, ele fazia o prezinho, na Inajá, fizeram dois anos de prezinho na Inajá (...) só que no final do ano passado, que vai – é uma escola da prefeitura lá, foi parar numa escola do estado da Vila Souza, como eu morava na Vila Souza, eles pegaram e falaram não, você não pode escolher; como não pode escolher, eu to vendo as mulheres escolher; não, lá é a prefeitura que vai ver; foi parar lá. Então eu falei não, eu realmente não gosto desta escola; minha filha estuda na Vila Rica já há quatro anos, e nunca teve problema; vou falar com o diretor. E falei com o diretor. Mas a gente tinha decidido vim pra cá, né. Eu peguei e vim na escola em novembro quando vinha as vagas assim, né, e peguei e falei que não queria a vaga porque eu ia mudar. Aí quando foi que eu cheguei aqui que fui passar os documentos deles pra matricular, acusou que eu nunca tinha comparecido. Aí o que que aconteceu, a escola falou assim, você vai lá e pega um comprovante, que comprove que deu baixa e tudo. A moça puxou o negócio e eu fiquei... A gente chega lá 10 horas. Dez e meia, tá fechado. Aí eu fui peguei, e eles me deram o papel. Aí eles pegaram o papel preencheram que tinha comparecido que eles não estudavam mais. Aí eu vim, trouxe o papel; aí a moça puxa; não, ela disse: “Vamos esperar depois do carnaval quando passar as festas”, coisa de festa, tudo. Aí fui nessa escola, onde ela está estudando, pra ver se arrumava pra eles. Quando chegou lá e puxou o papel de novo, constou lá que eu não tinha comparecido na escola. Eu falei, “tá danado!” Aí eu fui no Crase, fui bater no Crase: “não, você tem que ir na Cachoeirinha”; aí quando eu cheguei lá: não tá aqui: a Delegacia do Ensino! E eu fui, fui da Freguesia do Ó, era pra eu ter ido na

Lapa. Ela falou, “não, já que você veio até aqui” – não, tava morando aqui já, pra puder matricular ele... Quase no meio do ano, eu tentando dar baixa e a escola segurando, falando que eu não comparecia na escola, que o menino não ia na escola. Como é que fala um negócio desses? E eles tão sem estudar. Eu to pra ir na Liberdade pegar a transferência dela. Aí eu fui lá na delegacia do ensino, eles falaram ó: “Daqui pra frente eles não têm como dizer que você não compareceu na escola, como que meninos vai ta preso, registrado já no meio do ano? Se fizer é cachorrada, né.” Aí tudo bem, eu to esperando, acho que é agora, outubro, novembro, tem que registrar eles pro ano que vem. Eles perderam o ano. Eles estão com 7 anos. Era pra eles ta terminando o primeiro ano, né. Que nem a moça lá da delegacia: “Não, eles não perderam nada”. Como não perderam? Eles ficaram dois anos no jardim. A Karina ficou adiantado por quê? Porque foi no tempo certo que ela fez. Não perdeu nada porque eu não entrei no primeiro ano, porque faltava dois dia pra mim fazer aniversário. Não quero saber se fulano, falta dois dias, um dia pra fazer aniversário? Diz que não consegui isso. Eu lutei pra que eles... Eles são gêmeos, eles são dois; eles deram muito trabalho... Eu trabalhava, eu quase tive um troço. Meu marido quase enfartou de tanto a gente trabalhar. É, eu trabalhava quando eles nasceu; trabalhava na escola. E eu pretendo trabalhar de novo. Tanto que eu tou acostumando eles; mando a menina ir no mercado comprar uma coisinha; levar pra escola, pago pra alguém trazer, porque dependendo do horário dela. Porque agora as escolas são separadas: primeiro ano até o quinto é numa escola... O ano que vem ela vai fazer a sexta série, é numa outra escola, então complica ainda mais as coisas, né. A outra não mora comigo, mora em Santo André, então fica difícil. (...) Não, não, ele não participou [da ocupação]; ele fez inscrição na Mauá, e pediu lá. Aí achou um quarto pequeno na Mauá. Não importa, eu conhecia já a Mauá. Porque quando eu trabalhava na esquina ali teve uma invasão, né, cinco, seis anos atrás. Ele falou, “é muito pequeno”. Eu falei, deixa, também as crianças não vai dar pra tirar da escola. Aí depois houve essa daqui, né. “Tem o prédio da Prestes Maia”. Qual é o prédio da Prestes Maia. “É um prédio do governo”. Aí eu falei, “tudo bem!” Aí ele arrumou no 12. Aí eu falei, no 12 é muito alto pra eu subir com criança todo dia. Aí quando saiu o sétimo aqui, eu falei, “vamos”. [Melhorou a vida] Melhorou, porque lá era muito barulho. 50 reais não é um aluguel, é só uma ajuda pros caras; pagam segurança da noite, do dia, eletricidade, essas coisas todas, né. E realmente... – “Vou jogar basquete, vou jogar

basquete!” (criança) – Cala boca! Eu me sentia uma pessoa inútil. Porque aqui eu durmo. Aqui é bom pra dormir. DE noite você entra aqui, porque o nosso andar é um dos mais quietos. Porque não tem muito baderneiro, porque nego começa a badernar, já chamam a atenção. Não tem! Não temos isto. Então aqui você dorme mais. Porque no prédio onde eu morava tinha três bar na frente, e os bebos vinham e estacionavam dentro do prédio. Gente que usava até droga. Porque se usa lá na boca a polícia dá bifa na orelha. E nego cambaleando eles vê de longe, porque tem radar. E realmente melhorou um pouco nisso. Eu me sinto mais segura. [Alimentação] Eu não sou muito de viver comendo, quem come é as crianças. Então, que nem a gente ta falando... A alimentação; aqui é perto, porque sou eu que vou comprar. E aqui fica mais perto inclusive para mim ir para Santana. Eu pego um ônibus, já vou direto; é ônibus que para na rua que minha mãe mora. É minha mãe mora uns seis, sete anos com a minha irmã, que a outra minha irmã é solteira, né. Então, ela morou na Mooca, depois que ela veio de São Caetano. Ela tava em São Caetano quando eu vim morar com esse cara, porque quando eu engravidei da menina eu morei aqui no centro cinco anos, fui pra Cachoeirinha, morei na 25 e vim pra cá, início de março aqui. Então, tenho os três com ele. Melhorou porque eu já conhecia aqui – e, aliás, eu tenho muito amigo – mas como os meus amigos eu conheci na época que eu estava bem – eles realmente tem curiosidade – vem jornalista aqui, vem tudo. Mas fica chato, né, eles me conheceram, não acreditam... eles realmente me procuraram, tanto que eu nem fui na escola que eu trabalhava. A dono da escola que eu trabalhava mora na Paulista, realmente, se ela entrasse aqui... Eu me sinto assim insegura, então eu não quero me expor a eles, expor eles. Sei lá, eles são empresários, você entende? Eu me sinto assim insegura, inclusive com minha família, realmente... se minha família entrasse aqui, pra minha família isso aqui é uma morte. Eles sabem que eu to fazendo isso, to dando tudo, por causa dos meus filhos. A mais velha ta casada. Eu tenho prima, que é empresária. Meus tios que moram aqui, todos têm casa própria; têm primos que vão casando, tudo, vão fazendo a sua vida; outros que vêm fazer faculdade. Eu realmente pretendo voltar pra lá. A não ser quando se aposentar; porque lá pra quem é aposentado é bom, tem o dinheiro. [Sítio] Não, nós tentamos vender lá pro meu tio mas ele não quis porque ia dar muito pouco. Tem um irmão também lá. Meu irmão vai mas também não gosta mais... Minha mãe paga o INCRA, né, como é que eles fala, todo o ano. Só que ele gosta [o cachorro late] já que ele mora na cidade, as filhas são

tudo casada, e vinheram pra cá, tá vindo um por um, tudo morando na cidade, só ficou ele lá. Mas quem nasce, que tem vontade com a terra, e a gente nasceu já tinha aquilo; então você gosta daquilo, desfazer o que foi do avô. Eu e minha irmã, nós plantava sim. Porque meu pai deixou a gente com cinco; 10 anos eu tinha, minha irmã, 12, meu irmão... mas novo é meu irmão. Aí o que que acontecia, eu realmente gostava. Também a gente ficava semana na cidade. A gente ia pra lá, então a gente plantava os mamão, essas frutas, né; a gente que fazia muda, tudo... Para de gritar menino!... Por parte de mãe também fazia isso, né. Eles plantavam. Então no final de semana a gente ia pra lá... [gritos das crianças]. Todo mundo que tinha aqueles sitinhos ali vai pra cidade estudar. Os que não voltam no final de semana volta todo dia. Pra escola, ou se tem loja, vai pro serviço. E a gente fazia isso. Depois parte da família foi para Fortaleza, outros, os filhos foram casando, foram pra mais distante. Mas quase toda mora em Fortaleza. Mora aqui, outros moram em São Paulo, mora no Japão, mora em tudo que é lugar! Até no Japão. Mas aí eles moram em tudo que é lugar. A família do meu pai era muito grande, a da minha mãe também, tem uns primos da família da minha mãe em Ferraz, uma irmã da minha mãe que mora em Campinas. Então, eu, realmente, quando cheguei não achei muito ruim; eu realmente tendo vindo de lá, o pessoal fala, você pastou, eu não pastei, porque eu tinha minha família já aqui. Meu tio veio com 15 anos, trabalhou na Orion, né. Veio pra casa da irmã da mãe dele, do pai dele, na Vila Maria. Até hoje tem prima dele que mora lá. Então eles eram muito bem cuidados pelos tios. Eram duas moças. Paparicavam muito ele. Depois ele saiu do Orion, acho que ele fez um curso e começou a trabalhar na Eletropaulo, que é esse que mora em Santo André. Depois ele virou operador de estação. E se aposentou como operador de estação. Ele é aquele filho que foi criado assim ó, no tronco. Mãe avô educava os filhos e os netos tinham que ir atrás, porque se não fosse, ele era muito severo. [Televisão] Tenho. Eu realmente não assisto assim... eu não tenho assistido muito novela. Meu marido gosta de assistir o Ratinho, eu gosto de assistir o Jornal de domingo, né. Gosto de assistir a Record, gosto de assistir o Gugu. Às vezes, o Silvio Santos. Não. Minha televisão tinha queimado, e chegou hoje. Essa novela começa tarde. Que é proibido até os 14 anos, então se a gente deixa ligado eles vão querer assistir. Então nenhum deles aqui pode assistir. Realmente o pedaço que eu assisti e não achei que tivesse nada que pudesse afetar eles. SE já tá falando isso deve ter uma parte bem picante. Não mas antigamente, diferente de hoje, torturavam as pessoas, por que eu não sei

direito. Eu realmente até me perguntava o porquê disso daí. (...) Mas em compensação é, como se fala mesmo, ele gerava filho hoje que fala, “filho burro, nunca estudou”, mas ele deixou um império pro filho dele, deixou casa na cidade, deixou fazenda, ele deixou vários imóveis. O cara fez várias faculdade, formou a casa da mulher e dos filhos, e não tomou conta mais, que é o que tá acontecendo, que é os imóveis aí tudo fechado. Ele vai embora pro estrangeiro, não consegue... O velho era burro, ignorante e conseguia pagar. Eu fico pensando, muitos eram formados, tem muitos desses aí que são empresário, que tem mundos e fundos, que formaram em São Paulo, que o povo fala que era ignorante. “Ih, meu pai era ignorante! Meu pai não estudou, não sei quê”. Mas ele era esperto. Só que quando o pai morreu, virou isso. Virou isso! Eu falei isso porque a gente gostava da fazenda do meu avô. Meus tios já formaram a fazenda dele. Meu avô também. Os filhos já torraram, xiii, venderam as fazendas, cada coisa; era assim, ponto turístico. Mas eles também queriam ter contato com boi, vaca, cuidar de fazenda, de empregado, essas coisas que não é pra todo mundo não. Então foram tudo pra cidade. Outros se formaram, viraram professor, sei lá, viraram bancário, escriturário, essas coisas. Mas não fizeram... Ter contato, nem com terra. Porque os filhos do meu pai, os outros que foram pra cidade, eles nunca tiveram contato com terra. Ficou na fazenda foi meu pai e outro irmão dele, que até hoje mora nas duas fazendas. Esse rapaz, que é o pai da minha primeira filha, ele também mora lá. Ele gosta muito de lá, de terra; aquele que tem a fama de... o mundo tem que ser dele. – “Onde que aumenta pra gente escutar música” (filho) – Não é pra aumentar não. Então, como eu tava te falando, eu não tive muita dificuldade aqui em São Paulo; no tempo que eu cheguei era muito bom pra arrumar emprego. Não, não sei se piorou porque eu não saí lá fora; faz uns cinco anos que eu não trabalho, por causa deles. Pretendo trabalhar, mas o pessoal fala que tem que ter faculdade, não, não tem. Realmente, eu terminei a oitava série, mas eu tenho experiência porque eu já trabalhei, eu tenho vários registros na carteira. Trabalhei na fábrica da Garbo, de costura, trabalhei de balconista, trabalhei de serviços gerais. Então, se eu tivesse condições, eu abriria uma oficina pra mim, coisa assim, sei lá. Porque a gente tem experiência mas quando chega assim numa certa idade as coisas dificulta mais, né. A gente tinha que trabalhar; trabalhava o dia inteiro eu e minha irmã, então não dava, eu chegava meia noite em casa, mesmo a gente só. Então era muito corrido, quem trabalha em loja é muito corrido, muito cansativo. E a gente foi deixando de lado... [Política] Que

política, rapaz! Você acha que eu vou querer entrar em política? Simpatia não. Eu realmente não tenho por candidato nenhum. [Partido] Não, eu realmente assim ó... – “Eu tinha partido. Eu tinha partido. Mãe, eu tinha partido” (criança) – Eleição é cada um... você realmente não conhece a pessoa, não sabe se fulano vai ser bom. Como você vai saber? (...) Olha, eu realmente votei pelo que o povo todo elegeu, né. Era quem tinha mais voto. Não, já tem experiência. Mas não era nem porque dissesse assim: eu sei que vai dar conta. Não, não era que era a Dilma. Eu nem votei na Dilma. Não, o governo do Lula... se ele não tivesse sido bom, ele teria ganhado duas vezes? Não, não foi tão bom porque o Brasil tava defasado, ele tava lá embaixo. Mas, eu realmente não sei o que eles fazem, porque eu não vivo no meio de político. [Emprego] Diz que gerou, né. Eu não to falando pra você que foi na época que eu fui pra lá e não tava trabalhando. Mostra que gerou, que teve mais gente, que teve aumento no salário. Essas coisas que no outro não teve. E mostra realmente que... Mas realmente eu não sei te falar. E a próxima eleição que vim, a gente vota e pede a Deus que faça o melhor, não é? [Kassab] Eu não sei não, polícia bate mesmo. O cara fala grosseiro e eles não aguentam. Mas eu realmente não sei. Que nem eu já trabalhei, com essa irmã minha; nós trabalhava com exposição aqui ó, no INSS, com roupa, no Bradesco, mas pagava 30 reais, não sei se era por mês ou se era por dia; trabalhava, vendia joia, vendia roupa... Eu realmente falo, o povo quer as coisas fácil, não quer cobrar. Eu realmente sei que é muito difícil dominar, como é que se fala, um bando de animais selvagens... Precisa ser, que nem o Lula, que nem a Dilma, precisa ser forte. Eu realmente eu to aqui, eu quero ter meu apartamento, mas eu realmente não acho nem certo; porque eu não sou filha de São Paulo, eu vim de lá. Eu sou filha do Brasil. Nós elegemos ele, claro! E torcemos pra que ele fizesse o melhor. Mas que ele tivesse obrigação de dar comida pra todo mundo; eu acho que não! (..) Ah, sim! Eu realmente acredito que ele mostrou que uma pessoa que vem de baixo chegar lá em cima, isso ajudou muita gente. Você sabe que tem gente nascendo lá em cima, ele fica lá embaixo. Tem gente que fala aí, ó, Lula foi engraxate, ele virou presidente, virou um rei, né. Que nem no caso do Kassab, ele tava sabendo que ia perder. Eu lembro que eu cheguei num posto de saúde da Liberdade, eu tava conversando com um moço, um porteiro, que é um segurança, o que que você acha da eleição, você acha que a Dilma ganhar?... Sai da minha perna! Eu falei assim ó, eu não sei te falar não mas eu te digo uma coisa, a Marta tem muita experiência. A Marta já foi

Mulher de prefeito, a Marta já foi prefeita. Ó, até amanhã, vinte-quatro horas pode mudar muita coisa. Então o rapaz falou assim: “então você acha que o Kassab pode ganhar a eleição?” Eu não acho nada, eu to te falando que ainda tem onda pra abrir. Quem garante que nessa cidade do interior não vai eleger ele. Ele ta perdendo, 30, 40%, ele pode até ta chorando as magoas dele lá, né. Foi o que aconteceu. No outro dia o cara tava com a vitória. Aí depende, a cabeça é de cada um, a cidade é de cada um. Então, então, você acha? Eu não acho. Tem muita confusão enrolada, e pr’um cara só desenrolar, não é mole, não é mole! Você viu que o Lula passou oito anos; desenrolou o quê? A dívida externa; que era a pior de todas. Já pensou se a gente vai parar nas mãos dos japônês pra tomar cacetada na cabeça? Era bem-feito, era bem-feito, sabe o por quê, porque o brasileiro, ele realmente quer tudo do bom e do melhor, não quer saber daonde vem... O japonês não, ele passou por uma guerra, ele tinha que agradecer a Deus, eles enterraram comida durante cinco anos debaixo do chão pra não morrer de fome. É pequeno, né. Eu não conhecia, elas que me contaram outro dia a história. Eu gosto muito da dona Bete, dos parentes dela, tanto que o filho dela era diretor daqui do Metrô, tem um outro que trabalha no aeroporto e as meninas dela também. Mas eu acredito que não é fácil mudar depois de tantos anos. Tira o cachorro, senão o cachorro pode morder o rapaz! O pessoal reclama às vezes porque ele late. Nós pegamos ele pequenininho assim, né. Vou soltar. E foi uma choradeira no dia de vim pra cá. Tem um que tem é quatro ou é cinco na casa dele. Eu acho que ele pegou um apartamento maio só pra ter uma área pros cachorros dele. Então, ele ta sentindo o cheiro do seu cachorro. Então, como eu te falei... – “Mãe, posso arrumar a corrente?” (filho) – veio a prefeitura aqui, não sei como vai ficar isso daqui, né. Eu realmente pretendo ter meu apartamento. Eu não tive chance de falar com o Kassab nem nada. Mas que não é fácil não. O povo chega nele, tu me dá , tu me dá. Eu não acho certo não. O certo é parar no caixa, é você ir lá e pagando por mês aquele tantinho; do que ele chegar, taí um cheque de seis mil reais. [Se o Prestes Maia fosse reformado para se tornar moradia popular, você gostaria de morar aqui?] Não, eu acho que eu gostaria de morar em casa, porque quem mora em apartamento sofre. Em casa, né, aí seria lá em Santo André, perto da Vila Maria, esses lugar, né. Porque apartamento acaba pagando pelo outro... não acaba? É eu morei na Vila Vitória lá na Vila Souza, era cinco casa, seis casa, eu pagava água e luz; a outra tinha dois, enchia a casa de irmão, de mãe, que queria pagar 20 reais, nós pagávamos 80, 100, 120.

Que isso? Isso não é justo! Fora o tempo de energia que fica em todo o prédio. Eu realmente... você sabe que quem mora em prédio tem que se organiza... É infernal! Você tem que andar assim, com uma careta assim, né. E que tem criança assim é bom morar em casa... Solta, senão ele te morde! Tá machucando ele. Então, quem mora em prédio tem que andar assim. Quem tem criança não dá. Eu queria uma casinha. Eu tenho uma conhecida minha que conseguiu lá pro lado do Guarujá, sei lá, qual é o nome? [Arujá?] É quase isto! [Jaraguá?] É isso! As meninas que trabalhavam com meu marido aqui. Elas conseguiram; já tão conseguindo terminar de pagar, já tem uns 15 anos. Tem as casas da CDHU também. Na época que eu fui lá, as meninas tinham os apartamentos, que elas tinham recebido deles; tinham o outro que estava em construção. Porque é aquelas casinhas tudo igual, uma imendada na outra. Eu realmente não me importaria assim não. Tem um prédio do CDHU que eles tão tirando e botando as pessoas na rua. Não sei que prédio que era. (...) Que nem um homem que morava aqui, da outra vez. Ele falou assim, eu não vou ficar aqui pra comprar meu apartamento; setenta e cinco mil é muito dinheiro, pra quem vem do norte lá; pra quem nunca teve uma casa como ele falou, “meu pai morava num pedacinho de terra”. “O prefeito de lá nunca me deu também. Eu vim pra São Paulo. O Estado me deu 75 mil, eu vou voltar pra lá. Eu vou comprar um sítio, com a casa, e vou plantar. E vou pagar pra ele, porque como ele ninguém nunca fez”. Foi isso que ele falou pra mim, um senhor. Eu falei, esse aí vai pra lá. (...) A cabeça dele... Documento por documento, trajeto por trajeto. Ele realmente é um prefeito, a Dilma tem que saber o que ta fazendo, senão ele vai e ó... Eu realmente não queria ta nisso, né. A minha tia mesmo falou pra mim: “Eu morei cinco anos em São Paulo, eu fiz de tudo pra não precisar de comprar uma casa pela Caixa. Não acho bom negócio”. Porque ela disse, afoga a gente mesmo! Na época, meu tio trabalhava na polícia e quando ele se aposentou e pegou o dinheiro, minha tia trabalhava com costura, joia, com produtos – a gente vendia –, e ela deu 25%, ele 50, e a minha prima, quando ela se formou, com 16 e 17 anos ela começou a trabalhar, e ajudou com mais 25%. Ela realmente não acha correto. Eu falei não mas... Que nem a prestação de 300 reais. Mas eu realmente não acho certo isto. Eu tenho 25 anos de São Paulo, você acha que eu vou embora pro norte ficar onde eu nasci. Meus filhos tudo aqui; uma casada com três filhos. Meu marido é paulistano. Eles vão querer ir pra lá? Na vão, né! Eu to acostumada com o ritmo daqui, eu seu pudesse, quando me aposentar, teria uma vida pacata: um sitinho. Eles

gostam de ir nesses lugares, porque eles têm no sangue: avô, tio, tudo. Mas realmente não queria mas é como eu te digo, é muita gente! É muita gente! Você tem que me dar isso porque deu tanto pra fulano e depois ó xiiii! Você acha que é fácil? Não é não! Você tem que pensar bem antes. Ninguém vai fazer dinheiro. Você tem que pensar mais tarde, se vai ta trabalhando ou não. A pessoa que tem que ver se realmente compensa, porque senão. Porque é muita gente! É muita gente! Eu realmente não sei onde saiu tanta gente. Não é só aqui não. Eu não quero morar com família. Não dá, eu tenho três filhos! A minha irmã é solteira, a minha mãe ta com 83 anos, mas não aguenta, não aguenta. Minha mãe é pior do que eles. Porque ela quer que a gente paparique. Ela tem ciúmes. Eu vou lá no final de semana, tem que paparicar, ficar com ela. Vão brigar igual a uma criança! Devia ter vindo pra minha casa; minha casa é grande. Quem que aguenta morar na casa do outro, tudo controlado? Eu te digo isso. Eu realmente não acho muito certo. Muita gente! Eu acredito que o governo; o governo em si, eu acho em si, se ele em si assumir a sua responsabilidade, viu? Salafrai! Sem mais nem menos, gastar um dinheiro por mês! Podia gastar com criança, com uma pessoa de bem. Que nem esse senhor falou eu tenho família aqui, que trabalha pro governo, a maioria trabalha pro governo – tira o cachorro daí! – que nem as colônias, aqui geralmente não tem colônia aqui perto, porque o irmão da minha mãe ele entrou lá já tem mais de 30 anos, morando nessas colônias. Ele preferiu a vida dele na fazenda; e foi trabalhar pro governo: ele plantava tomate. Não posso dizer que tipo ele usa, né; não sei se é por mês, quando ele colhe ou é por semana. Eu não sei como é que é. E os filhos deles estão tudo aqui; cresceram, cada um tem a sua casa e ele... [Como é lavar roupa aqui?] É muita gente. Esses daqui, eles realmente usam aqui. Esse aqui. Mas tem vários que nem lavam roupa aqui. Tem gente que estende roupa aqui, eu não sei porquê, se é quem tem mais crianças. Tem gente que tem cinco crianças. Nós não põem. NO banheiro das mulheres tem um lugar de lavar, não é bem um tanquinho. Eu tenho máquina de lavar. Minha máquina ta até aqui. Ta com a tomada quebrada. Porque onde eu morava era um tal de lavar roupa no banheiro. Mas todo mundo aqui lava e põe aqui. Essa área ó, é essa área aqui. Quando tá quase seca, a gente põe dentro de casa, na janela, ou no varal. Eu ponho mais eu não gosto, porque já é pequeno. Que nem outro dia, tinha um velhinho ali subindo, ele disse: “Ah, queria tanto que tivesse um elevador aqui”. Vamos pedir um elevador pro Kassab, ou mesmo uma rampa pra nós descer, de rampa aqui ó. Mas ele ficou bravo quando

eu falei isso. Mas é! Elevador de pobre é rampa! Eu falei, menino, não é fácil subir pro 19, pro 18; eu subo no 16 quando chego lá to morta de cansada. (...) Eu não sei se compensa nós ficar aqui. Demolir, eu acredito que... – Eu vou bater no Caíque! – não compensa derrubar. Porque é um prédio histórico. Se compensa ele vender pra pessoa da área de saúde... áreas que são urgente, credenciadas à prefeitura. Eu não sei se compensa construir um shopping, que nem você disse, ou uma creche? Eu não sei se compensa. Não sei se vai custar um preço barato. Esse daqui quando arrumar vai custar um preço barato? É os canos ainda é aqueles de ferro. Pra eles tirar esses canos e pôr outro? Uma trabalhadeira grande. (...) Eu realmente nunca subi no 20. Eu quando encontro na escada falo “bom dia”, “boa tarde”. Eu realmente, como te falei, nunca tinha entrado nisso. Agora ta bem melhor. Quando eu entrei eu pensei, “se não me matarem até amanhã, então depois da manhã não me matam mais”. Mas eu realmente até gosto porque é tudo mais perto, né. A gente passa cada uma. Eu falei, “eu não posso fraquejar, né”. Mas vai tudo melhorar. Eu quero botar os três na escola da prefeitura, porque o estado está muito defasado. A criança foi roubada dentro da escola do estado, né. [FIM DA ENTREVISTA]

[Entrevista 11]

P. C.

Eu tenho 24 anos. [Trabalho] É com expositores de correntes, relógios, em geral. Expositores. São malas, que você expõe correntes; põe relógio dentro, ela fica de fácil manuseio; quando você vai colocar, você abre e já ta exposto a mercadoria. Serve para o pessoal que trabalha na rua, no geral. Eu trabalho com ambulante. Eu não sou. Eu faço mais os expositores pra eles. Eu sou morador do Glicério; minha mãe é moradora aqui desde a invasão, que foi em outubro. Eu moro na Carolina Augusta, é tipo como se fosse um cortiço, entendeu. É uma casa dividida em vários cômodos; vários rapazes, cada um lá é num quarto diferente. Lá é 300 reais o aluguel, por um quarto. Não, vontade eu tenho, porque isso daqui [Prestes Maia] se tornou um lugar bom de se morar. Porque eu tinha meio receio; não vim logo no começo porque, você sabe, o centro de São Paulo dá uma má

impressão pra qualquer um, mesmo eu que sou paulistano, nascido e criado... Só que eu não tinha muito acesso à invasão, esse tipo de coisa, entendeu. A palavra invasão já é meio forte, né. Você já acha, pô, vai ter gente de todas as classes, como tem. Todo mundo sabe que aqui tem gente de todas as classes. A minha família é boa, entendeu, que tem renda; a gente é a parte mais fraquinha de uma família, entendeu. Então a gente fica meio assim, querendo ser elitezado sem ser. Minha mãe é paranaense, a parte da família da minha mãe é paranaense, a parte da família do meu pai é toda paulistana de, de, o que não é paulistano é italiano, entendeu. A gente é tudo daqui pra baixo. Eu tive uma boa educação, boas condições. Minha mãe veio parar aqui porque é assim, a separação deles [pai e mãe], nós somos em cinco irmãos, tudo do mesmo pai, porém, quando separou, era por agressões dentro do lar, entendeu. Então ela largou tudo de mão, a parte que ela tinha de casa, de tudo, pra criar os filhos do modo que elas achava correto, não desse jeito. A gente ficou... acabou que a vida veio levando, de aluguel em aluguel, cansa também, né. Aqui o pessoal procura a oportunidade tanto de sair do aluguel, ter o seu próprio lar. Aqui, querendo ou não, a visão mais fácil que o pobre tem de conseguir alguma moradia é a invasão. É o que você vê que é o mais fácil. Porque crédito já é difícil pra pobre. O crédito no geral. Conta de banco. De qualquer forma que você faz, é difícil pro pobre. Então na visão geral é o jeito mais fácil de você ter uma moradia. Não, sou solteiro. Não tenho filhos. Como é que ela conheceu [o movimento]? Uma colega tava participando das reuniões, né, antes de ter a invasão. Daí foi participando e chamou ela pra participar. A gente não achou, até, eu e meus irmãos – é, ela é minha irmã; não, não ela mora no quarto da minha mãe; a gente mora tudo lá – ficou meio assim, né, movimento de moradia, tal. Aí minha mãe começou a participar, minha mãe é meio birrenta, e até que teve a invasão e ela veio junto, entrou também. É nós morava lá, também, no Glicério, no mesmo cortiço, a gente morava tudo. Se tornou uma coisa muito cara pra gente, porque, lá é considerado um cortiço, só que pra gente foi mais do que um cortiço. Por quê? Todos os quartos a gente alugou. Toda a casa. Daí ficou eu nem um, minha mãe n'outro, um colega da gente, que é muito da família, que também mora aqui, no sétimo, ficou em outro. Então virou uma família isso dali. Só que nesse negócio de querer ficar só na família ficou em 1200 reais o aluguel. Fora água, luz. [O valor de um aluguel num apartamento na cidade] Exatamente. Exatamente. Aí a gente tinha condições de alugar um apartamento bom. Mas até pra isso o pobre já é meio... ou

você tem que adiantar dois, três meses, ou você tem que ter um fiador, ou você tem que... entendeu. Tem várias coisas que propiciam o pobre a morar em invasões, cortiços ou... Invadir mesmo ou você tá do jeito que a gente tava, pagando aluguel caro ou num bairro, né. Só que aí a gente é, pode-se dizer assim, *viciado* no centro de São Paulo. Porque o centro de São Paulo é um lugar bom de se morar, todo mundo sabe disso. Por mais que tenha seus defeitos, tal, Cracolândia, só que pra quem não vive nesse meio, o centro é um lugar bom. [Escola, creche?] Além de tudo isso, até pra criar os filhos, o centro é um lugar bom. Como você falou: creche perto; escola perto; a fonte de renda perto, entendeu. Porque querendo ou não a gente trabalha num meio, que a gente mexe com... minha mãe viaja; eu viajo, também que, além de eu fazer isso, eu tenho o meu trabalho que é derivado do camelô também. Então a gente vive nesse meio mesmo. Tudo pra gente depende do centro de São Paulo. Se não for o centro de São Paulo, tem que ser um lugar que tenha o camelô do mesmo jeito. Então pra gente qual que é o foco maior? Eu viajo pra vender os meus produtos, que eu também trabalho, com relógios, e além é os expositores, essas coisas que a gente tem um conhecimento, e outro... E já trabalhei na 25 de Março. Com certeza, já trabalhei muito tempo na 25 de Março. Criado na 25 de Março. Tenho 24 anos, com 10 anos eu já tava dentro da 25 de Março. Já, todos. Todos! Não teve um; meus irmãos. A criação é: se eu tenho meu irmão que mora aqui também, mas tem o que mora em outro lugar, que é casado, tem esposa, e ele continua, trabalha ainda. [Polícia Militar e GCM] Eu não sou um cara hipócrita, a gente tem que ser real, dar certo o que é certo, o centro de São Paulo tava se acabando, com a ocupação dos camelô. Porque ali o carro tava perdendo a sua vez, o pedestre tava perdendo a sua vez. A gente tem que ser inteligente, ao ponto de ver que tava atrapalhando. O Kassab não é um bicho de sete-cabeças. Mas o camelô é. A gente sabe que não é um prefeito ruim. Ele não é de desconsiderar. Pra gente foi ruim pelo fato que atrapalhou o comércio ambulante. Mas isso daí cedo ou tarde aconteceria, porque podia ser ele, podia ser outro. [A Marta ia ser a mesma coisa?] Com certeza, porque isso daqui é a visão geral de uma metrópole. Você andar numa 25 de Março, você não poder... Olha, da Bahia pra baixo, já andei, já fui em todos os estados trabalhar. Se eu falar em 25 de Março, todos conhecem. Aí você vem lá do nordeste, você vem lá do Mato Grosso... Fala: “Eu vou em São Paulo”. SE você vem em São Paulo e não vem na 25 de Março, você não veio. Daí qual é a visão que o pessoal tem de uma capital grande; então um Campo Grande, Mato

Grosso do Sul, como Curitiba, vinha aqui, vinha ver o que era uma 25 de Março. Então acabava a visão. Todo mundo achava que era um paraíso de compra. Depois vinha e descobria que era um inferno de compra; porque era tudo uma loucura mesmo. [Pra você não era melhor?] Com certeza, eu ganhava mais dinheiro; só que a, como a gente ta falando, sobre o que é certo e o que é errado, eu pra mim ele foi certo, pra eles... e como todo mundo que tiver um pouco de consciência sabe que foi o certo. Pra mim foi péssimo. Eu queria, se tivesse daquele jeito, pra mim tava ótimo. Com certeza, tava ganhando bem mais. Só que, falando sobre o que eu acho, nesse ponto aí é certo, numa visão geral, é certo. Que eu continuei muito tempo depois que “sujou”, né, que é a linguagem da gente, camelô diz “sujou”, quando sujou, a gente ficou lá um bom tempo, até onde deu. Agora não dá mais. Por quê? Porque eles acharam meios de combater o comércio ambulante de uma forma mais eficaz, entendeu. [Você disse que viaja pelo Brasil inteiro, existe uma demanda grande por trabalho informal?] Muito. O trabalho informal, ele tem vários setores. Necessariamente o ambulante; o ambulante não é discriminado em todo lugar; ele tem lugar que ele é bem aceito. E tam muitas prefeituras – que nem a gente, a quente anda em muitas cidades pequenas do Brasil, em romarias, em porta de igrejas – que depende da renda que o camelô traz, anual; quando você pagar um metro de chão, porque lá é pago, o imposto, pra você trabalhar na cidade, como o morador que tem sua casa que cobra mais um metro, entendeu. Tem lugar que o camelô se não for, talvez a renda da cidade. [A prefeitura é conivente?] Conivente, desde que seja remunerado, que seja pago; tem a taxa, arrecadação, né. Arrecadação que gera em cima de tudo aquilo ali. Se você vê que um metro de chão em algumas cidades, como Congonhas do Campo, é uma grande cidade conhecida no mundo, Minas Gerais, terra do Aleijadinho, e tal. Eu falei com o vereador de lá, um colega meu, ele falou que é uma das maiores arrecadações de imposto do Brasil, a cidade que mais gera renda. Tanto que a (mulher do meu lado) ganha muito mais do que qualquer outro lugar do Brasil. Por quê? Turismo; a barraca é 500 reais; ó pra você ver um metro de chão, que a gente trabalha, porque monta a barraca; um metro: 500 reais. Você vê uma ladeira de mais de um quilometro, a quinze reais de um lado, do outro, no meio. Então você vai ver a redá que gera. Não, não é que um é camelódromo. Você vê agora, Sete de Setembro, começa dia 14; tem um jubileu lá. É conhecido no mundo também. E a gente trabalha lá, entendeu. Então você vê que camelô não é sempre discriminado. Mesmo nessas cidades que precisam

do camelô... O camelô já é discriminado pelo nome já. Mas aceita bem melhor, né, como pagamento. [Tem muitas cidades que precisam do camelô no Brasil?] Muitas, muitas. A gente já rodou por todo canto aí. Que nem, eu cheguei hoje. Eu tava dando uma descansadinha ali. Eu cheguei hoje de Poço Fundo, Minas Gerais. Agora quinta-feira eu já to indo pro Paraná. To indo pra Siqueira Campos, que também é outra romaria, conhecida no mundo também. A maioria das vezes sim, tanto como sendo evangélico, como sendo católico. Porque romarias são evangélicas. Agora que nem abril tem um encontro internacional de evangélicos em Camburiú, em Santa Catarina. Lá também trabalha o camelô; trabalha do mesmo jeito. E ele também é bem aceito, porque é bem pago. O que a prefeitura gera, a equipe que ela gera pra recolher do camelô, gera muita renda pra cidade. [E a sua renda é boa?] Com certeza, eu dependo muito do meu trabalho. Se eu trabalhar mais eu ganho mais; se eu trabalhar menos, eu menos. Mas sempre ganho. [Escolaridade] Olha, eu não terminei de sacanagem mesmo, por eu próprio ser camelô. Eu não em Suzano, numa época, e considero... eu tive uma boa formação de mais novo, porque eu venho, lá no Paraná eu estudei em uma escola mais forte que o ensino de São Paulo, porque o ensino de São Paulo é fraco. É fraco, eu sei que é fraco porque eu quando eu cheguei no 1º. ano do Segundo Grau, eu estudei um livro de geografia que eu tava estudando na sétima série no ensino do Paraná. Como base, né; o professor ensinando como base um livro. Então é assim, você já vê a diferença. “Pô, professor, mas esse livro, eu já estudei com esse livro. Ele não queria nem tocar, porque ele vê que ce, ele não quer que o aluno veja que você tá ensinando no 2º. Grau com... Mas eu tenho uma boa formação, eu terminei o... eu estudei até o 2º. ano do 2º. Grau. Faltou me formar, eu não me formei. Eu não quis terminar por causa eu trabalhei um ano... Eu tinha muito pique naquela época, hoje eu não aguentaria. Eu levantava 4:30 da manhã, pegava o primeiro trem de Suzano pra cá; chegava aqui 7h00 da manhã no centro; trabalha até 4:10 da tarde; guardava minha mercadoria, fechava tudo; catava o trem de novo; ia pra casa, tomava um banho; e ia pra escola; chegava uma meia noite da escola; ajeitava minha mercadoria até uma hora, uma e meia da manhã, pra mim poder sair 4:30 de novo. Eu aguentei muito; eu aguentei um ano desse jeito; e teve uma hora que o corpo não respondia mais. [A vida da sua mãe, da sua família, melhorou vindo pra cá?] Com certeza. Eu acho que sim, por causa, se tava pesado pagar um aluguel, pra uma mulher, como é que se diz, ela é muito autônoma, não aceita muita ajuda, não gosta

muito... E a gente quando tava lá não tinha muitas condições de tá ajudando, entendeu. E pra ela foi ótimo você sair aí de uma dívida de 500 reais por mês; porque era o aluguel, mais água e luz, tinha mais alguma coisinha de casa... Então, pra ela... Ela também trabalha viajando, inclusive ela tá viajando, ela não tá aqui, ela e minha outra irmã, tá viajando. Elas estão em Guaraciabas, Minas Gerais, também no mesmo modo que eu trabalho. Mesma coisa. [Expositores] É um courinho, isso daí, é uma caixinha como essa, encapada, caixa de madeira encapada, que depois dentro eu faço um trabalho com meus expositores tudo em veludo dentro, por fora fica assim, e se torna uma mala mesmo, com alça. [Qual é o preço] Cento e cinquenta, depende do tamanho. O maior que eu vou fazer hoje ainda, eu to pretendendo fazer, que é essa daqui ó, com essas duas peças, ela aí já gira em torno de uns duzentos e cinquenta. Ela abre, fica exposta, fecha, pega na alça e vai embora. Como se fosse uma maleta. Por trás do camelô tem toda uma preparação. Ali é um expositor de relógios. Tá meio furado assim porque eu tirei muitas peças. O relógio vai encaixado naquele pezinho e vira uma pirâmide. Eu também faço. Só que eu tenho que arrumar esse daí. Esse daí ó, só do jeito que tá, com essas madeirinhas, eu vendo a cento e cinquenta reais. Agora se for numa mala, como essas peças daqui, numa madeira, tudo, tal, fica em 400 reais. Então a renda não é ruim não, eu não considero minha renda ruim. Antes eu trabalhava com mercadoria mais fraca, entendeu, agora eu trabalho com uma mercadoria melhor. Eu também, eu sou guia num ônibus que a gente viaja. É eu sou guia. A gente reúne vários camelô, pega o ônibus e vai pra esses lugares, entendeu. Com camelô também. O guia é o seguinte: eu carrego as coisas deles, recebo passagem no ônibus. Não é meu, a renda que sai do ônibus não é minha. Só que eu tenho o meu salário do ônibus também. [Como assim carrega?] A mercadoria, por exemplo, ah, você vende roupa, você é quatro sacos e eu cinco sacos, daí mais uma barraquinha, mais uma lona, pá, eu jogo pra dentro do ônibus, arrumo tudo bonitinho, pra caber todos. Tem tudo data arrumada. Eu tenho, nós têm, no cronograma pro ano todo. Se o camelô não quisesse... por isso que não depende tanto, se o camelô não quisesse trabalhar aqui, não precisa trabalhar aqui. Porque aqui em São Paulo ele é mais discriminado do que em qualquer outro lugar. Porque aqui parece que é vício; até o tratamento... Eu não tenho nada contra polícia nenhum, acho certo. Agora aqui o que a prefeitura fez com o centro de São Paulo se torna irrisório, se não fosse trágico seria cômico. SE não fosse trágico. Porque você uma Cracolândia dessa na situação que tá,

entendeu, a situação que tá e você andar num Largo da Concórdia por causa de camelô, mais de vinte policial, três aqui, três ali, três ali, porque é desse jeito; se você passar de noite, no Largo da Concórdia, por cauda dos camelôs mesmo... Dava 6 horas, é hora de saída de firma, eles ia e montava as banquinhas, fica mais de vinte polícia do lado daquela praça, no Largo da Concórdia. Aí você vê que depois das seis aquilo vira um inferno, cê sabe disso. A Cracolândia e aqueles policiais tudo destacados pra fazer isso, um serviço, que a guarda municipal foi criada pra fazer isso, e você ver os militares... Porque o PM; exatamente, isso é mentira, isso não faz não, isso também é conversa, porque o PM não saca uma arma para o camelô. É muito difícil. Eu acho muito difícil, eu nunca vi eles sacarem a arma. O GCM, ele é menos preparado, acontece isso mais. Porque a preparação do GCM é diferente dum militar, né; do que um policial militar. Eu acho difícil. Eles faz uma cena, tal, mas não é isso muito não. Se bem que a pessoa respeita mais o militar do que o GCM. É [guardar] o patrimônio, o que não deixa de ser a rua. A rua é um patrimônio público. Se você lesa o pedestre, o GCM tá lá pra ver o direito do pedestre, que é o... O camelô tá num lugar que o pedestre andaria. Quanto a isso aí, a gente é camelô... Eu considero assim: o trabalho dele é correr atrás de mim, e meu trabalho é correr dele. E é assim que tem que ser, camelô sempre foi assim. Quando não era fiscal, rola propina, rola tudo nesse meio. Até hoje mesmo, você vê uma 25 de Março num sábado lotada de camelô não é à toa. Cheia de polícia e de camelô, como é que é? É a propina que rolou, né. Não tem condições, é sempre desse jeito. [Muita procura do material que você vende?] Vou te falar, se fosse pra abrir a boca do material que eu vendo, eu não daria conta, tinha que escolher entre fazer isto e viajar. Eu faço isso daqui como uma ajuda na minha renda, mas eu não precisaria de fazer. Eu faço que também é um “hobby”, entendeu. Minha família do Paraná, o pai da minha mãe, é tudo marceneiro. É quase um artesanato. É tudo marceneiro. Eu comecei a fazer isso como um “hobby”, eu fiz pra mim. Um colega comprou um, aqui na 25 de Março, que tem esse material também, comprou uma dessas. Eu olhei, e falei, “ah, isso eu faço!” Ele falou: “Você não faz não”. “Eu faço!” Eu peguei um dia, pum, fiz quatro. No primeiro lugar que eu fim, “não, quero uma dessa!” Não, mas o cara lá vende. “Não, mas a dele é fraca, a sua é boa”. Aí eu comecei a fazer. Aí eu fui fazendo, muita gente vai pedindo. Eu falo: não, não dá, não dá; não to tendo tempo. É por que, eu ficaria aqui parado hoje, quase que eu não descansei, cheguei hoje de manhã, cheguei às sete horas da manhã;

mas eu já to trabalhando, já fiz compra, to com um material hoje. Vai indo. Eu gostaria de falar sobre aqui o movimento. Porque se o poder público tivesse mais visão em cima do que é isso daqui; não ficar jogando boatos, nos meios de comunicações, jornalismo, é, não ficar jogando boatos. Montasse uma equipe, de analisar mesmo o que é isso daqui, eu acho que o conceito mudaria de uma forma que eles não tinham... não é do jeito que eles pensam. Porque o pessoal que mora aqui dentro não tá atrás de você: ah, tem um apartamento ali pra você, uma renda de não sei quanto. Duvido. Eu duvido que se aqui entrasse e dissesse esse prédio aqui é pra vocês, cada um que tem os seus quatinhos vai ficar nos seus quatinhos... É um quatinho isso daqui, numa casa de uma pessoa que tem (...), isso daqui é um quatinho, e um quatinho de empregada. Agora, duvido, se você não ia levantar a mão pro céu e agradecer: nunca mais vou sair daqui. Isso daqui é seu. É simples. O poder público você vê que é uma coisa simples; mas pra eles se torna uma ganância. Porque todo mundo aqui, ninguém liga que, no vigésimo segundo, de subir essa escada todinha aqui a pé, pra morar no que é seu, entendeu. Porque até que se prove o contrário isso daqui é seu. [É melhor ficar nessa situação ou ser beneficiado por uma carta de crédito do CDHU?] Não, o deslocamento, o deslocamento... Minha mãe com certeza vai morar aonde for, vamos supor assim, você ganhou uma moradia na zona leste. Com certeza minha mãe pegaria de braços abertos. Porque é uma pessoa que espera o momento de ter novo o que é dela. Porque, como eu te falei, o negócio de família, acabou perdendo tudo que ela havia construído. E nunca mais conseguiu, porque você ser uma mãe de cinco filhos, que o pai ajuda quando queria. Ele morava em Santana, mas venderam a casa da família e agora ele tá morando na Irê Carvalho. Meu pai é participativo na vida dos meus irmãos mais novos; ela que tava aqui chama Pâmela, do meu irmão Guilherme, – não esse é o filho dela, esse é o meu sobrinho – daí tem mais outro irmão, que mora aqui também. Eu sou o mais velho. Eu tenho 24, fiz esses dias, e o meu irmão tem 19, vai fazer em dezembro. A gente é tudo um pertinho do outro, as idades. Ele sempre foi participativo na vida dos mais novos. Não o meu pai não ajudou não. Ajudou quando era mais novo, e morou um tempo com ele, morava um pouco na minha mãe. Ele é uma pessoa muito boa. Porém os coisões não se bateram como tinha que ser. Separação hoje é comum. Comum não era na época da minha mãe; minha mãe sair com uma mão na frente, outra atrás; com eu com 8 anos e meu irmão mais novo com 2. [Pensão] Ah, muitas vezes a gente não quis. Os próprios filhos, quando

começou se criar, porque a gente sempre se virou, como que eu te falei, com 10, 11 anos já tava aqui, entendeu. Aí minha mãe vai botar ele no pau; não bota não, aí vai falar que foi ele que criou os filhos. Quantas vezes a gente falou isso pra ela: não, vamos se virando. Um trabalhava, outro trabalhava, cada um juntando um pouquinho tudo dava um, entendeu. E sempre foi assim. [Prédios desocupados no centro] Isso é aí é o seguinte, tem gente que tem tanto dinheiro que não tem onde gastar. Você ostentar um prédio desse tamanho no centro de São Paulo, desativado, sem funcionalidade nenhuma – não é ostentação? você tendo um patrimônio desse, vazio, não é ostentação do seu dinheiro? Por que se você não precisa disso, vende?! Quantas vezes eu sei que o CDHU quis comprar esse prédio do dono – porque um fala que é um, um fala que é outro – se acha que eles não podiam? Quantas vezes foi invadido isso daqui? Isso é ostentação, do dinheiro dele. Então ele quer dizer que tem, mas ele não quer fazer nada pra... Vende! Ele adquiriu uma dívida milionária; de IPRU, de tudo. [Segundo a Maria, o prédio foi desapropriado e vai se tornar moradia popular e nos andares térreo e subsolo, um shopping popular] É isso daí é o que o arquiteto fala. Eu não sei, eu não acompanho muito, aqui dentro. Mas se acontecesse isso, pra muita gente seria a mudança total da vida delas. E eu falo pra muita gente, e eu me incluo no meio. Um prédio como esse aqui, no centro de São Paulo; pô, isso daqui é Santa Ifigênia. Ali daqui uns dias não cabe o comércio. Vai ter que sair pr’algum lugar, porque isso vai crescendo, isso vai crescendo. Isso daqui viraria um grande pólo; porque, pô, uma avenida dessa... Camelô é muito desprezado mesmo, mas a vida dele é essa mesmo. Porque é melhor ele ficar desse jeito, ganhando o que ele acha que é satisfatório; porque por mais que você corra, tudo, todo mundo ganha mais do que dois salários mínimos, todo mundo, todo camelô! É difícil um camelô que não vende água pra ganhar menos que dois salários mínimos. Todo camelô. É difícil camelô que não vende água pra ganhar dois salários mínimos. Por mais que ele não junte esse dinheiro. Mas, pô, você paga uma garrafinha d’água por 30 centavos e vende a um real; vendendo um dia, se você vender cinquenta garrafinha, você já tá ganhando 35 reais. Tem muito empresa aí que se você for somar no final das contas não paga esse valor pra pessoa. Vai dar uns 1.500 reais por mês. Eu tô botando os dias mais fracos. Tem dias mais fortes. Pro camelô essa é a variável. Hoje foi ruim, ganhei trinta conto, ganhei... Mas tem dia que, “pô, hoje eu ganhei setenta reais”. Assim vai indo. Daí se você for analisar... [Conheço histórias de camelôs que ficaram ricos]

Tem, tem. Eu conheço alguns. Ganha, ganha porque é o seguinte, o camelô é muita renda, por isso que o governo de São Paulo cai tanto em cima. O governo municipal, ou o próprio estadual; cai em cima. Porque é muita renda aquilo passa pelos cofres públicos. Gera renda; não recolhe na mercadoria, que é pirata; não recolhe no ponto de comércio, entendeu. Aqui tem um exemplo, aqui no centro, de um conhecido, o Cição, Cição do Dog, esse cara vendia, ele é desde muito tempo, que ele é... Eu lembro quando ele vendia no carrinho de cachorro quente, era 50 centavos. Hoje ele tem a lanchonetezinha, tinha aqui um bar, mas tem outro aqui, bem na Senador Queiroz. O cara é bem de vida. Por quê? Porque no mesmo meio, porém ele se regularizou. Hoje ele não é mais discriminizado; por mais que faça bagunça, que ali seja um lugar que talvez chegasse alguém, sei lá... que é uma lanchonete muito irregular, é um lugar pequenininho; é um cara que gera renda. Então ninguém quer correr atrás dele. Isso é real, se tivesse abertura? Porque promete muito e não faz nada. O governo é assim. Promete muito e não faz nada. Tem a feirinha; a feirinha não é de camelô... Promete que vai ter uma camelódromo, promete que vai ter não sei que... Só a promessa que você vai ter um trabalho, que ta gerando trabalho em São Paulo. Mas camelô não quer trabalhar pra ninguém! Se você é camelô, se você foi criado camelô, quer terminar camelô. Porque você é autônomo, você é o dono de sua empresa. Você faz a sua hora, se quiser ganhar mais, trabalha mais; quer ganhar menos, trabalha menos. [Submeter-se ao patrão, a humilhações] Você é humilhado de outra forma. Você é humilhado por cima. Você é humilhado pela polícia, que ta correndo atrás de você... Não tem que abaixar a cabeça. Você corre quando eles virou as costa, você volta de novo e monta a sua loja. É assim que é, sempre foi assim, e vai acabar assim. Pra mim sair desse meio... [Você contribui – através Simples?] Ó, dum tempo pra cá que eu to regularizando a minha casa, e eu não pago, mas a minha irmã, eu coloquei no MEI, que é esse micro-empendedor-individual, coloquei minha mãe também, fiz a inscrição delas, daí elas vão começar a pagar, depois eu vou começar a minha, depois tem ela, entendeu. Assim vai, porque é uma caixa que gera até um crédito pra você no mercado, pra criar... é que o nenê é pequeno; mas ela vai trabalhar comigo, já vai nessa viagem que eu vou agora; porque ele é bebezinho ainda, mas vai junto, vai trabalhar também, vai! Vai tem que ir, não tem ninguém pra olhar ele, vai trabalhar também! E assim vai, vai indo até que... vamos ver o que dá. Porque é ruim de mais você não ter uma moradia, não ter nada! Nem que seja pra você pagar 30 anos! Mas

you ta pagando um negócio que você sabe que é seu. E isso daqui, vira uma coisa que, se tirar daqui e não ajeitar todo mundo, vai entrar em outro lugar. E outra: depois de nós, vai vim mais. Enquanto a gente não tiver uma moradia. Não, e outra: sai a moradia; saiu a moradia pra nós, saiu moradia pra outro, saiu pra outro, saiu pra outro; vai desocupar. Você acha que não vai ser gerado outro movimento pra também ter os mesmos direito que nós tivemos? Agora você vê um jornal, como o Diário de São Paulo, que é um jornal de destaque, falar... ô! ô! ô! aquilo foi o cúmulo de tudo. O que eles falaram eu não sei se é verdade, eu não sei se é mentira, agora quando falaram que o portão ficava trancado porque quase não morava gente aqui dentro? Se você bater na porta de todos – pode não ta aqui porque ta trabalhando – mas você pode olhar dentro de todos. Todos são ocupados. Aqui tem um colega meu que tem nove filhos. Agora você fica falando que o portão deles fica trancado... Fica trancado sim porque eles estão trabalhando! Ninguém é besta, ninguém é palhaço aqui; todo mundo tem a sua vida cotidiana. Mas e outra, cada um tem seus... que eles querem dizer que eu moro aqui dentro, que nem eu to te falando; a gente ta aqui, é viável, com certeza. Mas se eu não tivesse aqui, não tinha condição de pagar o aluguel em outro lugar. Mas a gente tá'qui não é porque, precisa sim, mas não é porque... eu desloquei meu dinheiro que era destinado pro aluguel pra outras coisas; pra minha firma, entendeu, pra outras coisas, isso daí é óbvio. E outra, o mesmo direito que todos têm, o direito à moradia... eu não, a gente, por exemplo, eu, ela, minha outra irmã, que somos solteiros, os três, mais a minha mãe, mais os dois nenês, moram ali. Então todo mundo fala, “porque você não pega outro pra você”. “Não, porque tem gente que precisa mais do que eu”. Deixa só ela, um colega da gente que foi pro Ceará, passar umas férias, e pode ficar se ajeitando ali, se sair pra ela ta ótimo, ta bem colocado. A minha vez vai chegar com o tempo. Eu vou construir minhas coisas, vou ter minha casa. Você viu, vai ser do mesmo jeito porque isso daqui é *legal*. Agora você fala assim: a prefeitura dá dois anos e meio de bolsa-aluguel pra te realocar. Você acha que com a equipe, com o poder que uma prefeitura tem, se quisesse reformar esse prédio aqui em seis meses a um ano, não reformaria? Com certeza sim. O governo prefere ficar no básico, que é nove mil, que é trinta meses de trezentos, se eu não me engano, prefere ficar no básico do que aumentar o investimento aqui. Porque se você pega um funcionário, você pagar um ano pro funcionário público, e dividir entre ele e um outro, dois – dois! – que morariam um ano a mais, você pagará pro funcionário, não é

melhor? Não, eles querem que seja dois anos e meio, fazer do mesmo jeito que foi ditado que é pra ser feito quando não precisava isso daí. Isso daqui vai ser moradia? Pô, saía todo mundo, vão pagar, você vão ficar num local de seis meses a um ano e vai voltar. Vai voltar pro lugar. Fica um culpando o outro. Isso aí... [Família proprietária do prédio] Eles têm fabrica no Brás, inclusive daqui dá pra ver até a torre, deles; têm uma fábrica têxtil ali perto da Vasco da Gama com a Rangel Pestana; na 25 de Março, na 25 mesmo, antes do viaduto da Rangel Pestana ele tem outro prédio; na General Carneiro, que sobe pra 15 de Novembro, tem outro prédio, que é comércio embaixo, prédio grande que inclusive ta à venda, entendeu. Eles têm vários prédios. O que é seu é seu, não é? É que nem a reforma agrária, se a terra é produtiva, não importa que você é milionário... E eu considero isso daqui exatamente como reforma agrária. Se você analisar aqui se é produtivo, pra que vai entrar? Se aqui é uma moradia e tem outros donos, ninguém vai entrar. Se isso daqui é uma fábrica, que seja um armazém deles, por que vai entrar aqui? Tipo, esbanjando na cara do pobre. Eu tenho, você não tem, entendeu. O que passa na minha cabeça é isso. Porque um prédio desse com tanta gente precisando é uma esbanjação de dinheiro grande. É ele é um deputado federal. A família, porque eu conhece a família Hamushe antes de entrar nessa ocupação, porque eu tenho uns colegas que trabalharam na loja dele lá e muitas histórias se ouve de como chegou a terem o que têm, entendeu. Mas isso aí não vem ao caso porque cada um faz do jeito que quer, né. Isso de desviar verba, não sei se é verdade, não sei se é mentira. A família não ficou rica de uma hora pra outra, a família já vem de berço, mas o que sobressai mais é através de algumas coisas que dizem que eu não sei se é verdade ou se é mentira. [Maluf] Mas ele já tinha. Quem tem sempre que mais, né. Mas eu gosto do Maluf. O Maluf é um cara bom. Se tivesse dez Maluf eu acho que esse Brasil seria diferente. [Marta] Não, a Marta não. A Marta ela que desencadeou toda essa visão em cima do camelô, ela que desencadeou. Ela abriu a vista pra 25. Ela que deu a visão pro governo do Brasil em cima do camelô. Por que você pensa que é só aqui, em São Paulo, não é! Em capitais, acontece, só que lá é em menor escala, entendeu. Lá eles conseguiram arrebanhar. “Arrebanhar”, que eu digo, não foi destituído de trabalhar: foi realocado. “Ó, você vai sair daqui, mas a gente vai construir um prédio; ó, ta vendo esse prédio, ta desocupado, mas nós vamos reformar pra fazer “box”, você vai ser o negociante, tem que ta legalizado”. Não é justo? Agora tem a feirinha lá embaixo, que é na avenida do Estado, a feirinha, foi dito que

era pra camelô, mas camelô não é ali. Ali não é pra camelô. Ali é pra gente rica, que tem fábrica, que tem... Não vai pensando que os pobres, que são camelô, tão do lado de fora, no mercado informal do mesmo jeito. Ali dentro é: propina, é tudo que rola. [Marta] Ela abriu a visão, ninguém se incomodava tanto com o camelô. Ela, de uma hora pra outra, desencadeou vários... eu trabalho com ônibus... a Marta ela fez... ela mexeu em várias feridas, que eram feridas em São Paulo, ela mexeu em várias feridas, umas ela conseguiu sanar, ela sarou a ferida, outra ela conseguiu mais aumentar mais, entendeu. Porque, que nem, a Marta mexeu com negócio de ônibus. Eu sei que a Marta piorou muito, para o ônibus em São Paulo. Piorou querendo renovar a frota, sendo que os empresários renovam, só que daí rola outros tipos de propina, outras coisas. Ela mexeu nisso daí. No camelô por exemplo, começou a fuçar, começou a querer, colocou o GCM, na época, despreparado, e começou a ter confronto, começou a ter essas coisas. Então... [Lembro-me que nas eleições havia vários cartazes do “sindicato” dos camelôs fazendo campanha pelo voto nulo] É exatamente, porque... Só que o camelô ele tem uma visão muito pequena do que é a realidade. O camelô não influencia voto de nada. A quantidade de camelô é irrisória. Porque você pode analisar, eu to te falando porque eu to no meio, de cada cem, dois é paulista. Paulistano. E de cada cem, esses dois votam em São Paulo, que são os paulistas e uns dez mais que votam em São Paulo, porque são nordestinos, são migrantes, que não tem, às vezes, o estudo é tão pouco que nem transferir o título não transfere. Nem vota aqui nem vota lá, justifica. Então ele não tem poder de voto. 10% vota. E outra: vamos dizer que 10% é muito pouco, porque camelô em São Paulo é um pinga de areia. São 12 milhões de habitantes no Estado. O camelô, se juntar tudo, dá uns cinco mil. Não, eu digo aqui, nessa região. Você vai juntando entre terceirizados, aí dá muita mais. To dizendo camelô propriamente dito que é o que tem seu próprio negócio. Não um empresário que tá dentro da feirinha se escondendo como camelô, que não é... ele é um empresário que tem outros funcionários, tal. Ali é um empresário, daí se diz camelô, mas não é! Informal não é, contribui com o governo de São Paulo, com o governo municipal. Tanto que eles tão dizendo que vão reformar, fazer um shopping popular. Não acredito muito também. Promessa é, se tivesse algum órgão pra fazer cumprir tudo que fosse prometido, talvez, entendeu, um corregedoria: o você falou... Vai arrolando, arrolando, quando você vai ver

vai ficando sem casa nem invasão você não consegue. Já até esqueceu de você. É assim que é as coisas. E vai acabar desse jeito.

[Entrevista 12]

J.

Eu tenho 53 anos, fiz agora em junho. Não, eu sou paraíba, nasci na Paraíba, João Pessoa; Campina Grande, Paraíba. Eu vim pra São Paulo... Olha, eu era casada, eu casei muito nova. Aí depois eu fiquei viúva com 40 anos. Meus filhos moravam tudo aqui; meu filho e minha filha. Aí eu falei, agora eu to só no mundo, eu vou pra São Paulo. Aí vim embora, acho que faz uns 10 anos que eu to aqui em São Paulo. Dez anos que eu vim pr'aqui, e aqui eu conheci um senhor, esse cidadão, que tá trabalhando. O outro marido. Aí ele falou, vamos pra Porto Alegre. Eu passei seis anos morando em Porto Alegre. Não! Eu morava no movimento também, na Plínio Ramos, não sei se você conheceu. Morei lá. Aí da Plínio Ramos, aí eu fui pra Porto Alegre. Aí passei seis anos lá, pra ver se as coisas melhoravam. Só que a saudade foi muito grande. Lá tava muito bom, mas minha saudade dos meus filhos tudinho; e meu marido não queria vim de jeito nenhum. Aí eu falei: ó, se você não quiser ir, eu to indo. Aí ele disse: cê que sabe, eu não vou. Eu peguei as minhas coisas e fui s'embora. Aí eu deixei ele lá, trabalhando. Aí eu cheguei e vim. Quando foi agora, três meses depois meu marido voltou atrás de mim. Taí. Aí pronto! Aí eu tava com minha filha lá na Guaianases. Ela mora num apartamentozinho lá, na Guaianases. Aí o velho veio de lá pra cá, tava morando num hotelzinho; tava pagando 15 por dia. Trabalhando de pedreiro, de servente de pedreiro, pagando 20 por dia. E quando ia sair comigo, falou: "Fala com o seu Nelson, eu não to com condições de pagar um aluguel; você, também. Então vamos falar com o se Nelson". Eu falei com o seu Nelson. E aí o seu Nelson arrumou esse espaço aqui pra nós. Aí eu to muito feliz. Eu adoro isso daqui. Adorei aqui da frente, ali pra Luz, de noite. Nós fica olhando ali, é muito lindo as luzes tudo acesa. Eu gosto: tranquilo, sossegado aqui. Eu gostaria que nós ganhasse um apartamento aqui. Nossa, meu sonho é esse. Aí, pronto, ta tudo bem. Nós ta na luta, né. Morei. Aqui, em São Paulo, não. Eu morei

em Porto Alegre, em pensão. Eu morei num quarto mais ou menos igual esse, menor um pouco: cama, travesseiro, tinha tudo. Aí eu pagava na época lá, eu e ele pagava 250 ou era 300. Não me lembro bem. Aí depois, nós passamos dois anões em Porto Alegre morando em pensão, aí dois anos eu falei: ah, eu quero ter meu canto! Aí eu aluguei uma casinha lá. Aí pronto, morei mais dois anos, foi três, aí foi vim pra cá. Não, morei mais quatro anos, foi seis anos que eu passei lá. Morei dois anos em pensão, quatro anos de aluguel, aí voltei pra cá. Aí eu vim pra São Paulo, só que eu tinha um filho meu, que tava com um problema, o caçula, lá na Paraíba, em João Pessoa. Aí eu tive que ir lá. Passei três meses lá resolvendo o problema dele. Aí voltei agora de vez. Eu morei na área urbana, perto do centro; sempre morei lá, fui criada lá. Agora eu to aqui. Depois que meu marido faleceu, eu fiquei viúva, ele era da polícia militar da Paraíba. Aí eu recebo uma pensão, mas não é toda pra mim. É pra mim, e pr'uma filha que ele teve com outra pessoa lá pro lado da Paraíba. Aí pronto, eu ganho muito pouco, e essa pensão ainda é dividido. Aí pronto, mas dá pra mim viver. Eu faço um biquinho ali, ali na Florêncio de Abreu, né, meu menino trabalha com uns camelôs, agora botaram uns “boxzinhos”. Aí eles trabalham; eu vou lá, às vezes, faço um biquinho: levo um isoporzinho, vendo uma cerveja, vendo um refrigerante num final de semana lá, aí dá pra ir vivendo. Eu tenho três: a DeJane, (...) e Evelício. (...) Dinheiro não, ta muito difícil. Mas é tranquilo demais aqui. Eu ganho 500 e uns quebradinhos, aí se eu for pagar aluguel eu não dá, um aluguel é 500, 600, e num cortiço! E aqui eu comecei a fazer uma coisinhas, meu marido trabalha em obra, e traz uma ceramicazinha aqui pra melhorar o piso, uma mesinha, botar umas prateleiras. Aí pintou. Aí ta bom, eu gosto daqui. Não to pagando aluguel; ta bom demais. To muito satisfeita aqui, eu fico muito sossegada aqui. Menino, eu não vejo confusão aqui, eu não vejo... Desde de o dia que eu to aqui eu não vi, na Plínio Ramos eu morei acho que uns dois anos, lá eu ainda vi umas brigas, polícia andando, mas aqui eu não... é muito sossegado. Muito mesmo. [Porto Alegre] Tinha muita briga, muita gente, louco, né; brigava por nada, é, o dono botava pra fora, e essas coisas assim. Mas mesmo assim, nós, eu e meu marido, nós nunca se envolveu; nós ficava na nossa, cada um com seus problemas, assim, né. Mas eu nunca vi uma coisa grave não, só mais: assim, que não paga, discute com o vizinho do lado, porque ligou o som alto demais. Isso tem. Você mora em cortiço aqui, você mora junto com os traficantes, e gente usuário de droga. Lá tinha; lá tem, bastante. Mas. Lá em Porto Alegre demais. Quando eu cheguei

lá era mais calmo. Depois de três anos que eu morei lá, eu vi Porto Alegre transformar, piorou, sabe assim, em meio de tráfico. Muita gente. A avenida Farrapos, que eu morei na avenida Farrapos, era muita prostituição, tráfico de gangue. Eu até ganhei um dinheirinho lá que eu vendia na porta das boates, né; à noite, muita boate. Aí de manhã tem uma tal de Quinbau, abria de manhã, aí nós montava uma banca de churrasco, salgadinho, bolo, refrigerante, suco... meu, eu ganhei muito dinheiro! Tinha muito tráfico de droga, mas também tinha muito movimento de dia, e eu circulava; eu ganhava 1600 por semana, só de... de... é, por semana! Aí depois – eu ganhei isso no começo, quando eu cheguei lá – aí depois foi caindo, caindo... porque a polícia começou a bater em cima, e os tiros, botava tudo pra correr, os traficantes. Aí foi diminuindo, diminuindo, diminuindo as vendas; aí tinha semana que não fazia nem 100 nem 200. Semana todinha não fazia nem 200. Aí também, por causa disso, eu comecei também a sentir saudade de meus filhos, aí eu vim me embora. Mas agora, Farrapos, quando eu saí de lá, tava limpo disso. Eu até... agora que vai ter a Copa do Mundo, né, aí tem o aeroporto, que é lá perto, limparam a área, era muito tráfico. Ninguém ligava de fumar maconha, craque na frente de todo mundo, era tudo perto. Eu conheci meninas quando eu cheguei lá, meninas lindas, lindas! Chegava na minha porta pra comprar... cada coxa, cada loira, linda, linda! Eu saí de lá... uma morena, fazia ponto lá... Menino, eu saí de lá a morena tava uma caveira, uma caveira, não parecia... uma caveira andando! Por Deus, eu não acredito, no primeiro dia quando eu cheguei, não acredito que essa menina ta desse jeito. Uma coisa horrível, eu tive medo dela. Eu só conheci porque eu a vi todo dia; mas o quê, é ela, é ela mesmo? Mas Ave Maria, Deus! E a loira lá, linda a loira: a menina andando na rua, de pé de no chão, não se arrumava mais; é, a amiga, corpo jogado no chão, era bem loirinha, jogada dormindo na rua. Milha linda! E vi vários morrer, de droga, craque. Craque, menino, craque é triste! Eu fico muito triste de ver tanta destruição por essa droga. Tem uma hora que eu penso assim, meu Deus, o governo devia acabar com isso. Eu acho que se ele quiser ele acaba, se ele for diretamente nos grandes, nos traficantes grandes, acaba. É muita família sofrendo! Eu passo ali, eu tenho dó de ver eles tudo sujo, fedendo. Minha filha mora ali na Guaianases, da janela da minha neta, eu olho de noite assim, parece uma feira, uma feira de gente de todo tipo. E engraçado que – ela mora no sétimo andar – quando eles passam o cheiro é tão forte, o cheiro mal; meu Deus, eu preferia ver morto, esse povo, do que numa situação dessas. Muita gente diz

que tem nojo, eu não tenho nojo, eu tenho pena. Se eu pudesse, meu Deus, faria alguma coisa por esse povo. Eu digo assim, meu Jesus tira esse povo dessa situação. Não acabaram com tanta coisa na (...) dos estrangeiros, num lugar aí? Não tem droga, que acabaram, dos presos, que não têm visita. Se acontecesse isso... desse um castigo bom. Acabava com isso. Mas não, dentro da cadeia tem droga e arma. Por isso que eu digo, os grandes... Porque não sei se é na Inglaterra, lá não tem essas coisas. Esse negócio de visita íntima. Pra quê? Se o cara fez coisa errada, tá fora da lei, ter visita íntima, ter celular dentro do presídio. Tá muito errado! É por isso que acontece esse assédio de drogas aí na rua. Porque se eles não tivesse tudo isso lá dentro da cadeia, não existia tudo isso aqui fora. Se pegasse um traficante desses mesmo, não porque, tem muitos policiais por aí que até faz um plano: ele tem raiva de você, pega você, bota na sua roupa e diz que você é um traficante. Que já aconteceu isso com uma pessoa aí. Mas tem que ter certeza que é um traficante, filmar ele. Corta a mão. Se pegar de novo, corta a outra. Mas não, vai pra cadeia! Eu sou traficante bom de bico, ganha muito dinheiro, tem carro. Aí eu vou pra cadeia, chego lá tem televisão, isso, aquilo, comida boa, lalalá lalalá, aí um advogado bom, e ainda telefona, continua traficando de lá de dentro. Aí tem gente, aí meu Deus, por isso que eu me revolto às vezes. Gente que às vezes tá com fome vai num mercadinho rouba um danone, tá com fome, e vai pra cadeia, dois, três anos lá, abandonado. E um cara desses mata, como aquele que matou um rapaz na universidade, e ser solto! Ô, meu Jesus, eu fico muito revoltada às vezes! [Filhos] Moram, todos os três. Minha filha mora na Guaianases, meu filho mora na Gasômetro... Meu menino mora no Gasômetro, ele tem três filhos; tem meu filho que mora ali também na Guaianases, num apartamento de dois quartos, tem dois filhos. E só o meu menino mais novo que é cabeça-dura ta morando ali, num tipo de cortiço. É um amigo dele ali. Antes até queria vim, esse meu menino. Não é assim, eu queria arrumar pra ele, que eu via ele sofrendo. Aí eu não quero morar em invasão... aí. Da licença... [atende o celular]. Viu, essa minha nora aí, é meia-nora, mulher desse que eu queria arrumar pra ele aqui; e ele não queria vir morar aqui. Eu sei que ele ta morando lá pro Jaçanã. Brigaram e se separaram. E eu arrumei pra ela. Ela mora lá no sexto andar. Ela é batalhadora também, ela é camelô; ela vende na correria, na José Paulino. E ele ta por aí, quase jogado, que ele não é muito certo da cabeça. E ela acha que pessoa que anda assim... que ele teve um problema... ele foi preso. Foi preso lá na Paraíba. Eu achava que ele ia melhorar. Só que ele passou quatro

anos preso e aprendeu muita coisa ruim; droga também. Só que ele diz que não está *usando*. Mas eu não acredito, porque eu vejo ele muito magro. Meu Deus! Mas eu to seguindo ele, perseguindo, pra mim ver. Ele disse que não tava: eu juro, eu juro, eu juro. Mas eu to achando ele muito estranho, sabe. Aí eu to achando que ele ta usando droga. Ele fez um crime. Mas ele já pagou mais do que devia. Ele passou quatro anos e pouco abandonado. E ele foi condenado a oito anos. Era para ele passar dois anos, oito meses em regime fechado e o resto aberto. Ele passou quatro anos e pouco num regime fichado sem visita sem ninguém. Quer dizer que ele já pagou. Mas o que aconteceu? Aprendeu o que não presta. Eu tive que trabalhar três meses numa colônia de férias pra ganhar um dinheiro pra poder ir pra lá tirar ele. Porque eu disse, ele vai morrer, lá dentro. Peguei o dinheiro todinho e paguei pra eles não matarem ele. E até, iam querer matar eu. Peguei meu dinheiro todinho, ganhei mais de 5000 reais lá, paguei a dívida de droga, pra ele não morrer. Aí ele diz que não ta usando. Mas eu acho... Morando aqui na Luz... Precisa de ter uma cabeça muito boa, e ele não *tem*! Ele não tem. Tem uma hora que eu digo, meu Deus, que que eu faço, porque lá na Paraíba é pior ainda que São Paulo! Ta pior! E lá, quem vai pro semi-aberto, por isso que eu digo que – eu vim até pr’aquí, eu tenho que resolver os papéis dele – porque lá no semi-aberto é morte, sai no semi-aberto é morte. Não sei se você já viu na televisão? Então eu cheguei, paguei o traficante e tirei... Porque ele já tava continuando a vender! Ah então eu vou tirar ele daqui, porque senão eu vou ter que trabalhar a vida toda pra ficar pagando dívida de droga. Aí até falei pra ele. Então vamos embora. Se você quiser ficar aqui pode até ficar, mas não conte comigo mais pra nada. Eu lavei minhas mãos. Ele tem 29 e é o mais novo. A mulher desse daí tem um filho lindo. O menino ta com ela. Sei lá, não faz nada de bom. Não arruma um emprego de pedreiro, de servente de pedreiro. Não tem onde morar, ganhando 270 reais por semana, perdeu o emprego... sabe. Não tem jeito. Quer um cafezinho? Tá limpo... tá bom? [Partido político] Eu sou filiado no PMDB, mas eu nem me lembro... Era assim, eu vim a saber que eu era filiada quando eu fui tirar meu título, algo assim. Ai, eu vivia lá no meio, eu vivia lá no meio. Não sei se você se lembra, ô meu Deus, o político lá da Paraíba. Vivia lá com a família dele, a mulher dele, os filhos deles. Eu acho que a mulher dele botou eu no partido. Aí eu aqui em São Paulo sou filiada ao PMDB sem saber. Aí o meu marido quis tirar, mas, deixa assim mesmo,! Eu nunca liguei, sabe. Mas é bom você sair, não sei o quê porque não sei o quê. Olha, eu voto quando eu estudo assim ó

pelo jeito do político, mais ou menos como ele é, a infância, como tá o Lula, né. Eu votei no Lula. Eu vi a vida toda dele, a luta. Outra coisa também, eu votei no Serra, uma época. Vai assim, não tem partido! Eu sempre voto mais nesse PT. Quase todas as vezes eu voto no PT. Nessa última eleição agora eu votei na Dilma. E votei até no Tiririca, eu votei! [MSTC] Como a pouco tempo que eu cheguei, eu fui numas duas ou três reuniões. Aí eu vou, eu gosto de participar. Eu fico só assistindo, eu falo muito assim quando a pessoa... mas pra mim falar em público... não sai a palavra. [Dia-a-dia] Pra dizer a verdade, meu marido até tem ciúme de mim. “Você não liga mais pra mim, você...” Porque eu me carregou pra Porto Alegre pra me tirar de perto dos meus filhos, só me queria só pra ele. Aí eu fui, né, porque eu tava apaixonada, não sei quê. Ele era muito bom pra mim, fazia carinho, aí eu me apaixonei, fui m’embora com ele. Aí mas não aguentei a saudade. Desde de os quinze anos de idade, é igual a galinha com os pinto; pra mim é tudo junto! Aí eu não aguentei a saudade. Aí ele: “Ah, você fica pendurada no celular, fica ligando!”. Eu falei: claro é meus filhos! Principalmente esse outro. Eu chorava. E ele falava: “deixa esse vagabundo”. E começava a falar mal. Aí eu fiquei com mais desgosto. Não, sabe de uma coisa, fica aí com seus problemas e deixa os meus; eu vou me embora. Aí fui tomando raiva dele, por causa das coisas que ele falava. Vou m’embora. Aí vim. Mas ele não aguentou a saudade e veio atrás de mim. Mas mesmo assim aqui ele implica. Meu filho vem ali na janela, lá embaixo: “Mãe!” Quer no banheiro, tá com fome. Eu desço, ele não vai entrar aqui, não vai lhe aborrecer. “Não quero te ver gritando na janela, vai s’embora, vai s’embora, desapareça, mulher!” Aí eu saio, vou pra casa da minha menina. Aí pronto... Aí por causa desse caso dele aí, tem dia que eu passo dois, três dias sem vim aqui. Porque eu brigo com ele, por causa desse meu menino... ai, vamos embora. Aí eu vou pra casa da minha menina, do meu filho, porque tudinho quer eu. Só que eu, quando a gente tá numa idade, a gente quer ficar mais sossegada. E eu com ele fico muito sossegada. Aí quando ele me apherrenha também eu vou pra casa de um, vou pra casa de outro. Aí, eu tenho roupa espalhada na casa de todo mundo. Aí minha menina: “Mãe, pode ficar aí morando comigo”. Aí o outro: “A DeJane só quer a senhora morando com ela!” E é assim, tudinho, tudinho! Aí eu moro aqui, moro na casa de um, moro na casa de outro, moro em todo o canto. [Televisão] Eu gosto, eu era fissurada em novela, mas depois começou muita mentira, e eu não gosto dessas coisas, mentira e falsidade. Mentira e falsidade, eu não gosto. Aí essas

novelas de hoje em dia é tanta mentira, falsidade; tanta traição, tanta maldade. Eu comecei a tomar birra de novela, sabe. Eu assisto aquele Cordel Encantado porque é tipo uma comédia, é muito engraçada, aquele tempo antigo do Lampião, sabe. Aí eu assisto assim, quando eu não tenho que fazer eu fico assistindo. Às vezes, eu até mudo de canal, viu. Gosto de repórter, um filme bom, quando tem algum filme bom eu assisto. É, é, do SBT, né, não gosto. O SBT a única coisa que eu assisto é um pouquinho de Eliane, no domingo, e a Telesena, que eu compro. Gosto da Record também. É, da Record. [Religião] Eu sempre fui evangélica, quando minha mãe, quando eu era menina, né. Depois eu me desviei da igreja, casei e saí da igreja. Mas eu vou em todas as igrejas, pode ser católica, pode ser... Vou na Universal, às vezes, vou na Mundial. Eu não tenho lugar certo pra mim ir não. Eu gostava até da Igreja Universal, mas é tanto dinheiro. Pô, a gente vai pra igreja e ficam pedindo tanto dinheiro, até cartão de crédito tão... aí eu... Agora até coiso pra passar cartão de crédito, se você não tem dinheiro, passa o cartão de crédito... Ah! A gente dá uma oferta quando a gente pode e quer, de coração. Mas ta quase forçando. Aí deixei de ir. Eu vou na Mundial. Um dia desses, eu tava passando, muito triste por causa desse meu menino, ali, naquela praça dos cavalos – não tem a Igreja Batista? e do lado tem a Igreja Espiritual – aí eu tava passando e olhei, olhei: “vou entrar”, entrei. Aí eu to frequentando. Em frente a praça, eu tenho até o papelzinho dele... não sei se eu joguei fora. Aí eu to indo, toda sexta-feira, to indo. Vai ter até um... Eu sei que eu fui nessa igreja, não sei quê Espiritual; não é macumba não é nada. Ta aqui ó: Santuário Espiritual... vai ter “Noite do amor”; “O grande desafio da espada”... Eu to indo, sabe, nessa igreja aqui. Eu to gostando porque ó, é tudo de branco. Eu gostei porque eu senti uma paz, eu senti uma paz tão grande lá. Nesse dia aí, passando, eu tava tão triste, eu tava até chorando. Aí quando eu olhei assim, dia tanto, aí eu entrei. Aí eu me senti tão bem, né. Eu to indo. Faz uma semana que eu fui. Eu vou de novo. Eu to me sentindo bem, sabe; talvez eu fique lá. É, levei, não levei ele, levei um documento dele e sexta-feira eu vou levar uma peça de roupa. Vamos ver se ele muda. E eu senti muito, uma paz muito grande lá. Gostei de mais, por isso eu vou ver, talvez eu continue indo lá. Eu pretendo levar ele, vou ver se eu levo. [Eu só queria dar uma olhada na janela, na vista que...] Pode ir. É muito bonito. E de noite que as luzes da estação acendem tudo ali ó. Aqui, outra aqui, uma ali, outra do lado, a coisa mais linda. Os prédios. Aí eu fico horas e horas, daqui, olhando, sabe. Aí eu quero olhar a hora, tem até a hora. Eu gosto muito daqui.

Eu me sinto tão bem nesse lugar. Eu digo pra minha menina, eu moro com os sem-teto mas eu me sinto tão bem aqui. [Casa própria, carta de crédito] Eu penso nisso. Eu to até com uns probleminhas aí no Serasa, amanhã eu vou pagar às Casas Bahia. Paguei uma dívida aí. Eu vou me livrar, pra quando abrir esse projeto, né, que tão fazendo, pra mim ter um apartamento pra mim. Se for aqui, pra mim vai ser a maravilha. [Periferia] Não quero não, porque minha família trabalha aqui. Trabalha tudo aqui. Pra ir pra fora daqui, mais aí, transporte... E aqui não, aqui você vai até a pé pro trabalho. Aqui é muito melhor, eu gosto daqui, eu não quero sair daqui. (...) Eu até to procurando um advogado na internet, um advogado público pra falar desse meu menino aí; pra ver se ele tira os documentos. “Ah, eu não vou trabalhar porque eu não tenho documento”. Que quando ele teve aqui ele foi roubado. Aí ficou sem documento. Agora ta com medo de... Mas como ele já pagou toda a pena dele. Vou entrar em contato com um advogado pra ver se ele resolve esse problema dele. Quando ele tiver com os documentos, quero ver qual é a desculpa dele. Que desculpa que ele vai dar. (...) E eu gosto de vender bijuterias, essas coisas. Meus dois filhos alugaram um “boxzinho” lá na galeria, como é o nome dela? Prestes de Abreu. Aí to com vontade de abrir um negócio pra mim. E eu tenho vontade de abrir um “box” pra esse meu menino aí. Aí tenho vontade, montar um de relógio e celular, que ele entende um pouco disso daí. A primeira eu vou observar ele direitinho, que não adiante eu montar um negócio pra ele trabalhar e ele chegar aí e continuar fazendo coisa errada, né. Se ele não se ajeitar... Às vezes tem horas que dá vontade de abandonar, sabe. Abandonar e ele que se lasque pra lá. Mas hoje mesmo eu tava assistindo de manhã e tava dizendo assim, “se você tem um filho que usa droga, e você interna ele, e não vai visitar, e não ta por perto, dando uma mão ou carinho, ele nunca vai mais sair daí não”. Você tem que ta ali, a família, dando um apoio. Então eu to certa, dando um apoio, quem ta errado é quem abandona mesmo. Os irmão não quer mais saber dele. “Ele não tem jeito”. Mas eu sempre to ali, pra ver se... Só se eu ver que não tem jeito. “Eu to ajudando você o máximo que eu posso, até to brigando com o meu velho que cuida de mim, que é um pai e um maridão pra mim. Às vezes eu brigo por causa de você. E você não der valor eu vou abandonar você”. Eu digo isso, mas eu não tenho coragem. Até, disse o velho: “Ah você ainda ta criando esse bebezinho. Acredita que ele vai melhorar? Ele não vai melhorar não”. Vai, que Deus é muito bom, e Deus é pai, e ele me ouve; e se não fosse a fé que eu tenho nele... Deus vai fazer uma obra, uma graça. Se

eu não tivesse essa fê, ele já tinha... Tava ali no meio daqueles... Mas Jesus sempre ta ajudando. Às vezes ele dá uma recaída mas... eu sei que ele dá uma recaída, sabe. Mas ele vai melhorar, se Deus quiser. (...) Tudo de bom. Qualquer coisa, pode bater.

[Entrevista 13]

Z.

Conversas:

- Ah, esse daqui é o supervisor, do bloco. (Zelaide).

- Não, na verdade...

- Os dois... (risos)

- É que a gente, na verdade, tem um desafeto aí.

- Oba, beleza, tudo bem? (terceiro)

- Paizão, paizão, faz um favor pra mim, vê se você descola um serrote pra mim.

- Ixi, é difícil, hein!

- Eu também tava querendo pra serrar aquela... (Zelaide)

- Eu procurei serrote...

- O Rogério não tem não?

- Ah, o Rogério é eletricista.

- Eletricista tem qualquer tipo de ferramenta.

- Eu vou conversar com ele.

- Cê vê aí quando eu chegar do serviço, 6 horas.

- Vai com Deus.

Depoimento: Eu nasci no Rio de Janeiro, em 17 de maio de 1941. Na capital mesmo do Rio de Janeiro. Eu vim em São Paulo em 1963. Eu trabalhei muitos anos como digitadora, e sempre nessa profissão. Depois eu mudei e aprendi a fazer malha na máquina, também trabalhei bastante tempo. Depois trabalhei com vendas. Mas a minha profissão mesmo é digitadora. [Escolaridade] Segundo Grau completo. Não, faculdade não consegui não. Eu fiquei solteira, e não tenho filhos. [Por que veio pra São Paulo] Em decorrência, em busca do mercado. Aqui tem mais trabalho, né; tinha, principalmente na minha época. Antes a gente encontrava emprego de digitação com muita facilidade. Foi o que me atraiu pra São Paulo. [Máquina de escrever] Não, era igual a computador. Era igual a computador. Só que de hoje para minha época só muda o programa. Mas teclado é tudo igual. Eu consegui emprego e passei uma época morando na casa da minha irmã, que ela é casada e tudo. Mas daí ficava muito longe. Lá em Jaçanã. Como ficava muito longe, eu me transferi logo aqui pro centro. Eu morava no centro, nessa época eu morei ali na avenida Liberdade. Era uma pensão. Era uma pensão; não, era vaga. Vaga é assim: várias pessoas num quarto só. É, são beliches. E passei a maioria do tempo assim, morando em pensão. Já faz quase quarenta anos que eu moro no centro e não me acostumo mais morar em bairro. Sempre no centro. Primeiro porque é mais perto do trabalho, tudo é mais fácil; o tipo de locomoção; a gente vem, tudo aceso. Aí eu me acostumei morar no centro mesmo, não consigo mais morar em bairro. [Aluguel] Nessa época, da vaga, olha era o equivalente ao preço de hoje. Uma vaga custa em torno de 200 reais, 250; uma vaga. Então, um quarto com cinco pessoas, seis. Eu comecei a fazer o tricô porque eu comprei a máquina de tricô. Aí comecei a aprender.

Apreendi, e fiz algumas peças. E agora no final fiquei sem ter o espaço. Pra morar! Porque essas coisas você não pode fazer numa vaga. Você tem que ter um espaço *seu*! Demorei muito, fiquei desempregada. Aí comecei a fazer tricô, mas tricô depende de eu ter um lugar. E eu não tenho. [Algum tipo de constrangimento na pensão, como tráfico, polícia etc.] Não, na minha época não tinha não. [Despejo] Já acontece sim. Mas a pessoa se dizia dono. Aconteceu isso comigo também. Num casarão grande eu aluguei a vaga, e achei que ele era dono, né. Mas eu não tinha experiência de nada. E aí nós tivemos que mudar porque ia ser demolido ali. Ia ser demolido. E aí nós saímos, pr'um outro. Ah, é muito frequente acontecer, porque o nosso salário não alcança o aluguel de um lugar, que é muito alto. Não, 600 real dá um quarto, sujo, aqui na Barão de Tamandaré, aqui. Um absurdo! Eu falei, isso é um roubo! Eu falei, não tenho condições. Aqui eu não tô trabalhando com tricô porque o espaço não dá. A máquina você precisa botar, precisa de um espaço maior que aqui não tem. Essa máquina tá tudo guardada, tipo um depósito. É a máquina tá tudo guardado lá. Até... tá parado. [Aposentadoria] Não tenho ainda não. É, é assim, eu trabalhei, como eu fiz 60 anos, eu tinha que ter 15 na carteira. Então, o meu patrão não recolheu cinco anos. Aí deu essa política toda aí, enfim. Tô tentando; mas não tenho muita esperança não, porque a lei no Brasil só fica no papel, não é. O duro é tirar ela do papel. Não, uma renda fixa no momento eu não tenho. Porque pra ter essa renda eu preciso de um espaço, pra poder trabalhar. Eu tenho as máquinas, eu tenho tudo. Mas ta tudo guardado num depósito, até sair esse lugar. Trabalhei muito tempo com tricô. Trabalhei com tricô e eu dividia o apartamento com uma pessoa. Aí não deu certo. E não tem como eu alugar sozinha. Então ta lá guardado. No dia que as coisas mudar eu tenho uma renda própria, não é. [MSTC] Eu conheci o movimento MSTC assim: eu tava morando num apartamento na rua Vitória, e nessa época, quando eu aluguei lá, era 2005, eu tava digitando. Então eu aluguei lá, junto com outras pessoas, e a gente dividia, né. Aí me desempreguei, fui despejada e aí eu fiquei sem meios de voltar pro centro, fui quando eu conheci... [Voltou pra casa da irmã?] É voltei pra casa da minha irmã e minhas coisas estão no depósito. Aí eu conheci uma moça, a Paula, que tava no MSTC e me chamou. Aí eu fui conhecendo, gostei. Não, eu to aqui... Primeiro, a gente tava numa outra, na Barra Funda. Tava na Nove de Julho, fomos pra Barra Funda. Aí não tinha onde ficar e arrumaram aqui pra gente ficar até ver o que vai acontecer, né. Se a gente vai receber ajuda, bolsa-aluguel, alguma coisa pra poder a gente...

[CDHU, carta de crédito] Olha, eu tenho um plano assim ó, se eu me aposentasse, que eu preciso da aposentadoria, minha esperança era ganhar um carta de crédito, pra continuar aqui no centro. É melhor, sem dúvida. Porque eu – ah, Jean! – eu não acostumo morar em bairro. É que eu já moro aqui, no bairro, há mais de 40 anos, eu nunca saí aqui do bairro. Então, minhas amizades, é tudo aqui no centro; meus empregos, tudo no centro; aqui as pessoas me ligam, eu tô perto: “Ah, dona Zelaide, dá pra senhora vim fazer uma panfletagem pra mim? Amanhã, 9 horas”. Eu tô pertinho. Aí eu pego, e já vou. Então aqui no centro aparece muito bico, pra gente fazer. Panfletagem, ajudar na feirinha; e me aparece muita panfletagem no centro. Então, facilita, né; porque o trabalho é tudo por aqui mesmo. [Prestes Maia] Eu tô desde setembro. A mesa, a maioria das coisas nós costuma ganhar, né. É, o pessoal sai pra pegar, shopping da noite, sei lá. Eles jogam muita coisa fora. Aquele fogão mesmo que nós estamos usando, ele tá bonzinho. Aquele é coletivo, pra gente. [Zelaide mostra um fogão em ótimo estado] Eu tenho uma televisão que eu ganhei, que eu gosto, de acompanhar as coisas. Eu gosto muito de assistir repórter. Novela eu não gosto não. Eu gosto mais de documentos, que passa muito na TV Gazeta. Ficar sabendo dessas coisas. Aquela TV News que aconteceu... gosto também. Novela não sou muito chegada não. Nenhuma, né. Porque meu tempo de fantasia já passou. É não dá mais pra mim acreditar mais nisso. Não convence mais. [Religião] Religião, eu sou evangélica, né, muitos anos. Nasci em berço evangélico. E agora, graças a Deus, eu vou e espero ir até o fim na Assembleia de Deus. Tem bastante gente evangélica aqui, tem tudo aqui. Eu tava pensando, que aqui é o MSTC, quer dizer, o Movimento Sem-Teto do Centro, e o MSTC ele consegue uma coisa inédita, que é juntar todas as classes de gente num lugar só. Entendeu. Então aqui tem desde a criança de berço até o velho de 80 anos. Tem tudo aqui. Todo mundo tá aqui segurando a ponta da corda. Tem gente boa, Jean, que colabora, tal, e tem aquela que estraga toda a colaboração. É muito difícil, muito, muito, muito, muito. Porque você não pode contar com todas as pessoas. Às vezes, você acabou de levar um banheiro que é coletivo, vai lá um e suja tudo. Só você virar as costas... É difícil sim. Olha o pior, vou te falar a verdade, pra mim não existe o pior aqui. O melhor é realmente tá aqui. É, conhecendo gente nova. O que eu acho melhor no movimento é que o movimento faz com que você se sinta útil; as pessoas. Porque aquelas pessoas que ninguém quer servir, devida a experiência da vida, maturidade, ainda tem capacidade de servir. É, então. Eu

penso assim, Jean, tem gente que faz, xinga, reclama. Mas eu acho legal tá aqui. [A participação nas assembleias traz o sentimento de estar participando de alguma coisa maio?] Dá, dá sim. As assembleias são muito importantes, principalmente as líderes. A Neti, o seu Manoel Del Rio, a dona Carmem, é muito importante pra mim. Estão sempre na reunião. São pessoas que passam pra gente a luta deles conjunta com a nossa. A luta deles é a nossa, e a nossa é a deles. Então a gente não consegue se separar. Tudo que acontece com eles, acontece com a gente. Tudo que acontece com a gente, acontece com eles. [Então o movimento, que tira as pessoas da margem da sociedade, da rua, acaba dignificando as pessoas?] Exatamente. Acaba enaltecendo a gente, nos apoiando, e mostrando assim um pouco da verdade do Ministério Público. Foi isso que eu aprendi bastante do MSTC. Porque, a lei existe, né, porque nós temos direito à moradia, e muitas coisas mais, mas principalmente, à moradia. A lei existe mas ela está só no papel. Então toda a vez que a gente, eu mesmo já precisei muito, do Ministério Público, eu descobri que a lei existe mas não tem força. [As classes ricas têm mais amparo da lei?] É, você sabe, né, o dinheiro facilita tudo. Que nós queiramos ou deixamos de querer; a lei facilita tudo. É o dinheiro, né. Então o dinheiro ajuda a lei funcionar, né. Porque você tem mais meios. Quem tem mais poder aquisitivo, as coisas é mais fácil pra ele, sem dúvida. Isso ficou muito claro. [Isso não era tão claro antes?] Não, nunca! Até fiquei muito, muito chocada, né, quando eu vi essa palavra: a lei existe mais só no papel. E eu passei essa experiência, porque eu tive, como eu te falei, né, eu precisava destes anos pra aposentar e trabalhei nessa empresa que não assinou minha carteira. E o juiz me deu ganho de causa. Tinha que recolher aqueles dias. Aqueles dias que eu trabalhei, colocar em minha carteira, pra poder eu me aposentar. Quer dizer, ficou tudo no papel. Aí quando eu sentei perante os advogados, ela falou: “Ah, a senhora ganhou mas não vai levar!” Nossa, eu fiquei espantada quando eu ouvi aquilo. Porque a lei só existe no papel. Porque ela justifica assim, *não tem poder de pegar a pessoa e fazer ela pagar*. Ele tá lá trabalhando numa boa. Ele tá lá com a empresa aberta, trabalhando. Eu falei, “ô, doutor, mas o cara tá lá trabalhando, por que a lei não tem força de ir lá pegar ele e me dar meus direitos?...” Então, quem tem dinheiro, né; você vê? A gente fica mal servido perante à lei. Porque, eu ganhei, mas não vai levar os meus direitos como de fato estou sendo prejudicada! Porque o ganho, tudo o que o juiz deu, os dias que ele tinha que pagar, que ele tinha que recolher, pro INSS, tudo aquilo ficou só no papel. Já

faz, tá desde 2008. [Três anos, quem sabem...] 2008? Peraí, cinco... não, desde 2006! Eu tive uma audiência; 2006, eu entrei; 2007, já foi a audiência; e tá rolando lá. Tá tudo ganho lá, assinado pelo juiz. Aí eu até soube, Jean, que ele tava aqui na rua Bento Freire; e ele tava lá, e aí o oficial colocou no processo que foi e que o porteiro comunicou que ele tinha mudado. Aí eu fui olhar a data e falei: não mudou! Tá no mesmo lugar. Você vê como o dinheiro tira a força da lei. Então, Jean, é o mesmo esquema com o negócio de moradia. Tantos imóveis desocupados que podia fazer pra moradia. Porque à medida que a gente ocupa, a gente fica como:... nós violamos a lei. Mas nós não estamos violando a lei. [Então do ponto de vista legal quem acaba infringindo a lei são vocês que tão precisando de moradia?] Exatamente. [E a função social da propriedade, que é um direito constitucional, não é cumprida, senão como função econômica?] Exatamente. Os proprietários desses imóveis, ele conseguem passar 10, 15 anos com isso daqui fechado. E ainda devem pra prefeitura, o estado, tudo. E essa daqui, a dívida aqui tá bem alta. (...) Mas porque a lei é morosa, né. A lei no Brasil é muito morosa, demais! Tem coisa, Jean, que a lei podia resolver em questão de três dias, pois o juiz já sabe que resposta vai dar aquilo. Não tem mais nada pra fazer ali, por que que não... é morosa demais. Mais rápido! Agora até gostei, porque o Lula contratou bastante gente no judiciário pra poder agilizar a coisa. [Partido político?] Ah, sim! Agora que eu tô crescendo mais o meu entendimento na política. E olha, eu não vou assim exatamente pelo... eu não tenho aquela fidelidade ao partido, mas um político. Tem pessoa que se filia àquele partido. Eu não vou pelo partido, eu vou pelo político. Ah, eu votei no Alckimin, na desse ano. [E quando o Lula concorreu?] Ah, eu votei no Lula! Naquela época eu votei no Lula. [E nas últimas, Dilma ou Serra] Eu votei no Serra; porque a Dilma... É aquilo que eu te falei, eu vou pelo político. Devido assim a história do Serra, aquela coisa toda, eu votei no Serra. Agora é aquilo que eu te falei, eu vou pelo político, mas conforme eu tô conhecendo o PT, eu tô achando bom. Quer dizer, os políticos do PT. Eu tô conhecendo a política deles. [O PT tem mais atenção pela questão social?] Tem sim! Agora que eu tô assim conhecendo mais. O PT, o MSTC. Eu tendo simpatizando bastante com o PT. Antigamente assim eu tinha meia... é preconceito. Eu já votei no Lula. Votei. E no primeiro turno eu votei no Serra, mas no segundo, eu votei na Dilma, porque eu sabia que o Serra ia perder. (...) Geralmente assim, eu acompanho pelo jornal, mas como eu saio muito, vou para igreja... [Tem igrejas que distribuem cesta básica]

A minha não... distribui cesta básica? Quem dá mais é a católica! Essas aí evangélicas não, que eu saiba não. Pelo menos a minha, não faz não. Meu cotidiano é assim, eu sempre dou minha participação, eu faço comida aqui, pras pessoas aqui; esse pessoal atribulado que não quer fazer nada. É isso que eu gosto de fazer. Então eu faço comida aqui. Às vezes, vou comprar, vou buscar; e ajudo financeiramente; lavo a louça; varro tudo; ajudo no banheiro. Eu gosto muito de ficar aqui, eu fiz muitos amigos, do pessoal daqui do meu andar. Ah, eu gosto de dizer assim, pra mim foi muito bom conhecer o MSTC; me fez crescer bastante, e que me ensinou que a vida não é só lidar com pessoas boas, com aquelas que é fácil você lidar; mas com pessoas também difíceis, que tem outra linha de visão da vida; porque no fim você descobre que elas também são pessoas bacanas. Então o MSTC, me fez também crescer nessa parte. Eu gosto muito de ficar aqui. Se puder sair pr'uma melhor, claro que eu vou, né. [Às vezes, você mora num desses prédios, aqui em São Paulo, e nem sabe quem são os seus vizinhos.] Aqui a gente se comunica bastante. É exatamente, aqui embaixo mora uma velhinha, ela tem 80 anos, aí um dia nós precisamos de socorrer ela... Então os meninos aqui, nós socorremos ela, todo mundo, internamos; todo mundo se mobilizou. Já, ela já voltou; aí nós continuamos a dar assistência pra ela. Então, quem socorre ela é a gente. Qualquer pessoa. Geralmente sou que fico lá quando ela vai internada. É bom, né! Bom a gente se útil. A gente vai aprendendo. Que às vezes que nem a pessoa que... Eu aprendi assim no MSTC, que Jesus falou, naquela parábola, que lhe perguntaram o que se devia fazer para herdar a vida eterna, aí Jesus falou, “qual é o primeiro mandamento? falou assim, amar a Deus sob todas as coisas e o próximo como a si mesmo”. Aí o homem perguntou pra Jesus: “Quem é meu próximo?” Aí Jesus falou: “Olha”... e o homem foi assaltado, espancamento, deixaram ele lá, e passou um sacerdote e fingiu que não viu, depois veio um levita e também fingiu que não viu, até que apareceu um samaritano e socorreu aquela pessoa, curou as feridas, tal. Então o MSTC me ensinou isso. O próximo da gente é aquela pessoa que ta perto da gente, e com aquela necessidade naquela hora. Então, esse que é o meu próximo. Então aqui a gente tem muito que agradecer esse lado também não só na pele na espiritualidade também. Porque o Lula não é meu próximo, a Dilma também não. Porque não ta precisando de mim, só precisou de meu voto. [A luta por moradia é lutar por uma materialidade] É, uma coisa tá unificada na outra. Então, o MSTC me ensinou isso. É A medida que você faz as coisa... Ah tem gente que diz: “Ah, mas

senhora é boa demais, porque que a senhora faz comida, lava a louça?” Uai, eu falo assim, porque a pessoa tá precisando! O Lula não tá precisando de eu lavar a louça pra ele, e a Dilma também. [A senhora recebe alguma coisa pra fazer isto?] Não, não. Aqui a gente faz... [Espontaneamente]. É de livre-e-espontânea vontade. No MSTC tem isso de bom, é tudo de livre-e-espontânea vontade. Tudo de livre-e-espontânea vontade. Nada é forçado, nem coagido. Nada! Nem passar uma vassoura, você passa se você quiser. E aonde as coisas se tornam mais difícil, né. As pessoas não têm esse entendimento. Ela sempre acha que se ela varrer um lugar e lavar uma louça e o outro não, ela se acha no papel de bobo. Porque ela é bobo, porque ela lavou uma louça. Então se torna mais difícil. Então a gente precisa, não é, Jean? Porque o MSTC ele não é só matéria. Se for olhar bem, ele tem muito de espiritual. Por exemplo, as pessoas que são os coordenadores, não é, a Maria, a Neti, a dona Carmem, Manuel Rio, eles têm que ter esse lado também. Aquela vontade de você querer ajudar o outro. E você, sendo coordenador, você tem que ir em busca do conhecimento da lei naquilo que pode ser feito com as pessoas que eles estão tentando amparar. Então eles não precisam só de matéria, tem que ter essa vontade. Porque se ele não tiver isso também, ele desiste logo. [Sobre a coordenadora Maria] É muito difícil. Nem se fosse por dinheiro, eu ficaria não. Podia me dar 5 mil. Porque eles não têm limite. Eles não têm limite, de horário. Não tem aquela ideia, sabe. Se você bater numa porta, uma vez, duas, três, e você viu que a pessoa não quer atender? Deve estar dormindo, não tá bem, ou uma coisa assim. Aí mesmo assim eles batem. Pau, pau, pau, pau... Só falta derrubar a porta. “Maria, eu quero falar com vocêêêêê!!!!” Eu falei, ó a senhora já bateu tanto aí, ela deve de tá ocupada com as coisas dela; volta outra hora. Mas não adianta. Então, realmente, não é fácil não. Porque o ser humano é difícil, é difícil. Ah, se você viver assim... é uma bola de neve mesmo! Ah, a minha família foi assim: nós éramos em cinco filhos, todos do Rio. Aí casaram, separaram... e tal, e eu acabei vindo pra cá. Em São Paulo fiquei na casa da minha irmã, depois me mudei aqui pro centro e não saí mais. [Tem alguém no Rio?] É, eu tenho dois irmãos, só tenho um agora, no Rio de Janeiro, e minha mãe que tá aqui. [Conversamos sobre a minha pesquisa de mestrado] É bom que vai fortalecer o nosso trabalho, né. Tem gente que caiu numa situação muito difícil. (...) As pessoas ficam abandonadas. [O MSTC] Abre a cabeça. Agora vai ter uma reunião, depois do dia 10, vai tudo pra Brasília, a Neti, vai o Osmar, a dona Carmem e o Alckimin institui um pessoa, que

é do CDHU, pra ir junto. E lá vão discutir se aquele da Nove de Julho vai ser CDHU, mas se for a moradia sai. Então a gente que tá no movimento... um espaço lá. Naquele prédio por dentro é lindo. Já foi lá? Nossa, ele tava com a gente, ele tava ocupado. Outubro, novembro. Nossa, a Mauá é enorme. Porque esse daqui tem uma divisória muito industrial. Acho que aqui era uma fábrica. Então ele não foi feito com aquelas divisórias que a Nove de Julho tem. Já. O Nove de Julho, pra se tornar moradia é bem mais fácil. Até pra nós quando vai lá e invade é uma beleza. Porque lá funcionava um INSS. E o prédio é deles. [Aqui o pessoal constrói no prédio.] Lá também. A gente põe a divisória no meio, mas muitos deles têm banheiro. Muitos com banheiro. O pessoal que trabalha com madeira, eles jogam, à noite, muita madeira fora. Pega a madeira. Pega lá e faz. E assim, a limpeza das escadas, né, todos os dias, que o pessoal faz. [Coletivo] Tudo coletivo. É a gente mesmo, que faz. Agora tem aquele que só suja mesmo. Mas suja mesmo; joga nas paredes! Tem gente porreta! Eu não sei se é criança ou é adulto; eu penso que é criança. (...) Precisa de uma pessoa mais experiente, que nem eu; aí depois que eu vim melhorou tudo. Mas de vez em quando a gente se encrenca aí e fica tudo bem. Mas, graças a Deus, eles estão trabalhando e passam o dia inteiro fora. Tem encrenca, mas depois fica tudo bem. (...) E aqui a pessoa não se sente sozinha. Quando você precisar... Boa sorte. Deus o abençoe!

[Entrevista 14]

[Nome] I., 34. [Nasceu em São Paulo] É. [Casada?] Isso. [Filhos] Seis. Três homens, três mulher. Eu morei lá pra Armênia. Era uma ocupação ali. [Movimento] Não, não é não. Lá onde eu morava na Armênia eu fiquei 10 anos morando. Era muito tempo que tinha vaga ali, na ocupação. [Trabalho] Não, só o meu esposo. Ajudante geral. [Registrado?] Não ainda não, ele começou faz pouco tempo. Faz um mês. E registrar é depois de três meses. (...) Mesmo quando eu morava na ocupação, eu fiquei uns 10 anos lá. Depois vim pra cá. Lá teve o despejo. É, no ano passado. Eu soube por um cunhado meu – ele é envolvido com esse negócio de ocupação; é, movimento – aí ele conheceu a Neti, aí ele falou que aqui no centro tinha uma ocupação; que tinham acabado de ocupar. Aí eu vim; eu fui lá na Mauá... Aí nós estamos aqui. [Desde outubro?] Isso. Desde o dia 11. Não, não. Quando eu cheguei

aqui já tinha gente dentro. Isso é, mas já tinha gente morando, aqui, já. Aqui não, nesse corredor quando eu vim pra cá, tinha pouco. Acho que só tinha três pessoas. Era tudo aberto. Foi bem no começo, né. [Conhecia já o MSTC?] Não, não conhecia não. Lá onde eu morava, na outra ocupação, não tinha esse negócio de movimento. Era ocupação que não tinha assim: coordenação, negócio assim de... Mas lá onde eu morava, na ocupação, na Armênia, quando nós entramos, nós pagamos. Assim, né, nós pagamos, só que não era nosso, tinha o dono, que tinha dívida da prefeitura, essas coisas. Ah, na época que nós fomos pra lá era 300 reais, só o chão; aí subimos assim, de madeira, porque meu namorado é grande. Não, nós pagamos só uma vez, um dia. Nós pagamos pras pessoas que tomavam conta de lá. Não, não era, eu acho que eram as pessoas que invadiu lá, mas eles não alugavam como aqui, né. Mas lá o pessoal ocupava. [Eles davam algum comprovante?] Não, nada, nada, nada. Não, não tinha papel nem nada, porque era ocupação, né. E eu também não pagava água, não pagava luz. Nós pagava assim... Aí tinha uma pessoa que tomava conta de lá. Aí nós pagava assim, alguma coisa assim, um fio, alguma coisa do prédio mesmo [da manutenção]. [É melhor aqui ou lá?] Melhor aqui. Porque é melhor. Porque é. Uma porque a portaria. Eu gosto do jeito da portaria aqui, por causa das crianças, dessas coisas, né. Lá não tinha porteiro. [Aqui tem mais segurança?] Aqui tem, é mais seguro; bastante aqui. Porque gente estranha não entra. Eu acho bom, eu acho legal, essas coisas. [Cotidiano] Ah, sim. No começo nós tinha cozinha comunitária aqui. Agora não, é cada um por si. Eu tenho as minhas coisas. Aqui cada dia tem uma pessoa que faz a limpeza. Que faz a limpeza... a semana... eu que limpo, dependendo do dia. [Televisão] Eu assisto... Na minha casa? A novela. [Da Globo, do SBT?] Do SBT. Todas, todas. Do Chaves, todas as novelas. [Partido político] Não, nenhum. Aí que tá, eu não voto em ninguém. Não, é porque... o título, eu não tenho. Tenho que tirar o título ainda. Mas vou tirar. Na próxima eleição eu voto. [Religião] Religião? Eu sou... Eu não tenho, né. Mas eu sou evangélico. Aqui eu ainda não fui não [nos cultos] mas eu vou. Que tem agora aqui. Mas eu vou, eu gosto. [Algo a acrescentar, sobre moradia?] Não, moradia é normal, essas coisas. Acho bom, aqui é um lugar legal, bom pra morar. As regrinhas essas coisas, eu acho bom. [Centro] Aqui é bom, no centro. Isso. Aqui é mais melhor de morar, lá [na Armênia] era muito distante as coisas. Aqui tem mercado, tem a farmácia, o parquinho, essas coisas.

É tudo mais perto. Com certeza, ele trabalha aqui perto mesmo. Aqui perto. [Metrô, ônibus?] Não pega, não precisa. É aqui mesmo, pertinho. Aí ele não pega condução não.

[Entrevista 15]

Meu nome é I., 34 anos. [São Paulo] Nasci. Aqui mesmo, na Vila Matilde, zona leste. Minha família toda é da zona leste. Eu tenho dois filhos. Agora eu sou dona de casa. Eu trabalho de auxiliar de limpeza. Não, morava aqui no centro mesmo. Em outra ocupação. Ali na Armênia. Na Armênia, na Luz, ali é Luz também. Não, espontâneo, não era igual aqui. Não, não tinha ninguém que comandava. Era assim... [Não tinha uma organização?] Não tinha. Ah, eu gostava de lá também, mas era totalmente diferente daqui, né. Eu gostava de algumas coisas lá e d'algumas coisas não. O que lá tinha aqui não tem. Então, muitas coisas diferentes, né. Porque saiu mesmo o prédio de lá. Eu morava na zona leste mesmo. Aí eu me separei, eu não tinha pra onde ir, a minha irmã morava lá, aí ele me concedeu um cômodo e eu fiquei morando lá. Eu morava num quartinho pequenininho mas dava pra viver. [MSTC] Como eu conheci? Assim, quando eu saí de lá da Armênia, tava tudo mundo desesperado e eu tinha a minha irmã lá, que tinha cinco filhos... Aí eu tenho o meu cunhado – meu cunhado mora lá na zona leste – e ele como trabalha em albergue, mexe com esses negócios de “menor”, então ele já conhecia esse movimento. Aí eu liguei pra ele, pra ver se ele sabia de alguma coisa, assim, de algum lugar que eu pudesse morar, eu e a minha irmã. Tanto que n'onde ele mora é na favela, né. Só que eu não podia ir pra lá. Então ele falou assim: “Eu conheço um movimento que vai ocupar”. Aí então eu falei assim, então fala pra mim onde é. Aí por telefone ele me deu o endereço e eu vim parar aqui. Não, no primeiro dia não. Eu entrei em 2010, bem no fim; em novembro, de 2010, eu já tava aqui. Mas no começo, no começo, não. [Na outra ocupação tinha algum problema com drogas, violência, esse tipo de coisa?] Lá onde eu morava? Tinha. Era muito ruim, sabe. Assim, tinha... lá, lá assim lá, as pessoas ficava lá dentro mesmo, onde a gente morava... Eu tinha muito medo porque a polícia invadia lá, e eu como tenho um filho grande, de 17 anos, pra eles é um alvo, né. E meu filho sempre levava “britz”. Eu tinha medo, sabe. Mas graças a Deus... [A polícia sempre entrava lá?] Sempre; tirava o meu filho dentro de casa. Toda a vez que

entrava. Invadia, mesmo quando eu não tava, eles abriam a cortina eu tiravam o meu filho pra fora. Aí revistava. Meu filho tinha muito medo. Eu nem dormia direito. Sabe, eu saía pra trabalhar lá, onde eu morava, deixava ele em casa mas não mão de Deus. Vai saber, porque lá, por causa desse negócio de drogas, tinha muito jovem. E pra eles, todo jovem traficava. E eles falava que a gente passava pano pros traficantes. Mas não era nada disso. Então eu tinha muito medo. [Quanto tempo você morou lá?] Quatro anos; nesse medo, nessa tensão; esse negócio de droga, sabe. [Presenciou algum tipo de violência?] Lá? Ah, a gente vê, mas tem que ser assim – como é que se fala? – cega, surda e muda. Vê e mesma coisa não vê. Vê: as pessoas que fazia coisa errada eles pegava, batia, sabe. Se soubesse que tinha homem que estuprava mulher, alguma coisa, sempre... A gente via da nossa casa. Pedia pra Deus guardar. É assim, meu fiu. Depois que eu vim pra cá também, graças a Deus; aqui é muito organizado, viu. A Neti, o que ela pode fazer pela população, ela faz, viu. E se tiver coisa errada também, ela põe pra fora, fiu. Ela não aceita. Ela não aceita marido bater em mulher. Não tem esse negócio aqui, sabe. Não tem esse negócio de ela saber que ta tendo droga, ela vai investigando, investigando até saber onde é que ta o alvo pra poder por pra fora, pra não deixar, porque tem muito adolescente, muita criança tem aqui, sabe; é muita gente. E muito pai de família, né. (...) Me separei, aí conheci outra pessoa lá na Armênia e to com ele até hoje. Ele ta trabalhado. Ele agora ta trabalhando em restaurante. [Sua escolaridade] Quinta série. Na época eu morava com meus pais... ah, sei lá, minha vida de adolescente não foi fácil também, sabe. Meu pai era muito rígido, então, e eu era muito briguenta também, né. Aí meu pai me tirou da escola. Aí eu fui começando a trabalhar até hoje. Mas, voltei agora, depois de cabeça feita... mas não tenho mais cabeça não, não tenho mais, aí parei. Também deu maior vira-volta minha vida. Meu filho de 17 anos, não estuda também meu filho, porque quando eu me separei do pai dele tive que tirar ele da escola, onde ele tava. Ele veio morar comigo mas eu to atrás de escola pra ele, né, porque... Até ele trabalha, trabalha também, faz uns biquinhos dele, quando aparece assim... Ele faz de tudo um pouco. O que vir ele ta fazendo, meu filho, com ele não tem tempo ruim, sabe. Ele já trabalhou de ajudante de lanchonete, já trabalhou até de servente de pedreiro, o que vim pra ele enfrenta, sabe, graças a Deus. [Sua vida melhorou aqui?] Melhorou, bastante. Eu tenho minha irmã que mora aqui no Bloco A, que ela tem cinco filhos, também a vida dela melhorou muito aqui, porque lá, onde a gente morava, o marido

dela bebia muito, sabe, e batia nela; agora aqui não, mudou, viu. Melhorou muito, graças a Deus. A única coisa ruim é as escadas, fiu. Mas algumas coisas é normal. Lá não. Só aqui que a gente paga 50 reais por mês, que é pra manutenção, do prédio, né, pra agora pôr câmera; quanto mais a gente conseguir ajeitar, melhor pra nós também. Aí qualquer coisa quebrada, às vezes tem problema na bomba da caixa; então já tem aquele dinheirinho no caixa. Eles vai compra peça. Só isso, nada mais, nada menos. [Cotidiano] Eu fico o dia todo dentro de casa, faço comida, levanto, aquela rotina de sempre. Cuido da casa. Aí tem minha sobrinha que também mora comigo. Desde que a minha irmã faleceu ela tá comigo. Minha cunhada deixou cinco filhos; aí ela tá comigo. Aí nós tá bom, normal, levanto. Faço os café... O meu marido chega tarde. [Móveis] Ó, eu se precisar comprar, eu compro. Eu adquiri muito coisa quando vim morar pra cá, sabe. Já quero comprar uma geladeira, sabe. Porque aqui dá, igual assim ó, a gente dá pra comprar as coisas, porque de repente se a gente for para um lugar melhor, a gente tá com nossos móveis tudo certinho, né. Coisas que eu não tinha lá, eu tenho aqui, porque lá não tinha como caber, porque eu morava, ó, dois tinha que ficar na cama e um andando dentro de casa; porque não dava. Aí aqui não, sabe, graças a Deus, meu filho tem o quarto dele, eu tenho o meu quarto, porque antigamente eu não tinha privacidade; eu tenho a minha cozinha; eu tenho as minhas coisas. [Privacidade] Não tinha, antigamente não, agora eu tenho, com meu marido, aí nós separamos um lugar assim, fizemos um quarto pro meu filho, que ele tem a namorada dele também, né. Com madeira mesmo, a gente fez, separamos, cada canto. Normal. [Televisão] Eu assisto tudo! Jornal, novela, filme. Eu assisto reportagem. [Quais novelas?] As do 4, eu não assisto as do 5, mas do 4 eu assisto. Novela? Agora eu tô assistindo Amigas e Rivals, depois passa Cristal, depois uma Rosa com Amor, aí depois vai indo, assisto Chaves, Ratinho... [Amor e Revolução?] Não, essa eu não assisto não. Ah, eu não gostei dela não. Ah, sei lá, eu acho que é muita violência. Aí, eu não assisto. Aí depois, eu assisto um DVD, um filme. Essa não, e eu gosto de novela, viu! [As da Globo] Você acredita que eu nunca gostei?! Não! Se passar alguma coisa boa, que me agradar, sim. Nenhuma eu assisto, só o canal 4, você acredita! O 7 assim, nem todas, mas o que não sai da televisão aqui é o 4. Aí fica; eu assisto. [Religião] Eu gosto de ir na Assembleia de Deus. Tem uma aqui na rua das Noivas. Eu era... eu era... eu era assim, eu fiquei nove anos dentro da igreja, me batizei, sabe. Aí eu me afastei. Agora eu tô assim, afastada, mas eu tiro um domingo assim pra ir, sabe; eu

gosto de ir pra igreja. Aqui dia de sexta também tem culto aqui em baixo. Nunca fui, ainda. Ainda vou. Eu vou... Mas eu gosto. [Centro?] Bom, eu vou ser sincera com você, ó, pra mim, pra mim, morar em bairro é gostoso, né, porque as coisas é tudo perto assim. Mas no centro também é gostoso morar. Eu gosto. Mas, sabe, que assim, ó, o que eu quero mesmo é um lugar pra morar e ter paz, sabia? Um lugar fixo, assim, eu quero ter a minha casa, onde eu não tenho a preocupação de... faz de conta, hoje eu to aqui, amanhã eu não sei onde eu vou tar, sabe. Eu quero ter um lugar. Ô, meu filho, onde tiver... Eu vou. [Seu sonho é uma casa própria?] É uma casa própria. Minha, minha, que eu sei que eu vou poder deitar minha cabeça, levantar eu vou ta lá, não correndo o risco de ta na rua. [Partido político] Não. Eu vou falar alguma coisa, esse negócio de votar... – esse é meu filho, viu – esse negócio de votar, votar, é só no dia de eleição, não tenho nada contra. [Simpatia por algum partido?] Não tenho não. [Votou em quem?] Na Dilma. Na Dilma, eu votei nela. [Na outra eleição, você votou no Lula?] Se eu falar pra você que eu nem lembro. Nem lembro da outra. Olha, eu votei na Dilma, mas vou falar pra você, que foi um voto que eu voltaria pra trás, viu. Hoje em dia não. Porque é assim, depois que eu fiquei sabendo que ela é contra as igrejas, que ela que fechar, porque tem igrejas que é feita os coltos, é popular assim, porque o povo que passa na rua... Aí eu fiquei sabendo que ela quer jogar essas igrejas pro fundo; aí eu não gostei. Votei, votei. Não tem como voltar atrás, né. [Votaria no Serra?] No Serra? Acho que não também. Kassab, afê! Meu Deus do Céu! Kassab também não. Ó, depois que o Kassab entrou, como é que é o nome aí, ele tirou... fez... ó, primeira coisa, ele, ele tirou as carroças dos trabalhador que precisa trabalhar, ganhar seu pão, porque é difícil, né. E foi ele... e ele também ta tirando os camelô, né! E é o serviço do povo, também. O povo ta fazendo isso pra ganhar dinheiro, não é verdade? Então, meu voto ele nunca vai levar não.

[Entrevista 16]

R., 25 anos. Antes eu trabalhava com artesanato, mas agora to parado. [Artesanato] Vendia. Eu trabalhava por produção, pro meu patrão, e a gente fazia móveis pra piscina, área interna e externa. Nasci no Maranhão. Eu estava sem serviço lá e eu vim procurar algo melhor. [Que cidade do Maranhão?] São João dos Patos. É cidadezinha. [Encontrou serviço aqui?]

Encontrei; depois que eu cheguei, vai fazer três anos agora, de 4 de novembro... e eu achei bastante melhora; 50% de melhora. [Quando chegou a São Paulo, você foi morar aonde?] Em Cotia. Eu morava com parente, com tio. Aí eu saí e fui morar em Osasco, na Padroeira. Aí agora, eu não tô morando aqui, só tô ajudando o rapaz do barraco aqui, a fazer. Mas eu ainda tô na Padroeira. Lá é aluguel. [E você não quer vir pra cá?] Querer e quero, mas assim que eu encontrar uma vagazinha... Falei com... hoje de manhã... ele falou que no momento não tava tendo mas assim que aparecesse... [O que você está construindo?] Lá, ele tava em aluguel, aí como ele arrumou essa vaguinha... o Carneiro... ele tá a procura de trabalho aqui, que ele trabalha em mecânica de... como chama?... é, máquina de lavar, tanquinho, geladeira; aí ele tava montando uma oficinazinha aqui, aí ele me encontrou aqui e eu vim morar... É, eu pretendo trabalhar com ele. Nesse mesmo movimento. [Quanto você paga de aluguel lá?] Duzentos e cinquenta. [O que você está construindo aí?] Uma parede. Fazendo essa parede aqui. É, essa aí. Tô fazendo lá no fundo lá, tô tampando o vitrô; pra melhorar, é muito sol vindo daquele lado de lá. [Ele mora sozinho aqui?] É ele e mais três pessoas. [Da família dele?] Da família dele. [Partido político?] PT. Só simpatizante. [Religião?] Assembleia de Deus. [Televisão] Assisto. Às vezes... a maioria é só quando tem jogo mesmo, de futebol. [Novelas?] Eu tenho assistido mas é muito difícil, como eu sempre chego em casa tarde, quase sempre acabou. É difícil eu acompanhar. [Desempregado?] Eu tô trabalhando com ele mesmo. Ele dá uma comissãozinha mas pra se poder manter mesmo.

[Entrevista 17]

J.; eu tenho 27 anos. Nasci no Ceará, me criei no Ceará; e tá com dois anos que eu tô aqui pra São Paulo. [Em que cidade do Ceará?] Dijoca do Jeriquaquara. É uma cidade turística que é uma das praias mais bonitas do mundo e a gente lá... So que lá não tem emprego pra todo mundo e a gente tem se destacar pra cidades maiores onde a gente pode ganhar um dinheirinho pra fazer alguma coisa. Lá eu trabalhava de tratorista de agricultura. É, fazenda é. Não, não, eu era funcionário. Aí quando lá muda de prefeito, né, quando muda de prefeito numa cidade pequena, sabe que os funcionários tudo, que é do outro prefeito, é botado de lado e que é do lado que ganhou vai ter aquela prioridade que é um emprego.

Isso que aconteceu lá. [Se você vota neles, você tem um emprego, algo assim?] Algo assim. Se eu sou de uma oposição e aquela oposição tá ganhando, eu tô sempre empregado; mas se a oposição perder, aí aquela outra oposição vai botar aqueles caras que é mais do lado dele do que do lado que perdeu. Lá eu sempre votava no PT, né. [E aqui?] Sempre no PT. Não, não sou filiado. Me convidaram pra eu filiar mas eu tava trabalhando e não pude me filiar mas sempre eu votei pro PT. Hoje aqui, quando eu cheguei em São Paulo, o primeiro emprego que eu passei foi num açougue em frente ao Mercadão, que foi o primeiro emprego que eu achei. Aí eu transportava carne. Aí eu trabalhei um mês ainda. Aí tinha um colega meu que arrumou um emprego melhor pra mim, que é numa fábrica de tofu, que é um queijo chinês. Queijo de soja, folha, agüeto, ofusseco, tudo de soja. Aí eu to até hoje. Graças a Deus, sou registrado. Dois anos que eu to trabalhando registrado; eu to gostando de trabalhar lá; e to lá até hoje. Eu fui até a quinta série. É porque na época lá, na minha cidade, eu comecei a estudar e quando eu tinha 11 anos de idade meu pai pegou e deixou a minha mãe, né, aí eu fui obrigado a assumir a obrigação da casa. Aí com 12 anos, eu e meu irmão de, eu tava com 12 anos na época e meu irmão tava com 11, aí nós assumimos o trabalho que meu pai trabalhava pra nós sustentar a casa. Aí passemos três anos lá trabalhando; e aí depois de três anos meu pai voltou no serviço, que ele tinha outra família. Aí depois que ele voltou, eu continuei trabalhando, porque eu já tinha a minha... eu me mudei pra casa da minha família, comecei a trabalhar e to até hoje trabalhando. Tenho, tenho contato com minha mãe, com meu pai, com toda a minha família. Todo final de semana entro em contato com eles. [Quando você veio pra cá, onde você foi morar?] É, eu morei em pensão, quando cheguei aqui eu pagava quase 400 reais de aluguel. Numa pensão que esse quarto aqui é maior três, quatro vezes o quarto que eu morava. 400 reais e esse daqui dá quase três, quatro vezes o quarto que eu morava. É aqui no centro, na rua Polígono com a Lourdes, aqui no Parque Dom Pedro, Brás. [Havia problemas com tráfico, polícia?] Ali não tinha. Tinha muito fora, mas dentro não tinha. [Houve alguma vez despejo pelo fato de um suposto proprietário alugar o imóvel?] Não. Mas o nosso vizinho aconteceu isso. Mas só que o nosso lá era o proprietário mesmo, que tinha uma lanchonete na esquina e no fundo era pensão. Agora tem uns amigos que foram despejados, porque o cara que alugava ocupou. É o MSTC eu conheci... eu ia trabalhar no Ipiranga, aí um peguei o busão quatro horas da manhã, que eu pego quatro hora pra poder trabalhar, aí quando eu cheguei dentro

do busão eu vi uma reportagem na televisão tal, que o sem-teto invadiu aqui no centro, aí quando eu ia, um cara dentro do ônibus disse que ocupemos o prédio Prestes Maia, um prédio do Ipiranga e onde é o hotel, pra cima do Ipiranga. Aí eu falei pro cara: “como é que a gente faz pra entrar no movimento?” Aí ele falou... eu nem me lembro, nem sei o nome do cara, é um cara... é, quatro horas da manhã, quatro horas da manhã... “Rapaz, você procura a comissão lá no Brás, você procura a comissão da Avenida Ipiranga...” Aí no mesmo dia, à tarde, eu fui no Ipiranga; aí cheguei no Ipiranga aí: “Rapaz, pra você vim aqui pro Ipiranga você tem que ser da Zona Oeste; aí você procure o pessoal lá do Prestes Maia que é uma ocupação aqui do centro”. Aí eu vim, falei com a Maria, aí eu participei de uma reunião, aí eu disse: “Não posso pagar aluguel, tenho três filhos, tenho mulher, não posso pagar aluguel, ganho 700 reais por mês; aí eu queria um espaço, aqui no movimento”. Aí no outro dia eu fiz a carteirinha; aí já arrumei um espaço, onde eu to hoje. Porque nesse andar o primeiro morador aqui fui eu, aqui não tinha nenhum barraco desses. E na época que eu cheguei aqui foi desmanchado tudo, porque as madeiras estavam tudo podre; tava tudo podre. Nós fizemos vários mutirões; a gente filmagem de vários mutirões que a gente fez aí. Aí quando eu cheguei aqui mesmo tinha só lixo; tinha madeira tudo podre, a gente montou esse quarto onde essa mulher mora, que é mulher doente do câncer, tal; aí a gente fez um mutirão, descemos, aí pronto; passemos dois meses se energia, sem água. A gente ia tomar banho no primeiro andar; lavar as roupas; lavar louça. Tudo! Energia só tinha da escada. Aí passou depois e foi entrando dinheiro da contribuição, de 50 reais; a gente foi pagando, foi juntando dinheiro, e foi comprando os fios pra gente botar energia e água. E, graças a Deus, hoje nós têm energia e água pra todo mundo, à vontade. Mutirão? É todo mundo. Hoje tem mutirão, tal hora, aí se ajunta todos os moradores e pega um mutirão, um mutirão aqui do andar, e o que não precisa a gente desce lá pra baixo. Agora só tem o mutirão da limpeza. É todo mundo se reunir aqui de domingo e lavar tudo isso, lavar o corredor aqui e lavar o banheiro. Mas o primeiro não, o primeiro era de descer sujeira. Agora o mutirão que nós temos é só esse. De vez em quando acontece aqui no primeiro andar. Aí desce todos os homens. [Você é o coordenador do andar, que tipo de problema costuma acontecer aqui?] É, tem; no começo tinha uns problemas, porque ninguém conhecia ninguém; ninguém me conhecia nem eu conhecia ninguém ainda; aí depois você tem que botar uma regra; e a regra é a seguinte: se você não limpar no dia de sua limpeza,

porque cada um tem um dia de limpeza aqui, aí se você não limpar você vai pagar uma multa de 20 reais; e se no dia do mutirão, pra todos, se um faltar, vai pagar também 20 reais; que vai pra comprar cal, areia, cimento, pra tapar buraco. Aí no começo o pessoal não me conhecia, por isso tinha que mercar cerrado, mete bronca porque quando pesa no bolso a pessoa vai sentir. Aí no começo... foi passando, foi passando, fui levando. Aí tinha muitas coisas pra mil levar pra comissão geral, que é lá embaixo, que eu não levava; eu conversava com a pessoa, tal, é assim tal, vamos resolver aqui mesmo, se eu levar lá pra baixo vai ser pior; aí fui conversando, conversando... Conversar pra não ter nada mais sério, e vamos resolver aqui mesmo. Eu não tô ganhando nada; a gente é coordenador aqui e não ganha nada; às vezes, as pessoas pensam que a gente ganha, mas, a gente vai pra reunião de quinta-feira, sábado, reunião na câmara, não sei que lá, o pessoal pensa que a gente ganha mas ninguém tá ganhado nada. Todos os coordenadores aqui ninguém ganha nada; a gente só dá uma contribuição no serviço da gente pra dar uma olhada no pessoal e saber o que tá acontecendo no andar, que é bom pra não ter muita desorganização. [Convivência] Todos aqui são muito meus amigos. Tudo amigo. Mas no começo eles me estranharam aqui. Que eu não tou aqui pra trabalhar pra ninguém. Eu não tou mandando em ninguém. O Jorge do quarto 3 chegou às 6 horas e eu disse que ele tinha que pagar uma multa de 20 reais: “você faz o que você quiser, eu não tou mandando, eu tô avisando”. Aconteceu isso no começo, mas agora não, é só olhar o calendário e já... quando chegar o dia... aí, já faz. Não preciso já nem falar. [Religião] Minha mulher participa do culto que toda às sextas-feiras acontecem aqui no primeiro andar; aí eu só vou aqui na igreja da Santa Ifigênia; todo domingo eu vou, a gente vai lá, dá uma passeada lá. [Você é católico] Não, eu não tenho essa... eu acredito em Deus... eu não *sou isso*; eu não sou dum lado nem de outro, apenas eu vou de um lado e posso ir para um outro também; eu não tenho um lado só. Eu acredito em Deus, mas eu participo aqui, minha mulher participa ali – aqui embaixo também – mas, isso não tá com nada. (...) Meus filhos, o mais novo tá com 4 anos... Tão, todos os três na escola. Um é na creche e dois na escola. Tem, tem uma escolinha que ele passa o dia inteiro; esses dias ele não foi porque ele tava com um problema de dor no dente. [Vocês frequentam esses museus aqui do lado, a Pinacoteca...] Não, não. Eu nunca fui. [Televisão] Eu assisto mais é o Datena; o meus preferidos é jornais e esportes. [Novelas] A minha mulher assiste. Ela assiste novela do SBT, todinhas até 6 horas [18:00] ela assiste. Até cinco horas; porque

cinco horas começa o Datena aí já é eu que assisto. Não, bem de noite eu já to dormindo, que eu trabalho às 4 horas da manhã, quando é oito horas eu já tou dormindo já. Eu chego aqui uma hora duas horas no máximo. [Sua vida melhorou aqui] Com certeza. Melhorou 70%. Eu pagava 400 reais de aluguel, pra sustentar três filhos e a mulher aí... minha mulher não pode trabalhar, ta fazendo uns exames aí... só eu, só eu. Aí quando eu morava na pensão o dono falou, “vou aumentar, vou aumentar em dezembro”. Me sobrava 300 reais. Aí eu falei, “vamos morar na vila, porque na vila a gente paga mais barato”. Aí parece que foi Deus que botou aquele cara naquele ônibus que eu conheci o movimento. Porque na vila você paga 200 reais de aluguel, 150, num quartinho. Aqui no centro não dá pra sobreviver com um salário mínimo; com aluguel, com família, não dá não! 400 reais e ia aumentar pra 450. Ia sobrar 300 reais, porque eu ganhava 650 mas ganhava o vale-condução mas eu ia a pé pro serviço pra economizar o vale-condução. É meia hora de caminhada. Eu morava aqui na pertinho e eu trabalhava na Ipiranga; pegava a avenida do Estado e aí era meia hora de a pé. Agora, agora, eu já pego o busão. Todo dia eu pego o busão aqui na... nessa avenida daqui, a... aquela avenida que vem no correio... essa avenida que vem no correio aqui... aí eu pego o busão é 10 minutos só pra chegar. Pertinho do Museu do Ipiranga onde eu trabalho. [E se sair uma carta de crédito, num apartamento na periferia, vai melhorar?] Rapaz, eu vim pra cá pra melhorar de vida. Eu vim pra cá não foi pra ganhar uma casa ou um apartamento; eu vim pra cá pra sair do meu aluguel. Agora, já se vinhé uma carta de crédito de um apartamento pra mim, eu agradeço, que é uma coisa que eu nunca esperava. Eu vim pra cá esperando sair do aluguel só. Agora se vinhé uma carta de crédito... [Você nem tinha esse sonho da casa própria?] Não tinha. Nunca tinha. Eu pensei que nunca ia ganhar. É, eu to aqui pra sair do aluguel, mas se de repente vinhé e for pra todos os beneficiários; eu agradeço. Eu vou, não importa aonde que seja. O que me derem, não importa aonde que for, eu vou. Eu me viro. A minha preferência é no centro, porque eu to trabalhando no centro, né. Aí a gente que trabalha no centro e mora na periferia, aí fica mais difícil; que a gente que trabalha de madrugada, a condução já é mais difícil. Se você mora lá na vila, aí pra você pegar ônibus, às quatro horas da manhã, pra você chegar aqui já é mais difícil. E aí a gente prefere a moradia aqui mais no centro; pertinho aqui do emprego da gente. (...) O que eu queria falar é que todo mundo fala que a gente que mora aqui, a gente que mora aqui há muito tempo, e o pessoal comenta que a gente paga um aluguel e o

peessoal ta enrolando a gente; e o que a gente tem que falar é que todo mundo aqui paga só 50 reais; é a contribuição, que essa contribuição não é pra comissão; essa contribuição é pra manter a manutenção do prédio, porque precisa fio, precisa cano, precisa tudo, precisa bomba; e quando uma bomba quebra, precisa de dinheiro... é essa bomba puxa água; nós temos uma caixa aqui de 60 mil litros d'água aqui em cima. A gente precisa de uma bomba caro que é pra mandar essa água pra cima, pra sustentar todo o prédio. E aí a gente precisa de advogado. Precisa de... várias coisas, e dinheiro tem que tirar do que é da gente e isso daqui é uma contribuição... muita gente fala que a gente tá pagando aqui um aluguel pra... pro pessoal do... [Ainda que fosse um aluguel de 50 reais...] Não, não, mesmo assim não é. O jornal comentou que... [Do Diário Popular, o que você achou daquela matéria?] Mentirosa. Mentirosa. Disse que os caras tinham piscina, com cachoeira e tal; o Manuel Del Rio. A gente conhece ele já há muito tempo, dentro do movimento; eu conheço ele. Se você quiser ir na casa dele, pra você ver onde ele mora, ele mostra. Ele mandou provar o jornal essa fazenda que ele tinha, sítio... A Neti tinha apartamento, vários apartamentos, aí ela tem um apartamento dela, ela tem mesmo; ela mora aqui na Luz, o filho dela é deficiente, mas aí o pessoal inventou vários comentários, aí... é quem mora aqui mesmo que inventa esses comentários; é o pessoal aqui do prédio mesmo... tem muita gente aqui mesmo que fala mal do movimento, só que a gente não descobre. O movimento aqui é legal, aqui não tem segredo. O que é consumido aqui, por exemplo um fio, é anotado, marcado lá embaixo lá na coordenação geral; tanto com isto, tanto com isto, a gente vai lá e presta conta, e nós têm tanto no caixa. Esse caixa pra quem é? é pra pagar advogado, pagar alguma coisa que quando quebrar precisar. [Testemunha sigilosa fez a denúncia] Não se identificou, nem o jornalista se identificou. E até o nosso coordenador, que é o nosso advogado, disse que ia pôr na justiça pra ele provar, o jornalista; pra ele provar que ele tinha essa casa mesmo, que a Neti, que essas coisas, que foi desviado vários milhões da prefeitura... que o pessoal da prefeitura que ganharam benefício, que não apareceram mais, é porque não quiseram mais. Porque quando chega o benefício da prefeitura, o bolsa-aluguel, tem aquele prazo, pra você voltar e se identificar pra querer ganhar outro e então encaminhar pra frente pra... e não apareceram; e aí botaram culpa na comissão, que tava recebendo uma parte do dinheiro e dava a outra parte pro proprietário do imóvel. Mas o dinheiro que vem da prefeitura vai direto pro proprietário de onde ta morando. Aí

publicaram que eles tavam desviando esse dinheiro. Exatamente mentirosa. [Imóveis vazios no centro] Eu acho que o pessoal grande aí ó, eles não tão muito assim pro pessoal pobre. Eles têm casão, têm carro bom, têm sítio têm tudo e não tão nem aí pra quem ta morando na rua, e que tem uma família, que ta pagando um aluguel; pagando um salário mínimo de aluguel. Eles não tão nem aí. Tão nos casarão deles aí, nos carros deles, piscina; não tão nem aí se... Se a gente não tiver do lado da gente um vereador, um deputado, alguém lá de dentro pra mexer pro da gente, a gente não vai mais pra frente. E têm vários prédios por aí; têm vários prédios desocupados e a tendência da gente é ocupar. Se a gente não ocupar, se for esperar pagando aluguel, eles não tão nem aí não; você vai pagar aluguel toda a vida; toda a vida. Tem um tio meu que mora aqui há quarenta anos pagando aluguel. Podia ter comprado uma casa ou um apartamento; quarenta anos pagando um aluguel de 700 reais no apartamento onde ele mora. Comprava um apartamento grande. Aí foi um e falou pra ele: “a gente ta no movimento, e logo, logo vai sair”. “Não, não sai não, porque já ta há muito tempo que eu vou [...] um CDHU, não sei aonde, não sei aonde”. “Ah, mas você ta pagando aluguel e não tão nem aí pra você não”. Agora nós ta ocupando um imóvi que pode ser prioridade pra eles; primeiro pra eles terem esse imóvi ele vai ter que desapropriar a gente. E a gente ta na luta, a gente tá pra brigar, por moradia. Agora você tá pagando aluguel, não vai numa reunião há um mês, passam três meses pra você ir numa reunião e aí desse gente... Agora ocupa um imóvel deles aí você vai ver como você recebe alguma coisa. Porque o direito de todos é ter uma moradia, né. Todo mundo tem o direito de ter uma moradia. Um imóvel desse aqui, no centro da cidade, vinte e dois andares, no centro da capital, passou quatro anos acumulando rato aí, lixo, dengue, tudo. Se a pessoa não ocupa, não caminha, não faz nada e fica passando de um ano pro outro, dum ano pro outro e assim vai.

[Na escada, encontro um homem com um colete azul da prefeitura e uma moradora]

Você não ta gravando não?! [O que vocês fazem aqui?] É acompanhamento só do pessoal, das famílias, pra acompanhar as gestantes e as crianças. [Não é a primeira vez que eu vejo pessoas vestidas com esse colete] É a gente faz aqui, trabalha aqui pra acompanhar só.

[Entrevista 18]

Não ele é vizinho, tava me ajudando lá. [Nome] H. Naci em Alagoas, em Marimbondo, só que Taquarana... você conhece? Marimbondo, o lugar que eu nasci. É, é interior. Marimbondo é a cidade de lá, onde eu morava. Sítiozinho lá. [Era da sua família?] Era. [Você trabalhava...] Na roça. [São Paulo] Eu vim em 2004, pra trabalhar, né. Só que aí quando eu vim, eu tava grávida dela e não sabia. Aí acabou todos os planos. Aí casei de novo; tive ele. Separei. Aí acabou meus planos que eu tinha. [Idade] 28. Bom eu trabalhei cinco anos numa empresa, de cozinheira. Cozinhas e limpava. Aí trabalhei como doméstica. É, diarista. Aí depois que eu tive ele, aí não trabalhei mais. Tô parada. [Você era registrada?] Na firma eu era cinco anos; doméstica também eu fiquei seis meses. [Seu direito de licença maternidade foi observado?] Não porque a mulher me fez assinar um termo de responsabilidade e eu assinei sem saber o que era; aí eu perdi os direitos. Eu acho. Acho, né? Não fui atrás não, também. [Em 2004, onde você ficou aqui?] Eu morei em Caieiras. Era a casa de meu irmão. Só que não deu certo assim. Aí depois que eu consegui um emprego, eu fui morar sozinha, num quatinho. Aí... tô até hoje. [No centro?] Não, morei lá mesmo. [Aluguel] Pagava 150 na época. Depois eu mudei. [E como veio morar no centro?] Foi indicação de um colega meu; conhecia o coordenador daqui. Aí eles me falaram, aí eu vim. [Quando foi isso?] Foi agora, mais ou menos um mês. Dia 8, fez um mês. Não, eu moro sozinha. Ele não mora comigo mais. É, não deu certo. [Ele tem te ajudado?] Ah, eu ligo pra ele e ele não quer. Só que eu vou procurar a justiça. [Ele tem um trabalho fixo?] Tem. Trabalha. Eu recebo bolsa-família e o renda-cidadã. [Quanto é o valor do bolsa-família que você tá recebendo?] Bom, eu ainda não recebi a primeira mas já peguei o cartão e tudo. Acredito que é um 112 [reais] e o outro é 80 reais. [Dá pra pagar as contas?] Mais ou menos. Bom, lá onde eu morava eu fazia... Um biquinho aqui ainda não tenho exato assim como que é. [Mobília] Eu tinha as coisas de lá de quando eu tava trabalhando; eu comprava; aí eu trouxe pra cá. [Igreja] Eu frequentava a evangélica. Aqui eu ainda não fui não, nenhuma. [Partido político] Não. [Eleições] Não, eu não votei porque eu não voto aqui em São Paulo. Eu voto em Caieiras, só que na época eu não tava lá, aí eu não votei. [Presenciou algum ato de violência no quarto em que morava?] Não, era sossegado lá. Pelo menos na minha rua, né. [A sua vida melhorou aqui?] Não, não gostei

muito, sabe. [Por que?] A escada. [Helena mora no último andar do “bloco B”] Eu levo ela na escola com ele; eu vou buscar ela com ele; é cansativo. É ruim a gente se acostumar. Porque lá é assim, lá eu pagava aluguel. Melhorou por isso, né. A situação que eu tô: aí não dava. Tive que vir. [O seu dia-a-dia aqui] Ah, eu fico em casa; eu cuido dele; vou buscar na escola, levo ela. Ele eu ainda não consegui um lugar pra ele. [Televisão] Eu assisto mais canal evangélico e jornal essas coisas. [Novela] Não gosto. Não. [Alagoas] Não. Lá não tem (***) se eu vim pra cá em busca de algum objetivo; eu vou ficar. [Melhorar a sua vida] É isso que eu penso. [Irmãos] Nós somos em doze. Mas tá tudo espalhado também por aí. [E o terreno de vocês?] É uma casa lá, num terreno de, mais ou menos... você conhece tarefas assim... dá uns 10 metros quadrados, por aí. Um terreno assim. [Mais difícil lá do que aqui?] É porque lá você tem que trabalhar muito na roça pra ter as coisas, não ganha bem. Aqui é melhor; eu acho. É que agora eu tenho esse aqui. Vai fazer três [meses]. Minha filha tem seis anos. [Escola] Todos os dias eu levo. Até porque eu não quero que ela seja eu amanhã. Seja diferente. Eu cheguei até a oitava. Parei. Me disserem que lá embaixo é muito ruim. Aqui é sossegado, né. Outro dia eu descí, tinha sangue do 14 até embaixo. Foi facada. Eu fiquei com um medo. Dá medo quando você tá morando num lugar e vê essas coisas. Eu fico trancada, não saio não. É só até a escola e volto. [Sonho da casa própria?] Tenho. Não sei ainda, o pessoal fala que vão reformar aqui. Não acredito não. Eu acho que se saísse algum apartamento em um outro lugar eu ia. Eu ia e ia pagar o que é meu. [Centro ou periferia] Qualquer lugar, sendo meu. Qualquer lugar que der; melhor coisa é o que é seu. Essas pesquisas que vocês faz é sobre o quê? (...) É, as pessoas aqui no mundo são muito gananciosas; tem muita terra, Deus deu terra pra todo mundo morar, e outras pessoas pega só pra eles. É, e os outros ficam sem nada. Não é verdade? [É verdade!] (...) Dizem que daqui pra 2014 vão ter que reformar o prédio, né, por causa da Copa, todos os prédios vão ser reformados. [Vamos ver o que vai acontecer] Vamos ver. Bola pra frente! [“Ei, eu tinha uma roupa de capoeira”, criança]. (...)

V.. (O depoimento foi muito fragmentado porque V. se recusava em conceder uma entrevista registrada).

Eu tenho vergonha de ser brasileiro (...) [Função social da propriedade é lei] Mas não é cumprida. Eles preferem que fique jogado pras traças, (...) os ricos preferem isso. Agora eles tão colhendo o que plantam. Marginal estoura vidro, rouba eles (...). Tem uma rua no Morumbi, uma rua rila, eles tão roubando todo mundo lá. Um dos espaços mais caros do estado de São Paulo, é o bairro do Morumbi. (...) Eu quero o meu prédio de volta, eu quero o meu prédio de volta. Eu ocupei o Duque de Caxias, há cinco anos atrás; o dono – tava legal, ele pagava impostos tudo direitinho – o batalhão de choque tirou, bala de borracha, tirou todo mundo. O Duque de Caxias faz cinco anos e está desabitado ainda. Tem uma placa lá: aluga-se. Um imóvel maior que esse, você conhece o Duque de Caxias, um prédio ali... ele ta desocupado, tem um cara tomando conta. O cara não deixa ninguém lá dentro, a Caixa queria comprar, ele não vendeu; tá lá! (...) Eu morei no Duque de Caxias, na Brigadeiro Tobias, aí eu saí do movimento e depois voltei. Mas o que você vê – eu sou filho de sindicalista - o que você vê... Nos anos 90, eu tava com 43 anos. (...) Eu fui vítima do Notícia Popular, sem a minha autorização eles tiraram a minha foto e puseram na capa. Não pode. Se eu não autorizo, cara, você não pode fazer uma entrevista comigo e expor ela. Eu posso te processar. Se fosse hoje, eu processava o jornal, mas naquele tempo, nos anos 90, eu ainda tava a par da lei; eu tinha 43 anos, e levei na esportiva. Se fizer isso hoje, eu processo. Ele expôs na capa do Notícia Popular, uma caso que não tinha nada a ver, uma caso policial. O cara chegou lá, lá na minha casa, e disse eu vou tirar uma foto sua. Eu falei, tá bom. Nos anos 90, agora virou o Agora. É da Folha. É da Folha. Nos anos 90, aquele que exprimia e saía sangue. Saiu na capa lá. E o caso era um caso grava, sabe. Um caso que eu não podia me expor. Eu não tinha nada a ver, mas eu não podia me expor. Atrapalhava a minha função, o meu serviço. Podia me prejudicar, porque eu trabalhava no congresso; podia me prejudicar. E na verdade me complicou. Eu passei de vítima a suspeito, no caso. Passei a ser suspeito pela polícia. Você faz o quê? É da faculdade, trabalha para uma ONG? (...) Eu sou artesão. Faço artesanato. Artesão, artesão. (...) Você sabe que esse movimento [MSTC] tem os olhos de outros países... Quando nós távamos na Duque de Caxias vem uma ONG ou Direitos Humanos, não sei, dos Estados Unidos e deu um apoio pra nós lá. Eu fiquei 17 dias numa (***) num barracão que nem esse, no chão, sem água, sem luz e sem comida, mano velho, e uma cozinha coletiva (***) sem água, sem luz e sem nada. Aí os hómi tira e não-tira. Fomos despejados, com muita violência. Gás de pimenta, bala de

borracha e bomba. (...) O seu trabalho é um benefício nosso. (...) A questão não é o dinheiro, a questão mais é um apoio. (...) Vai tentar conscientizar as pessoas [supostamente o meu trabalho] que não estão entendendo isso daqui: a palavra chave é *ocupar*. Ocupar não é *invasor*; ocupar é não ter onde ficar. Invasor é alguém que invadiu a sua privacidade. Não é o caso daqui. Graças a Deus. Isso daqui tava jogado pras traças; o Duque de Caxias tava jogado pras traças também. (...) Tem a Constituição de 1940, que a lei vale até hoje, pô. Um das coisas na Constituição foi feita em 1940; tá funcionando. Nós tamos numa involução tremenda, cara. Eu nasci em 68. A Constituição é de 1940. Eu nem nascido era ainda; quer dizer, um menor com 16 anos não votava, creio eu, que não. O menor votou agora. Um menor com 16 anos pode eleger um governador, um presidente, um senador. Mas ele não pode pagar uma pena. Vai na Fundação Casa, passa um mês, dois meses. (...) Nos Estados Unidos, paga; é condenado até a morte, se é que você quer saber. (...) Aqui vai pra Fundação Casa, e se for pra Fundação Casa, a Fundação Casa é escola de ladrão; um moleque que entra por um roubo de toca fita sai como... O sistema prisional ele tem um esquema, um comando dentro que batiza os meninos... Um menino.... Porque eu conheço, eu tô a vinte e seis anos na cidade, eu trabalhei na noite; os meninos quando vão pra Fundação Casa, eles começam como *sobrinho*, depois é *primo*; sobrinho, o menor, depois quando fica maior é primo, no batismo, adolescente é primo e quando vai mais... [É irmão] (...) Não sei se você assiste, eu assisto, de vez em quando, o Datena; ele é grosso, ele fala um monte de coisas, só que ele é fala as coisa certa. Ele disse que não tem ledrão pior que os cabras que estão no sistema, roubando os cofres públicos. (...) [Governador de Brasília] Não era um mal governo, ele fazia as coisas certa, só que passava a mão no dinheiro. É igual o Maluf, que diz que rouba mas faz. O Zé Arruda. (...) Eu sou evangélico. Católico não é cristão; católico é baderna; cristão é evangélico. (...) Eu não tive adolescência, eu não tive infância; porque era só pancada, passava fome e minha mãe apanhava – e eu via, e ficava com medo da violência. Porque quem causava: o meu pai... Aí eu fugi, com o meu primo, ele tinha 18 anos, e era a pessoa responsável. Fiquei dezessete anos sem ver meu pai. Não tinha raiva dele, porque ele é meu pai. Minha mãe dizia que pau que nasce torto morre torto.(Risos). Você já ouviu esse ditado? (Risos). Pau que nasce torto morre torto! (...) Ele passou doze anos na cama, aí minha mãe – você sabe que no nordeste o povo retruca, né – aí minha mãe, “você tá pagando o que fez”. Meu irmão falou a mesma coisa.

Não é certo, eu não concordo. Ele tá doente; eu não concordo com isso. (...) Eu tomei uma decisão de abandonar a minha família. Esquecer pai, mãe, tudo! Depois de dezessete anos, eu morei aqui em São Paulo sozinho. Eu voltei em 2009, foi a primeira vez, depois de dezessete anos. Fui pra Recife, em 2009, eu fui, e 2011; agora eu fui de novo. Dezessete anos sem ver minha mãe; quando eu cheguei lá minha mãe quase que morre. Imagine, a mãe nunca vai entender porque um filho vai embora. (...) Mãe é mãe. Minha mãe é mãe. Todo dia eu falo com ela pelo telefone. Eu tenho mãe, mãe mesmo, ela é uma guerreira. Quando minha mãe morrer eu não vou ficar triste porque ela cumpriu a missão dela aqui na terra; se eu chorar ele não vai gostar. Não vou chorar, minha mãe cumpriu o dever dela na terra; foi uma guerreira, apanhou, sofreu, mas não largou a família. Quando o marido é ruim, não tem mãe que larga os meninos pra ele? Minha mãe criou cinco. (***) pra segurar cinco filhos, sozinha. (***) senão ela tinha dado um padrasto pra nós, né velho. O meu pai, quando começou a espancar ela, ela tinha uns 35 anos, 36. Graças a Deus, ela não fez isso. Eu tenho ela como uma guerreira. Eu fico feliz, ela cumpriu a missão dela, (***) “vou deixar uma casa pra vocês”, pros quatro, é quatro, né, um morreu. “Não, a senhora vai viver 200 anos”, eu falei pra ela. Ela falou assim: “Tá brincando comigo? Eu falei, “não!” Tem muita mãe, não tem só ele. (...) Em Ribeirão Preto, uma mulher foi a um banheiro e encontraram um recém-nascido no cesto de lixo. Aí perguntaram pra ela se ela o jogou lá e ela disse que não sabia. Como é que nasceu um menino e a mãe não sabe? Não tem como, a mulher não sabia que o menino tava dentro da barriga?! Mãe!... Você pensa que é fácil? (...) Isso, minha ex-mulher mora em Santos. Tive uma crise terrível com ela por causa de ciúme. Por causa de ciúme. Ela era agressiva, chegou a me dar facada. Eu era casado, tô pagando o divórcio, mas não saiu ainda. Quando houve a separação, antes, a gente insiste pra caramba, mesmo sem gostar. A minha tem um filho, cara, um filho excepcional. Agressiva, ela era agressiva. A minha, o problema da minha, era que ela era violenta. Era assim, ela chegava, ela chegava aqui e entrava como um bicho. Depois que você fosse embora, ela queria saber quem era você, de onde você era, de onde você veio, se era um amigo meu antes de casar com ela, se era vagabundo. E pô; o cara é pesquisador, pô! O cara é pesquisador, pô! “Não o cara é da Universidade; o cara é da USP”. “Não, que USP!” Como é seu nome mesmo? Ela fala assim, Jean: “Você tá conversando com esse safado!” Sabe o advogado que fez divórcio, o processo, ela xingou ele, rapaz! Eu falei: “Doutor ligue pra mulher e converse

com ela”. Aí ela xingou ele. Aí o advogado falou: “A senhora tá pensando o quê? A senhora tá falando com um advogado, não é com qualquer um. Se a senhora não quer fazer o divórcio, eu vou entrar mesmo assim. A senhora tá pensando o quê. Se ela chegava aqui, ela nem cumprimentava. A pessoa educada, cumprimenta. Ela ia embora e não falava mais nada. O rapaz é pesquisador; o rapaz tá fazendo uma pesquisa. É ela fica pensando que você tá botando coisa na minha cabeça, coisa de... xaropice, sabe. Eu tô pagando mil reais, do processo. Advogado, particular. Mil reais, mas só que ele vai cobrar metade. Eu sou artesão, pô, eu faço arte, eu sou artista. Eu sou artesão, eu faço toalha, bolsa, é, caminho de mesa. Eu faço bolsa pra madame. Amarradinho. Tapete! Eu faço com agulha. O tear... Eu vou mostrar pra você... (...) vou dar pra ela de presente. (...) Você vê o que eu faço. Eu faço toalha, caminho de mesa. Isso daqui ó, esse trabalho aqui, eu faço por 20 reais e vendo por 50. Ganhei 30. 60, ganho a metade. O artesanato deixa 70% de lucro, que é manual e o custo é pouco. A maioria só eu que faço, só a linha que eu compro. (...) Esse daqui é o tear. Não, eu vou te dar uma demonstração pra você ter uma ideia como é que fica. Olha, exatamente; aqui é “desing”. Aqui tá se formando um caminho de mesa. Já tá se formando... Tá se formando uma peça de arte, tá vendo? Tá vendo? Aqui eu posso fazer de uma só. Você me mostrou que era da USP. Deixa eu me identificar também. Fazer é fazer, eu quer ver se você é credenciado e eu tenho a carteirinha, tem validade, é que nem carteira de motorista. [Carteirinha: “Venda de nhaembuti, amarradinho, moldagem, corte e colagem. Matéria-prima: tecido, telas, zíper, veludos”] Não tenho, porque eu tive esse problema com a minha ex-mulher; então eu parei de trabalhar, sabe. Eu vou voltar a fazer tudo novo. Eu faço parte da Associação Vida Ativa. Eu vendo na fera, eu exponho, eu faço parte do Vida Ativa; eu dou 10% da venda. Eu colocava meus trabalhos no SESC, no Shopping Iguatemi, SESC Itaquera. Isso é um órgão do governo do estado de São Paulo, quer dizer; essa Sotaco é do governo do estado, né. [Você paga mensalidade?] Não, não, só se você requerer nota fiscal, né. Se você precisa das minhas peças; vamos supor, quer que eu faça quatro toalha pra você. “Eu quero nota”, você diz pra mim. Eu vou te dar uma nota, legalizado, pra não dizer que eu... Eu faço bolsa, de tecido reciclável, que eu pego no Bom Retiro. Já vendi várias peças já. [Técnica de artesanato] Essa aí eu aprendi com um ex-presidiário. Essa, né. A outra, eu aprendi com uma professora. Essa daí foi com um ex-presidiário; a outra, foi com uma professora, que eu estudei, né. Não. No nordeste é renda.

Não, não faço renda. No nordeste, naquele tempo, da minha mãe, quando eu era criança, virou esta. Não chama mais renda, chama anduiti. Anduiti quer dizer... Não é mais renda é anduiti, porque o tempo vai mudando, entendeu. E o amarradinho era com as escravas. Não, fuxico; sabe o que é fuxico? Fuxico é uma florzinha assim, que faz um monte de florzinha com a linha, depois faz um artesanato também. Aí a moça me explicou que isso daí é o que as escravas fazia pras patroas. Você conhece história? No tempo passado, no século passado, antes de Cristo, não existia eletricidade, não tinha furadeira elétrica, era tudo na mão, a arca de Noé foi feita artesanal, a arca de Noé, tá na Bíblia, foi feita artesanal. E tudo que era feito naquele tempo era feito manual. Não existia essa negócio de furadeira, maquina, serra, não existia aquilo; no século passado, antes de Cristo. Não existia. Não sei se depois de Cristo tinha? Não tinha isso. Era tudo feito à mão. Eu li na Bíblia também que artesanato é dom de Deus. Essa daqui, desenrolou esta daqui, e desta daqui, essa daqui, eu crio... [Quanto dura para fazer uma das “células”?] Cinco minutos. Até uma das peças esta na oficina, na Sotaco. Então, essa daqui, do jeito que tá é 30 reais; do jeito que tá já. Se eu amarrar, é mais 30 reais. Ah, vai dar ou não vai. Se não der, eu guardo. É igual o artista que expõe sua peça no MASP, esses caras que têm sua arte lá, ninguém dá de graça. Cobra. E cobra caro ainda! E são ricos! Mas se você não quer dar os 30, eu guardo; eu morro de fome, porque é a minha arte e eu tenho que dar valor a ela. Além de eu produzir ela, eu sou credenciado, não comprei na 25. Eu cobro 50 reais, aí a madame queria brigar comigo. Eu levei pro marceneiro- porque eu mesmo que faço tálboa – “você sabe fazer essa tálboa aí, amigo?” “Eu não sei fazer, eu só corto quadrado”. Essa tálboa é retangular. A talba que eu faço – é que não tá senão eu mostrava – (...) Quer dizer, por enquanto é assim, entendeu. Você sabe que arte e quadro – não tô desprezando os pobres porque eu sou pobre – mas o povo tipo nós, eu, não compraria, porque eu não posso, acho bonito, mas eu não tenho dinheiro pra comprar; quem compra isso daqui é médico; assistente social; é enfermeira; você, que tem dinheiro (risos). Eu não posso, meu irmão! Um homem que mora numa ocupação não pode comprar uma coisa dessas. Um cara de uma ocupação nem sabe pra que serve uma coisa dessa. Compra na 25? Compra! Mas na 25 é pirata. Pode lavar, só não pode lavar na máquina senão desmancha. Eu faço tapete e aquele forro pra banco, sabe aquele coiso pra banco de motorista, sabe, aquele coxio?! Eu faço isso também. Eu sou artista, eu sou artista. Eu li numa revista – porque eu ando na rua

e tudo que eu vejo eu pego – eu achei uma revista em questão que os pregos que... pregaram Jesus na cruz – ... uma revista interessante! – porque tem coisa que tá na rua e vale uma nota e os caras não sabe. Interessante. O cara joga e não sabe o valor imenso que ele tem, a importância. E eu achei outra, de um metalúrgico que se tornou um artesão e ele disse que a vida dele de metalúrgico era fazer as peças, e pra fazer as peças, não deixa a pessoa pensar. (***) Creio eu que ele já deve ter um atelier. Artesão é um sujeito que cria. E eu sou um artesão, eu sou um sujeito que cria; que cria as coisas. Dessa arte aí, eu posso fazer outra. Com a minha imaginação eu posso fazer outra. (***) Desenvolve a mente. Pá e pá. (***) Aí eu tava num albergue, e falei com a assistente social. (***) O próprio povo, e nosso povo é medíocre, vê um cara que é pobre e inteligente, e acha que só por causa que você é inteligente você é doido. Não é doido. Ninguém é doido porque vai psiquiatra. Todos nós que vive numa metrópole do tamanho de São Paulo precisa fazer um tratamento, meu amigo, senão a gente fica doente; e vai se alastrando e quando a gente vai ver já tá crônico. Eu faço terapia semanal com a doutora. Por quê? Porque eu não sou louco. Eu tive um desacerto com a mulher e tive uma depressão profunda. (***) Ela me deu uma facada. (***) Se ele for num médico psiquiatra, ele fica bom, meu amigo. Não é doido! O cara que vai num psiquiatra fazer terapia não é doido. É um cara que quer viver; que quer tratar de sua doença. (***) Não porque rico não pega nada [ir para um psiquiatra], porque tem dinheiro. Mas se for pobre, eles diz que é doido. Não é doido, que nem por exemplo, se você machucar se braço você vai tratar seu braço, não é verdade? É uma doença; é uma praga de cidade grande. Entendeu? E você pega. Eu tô no metrô cheio, uma depressão de duas horas no ponto de ônibus, veio mais eu não cabia, carregando marmita, porque eu carreguei marmita durante 10 anos; trabalhei durante 10 anos de balconista de padaria; trabalhei mais dois anos de faxineiro de prédio, carregando a marmitinha; trabalhei 10 anos e acumulando, acumulando, acumulando. E você vai deixando, vai deixando. Aí daqui (***) você tá piradão, meu velho. Chega na rua mexe em mulher, estrupa, o outra mata o pai... Por quê? Porque não tratou da sua doença. [Trem lotado] E o trem pra ir pra Suzano! Cinco horas da manha de Suzano pra São Paulo pra tu ver como é que tá. Ói, eu morei já em Suzano, pegava todo dia uma lotação até o centro, do centro eu vinha pra São Paulo, imagina se eu fosse pra fila como eu ia chegar na empresa?! (***) Se você faz uma pequena falha, tu perde o emprego. Hoje em dia tem muita gente desempregada aí, porque

infelizmente (***) tem muita gente desempregado, você pode ver! Você que tá na rua você tá vendo. (***) Então, tô com oito anos que eu trabalho pra ninguém. Dez anos, dez anos que eu trabalhei registrado. Trabalho oito anos por minha conta, por minha conta. Quando eu não vendo isso daqui sabe que eu faço? Eu vou vender... eu procuro coisa na rua. Eu não quero mais trabalhar de empregado pra ninguém não. Porque eu chego a hora que eu quiser, ninguém vai ver minha conta de luz. “Óóóó você mora no Prestes Maia, você deve ser um daqueles!” Entendeu? “Onde é que o senhor mora mesmo, senhor?” “Prestes Maia” “Aaaaaxe Maria” (***) Só se for um cara generoso, que nem muié da novela aí, senão não te dá [um emprego]. Ele acha que porque você mora em albergue você não sabe fazer nada. E não é verdade. Quando a gente precisa tem que buscar ajuda aonde for. [Albergue] Mas tem uns que sujam, que tão lá porque não querem nada com a vida. (***) Eu não tenho nada contra polícia nem a favor. (...) Você tem que aprender o seguinte, você que é um cara que estuda. Creio eu que você vem de gente civilizado, gente de cultura; você não vai pagar mal com mal. Mal não se paga com mal. Se paga mal com mal, que que você vai ganhar? Se eu te falço o mal, você me faz o mal, e aí fica nós dois fazendo o mal. (***) O cara bate na minha porta e eu dou água com sal, dizendo que é água da geladeira, geladinha; aí eu te peço um suco e você me dá um suco com matar rato. Funciona assim? Funciona assim? Não é fácil paga mal com bem; mas a vida tem que ser assim se você quiser viver. Porque se pagar mal com mal, você vai viver aonde?! (***) O que me dá eu pego, porque amanhã não sei. Às vezes eu vou pra rua (***). Eu tô na rua, eu trabalho na rua; às vezes o pessoal oferece marmita, eu pego. (***) Eu não sou burro, eu sou um cara que todo mundo me entende. (***) Ela disse a eu que... Eu falei, “doutora, eu vi na televisão que pra ser um dependente de alguma coisa de álcool, tem que ter gabarito; você concorda comigo?” Ela não soube me responder. (***) A vida é assim, não se paga o mal com o mal. Eu sou nordestino, tenho sangue nordestino, a minha ex-mulher que é paulista disse que eu sou machista. Eu não sou machista. Tenho 26 anos na cidade. Não tenho leitura, mas fiz a faculdade da vida, entendeu. (***) Às vezes o cara fez uma faculdade na USP, na Uninove, numa Anhembi-Morumbi mas ele não fez a faculdade da vida. E essa é a mais interessante. Primeiro, é mais difícil de fazer, velho. Segundo, com a faculdade da vida você chega em qualquer lugar, e sai. Se você não fez, você não sai. O cara é formado e às vezes ele se dá mal. Você não vê aquele cara que é engenheiro e matou a mulher. (***) O cara que faz a

faculdade da vida passa em qualquer lugar. (***) Eu passei fome, eu passei fome já. Eu passei fome. Passei fome; passei dificuldade, por se nordestino. Desde dos 18 anos que eu vivo sozinho. Sou eu e Deus. Sou eu e Deus. (***) Eu não tive filho, porque eu sempre entendi que as crianças não têm culpa da... dos casais fazerem um filho. Eu vivo sozinho. Do que é que eu vivo? Tem que se manter, né, velho, tem que tomar banho, tem que comprar sabonete, tem que comer, tem que beber, tem que comprar geladeira, cortar o cabelo. Você não faz nada? Não. Você tem que comprar passagem, se sustentar. Sem dinheiro, você faz alguma coisa? A comida vai estragar, aqui não tem geladeira. Entendeu, quer dizer, se quebra alguma coisa, tem que comprar. É fácil? Sem dinheiro você não vai em lugar algum. Eu sou sozinho. Eu sou sozinho. Eu e Deus! Primeiro Deus, depois, eu. (...) Com criança rapaz, você tem que ter uma reserva. (...) Ela enfiou a faca, tive três pontos. Depois ela fugiu pra Campinas. Foi na delegacia, fez um boletim de ocorrência, dizendo que eu tava ameaçando ela. E ela alegou que foi legítima defesa. Eu fui no P.S., me disseram que ela ia responder por tentativa de homicídio. Que responder o quê? Ela não conseguiu me matar, fez três pontos na perna (***). Eu digo, você quase me matou. Sabe o que aconteceu agora recentemente? Ela chegou pra mim e falou assim, “levei doze pontos – de quê – por causa de uma facada que me deram”. Eu falei assim: “Eu levei treze e você levou doze, pô! (...) Você levou dozes, eu levei só três”. (***) Eu não quero ver ela nem pintada de ouro. Se ela chama eu e fala eu pago o aluguel; não vou porque ela vai me matar. Eu falei pra ela, “onde você tiver, eu te ajudo”. Sabe por quê? Porque ela já me ajudou já. Quando eu tava lá embaixo, ele me levantou. (...) O ex-juiz que levou os tiros, o arbitro Luiz Carlos Roberto de Godoy foi apitar um jogo no interior de São Paulo e a torcida chamou ele de filho da. Da mãe, né. Da puta. Aí ele mostrou o dedo pra torcida. A federação esportiva puniu ele, né. Porque o torcedor tá pagando, então eles têm direito. Aí chamaram ele no departamento jurídico, e perguntaram por que é que você fez isso. Ele disse assim: “Ói, o negócio é o seguinte, toda provocação tem uma reação”. Um árbitro de futebol polêmico. Luiz Carlos Roberto de Godoy. Mas ele disse que toda a provocação tem uma reação. Você concorda? SE eu provoço você, você reage de um jeito ou de outro. Se você chega na minha porta, eu mando você pr’aquele lugar. O cara tá pagando pra ver. Mostrou o dedo pra torcida, aí ele foi punido, né. Ele falou: “Eu não tô nem aí, me provocou eu reajo. Provocação tem reação”. Então, de certo ponto, no caso dele, eu acho

que ele não agiu certo. Que nem você chega na minha porta e eu falo vai se lascar seu filho... Você vai bater na minha porta? (***) Eu já fiquei bravo com o Profissão Repórter. Porque a Globo ela tem essas frescuras de filmar a sua cara e não pedir autorização. A Globo se acha que ela é a dona do Brasil; a Globo. Então ela botou a câmera, o Profissão Reportar, na minha cara. Eu falei. “se você tirar a minha foto, eu vou processar”. Aí ele falou: “Eu não tô tirando a sua foto”. “Você tá em cima de mim”. Foi numa pensão que eu morava na Santa Cecília. O Profissão Repórter da Globo. Então você vai... Aí vem o Profissão Repórter numa pensão que eu morava na Santa Cecília, fazer um trabalho lá... Em mim não! “Eu não tô tirando foto”. “Você já tá com essa coisa ligado”. Brincadeira, né. “Se aparecer, eu vou processar”, eu falei pra ele. (***) Doutor, mas eu sou pobre. “Toda causa eu pego. Todas”. O pobre acha que não tem direito; mas todo mundo tem direito. Se ele não tem dinheiro prum advogado particular, ele vai numa defensoria pública, que tem a obrigação de fornecer um advogado pra ele. Apesar de não valer nada. Defensoria pública demora 2000 anos pra fazer um divórcio. (...) Porque é o seguinte, a mulher quando casa com você ela te chama de meu bem, mas depois ela te chama de meus bens. E os meus bens. Cadê meus bens, pô! Qualquer coisa que você comprar, um carro, uma casa, ela fica com a metade. (***) Aí é assim quando ela conhece você, numa festa lá, ela diz *meu bem*, depois, *meus bens*. (...) Se eu saio e conheço uma dona, ela fala assim: “Onde é que você mora?” (risos). Sabe o parque da Água Branca, onde toca umas músicas, eu conheci uma dona lá, vou convidar ela pra vir aqui? E olha que eu ando só com roupa de marca. (***) Esse cara do Profissão Repórter é um cara chato, já vai entrando com a câmera, exhibe uma imagem e passa pra enganar o povo na tela. Quando na realidade da vida é diferente. (...) Às vezes o cara me vê na rua e não sabe o que eu faço. Artesão é o cara que faz a arte. Artesão é o cara que faz a arte. Tem teste pra entrar na Sotaco. Eu vi gente saindo chorando de lá por não passar no teste. 80% é manual. 80% dos que estão lá, é trabalho manual. Quando eu fui a primeira vez, passei. Agora

[Entrevista 19]

F., 29 anos, sou de São Paulo. Não, meu pai é alagoano e minha mãe pernambucana.

E.: Eu sou pernambucano. E.. Eu sou de Flanelas de Miranda, é interior. Eu trabalhava com agricultura, com meu pai. É, na roça. Eu já tô há vinte anos aqui já. [Por que saiu de lá?] Porque tava melhor aqui. [Na roça] Só da pra comer e muito mal. A idade é 39 anos. Aqui, é porque, eu trabalhei em restaurante. Restaurante. Não. Eu trabalhei na cozinha. Eu fazia de tudo na cozinha: lavava prato, fazia comida, ajudava o cozinheiro.

F.: Eu já trabalhei de ajudante de cozinheira também. É, auxiliar de embalagem. Agora eu tô [“Costureira”, criança]. Não, costureira não. Agora eu faço faxina; faxineira. É aqui na Pinacoteca; estação Pinacoteca.

E.: [Quando veio para São Paulo, você morou aonde?] Eu fui morar com meu irmão, no Itaim Paulista. Era uma casa. Uma casa alugada.

F.: Não, eu sempre morei no Ipiranga. [Na casa de seus pais?]. É. Tudo alugada. Eu fui morar sozinha... [“Era pensão, fala a verdade”, E.] primeiro era em casa depois eu fui morar sozinha... [E essa pensão era um quarto?] Era um quarto. Era um quarto.

E.: [Você chegou a morar em pensão também?] Já. Já. Eu tô com vinte anos só aqui no centro. Só no centro. [“Não, Renato, você não ficava vinte anos aqui no centro. Você não morava no centro”, F.] Morava... Aqui no serviço, vinte anos. [“Mentira, você não morava aqui no centro não”, F.]. Aqui é o centro de São Paulo! [“Morava no Ipiranga”, Fernanda] É o centro, o centro é aqui. [“Era perto do museu”, F.]. O museu ... é por aqui, é o centro de São Paulo. Museu, da avenida Dom Pedro. [Nessa pensão havia muita briga esse tipo de coisa] Não, não tinha não. [“Não”, F.]. [Quando vocês virem morar no Prestes Maia?] Dezembro. Foi dezembro? Dezembro. [Como vocês conheceram o MSTC?] Rapaz, tava procurando mas nós não queria pagar aluguel não. Se eu trabalhasse pra pagar aluguel, mas o salário não dá pra paga aluguel. Aí cá pra dentro. [Há quanto tempo vocês se conhecem?] Seis anos.

F.: [Vocês têm dois filhos?] Só um. É, ele cria os outros dois que não são dele. [“Tenho dois filhos com outra mulher, no Ceará. Sou separado.”, E.].

E.: [E vocês vivem todos aqui?] Um filho meu e mais dois que ela tem.

F.: Eu nunca fui casada, né. [“Tinha um – marida – só pra fazer filho e jogar no meio do mundo, só. Fala a verdade logo”, E.].

E.: [Quando vocês vieram pra cá a vida de vocês melhorou?] Rapaz, melhorou. [Quanto você pagava de aluguel lá?] 650 reais. Meu salário era 880. É eu fazia uns bicos e ganhava mais uns 300 contos. [Para cuidar de três crianças?] E eu ainda pago pensão. Pago 220 de pensão. [Então melhorou a vida vindo pra cá] Melhorou, melhorou. Eu trabalho no Ipiranga. [Centro ou periferia] Ah, eu prefiro o centro. Porque o centro é tudo mais perto. Criançada na escola, hospital mais perto. Trabalho também mais perto. [Partido] Ah, meu partido, colega, eu sempre votei no PT. [Por que o PT?] Por que eu votava; trabalhador! [Filiado?] Não, não, não. Mas eu já votei no Serra; votei no Geraldo. [Cotidiano] O dia-a-dia aqui, eu saio pro trabalho 7 horas da manhã, chego seis, seis e meia. Vou buscar as crianças na creche. [“Eu chego, três e meia. Eu venho na hora do almoço pra pegar eles na escola”, F.].

F.: [Partido] É, a maioria das eleição (PT); no ano passado, né, que teve eleição. [Televisão] Só SBT. Novela da Globo eu assistia, mas não pega. É SBT e às vezes a Band.

E.: [E aquela novela, “Amor e revolução”] Isso, essa assiste.

F.: Eles filmam no meu trabalho. [No antigo DOPS] É. [Muita gente diz que essa novela é violenta] Ah, só no começo.

E.: Foi no tempo do Brasil, teve essa revolução, não foi? Foi o que aconteceu, aí tá passando, né. Era perseguido, naquele tempo lá. Eu nunca sabia. Soube por causa da novela.

F.: Tem até o nome da Dilma lá na parede.

(...)

E.: Quando eu fui morar na pensão eu paga baratinho, era em cruzeiro ainda. [Religião] Não. Só um Deus só. [Móveis] Rapaz, não tem nada aqui. Não sei o que vai acontecer aqui no prédio. Não, isso aí eu comprei, to pagando ainda [refere-se a uma televisão]. Tô pagando o som. [Mutirão] Rapaz, eu trabalhei aqui no mutirão (***). Uma vez eu cheguei aqui sete da noite e fui até duas horas da manhã, no mutirão aqui. [Essa é a segunda vez que ocupam esse prédio] Aqui teve, foi três vezes já. Não, terceira. [“Não, é essa é a terceira; uma que não deu certo, outra que deu certo e essa agora”, F.]. [Vocês conheceram as pessoas na hora de construir?] Mais ainda; exatamente. Todo mundo aqui se dá bem. [“Só uma pessoa aqui que eu não gosto, mas o resto... Todo mundo um pouquinho”, F.]. [Faxina] Todo mundo faz a faxina. [“Todo mundo faz, cada um tem seu dia”, F.]. Cada um tem seu dia de fazer a faxina aqui. [“De quinze em quinze eu lavo aí fora”, Fernanda]. [Sonho da casa própria] [“Claro!”, F.]. É o grande sonho da vida da gente. [Pode ser na periferia?] Vou, sem nenhum problema. Nenhum problema, tô indo. (***). [Dívidas?] É o meu nome, que eu comprei algumas coisas. [O nome fica no Cerasa] Exatamente. Eu comprei uma geladeira (***). [E você não ficou com a geladeira?] Não, a mulher foi embora. No dia que eu fui buscar, a mulher caiu fora. Mas você deve muito?] Nem sei, eu fui, tava com seis meses, mais de seis meses, eu fiz as contas, paguei dia, paguei dia, 250 reais, aí a mulher deixou o telefone (***). [Pretende um dia voltar para o Ceará?] Só se for de metrô. [“Ver os filhos dele”, F.]. Ver meus pais, meus pais. E meus filhos. [“Os filhos dele vivem no Ceará”, F.]. [Roça] Plantava. Plantava feijão, feijão de milho-roça. [?] Vendia nada, só dava pra comer. [Você tem quantos irmãos?] Aqui em São Paulo? Lá? Total é vinte e dois. É que naquele tempo não tinha televisão no sertão. [“Eu só tenho uma”, F.]. [F. pergunta quantos dos irmãos de E. morreram] Quatro. [“Vinte e dois irmãos? Não sabia! (risos)”, F.]. [Faleceram por quê?] Rapaz, nem me lembro não. Eu não era nascido, foram os primeiros. Eu nem vi não. Eu nasci bem... setenta e pouco. [“Ponhágua pra fazer um café”, F.]. (...) Eu não tenho problema de falar não. Nunca usei drogas na

minha vida... Na pensão onde eu morei, os caras ofereciam droga pra mim, nunca peguei. Óxi Rodrigo, calma! [Adverte o filho].

F.: Não! Quem come os meus batons?! [“Eu”, criança]. Eu! (risos). [“Pirado!”, E.] Quem é lindo?

E.: [Vocês gostariam de acrescentar alguma coisa, que vocês acham importante] Rapaz, importante pra mim é ganhar uma casa; um canto pra mim. [“É né!”, F.].

F.: [Pra você também?] Pra mim também. Ter uma sala, um quarto pra mim só. [E. ri bastante e dois os dois juntos]. [Esse barulho incomoda – um vizinho escuta música num volume de som muito alto] Ave Maria! Às vezes sim. Você chega e quer descansar; que nem agora eu cheguei e deitei... Mas não incomoda não.

E.: Quando a gente chegou aqui não tinha água, não tinha luz. Tinha que buscar água lá embaixo e subir essas escadarias. Ela tem que subir com o nenê. [Segundo a Maria, esse prédio foi desapropriado e vai virar moradia popular] É complicado. Tem que acreditar, né, mas nós somos pobres, e não é fácil não. Tem muito prédio comercial. Despejo não sai não.

[Entrevista 20]

G. P. L. Isso. L? L (soletra). Eu não sei que origem. Eu sei que vem do meu pai. Meu pai é J. P. L. Eu nasci em Montes Claros, mas na verdade eu sou registrado em Claro dos Poções, Minas Gerais. [Quando você veio para São Paulo?] Nossa, muitos anos, eu vim bem pequeno porque eu tenho problemas. Eu vim pra fazer tratamento; na época. Acabei ficando, porque, na verdade, quem cuidava de mim era a minha mãe. Mas a minha mãe faleceu, e como lá em Minas Gerais não tinha os tratamentos que eu precisava na época, eu vim pra cá. E acabei de albergue e albergue me tornei um morador de rua. E como eu tomo muitas medicações, muitos remédios... [Que tipo de problema você tem?] Eu sou epilético, e tenho esquizofrenia. Eu sou assim, eu sou uma farmácia ambulante. Sou totalmente

deprimido. Tudo isso daqui é remédio. [Nesse momento, Geraldo, tira de um armário uma sacola plástica de super-mercado cheia de remédios e põe em cima da mesa]. [Caramba!] Eu tomo muitos remédios. Eu acabei ficando totalmente descontrolado nas ruas e a minha vida ficou muito sofrida; porque naquela época eu só tinha 19 pra 20; eu tinha muito medo de tudo e às vezes eu ficava totalmente perturbado. Inclusive tem uma moça que mora aqui do lado, que ela é mais nova do que eu, que ela acabou se tornando uma mãezona pra mim na rua. Isso, Elizabeth. Que ela acabou se tornando uma mãezona; ela me protegia. Para eu não me envolver com drogas quando eu desmaiava. Porque eu acabava ficando sem remédio na rua; você vai consultar as pessoas não quer te atender porque você é... Um psiquiatra muito difícil. A situação de saúde para uma pessoa nas minhas condições é muito precária; porque se eu não tivesse outro problema (***), eu não posso tá passando no médico. Eu tenho que tá pelo menos de dois em dois meses passando num psiquiatra, e tomando remédio controlado. Então a situação é muito difícil, porque os albergues ficava pouco tempo com a gente e mandava embora. Não quer saber se você... Inclusive eu morei muito tempo num albergue que é ali na... que hoje é em frente à câmara municipal. E era muito sofrido. Às vezes, eu preciso dormir de dia porque era jogado pra rua às seis horas da manhã; às vezes, a gente era até agredido, naquela época. Então era muito sofrido, muito sofrido. E muitas vezes eu fui ficando sem remédios, e acabei ficando muito doente. Então através disso daí, eu fui indicado pra vim num... porque eu não tinha mais como voltar pra minas, porque me sobrou meu pai (***), mais ninguém; meus irmãos são casados e não tinham a menor paciência de lidar comigo. Eu tenho que ter atenção até (***), senão eu fico [“louco”?] (risos). [Você veio para São Paulo com sua mãe] Eu tinha uns tratamentos lá em Belo Horizonte quando o doutor Rubens era vivo e era amigo da minha família. E naquela época como ele era candidato – político também – e me conheceu desde que nasci, né; e ele fazia todo esse tratamento de graça pra mim e a medicação trazia daqui de São Paulo; e tinha acompanhamento com ele direto. Mas ele morreu, minha mãe não tinha condições de bancar tudo aquilo. Aí eu vim pra cá. No começo eu vim acompanhado. Mas a pessoa mora em Belo Horizonte então me trouxe e voltou. E eu precisava continuar fazendo o tratamento. Aí eu não tinha ninguém, e minha mãe acabou falecendo, né. Porque conseguiu na prefeitura fosse... Acabou tudo; minha mãe morreu, tudo desandou. Eu fique praticamente sozinho. Nós somos em sete irmãos mas cada um fez a sua vida. Cada um na

sua. E aí, depois que minha mãe faleceu, eu fique de vez aqui. Porá cá; fiquei de vez aqui. Já tava vivendo assim; fiquei de vez aqui. E foi quando surgiu esse movimento que eu acho maravilhoso. [MSTC] Essa moça aí que pra mim é autoridade máxima, a Neti. Imagina nesse frio, eu com um monte de remédios desses pela rua. Porque a qualquer momento você tá sendo agredido. Uma vez, na Praça da Sé, tentaram matar a gente, na época que tava matando as pessoas... Eu mesmo... Eu mesmo fui vítima, fui vítima de um atentado. E como eu tomava remédio, os outros me defenderam. E eu tava praticamente dopado. Durante a noite (***) juntaram todo mundo pra me tirar, naquela época que teve o massacre, massacre, tudo... Isso! Tinham umas pessoas tentando matar a gente na época. E as pessoas comentaram, gritaram que eu tinha problema, e conseguiram me arrastar. E era uma época muito difícil só agora eu consegui vim pra cá e tudo isso que a gente tem foi o pessoal que doou. E... e... essa moça aí pra mim ela é uma autoridade. [Ainda a experiência na rua] Várias crises. Várias crises. Tem aquele dia que eu tô muito bem, tranquilo, tal, eu gosto de ler. Ler, e procuro me acalmar, e faço as minhas preces. Porque eu fui amparado, e eu nunca gostei de religião... eu sempre fui da religião espírita, que eu conheci num albergue e desde lá tenho sido amparado por espíritos e enfim... Mas num albergue tudo é tumultuado. Eu não suporto barulho, eu detesto música. E eu não gosto de barulho, eu fico doidinho, e esse negócio *drogas* tudo me apavora. E no Albergue é ultra-terrorista, porque eles fala muito sobre drogas, discutem muito, obrigam, (***), brigam, se batem pra comer. Então tudo pra mim é terroroso. Teve uma época que eu entrei em pânico, tudo me assustava. Um pânico assim, eu tive. E às vezes na rua até ficava melhor, porque no albergue era tão difícil a vida ali dentro. Porque quando fechava aquela... aquela... aquela coisa, tinha que dormir com os remédios amarrados; às vezes as pessoas tomavam o remédio de mim pra se drogar e eu era obrigado a dar sob ameaça de te bater. Você já imaginou a pessoa viciada e eu com essas caixas de remédio tendo que tomar. Às vezes eu errava todos os horários; eu esqueço; tudo, tudo, tudo muito confuso. Agora, depois que eu tô aqui é que eu tô mesmo, tomando remédio na hora certa, com lugar pra dormir. [Morou em cortiço já?] Cheguei. Cheguei e foi muito difícil porque nesses lugares é pior do que aqui; porque aqui a Neti seleciona as pessoas, né. E nessas pensões, não tem seleção. Então, drogado – você chega – ele tá na sua porta usando a droga. Você tem que esperar a hora que ele quer deixar você entrar. Às vezes um banheiro só pra todo mundo. Se tem uma

consulta marcada, você fica horas e horas e nada. Sem falar que passam fezes nas paredes... e fica muito nojento pra você usar tudo aquilo. Então é um sofrimento muito grande. Vida de rua é um aprendizado e um sofrimento muito grande. [Quanto tempo você morou na rua?] Uns dez anos. Se eu não me engano foi mais. [Violência] Agressões, de todos os tipos. Porque é assim, você tá na rua igual eu que nunca usei drogas, igual eu que nunca usei drogas, né, eu nunca tive problemas assim, tomavam meus remédios, me batia, ameaça... Pessoas. Pessoas da rua; pessoas das lojas onde você vai dormir. Isso você chega, você tá dopado, eu tomava o remédio, então quer dizer que aquele dia você tem que levantar cedinho antes da loja abrir. Só que eles chegavam e a gente tava dormindo, porque eu tinha tomado muitos remédios, e meu sono muito pesado; e eles jogavam balde de água, chutes, empurrões. Comerciantes!... e também do GCM. Isso sai na rua e taca água na gente com a mangueira, você passa por isso... Também na Praça da Sé, aquela guarita na Praça da Sé, se alguém tiver me batendo, alguém fala assim, “ó corre lá e mostra a sua medicação, que você é deficiente”; aí o policial saía lá de dentro e me cortava com couro. Apanhei muito do GCM, batia muito, muito, muito: *um lixo humano*. Caí no fundo do poço, eu não tinha mais pra onde ir. Eu tinha duas opções: tomar todos esses remédios, eu pensava em me matar, ou pular (***). [Sobreviver: comida, trabalho?] Então, outro problema: quando minha mãe era viva, ainda que pobre, eu tinha tudo, além de minhas medicações, porque ela se esforçava com o benefíciozinho que ela tinha; e meus parentes de certa forma ajudava. Então, não precisa pedir. Eu nunca precisei pegar nada de ninguém, né. Então eu não sabia pedir; eu não sabia pegar nada de ninguém. E essa moça, no caminho de Deus, ela se tornou minha mãe. Então, se ela tinha o pão, ela dividia comigo. [Ela morava] Na rua. E se ela ia dormir, ela me punha junto. E se alguém vinha me bater, ela fez uma galera para me proteger. Isso! Então tinha ela, o André, um rapaz, e tinha outra moça, Ketlin; que eles era um esquadrão. Quando alguém vinha me atacar: “Nesse daí você não ataca, porque senão o bicho pega”. Ou então quem me forçasse a usar droga na marra, isso acontece, acontece muito isso. “Você não vai obrigar ele a usar droga não, porque se você tentar...” Então, já tinha uma defesa. Eu me sinto um privilegiado, porque eles gostavam de mim, acabaram gostando, através dessa moça, e passaram a cuidar de mim. E ela teve logo em seguida um bebê, né. E o bebê, que hoje ela tá linda, grande, nós botava numa caixinha, e nós cuidava dela; e dormia debaixo dos bancos. Chovia e a gente botava uns plásticos,

chovendo, e gente ficava ali. Quando era de dia nós revezava, a polícia vinha, e nós corria com o bebê, o GCM, saltava, pulava lá para a beira das marquises. E nós vivemos essa vida muito tempo. E os outros saíam e pediam comida. Quando era de dia, as pessoas não davam nada pra gente; eu saía e conseguia os coisos e dividia. Quando era noite, às vezes, muita (***) chegava um lanche, alguma coisa; o pessoal que é sempre muito bacana. [Desculpa, eu não perguntei a sua idade?] Eu tô com 38. Nasci no dia 3 de janeiro de 1973. [No cortiço] Eu não pagava o aluguel. Não pagava o aluguel. O moço que morava no terceiro é que ficava com pena e deu o espaço pra mim. Ah, eu fiquei lá, uns dois anos. Acho que isso. [Você ficou dez anos na rua] Eu fiquei muito mais. Dez anos tem esse bebê, a Joyce, né. Isso eu to falando uma base. Eu nem tenho certeza, exatamente a data. Eu era bem novo quando eu cheguei pra cá. Porque se você não tem uma data; eu não consigo me lembra de datas, especificamente. Eu lembro de coisas assim que eu tenho anotado, da época, de cartas que minha mãe deu, que eu guardo até hoje. (***) Então eu não lembro de certas datas. Eu me lembro que uma vez tinha um projeto chamado N. C., na Liberdade. Esse projeto, veio um rapaz chamado Lucas, que trabalha hoje em Belo Horizonte; e esse projeto era da [?], mas tudo não passava de uma falcatura muito grande, era uma máfia. Então eles cadastravam a gente, essa [?] – ela era uma escritora Suíça, se eu não me engano – lá, uma escritora muito famosa. E ela tirava fotos da gente, como (***) evangélico, aquele culto, pra tomar um banho; tinha um lanche, participava de um culto evangélico, e depois tirava muitas fotos e tudo. Depois a gente descobriu que fizeram um livro. Em cada foto, e inventaram doenças que nós tínhamos, que não existia. O livro foi escrito na suíça e isso era vendido. E cada um de nós tinha um padrinho; e esse padrinho depositava na conta da N. C., do projeto, depositava na conta uma quantia em dinheiro muito alta pra nós, né. Como se tivesse cuidado de nós. E eles embolsavam tudo. Não; até que foram descobertos, toda essa falcatura, o tanto de dinheiro que esse povo tava levando a custa do nosso sofrimento, na rua; as fotos que tirava. Famoso nos Estados Unidos, eu vi a foto dele, a gente levou na justiça; mas ela comprou os advogados e ela foi embora. Fechou o N. C., que hoje é ali na rua da Glória. E eles me mandaram pr'uma casa de recuperação, dizendo... Eu não precisava me recuperar; precisava tratar. Porque no caso a casa de recuperação seria pra dependentes químicos, que não é o meu caso. Eu não tenho dependência química, o meu é genética. Isso; é o controle. Então eles me mandaram pra casa de recuperação chamada N.

M. [?], inclusive é aqui na Luz, e eu cheguei nessa casa de recuperação, evangélica: Nossa, eu sofri muito, foi quase um ano muito sofrimento, de muita escravidão! Eles falaram que iam visitar a gente todo o final de semana... eles tomaram tudo que eu tinha. Nessa época, minha mãe era viva; minha mãe ligava pra saber de mim; eu era colocado numa cadeira pra falar com minha mãe e ficava dois homens fortões do lado, em cima mais outro: “Você fala pra sua mãe só o que nós mandar; porque se você falar mais alguma coisa a coisa vai ficar preta pra você”. E o Jota me torturava muito, a Valqui, a mulher dele, e eu ficava doidinho; e quanto mais eu enlouquecia... Me colocaram pra trabalhar numa construção! Eu nunca tinha mexido com construção. Eu era obrigado a todo dia a ir trabalhar nessa construção, apanhando concreto, latas e subindo e construindo aquele negócio enorme; abrindo buraco, minha mão toda calejada, às vezes, ia até altas horas da noite, como castigo; e a gente passava o dia comendo batatas-doces, angu, arroz, e tomando chá, de ervas, que a gente plantava mandiocas, eu lembro que a gente plantava... Isso em Juquitiba. E muitas pessoas doentes, com doenças infecciosas... [AIDS?]; AIDS você convive bem com a pessoa que não tem nenhum problema se você... as pessoas que iam lá... [Tuberculose?] Tuberculose. E o HIV, por exemplo, as meninas contaminadas iam pros quartos, e tinham suas transas, então as pessoas iam pra lá e se contaminavam com AIDS. Entrava são, e saía contaminado, né. Saía contaminado. Era um problema muito sério. E aí teve uma época que eu não aguentei de tanto sofrimento de tanto que eles me batiam; batia na cara, o Jota me xingava muito, falava que eu era criação do demônio. Eu passei muito tempo achando que eu era criação do demônio. (***) foi afetando o meu psicológico e eu fugi um dia. Eles tomaram tudo de mim. Porque quando você entra numa casa de recuperação você é obrigado a assinar um termo que você não agredi ninguém e que ninguém pode te agredir nem verbalmente nem fisicamente. Só que lá dentro a história é muito diferente. E principalmente tratando-se do meu caso. Aí eu sofri muito e ninguém ia me visitar, sabe. O N. C. passou um termo e... aí passaram a pegar esse dinheiro desse padrinho que eu não conheço; eles iam recebendo essas quantias, e eu nesse lugar, eu não recebia nem uma visita; quando minha mãe ligava, na época, eu era obrigado a falar que eu tava bem até que um dia eu fugi. E eu não conhecia Juquitiba. Eu cortei meu pé, na construção, num latão, que tava enferrujado, no calcanhar, se você olhar... E aí, essa ferida foi fedendo, dando bicho, sangrando. Eu era obrigado a trabalhar, até altas horas da noite, e não me davam

remédio, praticamente uma tortura. Então quando eu saí de lá... [Trabalho escravo] De certa forma é; e a tortura psicológica. Porque eu já tenho problema e quando o Jota falava as coisas pra mim... O Jota falava: “Você não é um drogado, você é um psicopata; você tem a mente perigosa; você é um demônio; você é possuído pelo diabo, pela pomba-gira”. Um dia eu tava trabalhando e do nada alguém me chamou, “vá lá pra você sentar no colo do patrão”. (***) “Senta! Nós vamos te julgar”. Se eu conversasse com alguém, eu tava no centro no sendo... É, teve os alemães, né, que davam muitas doações pra essa fazenda; eu tava interessado em alguma coisa; se eu não conversava, eu tava sendo orgulhoso; se eu sentasse próximo de alguém, queriam saber qual era o meu interesse por esse alguém; se eu não sentasse, ficasse isolada, eu tava... então era muito inferno, sofrimento; eu fiquei doidinho. Aí eu fugi e vim pra Juquitiba. Fugi, saí correndo, larguei tudo. Apanhei bastante de um rapaz, era na época de Natal, drogado, e ele me bateu muito, muito, muito; na noite, ele quis me obrigar a tomar os remédios, e eu não quis tomar. Eu botei tudo na boca e depois eu cuspi. Aí eu fugi. Eu fugi e saí em vim pra Juquitiba. Eu cheguei em Juquitiba desesperado, veio uma perua atrás de mim, tentando me buscar. Eu contei, e eles vieram contando que eu tava passando pra alguém; e eles ficaram de olho, me observando. Me levaram na prefeitura, e alguém me deu um bilhete para mim acabar de chegar para São Paulo. Voltei pra Sé de novo e essa mesma moça – que mora aqui na frente, que também morou na rua –, ela foi tratar das feridas do meu pé, que meu pé... eu sentia febre... Aí ficamos, essa moça cuidando de mim. Aí fomos na justiça contra o N. C.; porque começou isso tudo. Aí a (***) fechou o N. C.; fechou... Eu fiquei na rua, praticamente até hoje. O único teto que eu consegui nesse tempo todo, que eu consegui viver, porque eu tenho que tomar muitos remédios; é aqui. Às vezes, tem uns conflitos, mas é assim mas essa moça é, como eu vou dizer pra você, ela é muito justa; mas ela ouve cada um e ela corrige todo mundo... [A Neti?] Isso! Pra mim ela é uma presença... Ela não é uma pessoa assim que ela passa a mão na cabeça de ninguém; ela é humana, ela trata todos com igualdade. E aqui se a gente tem algum problema, alguma coisa, ela vem, soluciona da melhor forma possível. Tudo fica organizado do jeito que ela pede. Então é assim... Eu considero isso daqui um lar que Deus me deu. [Como você conheceu o MSTC?] Então, nesse período de tempo, a gente passou muito, muito, muito tempo na rua, né; então, a minha amiga a que tava cuidando de mim, ela conseguiu arrumar um lugar pra morar e pagava o aluguel. Ela fazia faxina, essas

coisas, por conta da menina dela, né. Nesse período de tempo, ela teve problemas porque uma mulher veio aqui e pediu pra passear com a menina dela, e roubou a criança. Não digo que roubou, mas tudo mundo que tava grávida ela queria comprar as crianças, das mães. E nesse período de tempo, ela se revoltou e voltou pra rua e eu voltei com ela. Só que ela entrou na justiça e foi explicar toda a situação, e ela obteve a guarda, graças a Deus, e pegou a menina de volta. Sim, teve testemunhas. Depois que a menina cresceu; que ela foi morar no quarto; que ela alugou casa; que ela foi pagar, tudo direitinho, tudo bonitinho; a nenê na escola, é creche, né; e ela trabalhava. Então ela conseguiu provar tudo isso; e a mulher roubou a neném; ela conseguiu provar tudo isso, né, e devolver. Aí ela já, mudou pra casa de novo, tudo. E nesse período de tempo, a gente ficou sabendo do projeto. E viemos porque o aluguel tava muito caro. [Sobre o aluguel] Eu não diria casa, a gente diz casa porque é o lugar que a gente fica... quanto a Bete pagava de aluguel? Quase 300. E aí, depois disso a gente veio no movimento, né. Foi o ano passado, acho. Sim, sim, nessa segunda sim. Viemos, fizemos o cadastro, mostramos as coisas para a dona Marília, e pra Neti, e foi quando cederam espaço pra gente, logo de imediato. E as coisas se normalizou. [Sua vida melhorou aqui?] Ah, melhorou! Isso daqui é um presente de Deus, não tem preço. Todo dia na hora de deitar eu agradeço a Deus por isso. Aliás, eu tava até lendo no jornal que – pode falar, né? –; porque esse homem, como eu já passei pela rua, esse homem chamado Kassab, isso é uma vergonha pro Brasil, pra sociedade, isso não é um ser humano, isso é um doente, mais doente do que eu, que tenho problema. Sabe por quê? Porque ele não tem sentimento; porque uma pessoa que tem coragem de fazer piada com morador de rua... morador de rua também vota. Eu voto; sabe que eu voto? Eu tenho o meu título de eleitor. Eu sou uma pessoa; eu nasci; eu não pedi pra crescer nesta terra, mas eu tô em cima dela. E eu mereço o meu espaço nela, o carinho das pessoas; eu não sou bandido. Eu sou um ser humano. Não sou bandido. E quando ele fala da gente no jornal, faz uma piadas muito sem graça. Eu queria ver se ele tivesse um parente, um irmão ou alguém, sabe, nas mesmas circunstâncias que eu, na rua, se ele ia debochar. Ele falou que com esse frio agora, os assuntos dos albergues... eu bato o jornal... o meu sonho é fazer um cartaz dele e pôr nessa janela; eu não tive condições ainda mas um dia eu vou fazer. Pra mostrar: ele debochou, ele falou do frio e fez uma piada muito de sem graça como se nós não fosse ser humano. Como se não bastasse os caminhões de água que ele manda jogar nas pessoas na

rua, à noite. Como se não bastasse... [Ele faz isso?] Faz. Essa humilhação que esse (***). Isso não se faz. Até animal você não pode chamar uma pessoa dessa. Porque você imagina alguém deitar numa cama, confortável... Não se esqueça que quem pôs ele lá foi nós. Ele deitar numa cama confortável, e o quanto ele já fez, e ele pensar que num frio desse daí tem tanta gente sofrendo e ele deixar essas caras tomar o cobertor da gente, e jogar água na gente, e tratar a gente como um lixo. Mal de nós se não existisse um movimento desse [MSTC]; mal de nós se não houvesse uma Neti na vida. [Como assim, funcionários da prefeitura vão com um caminhão-pipa...] E taca água na gente! [Tem identificação?] Sim. Tem o *slogan* da prefeitura. De amarelinho, segurando... e nós deitados, e aí liga o esguicho e taca em nós. Aí molha tudo. Quantas vezes eu fiquei batendo queixo... [“Fala pra ele o Sandrinho...”, um outro morador intervém no depoimento] É igual; até jogou água num rapaz aqui, eu lembrei, eu até chorei. Agora! [“Isso aqui”, morador]. Jogando água. [“Sequinho ali o cara. Só o do choque (***), num colchão, ele pegou, acordou o cara, pegou o colchão, tirou a roupa do cara e jogou no caminhão e levou embora”, morador] Bate na gente. Porque eu não podia levantar correndo. Muitas vezes eu apanhei, porque eu não conseguia levantar por conta de tomar remédio errado, porque não tinha quem me dar na hora certa. Então isso me chutavam, me batiam; tirou sangue da minha boca, um GCM. Até que quando viram os remédios falaram – um dia um deles falou –: “Ah, você pode procurar a corregedoria; se você for lá, nós mata você”. É, eu não sei como ele falou, é, como é que é? “Seu cachorro. Coisa que a cidade não quer”. Por causa desse estrupício aí. Esse projeto chamado “Minha Casa, Minha Vida” quando fez isso, nós tudo se invocou, dormimos dias e dias pra conseguir uma vaga pra coisar. Só que o projeto “Minha Casa, Minha Vida”, só beneficia quem tem. Quem não tem salário mínimo, que é o meu caso, não tem direito a isso. Então o “Minha Casa, Minha Vida”, pra eles que são... que podem. [Esse projeto atende mais a classe média que os pobres...] E eu te pergunto, veja bem, aquela migalha que o Lula dava aí pra nós, o bolsa-família, que eu nunca recebi, porque não tenho família, só consta o meu voto! Essa tal de Dilma, veja hoje até que ponto as coisas chegou, o que que ela fez? A única coisa que ela fez é chorar pelo Palocci, pelo Lalau, pelo outro que bota dinheiro na cueca. E tudo isso tá aí. E tem esse moço falando, o Serra, o Kassab, o projeto “Nova Luz”, né, o projeto não sei quê... aqui é “Nova Escuridão”, aqui é as trevas, porque de luz não tem nada. “Luz”, “luz”, “luz”, só existe uma aqui pra nós, pra quem que foi

morador de rua: luz no fim do túnel se chama Ivoneti, Neti. Eu não tenho muita intimidade, mas tenho muito respeito. Porque eu não tô dormindo na rua, levando banho à noite; existe gente do bem, como esse advogado que nos auxilia, o Manoel Del Rio, isso, que é uma pessoa muito abençoada. Então esse homem tem uma visão, é um homem determinado. O que que eu posso dizer diante de tudo isso? É uma fada madrinha essa Neti, viu. Então, se for pra morrer aqui dentro desse prédio, levar um tiro na cabeça, lutando por ela, eu vou correndo. Porque eu vou tá aqui nessa luta com ela até o fim. Essa mulher, pra nós, ela é tudo. Ela é um presente vindo das mãos divinas de Deus. Esse homem, é uma vergonha ele taí, acho que a gente devia fazer igual na Líbia, sabe, arrancar esse estrupício daí, e jogar ele fora. E conversar também com essa Dilma: “você fica olhando aí, fora os crimes...” Isso é tudo livremente aí por conta dele, né. Você vê que o Fernandinho Beira-Mar, ele é uma pessoa mais importante, mais maravilhosa do que eu que nunca cometi um crime, que nunca viveu o que eu vivi. Dentro da cadeia, ele anda de jatinho. A comida dele eu te garanto que é melhor que a minha. Porque no dia que eu não tenho comida aqui eu vou no lixo do Mercado – você pode olhar pra não dizer... –; eu cato essas batatas, tudo lá dentro do lixo do Mercado, pra não passar fome e não roubar; porque a maioria do meu salário fica tudo nisso que você tá vendo [remédios]. E o Fernandinho Beira-Mar ele tem tudo isso; então bandido... Se eu fosse o Fernandinho; ou se eu fosse uma Suzana; ou o outro lá, de Belo Horizonte, que tá lá com a bíblia debaixo do braço, eu era mais amparado pela sociedade. [Trabalho] Eu não trabalho nada. [Renda] Ah, sim! Conseguiram pra mim um benefício, o LOAS, e é disso que eu vivo. LOAS é uma aposentadoria. Com todos os meus documentos, e eu faço tratamento desde os meus 12 anos de idade, então tudo isso, com o falecimento da minha mãe, conseguiram pra mim o benefício. Aí, é disso que eu vivo. Aí faço algumas coisas pra complementar... “geladinhos” [doce feito de suco congelado num plástico cilíndrico] que, aí, vendo na rua. Quando tá calor, porque agora no frio... aí eu vendo isso pra tentar sobreviver. Vendo “gelinho”. [Renda] Dá pra comprar o café, o açúcar, o arroz... (risos) o café, o açúcar, o arroz. Dobradinho, quando pode. [Livros] Eu tinha tomado raiva de bíblia, tanto que eu fui torturado nessa fazenda N. A., lá em Juitituba. Que eu fui de uma família crente, então eu tinha pavor de crente e da tortura; eu tinha pavor disso tudo. E eu fiquei com síndrome do pânico e com muitos problemas. Então foi quando eu tava num albergue e ele notou que eu tava muito, muito, muito alterado; e

esse moço ele era espírita. Dente, eu perdi tudo. E eu sentia muitas dores de dente nessa fazenda, e torturado. Então esse doutor era espírita e mora na Casa Verde – eu não me lembro o nome desse anjo – e ele me acolheu, foi uma espécie de padrinho pra mim; cuidou dos meus dentes, que doía; me levou pra federação, pra ter um passe espiritual, e com muito carinho, com muita conversa, foi com muita paciência e foi levado – eu me lembro que eu tava fazendo aniversário naquele dia, 23 de janeiro que eu fugi de lá – e eles descobriram que era o meu aniversário, o moço que me atendeu, eu ganhei de presente 50 reais. E eu falei: “vou comer!” Tinha dias que eu não comia. Eu comia os lixo nas ruas. Aí eu entrei num lugar, e comprei comida, comprei bastante; comprei comida pras outras pessoas; e nesse dia eu conheci a Federação Espírita. E a partir daí, depois de ter vindo dessa fazenda aí, e aí eu tenho carinho com Allan Kardec. E esse moço conseguiu me converter. Fui encontrando novos amigos, novas pessoas, que foram me auxiliando, e foram me ajudando carinhosamente. Porque eu não podia gritar, se falasse alto, já pirava também. E com muito cuidado, eu fui ficando bem, fui ficando bem, fui ficando bem. No começo eles tavam pensando em me internar. Até que quando minha mãe faleceu eu fiquei internado um pouco, depois saí e tô bem. Cheguei aqui, tô tomando minha medicação, estou tranquilo. [Partido] Nunca gostei disto. Eu voto porque sou obrigado a votar. Eu votava quando eu morava em Rios Claros nessa alma que tá no plano espiritual. Quando ele tava na política dava gosto, porque ele era um homem bom. Ele era dos pobres. Ele não esperava ninguém passar mal pra correr no hospital; ele saía de noite lá pra casa pra atender meu pai, minha mãe, meu... e já vinha com os remédios e tudo que precisasse. Então eu passei a votar e naquela época eu gostava de política. Então, depois, isso perdeu o sentido. Porque naquele dia, muita gente fala pra você ir lá, você vota e tal. Aí eu vou e voto. Não tenho prazer em votar. [O advogado, Manoel Del Rio, foi candidato pelo PT; você votaria nele?] Ah, sim, sem sombra de dúvida. Eu não lembro o nome. Mas se ele é o candidato, ele pode contar comigo sempre. Com certeza, na Neti. A política precisa tanto de gente honesta, né. Tinha que fazer uma faxina, uma faxina. Eu digo, esse outro vagabundo que tá aí, porque você só vê vagabundo. Se você quer saber, tem muita gente que diz que tem orgulho de se brasileiro; eu tenho vergonha desse lugar horroroso. Eu falo isso em condição de pessoa que já viveu na rua; porque voicê pode ver que na rua tem muitas pessoas, que são, vamos dizer assim, dependentes químicos, mas tem tanta gente honesta, tanta gente

boa, que simplesmente não teve aquela oportunidade de viver dignamente; tem gente que trabalha, cata papelão, nessa cidade que tá toda suja... Tem prédio que é lugar de “crack”, de drogas, que podia ser transformado em moradia pra nós que necessitamos. Mas ninguém faz nada. É uma coisa absurda; todos os projetos que saí, você se empolga, mas não dá em nada. Tem aqui na minha carteira, porque eu já dormi na rua, eu vou te mostrar, saiu esse projeto “Minha Casa, Minha Vida”; eu guardo esses papéis até hoje, mas não sou contado porque não recebo um salário mínimo; veio pra São Paulo, o Kassab, tomou conta, pela Caixa Econômica Federal, ninguém tem mais direito, enfim. Só que aqui tem seres humanos, pessoas trabalhadeiras, como dizia a Neti. Aqui ninguém tá louco, temos problemas sim, mas vamos lutar até a última hora com dignidade. Então o Kassab entra aqui (***), e é só dessa forma. Que de outra forma não vai... Então você faz esses cadastros no fins das contas... E só fica no papel e pra quem pode. Porque, como é que eu vou entrar numa Caixa Econômica Federal pra pedir um auxílio, alguma coisa. Porque o governo só dá pro povo migalhas. (...) [Cotidiano] Saio, vendo meu “gelinho”; quando eu vejo que eu tô ficando muito descontrolado... eu já tenho consulta marcada com o doutor Aroldo; ele já conhece meu problema, é muito bacana... Então eu marco uma consulta com o doutor Aroldo e vou... Eu tô com uma cirurgia marcada, uma pequena cirurgia, e já têm não sei quantos meses. Esse desgraçado fala que a saúde pública é uma maravilha, né. Se marcou cirurgia e tem fimose... então eu tenho muita dificuldade, já passei em cinco unidades de saúde pra me encaminhar, até por último, nesse Heliópolis. Aí liga pra mim e fala: “Vamos lá pra você operar; fica em jejum”. Eu fico com fome o dia inteiro, sem tomar os remédios... eu chego lá ó: “Sua cirurgia foi cancelada”. Já tem quase um ano [que tenta fazer a cirurgia]. Sim. Eu já tô com uma infecção já, sabe; eu já tô com uma infecção e eu vou lá e aí quando chega lá liga... eu to com tudo os papéis aí, você pode ver, da cirurgia... Aí eles pegam... começa do Vergueiro, e aí mandam pra o Humaitá; do Humaitá mandam pro Parque Dom Pedro; e sai do Parque Dom Pedro vai pra Marechal Deodoro; e da Marechal Deodoro vai lá pra não sei aonde; e de não sei aonde vai lá pro Heliópolis; e aí chega lá, sua cirurgia tá marcada: “Viu, você pode vim, você vem em jejum; você levanta e já não come mais nada”. E eu tenho que tomar quatro qualidades de comprimidos pela manhã, eu tenho que me alimentar de alguma forma. Então eu fico de jejum. Quando eu chego lá na hora de fazer a cirurgia: “Não tem vaga, viu. Nós vamos remarcar. Nós vamos

aguardar uma vaga pra você coisar”. Daí vai e volta, e vai, e vai, e vai, e vai... [“Aí para um carrão, o cara de paletó e gravata, o médico vem e atende e resolve”, morador]. Do jeito que a política nossa tá podre e suja, nós nunca vamos ter saúde. Gente como eu não consta na sociedade, infelizmente, essa é a nossa realidade. Mas felizmente, temos uma guerreira. Ah isso daqui todo dia que eu acordo: puxa, eu não tô na rua; eu não tenho que amarrar a bolsa no pulso pra ninguém me roubar; ninguém jogou água ne mim essa noite; o Kassab não mandou me acordar essa noite; isso é maravilhoso! Aí eu levanto de manhã, a primeira coisa que eu faço é sentar aqui e digo: “obrigado meu Deus por esse espírito de luz chamado Neti”. Você tá entendendo, “obrigado...” todo dia eu falo isso. Toda vez que eu acordo, que eu levanto, que eu tenho um teto em cima de mim; não importa se os lados é de talba, não importa! O que importa é que eu tô debaixo de um teto. Aí eu olho assim, nessa janela e vejo o frio, e penso: “Meu Deus, quanto frio eu já passei; hoje eu já não aguentaria, tudo isso”. Hoje eu já não aguentaria, não tenho idade pra isso. Com certeza eu morreria de frio, sabe. Hoje eu tô quentinho. Quando eu olho aqui tem uma janela, uma geladeira pra mim pôr as frutas, não ta estragando, que eu peguei no lixo, que eu possa lavar e comer. Olha, ali tem um banheiro que eu possa compartilhar com todos eles. Aqui você aprende a amar. A Neti ensinou a gente a não ter egoísmo. Aqui nós somos todos uma grande família, que se respeita, que se doa, que se amam. Isso até pro seu espírito faz bem. Aquele que pode mais (***). E assim tem as outras pessoas maravilhosas que estão ao lado da Neti, e assim os moradores. A Neti é um presente de Deus, é uma pessoa abençoada. Aquele que tem mais ajuda... é igual aqui, a vizinha já trouxe pra mim, já compartilha e é assim que a gente vive. Agora, você imagine que uma vez na rua, um moço do restaurante chamou eu e a Bete pra comer e nós tava dois dias sem comer, nem pão seco, não tinha nada, e o homem deu comida pra gente dentro de um saco, tava cheio de vidros quebrados, pra gente comer. Vidros! Vidro quebrado. Aí... [“O cara falou que ia dar comida lá na praça lá, quando o cara chegou pra dar comida pros morador de rua, os guardas municipais do Kassab, não deixou, mandou o cara embora”, morador] Não deixa. Não deixa dar comida; não deixa dar água; e nem deixa, quando ta frio e alguém vem dar uma roupa, não deixa. Diz que é pra gente não se acostumar. Mas se aparecer tanta gente honesta, como essa juíza mesmo, nós vai ser tudo morto; então por isso que um zumbis tão tomando conta da política, porque só eles têm vez. Porque eles é conivente com a bandidagem. E gente honesta, que faz justiça,

não tem vez. Se você fosse um político ou uma pessoa importante na política, e fosse um lutador pra gente que realmente precisa, você com certeza taria na lista de alguém pra morrer. Vou te falar uma coisa, essa mulher aqui, essa Neti – eu digo ela é metade homem, metade mulher – tem firmeza; cê sabe por quê? Porque o que ela faz pra gente aqui é botar a cabeça dela a prêmio. Sim, ela corre risco de vida. Então, ela corre risco de vida, porque o que ela faz, eu poderia falar assim, “eu não tô nem aí, porque eu não sou nada meu”; eu acredito que um espírito desse não há espiritualidade maior e muito bem recebido. Porque ele não vive só pra ele num mundinho egoísta, da aparência. Algumas pessoas fazem uma revolução pra tirar um bandido desses da cadeia, o advogado que matou a Mércia Nakashima. Mas você vê se tem alguém importante que faz uma revolução pra socorrer morador de rua? Por isso que quando a gente tá dormindo lá, tem gente que toca fogo, esse massacre. [Você já viu algo parecido?] Já! Vi incendiando. Sim! Sim! Sim! Sim! Deitado lá assim quando você viu eles chegam e cercam. Aí já joga enquanto o outro risca... ele só não foi queimado porque ele conseguiu na ânsia fugir depressa, pegou só nas cobertas, mas por pouco... Presenciei tudo isso. [Você fugiu também?] Todo mundo foge nessa hora. Presenciei, eu tava lá... Hã? ... de carro, de carro, desce. (...) Agora é revoltante, porque você olha pro lugar, na rua, não tem só bandido, é o que esse povo precisava ver. Não tem só bandido nem só drogado. Têm pessoas que por algum motivo vem de algum lugar, trabalhador, até aqui mesmo, tem condições, acabou na rua. Trabalhador, que vota, que faz tudo... Eu sou um cidadão, que eu nunca roubei ninguém, que eu nunca fiz mal pra ninguém. Eu só não tenho um teto a morar. Agora é justo eu deitado num lugar, com o tanto de medicação que você viu, vem um carro pra tacar água em mim. É justo um prefeito desse fazer uma piada dessa. Uma piada revoltante como a que ele fez. O jornal... Eu quero selecionar isso daqui, quando tiver mais calma, pra ser mostrado; a gente tinha que mostrar isso... só que as condições são muito difíceis; aqui é assim, quando você tira uma cópia, você já fica sem comer alguma coisa... e um homem desse fazer piada com um frio... um homem desse fazer piadinha de moradores de rua. Ter coragem de chegar num jornal, numa televisão, e falar que os moradores de rua estão mais aquecidos nos albergues. O albergue é um chiqueiro! Põe ele um dia pra passar um dia num albergue?! Pelo menos esse albergue do Glicério; esse albergue que era aqui que era da... esqueci o nome desse lugar aqui em frente a câmara: só tinha gente ali pra maltratar a gente, pra humilhar, pra tudo... Então

passa ele um dia. Manda o Kassab passar um dia na rua, pega um caminhão da prefeitura, igual agora no frio, e taca água nele, como ele fazia ne nós. Quando o soldado da GCM... quando eu tive uma crise epilética, eu fui pedir socorro, eu levei um tapão na orelha, igual nós levamos várias vezes. Manda o Kassab sentar na porta de um restaurante pra sentir na pele – como é aquele quadro do Gugu – e receber um saco de comida cheio de vidro. Manda o Kassab deitar numa marquise e alguém chegar com um pedaço de pau e tentar matar ele como matou todos aqueles moradores de rua; naquela época, tinha gente honesta, gente inocente. [Você chegou a conhecer alguns deles?] Tudo. Conheci todos. Todos! Todos são meus amigos; todos estão acostumados a dormir junto comigo, porque o frio era tanto que nós um esquentava o outro. [Você então conhecia aquelas pessoas que foram assassinadas?] Todos! Eu só não fui assassinado mesmo, porque uma senhora do Capão Redondo... uma senhora chamada Tereza, mas nós chama ela de Eta, ela veio na cidade, porque ela me conheceu bem nessa fase que eu era maltratado; então ela veio na cidade bem nessa época que tavam matando as pessoas; ela me levou pra passar um tempo na casa dela, com medo de alguém me matar. E como a tortura, que ela mandou o filho dela pra essa fazenda, por causa do alcoolismo, adético... Enfim, que tudo que se faz em cima de pessoas de rua, todas essas ONGs, é tudo horror, é tudo fachada, sabe, se aproveitam do nosso sofrimento. Porque... Olha, se você for olhar São Paulo e aqui; aqui tem espaço pra tudo que é estrupício, criminosos, do país não sei das quantas, mas não tem espaço pra mim que sou filho daqui. Não tem oportunidade pra ninguém nesse país, nada que beneficie nós, que somos filhos dessa terra. Cê vê, traz as drogas pra cá pra infectar o nosso país. Briga pra isso, ninguém briga; mas se alguém tá numa marquise, alguém vai levantar de manhã e vai me bater. Se eu não me levantar cedinho e cascar fora, vão me bater. Se eu sentar na porta de um lugar chique pra comer um pão seco que alguém me deu, um outro já vai olhar e cuspir com discriminação. [“Pagam dois mil reais por mês pr’um cara presidiário; o bolsa-família não dá nada; você tem que ficar numa fila pra receber 80 reais por mês...”, morador]. Então os corruptos estão na cadeia assistindo televisão, a cabo... Então, tudo que você tá vendo aqui, a gente cata no lixo, na rua. Essa geladeira eu ganhei ela que eu tava conversando com o Adilson, um colega meu, e eu falei pra ele que se eu tivesse uma geladeira eu saía e vendia o geladinho. E ele deu pra mim essa geladeira. Ele comprou de segunda-mão e deu pra mim. Essa televisão aqui... doação. Ou na rua. Os móveis; esse aqui

eu ganhei da dona Arlete e o resto eu peguei na rua. Tudo aqui é da rua. Essa mesa, essa cadeira que você tá sentado, eu peguei na rua. Tudo na rua. [Shopping...] É o shopping do lixo. Eu sempre sonhei em ter um lugar pra mim pintar telas, fazer uma exposição. [Esses quadros são seu?] Esses quadros eu peguei no lixo, tá; eu peguei no lixo. (***) O espelho... e botei fotos da minha família, de mim. É onde eu falo com Deus; eu agradeço tudo o que eu recebo, tudo que eu passo. Então eu me sinto embalado nos braços de Deus. Então é assim: tudo que você vê aqui veio do lixo ou eu ganhei de alguém; o fogão, a menina lá de baixo deu pra mim. Aí a Bete, essa menina aí do lado, ganhou um fogãozinho melhor e deu o dela pra mim. E isso a gente vai vivendo; sabe, com um pouco mais de dignidade. Você tá entendendo; porque em vista do que eu vivi na rua, aqui é um paraíso. Um paraíso onde essa moça aí nos proporcionou tudo isso. Foras as outras coisas que eles conseguem, que ela consegue, consegue pra gente. Eu não tenho aqui uma roupa melhor, porque embora esse salário, que eu faço umas comprinhas, eu tenho os meus sobrinhos que eram sustentados pela minha mãe, que minha irmã tá em cima de uma cama, vegetando praticamente, em Belo Horizonte. E aí eu pego e divido o meu salário com a minha irmã, inclusive um sobrinho que só tem dois meses e tá num hospital, tem anemia e... [O que tem a sua irmã?] Ah, ela ficou muito perturbada com a morte da minha mãe – a minha mãe faleceu tá com seis anos – muito perturbada e ela perdeu... o meu cunhado, o meu cunhado, vê o que os juízes faz, né, o meu cunhado, a minha irmã cheio de criança pequena, o meu cunhado... ele, ele, vagabundo, derrubou a casa da minha irmã assim, com as coisas tudo na frente, e um juiz deu alguma coisa lá, despejou a minha irmã, uma casa que ela já vivia desde quando casou há muito tempo, jogou tudo no chão, da casa antiga; a minha irmã hoje está de aluguel e só não tá passando fome porque eu divido o salário... e pra interar o que eu como, como eu te disse, eu vou lá no lixão, cato, pra complementar; porque às vezes eu prefiro catar algo no lixão do que ver meu sobrinho de apenas dois meses passando fome; leite, essas coisas. Então eu tô mandando... saiu um projeto, “Minha Casa, Minha Vida”, saiu uma casa pra minha irmã, o meu cunhado arrumou uma amante e ficou com a casa, e você tem que ficar... É, mais sofrimento. Eu tenho que tá dividindo, eu tenho que tá fazendo milagres com esse dinheiro. [Você pode dizer quanto você recebe?] Quinhentos. É um salário mínimo; quinhentos e um pouquinho. Aí quando eu to bem né, pego o geladinho e vou vender, pra completar; dá pra mim comprar um arroz, uma carminha, também; e

complementa. Só que agora nesse frio eu não consigo vender não. [Televisão] Assistio. Jornais. Principalmente jornal. Eu gosto muito de assistir Operação de Risco. Às vezes passa a Neti; e despejos e essas coisas aí. Então a gente assiste pra ficar atualizado; pra saber como lidar com os homens, né. Você nunca sabe quando vai vim um lobo aqui tentando nos devorar. E somos a parte fraca da sociedade. Fraca num sentido de condições; porque não sabemos roubar, né. Então nós assistimos. O jornal... reportagem... às vezes, vê um filme, né. [Novelas] Assistio. Assistio só uma novela, não tenho muita paciência. Eu assistio muito essa novela das seis da Globo. Gostava muito também de ver o Datena. Só que aqui não pega o Datena. [Novela “Amor e Revolução”?] Assistio! Sim, porque conta a história do Brasil. Quando eu não tô dormindo, assistio. E fala da ditadura, né. O que que eu tenho achado dessa novela? Pra mim continua nojento a mesma coisa, só tá mascarado. As coisas só estão um pouco enfeitadas. Você sabe como?! Isso, tá maquiado. Eu considero essa ditadura – eu vou colocar aqui que me marca muito –; eu olho a foto da minha mãe aqui, sabe assim, às vezes eu me arrependo de uma resposta que eu dei, muitas vezes eu chorei na rua: quantas vezes minha mãe veio me dar um prato de comida e eu falava assim. “ah, mãe, não quero isso não!” E hoje eu tava com fome e tive que comer uma casaca de banana no lixo. Eu hoje me arrependo tanto. Eu fico pensando numa Suzana Von Risthofen; como é que esse monstro que tá sendo sustentado por nós consegue deitar e levantar. Aí, ela coloca uma camiseta da Minie e aparece no jornal orientada pra chorar. Então o nosso Brasil é uma Suzana. Só tá maquiado com a blusinha da Minie. Um país bonitinho verde e cor-de-rosa... verde e amarelo, branco e azul. Ordem e progresso! Atrás daquele progresso tem uma imensa vergonha. Uma imensa podridão, uma imensa ditadura, contra a classe mais pobre. Uma imensa falta de justiça. Falta de tudo. Então tá tudo maquiado. Bonitinha a presidenta, bonitinho o Kassabinho; o outro lá. Então é só maquiagem. E aparência todos nós sabemos que não são verdades, né. Porque se você for puxar o fio do novelo, que podre que vai sair! O que o senhor Kassab fez ele tirou as plaquinhas das lojas, com dificuldades de identificação. O que ele tinha que fazer mesmo, ele não fez. Ele falou uma vez que queria a cidade limpa. A cidade limpa que ele fala é limpar todas as pessoas que estão na rua. Como se nós fosse sujo. Mas a sujeira realmente é ele, que tá lá. Mas infelizmente brasileiro é burro por colocar um estrupício desses pra nos governar. Então, a cidade limpa é construir moradia, é “Minha Casa, Minha Vida”, moradia

pra quem precisa! Não pra vagabundo miserável que ta aí construindo mansões. Você vê tem áreas nobres aí do INCRA, que você vê na televisão, dizendo que é do pobre, mas tá ali construindo uma mansãozona, tem o gringo, tem o outro, o outro. Mas e o *Geraldo*?! E o J. P. L. que lá na rocinha quer um pedacinho de terra pra construir. Se você fosse lá, num tempo passado, quando eu tinha 6 anos, cinco anos, todo mundo tinha seu pedacinho de terra; todo mundo plantava seu feijão, seu arroz; todo mundo trabalhava e comia. Ninguém aglomerava tanto nas grandes cidades, igual agora. Mas devida a desse monte de ladrão, desse monte de vagabundo, desse monte de estrupício, tomou o espaço. E todo mundo corre pras grandes cidades, aumentando as favelas, a miséria e a fome. Igual você tá vendo aí. [Norte de Minas? Vocês trabalhavam na roça?] Sim. Na roça. Meu pai. Inclusive ele tem hoje um sitiozinho que eu não conheço. É um sitiozinho pequeno. Eu não conheço, eu nunca fui, depois que minha mãe faleceu... Eu sei porque os meus irmãos, né; a minha cunhada escreve. Cheguei a trabalhar na roça. Eu fazia muito pouco; porque tinha aquele negócio de você ir no rio buscar água, né. Como eu desmaio, minha mãe não permitia que eu fosse pro rio. Então, às vezes, eu ajudava meu irmão buscando lenha pra cozinhar. Tá vendo aqui uma marca preta? Então o meu irmão quando foi busca água falava assim pra mim, “você assopra o fogo”. Eu desmaiei em cima do fogo quando ele chegou eu tava me queimando. Então minha mãe proibiu eu de ficar muito na roça, de mexer com fogo e água. Então eu era muito seguido pela minha mãe, mas eu ajudava a capinar a roça, ajudava meu pai, os meus irmãos. [Seus irmãos?] Foi tudo disperso. Casou. Um tá na Lagoa Santa. Essa minha irmã que eu te falei que tá doente, ela mora em Belo Horizonte. Tenho duas irmãs que moram na Água Santa, em Minas Gerais. E tenho mais uma irmã, Bete. A minha irmã Aline. Meu irmão Valdir, que mora em Montes Claros. Só o meu pai vive na roça ainda. Nunca mais vi meu pai; nunca mais vi. E só meu pai trabalha hoje na roça, embora bem velhinho. (...) Porque é assim, meus irmãos se casaram, na época, meus irmãos se casaram. O único que não saiu de casa fui eu devido aos meus problemas. Então ficou eu, minha mãe, meu pai. Porque uma época, eu ficava numa situação muito difícil com meu pai, então eu ficava mais trancado no quarto. (...) Então a gente vivia das coisas que se plantavam na roça, né. Aposentadoria da minha mãe. Porque meu pai foi se aposentar muito tempo depois que eu saí de casa, né; eles continuaram trabalhando muito na roça. Então naquela época nos vivia do que meu pai fazia na roça. E da aposentadoria da minha mãe. E meus

irmãos ajudavam com alguma coisa. Meu irmão é caminhoneiro. O outro arrumou um emprego na Contijo. E meu pai continuou até hoje trabalhando na roça. Mas eu nunca fui... [Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?] Pra finalizar? [Qualquer coisa] Igualdade, humanidade, justiça. Sabe, justiça. “Justiça”, essa é a palavra correta. Humanidade, igualdade e justiça, coisa que não existe no nosso país. E pra finalizar, agradecimento também pra essa moça, que é a Neti, por tudo que ela fez por nós, e dizer que o nosso Brasil ainda vale a pena porque ainda existe no meio de tantos monstros ainda existe uma Neti na vida. Dá uma alegria pra você dizer: eu tenho esse abraço aconchegante; ainda tem essa que tem uma inteligência de brigar por mim, que não tem condições de entrar num tribunal. Então o que eu tenho a dizer: igualdade, justiça, humanidade. E também que as pessoas aqui reconheçam o que esse movimento faz por nós. (...) Se eu tivesse que fazer uma faxina no Brasil, eu começava na presidência, no Palocci, e nesse... Vou falar pra essa Dilma Rousseff que pare de chorar pelo Palocci, que saiu da presidência, e passe a olhar por nós, que foi moradores de rua que praticamente colocou ela na presidência. Se ela quiser fazer uma coisa, chama o Luiz Inácio Lula da Silva, que deu pra nós uma migalha, mas que é manipulado por tanto vagabundo. A gente acreditou que ela realmente faria alguma coisa. Fala pra Dilma pegar umas aulinhas com a Neti, pra saber lidar com o povo. E que essa mulher [Neti] merece tá na política. Se ela entrar na política, ela já provou que merece. Jean, muito obrigado. Não pergunta mais senão eu não paro. Isso daqui são provas; tudo que você fala, você tem que provar. Então eu não tô inventando nada. Esse lugar aqui chama Rede Rua, uma casa de convivência para nós cadastrar porque nós nunca fomos, nós andava daqui até na 14 Bis pra comer, se eu não tivesse essa carteirinha aí, eu não comia. Pra comer uma coisinha melhor, nós ia nesse lugar aí, que, aliás, eu agradeço a Deus por esse lugar existir. Eu guardo com muito carinho a carteira. Essas coisas pra eu me lembrar porque às vezes você fala e a turma não acredita. Gente, aí tá as provas, a carteira de albergue que eu guardo até hoje. Esse daqui é de um albergue Arsenal, que eu fui mandado pra lá (***) desespero, agora o mundo acabou (***) E lá eu apanhei, sofri pra caramba, sabe, e por aí você pode ver a data corretinho. Então, eu tenho tudo. Eu guardo essa carteirinha [Arsenal Esperança: G. L., leito 473] Isso. [Quantos leitos?] Tinha bastante. [Chegava a umas 500 camas?] Ah, eu acho que sim, minha cabeça é bem ruim, mas tinha bastante. Bastantes leitos. [Associação Internacional para o Desenvolvimento... rua

Almeida Lima, Brás] Mas eu tenho a carteirinha do Glicério, eu tenho desse outro aqui em frente à câmara que eu esqueço o nome. Caso eu desmaiava eu era encaminhado pra esses lugares. Isso daqui [Prestes Maia] é tudo de bom, tem amor aqui... tem um ou outro que a gente tem diferenças, mas aqui é assim, você não precisa gostar, mas precisa respeitar, é o que a Neti ensina. [Construir] Ah, é uma luta muito grande, nós fomos buscar as talba, se você imaginasse subi essas escadas, da rua pra cá. Coletivo, um auxiliando o outro. Aqui é assim, tudo se ajuda. É igual aqui, nós temos uma lista de limpeza; então, hoje mesmo foi o meu dia. Eu já fiz a minha limpeza, no banheiro, tudo. Então nós faz isso bonitinho, do jeito que nós somos orientados pela nossa líder. Então é muito bacana. Aqui tem pessoas que você tem que chegar com muito carinho. Tem uma moça que não gosta de lavar o banheiro, então tem que chegar com amor, com conversa. E tudo fica bacana, sabe; e a convivência fica gostosa. E outra coisa, um teto sobre a cabeça não tem coisa melhor do que isso. Isso daqui é tudo, não tenho muito que dizer. Eu acho que se eu tiver que sair daqui, eu prefiro morrer na portaria. Só me tiram daqui com uma bala na minha testa, porque eu vou gritar, eu vou pra cima mesmo. Eu não sou grande coisa, sou uma pequena gota no oceano mas a minha diferença eu vou fazer. Eu vou fazer um cartaz e botar nessa janela e mandar o Datena me filmar, eu gostaria de falar com o Kassab, eu gostaria muito que ele me conhecesse. Eu não vendo “gelinho” porque tá muito frio, mas eu vou fazer e pedir pro Datena filmar. (...) Nada justifica assaltos, crimes e tiros e essas coisas, nada; se tá com fome... e não tenho vergonha de dizer pra você: eu fui no lixão do coiso e catei algumas coisas... mas eu dei também e tô com a minha consciência tão tranquila. Foi mais um dia que eu vivi, que eu tô bem, com a consciência tranquila. Eu vou chegar diante de Deus com muita dignidade. E os maiores ladrões é de colarinho branco.

[Entrevista 21]

(...) Marx. [Lenin?] Karl Marx, o filho dele vem em outubro agora aqui, e eu fui convidado... por email... Sim Trotski, eu nem sabia que ele tinha filho. Meu no nome é I. [...] Eu vi pessoas que estavam na rua e que hoje estão aqui, trabalhando e que a vida deles melhorou 100%. Eu sou recifense, nasci na cidade de Recife. Nasci em 61. Eu tenho

orgulho... tenho uma bagagem muito grande. Agora, como que eu vim parar aqui? Eu estava empregado, como encarregado de segurança, e de repente eu recebi uma demissão. Uma demissão que causou um dano moral pra mim até agora. Caí numa depressão maior do mundo. De repente caí. Perdi terreno, perdi carro, vendi casa. A casa, montada já um metro, terreno próprio. Tive que desfazer tudo; paguei uma locação de 1800 reais, pra não ficar com o nome sujo. Caí numa situação, difícil, muito difícil mesmo. Eu estava praticamente à margem da vida, eu tava no último memento... foi quando eu conheci uma pessoa, estrangeira, que me trouxe pra cá; eu tava à margem da vida já. Eu estava à margem de tudo, quase na hora de cair na rua. Foi quando eu conheci essa pessoa; eu achei um documento na rua – documento estranho – quando fui olhar era um passaporte. Eu achei um documento aqui, é um passaporte, e peguei amizade com a pessoa, foi quando eu vim pra cá. Eu vim pra cá e era muito escuro. Esse espaço aqui é o seu. Dormi no papelão. Hoje, rapaz, que eu tô desempregado, os amigos desapareceram. Só ficou mesmo essa mulher. Mas foi muito difícil. Hoje eu estou empregado, não é registrado, mas melhorou 100% pra mim. Eu tô trabalhando num serviço aí de segurança, mas não sou registrado. 100%; porque eu estava à margem da vida. Eu saí do Recife faz muito tempo; eu saí de lá estava com 27 anos. Eu vim fazer turismo; Mato Grosso, Campo Grande, Corumbá, Bolívia, pantanal, né. Eu saí de São Paulo, tinha trem aqui direto para o Mato Grosso, depois três ou quatro dias de viagem, semanas, nem me lembro mais. Eu vim pra cá e gostei de São Paulo, fiquei por aqui. Mas eu vou falar pra você: eu tive uma vida aqui em São Paulo de bonança. Mas como a vida é um logaritmo, a vida é uma matemática, é um logaritmo. Você vai, vai, vai, e de repente cai. Foi o que aconteceu agora comigo, há alguns anos. 2010, 2011. [Trabalhou] De chefe de segurança e inspetor geral de carga. Eu tenho segundo grau, prestei exame para engenharia civil. Passei mas não podia cursar, porque eu era desenhista de uma empresa de engenharia. Passei pra engenharia civil; queria fazer o curso de engenharia; não consegui. Ou, trabalhava e estudava; ou eu corria o Brasil inteiro pra atender as filiais... Filiais? Tem no Brasil inteiro essa empresa. Ou percorria isso daí, era desenhista, depois passei pro departamento de pessoal. Demitia; demitia as pessoas. Qualquer pessoa, do engenheiro ao funcionário de obra. O operariado passava na minha mão. Demitia e demitia. Ia pra tal lugar; ia pra tal lugar. Ia pra Manaus. Manaus: vai ter uma grande obra lá, você vai lá, procurar hotel, com esse dinheiro, tudo. Agenciar pessoas,

gerar emprego no local, e alguns funcionários profissionais levava daqui. Então foi realmente uma vida de bonança em São Paulo. Mas de dois anos pra cá.... 2010, 2011. Fui demitido, de surpresa, isso me causou um dano moral até agora. Até agora eu tava me lembrando disso daí; se eu recorria, entrava com um processo contra o meu patrão. Trinta e três meses que não me pagou ainda. (***) Mas o pior é o dano moral que eu tô tendo até agora. Eu tive um dano moral tanto numa cidade do interior como aqui em São Paulo. Sabe aquele dano moral, que é pior que você perder todos os direitos trabalhistas? Isso gera uma cicatriz; isso que me gerou uma cicatriz dentro de mim até agora: o dano moral. [Não recorreu à justiça?] Não, não recorri porque eu não posso entrar com uma ação trabalhista. [Por quê?] Não posso. Não posso. Porque eu sou filho de judeu. [O quê?] Porque eu sou filho de judeu. Eu não posso pôr um outro... tem isso, entendeu. Meu pai era judeu português. É, viram morar aqui no Brasil, né; Manaus tem os sefaraditas, são os primeiros que chegaram lá. Tem esse regulamento, entre eles, né. E eu sofro muito por isso. E eu sofro muito por isso, de ser filho de judeu. [A comunidade] Não, não. Não é obrigada. Você tem que fazer o certo, fazer o que a Torah pede. O que o patrão me falou... eu não posso prejudicar ele, mesmo que eu vá comer capim. A vida vai cobrar. E tá cobrando já. Tá cobrando porque ele tá me procurando. Deixe que me procure. Foi muito doído. Mas agora melhorou. Posso falar pra você que o que estava acontecendo comigo, melhorou 100%. 100%. [Aqui?] Aqui. A gente mora aqui, e trabalha aqui. [Antes de vim pra cá?] Fiquei no bairro da Mooca. Na casa de um pessoal que eu conheço. Ia lá, passava três dias, passava uma semana. Pessoal amigo mesmo; amigo. Mas, passados uns dias, ta; ia pra Itatinga. Eu não tava recebendo o seguro desemprego ainda. Dava para conciliar as coisas. Arrumar emprego; não era o que eu queria, não dava para suprimir necessidades. O que que eu tenho que fazer? Sair vendendo tudo, acabei tudo: terreno, vespa [?]; terreno teve que fazer a homologação no cartório; só de tijolo já tinha 100 mil reais pagos; perdi isso aí. Fui fazer a homologação; pra desfazer isso daí, paguei 1030 reais só a homologação em cartório. Devolvi o terreno pra imobiliária. Quase 10 mil reais pagos. Era na cidade de Itatinga. Era lá. Aquela bola de neve, né, financeiramente. Eu vim pra cá; trabalhei sabe onde... fiquei esperando o dinheiro sair; mas não saiu! Fiquei por aqui. Fiquei voando... Fiquei mesmo à deriva da margem da vida. Procurando; achei esse estrangeiro na rua, encontrando na rua. Eu fazia o dobro, num restaurante aí, de manhã, pra separar caixas de frutas e legumes, de

manhã cedo, 4:30 da manhã; quando eu vi um morador de rua dormindo atrás do restaurante e vi um documento estranho, né. Fui olhar: perderam um passaporte estrangeiro. Acordei o rapaz, acordei a pessoa e guardei o documento, que era o passaporte dele, né; documento estrangeiro; e me trouxe pra cá. Só que ele saiu, saiu daqui. E eu encontrei essa pessoa jogada na rua. Jogada mesmo, na rua. Eu falei: caiu nas drogas. Caiu. Caiu porque... [De onde ele era?] Angola. Alguns estão na Crackolândia, jogados lá. (***) Foi difícil. E agora estou aqui, 100%, rapaz. Graças a Deus, melhorou 100%. Conheci a Luciana e o esposo; me ajudaram bastante, eles dois, não posso esquecer isso nunca, eles, esse casal aí. Esses são os primeiros. Os mais antigos aqui é eu e ela. Me ajudaram bastante. Sou muito grato a eles dois. Eu estava numa situação difícil mesmo. [Seu pai] Não, não era. Meu pai é falecido. Meu pai foi comerciante sim, naquele tempo era assim: mercearia, né. Mercearia; e trabalhou com engenharia lá, topografia, coisa assim. Uma empresa imensa, muito boa. Lá também tudo judeu. E eu vim pra cá, veio pro Mato Grosso, conheci o patrão, era mato-grossense, cheguei aqui em São Paulo, peguei o trem aqui na estação da Luz, fazia o percurso pro Mato-Grosso; fiquei lá, um tempão lá; vim pra cá, peguei gosto daqui e fiquei aqui até hoje. Só que essa fábrica me quebrou, cara. De repente chiooo. De repente, cara. E estou aqui nesse espaço, na Prestes Maia, eu posso dizer que melhorou 100% minha situação. [Sua esposa?] Ela é de origem polonesa com russo, só que eu não trouxe ela aqui ainda hoje. Ela sabe que eu estou aqui. Não trouxe ainda. Ela tem uma casa há mais de 40 anos, no Jabaquara. Hoje eu já fui lá hoje. Sexta-feira eu passei o dia. Sábado passei umas horas. Domingo eu dei um pulinho. [Segue alguma igreja?] Não, não sigo. Não sigo. [Tem religião?] Não, não tenho. Eu sou da minha. Eu leio a bíblia, só o antigo. Só o Velho Testamento. Às vezes eu dou uma lida... mas só o velho. Isaías, 53. Mas, Jean, foi difícil, esse casal aqui, apareceu pra me ajudar. Eu estou grato a Luciana e o esposo dela. Sou grato, me ajudaram demais. Até hoje eu tava pensando nesse casal. Me ajudaram demais. Foi difícil mesmo, eu estaria na rua. (...) A irmã [do estrangeiro] está em Londres. Veio de Londres, se quebrou aqui, tava na rua. Tava no Jabaquara. Eu tenho medo no Jabaquara. O Jabaquara é muito perigoso. As ruas são perigosas ali. E hoje encontrei o cara numa situação difícil, e não posso trazer pra cá. [O movimento não permite drogados] Não permite e eu não vou querer um homem morando comigo. Não quero. Eu passei o meu email para essa pessoa, o meu email, eu mando pra ele um dinheiro, pra ele arrumar um

espaço, eu mando pra ele pra arrumar um espaço, (***). Não vem aqui, fala com uma senhora. Viajou dois meses, com o meu dinheiro, e não deu um retorno pra mim. Tava jogado lá. Eu li no Jornal, o Estado de São Paulo, e numa revistas, que 35 % das pessoas que estão na rua são ex-evangélicos. No jornal saiu 30%, na revista 35%. Eu não posso trazer um homem aqui, é complicado. Mas eu passei o email, esse dinheiro aí de dois meses, pagando pra ele para ele se equilibrar. Mas não deu o retorno... [Isaías, você me falou sobre o Karl Marx, Trotski, você também lê o jornal Nova Democracia, um jornal maoísta, você tem alguma filiação política?] Você conhece, né?! Você conhece. Bem, Jean, o capitalismo, como as religiões, está falido. Os partidos políticos – ontem, hoje, à tarde eu estava fazendo a barba, eu estava pensando nisso – os partidos políticos, como as religiões, estão falidos; o capitalismo tá falido; faliu, o capitalismo faliu. Agora é socialismo. Socialismo. Tanto que houve uma brecha nesse enfraquecimento dos partidos que o prefeito Kassab – ele viu essa brecha – e lançou um partido novo aí; com força. Porque o capitalismo faliu. Agora é socialismo. É o próximo, o próximo. Não tem mais essa, cara. Essa é a minha visão. E não deixa de ser uma visão de Carlos Marx. Não deixa de ser. E essa brecha aí, em cima desses partidos; os partidos brasileiros estão falidos. Esse partido aí, o presidente desse partido é o Eduardo Campos, esse partido nasceu agora. O partido foi lançado agora, ele é o presidente do partido; tá ganhando força. É o PSB. É o mesmo. Ainda não é? Porque ele tá de olho nesse partido, o Eduardo Campos, né? Não sei se fundiu ainda. Então abriu essa brecha e nasceu esse partido aí. Acho que não fundiu ainda, né? É um partido falido. Então a visão agora é socialismo. É o Carlos Marx. [O Trotski, o filho veio aí?] Veio não. Vem ainda, em outubro. [Aliás, os dois têm origem judia] Sim, os dois. Eu nem sabia que tinha filho. Eu recebi um email daquela livraria marxista. Você conhece aquela livraria marxista? Lá na rua Tabatinguera? Perto do sindicato... [Perto da Sé] Ah, você conhece! Eu conheço aquela livraria e gosto; eu vejo coisa lá. Me passaram o email e tal. O filho dele. [Você entra na Internet?] Acesso, quase todo dia. “Lan house”, aqui eu não tenho como acessar. Não, não, não. Eu sou vou mesmo em “lan house”. (...) Tá tudo falido. Tá falido, o sistema político brasileiro tá falido; as instituições estão falidas; tem que haver uma mudança geral. A mudança em socialismo. É o próximo. Esse capitalismo aí, capitalismo maldito! É uma maldição, rapaz. É uma maldição. Se você tem, tem; se não tem, tá excluído de tudo, né. Aí você tá vendo a miséria aí. Eu, te juro, conheço o Brasil

inteiro – naquela empresa lá, conheci – o ano passado mesmo, eu fui em Brasília, estive em Brasília – horrível, cara! – perto do Palácio do Planalto tem favela, cara! Perto do Palácio! Você não anda 500 metros sem ver um favelado, cara! Como é que pode, perto do Palácio? 500 metros! Em Goiana, que é capital do estado, pior ainda. Pior, pior! Só miséria; isso é o resultado do capitalismo desenfreado. Posso falar do egoísmo. Egoísmo. Você vê as corrupções pelo Brasil afora. Hoje eu tava pensando, pensando agora mesmo, pensando nisso: tá errado! Tem que fazer mais algemas e a polícia federal, algemar mesmo, prender mesmo o mau que tem. Aí tem brecha na lei... o cara faz suas corrupções, aí pegam ele, às vezes não, expulsam do cargo, quando é expulso ocupa outro cargo na política... Tá aí essa vergonha aí! [Você vota ou anula?] Não, eu voto. Eu voto porque quem não vota... Olha, eu votei no grande Manel, do PT. [Acho que se refere ao Manoel Del Rio] (...) Aquela do norte. [Psol?] É PSO. Heloísa, né; Heloísa? Aquela mulher. E também votei nesses caras da USP aí. Votei no pessoal da USP. Não, não me lembro não, mas tá o papel guardado e não está aqui. [Tudo do Psol?] Tudo cabeça feita! Tudo cabeça de Marx, entendeu. Falar em Carlos Marx, está aquele homem que, no ano passado estive várias vezes com ele, que é o senador Eduardo Suplicy; tava num lançamento de um livro aí de distribuição de renda, né. Você está sabendo? A renda mínima. Tá com um projeto de lei aí, de 1200 reais, né; ou seja, o PIB brasileiro ser distribuído pra todos os brasileiros, seja rico ou pobre, vai receber todo mês 1200 reais na conta dele, de cada um. Que é uma ideia do Carlos Marx, né. E ele já tá sendo combatido. O sistema hoje vai funcionar... [Como era esse contato com o Suplicy?] Eu tive até dezembro; em reuniões. É o movimento político. Morador de rua, pessoal da saúde, (***) São Bernardo do Campo. Só que depois que eu vim pra cá, eu deixei essa movimento. E esfriou mais depois que eu fiquei desempregado, entendeu. Então esses lançamentos... Você chegou a tomar conhecimento do grupo dele? Desse último livro que ele lançou? Sim, da renda mínima. É um ideia do Carlos Marx. Que a visão hoje, o futuro político, é o socialismo. Esse capitalismo desenfreado aí, rapaz. [Televisão] Tô sem televisão aqui, mas quando eu trabalhava... psiu! para aí, filho [para uma criança que brinca no salão]... assisto à noite Boris Casoy – não tenho televisão, só quando eu trabalhava – assisto a Record News, que é muito bom, Mesa Redonda – assisti um debate aí sobre seguro –; aquela turma? TV Câmara também assisto. Ô, filha, para aí, filha! [Novela] Não, não acompanho. Não tô sabendo. Não, porque eu não gosto de novela. Não gosto. Não tô

sabendo desse detalhe. Sim, 64 pra... [Cotidiano] Meu cotidiano aqui? Olha, então, eu zelo pelo espaço pelo bem comum de todos. Tem uma goteira ali, eu pus um balde, algumas pessoas tiram, mas como tá enchendo rápido... Tirar essa água daqui, né. Eu gosto muito de zelar aqui, né, pelo bem comum de todos. Zelar pelo nosso banheiro. Não tinha porta eu botei uma porta. Cesto de lixo. Tá furado ali... vazamento da caixa d'água, manchou essas paredes. Eu zelo isso daqui, para o bem comum de todos. [Como que é construir isso daqui] Eu tava jogado. Eu tava jogado, rapaz. Fomos construindo aos pouquinhos. Aos poucos. As madeiras eu ganhei, os pregos. Tava fazendo bico de manhã, na São Bento; na rua São Bento, tava fazendo um bico lá de manhã; distribuir verdura; o cara vem com seu veículo lá pra distribuir verdura, em vários restaurantes. E eu lá separava e distribuía pra restaurante tal: era um dinheiro de cigarro, um dinheiro de um bom almoço; e foi duro. As madeiras eu ganhei, recebi muita ajuda; outras coisas eu comprei. Comprei o fogão, comprei o bujão. A cama foi ela que me deu. A louça. O rapaz ali me deu o colchão. Um boliviano, muito bacana. (...) Peguei um fogão emprestado dela, com uma boca bem grande, cozinha rápido. Aí eu cozinheiro, não tem nada de sangue. É que eu te falei, estava à margem da vida, à margem da vida mesmo. À margem; na calçada. Os amigos desapareceram. Desapareceram mesmo. Agora eu encontrei umas pessoas aí, na rua: “ô, tava procurando você”. Ah, é? Tão me procurando agora? Tão me procurando? Quando eu tava numa situação difícil mesmo esse pessoal corria. Não tinha onde morar. No Jabaquara. Eu tenho medo, tenho medo daquele bairro. Já apanhei lá. Apanhei, fui confundido muito com policial, levei porrada lá, até hoje eu tô marcado lá; os caras pensam que eu sou investigador de polícia. Apesar que na época queria ser investigador mesmo. Apanhei no Jabaquara. Bandido pensava que eu era policial, e tô marcado até hoje. Eu vou lá, minha mulher mora lá. Mas à noite eu não vou. Passo o dia. Sexta-feira passo a maior parte do dia lá; sábado, domingo vou fazer compras, verduras, tem uma feira muito grande, perto da imigrantes, uma seção do CEASA lá. Mas venho pra cá. À noite, não. Eu tenho medo do Jabaquara. Me quebrei todo. [Você tá muito tempo com essa mulher?] Muito tempo. Não, não, até agora não. Apesar que eu namorei – perdi dois filhos – uma russa, uma princesa. A russa tava aqui, com 42 graus, em dezembro, no leste Europeu, meu amigo, é 30 graus negativos. Saiu daqui, eu falei, “minha filha, não vai, não vai pra Rússia, não vai!” Em dezembro, cara, um solão aqui. Sol de verão, alto aqui. O leste Europeu, é 30 graus negativos; foi lá pegou uma pneumonia aguda

perdeu o filho, estava grávida, de dois meses. Depois chegou um telegrama aí: missa de sétimo dia. Depois de um tempo arrumei uma francesa. Foram mulheres maravilhosas, estrangeiras... [Como você conheceu tantas estrangeiras?] Conheci, essa última francesa, numa peça no Centro Cultural Vergueiro, lá no Paraíso, não tem aquele centro cultural? É Vergueiro ali, não é? Conheci ali, conheci o pessoal, já sabia da francesa. Hoje eu perdi o francês... [Você fala francês?] Não tem com que conversar, você perdendo e perde bonito, tá. Conheci aquela pessoa lá; uma peça que eu trabalhei no Centro Cultural Vergueiro, eu conheci, fui conhecendo uns franceses, conheci uma mulher: [fala algumas palavras em francês 36:06]. Aconteceu, cara. Foi uma grande mulher na minha vida. Mas, perdi também. Perdi por que eu estava em Manaus e ela morava nos Jardins; houve um arrastão no edifício, ela ganhou coronhada na cabeça, caiu deitada, porrada... e eu tava em Manaus. E até agora mulher nenhuma me deu um filho. E um soco, ta Jean (...) [Então você perdeu um filho dessa francesa?] Perdi, por causa de um arrastão nos Jardins. Eu morava lá com ela. [Você morou nos Jardins também?] Eu morava com ela. Era alugado, né; porque ela morava com os irmãos delas. O que aconteceu? Por causa dessa mulher – eu já conheci alguns países da América Latina; já conhecia já – mas por causa dela cheguei a conhecer paraíso fiscal, América Central. Os restos dos irmãos, um parentes de Saint-Tropez, na França, vieram com iate, cara. Um iate pegava 20 mil litros de óleo diesel, atravessava a ponte [?]. Então conheci América Latina, México, San Tiago, no Chile; América Central, Paraíso Fiscal. México, estive na cidade do México com essa mulher, essa grande mulher da minha vida... Olha, vou contar pra você uma verdade, vou contar, cara, [...Pode contar...] segredo de nós dois, pode ser... pode ser não, é um segredo, depois que você sair daqui: não há melhor mulher do que a mulher estrangeira; porque a mulher brasileira, só dá problema. Observa. Eu estive na cidade do México com ela, América Latina, América do Norte. Você se lembra daquele Catrina, que houve em New Orleans? Eu estive lá em março, em New Orleans. Com esse pessoal, dentro do iate. Quando foi em agosto veio o Catrina e acabou com tudo. Em agosto, o Catrina acabou com tudo; dizem que New Orleans é uma cidade de pobres lá, mas se você ver as casas que é lá, meu amigo; se ali era casa de pobre, americano pobre, eu queria morar numa da casa daquela lá. New Orleans. Aí veio o Catrina em agosto, né. [E essa outra russa?] Essa aí foi a primeira. [Mas essa não é a que você está agora?] Essa outra. [Russa polonesa?] O pai é russo e a mãe, polonesa. [Então você tem uma queda

por estrangeiras?]

É uma sorte, cara, sorte. Sorte. [E a russa, a primeira, como você conheceu ela?] Aqui também. Olha, isso daí foi escola, escola de português. Eu gosto muito de português. Que fala é papagaio, um homem tem que aprender a se expressar. E foi numa escola de oratória. Ela sabia falar mal e nós nos conhecemos lá e aconteceu. Uma grande mulher. Mas foi pra lá, num frio de 42 graus, pegou uma pneumonia... telegrama de sétimo dia; fiquei deprimido, cara. Não é possível, cara! Até agora nenhuma mulher me deu um filho. [E essa nova, como foi?] Não, ela é de Ponta Grossa, do Paraná. O pai é russo e a mãe, polonesa. [Quanto tempo vocês estão juntos?] Seis anos ou mais. Faz um tempinho. É o tempo mesmo. Eu também tenho uma enteada muito bonita, né. Uma enteada, linda. Tenho. Sabe, mulher tá apanhando muito de marido. Aqui no Brasil se agride muito a mulher. Entendeu. A mulher tava apanhando demais. Eu conheci na feira. Lá no Centro de Exposições Imigrantes. Todo domingo eu tava fazendo compra lá, aí eu conheci lá: Centro de Exposições Imigrantes. [Nunca pensou em casar com uma judia?] Não, não. Não. Mas eu vou falar pra você: sofre, tá. Porque meu pai era um judeu e minha mãe não era judia, e isso daí é uma contradição danada. Então a contradição é muito grande. Meu pai tem um modo de ser judaico, minha mãe... [É cristã?] ...entendeu... não é judia. É uma contradição. Então o que pode comer, o que que não pode comer. Até hoje eu tenho certas coisas que eu não como. Não como porco, nenhum derivado de carne de porco; é, peixe sem escama, pescado: esses... tem peixe que tem verme; eu não como. Esses molhos, tipo músculo, não como. Quando eu como uma verdura, tem que ser bem lavado. Alface, não gosto de comer alface, aquele alface americano, muito enrolado; não como. [Por quê?] Por causa de bicho. De bicho. Entendeu? Não como milho, nozes; a única nozes que eu tenho aí é aquela amêndoa, é amendoim, né; tenho quirela ali; ta n'água pra limpar tudinho pra poder comer. Só (***) . Boa tarde, Roberto. Eu gostaria de não ser filho de judeu, porque sofre e é rejeitado, tá. [Você sofre preconceito por ser filho de judeu?] Fui trabalhar num iraquiano aí, com um iraquiano aí, só falava mal de judeu o dia inteiro; cara, mas nunca contei pra ele que eu era filho de judeu; nunca contei. O dia inteiro, cara! O dia inteiro falando mal de judeu. Eu saí de lá, saí de lá, e ele nunca soube que eu era filho de judeu. Não sabia que eu era filho de judeu. [Mas no Brasil não há preconceito] Só, só por causa da justiça, você fica andando por cima da justiça. Preceitos da Torah. Sim, sim; não, não; e acabou. Eu conheço judeu, daqui, do Parque da Luz, que, no Bom Retiro, tem uma sinagoga ali; tem uma

sinagoga na rua Prates, judeu que tem nojo de ser judeu; judeu que tem nojo de ser judeu! Não queria ser judeu, por causa dos preconceitos. Você sofre; você tem que andar na justiça: a espada da lei! Tem que andar debaixo dos preceitos de Moisés, nosso pai Abraão. É difícil isso; as pessoas não aceitam. Você tem que engolir seco; sofre! Tem muito judeu sofrendo aí. Tem judeu de todo jeito, tem rico, tem pobre... tem os rebeldes! Tem os rebeldes também. Mesmo sendo pobres, os judeus seguem a justiça. Sim, sim; não, não; acabou. E esse é protegido por Deus; Deus tem me protegido muito; muito do mal. Deus tem me protegido muito do mal. Claro! Segue, o caminho é esse daqui, a lei de Moisés é essa, os mandamentos do Profeta não morreu ainda, e acabou. E você sofre por isso. Você é rejeitado por isso. [Como é morar aqui no Prestes Maia, no Bom Retiro, um bairro tradicional...] Não é mais hoje. Tem que engoli seco. Eu não aceito, não aceito isso até agora. É inaceitável um filho de Deus numa situação dessa, morar num lugar que *não é seu*! Isso daqui não é meu. Estou aqui por uma necessidade pra não cair na rua. Eu sei que dói no coração do proprietário aqui. Mas por causa disso daqui não somos jogados na rua. Eu fui rejeitado pelos meus amigos. Rejeitado. Vinham conversar comigo, e você *percebia* a expressão facial. E o rosto fala tudo: o rosto, o olhar, o tom de voz. Principalmente o tom de voz. Que é o espírito da alma. Só sei que é dolorido: estar num local que não é meu. Dói demais. Sempre rejeitei isso, tá. Foi e está sendo um momento de necessidade, senão estaria na rua agora. Porque os parentes da mulher não me deixam ficar. Então você tem que segurar. A vida é uma matemática, é um logaritmo. É complicado, Jean. Posso fazer algumas perguntas? Posso fazer pra você? O seu ponto de vista, sobre o caso do Prestes Maia. [Eu entendo que, independente do que eu realmente penso sobre o assunto, a Constituição promulgada em 1988 determina a função social da propriedade, seja ela rural ou urbana; ainda que seja altamente discutível o que seja de fato esse “social”. Sendo assim, ninguém em território brasileiro tem o direito de não observar esse princípio básico e geral. Pelo que eu sei, este imóvel, o “Prestes Maia”, está abandonado há mais de vinte anos, acumulando desde então poeira; tornando-se moradia de rato, pombo; infestado em todos os cantos por focos do mosquito da dengue; servindo-se de local de ponto de tráfico etc.; não obstante, provavelmente, deve atender a interesses especulativos, de ordem financeira. Além disso, outro agravante, é o fato de os proprietários não cumprirem com os pagamentos de impostos referentes ao imóvel também há anos. Ora, é evidente que os

proprietários desrespeitam a lei em todos os sentidos. Se a justiça ainda dá ganho de causa para eles e ordena o despejo de milhares de pessoas, necessitadas de um teto e que, por isso, ocuparam o imóvel, é um desses mistérios que somente é possíveis dentro dos tribunais. Para este prédio cumprir a sua “função social da propriedade”, não pode ficar se deteriorando, acumulando lixo; no mínimo teria de virar moradia, ou qualquer outra coisa, mas não pode ficar desocupado. Logo, é bastante interessante a luta de vocês, pois, ao contrário dos proprietários, vocês agem dentro da legalidade, pressionam o poder público . Por incrível que parece esta é uma opinião bastante conservadora, não estou entrando em detalhes sobre aspectos filosóficos, econômicos, sociológicos, se a propriedade privada é justa ou não; etc.] Tá provando, né? Tá provando: o capitalismo é injusto. [Mas não é necessário ainda uma análise mais profunda, é só ler a Constituição; este prédio não pode ficar num completo marasmo, ele tem de atender os anseios da sociedade] Bem, para finalizar essa entrevista, eu vou finalizar falando o seguinte: que aqui pra mim, no momento, na situação que eu estava, à margem da vida, foi 100%. Arrumei um serviço aí, informal, melhorou mais; melhorou bastante. Mas não é o meu padrão de vida, que eu estava antes, não é. Mas... me tirou da margem da vida. Me tirou mesmo porque eu estava completamente alterado, andando alterado; rejeitado pelos amigos, rejeitado pelas pessoas. [Você tem irmãos?] Aqui ninguém. Ninguém. Rejeitado, cara. Você tem seus amigos quando você tá bem, bem. (***) Eu pagava duas, três latas de cerveja. (***) Era isso que eu fazia, e na hora, e na hora, meu amigo, da dificuldade, (***) não te dá um prato de feijão e arroz. Cala a boca e acabou. Você só vai conhecer as pessoas quando você olha no rosto, olho-no-olho, você percebe a expressão na alma. No rosto, nos olhos, no tom de voz; é o reflexo da alma. A rejeição das pessoas. Aí você tem que se agarrar no barco; se agarrar no barco mesmo. Buscar Deus mesmo porque olha! Achai um homem com um passaporte na rua, acordei ele. “Ah, tô na casa de um pessoal no Jabaquara. Já fiquei até na rodoviária também”. Eu fiquei na rodoviária. Fiquei. Fiquei e a mulher não sabe disso. Quem sabe é aqui ó: Dona Maria lá embaixo. Sabei disso porque eu botei. Fui expulso da rodoviária. [Chegou a dormir na rua?] Não. [Na rodoviária?] Fiquei. Fiquei. Fiquei lá. À noite lá o guarda: “Puxa, você aqui de novo?” “É, cara, tô viajando, olha a bolsa aqui”. “Ah, mas você tá aqui de novo?!” Aí dei um *cala-boca* pro cara, pros guardas. Você sabe que é um *cala-boca*, não é? Peguei o cara e fali vamos ali. “Não, você não pode ficar aqui não, pô!”

“Dá licença, meu, tô com meu jornal aqui”. Eu sou leitor do Estadão, gosto do Estadão. Aí, ele pega você lendo é outra coisa, amigo. Tô viajando. Ah meu, os caras desconfiaram! Dei um *cala-boca* pros caras lá. “Oh meu, dá um tempo aí, homem! Tô só passando uns dias aqui; só uns...” Fiquei numa situação difícil mesmo, muito difícil. Mas Deus mostrou uma luz, né; foi aquele homem que me trouxe pra cá, me trouxe pra cá. Mas eu já tava desconfiado que ele não queria nada com a vida. Aí eu encontrei o cara na Crackolândia, cara. Fiz o possível. O cara conhece vários países, o continente europeu. Fala quatro idiomas fluentemente. Fazer o quê, né? Mas minha vida ficou 100%. Esse pessoal me ajudou muito, esse pessoal aqui. É isso aí, Jean. Qual é a sua profissão? Geógrafo? Ah, você é pesquisador. O que você achou da minha entrevista? [Saí e vai para o apartamento e volta com uma revista nas mãos] Isso daqui é novo, pega pra você, chama-se “Urbs”, revista “Urbs”. Você gosta de... Tá trabalhando na área, geógrafo. Isso aqui eu peguei lá na Caixa, no Centro Cultural Caixa Econômica... Fica pra você. (...) O triângulo aqui, a São Bento, o Pátio do Colégio, o Largo de São Francisco. Esse triângulo aí, o pessoal chama de triângulo, né. (...) Aquela do norte... não, não é Heloísa. Isso, Marina. Você sabia que ela tem mais conhecimento do que Lula? Você sabia que ela ocupou a pasta ministerial do meio-ambiente? O mundo inteiro chorou a saída dela? Queria corromper ela. Sabia, o mundo inteiro chorou. O Lula sabe muito manobrar, porque ele tem uma oratória que manobra todo mundo. Você fuma? [Pode deixar aceso] Olha que contradição: Eu tô ocupando um espaço aqui e tô tomando conta de um prédio, que não mora ninguém. Eu trabalho num prédio, que teve invasão, ao lado. Um prédio vazio, que tem 22 andares. Esse prédio aqui ainda é pequeno. 22 andares, 22 andares, muito grande, muito grande. [Aonde que é?] Aqui no centro. Aqui pertinho. Sabe aqui... Eu saio daqui 15 pras sete; eu chego 10 pras sete. Mas ele tá pagando os impostos dele. Acabou de pintar. Em dezembro ele vai vender. Não sabe que eu estou aqui; e eu estou ocupando esse espaço ocupado. Que ironia, que contradição, porra! Que ironia em rapaz! Teve um jogo aí lá em Santos, não sei se foi Argentina, foi Paraguai, Venezuela. Venezuela! Três ônibus passaram por lá, com venezuelanos. Pensei que era invasão, cara; porque você sabe que é de repente! Pensei que era invasão. Mas nada! É que teve um jogo, em Santos. Agora, agora. Parou na frente, pensei que era invasão! Que ironia. E eu tô ocupando esse espaço. [Shalom] [Depois da

entrevista, Isaias comenta que os jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, Agora são “jornais capitalistas”. Isto não foi gravado no depoimento].

[Entrevista 22]

L., 30 anos. Nasci em Recife, Pernambuco. Eu vim [para São Paulo] faz 25 anos. Tinha 5 anos. Eu sou cabeleireira. Então eu vim pequenininha e a gente foi morar numa favela, na (**). Favela grande na (**). Eu morei lá até os 15 anos. Depois... aí que eu conheci o meu marido a gente veio morar em pensões, no Bom Retiro. Era. Era superdifícil. Mais difícil era dividir o banheiro com tanta gente. E na hora de pagar o aluguel se não tivesse... aí a gente se preocupava. Já pagava um, e tinha que pagar, juntar dinheiro para pagar o outro. Isso; pagava um e já tava pensando no próximo. [Foram alguma vez despejados?] Não, mas eu tive que fazer trabalhos para a dona da pensão, para eu pagar. [Violência] Nas pensões que eu morava não; não tinha. Era bem cuidadinha a pensão que eu morava. [Aluguel] Na época era 250. Há 15 anos atrás. Agora tá nessa faixa pensão: entre 500 e 600 reais. Uma pensãozinha boa, né, com um quarto grande, porque é pelo tamanho do quarto. [Favela] Ah, morar na favela era muito bom, muito bom! Não só porque tudo era de graça mas porque as pessoas ajudavam muito. A gente recebia muita... A gente brincava; a gente era protegida pelas pessoas lá, né. As próprias pessoas tomavam conta lá, protegiam o morador. Era filmado novelas, filmes, então a gente participava. A minha melhor parte da minha vida foi quando eu morei lá. Fui muito feliz lá. A minha família até hoje mora todos lá, né. A minha mãe teve doze filhos... os onze mora lá, só que lá agora é apartamento. Todo mundo ganhou um apartamento lá, menos eu que na época era “de menor”. Aí não tive direito a ganhar um, né. [O seu marido] É boliviano. Eu conheci ele, eu tinha 15 anos. 15 anos atrás. 16 anos. Mas ele veio para cá com 5 anos também. [Ele não tem sotaque] Não. Ele veio com 5 anos pra cá e depois nunca mais saiu. [Filhos] A gente tem a Vitória e eu estou grávida de 3 meses. Isso, ela tem 7 anos. [MSTC] Então, antes de eu vim pra cá eu já conhecia o movimento; já conhecia, né, porque eu paticipava de um núcleo de base. Núcleo de base, uma vez por mês nós temos que participar das reuniões. E a gente fica esperando ou uma resposta da CDHU ou a gente ocupar, ocupar um prédio pra gente entrar.

Foi o que aconteceu comigo. Eu já conhecia a Neti por entrevista em televisão, jornal; e eu acredito no trabalho dela, entendeu. Por isso que eu vim senão se eu não acreditasse não ia tá aqui. Isso foi em 2002. Morei aqui um mês aí a gente pegou leptospirose – porque quando você ocupa tem muito lixo – aí a gente pegou leptospirose, nós dois, e a gente teve que sair daqui. Agora a gente veio de novo. Eu só fiquei um mês. [Conheceu a coordenadora Lisete?] Conheci. Ótima ela. Então, na época era mais ela. Agora a Neti tá mais, porque ela cuida de outras ocupações, não é só daqui. Tem a Mauá, tem a Nove de Julho. [Partido político] Não, a gente não quis. Isso o PT, mas eu não quis ainda não. Se for para ajudar o movimento e me ajudar, aí sim. Mas eu não quero tipo coisa forçada assim. Mas se eu sentir que vai ajudar o movimento, que vai, né; ajudando o movimento, porque tem pessoas do movimento que é do PT, aí ajuda a gente mas quando vinher eu não quis, talvez uma próxima. Eu voto em quem eu acredito quando eu vejo verdade. Não, não, não. É difícil no PT, viu; porque eu sou malufista. Então, porque lá onde a minha família ganhou foi o Maluf que deu. Então, eu nunca fui – tirando p presidente Lula – eu nunca fui com a cara do PT não. Agora que eu vou mais, com o presidente, com a Dilma, porque eu acredito nela. Aí sim. Mas eu não tinha simpatia pelo PT não. [Favela] É Singapura, e é muito bom lá. As pessoas de lá tem endereço, tudo. Minha família tá muito bem; conseguiu muitas coisas. [Sobre você morar aqui] Ah, eles acham que eu não precisava ficar aqui. Eles vê aqui como a sociedade vê: bandido, maloqueiro, tem poucas famílias. Mas não é verdade. Então a minha família fala pra mim: “Nossa, vai demorar demais, é melhor você trabalhar, continuar morando...” Mas eu acredito, acredito! Eu acredito: eu sei que a gente lutando a gente consegue tudo. E eu sempre fui desse negócio de lutar, de ficar na frente. Porque eu conheço os meus direitos, eu quero lutar pelos meus direitos. [Leptospirose] Então, eu voltei pra casa da minha mãe. [Cotidiano] Eu saí pra trabalhar; faço os meus trabalhos voluntários, porque eu sou coordenadora; e assim eu: eu trabalho normal, de segunda a sábado. Aí eu chego às 5 horas, se tiver alguma coisa para eu resolver, aí eu vou para as minhas reuniões de coordenação. [É difícil ser coordenadora?] Foi no começo. Hoje tá uma maravilha. Se eu sair da coordenação, quem ficar não vai ter nada pra fazer, porque tudo fui eu que fiz: luz, água. Foi eu que trouxe tudo pra cá. Eu ajudo os moradores também, mas é assim: eu que cheguei, fui e comprei, comprei as coisas, porque ninguém tinha o dinheiro pra comprar na hora. Foi muito caro a fiação, né. Aí eu comprei com o cartão. Muita gente

foi embora sem me pagar. Essas coisas assim. Mas agora tá uma maravilha, porque a gente tem a água, a luz. O nosso banheiro, acho que é o único andar que tem descarga no banheiro, banho quente. Nosso banheiro é limpinho. Nosso andar é o mais limpinho, tirando esse vazamento que tá... o nosso é o mais organizado. Trabalho de todos, né. [Por causa da sua coordenação?] Aqui não tem confusão, é só famílias. Cada um se dá... cada um respeita seu espaço... aqui não tem muito aquele negócio de amizade, de fofocar, que dá muito. É cada um no seu espaço. Eu falo cada um tem que chegar na sua casa, descansar, bater na minha porta se for necessário; e eu bato na do de outro morador só se for necessário, também. Aí eu faço reunião de andar uma vez por mês. Não, a gente fala de como é que tá a limpeza, é, se tiver barulho, confusãozinha com os vizinhos assim. Aí a gente vai, cada um pega a sua cadeira. Senta tudo. [Todos os coordenadores andares fazem isto?] Todos. Quase todos os andares só... porque tem muito coordenador que entrou agora. A gente entrou em outubro e em novembro eu já era coordenadora. Eu fui a primeira... de todos os brocos “A” e “B”, começou por aqui. Eu fui tirada pela Neti, a Carmem e os moradores que tinha. Teve uma votação, aí eu e mais duas pessoas se candidatou a ser, e todos votaram em mim. Aí hoje também se eu quiser sair a pessoa que entrar tem que ser por votação. No andar mesmo, a pessoa vota. Se eu fizer alguma coisa de errado também, os moradores podem me retirar. Aí eu saio, tem punição se eu fizer algo de errado, assim, tudo. [Construir] Asssim, cada família comprou as madeiras e fez, né. Comprou as folhas, comprou os pregos. [Isso uniu vocês?] Muito. Hoje a gente conhece a história de cada um aqui. Aqui o pessoal – como eu te falei – velho, antigo, só tem eu e o seu Isaias, o resto é tudo novo. Então é assim: mais ou menos já passou umas três famílias já; tipo assim, tudo: aí sai porque troca de andar, porque desiste. Muita gente desistiu. É porque quando teve a primeira audiência e ia dar prazo pra gente sair, muita gente desistiu. Ficou com medo. Isso: desistiu porque teve medo. Aí outras não; outras ficou na luta aqui. Muitos desistiu por causa da altura [Nós estamos no último andar do prédio e, como é sabido, não há elevador], tinha problema de saúde, muito alto pra subir. Aí falou: “Não, eu vou lá pra baixo, eu vou desistir”. Desistiu. [E você que está grávida, não é difícil subir até aqui?] Muito. Muito. Muito difícil. A cada dois andares eu paro. Sempre tem alguém que ajuda, mas, às vezes, não tem. Então, o problema vai ser quando eu tiver o bebê. Porque quando eu tiver o bebê eu fico mais aqui dentro. O problema é quando eu tiver entre os sete e oito

meses eu não vou conseguir subir mais. Aí eu vou ter que ficar em casa de parentes. É, eu não queria, né, por causa da escola. Eu não consigo deixar; eu fico um dia fora e os vizinhos acha ruim. Então eu também vou me sentir... [Você vai se sentir culpada?] Eu vou me sentir, porque... Não disse não, porque aqui a gente tem as nossas normas, né; eu não posso mexer em nada de ninguém e ninguém pode mexer em nada meu. Então, pelo menos aqui nesse andar, um cuida do outro. Eu ensinei isso pra gente. Sempre quando eu tiver, eu vou, ajudo todo mundo; quando eu não tiver todo mundo zela o meu. [Licença maternidade] Não, não. Eu trabalho num salão mas é por conta, Eu alugo a cadeira. Então é assim, se eu for eu ganho, se eu não for eu não ganho. Não, não. Eu que faço o meu salário. Eu tenho as minhas clientes, eu pago por mês a minha cadeira; aí eu vou, se eu trabalhar eu ganho, se eu não trabalhar eu não ganho. [O se marido?] O meu marido trabalha em loja: vendedor de “video-game”. [Móveis] A maioria – quando a gente ocupa, a gente faz “shopping-rua”; então na rua, e pega coisas velhas – então daqui o que eu comprei foi a televisão e a geladeira; porque na verdade eu tenho tudo novinho mas eu deixei na casa da minha mãe; porque eu não quis trazer pra cá, né. Por medo, de sair, e ter que ficar correndo pra lá e pra cá com móveis. Então aqui eu consegui tudo: cama na rua, colchão, sofá. [Até geladeira?] Não, a geladeira eu comprei baratinho numa loja de móveis usados, fogão e bujão, o resto... É, eu comecei com duas bocas; as duas bocas eu passei pro seu Isaias, e aí e também dormia no chão, aí depois já consegui a cama. Quando eu cheguei aqui, eu cheguei a dormir no chão, né. Eu fiquei no chão, em papelão, eu, ele; depois eu comprei uma barraca; aí depois, que eu consegui comprar as madeiras, doeí a barraca. Aqui a gente ficava tudo (***), porque quando a gente chegou não tinha luz, né. Era tudo escuro mesmo. A pior escuridão que você possa imaginar. Todos os andares. A gente não podia ficar acendendo vela, nem nada. Então é assim, a gente ligava uma lanterninha e ficava um cuidando do outro. Tinha muito rato, muito lixo, entendeu. [Esse é um dos andares mais claros] Isso. A gente colocou. A gente pegou trauma da escuridão aqui, então a gente colocou bastante luz. A gente fica mais tempo com as luzes maiores igual têm lá no primeiro andar, aquelas bem fortes. (...) Eu gosto. Eu levo minha filha todo dia na escola, sai daqui 6 horas; aí depois ela sai às duas. Aí nesses intervalos eu vou trabalhar. Depois eu volto, pego, deixo ela com a menina do sexto andar. Eu não acho ruim não, porque tá dando, eu tô muito bem aqui. Deu pra levantar dinheiro, deu pra comprar um carro,

entendeu. [Sua vida melhorou aqui?] Melhorou muito, porque eu pagava 650 de aluguel. Desses 650, eu comprei um carro com prestações de 620. Paguei vinte prestação. Porque eu vou juntando, nunca pago só de uma, pago duas, três, entendeu. [Esse lugar que vocês pagavam era uma casa?] Não, era uma pensão. É um hotelzinho. Aí virou quarto. Era só um quarto e um banheiro. Eu chamo até de pensão, que era um hotel e aí virou aluguel. Aqui na Cásper Libero. [Existe ainda essa lugar?] Existe. Mas o aluguel virou 700 reais. Lá a gente não tem direito nenhum. A gente não tem direito nenhum. Lá é assim: não pagou é rua. O dono abre a porta e joga você na rua, porque não tem contrato, não tem nada. Que na hora que ela aluga ele fala que é apartamento mas na hora que você reclama seus direitos ele fala que é hotel. “Isso é hotel, você não tem direito”. [Contrato] Nada, nada, nada. Nada disso. Você dá o dinheiro na mão e assina lá um caderno e pronto. O dono tem, tem conhecimento com a polícia. Aí vem lá; eles dizem que é polícia, né. É, paisano; e bota a gente pra fora. Eu vi muita gente lá ser botada pra fora, ele arrombar a porta e botar o pé igual cachorro. Então aqui eu sou tratada com respeito; aqui quando eu cheguei aqui eu soube o que era ser humilde, porque eu morei muito tempo na favela e não sabia o que era isso. Então eu aprendi a ser humilde, eu aprendi as coisas que eu não sabia; eu era egoísta, eu queria trabalhar mas só pra mim. E hoje o que eu tenho eu divido com os outros. No começo, a minha cozinha era comunitária. Eu fui a primeira pessoa a ter fogão no andar, e todo mundo comia. As doze famílias comia na minha casa. Cada dia um dava uma coisa. Eu fiquei durante quatro meses sendo uma cozinha comunitária. E eu aprendi isso aqui, porque antigamente eu queria só pra mim. Não dividia um copo de água com ninguém. E hoje é assim: eu divido tudo que eu tenho. Tudo. Tudo! Então, eu sei que isso aqui eu vou levar para outro lugar, né. Então, eu vi outra pessoa fazer e eu achei bonito. Então eu disse: eu queria ser assim. E eu passei tantas coisas na favela mas eu não aprendi a ser assim; que minha mãe criava a gente dentro de casa. Era da escola pra dentro de casa. Era igual a um animal, assim trancada. Eu não podia conviver com as outras pessoas, então eu não aprendi isso. Minha mãe ensinou que tudo que a gente conversava era pra nós. E hoje eu sei que a gente tem que dividir. Porque eu não preciso ter tanto, entendeu, pra ser feliz. Eu aprendi isso. [MSTC] Então, enquanto existir pessoas sem moradia, vai existir movimento. Porque as pessoas falam que a gente invade. A gente não invade; a gente ocupa, aonde não tem nenhuma função social. Tá fechado, tá lá, se a gente não tivesse aqui ia tá os ratos. Assim,

mesmo que eu ganhe uma moradia, eu quero continuar no movimento; eu quero continuar ajudando. Teve muita gente que desistiu; mas teve muita gente que ficou, que já tem sua moradia e é coordenadora hoje. Mesmo se ganhe, ou não, eu quero continuar no movimento, ajudando, chegando nas pessoas e falando assim ó: “eu não tinha e eu consegui; você vai conseguir também”. Por isso que é muito importante pra mim ganhar; pra poder... porque minha família não acredita que eu vou conseguir; e eu sei que eu vou conseguir: tá tão perto. Muita gente conseguiu. Tá tão perto. E é assim, é um direito da gente... Eu digo que tá tão perto porque eu sinto. Eu sinto. O vento tá vindo tudo a favor da gente. O vento. Você sabe que o povo tem uma força enorme. O povo unido tem uma força enorme. Sozinho a gente não consegue nada mas com o povo a gente consegue tudo. Ninguém vai chegar – aí fora – e vai me dar uma moradia. Então se eu for na CDHU sozinha, eles não vão me dar; eles vão fazer um cadastro pra mim. Agora vai esse povo todo dia, então alguma coisa eles tem que fazer. O povo tem que aprender abrir a boca e lutar. [Mulheres] Porque as mulheres têm mais força pra lutar, as mulheres têm mais tempo, as mulheres no movimento, elas não têm medo de dar a cara. E os homens não. Nem todos. Mas não sei se os homens têm vergonha. Pelos menos as mulheres daqui que eu conheço, eu quero ser como elas. Vai na frente, não tem vergonha. Eu quando vim morar aqui eu tinha vergonha de falar pros meus amigos que eu tava aqui. Hoje eu não tenho, mas no começo eu tinha. (...) Então, sobre o movimento eu tenho muito que aprender ainda pra poder falar. Sobre a minha vida, vai ser uma coisa que eu gostei, né, e que eu nunca vou esquecer. Quando minha filha crescer, eu quero que ela cresça no meio, do movimento, do social; que ela cresça e que possa tá ajudando outras pessoas também. Porque eu quero ficar até o fim, não quero parar não. Meu sonho é a casa própria mas eu... [Não quer renunciar de sua experiência aqui] isso, com certeza. Por mais que eu ganhe a moradia, eu sei que foi por causa do movimento, porque a gente lutou. Aconteceu coisas ruins? Aconteceu. Mas, Nossa, aconteceu *muitas* coisas boas. Antigamente eu não sabia nada sobre o social, assim, sobre os direitos. Sobre as coisas boas da vida, e hoje eu vou sair daqui sabendo. Eu posso chegar ali e falar, eu tenho os meus direitos, eu aprendi isso com a Neti. A cobrar os seus direitos. Em tudo! Não é só moradia, aonde eu for eu sei que eu tenho os meus direitos. Antigamente eu era assim muito leiga. Eu não sabia chegar num lugar, eu não sabia o que falar. Hoje eu sei. Eu vou em qualquer lugar a pessoa tem que me escutar, entendeu, porque

eu tenho os meus direitos. Em qualquer lugar: em banco, em shopping, se eu tiver bem vestida, mal vestida, eu sei que eu tenho que ser bem atendida igual a qualquer outra pessoa que tiver lá. Isso eu aprendi aqui. (...) foram espera eles na rodoviária, aí de lá encaminharam eles pra cá. Hoje eles estão aqui. Agente ajudou eles. Quando tem uma pessoa assim, que tá precisando muito, o que que a gente faz: tem a reunião de coordenação para isto. Não é só pra discutir o boletim, é pra saber quem tá precisando pra gente ajudar. Entendeu? Se tiver uma pessoa doente; tem muita gente com tuberculose por causa da friagem. Aí a gente encaminha para o hospital; a pessoa não pode dormir no chão, tem que se alimentar. Tipo aqui no meu andar, uma boliviana, eu ajuntei dinheiro para ela voltar para a Bolívia. Ela chegou aqui para trabalhar, e era trabalho escravo, aí ela falou pra mim: “Na verdade, eu não quero ficar aqui, eu quero ir embora”. Eu fiz um abaixo-assinado, aqui, no bairro, na rua, e consegui o dinheiro pra ela ir embora. Ante de ela ir embora, eu tava indo de andar em andar pedindo comida, pra ela comer, entendeu. Aí a gente conseguiu fazer uma cesta muito grande, e ela ficou aqui um tempo, depois ela quis ir embora. [Eu entrevistei uma boliviana aqui que também foi escravizada] Eu conheço ela, tem uma filha e um bebê. Os próprios bolivianos escravizam. Os bolivianos trancam os que vêm pra cá, deixam sem comida. Eu conheço vários, tanto que na minha família tem bolivianos. A família do meu marido hoje vivi bem, de costura, mas quando veio pra cá sofreu muito. Mas com coreano, com judeu, assim, né. Mas hoje eles têm a própria oficina, mas trabalha só com a família. Meu marido, há alguns anos atrás, ainda sabia costurar, sabe mexer com todas as máquinas. Mas depois ele começou a trabalhar com brasileiros. Mas ele ganhava, ganhava até bem; é tipo assim, é de família, eles não pega pessoas já pra não dar esse problema, assim. [Matéria do Diário Popular] Por isso que é bom você falar, porque é assim: no começo tinha muita gente fazendo entrevista, “olha, eu sou arquiteto”; teve um menino aí que me deu um presente, um livro que ele fez daqui. E assim, ele mesmo levava a sério, e eu fiquei com muito medo, porque de todas as coordenadoras, ele escolheu eu pra ajudar ele. Eu fiquei durante um mês ajudando ele. E ele não é brasileiro; ele falava espanhol, aí como eu falo, aí ele então pediu a minha ajuda. Fiquei com medo de ele ser desses jornais, que vão falar mal. Depois ele fez o trabalho dele, ficou muito bonito, aí ele me presenteou com um. Mas tem muita gente que vem aqui sério fazer um trabalho, com tem muita gente que vem aqui só saber se as famílias pagam ou não, entendeu. A gente não

paga nada; a única coisa que a gente paga é uma contribuição de 50 reais. Que é para pagar os porteiros, para instalar as câmeras. Porque é assim ó: o fio daqui quem colocou é as famílias, mas quem pagou foi a coordenação; foi com dinheiro da coordenação. Por isso que é importante; a gente tem uma lista de material de limpeza, aí todo dia tem uma... Mas eles colocam que a gente tá pagando, que esse dinheiro não tá sendo usado pra nada. É como eu te falei: se eu não acreditasse, eu não tava aqui. Como eu trabalho, meu marido trabalha, dava pra continuar vivendo em pensão, ou apertar mais e viver num apartamento. Mas eu acredito, eu confio, eu vejo. Ainda mais agora que eu tô na coordenação de andar, eu vejo como que é limpo esse negócio, entendeu. O jornal falou que morava trinta famílias. Não é verdade! Todos os andares estão ocupados. Eu também ficava cismada, você viu que eu te abordei? A gente que é coordenador de andar é responsável, se vem alguém tirar foto, ele pede pra mim e eu pergunto: “você tem autorização de subir?” “Tenho”. Aí eu ligo e confirmo; igual eu liguei para a Maria e confirmei. Ela falou: “Sossegado, pode dar”. Tem muita gente que fala. Os porteiros é novo, aí entra e começa tirar foto da nossa casa, da nossa vida. Invadindo a nossa vida. E nós temos famílias. Aí depois, não tá autorizado nem nada, porque vocês não me ligaram? É por isso que tem coordenação. Então a gente tinha que ter confirmado mesmo. [Não é qualquer pessoa que entra num prédio nos Jardins, por exemplo; tem que se identificar etc., não é por que o “Prestes Maia” é uma ocupação que todo mundo pode entrar] Muita gente quer entrar sem querer mostrar documento, tem que respeitar. Isso daqui não é uma baderna, como eles acham. Aqui, se você quer saber, depois das 10 se eu sair e eu não falar “eu vou num hospital, vou trabalhar”, eu não entro. Teve dia assim que eu fui pr’uma festa, a gente foi pra balada assim, aí o porteiro falou: “Olha, eu não posso liberar porque a coordenadora tá e se eu te liberar amanhã eu levo bronca”. Então eu respeitei, voltei e dormi num hotel. Aí até depois eu pedi desculpas, porque eu sei que depois das 10 a gente não pode entrar. Já teve vez que eu fui pra um hospital e falei; mas tem que avisar. “Tô indo para o hospital, não sei que horas eu volto”. “Então quando você voltar, você entra”. Mas é assim, é a norma. (...) Então, hoje quando tem reunião executiva – vai ter agora duas, tem uma da “executiva”, às 5:30, que é só pra coordenação, e, depois, tem uma que é pra todos, às vezes, essa daí pode, mas você tem que falar qual é a sua proposta; aí todos têm que aprovar. Hoje quem aprova não é só a direção, mas todos os coordenadores. Você fala, “eu

quero fazer isto...”, aí a Neti passa pra gente, e ela fala o que que ela acha e a gente fala também. Porque é igual ela falou, a gente aprova sim mas tem que ser bom pro movimento, se não for pra quê; porque a gente perde o nosso tempo e você também. Ninguém fala o que a gente tem que falar; a gente fala o que pensa. Você não é o primeiro que vem me entrevistar. Uma vez uma mulher veio aqui e eu disse, “você quer juntar todo mundo ou quer falar com cada um”. Ela disse: “Eu posso escolher?” “Claro, você pode escolher” Aí ela falou, “ah, então eu vou de casa em casa”. Aí, umas pessoas quis dá outras não. Eu já fiz algumas vezes, outras não, porque eu tava ocupada. Hoje eu fui pro hospital – estou fazendo pré-natal – aí... mas tem vez que eu chego assim e tem que fazer comida, cuidar da roupa da minha filha, do meu marido, às vezes, vem cliente aqui fazer o cabelo... [Do prédio?] Do prédio mesmo. Conhecidas. As clientes que vai no salão às vezes vem aqui, porque lá eu não posso cobrar mais barato. Aqui eu posso, porque eu não pago luz, não pago água; e cobro bem baratinho. E é isso. Eu acho que até o final do ano eu vou tá dando aula de cabeleireiro, de manicure, de maquiagem. Eu e outras três que tem aqui que trabalha em salão. A gente vai tá dando aula duas vezes por semana e fazendo também de graça pro pessoal; cortar cabelo, unha, essas coisas assim. [Creche, vocês não pensam em fazer?] Pensa, a gente tem projeto, né. Quem pode te responder mais é a coordenação, porque é projeto deles, mas eu sei que vai ter. Vai ter meio que um pronto-socorro para acidentes leves, pra remédios. Vai ser tudo doação, pra dizer a verdade. Assim. Teve muita gente que veio e prometeu que vai tá ajudando com isto. Mas a gente tem médico que vem aqui ver a gente; tem os meninos do SUS que vêm aqui, agente de saúde. Então, dá remedinho pra gente pôr n’água, tudo. Vem os médicos examinar. Eles vêm aqui, passam em cada família, perguntam como a gente tá, se tá passando no médico... então, pra gente ir lá marcar consulta. Eles fazem um cartão pra gente aqui, né, com endereço... porque se a gente for no posto a gente não conseguiria fazer uma ficha lá porque tem que morar na região, entendeu. Então eles vêm até aqui faz, no caso, a relação, e traz o “cartão da família” pra gente. Então a gente pode ir lá, marcar consulta, receber os remédios, tudo. Então é bom. [Religião] Sim. Sou evangélica, da Universal. Meu marido também, ele é evangélico. A minha família é da Assembleia de Deus; só a gente que é da Universal. [L. me mostra o livro do estudante de arquitetura da FAU-USP. É um livro de ilustrações, feitas pelo próprio estudante, que retratam o prédio, os apartamentos e mesmo alguns

moradores]. Esse aqui é um desenho das pessoas, na verdade ele fez com a mão, né. [Um trabalho de...] Faculdade. Aqui é um mapa. É muito bom. Ó o prédio. Aí ele desenhouna minha filha... Então esse daí foi trabalho pra faculdade. Aí depois ele fez um livro mesmo, um livro mesmo. Aí ele foi viajar pra falar sobre o livro. Tem todos os andares, as casa... Ele desenhouna duas casas, a minha e a do Roberto, que é coordenador do outro bloco. Isso daí é a escada. Aí ele fez um trabalho assim: como era; e outro, como deveria ser. Ele fez escrito, e ele fez também como deveria ser: todo o prédio reformado pela Caixa. Como deveria ser: todo reformadinho, com os apartamentos... Como vai ficar; aqui é uma varanda; aqui é (***) ... ó minha casa aqui; isso aqui é parede, ali é a geladeira, lá é o quarto. Ele ficava rabiscando, eu pensava o que que vai sair daí; ele ficou um mês pra desenhar os dois prédios. Aqui é as pessoas que ele desenhouna: aqui é o porteiro, o seu Paraíba; aqui é uma menina do “Bloco A”; aqui é o seu Pedro... [Por quê ele não está mais na portaria?] Então, ele quis sair porque ele arrumouna um emprego fora, que vai registrar. Ele fez com muito carinho, chama-se “911 (***)”. Ele virouna meu amigo, a gente se fala pelo MSN; muito legal ele. Ele ficou um mês, andando pra lá e pra cá. [I. passa e se despede: “Então, Jean, estou à sua disposição”, I.]. Vai lá trabalhar, seu I. Bom trabalho. [“Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo, é tudo jornal capitalista!”, I.]. Tchouna, seu I. Eu falo muito e ele fala demais, então quando a gente se junta... Tchouna! [Boa sorte!] Obrigada.

[Entrevista 23]

Todo lugar tem gente... Até o filho de rico, filho de juiz que, você vê, às vezes, se envolve com drogas, que anda com más companhias... Então, eu tô aqui pra reivindicar a minha moradia. A gente; nós temos um salário baixo, que que acontece, a Caixa, se você for fazer um financiamento particular, você tem que ganhar cinco salários mínimos. E não tem como ganhar cinco salários mínimos trabalhando em casa de família. Então, eu agradeço a Deus por ta aqui, na nossa luta; a gente tá lutando, a Neti tá lutando junto com a gente, chamando atenção da sociedade, pra ver se... A Neti, a nossa presidente do movimento, ele é super-gente fina, se tiver alguma coisa errada ela chama na chinha: “Se você não quer fazer a

luta, então vai embora, porque aqui é pra quem tá na luta”. Então nós estamos aqui com a finalidade de cada um pegar a sua moradia decente. Porque, você acha justo, aqui nós moramos em onze pessoas: todo mundo num banheiro só. Você não quer ter um quarto, banheiro, sala... Então é um direito nosso. Tá no estatuto. Nós já fomos na prefeitura, cobramos isso do Kassab; há um ano e meio atrás ele nos garantiu... que que ele fez, depois ele voltou atrás; ele falou que não, porque não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê; começou a colocar um montão de obstáculos. O que que a gente fez? Voltou e ocupou o Prestes Maia de novo. Que na ocupação passada, que teve, que o pessoal foi atendido, muita gente não pegou o apartamento. Por quê? Porque foi limitado. Foi por isso que eu voltei pra cá. Eu não peguei porque – a Neti teve que fazer uma cópia – porque na verdade era pra todo mundo, mas muita gente não foi atendido. Então o que aconteceu? Eu fiquei no “Parceria social”, no “Bolsa aluguel”, só que a prefeitura não tava depositando os 300 reais que era do proprietário (***). Eles começam a depositar assim: um mês, dois, três, quatro! No quinto em diante eles começam a avacalhar, fica um mês, às vezes, fica dois mês... Então que que eu fiz? Eu tava pagando do meu bolso quando a Neti falou: “Então vamos voltar para o Prestes Maia. Aí nós fizemos uma reunião no Martinelli, e daí a gente decidiu voltar pra cá, pra ver se a gente consegue. Em outubro agora vai fazer um ano. Eu tô aqui desde a primeira semana. Fiquei tipo uma semana sem sair. Fiquei aqui que nem uma mendiga, aqui. Ficamos no escuro, sem água, nesse prédio; a gente subiu, foi limpando andar por andar. E hoje nós estamos aí: a finalidade é essa, ficar todo tempo na luta, pra ver se vamos conseguir, né; porque, acho, que é um direito nosso. [Eu tenho certeza que é um direito de vocês...] Meu nome é C., eu tenho 37 anos, tenho um filho, que mora com minha mãe na Bahia, vim pra cá pra trabalhar e não... É, eu nasci na Bahia mas eu trabalho aqui há 21 anos. Praticamente, eu sou paulistana. Sou doméstica; sou empregada doméstica. Quando eu cheguei aqui eu morei em vários quartos de pensão. Pagava 500 reais, pagava 600 reais, a minha última eu cheguei a pagar 500 reais numa quitinete. Aqui no Largo do Arouche. Aí eu fui para uma quitinete, mas o aluguel da quitinete começou a subir. Aí o dono me pediu 700 reais, aí eu peguei e fui pr’um quarto de pensão. Aí fui pagar 500 paus num quarto de pensão. Eu ganho 1200 reais, em casa de família. Meu salário básico é de 1200 reais. [Violência na pensão] Ah, sempre tem, em todo lugar tem. Sempre tem um que no meio de dez você tira um. Mas em vista de muitos quartos de pensão que eu já morei,

aqui tá bem melhor. Pago uma contribuição pro movimento e com o resto dá pra comprar uma geladeira; você pode começar a comprar uma televisão, porque num quarto de pensão não sobra dinheiro pra comprar. Você paga aluguel; você tem que comer; você tem as despesas do seu filho. E fora isso, eu aqui, graças a Deus, eu já consegui muita coisa; tô arrumando meus dentes, meu tratamento ficou caríssimo; tô conseguindo porque... Apesar que lá fora a gente tá excluído da sociedade, né, todo mundo lá fora te olha com os olhos, mas... Eu acho que o que manda é o ser da gente, que, graças a Deus, eu entro em qualquer lugar; graças a Deus, eu não tenho problema nenhum, polícia, com ladrão, entro em qualquer lugar. No dia de nossa ocupação aqui teve dois policial que me conheceu. Então falou assim: “Não, dona Cleuza, tem que ocupar mesmo, tem que lutar pela moradia!” Porque nós temos nossos direitos, tá no estatuto, tá no estatuto do governo. E o Kassab teve aqui nesse prédio. Teve, teve. O Kassab teve aqui, apertou a mão de todos os moradores, conversou, falou bonito, né, com aqueles olhos dele de gato. “Não, olha, nós vamos ver, nós vamos ver”. A gente tava na escada. “Seu Kassab, a gente quer uma moradia decente; a gente não quer morar de graça, nós quer pagar o preço justo: o valor que a gente quer pagar é o que nosso salário comporta”. E ele falou: “Eu concordo com você, tá certíssima. Você ganha tanto, você pode pagar tanto”. Foi o que ele falou. Você pagar uma moradia digna, aquilo que tá ao seu alcance. Você tem que comer, sobreviver, ter acesso à cultura, mas, você ter um lazer, porque não é só você pagar aluguel. [Filho] Tá lá com minha mãe por que ta estudando numa escola particular; minha mãe tá pagando. Então eu prefiro deixar ele lá. Porque o ambiente aqui não é bom pra criar filho. O ambiente aqui (***) A gente sozinho agüenta qualquer luta. Tem, tem muita criança. Tem muita criança que estuda, que os pais são esforçados. Sabe, aqui tem muita gente boa. Muita gente boa mesmo. Sabe, mas eu agradeço a Deus por eu estar aqui e eu vou conseguir o meu espaço. [Partido] Olha, partido é o partido Manoel Del Rio, que ele tem estado do nosso lado, qualquer coisa ele tá aqui, para o que a gente precisar, dá um apoio pra gente. Ele dá apoio pra Neti. Então o partido é o mesmo que o dele, né. Claro, a gente apoiou aqui a Dilma. Apoiou também a Marta. Ela veio aqui, conversou com a gente e tudo. Então o nosso partido... eu não sou ptista mas pra favorecer o pobre o PT é o melhor. Olha, não é puxando o saco, mas faz parte. Então, e o doutor Manoel Del Rio já levou nós pra Brasília, já conversou com a presidente. A Neti já foi pra Brasília, a Jô Maria... Então, representa a gente, falou no nosso

nome. [É difícil ser coordenador de andar?] É. Porque sempre tem um morador que te dá trabalho. Aqui agora tá suave mas sempre tem um probleminha aqui, outro probleminha ali. Então é isso. Hoje eu fiquei o dia inteiro aqui, consertando o chuveiro. A Neti falou que todo mundo tem que ficar unido e conquistar a sua moradia definitiva. Então é isso: eu quero uma moradia definitiva. Sabe, pagar uma coisa que é justa. Eu quero ter minha moradia decente. E assim vai. A meta de todo mundo aqui é isso. É sair daqui para sua moradia. É tá todo mundo lutando aqui, porque não é fácil. Subir tantos lances de escada, a gente paga um preço, a gente chega aqui com os bofes pra fora. [Religião] Frequento a igreja de crente, a Mundial. A gente tem que ter muita fé em Deus, porque não é fácil. “Não porque são tudo um bando de vagabundo”. Muita gente lá fora fala isso. Vem muita gente aqui oferecer cesta básica. A gente não quer cesta básica; a gente não tá atrás de cesta básica. O que a gente quer é uma moradia decente, e que dê pra gente pagar. A gente não quer nada assim de graça. Porque tá no estatuto que todo mundo tem direito de ir e vir e uma moradia decente. Ninguém quer nada de graça. [Centro?] Olha, pra onde sair eu vou. Eu tava conversando com a Neti, pra mim onde sair eu vou, poder ser na Cidade Tiradentes, pode ser na... Eu trabalho na Avenida Paulista. Mas hoje tem ônibus pra tudo quanto é lado. [Periferia] Pode ser, eu quero minha moradia. Centro? Querer a gente quer, mas nem sempre a gente tem tudo que quer, às vezes, as condições não dá. Então, eu pra mim, aonde sair eu vou. Pode ser na Cidade Tiradentes, pode ser... aonde for eu vou. Já falei com a Natei, aonde for. A preferência que eu tenho é estar na *minha* casa. É o desejo de todo mundo *estar na sua casa*; você chegar e ter uma moradia digna, pagar seu imposto digno, entendeu, e você viver dignamente. Que infelizmente, mas você mora aqui, e quando você sai pra fora, “olha, mora ali ó”; ninguém viu que você trabalha, você corre atrás de suas coisas... Tem, a maioria, os meu colegas, inclusive meu patrão não sabe que eu moro aqui. Ela pensa que eu continuo morando numa quitinete. [E se ela soubesse?] Ela não ia gostar. É que ela é juíza. E por ela ser juíza e o meu patrão também é juiz, então fica um pouco difícil. Então a gente não pode, assim, às vezes, falar um nome, entendeu; a gente tem que entrar e sair e não falar, porque ele é um juiz... Eu trabalhei com o pai dele, com a mãe dele, e hoje eu tô trabalhando pra eles. Então, tem vezes que ele passa por mim dez vezes e não fala; às vezes, que ele tá com uma pilha de processos e ele não pode falar; e a gente que trabalha lá – eu trabalho lá há 21 anos e já sei – então... [Você é registrada] Sim,

tudo certinho. Lá nós somos em duas empregadas, eu sou a governanta. Eu que mando e desmando lá na casa. Eles não estão aqui, eles estão lá pra Nova Iorque, que eles não podem ficar assim, andar à vontade... É, e o juiz tem uma vida privada. É uma profissão assim que ganha bem mas não tem liberdade. Onde você vai você tem que ir com segurança, como ele: ele não dispensa segurança. Então, fica chato eu chegar pra ele e falar: “tô morando numa ocupação, no Prestes Maia”. Têm coisas que o patrão não precisa saber. Que manda é seu serviço lá dentro: se você tá trabalhando, sendo honesta; se você tá ganhando seu dinheiro dignamente. Ele sempre fala pra mim: “Tudo bem, a senhora tá precisando de alguma coisa?”. Eu já viajei para a Bahia, ele me deu a passagem de presente de Natal, de Ano Novo. Ele me dá a passagem ida e volta; vou e volto de avião, entendeu. Então têm coisas que não precisa falar pro patrão, não é verdade? Você trabalha, você paga as suas contas. Ele pensa que eu moro... outro dia eu tava conversando com a Neti, a Neti falou: “Ah, Creuza você é demais”. Eles não sabe que eu moro aqui. É porque é aquilo que eu te falei, este é o espírito da sociedade. “Puxa, Creuza, não acredito, você trabalhou na minha casa esse tempo todo! Você ta morando lá. Não, vamos fazer alguma coisa, vamos financiar”. Porque uma vez, há cinco anos atrás ele me propôs se eu quisesse fazer um financiamento e ele ia descontando do meu salário, usava meu fundo de garantia, mas eu não quis. Porque eu quero ter uma casa porque eu lutei. Mesmo que não seja bom, é importante. Eu prefiro tá na minha luta. Creio muito no Senhor Jesus. Eu quero ter a minha moradia não importa aonde. Hoje tem ônibus pra tudo quanto é lugar, trem; tem metrô. Então para mim eu quero conseguir mas eu lutando. Porque senão a sua vitória não tem aquele sabor de... Sabe assim, você tem que ter aquela vitória com sabor de puxa vida eu lutei pra conseguir isso. Passei por isso, fiquei sem água; ficamos no escuro, ficamos aqui três dias seguidos sem tomar banho, sabe, com aquele cheiro, porque não adianta falar que não fica, porque fica sim. Nós ficamos aqui uma semana, eu fiquei três dias sem tomar banho. Nós ficamos numa cozinha coletiva lá embaixo. Foi, Nossa, muito difícil. A Neti falou assim: “Não vamos nos desanimar!” Ela sempre tava aqui com a gente. A Neti, o Manoelzinho. Nunca o Manoel Del Rio, sempre; “olha, nem vou te dar um abraço que eu tô sem tomar banho”; ele falou: “Jamais, vou te abraças sim! porque você uma guerreira, só o fato de você está passando o que você está passando aqui, a sociedade lá fora não tá vendo; mas eu tô vendo o que você está passando aqui”. Porque filhinho de papai ganha tudo de

mão beijada e a gente tá aí, graças a Deus, todo mundo lutando. E assim nós tamos indo. Nós pegamos isso aqui com rato, barata, nós ficamos aqui uma semana tirando as talboas. Nós limpamos tudo. Muita das vezes a gente comprou a madeira; subia com a madeira, entendeu. Subia com a madeira, a gente foi trazendo a madeira lá debaixo; pegamos a madeira na rua e fomos trazendo. E fomos fazendo nossos barracos bonitinho. Tá tudo pintando. Veja como ficou aqui. A gente colocou um tanque. A gente colocou um tanque, tá vendo aqui ó. Ali a gente colocou uma tela. Tá vendo. Os barracos aqui tudo fechadinho, bonitinho. Então é isso. [Isto união vocês?] Ah, sim! Cada veio, escolheu se espaço, olhou seu espaço. No começo é como eu falei, eu fiquei aqui dois meses no escuro. Eu: eu morava aqui sozinha e um morador lá, que era um africano que morava lá. Não tinha mais ninguém nesse andar. Aí era tudo escuro, a gente tinha que ficar com lanterna. Fiquei dois meses aqui. Então, cê viu que tava aquela bagunça de pó, poeira, então. Então, você viu, né. O pessoal foi pegando madeira de outros andares pra ir construindo. A gente foi limpando isso daqui, e hoje tá assim. Cada um tem seu dia de lavar o banheiro. Cada um aqui, cada um faz seu dia. Cada um já sabe o seu dia de fazer; lavar aqui, de limpar as escadas. Você lembra da outra vez? Então, continua o mesmo sistema. O sistema da Neti, do Manoelzinho, continua até hoje. Tá do mesmo jeito que da outra vez tava. [Chegou a participar do “shop-rua” ou não?] Não, não cheguei a participar. [Cotidiano, televisão] Assisto. Eu gosto de assistir o jornal e o Pica-pau (risos). Eu gosto do desenho do Pica-pau. [Novela] Não. Vou te falar a verdade, é porque a televisão aqui não pega todos os canais, tem que comprar aquele (...) Isso! Então eu ponho nos canais que eu assisto: hêhêhê hêhêhê [imita a risada do Pica-pau] o dia todo! (Risos). Não, é o meu passa-tempo favorito; de vez em quando eu assisto o jornal, que é o canal 42, 62 também. Eu gosto da Sheeha, eu gosto do He-man... [A sua vida aqui melhorou?] Ah, sim, financeiramente. Você vê, um quarto de pensão tá 400, 500, 600, 700, e aqui é a contribuição que você sabe. Às vezes, você quer comprar um livro, ler um livro... E é só assim, porque as coisas não é fácil não. Pro pobre é tudo mais difícil; o rico não tem dificuldade com nada. O pobre que tem dificuldades. Se você tem dinheiro, você tem tudo a seus pés. Mas eu tô grata. Eu agradeço muito a Neti ter me chamado aqui de volta, né; como eu não consegui pegar o apartamento, eu tava em estado de separação, e não podia sair nem no meu nome nem no nome dele. Porque na época eu não tava em divórcio mas eu peguei 1800 reais e fiquei na “parceria social”. Aí

agora eu quero lutar, não quero mais nada, eu quero a minha moradia. Mas é isso aí o que eu tenho pra falar pra você. [Algo mais a acrescentar?] Não, tá de bom tamanho.

[Entrevista 24]

H.. Tenho 13. Belém do Pará. Só estudo. Eu vim pra cá era 20 de dezembro, acho, por aí, ano passado. A gente morava na Zona Sul; da Zona Sul, a gente veio morar aqui no Brás; aí depois a gente ficou sabendo daqui. A gente veio e se mudou pra cá. Zona Sul, Sampa; é um bairro. No Brás, era uma pensãozinha pequena, só um quartinho mais ou menos. Nós somos em quatro: meu pai, minha mãe, eu e meu irmão [que é mais novo]. [Aluguel] Ah, uns 500 reais. [Vocês dormiam em beliche?] Não, a gente dormia no chão. Quando a gente se mudou pra São Paulo, meus pais moravam na casa da irmã de minha mãe. Aí a gente foi e se mudou pro Brás. Aí a gente se mudou pra cá e foi comprando cama, beliche, essas coisas. Meu pai é fornecedor e minha mãe é faxineira do SESC. [Fornecedor?] De carregador, de bateria de celular, tipo essas coisas. Eu vou pra escola de manhã – eu e meu irmão. Meus pais chegam umas cinco ou seis horas. [MSTC] A irmã da minha mãe tinha um amigo que falou daqui. Ele perguntou: “Quanto vocês pagam de aluguel?”. Ela falou, uns 500 reais, quinhentos e pouco. Ele falou: “Olha, tem um MSTC ali no centro, ele vai para o Prestes Maia”. A gente apareceu no Prestes Maia; aí a gente perguntou: “Quanto é de aluguel?” Ele falou: “50 reais”. A gente foi, procurou, procurou, até que a gente encontrou no final da noite. A gente ficou a tarde inteira, encontramos só à noite. Até que a gente conseguiu falar com o pessoal e eles conseguiram a vaga pra gente. Aí depois de mais duas semanas a gente se mudou pra cá. Construiu, e aí a gente veio pra cá. A gente participou da construção. Morava a gente aqui, o João [coordenador], e depois foi chegando ela, a senhora daqui – que hoje em dia ela não mora mais aqui; mora do outra pessoa –; aí foi chegando a mulher aí do 3; foi chegando todo mundo. Quando a gente chegou aqui, tava tudo destruído. A gente foi, pôs tudo em sacola; era só lixo. Tinha bicho morto. Pusemos em sacola; fizeram um mutirão e desceram tudo lá pra baixo. [Foi difícil?] Foi. Eu não participei, eu fiquei com as crianças em um andar e os maiores foram descendo com o lixo.

[Vocês compraram os móveis ou fizeram o “shop-rua”?] Ah, fizemos isso daí, “shop-rua” mesmo. (Risos). Algumas coisas foram compradas em móveis usados, outras foram em loja mesmo, tipo fogão, essas coisas. [A vida de vocês melhorou vindo para cá?] Melhorou. [Cotidiano; televisão] Durante à tarde, a gente, eu e ele [o irmão], gosta de escutar música; a gente fica assistindo a Mix, no 14 [canal]. E de noite, eles chegam, e gostam de assistir esporte, jornal. [Novelas] A gente assiste, mas na hora da novela a gente já tá dormindo para ir para escola.

[Entrevista 25]

Primeiro eu quero falar de você. Como é seu nome? Ô, Jean, você trabalha em que universidade? A USP? Geografia? Tá. Não, se for jornalista, eu tenho o maior prazer em falar, porque é o seguinte: é assim ó, eu acredito... Então você está fazendo o mestrado lá? Doutorado, ah, parabéns! Não são todos que conseguem, né. [É, no Brasil, são poucos] As pessoas assim: elas dão prioridade às coisas mais básicas. Porque, às vezes é assim, Jean, a pessoa quer realmente, né. O que adianta ter um título, se falta outras necessidades mais básicas, que é moradia, que é saúde, lazer... Eu tenho uns amigos que se esforçam para ter um título, sem ter resolvido àquelas necessidades, e depois acabam sem uma coisa nem outra. E quantas pessoas que querem almejar um curso superior e depois se descobre com um câncer, originário exatamente do tempo que ela estudava. Às vezes a pessoa – não é só por *stress* não – a pessoa ela não tem condições nem financeira nem psicológica e nem condições de tempo. Aí ela renuncia tudo isso e da prioridade ao estudo, porque, acredita-se que esse estudo vai proporcionar tudo isso que ela não tem. E é uma fantasia. Porque nem sempre proporciona... Eu tô falando isso por experiência própria, que eu já tenho na família, de pessoas que deixou de ter um lazer, deixou de ter uma boa alimentação, deixou de ter até mesmo habitação, também. Às vezes, você renuncia tudo isso pra poder fazer uma faculdade – principalmente em tempos anteriores, que era muito mais elitizado fazer uma faculdade; hoje não, que surgiu muitas faculdades particulares, que o leque se abriu. Mas até em então, as pessoas renunciavam tudo para fazer uma faculdade, porém quando se formavam descobriam-se que estavam doentes. Muitos casos, eu vejo os meus primos; é,

mexe com tudo mesmo, você vê pessoas por aí que estão doentes. Poucos conseguem chegar da forma que tão chegando. Ah, isso não, porque é genético. Também! Mas muitas pessoas – tem um caso mesmo na minha família – uma pessoa que ela se formou. Ela conseguiu com muito custo fazer odontologia. Aí o que foi que aconteceu? Ela se (***) e foram fazer uma pesquisa e descobriu-se, né, nessa pesquisa, uma pesquisa mesmo, não é, um pesquisa, e descobriu-se que isso era pelos hábitos alimentares. Uma pessoa que morava... inclusive isso daí foi um professor também que fez essa pesquisa, e eu fiz parte dessa pesquisa. Pessoas que moravam num república, com poucos recursos, não podia se alimentar direito (...) Muitas das vezes, Jean, eu quero saber, porque pra mim é o seguinte, pra mim, é muito importante saber uma posição científica. Eu estudei e eu não sei se o estudo, porque é assim ó – ontem mesmo eu tava conversando com uma grande amiga minha; ela falou assim: “Nossa, às vezes, você conhece uma pessoa, né, que ela fala, ‘não sei como você tem coragem’, – porque isso daqui é muito marginalizado; por que é muito marginalizado, não só para a elite e o pessoal da classe média, até pro pobre mesmo! – mas o foco aqui, que eu quero chegar com você, é assim ó: eu tava conversando com uma grande amiga ontem e ela chegou e falou bem assim, né: “Não sei como você tem coragem, tal”. Eu falei assim; porque, às vezes você tem amigos, que hoje no Brasil aqui tá assim: você pega, você consegue comprar um carro zero. Então hoje ter um carro, até mesmo uma casa, apartamentinho popular, não é significa “estar-bem-de-vida”; não é mais sinônimo de “estar-bem-de-vida”. Antes você-ter-um-carro era sinônimo de posteridade, hoje não. Pode ser parcelado um milhão de vezes, entendeu. “Milhões” assim, figurativo; falando no sentido figurado. E eu cheguei e falei assim [na verdade, e ela, a amiga, que diz]: olha, porque você não pega seu salário que você tem e você não aluga uma casa, não financia uma casa... porque o banco dá uma carta de crédito; porque você não procura um caminho menos, entre aspas, menos *marginalizado*? Porque exatamente por esse motivo: chega um momento da vida que você procura, entendeu, é... você procura coisas sólidas. Às vezes, a pessoa se esconde atrás de uma fantasia. Um castelo de areia. Então, às vezes, você vê um cara num apartamentinho bonito, tudo pintadinho, cheiroso... Você vê o carrinho dele na garagem... Só que ele não tem uma qualidade de vida como uma pessoa tem aqui. É um contraste! É um contraste. Aí você fala assim: pô, mas aonde você quer chegar com isso; dá para você ter qualidade de vida morando num lugar desse aqui?! Depende, entendeu?

Depende. Às vezes, é melhor; porque, às vezes, a pessoa tá morando aqui, às vezes, ela tem condição de fazer as três refeições diárias; ela tem condição de deitar nessa cama aqui – numa cama desconfortável, aparentemente – só que ela deita, ela dorme as oito horas de sono bem dormidas. Se você não é médico mas você sabe que o sono é um requisito para você ter uma qualidade de vida, entendeu. Você dorme as oito horas de sono; por quê? Porque você fez suas três refeições; você tem condições de estar aqui, em vez de estar pagando um aluguel, de ter seu lazer; você tem condições de, além do lazer, até numa ocasião de emergência, você pegar um táxi pra você ir num médico, ou até mesmo, numa eventualidade, de um dente, que acontece, você ir lá num dentista e mandar arrancar. [Eu conversei com uma moça lá embaixo que disse que, pelo fato de morar aqui, sobrou mais dinheiro para tratar dos dentes] Exatamente! Então existe um paradoxo nisso daí. Existe um paradoxo na questão de você ver; então tudo é assim: você passa fora e você vê o continente, entendeu, que é horrível! Você vê: olha que prédio horrível, que coisa horrorosa! Só que se você for olhar para dentro do conteúdo, o conteúdo da história, é outro. É outro. Então é o seguinte, ó: eu hoje aqui faço as minhas três refeições; eu hoje aqui tenho condições de em um cinema, ter acesso a uma cultura, que é uma coisa que eu gosto; tenho condições de em um teatro, que é uma coisa que eu gosto; hoje aqui eu tenho condições de abrir a boca e falar assim, ó: estou guardando o meu dinheiro, para uma eventualidade. Agora você pega um assalariado de classe média, não um assalariado, não vamos falar nem... vamos falar da classe média, porque é a classe média que torce o nariz quando vê isso daqui; aí você pega um trabalhador que mora aqui e a classe média – não to falando todos, a maioria – tem classe média que está estabilizada – vamos falar assim, uma faixa etária, entendeu, da classe média – ele tem o carro dele, ele tem um apartamento com lavabo, com banheiro, todo pintadinho, pia, pia: é o que se espera de uma moradia; porém, quando ele deita, ele não dorme bem, porque a prestação vence no final do mês, o salário dele não dá; porque uma pessoa para ter uma qualidade de vida ela tem que ter no mínimo, no mínimo, pelos cálculos que foi feito, não foi por mim, foi por estudiosos, cientistas, pelo menos 5000 reais por mês! Olha: se você tiver ganhando 3000 reais por mês, e você paga um aluguel de 500 reais, você já passa apertado, muito apertado. Sabia? Porque você tem escola de filho, você tem plano médico... Você passa muito apertado. Então no mínimo são cinco mil reais... Só que é que ganha cinco mil reais hoje? Um gerente de banco ganha

cinco mil reais hoje? Só se ele for diretor. Porque se ele for gerente, ele não ganha. Quem é que ganha cinco mil reais? Eu tava conversando com um rapa hoje lá na firma e ele falou assim, ó: “Quem é que ganha cinco mil reais? Vamos fazer uma pesquisa para ver quem ganha cinco mil reais?” Só se ele for um executivo que, por exemplo, ele não ganha salário; um gerente de loja, que ganha por comissão; mas se ele for um assalariado mesmo, ele não vai ganhar cinco mil reais. Se ele ganhar cinco mil reais já é considerado classe média. Classe média, baixa, classe média. É, a classe média alta é executivo, que ganha 20 a 30 mil. Não é? Pelo meu conhecimento, não sei. Aonde eu quero chegar é no seguinte ponto, é assim, ó: é que às vezes a pessoa-ela acha que ela está tendo qualidade de vida e ela não está. Ela está vivendo uma fantasia. Porque a partir do momento em que você deita da na sua cama e você fica preocupado com a mensalidade do carro, que vai vencer; você não vai usufruir do carro como você deveria usufruir. Então quando você está no seu apartamento e você pensa que a mensalidade vai vencer e você começa a coçar o cabelo e falar: puxa vida, vai vencer e eu não tenho dinheiro; ou até mesmo se você tem o dinheiro e tá tirando de outras prioridades, como a alimentação – que nós somos o que comemos – se você se alimenta muito bem, você vai ter qualidade de vida; se você se alimenta muito mal, você vai ter... né! Aí você fala assim: eu vou tirar da alimentação para colocar na mensalidade do automóvel, ou do apartamento, você já começa a regredir, em todos os sentidos. Aí você passa aqui com seu carro bonitinho, aí você olha aqui e fala assim: puxa vida, essas pessoas aí vive numa condição sub-humana. Sim, concordo. Mas ele também vive em situação sub-humana. Quem é que tá ganhando? Nem um dos dois. Ele vive também em situação sub-humana porque ele também não tem qualidade de vida. É o mesmo que aquela história que nossos avós contam: é melhor morar numa choupana do que morar num palácio com infelicidade. É melhor comer pão seco e feliz, do que morar num palácio, num banquete, e infeliz. Então é assim, o que é o ideal, é morar aqui? Não. Não é morar aqui. O ideal é você morar num apartamento, no A, que foi colocado aqui, bloco A e bloco B, mas com qualidade de vida; com condições de lazer, e aí envolve tudo, envolve sono, repouso; condições, sabe do quê, de educação, que é muito importante, educação é tudo! cultura, saúde, e os outros requisitos. Então, a gente vive numa sociedade assim hipócrita, numa sociedade que, primeiro, não tem cultura, porque nem sempre estudo é cultura; às vezes a pessoa é formada e você vai conversar com ela e você percebe que ela está totalmente

perdida, em suas concepções, em seus conceitos, ela está perdida. De repente você vai conversar com uma pessoa que não é formada e ela uma formadora de opinião, ela sabe o que ela quer; ela, além de ser formadora de opinião, ela pode ser formadora de opinião distorcido, mas pelo menos você sabe que ela tem um conhecimento, você sabe que ela tem um discernimento das coisas. Ela não é uma pessoa que está sendo empurrada, pela mídia; que ela tá sendo empurrada totalmente, pelo grupo de massa. Então, eu acho assim, se falar de moradia, não é, porque hoje, as pessoas procura, é, principalmente agora, nós estamos na época de política, aí a pessoa bate o olho aqui e fala assim: puxa, nós temos que dar, entendeu, moradia de qualidade; mas moradia de qualidade, você é geógrafo, você sabe, que a ONU-ela estabeleceu o seguinte: o que é uma moradia de qualidade? Uma moradia de qualidade não é só uma casa, com quatro paredes, com porta, com janela, com ar condicionado, e com móveis dentro, moradia de qualidade é aquela que você *está dentro* dela e você tem acesso a todas as outras, todas as outras, é... necessidades, como lazer, isso sim, não sei se você lembra, pra poder curtir a casa, curtir a família. (...) E eu garanto pra você, Jean, no Brasil-aqui, eu garanto, hoje eu tô aqui, mas eu tenho muitos amigos de classe média... Eu vou ser sincero pra você: eu já morei em casa com piscina. Tá bom; morei em casa com piscina; não é essa piscininha de fibra não, viu, piscina, piscina mesmo; porque existe essas piscininhas... Eu morava em Pouso Alegre, Minas Gerais, aqui pertinho. Eu venho de classe média, entendeu. (...) Eu tenho 38 anos. [Você nasceu aonde?] Não, eu sou assim, eu, eu nasci aqui em São Paulo, mas eu sou filho de retirantes do nordeste; minha família é nordestina, Bahia, e minha mãe é de Alagoas; eu sou daqui de São Paulo. Acontece o seguinte, meu pai morreu, eu era muito cedo, eu sei que meu pai era de Ilhéus. Não sei se você conhece, é uma região muito rica, entendeu, de cacau, né, muito rica de turismo. Ele era fazendeiro; fazendeiro e comerciante. Muito bem de vida. Muito mais bem de vida do que as pessoas hoje... antigamente não tinha esse negócio de classe média A, classe média B, classe média C, né; existia só uma coisa: era rico. Antes, a uns 40 anos atrás. Era só rico e classe média, mas a classe média nem era falada, era só rico: ô, o fulano é rico. Você sabe, de repente poderia até ter, mas essa classe média ficou muito famosa de agora, de uns dez anos pra cá. Então era assim: o fulano é rico. Porque antigamente... antes do governo Lula já existia a classe média... é agora com o Lula apareceu, mas antes não existia telefone em todas as residências. Quem tinha telefone já era

considerado mais ou menos, entendeu. Não era todas as casas que tinha telefone. Telefone era coisa assim que até se vendia. Eu peguei uma parte dessa, não foi toda a minha vida. Mas eu peguei uma parte em que telefone era vendido. Quando eu era criança: “Ah, você não quer comprar minha linha?” Cê fala isso hoje em dia o pessoal até dá risada. Não tem valor mais nenhum, hoje. “Cê quer comprar minha linha, eu tô vendendo”. Tinha pessoas que tinha cinco linhas telefônicas, nove... Chega uma hora que não tem quantas linhas de telefone. Então, naquele tempo meu pai tinha telefone. Aí as pessoas olhavam assim: “Nossa, ele tem telefone!” Tinha carro! Carro antigamente era assim preciosa. Eu tô falando antigamente quando eu era criança. Hoje, tem gente aqui que tem carro. Não são muitas, mas tem. Eu sei. Então é o seguinte, são coisas que não tem méis valor, e vai perder mais ainda. Daqui uns 15 anos vai ser como nos Estados Unidos. Dez anos: carro vai ser praticamente descartável. Então é o seguinte, antes era assim, ó: telefone, carro, não era todo mundo que tinha, era a classe média. Empregado?! Hoje qualquer um tem empregado. Hoje a pessoa tem empregado em casa, pra lavar a roupa... Até aqui dentro tem pessoas que têm empregados. Pra lavar as roupas... Mas empregados antigamente era a classe alta que tinha. Fazenda?! Não era qualquer um que tinha. Sítios, casa... Exemplo: aquela pessoa que tinha um luxo, como banheiro, com chuveiro, banheira dentro; quem que tinha isso?... Meu pai tinha. Então era uma família assim bem próspera. Quem anda de avião antigamente? As minhas irmãs sempre iam de avião. Não sei se você lembra?! Hoje, se você ver bem, qualquer um anda de avião. Qualquer um hoje... Então, tudo bem, voltando à origem. Então meu pai era muito bem, né; muito bem de vida. [Irmãos] Era eu e cinco irmãos. Meu pai faleceu eu tinha 5 anos. Aí os meus irmãos – você sabe muito bem que você não pode vender uma propriedade sem fazer inventário – aí os meus irmãos fizeram um “jeitinho”, né, muito bem feito, e me passaram pra trás. Vieram aqui pra São Paulo... é, tinha a fazenda... não era só uma fazenda, tinha uma em Ilhéus e tinha no Mato Grosso também, e tinha uma casa na cidade, e tinha outra casa aqui. Aí eles venderam, eu tinha 11 anos na época, venderam tudo, não sei como, entendeu. Vendeu pro juiz, lá na... inclusive ele é da Bahia, vendeu pro juiz. Eu descobri que eles venderam pr’um juiz. E aí, eles vieram aqui pra São Paulo, todos vieram aqui pra São Paulo, né, chegando aqui compraram boas casas, compraram casa no Ipiranga – até hoje essas casas são boas. [Eles moram lá ainda?] Não moram por que a maioria já morreu. É, eu era o caçula. Então, compraram duas casas, têm

uma vida muito confortável. Até que veio o Plano Collor. Não é uma família de muita cultura, de... meu pai sim, tinha muita cultura, era formado. Eu estudei até o primeiro ano, da faculdade. Cheguei. Biologia. Só que aí eu não dei um seguimento porque... por vários motivos, não foi só um não. Eu fiz até o primeiro semestre. Por vários motivos. Porque não tinha condições; naquela coisa que eu falei pra você, tava acontecendo muitas coisas, tava começando a ficar doente, a escola era muito cara, não sei se você conhece a Unisa, em Santo Amaro. Eu sempre estudei toda a vida nesse curso de escola, sou adventista. A Unisa ela passou depois, porque faliu. Inclusive tem... ela... é assim: quem patrocinava isso tudo era a Golden-Cross – a Golden Cross é do segmento adventista também... ela era particular, o dono era adventista e fazia assim (***) que a gente tinha com eles, ta e ta e ta. Então, resumindo, pra resumir, aí eles vieram aqui pra São Paulo, tal, e – eu nasci aqui, mas a gente ia pra lá e voltava, tal; a família metade aqui, metade lá – vieram todo mundo aqui; compraram duas casas... Levaram uma vida irresponsável. [E sua mãe?] Minha mãe... ela era assim: ela tinha uma irmã e minha irmã sumiu, praticamente... né; e minha mãe deu o caminho que ela queria dar, né; minha mãe não tinha muito voz ativa, com a morte do meu pai. E aí o que aconteceu foi o seguinte: eu... é... aonde foi que eu me perdi, porque eu não tive apoio da família; não tive apoio da família. Eles me enviaram pro Colégio Adventista – que essa parte é interessante – sabe, o Colégio Adventista-ele tem assim um internato... Não sei se você conhece lá? Eles têm um internato. Então o que minha família fez? A minha família me colocou no internato. Com 14 anos eu fui para o internato. Morava lá. Mas só que lá é particular: é caro! Eles pagavam. Pagavam pra mim estudar, entendeu. Caríssimo! E chegou e eu fiz 17 anos, fiquei de maior, veio o Plano Collor – não sei se você lembra – e a minha família – a família que perdia era a que não tinha muito conhecimento na área financeira – e só sei que foi uma tragédia. Foi uma tragédia. Minha família quebrou geral, foi aí que eu me ferrei. Eu não tinha 18 anos, mas minha família quebrou e falou assim: olha, nós não vamos mais bancar. Até então eu já tinha um entrave com eles, né, porque eles sabiam o que tinham feito comigo. Eu não sabia, vim a descobrir depois. “Nós não vamos mais pagar o estudo pra você”: quando eu tinha 17 anos. Bom eu falei assim: agora que eu não posso mais, vou correr atrás do *meu*, porque eu tenho direito. Deve ter uma boa bolada, não é; aí eu fui correr atrás. Peguei, eu lembro como se fosse hoje, peguei os únicos recursos que eu tinha, fui na Bahia, que é onde restava algumas coisas, que eu tinha certeza

absoluta: primeiro eu vou na Bahia resolvo algumas coisas lá, depois eu vou pro Mato Grosso, e resolvo. Quando cheguei lá me decepcionei. Porque que eu me decepcionei, porque ó: não tinha... A pessoa falou assim: a única coisa que você tem, você tem sim, se você quiser – porque era várias propriedades, mas das propriedades, a pessoa que quis fazer acordo comigo, ele falou assim: se você quiser, você vai lá e pega. Quando eu fui lá, tava cheio de “vassoura de bruxa”, que é uma praga – não sei se você já tomou conhecimento: “vassoura de bruxa”. Aí eu falei o que que eu vou fazer com isso? Aí tinha que pegar um topógrafo... é topógrafo, né? o cara que mede. Tinha que pegar um topógrafo. Aí o cara tinha medo de avião. Eu falei assim: não tenho condições e recursos para isso. Agrimensor! É isso mesmo! Agrimensor. Aí eu falei, sabe de uma coisa eu vou sabe o quê, vou voltar para São Paulo. E voltei para São Paulo. Perdi tudo. Voltei pra São Paulo, fui na faculdade, no RU, e eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa: tava saindo um grupo de equipe de vendas de livros, né, que esta empresa, esta casa, esta instituição lá tem uma casa chamada Casa (***) Brasileira, que tem um livros muitos bons, na área de saúde. Aí eu tava meio perdido, desorientado; para onde que eu vou agora, porque eu não tenho mais aonde morar. Não tenho moradia, não tenho mais nada, entendeu. E eu tinha uma visão péssima disso daqui, que já existia na época [ocupação]... Nossa, eu tenho que voltar; não sei se foi em 95; vai fazer uns 15 anos. Quinze, vinte anos, muito mais. É, uns 20 anos. Eu tenho que fazer os cálculos, eu não sei. Aí eu falei assim, nossa e agora, eu tô perdido. Pra onde que eu vou? Tem que pagar mensalidade: é caro; naquela época. Naquela época, naquela época, faz muito tempo, já era uns 1000 reais, a mensalidade. Aí eu falei assim: eu tô perdido. Aí tava saindo uma equipe, né, que a editora forma estudantes pra os (**); então, você não quer participar da equipe? Vamos de lá dá pra você tirar – chama-se estipêndio –; estipêndio é uma cota que você paga todo o semestre. Vamos que lá você consegue seu estipêndio e você paga e o que sobre você fica com o dinheiro pra você. Mas chegando lá – nós fomos pra Curitiba, uma cidade fria – chegando lá a gente ficava numa casa bem grande, entendeu, um grupo de rapazes, e começamos a trabalhar: vender livros. E eu me destaquei, por incrível que pareça, eu me destaquei! O cara falou assim: “Nossa, rapaz, você se destacou, você vende muito bem; vai voltar nas próximas férias”. Só nas férias. Aí nas outras férias eu voltei. Aí ficaram entusiasmados: você vende bem, tal! Que era muito difícil vender e quem se destacava era mais difícil ainda. Ele falou assim: “Ó, é o

seguinte: o diretor da editora – isso passou um tempo, uns quatro anos depois de eu ter me destacado – o diretor quer falar com você”. Aí, conversando com o diretor, ele falou assim: “Ó, é o seguinte: as pessoas que se destacam aqui a gente oferece uma promoção de líder, né; você não quer ser líder?” Aí eu falei: como é que é isso? Ah, não quero, pá, porque agora eu tô estudando... “Se você quiser, você vem aqui a gente conversa com você e nas próximas férias você vai ser líder”. Entendeu? Aí, beleza, resumindo, me destaquei como líder. Aí ele falou assim: “Olha, você não quer ser gerente?” Aí eu falei: como que é pra ser gerente? Ele falou: “Ó, gerente já muda, entendeu, você vai ter que ter tudo os seus documentos; nós não vamos fazer o registro em carteira, mas você vai reconhecer uma firma, você vai abrir uma conta; nós vamos abrir uma conta conjunta, e você vai cuidar da finança da equipe e você vai ter assim, é, autonomia pra, entendeu, financeira pra, por exemplo, (***) deposita o dinheiro, só que é o seguinte: responsabilidade total; porque tudo que acontecer, mesmo que não seja financeiro, entendeu, tanto da parte executiva como da parte operacional da equipe, você vai ser responsável”. Eu falei: mas que que eu vou ganhar com isso? Ele falou assim: “Você vai ganhar isso, isso, isso, isso e isso”. Eu falei: Nossa! Fiquei entusiasmado. “Muito bom, viu, eu topo”. Só que é seguinte, eu me destaquei também como gerente, só que na segunda campanha eles... faltaram o comigo. Aí quando eu fui ser gerente, o padrão de vida subiu. Passei a ganhar bem mais. Ganhava e tinha comissão, e era uma quantia, entendeu, expressiva, bem considerável. Então foi aí que eu falei que eu fui morar numa casa com piscina. Fui para uma casa com piscina. Foi assim, olha: a editora-ela, ela... porque o gerente, ele tinha um *status* bom, e tinha muita credibilidade, porque vendia era 300.000, 400.000, eu tô falando a nível de varejo, não tô falando a nível de atacado. Se você falar a nível de atacado, isso não é nada. Trabalhávamos no varejo; nós vendíamos era enciclopédia, de porta em porta. Então isso é uma quantia, entendeu, se você for conversar com qualquer pessoa ou qualquer financista, financeira, você vai descobrir que para o atacadista isso daí não é nada; isso daí é uma ninharia. Mas para uma equipe, é muita coisa. Então, aí (***) nós alugamos uma casa com piscina, que eu queria, piscina; apesar que o valor de uma casa com piscina em Pouso Alegre não é mesmo que aqui; a especulação imobiliária lá é diferente da daqui. Aí a gente alugou a casa com piscina... Aí eu tava muito feliz, porque quem que não gosta de um conforto? Uma piscina... Até eu acho que aqueles que pregam muito o socialismo gostam

também! Então aí, eu muito feliz e sempre dando o melhor de mim; só que – eu sou muito esforçado – só que aí aconteceu o seguinte: o diretor ele escolheu a minha pessoa, e ele começou, percebeu – e não começou a gostar – ele viu que eu tava crescendo muito. E nessa época ele falou assim: “Ó, a gente tem que pegar e vender o que é mais caro [?]”. Porque lá é assim, você faz uma promessa, né; é tipo promessa mesmo: é um contrato mas um contrato de boca. Eu acho que aqui nas lojas é assim também. Não sei como é que é, né. Uma parte é contrato, outra parte é “se você conseguir tal coisa...” Ele chegou e não cumpriu o contrato verbal. Ele falou assim, ó: “Você vai ter tanto e tanto”. E nas contas, quando chegou o final do mês, é – eu lembro como hoje – nós fizemos um acerto e eu tinha 10 mil reais de direito e ele não queria, entendeu? Não queria me pagar os 10 mil reais. Só que eu tinha acesso ao dinheiro. Eu falei assim, ó: não, eu vou pegar esse dinheiro. Aí eu peguei esse dinheiro... Porque é *meu*! Entendeu: era *meu*! Peguei esse dinheiro e foi aí que eu vim para aqui. Por quê? Vou te explicar porquê. Porque pegando esse dinheiro eu saí – se você pegar minha carteira hoje, eu não tenho registro, porque eu sempre fui estudante; eu sempre fui estudante – quando eu saí; quando eu não era estudante, eu trabalhava com essa editora, desde os 17 anos eu tava trabalhando com essa editora. Sempre trabalhando trabalhando. [Quanto tempo você ficou nessa editora?] Ah, foi muito tempo! Desde os 17 anos até quase 30 anos. Até os 28 anos. [O que você deve ter de direitos trabalhistas pendentes lá deve ser absurdo] É, exatamente! Como é uma empresa evangélica, eles faz a gente assinar um contrato que a gente não vai processar eles porque eles alegam que não tem fins lucrativos. São filantrópicos, entendeu. Então, inclusive, eu falei que ia colocar na justiça e tal, porque eu fiquei muito chateado. Aí olha só: aí eu falei assim, eles, não, é o seguinte: por muito menos, por muito menos as pessoas se queimavam na editora. Agora imagina eu fazer isso: eu fui lá na editora, fui no banco, peguei e saquei os 10 mil reais. Peguei e falei: olha tô pegando o que é meu. Aí ele falou assim: “Olha, você nunca mais vai conseguir vaga em lugar nenhum a nível empregatício, entendeu; porque o que você tá fazendo é cruel, é, sabe o quê, é imperdoável”. [Furto?] Não isso não é não porque senão eles teriam me colocado na justiça. Ou se não chamado a polícia. Eles iam perder muito mais; muito mais! Porque eu já trabalhava há muito tempo, e tem mais, eu tinha direito a muito mais coisas. Você sabe que uma pessoa que é gerente, ele se dedica integralmente. Ele atende telefone à meia noite, ele atende telefone à uma hora. Então aí eu peguei o

dinheiro. Mas se fosse hoje, eu não teria pego. Não porque eu me arrependi porque eles me mandaram embora. Eu me arrependi porque eu sei que isso me causou muito retrocesso na minha vida. Entendeu? Muito retrocesso. Por quê? Porque é o seguinte: eu ia em outros lugares, e eles ligavam lá. Hoje com a advento da internet não precisa você ir lá e falar; eles com os documentos seus rastreiam tudo de você. Aí ta, ta e ta, ta! Rastreava e descobria. Eles contavam a versão deles. Se eu contasse a minha versão, a versão deles sempre ia valer. Aí foi o que aconteceu: eu falei, puxa, tô num mato sem cachorro. Aí chegou um momento que meus recursos acabaram totalmente. Eu falei, e agora? Entendeu?! Vou parar de estudar, porque não tenho a mínima condição, de estudar. Ou eu como ou eu estudo. E chegou um momento que ficou pior ainda, que eu falei assim: vou parar de morar também! Ou eu moro, ou eu como. Porque eu vou dizer pra você: tem momento que o aluguel, se você paga um aluguel, você não tem condições de manter sua alimentação. Aí eu falei assim: ficou realmente difícil. Eu já cheguei a pagar aluguel em vários bairros aqui em São Paulo. Eu falei assim: e agora, o que é que eu vou fazer? Eu vou, entendeu, eu vou fazer o seguinte, eu vou, é, morar na periferia, em condições sub-humanas... Não fique pensando você que uma pessoa que paga aluguel ela mora numa situação muito diferente daqui. A única diferençazinha é que tem um banheiro, médio; mas o banheiro é tão pior quanto o daqui. Então você paga 500 reais num lugar pior do que aqui. Em vários lugares: em casa de pensão, em cortiço aqui no centro... Em todas as modalidades de moradia que você imaginar, eu já morei. Já morei em pensão; pensão quando eu falo é pensão que mora oito pessoas num quarto onde você tem direito a só uma vaga. A sua vaga é um colchãozinho. Que se chama: pensão-vaga. Já morei em pensão... Quanto eu pagava? Lembro, lembro! Porque não faz muito tempo isso! Faz pouco tempo, antes de morar aqui. Eu morava num pensão, uma vaga, eu pagava 300 reais. Tinha direito só a um banho... E tem mais! Tinha que ter cuidado, porque se chegasse uma cara “doido”, deitasse, e urinasse, caía em cima de você. Isso é fato verídico, viu, não é uma coisa que pra dramatizar não. Isso é o que acontece. [Com você aconteceu isso?] Aconteceu também. Não aconteceu porque eu vi que o rapaz tava “doido” e levantei antes. Trezentos reais; se você “chiar” muito, o dono manda você desocupar, porque tem uma fila, um monte de gente querendo. Não tem problema. Beleza, essa daí se chama pensão-vaga. Tem a pensão, que é a pensão que é a seguinte: já é um pouco mais evoluído. É assim: é um corredor como esse; você vai aluga um cômodo e

não tem nada. Não tem ventilação, não tem janela, não tem nada. Entendeu? Só tem a copa. Às vezes eles abrem um buraquinho aqui em cima, pra entrar ar. Isso também é pensão. Essa daí já é 500 reais um quarto. Morei também. Em todas as modalidades eu morei. Aí, morei também nesse tipo de pensão que é assim, quer ver? É assim, ó: ela é só a área, é um espaço, é que nem aqui; só que num espaço deste tamanho aqui, ele chega custar até 700 reais [ele se refere ao quarto], sem banheiro sem nada dentro, é banheiro coletivo, chama-se... só que por ser grande e com janela chega a custar até 700 reais. Não é porque tem janela, é pelo tamanho; e a janela também. Então geralmente é por metro quadrado que eles cobram. Então, por exemplo, 100 metros quadrados... eu descobri isso fazendo uma pesquisa... 100 metros quadrados 100 reais, 200 metros quadrados 200 reais, é isso daqui, metade desse quarto aqui [Ele quer dizer, na verdade, 10 metros quadras e 20 metros quadrados]; dava 300 metros quadrados, então dá isso daqui, né, acho que é assim, então aí, pagava 300 reais. Mas eu não morava num lugar que nem esse daqui, eu morava num lugarzinho pequeno, que não cabia nem a geladeira... Não isso não é quarto. É o seguinte: tem a pensão-vaga, tem essa pensão que é sem-janela, que é a modalidade; tem a pensão com-janela. E tem a outra pensão, que é aquela pensão que é assim, ó – que eu deveria ter contado primeiro essa – que é assim, você pega, aluga um espacinho, você é casado, tem a sua esposa, o cara vem e dá uma ordem de despejo pra você, você não sabe; essa eu devia ter falado primeiro, você é casado e tem um apartamento ali, ta bom, cê tá empregado, bonitinho, você alugou um apartamento com sala e cozinha, tem lavanderia, tem tudo; aí ficou ruim pra você – que é uma coisa inteligente isso, é uma coisa inteligente – ficou ruim pra você e você recebe uma carta de despejo. “Ô, se você não pagar o mês que vem nós vamos te despejar”. Aí sabe que o cara faz – tem muita gente fazendo isso daqui, em São Paulo, viu; na sua pesquisa, se você pesquisar é bom, porque tem muita gente fazendo isso daí – aí sabe o que a pessoa faz, ela faz o seguinte, inclusive essas pensões surgiu disso, dessa ideia, que dá dinheiro, entendeu, a pessoa tá num aperto, recebeu uma carta, que vai ser despejada, aí sabe o que ela faz? Ela vai na rua embaixo e põe assim, ó: “Ambiente familiar, aluga-se vaga”. Entendeu? “Casa de estudante, de fino trato”. Só que quando você chega lá, é a casa da pessoa que tá devendo, só que ela não conta pra você. “Olha, eu tô alugando”. Mas por que você tá alugando? Aí sabe o que é que ele faz? Ele pega uma arinha lá da lavanderia dele, como ele não pode fazer às vezes mudanças, né, que ta no

contrato que não pode, ele pega e põe um tapume desse aqui ó, na varanda, põe ali, passa aqui; aí você chega e pergunta, quanto você tá alugando? Aí sem brincadeira nenhuma, sem drama – sabia? – ele abre a porta, quando você pensa que vai abrir a porta pra entrar num espaço, pra entrar num cômodo, quando você abre a porta e você entra tem só a cama e um lugar só pra você já sentar. [Você chegou a morar num lugar assim?] Cheguei a morar. É o seguinte, eles cobram, às vezes, por dia; que às vezes a pessoa pode ir e não voltar mais. E tem mais, nessa aí você não pode deixar nada. Ele já fala assim, ó: aqui é um ambiente familiar, mora a minha patroa, você tem que respeitar muito. Entendeu? Aí depois você descobre – que eu na realidade nem queria fazer aquilo... Agora uns continua fazendo porque viu que é lucrativo. Aí quando ele vê que é lucrativo, ele começa alugar sabe o quê, o quarto dele! Aí ele aluga o quarto dele e vai morar na cozinha. E você descobre que ele tá morando na cozinha. Aí ele aluga mais um quarto e de repente a casa tá toda alugada. Mas é porque ele tá com dificuldade de pagar o aluguel. Entendeu? Existe essa modalidade. E aí, já falei três, né, agora falta só uma: e a modalidade mais civilizada é aquela que a pessoa tá morando sozinha – inclusive passou até um filme, né, muito tempo atrás: “Mulher solteira procura”; não sei se você já ouviu falar desse filme –, então, essa modalidade civilizada até, é assim: você tá num apartamento e você quer rachar. Aí você faz assim, ó: você vai na internet; ante não existia muito acesso na internet; eles colocavam assim: dividi-se um apartamento. Isso é uma opção. Morei nesse também. É assim, é uma forma mais civilizada mas é assim, ó: se o apartamento tiver dois quartos, você vai ter mais privacidade, mas se não tiver, às vezes, você não tem. Isso acontece, por exemplo, você tá com uma mina [garota] e vocês chegando e aí, “para aí!” E aí você não tem. Então foi todas as modalidades que eu falei pra você. E essa modalidade que é a *ocupação*. Que foi a última... [Já aconteceu com você de ser despejado, como muitos moradores daqui me relataram, por estar numa dessas modalidades de pensão, a que você se referiu, de sublocação?] Ah, sim! Ante de eu vir morar aqui, aconteceu isso. É assim, ó: é o que mais tem aqui em São Paulo. Antes de eu vim morar aqui aconteceu isto. Inclusive eu vim morar aqui por isto. Eu tava morando num lugar que era invadido – e é uma história engraçada – o lugar era invadido – porque aqui é ocupado, aqui é legalmente – lá é assim: o proprietário tava devendo não sei quantos mil de IPTU; aí, ele chegou e fez um acordo com um rapaz: “Você vai lá e invada, aluga tudo, me passa X e o restante fica tudo seu”. Aí eu fui morar lá. Cheguei lá: “Aluga-

se, ambiente familiar”. Eles gostam de colocar “ambiente familiar”. [...e de “fino trato”...] Não, “fino trato” é só pensão. Esses lugares aí põe: “ambiente familiar”. [Não tem nada de familiar?] Não tem nada de familiar! E até que ponto “de fino trato” não tem às vezes. [Nesse “ambiente familiar”, o que acontece?] De tudo que você imagina. [Drogas?] Tudo o que você imagina! [Briga?] Briga. [Morte?] Morte. [Chegou a presenciar isto?] Já! Várias vezes. Lá onde eu morei mesmo, num período de quatro meses, aconteceu cinco mortes. Aqui no centro de São Paulo; no centro da cidade. [Aonde, Glicério, Brás...?] ...É, eu prefiro não mencionar, entendeu. [Você pode contar como foi?] Não, aí já é entrar em detalhes. Mas geralmente é brigas, entendeu... *não sei*. [D., faz um gesto de que não quer falar sobre o assunto] Mas aí aconteceu o seguinte, aí eu fui morar lá, pagando *caro*, viu; era trinta por dia. Lá era por dia. [Por mês...] Dá 900 reais, entendeu. E se chiasse, vai procurar outro lugar porque lá era lotado. E era um lugar péssimo pra morar, sabia. Aqui parece o paraíso. Aí e peguei, é... olha só, fui morar lá e quando foi um dia, né, ordem de despejo. Eu falei: ué, por quê ordem de despejo? Mas é pra quem? “Não, você tá sendo despejado porque o proprietário aqui...” Entendeu? Não! Tava sendo a terceira ordem de despejo. Eu falei: como terceira ordem de despejo se eu entrei aqui e não tô nem há um mês... Aí foram pesquisar... E o cara fugiu. O cara fugiu. Quando fomos procurar: cadê o cara? Ah, mas não era dele? Ele falou que era dele; e ele veio com o advogado e o advogado falou que era dele. Tava até com um papel judicial. Eles pega o advogado lá, às vezes o cara nem é advogado, às vezes até é. É advogado dele. É advogado dele! “Não, ele é dono, tal; ele é o dono, tal”. Ele vinha de carro, mostrava os documentos e você via os documentos. Só que documento, meu filho, é muito fácil você fazer. SE você não tiver uma perícia, para você investigar, é muito fácil. E aí é o seguinte: como é que fica agora? Então, o lugar é invadido e a gente pagava aluguel. Então, eu acho que eu falei tudo em modalidades de pensões. [Você já morou na rua?] Já morei na rua. Eu já morei na rua mas não foi bem morar na rua, não é. Foi assim: eu tava vindo de São José dos Campos. Eu tava vindo do Rio. Quando chegou em São José dos Campos eu falei assim: puxa vida, se eu não for para São Paulo e ficar em São José dos Campos, o dinheiro vai render mais. Porque do Rio até São Paulo é um preço, até São Paulo, é outro. Então é melhor ficar logo em São José dos Campos – é até engraçado. Aí eu cheguei até São José dos Campos, “nossa, vai render meu dinheiro”. Burro! Eu devia ter ficado na casa de um amigo lá em Volta

Redonda. Porque eu tinha que sair do Rio de qualquer jeito. Não queria ficar no Rio. Ah, vou indo pra São Paulo, entendeu. Mas eu falei, era bom... aí eu fiquei em São José dos Campos. E o dinheiro rendeu mesmo, né, porque na época, não, até mesmo agora, a passagem eram uns 30 reais. Eu acho. Aí eu falei: vou ficar em São José dos Campos. E fiquei. Chegando em São José dos Campos... Ah, já fiquei em hotel também! [Hotel é mais tranquilo?] Tem uns que não. Tem uns que você sai, que você chega... e você paga lá embaixo e o quarto já tá alugado. Aí, mandam você ficar esperando; mas isso daí não vem ao caso porque não é definido como moradia... Bom, aí eu cheguei e fiquei em São José dos Campos. Chegando lá, eu fui procurar uma amiga não achei. Aí eu pensei: e agora, o que é que eu vou fazer? Aí eu falei: vou procurar vender alguma mercadoria, porque eu sempre fui do ramo de vendas, né; eu vou comprar umas revistas, porque eu sou muito bom pra vender. Aí fui comprar umas revistas e vendi bem no primeiro dia, sabe. Vendi 200 reais, num dia. “Nossa, tá bom!” Aí eu falei assim: puxa vida, ninguém é de ferro; ah, eu vou curtir! Aí eu fui numa balada. E curti. Aí no outro dia, eu fui no vender de novo. Me dei mal. No terceiro dia, também. Aí como eu tinha ido na balada e o dinheiro tava acabando eu falei assim: não vou vender mais. Não vou mais mexer com isso aqui agora; não tá dando certo. Só que o dinheiro tava pouco. Aí pensei assim, olha, eu tenho duas opções, vou numa pensão, que é baratinho, ou num hotel... Aí eu fui numa pensão, num hotel... Aí comecei a fazer as contas. Bom, se eu for num hotel, vai ser tanto de dinheiro, se eu for numa pensão vai ser tanto. Ó, sabe de uma coisa? Aí eu tava passando assim, e vi um viaduto. Quente! Tava quente, calor. Aí eu falei assim: puxa vida, a gente dorme quantas horas? Quem tem condições dorme oito, numa cama confortável. Eu posso muito bem dormir aqui nesse jardim apenas cinco horas, passa rapidinho, e economizar o meu dinheiro: 20 reais. Foi isso que eu fiz. Dormi, na rua. E economizei aquele dinheiro. Sabe de uma coisa, foi a minha salvação; porque foi aquele dinheiro, que eu tinha a semana inteira, que me salvou, me alimentei; e depois eu vim aqui para São Paulo, fiquei na casa de um parente. Aí depois aconteceu isso que eu te contei, essas enroladas todas. Aí depois, vim parar aqui. Como eu vim parar aqui? Eu vim parar aqui porque eu me revoltei nesse lugar que eu morava. Eu passava aqui na frente e falava: bom, pelo menos, eu não moro num lugar – porque quem não conhece aqui, acha que isso daqui é invadido; acha que aqui só tem marginal; acha que aqui só tem bandido; acha que aqui só tem mendigo; e não é

verdade, entendeu; existe muitas pessoas aqui, a maioria, que são pessoas-trabalhadoras, pessoas simples; às vezes até que não teve muita sorte, mas são pessoas sinceras, trabalhadoras – e eu tinha uma visão totalmente errada, equivocada; eu pensava assim, olha: “Essas pessoas são tudo vadias! Eu não sou vadio. Eu posso tá, entendeu, desfavorecido momentaneamente, mas vadio eu não sou. Deus me livre de um lugar desses!” Só que um belo dia eu acordei, passando por aqui, eu falei assim: mas que diferença faz desse lugar pro lugar que eu tô morando? A diferença é que as pessoas que tão morando aí – aí volta no princípio: a diferença é que eles pegam o dinheiro que era pra pagar aquele lugar horrível, eles pegam e investem e alimentação, investe em saúde, investe sabe no quê? num tênis, numa roupa. A única diferença é essa, e chegando nessa conclusão, eu cheguei e falei sabe de uma coisa, eu acho que eu tô sendo esperto, eu acho que eu tô sendo inteligente, morando lá, e eu acho que eu tô tendo qualidade de vida morando lá, e eles é que tão tendo qualidade de vida. Aí eu falei assim: ah, eu vou procurar conhecer esse movimento. Aí eu fui, procurei um amigo meu, e ele falou assim: “Por que você não vai fazer parte desse movimento? Pra você tá com uma moradia? De forma digna, entendeu; sem roubar nada de ninguém...” Porque nós aqui não estamos fazendo nada de..., nós estamos aqui, mas nós estamos dentro da lei, dos nossos direitos. Se você vê, moradia é um direito do cidadão. Aí quando eu conheci o movimento, eu me apaixonei. Eu falei: “Nossa, que movimento legal, entendeu, é um movimento assim em que, se você conhece, você começa a olhar com outros olhos. Até você conhecer, você tem uma visão, duvidosa. Quando você conhece, você fala assim: Nossa, devia ter muito mais outros movimentos desses; devia ter muito mais pessoas participando. Por quê? Porque é o seguinte: é um direito do cidadão. É um direito do brasileiro. E não só do brasileiro, é um direito da humanidade! É um direito de todos! E eu tô feliz aqui, viu! E eu pretendo seguir... [Como é quando foi que você veio?] Foi o ano passado. Existe o movimento de base, onde lá eles expõe a ideologia, a filosofia... Eu nem diria filosofia porque filosofia é algo muito... entendeu? Eu diria... os objetivos, entendeu. Você vê como é que funciona; por exemplo, você viu aquele rapaz, que eu tirei o lixinho e ele colocou de novo? Mas por que que eu tirei; por causa que é o seguinte: eu tirei o lixo, porque na pia, era um lixinho pra você colocar pequenos resíduos, e o que ele estava colocando, ele estava colocando lixo. E tava vindo rato. O lixo você não pode colocar ali, entendeu. O lixo você põe, você põe no seu

saco – o lixo particular! – põe num saco, você amarra, e põe lá embaixo. Tem a hora de colocar, né. Tem a hora de... é das 16 às 8 [20h00]. Lá embaixo. Lixo, que é assim, você vai lavar um copo, entendeu, aí tá ali dentro do copo, digamos, um caroço de limão, né, você fez uma limonada, aí você põe lá. Só que tava acontecendo o oposto, sabe o quê, lixo particular. Vamos supor, o arroz azedou... jogava lá. Sobrou uma panela de feijão... não queremos mais, a panela... inteira! Nesses dias eu peguei uma panela inteira lá dentro! E o rato tava vindo... [O coordenador tem uma certa autonomia] Sim, o coordenador não tem uma *certa* autonomia, ele *tem* autonomia *total*! É assim, ó: o coordenador-ele vai pro lado bem das normas de uma comissão, entendeu; ele não pode chegar assim e falar: ah, eu vou pegar e tirar uma pessoa daqui e, entendeu, e colocar outra pessoa. Ele não pode fazer isso. Ele tem que agir dentro das leis internas; do regulamento interno. Tem um regulamento pra ele. Aí ele vai tomar as decisões dentro de um regulamento interno.(...) Amanhã é minha folga, tá. [Você trabalha em quê?] Eu trabalho; tô trabalhando. É assim, ó: eu era camelô; e uns dos motivos pelos quais eu vim pra aqui, também não foi só porque eu fiquei descontente com a outra moradia, não; é porque eu era camelô e camelô ganha bem, viu. É um outro estudo que se um dia o pessoal puder fazer, vai se surpreender a respeito do camelô. O camelô ganha muito bem. Porque é o seguinte, e é até bom, viu, Jean, é Jean, né? É assim ó: às vezes eu parei na minha vida e pensei assim: Nossa, puxa vida, é, é, eu sou espírita, né, e é assim, ó: esses dias eu tava comentando com uma entidade e falei assim: por que esse retrocesso; e ontem, comentando, eu cheguei e falei bem assim: olha, eu agradeço esse retrocesso, porque esse retrocesso tá sendo um grande aprendizado pra mim. Nossa, eu passe por várias etapas, que se a pessoa olhar, dependendo da óptica que a pessoa olha, é um aprendizado riquíssimo. Entendeu? Dependendo, dependendo! Dependendo da óptica que ela olhar ela pode ficar doida. A minha vida é uma decadência. Não! Eu não vejo assim. Eu vejo que eu vou sair dessa situação; eu vejo que eu vou, entendeu, dar uma guinada, uma reviravolta na minha vida, entendeu. Não pense você que todas as pessoas daqui não têm sonhos? Têm sim! Porque moradia, Jean, é uma coisa muito básica, é uma coisa mínima. Entendeu? Eu tava comentando exatamente ontem assim, ó: uma moradia, a pessoa vai sonhar? vai, mas ela não vai sonhar só com uma moradia; isso é uma coisa básica. E é até uma vergonha pros nossos políticos: ah, você tá lutando por quê? Por uma moradia. É uma coisa básica, uma coisa mínima, que você tem que ter. Isso é uma coisa tão

antiga. Que eu até falo assim, ó – não sei se você já ouviu seus avós falando – “quem casa quer casa”. É uma coisa mínima. É uma coisa banal. De primeira... [Como alimentação] É, como alimentação. E a gente tá nessa luta como se fosse... entendeu; tem gente lutando pra ter um empresa, lutando pra ter um título... então pra você ver como nós estamos atrasados. Como nós estamos... é uma coisa assim, bem desumana. Então, olha só, eu fui ser camelô. Porque eu vim pra cá. São dois motivos: o primeiro, é que eu fiquei descontente. Eu descobri que eu estava sendo enganado, pagando por uma coisa que a prestação de serviço não correspondia com o pagamento. E eu era camelô. E eu ganhava bem. Eu pagava 700 reais o aluguel. Não, 900 reais, porque era 30 por dia! Eu pagava 30 por dia. Aí você falava assim: mas se você pagava 30 por dia, pra morar lá; por que que você não pegava o seu dinheiro e alugava um apartamento? Porque entrava na burocracia: exige carteira, fiador. Não tem registro em carteira, tem que ter fiador. Aí por isso que eu pagava lá. E esse é um dos motivos pelos quais muitos aqui no centro lucram. Eles assim: eles ganham vantagem em cima das desvantagens dos outros; onde existir... sempre vai ter alguém pra sugar, entendeu. Aí é o seguinte, eles sabem que tem muita gente que não pode alugar um apartamento. Ó, um apartamento desse aí, ó, atrás desse prédinho ali... aquele prédinho ali, ó, com a janela, uma cortinazinha... ó, um apartamento ali é, ó bem ali, que você tá vendo, ali... é melhor eu abri aqui pra mostrar pra você... Um apartamento desse aqui, quer ver, olha só, você vê como existe um grande... vem cá ver, olha aqui... Esse apartamento aqui, ele tem banheiro, tem quarto e sala, aí é 300 reais. Trezentos reais, aí. Só que tem condomínio, né. Não passa de... de... de 500 reais. Com condomínio, não passa de 600. Esse outro que tem aqui também, não passa de 500 reais. No máximo 700, com condomínio, negócio de porteiro e tudo mais. Aí eu pergunto para você: por que muita gente paga caro para morar num lugar muito ruim? Porque eles não têm os requisitos que eles exigem: carteira assinada... Ah, você não tem carteira assinada, mas você é o quê, você é comerciante; você tem fiador? Estão pedindo três fiador; e quem é que quer ser fiador hoje em dia? Ninguém! Se ele aceita ser fiador seu, é que ele sabe que ele pode tomar muita coisa de você. E aí é o seguinte, quem tem muita coisa não vai querer fiador, já tem as coisas... né! Aí eu era camelô, aí eu pagava 900 reais de aluguel, que era 30 por dia. Aí eu falei assim... Aí, entrou a polícia na rua. [O que você fazia?] Eu sou doceiro. Vendia doce. Eu sou, como é que é, confeiteiro. Eu fazia, e era um doce de primeira linha, viu. Era tão de

primeira linha que os comerciantes compravam, só que eu não falava que era eu que fazia. Eu falava assim: olha, esse aqui vende lá, numa panificadora. Aí, o que aconteceu é o seguinte: eu pagava aluguel, 900 reais, e vivia muito bem! [Quanto você ganhava, tem uma média?] Eu ganhava... não, não tem média não... era assim: eu vendia por dia, livre, livre, todos os dias, 100 reais livres. Livre. Quando eu falo livre é livre mesmo. Livre, livre. Cem reais livres, por dia. Só que tinha sábado e domingo que era estorno, na feirinha da madrugada ganhava 300 reais livres; final de ano nem se fala! Eu pagava para uma pessoa só para lavar as coisas – era muita coisa, muita bandeja, muita forma – eu pagava o equivalente a 700 reais, pro'um ajudante meu. E o aluguel. E eu curtia também, no final de semana ia para uma balada... Aí você fala assim, pô, mas o que foi que aconteceu? Aconteceu o seguinte, que a polícia militar entrou na rua. Isso foi o ano-passado-agora. Foi o ano passado. A polícia militar entrou na rua e quebrou todo mundo que era camelô. Tem muitos camelôs aqui dentro que pagava aluguel, que morava em apartamento bom e que tá aqui. Quebrou muito camelô, quebrou, quebrou, quebrou muito camelô. Aí o que foi que aconteceu? Sabe de uma coisa, vou pro sem-teto. E tô aqui. E aí o que que eu faço hoje? Não dá pra trabalhar na rua; aí eu tenho aquele outro quesito que eu já passei pra você: hoje eu fui trabalhar na faxina. Aí eu tô trabalhando nessa empresa aqui, ela me abriu as portas, entendeu. É, uma empresa: eu trabalho no SESC. Trabalho no SESC e uma pessoa de lá, que ganha 1500 veio falar pra mim: “Ah, você”... Não, ganha... não, é 1500, o cara é formado... “não, porque você...” Eu falei, não: depende! O nosso salário gira em torno de uns 900 reais. O nosso, né. Eu falei: é, se você ganha 900 reais, mas você ganha 2000, e você gastar 2100, e aquele 900 reais gastar apenas 300; quem ganha 900 reais tá ganhando mais que você. Então é isso. Então é isso que aconteceu, entendeu. Então graças a... a moradia aqui, eu posso dizer, entendeu, não é ainda o ideal, o ideal é moradia digna. Mas eu posso garantir pra você que aqui é um passo para qualidade de vida. Qualidade de vida digna; qualidade de vida que todos gostariam de ter. Por quê? Porque, querendo ou não, através desse movimento aqui a pessoa vai ter condições de guardar um dinheiro, vai ter condições até mesmo de procurar um emprego, viu; porque às vezes a pessoa mora numa situação tão difícil que não tem condições nem de procurar um emprego. Então é isso, e eu acho que eu fui bem claro. [Partido político] Eu sou filiado ao PT. É, eu sou filiado ao PT. Olha, filiado mesmo, eu sou filiado a pouco tempo, mas depois que o Lula... porque antes

eu era PSDBista. Eu era. Era simpatizante, mas sempre votava no PSDB. Por conta de meus pais, entendeu. Outro nível de vida, não é. Então, se dedicava mais, com as ideias e pá pá pá. Aí depois que o Lula entrou – eu não votei no Lula, eu achava que ele ia fazer um péssimo governo – só que aí, eu me surpreendi. Mas eu me surpreendi não foi porque o Lula fez um ótimo governo também, foi porque eu descobri que os outros não fizeram *nada*! Eles tinham capacidade pra fazer sim. Não fizeram nada. E que antes a gente tava na dúvida: se não faz é por que é muito difícil ou é por que não quer? Quando o Lula entrou, eu descobri que os outros não fizeram nada porque não queriam. Não quiseram fazer. Não tinham compromisso com o social, não tinham... Tinham outros interesses, com outras ideologias. Porque se eles quisessem eles teriam feito também. Não é verdade? E aí eu cheguei e falei assim, olha: se o Lula é uma pessoa dentro dos ditames da sociedade, é uma pessoa que não tem cultura, é uma pessoa totalmente despreparada, dentro dos ditames da sociedade; porque na realidade a realidade é totalmente diferente. Às vezes você conversa com uma pessoa que diz que é formada, em altos cursos, você percebe que de inteligência ela não tem nada. [O Lula é...] Autodidata! Então eu comecei a admirar o governo dele. E também comecei a admirar também o PT. Quando você percebe que é o seguinte, é um partido que cresceu. E nada cresce por acaso! Entendeu? E nada cresce por acaso! Se uma coisa cresce é que existe um porquê por trás. Então, cresceu, ficou grande. É, modernizou-se. E a gente gosta de evolução; o ser humano gosta de evolução. Se você volta aqui daqui há três meses e me encontra do mesmo jeito que eu estou agora, você fala assim: puxa vida, ele não evoluiu. Você fica apático. Se você vier aqui daqui duas semanas e você vê novas ideias, e você vê um novo ambiente. Você fala: tá havendo progresso. Então, eu comecei a abraçar isso. Olha, este partido tá havendo evolução, não só evolução administrativa; mas evolução de ideologia, que é mais importante, né; de ideologia, de filosofia. Aí eu cheguei e falei: sabe de uma coisa, vou me filiar a esse partido. E me filiei ao partido. E é assim: quem se filia pode se desfiliar também. Se você perceber, num determinado momento, que não é o desejado, você se desfilia e vai pra outro, entendeu. Né? A gente tem o direito de ir-e-vir. Então é isso, eu me filiei e eu acho que tá no caminho certo... A Dilma, não sei, se ela vai fazer um governo tão assim aclamado como foi o governo Lula, né, porque a gente tá ainda no começo. É o primeiro ano, né? Muita coisa pode acontecer... E você, é de que partido? [Reservo-me ao direito de omitir aqui a minha resposta] Você é socialista, né. (...)

O anarquismo, Nossa, você foi tão longe agora. O anarquismo não é... não é... o que tem haver o anarquismo com a anarquia? Porque anarquismo vem de anarquia! E anarquia na minha concepção é algo pejorativo. Quando eu lembro da palavra anarquia, eu lembro de vândalo! [Reservo-me novamente ao meu direito de omitir aqui a minha resposta] Mas isso aí é uma utopia, né, Jean, uma utopia. Porque não existe... (...) Você é de que religião. [Reservo ao meu direito já mencionado a pouco] Mas qual que se aproxima mais dos seus conceito? [Aqui eu posso responder: talvez o teólogo da revolução, Thomas Münzer, e os anabatistas no início?] Nem vou falar de igreja porque senão... [Religião] Eu sou do candomblé. {eu tenho um amigo que é pai de santo de um templo, chamado Itarobá, da umbanda} É praticamente a mesma coisa. [Só que na umbanda não sacrificio, não é?] Muda, muda assim, ó: na umbanda, eles não raspam a cabeça, no candomblé raspa. E na umbanda também mudam os números, as cores. O dia de Oxossi é quinta, né. Na umbanda muda de dia, de número. O numero é seis de Oxossi, na umbanda já muda. A cor de Oxossi é azul. Na umbanda é verde. (...) Eu já foi evangélico, sabia? Porque é assim, meu pai é da Bahia, então meu pai; é assim, meu pai e minha mãe é de origem afro-descendente... é de origem, como se fala? Afro-descendente, né? Não, afro-descendente é outra coisa. Então a nossa origem é... é... lá da Bahia lá, e todos eles são do candomblé. Só que meu pai, numa determinada época, passou para a igreja evangélica. E havia uma incompatibilidade, na educação: meu pai queria que eu fosse evangélico e minha mãe queria que eu fosse do candomblé. Aí eu ficava um tempo com meu pai, como evangélico, e geralmente quem é evangélico é muito evangélico mesmo, aí, muito evangélico, tanto que eu sabia a Bíblia de capa a capa. O que você dizer de Bíblia, eu conheço. Só que é o seguinte, eu sempre me dediquei, é genético, né, ao candomblé, mesmo sendo evangélico. Eu fui para a igreja adventista, graças ao meu pai. Aí eu falei: puxa, mas eu não sou feliz aqui, eu não me identifico com isso. Eu só me identifico com o candomblé. Entendeu? Aí, eu falei assim: sabe de uma coisa, vou voltar para o candomblé. E voltei para o candomblé. E lá eu sou feliz. Aí eu conheço todo tipo de religião, a nível de evangélico, a nível de religião eu conheço profundamente, porque eu também já fui evangélico. [A Andréia me contou que existem igrejas evangélicas que atualmente passam a maquininha para os fiéis passarem o cartão de crédito] Você não tá gravando não, né? [Eu tô gravando] Então desliga o gravador que isso que eu vou falar eu não queria que você gravasse. [Aqui peço

desculpas, mas não cumpri com minhas palavras e não apertei o botão “pause”. Como acredito ser importante o depoimento, além do que vou omitir nomes, não achei necessário desligar o gravador] É o seguinte então, eu vou falar para você: as religiões, Igreja Universal, Igreja Mundial... não, eu não gostaria de falar de Assembleia... mas todas essas religiões, que surgiu agora, eles metem o pau no espiritismo. Só que eles usam todas as técnicas do espiritismo lá. Só que se eles falasse assim... que já tem uma aversão pelo espiritismo, não vai... então eles põe a igreja. Por exemplo; vou dar um exemplo pra você: se você tem um problema amoroso, você vai no espiritismo, e, por exemplo, a pessoa quer fazer um trabalho, ela fala assim: pega uma peça da sua esposa, ou de seu namorado, de roupa. Se você liga o canal lá na igreja evangélica, eles falam a mesma coisa. Não é o mesmo processo? Se você for estudar o espiritismo, você percebe que o pai de santo-ele põe a entidade em você, ele tira a entidade... Você vai no espiritismo, né, você é médium, então pra você receber uma entidade, o pai de santo põe. O pai de santo representa tipo o quê, um pastor? Represente um pastor. Um pastor é tipo um pai de santo. Aí você chega lá, porque eles expulsão o demônio lá? Não, na realidade ele tá expulsando o que ele mesmo põe. Aí, você quer dizer o quê, que as entidades lá são ruins? Não. Eu não quero dizer isso. Eu quero dizer o seguinte: que é assim, ó: nossa corpo é uma matéria, ele é comandado pelo quê? Pela sua cabeça. E nele, através de sua cabeça, você determina quem vai te acompanhar. Se a partir de amanhã você quer decidir que você não vai tomar banho, você não vai tomar banho. Porque você determinou. Então é assim, ó: se você quiser que um espírito ruim te segua, você vai determinar que um espírito ruim te siga. Se você quer que um espírito ruim te siga, através de quê? através de suas atitudes; através de seus pensamentos; através de seus hábitos. Se você quer que um espírito venha e incorpore em você, você vai precisar de um médium. Aí você vai atrás de um médium. Mas quem é que vai decidir se um espírito é bom ou é ruim? É você. Então a partir do momento que a pessoa vai numa igreja evangélica e o pastor vem e fala, “ah, você está com um espírito ruim”, e ele tira, e ele põe; tudo isso daí é uma determinação do próprio pastor. Então quando ele fala assim, ó: você traz a roupa... às vezes, eu vejo canal evangélico; eu falo assim: Nossa, como é parecido! Tudo parecido. Só que quem não conhece, acha que aquilo lá é uma trapaça, usando os mesmos recursos do espiritismo, eles usam lá dentro, pra pegar os fiéis... ali eu não vou não porque ali é macumba. Eu costumo falar assim, ó: você é um

empresário, muito rico, aí você tem uma loja, muito famosa, e acontece, sabe o quê, uma coisa que te queima. Aí você fala assim: puxa vida, eu não posso mais continuar com essa bobeira aqui. Sabe por quê? Porque ninguém vai entrar, saiu na televisão saiu na Globo. Ninguém vai entrar aqui, eu tô queimado! Aí sabe o que você faz? Você pega, vai no cartório, fala assim, ó: quero abrir outra empresa. Só que a empresa antes chamava-se “Azul”, só que agora ela não vai mais chamar “Azul”. Ela vai se chamar sabe o quê? “Preto”! Aí, um belo dia, as portas fecham e começa a reformar a loja. “Ah, essa loja não existe mais, faliu”. Aí de repente aparece lá: “Grupo Preto”. “Ah, nessa eu vou entrar, não é grupo ‘Azul’”. Isso é o que acontece na Igreja Universal. E se você ver o culto dele, você vai perceber que ele veio do candomblé. Não sei se você já leu? Ele veio do candomblé. O Edir Macedo veio do candomblé. Se você ver o próprio livro dele, a biografia, ele fala. Ele fala! E pra quem conhece tanto o espiritismo quando a igreja evangélica, sabe o que vai acontecer? Vai descobrir que lá é espiritismo puro. É espiritismo puro. Lá é o espiritismo disfarçado de igreja evangélica. Um dia eu vou gravar isso. Eles usam todos os coisões. Eu tenho como gravar sabe como? Levando você num centro de espiritismo e depois te levando a uma igreja da Universal. Você vai ver como os procedimentos é o mesmo. Tem fundamento. Sexta-feira, eles usam o vermelho. Inclusive, eu tinha um jornal aqui que tava escrito o seguinte, “A hora da revolta”, e todo mundo de vermelho, na sexta-feira. Inclusive, quem usa vermelho na sexta-feira é quimbanda; que a quimbanda é um grau só de esquerda. Só de esquerda. Porque é assim, ó: o candomblé, ele é dividido em várias partes, tem a parte de direita, tem a parte de esquerda. A parte esquerda é a parte que trabalha com os espíritos só, assim, entendeu, só atrasado. Não é bem atrasado, desculpa. Os espíritos estão em evolução; a quimbanda só trabalha com esses espíritos, que são os exus, entendeu; só com esses espíritos. A umbanda não, a umbanda só trabalha com os espíritos evoluídos, mais evoluídos. O candomblé trabalha com os dois. E lá não, você pode pegar um caractere da umbanda, e pegar também um só de caráter de quimbanda, e aplicar na sua vida. Você entendeu? Eu sou de magia negra... Às vezes, a pessoa pensa, magia negra é outro segmento, entendeu, através de quê... aí você vai dizer, o Davi, por que você afirma isso, com que base? Com base do que se conhece dentro do candomblé, no básico, dentro do que se conhece no espiritismo em geral... Não, eu frequentei várias religiões, até na bruxaria eu fui. Bruxaria, é... maçonaria eu não fui; pra você ir para a maçonaria você

tem que ser convidado, né. Eu só participei como na “veste branco de hindu”, que é aberto ao público. Porque é uma reunião que é aberta ao público. Lá, você não pode entrar, entendeu. Mas eu já fui do protestantismo ao neopentecostal e voltei para o espiritismo que onde eu acho que vou ficar até o resto da vida. [A bruxaria] Aaaahhhh, a bruxaria-ela é fascinante! Sabia, porque a bruxaria tem vários segmentos. Que, inclusive, quem tem que dar aula para mim é você, porque se estuda muito bruxaria em geografia, não é? Não conhece! Pô, tem um tempo que a bruxaria ela tem várias faces, entendeu. A inquisição... você lembra da Inquisição? Você que tanto sabe de cor, dá ate aula disso... que matava muito, na Inquisição... Então, na realidade, você tá pensando que eu tô fazendo bruxaria, mas na realidade quem tá fazendo bruxaria é você! Entendeu? Porque é tudo muito profundo. A bruxaria é o seguinte, não se dá pra falar em pouco tempo, em bruxaria, porque é muito vasto, né. Se você pegar a história, lá; por isso que eu tô dizendo que essa área é sua, se você pegar a história... Ah, desculpe, você falou geografia! Eu tô falando história agora. E a bruxaria-ela vem desde a época de Jesus. E as pessoas veem a bruxaria de uma forma muito errada também; porque existe a bruxaria boa. Aquela parte que faz o bem. E a pessoa só lembra da bruxaria quando... com aquela caricatura de narizão, entendeu, vassoura, verruga. E não. Não! Às vezes, as verdadeiras bruxas, mesmos, elas fazem o bem. Têm umas que fazem o mal; faz umas maldades. Mas eu vou o que é maldade; eu vou dizer uma coisa pra você, Jean, pra ser mal, não precisa ser bruxo, basta ser humano. Porque, às vezes, você acha que você não é um bruxo, que você não é do espiritismo, da quimbanda, mas você – um amigo meu fala que a pior macumba é a rua [?]; eu já diria o seguinte que o pior mal está no coração. Então às vezes você fala assim, Nossa, eu vou pra igreja todo dia... e não é eu que falo isso é Jesus Cristo que fala isso... o mal é originário; é do coração que sai todo o mal... então esse negócio que “ah, eu vou eu tal igreja”: não! O mal está no *ser humano*! Se você quiser, você vai ramificar aquilo. Ah! mas eu... Não! Está em *todos* os seres humanos. Não é nem em um, nem dois... Não. Em todos! Qual é a diferença que fulano procura fazer o bem. Ah, aquele ali é bonzinho! Não, não existe ninguém bonzinho. Existe pessoas com atitudes louváveis; existe pessoas com atitude boa. A única diferença é que o mal está ali ó, incubado. Você pode ser um cara bonzinho que for; mas chega uma que você pensa, “ah, se eu tivesse uma varinha mágica, eu chegava e...!” Não é verdade? Não máximo, que bonzinho que você seja, entendeu. É isso. Só que a

nível de bruxaria o que eu vou dizer pra você é que os bruxos hoje... hoje não existem mais *aqueles* bruxos, porque os bruxos... porque a bruxaria, para você ter poder, você tem que ter conhecimento, e o conhecimento, a nível de bruxaria, ele é passado verbalmente; ele não é passado assim só com livros – com livros também... E os verdadeiros bruxos eles falam numa linguagem, aquela linguagem antiga... o hebraico? Não, o hebraico não... é... é... [Sânscrito?] É, é isso aí! Então, você tinha que ter essa linguagem, entendeu. E os livros verdadeiros de bruxaria, eles estão nessa linguagem. E uns se perderam, os pergaminhos se perderam. Você já deve ter ouvido falar desse livro, que eu até tenho, quer dizer, tive, porque eu despachei, por cauda da religião, o... o... o São Cipriano, né; alguns tem até curiosidade. Só que esse livro aí, porque é assim, ó, a magia, quanto mais original, mais forte ela é; quanto mais ela vai fugindo do original, ela vai se desfragmentando, entendeu; e passou-se muito tempo, foi feito muitas traduções, e é aquela história, cada um conta uma história. Eu tô contando uma história pra você, se chegar à décima pessoa, a versão já muda um pouco, ou muda de sotaque, ou muda de bairrismo... Cada pessoa tem uma maneira de contar. Então é o seguinte, eu diria que bruxo mesmo, a nível mundial, já não existe, de uma forma muito original. Porque a magia ela existe, ela existe, e isso é bíblico. E eu não queria pegar pesado mas se eu disser pra você que Jesus foi um bruxo, aí você vai dizer, pegou pesado. Isso é uma coisa muito polêmica. Se eu disser pra você... se eu disser pra você... Não! não há essa possibilidade, eu acredito que foi *sim*. A bíblia, do começo ao fim, ela está repleta de magias. Que que você me diz de uma pessoa que anda por cima das águas? Que que você vai dizer de uma pessoa que prega, que se você tiver fé, você vai dizer, montanhas saia daqui e vai para lá? Que a bíblia prega isso. Que que você me diz de uma pessoa que transforma a água em vinho? Isso é magia. E foi em cima dessas conclusões que eu cheguei que eu voltei para o espiritismo, entendeu. Só que se você falar isso no mundo evangélico, vão falar que você tá possuído. Meu amigo, a bíblia é 100% espírita. Aí você olha pra mim e diz: dane-se, eu não acredito na bíblia. Mas há probabilidades sim... (...) Uma contextualização, uma contextualização, que é a parte mais importante. Que adianta, ó, você tá conversando comigo aqui-agora, né, já pensou se você tivesse aí-agora com um terninho italiano, uma gravata é... eu nem sei, entendeu... da maior grife, não ia tá contextualizado nossa situação aqui-agora. Puxa vida, não ia bater. Então um dos motivos pelos quais eu acho... a gente começou a falar de habitação e terminou em

religião. Não tem nada a ver! (...) Eu leio muito; não, não, eu não tenho televisão e eu vou dizer por quê. Eu não tenho televisão agora, inclusive vou comprar uma, amanhã; eu não tenho televisão porque eu acho que a pessoa tem que se auto-educar. Eu tinha sabe o quê? Uma biblioteca. Ela não tá aqui e eu vou te dizer porquê... eu, é muito difícil... eu posso ser surpreendido a qualquer momento [despejo]. Livros são coisas preciosas. E eu vou dizer uma coisa pra você que você não me perguntou: mas eu sou analfabeto a nível de informática. Eu sou totalmente contra... Eu não sei [mexer num computador] mas vou ter que aprender. Por um motivo só, não porque vai ser muito útil pra mim, porque eu não troco uma boa leitura de um livro pela internet. Eu não troco. Eu acho que você tem que pegar um livro e sentir a magia. A magia de uma boa leitura. Você tem que pegar o livro e ver: olha, esse autor errou! Será que ele errou foi por causa da cultura dele, ou foi por causa da grafia ou foi um erro, sabe do quê... Não, ele não errou não. É por causa da cultura dele. Olha, esse daqui tem um problema na máquina. É um erro gráfico. Isso porque a pessoa que lê tem que se transportar para o mundo da leitura. Quando você tá na frente do computador, além de você ter grandes chances de ficar doente, porque pode ter várias doenças por causa de computador, você perde toda a magia da leitura. É muito superficial. É a mesma coisa que eu falar pra você: olha, ó, Jean, deixa de tomar um suco de laranja, que tem muitas propriedades de vitamina, pra tomar um suco artificial. Artificial mesmo: um suco artificial de pozinho. Aí você vai dizer: não, mas é mais gostoso. É mais gostoso, é mais fácil, é mais prático. É mais conveniente. A laranja dá mais trabalho, você tem que descascar, tem que espremer, tem que coar. E o suco não, você joga ali dentro, joga água e mexe. Então a informática é isso. Mas ela é útil? É. Mas ela tem muito mais inutilidades do que utilidade. E a gente não vai perceber isso agora, a gente vai perceber isto só no futuro. No futuro você vai perceber que isto aí vai causar a destruição do ser humano. Sabe quem foi que falou isso? Foi um grande filósofo. Ele disse assim, ó: “Dê-me uma máquina e eu destruirei a humanidade”. Sabe quem foi que falou isso? Me fugiu da mente agora. Você conhece; ele faz parte do mundo... você faz geografia... o contexto é o seguinte... ele foi antes da Revolução Industrial, bem antes... muito conhecido, muito famoso. Não, não, não... não, ele é muito conhecido. Ele tá sabe o quê, lá na classe de Pitágoras; não, Pitágoras não... Ele era vegetariano. É, ele é grego. Esse era grego também. É dessa linha. Mas você conhece, conhece. Deixa pra lá. Mas ele falou isso: dê-me uma máquina e eu destruirei a

humanidade. E é verdade, sabe por quê, porque é o seguinte, ó: você pode fazer uma análise profunda, que você pode perceber que os casamentos estão sendo mais destruídos, as pessoas não estão mais se enamorando; olha quantas casa noturnas aqui em São Paulo, na internet. Ah, mais você fala assim: “Ah, isso é uma coisa muito antiga!” Não, mais você não vê ninguém perder tempo hoje, conversando em um clube... Hoje sabe quem tava fazendo inscrição lá no SESC, só velhinho, terceira idade; tem piscina, tem um montão de coisa. E a internet tava lotada! É uma coisa muito superficial, muito banal. Quantas pessoas não fora iludidas através do bate-papo. Ó, eu posso muito bem chegar no bate-papo agora, catar e falar assim, ó: eu sou loiro, dos olhos azuis, entendeu; eu posso falar, eu moro sabe aonde, nos Jardins, minha casa tem uma piscina ou eu moro num duplex. Eu posso até falar que eu sou primo de um jogador de futebol famoso. Eu posso falar, olha: você é isso, você é aquilo, e ta e ta e ta. E isso é uma coisa de relacionamento e se a gente for falar a nível de saúde? E se a gente falar de quantas pessoas não foram demitidas por causa da tecnologia? Mas aí você fala assim, ah, mas você é totalmente avesso à tecnologia? Não. Eu sou a favor da tecnologia desde que ela não ocupe o lugar do ser humano. Quer dizer, a televisão é importante? É importante. Mas ela tira o prazer de um diálogo... Você acha que se eu fosse um viciado em computador eu taria conversando com você agora? Fala a verdade! Todo esse tempo?! Nem te atenderia. As pessoas hoje não atendem mais por causa disso. Ta bom, Jean, eu acho que a gente foi bastante abrangente. Começamos sobre habitação e terminamos... [É eu também preciso ir embora mas só mais duas perguntas] Também é o seguinte, eu tô conversando hoje porque amanhã é minha folga, porque é também porque eu sou guiado pela minha energia. A minha energia mandou dar atenção então eu to dando atenção. [Hoje na cidade ninguém tem tanto tempo... Você participou da construção daqui] Participei sim, da próxima vez que você vier... São famílias muito carentes, umas são carentes porque não tiveram acesso à cultura e não tem bons hábitos, por que os hábitos formam atitudes, inclusive, eu acho que invertei, atitudes formam hábitos. Eu só sei o seguinte, muitas pessoas daqui é assim: é, você como um coordenador um líder de um grupo, você tem que lidar com diversas situações... a questão aqui, é que muitas pessoas são oriundas de lares desestruturados, então elas vêm trazendo isso para as novas gerações. Então, às vezes, não têm acesso à cultura. Não tem iniciativa e, ao não ter iniciativa, se desilude. E cabe a você, por estar à frente do grupo, tentar entender cada caso. E procurar

trazer o mais próximo da tua realidade. Então quando você tá aqui, num lugar desse aqui, por exemplo, você vai em lugar e vê que não tem pia, outros você vê que tá com a porta estragada, em outros você percebe que não tem o lixo nas portas, outro lugar você percebe... aí você fala: puxa vida, poderia ser diferente. Mas por que que não é? Extamente pelo primeiro quesito que eu coloquei, entendeu. Vem de família, de falta de estrutura, de falta de... de... às vezes, a pessoa-ela é boa mas ela não teve condições lá atrás de ter uma educação, de ter uma formação; e ele traz isso para os filhos, os filhos traz pros netos. Isso não é só a nível só daqui, isso é a nível de Brasil inteiro! É cultura, isso é cultura. Então, a gente tem que lidar com isso. Aí você fala assim: puxa, eu gosto de um banheiro limpo, mas o banheiro que eu vou não tá limpo – e limpeza não precisa de dinheiro – e aí cabe você entender que isso é uma cultura que vem lá de trás. Há duas condições: ou você procura trazer isso pra sua cultura, entendeu, com uma dificuldade; ou você vai para a cultura delas. Mas o objetivo é trazer para a cultura do certo. Então aí que a gente procura... eu participei da construção – e se você vinhe aqui numa outra oportunidade, é bem raro de eu estar, entendeu – mas, é, eu retomei os estudos... Eu retomei os estudos, tô fazendo, sabe o quê, o terceiro ano – ah, mas você não falou! – fiz sim, mas foi só um semestre. Como eu estou devendo na faculdade que eu estudo – até hoje estou devendo, não é – eu estou devendo, e como eu quero prestar o curso de outra faculdade. Eu tô fazendo um curso, é tipo cursinho, é ali do SESI; então fazendo pra mim voltar a estudar. Então é difícil você me pegar aqui. Só que quando você vim aqui aí você vai ver como vai tar pintado, você vai ver que ali tem uma pia, eu coloque uma boa pia... [Quando vocês construíram isso daqui, você se aproximou dos outros moradores?] Sim, com certeza, isso aproxima, sabe por quê? Porque é o seguinte, né, é assim, ó: existe duas formas de você se aproximar de alguém: quando há felicidade e quando há infelicidade, você vê que tem muitas pessoas que se unem na guerra, é no momento de guerra, de dor e é por causa disto que elas se unem. E às vezes elas se unem mais nestes momentos, de dificuldade, que um olha pro outro e fala: opá, nós estamos no mesmo barco, vamos remar juntos. É assim que eu me sinto. E aqueles que não se unem, é, eles não ficam, porque eles mesmos se sentem traidores. A partir do momento que você vê que tá todo mundo remando junto e você não tá remando junto, você se sente um peixe fora do aquário. Você se sente mal, você se sente indigno. Na hora de construir é todo mundo junto, faz mutirão. Tem mutirão na hora de limpar... Olha, não é

sempre que é uma coisa *assim*, mas no final acaba todo mundo entendendo a missão. (...) Eu espero que eu tenha contribuído com seu trabalho de uma forma positiva. [Centro] Meu objetivo é a casa própria no centro. Por quê? Tem um porque. Como tudo na vida é regido pelo *porquê*. E esse porquê é um porquê bem assim, como eu poderia dizer, um motivo em todos os sentidos. No sentido científico, no sentido financeiro. Em todos os sentidos é um porquê muito importante. Ah, não é só eu quero por querer, no centro. Não. Por quê? É assim, ó: quando você mora no centro – se você vive no centro – eu vivo aqui no centro, eu trabalho no centro. Por que que eu vou pra periferia? Você já imaginou, eu com uma casa na periferia trabalhando no centro? Eu vou perder duas horas pra chegar aqui, três ou quatro horas... tem a ver com a qualidade de vida. Beleza, além de perder as horas, eu vou me submeter à condições de transportes sub-humanas também! Se você pega o metrô hoje, você vai perceber que aquilo, que nem animal suportaria. Anti-higiênica, desumana, perigoso, entendeu. Se você analisar em todos os quesitos... aí você vai pr'um bairro, você perde hora, que você podia tar se divertindo com sua família, conversando. Você perde o tempo que poderia ser usado em hora de lazer. Tá bom?! E tem mais: você vai ficar longe de tudo! Dizer que você vai ficar longe dos equipamentos de lazer, dos equipamentos de cultura; você vai ficar excluído: é como se pegasse você e colocasse num saco: ó, você é um cachorro, um gato, não te quero! Muitas pessoas fazem isto: não quero mais, pronto! Mas se você pega e joga, ele volta; se você joga no lixo, ele volta; se você pega um cachorro e joga no luxo, ele não volta?! É como se você fizesse o seguinte, botasse ele dentro de um saco, desse uma volta bem grande lá no fim da cidade e jogasse você lá pra você nunca mais voltar. É isso, quando eles pegam uma casa e dão pra você lá na periferia, eles estão fazendo isto. É como se fosse um cachorro: ó, se eu jogar ele lá na esquina, ele volta. Então vou fazer o seguinte, como eu não quero ele de maneira nenhuma participando da casa, eu vou amarrar ele num saco – tem gente que faz isso – aí põe no bagageiro do carro e dá uma volta lá no fim da cidade e joga ele lá. Não sai desse lugar porque nunca mais quero ver você. Não, o cidadão não tem que ser tratado assim; o cidadão tem que tá no centro! No centro de tudo! Não só no centro da cidade, ele tem que tá participando da cultura, do lazer, tem que ter acesso à saúde, tem que ter acesso à cultura, educação... e é aqui no centro, que você tem mais acesso, a esses equipamentos de qualidade de vida. Porque lá tem tem, só que às vezes falta saúde. Tem bairro aí que o médico só vai uma vez

por semana. Tem periferia que escola fecha, porque não tem policiamento. Tem periferia que escola fecha, por tá tão distante, entendeu, tá no abandono. Então sim! Uma moradia aqui! Aqui no centro; de preferência nesse prédio aqui, viu. Pelo que nos conta, esse prédio aqui já está ganho. Então é isso, Jean... Você é estudante, não tem nenhum cachê não para essa entrevista?! (Risos) Ficou sem graça! Não, se tiver algum cachê eu quero: olha, eu falei! (...) Se a gente for falar de religião, aí meu amigo, nós vamos entrar num outro campo... Aquele que sabe de tudo, não sabe nada... Porque é o seguinte, rapaz, que é que sabe de cultura? Eu não sabia que você tava gravando, você falou que tava gravando mas eu me perdi, se eu soubesse que você tava gravando eu ia perguntar que linha que você queria que eu seguisse, porque, se é para estudo... Você tá fazendo uma tese? (...) Se eu puder ir, entendeu, eu gosto de teses, Nossa, são fantásticas... Uma vez eu li uma tese de um agrônomo, Nossa, cara, eu vou falar uma coisa pr'ocê, inclusive era sobre alimentação, às vezes, você come tomate, não sei se você tem conhecimento no assunto, tem alimentos que têm uma substância chamada licopeno, que combate câncer, esse tipo de coisa, entendeu. Aí você vai assim... Por isso que eu falo, a nossa sociedade-ela é muito sabe o quê, ela carece da falta de cultura, da falta de informação. Você vai num médico e aí o medico diz assim: alimente com comida que tem vitamina B12, porque você tá com carência dessa vitamina, tá bom? Aí você pede uma listinha dos alimentos que têm vitamina B12, aí você vai lá e come... eu vi isso numa tese, de doutorado... só que, porém, você acha que você tá comendo só que não tem vitamina B12. Sabe por quê? Porque o alimento só vai ter aquela vitamina se o solo tiver enriquecido, preparado pr'aquilo. Então muitas vezes você tá comendo determinada coisa e acha que tem vitamina C não tem. Porque o solo não foi preparado e o agrotóxico usado tirou as propriedades. E aí que vai a vigilância... mas as leis só tão no papel. E isso é só uma pequena questão. Agora você imagina muitas vezes que você acredita piamente naquilo ali e quando você vai fazer uma pesquisa você descobre que é tudo besteira. (Risos) Foi um prazer, viu; sucesso nos seus estudos... Quando você voltar aqui, você vai ver o antes e o depois... Bons estudos!

[Entrevista 26]

R.: Não, sou da Bahia, de Ilhéus. Eu vim pra cá em dezembro de 98.

Filha: Eu vim trabalhar primeiro, mas depois ela veio. Mãe nome é G., tenho 36 anos.

E você, dona R., quantos anos a senhora tem?

R.: Eu... eu...

Já tá escondendo a idade? Eu também! Não precisa contar...

R.: Eu tenho 63.

G.: Eu já vim empregada. Eu trabalhava numa lanchonete no Hospital Santa Catarina. Comecei fazendo salgado, depois fui pro balcão, depois pra caixa. Minha mãe vendia acarajé... Minha mãe teve sete filhos. Quando eu vim pra cá, eu morei um tempo na Vila Alpina, depois fui morar com uma moça que fazia salgado, eu trabalhava com ela. Depois a gente morou em frente ao hospital mesmo, ali na Alonso de Carvalho, na Paulista mesmo. Lá era apartamento. Era apartamento, apartamento. Na Vila Alpina a gente morou em casa. Pensão moramos um tempo na Aclimação. Aí depois nós fomos embora pra Penha e começamos a morar em casa. Só quando, nesse ano agora, a gente veio morar aqui. Minha mãe veio depois, eu vim primeiro. Eu vim em 97. [Como é que você vieram para o Prestes Maia] Minha irmã morava na Mauá, aí ela falou assim: vocês deviam morar lá na ocupação, porque assim vocês juntavam dinheiro para comprar uma casa; não paga aluguel e junta dinheiro pra comprar uma casa. Aí amanhã nós vamos olhar. Chegamos aqui, olhamos. Aí voltamos, nós fomos se embora e falamos que não queríamos mais. Depois, aconteceu que viemos. Aí eu disse, “a gente podia pintar”. Aí, viemos. Aí, tamos aqui. Hoje, eu trabalho numa lanchonete também, registrada; meu patrão, é muito bom mesmo, acho que é benção de Deus. Minha mãe faz comida aqui, mas é a vida inteira assim, mesmo quando ela não saí pra vender, o povo comia em casa; sempre quando tem final de ano, ano novo, sexta-feira santa, esses negócios, lá em casa sempre tá cheio, mesmo que não seja pra vender, tem gente pra comer; meus irmãos, os amigos deles vão tudo lá pra casa, sempre foi assim. [E dá pra ganhar um dinheirinho aqui, vendendo marmitex?] Dá, dá pra ganhar.

[Tem muita gente que come aqui? Dona R.: “Vixi!”] Tem. No começo não, mas depois foi aparecendo; o povo não quer ir lá fora, chegam aqui, ficam sabendo que ela tá vendendo marmitex. [Vocês pretendem um dia voltar na Bahia?] Eu não. Toma mãe... [“Saia daí, saia daí”, R. para o gato que sobe na mesa] Quando a gente é servo de Deus, Ele faz o que quer com a gente, se Ele determinar eu volto. Se Eles nos obriga... Eu falo assim, nós somos evangélicas, nós somos assembleianas. Então, quando a gente é evangélico, a gente diz que não vai. A gente deixa pra Deus fazer, porque se Ele tiver propósito para gente voltar para lá, então a gente concorda. Então quando Ele tem um propósito a gente acaba aceitando, porque nós estamos na terra pra trabalhar para Ele. Deixa a gente trabalhar para Ele, porque nós temos que trabalhar para Ele também. Então, se tiver algum propósito... [Melhorou a vida de vocês duas vindo para cá] Ah, eu acho... a gente lá vivia bem, mas aqui a gente economiza, a gente guarda. Então, se demorar muito pra sair uma casa aqui, dá pra guardar e pensar em comprar uma casa. Esse é objetivo. [E vocês querem ganhar uma casa pela luta no movimento?] Pelo movimento... Mas pra mim tanto faz, se eu não ganhar pelo movimento, eu pego o meu dinheiro e compro uma casa. Então pra mim, o que vier primeiro tá bom.

Quanto que é? É sete reais, né?

R.: É, é sete reais. Não, com o bife é oito. Na semana passada eu fiz uma feijoadinha aqui. Então, se semana que vem você passar por aqui eu vou fazer.

Dona R., então você chegou a trabalhar com acarajé?

R.: Aqui. Trabalhei muito, cheguei a trabalhar 14 anos com acarajé. Mas depois que este prefeito daqui entrou na prefeitura, ele não deixou. Mas... então de alguma maneira a gente tem que trabalhar, né. De alguma maneira a gente tem que se virar, porque ficar sem trabalhar não dá. Aqui no Bom Retiro, não trabalhei, mas na lá Penha eu vendia acarajé, na rua, numa barraquinha. Na roça? Trabalhei sim; quando eu era criança eu trabalhei na roça. [Era terra de vocês?] Não, não era. Era uma fazenda. [Era arrendado] Não, era contrato. Era assim: meu pai era contratista. [Era tipo um meeiro?] Eu acho que sim. Eu não entendo; eu

não sei porque eu era muito pequena, aí eu não sei como era. Eu sei que ele era contratista, ele tinha direito de criar gado, animal, tudo que ele quisesse; entendeu? Aí ele tava se programando até para comprar uma fazenda do filho do proprietário. Uma fazenda. Mas quando ele tava se programando para comprar a fazenda; aí ele vendia na feira, farinha arroz, (***), milho, milho verde, milho seco, e ele caiu do cavalo e o facão entrou aqui nele; ele tava com o facão amarrado na cintura; sabe, o facão entrou aqui nele e ele morreu. Eu tinha 10 anos. Não, não, porque eu era pequena e o meu cunhado... – Você gosta de bem passado ou mal? – e o meu cunhado, que era marido da minha irmã, que ficou no controle das coisas, ele vendeu tudo; que meu pai tinha animal, meu tinha um chiqueiro, que ele matava gado, matava porco, pra vender... Então ele vendeu tudo; meu cunhado vendeu tudo; até o dinheiro que meu pai tinha pra comprar a fazenda naquele tempo, a fazenda era 450 réis, aí meu cunhado também gastou o dinheiro da fazenda, não se preocupou de comprar; porque se ele comprasse era bom até pra ele mesmo, né. Mas ele vendeu tudo, e aí acabou com tudo. Vendeu gado, vendeu cavalo... [Tinha muito gado?] Tinha. Eu acho que tinha 11 cabeças. Eram dez vacas produtivas e um reprodutor. [A senhora gostou de São Paulo?] É, gostei. Eu sinto falta da Bahia, mas foi bom vir pra cá.

Centro ou periferia?

G.: Eu gosto mais da penha. Eu gosto de morar aqui por que fica perto do meu trabalho. Mas eu gostava da Penha.

R.: Posso por aqui no seu prato? (...)

Vocês gostam de morar aqui?

G.: Eu gosto, mas eu só acho que tem muito barulho; a gente á acostumada a dormir cedo. Mas eu não gosto do banheiro, porque só tem um por andar.

R.: Eu limpo o banheiro, quando eu volto lá já tá tudo sujo.

G.: Tem discussão, não é briga de sair no tapa, mas é muita gritaria. E fala muito alto, e não tem horário, é quarto, cinco, três horas da manhã... então... [“É só o que eu não gosto”, R.] É só isso. Mas se tivesse um banheiro... eu nem uso aqui, tomo banho onde eu trabalho. Já tomo banho por lá, tudo por lá. [Hoje tá sem água aqui?] Não, é só lá em cima, aqui em baixo nunca falta. Aí o pessoal vem tudo pra baixo. Quando minha irmã falou pra vim pra cá, e eu vi que ia só ter um banheiro, aí eu já desisti. Mãe, esse aqui [um marmitex] é do rapaz, ele já tá vindo. Pra usar o banheiro a gente faz o seguinte, ela lava, aí depois que ela lavou, eu vou. A senhora da frente também lava o banheiro pra dar banho nos filhos. Aí da pra usar. [E vocês estão morando aqui desde quando?] Março, né, mãe? [“É pra fritar mais cebola”, R.] Mas tirando isso daí, eu não acho ruim não morar aqui. [Partido político] Pra mim tanto faz. Porque eu mesmo, se for falar... [Não liga pra política] não. No PT, eu votei num deputado, que eu vi na propaganda. [Manoel Del Rio?] Não, nós não távamos aqui ainda. Eu não conhecia ainda o Manoel Del Rio. Num outro candidato que tava fazendo propaganda. Votei em Maluf. Votei! [A senhora também?]

O que vocês acham do Maluf?

R.: Eu acho assim: Eu votei nele, porque ele deixa a gente trabalhar, né. Ele deixa a gente trabalhar.

E a Marta?

G.: Foi a Marta que começou tudo isso...

R.: A Marta é a mesma coisa do Kassab. Na gestão dela, na Luz, carregaram a minha barraca. E queriam que eu pagasse 200 reais, naquela época, pra poder pegar de volta. [A senhora não tinha dinheiro?] Não, não. [Deixou?] Deixei.

G.: Aquela moça, do perueiro, que vendia capa de celular, levaram tudo dela...

R.: Levaram tudo, o pessoal trabalhando, foi uma época... Ela mal acabava de chegar, estava desmontando as caixas, e levaram tudo... levaram tudo!

Então depois da Marta piorou?

R.: Piorou! A gente só trabalhou tranquilo no governo do Maluf e depois do Pitta.

G.: Roubar todo mundo rouba, porque é assim, o deputado que não se corrompe ele deixa a política, é um dos dois. É assim que acontece: ou ele deixa a política... porque a carne do ser humano já tende pro pecado; então o negócio é esse ou eles aceitam a se corromper, ou então eles largam a política. Pra mim é assim. [Os gatos comem comida ou é só ração?] É só ração. Às vezes, um pedaço de carne, um pedaço de frango, eles comem, mas depois passam mal. [“A vasilha dela tá lá embaixo”, R.] (...) [Os gatos miam bastante agora] (...) [Televisão] O que eu gosto mais é jornal, quando não passa muita tragédia; mas jornal agora só passa tragédia. [“Eu assisto mais programa evangélico”, Raimunda] Eu gosto de jornal, gosto mesmo! [Novela?] Novela é assim, eu gosto mais é a das “seis”, aí o resto, assim, as outras, eu não ligo muito, eu não assisto. Então é só a das “seis”, o “Cordel encantado”; é a única que a gente assiste mais, o resto... [Mas essa realidade do “Cordel encantado” é a realidade do sertão, igual a da Bahia, do nordeste? Não é meio fantasioso?] É meio fantasioso, não que lá na cidade onde a gente morava não tinha muito aquele negócio... mas eu tinha um colega que ele morava em Duas Serras, então-ele contando ele passava por mal pedaço mesmo; ele até brincava comigo: “Ah, mas você nasceu na cidade, então você não passou como a gente passou”. Mas ele contando... [Mais sofrido?] Bem mais. Mas eu não acredito que tem uma vila tudo bonitinho que nem tem na novela. Tá bom! Vai lá pro sertão pra ver se é assim que nem na cidadizinha de Borogodó [cidade da novela]... [É mais sofrido] Com certeza, a gente vê no Fantástico... No Fantástico eu vi outro dia... uma reportagem em que um menino de 12 anos torcia para o Palmeira, e o sonho dele era ganhar uma camisa do Palmeiras, e aí eles foram levar pra ele. Chegando lá, eles descobriram que as crianças tudo naquela faixa etária trabalhava na roça, colhendo laranja, da fazenda lá no pomar e cada mil laranjas que elas colhiam era 25 centavos que os donos pagavam: trabalho escravo. Vinte e cinco centavos é o quê? Vinte e cinco centavos e

tinha muitos que não ganhavam, eles trocavam por café e por comida. [Pra ganhar um real elas tinham que colher quatro mil laranjas, é isso?] Pra você ver. Aí passou um pai de um menino e aí perguntaram pra ele: o que que o senhor acha? Ele disse que achava bom, porque não tinha de onde tirar o dinheiro “então eu agradeço por eles pagar 25 centavos por mil laranjas”. Absurdo isso! Absurdo. Então, passou também no Fantástico eles colhendo... no Ceará... eles colhendo mandioca, duas meninas de 3 anos, um dedo cortado... – Daqui meia hora mais ou menos você vem buscar, tá? é com arroz... – ...habilidade pra fazer aquilo, quanto tempo ela tava descascando mandioca? De 3 anos; fora as outras, mais velhas que tavam descascando também. Então, vai descobrir o que tem nesse sertãozão que a cidade de Borogodó não mostra... E tem muitos que trabalham e não recebem também, como os cortadores de cana que tavam passando fome aqui em São Paulo. Eu não acredito que seja do jeito que é Borogodó. Passa pra Record, só passa tragédia; passa pra Bandeirantes também só passa tragédia... Mãe, vai ter que lavar tudo porque o Baixinho quer mais um marmitex. Me dê aquela panela e a tampa... Outro dia meu patrão mesmo deu risada, porque tem um outro senhor, que trabalha comigo, que falou: “Minha filha, você assistiu TV ontem?” Não, porque na Record só passa tragédia, não passa outra coisa. Na Sonia Abrão, também só passa tragédia. Aí outro dia tá lá a minha irmã assistindo Sonia Abrão, eu chego na casa dela, e ela assistindo Sonia Abrão: “Adolescente mata ex-namorada”; pega ela e leva pr’uma firma longe, enche ela de facada e só descobrem porque (**). Só passa tragédia. Só tem pessoas estressadas, só tem pessoas sem paciência, qualquer coisa já quer matar... [E a Crackolândia?] Gente! A primeira vez que eu passei ali eu vi tanta gente, tanta gente! Tanta gente se destruindo, meu Deus, que coisa absurda! Aquele lugar fede, é lamentável; aquele lugar é lamentável! Ali é triste, aquele povo, gente nova, muitos sem família. [“Acaba com a pessoa, arrasa, é terrível o efeito disso... Oi, meu querido?” R. Nesse momento um morador chega e puxa prosa com dona Raimunda e G.] Não, se o senhor pegar e cuidar bem... eu só peguei essa porque eu fique com medo dos meninos matar. [“Aaahhhh!”], morador] Eu acho que ela tá com algum problema na coluna. Alguma coisa, tem que levar no centro de zoonoses pra poder ver se eles fazem alguma coisa; porque senão a gente tem que levar no veterinário. Vou levar no veterinário. Ela tá... Ela deve tá sentido dor, já dei remédio; já dei remédio pra ela, e qualquer coisa [...] Não! Acho que não, acho que deve ser... acho que deslocou. Eu acho que deve ter um perto do

Campo de Marte, uma zoonose; você sabe? Se o senhor quiser, você pode levar ela amanhã. Porque eu só peguei porque eu fiquei com medo, e ela é nova... [“E é bonita! E é de raça!” Raimunda] E se não fosse de raça, eu teria pegado do mesmo jeito... [Caramba!] Então, eu tô achando que foi um osso dela que fraturou [Conversam ao mesmo tempo, e a gravação fica um pouco ininteligível] ... Eu acho que é um osso... [“Ela... ela... Uma raça rara, uma raça rara; uma senhora quis comprar por mil reais, mas ela não vendeu, porque fui eu que dei pra ela” R.] ... Aí... mas... [“É uma raça rara, você leva pro veterinário...” R.] Ela deve tá no máximo com três anos de idade; eu não sei a idade, mas eu acho... [“Você leva no veterinário... que raça ela é...” R.] Então... [“É rara, essa raça... Aí ele disse pra mim levar lá, mas eu...” R.]... Eu peguei... [“Não é?” – “Sim” eu respondo, “aí, eu gosto muito de gato, e quero ver se ela dá outra cria pra mim pegar”, R.] (...) [Desculpa-me, mas que raça eles são? “É angorá, siamês, aquela lá também é siamês... a minha amiga-ela quer angorá... a pequeninha...”, R.] A pequeninha já tá dada! [Eu tô com um cachorro e um gato. “Que raça ele é?” R.] (...) [A conversa continua... “porque o gato... aquela gatinha... gatos...”] (...) [“Só que as pulgas não acabam; eu não sei se é o que tá acontecendo? Eu tenho Baygon...” morador] É bom o senhor perguntar amanhã... [“... o que que tá acontecendo...” morador] Isso! [Eu também tô com esse problema, no meu gato e no meu cachorro, eu comprei um remédio caríssimo e não adiantou nada!] (...) [“Eu também comprei, desses que passa no cangote, não adianta nada! Eu comprei, para uma cachorra que eu tinha, uma cockie com poodle, lindo. Lindo demais. E eu dei o cachorro, entendeu. Eu choro todo dia, por causa do cachorro. Eu falava, ‘vem com o papai, vm!’ Só que o gato, o gato não gosta de banho... Meus filhos também...” morador] (...) [“Miau, miau. Vem com a mamãe! Mas os meus toma banho, eu dou banho”, R.] (...) [“Gato tem medo de água...” morador] O preto não corre não! O preto fica paradinho pra tomar banho... [“Minha irmã... Eu comprei um sabonete anti-pulga-sarna, anti-piolho... Aí as pulgas ficam todas assim, mortinhas... Então, amanhã, eu passo aqui”, morador] Ô mãe, empresta a gaiola pra ele levar o gatinho lá! Ele vai levar no centro de zoonoses... [“Eu vou levar... Eu vou com ela assim mesmo”, morador] Eu vou levar ela lá pra cima... [“Eu tenha um saquinho, aí sabe o que eu faço, eu tiro, aí amarro o saquinho... Tá bom, brigado!”] Tá bom, aí o senhor vai e fala com ela pra ver se ela tá amanhã, tá? [“De manhã cedo, ele tem que levar”, R.] (...) [Eu vou no ensaio do pessoal do teatro. É no sexto andar? (...) Obrigado pela comida, tava muito boa.

Qualquer coisa eu volto pra comer uma feijoada] Aí, sim! [Aí, sim!] (...) [“Quando você vem comer uma feijoada, você passa antes, porque eu não faço toda quarta-feira, porque tem muita gente aqui que não gosta.”] (...) [Normalmente, antes de vir pra cá, eu almoço antes; hoje por causa do feriado, como eu vim pra cá muito cedo, e até agora eu não almocei, e o ensaio do pessoal do teatro começa daqui a pouco... Obrigado!] Obrigado você [“Obrigado você. Tudo de bom!” R.] (...) [Bom feriado!].

FOTOS:

Foto 1 – Edifício “Preste Maia”, ao fundo. (12/07/11)

Foto 2 – Fachada de entrada na avenida Prestes Maia. (12/07/11)

Foto 3 – Salão de um andar, no “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 4 – Salão (“Bloco B”). Os “barracos” estão nas laterais. (12/07/12)

Foto 5 – Detalhe de um “barraco”. (12/07/11)

Foto 6 – Detalhe de um “Barraco”. (12/07/11)

Foto 7 – Detalhe de um “barraco”. (12/07/11).

Foto 10 – O “Buraco”: acesso para o “Bloco A” (12/07/11).

Foto 8 – Detalhe de um vestibulo de andar. (12/07/11).

Foto 11 – Laje de acesso ao “Bloco A”: crianças jogam bola. (12/07/11).

Foto 9 – Roupas no varal à entrada de um barraco, ao fundo. (12/7/11)

Foto 12 – “Bloco A”, situado na rua Brigadeiro Tobias. (12/07/11)

Foto 13 – Edifício “Prestes Maia”. (12/07/11)

Foto 15 – Roupas secando no varal. (12/07/11)

Foto 14 – Placa anunciando loja de doces. (12/07/11)

Foto 16 – Detalhe de um fogão dentro de um barraco. (12/7/11)

Foto 17 – Loja de doces no “Bloco B”. (12/07/11)

Divisão da limpeza	do 7º andar.
SEGUNDA-FEIRA	Apartamentos 02 e 05
TERÇA-FEIRA	Apartamentos 13 e 07
QUARTA-FEIRA	Apartamentos 06 e 03
QUINTA-FEIRA	Apartamentos 08 e 10
SEXTA-FEIRA	Apartamentos 04 e 12
SÁBADO	Apartamentos 09 e 11
DOMINGO	Apartamentos 01 e 14

Foto 18 – Cronograma de limpeza de um andar. (12/07/11)

Foto 21 – Crianças posam para foto. (12/07/11)

Foto 19 – Banheiros de uso coletivo em um andar. (12/07/11)

Foto 22 – Detalhe de um sofá de uso coletivo. (12/07/11)

Foto 20 – Saída de um salão, à esquerda. (12/07/11)

Foto 23 – Novamente o sofá. (12/07/11)

Foto 24 – Escada espiral no “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 27 – Pia de uso coletivo, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 25 – Lâmpadas iluminam um andar. (12/07/11)

Foto 28 – Entrada de um andar, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 26 – Pia de uso coletivo, ao fundo. (12/07/11)

Foto 29 – Vista da cidade, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 30 – Acesso à escada, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 33 – Metrô da Luz revitalizado, abaixo. (12/07/11)

Foto 31 – Escada, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 34 – Entrada de um andar, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 32 – Número de um andar, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 35 – Bandeirinhas de São João, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 36 – Desenho ilustra parede, “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 39 – Cartaz anuncia venda de fogão. (12/07/11)

Foto 37 – O “Buraco”, saída do “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 40 – Janela com cortinas azuis no “Bloco A”. (12/07/11)

Foto 38 – Entrada de acesso ao Bloco A, à direita. (12/07/11)

Foto 41 – Entrada ao “Bloco A”, à direita embaixo. (12/07/11)

Foto 42 – “Bloco A”, em primeiro plano, à direita; ao fundo, o “Bloco B”. (12/07/11)

Foto 43 – “Bloco A”, situado à rua Brigadeiro Tobias. (12/07/11)

Foto 44 – Idem. (12/07/11)

Foto 45 – Moradores de rua dormindo no Parque da Luz. (12/07/11)

Foto 46 – Ambulantes trabalham na Avenida Tiradentes. (12/07/11)

Fotos 47 – Idem. (12/07/11)

Fotos 48 – Roupas secam no toldo do edifício. (12/07/11)

Foto 50 – Detalhe de porta vermelha de acesso ao “Prestes Maia”, à direita. (12/07/11)

Foto 49 – “Prestes Maia”, Bloco B. (12/07/11)

Foto 51 – Espaço cultural: ultimo andar do “Bloco A”. (12/07/11)

Foto 52 – 12º. Andar, “Bloco B”. (12/07/11)